Colleen McCullough

# A COROA DE ERVA

O PRIMEIRO HOMEM DE ROMA
II

DIFEL

O PRIMEIRO HOMEM DE ROMA

COLLEN McCULLOUGH

COROA DE ERVA

Tradução de José Vieira de Lima

**3ªa edição**

**DIFEL**

**Difusão Editorial. Lda.** Título original: *The First Man in Rome*

© 1981, by Colleen McCullough

Todos os direitos de publicação desta obra só para Portugal reservados por:

**DIFEL**

Difusão Editorial S.A.

Avenida das Túlipas, nº 40-C

Miraflores

1495-159 Algés-Portugal

Telef: 214 123 510

Fax: 214 123 519

E-mail: difel@difel.pt

Capa: *Clementina Cabral*

Revisão:

*Frederico Sequeira*

Fotocomposição: Os *Tipos, Artes Gráficas, Lda.*

Impressão e acabamento: *Tipografia Guerra* - Viseu

Depósito Legal nº 180 862/2002

ISBN 972-29-0222-9/Junho 2002

Proibida a reprodução total ou parcial sem a prévia autorização do EditorPara Frank Espósito, a quem muito agradeço, com amor, admiração e respeito.

Nota ao leitor: com o intuito de dar maiores esclarecimentos sobre o mundo da Roma antiga, ao

longo do livro foram incluídos vários mapas e ilustrações, cujo índice se publica na página 11,

seguido da lista das principais personagens, a partir da pág. 13. A edição é completada com uma

nota da autora, na página 1033. Para mais informações relativas ao ambiente histórico de *O*

*Primeiro Homem de Roma,* consultar o glossário de termos latinos e outros menos comuns (págs.

1037-1094).

LISTA DE MAPAS E ILUSTRAÇÕES

MAPAS Pag.

Itália (páginas interiores da frente)

Conquistas de Mitridates 113/110 AC 108

Viagem de Mário ao Oriente 139

Expedição de Sila ao Oriente 339

As regiões de Itália que se revoltaram contra Roma 487

Itália Central 545

Movimentos de Mitridates em 88 AC 789

Invasão de Roma por Sila 867

A Fuga de Caio Mário 950

O Cerco de Roma 972

Mundo Romano (páginas interiores finais)

ILUSTRAÇÕES

Caio Mário 20

ínsula de Aurélia (ver primeiro volume) 65

Lívia Drusa 168

Casa de Marco Lívio Druso (ver primeiro volume) 187

Públio Rutílio Rufo 306

Marco Lívio Druso 364

Anfiteatro dos Comícios 376

Marco Emílio Escauro 484

Jovem Pompeu 610

Lúcio Cornélio Sila 700

Mitridates VI Eupator 774

Aurélia 818

Lúcio Cornélio Cina 920

Corte de Toga 1088

*Tridinium 1092*

Personagens Principais

*Cepião*

Quinto Servílio Cepião (cônsul, 106 a.C.) - famoso pelo ouro de Tolosa

Quinto Servílio Cepião [Cepião] (pretor, 91 a.C.), seu filho Lívia Drusa, mulher de Cepião (irmã de

Marco Lívio Druso) Quinto Servílio Cepião Júnior [jovem Cepião], filho de Cepião e Lívia Drusa

Servília Maior [Servília], filha mais velha de Cepião e Lívia Drusa Servília Menor [Lila], filha mais nova de Cepião e Lívia Drusa Servília Cneia [Cneia], parente Pórcia Liciniana, mãe de Cneia

*Irmãos César*

Quinto Lutácio Catulo César (cônsul, 102 a.C.), irmão mais velho,

adoptado

Lúcio Júlio César (cônsul, 90 a.C.; censor, 89 a.C.), irmão do meio Caio Júlio César Estrabão

Vopisco Sesquiculus, irmão mais novo (todos eles filhos de Sexto Júlio César, irmão mais velho do

avô César)

*César*

Caio Júlio César (pretor, 92 a.C.)

Aurélia, sua mulher (filha de Rutília, sobrinha de Públio Rutílio Rufo)

Júlia Maior [Lia], filha mais velha de Caio Júlio César

Júlia Menor [Ju-Ju], filha mais nova

Caio Júlio César Júnior [jovem César, também *Pavão],* seu filho

Caio Júlio César Avô, seu pai

Sexto Júlio César (cônsul, 91 a.C.), seu irmão mais velho

Cláudia, mulher de Sexto Júlio César

14

Caio Márcio Júnior *[Pústula],* amigo do jovem César Lúcio Decúmio, membro da Quarta Classe e

zelador de uma congregação ou irmandade das encruzilhadas

*Cina*

Lúcio Cornélio Cina (cônsul, 87 e 86 a.C.)

Ânia, sua mulher

Lúcio Cornélio Cina Júnior, seu filho

Cornélia Cina Maior [Cornélia Cina], filha mais velha

Cornélia Cina Menor [Cinila], filha mais nova

Cneu Domício Aenobarbo Júnior, marido de Cornélia Cina

*Druso*

Marco Lívio Druso (edil plebeu, 94 a.C., tribuno da plebe, 91 a.C.)

Servília Cepião, sua mulher (irmã de Cepião)

Lívia Drusa, sua irmã (mulher de Cepião e de Catão Saloniano)

Marco Lívio Druso Nero Claudiano, seu filho (adoptado)

Cornélia Cipião, sua mãe

Mamerco Emílio Lépido Liviano, seu irmão de sangue (adoptado)

Marco Pórcio Catão Saloniano (pretor, 92 a.C.), seu cunhado

Pórcia, sua sobrinha (filha de Lívia Drusa e Catão Saloniano)

Marco Pórcio Catão Júnior [jovem Catão], seu sobrinho (filho de Lívia Drusa e Catão Saloniano)

Cratipo, chefe dos criados

*Mário*

Caio Mário (cônsul, 107, 104, 103, 102, 101, 100 e 86 a.C.)

Júlia, sua mulher (irmã de Caio Júlio César)

Caio Mário Júnior [jovem Mário], seu filho

Múcia Tércia, noiva do filho

Estrofantes, chefe dos criados

*Me e Io*

Quinto Cecílio Metelo Numídico Suíno (cônsul, 109 a.C., censor, 102

a.C.)

Quinto Cecílio Metelo Pio, o Bacorinho (pretor 89 a.C.), seu filho
Licínia, mulher do Bacorinho

(irmã de Crasso Orador) Cecília Metela Dalmática, sua sobrinha (irmã de Metelo Dalmático)

# 15

## *Mitridates*

Mitridates VI Eupator, rei do Ponto

Laódice, sua irmã e mulher, primeira rainha do Ponto

Nisa, sua mulher, segunda rainha do ponto (filha de Górdio)

Maçares, seu filho (e de Laódice)

Fárnaces, seu filho (e de Nisa)

Ariárates VII Eusébio, seu filho, rei da Capadócia

Ariárates VIII, seu filho, rei da Capadócia

Jovem Ariárates, seu filho

Jovem Mitridates, seu filho

Cleópatra, sua filha, rainha da Arménia (filha de Laódice)

Tigranes, seu genro, rei da Arménia

Antíoca da Síria, uma das suas mulheres de estatuto inferior

Cleópatra Trifena, sua filha (e de Antíoca)

Berenice Nisa, sua filha (e de Antíoca)

Arquelau, seu primo e general

Neoptólemo, seu primo e general

Pelópidas, seu primo e general

Leónipo, seu primo e general

Górdio de Capadócia, um dos seus sogros

Mónima da Província da Ásia, uma nova mulher de Mitridates

Ariobarzanes, rei da Capadócia

Aristião, seu agente grego

Bataces, arquigalo do templo de Cubaba Cibele, seu agente

*Nicomedes*

Nicomedes II, rei da Bitínia

Nicomedes III, seu filho mais velho, rei da Bitínia

Oradaltis, mulher de Nicomedes III

Nisa, filha de Nicomedes III e de Oradaltis

Sócrates, seu filho mais novo

Musa, mulher de Sócrates

Pilémenes, príncipe da Paflagónia

Mânio Aquílio (cônsul, 101 a.C.), comissário que reinstala Nicomedes

III no poder Caio Cássio Longino (pretor, 90 a.C.), governador da Província da Ásia



Quinto Ópio (pretor, 89 a.C.), governador da Cilícia

*Ptolemeu*

Ptolemeu VIII Evérgeta Fiscão Pançudo, rei do Egipto (falecido no ano 116 a.C.)

Cleópatra II, sua irmã e mulher, rainha do Egipto Cleópatra III, sua sobrinha e mulher, rainha do

Egipto Ptolemeu IX Salvador Latirus, seu filho mais velho, rei do Egipto Cleópatra IV, sua filha

(mulher do seu filho mais velho e depois do seu filho mais novo) Ptolemeu X Alexandre, seu filho

mais novo, rei do Egipto (falecido no ano 88 a.C.) Ptolemeu Apião, rei da Cirenaica, seu filho

bastardo (falecido no ano 96 a.C.) Ptolemeu Filadelfo Auleta, seu neto, filho ilegítimo de Salvador

Ptolemeu, seu neto, filho ilegítimo de Salvador

*Rutílio Rufo*

Públio Rutílio Rufo (cônsul, 105 a.C.)

Lívia, sua mulher (entretanto falecida) (tia de Marco Lívio Druso)

Rutília, sua irmã (mulher de Marco Aurélio Cota, mãe de Aurélia)

*Cévola*

Quinto Múcio Cévola Pontifex Maximus (cônsul, 95 a.C.) Múcia Tércia, sua filha (mulher do

jovem Mário) Lúcio Licínio Crasso Orador (cônsul, 95 a.C.; censor, 92 a.C.), seu primo

*Escauro*

Marco Emílio Escauro Princeps Senatus (cônsul, 115 a.C.; censor,

109 a.C.)

Cecília Metela Dalmática, sua segunda mulher Emília Escaura, sua filha (e de Dalmática) Marco

Emílio Escauro Júnior, seu filho (e de Dalmática)

*Sila*

Lúcio Cornélio Sila (cônsul, Julilla, sua primeira mulher Élia, sua segunda mulher.

17

Cecília Metela Dalmática, sua terceira mulher

Cornélia Sila, sua filha (e de Julilla) (mulher de Pompeu Rufo

Júnior)

Lúcio Cornélio Sila Júnior [jovem Sila], seu filho (e de Julilla) Lúcio Licínio Lúculo, seu lugar-

tenente e questor de confiança Quinto Pompeu Rufo (cônsul, 88 a.C.), seu confrade Crisógono, seu

novo mordomo

*Síria*

Antíoco III [O Grande], rei da Síria (falecido no ano 187 a.C.)

Laódice, sua mulher, rainha da Síria (filha de Mitridates III do Ponto)

Laódice, sua filha (e de Laódice) (mulher de Mitridates IV do Ponto)

Demétrio II Nicanor, rei da Síria (falecido no ano 125 a.C.)

Rodogune, sua mulher parta

Antíoca, sua filha (e de Rodogune) (mulher, de estatuto inferior, de Mitridates do Ponto)

Antíoco VIII Gripo, rei da Síria (falecido no ano 96 a.C.) Cleópatra Trifena, sua primeira mulher

(filha de Ptolemeu Pançudo) Cleópatra Selene, sua segunda mulher (filha de Ptolemeu Pançudo)

Antíoco IX de Cízico, irmão mais novo de Gripo, rei da Síria Cleópatra IV, sua primeira mulher

(filha de Ptolemeu Pançudo) Cleópatra Selene, sua segunda mulher (filha de Ptolemeu Pançudo)

CAIUS MARIUS

- O que de mais excitante aconteceu nos últimos quinze meses disse Caio Mário - foi o espectáculo

com o elefante de Caio Cláudio nos *ludi Romani.*

O rosto de Élia alegrou-se.

- Foi uma maravilha, não foi? - disse ela, debruçando-se um pouco para chegar ao prato das

enormes azeitonas verdes importadas da Hispânia. - O elefante conseguia pôr-se de pé e caminhar

nas patas de trás! E dançava nas quatro patas! Ah, e por fim sentou-se num divã e desatou a comer

com a tromba!

Olhando com um ar de desprezo para a mulher, Lúcio Cornélio Sila comentou, com não pouca

frieza:

- Porque será que as pessoas gostam de ver os animais imitar o homem? O elefante é a mais nobre

criatura do universo. O de Caio Cláudio Pulcro pareceu-me uma dupla caricatura, tanto do homem

como do elefante.

A pausa que se seguiu durou pouco mais de um segundo, embora todas as pessoas presentes na sala

de jantar se tivessem apercebido dela com grande constrangimento; até que o riso alegre de Júlia fez

com que todos os olhares deixassem em paz a pobre Élia.

- Ora, ora, Lúcio Cornélio, toda a gente adorou o elefante! disse ela.
- Tenho de admitir que também

eu gostei... um animal tão esperto, tão diligente! E quando ele ergueu a tromba e se pôs a berrar ao

ritmo dos tambores? Espantoso! Além disso - acrescentou -, ninguém o *maltratou.*

- Do que eu mais gostei, foi da cor dele - disse Aurélia, já que achava oportuno apoiar aquela causa.

- Um elefante cor-de-rosa!

Girando sobre o cotovelo, Lúcio Cornélio Sila ignorou as observações das mulheres e pôs-se a falar

com Públio Rutílio Rufo.

22

Com a tristeza estampada nos olhos, Júlia deixou escapar um suspiro.

- Creio, Caio Mário - disse ela para o marido -, que são horas de as mulheres se retirarem e

deixarem os homens entregues aos prazeres do vinho. Dás-nos licença?

Mário esticou a mão por sobre a estreita mesa que havia entre o seu divã e a cadeira da esposa; Júlia apertou-a calorosamente, e fez o possível por não se sentir ainda mais triste ao atentar no sorriso

deformado do marido. Há tanto tempo que aquilo acontecera! E, no entanto, o seu rosto exibia ainda

as marcas daquela insidiosa doença. Mas o que a leal e amorosa esposa não conseguia admitir, nem

sequer para si mesma, era que a trombose tinha tecido uma pequena devastação na mente de Caio

Mário; ele era agora um homem que se irritava por tudo e por nada, que dava cada vez mais

importância a faltas de respeito ou de atenção que, em grande parte, não passavam de um produto

da sua imaginação, e que assumia uma atitude cada vez mais inflexível em relação aos seus

inimigos.

Júlia levantou-se, largou a mão de Mário com um sorriso muito especial, e pôs a sua mão sobre o

ombro de Élia.

- Vem, minha querida - disse. - Vamos ver as crianças.

Élia levantou-se. Aurélia fez o mesmo. Os três homens ficaram sentados, embora só reatassem a

conversa quando as mulheres e as criadas deixaram a sala.

- Então o Bacorinho está finalmente de volta - disse Lúcio Cornélio Sila, quando teve a certeza de

que a sua odiada segunda mulher já não o ouvia.

Mário mexeu-se, inquieto, na ponta do divã do meio, o rosto contorcido, mas menos enfadonho que

outrora, pois a paralisia dava à parte esquerda daquela foce deformada um tom pesaroso.

- Que resposta queres ouvir de mim, Lúcio Cornélio? - perguntou por fim Mário.

Sila soltou um breve riso.

- Só poderia querer uma resposta sincera, não? Embora, não sei se reparaste, eu não tenha feito

qualquer pergunta.

- Reparei, sim. Mas mesmo assim era uma resposta que pedias.

- Claro - disse Sila. -Muito bem. Usarei outros termos. Diz-me, como te sentes agora que o

Bacorinho regressa do exílio?

- Bom, não me vou pôr a cantar hinos de júbilo... - retorquiu Mário, lançando a Sila um olhar

penetrante. - E tu?

23

Lentamente, sem se darem conta, tinham-se afastado muito um do outro, pensou Públio Rutílio

Rufo, reclinado, sozinho, no segundo divã. Três anos, ou mesmo dois anos antes, não teriam tido

uma conversa tão tensa e circunspecta. Que *acontecera? E* de quem era a culpa?

- Sim e não, Caio Mário - retorquiu Sila, fitando a sua taça de vinho. - Ah, tudo me aborrece! -

acrescentou, de dentes cerrados. Pelo menos, com o regresso do Bacorinho ao Senado, pode ser que

as coisas se tornem interessantes. Tenho saudades daquelas titânicas batalhas que vocês

costumavam travar.

- Nesse caso, Lúcio Cornélio, vais ter uma decepção. Não estarei em Roma quando o Bacorinho

voltar.

Tanto Sila como Rutílio Rufo se soergueram.

- Não estarás em Roma? - perguntou Rutílio Rufo, espantado.

- Não estarei em Roma - repetiu Mário, exibindo um sorriso de amarga satisfação. - Acabei de me

lembrar de um voto que fiz à Grande Deusa antes de derrotar os Germanos. Se vencesse, iria em

peregrinação ao seu santuário em Pessinunte.

- Caio Mário! Não podes *fazer* uma coisa dessas! - disse Rutílio Rufo.

- Claro que posso, Públio Rutílio! Não deixarei de cumprir o meu voto!

Sila deixou-se cair no divã, de tanto rir.

- Isso faz-me lembrar Lúcio Gávio Stichus! - disse.

- Quem? - perguntou Rutílio Rufo, sempre pronto a mudar de assunto em favor de um bom

mexerico.

- O sobrinho, recentemente falecido, da minha recentemente falecida madrasta - disse Sila, ainda

com um sorriso arreganhado. - Já lá vão muitos anos, mudou-se para minha casa, que pertencia

então à minha falecida madrasta. O seu objectivo era ver-se livre de mim, destruindo o afecto que

Clitumna me dedicava. Pensava ele que, estando nós os dois na mesma casa, acabaria por me

tramar. Por isso resolvi ir-me embora. Num instante, desapareci de Roma. Com o resultado de que

quem acabou por se tramar foi ele - e com que eficiência o fez! Clitumna ficou farta dele em muito

pouco tempo - acrescentou Sila, deitando-se de barriga para baixo. - Morreu pouco depois - disse,

com um ar pensativo, e soltou um suspiro exagerado, sorrindo sempre.

- Arruinei todos os seus planos!

24

- É de esperar, portanto, que o regresso de Quinto Cecílio Metelo Numídico Bacorinho não passe de

uma falsa vitória - comentou Mário.

- Bebo a isso mesmo! - disse Sila, e bebeu.

Instalou-se então um silêncio difícil de quebrar, pois a velha cumplicidade que em tempos unira

Mário e Sila já não existia, e a resposta de Sila não a tinha reinstaurado. Talvez essa velha

cumplicidade fosse o resultado de conveniências e do convívio no campo de batalha, mais do que o

fruto de uma amizade verdadeiramente arreigada, pensou Públio Rutílio Rufo. Mas como poderiam

eles esquecer todos esses anos de guerra contra os inimigos de Roma? Como poderiam deixar que

aquela insatisfação prevalecente em Roma apagasse todo o passado que os unia? Saturnino era o

fim dos velhos tempos. Saturnino, e aquela amarga doença de Mário. Ora, disse ele para si mesmo,

que disparate, Públio Rutílio Rufo! Eles são homens activos, homens destinados a fazer coisas

importantes, não são dos que gostam de estar em casa - e que, estando em casa, se reformam. Bem

pelo contrário! Dêem-lhes outra guerra, ou um Saturnino tentando tornar-se rei de Roma, e logo os

veremos ronronando como dois gatos lavando a cara um ao outro.

O tempo corria rápido, é claro. Ele e Caio Mário tinham já sessenta anos, e Lúcio Cornélio Sila

quarenta e dois. Pouco dado a perscrutar as instáveis profundezas dos espelhos, Públio Rutílio Rufo

não sabia ao certo que marcas deixara em si a idade; mas os seus olhos não o enganavam quando

atentava em Caio Mário e Lúcio Cornélio Sila.

Caio Mário engordara, de tal forma que precisava de togas novas; continuava a ser um homem

corpulento - em boa forma e bem proporcionado, já que o peso que agora tinha a mais se distribuía

pelos ombros, costas, ancas e coxas, e também por uma barriga de aspecto bastante musculoso; e,

até certo ponto, os quilos a mais tinham dado um aspecto mais suave ao seu rosto, agora maior,

mais redondo, com uma testa mais alta graças à calvície. Deliberadamente, Públio Rutílio Rufo

ignorava a paralisia do lado esquerdo; em vez disso, reparava naquelas espantosas sobrancelhas,

maiores do que nunca, e mais cerradas e revoltas. Oh, quantas tempestades de consternação artística

aquelas sobrancelhas tinham provocado nas almas dos escultores! Encarregados de esculpirem o

busto de Mário para uma qualquer cidade ou associação ou, muito simplesmente, para um local

devoluto onde uma estátua vinha mesmo a calhar, esses escultores que viviam em Roma ou em

Itália

25

sabiam de antemão o trabalho que iam ter. Mas os escultores gregos, tão gabados, vindos de Atenas

ou Alexandria para fazerem o retrato do homem que mais bustos tinha espalhados pelo Império

desde Cipião, o Africano, esses, punham uma expressão de horror quando viam as sobrancelhas de

Mário! Cada artista fazia o que podia; contudo, ainda que pintado num bocado de madeira ou linho,

o rosto de Caio Mário acabava sempre por ser um mero pano de fundo para as sobrancelhas.

E a verdade é que o melhor retrato do seu velho amigo que Rutílio Rufo alguma vez vira, era afinal

um desenho tosco, feito com uma substância escura na parede exterior da sua própria casa. Muito

poucos traços - uma única e voluptuosa curva para sugerir aquele lábio inferior tão carnudo, uma

espécie de brilho para os olhos - como era possível que quem o fez, tivesse dado ao negro uma

aparência brilhante?

- e não mais que dez traços para cada sobrancelha. E no entanto aquele era realmente Caio Mário,

com todo o seu orgulho e inteligência, com o seu *carácter* puro e indomável. Mas como descrevê-

la, àquela forma de arte? *Vultum in peius fingere...* Um rosto moldado pela malícia. Mas tão bem feito que a malícia se transformara em verdade. Infelizmente, antes de Rutílio Rufo ter encontrado

uma maneira de retirar aquele bocado de estuque sem o reduzir a mil e um fragmentos, fortes

chuvadas acabaram por destruir o melhor retrato de Mário.

Contudo, nenhum ignorado pintor de paredes conseguiria fazer um tal trabalho a partir do rosto de

Lúcio Cornélio Sila. Sem a magia da cor, Sila passaria por um homem igual a tantos outros, ainda

que especialmente bem-parecido. Um rosto regular, traços regulares, uma clara romanidade que

Caio Mário nunca poderia ter. A cor, porém, transformava-o numa criatura única. Aos quarenta e

dois anos, o seu cabelo continuava na mesma - e que cabelo aquele! De um tom que não era bem

ruivo, nem dourado. Espesso, ondeado, talvez demasiado comprido. E os olhos, os olhos faziam

lembrar o gelo de um glaciar, do mais pálido tom de azul, circundado por um azul tão escuro como

o das nuvens que anunciam trovoada. Naquela noite, as suas sobrancelhas finas e arqueadas

estavam muito castanhas, tal como as longas e espessas pestanas. Mas Públio Rutílio Rufo tinha já

visto Sila em ocasiões menos calmas, e sabia que, naquela noite, Sila tinha posto um pouco de

*stibium* nos olhos, como era, aliás, seu costume; na realidade, as sobrancelhas e pestanas de Sila eram tão louras que só se dava por elas porque a pele era de um branco pálido, quase sem

pigmentação.

26

Perdiam as mulheres o juízo e a virtude ao verem tal homem. Esqueciam a prudência, ofendiam

maridos, pais e irmãos, excitavam-se e soltavam risinhos nervosos se ele, ao passar por elas, lhes

lançava um breve olhar. Um homem tão competente, tão inteligente! Um soldado como havia

poucos, um administrador eficiente, um exemplo de coragem para qualquer homem, quase perfeito

na organização das suas próprias actividades ou das dos outros. E no entanto, as mulheres eram a

sua ruína. Pelo menos era o que pensava Públio Rutílio Rufo, cujo rosto, agradável mas pouco

atraente, e a tez baça, o tornavam igual a uma miríade de outros homens. Não que Sila fosse um

pinga-amor, ou mesmo um homem interessado em conquistas ocasionais; tanto quanto Rutílio Rufo

sabia, comportava-se com uma rectidão admirável. Mas era indubitável que um homem que ansiava

por chegar ao topo do poder político romano tinha muito mais hipóteses de o conseguir se o seu

rosto não fosse propriamente o de um Apolo; os homens bonitos, extraordinariamente atraentes aos

olhos das mulheres, não gozavam, de um modo geral, da confiança dos seus pares, que não lhes

atribuíam muita importância, quando não os consideravam indivíduos efeminados ou, pelo

contrário, um perigo para os seus casamentos.

No ano anterior, recordava Rutílio Rufo, Sila tinha disputado as eleições para o cargo de pretor.

Tudo parecia estar a seu favor. Trazia da guerra feitos esplêndidos - e devidamente divulgados, pois

Caio Mário tratara de espalhar junto dos eleitores que Sila tinha sido para ele um companheiro

inestimável, como questor, como tribuno e, finalmente, como lugar-tenente. Mesmo Catulo César,

que não tinha qualquer razão para gostar de Sila, elogiara publicamente os seus serviços na Gália

Italiana, no ano em que os Cimbros germanos tinham sido derrotados. Mais tarde, durante o breve

período em que Lúcio Apuleio Saturnino ameaçara o Estado, fora Sila, sempre enérgico e eficiente,

quem permitira a Caio Mário resolver o problema. Porque, nessa altura, quando Caio Mário

assinava uma ordem, era Sila quem a punha em prática. Antes de ir para o exílio, Quinto Cecílio

Metelo Numídico - aquele a quem Mário, Sila e Rutílio chamavam o Bacorinho

- costumava dizer a todos os conhecidos e amigos que, em sua opinião, o êxito da guerra em África

contra o rei Jugurta se devia inteiramente a Sila e que, portanto, os louros atribuídos a Mário eram

injustos. De facto, fora graças aos esforços isolados de Sila que Jugurta tinha sido capturado, e toda a gente sabia que enquanto isso não acontecesse a



guerra em África prosseguiria. Quando Catulo César e outros dirigentes ultraconservadores do

Senado concordaram com o Bacorinho que os louros da Guerra de África deviam ir todos para Sila,

a estrela deste pareceu começar a brilhar, e a sua eleição para um dos seis cargos de pretores tornou-se praticamente uma certeza. A tudo isto, ter-se-ia de juntar o próprio comportamento de Sila -

admiravelmente modesto, nada exibicionista, imparcial. Até ao último dia da campanha eleitoral,

insistira que a captura de Jugurta devia ser atribuída a Mário, já que ele agira muito simplesmente

sob as ordens de Mário. Os eleitores apreciavam normalmente este tipo de conduta; a lealdade ao

chefe no campo de batalha ou no Fórum era extremamente apreciada.

E no entanto, quando os eleitores centuriais, reunidos na *saepta* do Campo de Marte, e as Centúrias, uma a uma, revelaram as suas escolhas, o nome de Lúcio Cornélio Sila - um nome tão aristocrático

e, por si só, tão recomendável - não se encontrava entre os seis candidatos triunfantes; e ainda por

cima, alguns dos homens eleitos não só tinham cometido feitos medíocres como também a sua

genealogia deixava muito a desejar.

*Porquê!* Essa era a pergunta que todos os amigos de Sila lhe faziam, ainda que ele nada dissesse.

Mas Sila conhecia a razão; algum tempo depois, Rutílio Rufo e Mário ficaram a saber aquilo que

Sila já conhecia. A razão para o seu fracasso tinha um nome: a jovem Cecília Metela Dalmática.

Não tinha ainda dezanove anos. Era a mulher de Marco Emílio Escauro Princeps Senatus, que fora

cônsul no ano em que os Germanos tinham desencadeado a guerra, censor no ano em que Metelo

Numídico Suíno fora para África combater Jugurta, e presidente do Senado desde o seu consulado

(ocorrido havia dezassete anos). As famílias tinham combinado o casamento de Dalmática com o

filho de Escauro; contudo, este último, um cobarde confesso, suicidara-se após a retirada de Catulo

César de Tridente. E Metelo Numídico Suíno, tutor da sobrinha (então com dezassete anos), decidiu

de imediato casá-la com o próprio Escauro, ainda que houvesse uma diferença de quarenta anos

entre marido e mulher.

Como é evidente, ninguém perguntara a Dalmática se lhe agradava aquela união e, de início, ela

própria não sabia muito bem o que sentia. Um tanto impressionada com a imensa *auctoritas* e

*dignitas* do seu novo marido, sentia-se também contente por se ver livre do atribulado ambiente que se vivia em casa de Numídico (casa em que, na altura,

vivia também a irmã de Numídico, uma mulher cujo comportamento histérico e cujas inclinações

sexuais tinham transformado a vida de Dalmática num verdadeiro tormento). A sobrinha de

Numídico ficara desde logo grávida (facto que fortalecera ainda mais a *auctoritas* e *dignitas* de Escauro) e dera à luz uma menina. Entretanto, porém, conhecera Sila num jantar oferecido pelo

marido, e a atracção entre os dois fora poderosa, mútua, e aflitiva.

Consciente do perigo que Dalmática representava, Sila não fizera qualquer tentativa para manter um

relacionamento com a jovem esposa de Escauro. Ela, contudo, não pensava o mesmo. E depois de

os corpos despedaçados de Saturnino e dos seus amigos terem sido queimados com todas as honras

que o seu estatuto exigia, e de Sila ter começado a frequentar o Fórum e a cidade, no âmbito da

campanha para conquistar um cargo de pretor, Dalmática começou também a frequentar o Fórum e

a cidade. Para onde ia Sila, lá estava Dalmática, escondida atrás de um plinto ou de uma coluna, de

cabeça encoberta, certa de que ninguém a reconheceria.

Depressa Sila tratou de evitar locais como o Porticus Margaritaria, onde a presença de uma mulher

nobre seria a coisa mais inocente deste mundo, já que em Porticus Margaritaria abundavam as

joalharias. Evitando tais locais, ela teria muito menos oportunidades de falar com ele; para Sila,

porém, o comportamento de Dalmática constituía o retorno de um velho e horrível pesadelo - o

pesadelo dos tempos em que Julilla o assediava com cartas de amor constantes, cartas que ela ou a

criada lhe metiam na toga a qualquer momento, em circunstâncias em que ele não se atrevia a

chamar a atenção para tais acções. Bom, tudo isso terminara com um casamento, uma união

*confarreatio* virtualmente indissolúvel, uma união amarga, insuportável, humilhante, que durou até ao suicídio de Julilla, mais um episódio terrível numa infindável galeria de casos de mulheres que

tudo dariam para o conseguirem dominar.

Por isso, certo dia, Sila tomou o caminho do bairro de Subura, com as suas ruas miseráveis,

fedorentas e sempre apinhadas de gente, a fim de se encontrar com Aurélia, cunhada de Julilla;

Aurélia era a sua única amiga: podia confiar nela abertamente, e ele precisava desesperadamente de

alguém com quem pudesse falar sem rodeios.

- Que hei-de fazer? - exclamara Sila. - Estou num beco sem saída, Aurélia; é Julilla que de novo me

persegue! Não consigo ver-me livre dela!

- O problema dessas mulheres é que têm muito pouco que fazer

- retorquiu Aurélia, com um ar severo. - Têm amas para os filhos, festinhas com as amigas em que o

que conta são os mexericos, teares em que não têm qualquer intenção de mexer, e cabeças

demasiado vazias para encontrarem consolação num livro. A maior parte delas nada sente pelos

maridos, já que casaram meramente por razões de conveniência - ou porque os pais precisavam de

firmar influências políticas, ou porque os maridos precisavam dos dotes ou de subir um degrau mais

na escada da nobreza. Ao fim de um ano, estão prontas para dar a facada no matrimónio. - Aurélia

suspirou. - No fim de contas, Lúcio Cornélio, a verdade é que, no que toca ao amor, podem escolher

à vontade. E em quantas áreas podem elas escolher à vontade? As mais espertas contentam-se com

os escravos. Mas as mais parvas são as que se apaixonam. E isso, infelizmente, foi o que sucedeu a

Dalmática. Aquela criança tonta perdeu por completo o juízo! E tu és a causa dessa loucura.

Sila ouviu-a, tenso; escondia os seus pensamentos olhando para as mãos.

- Não fiz nada para o ser - disse por fim.

- *Eu* sei! E Marco Emílio Escauro? Sabe?

- Por todos os deuses! Espero que não saiba de nada! Aurélia parecia divertida.

- Diria, pelo contrário, que ele está farto de saber.

- Nesse caso, porque é que não me procurou? Ou terei de ser eu a procurá-lo?

- Deixa-me pensar - retorquiu a proprietária de uma ínsula, a confidente de muitos, a mãe de três

filhos, a esposa solitária, uma mulher activa mas nunca intrometida.

Aurélia estava sentada de lado, à sua mesa de trabalho, uma mesa enorme, cheia de rolos de papel,

folhas isoladas e uma imensidão de livros; mas não havia desordem naquela mesa, apenas a

evidência de muitos negócios e não menos trabalho.

Se ela não o podia ajudar, pensou Sila, então, ninguém o ajudaria, pois a outra pessoa com quem

poderia desabafar não era propriamente um ouvinte seguro naquelas circunstâncias. Aurélia era

unicamente

Nota: Ínsula, **Grupo de casas separado da cidade. (N. do T.)**



uma amiga; Metróbio era também um amante, com todas as complicações emocionais que isso

implicava, acrescidas do facto de Metróbio ser um homem. Sila estivera com Metróbio no dia

anterior, e o jovem actor grego fizera um comentário especialmente desagradável acerca de

Dalmática. Chocado, Sila só então se apercebera de que toda a cidade de Roma já devia falar dele e

de Dalmática, pois o mundo de Metróbio pouco tinha a ver com o mundo em que Sila se movia

agora.

- Terei de ser eu a procurar Marco Emílio Escauro? - perguntou Sila uma vez mais.

- Seria melhor se falasses com Dalmática, mas não vejo como retorquiu Aurélia, com uma

expressão tensa.

Sila parecia impaciente.

- E se a convidasses para vir à tua casa?

- De modo nenhum! - respondeu Aurélia, escandalizada. - Lúcio Cornélio! Uma raposa velha como

tu deveria ter um pouco mais de bom senso! Não compreendes o que se está a passar? Ninguém tem

a mínima dúvida de que Marco Emílio Escauro mandou vigiar a mulher. A tua sorte, até agora, é

não haver provas susceptíveis de confirmarem as suspeitas de Escauro.

Sila abriu muito a boca, mostrando os seus enormes caninos, mas não era um sorriso o que os seus

lábios desenhavam; por um momento, sem se dar conta, Sila deixou cair a máscara, e Aurélia viu-se

perante alguém que não conhecia. Mas seria mesmo isso? Talvez Aurélia nunca tivesse visto essa

pessoa, mas pressentisse que ela vivia no íntimo de Sila. Alguém destituído de qualidades humanas,

um monstro, um verdadeiro monstro, de garras afiadas, um monstro berrando ao luar. E pela

primeira vez na sua vida sentiu um medo horrível.

O medo patente na expressão de Aurélia fez com que o monstro se escondesse algures no íntimo de

Sila; a máscara ocultava-o agora de novo.

- Então que hei-de fazer, Aurélia? Que *posso* fazer? - murmurou Sila, aflito.

- A última vez que me falaste de Dalmática - e não esqueçamos que já lá vão dois anos -, disseste

que estavas apaixonado por ela, embora só a tivesses visto uma vez. É um caso muito parecido com

o de Julilla, não é? E isso torna-o ainda mais insuportável. Claro, *ela* nada sabe acerca de Julilla, exceptuando o facto de que, em tempos idos, tu tiveste uma esposa que se suicidou - precisamente

um tipo de

história que te torna ainda mais atraente. Uma história que sugere que é perigoso conhecer-te e

amar-te. Um desafio impressionante! Receio francamente que a pobre Dalmática tenha ficado presa

nas tuas redes, ainda que tu as possas ter lançado sem qualquer intenção de a prender.

Por um momento, Aurélia reflectiu em silêncio. Depois, olhou-o bem nos olhos.

- Não digas nada, não faças nada, Lúcio Cornélio. Espera que Marco Emílio Escauro venha ter

contigo. Dessa forma parecerás inteiramente inocente. Mas tens de estar atento a uma coisa: é

necessário que ele não possua qualquer prova da infidelidade da mulher, por muito circunstancial

que essa prova possa ser. Proíbe a tua mulher de sair quando estiveres em casa, pois pode dar-se o

caso de Dalmática subornar um dos teus criados para a deixar entrar. O problema, nisto tudo, é que

tu não compreendes as mulheres nem gostas muito delas. Por isso não sabes lidar com os seus

piores excessos - excessos que revelam o que tu tens de pior. O marido dela que te procure. Mas sê

amável com ele, peço-te! Para Marco Emílio, tal visita será uma tortura. É um homem velho e tem

uma esposa jovem. Não é um marido enganado, mas não o é unicamente por causa do teu

desinteresse. Por isso deves fazer o possível por não magoar o seu orgulho. Não esqueçamos que a

sua influência política só é igualada por Caio Mário. - Aurélia sorriu. - Sei que não concordas com

esta comparação, mas é a pura verdade. Se queres ser pretor, não te podes dar ao luxo de o ofender.

Infelizmente, Sila não seguiu os conselhos de Aurélia na sua totalidade; e ganhou um inimigo de

peso porque não se mostrou amável nem cooperante, porque nada fez para não magoar o orgulho de

Escauro.

Nada aconteceu durante dezasseis dias após o encontro com Aurélia, exceptuando o facto de que

Sila se mostrava agora atento aos espiões de Escauro e tomava todas as precauções para evitar

qualquer prova de infidelidade. Os amigos de Escauro, e também os de Sila, trocavam entre si

risinhos furtivos e piscadelas de olhos; era indubitável que todos sabiam do caso desde o início: Sila é que não se dera conta disso.

O pior é que Sila ainda desejava Dalmática, ou amava-a, ou estava obcecado por ela. Ou as três

coisas juntas. Julilla uma vez mais. A dor, o ódio, a ânsia incontrolável de despedaçar quem lhe

barrava o caminho. De um sonho em que fazia amor com Dalmática passava num ápice a outro

sonho em que lhe partia o pescoço e em que a via dançar como uma louca sobre a relva de Circei

iluminada pelo luar -

32

não, não, fora a sua madrasta que ele matara assim! Muitas vezes, no sonho, abria a gaveta secreta

do armário onde estava guardada a máscara do seu antepassado Públio Cornélio Sila Rufino Flamen

Dialis; e da gaveta tirava os frasquinhos de veneno e a caixa que continha um pozinho branco - e

assim matara Lúcio Gávio Stichus e Hércules Atlas, esse homem de força portentosa. Cogumelos?

Com cogumelos matara a sua amante - come, Dalmática, come estes cogumelos!

Mas o tempo e a experiência tinham-se acumulado desde a morte de Julilla, e Sila conhecia-se

melhor agora; não seria capaz de matar Dalmática, tal como não fora capaz de matar Julilla. Com as

mulheres de casas nobres e antigas, não havia outra alternativa senão esperar que tudo se

desmoronasse amargamente. Um dia, ele e Cecília Metela Dalmática consumariam aquilo que,

naquele momento, ele não se atrevia a iniciar.

Chegou por fim o dia em que Marco Emílio Escauro bateu à sua porta, a mesma porta que sentira já

as mãos de muitos fantasmas e cuja madeira estava impregnada de malignidade. O facto de tocá-la

contagiara Escauro, que pensava apenas numa coisa: aquele encontro iria ser ainda mais difícil do

que previra.

Sentado na cadeira do cliente, o robusto velho atentou amargamente no belo semblante do seu

anfitrião; os olhos de Escauro, de um verde claro, eram a negação das rugas que lhe cobriam o

rosto, da calvície que se espalhara pela sua cabeça. Daria tudo para não estar ali, para não ter de

calar o seu orgulho, para não ter de enfrentar aquela situação horrivelmente grotesca.

- Suponho que sabes o que me traz aqui, Lúcio Cornélio - disse Escauro, de cabeça erguida, fitando

Sila bem nos olhos.

- Creio que sim - retorquiu Sila, sem mais.

- Vim pedir-te desculpa pelo comportamento de minha mulher, e garantir-te que, após esta nossa

conversa, tudo farei para que ela não te incomode mais.

Já estava!, pensou Escauro. E vivia ainda, não tinha afinal morrido de vergonha. Porém, no fundo

do olhar calmo e desapaixonado de Sila, Escauro imaginou distinguir um vestígio de desprezo; um

desprezo imaginário, talvez, mas foi isso mesmo que fez de Escauro um inimigo de Sila.

- Lamento imenso, Marco Emílio.

*Diz* qualquer coisa, Sila! Torna a situação mais fácil para este velho tonto! Não o deixes aqui sentado com o seu orgulho reduzido



a pó! Lembra-te do que Aurélia te disse! Mas as palavras recusavam-se a sair. Rodopiavam, incipientes, na sua cabeça, e transformavam-lhe a língua numa pedra.

- Será melhor para todos que deixes Roma. Vai para a Hispânia

- disse por fim Escauro. - Ao que sei, Lúcio Cornélio Dolabela precisa de um assistente competente.

Sila pestanejou com exagerada surpresa.

- Precisa mesmo? Não me tinha apercebido de que as coisas estavam assim tão mal! Seja como for, Marco Emílio, não me é possível abandonar Roma e ir para a longínqua Hispânia. Há nove anos que estou no

Senado. Chegou a altura de lutar pelo cargo de pretor.

Escauro engoliu em seco, mas conseguiu manter uma aparência amável.

- Este ano, não, Lúcio Cornélio - disse ele, num tom simpático.

- No próximo ano, ou no outro. Este ano terás de deixar Roma.

- Mas, Marco Emílio, *eu* não fiz nada de errado!

Mas é claro que fizeste, Sila! Fizeste e continuas a fazer! Estás muito simplesmente a espezinhar este homem!

- Há três anos já que tenho idade para ser pretor - prosseguiu Sila. - Devo por isso apressar-me. Disputarei a eleição este ano, o que implica que terei de ficar em Roma.

- Peço-te que reconsideres, Lúcio Cornélio - disse Escauro, levantando-se.

- Não posso, Marco Emílio.

- Se te candidatares, Lúcio Cornélio, garanto-te que não serás eleito. Nem este ano, nem no próximo, nem no outro ano, enfim, nunca - disse Escauro tranquilamente. - É o que te prometo. Acredita na minha promessa!

Deixa Roma.

- Repito o que disse, Marco Emílio. Lamento imenso. Mas ficarei em Roma para disputar o cargo de pretor -

retorquiu Sila.

E foi assim que tudo se passou. Ainda que afectado na sua *auctoritas* e *dignitas,* Marco Emílio Escauro Princeps Senatus continuava a dispor de muita influência, mais do que a necessária para afastar Sila do cargo de pretor. Outros homens, de menos valor, viram os seus nomes escritos *nofasti;* homens medíocres, nulidades, imbecis. Mas pretores.

Foi através de Aurélia, sua sobrinha, que Públio Rutílio Rufo soube da verdadeira história; logo a contou a Caio Mário. Toda a

gente percebera que Escauro Princeps Senatus se opusera tenazmente à eleição de Sila; mas a razão

dessa oposição não era propriamente óbvia. Defendiam alguns que fora por causa da patética paixão

de Dalmática; porém, após muitas discussões, generalizara-se o sentimento de que essa era uma

explicação pouco convincente. Tendo-lhe dado todo o tempo para que ela, por si só, se apercebesse

dos seus erros (dizia ele), Escauro falara depois com Dalmática (amigavelmente, mas com firmeza,

acrescentava ele), e não fazia o mínimo segredo do sucedido tanto entre os seus amigos como no

Fórum.

- Pobre coitada, mais tarde ou mais cedo isto tinha de acontecer

- dizia ele, num tom afectuoso, a vários senadores, embora certo de que as suas palavras eram

ouvidas por muitos mais. - Teria sido preferível se ela tivesse escolhido outro... Um homem de Caio

Mário, calcule-se! Mas... ele é um belo homem, não há dúvida.

Era uma tirada inteligente, tão inteligente que os peritos do Fórum e os membros do Senado

decidiram que a verdadeira razão para a oposição de Escauro à candidatura de Sila era a conhecida

ligação de Sila a Caio Mário. De facto, Caio Mário, após ter sido cônsul por seis vezes (um facto

inédito), encontrava-se agora em eclipse. Os seus melhores dias tinham acabado, não conseguia

mesmo reunir o apoio suficiente para disputar um cargo de censor. O que implicava que Caio

Mário, o chamado Terceiro Fundador de Roma, nunca igualaria os cônsules mais célebres, os quais

tinham também sido, todos eles, censores. Caio Mário era uma força exaurida no esquema político

então prevalecente, uma curiosidade, mais do que uma ameaça, um homem que não podia contar

com aplausos mais nobres que os da Terceira Classe.

Rutílio Rufo voltou a encher o copo.

- Mas pensas mesmo ir a Pessinunte? - perguntou ele a Mário.

- E porque não Pessinunte?

- E porquê Pessinunte? Quer dizer, percebia que fosses a Delfos, ou Olímpia, ou mesmo Dodona.

Mas *Pessinunte!* Uma terra perdida no meio da Anatólia - na *Frígial O* lugar mais atrasado, mais desconfortável, mais dominado pela superstição que existe ao cimo da terra! Não há lá um único

vinho decente, e, quanto a estradas, o melhor que há são caminhos de cavalos! Pastores rudes e

brutos por todo o lado, e selvagens da Galácia moendo cereais na fronteira! Francamente, Caio

Mário! Ou será que estás ansioso por ver Bataces

com o seu traje adornado a ouro e jóias na barba? Se é isso, chama-o de novo a Roma! Tenho a

certeza de que ele ficaria encantado em reatar as suas relações com algumas das nossas mais

modernas matronas

- as quais, desde que ele se foi embora, ainda não pararam de chorar.

Mário e Sila há muito que riam antes de Rutílio Rufo concluir tão veemente discurso; e, de súbito,

todos os constrangimentos tinham desaparecido, e os três homens sentiam-se à vontade e em

perfeita consonância.

- Vais ver o rei Mitridates - disse Sila, e não se tratava de uma pergunta.

Sob as sobrancelhas contorcidas, Mário exibiu um sorriso de todo o tamanho.

- Mas é extraordinário, Lúcio Cornélio! O que te leva a pensar isso?

- O facto de te conhecer, Caio Mário. És um sacana de um ímpio, é o que tu és! Os únicos votos que

alguma vez te ouvi fazer tinham todos a ver com legionários ou conceituados tribunos dos soldados:

votos para que levassem um bom pontapé no traseiro! Um motivo apenas te leva a arrastar a tua

velha e gorda carcaça para as vastidões da Anatólia: tu queres ver com os teus próprios olhos o que

se passa na Capadócia, e até que ponto o rei Mitridates tem a ver com o caso

- disse Sila, com um sorriso de felicidade que não se lhe via há muitos meses.

Mário virou-se para Rutílio Rufo, com uma expressão de espanto.

- Espero não ser tão transparente aos olhos de toda a gente como o sou aos olhos de Lúcio Cornélio!

Agora era a vez de Rutílio Rufo sorrir.

- Duvido muito que alguém adivinhe as tuas intenções - disse. Quanto a mim, olha que acreditei nos

teus votos, meu grande sacana! Que ímpio me saíste!

Sem querer (ou assim pareceu a Rutílio Rufo) Mário virou-se para Sila; e, num instante, estavam de

novo a discutir mais uma estratégia grandiosa.

- O problema é que as nossas fontes de informação não merecem o mínimo crédito - disse Mário,

num tom animado. - Quer dizer, que pessoa com algum valor ou engenho viajou por essa parte do

mundo nos últimos tempos? Homens Novos que subiram, no máximo, ao cargo de pretor: ninguém

em quem *eu* confie para obter informações precisas. Na realidade, que sabemos nós daquelas

paragens?

36

- Muito pouco - retorquiu Sila, completamente absorvido. - Houve algumas incursões na Galácia,

lançadas por Nicomedes, a ocidente, e por Mitridates, a leste. Até que há alguns anos, o velho

Nicomedes se casou com a mãe do jovem rei da Capadócia. Naquela época, creio, ela era regente do

reino. E Nicomedes passou a intitular-se Rei da Capadócia.

- Até aí chegou ele - disse Mário. - Coitado, deve ter sofrido muito quando Mitridates instigou o

assassínio da rainha e devolveu o trono ao jovem rei - acrescentou, rindo baixinho. - Acabou-se o

rei Nicomedes da Capadócia! Provavelmente, pensou que Mitridates o deixaria em paz, já que a

rainha assassinada era a irmã de Mitridates!

- E o filho dela continua a reinar na Capadócia... como é o nome dele? Têm nomes tão exóticos...

Sim, chama-se Ariárates, não é? perguntou Sila.

- Ariárates VII, para ser mais preciso - retorquiu Mário.

- Achas que se passa lá alguma coisa? - perguntou Sila, com a curiosidade aguçada pelo profundo

conhecimento que Mário tinha daquelas tortuosas relações entre povos orientais.

- Não tenho a certeza. Provavelmente não se passa nada, para além das habituais rixas entre

Nicomedes da Bitínia e Mitridates do Ponto. Mas imagino que o jovem rei Mitridates do Ponto deve

ser uma criatura muito interessante. Gostaria de me encontrar com ele. No fim de contas, Lúcio

Cornélio, Mitridates pouco mais tem do que trinta anos, e, no entanto, já conquistou as melhores

terras em torno do mar Euxino. Tenho a desagradável impressão de que ele vai causar problemas a

Roma - disse Mário.

Achando que já era altura de participar na conversa, Públio Rutílio Rufo pôs a sua taça vazia na

mesa em frente do divã, não sem algum barulho, e aproveitou a oportunidade.

- Julgo que estás a pensar que Mitridates cobiça a nossa Província da Ásia - disse ele, acenando com

um ar sábio. - Porque não haveria ele de cobiçá-la? Uma província tão rica! E a região mais

civilizada do mundo. Basta dizer que é grega desde que os Gregos são Gregos! *Homero* viveu e

trabalhou na nossa Província da Ásia! Já imaginaram? Homero viveu naquela região!

- Se calhar era mais fácil de imaginar se acompanhasses o teu discurso com uma lira - disse Sila,

rindo.

- Ora, Lúcio Cornélio, um pouco de seriedade! Duvido que o rei Mitridates considere a nossa

Província da Ásia uma coisa sem



importância - e nós também não a devemos considerar assim, ainda que gracejemos.

- Creio que ninguém duvida que Mitridates saliva abundantemente só de pensar que a nossa

Província da Ásia poderá um dia ser sua comentou Mário.

- Mas ele é um oriental - disse Sila, categórico. - Todos os reis orientais têm um medo terrível de

Roma. Até mesmo Jugurta, que estava muito mais ligado a Roma do que qualquer rei oriental, tinha

um medo horrível de Roma. Basta reparar nos insultos e indignidades que Jugurta aguentou antes de

entrar em guerra connosco. Obrigámo-lo literalmente à guerra.

- Não é essa a minha opinião. Creio que Jugurta sempre quis a guerra - comentou Rutílio Rufo.

- Discordo - contestou Sila, com um ar sério. - Creio que ele *sonhava* com uma guerra contra nós, mas que compreendia que isso não passava de um sonho. Fomos nós que o obrigámos a entrar em

guerra quando Aulo Albino invadiu a Numídia com o único intuito de saquear o país. Na realidade,

é assim que as nossas guerras normalmente começam! Um comandante ávido de ouro, que nem

crianças devia comandar, vê-se à frente das legiões romanas, e aí vai ele, à conquista do saque: não

no interesse de Roma, mas apenas no interesse da sua própria bolsa. Carbão e os Germanos. Cepião

e os Germanos. Silano e os Germanos. A lista não tem fim.

- Estás a afastar-te da questão, Lúcio Cornélio - disse Mário, num jeito simpático.

- Desculpa. Sim, de facto estou a afastar-me da questão! Imperturbável, Sila sorriu afectuosamente

para o seu antigo comandante.

- De qualquer modo, creio que a situação no Oriente é muito parecida com a situação em África

antes da guerra com Jugurta. Todos sabemos que a Bitínia e o Ponto são inimigos tradicionais.

Todos sabemos que tanto Nicomedes como Mitridates gostariam de expandir as suas fronteiras,

pelo menos dentro dos limites da Anatólia. E, na Anatólia, há duas terras imensamente ricas que

fazem as suas reais bocas salivar: a Capadócia e a nossa Província da Ásia. O domínio da

Capadócia permite um rápido acesso à Cilícia; além disso, a Capadócia tem um solo fabuloso. A

posse da nossa Província da Ásia daria a qualquer um dos reis um acesso absolutamente sem

paralelo ao mar Central, meia centena de soberbos portos de mar, *e* terras fabulosamente ricas.



Um rei não seria humano se não ansiasse conquistar qualquer uma dessas regiões.

- Bom, com Nicomedes da Bitínia não me preocupo eu - interrompeu Mário. - Está amarrado de pés

e mãos a Roma, e ele sabe-o. Também não me parece, pelo menos para já, que a nossa Província da

Ásia corra algum perigo. O problema chama-se Capadócia.

Síla aquiesceu.

- Precisamente. A Província da Ásia é romana. E não creio que o rei Mitridates seja tão diferente

dos seus colegas orientais ao ponto de perder o medo de Roma e tentar invadir a nossa Província,

por muito mal governada que ela seja. Mas a Capadócia *não é* romana. Embora se situe dentro da nossa esfera, parece-me que tanto Nicomedes como o jovem Mitridates consideram que a

Capadócia fica demasiado longe e que é, para Roma, um território tão pouco importante que não

justificará uma guerra. Em contrapartida, movem-se como ladrões para a roubar, dissimulando os

seus intuitos atrás de fantoches e parentes.

Mário pigarreou.

- Não me parece que o casamento do velho rei Nicomedes com a rainha regente da Capadócia tenha

sido propriamente furtivo!

- Sim, mas a situação não durou muito, pois não? O rei Mitridates sentiu-se ultrajado ao ponto de

matar a própria irmã! E pôs o filho dela no trono num abrir e fechar de olhos.

- Infortunadamente, Nicomedes é que é o nosso Amigo e Aliado oficial, e não Mitridates - disse

Mário. - Pena eu não estar em Roma quando isso aconteceu.

- Ora, Mário! Por favor! - disse Rutílio Rufo, indignado. - Os reis da Bitínia são oficialmente

considerados nossos Amigos e Aliados há mais de cinquenta anos! Durante a nossa última guerra

contra Cartago, também o rei do Ponto foi considerado nosso Amigo e Aliado oficial. Mas o pai

deste Mitridates destruiu as hipóteses de amizade com Roma quando comprou a Frígiaao pai de

Mânio Aquílio. Roma não mantém desde então qualquer tipo de relações com o Ponto. Além disso,

é impossível conceder o estatuto de Amigo e Aliado a dois reis desavindos, a menos que esse

estatuto impeça a guerra entre eles. No caso da Bitínia e do Ponto, o Senado decidiu que a

concessão do estatuto de Amigo e Aliado aos dois reis só serviria para agravar os problemas entre

eles. E isso, por sua vez, significava um prémio para Nicomedes da Bitínia, já que os antecedentes

da Bitínia são melhores do que os do Ponto.

39

- Ora, Nicomedes não passa de uma galinha velha e idiota! replicou Mário impaciente. - Governa o

país há mais de cinquenta anos e, além disso, já não era nenhuma criança quando correu com o seu

*tatá* do trono. Aposto que já passou os oitenta. E não pára de envenenar a situação na Anatólia!

- Comportando-se como uma galinha velha e idiota. Suponho que é isso que queres dizer. A réplica

fora acompanhada por um olhar franco e directo de Rutílio Rufo, idêntico ao da sua sobrinha

Aurélia, embora mais terno. - Não te parece, Caio Mário, que tu e eu estamos muito perto da idade

em que nos calha na perfeição o epíteto de galinhas velhas e idiotas?

- Ora, deixem-se disso! Acabem já com essas histórias de capoeira!

- disse Sila, sorrindo abertamente. - Eu percebo onde queres chegar, Caio Mário. Nicomedes está já

muito velho, não se sabendo se tem ou não capacidade para governar, embora devamos presumir

que a tem. De todas as cortes orientais, a sua é a mais helenizada, mas mesmo assim é oriental. O

que significa que, ao mínimo deslize, o filho correria com ele do trono. Portanto, podemos concluir

que Nicomedes continua vigilante e manhoso. Contudo, ele é um homem impertinente e rancoroso.

Ao passo que, do outro lado da fronteira, no Ponto, temos um homem com pouco mais de trinta

anos, vigoroso, inteligente, agressivo e a quem não falta confiança. Não, de facto não é crível que

Nicomedes reconheça a superioridade de Mitridates, pois não?

- De facto - concordou Mário. - Creio que temos razões para pensar que se entrarem em guerra

aberta, o combate será desigual. Nicomedes conseguiu apenas aferrar-se ao que já tinha no início do

seu reinado, ao passo que Mitridates é um conquistador. Sim, sim, Lúcio Cornélio, tenho de ver

esse Mitridates! - Mário encostou-se sobre o cotovelo esquerdo e lançou a Sila um olhar ansioso. -

Vem comigo, Lúcio Cornélio, peço-te! Que alternativa tens? Mais um ano de chatices em Roma,

para mais com o Suíno a dizer os seus disparates no Senado, enquanto o Bacorinho colhe todos os

louros possíveis por trazer o *tatá* para casa.

Mas Sila abanou a cabeça.

- Não, Caio Mário.

- Ouvi dizer - interveio Rutílio Rufo, mordiscando descontraidamente uma unha - que a carta oficial

que pôs termo ao exílio em Rodes de Quinto Cecílio Metelo Numídico Suíno foi assinada pelo



decano dos cônsules, Metelo Nepo. Francamente, não foi o Bacorinho que a assinou! Do tribuno da

plebe Quinto Calídio, que conseguiu a aprovação do decreto pondo termo ao exílio, desse, ninguém

fala! Um decreto assinado por um senador muito jovem que, para mais, não passa de um *privatusl*

Mário desatou a rir.

- Pobre Quinto Calídio! Espero que o Bacorinho lhe tenha pago bem pelo trabalho - olhou para

Rutílio Rufo. - Pouco mudou, o clã Cecílio Metelo, não é verdade? Quando eu era tribuno da plebe,

também me tratavam como lixo.

- Merecidamente - disse Rutílio Rufo. - Nessa época, não fazias outra coisa senão dificultar a vida

política de qualquer Cecílio Metelo que aparecesse à tua frente! *E* depois de eles pensarem que te tinham manietado! Oh, Dalmático era a raiva personificada!

Ao ouvir aquele nome, Sila retraiu-se; sentiu mesmo um rubor subir-lhe às faces. O pai dela, o

irmão mais velho do Bacorinho, entretanto falecido. Que seria feito dela, de Dalmática? Que lhe

tinha feito Escauro? Desde que Escauro o visitara, Sila nunca mais voltara a vê-la. Corria o boato de que Escauro a proibira de passar a porta da casa.

- A propósito - disse Sila -, confidenciou-me uma fonte de inteira confiança que vai haver um

casamento muito conveniente para os interesses do Bacorinho.

As reminiscências esfumaram-se de imediato.

- Não ouvi nada sobre esse assunto! - disse Rutílio Rufo, um tanto desconcertado; é que ele

considerava que as suas fontes eram as melhores de Roma.

- Mas é verdade, Públio Rutílio.

- Então conta lá!

Sila atirou uma amêndoa para a boca e, por um momento, mastigou o fruto antes de falar.

- Belo vinho, Caio Mário - disse, enchendo a sua taça com o vinho da jarra que os criados lhe

tinham deixado ao alcance da mão. Lentamente, Sila adicionou alguma água ao vinho.

- Ora, Lúcio Cornélio, acaba com o sofrimento dele! - murmurou Mário. - Públio Rutílio é o maior

mexeriqueiro do Senado.

- Concordo que é, mas tens de admitir que isso nos proporcionou cartas muito divertidas quando

estivemos em África e na Gáulia disse Sila, sorrindo.

41

- *Quem* é a mulher? - perguntou Rutílio Rufo, muito pouco interessado em que desviassem a

conversa para outros assuntos.

- Licínia Menor, a filha mais nova de nem mais nem menos do que o nosso pretor urbano, Lúcio

Licínio Crasso Orador em pessoa.

- Estás a gozar connosco! - disse, ofegante, Rutílio Rufo.

- Não estou, não.

- Mas ela ainda é uma criança!

- Faz dezasseis anos na véspera do casamento, disseram-me.

- Abominável! - resmungou Mário, franzindo tanto as sobrancelhas que estas se uniam.

- Francamente, não há a mínima justificação para um caso desses!

- considerou Rutílio Rufo, sinceramente afectado. - Dezoito anos é a idade certa, nem menos um

dia! Somos *Romanos,* não somos ladrões de crianças orientais!

- Bom, pelo menos o Bacorinho pouco mais tem de trinta - disse Sila com um ar perfeitamente

natural. - E que há de novo sobre a esposa de Escauro?

- Quanto menos se falar disso, melhor! - atirou-lhe Públio Rutílio Rufo. A sua irritação abrandara. -

Mas repara, Crasso Orador é digno da nossa admiração. Nessa família não há falta de dinheiro para

os dotes, mas mesmo assim ele não deixou de fazer belos contratos com as filhas. A mais velha

casou-se com Cipião Nasica, calcule-se, e agora a mais nova casa-se com o Bacorinho, filho e

herdeiro único. O caso de Licínia já deixava muito a desejar: casada aos dezassete anos com um

brutamontes como Cipião Nasica. Não sei se sabem, a rapariga está grávida.

Mário bateu as palmas, chamando pelo mordomo.

- Vão já para casa os dois! Quando a conversa degenera em mexeriquices de velhas, é sinal de que

esgotámos todos os assuntos. Grávida! Devias era estar lá em baixo com as mulheres e as crianças,

Públio Rutílio!

Todas as crianças dormiam quando a festa acabou. E todas elas, exceptuando, naturalmente, o

jovem Mário, tinham de ser levadas para casa pelos pais. Duas liteiras enormes esperavam no

caminho, uma para os filhos de Sila, Cornélia Sila e o jovem Sila, a outra para os três filhos de

Aurélia, Júlia Maior, a quem chamavam Lia, Júlia Menor, a quem tratavam pelo diminutivo Ju-ju, e

o jovem César.

42

Enquanto homens e mulheres falavam em voz baixa no átrio, um grupo de criados levou as crianças

para as liteiras, instalando-as com todo o cuidado.

Enquanto, automaticamente, contava os criados, Júlia reparou que o homem que levava o jovem

César não lhe era nada familiar; depois, estupefacta, agarrou Aurélia pelo braço, nervosamente.

- Mas aquele é Lúcio Decúmio! - murmurou ela, ofegante.

- Claro que é - disse Aurélia, surpreendida.

- Não devias fazer isto, Aurélia!

- Disparate, Júlia, Lúcio Decúmio é, para mim, um apoio seguro. Como tu muito bem sabes, a

minha viagem até casa não é propriamente das mais sossegadas. Passo por antros de ladrões,

salteadores, só os deuses sabem com que gente me cruzo. Sim, só os deuses sabem porque eu,

mesmo ao fim de sete anos, não faço a mínima ideia! Não é frequente sair de casa, mas quando o

faço, Lúcio Decúmio e mais dois irmãos levam-me sempre de volta. E o jovem César tem o sono

leve. No entanto, quando Lúcio Decúmio pega nele, ele nem se mexe, quanto mais acordar.

- Dois *irmãos* dele? - murmurou Júlia, horrorizada. - Isso quer dizer que tens na tua casa mais gente da qualidade de Lúcio Decúmio?

- Não! - retorquiu Aurélia, desdenhosamente. - Refiro-me aos seus irmãos da congregação, aos seus

subordinados, Júlia. - Aurélia parecia irritada. - Oh, francamente, não percebo porque venho a estes

jantares familiares, e são tão raras as vezes que venho! Porque será que não consegues entender que

eu tenho a minha vida perfeitamente controlada e que não faz sentido que os outros se preocupem

comigo, que façam tanto barulho à minha volta?

Júlia nada mais disse até ao momento em que se deitou ao lado de Caio Mário, depois de ter

deixado as coisas da casa em ordem, mandado os escravos para os seus dormitórios, fechado a porta

da rua, e feito uma oferenda ao trio de deuses que velavam por todos os lares romanos - Vesta, a

deusa do lar, os Penates, os deuses das despensas, e os Lares da família.

- A Aurélia hoje não estava nada simpática - disse ela a Caio Mário.

Mário estava cansado, uma sensação agora muito mais frequente e que o envergonhava. Assim, em

vez de fazer aquilo por que ansiava

- virar-se para o lado esquerdo e adormecer -, deixou-se ficar deitado

43

de costas, envolveu a mulher com o seu braço esquerdo, e resignou-se a alimentar uma conversa

sobre mulheres e problemas domésticos.

- Ah, sim? - retorquiu.

- Não podes fazer com que Caio Júlio volte para casa? Aurélia está a transformar-se numa velha

virgem vestal retirada do mundo, tudo nela... não sei! Está uma mulher amarga. Rabugenta. Perdeu

todo o espírito, toda a vivacidade! Sim, é isso mesmo, perdeu todo o espírito, toda a vivacidade que

tinha - disse Júlia. - E aquela criança dá cabo dela.

- Que criança? - murmurou Mário.

- O bebé de vinte e dois meses, o jovem César. Oh, Caio Mário, é uma criança espantosa! Eu sei

que tais crianças nascem de quando em quando, mas estou certa de que nunca vi, nem ouvi falar de

nenhuma assim junto dos nossos amigos. Quer dizer, todas nós, mães, nos sentimos felizes se os

nossos filhos sabem o que são a *dignitas* e a *auctoritas* depois de os pais os terem levado pela primeira vez ao Fórum com a idade de sete anos! No entanto, este bebé de vinte e dois meses, esta

coisa de nada, já sabe o que essas duas qualidades significam, embora nunca tenha *conhecido* o pai!

Podes ter a certeza, marido, o jovem César é de facto uma criança espantosa.

Júlia estava animada; ocorreu-lhe entretanto um outro caso, suficientemente importante para a fazer

mexer-se e remexer-se na cama.

- Ah! Ontem estive a falar com a mulher de Crasso Orador, Múcia. Disse-me ela que Crasso Orador

se gaba de ter um cliente com um filho como o jovem César. - Nesse instante, deu uma cotovelada

em Caio Mário. - Deves conhecer a família, Caio Mário. São de Arpino.

Mário não ligara a mínima atenção ao que a mulher até então dissera; contudo, a cotovelada e as

mexidelas na cama tinham-no acordado definitivamente.

- Arpino? Quem? - perguntou. Arpino era a sua terra natal, a terra dos seus antepassados.

- Marco Túlio Cícero. O cliente de Crasso Orador e o filho têm o mesmo nome.

- Infelizmente conheço de facto a família. Ainda são nossos primos afastados. Uma gente

conflituosa! Há cerca de cem anos, roubaram-nos uma parte das nossas terras e acabaram por

ganhar o caso no tribunal. Não lhes falamos desde então. As suas pálpebras iam-se fechando.

44

- Estou a ver. - Júlia aconchegou-se mais junto a ele. - Bom, de qualquer modo, o certo é que o

rapaz está agora com oito anos e é tão inteligente que vai estudar para o Fórum. Crasso Orador

prevê que ele há-de provocar muita agitação. Creio que quando chegar aos oito anos, o jovem César

também dará muito nas vistas.

- Huh! - disse Mário, soltando um bocejo imenso. Ela insistiu na cotovelada.

- O quê, Caio Mário? Já a dormir? Toca a acordar!

Mário abriu os olhos bruscamente, e do fundo da garganta saiu-lhe

como que um ronco.

- Queres-me pôr a correr à volta do Capitólio? - perguntou ele. Com um risinho, Júlia recomeçou.

- Bom, eu nunca vi este Cícero, mas noutro dia encontrei o meu sobrinho, o Caio Júlio César, e uma

coisa te posso garantir: o rapaz não é *normal.* Eu sei que, a maior parte das vezes, utilizamos esse termo para pessoas mentalmente deficientes, mas não vejo por que razão a palavra *anormal* não possa significar também o contrário.

- Quanto mais velha, mais faladora, Júlia - queixou-se o marido já farto.

Júlia ignorou tal comentário.

- O Jovem César ainda não tem dois anos, mas, ao mesmo tempo, tem quase um século! Diz uma

quantidade de palavras difíceis e frases perfeitamente construídas. E sabe o que significam as

palavras difíceis!

De súbito, Mário ficou completamente acordado: acabara-se o cansaço. Soergueu-se para fitar a

mulher, para fitar aquele rosto sereno brandamente iluminado pela chama do candeeiro. O *sobrinho*

dela! O sobrinho Caio! A profecia de Marta, a Síria, que lhe fora revelada da primeira vez que vira

a velha, no palácio de Gauda, em Cartago. Predissera a velha que ele haveria de ser o Primeiro

Homem de Roma, e que seria cônsul sete vezes. Mas, acrescentara, ele não seria o maior de todos

os Romanos. *Esse seria o sobrinho da sua esposa, um sobrinho chamado Caio!* Só se for por cima do meu cadáver, dissera ele para si mesmo na altura. Ninguém me há-de eclipsar. E agora, afinal,

existia uma criança com aquele nome, um sobrinho de Júlia, um facto vivo.

Voltou a deitar-se: doíam-lhe as pernas e os braços. Consumira demasiado tempo, demasiada

energia, demasiada paixão, na batalha pelo título de Primeiro Homem de Roma, para agora aceitar

docilmente que o brilho do seu nome fosse ofuscado por um aristocrata precoce



que alcançaria a fama quando ele, Caio Mário, já estivesse demasiado velho ou demasiado morto para se lhe opor. Embora amasse muito a mulher, embora admitisse humildemente que fora o nome aristocrático *dela* que o levara ao primeiro consulado, o certo é que não tinha a mínima vontade de ver o sobrinho dela, sangue do sangue dela, subir mais alto do que ele.

Consulados, tinha ganho seis: faltava agora o sétimo. Ninguém na vida pública romana acreditava seriamente que Caio Mário pudesse alguma vez voltar à sua glória passada, esses anos tranquilos em que as Centúrias tinham votado nele, três vezes *in absentia,* como prova da sua convicção de que ele, Caio Mário, era o único homem que poderia salvar Roma dos Germanos. Bom, e de facto Caio Mário salvara Roma. E como lhe

tinham agradecido os Romanos? Com uma esmagadora vitória política da oposição, com a sua rejeição, com atitudes destrutivas. A persistente inimizade de Quinto Lutácio Catulo César, de Metelo Numídico Suíno, de uma vasta e poderosa facção senatorial unida em torno da queda de Caio Mário. Homens sem valor algum, mas com nomes sonantes, aterrados com a ideia de que a sua querida Roma fora salva por um desprezível Homem Novo - um camponês italiano sem qualquer ascendência grega, como Metelo Numídico Suíno

declarara muitos anos antes.

Bom, mas ele ainda não estava acabado. São ou doente, com ou sem trombose, Caio Mário seria de novo

cônsul - *e* ficaria nos livros de História como o maior Romano que a República alguma vez conhecera. Não deixaria que um qualquer

descendente da deusa Vénus, de belos traços e cabelo dourado, ficasse à sua frente nos livros que registavam a História: o patrício Caio Mário não o permitiria, o romano Caio Mário não o permitiria.

- Deixa que eu trato-te da saúde, rapaz! - disse ele em voz alta, e abraçou Júlia.

- O quê? - perguntou ela.

- Dentro de alguns dias partimos para Pessinunte, tu, eu e o nosso filho - disse ele.

Ela sentou-se na cama.

- Oh, Caio Mário! É verdade? Que maravilha! Tens a certeza de que nos queres levar contigo?

- Tenho, mulher, tenho a certeza. Estou-me nas tintas para o que dizem as convenções. Vamos estar fora durante dois ou três anos; é



demasiado tempo, na minha idade, para estar longe da minha mulher e do meu filho. Se fosse mais

novo, talvez. E, já que faço esta viagem na qualidade de *privatus,* não há nenhum obstáculo oficial a que leve a família comigo - soltou um risinho. - Sou eu quem paga as contas.

- Oh, Caio Mário! - Era tudo o que ela conseguia dizer.

- Visitaremos Atenas, Esmirna, Pérgamo, Nicomedia, e mais um cento de terras.

- E Tarso? - perguntou ela, impaciente. - Oh, eu sempre desejei conhecer o mundo!

Mário tinha ainda dores, mas o sono acabou por dominá-lo. As pálpebras cerraram-se; o maxilar

inferior cedeu.

Durante algum tempo Júlia continuou a falar; quando já não tinha mais superlativos, sentou-se

abraçada aos joelhos, com um ar radioso. Virou-se então para Caio Mário, com um sorriso terno.

- Meu querido, tu não...? - perguntou delicadamente.

O marido respondeu-lhe ressonando. Boa e dedicada esposa há vinte anos, Júlia abanou a cabeça

meigamente, sorrindo sempre, e empurrou-o para o lado direito.

Destruídos os últimos focos da revolta dos escravos na Sicília, Mânio Aquílio regressou a Roma, se

não em triunfo, pelo menos com o prestígio suficiente para suscitar no Senado uma calorosa

ovação. O facto de não poder reivindicar um triunfo devia-se à natureza do inimigo: civis reduzidos

à escravatura não eram o mesmo que soldados de uma nação inimiga; as guerras civis e as guerras

contra escravos ocupavam um lugar especial no código militar romano. Ser encarregado pelo

Senado de dominar um levantamento civil não era menor honra, nem feito menos valoroso, do que

lutar contra um exército estrangeiro e um inimigo; no entanto, no caso das guerras intestinas,

recusava-se sempre o direito a clamar triunfo. O triunfo consubstanciava-se na exibição, perante o

Povo de Roma, dos prémios de guerra - os prisioneiros, o dinheiro roubado ao inimigo, saques de

todo o tipo (desde pregos de ouro de portas outrora reais a pacotes de canela e olíbano). Tudo o que

era subtraído aos outros povos enriquecia os cofres de Roma, e o Povo podia ver, com os seus

próprios olhos, que a guerra era um negócio extremamente lucrativo - desde que se fosse Romano e

vencedor. Porém, nas guerras civis e nas revoltas de escravos,



não havia lucros, apenas perdas. Os bens pilhados pelo inimigo e recapturados pelo exército tinham

de ser devolvidos aos seus legítimos proprietários. O Estado não podia exigir nenhuma percentagem

desses bens particulares.

Por isso foi inventada a ovação. Tal como o triunfo, consistia de uma procissão ao longo da mesma

estrada; contudo, o general não seguia no antigo carro triunfal, não pintava o rosto, não vestia trajes triunfais; não se ouviam trombetas, mas apenas o som menos inspirador das flautas; e, em vez de

um touro, o Grande Deus recebia uma ovelha, partilhando assim com o general o estatuto

secundário da cerimónia.

Aquela ovação deixou Mânio Aquílio perfeitamente satisfeito. Depois de a celebrar, voltou a ocupar

o seu lugar no Senado, e, na sua qualidade de ex-cônsul, a sua opinião contava mais que a de um

outro qualquer ex-cônsul que não tivesse celebrado um triunfo ou uma ovação. Perseguido pelo

inabalável ódio ao seu pai, também Mânio Aquílio de seu nome, concluíra, de início, com algum

desespero, que nunca chegaria a cônsul. Havia factos de que era difícil uma pessoa redimir-se, se

por acaso a sua família era apenas moderadamente nobre; e o facto em questão era que o pai de

Mânio Aquílio, após as guerras que se seguiram à morte do rei Átalo III de Pérgamo, vendera mais

de metade do território da Frígiaao pai do actual rei Mitridates do Ponto por uma soma em ouro que

fora cair inteira na sua bolsa. Mandava o direito que o território, juntamente com o resto das

possessões do rei Átalo, fosse integrado na Província Romana da Ásia, já que o rei Átalo legara o

seu reino a Roma. Porque era uma região atrasada e habitada por homens tão ignorantes que nem

para escravos serviam, o pai de Mânio Aquílio considerara que Roma pouco perdia se não ficasse

com a Frigia. Mas os homens do Senado e do Fórum que dispunham de mais influência não

perdoaram tal acção ao pai, nem esqueceram o incidente quando o jovem Mânio Aquílio entrou na

arena política.

Lutara muito para chegar a pretor, lutara e gastara a maior parte do que sobrara do ouro do Ponto, e

não sobrara muito, já que o pai não se mostrara nem frugal, nem prudente. Por isso, quando viu

chegar a sua grande oportunidade, o jovem Mânio Aquílio agarrou-a com unhas e dentes. Depois de

os Germanos terem derrotado esse horrendo par constituído por Cepião e Málio Máximo na Gália

Transalpina (parecendo perfeitamente preparados para invadirem o vale do Ródano e a Itália), fora

o pretor Mânio Aquílio quem propusera que Caio



Mário fosse eleito cônsul *in absentia,* a fim de dispor do poder necessário para enfrentar tal ameaça.

A acção de Mânio Aquílio deixou Caio Mário em dívida para com ele - uma dívida que Caio Mário

desejava ardentemente pagar.

Por isso, Mânio Aquílio veio a servir como embaixador de Mário e a sua acção foi da máxima

importância no que respeita à derrota dos Teutões em Aquae Sextiae. Ao levar para Roma a notícia

dessa tão necessária vitória, Mânio Aquílio fora eleito segundo cônsul, em conjunção com o quinto

consulado de Mário. E concluído o ano do seu consulado, levara duas das suas legiões de veteranos

soberbamente treinadas para a Sicília, a fim de queimar a chaga de uma revolta de escravos que se

arrastava há já vários anos, pondo em perigo o abastecimento de Roma em cereais.

De novo em casa, saudado por uma ovação, esperara disputar um lugar de censor quando chegasse a

altura própria. Mas os chefes com peso efectivo no Senado e no Fórum tinham estado apenas à

espera do momento propício. Caio Mário tinha caído em desgraça após a tentativa de Lúcio Apuleio

Saturnino para dominar Roma, e Mânio Aquílio viu-se sem qualquer protecção. Num ápice, foi

levado ao tribunal de concussão por um tribuno da plebe com influências poderosas e amigos

importantes entre os cavaleiros que serviam como jurados e presidentes dos principais tribunais - o

tribuno da plebe Públio Servílio Vátia. Embora nada tivesse a ver com a família patrícia de apelido

Servílio, Vátia descendia, no entanto, de uma importante família plebeia nobre. E era sua intenção

subir o mais possível.

O julgamento decorreu num Fórum agitado; vários acontecimentos tinham contribuído para essa

agitação, designadamente o caso de Saturnino, embora toda a gente esperasse que, após a *sua*

morte, não houvesse mais violência no Fórum, nem mais assassínios de magistrados. No entanto,

houvera violência, e assassínios, basicamente em consequência dos esforços do filho de Metelo

Numídico Suíno, o Bacorinho, para ajustar contas com alguns dos inimigos do seu inocente pai.

Devido à sua árdua luta para trazer o pai de volta a Roma, o Bacorinho recebera um cognome mais

adequado: chamavam-lhe agora Quinto Cecílio Metelo Pio. Concluída com êxito essa luta, o

Bacorinho Metelo Pio decidiu-se a perseguir os inimigos do pai. Incluindo Mânio Aquílio, que era,

muito claramente, um homem de Caio Mário.

49

Eram poucos os membros da Assembleia da Plebe presentes e, por isso, uma fraca audiência rodeava o local do baixo Fórum Romano escolhido pela Assembleia da Plebe para a realização do julgamento.

- Este caso é, todo ele, manifestamente ridículo - disse Públio Rutílio Rufo a Caio Mário quando chegaram para assistir à última sessão do julgamento de Mânio Aquílio. - Aquilo foi uma guerra contra escravos!

Duvido que se possa extorquir seja o que for em toda a Sicília, desde Lilibeu a Siracusa. E não me venham dizer que os agricultores sicilianos, gananciosos como não há outros, não estiveram sempre de olho em Mânio Aquílio! Nem uma moedazinha de cobre deve ter trazido, coitado!

- É uma maneira de o Bacorinho me atacar - disse Mário, encolhendo os ombros. - Mânio Aquílio sabe disso.

Está a pagar agora por me ter apoiado.

- E a pagar também por o pai ter vendido a maior parte da Frígia

- acrescentou Rutílio Rufo.

- Sim, também por isso.

O processo decorrera segundo as formalidades determinadas pelo falecido Caio Servílio Gláucia, que

devolvera os tribunais aos cavaleiros, excluindo assim os senadores, excepto na qualidade de advogados de defesa. O júri, constituído por cinquenta e um dos mais importantes homens de negócios de Roma, fora

nomeado, interpelado e escolhido, a acusação e a defesa tinham feito as suas comunicações preliminares, as testemunhas haviam sido ouvidas. Na última sessão do julgamento, a acusação falaria durante duas horas, a defesa durante três, após o que o júri apresentaria imediatamente o seu veredicto.

Servílio Vátia tinha prestado bons serviços ao Estado; não era mau advogado, e os seus assistentes tinham qualidades evidentes; mas era indubitável que a audiência - muito maior naquele último dia - se juntara para ouvir a artilharia pesada: os advogados que defendiam Mânio Aquílio.

César Estrabão, vesgo, jovem e vicioso, foi o primeiro a falar; era um advogado extremamente bem treinado e a natureza dera-lhe refinados dons retóricos. Seguiu-se-lhe um homem tão dotado que conseguira o cognome suplementar de Orador - Lúcio Licínio Crasso Orador. E Crasso Orador deu lugar a outro homem que

obtivera o cognome de Orador - Marco António Orador. Este cognome, Orador, não era apenas fruto do

reconhecimento da sua capacidade para falar em público;



decorria também de um invulgar conhecimento dos meandros da retórica

- de todos os passos certos e adequados que era necessário dar no decurso de um discurso. Crasso Orador era quem mais sabia de leis, mas António Orador era quem melhor falava.

- Está por um fio - comentou Rutílio Rufo, mal Crasso Orador terminou, dando o seu lugar a António Orador.

A resposta de Mário limitou-se a um resmungo; estava já concentrado no discurso de António Orador, pois queria saber se valia a pena ter pago o que pagara. De facto, Mânio Aquílio não tinha dinheiro para pagar a advogados daquela estirpe, e toda a gente sabia disso. Caio Mário financiava a defesa. De acordo com a lei e os costumes, um advogado não podia solicitar honorários; podia, no entanto, aceitar uma prenda oferecida em sinal de agradecimento por um trabalho bem feito. E à medida que a República foi envelhecendo, o facto de os advogados receberem prendas foi-se tornando algo que toda a gente aceitava. De início, as prendas mais não eram que obras de arte ou móveis, mas se o advogado precisava de dinheiro, era óbvio que acabava por vender tais prendas. Por isso, a partir de certa altura, abandonou-se todo e qualquer tipo de ambiguidade e as prendas passaram a ser em

dinheiro. E claro que ninguém falava disso e toda a gente fingia que nada disso acontecia.

- Como é curta a vossa memória, senhores do júri! - exclamou António Orador. - Lembrai-vos, por favor, do que se passou há apenas alguns anos, lembrai-vos daquelas multidões que compareceram no nosso querido Fórum Romano, de barrigas tão vazias como os seus celeiros. Estais já esquecidos de que alguns de vós -

havia inevitavelmente meia-dúzia de grandes agricultores no júri - tinham de levar pelo menos cinquenta sestércios por cada *modius,* tão pouco era o trigo que tinham nos seus celeiros privados? E a multidão adensava-se cada vez mais, e olhava para nós, e gritava de revolta. E tudo isto porque a Sicília, o nosso celeiro, era uma ruína, uma verdadeira Ilíada de infortúnios...

Rutílio Rufo agarrou-se ao braço de Mário e soltou um grito ofendido, horrorizado.

- Tinha de ser! Oh, mas não haverá verme na terra que ataque estes ladrões verbais? Aquele epigrama é *meu!* Uma verdadeira Ilíada de infortúnios! Não te lembras, Caio Mário, que eu te escrevi exactamente a mesma expressão quando estavas na Gália? E tive de aguentar que



Escauro ma roubasse! E agora o que é que acontece? Agora, é usada por toda a gente, e toda a gente

diz que é de Escauro!

- *Tace!* - disse Mário, que só queria ouvir uma voz, a de Marco António Orador.

-... que uma administração inqualificável tornou ainda mais infortunada! Todos estamos lembrados

desse inqualificável governo, não é verdade? - O penetrante olhar avermelhado de Marco António

Orador fixou-se num rosto com uma expressão ausente, na segunda fila do júri. - Pois não estamos?

Deixai então que vos refresque a memória! Os jovens irmãos Lúculo, puniram-no, enviando-o para

um exílio indigno de um cidadão. Estou a referir-me, é claro, a Caio Servílio Augure. Há quatro

anos que não havia colheitas na Sicília quando o leal cônsul Mânio Aquílio lá chegou. E devo

lembrar-vos que da Sicília vem mais de metade do total dos nossos cereais.

Sila foi-se aproximando lentamente, acenou para Mário, e só depois reparou no ainda agitado

Rutílio Rufo.

- Que tal vai o julgamento? Rutílio Rufo bufou.

- No que toca a Mânio Aquílio, quem é que poderá adivinhar? O júri quer encontrar qualquer coisa

para o condenar, por isso atrevo-me a prever que o condenará. Pretende-se dar uma lição a todos os

imprudentes que se dêem ao luxo de apoiar Caio Mário.

- *Tacel* - rosnou de novo Mário.

Rutílio Rufo afastou-se para um lugar onde Mário não o pudesse ouvir, arrastando Sila consigo.

- No que a ti te toca, Lúcio Cornélio, não se pode dizer que, actualmente, sejas um apoiante

indefectível de Caio Mário, pois não?

- Tenho uma carreira a defender, Públio Rutílio, e duvido que o possa fazer apoiando Caio Mário.

Rutílio Rufo deu-lhe razão com um mero aceno.

- Sim, é compreensível. Mas, meu amigo, Mário não merece isso! Mário merece que aqueles de

entre nós que o conhecem e que têm consideração por ele se mantenham do seu lado.

Aquilo era um ataque claro; Sila curvou-se um pouco e murmurou o que lhe ia na alma.

- Conversa tens tu muita! Mas repara, já foste cônsul, tiveste os teus tempos de glória! Eu não!

Podes chamar-me traidor se quiseres, mas juro-te, Públio Rutílio, juro-te que também eu *terei* os meus dias de glória! E que os deuses ajudem os que se opõem.



- Incluindo Caio Mário?

- Incluindo Caio Mário.

Rutílio Rufo nada mais disse. Limitou-se a abanar a cabeça, desesperado.

Também Sila se calou por um momento. Até que disse:

- Consta que os Celtiberos se estão a revelar demasiado fortes e a causar demasiados problemas ao

nosso actual governador da Hispânia Citerior. Na Hispânia Ulterior, Dolabela está tão apoquentado

com os Lusitanos que nem põe a hipótese de ir ajudá-lo. Parece que Tito Dídio terá de ir para a

Hispânia Citerior durante o seu consulado.

- Que pena! - disse Rutílio Rufo. - Eu gosto do estilo de Tito Dídio, ainda que ele seja um Homem

Novo. Leis sensatas são coisa rara e, neste caso, é o próprio cônsul o seu autor.

Sila fitou-o com um sorriso largo.

- O quê? Estás a querer dizer-me que o nosso querido cônsul Metelo Nepos desistiu das leis?

- Digo-o tanto como tu, Lúcio Cornélio. Já viste algum Cecílio Metelo mais interessado em

melhorar o funcionamento do governo do que em promover-se pessoalmente? Aquelas duas leis de

Tito Dídio são tão importantes quanto benéficas. Acabaram-se as pressas nas Assembleias, porque

agora devem passar três dias *nundinae* entre a promulgação e a ratificação. E acabou-se a mania de juntar assuntos que não têm nada a ver uns com os outros para fazer leis tão confusas quanto

impraticáveis. Sim, se nada de bom aconteceu este ano no Senado nem nos Comícios, pelo menos

temos as leis de Tito Dídio disse Rutílio Rufo satisfeito.

Mas Sila não estava nada interessado nas leis de Tito Dídio.

- Tudo isso é muito bonito, Públio Rutílio, mas não percebeste onde quero chegar! Se Tito Dídio vai

para a Hispânia Citerior a fim de controlar os Celtiberos, eu irei com ele como seu lugar-tenente. Já falei com ele, e mostrou-se muito receptivo. Vai ser uma guerra demorada e tortuosa e por isso

haverá despojos a partilhar e reputações a firmar. Quem sabe? Até é possível que eu chegue a

comandar um exército.

- Reputação militar já a tens, Lúcio Cornélio.

- Mas repara em todo o *cacat* entre esses tempos e os dias de hoje! - exclamou Sila irado. - Eles já se esqueceram, todos esses eleitores idiotas com mais dinheiro que cabeça! Por isso o que é que

acontece? Catulo César preferiria que eu estivesse morto, com medo

# 53

de que eu abra a boca e fale de motins, e Escauro castiga-me por uma coisa que eu nunca fiz. Viam-

se-lhe os dentes enquanto falava. Esses dois vão ter que sofrer! Porque se algum dia eu concluir que

eles me afastaram para sempre da cadeira de marfim, podes ter a certeza de que farei com que

desejem nunca ter nascido!

E eu acredito nele!, pensou Rutílio Rufo, dando-se conta de uma frialdade nos ossos. Oh, não há

dúvida, este homem é perigoso! Será melhor que se ausente.

- Então vai para a Hispânia com Dídio - disse Rutílio Rufo. Tens razão, é a melhor maneira de

chegares a pretor. Começar de novo, uma nova reputação. Mas é pena não seres eleito edil curul. És

um homem com imenso talento para o espectáculo. Organizarias jogos magníficos! E mais tarde,

poderias obter uma vitória esmagadora nas eleições para pretor.

- Não tenho dinheiro que chegue para ser edil curul.

- Caio Mário dar-to-ia.

- Não lho pedirei. Tudo o que tenho, fui eu que o obtive. Pelo menos posso gabar-me disso.

Ninguém mo *deu* - fui eu que o *consegui.*

Ao ouvir tal resposta, Rutílio Rufo lembrou-se do boato que Escauro espalhara acerca de Sila

durante a campanha para as eleições pretorianas; segundo esse boato, Sila matara a amante para

obter o dinheiro necessário à sua promoção a cavaleiro, e matara mais tarde a madrasta para obter

um censo senatorial. Rutílio Rufo rejeitara tal boato, tal como rejeitava todos os disparates que

habitualmente circulavam a propósito de Sila: relações íntimas com mãe e irmãs e filhas e

rapazinhos, isto para não falar das histórias de refeições de excrementos. Mas às vezes Sila dizia

cada uma! E uma pessoa ficava a pensar, lá isso ficava...

Houve um ligeiro tumulto no tribunal; Marco António Orador estava a chegar ao fim.

- Este homem que aqui têm à vossa frente não é um homem vulgar! - exclamou.

- ´-É um dos melhores entre os melhores Romanos, um soldado - um soldado valente! -, um

patriota, um homem que crê na grandeza de Roma! Porque haveria um homem tão notável de

entreter-se a surripiar baixelas de peltre aos camponeses, a roubar sopa de azedas aos criados e pão

de má qualidade a padeiros? Respondei, senhores do júri! Ouvistes falar porventura de peculatos

escandalosos, de assassínios, de violações, de dilapidação? Não! O que todos ouvimos foram as

duvidosas histórias de uma série de homenzinhos mesquinhos,



chorando a perda de dez moedas de bronze, ou de um livro, ou de uma pescaria!

Respirou fundo. Ao fazê-lo, pareceu ainda maior do que era: tinha o belíssimo físico de todos os

Antonianos, o cabelo castanho-avermeIhado, encaracolado, a expressão tranquilizadora de alguém

que nunca poderia ser um intelectual. Não havia membro do júri que não se sentisse fascinado por

ele.

- Tem-nos na mão - disse Rutílio Rufo placidamente.

- Interessa-me mais saber o que Marco António pretende fazer com eles - disse Sila, com um ar

atento.

Ouviram-se então gritos sufocados, exclamações de espanto. António Orador correu para Mânio

Aquílio e., parecia agredi-lo! Mas não, não se tratava de uma agressão. Num ápice, Marco António

tirou-lhe a toga, depois pegou na túnica com as duas mãos e rasgou-a com a mesma facilidade com

que se rasga um trapo alinhavado à pressa, e deixou Mânio Aquílio unicamente vestido com uma

tanga.

- Reparem bem! - exclamou António, numa voz tonitruante. - Será porventura esta a pele branca e

diáfana de uma *saltatrix tonsal* Vedes porventura neste corpo a flacidez, a pança, de um glutão que não sai de casa? Não! O que estais a ver são *cicatrizes.* Cicatrizes de guerra, dúzias delas. Este é o corpo de um *soldado,* um soldado corajoso e valente, um Romano dos melhores, um chefe em que

Caio Mário confiou tanto que lhe deu a tarefa de ir por detrás das linhas inimigas e de as atacar pela retaguarda! Este é o corpo de um homem que não fugiu aos gritos do campo de batalha quando uma

espada lhe acertou, quando uma lança lhe esfacelou a coxa ou uma pedra o derrubou! Este é o corpo

de um homem que tratou feridas graves como se fossem meros arranhões e que assim se manteve

no campo de batalha, despedaçando o inimigo! - As mãos do advogado esvoaçaram no ar e, logo de

seguida, caíram molemente junto ao corpo. - Mas basta. Já chega. Dai-me o vosso veredicto - disse

ele, sem mais.

E o júri deu o veredicto. *ABSOLVO.*

- Mas que grande história! - disse Rutílio Rufo, torcendo o nariz a tudo o que acabava de ver. -

Como é que os jurados foram naquela conversa, naquele espectáculo? A túnica dele desfaz-se como

papel, e ei-lo que fica de *tanga* em pleno tribunal! Por amor de Júpiter! Que me dizes disto?

- Que Aquílio e António tinham tudo muito bem preparado retorquiu Mário, com um sorriso largo.



- Quanto a mim, parece-me que Aquílio não correria grande risco se ficasse *sem* a tanga - comentou Sila.

Após a risada que se seguiu, Rutílio Rufo disse a Mário:

- Lúcio Cornélio diz que vai para a Hispânia Citerior com Tito Dídio. O que é que tu achas?

- Acho que é o melhor para Lúcio Cornélio - retorquiu calmamente Mário. - Quinto Sertório vai disputar o cargo de tribuno dos soldados, por isso quer-me parecer que também ele irá para a Hispânia.

- Não pareces muito surpreendido - disse Sila.

- E não estou. Seja como for, as notícias acerca da Hispânia serão conhecidas de todos amanhã. Há uma reunião do Senado convocada para o templo de Belona. E daremos a Tito Dídio a guerra contra os Celtiberos

- disse Mário. - Tito Dídio é um bom homem. Um soldado impecável e um general com algum talento, penso eu. Especialmente quando combate contra Gauleses. Sim, Lúcio Cornélio, será melhor para ti,

do ponto de vista eleitoral, ires para a Hispânia como lugar-tenente do que andares a percorrer a Anatólia com um *privatus.*

O *privatus* partiu na semana seguinte para Tarento, onde o esperava o barco para Patras. De início, sentiu-se um tanto confuso e desorientado, pois levava consigo a mulher e o filho: era a primeira vez que viajava com tal companhia. O soldado berrava ordens para os civis e viajava tão leve e depressa quanto podia. Mas as esposas, como Caio Mário veio a descobrir, tinham ideias completamente diferentes. Júlia resolvera trazer metade da casa consigo, incluindo um cozinheiro especializado em comida para crianças, mais o pedagogo do jovem Mário, e uma rapariga que fazia milagres com o cabelo dela. Nas bagagens seguiam todos os

brinquedos do jovem Mário, mais os seus livros escolares e a biblioteca privada do pedagogo, bem como roupas para todas as circunstâncias e artigos que Júlia temia não encontrar fora de Roma.

- Nós três levamos mais bagagem e criados do que o rei dos Partos quando se muda de Seleucia do Tigre para Ecbátana, para passar o Verão - resmungou Mário ao fim de três dias de viagem pela Via Latina. E com

razão: encontravam-se ainda em Anágnia.

Mário suportou tal situação durante mais três semanas, altura em que chegaram a Venúsia, na Via Ápia, atrasados por causa do calor e incapazes de encontrarem uma estalagem suficientemente grande para albergar todos os criados e bagagens.



- Isto não pode continuar assim! - berrou Mário, depois de as bagagens e os criados menos

necessários terem sido mandados para outra estalagem, e num momento em que ele e Mia estavam

tão sós quanto o permitia uma estalagem de posta da Via Ápia. - Júlia, ou simplificas as coisas, ou

tu e o jovem Mário voltam para Cumas, e passam lá o Verão. Não vamos passar meses sem conta

em regiões incivilizadas e por isso não precisamos de metade desta barafunda! E não precisamos de

tanta gente! Um cozinheiro para o jovem Mário! Francamente!

Júlia estava cheia de calor, exausta e prestes a chorar; aquelas férias maravilhosas eram afinal um

pesadelo de que nunca mais conseguia acordar. Ao ouvir o ultimato, a primeira coisa em que

pensou foi em aproveitar a oportunidade e regressar a Cumas; porém, no momento seguinte,

lembrou-se de que iria estar muito tempo sem ver Mário, e este sem ver o filho. E ocorreu-lhe que,

naquelas terras incertas e estranhas, talvez ele pudesse sofrer outra trombose.

- Caio Mário, as únicas viagens que fiz foram a Cumas e Arpino, onde temos as nossas *villas.* E

quando eu e o jovem Mário vamos para Cumas ou Arpino, é assim que vamos: com estes criados e

estas bagagens. Compreendo o teu ponto de vista. E gostaria muito de te ser agradável. Levou a

mão à cara e, furtivamente, limpou uma lágrima.

- O problema é que não sei como. Não faço a mínima ideia do que hei-de fazer.

Nunca na sua vida Mário pensara ouvir Júlia admitir que algo a ultrapassava! Compreendendo quão

dura era para ela uma tal confissão, puxou-a para si, abraçou-a, e deu-lhe um beijo na cabeça.

- Não tem importância, eu trato de tudo - disse ele. - Mas sendo assim, há uma coisa em que tenho

de insistir.

- Tudo o que queiras, Caio Mário, tudo o que queiras!

- Sempre que eu dispense uma coisa ou uma pessoa que aches necessária, não ouvirei da tua boca

um único comentário! Nem uma palavra. Entendido?

Suspirando de prazer e abraçando-o com toda a sua força, Júlia fechou os olhos.

- Entendido - disse.

Depois desta cena, a viagem prosseguiu célere e nas melhores condições; para sua grande surpresa,

Júlia viajava agora mais confortavelmente. Sempre que possível, a meio de uma viagem, a nobreza

romana descansava em *villas* privadas que, quando não



pertenciam a amigos, abriam as suas portas graças a uma carta de apresentação; era uma forma de

hospitalidade que mais tarde ou mais cedo seria retribuída e que, portanto, não era sentida como

uma imposição. Porém, passada Benevento, tiveram de recorrer quase sempre a estalagens,

nenhuma das quais, concluía agora Júlia, poderia ter albergado toda a gente e todas as bagagens que

inicialmente traziam.

Impiedoso, o calor não abrandava, já que a ponta sul da península era uma região seca e despida de

sombras ao longo das estradas principais; porém, a velocidade a que agora viajavam quebrava pelo

menos a monotonia, além do que permitia mais paragens sempre que houvesse água - um rio onde

podiam nadar, ou uma cidade de casas de lama e telhados planos que, com um aguçado sentido do

comércio, oferecia banhos aos viandantes.

Por isso foi com grande alegria que chegaram às férteis planícies costeiras, colonizadas pelos

Gregos, que anunciavam Tarento. E foi com júbilo que entraram nesta cidade, que continuava a ser

mais grega que romana, menos importante agora do que nos tempos em que fora o término da Via

Ápia. A maior parte do tráfego seguia agora para Brundísio, o principal ponto de partida entre a

Itália e a Macedónia. Com as suas casas caiadas de branco e o seu ar austero, fazendo um contraste

impressionante com o azul do céu e do mar, o verde dos campos e das florestas, e os tons

ferruginosos e cinzentos das montanhas, Tarento confessou-se encantada por poder receber o

grande Caio Mário. A família ficou na casa fresca e confortável do chefe etnarca; etnarca, embora

fosse cidadão romano e afirmasse que se sentia mais à vontade se lhe chamassem duúnviro.

Tal como acontecera em muitos outros locais ao longo da Via Ápia, Mário e os homens mais

importantes da cidade reuniram-se para falar de Roma, e de Itália, e das tensões que se verificavam

entre Roma e os seus Aliados Italianos. Tarento era uma colónia latina e os seus primeiros

magistrados - os dois duúnviros - tinham direito a assumir integralmente a cidadania romana para si

mesmos e para a sua posteridade. As suas raízes, porém, eram gregas, tão ou mais velhas que

Roma; Tarento fora um posto avançado de Esparta e, tanto na cultura como nos hábitos,

mantinham-se as velhas influências espartanas.

Descobriu Mário que havia na cidade um grande ressentimento em relação a Brundísio e que este

ressentimento conduzira a uma



atitude de grande simpatia pelos cidadãos aliados italianos no seio dos estratos mais baixos da

cidade.

- Demasiados soldados aliados italianos morreram ao serviço de exércitos romanos comandados por

imbecis - comentou com veemência o etnarca. - E agora, as suas terras estão por lavrar e os filhos

não têm pai. E já não há dinheiro na Lucânia, no Sâmnio, na Apúlia! Os Aliados Italianos são

obrigados a equipar as suas legiões de auxiliares, e depois ainda têm de pagar para as manter no

campo de batalha defendendo Roma! E para quê, Caio Mário? Para que Roma possa manter uma

estrada entre a Gália Italiana e a Hispânia? Para que serve essa estrada para um habitante da Apúlia

ou da Lucânia? Alguma vez a usará? Para que Roma possa trazer o trigo de África e da Sicília para

alimentar as bocas romanas? Em tempo de fome, qual é a parte de trigo que cabe a uma boca

samnita? Há muitos anos que os Romanos de Itália deixaram de pagar impostos directos a Roma.

Mas nós, gente da Apúlia e da Calábria, da Lucânia e de Brútio, continuamos a pagá-los! Suponho

que devíamos agradecer a Roma a construção da Via Ápia

- ou pelo menos Brundísio devia. Mas quantos superintendentes da Via Ápia nomeou Roma capazes

de a manterem num estado minimamente decente? Há uma secção - deves ter passado por ela onde

uma inundação destruiu o próprio leito da estrada *já lá vão vinte anos.* E essa secção foi reparada?

Não! E será reparada? Não! E no entanto Roma obriga-nos ao pagamento do dízimo e de outros

impostos, e leva-nos os nossos jovens para lutarem nas guerras que trava no estrangeiro, e os nossos

jovens morrem, e, mal nos precavemos, bate-nos à porta um proprietário romano que nos leva as

nossas terras. Traz escravos para cuidarem dos seus imensos rebanhos, obriga-os a um trabalho

incessante, mete-os em barracões para dormirem, e compra um novo escravo sempre que algum

morre. Connosco nada gasta, nada investe. Não vemos um único sestércio do dinheiro que ele vai

acumulando; e não emprega nenhum dos nossos homens. Não contribui em nada para a nossa

prosperidade, bem pelo contrário. Chegou a hora, Caio Mário, chegou a hora de Roma se mostrar

mais generosa connosco. Ou então que nos restitua a liberdade!

Mário escutara impassível este longo e emotivo discurso, uma versão mais cuidada das muitas

conversas que ouvira ao longo da Via Ápia.

- Farei o que puder, Marco Pórcio Cleónimo - disse ele, com um ar grave. - De facto, já há alguns

anos que venho tentando fazer



alguma coisa. Tive pouco êxito, e isso deve-se, basicamente, ao facto de muitos membros do

Senado, precisamente aqueles que em Roma ocupam posições mais elevadas, não viajarem como

eu, nem falarem com os habitantes das várias regiões, nem - que Apolo os ajude! usarem os olhos

para ver. Sabes com certeza que protestei inúmeras vezes contra o imperdoável desperdício de vidas

nos nossos exércitos romanos. E creio que os tempos em que os nossos exércitos eram chefiados

por imbecis já passaram há muito. *Eu* levei o Senado de Roma a entender o problema, já que mais ninguém o faria. Desde que Caio Mário, o Homem Novo, mostrou a todos esses nobres amadores

romanos o que era o generalato, o Senado passou a entregar mais frequentemente a chefia dos

exércitos romanos a Homens Novos com provas dadas a nível militar.

- Tudo isto está muito certo, Caio Mário - retorquiu afavelmente Cleónimo. - Mas nada poderá fazer

reviver os mortos, nem trazer de volta os filhos para as nossas terras empobrecidas.

- Eu sei.

E quando o seu navio se fez ao mar, desfraldando as suas enormes velas quadradas, Caio Mário

encostou-se à amurada e viu Tarento e a sua enseada transformarem-se lentamente numa mancha

azul até desaparecer por completo. E de novo reflectiu sobre a difícil situação dos Aliados Italianos.

Devia-se o seu interesse ao facto de muitas vezes lhe terem chamado Italiano - logo, não-Romano?

Ou seria porque realmente havia em si um entranhado sentido de justiça, apesar de todos os seus

erros e fraquezas? Ou seria muito simplesmente por não conseguir suportar a ineficácia dos

irresponsáveis que estavam por detrás de tudo aquilo? De uma coisa estava inteiramente convicto:

um dia viria em que os Aliados Italianos de Roma pediriam contas. Pediriam a integral cidadania

romana para todos os homens de toda a península italiana, e talvez mesmo para as gentes da Gália

Italiana.

Um riso claro interrompeu-lhe as reflexões; soergueu-se, virou-se, e viu o filho mostrando que era

um bom marinheiro, pois o navio avançava agora ao sabor de uma brisa forte, e um mau marinheiro

já teria por certo vomitado. Também Júlia tinha uma expressão alegre e confiante.

- A maior parte da minha família sempre se deu bem com o mar

- disse ela quando Mário se aproximou. - O meu irmão Sexto é o único que se dá mal,

provavelmente por causa da asma.

60

O navio para Pairas cumpria aquela rota permanentemente, e fazia tanto dinheiro com os

passageiros como com a carga; por isso era bastante mau o camarote de que Mário dispunha no

convés. Contudo, era indubitável que Júlia, ao desembarcar em Patras, estava contente. Como

Mário tencionava atravessar o golfo de Corinto, Júlia recusou-se a sair de Patras até ter a certeza de que fariam uma peregrinação a Olímpia.

- É muito estranho - disse ela, montada num burro - que o maior santuário de Zeus fique escondido

num local remoto do Peloponeso. Não sei porquê, mas sempre imaginei que Olímpia ficava no sopé

do monte Olimpo.

- É típico dos Gregos esconderem os santuários, que se há-de fazer? - retorquiu Mário, que estava

ansioso por chegar à Província da Ásia, mas não tivera coragem de recusar a Júlia aquele prazer tão

desejado. Viajar com uma mulher não era propriamente divertido, concluíra já Caio Mário.

Contudo, ao chegar a Corinto, Mário ficou mais alegre. Cinquenta anos antes, quando Múmio

saqueara a cidade, todos os seus tesouros haviam sido levados para Roma. A cidade não mais

recuperara desse assalto. Concentrada em torno do sopé de um enorme monte rochoso chamado

Acrocorinto, muitas das suas casas encontravam-se abandonadas e em ruínas, de portas abertas,

batendo lugubremente ao sabor do vento.

- Esta era uma das cidades onde eu pretendia instalar os meus veteranos - disse Mário, num tom

algo severo, enquanto avançavam pelas ruas arruinadas de Corinto. - Repara bem nesta cidade e

diz-me se ela não está mesmo a precisar de novos cidadãos! Imensa terra pronta a ser cultivada, um

porto no mar Egeu e outro no mar Jónio, três requisitos que bastavam para fazer dela um empório

florescente. E o que é que eles me fizeram? Rejeitaram a minha lei agrária.

- Porque Saturnino a tinha aprovado - disse o jovem Mário.

- Precisamente. E porque aqueles loucos do Senado não conseguem entender que é da máxima

importância dar um bocado de terra aos soldados da ralé, a partir do momento em que passam à

reserva. Eu abri os nossos exércitos ao povo miúdo, dei sangue novo a Roma, o sangue novo de

uma classe de cidadãos que nunca fizera nada de útil antes. E esses soldados, vindos das classes

trabalhadoras e sem propriedades, mostraram o seu valor: na Numídia, em Aquae Sextiae, em

Vercelas. Lutaram tão bem ou melhor do que o antigo soldado,



por muito valoroso que este fosse. Mas não podem deixar o exército e voltar para os bairros miseráveis de Roma! Têm de lhes dar terra, eles precisam de terra para cultivar. Eu sabia que a Primeira Classe e a Segunda Classe nunca aprovariam que lhes fossem dadas terras públicas romanas dentro da Itália; por isso apresentei leis que previam a sua instalação em terras como esta, em terras que têm fome de novos cidadãos. Esses soldados levariam Roma para as províncias, e conseguiriam para Roma amigos eternos. Infelizmente, os

chefes do Senado e os chefes dos cavaleiros consideram Roma algo de exclusivo. Eles acham que os hábitos e o modo de vida de Roma não devem ser disseminados pelo mundo.

- Quinto Cecílio Metelo Numídico - disse o jovem Mário, com uma expressão de ódio; o filho de Mário

crescera numa casa em que esse nome nunca fora pronunciado com amor ou afecto: e quando o pronunciavam nunca esqueciam a alcunha, Bacorinho. O jovem Mário, contudo, achava melhor não referir a alcunha em

frente da mãe, que teria ficado horrorizada se o ouvisse dizer tal palavra. De facto, Bacorinho significava, na gíria infantil, os órgãos genitais das meninas.

- Quem mais?

- Marco Emílio Escauro Princeps Senatus, e Cneu Domício Aenobarbo Pontifex Maximus, e Quinto Lutácio

Catulo César, e Públio Cornélio Cipião Nasica...

- Já chega. Juntaram todos os seus clientes e organizaram uma facção demasiado poderosa mesmo para mim.

E o ano passado revogaram a maior parte das leis de Saturnino.

- A lei dos cereais e os decretos sobre a terra - disse o jovem Mário, que se estava a dar muito bem com o pai agora que se encontravam longe de Roma, e que, além disso, gostava de ficar bem visto.

- Excepto o primeiro decreto agrário, aquele que instalou os meus soldados da ralé nas ilhas africanas - disse Mário.

- Marido, isso faz-me lembrar uma coisa que te queria dizer interrompeu Júlia.

Mário lançou um expressivo olhar na direcção do filho, mas Júlia prosseguiu serenamente.

- Quanto tempo tencionas manter Caio Júlio César naquela ilha? Ele não pode voltar para casa? - perguntou Júlia. - Para bem de Aurélia e das crianças, Caio Júlio César devia voltar para casa.

- Preciso dele em Cercina - retorquiu secamente Mário. - Ele não é um chefe de homens, mas nunca

nenhum comissário trabalhou mais ou melhor do que ele em qualquer projecto agrário. Enquanto

Caio Júlio César estiver em Cercina, o trabalho far-se-á, as queixas serão mínimas e os resultados

esplêndidos.

- Mas ele já lá está há tanto tempo! - protestou Júlia. - Há três anos!

- E pode ser que esteja mais três anos. - Mário não ia desistir. Sabes perfeitamente que as comissões agrárias são coisas demoradas. Há sempre muito que fazer: vigiar, conferenciar, indemnizar,

resolver confusões infindáveis, vencer a resistência local. Caio Júlio faz o seu trabalho com uma

eficácia notável. Não, Júlia! Nem mais uma palavra! Caio Júlio só voltará de Cercina quando o seu

trabalho estiver concluído.

- Nesse caso, não posso deixar de lamentar a sorte da mulher e dos filhos de Caio Júlio.

Mas a compaixão de Júlia era escusada; Aurélia sentia-se perfeitamente bem com a sua sorte, e o

marido pouca falta lhe fazia. Não que Aurélia não amasse o marido ou negligenciasse os deveres de

esposa; a questão é que, enquanto Caio Júlio estivesse em Cercina, ela poderia fazer o seu trabalho

sem temer a reprovação e as críticas do marido, ou mesmo (quisessem os deuses que tal nunca

acontecesse!) a proibição de trabalhar.

Quando se casaram e foram viver para o maior dos dois apartamentos térreos dentro da ínsula que

constituía o seu dote, Aurélia descobriu que o marido esperava que ela levasse o tipo de vida que

seria normal caso vivessem numa *domus* privada do Palatino. Uma vida aprazível, uma vida de

elite, uma vida sem sentido. O tipo de vida que tão veementemente criticara na sua conversa com

Lúcio Cornélio Sila. Uma vida tão enfadonha e tão privada de desafios acabaria fatalmente por

conduzir a aventuras amorosas. Consternada e frustrada, Aurélia soube que César não aprovava que

ela se relacionasse com os inquilinos dos nove andares de apartamentos: César preferia que ela

recorresse a cobradores de rendas, e esperava que ela limitasse a sua vida às paredes do exíguo

espaço da casa.

Mas Caio Júlio César era um nobre de uma antiga casa aristocrática e tinha os seus próprios deveres

a cumprir. Preso a Caio Mário pelo casamento e pela falta de dinheiro, César iniciara a sua carreira

pública

ao serviço de Caio Mário, primeiro como tribuno dos soldados, depois como tribuno militar, e,

finalmente, depois de uma questura e da entrada para o Senado, como o comissário agrário

encarregado de instalar a soldadesca veterana de Caio Mário na ilha de Cercina, situada na Sirte

Menor. Todas estas obrigações tinham-no levado para longe de Roma, a primeira vez pouco depois

do casamento. Fora um casamento por amor, premiado com o nascimento de três filhos, duas

meninas e um rapaz; César não vira nascer nenhum deles, nem acompanhara a sua infância. De uma

rápida visita a casa resultava uma gravidez de Aurélia, e depois César ausentava-se durante meses,

ou mesmo anos.

Quando Caio Mário casou com Júlia, irmã de César, a casa de Júlio César estava completamente

falida. Uma adopção providencial do primogénito permitira que o outro ramo da casa ficasse com

os fundos suficientes para que os restantes dois filhos chegassem ao consulado; o filho adoptado

chamava-se agora Quinto Lutácio Catulo César. Mas o pai de César (avô César, como era agora

conhecido, muito tempo depois da sua morte) tinha dois filhos e duas filhas, e o seu dinheiro

chegava apenas para um dos filhos. Até que teve a brilhante ideia de convidar Caio Mário,

extremamente rico mas de muito baixa extracção, a escolher uma das suas filhas. Foi o dinheiro de

Caio Mário que recheou os dotes das jovens e que deu a César os seus seiscentos *iugera* de terra perto de Bovilas, o que era mais do que o necessário para ter acesso ao censo senatorial. Fora o

dinheiro de Caio Mário que varrera todos os obstáculos do caminho do ramo mais novo - o ramo do

avô César - da casa de Júlio César.

O próprio César tinha, com algum esforço, usado de toda a sua cortesia e gentileza para se mostrar

sinceramente grato, apesar de o seu irmão mais velho, Sexto, ter adoptado a atitude contrária,

afastando-se lentamente do resto da família após o casamento. César sabia perfeitamente que, sem o

dinheiro de Mário, não estaria sequer em condições de ser eleito para o Senado; por outro lado, sem

esse dinheiro, escusaria de fazer projectos para os filhos. Como é evidente, foi também o dinheiro

de Caio Mário que lhe permitiu casar-se com a bela Aurélia, filha de uma casa nobre e próspera e,

além disso, uma mulher desejada por muitos.

Se tivessem insistido junto de Mário, César e Aurélia teriam facilmente conseguido uma residência

privada no Palatino ou nas Carinas; além disso, o tio e padrasto de Aurélia, Marco Aurélio Cota,

pedira-lhe que



gastasse parte do seu dilatado dote na compra dessa residência privada. Mas o jovem casal decidira

seguir o conselho do avô César, e renunciar ao luxo que era viver em completo isolamento. O dote

de Aurélia fora investido numa ínsula, um edifício de apartamentos no qual o jovem casal poderia

viver até que a carreira de César lhe permitisse comprar uma *domus* numa zona mais agradável da cidade. E não seria difícil encontrar uma zona mais agradável, pois a ínsula de Aurélia ficava no

coração de Subura, o bairro mais populoso e mais nobre de Roma, encravado no declive entre o

monte Esquilino e o monte Viminal uma massa fervilhante de gente de todas as raças e credos, onde

não faltavam romanos da Quarta e da Quinta Classes e a mais baixa ralé.

No entanto, fora nessa ínsula da Subura que Aurélia encontrara a sua profissão. Com o marido

longe e um filho ainda pequeno, Aurélia entregou-se de alma e coração aos trabalhos de senhoria.

Despediu todos os empregados ligados ao negócio, passou ela a tratar dos livros de contabilidade e,

em breve, os inquilinos era não só clientes como também amigos. Com competência, bom senso e

coragem, enfrentava tudo, incluindo crimes e actos de vandalismo; conseguiu mesmo domar a

congregação das encruzilhadas que se encontrava alojada numa das casas da ínsula. Este clube,

formado por homens do bairro, e dispondo do consentimento oficial do pretor urbano, deveria, em

princípio, zelar pelas práticas religiosas e pelas instalações das grandes encruzilhadas situadas nas redondezas da ínsula triangular de Aurélia: a fonte, a estrada e os passeios, o santuário aos Lares

das Encruzilhadas. O zelador da congregação e chefe dos seus membros era Lúcio Decúmio, um

romano dos melhores, ainda que o seu estatuto o limitasse à Quarta Classe. Quando Aurélia tomou

nas suas mãos a direcção da ínsula, descobriu que Lúcio Decúmio e os seus subordinados

extorquiam dinheiro a comerciantes e usurários sob pretexto de protecção. Mas Aurélia acabou com

isso; e assim acabou também por ganhar a amizade de Lúcio Decúmio.

Como após os partos lhe faltava o leite, teve de recorrer às mulheres da ínsula; abriu assim aos

filhos, patrícios aristocratas, as portas de um mundo que, em circunstâncias normais, teriam pura e

simplesmente ignorado. Desse convívio resultou que, muito antes de entrarem para a escola, já os

seus três filhos conheciam umas quantas variantes de grego, hebreu, sírio e gálico, e três qualidades de latim - o dos antepassados, o das classes baixas, e o calão típico do bairro de Subura.

66

Tinham também visto com os seus próprios olhos como o povo pobre de Roma vivia e comia todo o tipo de refeições a que os forasteiros chamavam boa comida; e davam-se perfeitamente com os pouco recomendáveis membros do clube e congregação oficialmente aprovada de Lúcio Decúmio.

Aurélia estava convencida de que nada disso lhes poderia fazer mal. Não era, porém, uma iconoclasta ou uma reformadora: de facto, continuava a defender firmemente os princípios a que a sua origem a vinculava.

Contudo, paralelamente a esses princípios, havia nela um amor genuíno pelo trabalho eficiente e um constante interesse e curiosidade por tudo o que era humano. Enquanto que, na sua juventude protegida, escolhera como modelo Cornélia, a mãe dos Gracos, considerando essa heróica e infeliz mulher a mais excelente Romana que alguma vez vivera, agora, atingida a maturidade, agarrava-se a algo de mais tangível e valioso - a sua mina de bom senso. Por isso não via nada de errado nas conversas poliglotas dos seus três patrícios de pura cepa aristocrática; e considerava que, para eles, era um treino excelente o habituarem-se a enfrentar o facto de toda aquela gente da ínsula não poder sequer ter a veleidade de conhecer as distinções que o nascimento concedera aos três.

O que Aurélia temia era o regresso de Caio Júlio César, o marido e pai que, na realidade, nunca fora nem uma coisa nem outra. A convivência tê-lo-ia adestrado no desempenho desses dois papéis; mas Caio Júlio César nunca se sentira muito à vontade em casa: a casa, para ele, não era ainda um espaço de intimidade. Como qualquer romana da sua classe, Aurélia pouco se preocupava com as mulheres a que, por certo, César recorria de quando em quando para satisfazer as suas mais básicas necessidades, embora o meio em que vivia lhe tivesse ensinado que mulheres de outras posições sociais chegavam a ter acessos histéricos e mesmo a matar por amor ou ciúme. O que, para Aurélia, era muito estranho. Estranho, mas um facto. Limitava-se a agradecer aos deuses o facto de ter sido educada no sentido de conhecer e disciplinar convenientemente as suas

emoções; não lhe ocorria sequer que, na sua própria classe, havia muitas mulheres que sofriam também

terríveis tormentos causados pelo ciúme ou pela frustração.

Haveria problemas quando César voltasse de vez. Quanto a isso, Aurélia não tinha a mínima dúvida. Mas não pensava muito no assunto:



logo se veria. Entretanto, vivia a sua vida sem quaisquer peias, e não se preocupava com o facto de os seus três patrícios impecavelmente aristocratas viverem naquele meio e conhecerem diversos idiomas e gírias. No fim de contas, não acontecia o mesmo no Palatino e nas Carinas, onde as crianças eram entregues aos

cuidados de amas vindas dos quatro cantos do mundo? Só que, aí, os resultados eram ignorados, ocultados; até mesmo as crianças se tornavam conspiradores perfeitos nessa arte, ocultando tudo o que sentiam pelas raparigas ou mulheres que conheciam muito melhor que as próprias mães.

No entanto, Caio Júlio, o seu filho, era um caso especial, um caso muito difícil; até mesmo Aurélia, a diligente Aurélia, sentia pairar sobre ela uma ameaça desconhecida sempre que parava para reflectir acerca do seu único filho varão, acerca das suas qualidades e do seu futuro. No jantar oferecido por Júlia, confidenciara a Élia e a Júlia que o filho a punha louca; e ainda bem que falara dessa sua fraqueza, pois Élia sugerira que contratasse um pedagogo para o jovem César.

Aurélia sempre ouvira falar de crianças extraordinariamente inteligentes, mas já há muito que concluíra que essas crianças vinham de classes mais pobres e humildes e não da classe que controlava o Senado; os pais dessas crianças iam ter com Marco Aurélio Cota, tio e padrasto de Aurélia, pedindo-lhe que proporcionasse aos seus filhos, dotados de uma inteligência invulgar, um melhor princípio de vida em troca, ofereciam-se, e aos filhos, como clientes ao serviço de Cota por toda a vida. Cota gostava de lhes conceder o favor pedido; imaginava, com a felicidade estampada no rosto, que quando esse menino inteligente crescesse, ele e os seus filhos poderiam aproveitar a oportunidade de servir alguém superiormente dotado. Contudo, Cota era também um homem prático e sensato. Não admira que, certo dia, Aurélia o tenha ouvido dizer para a mulher, Rutília:

- Infelizmente, essas crianças nem sempre correspondem às expectativas. Por vezes, a sua chama precoce arde demasiado, e ficam uns homens sombrios, frios, inertes; outras vezes, tornam-se demasiado presunçosos e autoconfiantes, e a derrocada é total. Mas há uns quantos que se revelam de grande utilidade. E quando são úteis, são de facto grandes tesouros. É por isso que eu concordo sempre em ajudar os pais.

Aurélia não sabia o que Cota e Rutília (sua mãe) pensavam do seu sobredotado neto, já que fizera sempre o possível por ocultar os méritos precoces do filho. Na realidade, fazia o possível por esconder o jovem 68

César de toda a gente. Por um lado, a inteligência do seu filho entusiasmava-a, inspirava-lhe todo o

tipo de sonhos acerca do futuro. Mas também a deprimia profundamente. Se conhecesse as suas

fraquezas, os seus defeitos, poderia lutar contra eles mais facilmente; mas quem

- mesmo uma mãe - poderia conhecer as fraquezas e os defeitos de uma criança que não tinha ainda

dois anos? Antes de satisfazer a curiosidade do mundo a respeito do filho, Aurélia queria sentir-se

mais segura e tranquila em relação a ele, queria saber mais acerca daquela criança que dera à luz. E

no seu íntimo havia sempre o terror de que ele não tivesse nem a força nem o desprendimento

necessários para lidar com o que a natureza lhe dera de invulgar.

Era um menino sensível, isso já ela sabia; era fácil magoá-lo. Mas num instante vencia a tristeza,

possuído por uma estranha e incompreensível alegria que mobilizava todo o seu ser, uma alegria

que Aurélia nunca experimentara em toda a sua vida. O seu entusiasmo não tinha limites; os seus

processos mentais ansiavam tanto por informação que ele tragava o conhecimento como um peixe

enorme devora o conteúdo do mar à volta. O que mais a preocupava era a confiança que o filho

tinha nos outros, a ansiedade em fazer amigos, a impaciência com que reagia sempre que ela lhe

dizia para parar e pensar, sempre que o fazia ver que o mundo não existia para servir os objectivos

dele, sempre que lhe chamava a atenção para o facto de no mundo haver muita gente destrutiva.

E no entanto... quão ridículas eram tais angústias em relação a um bebé! Sim, o facto de os seus

processos mentais serem muito desenvolvidos não implicava que o mesmo se passasse a nível da

experiência. Por ora, o jovem César era apenas uma esponja que absorvia desde logo tudo o que

fosse suficientemente fluido; quanto às matérias que não eram suficientemente fluidas, a esponja

tratava de lhes dar a consistência necessária à sua absorção. *Havia* nele fraquezas e defeitos, mas a mãe não sabia se eram permanentes, ou se correspondiam a fases passageiras de um vasto processo

de conhecimento. Por exemplo, ele era uma criança encantadora, e sabia que o era, e servia-se

disso, e acabava por levar as pessoas a fazerem o que ele queria. Era o que sucedia com a tia Júlia,

que facilmente se deixava enredar nas armadilhas do sobrinho.

Aurélia não queria que o seu filho se habituasse a recorrer a técnicas tão turvas como o encanto e a

sedução. Ela era uma mulher

destituída de encantos e desprezava aqueles que os tinham e cultivavam, pois sabia que essas

pessoas conseguiam facilmente o que queriam e, por isso, pouco valor davam ao que obtinham. Só

as pessoas sem importância cultivavam a sedução. Um chefe de homens não o fazia. O jovem César

teria de abandonar aquela tendência para se servir dos seus encantos: de que lhe serviriam eles no

convívio com os homens e os assuntos que exigiam seriedade e todas as grandes virtudes romanas?

Além do mais, era muito bonito - outra qualidade indesejável. Mas seria possível apagar a beleza de

um rosto que era fruto de dois rostos igualmente belos?

Em consequência de todas estas preocupações a que só o tempo poderia dar uma resposta, Aurélia

tratava o filho com alguma dureza: recusava-lhe a complacência com que encarava as diabruras das

filhas, criticava-o e repreendia-o por tudo e por nada, e, em vez de bálsamo, era sal o que punha nas suas feridas. Como toda a gente tendia a fazer dele um reizinho, e as irmãs e os primos o

estragavam com mimos, Aurélia sentia que *alguém* tinha de desempenhar o papel de madrasta. Se não houvesse outra hipótese, seria ela, a mãe. Cornélia, a mãe dos Gracos, não teria hesitado.

Encontrar um pedagogo para uma criança cuja educação, segundo as normas sociais, deveria estar a

cargo das mulheres ainda durante uns anos, não era tarefa capaz de intimidar Aurélia. Pelo

contrário: era mesmo de coisas assim que ela gostava. Élia, mulher de Sila, aconselhara-a

vivamente a não comprar um escravo pedagogo, o que tornava a tarefa de Aurélia um pouco mais

difícil. Como pouco ligava às opiniões de Cláudia, mulher de Sexto, não pensou sequer em

consultá-la. Se Júlia tivesse recorrido a um pedagogo, seria a Júlia que teria pedido conselho;

porém, o jovem Mário, que era filho único, tinha ido para a escola, a fim de assim poder conviver

com rapazes da sua idade. Essa era, de início, a intenção de Aurélia: mal tivesse idade, o filho iria para a escola. Compreendia agora que essa era uma hipótese a excluir. Na escola, o filho correria o

risco de ser rejeitado ou idolatrado, e nenhuma dessas situações lhe convinha.

Decidiu-se, por isso, a consultar a mãe, Rutília, e o único irmão da mãe, Públio Rutílio Rufo. O tio

Públio tinha-lhe já sido útil muitas vezes, designadamente aquando do seu casamento; fora ele, com

efeito, que defendera que Aurélia casasse com quem muito bem entendesse,



numa altura em que a lista de pretendentes era já assustadoramente longa e imponente. Dessa forma,

sustentara ele, só Aurélia poderia ser criticada caso escolhesse o marido errado; e talvez assim pudesse ser evitada uma eventual animosidade em relação aos seus irmãos mais novos.

De modo que, certo dia, mandou os três filhos para o piso dos judeus (o refúgio favorito das crianças naquele edifício barulhento e cheio de gente), e seguiu para casa do padrasto numa liteira, acompanhada por Cardixa, a sua criada gaulesa, natural dos Arvernos. Claro que Lúcio Decúmio e alguns dos seus adeptos estariam à sua espera quando ela saísse da casa de Cota, no Palatino; é que, com a noite, os ladrões de Subura costumavam sair das suas tocas.

Aurélia escondera com tanto êxito os talentos extraordinários do filho, que se tornou difícil convencer Cota, Rutília e Públio Rutílio Rufo de que o jovem César, apenas com dois anos de idade, precisava urgentemente de um pedagogo. Porém, ao fim de muitas e pacientes respostas a muitas e incrédulas perguntas, os seus interlocutores começaram a acreditar que a situação de Aurélia não era, de facto, fácil.

- Não conheço ninguém - disse por fim Cota, mexendo no escasso cabelo. - Os teus meios-irmãos, Caio e Marco, estão já nas mãos dos retóricos, e o jovem Lúcio frequenta a escola. Acho que o melhor seria

consultares um bom vendedor de escravos pedagogos - Mamílio Malco ou Durónio Póstumo, por exemplo.

Mas visto que tu queres um homem livre, francamente não sei que te diga.

- Tio Públio, não diz nada? Há muito que se calou... - observou Aurélia.

- Assim é! - exclamou, sem ponta de malícia, o excelente homem.

- Isso quer dizer que conhece alguém?

- Talvez. Mas primeiro quero ver o jovem César com os meus próprios olhos, e em circunstâncias que me permitam formar a minha própria opinião. Tem-no escondido demasiado, Aurélia. E, francamente, não

consigo entender porquê.

- É um menino encantador - disse Rutília, sempre sentimental.

- É um problema, é o que ele é - retorquiu Aurélia, sem ponta de sentimentalismo.

- Bom, creio que é tempo de irmos todos conhecer o jovem César

- disse Cota que, por ter engordado demais, respirava agora com alguma dificuldade.

71

Desanimada, Aurélia batia com as mãos uma na outra; os seus olhos saltitavam de rosto em rosto e

era tão angustiada a sua expressão que os seus interlocutores, chocados, calaram-se. Conheciam-na

desde que nascera, e nunca a tinham visto enfrentar uma situação para que não encontrava saída.

- Por favor! - exclamou. - Não, não é nada disso! Não compreendem? O que se propõem fazer é

precisamente aquilo que não posso permitir que aconteça! O meu filho tem de pensar que é um

rapaz *vulgar]* O que é que ele vai pensar se lhe aparecem três pessoas a examiná-lo, três pessoas que vão ficar deleitadas com as

suas respostas e que vão enchê-lo de falsas ideias acerca da sua

importância?

Um rubor subiu às faces de Rutília.

- Mas, minha querida, ele é também meu neto! - exclamou, de lábios cerrados.

- Eu sei, mãe, eu sei. A mãe há-de vê-lo e fazer-lhe as perguntas que muito bem entender - *mas não por enquanto!* Não integrada num grupo! Ele... ele é tão inteligente! Sabe as respostas a perguntas que as crianças da sua idade não pensam sequer pôr! Por favor, deixem o tio Públio ir sozinho por

ora!

Cota deu uma cotovelada na mulher.

- Boa ideia, Aurélia - disse ele muito afavelmente. - Afinal, em breve fará dois anos. É em meados

de Julho, não é? A Aurélia convida-nos para o aniversário, e assim poderemos apreciá-lo sem que

ele suspeite de uma razão particular para a nossa presença.

Engolindo a ira que sentia, Rutília aquiesceu.

- Como queiras, Marco Aurélio. Agrada-te *esta* solução, minha filha?

- Agrada - respondeu rispidamente Aurélia.

Como seria de esperar, Públio Rutílio Rufo sucumbiu à sedução cada vez mais sábia do jovem

César. Achou-o uma criança espantosa, e apressou-se a dizê-lo à mãe.

- Há muito que não via criatura tão encantadora; pelo menos desde que tu rejeitaste todas as criadas

que os teus pais escolheram para ti, e resolveste ficar apenas com Cardixa - disse ele, sorrindo.

Achei então que eras uma pérola sem preço! E agora verifico que a minha pérola produziu, não um

raio de luar, mas uma fatia de Sol.

- Deixe-se de lirismos, tio Públio! Não foi para isso que lhe pedi para cá vir - retorquiu Aurélia

irritada.



Mas Públio Rutílio Rufo considerava da máxima importância que ela entendesse o que lhe ia na

alma; por isso, convidou-a a sentar-se num banco do pátio interior que ficava no centro da ínsula.

Era um local maravilhoso, já que o outro morador do piso térreo, o cavaleiro Caio Márcio, tinha

uma queda para a jardinagem que raiava a perfeição. Aurélia dizia que aquele pátio inferior eram os

seus jardins suspensos da Babilónia, pois em todos os pisos as plantas pendiam das varandas, e

trepadeiras subiam desde o pátio até aos últimos pisos. Era Verão, e o jardim enchia o ar com o

perfume das rosas, goivos e violetas; arbustos em flor pendiam e erguiam-se, em todos os tons de

azul, corde-rosa e lilás, que eram as cores desse ano.

- Minha querida sobrinha - começou Públio Rutílio Rufo muito sério, pegando nas mãos dela, e

fazendo com que ela o olhasse nos olhos. - Tens de *tentar* ver as coisas como eu as vejo. Roma já não é uma nação jovem, embora com isto eu não queira dizer que chegou à idade senil. Mas pensa

um pouco... Duzentos e quarenta e quatro anos de reis, depois quatrocentos e onze anos de

República. Roma existe já há seiscentos e cinquenta e cinco anos, e foi-se tornando cada vez mais

poderosa. Mas quantas são as velhas famílias que continuam a produzir cônsules, Aurélia? Os

Cornélios. Os Servílios. Os Valérios. Os Póstumos. Os Cláudios. Os Emílios. Os Sulpícios. Os

Júlios já não dão um cônsul há cerca de quatrocentos anos - embora eu creia que haverá vários

Júlios na cadeira de curul, nesta geração. Os Sérgios são tão pobres que tiveram de dedicar-se à

ostreicultura. E os Pinários são também tão pobres que farão tudo e mais qualquer coisa que lhes

permita enriquecer. As coisas correm melhor para a nobreza plebeia do que para os patrícios. No

entanto, parece-me que se não tivermos cuidado, Roma acabará por pertencer aos Homens Novos,

homens sem antepassado, homens sem qualquer ligação aos primórdios de Roma e que, por isso,

encararão com indiferença o futuro de Roma.

As mãos dele apertavam agora com mais força as mãos de Aurélia.

- Aurélia, o teu filho possui uma linhagem que é das mais antigas e das mais ilustres. Entre as

famílias patrícias que sobrevivem ainda, apenas os Fábios se podem comparar aos Júlios, e os

Fábios tiveram de adoptar crianças durante três gerações a fim de ocuparem a cadeira de curul. Os

genuínos Fábios são criaturas tão estranhas e grotescas que se escondem literalmente do mundo. No

entanto, o jovem César



é um verdadeiro membro do velho patriciado, com toda a energia e inteligência de um Homem

Novo. Ele constitui, para Roma, uma esperança que nunca esperei ser possível. Porque eu acredito

que, para se tornar ainda mais poderosa, Roma *tem de* ser governada pela nobreza de sangue. Nunca poderia dizer uma coisa destas a Caio Mário

- de quem gosto muito, mas a quem lastimo. No decurso da sua impressionante carreira, Caio Mário

prejudicou mais Roma do que meia centena de invasões germanas. As leis que anulou, as tradições

que destruiu, os precedentes que criou - os irmãos Gracos, pelo menos, pertenciam à velha nobreza,

e atacavam aquilo que consideravam ser os problemas de Roma com algum respeito pelos *mós*

*maiorum,* os princípios não escritos dos nossos antepassados. Em contrapartida, Caio Mário

provocou a erosão dos *mós maiorum* e transformou Roma numa presa fácil para muitas espécies de lobos, criaturas que nada têm a ver com a velha loba que amamentou Rómulo e Remo.

Os olhos invulgares, enormes, luminosos, de Aurélia, fitavam quase dolorosamente o rosto de

Públio Rutílio Rufo; era tal a atenção com que ouvia o tio que nem reparou na força com que ele

apertava as mãos dela. É que, finalmente, havia alguém que lhe oferecia algo a que se agarrar, uma

luz no reino das sombras que ela partilhava com o filho.

- Deves dar o devido valor à importância que o jovem César de facto tem, e deves fazer tudo o que

estiver ao teu alcance para o lançar firmemente no caminho das criaturas superiores. Deves infundir

no seu espírito o desejo de realizar um objectivo que ninguém poderá impedi-lo de realizar: a defesa

dos *mós maiorum* e a renovação do vigor dos velhos tempos, do velho sangue.

- Estou a perceber, tio Públio - disse Aurélia com uma expressão grave.

- Muito bem! - retorquiu Públio Rutílio Rufo, levantando-se e fazendo com que ela se erguesse

também. - Amanhã, à terceira hora do dia, trarei um homem para falar contigo. O rapaz que esteja

presente.

E foi assim que Caio Júlio César Júnior ficou entregue aos cuidados de um tal Marco António

Gnifão, um gaulês de Nemauso. O avô de Gnifão pertencera à tribo dos Salúvios e *caçara* inúmeras cabeças durante os constantes ataques contra o povo helenizado da zona costeira da

GáliaTransalpina, até que ele e o filho foram capturados por um exército de corajosos habitantes de

Massília. Vendido como escravo,



o avô morreu passado pouco tempo; o seu filho, então ainda muito jovem, sobreviveu à transição

entre a bárbara ocupação de caçador de cabeças e o estatuto de criado numa casa grega. Era um

rapaz inteligente, e jovem bastante para casar e formar família quando conseguisse poupar o

dinheiro suficiente para comprar a liberdade. Para esposa, escolhera uma jovem grega de Massília,

com um passado modesto; o pai da rapariga aprovou o casamento, apesar da invulgar corpulência e

do cabelo muito ruivo do noivo. O filho do casal, Gnifão, crescera por isso num meio de homens

livres, e não demorou muito a revelar que herdara do pai o gosto pela erudição.

Quando Cneu Domício Aenobarbo instaurou uma província romana na zona costeira da Gália

Transalpina banhada pelo mar Central, levou consigo um Marco António na qualidade de lugar-

tenente, e esse Marco António recorrera aos serviços do pai de Gnifão como intérprete e escriba.

Por isso, quando a guerra contra os Arvernos terminou com êxito para Roma, Marco António

obteve a cidadania romana para o pai de Gnifão como penhor da sua gratidão; os Antónios eram

conhecidos pela sua franca generosidade. Sendo um homem livre na altura em que Marco António

recorreu ao seu trabalho, o pai de Gnifão pôde, por isso, integrar-se na tribo rural do próprio

António.

O jovem Gnifão revelara desde muito cedo um desejo de ensinar, bem como um interesse invulgar

pela geografia, matemática, filosofia, astronomia e engenharia. Por isso, logo que vestiu a toga de

homem feito, o pai meteu-o num navio e mandou-o para Alexandria, o centro intelectual do mundo.

Em Alexandria, nos claustros da biblioteca do museu, Gnifão estudou sob a orientação do próprio

bibliotecário, Díocles.

Mas o apogeu da biblioteca já tinha passado, e os seus bibliotecários não possuíam já as qualidades

de Eratóstenes; por isso, quando atingiu os vinte e seis anos, Marco António Gnifão decidiu

instalar-se em Roma como professor. Aceitara de início as funções de gramático, ensinando retórica

aos jovens; mais tarde, já farto das atitudes pouco dignas dos jovens nobres romanos, abriu uma

escola para crianças pequenas. Essa escola constituiu desde logo um êxito: Gnifão não teve de

esperar muito tempo para exigir um elevado salário sem grandes problemas. Não admira, por isso,

que pudesse pagar a renda relativa a duas salas enormes, situadas num tranquilo sexto andar de uma

ínsula, muito longe do bairro pobre e apinhado de Subura, e que se pudesse dar ao luxo de ter mais

quatro salas no andar superior do



mesmo palácio do Palatino: era neste último apartamento que vivia, acompanhado pelos seus quatro

escravos (verdadeiros escravos de rico), dois dos quais o assistiam nas necessidades pessoais, e os

outros dois nas aulas.

Quando Públio Rutílio Rufo foi visitá-lo, Gnifão riu-se, garantindo ao visitante que não tinha a

mínima intenção de desistir do seu lucrativo negócio para cuidar de um bebé. Rutílio Rufo

apresentou-lhe então um contrato em boa e devida forma que previa um apartamento de luxo

situado numa ínsula do Palatino ainda mais requintada, e mais dinheiro do que a escola lhe

proporcionava. Mesmo assim, Marco António Gnifão riu-se e recusou.

- Então, venha pelo menos ver o rapaz - disse Rutílio Rufo. Com uma oferta destas, seria loucura

não o conhecer.

O encontro com o jovem César fez com que Gnifão mudasse de ideias.

- Não aceito por ele ser quem é, ou mesmo por possuir uma inteligência espantosa - disse Gnifão a

Públio Rutílio Rufo. - Se aceito ser tutor do jovem César, é porque gosto muito dele e porque temo

pelo seu futuro.

- Desgraçada criança! - disse Aurélia a Lúcio Cornélio Sila quando este a visitou em fins de

Setembro. - A família quotizou-se para contratar um pedagogo dos melhores, e o que é que

sucedeu? O pedagogo deixou-se seduzir por ele!

- Hum... - retorquiu Sila, que não a visitara para ouvir uma ladainha, ainda que de queixas, acerca

de qualquer dos rebentos de Aurélia. As crianças, por muito inteligentes e encantadoras que fossem,

aborreciam-no sempre; constituía um mistério inexplicável o facto de os seus próprios filhos não lhe

provocarem tal reacção. Não, Sila resolvera visitar Aurélia para lhe anunciar que partia.

- Então também tu me deixas - retorquiu ela, oferecendo-lhe uvas do jardim do pátio.

- E creio que muito em breve. Tito Dídio pretende seguir por mar para a Hispânia, e o princípio do

Inverno é a melhor época do ano para uma tal expedição. No entanto, eu irei antes dele, por terra, a

fim de preparar a chegada do exército.

- Estás cansado de Roma?

- Não estarias cansada de Roma, no meu lugar?



- Sim, claro.

Sila não parava quieto e cerrava os punhos de frustração.

- Nunca conseguirei o que quero, Aurélia! - exclamou. Tal comentário, porém, provocou apenas

uma boa risada.

- Essa é boa! Tens o Cavalo de Outubro estampado em todo o teu corpo! É só uma questão de

esperares.

- Faço votos para que não tenha o Cavalo de Outubro estampado em todo o corpo - disse ele, rindo

também. - Gostaria de ficar com a cabeça no sítio, que *é* coisa que nunca acontece ao pobre Cavalo de Outubro! E porque é que é assim? O problema dos nossos rituais é que são tão antigos que nem

sequer compreendemos a linguagem com que despachamos as nossas orações, e ainda menos por

que razão atrelamos cavalos de batalha, aos pares, a carros, e depois fazemos corridas com eles,

finalizando com o sacrifício do cavalo da direita do par vencedor. Quanto a lutar pela sua cabeça...!

- tão brilhante era a luz que as suas pupilas se tinham contraído até terem o tamanho de pontas de

alfinete, dando-lhe uma expressão de vidente cego; os olhos com que ele a fitava estavam cheios da

dor de um vidente. Não uma dor do passado ou do presente, mas a dor, que era uma condenação, do

conhecimento do futuro. - Aurélia! Aurélia! - exclamou Sila. Porque será que nunca consigo ser

feliz?

Ao ouvir tal pergunta, Aurélia sentiu um aperto no coração. Tinha os punhos cerrados e as unhas

cravavam-se-lhe nas palmas das mãos.

- Não sei, Lúcio Cornélio.

- Eu também não.

Era horrível oferecer-lhe um pouco de bom senso. Mas que poderia ela fazer?

- O que eu acho é que precisas de andar ocupado. A resposta dele foi seca.

- Ora francamente! Quando ando ocupado, não tenho tempo para pensar.

- É o que acho - disse ela, num murmúrio rouco, acrescentando:

- Mas a vida não é, não pode ser só isso.

Estavam sentados a uma mesa da sala de recepção, junto à parede baixa do jardim do pátio; sobre a

mesa, um prato com as uvas, enormes, cor de púrpura. Calada, Aurélia continuou a fitá-lo, ainda

que ele tivesse desviado o olhar. Que homem atraente!, pensou Aurélia, sentindo uma súbita mágoa,

uma mágoa muito íntima, algo que normalmente



não permitia que lhe aflorasse a consciência. Tem uma boca como a do meu marido, uma bela boca.

Bela. Belíssima...

Os olhos de Sila fixaram-se nos dela; um rubor intenso invadiu as faces de Aurélia. A expressão

dele alterara-se; era difícil definir que transformação se operara, mas uma coisa parecia certa:

naquele momento, Sila era *mais* ele mesmo. A mão dele aproximou-se dela, solicitando-a; nos

lábios, um súbito e misterioso sorriso iluminava-lhe o rosto.

- Aurélia...

Ela pôs a sua mão na dele; sentia faltar-lhe o ar, sentia-se tonta.

- O que é, Lúcio Cornélio? - conseguiu perguntar.

- E se fôssemos amantes...?

Aurélia tinha a boca seca; se não respirasse fundo naquele momento, perderia a consciência, mas

parecia-lhe que não conseguia respirar; e os dedos dele à volta dos dela pareciam os últimos fios de

uma vida que fugia, ela não podia deixá-los partir e sobreviver à sua partida.

Aurélia nunca viria a entender como é que, de repente, ele estava junto de si; limitou-se a olhar para o rosto dele, tão perto do dela, para o brilho daqueles lábios, para o fundo dos seus olhos, feitos de várias camadas sobrepostas como se fossem mármore polido. Fascinada, reparou num músculo do

braço direito dele movendo-se sob o seu invólucro de pele, e deu consigo vibrando, mais do que

tremendo, como que fraca, como que perdida...

Cerrou os olhos e esperou, e quando sentiu a boca dele na sua boca, beijou-o como se há uma longa

eternidade estivesse esfomeada de amor, levada por emoções que nunca conhecera, aturdida,

apavorada, apaixonada, queimada por um profundo fogo.

Um segundo mais e era toda a sala que os separava. Aurélia estava encostada a uma parede de uma

cor berrante, como se contra a parede pudesse ficar mais pequena, invisível, desaparecer, e Sila

junto à mesa, arquejante, com o sol espalhando fogo pelo seu cabelo.

- Eu... *não posso!* - disse ela, num grito abafado.

- Pois que nunca mais tenhas um momento de paz!

De cabeça fria, apesar de toda a sua raiva, Sila decidiu que não faria nada que ela pudesse achar

cómico ou grotesco e, por isso, foi com gestos magníficos que voltou a vestir a toga, abandonada no

chão; depois, dizendo a todo o momento que nunca mais voltaria, deixou a casa de Aurélia como se

*ele* tivesse sido o vencedor da batalha.

78

Mas aquela era uma vitória que não o deixava nada satisfeito - Sila estava demasiado furioso com a

derrota. Seguiu para casa a pé e, no caminho, era tal a violência do seu furor que multidões inteiras se afastavam para o deixar passar. Mas como é que ela se atrevia? Como se atrevia a olhá-lo com

aquela fome de amor nos olhos, a seduzi-lo com um beijo - e que beijo! -, e a dizer-lhe depois que

não podia? Como se não desejasse que aquilo acontecesse: desejava-o mais do que ele. Devia matá-

la, partir-lhe aquele pescoço esguio, dar-lhe um veneno que lhe fizesse inchar as faces, apertar-lhe a garganta e ver aqueles olhos cor de púrpura inchando, inchando. Mata-a, mata-a, mata-a, mata-a,

dizia-lhe o coração aos ouvidos, dizia o sangue dilatando as veias da testa e da cabeça. Mata-a,

mata-a, mata-a. E em grande parte o seu desmedido furor devia-se ao facto de saber que não

conseguia matá-la, tal como não conseguira matar Julilla, Élia, Dalmática. *Porquê!* Que tinham essas mulheres a mais que Clitumna ou Nicópole?

Quando o viram irromper pelo átrio, os criados fugiram, a mulher retirou-se, calada, para o seu

quarto, e a casa pareceu cair num profundo recolhimento, tão pesado era o silêncio que a dominava.

Entregue aos seus pensamentos, Sila dirigiu-se imediatamente para o pequeno templo de madeira

onde estava guardada a máscara de cera do seu antepassado, o *flamen Dialis,* e abriu com toda a força a gaveta escondida no lanço de escadas. O primeiro objecto que os seus dedos tacteantes

agarraram foi um pequeno frasco; deixou-o ficar na palma da mão; o líquido claro dançava

indolentemente dentro das suas paredes de vidro esverdeado. Sila fitou durante muito tempo,

durante um tempo infindo, o frasco que tinha na mão. A sua cabeça não conseguia produzir um

único pensamento: a raiva possuía-o por completo. Ou seria dor? Ou mágoa? Ou, muito

simplesmente, uma solidão monumental? Do fogo passava ao rio, do frio ao gelo. Só então

conseguia enfrentar aquela pavorosa incapacidade: o facto de (embora o crime o atraísse como um

alívio e também como uma necessidade) não conseguir fisicamente consumar o acto se se tratava de

uma mulher da sua própria classe. Com Julilla, e com Élia, encontrara pelo menos algum conforto

no estado manifestamente miserável a que as conduzira; e, no caso de Julilla, conhecera o prazer de

lhe *causar* a morte; sim, Sila pensava que se Julilla não tivesse presenciado o seu encontro com Metróbio, por certo continuaria a embebedar-se e a fitá-lo tristemente com aqueles olhos enormes,

encovados, amarelos, com aqueles olhos que eram



uma acusação silenciosa e constante. Com Aurélia, porém, não seria de esperar uma reacção que se

prolongasse para lá da sua presença na casa dela; Sila não duvidava que, logo após a ter deixado,

Aurélia tinha juntado todos os bocadinhos de um lapso momentâneo e mergulhado de novo no

trabalho. No dia seguinte, tê-lo-ia esquecido por completo. Aurélia era assim mesmo. Pois que

apodrecesse! Que os vermes a comessem! Cadela maligna!

Estas imprecações fúteis e velhas como os tempos deixaram-no mais bem disposto e no seu rosto

surgiu um sorriso largo, uma tortuosa paródia do divertimento. Mas não era isso que o acalmava.

Tudo aquilo era ridículo, grotesco. Os deuses nada ligavam aos desejos ou às frustrações humanas,

e ele não era como aquelas criaturas que, de forma terrível e misteriosa, conseguiam transformar os

seus pensamentos destrutivos num desejo de morte que efectivamente matava. Aurélia continuava

viva dentro dele, tinha de a expulsar de dentro de si antes de ir para a Hispânia, se é que queria

concentrar todas as energias na defesa da sua carreira. Precisava de algo que substituísse o êxtase

que teria alcançado ao derrubar os muros da cidadela de Aurélia. Não importava o facto de só ter

desejado seduzi-la depois de ter surpreendido aquela sua expressão amorosa - o impulso fora tão

poderoso, tão arrebatador, que não conseguia libertar-se dele.

Roma, claro. Logo que fosse para a Hispânia, tudo aquilo passaria. *Se* conseguisse encontrar algum tipo de satisfação naquele momento. No campo de batalha nunca sofrera tão terríveis frustrações,

talvez por andar demasiado ocupado, talvez porque à sua volta só havia morte, talvez porque podia

dizer a si mesmo que estava a subir. Mas em Roma - e já estava em Roma há cerca de três anos -

acabava sempre por cair num estado de tédio e frustração de que, no passado, só saíra após um

assassínio literal ou metafórico.

Frio como o gelo, caía no delírio: rostos passavam perante os seus olhos, rostos de vítimas, rostos

daqueles cuja morte desejara ou desejava. Julilla, Élia, Dalmática. Lúcio Gávio Stichus. Clitumna.

Nicópole. Catulo César - que bom que seria se pudesse eliminar para todo o sempre aquele

arrogante olhar de camelo! Escauro. Metelo Numídico Suíno... Lentamente, Sila levantou-se,

lentamente fechou a gaveta secreta. Mas o frasco ficou na sua mão.

Ia o dia a meio, segundo rezava o relógio de água. Seis horas passadas, mais seis que passariam.

Lentas as gotas iam caindo. Tinha

tempo de sobra para fazer uma visita a Quinto Cecílio Metelo Numídico Suíno.

Ao regressar do exílio, Metelo Numídico viu-se promovido a algo que raiava a lenda. Exultante,

verificava que o seu nome era já parte da história do Fórum, embora não fosse ainda

suficientemente velho para que a morte o atemorizasse. Contava-se de novo no Fórum a história da

sua homérica carreira como censor, a coragem com que enfrentara Lúcio Equício, a violência de

que fora vítima, a bravura com que voltara a enfrentar essa violência; e narravam também a história

da sua ida para o exílio, com o seu filho gago con-con-con-tando aquela infindável torrente de

dinheiros enquanto o Sol se punha na Cúria Hostília e Caio Mário aguardava para fazer impor o seu

voto de fidelidade ao segundo decreto agrário de Saturnino.

Sim, dizia para si mesmo Metelo Numídico depois de ter mandado embora o último cliente do dia,

ficarei na História como o maior nome de uma grande família, o puro, perfeito Quinto dos Cecílios

Metelos. Inchava de orgulho, feliz por estar de novo em casa, contente com a boa recepção que

tivera, louco de satisfação. Sim, a guerra contra Caio Mário fora uma longa guerra! Mas eram já

águas passadas. E ele vencera, e Caio Mário perdera. Roma nunca mais voltaria a sofrer as afrontas

de Caio Mário.

Nesse instante, ouviu arranhar a porta do seu gabinete. Era o seu secretário e administrador.

- Sim? - perguntou Metelo Numídico.

- Lúcio Cornélio Sila pretende falar contigo, *domine.* Quando Sila entrou, Metelo Numídico estava já de pé, a meio do gabinete, a mão estendida para lhe dar as boas-vindas.

- Meu caro Lúcio Cornélio, não fazes ideia do prazer que me dás

- disse ele, desfazendo-se em amabilidade.

- Sim, já era altura de eu te fazer uma visita de cortesia privada

- retorquiu Sila, sentando-se na cadeira do cliente e pondo uma expressão submissa e inferiorizada

que não deixaria de seduzir o outro.

- Vinho?

- Obrigado.

De pé junto ao consolo onde se encontravam dois jarros e algumas taças do melhor vinho de

Alexandria, Metelo Numídico virou-se para Sila, uma sobrancelha erguida, uma expressão

ligeiramente irónica no

rosto. - Merecerá esta ocasião um Quios não adulterado pela água? perguntou.

Sila pôs um sorriso que sugeria que começava a sentir-se mais à vontade.

- Deitar água num Quios é um crime - retorquiu. O seu anfitrião não se mexeu.

- Essa é uma resposta de político, Lúcio Cornélio. Não sabia que pertencias a essa casta.

- Quinto Cecílio, não macules o teu vinho com água! - exclamou Sila.
- Vim visitar-te na esperança

de que possamos ser bons amigos

- acrescentou, com uma voz sincera.

- Nesse caso, Lúcio Cornélio, beberemos o nosso Quios sem água.
Metelo Numídico aproximou-se

dele trazendo duas taças; colocou

uma do lado de Sila, e a outra do seu lado da secretária, depois sentou-se e ergueu o seu copo.

- Bebo à amizade - disse.

- E eu também - Sila sorveu um pouco do vinho, franziu o sobrolho, e fitou Metelo Numídico nos

olhos. - Quinto Cecílio, vou partir para a Hispânia Citerior como lugar-tenente de Tito Dídio. Não

faço ideia do tempo que estarei fora, mas por ora prevê-se que possa ser vários anos. Quando voltar,

tenciono disputar logo que possível o lugar de pretor - pigarreou, sorveu um pouco mais de vinho. -

Conheces a verdadeira razão por que não fui eleito pretor o ano passado?

Um sorriso dançou nos cantos da boca de Metelo Numídico, um sorriso tão esbatido que Sila não

poderia saber se era irónico, malicioso, ou simplesmente divertido.

- Conheço, sim, Lúcio Cornélio.

- E que achas?

- Acho que foste demasiado importuno para com o meu querido amigo Marco Emílio Escauro no

que respeita ao assunto da esposa dele.

- Ah! Portanto, *não* foi por causa da minha ligação a Caio Mário!

- Lúcio Cornélio, ninguém com o bom senso de Marco Emílio abafaria a carreira pública fosse de

quem fosse por causa de uma ligação militar a Caio Mário. Embora eu não tenha estado cá para o

ver, mantive contactos suficientes com Roma para saber que as tuas relações com Caio Mário

deixam bastante a desejar desde há algum tempo - retorquiu tranquilamente Metelo Numídico. -

Como já não

são cunhados, acho que é compreensível. Soltou um suspiro. - No entanto, é triste que quase tenhas

provocado um divórcio em casa de Marco Emílio Escauro no preciso momento em que conseguiste

divorciar-te de Caio Mário.

- Nada fiz de desonroso, Quinto Cecílio - foi a resposta firme de Sila, que fazia o possível por não

deixar transparecer a raiva que sentia ao permitir que o outro o tratasse com condescendência,

embora estivesse cada vez mais determinado a matar aquele medíocre presunçoso.

- Eu sei que não fizeste nada de desonroso. - Metelo Numídico bebeu de um gole o que restava do

seu vinho. - É triste que, quando o assunto é mulheres, e em particular esposas, mesmo as cabeças

mais velhas e sábias rodopiem que nem piões.

No momento em que o seu anfitrião fez o gesto de levantar-se, Sila ergueu-se num ápice, pegou nas

duas taças e dirigiu-se ao consolo para as encher.

- Trata-se da tua sobrinha, Quinto Cecílio - disse Sila, de costas para ele, a toga ocultando o

consolo.

- É por isso mesmo que conheço toda a história.

Depois de ter dado a taça cheia a Metelo Numídico, Sila voltou a sentar-se.

- Sendo tio da mulher em questão, e muito amigo de Marco Emílio, consideras justa a pena que me

foi infligida, não é verdade?

Um encolher de ombros, um gole de vinho, um esgar.

- Se tu, Lúcio Cornélio, fosses um novo rico, não estarias aqui neste momento, sentado a conversar

comigo. Mas o teu apelido é um apelido ilustre e muito antigo. Tu és um patrício Cornélio, e um

homem superiormente competente - fez um novo esgar, bebeu mais vinho. Se eu tivesse estado em

Roma na altura em que a minha sobrinha se apaixonou por ti, é evidente que teria apoiado o meu

amigo Marco Emílio em tudo o que ele decidisse fazer para rectificar a situação. Soube que ele te

pediu que deixasses Roma e que tu recusaste. Uma recusa muito pouco prudente!

Sila riu-se sem qualquer indício de divertimento.

- Suponho que não acreditei que Marco Emílio se comportaria menos honradamente do que eu.

- Oh, não há dúvida que uns anos de juventude passados no Fórum Romano ter-te-iam feito bem! -

exclamou Metelo Numídico. - Falta-te *tacto,* Lúcio Cornélio.

# 83

- É muito provável que tenhas razão - disse Sila, enquanto pensava que aquele era o mais difícil de

todos os papéis que a vida o obrigara até então a representar. - Mas não se pode voltar atrás, e *eu* preciso de seguir em frente.

- Não há dúvida que a Hispânia Citerior ao lado de Tito Dídio é um passo em frente.

Sila levantou-se de novo e encheu mais duas taças de vinho.

- Tenho de deixar pelo menos um bom amigo em Roma antes de me ir embora - disse ele. - E

gostaria muito, digo-o de todo o coração, que esse amigo fosses tu. Apesar da tua sobrinha. Apesar

dos laços que te unem a Marco Emílio Escauro Princeps Senatus. Eu sou um Cornélio, o que

significa que não posso oferecer-te os meus préstimos como cliente. Apenas como amigo. Que me

dizes?

- Digo-te que fiques para jantar, Lúcio Cornélio.

E Lúcio Cornélio ficou para jantar, um jantar agradável, íntimo, já que Metelo Numídico tencionava

jantar sozinho essa noite (o que não admira, pois já se sentia um tanto cansado do seu novo estatuto

de lenda do Fórum). Falaram da infatigável luta do filho de Metelo Numídico para acabar com o seu

exílio em Rodes.

- É o melhor de todos os filhos que já houve ao cimo da terra disse a certa altura o antigo exilado, já embriagado, pois começara a beber antes do jantar e ainda não tinha parado.

O sorriso de Sila era a própria sedução.

- Não posso contestar as tuas palavras, Quinto Cecílio. É óbvio que considero o teu filho como um

bom amigo. O meu filho é ainda uma criança. Contudo, a cega parcialidade da paternidade diz-me

que vai ser difícil bater o meu filho.

- Ele é um Lúcio, como tu? Sila pestanejou, surpreendido.

- Claro que é.

- É estranho - disse Metelo Numídico, pronunciando com todo o cuidado as duas palavras. - Não é

Públio o primeiro nome do filho mais velho no teu ramo dos Cornélios?

- Como o meu pai já morreu, não lhe posso perguntar, Quinto Cecílio. Não me lembro de o ter visto

uma única vez suficientemente sóbrio para falar das coisas da família.

- Ora, não interessa. - Metelo Numídico reflectiu por um momento, após o que disse: - Já agora, a

propósito de nomes, sabias que os *Italianos* sempre me chamaram Suíno?

84

- Ouvi Caio Mário usar essa alcunha, Quinto Cecílio - retorquiu gravemente Sila, debruçando-se

sobre a mesa para encher as belas taças de vidro com o vinho de um jarro de vidro igualmente belo;

ainda bem que o Suíno adorava o vidro!

- Um nojo! - exclamou Metelo Numídico, numa voz arrastada.

- Sem dúvida - concordou Sila, sentindo um imenso bem-estar invadindo-lhe todo o corpo. Suíno,

Suíno.

- Demorei uma eternidade a livrar-me dessa alcunha.

- O que não admira, Quinto Cecílio - retorquiu inocentemente Sila.

- Calão infantil! Porque é que não me pôs a alcunha de *cunnus. Nem* disso foi capaz, esse... esse italiano.

Subitamente Metelo Numídico fez um esforço tremendo para se soerguer; levou a mão à testa,

arfava. - Oh, sinto-me tão tonto! Não consigo... parece... respirar!

- Respira fundo, Quinto Cecílio, respira fundo. Obedientemente, Metelo Numídico fez o que Sila

lhe disse.

- Não... não me sinto bem! - disse depois, arquejando. Sila calçou as sandálias, que estavam atrás do divã.

- Vou buscar-lhe uma bacia!

- Criados! Chama... os criados! - As mãos de Metelo Numídico cravaram-se no peito. Nesse

momento, caiu para trás. - Os meus... pulmões!

Sila estava já frente ao divã de Metelo Numídico.

- Tens a certeza de que é dos pulmões, Quinto Cecílio? Metelo Numídico contorcia-se, meio

reclinado, uma mão cravada ainda no peito, e a outra, com os dedos enroscados como se fossem

garras, arrastando-se por sobre o divã na direcção de Sila.

- Tonto! Não consigo... respirar! Pulmões! Sila gritou então:

- Socorro! Depressa! Socorro!

A sala ficou imediatamente cheia de escravos; calmamente eficiente, Sila mandou vários escravos

chamar os médicos e ordenou a outros que encostassem Numídico a almofadas, pois ele não

conseguia estar deitado.

- Isso vai passar, Quinto Cecílio - disse ele afavelmente, enquanto se sentava no divã, afastando a

mesa com o pé; ambas as taças caíram no chão, tal como os jarros de vinho e água, desfazendo-se

em



bocadinhos. - Pega na minha mão - disse então para Metelo Numídico, aterrorizado, lutando contra

as dores, de rosto muito congestionado. E para um criado perfeitamente pasmado, tão pasmado que

ficara parado olhando a cena, Sila gritou: - Limpa essa porcaria! Ainda nos cortamos nos vidros.

Continuou a segurar a mão de Metelo Numídico enquanto o escravo varria os vidros e enxugava o

chão, que a água, mais do que o vinho, molhara; e segurava ainda na mão de Metelo Numídico

quando a sala se encheu de mais gente ainda: os médicos e os seus assistentes; e quando Metelo Pio,

o Bacorinho, chegou, Metelo Numídico não queria largar a mão de Sila, nem sequer para a estender

para o amado e dedicado filho.

Enquanto Sila segurava a mão de Metelo Numídico e o Bacorinho chorava inconsolável, os

médicos lançaram-se ao trabalho.

- A poção de hidromel com hissopo e pó de raiz de alcaparra disse Apolodoro da Sicília, que era

ainda a suprema autoridade entre os médicos da classe mais abastada do Palatino. - Acho que

vamos sangrá-lo também. Práxis, passa-me a lanceia.

Mas Metelo Numídico estava tão aflito para respirar que não conseguia engolir a doce poção;

quando lhe abriram a veia, o sangue jorrou num vívido tom escarlate.

- É uma veia, tenho a certeza de que é uma veia! - disse Apolodoro Sículo para si mesmo, após o

que disse para os outros médicos: - Que sangue mais brilhante!

- Ele detesta-nos tanto, Apolodoro, que não me admira que o sangue saia brilhante - disse Públio

Sulpício Sólon, o grego de Atenas.

- Que achas de um emplastro no peito?

- Sim, claro, temos de pôr um emplastro no peito - disse Apolodoro da Sicília com um ar grave, e

dando estalos com os dedos para chamar a atenção do seu assistente-chefe. - Práxis, o emplastro de

barbado!

Metelo Numídico continuava numa luta titânica para conseguir respirar; batia no peito com a mão

que tinha livre, fitava o filho com olhos nublados, recusava-se a deitar, e agarrava com toda a força a mão de Sila.

- O rosto não está azul-escuro - disse Apolodoro Sículo, no seu pomposo grego, para Metelo Pio e

Sila. - Não compreendo! É que ele tem todos os sintomas de uma afecção pulmonar aguda. Acenou

para o assistente, que estava a espalhar uma grande quantidade de um



estranho produto negro e pegajoso por sobre um pedaço quadrado de um tecido de lã. - Este

cataplasma é o melhor de todos: fará com que saiam todos os elementos nocivos. Raspas de verdete;

um litargírio de chumbo devidamente isolado; alúmen; pez seco; resina de pinheiro seca: tudo isto

misturado com vinagre e óleo até atingir a devida consistência. Vejam, já está pronto!

Sim, de facto o cataplasma já estava pronto. Apolodoro da Sicília colocou-o suavemente sobre o

peito nu do doente, e com uma calma digna de encómios ficou à espera que o emplastro de barbado

fizesse o seu trabalho.

Mas o emplastro não poderia curar o doente, tal como a sangria ou a poção; lentamente Metelo

Numídico foi abandonando os laços que o uniam à vida e largando a mão de Lúcio Cornélio Sila.

Com o rosto fortemente congestionado, e os olhos incapazes de ver fosse o que fosse, passou da

paralisia ao coma, e assim morreu.

Ao deixar a sala, Sila ouviu o médico siciliano dizer timidamente para Metelo Pio:

- *Domine, é* necessário que se faça uma autópsia. E ouviu o transtornado Bacorinho retorquir:

- O quê? Achas que eu ia deixar que vocês, seus Gregos incompetentes, o retalhassem todo depois

de o terem morto? Não! O meu pai irá para a pira tal e qual como está! Ninguém o molestará mais!

Fitando Sila, que se afastava, o Bacorinho libertou-se da chusma de médicos e seguiu-o até ao átrio.

- Lúcio Cornélio!

Sila virou-se lentamente; quando olhou para Metelo Pio, o seu rosto era a imagem da tristeza; as

lágrimas inundavam-lhe os olhos, desciam-lhe pelas faces incontroláveis.

- Meu querido Quinto Pio! - exclamou.

Apesar do choque, o Bacorinho continuava de pé, e já não chorava como de início.

- Não consigo acreditar! O meu pai morreu!

- Foi uma morte súbita, tão de repente... - disse Sila, abanando a cabeça, soluçando. - Tão súbita!

Ele estava tão bem, Quinto Pio! Fiz-lhe uma visita de cortesia e ele convidou-me para jantar.

Passámos umas horas tão agradáveis! E de repente, quando o jantar acabou... aconteceu isto!

- Mas porquê? Porquê? Porquê? - As lágrimas voltavam a inundar os olhos do Bacorinho. - Tinha

acabado de regressar a Roma, era ainda um homem novo!

Muito ternamente, Sila puxou Metelo Pio para si, deixou que a cabeça do jovem, agitada pelos

soluços, repousasse sobre o seu ombro esquerdo, e, com a mão direita, pôs-se a acariciar o cabelo

dele. Mas os olhos de Sila, fitando, não a cabeça que a sua mão embalava, mas todo o espaço à sua

frente, reflectiam a satisfação e a exaustão que se seguem a uma grande emoção física. Que poderia

ele fazer, no futuro, capaz de igualar aquela extraordinária experiência? Pela primeira vez,

participara de toda a angústia de um moribundo: e não fora apenas a causa dessa morte, mas

também o sacerdote que assiste aos últimos momentos de uma vida.

O administrador da casa saiu do *triclinium* e deu com o filho do seu falecido senhor sendo

confortado por um homem que resplandecia que nem Apolo. Pestanejou, abanou a cabeça. Não, era

imaginação sua.

- Tenho de ir - disse Sila ao administrador. - Por favor, fica com ele. E manda chamar o resto da

família.

Já na Clivus Victorae, Sila esperou o tempo suficiente para que os seus olhos se habituassem à

escuridão. Rindo baixinho para si mesmo, encaminhou-se na direcção do templo de Magna Mater.

Quando viu a pança listrada de um escoadouro, atirou o frasco vazio para aquela profunda

escuridão.

- *Vale,* Suíno, Suíno! - gritou, e ergueu as mãos como se quisesse chegar ao céu sombrio. - Oh, agora sinto-me *muito melhor]*

- Por Júpiter! - exclamou Caio Mário, parando de ler a carta de Sila e fitando a mulher.

- O que foi?

- O Suíno morreu.

A educada matrona romana não ficou nada chocada com a alcunha, ainda que o filho pensasse que

ela morreria de susto se ouvisse uma palavra mais rude que *Edepol.* Júlia estava habituada, desde os primeiros dias do seu casamento, a que o marido e os amigos tratassem Quinto Cecílio Metelo

Numídico daquela maneira.



- Oh, que coisa terrível! - comentou, sem saber ao certo o que o marido queria que dissesse.

- *Terrível!* Terrível, não, magnífica! É demasiado bom para ser verdade!

Mário pegou de novo no rolo e desdobrou-o, a fim de continuar a ler.

Logo que decifrou aqueles infindáveis rabiscos, leu toda a mensagem numa voz mais alta e com a

devida coerência, para que Júlia ouvisse. A sua voz traía uma alegria óbvia.

*Toda a Roma assistiu ao funeral, o maior de que me lembro mas a verdade é que eu pouco me*

*interessava por funerais quando Cipião Emiliano foi atirado à pira.*

*O Bacorinho estava perfeitamente fora de si, tal era a sua dor; se já era Pio, mais Pio ficou, já que não parou de chorar e gemer por toda a cidade de Roma. Os antepassados de Cecília Metelo eram*

*criaturas muito feias, a crermos nas suas* imagens, *e suponho que podemos crer nelas. Alguns dos actores que as puseram saltavam e pulavam como se fossem uma mistura de rã, grilo e cervo, e eu*

*dei comigo a pensar de onde viriam realmente os Cecílios Metelos. Lá que têm uma linhagem*

*esquisita, disso não há dúvida.*

*O Bacorinho não me tem largado, provavelmente porque eu estava presente quando o Suíno*

*morreu, e como o seu querido* tatá, *no leito de morte, não queria deixar a minha mão nem por nada, o Bacorinho está convencido de que as discórdias entre mim e o Suíno tinham acabado. Não*

*lhe disse que o convite do pai para que eu jantasse com ele fora perfeitamente acidental. Um facto interessante - quando o seu* tatá

*estava a morrer e mesmo depois, o Bacorinho não gaguejou uma única vez. Repara que ele só começou a gaguejar depois da batalha de Arausio: temos pois de*

*concluir que se trata de um tique nervoso e não de um defeito inato. Ele diz que a gaguez agora o aflige muito quando se lembra da morte do pai, ou quando tem de fazer um discurso. Não posso*

*deixar de imaginar o Bacorinho conduzindo uma cerimónia religiosa! Muito me riria eu, ao ver a*

*multidão impaciente e o Bacorinho tropeçando na língua, obrigado a recomeçar tudo de novo.*

*Escrevo-te esta mensagem na véspera da minha partida para a Hispânia Citerior e para aquela*

*que, espero, será uma boa guerra.*

# 89

*De acordo com as informações de que dispomos, os Celtiberos estão em total ebulição e os Lusitanos estão a causar danos na Hispânia Ulterior, onde o meu remoto primo Dolabela teve um ou dois êxitos*

*insignificantes, não conseguindo, portanto, reprimir a rebelião.*

*Os tribunos dos soldados foram eleitos, e Quinto Sertório vai também com Tito Dídio. É quase como nos velhos tempos. Só que o nosso chefe é um Homem Novo diferente de Caio Mário, e menos ilustre. Escreverei sempre que houver notícias, mas, em troca, espero que me escrevas também e que me digas que espécie de homem é o rei Mitridates.*

- Que foi Lúcio Cornélio fazer a casa de Quinto Cecílio? E ainda por cima, jantou com ele... -

comentou Júlia, curiosa.

- Suspeito que foi bajulá-lo, pura e simplesmente - retorquiu Mário rispidamente.

- Oh, Caio Mário, não é possível!

- E porque não haveria Lúcio Cornélio de bajular Quinto Cecílio? Não o censuro. O Suíno encontra-

se - encontrava-se - numa óptima posição, e a sua influência tornou-se incontestavelmente mais

forte do que a minha. Nas actuais circunstâncias, o nosso pobre amigo Lúcio Cornélio não se pode

ligar a Escauro. É também compreensível que não tenha tentado ligar-se a Catulo César. - Mário

suspirou, abanou a cabeça. - Prevejo, porém, que num futuro, não sei se próximo se longínquo,

Lúcio Cornélio reabilitar-se-á de todos os erros cometidos e manterá óptimas relações com todos

eles.

- Então Lúcio Cornélio não é teu amigo!

- Provavelmente não.

- Não compreendo! Vocês eram tão chegados.

- É verdade - retorquiu Mário, falando vagarosamente. - Mas, minha querida, o que nos ligava não

era uma afinidade natural ao nível do intelecto e dos sentimentos. O velho avô César tinha acerca

dele uma opinião muito parecida com a minha. Dizia ele que Lúcio Cornélio era o melhor dos

companheiros quando estávamos em apuros, ou quando havia trabalho a fazer. É fácil manter

relações agradáveis com um tal homem. Mas duvido que Lúcio Cornélio venha alguma vez a

experimentar o tipo de amizade que me liga ao Públio Rutílio, por exemplo. É um tipo de ligação

em que encaramos com a mesma

afeição os defeitos e as melhores qualidades do outro. Lúcio Cornélio não é um homem capaz de se

sentar num banco com um amigo, em silêncio, só pelo prazer de estar com ele. Esse tipo de

comportamento não condiz com a sua natureza.

- E qual *é* a sua natureza, Caio Mário? Nunca me foi dado saber. Mas Mário abanou a cabeça e riu-se.

- Ninguém sabe. Mesmo ao fim de tantos anos juntos, não faço a mínima ideia.

- Oh, creio que alguma ideia hás-de ter - retorquiu Júlia sagazmente.

- Simplesmente não queres revelá-la. Pelo menos a mim. Sentou-se ao lado dele. - Então Aurélia é a

única pessoa a que o liga um sentimento de verdadeira amizade.

- Assim parece - retorquiu secamente Mário.

- Mas não penses que há alguma coisa entre eles, porque não há! O que acontece, penso eu, é que

Aurélia é a única pessoa que conhece o íntimo de Lúcio Cornélio, a única pessoa com quem ele se

abre verdadeiramente.

- Hum - disse Mário, pondo um termo à conversa. Encontravam-se em Halicarnasso, onde

passariam o Inverno, pois

tinham chegado à Ásia Menor demasiado tarde para tentarem a viagem por terra, desde a costa

egeia até Pessinunte. Tinham-se demorado demasiado em Atenas porque gostavam da cidade, e de

Atenas seguiram para Delfos a fim de visitarem o templo de Apolo, ainda que Mário se recusasse a

consultar a Pitonisa.

Surpreendida, Júlia perguntara-lhe porquê.

- É melhor não importunar os deuses - retorquiu. - Já tenho a minha conta de profecias. Se lhes peço

mais revelações sobre o meu futuro, os deuses viram-me as costas.

- E se perguntasses em nome do jovem Mário?

- Não - replicou Caio Mário.

Tinham também visitado Epidauro, no Peloponeso; nessa cidade, depois de terem admirado os

edifícios e as requintadas esculturas de Trasimedes de Paros, Mário submeteu-se ao diagnóstico

pelo sono praticado pelos sacerdotes de Asclépio. Bebera a poção obedientemente, fora depois para

os dormitórios perto do grande templo, e dormira toda a noite. Infelizmente não se lembrou de

nenhum sonho, e, por isso, os sacerdotes limitaram-se a aconselhá-lo a emagrecer, a fazer mais

exercício, e a não se dedicar a trabalhos intelectuais cansativos.

- Uns impostores - comentou desdenhosamente Mário, depois de ter dado a Asclépio uma valiosa

taça adornada a ouro, como sinal de reconhecimento.

- Não estou nada de acordo. Para mim, são uns homens muito sensatos - replicou Júlia, atentando na

cintura do marido.

Só em Outubro deixaram o Pireu num navio enorme que ligava regularmente a Grécia a Éfeso. Mas

a montanhosa Éfeso não agradou a Caio Mário, que a todo o momento arquejava pelos caminhos da

ilha; por isso, tratou rapidamente de encontrar um navio que seguisse para sul, para Halicarnasso.

Mário decidiu instalar-se nessa cidade, talvez a mais bela de todas as cidades portuárias egeias da

Província da Ásia. Passaria o Inverno em Halicarnasso. Para tal, alugou uma *villa* bem abastecida de criadagem e equipada com uma piscina quente natural; de facto, embora o sol brilhasse a maior

parte do tempo, a água do mar estava demasiado fria para que nela pudessem banhar-se. As maciças

muralhas, as torres e as fortalezas, os imponentes edifícios públicos, davam àquela cidade um

aspecto seguro e especialmente romano, embora Roma não possuísse um monumento tão

maravilhoso como o Mausoléu, o túmulo do rei Mausolo, mandado contruir pela sua inconsolável

mulher e irmã Artemísia.

Já a Primavera ia adiantada quando se puseram a caminho de Pessinunte, e muito protestaram Júlia

e o jovem Mário, que queriam passar o Verão junto ao mar, mas sabiam de antemão que aquela era

uma batalha perdida. Invasores e peregrinos, todos seguiam a estrada ao longo do vale do rio

Meandro, entre a costa da Ásia Menor e a Anatólia Central. O mesmo fizeram Mário e a família,

encantados com a prosperidade e a sofisticação das várias regiões por onde passavam. Deixando

para trás as fascinantes formações de cristal e os magníficos espatos de Hierápolis, onde produziam

lã negra, fixando a sua cobiçada cor numa solução de água com sais, atravessaram (seguindo ainda

o curso do Meandro) as enormes e acidentadas montanhas que levavam às florestas e às regiões

solitárias da Frígia.

Pessinunte, porém, ficava ao fundo de uma planície elevada desprovida de floresta, mas repleta de

trigo, um mar de verde naquela época do ano. Explicou-lhes o guia que, tal como a maior parte dos

grandes santuários religiosos da Anatólia interior, o templo da Grande Mãe, em Pessinunte, possuía

vastas extensões de terra e uma multidão

de escravos, e era tão rico e auto-suficiente que funcionava como qualquer estado. A única

diferença consistia em que os sacerdotes governavam em nome da Deusa, e preservavam a riqueza

do santuário para aumentar o poder da Deusa.

Esperando encontrar uma Delfos escondida no meio de montanhas assombrosas, ficaram

surpreendidos ao descobrir que Pessinunte se situava a uma altitude inferior à da planície que a

rodeava, numa garganta escarpada, gredosa, de um branco muito brilhante, O templo ficava na

extremidade norte da cidade, uma faixa mais estreita e menos fértil do que as regiões a sul, e erguia-se sobre um curso de água que desaguava no rio Sangário. A cidade, o templo e os edifícios do

santuário ressumavam antiguidade, embora as estruturas então dominantes fossem gregas em estilo

e data, e o grande templo, empoleirado numa elevação que sobrepujava o vale, mergulhasse

abruptamente, do lado frontal, num círculo de três-quartos de degraus, nos quais se sentavam os

peregrinos em conferência com os sacerdotes.

- O umbigo da Deusa está em Roma, Caio Mário - disse o arquigalo Bataces. - Foi-vos dado de

graça num época em que Roma precisava de ajuda. Por essa razão, quando Aníbal fugiu para a Ásia

Menor, não se aproximou sequer de Pessinunte.

Lembrando-se da carta de Públio Rutílio Rufo acerca da visita de

Bataces e dos seus sequazes a Roma, na altura em que as invasões germanas ameaçavam o Império,

Mário encarou o sacerdote com alguma ironia, uma atitude de que Bataces se apercebeu

imediatamente.

- É o facto de eu ser um eunuco que te faz sorrir? - perguntou. Mário pestanejou.

- Não sabia que eras eunuco, arquigalo.

- Não se pode servir a Cubaba Cibele e permanecer intacto, Caio Mário. Mesmo o seu esposo, Átis,

teve de submeter-se a esse terrível sacrifício - disse Bataces.

- Pensava que Átis tinha sido castrado por se ter ligado a outra mulher - disse Mário, sentindo que

tinha de dizer qualquer coisa, e não querendo enredar-se numa discussão acerca de gónadas

amputadas, embora fosse evidente que o padre queria discutir a sua condição de eunuco.

- Não! - retorquiu Bataces. - Essa história é um arranjo grego. Só nós, os Frígios, mantemos pura a

devoção à Deusa e, com ela, o nosso conhecimento de Cibele. Nós somos os seus verdadeiros



seguidores. Foi connosco que ela veio ter, há muitos, muitos anos, vinda de Carchemiche. - O

sacerdote afastou-se do sol, encaminhando-se para o pórtico do grande templo; a sombra obscurecia

o brilho do seu traje a ouro e das suas muitas jóias.

Permaneceram por algum tempo na *cella* da Deusa, ao que parece para Mário admirar a estátua.

- Ouro maciço - disse Bataces, desvanecido.

- Tens a certeza? - perguntou Mário, lembrando-se do que o guia lhe tinha dito em Olímpia acerca

da técnica usada para fazer a estátua de Zeus.

- Absoluta.

Em tamanho natural, a estátua encontrava-se sobre um alto plinto de mármore, e mostrava a Deusa

sentada num banco baixo; as mãos de Cibele repousavam sobre as cabeças de dois leões sem juba.

Tinha a Deusa um chapéu alto semelhante a uma coroa, um vestido fino que deixava ver a beleza

dos seus seios, e uma faixa à cintura. Atrás do leão à esquerda da Deusa, viam-se dois pastores de

pouca idade, um soprando numa flauta dupla, e o outro dedilhando uma lira enorme. À direita do

outro leão, via-se o esposo de Cubaba Cibele, Átis, apoiado num cajado, a cabeça coberta com o

barrete frígio, um barrete cónico, mole, que terminava numa ponta redonda e pendente; vestia uma

camisa de manga comprida, apertada no pescoço, mas aberta sobre a barriga, exibindo uma bela

musculatura; as calças compridas, exibiam uma abertura em cada perna que, a partir de certa altura,

era fechada com botões.

- Interessante - comentou Mário, que considerava a estátua muito pouco bela, fosse ela feita de ouro

maciço ou não.

- Não a admiras.

- Provavelmente é porque sou romano e não frígio, arquigalo. Virando as costas ao sacerdote, Mário

encaminhou-se para as enormes portas de bronze da *cella.* - Porque é que esta deusa asiática se interessa tanto por Roma? - perguntou.

- Há muito que se preocupa com Roma, Caio Mário. Se assim não fosse, não teria acedido a dar o

umbigo a Roma.

- Sim, eu sei. Mas isso não responde à minha pergunta - retorquiu Mário, cada vez mais irritado.

- Cubaba Cibele não revela as suas razões, nem mesmo aos sacerdotes que a servem - disse Bataces.

O sol batia-lhe agora em



cheio, pois encontrava-se na escadaria: doíam os olhos a Mário só de olhar para todo aquele brilho.

O sacerdote sentou-se, convidando também Mário a sentar-se na laje de mármore. - No entanto,

parece que ela sente que Roma continuará a firmar a sua importância em todo o mundo, e que talvez

um dia venha a conquistar Pessinunte. Os Romanos acolheram-na há mais de cem anos como

Magna Mater. De todos os templos que possui no estrangeiro, é o de Roma o que ela mais gosta. O

grande templo do Pireu de Atenas, e o de Pérgamo, já agora, em compraração com o de Roma, são

para ela pouca coisa. Creio que a explicação é simples: ela ama Roma.

- Pois tanto melhor para ela! - retorquiu Mário, cordialmente. Bataces estremeceu por um segundo e

fechou os olhos. Um suspiro,

um tremor nos ombros, e logo apontou para lá dos degraus, para um anfiteatro redondo.

- Há alguma coisa que desejes perguntar à Deusa? Mas Mário abanou a cabeça.

- O quê? Eu ir pôr-me a gritar para o poço e esperar depois que uma voz de fantasma me responda?

Não, obrigado.

- É assim que ela responde a todas as perguntas que lhe fazem.

- Não se trata de desrespeito da minha parte em relação à Cubaba Cibele, arquigalo. Acontece,

porém, que os deuses já me fizeram profecias que cheguem. Não me parece boa ideia interrogá-los

novamente

- retorquiu Mário.

- Sentemo-nos então ao sol e oiçamos o vento por um instante, Caio Mário - disse Bataces,

ocultando a sua profunda decepção; de facto, tinha preparado algumas respostas oraculares

particularmente importantes.

- Sabes por acaso como poderei entrar em contacto com o rei do Ponto? - perguntou Mário, de

súbito, ao fim de algum tempo. - Por outras palavras, sabes onde ele se encontra? Escrevi-lhe para

Amasia e até agora não recebi qualquer resposta. Passaram já oito meses. E a minha segunda carta

não chegou sequer às mãos dele.

- O rei do Ponto nunca está num sítio certo - respondeu, desenvolto, o sacerdote. - É possível que

este ano não tenha passado por Amasia.

- Isso quer dizer que ele não tem um serviço de correio que o segue de cidade em cidade?

- A Anatólia não é Roma, nem território romano - disse Bataces.

- Nem mesmo as cortes do rei Mitridates sabem onde ele se encontra, a menos que as informe

antecipadamente. E raramente o faz.

95

- Por todo os deuses! - exclamou Mário, espantado. - E como é que ele consegue manter o reino de

pé?

- Os seus barões governam na sua ausência, o que não é tarefa árdua, pois a maior parte das cidades

do Ponto são Estados gregos que se governam a si mesmos. Limitam-se a pagar a Mitridates aquilo

que ele lhes pede. Quanto às zonas rurais, todas elas são primitivas e isoladas. O Ponto é um país de montanhas muito altas, paralelas ao mar Euxino; daí resulta que as comunicações entre as várias

regiões são muito deficientes. O rei tem muitas fortalezas espalhadas pelas montanhas e, segundo as

últimas informações que me chegaram aos ouvidos, dispõe de quatro cortes: Amasia, Sinope,

Dasteira e Trapezunte. Como lhe disse, ele nunca está num sítio certo, e normalmente leva pouca

gente consigo. Costuma também visitar a Galácia, a Sofénia, a Capadócia e a Comagena. Essas

regiões são governadas por familiares seus.

- Estou a ver. - Mário curvou-se um pouco para a frente, juntando as mãos entre os joelhos. - Estás

pois a dizer-me que nunca conseguirei encontrá-lo.

- Depende do tempo que tencionas permanecer na Ásia Menor retorquiu Bataces, num tom

aparentemente indiferente.

- Creio, arquigalo, que terei de ficar até conseguir um encontro com o rei do Ponto. Entretanto,

visitarei o rei Nicomedes - *esse,* pelo menos, tem casa fixa! Depois, volto para Halicarnasso, a fim de passar o Inverno. Na Primavera, tenciono ir a Tarso, e de Tarso seguirei para o interior, a fim de visitar o rei Ariárates da Capadócia. - Mário revelou tudo isto despreocupadamente, mudando

depois de assunto: queria falar de uma questão que muito lhe interessava, os dinheiros do templo.

- Não faz sentido mantermos o dinheiro da Deusa apodrecendo nos nossos cofres - disse Bataces,

afavelmente. - Emprestando-o a boas taxas de juro, estamos a aumentar a nossa riqueza. Mas aqui

em Pessinunte não aceitamos depositantes, ao contrário do que fazem outros templos da Deusa.

- Essa actividade não se verifica em Roma - disse Mário. - Porque, creio eu, os templos de Roma

são propriedade do povo romano, administrada pelo Estado.

- Mas o Estado romano podia aumentar as suas fontes de lucro...



- Podia, de facto, mas isso implicaria um acréscimo da burocracia, e Roma não aprecia muito os

burocratas. Tendem a revelar-se inertes ou a consumir em excesso. O nosso sistema bancário é

privado e encontra-se nas mãos de banqueiros profissionais.

- Garanto-te, Caio Mário, que os banqueiros do templo são grandes profissionais - disse Bataces.

- *E* Cós? - perguntou Mário.

- O santuário de Asclépio?

- Sim.

- Ah, esse é um santuário *muito* profissional! - disse Bataces, não sem alguma inveja. - Neste momento, é uma instituição perfeitamente capaz de financiar uma série de guerras! Tem muitos

depositantes, claro.

Mário levantou-se.

- Obrigado por tudo, arquigalo.

Bataces observou Mário descendo a rampa que conduzia à bela colunata construída acima do

regato; depois, certo de que Mário não voltaria para trás, o padre correu para o seu palácio, um

edifício pequeno mas encantador, no meio de um pequeno bosque.

Confortavelmente instalado no seu gabinete, pegou em tudo o que precisava para escrever, e

começou uma carta cujo destinatário era o rei Mitridates do Ponto.

*Grande Rei:*

*Ao que parece, o cônsul romano Caio Mário está decidido a encontrar-se convosco. Pediu-me que o*

*ajudasse a localizar-vos; como não o encorajei, retorquiu-me que tenciona ficar na Ásia Menor até conseguir ver-vos.*

*Entre os seus planos para o futuro próximo, contam-se visitas a Nicomedes e a Ariárates. É caso para perguntar por que razão se há-de sujeitar aos rigores de uma viagem à Capadócia, tanto mais que Caio Mário não é um homem novo - nem se encontra muito bem de saúde, assim me pareceu. No entanto, foi muito claro: na Primavera irá a Tarso, e depois seguirá para a Capadócia.*

*Considero Caio Mário um homem notável, Grande Rei. Se este homem conseguiu ser cônsul de Roma por seis vezes - ele que é um indivíduo grosseiro e inculto -, ninguém deverá subestimá-lo. Os Romanos ilustres com quem pude falar eram muito mais afáveis e*



*sofisticados. É pena que não tenha tido a oportunidade de me encontrar com Caio Mário em Roma, pois aí, comparando-o com os seus pares, poderia tê-lo conhecido muito melhor do que aqui, em Pessinunte. Creia-me vosso devotado e sempre leal súbdito, Bataces.*

Bataces selou a carta, embrulhou-a no couro mais macio e colocou-a por fim numa sacola; depois,

chamou um dos seus jovens padres e mandou-o seguir a toda a pressa para Sinope, onde se

encontrava o rei Mitridates.

O conteúdo da carta não agradou ao rei. Enquanto a lia, não parou de morder os lábios e pôs uma

carranca tão horrenda que os seus cortesãos, obrigados a permanecer junto ao rei, mas sem abrirem

boca, ficaram contentes com a chegada da carta e tristes com a sorte de Arquelau, obrigado a sentar-

se ao lado do rei e a falar sempre que ele lhe dirigia a palavra. Não que isso apoquentasse Arquelau; primo germano do rei e chefe dos nobres, Arquelau era tanto um amigo como um criado e parecia

um irmão, mais do que um primo.

Contudo, apesar de uma aparência despreocupada, Arquelau temia tanto pela sua segurança como

todos os outros que serviam o rei; embora qualquer pessoa pudesse concluir que o rei tinha por ele

muita estima. Arquelau faria bem em ter sempre presente o que sucedera ao chefe dos nobres,

Diofanto. Também Diofanto fora amigo e criado do rei, e pai, tanto como tio que realmente era.

A verdade, porém, é que não tinha outra opção, reflectia Arquelau, enquanto observava aquele rosto

determinado, mas petulante, a pouca distância dele. O Rei era o Rei, e todos os seus súbditos

dependiam das suas ordens - e o rei podia inclusivamente matá-los, se assim lhe aprouvesse. Uma

situação que aguçava o engenho de todos aqueles que conviviam com o rei, com a sua desmedida

energia, com os seus caprichos, infantilismo, sagacidade, força e timidez. Um homem dispunha

apenas do seu engenho, se queria escapar a uma infinidade de situações perigosas. E estas situações

perigosas podiam rebentar como as tempestades do Euxino, ou ferver lentamente como caldeirões

sobre carvões ardentes nas profundezas da mente do rei, ou ter origem num qualquer erro esquecido

há mais de uma década. Porque o rei nunca se esquecia de uma ofensa, real ou imaginária; limitava-

se a guardá-la para uso futuro.



- Parece que vou ter de me encontrar com ele - disse Mitridates, acrescentando logo de seguida: -

Não é verdade?

Uma armadilha: que haveria ele de responder?

- O Grande Rei só terá de se encontrar com ele ou com qualquer outra pessoa, se assim o desejar -

retorquiu Arquelau à vontade. - No entanto, imagino que um encontro com Caio Mário poderá ser

algo de interessante.

- Capadócia. Na Primavera. Deixá-lo conhecer Nicomedes primeiro. Se este Caio Mário é um

homem tão formidável como dizem, então não gostará por certo de Nicomedes da Bitínia - disse o

rei. - E que se encontre também primeiro com Ariárates. Manda dizer a esse insecto que se encontre

com Caio Mário em Tarso, e que o escolte pessoalmente até à Capadócia.

- Grande Rei, o exército será mobilizado como estava planeado?

- Claro. E Górdio? Virá?

- Deverá estar em Sinope antes que as neves do Inverno encerrem os caminhos, meu Rei -

respondeu Arquelau.

- Muito bem! - Exibindo ainda uma carranca medonha, Mitridates voltou a embrenhar-se na leitura

da carta de Bataces, e de novo começou a morder os lábios. Romanos! Por que carga de água

haviam de meter-se em casos que, no fim de contas, não lhes diziam respeito? Por que razão um

homem tão famoso como Caio Mário se interessava pelo que se passava com o povo da Anatólia

Oriental? Teria Ariárates chegado a acordo com os Romanos para derrubarem Mitridates Eupator e

transformarem o Ponto numa satrapia de Capadócia?

- O caminho tem sido demasiado longo e difícil - disse ele a Arquelau. - Não me curvarei perante os

Romanos!

O caminho fora, de facto, longo e difícil, praticamente desde o seu nascimento, pois Mitridates era o filho mais novo do rei Mitridates V e da irmã e esposa deste, Laódice. Nascido no mesmo ano em

que Cipião Emiliano morrera tão misteriosamente, Mitridates Eupator tivera um irmão cerca de dois

anos mais velho, chamado Mitridates Cresto por ser ele o ungido, o rei escolhido. O pai sonhara

expandir o Ponto à custa fosse de quem fosse, mas de preferência à custa da Bitínia, o mais velho e

o mais obstinado inimigo do seu reino.

Pensara-se de início que o Ponto manteria o título de Amigo e Aliado do Povo Romano,

conquistado pelo rei Mitridates IV, por ter

apoiado Átalo II, de Pérgamo na guerra contra o rei Prúsias da Bitínia. Mitridates V mantivera esta

aliança com Roma durante algum tempo, enviando ajuda contra Cartago durante a terceira das

Guerras Púnicas, e contra os sucessores de Átalo III de Pérgamo, depois de o testamento deste ter

revelado que deixava todo o seu reino a Roma. Mais tarde, porém, Mitridates V comprou a Frigia,

pagando uma determinada soma em ouro ao procônsul romano na Ásia Menor, Mânio Aquílio; o

título de Amigo e Aliado foi então retirado e a inimizade entre Roma e o Ponto tornou-se, desde

então, uma constante, sagazmente fomentada por Nicomedes da Bitínia - e pelos senadores romanos

que se opunham a Aquílio.

Apesar da inimizade de Roma e da Bitínia, Mitridates V manteve a sua política expansionista,

conquistando a Galácia, e tornando-se herdeiro da maior parte do reino da Paflagónia. Mas a sua

irmã e esposa não gostava dele; e crescia nela o desejo de governar o Ponto sozinha. Quando

Mitridates Eupator tinha nove anos - a corte encontrava-se então em Amasia -, a rainha Laódice

matou o marido, que era também seu irmão, e entregou o trono a Mitridates Cresto, então com onze

anos. Naturalmente, Laódice obtinha para si o título de Regente. Em troca de uma garantia da

Bitínia de que não tocaria nas fronteiras do Ponto, a rainha desistiu das reivindicações relativas à

Paflagónia, e libertou a Galácia.

Com menos de dez anos de idade, Mitridates Eupator fugiu de Amasia poucas semanas depois do

golpe da mãe, convencido de que também ele seria assassinado; é que, ao contrário do seu dócil e

obtuso irmão Cresto, Eupator fazia lembrar à mãe o rei assassinado, e Laódice não se cansava de o

dizer. Completamente só, o jovem fugiu, não para Roma ou para alguma corte próxima, mas para as

montanhas orientais do Ponto, onde revelou a sua identidade, embora pedindo às gentes locais que

não divulgassem a situação. Reverente e lisonjeado, e predisposto a amar um membro da Casa Real

que se exilara no seu seio, o povo das montanhas protegeu Mitridates fanaticamente. Andando de

aldeia em aldeia, o jovem príncipe acabou por conhecer o seu país melhor do que qualquer outro

membro da Casa Real desde que o Ponto nascera, e conseguiu penetrar profundamente em regiões

onde a civilização avançava lentamente, ou parara, ou, muito simplesmente, nunca existira. No

Verão, deambulava pelos campos completamente livre, caçando ursos e leões, sabendo que a

generosidade das florestas



lhe providenciaria alimentos - cerejas e avelãs, damascos e suculentos legumes, veados e coelhos.

Tais aventuras, porém, valeram-lhe, entre o povo ignorante, a reputação de corajoso.

Os sete anos em que permaneceu escondido nas montanhas orientais do Ponto foram talvez os

melhores anos da sua vida, pois nunca mais voltou a gozar de tantos prazeres simples e sem mácula

como nesse período, nem nunca mais voltou a encontrar súbditos que o adorassem tanto e de forma

tão espontânea. Enquanto deambulava silenciosamente sob as copas das árvores das florestas,

adornadas pelo rosa e o lilás dos rodoendros e pela cor creme das pendentes acácias, acompanhado

sempre pelo barulho das cascatas límpidas, Mitridates foi crescendo e, de menino, passou a

adolescente. As suas primeiras mulheres foram as raparigas de aldeias minúsculas, primitivas; o seu

primeiro leão um animal enorme com uma juba tremenda, que ele matou, qual reincarnação de

Hércules, com um cajado; o seu primeiro urso, uma criatura muito mais alta do que ele.

Os Mitridates constituíam uma família importante; as suas origens germano-célticas localizavam-se

na Trácia. Havia neles também algum sangue persa, da corte (ou mesmo dos descendentes) do rei

Dário. Governavam o reino do Ponto há duzentos e cinquenta anos e, durante esse tempo, tinham

efectuado alguns casamentos com a dinastia síria dos Selêucidas, outra casa real germano-trácia, já

que descendia de Seleuco, general de Alexandre, o Grande. A linhagem persa proporcionava

ocasionalmente o nascimento de crianças frágeis, afáveis, de um tom de pele moreno claro; mas em

Mitridates Eupator havia todos os traços dos Germanos e dos Celtas. Era muito alto; os seus ombros

eram largos o bastante para poderem transportar a carcaça de um veado adulto; e as coxas e as

barrigas das pernas eram suficientemente fortes para escalarem as fragas de qualquer pico do Ponto.

Aos dezassete anos, sentiu-se suficientemente adulto para lançar a cartada decisiva; mandou uma

mensagem secreta a seu tio Arquelau, um homem que não nutria qualquer estima pela rainha

Laódice, sua meia-irmã e soberana. Nos montes sobranceiros a Sinope, onde a rainha vivia agora

permanentemente, realizaram-se então umas quantas reuniões secretas que deram origem ao plano

que haveria de derrubá-la; nessas reuniões, Mitridates foi conhecendo, um a um, os chefes da

nobreza que Arquelau considerava dignos de confiança; e esses chefes juraram-lhe obediência.



Tudo se passou exactamente como o plano previa; Sinope caiu porque a luta pelo poder prosseguia

dentro das suas muralhas, nunca ameaçadas do exterior. A rainha, Cresto e os nobres que lhes eram

leais foram afastados sem derramamento de sangue; o sangue derramado jorrou apenas por acção da

espada do carrasco. Vários tios, tias e primos foram imediatamente mortos. Cresto algum tempo

depois; a rainha Laódice foi a última a morrer. Filho excelente, Mitridates atirou com a mãe para as

masmorras de Sinope, onde - como *poderia* tal coisa ter acontecido? - alguém se esqueceu de lhe dar de comer, com a consequência natural de que a rainha acabou por morrer de fome. Inocente de

matricídio, Mitridates VI passou a reinar sozinho. Não tinha ainda dezoito anos.

Sentia-se uma criatura importante, superior, ansiava por engrandecer o seu nome, e por tornar o

Ponto mais poderoso do que qualquer dos seus vizinhos, consumia-o o desejo de dominar o mundo;

o seu enorme espelho de prata dizia-lhe que não era um rei vulgar. Em vez de um diadema ou de

uma tiara, passou a usar a pele de um leão; a boca enorme do leão, exibindo as presas, ficava presa

à testa do rei, a cabeça e as orelhas cobriam-lhe o crânio, as garras caíam-lhe, atadas uma na outra, sobre o peito. Como o seu cabelo era tal e qual como o de Alexandre, o Grande - a mesma cor

dourada, muito espesso, muito encaracolado -, Mitridates usava-o no mesmo estilo. Finalmente,

querendo demonstrar a sua masculinidade, deixou crescer não uma barba ou um bigode (que não se

coadunavam com o gosto helénico), mas umas longas e eriçadas suíças. Era tremendo o contraste

com Nicomedes da Bitínia! Viril, um macho, enorme, vigoroso, temível, poderoso. Tais eram as

qualidades que o seu espelho de prata lhe mostrava: e Mitridates era um homem satisfeito.

Casou com a irmã mais velha, de seu nome Laódice, tal como a mãe; mas não se ficou por aí:

acabou por ter uma dúzia de mulheres e, por várias vezes, o mesmo número de concubinas; nomeou

Laódice rainha, mas, como muitas vezes lhe dizia, isso só duraria enquanto ela lhe fosse leal. Para

reforçar esta advertência, mandou buscar à Síria uma noiva da Casa Real selêucida; e como havia

nessa época um sem-número de princesas selêucidas, não lhe foi difícil obter a noiva pretendida:

Antiochis. Outra das suas mulheres era Nisa, filha de Górdio, príncipe da Capadócia. Finalmente,

deu uma das suas irmãs mais novas (outra Laódice!) ao rei Ariárates VI da Capadócia.



Depressa descobriu que as alianças realizadas através de casamentos eram extremamente úteis. O seu sogro Górdio conspirou com sua irmã Laódice para matar o marido desta última, o rei da Capadócia; satisfeita com década e meia de regência, a rainha Laódice entregou o trono ao filho ainda pequeno (que passaria a ser conhecido como Ariárates VII) e o país ao domínio do irmão. Até que sucumbiu às lisonjas do velho rei Nicomedes da Bitínia, pois era seu desejo governar independentemente de Mitridates e do cão de guarda capadócio, Górdio. Górdio fugiu para o Ponto. Nicomedes assumiu o título de Rei da Capadócia, mas

permaneceu na Bitínia e autorizou a sua nova mulher, Laódice, a agir exactamente como queria dentro das fronteiras da Capadócia, na condição de não manter qualquer relação de amizade com o reino do Ponto. Uma situação que convinha perfeitamente a Laódice. Porém, Ariárates VII, agora com cerca de dez anos,

desenvolvera já tendências autocráticas, como era costume em todas as linhagens reais orientais, e queria governar sozinho. O

conflito com a mãe levou ao esmagamento das suas pretensões, mas não das suas

convicções. Um mês passado, apresentou-se na corte de seu tio Mitridates, em Amasia; e, passado mais um mês, Mitridates instalou-o, sozinho, no seu trono em Mazaca, o que não foi difícil, pois o exército do Ponto, ao contrário do da Capadócia, encontrava-se permanentemente preparado para intervir em qualquer

eventualidade. Laódice foi assassinada, sob o olhar impassível do irmão; e o poder bitínio na Capadócia foi, dessa forma, abruptamente esmagado. A única coisa que irritava Mitridates era a recusa de Ariárates VII em receber Górdio de volta, já que, dizia o jovem rei, não poderia abrir as portas do palácio àquele que assassinara o seu pai.

Esta ingerência nos assuntos da Capadócia ocupara muitos anos do reinado do jovem rei do Ponto; nos

primeiros anos desse reinado, Mitridates concentrou a sua energia no melhoramento do exército, tanto em total de efectivos como em qualidade, e no acréscimo das riquezas do Estado. Apesar dos seus ares leoninos, das poses grandiosas, apesar da juventude, Mitridates era um homem dado à reflexão, e não apenas à acção.

Com uma mão cheia de nobres que eram também seus parentes próximos - os tios Arquelau e Diofanto, os

primos Arquelau e Neoptólemo -, fez-se ao mar em Amiso, com a ideia de realizar uma viagem pelas costas orientais do Euxino. Os elementos do grupo iam disfarçados de mercadores gregos em busca de alianças

comerciais;

como tal foram aceites nas cidades onde desembarcaram, já que os habitantes destas pouco sabiam

do andamento das coisas do mundo. Trapezunte e Rizunte há muito que pagavam tributo aos reis do

Ponto e, formalmente, pertenciam ao reino; mas para lá destas duas prósperas saídas para as

generosas minas de prata do interior, ficava *terra incógnita.*

A expedição explorou a lendária Cólquida, onde o rio Fásis desaguava no mar; os povos que viviam

junto ao Fásis suspendiam a lã das ovelhas por sobre a corrente do rio e assim apanhavam as muitas

partículas de ouro que ela trazia do Cáucaso. Com espanto, Mitridates e os seus companheiros

admiraram as montanhas ali existentes, ainda mais altas que as do Ponto e da Arménia, e com as

encostas perpetuamente cobertas de neve; e mantiveram-se alerta, não fossem aparecer as

descendentes das Amazonas que, noutros tempos, tinham vivido no Ponto, na região onde o

Termodonte formava, ao desaguar, uma extensa planície aluvial.

Lentamente, o Cáucaso foi diminuindo de altitude e assim surgiram as infindáveis planícies dos

Citas e dos Sármatas, povos prolíficos, de hábitos praticamente fixos, que foram de algum modo

dominados pelos Gregos que tinham instalado colónias no litoral - não militarmente dominados,

mas expostos à cultura e aos costumes gregos -, enfim, povos muito atraentes e exóticos.

Na zona onde o delta do rio Vardanes encontra a linha do litoral, o navio do rei Mitridates penetrou

numa enorme lagoa, chamada Meótida; a exploração da lagoa Meótida levou-o à descoberta do

maior rio do mundo, o lendário Tánais. Mas ouviram ainda os nomes de outros rios

- Ra, Udon, Borístenes, Hípanis - e variadas histórias sobre o vasto mar situado a leste e Hircânio

ou Cáspio chamado.

Em todas as zonas onde os Gregos tinham estabelecido entrepostos comerciais, o trigo crescia

abundantemente.

- Desenvolver-nos-íamos mais se tivéssemos um mercado - disse-lhes o etnarca de Sinde. - Como

apreciaram o gosto do pão da primeira vez que o provaram, os Citas aprenderam a arar e a cultivar o

trigo.

- Há um século atrás, vendiam trigo ao rei Masinissa da Numídia

- retorquiu Mitridates. - Continua a haver mercados. Ainda há pouco tempo, os Romanos estavam

dispostos a pagar fosse o que fosse. Porque não procuram vocês os mercados de uma forma mais

activa?

- Talvez nos tenhamos isolado demasiado do mundo do mar Central

- disse o etnarca. - E além disso, os impostos que a Bitínia nos obriga a pagar pela passagem do

Helesponto são muito pesados.

104

- Creio - disse Mitridates aos tios - que teremos de fazer o possível para ajudar esta excelente gente.

Não acham?

Uma visita à península extraordinariamente fértil a que os Gregos chamavam Quersoneso Táurico e

que os Citas conheciam pelo nome de Cimério, constituiu a derradeira prova de que Mitridates

precisava; aquelas terras só estavam à espera de ser conquistadas, e o reino do Ponto tinha de

conquistá-las.

Não sendo um bom general, Mitridates era, porém, suficientemente inteligente para se aperceber

disso. As coisas militares interessavam-no por curtos períodos, e não era nenhum cobarde, longe

disso; mas o comando de milhares e milhares de soldados era algo que o deixava confuso, mesmo

antes de alguma vez ter exercido tal comando. Em contrapartida, descobriu que gostava de

organizar campanhas, de congregar exércitos. Que outros, melhor qualificados do que ele, os

comandassem.

O reino do Ponto, como é evidente, tinha forças militares; o rei, porém, estava consciente de que a

sua qualidade deixava muito a desejar, pois os Gregos que viviam nas cidades costeiras

desprezavam a guerra

- e os povos nativos, descendentes dos Persas que outrora tinham vivido a sul e a ocidente do mar

Hircânio, eram tão atrasados que dificilmente aceitavam o treino militar. Por isso, tal como a maior

parte dos dirigentes orientais, Mitridates viu-se obrigado a confiar em mercenários. A maior parte

eram Sírios, Cilicianos, Cipriotas, e os fogosos cidadãos dos guerreiros estados semitas situados à

volta do lago Asfaltita, na Palestina. Combatiam extremamente bem e com toda a lealdade - desde

que lhes pagassem. Se o pagamento se atrasasse um dia, pegavam nas suas coisas e punham-se a

caminho dos respectivos países.

Porém, depois de conhecer os Citas e os Sármatas, o rei do Ponto decidiu que, de futuro, recorreria

a esses povos para obter soldados; faria deles soldados de infantaria e armá-los-ia como romanos. E

com eles, lançar-se-ia na conquista da Anatólia. Antes disso, porém, teria de subjugá-los. E para

esta tarefa, escolheu o seu tio Diofanto, filho da irmã germana de seu pai, e um nobre chamado

Asclepiodoro.

O pretexto para a guerra foi uma queixa dos Gregos de Sinde e do Quersoneso Táurico a propósito

das incursões lançadas pelos filhos do entretanto falecido rei Ciluro, artífice de um Estado cita da

Ciméria que não soçobrara por completo após a sua morte. Graças aos esforços do entreposto grego

de Ólbia, este povo cita, embora agricultor, gostava da guerra.

105

- Peçam ajuda ao rei Mitridates do Ponto - disse o falso mercador antes de deixar o Quersoneso

Táurico. - Se quiserem, eu próprio lhe entregarei uma carta vossa.

Diofanto, um general que tinha dado sobejas provas do seu valor durante o reinado de Mitridates V,

encarregou-se de tal tarefa com entusiasmo, levando um exército numeroso e bem treinado para o

Quersoneso Táurico na Primavera após a visita de Mitridates. O resultado foi um triunfo para o

reino do Ponto; os filhos de Ciluro foram facilmente dominados, tal como o reino interior do

Cimério; ao fim de um ano, o Ponto controlava todo o Quersoneso Táurico, um vasto território dos

Roxolanos, a ocidente, e a cidade grega de Ólbia, muito afectada pelas constantes incursões de

Sármatas e Roxolanos. Durante o segundo ano, os Citas lutaram contra o invasor, mas, no final

desse ano, Diofanto tinha subjugado as regiões orientais da lagoa Meótida e os Meotas Sindos do

interior, governados pelo rei Saumaco, e estabelecido duas poderosas cidades-fortalezas, uma em

frente da outra, no Bósforo Cimério.

Diofanto seguiu então num navio para o Ponto, deixando um filho, Neoptólemo, a tratar dos

problemas de ólbia e da região ocidental, e o seu outro filho, Arquelau, a dirigir o novo Império

Pôntico do Norte do Euxino. A campanha tinha corrido esplendidamente, o saque fora considerável,

os efectivos para os exércitos pônticos não paravam de crescer, e as possibilidades comerciais eram

extremamente prometedoras. Diofanto contou tudo isto ao seu jovem rei com não pouco orgulho;

Mitridates, com inveja e medo, mandou-o executar.

O choque repercutiu-se por toda a corte pôntica, acabando por chegar à região norte do Euxino,

onde os filhos de Diofanto choraram de terror e desgosto, mas logo se lançaram com redobrada

energia na execução da obra que o pai iniciara. Neoptólemo e Arquelau avançaram pelo litoral leste

do Euxino, e, um a um, os pequenos reinos do Cáucaso foram-se rendendo ao Ponto, incluindo a

Cólquida, célebre pelo seu ouro, e as terras entre o Fásis e o Rizo Pôntico.

A Arménia Menor - a que os Romanos chamavam Arménia Parva - não pertencia na realidade ao

reino da Arménia; ficava a ocidente e na parte pôntica das vastas montanhas entre os rios Araxes e

Eufrates. A Arménia Menor, segundo Mitridates, pertencia legitimamente ao Ponto, nem que fosse

pelo facto de o rei desse pequeno Estado considerar os reis do Ponto, e não



os da Arménia, como seus suseranos. Logo que o Euxino oriental e norte lhe passaram a

pertencer de nome e de facto, Mitridates invadiu a Arménia Menor, conduzindo

pessoalmente o exército, pois tinha a certeza de que a sua presença bastaria para conquistar

o reino. E tinha razão. Quando entrou na pequena cidade de Zimara, que se denominava

capital do reino, tinha toda a população à sua espera, saudando-o calorosamente; o rei

Antípatro da Arménia Menor avançou na direcção dele com os trajes e o aspecto de um

suplicante. Por uma vez na vida, Mitridates *sentia-se* um general; não admira, por isso, que

se tivesse deixado fascinar por aquele reino. Reparou naquelas cadeias de picos cobertos de

neve, nas torrentes de água quente, verificou que aquela era uma região remota, inacessível,

e decidiu que guardaria na Arménia Menor a maior parte do seu tesouro que, aliás, não

parava de crescer. Tratou imediatamente de dar as suas ordens; depósitos-fortalezas seriam

construídos em todos os penhascos inacessíveis, no alto de rochedos íngremes de uma

qualquer muralha montanhosa, nas margens longínquas de rios letalmente velozes. Durante

todo um Verão, divertiu-se a escolher esta ravina, ou aquele desfiladeiro; concluído o

projecto, havia na Arménia Menor mais de setenta fortalezas, e a notícia da sua fabulosa

riqueza chegara mesmo a Roma.

Assim foi que, com menos de trinta anos, mas já senhor de um dilatado império, guardião de

impressionantes riquezas, comandante-chefe de uma dúzia de exércitos, constituídos agora por

Citas, Sármatas, Celtas e Meotas, e pai de um sem-número de filhos, o sexto Mitridates do Ponto

enviou uma embaixada a Roma para pedir que lhe fosse concedido o título de Amigo e Aliado do

Povo Romano. Passou-se isto no ano em que Caio Mário e Quinto Lutácio Catulo César derrotaram

a última invasão dos Germanos em Vercelas; por isso, Mário só ouvira falar destes acontecimentos

em segunda mão, principalmente através das cartas de Públio Rutílio Rufo. O rei Nicomedes da

Bitínia queixou-se imediatamente ao Senado de que era impossível Roma nomear simultaneamente

Amigos e Aliados dois reis que estavam em permanente disputa, e salientou que ele, Nicomedes,

nunca oscilara na sua fidelidade a Roma, desde que subira ao trono bitínio, mais de trinta anos

antes. Tribuno da plebe pela segunda vez, Lúcio Apuleio Saturnino apoiara a Bitínia, pelo que de

nada serviu

todo o dinheiro que os enviados de Mitridates distribuíram por senadores mais necessitados. A

embaixada pôntica foi mandada de volta para o seu país com um redondo não.

Mitridates recebeu muito mal estas notícias. Primeiro, teve um acesso de cólera que pôs toda a corte

em debandada, enquanto ele andava de um lado para o outro na sua câmara de audiências, berrando

pragas e medonhas imprecações contra Roma e todas as coisas romanas. Depois, caiu num pasmo

ainda mais horrendo e, durante horas a fio, ficou sozinho e quieto, sentado, a cismar, no seu trono

real. Finalmente, depois de ter dito à rainha Laódice que ficaria a governar o reino na sua ausência, deixou Sinope, e só voltaria a ser visto na capital passado mais de um ano.

De Sinope, Mitridates foi para Amasia, a capital pôntica dos seus antepassados, onde todos os

primeiros reis estavam sepultados em túmulos talhados na sólida rocha das montanhas que

rodeavam a cidade, e, durante vários dias, vagueou pelos corredores do palácio, indiferente à

presença da assustada criadagem e aos apelos sedutores das duas mulheres e oito concubinas que aí

se encontravam permanentemente instaladas. Depois, tão súbita e radicalmente como uma

tempestade que desaparece na direcção das montanhas, Mitridates abandonou todo o seu furor e

tratou de fazer planos. Não mandou ninguém a Sinope buscar mais cortesãos, nem seguiu para Zela,

onde estava acampado o seu exército mais próximo; em vez disso, chamou todos os nobres que

viviam em Amasia e ordenou-lhes que escolhessem para ele um destacamento de mil militares de

elite. As suas instruções tinham sido maduramente reflectidas e foram proferidas num tom que não

tolerava discussão nem oposição. Dali seguiria para Ancira, a maior cidade da Galácia, mas apenas

com uma escolta; os soldados segui-lo-iam, sim, mas muitos quilómetros atrás. Quanto aos nobres,

ordenou-lhes desde logo que fossem convocar todos os chefes das tribos gaiatas para um grande

congresso em Ancira, onde o rei do Ponto lhes apresentaria interessantes propostas.

A Galácia era um estranho território, um entreposto céltico num subcontinente povoado pelos

descendentes de Persas, Sírios, Germanos e Hititas; todos, excepto os Sírios, tendiam a ser claros,

pelo menos de pele, mas não tão claros como os imigrantes celtas que descendiam do rei Breno II

dos Gauleses. Durante quase duzentos anos, estes celtas tinham ocupado grande parte do centro da

Anatólia, uma vasta

110

Depois, subitamente, Mitridates desapareceu por completo. Nem o nobre mais próximo do rei sabia

para onde ele tinha ido, ou que estaria congeminando; Mitridates limitou-se a deixar uma carta,

ordenando aos nobres que limpassem a Galácia, regressassem a Amasia e enviassem uma

mensagem à rainha para que nomeasse um sátrapa para o novo território pôntico da Galácia.

Vestido de mercador, escarranchado sobre um medíocre cavalo ruço e conduzindo um burro que

transportava roupas e um jovem escravo gaiata particularmente estúpido que não sabia sequer quem

o seu amo era, Mitridates seguiu pela estrada que levava a Pessinunte. No templo da Cubaba Cibele,

a Grande Mãe, revelou a sua verdadeira identidade a Bataces e convenceu o arquigalo a ajudá-lo,

obtendo dele muita da informação de que precisava. De Pessinunte seguiu para a Província Romana

da Ásia, através do longo vale do rio Meandro.

Não houve por certo cidade na Caria que tivesse escapado à sua investigação; aquele mercador

oriental, enorme de estatura, sempre curioso, e que nunca falava muito dos seus negócios, andou de

cidade em cidade, administrando de quando em quando um correctivo no bronco do escravo, os

olhos atentos a tudo, o cérebro arquivando a mais pequena informação. Ceou com outros

mercadores em estalagens, passeou por mercados nos dias de mercado, falando com qualquer

pessoa que lhe parecesse saber de factos interessantes, vagueou pelos cais de portos do mar Egeu

remexendo em fardos e espreitando *amphorae* seladas, namoriscou com raparigas da aldeia,

pagando-lhes de forma extremamente generosa quando elas acediam a satisfazer os seus urgentes

apetites carnais, escutou as histórias das riquezas do templo de Asclépio em Cós, do de Artemísia

em Éfeso, do santuário de Asclépio em Pérgamo, e dos fabulosos tesouros de Rodes.

De Éfeso seguiu para norte, para Esmirna e Sardes, atingindo por fim Pérgamo, capital do

governador romano, brilhando no alto da sua montanha como uma caixa ornamentada a jóias. Em

Pérgamo, viu pela primeira vez tropas genuinamente romanas, uma pequena guarda pertencente ao

governador; a Província da Ásia, para os Romanos, não corria qualquer risco militar, e por isso os

seus soldados eram auxiliares locais e milicianos. Demorada e apuradamente, Mitridates estudou os

oito membros da guarda real, reparando na pesada armadura de cota de malha, nas pequenas

espadas e nas lanças de pontas minúsculas, na forma bem treinada como se moviam, apesar de



e rica região, mantendo todos os seus hábitos e estilo de vida gauleses, indiferentes às culturas que os rodeavam. Mesmo os seus contactos intertribais eram frágeis; não tinham um rei supremo e não

estavam interessados em unir-se para conquistarem outras terras. Durante algum tempo,

reconheceram o rei Mitridates V do Ponto como seu suserano, uma espécie de contrato sem

consequências para qualquer dos lados, pois eles nunca pagaram os dízimos e tributos que

Mitridates V exigira, e o rei morreu antes de poder arrancar-lhes a retribuição prevista. Ninguém se

metia com eles; porque eram Gauleses, muito mais ferozes e valentes que Frígios, Capadócios,

Pontinos, Bitínios, ou Gregos Jónios ou Dórios.

Os chefes das três tribos gaiatas e as suas escoltas seguiram para Ancira, respondendo à convocação

de Mitridates, mais interessados na grande festa que lhes tinham prometido do que na eventual

campanha de violência e saque que Mitridates VI por certo pensaria oferecer-lhes. E em Ancira -

pouco maior que uma aldeia - encontraram Mitridates à sua espera. O rei do Ponto explorara toda a

região desde Amasia até Ancira à procura de todas as iguarias e de todos os tipos de vinhos que o

dinheiro pudesse comprar, e ofereceu aos chefes gaiatas um banquete mais grandioso e delicioso do

que eles alguma vez tinham sonhado. Encontrando-se já num estado de grande alvoroço e

contentamento antes de se atirarem à comida e à bebida, os chefes gaiatas sucumbiram ditosamente

às armadilhas da barriga cheia e da embriaguez.

E enquanto dormiam no meio dos destroços a que tinham reduzido o festim, ressonando e

contorcendo-se num estupor ébrio, os mil soldados de elite do rei Mitridates espalharam-se

silenciosamente pelo recinto e mataram-nos. Não se mexeu o rei Mitridates enquanto não foram

mortos todos os chefes gaiatas; sentado na sua cadeira real, à cabeceira da maior das mesas, com a

perna descansando sobre o braço da cadeira, e o pé abanando indolente, Mitridates - assim o dizia o

seu carão satisfeito - assistiu à matança com vivo interesse.

- Queimem-nos - disse ele por fim. - Espalhem depois as cinzas por cima do sangue derramado. No

próximo ano crescerá aqui um trigo magnífico. Nada melhor para a terra que sangue e ossos.

E assim Mitridates proclamou-se rei da Galácia, sem qualquer oposição, a não ser a que podiam

oferecer uns quantos gauleses dispersos e sem chefes.

110

Depois, subitamente, Mitridates desapareceu por completo. Nem o nobre mais próximo do rei sabia

para onde ele tinha ido, ou que estaria congeminando; Mitridates limitou-se a deixar uma carta,

ordenando aos nobres que limpassem a Galácia, regressassem a Amasia e enviassem uma

mensagem à rainha para que nomeasse um sátrapa para o novo território pôntico da Galácia.

Vestido de mercador, escarranchado sobre um medíocre cavalo ruço e conduzindo um burro que

transportava roupas e um jovem escravo gaiato particularmente estúpido que não sabia sequer quem

o seu amo era, Mitridates seguiu pela estrada que levava a Pessinunte. No templo da Cubaba Cibele,

a Grande Mãe, revelou a sua verdadeira identidade a Bataces e convenceu o arquigalo a ajudá-lo,

obtendo dele muita da informação de que precisava. De Pessinunte seguiu para a Província Romana

da Ásia, através do longo vale do rio Meandro.

Não houve por certo cidade na Caria que tivesse escapado à sua investigação; aquele mercador

oriental, enorme de estatura, sempre curioso, e que nunca falava muito dos seus negócios, andou de

cidade em cidade, administrando de quando em quando um correctivo no bronco do escravo, os

olhos atentos a tudo, o cérebro arquivando a mais pequena informação. Ceou com outros

mercadores em estalagens, passeou por mercados nos dias de mercado, falando com qualquer

pessoa que lhe parecesse saber de factos interessantes, vagueou pelos cais de portos do mar Egeu

remexendo em fardos e espreitando *amphorae* seladas, namoriscou com raparigas da aldeia,

pagando-lhes de forma extremamente generosa quando elas acediam a satisfazer os seus urgentes

apetites carnais, escutou as histórias das riquezas do templo de Asclépio em Cós, do de Artemísia

em Éfeso, do santuário de Asclépio em Pérgamo, e dos fabulosos tesouros de Rodes.

De Éfeso seguiu para norte, para Esmirna e Sardes, atingindo por fim Pérgamo, capital do

governador romano, brilhando no alto da sua montanha como uma caixa ornamentada a jóias. Em

Pérgamo, viu pela primeira vez tropas genuinamente romanas, uma pequena guarda pertencente ao

governador; a Província da Ásia, para os Romanos, não corria qualquer risco militar, e por isso os

seus soldados eram auxiliares locais e milicianos. Demorada e apuradamente, Mitridates estudou os

oito membros da guarda real, reparando na pesada armadura de cota de malha, nas pequenas

espadas e nas lanças de pontas minúsculas, na forma bem treinada como se moviam, apesar de



encarregados de tarefas pouco importantes. Também em Pérgamo, viu a primeira toga debruada a

púrpura, na pessoa do próprio governador. Aos olhos do atento Mitridates, este ilustre chefe,

escoltado por lictores de túnicas carmesins, cada um dos quais carregando ao ombro esquerdo os

feixes de varas com machadinhas no meio, símbolo do poder que o governador tinha de castigar ou

condenar à morte, pouco parecia diferir de um pequeno número de homens que usavam togas

inteiramente brancas. Estes homens, como veio a saber, eram os *publicani,* representantes das instituições que arrecadavam os impostos provinciais; pelo modo como se pavoneavam nas ruas

requintadamente traçadas de Pérgamo, dir-se-ia que eram eles, e não Roma, os senhores da

província.

Naturalmente, nunca passou pela cabeça a Mitridates meter conversa com estes augustos

indivíduos: eram criaturas demasiado ocupadas e importantes para darem um segundo de atenção a

um solitário mercador oriental; limitou-se a observá-los na rua, no meio dos seus pequenos

exércitos de empregados e escribas; quanto às conversas, teve-as com pergamenos, à mesa de

pequenas tabernas, muito longe de olhos e ouvidos dos *publicani.*

"Levam-nos tudo o que temos": ouviu tantas vezes esta frase, que acabou por concluir ser essa a

verdade, e não uma queixa típica de homens que só se queixavam para melhor esconderem a sua

prosperidade, como faziam normalmente os agricultores ricos e os detentores de monopólios.

- Como é isso possível? - replicava Mitridates, e perguntavam-lhe os outros onde é que tinha estado

desde a morte do rei Átalo, trinta anos antes. E ele inventava uma história de longas deambulações

que o haviam levado até ao norte do mar Euxino, sabendo que se alguém o interrogasse sobre Ólbia

ou Cimério, poderia falar à vontade dessas terras.

- Em Roma - contavam-lhe então - há dois oficiais muito importantes a que chamam censores. São

eleitos - coisa estranha, não é? - mas, para serem censores, deverão já ter sido cônsules

anteriormente, o que mostra a importância que eles têm no Estado Romano. Ora, em qualquer

comunidade grega que se preze, os negócios do Estado são dirigidos por funcionários civis

competentes, e não por homens que acabam de chefiar exércitos! Tal não sucede em Roma, onde

esses censores nada sabem de questões comerciais. E no entanto, são eles



que controlam todo o tipo de negócios do Estado. E de cinco em cinco anos firmam contratos em

nome do Estado.

- Contratos? - perguntou o déspota oriental, com uma expressão intrigada.

- Contratos. Iguais a todos os outros contratos, só que estes são realizados entre companhias

comerciais e o Estado Romano - esclareceu o mercador de Pérgamo com quem Mitridates

conversou certa noite.

- Parece-me que estive demasiado tempo em terras governadas por reis - contrapôs o rei. - Diz-me,

o Estado Romano não tem servidores que garantam que as suas empresas são devidamente

dirigidas?

- Apenas os magistrados - cônsules, pretores, edis e questores e a esses só uma coisa interessa: que

o Tesouro de Roma esteja cheio.

- O mercador de Pérgamo soltou um riso abafado.

- É claro que, a maior parte das vezes, a principal preocupação desses magistrados é encherem as

suas próprias bolsas!

- Continua. Isso que me conta é muito interessante.

- A difícil situação que aqui vivemos é da inteira responsabilidade de Caio Graco.

- Um dos irmãos de Semprónio?

- Precisamente. O mais novo deles. Promulgou uma lei segundo a qual os impostos da Ásia

deveriam ser recolhidos por companhias integrando homens especialmente formados para o efeito.

Dessa forma, pensou ele, o Estado Romano poderia receber o seu quinhão sem recorrer aos

cobradores de impostos. Das suas leis nasceram os *publicani* asiáticos, os homens que recolhem os impostos nas nossas cidades. Em Roma, os censores anunciam aos interessados nos contratos os

termos exigidos pelo Estado. No caso dos impostos da Província da Ásia, anunciam a soma que o

Tesouro pretende receber todos os anos, durante um período de cinco anos - e *não* a soma que

realmente acaba por ser cobrada na Província da Ásia. *Esse* total são as companhias cobradoras que o decidem, já que, para além do que hão-de pagar ao Tesouro, terão de realizar lucro. Por isso, um

esquadrão de contabilistas, munidos dos seus ábacos, calcula quanto dinheiro será possível

extorquir à Província da Ásia anualmente, e durante um período de cinco anos, e depois o contrato é

licitado.

- Desculpa a minha estupidez, mas não percebi uma coisa: que interessa a Roma o total que é

licitado, se a soma que o Estado pretende já foi comunicada aos licitantes?



- Ah! Mas esse total, meu caro amigo, é apenas o *minimum* que o Tesouro pode aceitar! Por isso, o que acontece é que cada companhia de publicani tenta calcular um total que seja bastante mais alto

do que o mínimo, a fim de que o Tesouro fique muito contente, e também porque assim os seus

lucros poderão subir!

- Ah, já estou a perceber - disse Mitridates, soprando pelo nariz, num riso contido. - O contrato vai para a companhia que oferecer o lance mais alto.

- Precisamente.

- Mas o total licitado é o total a ser pago ao Tesouro, ou toda a soma, incluindo o lucro?

O mercador desatou a rir.

- É só o total a ser pago ao Estado, meu amigo! O lucro que a companhia espera fazer só ela o sabe,

e os censores, podes crer, não lhe fazem nenhuma pergunta. Tomam nota dos lances, e a firma que

mais oferecer ao Tesouro é aquela que obtém o contrato.

- Os censores nunca concederam o contrato a uma companhia que oferecesse menos do que outra?

- Nunca, que eu me lembre.

- E qual é o resultado de tudo isso? As estimativas das companhias, por exemplo, situam-se dentro

dos limites do provável, ou são excessivamente optimistas? - perguntou Mitridates, conhecendo de

antemão a resposta.

- O que é que achas? Os *publicani* baseiam as suas estimativas, tanto quanto sabemos, em números obtidos após um levantamento feito no Jardim das Hespérides, e não na Ásia Menor de Átalo! Por

isso, quando há uma queda na produção na mais ínfima actividade da mais ínfima região, os

*publicani* entram em pânico - é que, desse modo aquilo que cobram não lhes chega para pagarem ao Tesouro! Se as suas propostas fossem realistas, todos estariam melhor! Na presente situação, somos

obrigados a ter sempre colheitas abundantes, a não perder uma única ovelha na tosquia ou nos

partos, a vender todos os fios, cordas e tecidos, todas as peles e todas as *amphorae* de vinho e *medimni* de azeitonas. Caso contrário, os cobradores de impostos começam a perseguir-nos e toda a gente sofre com isso - disse amargamente o mercador.

- E de que modo vos perseguem? - perguntou Mitridates que, no fundo, pretendia saber onde

ficavam os acampamentos de soldados, já que, durante as suas viagens, não tinha visto nenhum.



- Contratam mercenários cilicianos das regiões onde até mesmo as ovelhas selvagens morrem à

fome, e deixam-lhes rédea solta. Vi populações inteiras reduzidas à escravatura: nem mulheres e

crianças escapam, e velhos e novos todos têm o mesmo destino. Vi campos inteiros revolvidos e

casas deitadas abaixo, porque os cobradores de impostos não desarmam à procura de dinheiro. Ah,

meu amigo, tenho a certeza de que choraria se lhe contasse tudo o que os cobradores de impostos

fazem para nos extorquirem tudo o que temos! Confiscam as colheitas, deixando apenas o suficiente

para que o camponês e a família possam comer e plantar a colheita do ano seguinte, levam metade

dos rebanhos, pilham lojas e tendas, E o pior de tudo isto é que, procedendo assim, eles levam o

povo a mentir e a recorrer a todo o tipo de trapaças, pois quem não o fizer perde tudo.

- E esses *publicani* cobradores de impostos são todos romanos?

- Romanos ou italianos - retorquiu o mercador.

- Italianos. - Mitridates, pensativo, lamentando ter passado sete anos da sua infância escondido nas

florestas pônticas; a sua educação, como pudera verificar desde que iniciara aquela jornada de

exploração, tinha graves lacunas no que tocava à Geografia e à Economia.

- Bom, no fundo também são romanos - explicou o mercador, que também não estava muito certo

da diferença entre uns e outros.

- Os italianos vêm dos arredores de Roma, a que chamam Itália. Mas essa é a única diferença que

enxergo entre romanos e italianos. Tanto uns como outros desatam a falar em latim sempre que se

juntam, em vez de fazerem o que deviam, que era falar grego correcto; tanto Romanos como

Italianos usam as mesmas túnicas horrendas, disformes, feitas a trouxe-mouxe. Túnicas que um

pastor teria vergonha de usar, pois não há alinhavo ou prega que as salve. - Complacentemente, o

mercador mexeu no macio tecido da sua túnica grega, seguro de que ela tinha sido cortada na

perfeição, e de que caía que nem uma luva no seu corpo pequeno e franzino.

- E usam toga? - perguntou Mitridates.

- Às vezes. Nos dias feriados, e se o governador os convoca retorquiu o mercador.

- Os italianos também?

- Não sei - respondeu o mercador, encolhendo os ombros. - Mas julgo que sim.



Era graças a conversas deste género que Mitridates ia obtendo as suas informações, na sua maior

parte uma litania de ódios em relação aos *publicani* e aos seus esbirros. Mas havia um outro negócio florescente na Província da Ásia, também ele nas mãos dos Romanos: o empréstimo de dinheiro a

juros elevadíssimos; quem precisasse de dinheiro, mas tivesse um pouco de amor-próprio, nunca

aceitaria, por certo, tais empréstimos; e só gente desprezível seria capaz de estipular tão altos juros.

Soube Mitridates, entretanto, que estes agiotas eram normalmente empregados das companhias de

cobrança de impostos, ainda que as companhias não participassem nos empréstimos. A Província

Romana da Ásia, pensava Mitridates, é uma galinha gorda que os Romanos vão depenando: não

têm qualquer outro interesse por tal região. Chegam de Roma e dos subúrbios a que chamam Itália,

roubam, perseguem, extorquem, e depois voltam para casa com as bolsas a abarrotar de dinheiro,

indiferentes à miséria em que deixam os naturais, o povo da Ásia Dórica e Jónica. E são *odiados.*

De Pérgamo, Mitridates seguiu para o interior, evitando o triângulo sem importância a que

chamavam Troada e detendo-se na margem sul do lago Propôntide, perto de Cízico. Seguindo as

margens do lago, chegou a Prusa, na Bitínia. Próspera, fluorescente, esta cidade espalhava-se pelas

encostas da vasta montanha denominada Olimpo da Mísia, uma montanha que a neve cobria

permanentemente; parando em Prusa apenas o tempo suficiente para concluir que os seus cidadãos

não estavam interessados nas maquinações do rei, que passara já os oitenta anos, dirigiu-se depois

para a capital, Nicomedia, sede da corte real. Nicomedia era também uma cidade próspera, e muito

extensa, dominada pelo templo e pelo palácio, situados no alto de uma pequena acrópole, e

sonhando junto à sua vasta e calma enseada.

Claro que aquela era uma região perigosa para um Mitridates; podia mesmo encontrar nas ruas de

Nicomedia alguém que o reconhecesse, um sacerdote da dilatada confraria de Ma ou de Tique, ou,

quem sabe, algum visitante de Sinope. Decidiu por isso ficar numa estalagem imunda e fedorenta,

bastante longe das zonas ricas da cidade, e esconder-se o mais que podia sob as dobras da sua capa

sempre que saía à rua. Queria apenas ter uma ideia do que o povo sentia, verificar qual a sua

devoção ao rei Nicomedes, saber se aquela gente apoiaria entusiasticamente ou não o rei numa

guerra - que, naquela altura, não passava, naturalmente, de uma mera especulação - contra o rei do

Ponto.

116

O resto do Inverno e toda a Primavera, passou-os Mitridates viajando desde Heracleia, no Euxino

bitínio, até às regiões mais remotas da Frígiae da Paflagónia, observando tudo e todos, desde o

estado das estradas - mais caminhos que estradas - às possibilidades agrícolas dos campos ou à

instrução do povo.

E no princípio do Verão regressou a Sinope, sentindo-se todo-poderoso, vingado, magnífico, e

encontrando a irmã e esposa Laódice atreita a delírios e a gritos esganiçados e os nobres demasiado

sossegados. Os tios, Arquelau e Diofanto, estavam mortos, e os primos, Neoptólemo e Arquelau,

encontravam-se no Cimério; Mitridates deparava com uma situação que o deixava consciente da sua

vulnerabilidade, e isso perturbava a sua disposição triunfalista, e levava-o a conter o impulso para

se sentar no trono e regalar toda a corte com os pormenores da sua odisseia. Em vez disso, premiou

toda a gente com um sorriso jovial, fez amor com Laódice até ela gritar por tréguas, visitou todos os filhos e filhas e respectivas mães, e sentou-se por fim calmamente à espera do que aconteceria a

seguir. Havia qualquer coisa no ar, disso estava certo; enquanto não descobrisse a natureza do que

se estava a passar, não diria uma só palavra sobre as etapas da sua longa e misteriosa viagem, nem

sobre os seus planos para o futuro.

Até que certa noite lhe apareceu Górdio, o seu sogro capadócio, com um dedo nos lábios indicando

silêncio, e uma mão indicando que deviam encontrar-se nas ameias do palácio logo que possível.

Uma esplêndida lua cheia enchia os ares de uma tonalidade prateada, o vento soprava sobre o mar,

semeando nas águas brilhos instáveis, as sombras eram mais escuras que a mais profunda gruta, a

luz que a lua espalhava pelo céu não passava de uma paródia descolorida do sol. Espalhada pelo

estreito que ligava o interior ao largo promontório onde ficava o palácio, a cidade dormia sossegada

um sono sem sonhos; e a densa escuridão das muralhas que rodeavam todas as habitações humanas

agigantava-se, enorme, denteada, sob a luz de um banco de nuvens baixo.

O rei e Górdio encontraram-se a meio caminho entre duas atalaias; curvados, protegidos pelas

ameias, começaram a falar, ou melhor, a murmurar, e tão brandamente que por certo nem um

pássaro acordariam.

- Laódice estava convencida de que desta vez não voltarias, Grande Rei.

- Estava? - perguntou o rei, impassível.

- Há três meses que tem um amante.



- Quem?

- O teu primo Fárnaces, Grande Rei.

Ah! Esperta Laódice! Aquele não era um amante qualquer, era um dos poucos varões da família que

podia aspirar a subir ao trono pôntico, sem temer que um dos filhos, ainda crianças, do rei, acabasse por derrubá-lo. Fárnaces era filho do

irmão de Mitridates V - e da irmã do mesmo rei. Sangue puro

dos dois lados; era um candidato perfeito.

- Ela julga que eu não vou descobrir - disse Mitridates.

- Ela pensa que os poucos que sabem do caso terão medo de falar

- retorquiu Górdio.

- Porque falas então?

Górdio sorriu, os dentes reflectindo o luar.

- Meu Rei, ninguém te levará a melhor! Sei-o desde que te vi pela primeira vez.

- Serás recompensado, Górdio, tens a minha palavra. - O rei encostou-se à muralha, pensativo. Até

que disse: - Ela há-de tentar matar-me muito em breve.

- Não duvido, Grande Rei.

- Quantos homens leais tenho eu em Sinope?

- Creio que muitos mais do que os dela. Laódice é mulher, e portanto muito mais cruel e traiçoeira

do que qualquer homem. Quem poderia confiar nela? Aqueles que a seguem, fazem-no na

expectativa de grandes promoções, mas as promoções dependeriam sempre de Fárnaces. Creio que

também supõem que Fárnaces a mataria logo que subisse ao trono. Mas a maior parte da corte não

cedeu aos apelos dessa gente.

- Muito bem! Confio-te a ti, Górdio, a missão de alertar os meus leais servidores para o que se está a passar. Diz-lhes que estejam a postos a qualquer hora do dia ou da noite - disse Mitridates.

- E que vais fazer?

- Vou deixar que a cadela tente matar-me! Eu conheço-a. É minha irmã. Não me tentará matar com

facas, arcos ou flechas. Escolherá o veneno. Um veneno horrendo, para que eu sofra.

- Grande Rei, permite-me que a prenda e a Fárnaces imediatamente!

- murmurou, nervoso, Górdio. - O veneno é tão traiçoeiro! Imagina que, apesar de todas as

precauções, ela consegue dar-te cicuta ou que põe uma víbora na tua cama? Por favor, deixa-me

prendê-los já! Será mais fácil.

Mas o rei abanou a cabeça.



- Preciso de provas, Górdio. Por isso deixa-a tentar envenenar-me. Deixa-a procurar a planta

maldita, ou o cogumelo, ou o réptil, que melhor serve as suas intenções, deixa-a tentar matar-me.

- Meu Rei! Meu Rei! - disse Górdio, numa voz trémula, horrorizado.

- Não há motivo algum para que te inquietes, Górdio - disse Mitridates, imperturbável, sem um

único vestígio de medo na voz. As pessoas não sabem, nem mesmo Laódice, que durante os sete

anos em que me escondi, temendo a vingança da minha mãe, me tornei imune a todo o género de

venenos conhecidos dos homens, e há alguns que só eu conheço. No que toca a venenos, posso

intitular-me, sem a mínima dúvida, a maior autoridade mundial. Crês que todas estas cicatrizes

resultam de armas alheias? Não! Fui eu próprio que as fiz, Górdio, para ter a certeza de que nenhum

dos meus parentes conseguiria eliminar-me através do meio mais fácil e menos denunciável que

conhecemos: o veneno.

- Um homem tão jovem! - exclamou Górdio, maravilhado.

- Melhor será chegar a velho, é o que acho! Ninguém me tirará o trono.

- Mas de que modo te tornaste imune, Grande Rei?

- Vejamos, por exemplo, o caso da áspide egípcia - retorquiu o rei, entusiasmado com o tema. -

Conheces por certo esse animal: tem uma crista enorme e uma cabeça pequena balançando entre as

asas. Arranjei uma quantidade delas, de todos os tamanhos, e comecei com as mais pequenas: deixei

que me mordessem. Até chegar à maior de todas, um monstro com mais de dois metros de

comprimento e tão grosso como o meu braço. Esse monstro podia matar-me, Górdio, mas a verdade

é que nem doente fiquei! Fiz o mesmo com cobras várias e pitões, com escorpiões e aranhas.

Depois, bebi uma gota de todos os venenos, sim, Górdio, de todos os venenos - cicuta, acónito,

mandrágora, polpa de semente de cereja, infusões de bagas e raízes e arbustos vários, o cogumelo

agárico, o cogumelo vermelho com pintas brancas! De cada vez, bebia mais uma gota, sempre mais

uma gota, até chegar a uma taça cheia: pois nada me aconteceu. E continuei a manter-me imune;

continuo a beber veneno, continuo a deixar que serpentes e víboras me mordam. E, além disso,

tomo antídotos. - Mitridates riu-se baixinho. - Deixa pois que Laódice me faça todo o mal! Não

conseguirá matar-me!

E Laódice tentou, durante o banquete que ofereceu para celebrar o ditoso regresso do rei. Já que

toda a corte fora convidada, havia na



sala do trono dezenas de divãs, as paredes e os pilares tinham sido ornados com grinaldas, e o chão

juncado de pétalas perfumadas. Estava previsto que actuassem os melhores músicos de Sinope, um

grupo de actores gregos que representaria a *Electra,* de Eurípedes, e a famosa bailarina Anais de Nisibe, que viera expressamente de Amiso, nas margens do Euxino, onde passava o Verão.

Embora em tempos remotos os reis do Ponto comessem sentados à mesa, tal como os seus

antepassados trácios, a verdade é que, posteriormente, vieram a adoptar o hábito grego de comer

reclinado, imaginando por isso que eram produtos consumados da cultura grega, monarcas

genuinamente helenizados.

Mas esses vestígios de helenismo eram na realidade muito ténues: bastaria dizer que, quando

entraram na sala do trono, todos os cortesãos se prostaram no chão, um a um, perante o seu rei; e se

fossem precisas mais provas, chegaria narrar a angustiante cena depois de a rainha Laódice, com

um sorriso sedutor, ter oferecido a sua taça de ouro cita ao rei, lambendo a borda da taça com a

língua cor-de-rosa.

- Bebe da minha taça, marido - pediu ela docemente.

Sem hesitar, Mitridates bebeu um bom gole que deixou o conteúdo da taça a meio; depois, colocou

a taça na mesa em frente do divã que partilhava com Laódice. Mitridates deixou, porém, algum

vinho na boca, saboreando-o com ar de perito enquanto fitava a irmã com os seus olhos verdes

acastanhados. Depois, pôs uma carranca intrigada, sem nada de medonho, porém; uma expressão

pensativa, uma expressão de quem procurava lembrar-se de algo, uma expressão que, num ápice, se

transformou num largo sorriso.

- *Dorycnionl* - exclamou ele, deliciado.

A rainha ficou branca. Todos os cortesãos se calaram, pois Mitridates dissera aquela palavra bem

alto, e a festa, até àquele momento, primara pela tranquilidade.

O rei olhou para a esquerda.

- Górdio - chamou.

- Meu Rei? - perguntou Górdio, levantando-se rapidamente do divã.

- Vem ajudar-me, sim?

Quatro anos mais velha do que o irmão, Laódice era muito parecida com ele - o que não admirava,

numa casa em que, desde há muitas gerações, havia casamentos entre irmãos. Corpulenta, mas bem

proporcionada, a rainha preocupava-se muito com o seu aspecto físico;

o seu cabelo louro era penteado ao estilo grego, os seus olhos castanhos-esverdeados eram pintados

com *stibium,* as faces pintadas com pó de greda vermelha, os lábios carminados, e os pés e as mãos pintados com tinta de hena, de um tom castanho-escuro. A faixa branca do diadema dividia-lhe a

testa ao meio, e as suas extremidades, ornadas com borlas, caíam-lhe sobre os ombros. Tudo nela

dizia que estávamos perante uma rainha, e essa era, precisamente, a sua intenção.

Na expressão do irmão, porém, podia ler agora o destino que a esperava. Fez um movimento para

deixar o divã, mas revelou-se demasiado lenta; Mitridates agarrou-lhe a mão, fê-la recuar e puxoua

para cima das almofadas, deixando-a meio deitada, meio sentada. E Górdio estava ali mesmo ao pé,

ajoelhado, com uma expressão desvairada de triunfo; é que Górdio sabia que prémio ia pedir - que a

sua filha Nisa, uma esposa menor, fosse elevada a rainha, e que o filho dela, Fárnaces, tivesse a

primazia sobre o filho de Laódice, Maçares.

Desesperada, Laódice virou a cabeça e viu quatro nobres levando o seu amante, Fárnaces, à

presença do rei, que o fitava impassível. Mas as atenções do rei viraram-se de novo para ela.

- Eu não vou morrer, Laódice - disse ele. - De facto, esta miserável beberragem nem sequer me

deixará doente - e sorriu, sinceramente divertido. - Mas ainda há nesta taça vinho que chegue para

te matar.

Com o polegar e o indicador da mão esquerda, o rei fechou-lhe o nariz; depois, pôs-lhe a cabeça

para trás; Laódice arfava, de boca aberta, pois o terror sufocava-a. A pouco e pouco, Mitridates foi

deitando o conteúdo da bela taça de ouro cita na boca de Laódice; de cada vez que a rainha bebia,

Górdio fechava-lhe a boca e o rei afagava-lhe voluptuosamente o pescoço para que ela engolisse

mais facilmente o veneno. Laódice não se debatia: lutar contra a morte seria uma indignidade; uma

rainha da linhagem dos Mitridates não tinha medo de morrer, sobretudo se tivera uma oportunidade

de arrebatar o trono.

Esvaziada a taça, Mitridates deixou a irmã deitada no divã, perante o olhar horrorizado do amante.

- Não tentes vomitar, Laódice - disse o rei, num tom de brincadeira.

- Se vomitares, vais ter de beber tudo outra vez.

Os cortesãos esperaram, calados, quietos, aterrorizados. Quanto tempo esperariam, ninguém o

saberia dizer, excepto o rei (se lho tivessem perguntado, e ninguém se atreveu a tal).

Mitridates dirigiu-se então aos seus cortesãos, homens e mulheres, falando-lhes no tom que um

professor de Filosofia usaria para divulgar o seu saber junto de estudantes principiantes. Os

conhecimentos que o rei tinha no domínio dos venenos constituíram, para todos, uma verdadeira

revelação; essa faceta do rei espalhar-se-ia mais rapidamente que um boato por todo o território do

Ponto, e depois pelo estrangeiro; Górdio juntaria às palavras do rei as informações que obtivera da

boca dele e, a partir desse instante, as palavras Mitridates e veneno ficariam para sempre ligadas ao nível da lenda.

- A rainha - disse o rei - não podia ter escolhido melhor veneno que o *dorycnion,* a que os Egípcios chamam *trychnos.* Ptolomeu, o general de Alexandre, o Grande, e mais tarde rei do Egipto, trouxe a planta da índia, onde, ao que dizem, chega a ter a altura de uma árvore, ainda que no Egipto não

ultrapasse um arbusto, com folhas parecidas com as da nossa vulgar salva. A par do *aconiton,* o *dorycnion é* o melhor de todos os venenos - um veneno perfeitamente seguro! Hão-de reparar que a rainha não perderá a consciência até exalar o último suspiro - ainda que, e posso garanti-lo por

experiência própria, todas as percepções se tornem estranhamente ampliadas; sob o efeito deste

veneno, vemos um mundo mais importante e fantástico do que alguma vez poderíamos imaginar no

nosso estado normal. Primo Fárnaces, devo dizer-te que a tua pulsação acelerada, todas as tuas

pulsações, o mínimo movimento das tuas sobrancelhas, a tua respiração entrecortada, penosa

porque assistes à sua dor, tudo isso ela sentirá, viverá, experimentará, como nunca sentiu, viveu ou

experimentou. É pena que não lhe possas proporcionar outras sensações, não é? - Olhou de soslaio

para a irmã, acenou-lhe. - Reparem agora, vai começar.

O olhar de Laódice estava preso a Fárnaces, que permanecia entre os guardas, sem tirar os olhos do

chão. Ninguém naquela sala esqueceria o olhar de Laódice: havia nele dor e horror, exultação e

tristeza, uma gama de emoções inesgotável e constantemente variável. Laódice nada dizia, porque

não conseguia falar. Lentamente, os seus lábios afastaram-se dos enormes dentes amarelos, e

lentamente o seu pescoço curvou-se e a coluna vertebral dobrou-se, de tal forma que, a certa altura,

a sua nuca se encostava ao côncavo dos joelhos. Abalaram-na depois pequenos tremores rítmicos,

que, lentamente, aumentaram de violência e diminuíram de frequência, até se transformarem em

terríveis espasmos da cabeça e corpo, das pernas e dos braços.

- Está a ter um síncope! - exclamou Górdio com voz estridente.

- É claro que está - disse Mitridates num tom de profundo desdém.

- A síncope vai matá-la. Esperem um pouco e verão. - O rei observava-a com verdadeiro interesse

clínico, pois sofrera já de pequenas convulsões causadas pelo veneno, mas nunca em frente do seu

enorme espelho de prata. - É minha ambição - prosseguiu ele, enquanto as convulsões abalavam

Laódice a todo o momento - desenvolver um antídoto universal, um elixir mágico capaz de curar o

efeito de qualquer veneno, derive ele de uma planta, de um animal, de um peixe ou de uma

substância inanimada. Para tal, tenho de beber todos os dias uma mistura de pelo menos uma

centena de diferentes venenos, pois caso contrário perderei a minha imunidade. E depois disso,

tenho de beber uma mistura de pelo menos uma centena de antídotos - disse o rei, acrescentando

num aparte para Górdio: - Confesso que sem os antídotos fico um tanto ou quanto mal disposto.

- É compreensível, Grande Rei - grasnou Górdio, tremendo tão violentamente que temia que o rei

reparasse.

- Já não demora muito - disse Mitridates.

E de facto assim era. Os espasmos de Laódice tornaram-se cada vez mais violentos e incontroláveis

e o seu corpo esgotava-se literalmente naquele frenesim. Mas nos seus olhos lia-se ainda que estava

consciente, liam-se ainda as emoções, os sentimentos. E só os cerrou no preciso momento da morte.

Nem por um momento olhou para o irmão; mas é possível que isso tenha acontecido porque

Laódice fitava Fárnaces no instante em que os tremores a acometeram e, depois disso, nem mesmo

os músculos que controlam a direcção do olhar responderiam aos desejos da moribunda.

- Excelente! - exclamou o rei entusiasmado, acenando na direcção de Fárnaces. - Matem-no - disse.

Ninguém teve coragem de perguntar como morreria Fárnaces, pelo que a morte deste acabou por ser

mais prosaica do que a de Laódice: de facto, foi uma espada que o trespassou. E todos os que

tinham assistido à morte da rainha aprenderam a lição; durante muito, muito tempo, não haveria

atentados contra a vida de Mitridates VI.

Durante a sua viagem por terra de Pessinunte a Nicomedia, Mário descobriu que a Bitínia era um

país muito rico. Tal como todos os estados da Ásia Menor, a Bitínia era montanhosa, mas,

exceptuando

123

o Olimpo Mísio em Prusa, as serras bitínias eram mais baixas e esféricas, menos agrestes do que a

cadeia de montanhas do Tauro. Uma infinidade de rios irrigava os campos, roçados e lavrados

desde há muito. O trigo produzido chegava para alimentar o povo e o exército e também para pagar

o tributo a Roma. As leguminosas davam-se bem naquelas terras e os rebanhos de ovelhas cresciam

a bom ritmo. Legumes e fruta não faltavam. Reparou Mário que o povo tinha um aspecto feliz,

saudável, bem alimentado; cada aldeia por onde passou parecia não só populosa como próspera.

Não foi, porém, isso o que ouviu da boca do rei Nicomedes II quando chegou a Nicomedia, e se

instalou no palácio na qualidade de convidado de honra do rei. Aquele era um palácio

especialmente pequeno, se comparado com o normal dos palácios; no entanto, como Júlia não

tardou a informar Mário, as obras de arte eram extremamente valiosas, o traçado arquitectónico

absolutamente brilhante, e os materiais de construção do melhor que havia.

- Ah, o rei Nicomedes não tem nada de pobre - disse Júlia.

- Pobre de mim! - suspirou Nicomedes. - Sou um homem muito pobre, Caio Mário! Não admira, já

que governo um país pobre. E ainda por cima Roma não torna as coisas fáceis.

Estavam sentados numa varanda de onde se via toda a cidade e a enseada, uma enseada de águas tão

calmas que mais parecia um espelho em que tudo se reflectia perfeitamente, desde as montanhas às

casas à beira-mar; aquela enseada, pensava Mário, fascinado, fazia com que Nicomedia parecesse

suspensa no ar, entre dois mundos, entre os burros que passeavam de pernas para o ar e as nuvens

que flutuavam no azul-celeste da enseada.

- Que queres dizer com isso, rei Nicomedes? - perguntou Mário.

- Bom, pensa por exemplo naquele triste caso que se passou com Lúcio Licínio Lúculo há cinco

anos - disse Nicomedes. - Apareceu no princípio da Primavera, pedindo duas legiões de auxiliares

para a guerra contra os escravos da Sicília, conforme ele disse. A voz do rei ganhou então um tom

petulante. - Expliquei-lhe que não tinha tropas para lhe dar, graças às actividades dos cobradores de impostos romanos, que acabam por reduzir os meus súbditos à condição de escravos. ”Liberta o

meu povo escravizado, de acordo com o decreto do Senado que liberta todos os escravos de todos

os territórios romanos com o estatuto de aliados!", disse-lhe eu. "Então terei de novo um exército,



e o meu país conhecerá novamente a prosperidade." Pois sabes o que ele me respondeu? Que o

decreto do Senado se aplicava apenas aos escravos de territórios aliados *italianos. E* tinha razão -

respondeu Mário, esticando as pernas. - Se o decreto abrangesse os escravos das nações

consideradas Amigas e Aliadas do Povo Romano, o Senado tê-lo-ia informado oficialmente.

- Mário lançou um olhar penetrante ao rei. - Se bem me lembro, acabou por encontrar soldados para

Lúcio Licínio Lúculo.

- Sim, encontrei, embora não tantos como ele queria. Ou melhor, foi ele próprio quem os encontrou

- retorquiu Nicomedes. - Depois de ouvir da minha boca que não havia no país homens disponíveis,

Licínio Lúculo partiu para a província e, passados alguns dias, regressou a Nicomedia para me dizer

que tinha visto muitos homens. Tentei dizer-lhe que esses homens eram agricultores, e não

soldados, mas ele respondeu-me que os agricultores serviam perfeitamente porque davam soldados

excelentes. E assim começaram os meus problemas, pois Licínio Lúculo levou sete mil homens,

sete mil homens de que eu precisava para manter o reino solvente!

- Esses homens regressaram passado um ano - disse Mário - e não vinham com as bolsas vazias.

- Um ano em que os campos foram escassamente cultivados teimou o rei. - Um ano de baixa

produção, sob o sistema de impostos que Roma nos impõe, significa uma década de atraso.

- O que eu quero saber é porque é que não se vê um único cobrador de impostos na Bitínia - disse

Mário, consciente de que o rei estava cada vez com mais dificuldade em defender o seu ponto de

vista. - A Bitínia não pertence à Província da Ásia Romana.

Nicomedes mexeu-se na sua cadeira.

- O problema é que alguns dos meus súbditos pediram dinheiro emprestado aos *publicani* romanos da Província da Ásia. Os tempos estão difíceis.

- E *porque* estão os tempos difíceis, rei? - persistiu Mário. Imaginava que, depois da guerra dos escravos na Sicília, o seu país viveria uma fase de crescente prosperidade. Não falta o trigo. Podiam mesmo produzir mais. Há já alguns anos que os agentes romanos compram trigo a preços muito

altos, e em especial trigo desta parte do mundo. Na realidade, nem a Bitínia, nem a Província da

Ásia, poderiam fornecer metade da quantidade que os nossos agentes são encarregados

125

de comprar. Ao que sei, a maior parte do trigo vem de terras governadas pelo rei Mitridates do

Ponto.

Finalmente! O impiedoso interrogatório de Mário punha por fim a nu a chaga ulcerada da Bitínia; o

pus não tardou a jorrar, abundante.

- Mitridates! - exclamou com violência o rei, erguendo-se na cadeira. - Sim, Caio Mário, essa é a

víbora que ataca as minhas terras! Essa é a causa do declínio da prosperidade da Bitínia! Gastei cem

talentos de ouro, que muito me custaram a obter, para conseguir apoio em Roma, quando *ele* se propôs alcançar o estatuto de Amigo e Aliado do Povo Romano! E gasto muito mais do que isso,

todos os anos, para defender as minhas terras distantes contra as suas manhosas incursões! Vejo-me

obrigado a manter um exército regular por causa de Mitridates, e *nenhum* país pode aguentar uma tal despesa! Vê o que ele fez na Galácia há três anos! Uma carnificina num *banquetel* Quatrocentos chefes morreram no congresso de Ancira, e agora ele governa todas as nações à minha volta -

Frígia, Galácia, o litoral da Paflagónia. Digo-te sem rodeios, Caio Mário: se Mitridates não for já

detido, até Roma se arrependerá de não ter feito nada contra ele!

- É essa também a minha opinião - disse Mário. - No entanto, a Anatólia fica muito longe de Roma,

e duvido muito que haja em Roma alguém que faça ideia do que possa acontecer aqui. Excepto

talvez Marco Emílio Escauro Princeps Senatus, e Marco Emílio já está a ficar velho. É minha

intenção encontrar-me com o rei Mitridates, e avisá-lo. Quando regressar a Roma, talvez consiga

convencer o Senado a levar o reino do Ponto mais a sério.

- Vamos jantar - disse Nicomedes, levantando-se. - Poderemos continuar a nossa conversa mais

tarde. Ah, é tão bom falar com alguém que se preocupa com os nossos problemas!

Para Júlia, aquela estada numa corte oriental era uma experiência completamente nova; as mulheres

romanas deveriam reivindicar o direito a viajar mais, pensava ela, pois só agora se apercebia da sua

ignorância do mundo, da estreiteza dos seus conhecimentos. E essa ignorância reflectia-se, por

certo, na forma como educavam os filhos, em particular os rapazes.

O primeiro rei que conhecera em toda a sua vida, Nicomedes II, fora para ela uma verdadeira

revelação, pois pensava que todos os reis se assemelhavam a patrícios romanos com um estatuto

consular -

altivos, eruditos, pomposos, magníficos. Um Catulo César não romano, ou mesmo um Escauro

Princeps Senatus; não havia dúvida que Escauro Princeps Senatus, apesar da sua pequena estatura e

da extensa calvície, se comportava como um verdadeiro rei.

Mas Nicomedes II fora para ela uma revelação! Muito alto, era óbvio que em tempos passados fora

um homem corpulento; mas a velhice cobrara o seu imposto em peso e altura e, por isso, tendo

passado já os oitenta, o rei era agora um homem muito magro, curvado, de passo vacilante, com

papadas vazias sob o queixo e as faces flácidas. Na sua boca não havia já um único dente; e da

cabeça desaparecera já quase todo o cabelo. Mas estes eram traços físicos que podiam ser

encontrados em qualquer antigo cônsul octogenário. Cévola Augure, por exemplo. A diferença

residia no porte e na riqueza íntima de cada um, pensava Júlia. Em primeiro lugar, o rei Nicomedes

era tão efeminado que dava vontade de rir; adorava trajes longos, vaporosos, de tecidos de lã

transparentes, de cores verdadeiramente requintadas; às refeições, punha uma cabeleireira loura

muito encaracolada, e usava sempre brincos enormes, ornados a jóias; pintava a cara ao jeito de

uma prostituta barata, e o seu tom de voz não abandonava o falsete. De majestade, nada tinha, e, no

entanto, dirigia a Bitínia há mais de cinquenta anos - e dirigia-a com mão de ferro, tendo escapado

com êxito a todas as conspirações que cada um dos filhos tramara contra ele. Olhando para o rei - e

sabendo que, desde a puberdade, Nicomedes devia ter apresentado ao mundo aquela personagem

esganiçada e efeminada - Júlia tinha dificuldade em acreditar, por exemplo, que aquele homem

tinha liquidado o próprio pai com mãos eficientes; ou que conseguisse preservar a lealdade e o

afecto dos seus súbditos.

Os dois filhos de Nicomedes eram membros da corte; quanto às esposas, tinham já morrido, tanto a

rainha, mãe do filho mais velho, igualmente Nicomedes de seu nome, como a segunda esposa, mãe

do filho mais novo, de seu nome Sócrates. Mas a juventude dos filhos do rei passara havia já muito

tempo: Nicomedes tinha sessenta e dois anos e Sócrates cinquenta e quatro. Embora casados, os

dois filhos eram tão efeminados como o pai. A mulher de Sócrates era uma criatura pequenina, um

verdadeiro rato que se escondia pelos cantos e corria em vez de andar; mas a esposa do príncipe

Nicomedes era uma mulher enorme, robusta, vigorosa, e grande apreciadora da galhofa e da

gargalhada; dera ao príncipe uma filha, Nisa, ainda solteira e



prestes a atingir uma idade pouco própria para o casamento; Sócrates, pelo seu lado, não tinha

filhos, nem da esposa legítima, nem de qualquer outra mulher.

- Não admira! - comentou um jovem escravo, em conversa com Júlia, enquanto arrumava a sala de

estar que fora destinada à mulher de Caio Mário. - Não me parece que Sócrates tenha conseguido

alguma vez penetrar uma *mulherl* Quanto a Nisa, gosta de raparigas, o que não admira: tem uma cara que parece um cavalo!

- As suas observações são insolentes - retorquiu friamente Júlia,

acenando para que o jovem escravo saísse imediatamente da sala. O palácio estava cheio de belos

jovens, a maior parte dos quais escravos, e uns quantos, ao que parecia, homens livres ao serviço do

rei e dos seus dois filhos; havia também dezenas de pajens, mais novos e ainda mais belos que os

escravos. Júlia tentou não pensar no que fariam todos aqueles belos jovens naquele palácio, tanto

mais que tinha um filho atraente, afável e sociável e prestes a entrar na puberdade.

- Caio Mário, importavas-te de vigiar um pouco o teu filho? pediu delicadamente ao marido.

- Vigiá-lo? Para quê? Por causa de todas estas flores efeminadas que se pavoneiam pelo palácio? -

retorquiu Mário, rindo. - Não há qualquer razão para teres medo, *mea vita. O* nosso filho tem os olhos bem abertos. Distingue perfeitamente um maricas de uma boa lasca.

- Obrigada por me tranquilizares... e já agora pela metáfora disse Júlia, sorrindo. - A idade não tem contribuído muito para a tua elegância verbal, pois não, Caio Mário?

- Bem pelo contrário - retorquiu ele, impassível.

- Era precisamente isso que eu queria dizer.

- Era? Hum...

- Não estás já farto disto? - perguntou ela, de forma perfeitamente inopinada.

- Só cá estamos há oito dias - retorquiu ele, surpreendido. Oprime-te, toda esta atmosfera de circo?

- Sim, creio que sim. Sempre quis saber como viviam os reis, mas se a Bitínia constitui um modelo,

então prefiro Roma, e de longe. Não é a homossexualidade que me perturba, são os mexericos, as

conversinhas, os ares que as pessoas se dão, o aspecto afectado de todos. Os criados são uma

desgraça. E as mulheres de sangue real são criaturas com as quais nada tenho em comum. Oradaltis

fala tão alto



que, quando estou com ela, só me apetece tapar os ouvidos. E quanto a Musa, de musa não tem

nada: quando muito, terá tudo de nós! Sim, Caio Mário, ficaria muito agradecida se nos fôssemos

embora logo que achasses conveniente - disse Júlia, a austera matrona romana.

- Então vamos embora já - retorquiu Mário alegremente, tirando um rolo de pergaminho da toga. -

Esta carta persegue-nos desde Halicarnasso. É uma carta de Públio Rutílio Rufo. Adivinha só onde

é que ele está.

- Na Província da Ásia?

- Em Pérgamo, para ser mais preciso. Quinto Múcio Cévola é o governador este ano, e Públio

Rutílio é o seu lugar-tenente. - Mário acenou com a carta, radiante. - Imagino que o governador e o

seu lugar-tenente ficarão absolutamente deliciados com a nossa visita. Devem estar à nossa espera

há meses, pois esta carta deveria ter chegado às minhas mãos na Primavera. Anseiam pela nossa

chegada, por certo.

- Não conheço Quinto Múcio Cévola - disse Júlia. - E pouco sei dele, excepto que é um óptimo

advogado.

- Eu também não o conheço bem. Ouvi dizer que ele e o seu primo direito Crasso Orador são

inseparáveis. Mas não admira que eu não o conheça. Múcio Cévola terá quando muito quarenta

anos.

Convencido de que os seus convidados ficariam com ele pele menos um mês, o velho Nicomedes

mostrou-se relutante em deixá-lo; partir, mas Mário estava mais do que farto daquele rei obsoleto,

ansioso e particularmente tonto. A partida, os lamentos do rei quase lhes furavam os ouvidos.

Desceram os estreitos canais do Helesponto e depressa estavam no mar Egeu, com ventos e

correntes favoráveis.

Demandaram então a foz do rio Caíco e, seguindo o curso desse rio, alcançaram Pérgamo, que

ficava alguns quilómetros para o interior; do rio, tinha-se a melhor vista possível da cidade, com a

sua altaneira acrópole, e rodeada por enormes montanhas.

Quinto Múcio Cévola e Públio Rutílio Rufo encontravam-se ambos em casa, mas Mário e Júlia

estavam condenados a não conhecer Cévola pois este estava de partida para Roma.

- Oh, que pena! Teriam sido uma óptima companhia para nós neste Verão que passou! - disse

Cévola, com um suspiro. - O problema



agora é que terei de chegar a Roma antes que o tempo torne a viagem por mar demasiado arriscada -

acrescentou, com um sorriso. - Mas Públio Rutílio pô-los-á ao corrente de tudo.

Mário e Rutílio Rufo foram despedir-se de Cévola, deixando Júlia a tratar da instalação da família

num palácio que lhe agradava muito mais do que o de Nicomedia, ainda que a companhia feminina

continuasse

a ser escassa.

E claro que Mário pouco se preocupou com o problema de Júlia; deixou-a entregue aos seus

trabalhos, e tratou de ouvir as notícias que o seu mais velho e querido amigo tinha para lhe contar.

- Em primeiro lugar, as notícias de Roma - disse ele, impaciente.

- Nesse caso, dar-te-ei primeiro as notícias realmente excelentes

- disse Públio Rutílio Rufo, sorrindo deleitado; que bom era encontrar Caio Mário tão longe de

casa! - Caio Servílio Augure morreu no exílio no final do ano passado, e é evidente que teve de

haver uma eleição para preencher o seu lugar no Colégio dos Augures. E tu, Caio Mário, foste

eleito.

Mário ficou perfeitamente embasbacado. -Eu?

- Tu mesmo.

- Nunca podia prever uma coisa dessas... Mas porquê eu?

- Acontece que ainda gozas de muitos apoios entre os votantes, apesar de tudo o que Catulo César e

outros que tais possam fazer contra ti. E creio que os votantes acharam que merecias esta distinção.

O teu nome foi proposto por um grupo de cavaleiros e, como nada impede a eleição *in absentia,*

foste tu quem venceu. Não posso dizer que a tua vitória fosse bem recebida pelo Bacorinho e seus

acólitos, mas, de um modo geral, foi bem acolhida em Roma.

Mário soltou um suspiro de pura satisfação.

- Bom, não há dúvida que essa é uma boa notícia! Augure, eu! Isso implica que o meu filho será

sacerdote ou augure também, e que os filhos dele terão a mesma sorte. Mas essa eleição significa

também que eu consegui, Públio Rutílio, que eu consegui o queria! Consegui introduzir-me no

coração de Roma, apesar de ser um rústico italiano sem nada de grego na minha educação ou nos

meus modos.

- Oh, já ninguém diz de ti essas coisas. Já ninguém te chama rústico. A morte do Suíno constituiu

um acontecimento da máxima importância. Se ele estivesse vivo, duvido que ganhasses a eleição -



disse Rutílio Rufo, pesando as palavras. - Não é que a sua *auctoritas* fosse muito maior do que a de qualquer outro; os seus adeptos também não eram em número excessivo. Mas a sua *dignitas*

ganhara uma força impressionante depois das batalhas que travou no Fórum enquanto foi censor.

Gostando ou não gostando dele, todos temos de admitir que foi um homem de grande coragem. Mas

creio que o seu trabalho mais importante consistiu em formar um núcleo à volta do qual puderam

juntar-se muitos outros, muitos ou mesmo demasiados; e após o seu regresso de Rodes, usou de

toda a sua energia para te deitar abaixo. Mas a que outra tarefa poderia ele dedicar-se? Todo o poder e influência que dispunha, usou-o unicamente para te destruir. Sabes, a sua morte foi sentida como

um choque tremendo. Estava tão bem de saúde no final do exílio! Quanto a mim, sempre pensei que

iríamos tê-lo connosco ainda durante muitos anos. E de repente... zás! Morreu...

- Porque estava Lúcio Cornélio com ele nessa noite? - perguntou Mário.

- Ao que parece, ninguém sabe. Uma coisa é certa: não havia entre eles qualquer intimidade. Lúcio

Cornélio limitou-se a dizer que a sua presença fora um acidente, que não tivera a mínima intenção

de jantar com o Suíno. Mas de facto tudo isto é muito estranho. O que mais me perturba é que o

Bacorinho, pelos vistos, não achou nada estranha a presença de Lúcio Cornélio. O que me faz

pensar que Lúcio Cornélio estava a tentar entrar para a facção do Suíno. Era uma expressão

intrigada, a de Rutílio Rufo. - Ele e a Aurélia tiveram uma grave desavença.

- Lúcio Cornélio e Aurélia?

- Sim.

- Quem te disse isso?

- Aurélia.

- E disse-te porquê?

- Não. Disse-me apenas que Lúcio Cornélio não voltaria a ser recebido na casa dela. Bom, de

qualquer modo ele partiu para a Hispânia Citerior pouco depois da morte do Suíno, e só depois

disso é que Aurélia me falou de tal desavença. Creio que ela receava que eu importunasse Lúcio

Cornélio caso ele estivesse ainda em Roma. Enfim, Caio Mário, um caso bem estranho.

Muito pouco interessado em questões particulares, Mário fitou o amigo com uma expressão que

dizia isso mesmo. Encolhendo os ombros, comentou:



- Bom, o caso é entre eles, por muito estranho que possa ser. Mas diz-me: que mais aconteceu em

Roma?

Rutílio Rufo riu-se.

- Os nossos cônsules aprovaram uma nova lei que proíbe os sacrifícios humanos.

- O quê?

- Uma lei que proíbe os sacrifícios humanos.

- Mas isso é ridículo! Desde quando é que os sacrifícios humanos fazem parte da vida romana,

pública ou privada? - perguntou Mário, com visível desagrado. - Que disparate!

- Bom, creio que de facto sacrificaram dois gregos e dois gauleses quando Aníbal invadiu a Itália.

Mas duvido que isso tenha alguma coisa a ver com a nova *lex Cornelia Licinia.*

- Mas essa lei tem a ver com alguma coisa, porventura?

- Como sabes, Caio Mário, por vezes, nós, os Romanos, decidimos chamar a atenção para um novo

aspecto da vida pública usando meios particularmente bizarros. Creio que esta lei faz parte dessa

categoria. Julgo que o objectivo da nova lei é informar o Fórum Romano de que não poderá haver

mais violência, mais mortes, mais prisões de magistrados, enfim, de que não poderá haver mais

nenhuma actividade ilegal seja ela de que tipo for - disse Rutílio Rufo.

- Mas Cneus Cornélio Lêntulo e Públio Licínio Crasso não explicaram o texto? - perguntou Mário.

- Não. Limitaram-se a apresentá-la e o povo aprovou-a.

- Francamente! - comentou Mário, e passou à frente. - Mais, conta mais.

- O irmão mais novo do nosso Pontifex Maximus, eleito pretor este ano, foi nomeado governador da

Sicília. Chegaram-nos boatos de mais uma insurreição de escravos, imagina só.

- Tratamos assim tão mal os nossos escravos da Sicília?

- Sim... e não - retorquiu, pensativo, Rutílio Rufo. - Mas acontece que há demasiados escravos

gregos na Sicília. E aos escravos gregos não é preciso tratá-los mal para se ter problemas. São muito independentes. E, além disso, aposto que todos os piratas que Marco António Orador capturou

foram trabalhar para os campos da Sicília. Imagino que não deve ser trabalho do seu agrado. Ah, a

propósito - anunciou Rutílio Rufo -, Marco António adornou os rostros com o esporão do maior

navio por ele destruído durante a campanha contra os piratas. Um esporão impressionante, devo

dizer.



- Pensei que já não havia espaço nos rostros. Pois se estavam a abarrotar de esporões de outras

batalhas! - comentou Mário. - Mas prossegue, Públio Rutílio! Que mais sucedeu?

- Bom, o nosso pretor Lúcio Aenobarbo causou danos na Sicília, e tais foram, que a notícia chegou

cá. Passou pela ilha que nem um furacão. Ao que parece, mal chegou à Sicília publicou um decreto

que proibia toda a gente de usar espada ou qualquer outra arma, excepção feita a soldados e

milicianos. Como seria de esperar, ninguém ligou nenhuma.

Mário pôs um sorriso arreganhado.

- Conhecendo eu os Domícios Aenobarbos, diria que essa decisão foi um erro.

- Claro que foi. Lúcio Domício desatou a reprimir impiedosamente os infractores. Toda a Sicília

sofre neste momento. E duvido muito que volte a haver levantamentos, sejam eles escravos ou de

homens livres.

- Bom, os Domícios Aenobarbos são de facto cruéis, mas a verdade é que conseguem o que querem

- disse Mário. - Mas já terminaram as notícias?

- Quase. Mais uma só: temos novos censores, e anunciaram já que tencionam realizar o mais

completo censo em muitas e muitas décadas.

- Já não era sem tempo. Quem são eles?

- Marco António Orador e o teu colega consular, Lúcio Valério Flaco. - Rutílio Rufo levantou-se. -

E se fôssemos dar um passeio, meu amigo?

Pérgamo era talvez a cidade mais cuidadosamente planeada e construída de todo o mundo; Mário

tinha ouvido isso, e agora comprovava-o com os seus próprios olhos. Mesmo na cidade baixa,

espalhada em torno do sopé da acrópole, não havia um único caminho estreito e não se via uma

única casa em ruínas, pois toda a cidade era obviamente sujeita a um rígido sistema de vistorias e as leis respeitantes à construção não eram menos rígidas. Em todas as áreas habitadas havia esgotos

em profusão, e não faltava a água canalizada. O mármore parecia ser o material preferido da cidade.

As colunatas sustentadas por pilares eram muitas e magníficas, a ágora era enorme, cheia de

soberba estatutária, e na encosta da acrópole havia um grande teatro.

Mas apesar de tudo isso, pairava sobre a cidade e a cidadela a sombra da decadência; os objectos já

não eram tratados e conservados



como nos tempos dos reis Átalas, que tinham concebido e cuidado de Pérgamo, a sua capital. E o

povo também não parecia satisfeito; Mário reparou que algumas pessoas pareciam passar fome, o

que era surpreendente numa região tão rica.

- Os nossos cobradores de impostos romanos são responsáveis pelo que estás a ver - disse Públio

Rutílio Rufo com um ar pesaroso.

- Não fazes ideia, Caio Mário, do que eu e Quinto Múcio viemos encontrar quando cá chegámos!

Haja vários anos que toda a Província da Ásia é explorada e oprimida, e tudo por causa da cobiça

desses idiotas dos *publicani!* Para começar, as somas que Roma pede para o Tesouro são demasiado elevadas; depois, acontece que os *publicani* oferecem muito mais do que isso - com o resultado de que, para terem lucro, sugam positivamente a Província da Ásia. É um negócio tipicamente

dominado pela cobiça, pela ânsia do lucro fácil. Em vez de se concentrar na instalação dos pobres

de Roma nas terras públicas e no financiamento da compra dessas terras públicas com os impostos

da Província da Ásia, Caio Graco faria melhor se tivesse mandado primeiro uma equipa de

investigadores à Província da Ásia, para determinar com precisão que impostos esta deveria

realmente pagar. Mas Caio Graco não fez isso. Nem ele nem ninguém depois dele. As únicas

estimativas de que Roma dispõe são estimativas feitas sobre o joelho pela comissão que aqui veio

logo a seguir à morte do rei Átalo

- e o rei morreu há trinta e cinco anos!

- É lamentável que eu não estivesse a par disso quando fui cônsul

- comentou Mário com alguma tristeza.

- Meu caro Caio Mário, não te esqueças de que nessa altura já tinhas preocupações que chegassem

com os Germanos! Em Roma, durante essa época, ninguém pensava na Província da Ásia. Mas tens

razão. Uma comissão controlada por ti teria determinado somas realistas

- e disciplinado os *publicani* Nas actuais circunstâncias, os *publicani* tornaram-se insuportavelmente arrogantes, o que não admira. São eles, e não os governadores, quem governa a Província da Ásia.

Mário riu-se.

- Aposto que os *publicani* apanharam um susto este ano, com Quinto Múcio e Públio Rutílio em

Pérgamo.

- Apanharam de facto - retorquiu Rutílio Rufo com um sorriso largo, lembrando-se do que até então

acontecera em Pérgamo. - Imagino que os protestos deles se devem ter ouvido mesmo em

Alexandria!



Em Roma com certeza que foram ouvidos - e, aqui para nós que ninguém nos ouve, foi por isso que

Quinto Múcio teve de ir a Roma tão cedo.

- Mas que fazes tu exactamente aqui?

- Oh, limito-me a governar a província e os seus impostos - disse Rutílio Rufo, num tom ameno.

- Com prejuízo para o Tesouro *e* para os cobradores de impostos.

- Precisamente. - Rutílio Rufo encolheu os ombros. Entravam agora na vasta Ágora. Apontou para

um plinto vazio. - Para começar, acabámos com isto. Sobre aquele plinto, havia uma estátua

equestre de Alexandre, o Grande. Uma obra, calcula, de Lisipo, considerada o melhor retrato que

ele fez de Alexandre. Pois sabes onde se encontra agora essa estátua? No peristilo de Sexto

Perquitienus, o mais rico e grosseiro cavaleiro de Roma! Teu vizinho no Capitólio. Levou-a como

pagamento de dívidas acumuladas. Imagina só. Uma obra de arte que vale mil vezes a soma em

questão. Mas que poderia fazer o povo de Pérgamo? Ninguém tinha dinheiro para lhe pagar. De

modo que Sexto Perquitienus chegou aqui, apontou para a estátua, e deram-lhe a estátua.

- Terá de ser devolvida - disse Mário.

- São poucas as esperanças - comentou Rutílio Rufo, num tom desdenhoso.

- Foi por causa disso que Quinto Múcio foi a Roma?

- Oh! Quem me dera! Não, ele foi a Roma para impedir os *publicani* de nos moverem um processo.

Mário parou de andar.

- Estás a brincar!

- Não, Caio Mário, não estou a brincar! Os cobradores de impostos da Ásia gozam de imenso poder

em Roma, especialmente no seio do Senado. E eu e Quinto Múcio ofendemo-los mortalmente ao

impormos alguma decência aos negócios da Província da Ásia - disse Públio Rutílio Rufo. E, com

um esgar, acrescentou: - E também ofendemos mortalmente o Tesouro. Há senadores que são

capazes de ignorar os protestos das companhias cobradoras de impostos. Mas não vão ignorar os

problemas do Tesouro Romano. Para eles, que têm as vistas curtas, qualquer governador que reduza

os rendimentos do Tesouro é pura e simplesmente um traidor. A última carta que Quinto Múcio

recebeu do seu primo Crasso Orador deixou-o da cor da toga! Crasso Orador dizia-lhe que havia já

um movimento para lhe retirar o poder proconsular



e para o levar a tribunal por extorsão *e* traição. Por isso é que ele partiu a toda a pressa para Roma, deixando-me aqui a governar enquanto não vem o eleito do próximo ano.

No caminho de regresso ao palácio do governador, Caio Mário reparou que Públio Rutílio Rufo era saudado calorosamente por todos os transeuntes. Era nítido o afecto que aquela gente sentia por ele.

- Gostam muito de ti - comentou Mário, que não tinha ficado verdadeiramente surpreendido.

- Mas ainda gostam mais de Quinto Múcio. Connosco, as suas vidas mudaram muito. E, pela primeira vez, viram verdadeiros Romanos a governar. Não vejo qualquer razão para os censurar pelo ódio que nutrem por Roma e pelos Romanos. Eles têm sido vítimas de Roma, e nós temos usado e abusado deles

abominavelmente. Por isso, quando Quinto Múcio baixou os impostos para um nível que considerámos justo, e acabou com a escandalosa agiotagem praticada por alguns dos representantes locais dos *publicani,* foi uma verdadeira festa em Pérgamo: o povo dançou na rua, Caio Mário! Pérgamo aprovou uma festa anual em honra de Quinto Múcio, e creio que Esmirna e Efeso fizeram o mesmo. De início, não paravam de nos mandar

presentes, coisas extremamente valiosas, obras de arte, jóias, tapeçarias. E quando os devolvíamos com os nossos agradecimentos, mandavam-nos de volta. Acabámos por ter de impedir a entrada desses presentes e dos seus portadores no palácio.

- Conseguirá Quinto Múcio convencer o Senado de que é ele, e não os *publicani,* quem tem razão? -

perguntou Mário.

- Que achas?

Mário reflectiu um pouco, lamentando ter passado tanto tempo da sua carreira pública no campo de batalha e não em Roma.

- Creio que consegue - disse por fim. - Quinto Múcio tem uma reputação invejável, e isso acabará por

convencer muitos indecisos que, de outro modo, poderiam sentir-se tentados a apoiar os *publicani*

- ou o Tesouro. Além disso, Quinto Múcio fará um discurso magnífico no Senado. E Crasso Orador apoiá-lo-á com um discurso ainda melhor.

- É isso também o que acho. Mas foi com pena que ele deixou a Província da Ásia. Creio que não voltará a ter outro cargo que lhe dê tanto prazer como este. Quinto Múcio é extremamente meticuloso e escrupuloso e a nível de organização não lhe encontro igual. O meu trabalho consistiu em reunir informações sobre todas as zonas da



província, e o dele em tomar decisões firmes a partir dessas informações. Com o resultado de, ao

fim de trinta e cinco anos, a Província da Ásia ter finalmente uma estimativa realista dos impostos e o Tesouro deixou de ter justificações para exigir mais dinheiro.

- Claro que o governador, dentro dos limites da província, pode ignorar toda e qualquer directiva de

Roma, desde que o cônsul não esteja presente - disse Mário. - No entanto, tu provocaste agitação

entre os censores e também no Tesouro, e os *publicani* podem reivindicar contratos legais, tal como o Tesouro. Com novos censores, terão sido firmados novos contratos. *E* a questão que te ponho é esta: conseguiste transmitir as tuas descobertas a Roma a tempo de influenciar as somas pedidas nos

novos contratos?

- Infelizmente não - retorquiu Rutílio Rufo. - Esse é outro motivo que levou Quinto Múcio a

deslocar-se a Roma. Ele acha que vai conseguir influenciar os censores e levá-los a fazer novos

contratos.

- Bom, isso não deverá irritar os *publicani,* desde que o Tesouro concorde em diminuir os seus rendimentos - disse Mário. - Prevejo que Quinto Múcio terá mais problemas com o Tesouro do que

com os cobradores de impostos. No fim de contas, os *publicani* estarão em melhores condições para obter chorudos lucros se não tiverem de pagar somas irrealistas ao Tesouro.

- Precisamente - disse Rutílio Rufo. - É nisso que assentam as nossas esperanças. O que é preciso é

que Quinto Múcio consiga convencer as bestas do Senado e os tribunos do Tesouro de que Roma

*não pode* esperar da Província da Ásia aquilo que ela não pode dar.

- Quem achas que vai berrar mais alto?

- Sexto Perquitienus. Continuará a ter brutos lucros, mas deixará de poder levar obras de arte

valiosíssimas. Alguns dirigentes do Senado também berrarão: aqueles que estão mais ligados aos

grupos de pressão envolvidos - e que se calhar também já apanharam alguma obra de arte. Cneu

Domício Aenobarbo Pontifex Maximus, para começar. Catulo César. Creio que o Bacorinho

também. Cipião Nasica.Alguns Licínios Crassos, mas não o Orador.

- E o chefe máximo do Senado?

- Creio que Escauro apoiará Quinto Múcio. Pelo menos é o que nós esperamos, Caio Mário.

Sejamos justos com Escauro: ele é um homem probo, um romano de quatro costados. - Rutílio Rufo

soltou um risinho. - Além disso, todos os seus clientes estão na Gália Italiana,



de modo que não está *pessoalmente* interessado na Província da Ásia. Do que ele gosta é de fazer de rei e de outros exercícios do género. Mas cobrança de impostos? Que coisa mais sórdida! E além do

mais, Escauro não colecciona obras de arte.

Deixando um Públio Rutílio Rufo mais feliz no palácio do governador (já que Rutílio Rufo se

recusava a abandonar o seu posto), Caio Mário e a família seguiram para sul, para a *villa* de Halicarnasso, onde passaram um Inverno muito agradável. Para quebrarem a monotonia, fizeram

uma viagem até Rodes.

Podiam agradecer o facto de navegarem sem problemas entre Halicarnasso e Tarso aos esforços de

Marco António Orador, que pusera termo - pelo menos provisoriamente - às actividades dos piratas

da Panfília e da Cilícia. Antes da campanha de António Orador, ninguém poria sequer a hipótese de

fazer tal viagem por mar; para mais, no caso que nos interessa, um senador romano com a

importância de Caio Mário seria, para os piratas, uma presa muito mais atraente do que qualquer

cargueiro: uma presa que valeria um resgate de vinte ou trinta talentos de prata.

O navio seguiu junto à costa, e a viagem durou mais de um mês. As cidade da Lícia receberam de

braços abertos Mário e a família, tal como a grande cidade de Atalia, na Panfília. Nunca tinham

visto montanhas tão altas tão perto do mar. Nem mesmo Mário encontrara uma tal paisagem durante

a sua marcha pelo litoral rumo à Gália; os cumes, cobertos de neve, roçavam o céu, e os sopés

enterravam-se na água.

Os pinhais da região eram magníficos, pois os homens não tinham ainda empreendido o seu

derrube; Chipre, que não ficava muito longe dali, tinha mais do que a madeira necessária para

abastecer toda a zona, incluindo o Egipto. Mas não admirava que a pirataria tivesse florescido ali,

pensava Mário à medida que avançava junto à costa ciliciana; todas as reentrâncias daquelas

enormes montanhas proporcionavam aos piratas grutas e portos perfeitamente dissimulados.

Coracésio, que fora a capital dos piratas, estava tão bem apetrechada para desempenhar tal papel

que deve ter sido considerada, por certo, como um presente dos deuses: o mar rodeava quase por

completo a montanha em cujo cume altíssimo fora construída a fortaleza. A cidade caíra em poder

de António devido a traições internas; examinando



cuidadosamente as encostas íngremes da cidade, Mário imaginou qual seria a melhor maneira de a capturar, o que não constituía um exercício propriamente fácil.

Finalmente surgiu Tarso, uns quantos quilómetros a montante da plácida foz do Cidno, cidade abrigada do mar perfeitamente apta a funcionar como porto. Era uma cidade poderosa, fortificada, e, como seria de esperar, o palácio abriu-se de par em par para receber aqueles augustos visitantes. A Primavera começava cedo naquela zona da Ásia Menor, e por isso já estava calor em Tarso; Júlia começou a sugerir sub-repticiamente que não gostaria de ficar em tal fornalha quando Mário iniciasse a sua viagem a Capadócia.

Nos finais desse Inverno, tinham recebido em Halicarnasso uma carta do rei da Capadócia, Ariárates VII; o rei prometia estar em Tarso em fins de Março, e acrescentava que teria todo o gosto em escoltar Caio Mário desde Tarso até Eusebeia Mazaca. Sabendo que o jovem rei estaria à sua espera, Mário ficara irritado por a viagem demorar tanto tempo; a verdade, porém, é que não fora capaz de negar a Júlia os prazeres de uma excursão a Olbia ou de um passeio até às cascatas perto de Sida. No entanto, quando chegaram a Tarso, em meados de Abril, o jovem rei não só não se encontrava na cidade, como não deixara, ou enviara, qualquer mensagem.

Mário mandou então várias cartas para Mazaca: mas não recebeu nenhuma resposta, até porque nenhum dos mensageiros voltou a Tarso. E Mário começou a ficar inquieto. Ocultou tal inquietação de

Júlia e do filho, mas isso só lhe trouxe mais problemas, sobretudo quando Júlia começou a pressioná-lo para que a deixasse acompanhá-lo na viagem à Capadócia. Mário não podia levá-la consigo, isso era evidente; mas também não podia deixá-la sozinha em Tarso, prostrada pelo calor estival. Para além do calor, a eventual estada de Júlia em Tarso seria também perturbada pela posição ambivalente, e por isso muito pouco invejável, da Cilícia nessa parte do mundo. Outrora uma possessão egípcia, a Cilícia passara para o domínio da Síria, entrando então num período de decadência; durante esse período, as ligas de piratas tinham usurpado gradualmente muito do poder, conseguindo mesmo controlar as férteis planícies de Pedia, situadas a leste de Tarso.

A dinastia selêucida da Síria encontrava-se desgastada, em consequência de uma série de guerras civis entre irmãos, e entre reis e pretendentes; na época que nos interessa, havia dois reis no Norte



da Síria, Antíoco Gripo e Antíoco Ciziceno, tão ocupados com a luta pela posse de Antióquia e

Damasco que, durante anos e anos, negligenciaram todo o resto do país. Em consequência disso, os

Judeus, os Idumeus e os Nabateus tinham estabelecido reinos independentes no sul, e a Cilícia fora

positivamente esquecida.

Por isso, quando Marco António Orador chegou a Tarso com a intenção de utilizar a cidade como

sua base, encontrou uma Cilícia facilmente controlável, e, investido de poderes supremos, declarou-

a província de Roma. Porém, após a sua partida, Roma não enviou nenhum governador para o

substituir, pelo que, uma vez mais, a Cilícia regressou ao limbo. As cidades gregas, suficientemente

grandes e protegidas para se estabelecerem como entidades económicas, sobreviviam sem

problemas; Tarso era uma delas. Porém, entre esses centros, havia regiões inteiras onde ninguém

governava em nome de quem quer que fosse, outras que eram dominadas por tiranos locais, e ainda

outras onde o povo dizia, pura e simplesmente, que, agora, a sua terra pertencia a Roma. Mário

chegou rapidamente à conclusão que não seriam precisos muitos anos para que os piratas

regressassem em força à região. Entretanto, os magistrados locais pareciam contentes ao dar as

boas-vindas ao homem que julgavam seria o novo governador romano.

A longa espera pelas notícias de Ariárates levava-o a concluir que o jovem rei devia ter sido

chamado à Capadócia, ou por causa de algum problema urgente e desesperado, ou então devido a

alguma coisa que exigia dele uma demorada permanência. A mulher e o filho tinham-se tornado a

grande dor de cabeça de Mário. Agora sei porque costumamos deixá-los na segurança do lar!,

pensava, rangendo os dentes. Deixá-los em Tarso, nem pensar: seriam presas fáceis das doenças de

Verão. Mas também não podia levá-los para a Capadócia. E se pensava mandá-los de volta para

Halicarnasso, obviamente por mar, logo lhe aparecia a imagem da fortaleza intacta de Coracésio,

povoada, na sua imaginação, pelos adeptos de um novo rei-pirata. Que havia de fazer? Que havia de

fazer? Nada sabemos sobre esta parte do mundo, pensava, é evidente que temos de fazer um esforço

para a conhecermos melhor; e a parte oriental do mar Central é um perigo para qualquer navio: se

eles vão por aí, serão surpreendidos por uma tempestade e morrerão no mar.

Em meados de Maio, e ainda sem qualquer notícia de Ariárates, Mário tomou uma decisão.



- Faz as malas - disse ele a Júlia, mais cortesmente do que era costume. - Vou levar-te e ao nosso

filho, mas não para Mazaca. Logo que tivermos subido o bastante para que o tempo esteja mais

fresco e saudável, deixá-los-ei sob a protecção de alguém, não sei ainda quem, mas por certo

encontrarei pessoas dignas da nossa confiança. Depois, seguirei sozinho para a Capadócia.

Júlia queria discutir, mas calou-se; embora nunca tivesse visto Caio Mário no campo de batalha,

tinham-lhe chegado aos ouvidos muitas histórias sobre a sua autocracia militar; agora, encontrava

nas palavras do marido, ecos de um problema qualquer que o inquietava. Algo que tinha por certo a

ver com a Capadócia.

Dois dias depois deixaram Tarso, escoltados por um grupo da milícia local, chefiado por um jovem

grego por quem Mário sentia uma grande afeição, tal como, aliás, Júlia: enfim, vistas bem as coisas,

um equilíbrio perfeito. Ninguém andaria a pé naquela viagem, pois o caminho a percorrer, pelo

desfiladeiro a que chamavam Portas Cilicianas, era difícil e íngreme. Montada de lado num burro,

Júlia concluiu que a beleza da subida compensava o desconforto; com alguma dificuldade,

avançavam por estreitos caminhos solitários, no meio de vastas montanhas, e, quanto mais subiam,

mais densa era a neve que as cobria. Júlia quase não acreditava que, três dias antes, tivesse padecido horrores por causa do calor; o que a preocupava agora era encontrar xales quentes no meio da

bagagem. O tempo permanecia calmo e ensolarado, mas quando entravam nas florestas de pinheiros

ficavam positivamente enregelados, desejando, a todo o momento, que a floresta acabasse e desse

lugar a penhascos escarpados e a turbulentos regatos desaguando num tumultuoso rio que se

despedaçava em grandes e espumejantes ondas contra rochas e precipícios.

Ao fim de quatro dias, a subida estava mais ou menos terminada. Num vale estreito, Mário

encontrou um acampamento de gente local que trouxera os rebanhos da planície para a montanha

por causa dos pastos; e aí deixou Júlia e o filho, acompanhados pela milícia. O jovem grego, de seu

nome Mórsimo, recebeu ordens para que cuidasse deles e os protegesse. A má vontade dos nómadas

não resistiu a uma soma generosa, e, num instante, Júlia ficou com uma das enormes tendas de

couro castanhas.

- Logo que me habitue ao cheiro, sentir-me-ei perfeitamente confortável - disse ela a Mário antes de

este partir. - Dentro da tenda

142 está quente e imagino que alguns dos nómadas foram já comprar cereais e outras provisões. Vai,

não te preocupes comigo. Nem com o teu filho, que neste momento já deve estar a pensar em

tornar-se pastor. Mórsimo tratará de nós lindamente. Só lamento que nos tenhamos tornado uma

carga para ti, meu querido marido.

E assim seguiu viagem Caio Mário, acompanhado apenas por dois dos seus escravos e por um guia

fornecido por Mórsimo, que parecia lamentar ficar para trás em vez de acompanhar Mário.

Calculava Mário que aqueles vales e as ocasionais terras altas, muito extensas, por onde passava,

teriam cerca de mil e setecentos metros de altitude - o que não chegava para causar tonturas e dores

de cabeça, mas era o bastante para tornar penosa qualquer viagem em burro ou cavalo. Tinham

ainda um longo caminho a percorrer para chegarem a Eusebeia Mazaca, a qual, segundo o seu guia,

era a única povoação do reino da Capadócia que podia ser considerada cidade.

Tinha desaparecido o sol no momento em que Mário atingiu a linha que dividia os rios que se

encaminhavam para a Pedia e aqueles que contribuíam para o impressionante comprimento e

volume do Hális; de repente, deu consigo cavalgando sob aguaceiros de neve ou chuva, ou no meio

de nevoeiro. Enregelado, esgotado, com feridas causadas pelos vários dias de montada, Mário

suportou as longas horas de fatigante viagem com as pernas bamboleando como pesos inúteis, e

agradecendo aos deuses o facto de a pele das suas virilhas ser suficientemente rija para resistir à

constante fricção a que era obrigada.

Ao terceiro dia, o sol voltou a aparecer. As planícies, cada vez mais vastas, pareciam constituir um

local perfeito para rebanhos de ovelhas e manadas de vacas, pois a erva abundava e as florestas

eram raras; segundo o guia, a Capadócia não tinha o tipo de solo ou clima adequado às grandes

florestas; no entanto, desde que lavrado, aquele solo dava um trigo excelente.

- Então porque é que não o lavram? - perguntou Mário. O guia encolheu os ombros.

- Não têm gente que chegue. Cultivam o que precisam, mais uma pequena quantidade que vendem

ao longo do Hális, onde aparecem algumas barcaças de compradores. E porque haviam eles de se

incomodar? Têm de comer. Estão satisfeitos.



Mário e o guia pouco mais tinham falado durante a viagem; mesmo quando procuravam abrigo, à

noite, nas tendas de couro de pastores nómadas, ou nas casas de adobe de alguma aldeia minúscula,

pouco falavam. As montanhas iam passando, ora próximas, ora longínquas, mas nunca pareciam

tornar-se mais pequenas, ou menos verdes, ou menos nevadas.

Até que o guia anunciou que Mazaca distava apenas quatrocentas *stades* (cinquenta milhas

romanas, segundo os cálculos de Mário) e entraram numa região tão bizarra que Mário pensou logo

em Júlia, pois sabia que a esposa teria adorado ver aquelas terras. As suaves planícies persistiam,

mas, de quando em quando, surgiam ravinas serpeantes, cheias de torres arredondadas e aguçadas

que pareciam ter sido cuidadosamente modeladas com argilas de várias cores, como se fossem um

enorme brinquedo construído na terra por uma criança-gigante tresloucada; nalguns sítios, as torres

eram encimadas por enormes rochas chatas que, pensava Mário, deviam balançar, tão precária era a

sua situação. E - maravilha das maravilhas! - os seus olhos começaram a distinguir janelas e portas

nalgumas daquelas estruturas estranhamente naturais.

- É por isso que não encontramos mais aldeias - disse o guia. Ali está fresco, e a estação é curta. Por isso o povo desta zona escava casas naquelas torres. No Verão, são frescas, e no Inverno, são

quentes. Por que haveriam de construir casas, se a grande Deusa Ma já as construiu?

- Há quanto tempo vivem dentro das rochas? - perguntou Mário, fascinado.

Mas o guia não sabia.

- Desde que o homem existe - disse ele, mas era uma resposta vaga. - Pelo menos. Nós, na Cilícia,

costumamos dizer que os primeiros homens nasceram na Capadócia e viviam exactamente assim.

Continuavam a contornar aquelas ravinas de torres de argila quando Mário reparou na montanha;

era uma montanha praticamente isolada, a maior montanha que alguma vez vira, maior do que o

monte Olimpo na Grécia, maior ainda que os maciços que cercavam a Gália Italiana. A principal

massa da montanha tinha a forma de um cone, mas havia cones mais pequenos nas encostas; e a

neve, muito branca, transformava-a numa presença resplandecente contra um céu sem nuvens.

Mário sabia que montanha era aquela, obviamente; era o monte Arageus,



descrito pelos Gregos, e visto por muito poucos homens do Ocidente. E no seu sopé, ficava

Eusebeia Mazaca, a única cidade da Capadócia. A sede real.

Infelizmente, o facto de vir da Cilícia significava que Mário abordava a montanha do lado errado;

Mazaca ficava no lado norte, junto ao Hális, o grande rio vermelho da Anatólia Central, e o melhor

contacto de Mazaca com o mundo.

Foi ao princípio da tarde que Mário viu as formas de muitos edifícios concentrados sob o monte

Argaeus; sentiu nesse momento um grande alívio, mas, de repente, deu-se conta de que estava

perante um campo de batalha. Que sensação extraordinária! Atravessar um local onde milhares de

homens tinham combatido e morrido poucos dias antes e, ao mesmo tempo, não ter qualquer

conhecimento da batalha, nem o mínimo interesse por ela. Pela primeira vez na sua vida, Caio

Mário, o conquistador da Numídia e vencedor dos Germanos, encontrava-se num campo de batalha

na qualidade de turista.

Todo o seu ser se inflamava ao atravessar aquele campo; mas não parou: prosseguiu na direcção da

pequena cidade, olhando à sua volta apenas o estritamente necessário. Nada fora feito para limpar o

campo de batalha; cadáveres inchados, em decomposição, sem armadura nem roupa, jaziam por

todo o lado, só o ar gelado e cortante explicava que não houvesse à volta dos cadáveres uma

multidão de moscas e que o fedor a carne necrosada se tornasse suportável. O guia chorava, os dois

escravos estavam agoniados, mas Caio Mário seguia em frente como se não visse nada de

desagradável à sua frente: de facto os seus olhos procuravam algo muito mais sinistro - o

acampamento de um exército vivo, de um exército vitorioso. E lá estava esse acampamento, três

quilómetros para nordeste, um vasto agrupamento de tendas de couro castanhas sob um fino manto

de fumo azul produzido por muitas fogueiras.

Mitridates. Só podia ser ele. E Caio Mário não cometera o erro de pensar que o exército de mortos

pertencia a Mitridates. Não, o seu exército era o que estava vivo, o que tinha saído vitorioso; o

campo que Mário atravessara estava juncado de cadáveres de capadócios. Gente que vivia nas

rochas, pastores nómadas - e provavelmente, disse ele para si mesmo, recuperando a sua veia

prática, também os corpos de muitos mercenários sírios e gregos. E o jovem rei? Onde estava? Nem

era preciso perguntar. Não se tinha deslocado a Tarso,



nem respondera a nenhuma das cartas, porque estava morto. E os mensageiros também deviam estar

mortos.

Outro homem talvez tivesse dado meia volta e fugido, fazendo votos para que a sua presença não

tivesse sido detectada; mas não Caio Mário. Tinha encontrado finalmente o rei Mitridates Eupator,

embora num país que não o seu. E Caio Mário não só não recuava, como ainda incitava a sua

extenuada montada a correr na direcção do acampamento e da cidade.

Ficou, porém, espantado, ao verificar que ninguém reparava nele, que ninguém deu por ele mesmo

quando transpôs a principal porta da cidade. Sim, não havia dúvida: o rei do Ponto devia sentir-se

extremamente seguro! Fazendo parar o suado cavalo, examinou as calçadas da cidade, à procura de

uma acrópole ou de uma cidadela; passado um instante, viu um edifício que supôs ser o palácio,

situado na encosta da montanha, para lá da cidade. Era evidente que o palácio fora construído com

um material pouco pesado, pouco adequado aos ventos invernosos locais pois fora revestido de

reboco e pintado num azul muito intenso; as colunas eram de um vermelho berrante e os capitéis

jónicos tinham sido pintados num vermelho ainda mais vivo realçado por cintilantes dourados.

É ali que ele está!, pensou Mário. Começou a subir uma das estreitas calçadas, deixando-se orientar

pela vista do palácio, cercado por uma muralha pintada de azul e situado no meio de jardins agora

praticamente despidos de vegetação. A Primavera chega tarde à Capadócia, pensou Mário, e

lamentou que o jovem Ariárates nunca mais pudesse vê-la chegar. Era óbvio que o povo de Mazaca

se tinha escondido nas suas casas, pois as ruas estavam completamente desertas. Quando chegou ao

portão do palácio, Mário encontrou-o sem guarda. Sim, o rei Mitridates sentia-se perfeitamente

seguro!

Deixou o cavalo e os acompanhantes ao fundo da escadaria que levava à porta principal, uma porta

dupla de bronze cinzelado, adornada com relevos que relatavam, de forma assustadoramente

pormenorizada, o rapto de Perséfone por Hades; Mário teve tempo de sobra para apreciar aquelas

repugnantes bizarrias enquanto esperava que respondessem aos murros que dera na porta. Ao fim de

algum tempo, a porta rangeu, gemeu, e abriu-se hesitantemente.

- Sim, sim, ouvi-o perfeitamente! Que deseja? - perguntou um homem muito velho em grego.



Algures no seu íntimo, Mário sentiu uma vontade terrível de rir, muito difícil de refrear; por isso,

quando falou, a sua voz saiu tremida, aguda, incapaz de impressionar fosse quem fosse.

- O meu nome é Caio Mário, sou cônsul de Roma. O rei Mitridates está? - perguntou.

- Não - retorquiu o ancião.

- Estão à espera dele?

- Sim, virá antes que anoiteça.

- Óptimo! - Mário empurrou a porta e penetrou numa vasta sala, que só poderia ser a sala do trono

ou o salão de recepções, fazendo ao mesmo tempo sinal aos seus três acompanhantes para que o

seguissem.

- Preciso de acomodações para mim e para estes três homens. Os cavalos estão lá fora, precisam que

lhes dêem comida. Quanto a mim, prepare-me um banho quente. Imediatamente.

Quando soube que o rei já estava perto, Mário vestiu a toga, encaminhou-se para o pórtico do

palácio e esperou, sozinho, no alto da escadaria. Via daí um grupo de cavaleiros subindo lentamente

as ruas da cidade, todos eles com boas montadas e bem armados; os escudos eram vermelhos,

adornados com um crescente branco cingindo uma estrela de oito pontas também branca; os

cavaleiros usavam mantos vermelhos por sobre couraças de prata, e capacetes cónicos encimados

não por penas ou crina de cavalo, mas por crescentes dourados cingindo estrelas douradas.

O rei não comandava as tropas, e era impossível distingui-lo entre aqueles centos de homens. Não

se preocupa com o facto de o palácio ficar sem guarda durante a sua ausência, mas preocupa-se, e

de que maneira, com a sua pessoa, pensou Mário. O esquadrão passou o portão e encaminhou-se na

direcção da escadaria; pelo barulho que os cavalos faziam, Mário concluiu que muitos estariam

desferrados e que, no Ponto, havia por certo falta de ferreiros. Majestaticamente envolvido na sua

toga debruada a púrpura, muitos metros acima dos cavaleiros, Mário não passaria despercebido a

ninguém.

Os cavaleiros abriram alas. Do seu seio, saiu Mitridates, montado num corpulento cavalo baio.

Usava um manto púrpura e era também púrpura o escudo do seu escudeiro, embora não lhe faltasse

a insígnia do crescente e da lua. No entanto, o rei não usava capacete; tinha a cabeça tapada com

pele de leão; os enormes caninos do leão colavam-se



à testa do rei, e as orelhas erguiam-se empinadas; as cavidades que tinham abrigado os seus olhos eram agora meros buracos escuros.

Sob a couraça e a saia pregueada ornadas a ouro que o rei usava, viam-se uma saia e mangas de camisa de cota de malha revestida a ouro; e nos pés trazia umas botas de pele de leão gregas, um belíssimo exemplar bordado a ouro e com linguetas pendentes na forma de cabeças de leão com jubas

douradas.

Mitridates desceu do seu cavalo e por um momento deixou-se ficar ao fundo das escadas, olhando para Mário, uma posição de inferioridade que evidentemente não lhe agradava. Era, contudo, demasiado inteligente para subir imediatamente os degraus. Tão alto como eu, pensou Mário, e tão corpulento como eu era noutros

tempos. Não era um homem belo, embora o seu rosto fosse agradável, um rosto largo, quadrado, com um

queixo redondo, proeminente, e um nariz comprido, largo, ligeiramente protuberante. A sua pele era branca, e sob a cabeça de leão viam-se vestígios de um cabelo louro e uns olhos cor de avelã; uma boca pequena, com lábios cheios e muito vermelhos, sugeria que o rei era não só irascível como petulante.

Mas onde é que tu terás visto um homem de *toga praetextal,* perguntou Mário silenciosamente, tentando recordar-se do que sabia da história do rei, e não encontrando momento algum em que o rei pudesse ter visto uma *toga praetexta* - ou mesmo uma *toga alba.* Porque Mário tinha a certeza de que Mitridates identificara imediatamente um ex-cônsul romano, e a experiência ensinava-lhe que aqueles que nunca tinham visto tal traje ficavam sempre fascinados (mesmo que tivessem ouvido uma boa descrição do mesmo). Onde é que

terás *visto* um dos nossos?

Mitridates Eupator subiu os degraus calmamente; ao chegar ao cimo, estendeu a mão direita, no gesto

universal de quem deseja a paz. Cumprimentaram-se. Ambos eram demasiado inteligentes para

transformarem o cumprimento num duelo de força.

- Caio Mário - disse rei, num grego com um sotaque idêntico ao de Mário - Este é, sem dúvida, um prazer inesperado.

- Rei Mitridates, quem me dera poder dizer o mesmo.

- Entra! Entra! - disse o rei amavelmente, pondo o seu braço por sobre os ombros de Mário e empurrando-o na direcção da porta.

- Espero que tenham tratado bem de ti.

- Trataram-me perfeitamente, obrigado.



Uma dúzia de guardas do rei espalharam-se pela sala do trono, seguindo à frente de Mário e do rei;

uma outra dúzia vinha atrás. Depois de terem revistado todos os cantos e recantos da sala, metade

dos guardas saiu da sala com o intuito de revistar o resto do palácio, ao passo que a outra metade

ficou na sala, de olho em Mitridates, que se encaminhou de imediato para o trono de mármore com

almofadas púrpura; após ter-se sentado, ordenou que trouxessem uma cadeira para Caio Mário.

- Ofereceram-te de beber? - perguntou o rei.

- Preferi um banho - retorquiu Mário.

- Jantamos então?

- Se assim o desejas. Mas poderíamos ficar aqui, a menos que queiras mais companhia do que a

minha.

Colocaram então uma mesa entre eles, trouxeram vinho e uma refeição simples, composta de uma

salada de legumes, iogurte misturado com alho e pepino, e umas bolas muito saborosas de carne de

anho picada e grelhada. O rei não fez qualquer comentário acerca da frugalidade da refeição:

limitou-se a devorá-la, tal como Mário, que vinha esfomeado após tão dura viagem.

Só quando o repasto acabou e os criados levaram os pratos é que os dois homens se propuseram

conversar. Lá fora, persistia um crepúsculo de um tom anil, mágico, mas dentro da sala do trono

caíra a mais completa escuridão; criados aterrorizados arrastavam-se como sombras de lanterna em

lanterna, acendendo uma chama fraca e instável; como o óleo utilizado era de má qualidade, as

pequenas chamas produziam imenso fumo.

- Onde está o rei Ariárates VII? - perguntou Mário.

- Não está. Morreu - respondeu Mitridates, limpando os dentes com um arame de ouro. - Morreu há

dois meses.

- Como?

Agora que estava mais perto do rei, Mário podia ver que os olhos de Mitridates eram de um verde

intenso, com pequenos salpicos castanhos, uns olhos invulgares o bastante para que os considerasse

notáveis. Esses olhos embaciaram-se, deixaram por um momento de fitar Mário e voltaram depois a

olhá-lo, bem abertos, francos; vai mentir-me, pensou imediatamente Mário.

- Uma doença incurável - disse o rei, suspirando tristemente. Morreu aqui no palácio, creio. Eu não

estava cá nessa altura.



- Travaste uma batalha nos arrabaldes - disse Mário.

- Teve de ser - replicou Mitridates, sem mais.

- Por que motivo?

- O trono tinha sido reclamado por um pretendente sírio - um primo selêucida, ou lá o que ele era.

Há muito sangue selêucida na família real capadócia - explicou tranquilamente o rei.

- E em que medida te diz isso respeito?

- Bom, o meu sogro, ou melhor, um dos meus sogros, é capadócio. O príncipe Górdio. E a minha

irmã era a mãe do falecido Ariárates VII e do seu irmãozito, esse perfeitamente vivo e de boa saúde.

Claro que este irmão de Ariárates é o legítimo rei, e eu empenhei-me em dar reis legítimos à

Capadócia - disse Mitridates.

- Não sabia que Ariárates VII tinha um irmão mais novo - disse Mário calmamente.

- Sim, claro que tem.

- Mas tens de me contar exactamente o que aconteceu.

- Bom, durante o mês de Boedromion, estava eu em Dasteira, recebi um pedido de ajuda, de

maneira que mobilizei o meu exército e marchei na direcção de Eusebeia Mazaca. Não estava cá

ninguém, e o rei estava morto. O seu irmão mais novo tinha fugido para a região dos troglodítas.

Ocupei a cidade. Foi então que apareceu o pretendente sírio com o seu exército.

- Como é que se chamava esse pretendente sírio?

- Seleuco - retorquiu prontamente Mitridates.

- Bom, não há dúvida que esse é um bom nome para um pretendente sírio! - observou Mário.

Mas Mitridates não se apercebeu da óbvia ironia: era evidente que o rei do Ponto não assumia em

relação às palavras a mesma atitude que Gregos ou Romanos, além do que provavelmente nunca se

ria. É um homem muito mais estranho que Jugurta da Numídia, pensou Mário; talvez não tão

inteligente, mas muito mais perigoso. Jugurta matou muitos dos seus parentes próximos, mas sabia

que os deuses poderiam chamá-lo um dia a responder por tais crimes. Ao passo que Mitridates se

imagina um deus, e não conhece nem vergonha nem culpa. Quem me dera saber algo mais acerca

dele e do reino do Ponto. O pouco que Nicomedes me contou de nada me serve; ele julga que

conhece este homem, mas na realidade não o conhece.

150

- Travaram portanto uma batalha e Seleuco, o pretendente sírio, foi derrotado - disse Mário.

- Precisamente - retorquiu o rei, algo impaciente. - Pobres desgraçados! Matámo-los quase todos.

- Assim me pareceu - disse secamente Mário, curvando-se um pouco para a frente. - Diz-me, rei

Mitridates, não é hábito no reino do Ponto limparem os campos de batalha?

O rei pestanejou, compreendendo que Mário não estava a ser propriamente simpático.

- Nesta altura do ano? - perguntou. - Porquê? No Verão já estão todos derretidos.

- Estou a ver. - De costas direitas, porque essa era a postura de qualquer Romano que se sentasse

numa cadeira (a toga era um traje que não tolerava muitas mexidas), Mário assentou as mãos nos

braços da cadeira. - Gostaria de ver o rei Ariárates VIII, se é que é esse o seu título. Será possível, Rei?

- Mas claro, claro que é possível! - exclamou o rei cordialmente, após o que bateu as palmas. -

Chamem o rei e o príncipe Górdio ordenou ele, quando o ancião apareceu. Depois, virando-se para

Mário:

- Encontrei o meu sobrinho e o príncipe Górdio sãos e salvos entre os trogloditas há dez dias.

- Foi uma sorte - comentou Mário.

O príncipe Górdio entrou, conduzindo um rapaz com cerca de dez anos pela mão; Górdio teria já

passado os cinquenta; ambos usavam trajes gregos. Obedientemente, postaram-se ao fundo do

estrado onde Mário e Mitridates estavam sentados.

- Então, meu rapaz, como estás? - perguntou Mário.

- Bem, obrigado, Caio Mário - respondeu a criança, tão parecida com Mitridates que poderia

perfeitamente posar para um retrato do rei do Ponto em menino.

- Então o teu irmão morreu, não é verdade?

- Sim, Caio Mário. Morreu de uma doença incurável aqui no palácio, há dois meses - disse o

pequeno papagaio.

- E tu és agora o rei da Capadócia.

- Sim, Caio Mário.

- E gostas?

- Sim, Caio Mário.

- Mas ainda és muito pequeno para governar o país.



- O avô Górdio ajuda-me.

- Avô?

Górdio sorriu, e que sorriso desagradável aquele.

- Eu sou avô para toda a gente, Caio Mário - retorquiu ele, suspirando.

- Ah, estou a ver. Obrigado por esta audiência, rei Ariárates. O rapaz e o homem saíram, curvando-se

graciosamente.

- É um belo rapaz, o meu Ariárates - disse Mitridates, muito satisfeito.

- O seu Ariárates?

- Metaforicamente, Caio Mário.

- É muito parecido contigo.

- A mãe dele era minha irmã.

- Sim, e a tua linhagem, segundo sei, está cheia de casamentos dentro da família. - As sobrancelhas de Mário torceram-se, mas o rei Mitridates não entendia um tal sinal que Lúcio Cornélio Sila conhecia tão bem. - Bom, parece portanto que os problemas de Capadócia foram satisfatoriamente resolvidos - comentou Mário

jovialmente. Isso implica, evidentemente, que retires o teu exército para o Ponto.

O rei ficou surpreendido.

- De modo nenhum, Caio Mário. A Capadócia está ainda em efervescência, e este rapaz é o último da sua linhagem. É melhor que conserve o meu exército aqui.

- Será melhor que o leves para o Ponto!

- Não posso fazer isso.

- Podes, rei Mitridates, e sabes que podes.

O rei começou a inchar, a sua couraça já rangia.

- Caio Mário! Tu não podes dizer-me a mim, rei do Ponto, o que devo ou não fazer!

- Posso, sim, rei Mitridates - disse Mário com voz forte, mas perfeitamente calma. - Roma, de facto, não está especialmente interessada nesta parte do mundo, mas se o rei do Ponto continuar a manter exércitos de ocupação em países que não lhe pertencem, posso garantir-te que o interesse de Roma por esta parte do mundo crescerá, e muito. As legiões romanas são formadas por Romanos e não por camponeses capadócios

ou mercenários sírios. Tenho a certeza de que não gostarias de ver legiões romanas nesta zona do mundo!

Mas vê-las-ás, garanto-te, a menos que voltes para o Ponto com o teu exército.



- Tu não podes dizer isso, não exerces quaisquer funções agora!

- Já fui cônsul romano. Posso dizê-lo. E digo-o.

A ira do rei não parava de crescer; tal como o medo, reparou Mário com interesse. Nunca falha!,

pensou, exultante. Assemelham-se todos àqueles animais tímidos que se mostram muitíssimo

agressivos; tiramos-lhes a máscara, e eles fogem logo a ganir, de cauda entre as pernas.

- Precisam de mim aqui, precisam do meu exército!

- Não precisam. *Volta para casa,* rei Mitridates!

O Rei pôs-se de pé num repente, com a mão no punho da espada, e os doze guardas que

continuavam na sala aproximaram-se, à espera de ordens.

- Podia matar-te neste preciso instante, Caio Mário! De facto, creio que vou mesmo matar-te! Podia

matar-te que ninguém saberia o que te tinha acontecido. Podia mandar as tuas cinzas para Roma,

num grande recipiente de ouro, com uma carta de desculpas explicando que morreras de doença

incurável, aqui, no palácio de Mazaca.

- Tal como o rei Ariárates VII? - perguntou afavelmente Mário, sentando-se muito direito na sua

cadeira, sem medo, perfeitamente sereno. Após uma breve pausa, curvou-se um pouco. - Acalma-te,

rei! Senta-te, sê sensato. Sabes perfeitamente que não podes matar Caio Mário! Se me matasses, as

legiões romanas não tardariam a chegar ao Ponto e à Capadócia - aclarou a voz e prosseguiu num

tom de amena conversa. - Sabes, o nosso problema é que não temos uma guerra realmente decente

desde que derrotámos setecentos e cinquenta mil bárbaros germanos. Esse, sim, era um inimigo!

Mas não tão rico como o Ponto, longe disso. Os despojos que levaríamos desta parte do mundo

tornariam uma guerra muitíssimo atraente. Por isso, para quê provocá-la, rei Mitridates? *Volta para* casa!

E de repente Mário ficou sozinho; o rei saiu da sala do trono e, com ele, os guardas. Pensativo,

Mário levantou-se e deixou também a sala, emcaminhando-se para os seus aposentos, de barriga

cheia de boa comida, boa e simples, como ele gostava, e a cabeça cheia de questões interessantes.

Não tinha qualquer dúvida de que Mitridates levaria o seu exército para o Ponto; mas onde *é* que ele teria visto romanos de toga? E onde teria visto um romano com uma toga debruada a púrpura? O rei

sabia que ele era Caio Mário, talvez porque o ancião que servia no palácio o tivesse informado

antecipadamente; talvez:



Mário tinha as suas dúvidas. Não, nada disso. O rei tinha recebido as cartas que ele enviara' para

Amasia, e tentara, desde então, evitar aquele confronto. O que significava que Bataces, o arquigalo

de Pessinunte, era um espião de Mitridates.

Ansioso por regressar à Cilícia o mais depressa possível, Mário levantou-se cedo, mas demasiado

tarde para ver uma vez mais o rei do Ponto. Mitridates, disse-lhe o ancião, regressara ao Ponto com

o seu exército.

- E Ariárates Eusébio Filopator? Foi com o rei Mitridates, ou ficou cá?

- Ficou cá, Caio Mário. O pai fê-lo rei da Capadócia, por isso temos de ficar por cá.

- O pai? - perguntou bruscamente Mário.

- O rei Mitridates - retorquiu o velho, inocentemente.

Claro! O rapaz não era nada filho de Ariárates VI, mas sim filho de Mitridates. Esperto. Mas não o

suficiente.

Górdio despediu-se dele, todo sorrisos e mesuras; mas do jovem rei não se via sinal.

- Portanto és agora o regente - disse Mário, junto ao seu novo cavalo, muito melhor do que aquele

que o levara de Tarso até Mazaca; também os criados tinham agora melhores montadas.

- Sim, Caio Mário, serei o regente enquanto o rei Ariárates Eusébio Filopator não tiver idade para

governar sozinho.

- Filopator - disse Mário, meditativo. - Significa ”aquele que, ama o pai”. Achas que ele vai ter

saudades do pai?

Górdio fitou-o de olhos muito abertos.

- Saudades do pai? O pai dele morreu era ele bebé.

- Não, príncipe Górdio, Ariárates VI morreu há demasiado tempo para poder ser pai *deste* jovem -

retorquiu Mário. - Eu não sou idiota, príncipe Górdio. Di-lo ao teu amo, Mitridates. Diz-lhe que eu

sei de quem é filho o novo rei da Capadócia. E que permanecerei vigilante.

- Aceitando a ajuda de Górdio ao montar o cavalo, Mário acrescentou:

- Tu és, suponho eu, de facto o avô do rapaz. A única razão por que decidi deixar as coisas como

estão é que a mãe da criança, pelo menos, é uma cidadã capadócia - a tua filha, ao que presumo.

Nem mesmo aquele homem, inteiramente dominado por Mitridates, conseguia ocultar a verdade:

pelo contrário, aquiesceu mal Mário acabou de falar.

154 - A minha filha é a *rainha* do Ponto, e o seu filho mais velho sucederá ao rei Mitridates.

Agrada-me por isso que este rapaz venha a governar o meu país. Ele é o último da sua linhagem, ou

melhor, a mãe dele é que o é.

- E tu não és príncipe nenhum - disse Mário com desdém. Acredito que sejas capadócio, mas

suponho que te atribuíste a ti mesmo o título de príncipe. O que não faz da tua filha o último elo da tua linhagem. Comunica a minha mensagem ao rei Mitridates.

- Assim farei, Caio Mário - disse Górdio, não se mostrando ofendido. Mário avançou com o seu

cavalo, mas depois parou e olhou para trás.

- Uma última questão! Limpa o campo de batalha, Górdio! Se vocês, orientais, quiserem ganhar o

respeito dos homens civilizados, terão de comportar-se como homens civilizados. Ninguém deixa

milhares de cadáveres a apodrecer após a batalha, ainda que esses cadáveres sejam os dos inimigos

e nós os desprezemos. Não é uma boa técnica militar, é muito simplesmente um acto bárbaro. E

pelo que vejo, é precisamente isso o que o teu amo é: um bárbaro. Bom dia, Górdio.

- Dito isto, Mário partiu por fim, seguido pelos seus ajudantes.

Górdio não admirava a audácia de Mário, mas também não admirava verdadeiramente Mitridates.

Por isso, foi com considerável prazer que ordenou que lhe trouxessem o cavalo e que logo partiu em

busca do rei, antes que este deixasse definitivamente Mazaca. Dir-lhe-ía tudo o que Mário lhe

dissera, palavra por palavra! Ah, e o prazer que sentiria em administrar um tal veneno a Mitridates!

A sua filha era de facto a nova rainha do Ponto, o seu neto Fárnaces o herdeiro do trono do Ponto.

Sim, tudo corria bem para Górdio, o qual, como Mário sagazmente adivinhara, não era nenhum

príncipe da velha casa real capadócia. Quando o jovem que era filho de Mitridates reivindicasse o

direito a governar sozinho - no que seria, sem dúvida, apoiado pelo pai -, Górdio tudo faria para que lhe fosse dado o reino-templo de Ma, situado em Comana, num vale capadócio entre os rios Píramo

e Saro. Aí, sacerdote e rei simultaneamente, estaria em segurança e seria um homem próspero e

extraordinariamente poderoso.

Encontrou Mitridates no dia seguinte, acampado nas margens do rio Hális, não muito longe de

Mazaca. E repetiu, palavra por palavra, o que Caio Mário lhe dissera. O rei ficou furioso, mas não

fez qualquer comentário: limitou-se a fitá-lo com uns olhos ligeiramente protuberantes, apertando e

desapertando as mãos.



- E limpaste o campo de batalha? - perguntou o rei.

Górdio engoliu em seco, sem saber que resposta o rei gostaria de ouvir. Tentou adivinhar, mas saiu-

se mal.

- Claro que não, Grande Rei.

- Então o-que é que estás aqui a fazer? Vai já limpá-lo!

- Mas, Grande Rei, Divina Majestade, ele chamou-te bárbaro!

- E é isso que eu sou, segundo o ponto de vista dele - retorquiu o rei, num tom enérgico. - Mas Caio

Mário não voltará a ter oportunidade de me chamar bárbaro. Se os homens civilizados gastam as

suas energias a limpar campos de batalha ainda que a época do ano não o torne necessário, façamos

como eles, gastemos também as nossas energias. Nenhum homem que se creia civilizado achará

seja o que for na minha conduta que lhe permita chamar-me bárbaro!

Assim será, enquanto não perderes as estribeiras, pensou Górdio, mas calou-se; Caio Mário tem

toda a razão, Grande Rei. Tu és um bárbaro.

E assim foi limpo o campo de batalha. Depois de queimados os corpos, as cinzas foram enterradas

num monte tumular, insignificante se comparado com o seu pano de fundo, o monte Argaeus. Mas

o rei Mitridates não ficou para ver as suas ordens cumpridas; enviou o exército para o Ponto e partiu para a Arménia, numa viagem especialmente faustosa. Quase toda a sua corte foi com ele, incluindo

dez esposas, trinta concubinas, e meia dúzia dos seus filhos mais velhos; a comitiva estendia-se por

quase dois quilómetros, e eram sem conta os cavalos, os carros puxados por bois, as liteiras, as

carruagens, as bestas de carga. A velocidade a que seguia era mínima: não avançava mais do que

dezasseis a vinte e quatro quilómetros por dia. Mas não parava. Permanecia surdo às queixas das

mulheres mais frágeis, que apenas pretendiam um ou dois dias de descanso. Escoltavam-no mil

soldados de cavalaria, o número certo para uma embaixada real.

Porque aquela era de facto uma embaixada: a Arménia tinha um novo rei. Mitridates recebera a

notícia no início da sua campanha na Capadócia, e não tardara a reagir, enviando mensageiros a

Dasteira, com a incumbência de reunirem mulheres, crianças, nobres, prendas, roupas e bagagens.

A caravana demorara quase dois meses a chegar ao Hális, perto de Mazaca; nessa altura,

encontrava-se Caio Mário em Mazaca; no dia da sua partida, Caio Mário não encontrara o rei:

156 Mitridates visitava nesse momento a sua corte ambulante, certificando-se de que tudo fora

realizado a seu contento.

Tudo o que Mitridates sabia do novo rei da Arménia era que ele era jovem, filho legítimo do velho

rei Artavasdes, que o seu nome era Tigranes, e que fora refém do rei dos Partos desde criança. Um

rei da minha idade!, pensou Mitridates, exultante, um governante de um poderoso reino oriental

sem qualquer ligação a Roma, um rei que poderá juntar-se ao Ponto na luta contra Roma!

A Arménia situava-se no meio das vastas montanhas em torno de Ararat e estendia-se para leste até

ao mar Cáspio ou Hircânio; estava intimamente ligado pela tradição e pela geografia ao reino dos

Partos, cujos governantes nunca tinham mostrado qualquer interesse pelas regiões que ficavam a

oeste do rio Eufrates.

O caminho mais fácil consistia em seguir o curso do Hális até à nascente; surgia depois a Arménia

Menor, um pequeno reino sob o domínio de Mitridates, e o Eufrates, muito perto da nascente;

finalmente, atingia-se a nascente do Araxes e, seguindo o curso deste rio, alcançava-se Artáxata,

capital da Arménia. De Inverno, a viagem teria sido impossível, pois a mais baixa das terras por

onde passaram já era muito elevada; porém, no princípio do Verão, seria difícil encontrar viagem

mais agradável, pois os vales estavam cheios de flores silvestres

- do azul da chicória, do amarelo das prímulas e dos ranúnculos, o espantoso carmesim das

papoulas. Não havia florestas, apenas plantações de árvores cuidadosamente cultivadas, e

destinadas apenas à protecção contra os ventos e posteriormente à lenha de que as casas

precisavam; a estação de florescimento era tão curta que os choupos e as bétulas estavam ainda sem

folhas em Junho.

No trajecto seguido pela comitiva, só havia uma cidade, Carana, e uma ou outra aldeia; mesmo as

tendas dos nómadas eram escassas. Isto implicava que a comitiva levasse cereais e tivesse de colher

fruta e legumes pelo caminho; por outro lado, só poderiam comer carne quando encontrassem

pastores. No entanto, Mitridates era perspicaz, pois comprava tudo o que não podia obter e

permanecia, por isso, nas memórias fascinadas da gente simples com quem se cruzava, como um

verdadeiro deus, distribuindo dádivas jamais imaginadas.

Em Julho, atingiram por fim o rio Araxes; meteram pelo seu sombrio vale e Mitridates, a cada

estrago provocado pela comitiva, corria a pagar a devida indemnização aos agricultores; para tais

negócios, usava-se

à

agora a linguagem gestual, pois, para lá do Eufrates, poucos eram os que sabiam grego. O rei do

Ponto enviara mensageiros a Artáxata para anunciarem a sua visita, e, ao aproximar-se da cidade,

desfazia-se já em sorrisos, pois, no seu íntimo, sabia que aquela longa e cansativa peregrinação

daria os seus frutos.

Na estrada fora das muralhas, Mitridates tinha à sua espera o rei Tigranes da Arménia, escoltado

pelos seus guardas, todos vestidos de cota de malha da cabeça aos pés e empunhando longas lanças

e carregando às costas os escudos; fascinado, o rei Mitridates examinou os corpulentos cavalos,

também completamente vestidos com cota de malha. E que extraordinário rei aquele, conduzindo,

de pé, um carro dourado, de rodas pequenas, puxado por seis parelhas de bois brancos e protegido

por um guarda-sol franjado! Que visão aquela! O rei usava uma saia formada por vários panos

sobrepostos e ornada com borlas e bordada a vermelho e açafrão, um casaco de mangas curtas e, na

cabeça, uma tiara em forma de torre presa com a fita branca do diadema.

Vestido com a sua armadura dourada e a pele de leão, de botas gregas nos pés e a sua espada ornada

de jóias no cinturão, igualmente ornado de jóias, cintilante à luz do Sol, Mitridates desceu do seu

enorme cavalo baio e foi ao encontro de Tigranes, de mãos estendidas. Tigranes desceu do carro e

estendeu também as mãos. E assim se encontraram as suas mãos; os olhos escuros de um fitaram os

olhos verdes do outro, e logo nasceu uma amizade que não dependia apenas da simpatia. Cada um

deles reconhecia no outro um aliado. E cada um começou imediatamente a pensar no que o outro

lhe poderia dar. Juntos encaminharam-se para as portas da cidade.

Tigranes era branco de pele, mas tinha cabelos e olhos escuros; usava o cabelo e a barba compridos

e muito encaracolados, e entrançados com fios de ouro. Mitridates pensava que Tigranes era um

monarca helenizado; enganava-se redondamente, pois Tigranes tinha muito mais a ver com os

Partos: daí o cabelo, a barba, o traje comprido. Felizmente, porém, falava um grego excelente, tal

como dois ou três dos principais nobres do reino. O resto da corte, tal como a população, falava um

dialecto medo.

- Mesmo em localidades tão partas como Ecbátana e Susiana, falar grego é sinal de elevada

instrução - disse o rei Tigranes quando se instalaram em duas cadeiras reais rodeando o trono

dourado da Arménia. - Não te insultarei, sentando-me mais alto - dissera Tigranes.



- Vim à Arménia no intuito de firmar um tratado de amizade e aliança - explicou Mitridates.

A discussão prosseguiu em termos particularmente delicados, facto invulgar em dois homens tão

arrogantes e autocráticos, e uma indicação de que ambos consideravam muito necessário um acordo

interessante. Mitridates era, evidentemente, o rei mais poderoso, porque não tinha qualquer

suserano e governava um reino muito mais extenso que o da Arménia - além do que era muitíssimo

mais rico.

- O meu pai assemelhava-se ao rei dos Partos em muitos aspectos

- disse Tigranes. - Matou um a um os filhos que manteve consigo na Arménia; eu escapei porque fui

enviado como refém do rei dos Partos quando tinha oito anos. De modo que quando o meu pai

adoeceu, o único filho que restava era eu. O conselho dos nobres arménios negociou com o rei

Mitridates da Partia a minha libertação. Mas o preço foi muito alto. Setenta vales arménios, todos

eles ao longo da fronteira que separa a Arménia da Atropatene Meda, o que significa que o meu

país perdeu algumas das suas terras mais férteis. Além disso, havia nesses vales rios auríferos,

belíssimos filões de lápis-lazúli, turquesa e ónix preto. Jurei solenemente que a Arménia havia de

recuperar esses setenta vales e que encontraria um melhor local para construir uma capital melhor

do que esta fria Artáxata.

- Aníbal não ajudou a construir Artáxata? - perguntou Mitridates.

- É o que se diz - retorquiu apenas Tigranes, regressando aos seus sonhos de império. - É minha

ambição estender a Arménia para o sul, até ao Egipto, e para oeste, até à Cilícia. Quero ter acesso

ao mar Central, quero rotas comerciais, quero terras mais quentes para cultivar cereais, quero ouvir

todos os cidadãos do meu reino falando grego. - Parou de falar, molhou os lábios. - Que pensas

disto, Mitridates?

- Acho muito bem, Tigranes - retorquiu Mitridates sem qualquer problema. - Tratarei de te dar

apoio e soldados para que concretizes os teus objectivos, se por acaso me apoiares quando eu lançar

o meu ataque à província romana da Ásia Menor. Poderás ficar com a Síria, a Comagena, a

Osdroena, a Sofena, a Gordiana, a Palestina e a Nabateia. Eu ficarei com toda a Anatólia, incluindo

a Cilícia.

Tigranes não hesitou.

- Quando? - perguntou, impaciente. Mitridates sorriu, recostou-se na cadeira.

- Quando os Romanos estiverem demasiado ocupados para não



darem por nós - retorquiu. - Tigranes, tu és jovem, podes esperar. Eu conheço Roma. Mais tarde ou

mais cedo, Roma envolver-se-á numa guerra qualquer, no Ocidente ou em África. A nossa hora

soará então. Para selar o pacto, Mitridates ofereceu a Tigranes uma esposa: Cleópatra, a filha mais

velha da falecida rainha Laódice, então com quinze anos. Como a Arménia não tinha ainda rainha,

Tigranes acolheu a noiva de braços abertos; Cleópatra tornar-se-ía rainha da Arménia, um facto de

grande significado, pois implicava que um neto de Mitridates seria herdeiro do trono da Arménia.

Quando a jovem de louros cabelos e olhos claros viu o seu futuro marido, desatou a chorar,

aterrorizada com o estranho aspecto físico dele; Tigranes fez uma concessão importante para um

homem educado numa corte claustrofóbica onde abundavam as barbas (verdadeiras e artificiais) e

os caracóis (verdadeiros e artificiais): cortou a barba e o cabelo comprido. A noiva acabou por

concluir que ele era afinal um homem bonito, deu-lhe a mão e sorriu. Deslumbrado com a beleza da

jovem, Tigranes julgou-se um homem muito feliz; talvez fosse a última vez na sua vida em que

sentia algo próximo da humildade.

Caio Mário ficou extremamente feliz ao encontrar em segurança a mulher, o filho e a pequena

escolta de Tarso, já habituados à vida dos pastores nómadas; o jovem Mário tinha mesmo aprendido

algumas palavras da estranha língua que os nómadas falavam, e conduzia na perfeição os rebanhos.

- Olha, *tata!* - disse ele quando levou o pai a ver o seu pequeno rebanho pastando; as ovelhas traziam capas muito apertadas de pele de cabrito, que protegiam a lã dos elementos. O filho de Caio

Mário pegou então numa pequena pedra e atirou-a ao animal que comandava o rebanho, acertando-

lhe no costado; todo o rebanho deixou de pastar e, obedientemente, deitou-se. - Vês? Eles sabem

que este é o sinal para se deitarem. Não são mesmo espertos?

- Não há dúvida - disse Mário, e fitou o filho, tão forte, atraente, bronzeado. - Estás pronto para

partir, meu filho?

A tristeza invadiu aqueles enormes olhos cinzentos.

- Partir?

- Temos de seguir para Tarso imediatamente.

O jovem Mário pestanejou para deter as lágrimas, fitou com adoração as ovelhas e, soltando um

suspiro, respondeu ao pai:



- Estou pronto, *tatá.*

Fizeram-se então ao caminho. Logo que pôde (e não lhe era fácil, porque ia montada num burro),

Júlia tratou de apanhar Mário, que seguia no seu corpulento cavalo capadócio.

- Podes dizer-me o que tanto te preocupa? - perguntou. - E por que razão mandaste Mórsimo à

nossa frente com tanta pressa?

- Houve um golpe na Capadócia - respondeu Mário. - O rei Mitridates pôs o seu próprio filho no

trono, nomeando regente o sogro. O jovem que era rei da Capadócia está morto. Suspeito que

Mitridates o matou. Mas nem eu nem Roma podemos fazer grande coisa. É pena.

- Viste o legítimo rei antes de morrer?

- Não. Vi Mitridates.

Júlia estremeceu ao ouvir tal nome. Olhando de relance para o rosto impassível do marido,

perguntou-lhe:

- Mitridates estava em Mazaca? Como conseguiste escapar? Mário pôs uma expressão de surpresa.

- Escapar? Não foi necessário escapar, Júlia. Mitridates pode ser o rei de toda a metade oriental do

mar Euxino, mas nunca se atreveria a fazer mal a Caio Mário!

- Então porque corremos para Tarso? - perguntou Júlia, e essa era uma pergunta sem dúvida

perspicaz.

- Para não lhe dar a oportunidade de alimentar a ideia de que poderia fazer algum mal a Caio Mário

- retorquiu o marido, com um sorriso largo.

- E Mórsimo?

- Mórsimo foi à frente por uma razão muito prosaica, *meum mel.* O calor em Tarso será agora ainda maior. Por isso, mandei-o à frente para contratar um navio. Far-nos-emos ao mar logo que

cheguemos a Tarso. Mas será uma viagem calma. Passaremos um belo Verão explorando as costas

da Cilícia e da Panfília, subiremos às montanhas para visitar Ólbia. Sei que, quando íamos a

caminho de Tarso, te obriguei a ver a correr a cidade de Seleuceia Traquea. Mas agora já não há

pressa. Como és descendente de Eneias, está certo que saúdes os descendentes de Teucro. E, ao que

dizem, há uma quantidade de belíssimos lagos no alto Tauro, para lá de Atalia. Visitaremos também

esses lagos. Estás satisfeita com a ideia?

- Ah, sim, claro! Claro que estou!

# 161

Como este programa foi fielmente cumprido, Caio Mário e a família só chegaram a Halicarnasso

em Janeiro, depois de muitos e agradáveis passeios por uma costa conhecida pela sua beleza e

isolamento. De piratas nem sombra, nem mesmo em Coracésio, onde Mário teve o prazer de subir

ao pico que abrigava a fortaleza dos piratas, chegando finalmente a uma conclusão quanto à melhor

maneira de a conquistar.

Para Júlia e o jovem Mário, voltar a Halicarnasso era como voltar a casa. Mal desembarcaram,

deram um passeio pela cidade, reatando o contacto com as suas maravilhas. Quanto a Mário, ficou

no seu gabinete, tentando decifrar duas cartas, uma de Lúcio Cornélio Sila, proveniente da Hispânia

Citerior, e a outra de Públio Rutílio Rufo, proveniente de Roma.

Quando Júlia entrou no gabinete, encontrou Mário com cara de poucos amigos.

- Más notícias? - perguntou.

A expressão de aborrecimento foi substituída por uma piscadela de olhos vagamente perversa, e

esta por uma expressão de suave inocência.

- Não diria que são *más* notícias.

- Então são *boas!*

- São esplêndidas, as notícias de Lúcio Cornélio! O nosso rapaz, Quinto Sertório, ganhou a Coroa de Erva.

Júlia ficou boquiaberta.

- Oh, Caio Mário, que maravilha!

- Vinte e oito anos... É um Mário, claro.

- E como a ganhou? - perguntou Júlia, sorrindo.

- Salvando um exército do aniquilamento, claro. É a única maneira de se ganhar a *carona*

*obsidionalis.*

- Não te armes em esperto, Caio Mário! Sabes o que quero dizer. Mário compadeceu-se da mulher.

- No Inverno passado, ele e a legião que chefia foram enviados para Castulão a fim de defenderem a

cidade; com a legião dele, seguiu também a de Públio Licínio Crasso. As tropas de Crasso

descontrolaram-se e, por causa disso, as forças celtiberas penetraram nas defesas da cidade. E o

nosso querido rapaz encheu-se de glória! Salvou a cidade, salvou ambas as legiões, ganhou a Coroa

de Erva.

- Tenho de lhe mandar os parabéns. A mãe saberá? Achas que ele lhe escreveu?

- Provavelmente não. Ele é demasiado modesto. Escreve tu a Ria.

- Claro que escrevo. Mas que mais diz Lúcio Cornélio?

- Nada de especial. - Mário resmungou. - Não se sente feliz. Mas ele nunca se sente feliz! É

generoso o elogio que faz de Quinto Sertório, mas creio que Lúcio Cornélio preferia ser ele a

ganhar a Coroa de Erva. Tito Dídio não o deixa comandar no campo de batalha.

- Oh, pobre Lúcio Cornélio! Mas por que razão?

- Uma razão mais que válida - disse Mário, laconicamente. Lúcio Cornélio é um planeador.

- Ele diz alguma coisa sobre a mulher germana de Quinto Sertório?

- Diz. Ela e a criança vivem numa grande cidade-fortaleza celtibera chamada Osca.

- E a mulher germana de Lúcio Cornélia? E os gémeos? Mário encolheu os ombros.

- Sei lá! Ele nunca fala deles.

Seguiu-se um breve silêncio. Júlia encostou-se à janela, fitou por um momento a paisagem,

comentando por fim:

- Seria bom se ele falasse da mulher e dos filhos. Não é natural, esse silêncio. Bem sei que não são

romanos, que ele não os pode levar para Roma. Mas não acredito que não sinta nada por eles!

Mário preferiu não comentar.

- A carta de Públio Rutílio é enorme e está cheia de notícias disse ele, provocadoramente.

- Notícias que eu posso ouvir? Mário riu-se.

- Sem a mínima dúvida! Especialmente a conclusão.

- Então lê, Caio Mário, lê!

*Saudações de Roma, Caio Mário. Escrevo-te esta carta na passagem do ano, pois Quinto Crânio de Putéolos prometeu-me que a faria chegar rapidamente às tuas mãos. Espero que te encontre em Halicarnasso, mas se assim não suceder, acabarás por recebê-la mais cedo ou mais tarde.*

*Agrada-te por certo saber que Quinto Mudo afastou a ameaça de julgamento, em grande parte graças à sua eloquência no Senado, e aos discursos de apoio do primo dele, Crasso Orador, e também de*

# 163

*Escauro Princeps Senatus, que, calcula, concorda com tudo o que eu e Quinto Mudo fizemos na Província da Ásia. Como esperávamos, foi mais fácil negociar com o Tesouro do que os* publicani; *sejamos justos para com os homens de negócios romanos: eles nunca perdem de vista o que, do ponto de vista comercial, faz sentido; e os nossos novos acordos para a Província da Ásia fazem realmente sentido. Quem mais protestou foram os coleccionadores de arte, e em particular Sexto Perquitienus. A estátua de Alexandre que ele levou de Pérgamo desapareceu misteriosamente do seu peristilo, talvez porque Escauro Princeps Senatus se serviu desse caso como um dos principais pontos do seu discurso ao Senado. Seja como for, o Tesouro acabou por ceder, resmungando embora, e os censores revogaram os contratos asiáticos. A partir de agora, os impostos da Província da Ásia basear-se-ão nos números que eu e Quinto Múcio indicámos. Mas não te quero dar a impressão de que (mesmo os* publicani *nos perdoaram tudo. Uma província que disponha de leis correctas é difícil de explorar, e ainda há muitos cobradores de impostos que gostariam de explorar a Província da Ásia.*

*O Senado concordou em nomear homens distintos para a governação da Província, o que contribuirá sem dúvida para refrear os ímpetos dos* publicani.

*Temos novos cônsules. Nem mais nem menos do que Lúcio Licínio Crasso Orador e o meu querido Quinto Múcio Cévola. O nosso pretor urbano é Lúcio Júlio César, que substituiu Marco Herénio, esse*

*extraordinário Homem Novo. Nunca encontrei ninguém como Marco Herénio para captar votos: tem um*

*poder de sedução incrível, cujas razões me escapam. Mas basta pôr Herénio em frente dos votantes que logo desatam todos a gritar que*

*vão votar nele. Um facto que não agradou nada àquele vigarista que trabalhou para ti quando era tribuno da plebe - sim, Lúcio Márcio Filipe. Há um ano, quando foram contados todos os votos para o cargo de pretor, Herénio estava no primeiro lugar e Filipe no último. Quer dizer, estou a referir-me apenas aos seis que entraram. Oh, quantas lamentações, quanta choradeira, quanta lamúria! O*

*lote deste ano não é tão interessante como o do ano passado, longe disso. O* praetor peregrinus *do ano passado, Caio Flaco, chamou as atenções de toda a gente ao dar a cidadania romana a uma sacerdotisa de Ceres, de Vélia, uma tal Califana. Toda a Roma anseia ainda por saber o que o levou a tomar tal atitude -*

*mas não será difícil adivinhar!*

164 *Os nossos censores António Orador e Lúcio Flaco, depois de firmarem os contratos (operação*

*complicada por duas pessoas vindas da Província da Ásia, que os atrasaram um bom bocado!), examinaram os registos senatoriais e não encontraram ninguém digno de repreensão, após o que investigaram as actividades dos cavaleiros, com o mesmo resultado. Agora vão dedicar-se a um censo completo do povo romano em todo o mundo, dizem eles. E acrescentam que nenhum cidadão romano escapará às suas redes.*

*Com esse louvável propósito, instalaram a sua tenda no Campo de Marte, a fim de procederem ao censo de Roma. Para o censo de toda a Itália, reuniram uma série de funcionários, extremamente bem organizados, que terão de percorrer toda a península e realizar um censo em condições. Eu aprovo, embora haja muita gente contra; os velhos métodos - os cidadãos rurais compareciam perante os* duumviri *dos seus municípios e os cidadãos provinciais compareciam perante o governador - já eram bastante bons. Mas António e Flaco insistem que os seus métodos são melhores, e foram esses métodos que vingaram. Imagino, contudo, que os cidadãos*

*provinciais terão de continuar a comparecer perante os vários governadores. Os defensores dos métodos antigos, como seria de esperar, prevêem que os resultados continuarão a ser os mesmos.*

*E agora algumas notícias das províncias, já que tu estás para essas bandas, mas provavelmente não as conheces. Antíoco VIII da Síria, por alcunha o Nariz Aquilino, foi assassinado pelo primo primo ou tio? ou será meio-irmão? -, Antíoco IX da Síria, conhecido como Antíoco de Cízico. Quanto à viúva, Cleópatra Selene do Egipto, tratou logo de casar com o assassino do marido! Quantas lágrimas terá chorado entre a viuvez e o segundo casamento? Mas estas notícias não significam que o Norte da Síria seja governado por um único rei.*

*Mas a notícia da morte de um dos Ptolemeus tem mais interesse para Roma. Ptolemeu Apião, filho bastardo desse horroroso Ptolemeu Pançudo, acaba de morrer em drene. Ele era, deves estar lembrado, rei da Cirenaica. Mas morreu sem herdeiro. Agora imagina só! Deixou o reino da Cirenaica em testamento a Roma! O velho Átalo de Pérgamo lançou a moda.* É *uma bela maneira de Roma acabar por dominar o mundo, Caio Mário. Deixam-nos tudo em testamento.*

*Faço sinceros votos para que voltes este ano! Roma sem ti é um local muito solitário, e agora nem sequer tenho o Suíno*



*para me queixar. Ah, corre por aí um boato muito interessante*

*- segundo esse boato, o Suíno foi* envenenado. *Quem o lançou foi Apolodoro Sículo, aquele físico que está na moda no Palatino. Apolodoro tinha sido chamado para tratar do Suíno. Como ficou*

*intrigado com aquela morte, pediu a autópsia. O Bacorinho recusou, o seu* tatá *foi incinerado, e as suas cinzas metidas num túmulo com ornatos de muito mau gosto, tudo isto há não sei quantas*

*luas. Mas o nosso físico grego da Sicília tratou de investigar, e agora insiste que o Suíno bebeu uma beberragem horrível, obtida a partir de sementes de pêssego esmagadas! O Bacorinho diz*

*justificadamente que ninguém queria matar o pai e ameaça processar Apolodoro se ele continuar a*

*sustentar o boato. Ninguém - nem mesmo eu! - pensa que o Bacorinho tratou da saúde ao seu* tatá; *mas, se ele não foi, quem poderia ter sido?*

*Uma última história, aliás deliciosa, e deixo-te em paz. Bisbilhotices de família, embora toda a*

*Roma fale do caso. O marido da minha sobrinha pediu o divórcio por adultério! Porquê? Porque,*

*regressado do estrangeiro, e vendo pela primeira vez o filho mais pequeno, não gostou mesmo*

*nada do seu cabelo ruivo!*

*- Quando voltares a Roma, contar-te-ei mais pormenores acerca deste último caso. Vou fazer uma*

*oferenda aos Lares Permarini para que faças boa viagem.*

Pondo a carta em cima da secretária como se ela queimasse, Mário fitou a mulher.

- Então que me dizes destas notícias? - perguntou. - O teu irmão Caio divorciou-se de Aurélia por

adultério! Ela teve outro filho com cabelo ruivo, muito ruivo! Oh, oh, oh, oh! Diz-me lá: quem será

o pai?

Júlia fitava-o boquiaberta, literalmente incapaz de dizer fosse o que fosse. Uma onda de vermelho

vivo inundara-lhe a pele do pescoço e da cabeça e os seus lábios tinham-se franzido. Depois,

começou a abanar a cabeça e só parou quando finalmente encontrou as palavras que queria dizer ao

marido.

- Não é verdade! Não *pode ser* verdade! Não acredito!

- Bom, é o tio que o diz. Aqui - disse Mário, e mostrou a última parte da carta de Rutílio Rufo a

Júlia.

166

Júlia pegou no rolo e começou a transformar a infindável sucessão de letras em palavras. A sua voz soava apagada, não natural. Várias vezes leu a breve mensagem, até que arrumou a carta.

- Não é a Aurélia - disse ela firmemente. - Nunca acreditarei que possa ser a Aurélia!

- Quem poderia ser senão Aurélia? Cabelo ruivo, muito ruivo, Júlia! Esse é o sinal que distingue Lúcio Cornélio Sila, e não Caio Júlio César!

- Públio Rutílio tem outras sobrinhas - teimou Júlia.

- Amigas de Lúcio Cornélio? Vivendo sozinhas no bairro mais miserável de Roma?

- Como poderemos nós saber? É possível que sim, que se trate de outra sobrinha.

- Tão possível como as galinhas terem dentes - retorquiu Mário.

- Mas o que é que tem a ver com o caso o facto de se viver sozinha no bairro mais miserável de Roma? -

perguntou Júlia.

- Num bairro assim é fácil manter um caso sem que ninguém se aperceba - disse Mário, extremamente

divertido. - Pelo menos enquanto não aparecer um cucozinho ruivo no ninho familiar!

- Oh, pára de gozar com o assunto! - exclamou Júlia, aborrecida.

- Não acredito, nunca acreditarei. - Nesse momento, ocorreu-lhe outra ideia. - Além disso, não pode ser o meu irmão Caio. Não é ainda altura de ele voltar para casa. E se tivesse voltado, nós teríamos sabido. Ele trabalha para ti. - Olhou para Mário com um olhar ameaçador. Então? Não é verdade o que eu estou a dizer, marido?

- Provavelmente escreveu-me para Roma - retorquiu Mário sem muita convicção.

- Depois de eu lhe ter escrito a dizer que estaríamos fora três anos? E de lhe ter dito os sítios por onde devíamos passar? Ora, Caio Mário, tens de admitir que é muito improvável que se trate de Aurélia!

- Admitirei tudo o que tu queiras - disse Mário, e começou a rir.

- Mesmo assim, Júlia, só pode ser Aurélia!

- Vou para Roma - disse Júlia, levantando-se.

- Mas não queres ir ao Egipto?

- Vou para Roma - repetiu Júlia. - Não me interessa para onde é que tu vais, Caio Mário, embora preferisse que fosse a Terra dos Hiperbóreos. Eu, por mim, sigo para Roma.

LÍVIA DRUSA

- Vou a Esmirna buscar a minha fortuna - disse Quinto Servílio Cepião ao cunhado, Marco Lívio Druso, no caminho para casa, vindos do Fórum Romano.

Druso parou, erguendo uma das suas sobrancelhas pontiagudas e negras:

- E achas isso sensato? - perguntou, arrependendo-se logo da sua falta de tacto.

- Que queres dizer com isso? - perguntou Cepião num tom de poucos amigos.

Druso segurou Cepião pelo braço.

- Apenas o que disse, Quinto. Com tal pergunta, não quero dizer que ache que a fortuna de Esmirna seja o ouro de Tolosa, nem que suspeite que o teu pai pudesse ter sido o ladrão desse tesouro! O que é certo é que quase toda a Roma acredita de facto na culpabilidade do teu pai, além de pensar que a fortuna que está em Esmirna em teu nome é, realmente, o ouro de Tolosa. Noutros tempos, trazer a fortuna de volta não te custaria muito mais do que olhares invejosos ou algum ódio, incómodos para a tua carreira pública. Mas não te

esqueças de que, actualmente, existe uma *lex Servilia Gláucia de repentundis.* Já lá vai o tempo em que um governador podia defraudar o erário e cometer extorsões, conservando o produto do seu crime em nome de outrém. A lei de Gláucia prevê especificamente a recuperação de dinheiros ilegalmente obtidos, recuperação que atinge não só aqueles em cujo nome figuram, mas

também os culpados pelo delito. Agora já não adianta recorrer ao teu tio Lúcio...

- Como sabes, a lei Gláucia não tem efeitos retroactivos - retorquiu Cepião com voz firme.

- Mas basta que um tribuno da plebe seja vingativo para que um rápido apelo à Assembleia da Plebe acabe com essa lacuna. E logo



verás se a *lex servilia Gláucia é* ou não é retroactiva - disse Druso com firmeza. - Pensa bem nisso, meu irmão Quinto! Não quero ver a minha irmã e os filhos privados, num ápice, do *paterfamilias* e da sua fortuna, nem gostaria de te ver passar o resto da vida exilado em Esmirna.

- Por que razão é que eles prenderam o meu pai? - perguntou Cepião com azedume. - Repara em

Metelo Numídico! Voltou para casa coberto de glória, ao passo que o meu pai morreu no exílio!

- Ambos sabemos porquê - disse Druso pacientemente, desejando, pela milionésima vez, que

Cepião fosse mais inteligente. - Os homens da Assembleia da Plebe podem perdoar tudo a um nobre

de alta estirpe, sobretudo depois de ter passado algum tempo. Mas o ouro de Tolosa era único. E

desapareceu *de facto* quando estava sob custódia do teu pai. Era ouro de um valor superior ao que Roma possui no Tesouro! Uma vez que se convenceu de que foi o teu pai quem o roubou, o povo

ficou-lhe com um ódio que nada tem a ver com direito, justiça ou patriotismo. - Recomeçou a

caminhar, Cepião seguiu-o. - Pensa nisso a sério, Quinto, por favor! Mesmo que só tragas dez por

cento do valor do ouro de Tolosa, terás Roma inteira afirmando que foi *mesmo* o teu pai quem o roubou e que tu o herdaste.

Cepião começou a rir.

- Ninguém dirá isso - afirmou com convicção. - Já pensei em tudo maduramente, Marco. Levei

estes anos todos a resolver o problema, mas já o resolvi, acredita-me!

- Mas como? - perguntou Druso com cepticismo.

- Em primeiro lugar, ninguém, a não ser tu, saberá para onde eu fui, nem o que realmente fui fazer.

Roma apenas saberá - Lívia Drusa e Servilia Cepião apenas saberão - que eu estou na Gália Italiana

para lá do Pó, a inspeccionar propriedades. Há meses que falo em lá ir; ninguém vai ficar

surpreendido, nem se preocupará em indagar. E porque haveriam de fazê-lo, se eu tenho

deliberadamente divulgado os meus planos para instalar ali cidades inteiras, com fundições

equipadas para produzir tudo, desde arados a armaduras de ferro? Ora como o meu interesse no

projecto está ligado às propriedades, ninguém pode criticar a minha integridade de senador. Os

outros que administrem as fundições, eu contento-me em possuir as cidades!

Cepião parecia tão ansioso, que Druso (que mal tinha ouvido os argumentos do cunhado pois não

lhe prestara a mínima atenção) olhou-o fixamente, agora com surpresa.



- Falas como se tencionasses realmente fazer isso - disse Druso.

- E penso! As cidades das fundições representam unicamente uma das muitas coisas nas quais

tenciono investir o dinheiro que possuo em Esmirna. Como vou manter os meus investimentos em

territórios romanos, mas não na própria Roma, não haverá novos acréscimos do meu dinheiro em

instituições financeiras da capital. Parece-me, por outro lado, que o Tesouro não terá sagacidade

nem tempo bastante para inspeccionar em quem, em que campos e quanto dinheiro eu vou investir,

longe da cidade de Roma - disse Cepião.

A expressão de Druso encheu-se de espanto.

- Quinto Servílio, estou rendido! Nunca te pensei capaz de tamanha astúcia - disse.

- Eu sei que estás espantado - disse Cepião, satisfeito consigo mesmo. Mas logo estragou tudo,

acrescentando: - Tenho de admitir, porém, que, pouco antes de morrer, o meu pai me escreveu uma

carta dizendo-me o que devia fazer. Existe uma *enorme* soma de dinheiro em Esmirna.

- Sim, faço ideia - disse Druso secamente.

- Mas *não é* o ouro de Tolosa! - gritou Cepião, com um gesto exasperado. - É a fortuna da minha mãe, bem como a do meu pai!

Ele foi bastante precavido ao transferir o seu dinheiro antes do julgamento, apesar de tudo quanto

esse presunçoso *cunnus* Norbano fez para o impedir, como, por exemplo, atirá-lo para a prisão entre o julgamento e o exílio. Algum desse dinheiro tem vindo gradualmente para Roma, ano após ano,

mas não em quantidades que levantem suspeitas. É por isso que, como tu te dás conta, eu continuo a

viver modestamente.

- É evidente que me dou conta - disse Druso, que albergava o cunhado e toda a família do cunhado

em sua casa, desde que o velho Cepião fora condenado. - Todavia, há algo que me intriga. Por que

razão não deixas ficar a tua fortuna em Esmirna?

- Não posso - atalhou logo Cepião. - O meu pai disse que o dinheiro não estaria a salvo

indeterminadamente em Esmirna, ou em qualquer outra cidade da Província da Ásia que possua as

devidas facilidades bancárias, como Cós ou mesmo Rodes. Ele disse que a Província da Ásia se

revoltará contra Roma. Que os cobradores de impostos fizeram com que toda a gente odeie Roma.

Que, mais cedo ou mais tarde, toda a província se revoltará.

172 - Se se revoltar, logo a dominaremos - contestou Druso.

- Sim, eu sei! Mas entretanto, crês que o ouro, a prata, as moedas e os tesouros em depósito na Província da Ásia estarão em segurança? O meu pai disse que a primeira coisa que os revolucionários iam fazer era pilhar os templos e os bancos - salientou Cepião.

Druso concordou.

- Provavelmente, o teu pai tinha razão. Portanto, vais transferir o dinheiro. Mas todo para a *Gália Italiana]*

- *Só* algum. Vou reparti-lo também pela Campânia, pela Umbria, pela Etrúria. Algum dinheiro irá também para localidades como Massília, Útica e Gades. Ou seja, para a extremidade ocidental do mar Central.

- Quinto, porque não admites a verdade, pelo menos perante mim, que sou teu cunhado duas vezes? -

perguntou Druso, um pouco agastado.

- Sou casado com a tua irmã e tu és casado com a minha. Estamos tão ligados que nunca nos vamos ver livres um do outro. Por isso, tens de admitir, pelo menos perante mim, que é *mesmo* o ouro de Tolosa!

- Não é o ouro de Tolosa - teimou Quinto Servílio Cepião. Estúpido que nem uma porta, pensou Marco Lívio Druso,

dirigindo-se para o jardim com peristilo da sua casa, a mais bela mansão de Roma. Mas apesar de estúpido...

ei-lo dispondo de quinze mil talentos de ouro que o pai desviou da Hispânia para Esmirna há oito anos, depois de fazer crer que tinham sido roubados na estrada de Tolosa para Narbona. Uma coorte dos melhores soldados romanos morreu a defender esse ouro, mas isso não o preocupa. E ao pai - que deve ter organizado o massacre

-, será que isso o preocupou? Claro que não! A única coisa que os preocupa é o seu precioso ouro. São Servílios Cepiões, os Midas de Roma, ninguém os sacode do seu estado de coma intelectual, a menos que lhes segredem a palavra mágica: *Ouro.*

Passou-se esta cena em Janeiro do ano em que Cneu Cornélio Lêntulo e Públio Licínio Crasso foram

cônsules; o Inverno tinha despido as árvores de lótus do jardim de Lívio Druso, embora o magnífico lago e as suas estátuas e fontes, da autoria de Mirão, ainda funcionassem, graças à água quente canalizada. Os frescos de Apeles, Zêuxis, Timantes e de outros, tinham sido removidos das paredes traseiras da colunata e

armazenados no princípio do ano, depois de as filhas de Cepião terem sido apanhadas a borrá-los com tintas roubadas a dois artistas



que procediam, na altura, ao seu restauro. Ambas tinham sido convenientemente sovadas, mas

Druso achara prudente eliminar toda e qualquer tentação; como as manchas ainda estavam frescas,

tinha sido fácil removê-las, mas quem podia garantir que tal não voltaria a acontecer, se o seu

próprio filho se revelava cada vez mais travesso? As colecções de arte valiosas não podiam estar

expostas em casas com crianças. Druso pensava que Servília e Servilila não voltariam a fazer uma

daquelas, mas havia outra criança em casa, e mais poderia haver no futuro.

Marco Lívio Druso tinha finalmente uma família, embora uma família diferente da que esperara;

por qualquer razão que desconheciam, ele e Servília Cepião não conseguiam ter filhos. Dois anos

antes, tinham adoptado o filho mais novo de Tibério Cláudio Nero, um homem tão arruinado como

a maior parte dos Cláudios, e que, por isso, ficara encantado por fazer do filho o herdeiro da fortuna de Lívio Druso. Era mais vulgar adoptar os filhos primogénitos de uma família, numa idade em que

a família que fazia a adopção pudesse estar informada da saúde física e mental, do carácter e da

inteligência do adoptado; mas Servília Cepião ansiava por um bebé e insistira em adoptar aquele.

Marco Lívio Druso, que acabara por amar profundamente a mulher, embora não estivesse

apaixonado aquando do casamento, permitiu que fosse ela a decidir. Aplacou os seus próprios

receios, fazendo uma generosa oferenda à Deusa Matuta, na esperança de que aquela criança se

desenvolvesse normalmente.

As mulheres estavam ambas na sala de estar de Servília Cepião, contígua ao quarto das crianças.

Mal viram os maridos, foram ter com eles, saudando-os com evidente júbilo. Embora fossem

cunhadas, pareciam irmãs, porque ambas eram pequenas, tinham os cabelos e os olhos muito

escuros, as feições pequenas e regulares. Lívia Drusa, esposa de Cepião, era a mais bonita das duas

e a que tinha melhor figura, pois escapara a uma tendência familiar para as pernas gordas; para

mais, satisfazia os critérios de beleza numa mulher, pois os seus olhos eram muito grandes, bem

espaçados e rasgados e a boca pequena, como uma flor em botão. O nariz seria um nadinha pequeno

demais, segundo opiniões estéticas de peritos, mas conseguia ultrapassar a desvantagem adicional

de ser excessivamente fino, pelo remate inferior, em pequena saliência arredondada. A sua pele era

espessa e macia, o colo liso, as ancas e os seios bem arredondados e amplos.

Servília Cepião, a esposa de Druso, era uma versão mais magra da cunhada; todavia, a sua pele tinha

tendência a criar borbulhas em volta do pescoço e do nariz, as pernas eram demasiado pequenas em relação ao tronco e o pescoço era também muito curto.

Contudo, se Marco Lívio Druso amava a menos bonita das esposas, já o mesmo não sucedia com Quinto

Servílio Cepião em relação à mais bela. Ao tempo dos casamentos, realizados ao mesmo tempo oito anos

antes, passava-se precisamente o contrário. Embora nenhum dos homens tivesse consciência disso, a

diferença residia nas mulheres; Lívia Drusa não gostava de Cepião e fora obrigada a casar com ele, ao passo que Servília Cepiãç estava apaixonada por Druso desde a infância. Pertencentes à mais alta nobreza de Roma, ambas as mulheres eram esposas-modelo, segundo os padrões tradicionais: obedientes, subservientes, de temperamento equilibrado, sempre respeitadoras. À medida que os anos foram passando e que um certo grau de conhecimento e familiaridade se foi instalando em cada um dos casamentos, a indiferença de Marco Lívio Druso foi dissolvida pelo calor intenso da paixão da mulher, pelo crescente ardor expresso no leito conjugal e pela dor partilhada da infertilidade; em contrapartida, a paixão secreta de Quinto Servílio Cepião fora sufocada pelo desprezo silencioso da mulher, pela crescente frieza que ela mostrava no leito conjugal, pela desilusão de terem sido raparigas os primeiros filhos e mais nenhum lhes ter seguido.

É claro que a visita ao quarto das crianças era obrigatória. Druso dava muita atenção ao pequenito moreno e bochechudo a que chamavam Druso Nero, e que não completara ainda os dois anos. Em relação às filhas,

perfiladas contra a parede, amedrontadas e silenciosas, Cepião limitava-se a acenar com a cabeça. As duas meninas eram cópias da mãe em miniatura - tal como ela, eram morenas, de olhos grandes e boca em botão de flor - e possuíam todos os encantos de meninas, aos quais o pai era pouco mais que indiferente. Servília tinha quase sete anos e aprendera a lição depois da sova que apanhara por ter pintado o cavalo de Apeles e o cacho de uvas de Zêuxis. Nunca lhe tinham batido e aquela experiência fora mais humilhante que dolorosa, mais irritante do que educativa. Lila, pelo contrário, era a travessura personificada indomável, voluntariosa, agressiva e directa. Esqueceu num instante a sova que apanhara: ficara apenas com mais respeito ao pai.

Os quatro adultos dirigiram-se depois para o *triclinium,* a fim de jantarem.



- Quinto Popaedius vem jantar connosco, não é verdade, Cratipo?

- perguntou Druso ao mordomo.

- Não tenho qualquer indicação em contrário, *domine.*

- Nesse caso, esperaremos por ele - retorquiu Druso, ignorando, deliberadamente, o olhar hostil que Cepião lhe dirigira.

No entanto, Cepião não estava disposto a ser ignorado.

- Porque te dás com esse horrível comparsa, Marco Lívio? perguntou.

Druso dirigiu ao cunhado um olhar duro e penetrante.

- Há gente que me faz a mesma pergunta acerca de ti, Quinto Servílio - respondeu ele no mesmo tom.

Lívia Drusa ficou de repente ofegante, retendo um risinho nervoso. Porém, tal como Druso esperava, Cepião ignorou a crítica.

- Foi a isso mesmo que me referi - disse Cepião. - Porque te dás com ele?

- Porque ele é meu amigo.

- Um parasita, é o que ele é! - protestou Cepião. - Estou a falar a sério, Marco Lívio, ele suga-te. Chega sem avisar, sempre com pedidos, sempre a queixar-se de nós, Romanos. Quem pensa ele que é?

- Pensa que *é* um marso, um italiano do Lácio - ouviu-se uma voz dizer alegremente. - Lamento imenso o atraso, Marco Lívio, mas devias ter começado a refeição sem mim, como já te tenho dito. Tenho uma

desculpa impecável: estive muito quieto e sossegado a ouvir uma prelecção que Catulo César me quis fazer sobre as perfídias dos Italianos.

Silão sentou-se na borda exterior do divã em que Druso se reclinava e deixou que um escravo lhe descalçasse as botas, lavasse os pés e lhe enfiasse umas meias. Quando rodopiou, leve e agilmente para o interior do divã, ocupou o *locus consularis,* o lugar de honra à esquerda de Druso; Cepião estava no divã que fazia ângulo recto com o de Druso, posição honorificamente inferior, porque era da família e não um convidado.

- Estiveste outra vez a queixar-te de mim, Quinto Servílio? perguntou Silão com indiferença, levantando uma das finas sobrancelhas e piscando o olho a Druso.

Druso sorriu maliciosamente, fitando Quinto Popaedius Silão com uns olhos que denotavam muito maior

afeição que a dedicada a Cepião.

- O meu cunhado está sempre a queixar-se de qualquer coisa, Quinto Popaedius. Não faças caso.

176

- Claro que não - disse Silão, inclinando a cabeça em cumprimento às duas mulheres, sentadas em

cadeiras, frente aos divãs dos respectivos maridos.

Druso e Silão tinham-se conhecido no campo de batalha em Arausio, no fim da refrega, por entre os

cadáveres de oitenta mil soldados romanos e aliados italianos, cuja morte se devera, basicamente,

ao comportamento do pai de Cepião. Forjada em circunstâncias inesquecíveis, a amizade entre os

dois homens tinha-se fortalecido com o passar dos anos e con a ajuda de um mútuo interesse pelo

destino dos Aliados Italianos, uma causa em que ambos se empenhavam. Embora formassem um

estranho par de amigos, a verdade é que nem as sucessivas queixas de Cepião, nem as críticas dos

membros mais velhos do Senado, tinham conseguido travar aquela relação.

Silão, que era italiano, mais parecia romano. Druso, que era romano, parecia mais italiano. Silão

tinha o nariz correcto, a cor de pele correcta, a figura correcta; era um homem alto, bem constituído e muito belo, excepto no que

tocava aos olhos, de um verde-amarelado, pouco vistosos e quase

sempre fixos, como os das serpentes; contudo, isso não constituía um defeito para os naturais de

Lácio, que eram adoradores de serpentes e que nunca pestanejavam mais do que o absolutamente

necessário. O pai de Silão fora o chefe dos Marsos, e, após a sua morte, o filho sucedera-lhe no

cargo, ainda que fosse muito jovem. Rico e esmeradamente educado, Silão possuía todas as

qualidades capazes de inspirarem o respeito dos Romanos que, quando não o hostilizavam

abertamente, o miravam com desprezo e condescendiam em tratá-lo de forma paternalista. É que

Quinto Popaedius não era um romano, tão pouco beneficiava dos Direitos Latinos; Quinto

Popaedius Silão era um italiano, e, como tal, um ser inferior.

Silão provinha das ricas montanhas do centro da Península Itálica, não muito longe de Roma, da

região do lago Fúcino, cujo nível subia e descia cíclica, mas misteriosamente, sem qualquer relação

com as águas dos afluentes ou das chuvas, da região onde a cordilheira apenina se dividia para

resguardar as terras dos Marsos. De todos os povos italianos, os Marsos eram os mais prósperos e

numerosos. Durante séculos, tinham sido os mais leais aliados de Roma; o maior orgulho deste

povo era o de que nenhum general romano triunfara sem a sua ajuda, nem obtivera alguma vez

triunfos sobre os Marsos. Mas mesmo



depois de tantos séculos, os Marsos - como todos os povos italianos

- eram considerados indignos da cidadania romana. Por conseguinte, não podiam figurar em

contratos do Estado Romano, casar com cidadãos romanos ou apelar para a justiça romana no caso

de condenação a penas capitais. Podiam ser açoitados até à morte, podiam roubar-lhes as colheitas,

os produtos e as mulheres: e eles não podiam recorrer à lei, se por acaso o ladrão fosse romano.

Se Roma deixasse os Marsos entregues ao seu próprio engenho nas suas férteis montanhas,

dificilmente poderia intrometer-se de tal modo e cometer todas aquelas injustiças. Mas o certo é

que, tal como em todas as zonas da Península Itálica que não lhe pertenciam completamente, Roma

implantara-se bem no território do Lácio, pois fundara aí a cidade de Alba, sob o disfarce de colónia dotada de Direitos Latinos. E, como é natural, Alba tornara-se uma grande cidade, a maior da

região, porque o núcleo de romanos que ali se instalara conduzia livremente os seus negócios com

Roma, e o resto da população usufruía dos Direitos Latinos, numa espécie de cidadania de segunda

ordem, que os dotava da maior parte dos privilégios dos cidadãos romanos; no entanto, os

abrangidos pela *ius Latii* não podiam votar em eleições romanas; os magistrados da cidade, mal assumissem cargos, obtinham automaticamente a cidadania integral para eles mesmos e para todos

os seus descendentes directos. Foi assim que Alba cresceu, em detrimento da velha capital do Lácio,

Marrúbio, e ali se perpetuou como exemplo das diferenças entre Romanos e Italianos.

Em tempos idos, toda a Itália aspirara a ser abrangida pelos Direitos Latinos e a ser premiada mais

tarde com a concessão dos direitos de cidadania romana a todos os habitantes, pois Roma, sob o

governo vigoroso e brilhante de homens como Ápio Cláudio Cego, tornara-se consciente da

necessidade de mudança, do interesse de toda a Itália se tornar integralmente romana. Mais tarde,

quando alguns dos povos italianos apoiaram Aníbal, a atitude de Roma endureceu e a concessão da

cidadania ou mesmo da *ius Latii* cessou.

Uma das causas era o aumento da emigração de italianos para as cidades romanas e latinas, e

mesmo para Roma. A residência prolongada nessas cidades trouxera consigo a partilha dos Direitos

Latinos ou mesmo da cidadania romana. Os Pelignos queixaram-se da perda de quatro mil

habitantes que tinham ido para a cidade latina de Fregelas e utilizaram esse argumento para

negarem a Roma o fornecimento de soldados.

178 De vez em quando, Roma tentava fazer qualquer coisa para resolver o problema da imigração

em massa; esses esforços culminaram numa lei do tribuno da plebe Marco Júnio Peno, no ano

anterior à revolta de Fregelas. Peno expulsou da cidade de Roma e das colónias romanas todos os

não-cidadãos, mas, ao fazê-lo, provocou um escândalo que abalou profundamente a nobreza

romana. Descobriu-se que Marco Perperna, que fora cônsul quatro anos antes, era um italiano a

quem nunca tinha sido concedida a cidadania romana!

Foi imediata a onda de reacções nas fileiras dos governantes de Roma; um dos chefes do

movimento que se opôs ao avanço dos Italianos foi o pai de Druso, Marco Lívio Druso, o Censor,

que se mostrara conivente com o derrube de Caio Graco e das suas leis.

Ninguém podia prever que o filho do Censor, Druso, que se tornara, ainda muito jovem,

*paterfamilias* (o pai morrera ainda no desempenho das funções de censor), viesse a renunciar aos preceitos e atitudes paternas. Oriundo de uma família irrepreensível nobre-plebeia, membro do

Colégio dos Pontífices, bastante rico, ligado pelo sangue e pelo casamento às casas aristocráticas de Servílio Cepião, Cornélio Cipião e Emílio Lépido, o jovem Marco Lívio Druso deveria converter-se

num pilar da facção ultraconservadora que controlava o Senado e que, por conseguinte, governava

Roma. Foi por mero acaso que tal não aconteceu; Druso estivera presente, como tribuno dos

soldados, na batalha de Arausio, quando o ex-cônsul e patrício Quinto Servílio Cepião, ao recusar-

se a colaborar com o Homem Novo Caio Málio Máximo, condenou ao extermínio pelos Germanos

as legiões de Roma e os seus Aliados Italianos, na Gália Transalpina.

Druso regressou da Gália Transalpina acarinhando dois novos factores da sua vida: o sentimento de

amizade pelo nobre marso Quinto Popaedíus Silão e o conhecimento de que os homens da sua

própria classe e formação, em particular o seu sogro Cepião, não tinham qualquer consideração nem

respeito pelo esforço dos soldados que tinham morrido em Arausio, fossem eles nobres romanos, ou

Aliados Italianos ou *capite censi* romanos.

Todavia, isto não significava que o jovem Marco Lívio Druso tivesse abraçado, de imediato,

propósitos e aspirações de um verdadeiro reformador; mas, tal como acontecera anteriormente com

outros nobres de Roma, Lívio Druso passara por uma experiência que o obrigara a *reflectir.* Sabia-se que o destino dos irmãos Graco se decidira quando



o mais velho, Tibério Semprónio Graco, descendente da mais alta nobreza romana, viajara durante a

sua juventude pela Etrúria, tendo então contemplado as propriedades romanas, dirigidas por um

pequeno núcleo de romanos ricos, que recorriam ao trabalho de escravos sempre acorrentados, e

encerrados à noite em barracões infames a que chamavam *ergástulo.* Fora nessa ocasião que Tibério Graco houvera por bem interrogar-se onde estariam os pequenos proprietários romanos que, na

posse daquelas terras, poderiam ali levar uma vida muito mais produtiva e criar os filhos

necessários para o exército romano. Embora Tibério Graco fosse um típico representante da sua

classe, começara a reflectir e, precisamente porque pertencia a essa classe, estava imbuído de um

forte sentimento de justiça, bem como de uma poderosa paixão por Roma.

A batalha de Arausio ocorrera havia sete anos, sete anos durante os quais Druso tinha entrado para o

Senado, servido como questor na Província da Ásia, alojado o cunhado e a família deste após a

desgraça do pai Cepião, assumido as funções de sacerdote da religião estatal, desenvolvido

produtivamente a sua fortuna pessoal, visto e ouvido os desastrosos acontecimentos que tinham

conduzido ao assassínio de Saturnino e dos seus adeptos, e lutado no Senado contra Saturnino

quando este tentara tornar-se Rei de Roma. Sete anos durante os quais Druso recebera Quinto

Popaedius Silão inúmeras vezes, sete anos durante os quais continuara a reflectir. Era sua ardente

ambição resolver a conturbada questão dos Italianos de uma forma correctamente romana,

inteiramente pacífica e que agradasse a ambas as partes; a tal objectivo consagrou tranquilamente as

suas energias, pretendendo tornar públicas as suas intenções unicamente quando encontrasse a

solução ideal.

Silão, o Marso, era o único homem que sabia o que se passava na mente de Druso a esse nível; e

Silão comportava-se com Druso com uma delicadeza notável: ele era demasiado sagaz e demasiado

prudente para cometer o erro de tentar influenciar Druso, de divulgar excessivamente o seu ponto de

vista, que era algo diverso do de Druso. Os seis mil homens da legião que Silão comandara em

Arausio tinham morrido quase todos, e eram marsos, não romanos; tinham sido os Marsos que os

tinham criado e armado, e pago tudo o que era necessário para que eles travassem aquela batalha.

Um investimento em homens, tempo e dinheiro que Roma não reconhecera nem indemnizara.



Enquanto Druso pensava numa emancipação geral para toda a Itália, Silão sonhava com a secessão

em relação a Roma, com uma nação completamente independente e unida, formada por toda a Itália

que não se encontrava nas mãos dos Romanos. E quando essa Itália se tornasse uma realidade - e

Silão jurara solenemente que isso viria a acontecer -, os povos italianos por ela abarcados entrariam em guerra com Roma e venceriam e absorveriam Roma e os Romanos e todos os territórios de

Roma no estrangeiro.

Silão não estava só, e sabia-o. Durante aqueles sete anos, viajara por toda a Itália e fora mesmo à

Gália Italiana, em busca de homens com ideias semelhantes às suas, e descobrira que esses homens

não eram assim tão poucos. Eram todos chefes dos seus povos ou nações, e de dois tipos diferentes:

aqueles que, como Mário Egnácio, Caio Pápio Mutilo e Pôncio Telesino, vinham de antigas

famílias nobres, proeminentes nas respectivas nações; e aqueles que, como Marco Lampónio,

Públio Vétio Escaulo, Caio Vidacílio e Tito Lafrénio, eram Homens Novos com alguma

importância. As conversações tinham decorrido em salas de jantar e gabinetes italianos, e o facto de

falarem quase sempre em latim não era sentido como razão bastante para perdoarem os crimes de

Roma.

O conceito de uma nação italiana unida não era talvez novo; o que era novo era o facto de ser

discutido como uma alternativa viável pelos diversos dirigentes italianos. No passado, todas as

esperanças tinham sido centradas em obter a integral cidadania romana, em tornarem-se uma parte

de uma Roma que se estendia, indivisa, ao longo de toda a Itália; Roma mostrava-se tão superior no

seu relacionamento com os Aliados Italianos que estes tinham acabado por pensar a sua situação

segundo coordenadas romanas - e por isso queriam adoptar instituições romanas, e queriam que o

seu sangue, as suas fortunas, as suas terras, se tornassem parte de Roma, com os mesmos direitos e

deveres.

Alguns dos participantes nas conversações criticaram a batalha de Arausio; mas outros criticaram o

pouco apoio que as comunidades beneficiadas pelos Direitos Latinos davam agora à causa italiana

essas comunidades começavam a considerar-se superiores aos restantes italianos. Estes últimos

acentuavam, e com razão, que havia cada vez mais comunidades gozando dos Direitos Latinos, e

que estas comunidades necessitavam de manter numa posição inferior um segmento da população

peninsular.

181

Arausio, como era notório, fora o ponto culminante de décadas de mortalidade militar - décadas

durante as quais toda a península perdera mais e mais homens, e em que, por isso mesmo, muitas

explorações agrícolas e comerciais tinham sido abandonadas ou vendidas, e a força de trabalho se

vira drasticamente reduzida. Mas essa mortalidade nos campos de batalha afectara também

Romanos e Latinos - por isso, não era a única razão para as críticas dos Italianos. Havia ainda que

contar com os profundos ressentimentos contra os proprietários de terras romanos - homens muito

ricos que viviam em Roma e que possuíam vastas explorações agrícolas denominadas *latifúndio*

onde só trabalhavam escravos. Havia também demasiados casos de cidadãos romanos que

abusavam notoriamente dos Italianos - utilizando o seu poder e influência para castigar os que não

mereciam qualquer castigo, para ficarem com mulheres que não lhes pertenciam, para confiscarem

pequenas propriedades com que alargavam ainda mais as suas.

Não era claro, nem mesmo para Silão, o motivo que levara a maioria dos apoiantes da secessão

italiana a abandonar as esperanças na conquista da cidadania romana e a optar pela formação de

uma nação separada e independente. No caso de Silão, fora Arausio que o levara a defender a

secessão; mas aqueles com quem falara não tinham estado em Arausio. Talvez esta nova

determinação em cortar radicalmente com Roma - pensava Silão - decorresse, pura e simplesmente,

de um profundo cansaço, do sentimento arreigado de que tinham definitivamente passado os dias

em que Roma distribuía a sua preciosa cidadania, de que a situação não sofreria nenhuma alteração.

As ofensas, as afrontas, eram agora tais, que qualquer Italiano consideraria insuportável, intolerável, viver sob o domínio romano.

Em Caio Pápio Mutilo, o chefe da nação samnita, encontrara Silão um homem que se agarrava à

hipótese de secessão quase freneticamente. Silão não odiava Roma nem os Romanos, odiava apenas

a situação a que Roma obrigava o seu povo; mas Caio Pápio Mutilo pertencia a um povo que fora o

mais obstinado e implacável inimigo de Roma, desde que a pequena comunidade romana do outro

lado da estrada do sal do Tibre começara a mostrar os dentes. Mutilo odiava Roma e os Romanos

com todas as fibras de que era feito o seu coração, com todos os sentimentos que afloravam a sua

consciência - e com todos os sentimentos que não chegavam sequer a vencer a barreira do

inconsciente. Pápio Mutilo era um verdadeiro Samnita, e ansiava por



ver todos os Romanos apagados das páginas da História. Silão era um adversário de Roma. Mutilo

era um inimigo de Roma.

Como sucede em todos os movimentos em que a causa comum é suficientemente importante para

anular todas as objecções e todas as considerações de ordem prática, os Italianos, que de início

pretendiam apenas ver se seria possível fazer alguma coisa, depressa concluíram que a secessão era

a única resposta possível. No entanto, tódos eles conheciam Roma demasiado bem para poderem

alimentar a ideia de que a Itália era possível sem uma guerra; por isso mesmo, ninguém punha a

hipótese de declarar a independência nos anos mais próximos. Em vez disso, os chefes dos Aliados

Italianos concentraram-se na preparação da guerra contra Roma. Tal guerra exigiria um esforço

enorme, elevadas somas de dinheiro - e muitos, muitos homens, o que, depois de Arausio, obrigava

a uma espera de alguns anos. Ninguém mencionava ou propunha qualquer data; para já, enquanto os

rapazes italianos cresciam, toda a energia e todo o dinheiro disponíveis seriam destinados à

produção de armas, armaduras e outros materiais em quantidades suficientes para uma guerra contra

Roma e para uma vitória nessa guerra.

O que havia, para já, era muito pouco. Quase todas as baixas italianas tinham ocorrido longe de

Itália, e as armas e armaduras desses soldados dificilmente voltavam às suas nações, basicamente

porque Roma tratava de as levar do campo de batalha sempre que possível - e, muito naturalmente,

Roma não as considerava ”aliadas”. Algumas armas podiam ser legalmente compradas, só que não

chegariam nunca para equipar os cem mil homens de que a nova Itália, segundo Silão e Mutilo,

precisaria para vencer Roma. O armamento desses soldados teria, por isso, de ser obra clandestina,

e muito, muito lenta. Para atingirem o alvo pretendido, os Italianos teriam ainda de esperar uns bons anos.

Para tornar as coisas ainda mais difíceis, todas as acções a realizar seriam forçosamente

presenciadas por muitas pessoas que, se viessem a saber o que se congeminava na Itália, iriam

imediatamente informar algum representante romano ou, muito simplesmente, Roma. Era óbvio que

não podiam confiar nas colónias que gozavam dos Direitos Latinos, nem em cidadãos romanos

ocasionalmente em viagem por Itália. Por isso, os centros de actividade e os esconderijos de

equipamento foram concentrados em áreas pobres e remotas, longe dos viajantes e das

estradas romanas, longe das colónias romanas ou latinas. Para onde quer que se virassem, os chefes

italianos deparavam com perigos e dificuldades gigantescas. No entanto, as operações de

armamento prosseguiram e, ao fim de algum tempo, iniciou-se o treino de novos soldados. É que,

entretanto, os rapazes italianos já tinham crescido.

Quinto Popaedius Silão conhecia e promovia todas estas actividades secretas e, no entanto, ali

estava ele conversando com romanos, em casa de um romano. Não sentia, por causa disso, nem

ansiedade, nem culpa. Quem sabe?, pensava Silão, talvez um dia Marco Lívio Druso venha a

resolver tudo isto, de uma forma pacífica e eficiente. Já tinham acontecido coisas mais estranhas do

que isso!

- Quinto Servílio vai deixar-nos por alguns meses - disse Druso. Era uma boa mudança de assunto.

Era de alegria aquele brilho nos olhos de Lívia Drusa?, perguntou para si mesmo Silão, que a

considerava uma mulher muito simpática e afável, ainda que ela fosse para ele um mistério - de

facto, gostaria ela da vida que levava? Amaria Cepião? Gostaria de viver em casa do irmão? Dizia-

lhe o instinto que a resposta a todas estas perguntas era ”não”. Mas Silão não tinha a certeza. Mas

de súbito, esqueceu-se por completo de Lívia Drusa, pois Cepião falava já do que ia fazer.

- Especialmente à volta de Patávio e Aquileia - dizia Cepião. O ferro da Nórica - vou tentar comprar

as concessões de ferro da Nórica - pode abastecer fundições construídas à volta de Patávio e

Aquileia. O factor mais importante é que estas áreas da Gália Italiana oriental tenham por perto

vastas florestas de árvores diversas, ideais para a produção de carvão. Segundo os meus agentes, há

já um número infindo de faias e olmos prontos para a plantação de bosques.

- Creio que a acessibilidade do ferro é que dita a localização das fundições - observou Silão,

escutando agora com toda a atenção. Foi por isso que Pisa e Populónia se tornaram cidades com

fundições, não foi? Por causa do ferro enviado directamente da ilha de Elba.

- Isso não passa de uma falácia - retorquiu Cepião, falando, por uma vez, clara e francamente. - Na

realidade, foi a existência de árvores aptas à produção de carvão que conduziu ao aparecimento de

fundições em Pisa e Populónia. O mesmo sucederá na Gália Italiana oriental. A produção de carvão

é um processo manufactureiro, e uma fundição consome, para uma parte de metal, dez partes de

carvão. É

184

por isso que o meu projecto na Gália Italiana oriental contempla a construção de cidades tanto para

carvoeiros como para operários siderúrgicos. Comprarei terra para a construção de casas e oficinas,

e depois convencerei ferreiros e carvoeiros a instalarem-se nas minhas pequenas cidades. O trabalho

correrá muito melhor se houver um certo número de pequenos negócios idênticos do que se houver

muitos negócios sem qualquer relação entre si.

- Mas a competição entre todos esses pequenos negócios similares não acabará por revelar-se

prejudicial? E não será demasiado difícil encontrar compradores? - perguntou Silão, ocultando a sua

excitação cada vez maior.

- Não vejo porquê - replicou Cepião, que tinha de facto estudado o assunto, registando a esse nível

progressos surpreendentes. - Se, por exemplo, um *praefectus fabrum* pertencente a um exército andar à procura, digamos, de dez mil camisas de cota de malha, de dez mil capacetes, de dez mil

espadas e adagas, e de dez mil lanças, não se deslocará precisamente a um local onde poderá visitar

diversas fundições, sem precisar de percorrer uma centena de ruas secundárias sempre que quiser

encomendar alguma coisa? E não será mais fácil, para o proprietário de uma pequena fundição,

com, digamos, dez homens livres e dez escravos a trabalhar para ele, vender aquilo que produz sem

ter de andar a anunciar os seus produtos por toda a cidade porque os seus clientes sabem onde

devem deslocar-se?

- Tens razão, Quinto servílio - disse Druso, com um ar pensativo.

- Os exércitos dos nossos dias precisam de facto de dez mil artigos de aço variados, e têm sempre

pressa. Era diferente nos velhos tempos, quando os soldados eram homens ricos. Quando um jovem

fazia dezassete anos, o *tatá* dava-lhe a camisa de cota de malha, o capacete, a espada, a adaga, o escudo e as lanças; a mamã dava-lhe os *caligae,* a capa para o escudo, a mochila, o penacho de crina de cavalo e o *sagum;* e as irmãs tricotavam para ele meias grossas e teciam seis ou sete túnicas. Guardava para toda a vida este equipamento - e na maior parte dos casos, quando passava à

reserva, esse equipamento ia para o filho ou para o neto. Mas desde que Caio Mário decidiu alistar

os filhos do povo, nove em cada dez recrutas nem sequer podem comprar um lenço para o pescoço,

a fim de não se ferirem com a cota de malha, quanto mais receber todo o equipamento das mãos de

pais, mães e irmãs. De repente, ficámos com exércitos inteiros tão desprovidos

185

de equipamento militar como qualquer civil nos velhos tempos. A procura superou a oferta -

procura que de algum modo teremos de satisfazer! De facto, não podemos mandar os nossos

legionários para o campo de batalha sem o equipamento adequado.

- Isso responde a uma questão - disse Silão. - Intrigava-me o facto de muitos veteranos retirados

virem ter comigo pedindo empréstimos para se instalarem como ferreiros! Tens toda a razão,

Quinto Servílio. Terá de passar uma geração para que os teus projectados centros de fundição

produzam outras coisas para além de equipamentos militares. De facto, como dirigente do meu

povo, muitas voltas tenho dado à cabeça por causa das armas e armaduras que teremos de comprar

para as legiões que, disso não tenho dúvida, Roma nos pedirá num futuro não muito distante. E o

mesmo deve acontecer com os Samnitas, e provavelmente com os outros povos italianos.

- Devias pensar na Hispânia - disse Druso a Cepião. - Imagino que na Hispânia ainda haverá

florestas perto das minas de ouro.

- Na Hispânia Ulterior, sim - retorquiu Cepião, sorrindo deleitado porque, subitamente, era o centro

de respeitosas atenções, o que, para ele, constituía uma experiência nova. - As velhas minas

cartaginesas do Orospeda há muito que ficaram sem recursos em madeira, mas todas as novas minas

se situam em zonas dotadas de amplas florestas.

- E daqui a quanto tempo começarão as tuas cidades a produzir?

- perguntou Silão, num tom aparentemente desinteressado.

- Na Gália Italiana, é de esperar que dentro de dois anos. Claro

- acrescentou rapidamente Cepião - que eu nada tenho a ver com os *negócios* que vão ser montados ou com os produtos que vão ser fabricados. Seria incapaz de fazer qualquer coisa que desagradasse

aos censores. Tudo o que pessoalmente tenciono fazer é construir as cidades e depois receber as

rendas: uma actividade perfeitamente decente para um senador.

- Muito louvável da tua parte - comentou ironicamente Silão. Suponho que vais construir as tuas

cidades junto a bons cursos de água e perto das florestas.

- Escolherei locais situados perto de rios navegáveis - retorquiu Cepião.

- Os Gauleses são bons ferreiros - disse Druso.

- Mas não suficientemente organizados e por isso não prosperam tanto quanto podiam - replicou

Cepião, com um ar presumido, uma



expressão que nele começava a ser vulgar. - Melhorarão muito quando eu os organizar.

- Não há dúvida, Quinto Servílio, o comércio é o teu forte - disse Silão. - Devias abandonar o

Senado e tornar-te cavaleiro. Assim, as fundições e as carvoarias seriam também propriedade tua.

- O quê? Ter de negociar com as pessoas? - perguntou Cepião, estupefacto. - Não, nem pensar! Os

outros que façam esse trabalho!

- Mas não irás cobrar as rendas pessoalmente? - perguntou Silão, de olhos fixos no chão.

- Certamente que não! - exclamou Cepião, engolindo a isca. Vou criar uma pequena companhia de

agentes em Placência que tratará de todas essas coisas. Podemos admitir que a tua prima Aurélia

cobre as suas próprias rendas, Marco Lívio - disse ele para Druso -, mas pessoalmente considero de

muito mau gosto uma tal actividade.

Houvera uma época em que a simples menção do nome de Aurélia teria agitado o coração de Druso,

pois ele fora um dos mais ardentes candidatos à sua mão; agora, porém, seguro do amor que nutria

pela mulher, Druso podia sorrir para o cunhado e dizer despreocupadamente:

- É impossível comparar Aurélia seja com quem for. Quanto a mim, acho o gosto dela impecável.

Durante todo este tempo, as mulheres tinham permanecido sentadas e caladas - não porque não

desejassem falar, mas simplesmente porque a sua participação na conversa não era encorajada.

Estavam habituadas a ficar sentadas e caladas.

Depois de jantar, Lívia Drusa retirou-se, invocando trabalho que não podia esperar, e deixou a

cunhada, Servília Cepião, no quarto das crianças com o pequeno Druso Nero. Estava muito escuro e

muito frio; por isso, Lívia Drusa ordenou a um criado que lhe trouxesse uma capa, vestiu-a, e

atravessou o pátio na direcção da *loggia,* onde poderia desfrutar de uma hora de sossego pois aí ninguém a procuraria. Uma hora sozinha. E estar sozinha era, para ela, uma maravilha invulgar,

uma graça.

Ele ia-se embora! Finalmente ia-se embora! Mesmo quando fora questor nunca deixara Roma. E

durante os três anos de exílio do pai, Cepião nunca pusera sequer a hipótese de ir a Esmirna. Quinto

Servílio Cepião nunca se apartara da mulher, excepto no primeiro ano de casamento, durante o

curto período em que fora tribuno dos soldados e sobrevivera, estranhamente incólume, à batalha de

Arausio.

188

Lívia Drusa não fazia a mínima ideia das ninharias que atraíam agora as atenções do marido. Aliás,

isso pouco lhe interessava. O que era preciso era que as ninharias o levassem para longe dali.

Possivelmente, a situação financeira de Cepião chegara a um tal estado que ele se vira obrigado a

fazer alguma coisa para a melhorar, embora, no seu íntimo, Lívia Drusa se perguntasse muitas vezes

se o marido seria de facto tão pobre como dizia. Não sabia como é que o irmão tinha conseguido

suportá-los. Não era só o facto de ter de partilhar a sua casa com outra família; é que Marco Lívio

fora inclusivamente obrigado a esconder a sua valiosa colecção de pinturas. Ah, o pai ficaria por

certo horrorizado se pudesse ver aquilo! Ele que construíra aquela enorme *domus* unicamente para poder expor à vontade as suas obras de arte! *Oh, Marco Lívio, porque me obrigaste a casar com*

*ele?*

Oito anos de casamento e duas filhas não tinham reconciliado Lívia Drusa com a sua sorte. No

entanto, os primeiros anos de casamento tinham sido os piores, uma descida aos infernos da

depressão; depois, aprendera a enfrentar melhor a sua infelicidade. E nunca esquecera as palavras

do irmão, quando por fim conseguira convencê-la a casar-se:

- Espero que te comportes em relação a Quinto Servílio como qualquer jovem que, de todo o

coração, deseja o seu casamento. Fá-lo sentir que o casamento te agrada, trata-o sempre com

deferência, respeito, interesse, consideração. Nunca mostres a Quinto Servílio que ele não é o

marido que desejas, nem mesmo na privacidade do vosso quarto.

Druso conduzira-a ao santuário do átrio, onde eram honrados os deuses da família - Vesta, a deusa

do lar, os Penates, os deuses da cozinha e da despensa, e os Lares - e obrigara-a a jurar que se

comportaria tal e qual como ele lhe ordenara. Que juramento terrível aquele! Por isto odiara o

irmão, mas esse ódio já há muito se tinha esbatido, pois Lívia Drusa era agora uma mulher madura

e, por outro lado, tivera entretanto a oportunidade de conhecer uma faceta do irmão de cuja

existência não suspeitava sequer.

O Druso da sua infância e adolescência era um indivíduo grave, altivo, indiferente à pessoa da irmã

- o medo que ela tinha então dele! Só após a queda e o exílio do sogro conseguiu Lívia Drusa

conhecer realmente o irmão. Ou talvez - pensava ela, com a frieza de raciocínio comum ao irmão -

Druso tivesse mudado depois da batalha de Arausio, e depois de ter começado a gostar da mulher.

A verdade é que Lívio



Druso era agora um homem mais maleável e acessível, ainda que nunca, em tantos anos, tivesse

mencionado o facto de a ter obrigado a casar com Cepião, nem a tivesse libertado daquele terrível

juramento. Lívia Drusa admirava-o sobretudo pela inabalável lealdade que lhe dedicava a ela e

também ao cunhado, Cepião - de facto, Lívio Druso nunca se queixara, fosse de que maneira fosse,

da presença da família Cepião na sua casa. Por isso quase se engasgara nessa noite, quando Druso

respondeu de forma agressiva a Cepião por este ter criticado Quinto Popaedius Silão.

Mas que bem falara Cepião naquela noite! Estimulado por um tema que lhe era caro, explicara o

que estava a fazer de uma forma perfeitamente lógica, e com não pouco entusiasmo. Pelo que

dissera, parecia ter actuado até esse momento de forma muito prática, como um verdadeiro homem

de negócios. Talvez Silão estivesse certo talvez Cepião fosse, de seu natural, um homem dado ao

comércio, um homem de negócios. Um cavaleiro. Pareciam excitantes os seus projectos. E

lucrativos. Oh, que maravilha seria viver na nossa própria casa!, pensava Lívia Drusa, que não

ansiava por outra coisa.

Ao fundo da escada que descia da *loggia* até aos quartos apinhados de gente dos criados, ouviram-se sonoras gargalhadas; Lívia Drusa sobressaltou-se, estremeceu, encolheu-se muito encolhida, pois

aquele ruído poderia significar que os escravos iriam subir a escada e atravessar a *loggia* em direcção à porta do átrio. E de facto, um pequeno grupo de homens atravessou a *loggia,* rindo e falando em grego, num dialecto qualquer, e com tanta rapidez, que Lívia Drusa não fazia a mínima

ideia dos motivos de tanta animação. Mas estavam tão felizes! Porquê? Que tinham eles que ela não

tivesse? A resposta era simples: a possibilidade de virem a ser livres, a possuir a cidadania romana e o direito de conduzirem as suas vidas como muito bem entendessem. A eles, pagavam-lhes; a ela,

não. Eles tinham muitos amigos e companheiros para tudo; ela, não. Eles podiam criar entre si

relações de intimidade, sem censuras ou interferências; Lívia Drusa, não. O facto de esta resposta

não ser inteiramente correcta pouco preocupava Lívia Drusa: era assim que ela via, que ela sentia,

as coisas.

Os criados não a viram. Lívia Drusa acalmou-se. Uma lua quase cheia subira suficientemente alto

nos céus para iluminar as profundezas da cidade de Roma. Lívia Drusa deu meia volta no seu banco

de mármore, pôs os braços sobre a balaustrada, e contemplou o Fórum



Romano. A casa de Druso ficava mesmo na ponta do Gérmalo do Palatino, no local onde a Clivus

Victoriae virava, fazendo um ângulo recto, passando a acompanhar o Fórum Romano em toda a sua

extensão. Era por isso uma casa com uma vista belíssima; em tempos idos, essa vista era ainda mais

ampla: à esquerda, via-se mesmo a rua Velabro. Mas isso fora no tempo em que, ao lado da casa de

Druso, existira uma área desocupada, a *área Flacciana;* agora, porém, o enorme pórtico que Quinto Lutácio Catulo César mandara construir nessa zona, com as suas gigantescas colunas, tapava por

completo essa paisagem. Quanto ao resto, nada mudara. A casa de Cneu Domício Aenobarbo

Pontifex Maximus continuava a sobressair, um pouco mais abaixo da casa de Druso, oferecendo a

vista da sua *loggia.*

Assim era Roma sem a animação do dia. As cores vistosas em que tudo era pintado reduziam-se

agora a cinzentos e cintilações. Não que a cidade estivesse parada; archotes bruxuleavam em becos

escuros, o ruído dos carros e os mugidos dos bois ouviam-se claramente porque muitos dos lojistas

e comerciantes de Roma aproveitavam a noite, e as ruas sossegadas, para receberem as suas

mercadorias. Um grupo de homens embriagados deambulava pelo espaço aberto do baixo Fórum,

cantando uma canção popular sobre o amor (só poderia ser sobre o amor..., pensou Lívia Drusa).

Uma vasta escolta de escravos protegia uma liteira cuidadosamente fechada, entre a Basílica

Semprónia e o templo de Castor e Pólux - alguma dama importante que ia para casa depois de uma

festa, era mais que certo. Um gato no cio miou insinuante para a Lua e logo uma dúzia de cães

começaram a ladrar, e tudo isso divertiu tanto os bêbados que um deles se desequilibrou, no preciso

momento em que contornavam o anfiteatro dos *Comitia,* e caiu pelas bancadas abaixo, no meio da hilaridade geral.

O olhar de Lívia Drusa deambulou até à *loggia* da casa de Domício Aenobarbo e demorou-se, triste, naquela vasta extensão vazia. Há muito, muito tempo (assim lhe parecia, e a verdade é que a sua

solidão durava já desde antes do casamento) que não conhecia amizades: nem mesmo na

adolescência se dera com raparigas da sua idade. Enchera a sua vida vazia com livros. E

apaixonara-se por alguém, por alguém que não tinha a mínima esperança de conhecer. Nesses

tempos, costumava sentar-se naquele banco durante o dia e observar aquela varanda lá em baixo. Os

seus olhos procuravam o jovem alto e ruivo que tanto a atraíra, que a levara a construir fantasias à

volta dele, fantasias em

que ele era o rei Ulisses de Ítaca e ela a sua fiel rainha Penélope, esperando pelo regresso do amado.

Durante anos, as raras vezes que o viu - porque, concluíra Lívia Drusa, ele não era visita frequente

chegaram para alimentar aquele encantamento privado, atormentado, um estado de espírito que

persistira após o seu casamento, e que servia apenas para aumentar a sua infelicidade. Não sabia o

seu nome, embora tivesse a certeza de que não era um Domício Aenobarbo, pois estes eram

atarracados (se bem que ruivos, como o jovem); todas as Famílias Importantes tinham algo que as

identificava, e ele não se parecia nada com os Aenobarbo.

Lívia Drusa não esqueceria nunca o dia da sua desilusão; fora o dia em que a Assembleia da Plebe

condenara o sogro por traição; o dia em que o criado do irmão, Cratipo, correra até ao outro lado do

Palatino, e a levara a ela e a Servília, ainda bebé, para a casa onde agora estava. Que dia aquele!

Pela primeira vez, observando Servília Cepião com Druso, percebeu como uma esposa pode agradar

ao marido; pela primeira vez, apercebeu-se de que as mulheres nem sempre eram excluídas das

discussões familiares importantes; pela primeira vez, bebera vinho sem água. E então, quando todas

as convulsões pareciam ter passado, Servília Cepião dera um nome ao Ulisses alto e ruivo que por

vezes aparecia na *loggia* lá em baixo. Marco Pórcio Catão Saloniano. Não era nenhum rei, afinal!

Nem mesmo um nobre, mas o neto de um camponês de Túsculo e bisneto de um escravo celtibero.

Nesse momento, Lívia Drusa tornou-se adulta.

- Ora cá estás tu! - exclamou bem alto Cepião. - Mas que fazes tu aqui ao frio, mulher? Vem para

dentro!

Obedientemente, Lívia Drusa levantou-se e encaminhou-se para o quarto que tanto odiava.

Quinto Servílio Cepião partiu em fins de Fevereiro, informando Lívia Drusa de que estaria ausente

pelo menos um ano. Perante a surpresa da mulher, Cepião explicou-lhe que, depois de ter investido

todo o seu dinheiro naquele negócio na Gália Italiana, era essencial que permanecesse nessa região

o tempo necessário para controlar todos os aspectos do seu projecto. As atenções sexuais de Cepião

tinham sido muitas e prolongadas, pois, segundo dizia, queria um filho, e a gravidez deixaria a

esposa ocupada na sua ausência. Durante os primeiros anos do casamento, todos os jogos íntimos

tinham perturbado muito

192

Lívia Drusa. Porém, depois de conhecer o nome do seu adorado Ulisses ruivo, fazer amor com

Cepião transformara-se, pura e simplesmente, num acidente desagradável, mas não propriamente

repulsivo. Não fazendo qualquer confidência ao marido acerca dos seus próprios planos durante

aquela ausência, Lívia Drusa despediu-se dele; aguardou depois oito dias para falar com o irmão.

- Marco Lívio, tenho um grande favor a pedir-te - começou, sentada na cadeira dos clientes; Lívia

Drusa tinha uma expressão de surpresa, ria-se. - Por todos os deuses! Sabes que é esta a primeira

vez que me sento aqui desde o dia em que me convenceste a casar com Quinto Servílio?

Tornou-se sombria a expressão de Druso. Fitou as mãos, entrelaçadas sobre a secretária.

- Foi há oito anos - retorquiu num tom neutro.

- Sim, foi há oito anos - disse ela, e voltou a rir-se. - Mas eu não me sentei aqui hoje para falar do que sucedeu há oito anos, mas para te

pedir um favor, irmão.

- Fico muito contente se puder conceder-to, Lívia Drusa - retorquiu ele, grato por ela lhe perdoar tão facilmente.

Muitas vezes desejara ardentemente pedir-lhe desculpa, pedir-lhe que perdoasse aquele erro terrível;

Druso não deixava de se aperceber da permanente infelicidade da irmã, e fora ele quem tivera de

admitir que era ela quem tinha razão acerca do detestável carácter de Cepião. Mas o orgulho não o

deixara falar. E, por outro lado, no seu íntimo, ocultava-se a convicção de que, ao casá-la com

Cepião, tinha pelo menos evitado a eventualidade de que ela viesse a ser como a mãe. Essa mulher

terrível embaraçara-o durante anos a fio, por ser alvo do ridículo - pelo menos nas conversas -,

depois de um caso amoroso particularmente sórdido que acabara em nada, como acabavam, aliás,

todos os seus casos amorosos.

- Então? - insistiu ele, ao ver que a irmã não prosseguia. Lívia Drusa franziu o sobrolho, molhou os

lábios, e ergueu os

seus belos olhos, encarando-o bem de frente.

- Marco Lívio, há muito que tenho consciência de que eu e meu marido abusamos da tua

hospitalidade.

- Enganas-te - contrapôs ele de imediato. - Mas se inadvertidamente te dei essa impressão, peço-te

desde já desculpa. A sério, irmã, foste sempre bem-vinda e continuarás a sê-lo.



- Agradeço-te. No entanto, aquilo que eu disse é um facto. Tu e Servília Cepião nunca têm uma

oportunidade de estar sozinhos, e esse pode ser um dos motivos que a impede de engravidar.

Ele estremeceu.

- Duvido.

- Eu não. - Lívia Drusa inclinou-se para a frente, com uma expressão grave. - Os tempos agora estão

calmos, Marco Lívio. Tu não tens qualquer cargo no governo e o pequeno Druso Nero já está

contigo há bastante tempo, pelo que, como dizem as velhas, e eu acredito nelas, tens agora muito

mais possibilidades de ter um filho teu.

Tais observações eram demasiado dolorosas para Marco Lívio. Por isso atalhou:

- Vai direita ao assunto, irmã, peço-te!

- Bom, a questão é que, durante a ausência de Quinto Servílio, eu gostaria muito de ir para o campo

com as minhas filhas - retorquiu Lívia Drusa. - Tu tens uma pequena *villa* perto de Túsculo, e Túsculo fica a menos de meio dia de viagem de Roma. Há anos que ninguém vive naquela casa. Por

favor, Marco Lívio, empresta-ma por algum tempo! Deixa-me viver sozinha!

Os olhos dele prescrutaram a expressão da irmã, à procura de um sinal que demonstrasse que Lívia

Drusa planeava alguma imprudência. Mas não o encontrou.

- Pediste permissão a Quinto Servílio?

Olhando-o ainda nos olhos, Lívia Drusa respondeu-lhe com firmeza:

- Claro que pedi.

- Ele não me falou de nada.

- Incrível! - retorquiu Lívia Drusa, sorrindo. - Isso é mesmo dele!

Marco Lívio não pôde deixar de rir.

- Muito bem, irmã, não vejo por que não hás-de ir para Túsculo, se Quinto Servílio concordou.

Como disseste, Túsculo não fica muito longe de Roma. Ficarei atento aos teus movimentos.

De rosto transfigurado, Lívia Drusa desfez-se em agradecimentos.

- Quando queres ir? Lívia Drusa levantou-se.

- Imediatamente. Posso pedir a Cratipo que organize tudo?

- Claro - Marco Lívio pigarreou. - Teremos saudades tuas, Lívia Drusa. E das tuas filhas.

- Depois de terem pintado uma segunda cauda ao cavalo e de terem transformado o cacho de uvas

numas maçãs bem encarnadas?

- O mesmo podia ter feito Druso Nero, se ele fosse mais crescido

- retorquiu Marco Lívio. - A verdade é que até tivemos sorte. A tinta ainda estava húmida, por isso a obra nada sofreu. As obras de arte do pai estão em perfeita segurança na adega e aí ficarão enquanto

as crianças da casa não crescerem o suficiente.

Marco Lívio levantou-se também; caminharam juntos pela colunata até chegarem à sala de estar da

dona de casa, onde Servília Cepião estava a trabalhar no seu tear, fazendo mantas para a nova cama

de Druso Nero.

- A nossa irmã quer deixar-nos - disse Druso mal entrou na sala. Sim, a expressão da esposa era de

consternação - mas também de prazer culpado.

- Oh, Marco Lívio, que pena! Mas porquê?

Druso, porém, retirou-se imediatamente, deixando as explicações a cargo da irmã.

- Vou levar as raparigas para a *villa* de Túsculo. Viveremos na *villa* durante a ausência de Quinto Servílio.

- A *villa* de Túsculo? - perguntou Servília Cepião, com óbvio espanto. - Mas, minha querida Lívia Drusa, aquilo está em ruínas! Creio que

pertenceu aos primeiros Lívios. Não tem banhos, nem

latrina, nem uma cozinha decente. E, além disso, é tão pequena!

- Isso não me preocupa - retorquiu Lívia Drusa. Pegou na mão da cunhada e levou-a até ao seu

rosto. - Querida senhora desta casa, eu seria capaz de viver num casebre se esse casebre fosse meu!

Não digo isto com qualquer intenção de te ferir, ou censurar. Desde que o teu irmão e eu nos

mudámos para aqui, tu tens sido a gentileza em pessoa. Mas tens de entender a minha situação. Eu

quero uma casa que seja minha. Não quero criados que me tratam por *dominilla* e que não ligam nenhuma ao que digo porque me conhecem desde bebé. Quero um pouco de terra para poder

passear, um pouco de liberdade longe da confusão desta horrível cidade. Por favor, Servília Cepião,

procura compreender-me!

Duas lágrimas molharam as faces da dona da casa, e os seus lábios tremeram.

- Eu compreendo - retorquiu.

- Não fiques triste! Deves estar contente porque eu estou contente!



Abraçaram-se. Estavam inteiramente de acordo.

- Vou procurar Marco Lívio e Cratipo imediatamente - disse Servília Cepião, pondo de lado o

trabalho e cobrindo o tear por causa do pó. - Marco Lívio tem de contratar construtores para que tu

possas viver confortavelmente naquela casa velha.

Mas Lívia Drusa não esperou. Três dias depois, partiu para a quinta de Túsculo com as filhas, os

seus muitos livros e os poucos criados que Cepião tinha.

Embora não visitasse a *villa* desde a infância, Lívia Drusa achou-a praticamente na mesma - uma pequena casa de paredes de estuque, pintada de amarelo vivo, sem jardim que se visse, sem

comodidades, sem peristilo, e com muito pouco ar e luz no interior. Mas Marco Lívio não tinha

perdido tempo; no local trabalhavam já muitos operários, sob as ordens de um construtor local, que

a esperava e logo lhe prometeu que dois meses chegavam para tornar a casa habitável.

Lívia Drusa instalou-se, pois, no meio de um caos controlado pó de estuque, o ruído de martelos,

maços e serras, um constante vaivém de instruções e perguntas gritadas no latim cerrado dos

Tusculanos, os quais, apesar de viverem a apenas vinte e cinco quilómetros de Roma, raramente, ou

nunca, lá iam. As filhas tiveram reacções típicas; Lila, que não tinha mais de quatro anos e meio,

ficou encantada, ao passo que a serena e reservada Servília odiou obviamente a casa, a actividade

dos operários e a mãe, não necessariamente por essa ordem. Mas Servília mantinha-se à parte de

tudo; ao passo que a turbulência de Lila apenas servia para tornar tudo mais caótico.

Deixando as filhas entregues aos cuidados da ama e do severo preceptor de Servília, Lívia Drusa

saiu na manhã seguinte para apreciar a paz e a beleza daqueles campos em pleno Inverno,

dificilmente acreditando que acabara de libertar-se de uma prolongada prisão.

Embora o calendário anunciasse a Primavera, a verdade é que se estava em pleno Inverno. Cneu

Domício Aenobarbo Pontifex Maximus não tinha ainda obrigado o Colégio de Pontífices, que

chefiava, a cumprir o seu dever, ou seja, a pôr o calendário de acordo com as estações. Não que

Roma e os arredores tivessem sofrido um rude Inverno nesse ano; pouco nevara, e o Tibre não

chegara a gelar sequer. As temperaturas tinham descido bastante abaixo de zero, mas o vento pouco

incomodara, e a relva nada sofrera.



Mais feliz do que alguma vez estivera em toda a sua vida, Lívia Drusa deambulou pelos campos

pertencentes à casa, subiu depois um pequeno muro de pedra, caminhou cuidadosamente à volta de

um campo já arado, subiu outro muro de pedra, e entrou numa faixa cheia de erva e ovelhas. Bem

protegidas pelas suas capas de couro, as pobres ovelhas desataram a fugir quando ela se pôs a

chamá-las; encolhendo os ombros e sorrindo, Lívia Drusa prosseguiu o seu caminho.

Para lá dessa faixa, encontrou um marco pintado de branco, e, passado esse marco, uma pequena

torre que era um santuário. O chão em frente exibia ainda as marcas do sangue de algum sacrifício.

Nos ramos mais baixos de uma árvore debruçada sobre a pequena torre, pendiam pequenas bonecas

e bolas de lã, e cabeças de alho, objectos que, pelo seu aspecto, já deveriam ali estar há muito

tempo. Para lá do santuário, havia um pote de barro de pernas para o ar; curiosa, Lívia Drusa pegou

no pote, mas logo o pôs onde estava; debaixo do pote jazia o cadáver em decomposição de um sapo

enorme.

Demasiado citadina para entender que estava a invadir propriedade alheia - de alguém que revelava

grandes escrúpulos nas suas atenções para com os deuses do solo e das fronteiras - Lívia Drusa

prosseguiu o seu caminho. Quando encontrou o primeiro açafrão, ajoelhou-se para apreciar a flor

muito amarela, e de novo se levantou para contemplar os ramos nus das árvores, com uns olhos tão

cheios de espanto que dir-se-ia que as árvores tinham sido inventadas de propósito para ela.

Deu depois com um campo de macieiras e pereiras: algumas das pêras não tinham ainda sido

colhidas, uma tentação a que Lívia Drusa de bom grado sucumbiu. Era tão doce e sumarenta a pêra

que comeu que as suas mãos ficaram todas pegajosas. Ouvia água correndo algures: encaminhou-se

na direcção do som, através das árvores muito cuidadas, até que encontrou um pequeno regato. A

água era gelada, mas isso pouco lhe importava; lavou nela as mãos e riu-se baixinho para si mesma

enquanto as secava ao sol, já bem alto e quente. Tirou a *palia;* ainda ajoelhada junto ao regato, pôs a grande mantilha no chão e dobrou-a num rectângulo que poderia levar debaixo do braço. Depois,

levantou-se. E viu-o.

Ele tinha estado a ler. Tinha na mão esquerda o rolo de pergaminho, de novo enrolado pois a

invasora do seu pomar distraíra-o por completo.

O rei Ulisses de ítaca! Ao reparar nos olhos dele, Lívia Drusa susteve a respiração: é que aqueles

eram os olhos do rei Ulisses, enormes, cinzentos, belíssimos.

- Olá - disse ela, sorrindo para ele sem qualquer sinal de timidez ou mal-estar. Depois de o ter

observado da sua varanda durante tantos anos, ele parecia de facto o viajante retornado à sua terra,

um homem que ela conhecia pelo menos tão bem como a rainha Penélope conhecera o seu rei

Ulisses. Lívia pegou na *palia* e encaminhou-se na direcção dele, sorridente, falando sempre.

- Roubei uma pêra - disse ela. - Deliciosa! Não sabia que havia pêras até tão tarde. Sempre que saio

de Roma, é para a praia que vou, no Verão. É completamente diferente disto.

Ele não respondeu. Limitou-se a olhar para ela com aqueles olhos cinzentos e luminosos.

Ainda te amo, dizia ela para si mesma. Ainda te amo! Que me importa que sejas descendente de um

camponês e de um escravo! Amo-te. Como Penélope, esquecera o amor. Mas aqui estás tu de novo

ao fim de tantos anos, e eu continuo a amar-te.

Quando Lívia Drusa parou, estava já demasiado perto dele para que aquele fosse apenas um

encontro casual de dois estranhos; ele podia sentir o calor do corpo dela, e os olhos negros,

enormes, de Lívia Drusa, agora fixos nos dele, eram um mar de gratidão. De amor. De boas-vindas.

Por isso, o que Marco Pórcio fez a seguir foi a coisa mais natural deste mundo: avançou um pouco

mais e abraçou-a. Ela encostou o seu rosto ao dele e pôs os braços à volta do pescoço daquele

homem que tão bem conhecia. Quando se beijaram, sorriam. Velhos amigos, velhos amantes,

marido e mulher que não se viam há vinte anos, separados pelas maquinações dos outros, divinos ou

humanos. Triunfantes no reencontro.

As mãos dele, seguras e fortes, pareciam conhecer desde há muito o corpo dela, ela não precisava

de lhe dizer que caminhos aquelas mãos deviam percorrer, o que o seu corpo queria ou não queria;

ele era o rei, o senhor do coração dela, sempre o fora. Tão gravemente como uma criança

encarregada de guardar um tesouro valioso, Lívia Drusa descobriu os seios e ofereceu-lhos. Depois,

começou a despi-lo enquanto ele colocava a mantilha no chão. Marco Pórcio deitou-se e ela deitou-

se ao lado dele. Tremendo de prazer, Lívia Drusa beijou-lhe o pescoço e mordiscou-lhe o lóbulo da

orelha, levou as mãos ao rosto

dele e beijou-o uma vez mais, acariciou-lhe jubilosamente o corpo, murmurou mil e uma ternuras

contra a língua dele.

Fruta, doce e pegajosa - ramos magros, despidos de folhas, entrelaçados sob o mais azul dos céus -

o cabelo que lhe doía por estar demasiado apanhado - um passarito com as asas paradas colado às

gavinhas de uma nuvem de teias - tanta alegria, tanta exultação até então reprimida, libertando-se

subitamente, livre, livre - oh, êxtase dos êxtases!

Durante horas estiveram deitados sobre a mantilha, aquecendo-se um ao outro, pele contra pele,

sorrindo disparatadamente um para o outro, espantados por estarem ali juntos, inocentes de

qualquer transgressão, enredados nas delícias de todo o género de descobertas.

Falaram também. Ele era casado, com Cuspia, filha de um *publicanus,* e a irmã dele estava casada com Lúcio Domício Aenobarbo, o irmão mais novo do Pontifex Maximus; o dote da irmã saíra-lhe

muito caro, tão caro que fora obrigado a casar-se com Cuspia, cujo pai era extremamente rico. Não

tinham ainda filhos, pois ele não encontrava na esposa nada que lhe inspirasse admiração ou amor -

e Cuspia queixara-se já ao pai de que ele a desprezava.

Quando Lívia Drusa lhe disse quem era, Marco Pórcio Catão Saloniano ficou muito quieto.

- Estás zangado? - perguntou ela, soerguendo-se para o fitar, ansiosa.

Ele sorriu, abanou a cabeça.

- Como posso estar zangado se os deuses responderam aos meus pedidos? Foram eles que te

trouxeram para aqui, para as terras dos meus antepassados, para os meus braços. Soube disso mal te

vi junto ao regato. E se tu pertences a famílias tão poderosas, esse deve também ser um sinal de que

tudo está a meu favor.

- Não fazias realmente ideia de quem eu era?

- Não fazia a mínima ideia - respondeu ele, com um ar não muito feliz. - Nunca te tinha visto.

- Nunca? Nunca me viste da *loggia* de Cneu Domício?

- Nunca - retorquiu Marco Pórcio. Lívia Drusa suspirou.

- Pois eu vi-te muitas vezes durante muitos anos.

- Fico muito contente por teres gostado do que viste. Ela pôs a cabeça no ombro dele.

# 199

- Se eu te tivesse visto, não teria descansado enquanto não casasse contigo. E teríamos muitos

filhos, e nenhum de nós se encontraria na terrível situação em que nos encontramos agora.

Ela estremeceu.

- Não posso divorciar-me enquanto o meu marido não voltar, e só voltará daqui a um ano pelo

menos. Além disso, creio que nem o meu irmão nem o meu marido te aprovariam. Provavelmente

não haverá dote, e eu ficarei sem as minhas filhas.

- Eu também não posso divorciar-me de Cuspia - disse ele, sentindo-se tão infeliz quanto ela. - Só

daqui a dez anos terei pago o dote de minha irmã. Não tive outra hipótese senão o pagamento a

prestações. Mesmo com a fortuna de Cuspia.

Instintivamente, numa mistura de prazer e dor, viraram-se um para o outro e uniram os seus corpos.

- Oh, será terrível se descobrirem! - exclamou Lívia Drusa.

- Sim.

- Não é justo.

- Não.

- Então é preciso que nunca descubram, Marco Pórcio.

- Ficaremos juntos com honra e não com culpa, Lívia Drusa.

- Há honra neste nosso encontro - disse ela gravemente - As nossas situações actuais é que o fazem

parecer diferente. Eu não sinto vergonha.

Marco Pórcio sentou-se, abraçando os joelhos.

- Eu também não - disse. No entanto, os olhos com que a fitou eram olhos infelizes. - Quem me

dera poder casar contigo. Será cruel manter a nossa união secreta.

- Cruel ou não, mantê-la-ei - disse ela com determinação. Encontrei-te por fim, meu rei Ulisses. Não

posso perder-te.

Ele voltou a abraçá-la e abraçou-a até ela protestar, porque queria olhar para ele, para aquele corpo tão belo, para aqueles braços e pernas tão grandes, para aquela pele clara e nua de pêlos, e os

escassos pêlos tinham a mesma cor ígnea do cabelo. O corpo dele era bem feito e musculoso, o

rosto ossudo. Ele era mesmo o rei Ulisses. Ou o rei Ulisses *dela.*

- Amo-te, Marco Pórcio Catão - disse ela.

- E eu também te amo, Lívia Drusa.

# 200

Lívia Drusa deixou-o ao fim da tarde, depois de terem combinado encontrar-se no mesmo local e à

mesma hora no dia seguinte. Tão longas foram as despedidas que quando chegou a casa, já os

operários tinham concluído o seu dia de trabalho. O chefe dos criados, Mopso, estava prestes a

mandar toda a gente à procura dela. Lívia Drusa sentia-se tão feliz e animada que nem se tinha

lembrado de uma tal eventualidade; parada, à luz já crepuscular, pestanejando estupidamente

enquanto Mopso falava, Lívia Drusa nem lhe passava pela cabeça falar de razões ou de desculpas.

Estava com um aspecto medonho. O cabelo, todo emaranhado e cheio de pequenos galhos e ervas,

caía-lhe pelas costas; grandes nódoas de lama borravam-lhe as roupas; os bonitos sapatos fechados

que levara, trazia-os agora dependurados das mãos; o rosto e os braços estavam sujos, os pés,

cobertos de lama.

- *Domina, domina,* que aconteceu? - perguntou o chefe dos criados.

- Caiu?

Lívia Drusa já se sentia em condições de responder.

- Claro que caí, Mopso - respondeu ela, muito alegre. - De facto, não podia ter sido maior a queda,

mas sobrevivi.

Cercada por criados aflitos, Lívia Drusa foi praticamente conduzida até casa. Trouxeram então uma

velha banheira de bronze, puseram-na na sala de estar, encheram-na de água quente. Lila, que se

tinha fartado de chorar porque a mamã nunca mais vinha, corria agora atrás da ama pois tinha à sua

espera um jantar já requentado. Servília, porém, seguiu a mãe discretamente e pôde observá-la sem

que ninguém a visse. Uma criada despiu Lívia Drusa, e enquanto a despia não deixou de manifestar

a sua reprovação perante o estado em que se encontravam aquelas roupas.

Quando a criada virou costas para ver se a água estava à temperatura certa, Lívia Drusa, nua sem

qualquer traço de pudor, esticou os braços por cima da cabeça, tão lenta e tão voluptuosamente que

a rapariguinha que estava junto à porta entendeu o significado do gesto de um modo inteiramente

primitivo, atávico, que só o tempo poderia elucidar. Lívia Drusa levou as mãos aos seios, cheios,

encantadores. Os seus dedos acariciaram os mamilos por um instante. E Lívia Drusa sorria, sorria

sempre. Depois, meteu-se na banheira, virou-se para que a criada pudesse passar-lhe com uma

esponja molhada pelas costas; por isso, não viu Servília a abrir a porta e a escapulir-se.

201

Ao jantar - que Servília foi autorizada a partilhar com a mãe -, Lívia Drusa fartou-se de falar, feliz, divertida, sobre a pêra que comera, sobre o primeiro açafrão, as bonecas na árvore por sobre o

santuário, o pequeno regato, e mesmo sobre pormenores de uma queda imaginária por uma ravina

alta, íngreme e lamacenta. Servília ouvia, comendo com gestos delicados, fitando a mãe com uma

expressão neutra. Quem as visse diria que a expressão da mãe era a de uma criança feliz, e que a

expressão da filha era a de uma mãe preocupada.

- A minha felicidade confunde-te, Servília? - perguntou a mãe.

- Sim, de facto, é muito estranha - retorquiu serenamente a rapariga. Lívia Drusa debruçou-se um

pouco sobre a mesa e afastou uns

fios de cabelo negro do rosto da filha, genuinamente interessada pela primeira vez naquela

reprodução de si mesma em miniatura. Para trás ficava o passado, e a sua infância triste, desolada.

- Quando eu tinha a tua idade - disse Lívia Drusa - a minha mãe nunca reparava em mim. A

responsável por isso era Roma. E só há pouco tempo me apercebi de que Roma estava a ter o

mesmo efeito em mim. Foi por isso que decidi vir para o campo, é por isso que vamos viver aqui até

que o *tatá* regresse. Estou feliz porque estou livre, Servília! Posso esquecer Roma.

- Eu gosto de Roma - disse Servília, deitando a língua de fora para os diversos pratos. - O

cozinheiro do tio Marco é melhor.

-Encontraremos um cozinheiro do teu agrado, se essa é a queixa mais grave que tens a fazer. É a tua

queixa mais grave?

- Não. O pior são os operários.

- Bom, quanto aos operários, daqui a um ou dois meses já não estarão cá, depois as coisas ficarão

mais sossegadas. Amanhã lembrou-se, abanou a cabeça, sorriu -, não, depois de amanhã vamos dar

um passeio.

- Porque não amanhã? - perguntou Servília.

- Porque quero mais um dia só para mim. Servília levantou-se lentamente da cadeira.

- Estou cansada, mamã. Posso ir deitar-me?

E assim começou o ano mais feliz da vida de Lívia Drusa, um ano em que se dedicou por inteiro ao

amor, e o amor chamava-se Marco Pórcio Catão Saloniano, e também, ainda que absorvendo-a

menos, Servília e Lila.

202

Lívia Drusa e Marco Pórcio depressa chegaram a um acordo para os seus encontros, pois Catão,

como era evidente, não costumava passar muito tempo na quinta de Túsculo - ou melhor, não

costumava, até ter encontrado Lívia Drusa. Precisavam de encontrar um local mais seguro para os

seus encontros, um local onde não pudessem ser vistos por um trabalhador da quinta ou por um

pastor, um local de onde Lívia Drusa não saísse suja e desgrenhada. Catão resolveu este último

problema, despejando uma família que vivia numa pequena casa isolada, e anunciando aos seus

mais chegados que usaria essa casa como retiro, já que queria escrever um livro. O livro

transformou-se na sua desculpa para tudo, especialmente para as prolongadas ausências de Roma (e

Roma significava a mulher); seguindo as pisadas do avô, esta obra seria um compêndio

extremamente pormenorizado sobre a vida rural romana, e incluiria todo o tipo de magias, ritos,

orações, superstições e hábitos religiosos, consagrando ainda um capítulo às técnicas e actividades

agrícolas modernas. Ninguém em Roma considerou este livro uma surpresa, tendo em conta o

passado e a família de Catão.

Sempre que Marco Pórcio podia estar em Túsculo, encontravam-se à mesma hora todas as manhãs.

Lívia Drusa decidira que as manhãs seriam o seu período do dia privado, pois as filhas tinham

lições de manhã. Separavam-se ao meio-dia - o que não era nada fácil. Mesmo quando Marco Lívio

Druso apareceu para ver como estava a irmã e como decorriam os trabalhos de renovação da casa,

Lívia Drusa continuou a dar os seus ”passeios”. Claro, Lívia Drusa estava tão óbvia e naturalmente

feliz que Druso não pôde deixar de aplaudir a decisão da irmã de mudar de residência; teria ficado

por certo intrigado, se ela revelasse sinais de nervosismo ou culpa. Mas isso nunca sucedeu, porque

Lívia Drusa considerava a sua relação com Catão justa, certa, correcta - merecida e merecedora de

tudo.

Naturalmente, houve entre os dois algum constrangimento, especialmente de início. Para Lívia

Drusa, o principal constrangimento era a duvidosa ascendência do amado. Esta questão preocupava-

a ainda, embora não tanto como quando Servília Cepião lhe explicara quem ele era. Felizmente,

Lívia Drusa era demasiado inteligente para lhe pôr directamente o problema de uma maneira que

poderia ser mal interpretada. Pelo contrário, tentou abordar o assunto de modo a que ele não

pensasse que ela se sentia superior - embora evidentemente,



ela se sentisse superior a ele. Mas sem paternalismo ou malevolência, apenas com mágoa, uma

mágoa que decorria da segurança da sua própria linhagem, que era absolutamente irrepreensível, e

com o desejo de que também ele pudesse beneficiar dessa que era a mais romana de todas as

seguranças.

O avô de Marco Pórcio era o famoso Marco Pórcio Catão Censorius

- Catão, o Censor. Latinos riquíssimos, os Pórcios Priscos tinham-se tornado suficientemente

importantes para alcançarem o estatuto de cavaleiros várias gerações antes do nascimento de Catão;

contudo, e apesar de gozarem da cidadania integral e do estatuto de cavaleiro, viviam mais em

Túsculo do que em Roma, e nunca tinham nutrido aspirações de natureza pública.

Lívia Drusa depressa descobriu que o seu amado não considerava a sua linhagem minimamente

dúbia, já que lhe dissera certo dia:

- Todo este mito começou com o carácter do meu avô, no princípio da guerra contra Aníbal. Catão

disfarçou-se de camponês porque um patrício demasiado inchado escarneceu dele. Tinha então

dezassete anos. O disfarce divertiu-o tanto que nunca mais o deixou, e parece que foi uma bela

ideia, pois os Homens Novos aparecem, desaparecem e são esquecidos, mas quem poderá esquecer

Catão, o Censor?

- O mesmo se pode dizer de Caio Mário - arriscou Lívia Drusa timidamente.

Marco Pórcio recuou, como se ela o tivesse atacado.

- *Esse* homem? Mas esse é um genuíno Homem Novo - um camponês! Ao passo que o meu avô

tinha *antepassados.* Ele era apenas um Homem Novo pelo facto de ser o primeiro da sua família a sentar-se no Senado.

- Como podes saber que o teu avô não era um camponês, que o camponês era apenas um disfarce?

- Está tudo escrito na correspondência particular dele. Ainda temos essas cartas.

- O outro ramo da tua família não tem os papéis dele? No fim de contas, é o ramo mais antigo.

- Os Licinianos? Nem me fales neles! - disse Catão, num tom de repulsa. - O *nosso* ramo, os

Salonianos, é que brilhará quando os historiadores de amanhã escreverem sobre a Roma do nosso

tempo. *Nós* somos os verdadeiros herdeiros de Catão, o Censor! *Nós* não somos gente afectada, não nos damos ares falsamente superiores, porque



*nós* honramos o homem que Catão, o Censor, foi: um grande homem, Lívia Drusa!

- Um grande homem disfarçado de camponês.

- Sem dúvida! Duro, franco, sem papas na língua, um homem à maneira antiga, um verdadeiro

Romano - disse Catão, de olhos brilhantes.

- Sabias que ele bebia o mesmo vinho que os seus escravos? Nunca rebocava as casas das suas

quintas ou as suas *villas,* não tinha um único tapete ou pano roxo na casa romana, e nunca pagava mais de seis mil sestércios por um escravo. Nós, os Salonianos, prosseguimos a sua tradição,

vivemos como ele.

- Oh, meu querido! - exclamou Lívia Drusa.

Marco Pórcio, no entanto, nem reparou naquela expressão de desânimo. Estava demasiado ocupado

a explicar à sua amada que Catão, o Censor, tinha sido um homem maravilhoso.

- Como poderia ele ser um camponês quando todos sabemos que se tornou o melhor amigo de

Valério Flaco - e que, depois de se ter mudado para Roma, se tornou o melhor orador e advogado

do seu e de todos os tempos? Ainda hoje grandes especialistas como Crasso Orador e o velho

Múcio Cévola, o Augure, admitem que a sua retórica não tinha par, que nunca ninguém usou

melhor do que ele o aforismo e a hipérbole! E repara nos escritos dele! São soberbos! O meu avô

tinha uma educação superior, e falava e escrevia tão bem latim que nunca precisava de fazer

rascunhos.

- Estou a ver que tenho de lê-lo - disse Lívia Drusa, embora sem grande convicção: o seu preceptor

tinha-lhe desaconselhado Catão, o Censor.

- Sim, lê as suas obras! - exclamou Catão ansiosamente, abraçando-a e pondo o corpo dela entre as

suas pernas. - Começa com o *Carmen de Moribus,* dar-te-á uma ideia da sua dignidade e honradez, ficarás a saber que Catão era um Romano como deve ser. Claro, ele foi o primeiro Pórcio a usar o

apelido Catão. Até então, o apelido dos Pórcios era Prisco. Isso não quer dizer propriamente que a

nossa linhagem é muito antiga, de tal forma que lhe *chamaram* precisamente Antiga? Repara, ao avô do meu avô pagaram-lhe o preço de *cinco* Cavalos Públicos que morreram, montados por ele, em batalhas que travou em defesa de Roma!

- O Saloniano é que me preocupa, e não o Prisco ou o Catão. Salónio era um escravo celtibero, não

era? O ramo mais velho, em



contrapartida, pode afirmar que descende de uma nobre Licínia, e da terceira filha do grande Emílio Paulo e da filha mais velha de Cipião, Cornélia.

A expressão de Marco Pórcio tornou-se mais sombria; tal afirmação tresandava a pretensiosismo leviano. Mas ela fitava-o com os olhos muito abertos, olhos de adoração, e ele estava tão apaixonado por ela; não era por culpa dela que estava mal informada acerca dos Pórcios Catões. Cabia-lhe a ele convertê-la.

- Por certo conheces a história de Catão, o Censor, e Salónia disse ele, pousando o queixo no ombro dela.

- Não, *meum mel,* não conheço. Conta, por favor.

- Bom, o meu avô só se casou pela primeira vez aos quarenta e dois anos. Com essa idade, tinha já sido cônsul, obtivera uma grande vitória na Hispânia Ulterior, e celebrara um triunfo - mas *ele* não era ganancioso!

*Ele* nunca ficou com um resto que fosse dos despojos, nunca vendeu prisioneiros para encher a sua bolsa!

Dava tudo aos soldados, e os descendentes dos seus soldados ainda hoje o veneram por isso - disse Catão, tão enamorado pelo avô que

se esquecera já da história que prometera contar.

Lívia Drusa tratou de lembrá-lo.

- Bom, portanto foi aos quarenta e dois anos que ele casou com a nobre Licínia.

- Certo. Teve um filho dela, Marco Liciniano, um único filho, embora, ao que parece, ele amasse muito Licínia. Não sei por que não tiveram mais filhos. Bom, o certo é que quando Licínia morreu, o meu avô tinha setenta e sete anos. Depois da morte da esposa, escolheu uma das suas escravas para com ele partilhar o leito conjugal. Marco Liciniano e a esposa, a dama de nobre estirpe a que já te referiste, viviam naturalmente na casa dele. E ficaram muito ofendidos com tal acção. Ao que parece, o meu avô não fazia segredo da relação que mantinha com a escrava, e permitia que ela se comportasse como se fosse a senhora da casa. Toda a Roma depressa ficou a saber o que se passava, porque Marco Liciniano e Emília Tércia contavam a toda a gente. A toda a gente, excepto a Catão, o Censor. Mas é claro que ele acabou por descobrir, e em vez de lhes perguntar porque não lhe tinham dito o que sentiam, mandou embora a escrava sem qualquer alarido, e foi para o Fórum sem lhes dizer que a rapariga já não estava lá em casa.

- Que coisa mais estranha! - comentou Lívia Drusa.



Catão preferiu não comentar; prosseguiu.

- Ora, Catão, o Censor, tinha um cliente liberto chamado Salónio, um celtibero de Saio que havia sido um dos seus escribas. ”Eh, Salónio!”, disse o meu avô ao chegar ao Fórum. ”Já encontraste um marido para a tua bonita filha?”

”Não, *domine”* retorquiu Salónio, ”mas pode ter a certeza de que quando encontrar um homem em condições para ela, irei ter contigo

para te pedir opinião e consentimento."

"Não precisas de procurar mais", disse o meu avô. "Tenho um bom marido para ela - um verdadeiro príncipe!

Uma fortuna interessante, uma reputação sem mácula, uma excelente família - tudo o que se deseja!

Excepto... bom, receio que seja já um tanto ou quanto velho. Mas lá rico é! Embora mesmo a alma mais

caridosa tenha de admitir que é muito velho."

*"Domine,* se a escolha é tua, terá forçosamente de me agradar", disse Salónio. "Quando a minha filha nasceu, tanto eu como a minha mulher éramos teus escravos. Quando me deste a liberdade libertaste também toda a minha família. Mas a minha filha ainda está subordinada à tua autoridade, tal como eu, e a minha esposa, e o meu filho. Quanto a Salónia, não há que temer, ela é uma excelente rapariga. Casará com qualquer homem que o *domine* se queira dar ao trabalho de procurar, seja qual for a sua idade."

"Mas que maravilha, Salónio!", exclamou o meu avô, batendo nas costas do outro. "Ele é eu!"

Lívia Drusa ficou espantada.

- Mas isso está mal dito! - exclamou. - Não disseste que o latim do teu avô era perfeito?

- *Mea vita, mea vita,* onde está o teu sentido de humor? - perguntou Catão, fitando-a admirado. - Ele estava a brincar! Queria aquela cena menos pesada! Salónio, como era de esperar, ficou estupefacto. Não conseguia meter na cabeça que lhe estavam a oferecer uma aliança de casamento com uma casa nobre, uma casa que se podia gabar de ter um censor e um triunfo!

- Não admira que tenha ficado estupefacto - comentou Lívia Drusa. Catão apressou-se.

- O meu avô garantiu a Salónio que o seu projecto era o mais sério possível. Foram logo buscar a jovem e o casamento deu-se nesse mesmo dia, pois era um dia propício. Mas quando Marco Liciniano



soube disso, uma ou duas horas depois - num instante, a notícia espalhou-se por toda a Roma! -,

reuniu um grupo de amigos e com eles foi ter com o pai.

”Foi por termos rejeitado a tua relação com a escrava que resolveste desgraçar ainda mais a nossa

casa, oferecendo-me tal madrasta?”, perguntou Liciniano, furioso.

”Como poderei desgraçar-te, meu filho, se estou prestes a provar que sou um homem excepcional,

dando mais filhos ao mundo em idade tão avançada?”, perguntou o meu avô, num tom imponente.

”Gostarias que casasse com uma mulher nobre, quando estou mais perto dos oitenta do que dos

setenta? Uma aliança dessas não seria adequada. Ao casar com a filha do meu antigo escravo, faço

um casamento adequado à minha idade e necessidades.”

- Mas isso é realmente extraordinário! - disse Lívia Drusa. - É claro que Liciniano e Emília Tércia

devem ter ficado profundamente vexados.

- É o que nós, Salonianos, pensamos - retorquiu Catão.

- E continuaram todos a viver na mesma casa?

- Claro. Marco Liciniano morreu pouco tempo depois. A maior parte das pessoas pensou que ele

sucumbira ao desgosto. E assim Emília Tércia ficou sozinha naquela casa, com o sogro e a nova

esposa do sogro, Salónia, um destino que, em minha opinião, merecia inteiramente. Como o pai

dela já tinha morrido, não podia voltar para a sua casa de solteira.

- Salónia deu à luz o teu pai - disse Lívia Drusa.

- Exactamente - disse Catão Saloniano.

- Mas não te perturba o facto de seres neto de uma mulher que nasceu *escrava!* - perguntou Lívia Drusa.

Catão pestanejou.

- Porque havia de me perturbar? - perguntou ele. - Todos nós temos de começar de alguma maneira!

E parece que os censores concordaram com o meu avô, que defendeu que o seu sangue era

suficientemente nobre para santificar o sangue de qualquer escrava. Nunca tentaram excluir os

Salonianos do Senado. Salónio era descendente de uma boa família gaulesa. Se fosse grego... bom,

mas o meu avô nunca teria feito uma coisa dessas! Odiava Gregos.

- E tu, rebocaste as casas da tua quinta? - perguntou Lívia Drusa, colando as suas ancas ao corpo do

amado.

- Claro que não - respondeu ele, com a respiração apressada.

- Então já sei porque é que o vinho que bebemos é tão mau.

- *Tace,* Lívia Drusa! - disse Catão, cobrindo-a com o seu corpo.

Um amor de tal modo profundo que parece perfeito conduz normalmente a indiscrições, a

observações descuidadas e, por fim, ao conhecimento do mundo que rodeia os amantes; mas Lívia

Drusa e Catão Saloniano mantinham a sua relação com um secretismo extremamente eficiente. Se

estivessem em Roma, as coisas teriam sido diferentes, como era evidente; felizmente, a apática

Túsculo não desconfiava sequer do tremendo escândalo que se passava nas suas terras.

Ao fim de quatro semanas, Lívia Drusa concluiu que estava grávida, e sabia que o filho não era de

Cepião. De facto, no dia em que Cepião deixou Roma, Lívia Drusa teve a menstruação. Duas

semanas depois, conhecia e amava Marco Pórcio Catão Saloniano; e finalmente o período não veio.

As duas gravidezes anteriores tinham-na feito conhecer alguns dos sintomas habituais: agora tinha

todos esses sintomas. Ia ter um filho do amante, Catão, e não do marido, Cepião.

Serenamente, Lívia Drusa decidiu não esconder a gravidez: tranquilizava-a o facto de entre a

partida de Cepião e o encontro com Catão mediarem apenas duas semanas. E se tivesse engravidado

mais tarde? Oh, o melhor era nem pensar nisso!

Druso e Servília Cepião ficaram muito contentes; Lila achou que um irmão pequeno seria uma

maravilha, pois iria divertir-se imenso, ao passo que Servília se mostrou ainda mais indiferente que

o normal.

É óbvio que tinha de dizer a Catão - mas que lhe ia dizer exactamente? A frieza de raciocínio dos

Lívios Drusos impôs-se; Lívia Drusa sentou-se para reflectir calmamente. Seria horrível enganar

Catão, se a criança fosse um rapaz. E no entanto... no entanto... o bebé nasceria sem dúvida antes do regresso de Cepião, e toda a gente pensaria que o bebé era dele. E se o filho de Catão fosse um

rapaz, viria a ser herdeiro do ouro de Tolosa, desde que se chamasse Quinto Servílio Cepião.

Quinze mil talentos de ouro. Seria o homem mais rico de Roma, teria um nome glorioso. Muito

mais glorioso que Catão Saloniano.

- Vou ter um filho, Marco Pórcio - disse ela a Catão quando se encontraram na casinha que agora

considerava como o seu verdadeiro lar.

209

Alarmado, mais do que alegre, Marco Pórcio olhou para ela fixamente.

- É meu ou do teu marido? - perguntou.

- Não sei - disse Lívia Drusa. - Francamente, não sei. E duvido que venha a saber quando ele nascer.

- Ele?

- Eu sei que é um rapaz.

Catão encostou-se contra a cabeceira da cama, cerrou os olhos, comprimiu os seus belos lábios.

- É meu - disse.

- Não sei - retorquiu ela.

- Portanto vais deixar que toda a gente creia que é do teu marido.

- Não vejo que outra opção possa ter.

Marco Pórcio abriu os olhos, virou a cabeça para a fitar, com uma expressão triste.

- Eu sei que não tens outra opção. Eu não tenho meios para casar contigo, não poderia casar contigo mesmo que tu te divorciasses. Mas tu não te divorciarás, a menos que o teu marido volte para casa mais cedo do que esperas. O que é duvidoso. Tudo isto é muito estranho. Parece de propósito. Os deuses estão fartos de se rir.

- Deixa-os rir! No fim, somos nós, homens e mulheres, quem vence, e não os deuses! - retorquiu Lívia Drusa, subindo um pouco na cama para o beijar. - Amo-te Marco Pórcio. Espero que seja teu.

- Espero que não.

O facto de estar grávida em nada alterou a rotina de Lívia Drusa; continuou a dar os seus passeios matinais, e Catão Saloniano continuou a passar largas temporadas na quinta do avô perto de Túsculo. Amavam-se

apaixonadamente e sem se preocuparem com o feto que Lívia Drusa trazia no ventre, pois ela, perante a hesitação do amado, defendia que tanto amor nunca poderia fazer mal ao bebé.

- Continuas a preferir Roma a Túsculo? - perguntou Lívia Drusa a Servília, num idílico dia de fins de Outubro.

- Ah, sim, sem dúvida - retorquiu Servília, que se revelara um osso muito duro de roer ao longo daqueles meses. Nunca se mostrava acessível, nunca metia conversa, e as suas respostas eram tão lacónicas que a hora do jantar exigia de Lívia Drusa um esforço tremendo.

- Porquê, Servília?



Servília olhou para o ventre da mãe, já enorme.

- Em primeiro lugar, porque em Roma há bons médicos e parteiras

- retorquiu.

- Ah, não te preocupes com o bebé! - exclamou Lívia Drusa, rindo-se. - Ele está muito feliz.

Quando chegar a hora, será fácil. Ainda falta pelo menos um mês.

- Porque dizes sempre ”ele” quando te referes ao bebé?

- Porque sei que é um rapaz.

- Só se sabe quando ele nascer.

- Mas que cínica que tu me saíste - disse Lívia Drusa, divertida.

- Eu sabia que tu eras uma rapariga. Quando tive a Lila, também sabia. Porque não hei-de acertar

desta vez? Desta vez é diferente: eu trago-o dentro de mim de uma maneira diferente, e ele fala

comigo de outro modo.

- Fala contigo?

- Sim. Tu e a tua irmã também falavam comigo quando estavam dentro de mim.

Servília olhou para a mãe com uma expressão irónica.

- Francamente, mãe, és muito esquisita! E estás cada vez pior. Como é que um bebé pode falar

dentro de ti, se os bebés só aprendem a falar quando têm pelo menos um ano?

- És tal e qual o teu pai - disse Lívia Drusa, com uma expressão de raiva.

- Então não gostas do *tata?* Sempre me pareceu que não gostavas

- disse Servília, num tom mais indiferente que acusatório.

Servília tinha sete anos; já tinha idade suficiente, pensou a mãe, para conhecer certos factos. Não de uma maneira que a

indispusesse contra o pai, mas... Não seria agradável fazer da filha mais velha

uma verdadeira amiga?

- Não - retorquiu Lívia Drusa deliberadamente. - Não gosto do *tatá.* Queres saber porquê?

Servília encolheu os ombros.

- Vais-me dizer, quer eu queira quer não.

- Gostas do teu pai?

- Sim, gosto! É a melhor pessoa que há no mundo!

- Ah... Então tenho mesmo de te dizer porque não gosto dele. Se não to disser, ofender-te-ás

comigo. Tenho razões para não gostar dele.

- Acredito que sim.



- Minha querida, eu nunca quis casar com o teu pai. Foi o tio Marco que me obrigou a casar com

ele. Foi um mau princípio.

- Deves ter tido hipóteses de escolher - retorquiu Servília.

- Não tive a mínima hipótese. Raramente temos.

- Acho que devias ter aceite o facto de o tio Marco conhecer o mundo e a vida melhor do que tu.

Não acho nada errado que o tio Marco tenha escolhido um marido para ti - disse o juiz de sete anos.

- Francamente, Servília! - exclamou Lívia Drusa, fitando desesperada a filha. - Servília, nós nem

sempre podemos ditar quem amamos ou não amamos. Aconteceu que não gostei do teu *tatá.* Nunca

gostei dele. Tinha a tua idade e já o detestava. Mas os nossos pais tinham determinado que nos

casaríamos e o tio Marco não viu nada de errado nisso. Não consegui levá-lo a entender que a

ausência de amor pode não pôr em perigo um casamento, mas que a aversão pode arruiná-lo desde o

princípio.

- Acho-te uma parva - ripostou Servília com desdém. Mula teimosa! Lívia Drusa insistiu.

- O casamento, minha filha, é algo de muito íntimo. Detestar um marido ou uma esposa é uma carga

terrível. No casamento, os cônjuges tocam-se, mexem-se muito. E quando detestamos alguém, não

queremos que essa pessoa nos mexa. Conseguirás entender *isto!*

- Eu não gosto que ninguém me mexa - replicou Servília. A mãe sorriu.

- Felizmente que isso mudará! Bom, mas voltando ao que eu estava a dizer, obrigaram-me a casar

com um homem que eu não gosto que me toque. Um homem que detesto. Um homem que ainda

detesto. E apesar disso, há uma espécie de simpatia que se vai desenvolvendo. Eu amo-te, amo Lila.

Por isso acabei por gostar um bocadinho do teu pai, porque ele me ajudou a fazer-te a ti e a Lila.

Servília olhou para a mãe com uma expressão de profunda ira.

- Oh, francamente, mamã, que estúpida que és! Primeiro disseste que detestavas o *tatá,* agora dizer que gostas dele. Que disparate!

- Será um disparate, Servília, mas é humano. Amar e gostar são duas emoções profundamente

diferentes.

- Bom, no que me diz respeito, tenciono amar e gostar do marido que o meu *tatá* escolher para mim

- anunciou Servília, num tom de grande superioridade.



- Faço votos para que o tempo te dê razão - comentou Lívia Drusa, tentando imediatamente mudar o

rumo daquela penosa conversa.

- Sinto-me muito feliz agora. Sabes porquê?

Servília reflectiu um pouco, com a cabeça negra inclinada; passado um momento, fez que sim com

a cabeça.

- Sim, sei porquê, mas não entendo porquê. Estás feliz porque vives neste sítio horrível e vais ter

um filho. Os olhos negros faiscaram.

- E... e acho que tens um amigo.

A expressão de Lívia Drusa encheu-se de medo, um medo terrível; era uma expressão tão pungente

e assustada que a menina estremeceu, subitamente nervosa, surpreendida; de facto, Servília fizera

aquela observação por uma questão de mero instinto, pois ela não tinha amigos, e isso era algo que

a perturbava profundamente.

- Mas é claro que tenho um amigo! - exclamou a mãe, apagando todo o medo que inundara a sua

expressão. Pôde finalmente sorrir. Ele fala comigo dentro de mim.

- Pois não será *meu* amigo - ripostou Servília.

- Oh, Servília, não digas isso! Ele será o teu melhor amigo, como qualquer irmão!

- O tio Marco é teu irmão, mas obrigou-te a casar com o *tatá* e tu não gostavas dele.

- Isso em nada alterou a minha amizade por ele. Irmãos e irmãs crescem juntos. Conhecem-se

melhor do que a qualquer outra pessoa, e aprendem a gostar uns dos outros - disse Lívia Drusa

calorosamente.

- Não se pode aprender a gostar de alguém que se detesta.

- Estás enganada. Pode-se, de facto. Basta tentar. Servília fez um ruído grosseiro, irado.

- Nesse caso, porque é que não aprendeste a gostar do *tatá!*

- Mas ele não é meu irmão! - exclamou Lívia Drusa, sem saber o que mais dizer. Porque não

cooperava a filha? Porque teimava em mostrar-se obstinada e estúpida? Porque é filha de Cepião,

respondeu a mãe para si mesma. Oh, é tal e qual o pai! Só que muito mais esperta. Mais astuciosa.

- *Porcella,* o que a tua mãe quer é que sejas feliz, nada mais disse Lívia Drusa. - Por isso, prometo que nunca deixarei que o teu *tatá* te case com alguém que detestes.

- Pode ser que não estejas presente quando eu casar - retorquiu Servília.



- Porque não havia de estar?

- A tua mãe não estava, pois não?

- A minha mãe é um caso completamente diferente - respondeu Lívia Drusa, com um ar triste. - A

tua avó não morreu, não sei se sabes.

- Sei que não morreu. Vive com o tio Mamerco, mas não falamos com ela. É uma mulher perdida -

disse Servília.

- Quem te disse isso?

- O *tatá.*

- Mas tu nem sabes o que é uma mulher perdida!

- Sei, sim. É uma mulher que se esquece de que é uma patrícia.
Lívia Drusa reprimiu um sorriso.

- Essa definição é interessante, Servília. Achas que alguma vez esquecerás que és uma patrícia?

- Nunca! - replicou a rapariga com desdém. - Quando crescer, serei exactamente como o *tatá* quer que eu seja.

- Não sabia que falavas tanto com o *tata!*

- Fartamo-nos de falar um com o outro - mentiu Servília, e tão bem que a mãe não deu por nada.

Ignorada tanto pela mãe como pelo pai, Servília tomara desde muito pequena o partido do pai, já

que ele lhe parecia mais poderoso, mais necessário do que Lívia Drusa. Por isso, os seus devaneios

infantis andavam todos à volta de uma intimidade com o pai que não tinha nada de real ou mesmo

possível; o pai considerava as filhas um incómodo: queria um filho. Como sabia ela isso? Porque

deambulava como um espectro pela casa do tio Marco, escutando escondida todas as conversas,

escutando coisas que nunca deveria ter ouvido. E do ponto de vista de Servília, era o pai quem

falava como um verdadeiro Romano, e não o tio Marco - e de modo nenhum aquele zé-ninguém

italiano chamado Silão. Sentindo desesperadamente a ausência do pai, Servília temia agora o

inevitável

- o facto de o nascimento de um rapaz destruir todas as suas esperanças de vir a ser a favorita do

pai.

- Muito bem, Servília - disse Lívia Drusa com alguma brusquidão.

- Ainda bem que gostas do teu *tatá.* Mas terás de demonstrar alguma maturidade quando ele voltar e conversares com ele de novo. Disse-te que o detestava, mas isso é confidência. Um segredo entre

nós.

- Porquê? Ele não sabe?

Lívia Drusa pôs uma expressão irada, espantada.



- Se falas tanto com o teu pai, por certo sabes que ele não faz a mínima ideia de que eu o detesto. O

teu *tatá* não é um homem inteligente. Se fosse, talvez eu acabasse por gostar dele.

- Bom, a verdade é que nós nunca perdemos tempo a falar de *ti*

- disse Servília, com desprezo. - Só falamos de coisas importantes.

- Para uma menina de sete anos, já sabes muito bem magoar as pessoas.

- Nunca magoarei o meu *tatá* - disse a menina de sete anos.

- Ainda bem para ti! Mas lembra-te do que te disse. O que hoje te disse, ou tentei dizer-te, é um

segredo entre nós. Honrei-te com uma confidência e espero que trates essa confidência como

qualquer patrícia romana faria: com respeito.

Quando Lúcio Valério Flaco e Marco António Orador foram eleitos censores (corria o mês de

Abril), Quinto Popaedius Silão chegou a casa de Druso extremamente excitado.

- Oh, que maravilha podermos falar sem Quinto Servílio por perto!

- exclamou Silão com um sorriso largo; Silão nunca escondera a sua antipatia em relação a Cepião,

e Cepião fazia, aliás, o mesmo.

Compreendendo a antipatia de Silão - e concordando secretamente com ele, embora a lealdade

familiar o impedisse de o dizer -, Druso ignorou a observação.

- O que é que te deixou tão excitado? - perguntou.

- Os nossos censores! Projectaram o censo mais alargado que alguma vez se fez, *e* vão alterar o modo de o realizar. - Silão ergueu os braços acima da cabeça: estava exultante. - Oh, Marco Lívio,

não fazes ideia do pessimismo que sinto em relação à situação italiana! Chego a pensar que a única

solução para o nosso dilema é a secessão e a guerra com Roma.

Como era a primeira vez que ouvia os receios de Silão, Druso sentou-se muito direito e olhou

alarmado para o amigo.

- Secessão? Guerra? - perguntou. - Quinto Popaedius, como podes falar de secessão e guerra? A

situação italiana será resolvida por meios pacíficos! A esse fim consagro os meus esforços!

- Eu sei, meu amigo, e tens de me acreditar quando digo que secessão e guerra são coisas que não

desejo, muito pelo contrário. A Itália não tem qualquer necessidade dessas alternativas, e Roma

também não. Os custos em dinheiro e homens deixariam as nossas nações de



rastos durante décadas, fosse qual fosse o vencedor. Nas guerras civis não há despojos.

- Nem é bom pensar em tal coisa!

Silão mexeu-se na cadeira, pôs os braços sobre a secretária de Druso e inclinou-se, decidido, para a frente.

- Mas eu não penso, Lívio Druso! E não penso, porque de repente vejo uma maneira de conceder a cidadania a um número suficiente

de italianos, o que faria com que Roma nutrisse em relação a nós sentimentos

completamente diferentes.

- Uma emancipação de massas?

- Não. Uma emancipação total seria impossível. Mas uma emancipação suficientemente vasta, capaz de

conduzir à emancipação total - retorquiu Silão.

- Como? - perguntou Druso, sentindo-se um tanto defraudado; sempre se julgara à frente de Silão no

planeamento da total cidadania romana para os Italianos, mas, pelos vistos, estava enganado.

- Bom, como tu sabes, os censores sempre se preocuparam mais em descobrir quem e o que vivia em Roma.

Os censos rurais e provinciais têm sido morosos e completamente voluntários. Um rural que quisesse registar-se tinha de ir ao *duumviri* do seu município ou cidade, ou então era obrigado a deslocar-se à localidade mais próxima com um estatuto municipal. E, nas províncias, um homem tinha de ir ao governador, o que poderia significar uma longa viagem. Aqueles que se preocupavam com o assunto faziam a viagem. Os outros,

prometiam a si mesmos que iriam da próxima vez e confiavam que os funcionários do censo transferissem os seus nomes dos velhos pergaminhos para os novos, e a maior parte dos funcionários fazia isso.

- Estou perfeitamente a par disso tudo - disse Druso afavelmente.

- Não faz mal, não faz mal que oiças tudo de novo. Os nossos novos censores, Marco Lívio, formam um par curioso. Nunca achei António Orador especialmente eficiente. Mas se pensarmos na campanha que

desencadeou contra os piratas, temos de concluir que é um homem eficiente. Quanto a Lúcio Valério, *flamen Martialis* e ex-cônsul, só me lembro da confusão que provocou no último ano de governo de Saturnino, quando Caio Mário estava demasiado doente para governar. Mas todos os homens nascem com algum talento, diz o povo! E parece que Lúcio Valério tem um talento: um talento para a logística, creio que é esse o nome apropriado. Atravessei a Porta



Colina hoje, e passeava pelo baixo Fórum quando Lúcio Valério apareceu. - Silão abriu muito os

seus estranhos olhos, e soltou um arquejo teatral. - Imagina a minha surpresa quando o vi saudar-me

e perguntar-me se dispunha de algum tempo para falar com ele! Com um italiano! Naturalmente,

respondi que estava inteiramente às suas ordens. Lúcio Valério queria que eu lhe recomendasse os

nomes de alguns marsos romanos dispostos a fazerem um censo dos cidadãos e dos cidadãos

abrangidos pelos Direitos Latinos em território marso. Fazendo-me de estúpido, consegui arrancar-

lhe toda a história. Eles, quer dizer, ele e António Orador, tencionam criar uma equipa especial de

funcionários do censo, é assim que eles lhe chamam, e enviá-la para toda a Itália e para a Gália

Italiana em fins deste ano e no princípio do próximo, a fim de realizar um censo nas zonas rurais

mais afastadas. Segundo Lúcio Valério, os novos censores estão preocupados com o facto de o

sistema até agora seguido desprezar um vasto grupo de cidadãos e Latinos rurais que nunca fizeram

um esforço para que os registassem. Que achas disto?

- Que devo achar? - perguntou Druso espantado.

- Em primeiro lugar, isto é pensar claro, Marco Lívio.

- Claro! E pensar em termos comerciais, também. Mas que virtude especial desse projecto te deixa

tão excitado?

- Meu caro Druso, se nós, Italianos, conseguirmos influenciar esses tais funcionários do censo,

poderemos sem dúvida garantir que eles registem largos números de italianos como cidadãos

romanos. Não a ralé, mas homens que, por direito próprio, há muitos e muitos anos já deveriam ser

cidadãos romanos - disse Silão, num tom absolutamente convincente.

- Não podem fazer isso - retorquiu Druso gravemente. - Não é ético nem legal.

- Mas está moralmente certo!

- Não é uma questão de moralidade, Quinto Popaedius, é uma questão de leis. Qualquer cidadão

ilegítimo que aparecesse nos pergaminhos romanos seria um cidadão ilegal. Nunca poderia aprovar

uma coisa dessas, tal como tu, aliás. Não, não digas mais nada! Reflecte, e verás que tenho razão -

disse Druso num tom firme.

Por um longo momento Silão estudou a expressão do amigo, depois agitou as mãos exasperado.

- Ora, Marco Lívio, vai-te lixar! Seria tão *fácil*



- Fácil de fazer e fácil de descobrir. Registando esses falsos cidadãos, expõe-nos a todos à fúria da lei romana: a fustigação, os nomes numa lista negra, pesadas multas - disse Druso.

Um suspiro, um encolher de ombros.

- Muito bem. Entendo o teu ponto de vista - disse Silão, relutante.

- Mas era uma boa ideia.

- Não, era uma má ideia - insistiu Marco Lívio Druso, e daí não saía.

Silão nada mais disse, mas pela noite, quando a casa, mais vazia agora, sossegou, seguiu, sem o

saber, o exemplo da ausente Lívia Drusa, e foi sentar-se na balaustrada da *loggia.*

Não lhe ocorrera uma única vez que Druso poderia não partilhar o seu ponto de vista; se isso lhe

tivesse ocorrido, nunca falaria do assunto a Druso. Talvez esta seja uma das razões pelas quais

tantos e tantos romanos dizem que nós, Italianos, nunca poderemos ser Romanos, pensou

tristemente Silão. Não adivinhei o pensamento de Druso.

Estava numa situação incómoda, pois revelara as suas intenções; percebia que não podia contar com

o silêncio de Druso. Iria Druso contar aquela conversa a Lúcio Valério Flaco e Marco António

Orador?

A sua única alternativa era esperar e ver. E teria de se empenhar, e muito, e de usar de imensa

subtileza, para convencer Druso de que aquilo que dissera não passava de mais uma das suas

brilhantes ideias concebidas entre o Fórum e o Palatino, uma ideia parva e sem qualquer interesse

que uma noite de sono reduzira a cinzas.

É que Silão não tencionava abandonar o seu plano. A simplicidade e os objectivos desse plano

tornavam-no ainda mais atraente. Os censores *esperavam* registar muitos milhares de novos

cidadãos! Porque haveriam pois de pôr em dúvida um registo que revelasse uma importância muito

maior dos rurais? Tinha de viajar imediatamente para Boviano, a fim de se encontrar com Caio

Pápio Mutilo, o Samnita. Depois, reunir-se-iam com outros dirigentes dos Aliados Italianos. Os

homens que conduziam os destinos dos Aliados Italianos tinham de estar preparados para actuar,

quando chegasse a altura de os censores escolherem o seu pequeno exército de funcionários.

Subornar funcionários, introduzir funcionários que, secretamente, trabalhariam para a causa italiana, alterando registos, acrescentando nomes. Quanto à cidade de Roma, não a podia, nem queria,

subornar. Não-cidadãos de estatuto italiano vivendo na cidade



de Roma eram uma hipótese em que nem valia pensar; tinham migrado das terras dos seus antepassados para os arredores de uma enorme metrópole, para viverem mais sordidamente ou mais opulentamente: era gente irrecuperável.

Durante muito tempo, Silão ficou sentado na *loggia,* a cabeça num vendaval, porque era preciso definir os meios e os fins para alcançar o objectivo derradeiro - a igualdade para todos os homens dentro do território da Itália.

E de manhã, tratou de erradicar aquela indiscreta conversa da mente de Druso. Por isso se mostrou

adequadamente contrito, embora divertido, como se o assunto já não lhe interessasse nada, agora que Druso lhe tinha mostrado que estava errado.

- Não há dúvida, eu estava errado - disse ele a Druso, mas num tom perfeitamente descontraído. - Uma noite de sono chegou para te dar razão.

- Ainda bem! - retorquiu Druso, sorridente.

Quinto Servílio Cepião só regressou a casa no Outono do ano seguinte, após ter viajado de Esmirna, na Província da Ásia, para a Gália Italiana, e depois até Útica, na Província de África, e Gades, na Hispânia Ulterior, e voltando por fim à Gália Italiana. Distribuindo prosperidade, mas concentrando ainda mais prosperidade nas suas mãos. E lentamente, muito lentamente, o ouro de Tolosa foi-se transformando noutras coisas: grandes extensões de terra fértil ao longo do rio Bétis, na Hispânia Citerior, edifícios de apartamentos em Gades, Útica, Córdova, Híspalis, na Velha e na Nova Cartago, Cirta, Areias, Nemauso, e em todas as principais cidades da Gália Italiana para a produção de carvão e aço, juntaram-se outras, consagradas à produção têxtil; e sempre que encontrava terras de cultivo invulgarmente boas, Quinto Servílio Cepião comprava-as. Recorria a bancos italianos, mais que aos romanos, a companhias italianas, mais que às

romanas. E nem uma moeda sequer da sua fortuna ficou na Ásia Menor romana.

A sua chegada à casa de Marco Lívio Druso em Roma não fora anunciada. Por isso, descobriu que a esposa e as filhas se encontravam ausentes.

- Onde estão? - perguntou à irmã.

- Onde tu disseste que podiam estar - retorquiu Servília Cepião, surpreendida.

# 219

- Eu disse?

- Estão ainda na quinta tusculana de Marco Lívio - respondeu Servília, ansiosa que o marido regressasse a casa.

- Mas porque carga de água foram viver para Túsculo?

- Porque precisavam de paz e sossego. - Servília Cepião levou a mão à cabeça. - Deus do céu, eu devo ter confundido tudo! Estava convencida de que Marco Lívio me tinha dito que tu concordaras.

- Eu não concordei com nada - retorquiu irritado Cepião. - Estive fora mais de ano e meio, regresso a casa esperando receber as boas-vindas da minha mulher e das minhas filhas, e não as acho cá! É ridículo! Mas o que é que elas foram fazer para Túsculo?

Uma das virtudes de que os Servílios Cepiões mais se orgulhavam era a continência sexual aliada à fidelidade marital; durante todo o tempo em que estivera ausente, Cepião não procurara nenhuma mulher. Por isso, quanto mais se aproximava de Roma, mais premente se tornava a sua necessidade de ver a mulher.

- Lívia Drusa estava cansada de Roma e foi viver para a velha *villa* de Lívio Druso em Túsculo - disse Servília Cepião, com o coração batendo apressadamente. - Francamente, eu pensava que tinhas dado o teu consentimento! Mas, seja como for, a estadia em Túsculo não lhe fez mal nenhum, bem pelo contrário. Nunca a vi tão bem. Ou tão feliz. Sorriu para o irmão, o seu único irmão. - Tens um filho, Quinto Servílio. Nasceu em Dezembro, a 1 de Dezembro.

Aquela era obviamente uma boa notícia, mas mesmo assim incapaz de aplacar a ira de Cepião por não

encontrar a mulher e ter de adiar a satisfação da sua fome de sexo.

- Manda alguém a Túsculo com ordem para que regressem imediatamente - disse Cepião.

Druso chegou passado pouco tempo, encontrando o cunhado sentado, muito direito e tenso, no gabinete, sem livro algum na mão, e sem nada na cabeça a não ser a falta que Lívia Drusa cometera.

- O que é que se passou com Lívia Drusa? - perguntou Cepião mal viu Druso, ignorando a mão estendida e evitando o beijo, saudação fraternal.

Avisado pela mulher, Druso reagiu calmamente. Deu a volta à secretária e sentou-se.

- Lívia Drusa mudou-se para a minha quinta de Túsculo durante a tua ausência - disse Druso. - Não há nada de inconveniente nisso,



Quinto Servílio. Ela estava cansada da cidade, nada mais. E não há dúvida que a mudança lhe fez

bem. De facto, a minha irmã está óptima. E tu tens um filho.

- A minha irmã disse que tinha ficado com a impressão de que eu dera autorização para essa

mudança - disse Cepião, bufando. - Ora eu não dei autorização nenhuma!

- Sim, Lívia Drusa disse-me que a tinhas autorizado - retorquiu Druso, imperturbável. - Mas creio

que esse é um pormenor pouco importante. Creio que ela só pensou no assunto após a tua partida e

que tentou evitar contratempos dizendo-nos que tu tinhas consentido. Quando a vires, julgo que

compreenderás que ela fez o que fez na melhor das intenções. Nunca esteve tão bem de saúde, a sua

disposição é notável. Não há dúvida que a vida no campo é o que lhe convém.

- Terá de demonstrar mais disciplina. Druso ergueu uma sobrancelha.

- Quanto a isso, Quinto Servílio, o problema não me diz respeito. É algo de que não quero falar.

Prefiro falar da tua viagem.

Quando a escolta de criados chegou à quinta de Druso, ao fim da tarde desse mesmo dia, Lívia

Drusa estava presente para a receber. Não deixou transparecer qualquer consternação. Limitou-se a

aquiescer e a responder que estaria pronta a seguir para Roma ao meio-dia do dia seguinte. Depois,

chamou Mopso e deu-lhe as instruções necessárias.

A velha casa da quinta de Túsculo já se parecia agora com uma *villa* campestre, pois dispunha de um jardim com peristilo e de todas as comodidades higiénicas; com passo rápido, Lívia Drusa

encaminhou-se para a sala de estar, fechou a porta e as persianas, atirou-se para cima do divã e

chorou. Estava tudo acabado; Quinto Servílio voltava para casa, e casa, para Quinto Servílio,

significava cidade. Não a deixaria sequer visitar Túsculo. Claro que ele já sabia que ela mentira - e isso, dado o seu temperamento, bastava para que proibisse à mulher toda e qualquer deslocação a

Túsculo.

Catão Saloniano não se encontrava na sua *villa* do campo, porque o Senado estava reunido em

Roma; há várias semanas que Lívia Drusa não o via. Com lágrimas nos olhos, sentou-se à sua mesa

de trabalho, pegou numa folha, na pena e no tinteiro, e escreveu-lhe uma carta.



*O meu marido regressou e ordenou-me que seguisse para Roma. Quando tiveres lido esta carta, estarei já em casa do meu irmão em Roma, vigiada por tudo e todos. Não sei como nem quando poderemos voltar a*

*encontrar-nos.*

*Mas como poderei viver sem ti? Oh, meu querido, meu muito querido, como vou sobreviver sem ti? Não te ver, não sentir os teus braços, as tuas mãos, os teus lábios, é-me insuportável! Mas ele ditar-me-á tantas restrições, e em Roma todos sabem de todos - será que nunca mais te volto a ver? As palavras não chegam para exprimir todo o meu amor. Lembra-te. Amo-te.*

De manhã, Lívia Drusa foi dar o seu passeio diário, informando que estaria de volta antes do meio-

dia, hora a que partiriam para Roma. O seu passo costumava ser apressado, quase corria; porém,

naquela manhã, ia devagar, passeava, deixando-se inebriar pela paisagem outonal, deixando que

cada árvore, rocha, arbusto, se fixasse para sempre na memória, sua companheira nos anos de

solidão que se adivinhavam. E quando chegou à pequena casa caiada de branco onde ela e Catão se

encontravam há vinte e um meses, pôs-se a andar de um lado para o outro, percorrendo-a

lentamente, tocando em tudo com ternura e tristeza. Embora tudo apontasse o contrário, esperara

encontrá-lo naquela manhã. Mas de facto ele não estava lá. Por isso deixou a mensagem em cima da

cama, sabendo que ninguém, para além de Catão, entraria naquela casa.

Depois, foi a partida para Roma, uma viagem incómoda na *carpentum* fechada de duas rodas que

Cepião considerava apropriada ao transporte da esposa. De início, Lívia Drusa insistira em levar

consigo o bebé o pequeno Cepião, como toda a gente lhe chamava -, mas, ao fim de três dos vinte e

cinco quilómetros que separavam Túsculo de Roma, resolveu dar o bebé a um corpulento escravo

que faria o caminho a pé. Lila permaneceu com ela algum tempo mais, mas tantos eram os seus

vómitos que também ela acabou por ter de ir a pé. Lívia Drusa teria dado tudo para poder seguir a

pé, mas quando falou nisso, informaram-na os criados que as ordens do amo eram muito claras: ela

teria de fazer a viagem na *carpentum* com as janelas fechadas.

Servília, ao contrário de Lila, possuía um estômago de ferro, e por isso permaneceu na carruagem;

perante a possibilidade de fazer o



caminho a pé, retorquiu, arrogante, que uma patrícia não andava a pé. Percebia-se facilmente, pensou Lívia Drusa, que Servília estava muito nervosa; mas só ela se aperceberia da ansiedade da filha, porque a conhecia muito bem; de facto, poucos ou nenhuns eram os sinais exteriores desse nervosismo: apenas algum brilho nos olhos negros e dois vincos nos cantos da boca, uma boca pequena e cheia.

- Estou muito contente por te ver tão ansiosa por reencontrar o *tatá* - disse Lívia Drusa, agarrando-se a uma correia com toda a força pois a *carpentum* guinava a todo o momento.

- Pois tu não estás nada ansiosa - retorquiu maldosamente Servília.

- Tenta compreender! - exclamou a mãe. - Eu gostava tanto de viver em Túsculo! Odeio Roma!

- Ah - disse Servília, e assim terminou a conversa.

Cinco horas passadas, a *carpentum* e a sua vasta escolta chegaram à casa de Marco Lívio Druso.

- A pé chegava mais cedo! - disse Lívia Drusa, com algum azedume, para o *carpentarius,* quando este se afastou com a sua carruagem alugada.

Cepião estava à espera dela nos aposentos que ocupavam em casa do cunhado. Quando a esposa entrou,

Cepião acenou-lhe com um ar altivo e desinteressado, e o mesmo fez quando Lívia Drusa lhe trouxe as filhas.

De nada valeu a Servília ter premiado o pai com o seu mais largo e tímido sorriso.

- Vão-se embora, e digam à ama que traga o pequeno Quinto disse Lívia Drusa às filhas, empurrando-as para fora da sala.

Mas a ama já estava à espera. Lívia Drusa pegou no bebé e levou-o para que Cepião o visse.

- Eis o teu filho, Quinto Servílio! Não é tão bonito? - disse ela, sorrindo.

Havia exagero de mãe naquelas palavras, já que o pequeno Cepião não era uma criança bonita. Não era

também feia. Aos dez meses, sentava-se muito direito ao colo de Lívia Drusa e fitava os outros directa e sobriamente; não era uma criança sorridente ou encantadora. A sua já farta cabeleira lisa era de um tom fortemente ruivo, os olhos eram de um castanho-avelã claro, as pernas eram compridas, o rosto magro.

- Por Júpiter! - exclamou Cepião, fitando estupefacto o filho. Onde é que ele foi buscar esse cabelo ruivo?

- À família de minha mãe, diz Marco Lívio - retorquiu Lívia Drusa, sem trair qualquer perturbação.



- Ah! - exclamou Cepião, mais calmo; não porque suspeitasse de uma eventual infidelidade da

mulher, mas porque gostava de tudo muito bem explicado. Cepião nunca fora um homem afectuoso.

Não admira, por isso, que não pegasse sequer no bebé e que, só por insistência da mulher, lhe

fizesse um afago debaixo do queixo e falasse com ele como qualquer *tatá* faria.

- Muito bem - disse por fim Cepião. - Devolve-o à ama. É tempo de estarmos a sós, mulher.

- Mas estão à nossa espera para o jantar - retorquiu Lívia Drusa, entregando o bebé à ama. - De

facto - prosseguiu, o coração batendo apressado -, já estamos atrasados. Não podemos fazê-los

esperar mais tempo.

Cepião fechou as persianas e a porta.

- Eu não tenho fome - disse ele, começando a despir a toga. - E se tu tens, pior para ti. Hoje não

jantas, mulher!

Embora não fosse um homem sensível ou inteligente, Quinto Servílio Cepião não deixou de se

aperceber da mudança que se operara em Lívia Drusa no momento em que se deitou na cama ao

lado dela e a puxou contra si. Lívia Drusa estava tensa. Tensa e perfeitamente fria.

- O que é que se passa contigo? - gritou ele, desapontado.

- Como todas as mulheres, começo a não gostar disto - respondeu ela. - Ao fim de dois ou três

filhos, perdemos todo o interesse.

- Então será melhor que recuperes algum! - replicou Cepião, furioso. - Os homens da minha família

respeitam a continência e a moral, somos famosos por irmos para a cama apenas com as nossas

esposas. - As suas palavras soavam pomposas, ridículas, como se as debitasse mecanicamente.

Assim, se algum êxito teve, o reencontro dos dois cônjuges teve-o ao nível mais primário; apesar da

persistente solicitação do marido, Lívia Drusa manteve-se fria, apática, acabando por ofendê-lo

fortemente ao adormecer a meio do derradeiro esforço de Cepião. Lívia Drusa dormia e *ressonava.*

Violentamente, Cepião acordou-a.

- Como queres que tenhamos outro filho? - perguntou ele, com os dedos espetados nos ombros dela.

- Eu não quero mais filhos - retorquiu ela.

- Tem cuidado... - murmurou ele, prestes a ejacular. - Tem cuidado, senão divorcio-me.



- Se o divórcio significa que posso voltar para Túsculo, então que venha o divórcio - replicou ela,

enquanto o marido gemia de prazer.

- Odeio Roma. E odeio isto. - Lívia Drusa libertou-se do corpo do marido. - E agora? Já posso

dormir?

Cansado, Cepião não respondeu. De manhã, porém, acordou ainda mais furioso. Como seria de

prever, retomou o assunto discutido à noite.

- Sou teu marido - disse ele, vendo-a deixar silenciosamente a cama.

- Como tal, espero que a minha mulher seja uma esposa como deve ser.

- Já te disse, perdi todo o interesse por isto! - respondeu Lívia Drusa, acerbamente. - Se não te

agrada, Quinto Servílio, divorcia-te!

Cepião não pensara ainda na hipótese da infidelidade: o seu cérebro limitava-se a admitir que ela

queria o divórcio.

- Não haverá divórcio, mulher.

- Como sabes, eu também posso pedir o divórcio.

- Duvido que o teu irmão to permita. Mas isso pouco interessa. Não haverá divórcio. Não haverá

divórcio porque tu vais fazer um pequeno esforço para recuperares algum interesse. Ou melhor, eu

farei o esforço por ti, com uns açoites! - Cepião pegou no cinto de cabedal, dobrou-o, fê-lo estalar

contra a mão.

Lívia Drusa fitou-o estupefacta.

- Ora, deixa-te de fitas! - disse ela. - Eu não sou nenhuma criança!

- Mas estás a portar-te como uma criança.

- Não te atrevas a tocar-me!

Cepião agarrou-lhe no braço, dobrou-lho facilmente atrás das costas e puxou-lhe a camisa de dormir

para cima, segurando-a com a mesma mão com que lhe dobrava o braço. Depois, começou a açoitá-

la com violência: primeiro nas costas, depois nas coxas, nas nádegas, nas barrigas das pernas. Lívia

Drusa tentou libertar-se, mas depressa percebeu que ele era capaz de lhe partir o braço. De cada vez

que Cepião lhe batia, a dor aumentava, como um fogo devorador que queimava mais fundo que a

pele; a sua respiração entrecortada transformou-se em soluços, e depois em gritos de terror. Quando

ela caiu de joelhos e tentou ocultar a cabeça com os braços, Cepião largou-lhe o braço, pegou no

cinto com as duas mãos e chicoteou-lhe o corpo curvado num frenesim de raiva.

Para Cepião, os gritos dela eram um glorioso canto de triunfo e júbilo; rasgou-lhe a camisa de

dormir e continuou a açoitá-la até os seus braços não poderem mais de cansados.

225

Deixou então cair o cinto. Afastou-o com um pontapé. Agarrando na mulher pelo cabelo, pô-la de pé e

conduziu-a até ao cubículo onde dormiam, empestado por um fedor acre.

- Agora é que vamos ver! - berrou ele, ofegante, pegando no sexo erecto. - Obediência, mulher! Senão

apanhas mais! - E, enquanto se servia daquele corpo ensanguentado, Cepião acreditou sinceramente que os espasmos, a pulsação esbatida, os gritos angustiados da mulher, não eram senão sinais de excitação sexual.

Ouvidos houve na casa que deram por todo aquele barulho. Escondida atrás da colunata, à espera que o seu querido *tatá* acordasse, Servília ouviu tudo, tal como aliás alguns dos criados. Druso e Servília Cepião nada ouviram, e ninguém os informou, pois ninguém sabia como havia de lhes comunicar o sucedido.

Depois de dar banho à ama, a criada de Lívia Drusa, com uma expressão de terror, correu aos quartos dos escravos a contar o que a sua senhora sofrera.

- Tem o corpo cheio de vergões vermelhos! - disse ela a Cratipo, chefe dos criados. - Toda ela sangrava! E a cama, a cama estava cheia de sangue! Pobrezinha! Pobrezinha!

Cratipo chorou desoladamente, incapaz de se conter - mas não chorou sozinho, pois muitos eram os criados que conheciam Lívia Drusa desde menina, e que muito a amavam e sentiam por ela profunda compaixão. E

quando a viram, naquela manhã, voltaram a chorar; Lívia Drusa caminhava lenta, muito lentamente, sem

forças; dir-se-ia que tudo o que queria era morrer. Mas Cepião, apesar da raiva tresloucada com que lhe batera, revelara alguma astúcia. De facto, não se via uma única vergastada nos braços, no rosto, no pescoço ou nos pés da mulher.

Durante dois meses, a situação permaneceu inalterável: Cepião continuou a bater na mulher, com intervalos, mais ou menos regulares, de cinco dias. Só uma coisa mudara: Cepião concentrava-se de cada vez numa zona específica do corpo da mulher, o que permitia a cicatrização das feridas de outras zonas. Tais cenas

constituíam para ele um estímulo sexual irresistível, além de lhe darem uma sensação de poder fantástica; finalmente entendia a sabedoria dos antigos costumes, as estruturas em que se apoiava a instituição do *paterfamilias.* Finalmente entendia para que serviam de facto as mulheres.



Lívia Drusa não disse nada a ninguém, nem mesmo à criada que lhe dava banho e que agora

também lhe tratava das feridas. Era visível que estava completamente diferente, e isso inquietava

muito Druso e a esposa; atribuíram tal mudança ao regresso dela a Roma, embora Druso,

lembrando-se da resistência da irmã ao casamento com Cepião, desse consigo a pensar se não seria

a presença de Cepião a causa daquele andar arrastado, daquele rosto pálido, daquele mutismo.

No seu íntimo, tudo o que Lívia Drusa sentia era a agonia física provocada pelas flagelações e pelo

que se lhes seguia. Apática, dava consigo a pensar que aquilo talvez fosse um castigo; ou talvez

tanta dor tornasse a perda do seu amado Catão suportável; ou talvez os deuses estivessem realmente

a ser indulgentes para com ela, pois havia abortado já no terceiro mês de gestação (e essa criança,

Cepião viria a saber que não era sua). Sob o choque do súbito regresso do marido, Lívia Drusa só

pensara nesse problema quando ele deixara de o ser. Sim, não havia dúvida. Os deuses estavam a

ser indulgentes. Acabaria por morrer, mais tarde ou mais cedo, quando o marido se esquecesse de

deitar fora o cinto. E a morte era infinitamente preferível à vida com Quinto Servílio Cepião.

Toda a atmosfera daquela casa tinha mudado, e isso inquietava Druso; no entanto, a sua esposa

estava grávida, e essa era uma dádiva inesperada e jubilosa por que ansiavam há muito tempo.

Servília Cepião, apesar da gravidez, sentia-se tão perturbada quanto Druso por aquela inexplicável

nuvem negra que se abatera sobre o seu lar. E qual era de facto o problema? Poderia uma esposa

infeliz semear à sua volta tanta tristeza? Por alguma razão os criados se mostravam tão silenciosos e sérios. Normalmente, já nem ligava ao barulho que faziam, e estava habituado, desde criança, a que

as gargalhadas dos escravos o acordassem de quando em quando. Mas tudo isso acabara. Todos eles

vagueavam pela casa com expressões tristes, respondiam por monossílabos, limpavam o pó e

poliam e esfregavam e lavavam o chão como se quisessem ficar exaustos porque o sono não vinha.

E Cratipo, esse verdadeiro modelo de compostura, já não era o mesmo.

No último dia do ano, de manhã cedo, Druso conseguiu apanhar Cratipo antes que este ordenasse ao

porteiro que abrisse as portas da casa aos clientes do amo.

- Um momento - disse Druso, apontando para o seu gabinete. Preciso de falar contigo.



Porém, mal fechou a porta do gabinete, sentiu-se incapaz de abordar o assunto que o preocupava, e pôs-se a andar de um lado para o outro, enquanto Cratipo se deixou ficar quieto e parado, de olhos fixos no chão.

Finalmente Druso parou e olhou para o chefe dos criados.

- Cratipo, o que é que se passa? - perguntou, fazendo um gesto largo. - Ofendi-te de algum modo? Porque têm os criados um ar tão

infeliz? Há algum pormenor importante na forma como vos trato que eu tenha

desprezado? Se é esse o caso, agradeço-te que mo digas. Não quero que nenhum escravo meu se sinta um

desgraçado devido a uma falta minha, ou de um familiar meu. Mas sobretudo o que eu não quero é que te sintas mal por minha causa. Sem ti, esta casa será uma ruína!

Ao ouvir isto, Cratipo desatou a chorar. Horrorizado, Druso ficou sem saber o que fazer. Passado um

momento, instintivamente, conduziu o criado até ao divã, fê-lo sentar-se, sentou-se ao seu lado, pôs-lhe o braço por cima dos ombros, deu-lhe o seu lenço para secar as lágrimas. Mas o afecto de Druso só fazia com que Cratipo chorasse ainda mais. Prestes a chorar também, Druso levantou-se e foi buscar vinho. Convenceu Cratipo a beber e ao fim de algum tempo e esforço, conseguiu aquietá-lo.

- Oh, Marco Lívio, que fardo terrível!

- O quê, Cratipo?

- As tareias!

- *As tareias!*

- A maneira como ela grita! Gritos abafados! - E Cratipo desatou de novo a chorar.

- Estás a falar da minha irmã? - perguntou bruscamente Druso.

- Sim.

Druso sentiu o coração acelerar, o sangue subindo-lhe à cabeça, as mãos a tremer.

- Diz-me! Em nome dos nossos deuses do lar, ordeno-te que mo digas!

- Quinto Servílio. Ele acabará por matá-la.

As mãos de Lívio Druso tremiam agora visivelmente. Para se acalmar, precisou de respirar fundo.

- O marido da minha irmã bate-lhe?

- Sim, *domine,* sim! - exclamou o chefe dos criados, fazendo o possível por manter alguma compostura. - Eu sei que não me cabe a



mim fazer seja que comentário for, e juro que não o teria feito por minha vontade! Mas o meu amo

pediu-mo tão afavelmente, e com tanta preocupação que eu... eu...

- Acalma-te, Cratipo, não estou zangado contigo - retorquiu tranquilamente Druso. - Garanto-te que

fico imensamente grato por me teres informado. - Levantou-se e, amavelmente, ajudou Cratipo a

levantar-se também. - Agora vai dizer ao porteiro que apresente as minhas desculpas aos clientes.

Hoje não os receberei, tenho outras coisas para fazer. Diz à minha mulher que vá para o quarto das

crianças e que não saia de lá porque é preciso que todos os criados vão para a adega fazer um

trabalho de que preciso. Depois, diz aos criados que vão para os seus quartos. Todos eles. Tu

também. Mas antes de recolheres ao teu quarto, pede a Quinto Servílio e à minha irmã que venham

ter ao meu gabinete.

Vendo-se sozinho, Druso acalmou-se. Já não tremia e a sua ira transformara-se em desapego. Dizia

para si mesmo que talvez Cratipo tivesse exagerado, que as coisas não fossem tão más como os

criados pensavam.

Porém, ao fitar a irmã, Lívio Druso percebeu que ninguém tinha exagerado, que tudo aquilo era

verdade. Lívia Drusa entrara primeiro, e ele entendera toda a dor que a consumia, a depressão, o

medo, uma infelicidade sem nome, a vida que a abandonava. Cepião entrou logo a seguir, mais

intrigado que preocupado.

Levantando-se, Druso não convidou nenhum deles a sentar-se. Em vez disso, fitou com ódio o

cunhado e disse-lhe:

- Chegou ao meu conhecimento, Quinto Servílio, que tens maltratado fisicamente a minha irmã.

Lívia Drusa ficou ofegante ao ouvir aquilo. Cepião cruzou os braços e pôs uma expressão de

agressivo desdém.

- Aquilo que eu faço à minha mulher, Marco Lívio, só a mim me diz respeito - retorquiu Cepião.

- Não estou de acordo - respondeu Druso tão calmamente quanto podia. - A tua mulher é minha

irmã, membro de uma grande e poderosa família. Ninguém nesta casa lhe batia antes de se casar.

Não permitirei que tu ou seja quem for lhe bata agora.

- Ela é minha mulher. O que implica que quem manda nela sou eu, e não o seu irmão, Marco Lívio!

Eu disponho da minha mulher como muito bem entender.



- Estás ligado a Lívia Drusa pelo casamento - disse Druso, com uma expressão mais dura. - Eu

estou ligado a ela pelo sangue. E o sangue não pode ser desprezado. Não permitirei por isso que

batas na minha irmã!

- Tu *disseste* que não te interessavam os meus métodos de a disciplinar! E tinhas razão. É um assunto que não te diz respeito.

- Quando um marido bate na mulher, o caso interessa a todos. Ainda que seja a mais abjecta das

acções. - Druso fitou a irmã. - Por favor, Lívia Drusa, despe a tua roupa. Quero ver o que este

indivíduo te fez.

- Não tiras a roupa, mulher! - gritou Cepião, compreensivelmente furioso. - Vais despir-te à frente

de um homem que não é teu marido? Não o farás!

- Despe-te, Lívia Drusa - disse Druso. Lívia Drusa não se mexia, nem falava.

- Minha querida irmã, tens de fazer o que te peço - disse Druso afavelmente, e aproximou-se dela. -

Eu tenho de ver.

Quando Lívio Druso lhe tocou no ombro, ela deu um grito e afastou-se; Lívio Druso insistiu,

tocando-lhe tão ao de leve quanto possível; por fim, conseguiu desprender-lhe o vestido.

Aos olhos de um homem da classe senatorial, um homem que batia na mulher era digno do maior

desprezo. Apesar de saber isso, Cepião não teve coragem de deter Lívio Druso. O vestido ficou

pendurado sob os seios de Lívia Drusa; desfigurando esses seios belíssimos, viam-se marcas de

vergões antigos, de um púrpura pálido, ou de um amarelo de enxofre. Druso desapertou o cinto.

Tanto o vestido como a saia de baixo caíram aos pés da irmã. As coxas de Lívia Drusa tinham sido

a mais recente vítima das chicotadas, e estavam ainda inchadas, e a carne, ferida, tinha um tom

escarlate, carmim. Ternamente, Druso puxou para cima o vestido e a anágua, ergueu as mãos inertes

da irmã, fê-la segurar a roupa. Virou-se então para o cunhado.

- Sai da minha casa - disse ele, controlando rigidamente o rosto.

- A minha mulher é minha propriedade - retorquiu Cepião. - A lei autoriza-me a que a trate da

maneira que eu achar necessária. Posso até matá-la.

- A tua mulher é minha irmã, e eu não deixarei que um Lívio Druso seja maltratado. De facto, o que

tens feito a minha irmã não o faria eu ao mais estúpido e intratável dos animais da minha quinta

disse Druso. - Sai da minha casa!



- Se eu me vou embora, ela vem comigo - ripostou Cepião.

- Ela fica comigo. Agora desaparece, espancador de mulheres! Nesse momento, ouviu-se uma vozinha aguda, cheia de rancor e

maldade:

- Ela merece-o! Ela merece-o! - gritou Servília, correndo a agarrar-se ao pai. - Não lhe batas, pai! Mata-a! -

acrescentou, fitando o pai.

- Volta para o teu quarto, Servília - disse Druso, já saturado. Mas Servília agarrou-se à mão de Cepião e, com os pés afastados,

e os olhos falseando, fitou Druso com uma expressão de desafio.

- Ela merece que a mates! - gritou a criança. - *Eu* sei porque é que ela gostava de viver em Túsculo! *Eu* sei o que ela fez em Túsculo! *Eu* sei porque é que o menino é ruivo!

Cepião largou a mão da filha como se ela ardesse. O marido de Lívia Drusa começava a entender.

- Que queres dizer com isso, Servília? - perguntou, abanando a filha violentamente. - Vá, rapariga, diz o que tens a dizer!

- Ela tinha um amante, e eu sei quem é! - gritou a filha, os lábios muito afastados dos dentes. - A minha mãe tinha um amante! Um homem ruivo. Encontravam-se todas as manhãs numa casa da quinta dele. *Eu* sei, eu segui-a! *Eu* vi o que eles faziam na cama! E *eu* sei o nome dele! Marco Pórcio Catão Saloniano! O

descendente de um *escravo!* Eu sei o nome dele, porque perguntei à tia Servília Cepião! - Fitou então o pai, com uma expressão que, nesse instante, passava do ódio à adoração. - *Tatá,* se não a matares, deixa-a aqui!

Ela não presta para ti! Ela não te merece! Quem é ela, no fim de contas! Uma plebeia, ela não pertence à nossa classe, à classe dos patrícios! Deixa-a aqui que eu cuidarei de ti, prometo-te!

Druso e Cepião pareciam petrificados, enquanto Lívia Drusa parecia finalmente viver. Apertou o vestido e o cinto, e encarou a filha.

- Menina, as coisas não são como tu pensas - disse ela, meigamente, estendendo a mão para afagar a face da filha.

Servília, porém, repeliu a mão da mãe, colando-se ao pai.

- Eu sei como as coisas são! Não preciso que *tu* mo digas! Desonraste o nosso nome, o nome do meu pai!

Mereces a morte! E o rapaz não é filho do meu pai!

- O pequeno Quinto é filho do teu pai! - retorquiu Lívia Drusa.

- É teu irmão.

231

- Ele é filho do homem ruivo, é filho de um escravo! - gritou ela, puxando pela túnica de Cepião. - *Tatá,* leva-me daqui, por favor!

Como resposta, Cepião agarrou na filha e afastou-a com tanta força que ela caiu.

- Que estúpido que eu sou - disse ele, numa voz sumida. - A rapariga tem razão. Mereces morrer. É pena que não tenha batido mais vezes e com mais força. - De punhos cerrados, Cepião desapareceu a toda a pressa do gabinete, com a filha correndo atrás dele, pedindo que esperasse por ela, chorando e gemendo ruidosamente.

Druso e a irmã estavam finalmente sós.

As pernas dele pareciam não querer aguentá-lo de pé; abeirou-se da cadeira, deixou-se cair nela pesadamente.

Lívia Drusa! Sangue do seu sangue! A sua única irmã! Uma adúltera, uma *meretriz.* No entanto, só depois daquela odiosa cena começava a aperceber-se de quanto a amava; só agora entendia quão profundamente a difícil situação da irmã o afectava, só agora percebia quão responsável era por tudo aquilo.

- A culpa é minha - disse ele, de lábios a tremer. Ela deixou-se cair no divã.

- Não, de facto, a culpa é toda minha - retorquiu Lívia Drusa.

- É verdade? É verdade que tens um amante?

- *Tive* um amante, Marco Lívio. O primeiro, o único. Não o vejo nem sei dele desde que deixei Túsculo.

- Mas não era por isso que Cepião te batia.

- Não.

- Então porque era?

- Depois de ter conhecido Marco Pórcio, nunca conseguiria fingir

- respondeu Lívia Drusa. - A minha indiferença deixava-o furioso, por isso me batia. Até que descobriu que lhe dava prazer bater-me. Excitava-o.

Por um breve momento, Druso teve a sensação de que ia vomitar. Depois, ergueu os braços e agitou-os num gesto impotente.

- Por todos os deuses, em que mundo nós vivemos! - exclamou.

- És vítima de uma injustiça que eu cometi, Lívia Drusa.

Ela levantou-se do divã e foi sentar-se na cadeira dos clientes.

- Aquilo que fizeste, fizeste-o de acordo com a tua consciência disse ela afavelmente. - Sinceramente, Marco Lívio, entendi isso há já vários anos. As tuas muitas atenções, a tua amabilidade para comigo desde que casei, fizeram com que te amasse, a ti e à tua mulher.



- A minha mulher! - exclamou Druso. - Como se sentirá ela quando souber de tudo isto?

- Temos de lhe ocultar a verdade tanto quanto possível - disse Lívia Drusa. - A gravidez dela tem corrido bem, não vamos fazer nada que possa comprometer o seu estado.

Druso estava já de pé.

- Fica aqui - disse ele, encaminhando-se para a porta.

- É preciso que o irmão dela não lhe diga nada que possa perturbá-la. Bebe um pouco de vinho. Eu não

demoro.

Mas Cepião nem na irmã pensara. Do gabinete de Druso seguira a toda a pressa para os seus aposentos, com a filha atrás, chorando e agarrando-se à cintura dele até ao momento em que ele a calou com uma bofetada e a fechou no seu quarto. Druso foi encontrá-la deitada no chão, a um canto, curvada sobre si mesma, soluçando ainda.

Os criados tinham entretanto voltado ao trabalho e por isso Druso ajudou-a a levantar-se e conduziu-a para fora do quarto; não muito longe, encontrava-se uma criada das crianças, rondando, sem saber o que fazer.

- Acalma-te, Servília. Eu vou chamar Stratonice para que te lave a cara e te dê o pequeno-almoço.

- Eu quero o meu *tatá!*

- Minha querida, o teu *tatá* deixou a minha casa. Mas não desesperes. Tenho a certeza de que mandará buscar-te logo que tenha os seus assuntos resolvidos - disse Druso, sem saber ao certo se estava grato a Servília por ela ter revelado toda a verdade ou se a detestava por isso.

Ao ouvir aquilo, Servília alegrou-se.

- Sim, sim, ele manda-me buscar, ele manda-me buscar - disse ela, encaminhando-se com o tio na direcção da colunata.

- Vá, agora vai com Tratonice - disse Druso, acrescentando com uma expressão grave: - E procura ser

discreta, Servília. Para o bem da tua tia, e para o bem do teu pai, sim, para o bem do teu pai!, não fales a ninguém do que se passou aqui esta manhã.

- Como poderei fazer mal ao meu pai se falar? Ele é a vítima!

- Nenhum homem gosta que o rebaixem, Servília. Acredita no que te digo, o teu pai não te agradecerá se falares.

Servília encolheu os ombros, e lá foi com a criada; Druso foi então ter com a mulher, e disse-lhe apenas o que achava que ela devia



saber. Para sua surpresa, Servília Cepião reagiu tranquilamente às novidades.

- Só posso ficar satisfeita por se saber finalmente qual é o problema

- retorquiu ela. - Pobre Lívia Drusa! Creio, Marco Lívio, que não gosto muito do meu irmão. Quanto mais velho, mais intratável. Embora me lembre que quando éramos pequenos, ele costumava fazer mal aos filhos dos escravos.

Depois, Marco Lívio voltou para ao pé da irmã, que continuava sentada na cadeira dos clientes,

aparentemente recomposta. Marco Lívio sentou-se.

- Mas que manhã esta! Mal eu sabia o que ia acontecer quando perguntei a Cratipo por que motivo ele e os criados andavam tão tristes.

- Tristes? - perguntou Lívia Drusa, espantada.

- Sim. Andavam tristes por tua causa, minha querida. Ouviam Cepião bater-te. Não te esqueças de que eles te conhecem desde menina. Gostam muito de ti, Lívia Drusa.

- Que bom! Nunca me tinha apercebido...

- Nem eu, devo confessar. Por todos os deuses, que estúpido que eu sou! Toda esta confusão me deixa triste, muito triste.

- Não estejas triste, Marco Lívio - disse ela, suspirando. - Ele levou Servília?

Druso sorriu.

- Não. Fechou-a no teu quarto.

- Pobrezinha! Ela que o adora!

- Sim, é visível que o adora. Não consigo perceber porquê.

- Que vai acontecer agora, Marco Lívio? Ele encolheu os ombros.

- Para ser sincero, não faço a mínima ideia! Talvez o melhor seja nós comportarmo-nos tão normalmente quanto possível e esperarmos por notícias de... - ia a dizer Cepião, como fizera durante toda a manhã, mas obrigou-se a usar um tom formal - de Quinto Servílio.

- E se ele se divorciar, como espero?

- Bom, nesse caso ficarás livre dele.

Mas a principal preocupação de Lívia Drusa era outra. Ansiosamente, perguntou:

- E Marco Pórcio Catão?

- Esse homem é muito importante para ti, não é?

- Sim, de facto é.

- O menino é filho dele, Lívia Drusa?

Quantas vezes Lívia Drusa pensara em tal pergunta! Que diria ela quando algum familiar lhe falasse da cor do cabelo do filho, ou da sua parecença, cada vez mais nítida com Marco Pórcio Catão? Parecia-lhe que Cepião lhe devia algo em troca dos anos de paciente servidão, do comportamento modelar - e em troca dos maus tratos. O filho dela tinha um nome. Se ela declarasse que Catão era o pai, a criança perderia esse nome - e, dado que o menino nascera com esse nome, não poderia, em tal caso, escapar à mácula da ilegitimidade. A data do nascimento não excluía a hipótese de Cepião ser o pai, ela era a única pessoa que sabia, com total certeza, que Cepião não era o pai daquela criança.

- Não, Marco Lívio, o menino é filho de Quinto Servílio - retorquiu ela com firmeza. - A minha ligação com Marco Pórcio começou já depois de eu estar grávida.

- Pena que seja ruivo - disse Druso, sem qualquer expressão no rosto.

Lívia Drusa sorriu ironicamente.

- Nunca pensaste nas partidas que o Destino nos prega a nós, mortais? - perguntou. - Quando conheci Marco Pórcio, tive a sensação de que o Destino conjurava engenhosamente contra nós. Por isso, quando o pequeno Quinto nasceu ruivo, não fiquei nada surpreendida, embora tenha consciência de que ninguém acreditará em mim.

- Eu estarei contigo, minha irmã - disse Druso. - Aconteça o que acontecer, dar-te-ei todo o meu apoio.

Lágrimas assomaram aos olhos de Lívia Drusa.

- Obrigada, Marco Lívio, agradeço-te muito essas palavras!

- É o mínimo que posso fazer. - Marco Lívio Druso pigarreou, acrescentando depois: - Quanto a Servília Cepião podes contar que ela me apoiará; e, apoiando-me a mim, está a apoiar-te a ti.

Cepião enviou a notificação do divórcio ao fim do dia, acompanhando-a de uma carta para Druso que deixou este perfeitamente estupefacto.

- Sabes o que aquele insecto diz na carta - perguntou Druso à irmã, agora de cama, após ter sido vista por vários médicos.

Deitada de barriga para baixo, enquanto dois assistentes dos médicos lhe enchiam as costas de cataplasmas, Lívia Drusa tinha dificuldade



em ver a cara do irmão; virando o pescoço, conseguiu vê-lo pelo canto do olho.

- Que diz ele? - perguntou Lívia Drusa.

- Em primeiro lugar, nega a paternidade aos seus três filhos! A todos eles, sem excepção! Recusa-se

a devolver o teu dote, e acusa-te de múltiplas infidelidades. Recusa-se ainda a pagar-me o que me

deve pelo facto de o ter hospedado a ele e aos seus durante mais de sete anos. Justifica a sua atitude, dizendo que tu nunca foste mulher dele e que não é pai dos teus filhos, que os pais são outros.

Lívia Drusa deixou cair a cabeça na almofada.

- *Ecastor!* Marco Lívio, eu já nem falo do menino, mas... como é possível que ele faça uma coisa dessas às filhas? Ainda compreendo que tenha uma atitude dessas em relação ao pequeno Quinto,

mas quanto a Servília e Lila? Ah, Servília vai ficar destroçada.

- Ah, mas ele diz mais! - exclamou Druso, acenando com a carta.

- Diz que vai alterar o seu testamento, a fim de deserdar os três filhos. E ainda por cima tem o

descaramento de me pedir que lhe devolva o "seu" anel! O *seu* anel!

Lívia Drusa sabia a que anel o irmão se referia. Um anel que pertencera ao pai e ao avô, e que se

dizia ser um anel de selo de Alexandre, o Grande. Na altura em que, eram ainda rapazes, se tornara

amigo de Marco Lívio Druso, Quinto Servílio Cepião cobiçara o anel. Vira-o depois passar dos

dedos frios de Druso, o Censor, para a mão do amigo, e, finalmente, aquando da sua partida para

Esmirna e para a Gália Italiana, pedira a Druso que lhe emprestasse o anel, pois achava que este lhe

traria sorte. Druso, de início, não queria aceder a tal pedido, mas, temendo que o cunhado o achasse

grosseiro, acabou por emprestar-lho. Contudo, mal Cepião regressou, Druso pediu-lhe o anel. Ao

princípio, Cepião tentou encontrar um motivo qualquer para ficar com o anel, mas por fim

concordou em devolvê-lo, dizendo, com uma sonora gargalhada:

”Muito bem! Muito bem! Mas da próxima vez que viajar, hás-de emprestar-mo outra vez. Não há

dúvida que dá sorte.”

- Que atrevimento! - exclamou Druso, furioso, agarrando no dedo em que trazia o anel, como se

naquele momento Cepião pudesse aparecer e tirar-lho. O anel só se aguentava no dedo mínimo, mas

estava suficientemente largo para que não fosse difícil roubá-lo, estando o seu possuidor distraído.

O facto de Alexandre, o Grande, ter sido um homem muito pequeno, era a razão de o anel ser

também minúsculo.



- Não ligues, Marco Lívio - disse Lívia Drusa, tentando confortá-lo. Depois, voltou a virar a cabeça para o ver tanto quanto lhe era possível.

- Que acontecerá aos meus filhos? - perguntou. - Ele pode fazer uma coisa destas?

- Primeiro terá de se haver comigo - retorquiu Druso com um ar severo. - Ele também te mandou uma carta?

- Não. Apenas a notificação do divórcio.

- Mas agora descansa, minha querida, vê se te pões boa.

- E que vou dizer aos meus filhos?

- Nada, enquanto eu não der cabo do pai.

Regressando ao seu gabinete, Marco Lívio Druso pegou num pergaminho da melhor qualidade (queria que

aquela carta resistisse ao tempo) e respondeu a Cepião.

*É evidente, Quinto Servílio, que tens toda a liberdade para negar a paternidade dos teus três filhos. Mas eu também tenho toda a liberdade para jurar que eles são teus filhos, e fá-lo-ei se tiver de o fazer num tribunal.*

*Comeste do meu pão e bebeste do meu vinho desde o mês de Abril do ano em que Caio Mário foi eleito cônsul pela terceira vez, até ao momento em que partiste para o estrangeiro, há precisamente vinte e três meses. Durante a tua ausência, naturalmente, continuei a alimentar, a vestir e a albergar a tua mulher e família. Desafio-te a apresentar uma prova que seja da infidelidade de minha irmã durante os anos em que tu e ela viveram nesta casa. E se examinares o registo de nascimento do teu filho, verás que também ele deve ter sido concebido em minha casa.*

*Aconselho-te muito vivamente a que desistas da intenção de deserdar os teus três filhos. Caso persistas nessa atitude, mover-te-ei um processo judicial em nome dos teus filhos. Quando me dirigir ao júri, revelarei certas informações que possuo acerca do* aurum Tolosanum, *e do que sucedeu a largas somas que retiraste de Esmirna e investiste em casas bancárias, propriedades e práticas comerciais condenadas por lei na ponta ocidental do mar Central. Entre as testemunhas, ver-me-ei forçado a chamar alguns dos mais prestigiosos médicos de Roma, que atestarão a natureza potencialmente mutiladora das sevícias que infligiste a minha irmã. Além disso, não deixarei de chamar minha irmã como testemunha, bem como o chefe dos meus criados, que ouviu o que ouviu.*



*No que toca ao dote da minha irmã, e às centenas de milhar de sestércios que me deves por te ter sustentado, bem como à tua*

*família, não sujarei as minhas mãos com o reembolso. Fica com o dinheiro. De nada te servirá.*

*Finalmente, vamos ao caso do meu anel: é tão público e notório que se trata de um objecto herdado desde há longas gerações pela família liviana que seria inteligente da tua parte se, de uma vez por todas, desistissses de o ter no teu dedo.*

Selada a carta, Lívio Druso chamou um criado para que a levasse imediatamente à nova toca de Cepião, a casa de Lúcio Márcio Filipe. O criado regressou pouco depois, com a notícia de que não havia resposta: coxeava, pois tinha levado um pontapé que o deitara por terra. Com um meio-sorriso, Druso deu dez dinheiros ao escravo, sentou-se de novo, cerrou os olhos, e divertiu-se a imaginar a ira de Cepião, uma ira que o cunhado tinha de abafar. Druso sabia que não haveria processo judicial. E fosse quem fosse o pai do pequeno Quinto, o certo é que, oficialmente, ele seria filho de Cepião. O herdeiro do ouro de Tolosa. Com um sorriso agora franco, Druso deu consigo a imaginar o ninho dos Servílios Cepiões agora com uma ave estranha: o pequeno Quinto, ruivo, de pescoço alto e nariz volumoso. Que deliciosa paga para um homem que batia na mulher!

Pouco depois, foi ao quarto das crianças e disse a sua sobrinha Servília que o acompanhasse ao jardim. Até então, nunca lhe dera de facto muita atenção: limitava-se a saudá-la com um sorriso quando passava por ela, ou fazia-lhe uma festa na cabeça, ou dava-lhe uma prenda no momento adequado; quando pensava nela, via-a como uma infeliz, sempre carrancuda, nunca sorridente. Como podia Cepião negar que era pai dela? Aquela menina má e vingativa era, toda ela, o pai. Druso achava que as crianças nada tinham a ver com os assuntos dos adultos, e o comportamento da sobrinha naquela manhã deixara-o horrorizado. Sim, ela era uma criança maldosa e mexeriqueira! Teria sido bem feito, se Cepião a deserdasse como pretendia.

Com uma expressão pétrea e olhos frios como gelo, Druso viu a sobrinha sair do quarto das crianças e

aproximar-se da fonte do peristilo.

- Servília, já que, esta manhã, te imiscuíste nas questões que só aos teus pais e tio diziam respeito, achei que seria melhor informar-te



pessoalmente de que o teu pai considerou conveniente divorciar-se de tua mãe.

- Ah, que bom! - disse Servília, achando a sua honra satisfeita.

- Faço as malas já e vou ter com ele.

- Não vais - disse Druso, tendo o cuidado de soletrar muito claramente. - O teu pai não te quer.

A criança ficou tão pálida que, em circunstâncias normais, Druso, temendo pelo seu bem-estar, tê-la-ia deitado; limitou-se, porém, a vê-la vacilar. Mas Servília não desmaiou. Pôs-se muito direita e o sangue voltou ao seu rosto.

- Não acredito! - disse. - O meu *tatá* não me faria uma coisa dessas, eu sei que não faria!

Druso encolheu os ombros.

- Se não acreditas, vai ter com ele - retorquiu. - Ele não está longe, está em casa de Lúcio Márcio Filipe. Vai, vai perguntar-lhe.

- Pois vou! - exclamou Servília, e logo desandou, com a criada atrás.

- Deixa-a ir, Stratonice - disse Druso. - Limita-te a ir atrás dela, é preciso que ela volte para esta casa.

Que infelizes, todos eles!, pensou Druso, ainda junto à fonte. E que infeliz eu me sentiria se não fosse a minha querida Servília Cepião, e o nosso filho - e a criança que ela traz no ventre; tão tranquila, tão aconchegada. A sua tristeza estava a desaparecer, sufocada por aquele impulso para fustigar Servília, já que não conseguia bater no pai. O desmaiado sol aquecia-lhe o corpo, a agitação do dia esbatia-se; e o seu sentido da justiça voltava a impôr-se. Ele era de novo Marco Lívio Druso, advogado dos ofendidos. Mas nunca advogado de

Quinto Servílio Cepião, por muito ofendido que ele tivesse sido.

Quando Servília regressou, Druso estava sentado junto à fonte cuja água, prateada pelo sol, jorrava da boca de um golfinho. Tinha os olhos cerrados, o rosto perfeitamente sereno.

- Tio Marco! - exclamou ela, rispidamente. Druso abriu os olhos e fez um esforço para sorrir.

- Olá - disse ele. - Que sucedeu?

- Ele não me quer, diz que eu não sou filha dele, que sou filha de outro homem - respondeu a menina, muito tensa.

- Se fosse eu a dizer-to, não acreditarias.

- Porque havia de acreditar? O tio está do lado *dela.*



- Servília, tens de ser mais indulgente em relação à tua mãe. Ela é que foi ofendida, não o teu pai.

- Como podes dizer uma coisa dessas? Ela tinha um amante!

- Se o teu pai tivesse sido mais amável, mais gentil para com a tua mãe, ela não teria procurado um amante.

Um homem que bate na mulher não tem desculpa possível.

- Ele devia tê-la morto, em vez de lhe bater. Se fosse eu, matava-a. Druso desistiu.

- Desaparece já, miúda maldita!

É de esperar que a rejeição do pai só traga benefícios para Servília, pensou Druso, fechando de novo os olhos.

Com o tempo, é natural que se aproxime mais da mãe.

Pouco depois, sentindo fome, Druso comeu pão e azeitonas e ovos cozidos com a mulher; enquanto comia, informou-a mais pormenorizadamente do que acontecera. Como sabia que ela, como todos os da sua família, dava grande importância à posição social de cada um, não fazia ideia de como ela reagiria à notícia de que o irmão se divorciara por a cunhada se ter envolvido com um homem de origens servis. Mas - apesar de a

identidade do amante de Lívia Drusa a ter de facto desapontado - Servília Cepião estava demasiado

apaixonada por Druso para se lhe opor; descobrira muitos anos antes que as famílias significavam sempre lealdades divididas, e por isso optara pela lealdade a Druso. Os anos em que partilhara a casa com Cepião não a tinham aproximado dele, pois a sua insegurança de menina desaparecera já e vivera com Druso o tempo suficiente para receber dele alguma da sua coragem.

Tiveram por isso uma refeição agradável apesar da situação, e Druso sentiu-se mais capaz de enfrentar todos os problemas que o dia pudesse trazer. E os problemas não tardaram: ao princípio da tarde, apareceu-lhe em casa Marco Pórcio Catão Saloniano.

Convidando Catão a dar um passeio pela colunata, Druso preparou-se para o pior.

- Que sabes do que se passou? - perguntou Druso calmamente.

- Há alguns instantes, Quinto Servílio Cepião e Lúcio Márcio Filipe foram visitar-me - retorquiu Catão, num tom tão normal como o de Druso.

- Os dois, ha? Presumo que Filipe fez o papel de testemunha comentou Druso.



- Sim.

- E que aconteceu?

- Cepião informou-me apenas de que se tinha divorciado porque a mulher cometera adultério comigo.

- Nada mais?

Catão pôs uma expressão intrigada.

- E que mais poderia ele dizer? O certo, porém, é que o disse em frente da minha mulher, que de imediato foi para casa do pai.

- Por todos os deuses, isto nunca mais pára! - exclamou Druso, fazendo um gesto largo, exasperado. - Senta-te, Marco Pórcio. Será melhor que te conte tudo. O divórcio é apenas um pormenor.

Posto perante todos os factos, Catão ficou mais furioso ainda que Druso; os Pórcios Catões exibiam uma expressão formidável de imperturbável serenidade, mas todos eles - homens e mulheres - eram conhecidos pelo seu génio irascível. Druso necessitou de muito tempo e de muitas palavras sensatas para convencer Catão de que se matasse Cepião - ou mesmo se o deixasse apenas meio-morto de pancada - as coisas só piorariam para Lívia Drusa. Depois de se certificar de que a fúria de Catão esmorecera, Druso levou-o a ver Lívia Drusa; as dúvidas que pudesse ter em relação à profundidade dos sentimentos que ambos nutriam desfizeram-se por completo ao

assistir àquele encontro. Sim, aquele era um amor para toda a vida. Pobres amantes!

- Cratipo - disse ele ao chefe dos criados depois de ter deixado o casal sozinho. - Tenho fome outra vez, tenciono jantar imediatamente. Agradecia que informasses minha esposa.

Mas Servília Cepião resolvera ficar no quarto das crianças, porque Servília deitara-se na cama e anunciara que não comeria nem beberia mais nada e que o pai havia de se arrepender quando soubesse que ela tinha

morrido.

Druso foi sozinho para a sala de jantar, desejando que aquele dia acabasse rapidamente e que não houvesse nunca mais outro igual na sua vida. Com um suspiro de agradecimento por finalmente poder descansar, Druso instalou-se no seu divã aguardando o *gustatio.*

- Mas que aconteceu por aqui? - perguntou alguém à porta da sala.

- Tio Públio!

- Bom, qual é a verdadeira história? - perguntou Públio Rutílio Rufo, descalçando os sapatos e mandando embora o criado que queria



lavar-lhe os pés. Subiu então para o divã ao lado de Druso e encostou-se sobre o cotovelo esquerdo, com uma expressão de viva curiosidade, felizmente mitigada pela simpatia e preocupação. - Espalharam-se já por Roma uma quantidade de versões, todas elas diferentes e confusas: divórcio, adultério, amantes escravos, homens que batem nas esposas, crianças perversas, etc., etc. Qual é a origem de tudo isto e como é que se propagaram tão rapidamente estes boatos?

Mas Druso não foi capaz de lhe contar, porque aquela derradeira invasão já era de mais; deixou-se cair na almofada e chorou de tanto rir.

Públio Rutílio Rufo tinha razão: não se falava de outra coisa em Roma; não havia dúvida, todos os factos se conjugavam: inclusivamente, o último dos filhos de Lívia Drusa tinha uma cabeleira ruiva, e Cuspia, a rica e grosseira esposa de Marco Pórcio Catão Saloniano, tinha-lhe apresentado os papéis do divórcio. Quinto Servílio Cepião e Marco Lívio Druso, esse par inseparável, tinham cortado relações, ainda que Cepião

insistisse que a ruptura nada tinha a ver com o divórcio, mas sim com o anel que Druso lhe tinha roubado.

Os mais inteligentes e honestos referiam que as pessoas mais íntegras estavam quase todas do lado de Druso e da irmã. Outros, de carácter menos admirável - como Lúcio Márcio Filipe e Públio Cornélio Cipião Nasica -, defendiam Cepião, tal como os hipócritas cavaleiros ligados por laços comerciais a Cneu Cúspio Butião, o pai da esposa enganada de Catão, conhecido pela alcunha de ”O Abutre”. Havia ainda aqueles que não estavam do lado de ninguém, pois achavam tudo aquilo extraordinariamente estranho; entre estes, encontrava-se Marco Emílio Escauro Princeps Senatus, que agora voltava a dar nas vistas, ao fim de vários anos de total apagamento, após a desgraça que fora a paixão da mulher por Sila; Escauro sentia que podia dar-se ao luxo de rir, pois o amor da jovem Dalmática não fora correspondido, e agora estava grávida de uma criança que só podia ser sua. Públio Rutílio Rufo também se ria, apesar de ser o tio da adúltera.

No entanto, como viria a verificar-se, seria Marco Lívio Druso quem mais sofreria com o caso.

- Ou talvez seja melhor dizer que, como de costume, eu acabo por ser considerado responsável pelos filhos de toda a gente! - queixou-

se Druso a Silão, pouco tempo depois de os novos cônsules terem assumido



os seus cargos. - Se eu tivesse todo o dinheiro que aquele miserável Cepião me custou durante todos

aqueles anos, por certo estaria muito melhor agora! O meu novo cunhado, Catão Saloniano, ficou

sem um tostão - e é preciso pagar as prestações do dote a Lúcio Domício Aenobarbo, irmão da sua

ex-esposa - e, como é evidente, não ficou com nada da fortuna da mulher, para além de ter perdido

o apoio do pai dela que, na escala social, não pára de subir. Por isso, não só tenho de pagar as

prestações a Lúcio Domício, como ainda por cima, já estou habituado!, tenho de hospedar a minha

irmã, o marido e a família dela, que não pára de crescer!

Embora sabendo que era pouco o consolo que oferecia a Druso, Silão resolveu também ver o caso

pelo lado cómico, e por isso não parava de rir.

- Oh, Marco Lívio, nunca um nobre romano foi vítima de tanto abuso!

- Pára com isso - disse Druso, com um sorriso franco. - Seria bom que a vida, ou o Destino, ou lá o

que é, me tratasse com um pouco mais de respeito, enfim, com o respeito que eu mereço. Mas as

perspectivas de vida que eu tinha antes de Arausio, e se não houvesse Arausio, era a mesma coisa,

esfumaram-se por completo. O que eu sei é que não posso abandonar a minha pobre irmã; e que,

embora tenha feito o possível para que isso não acontecesse, a verdade é que gosto muito mais deste

cunhado do que do outro. Sim, Saloniano é neto de uma mulher que nasceu escrava, mas apesar

disso é um verdadeiro cavalheiro, e a minha casa fica mais alegre com a sua presença. Aprovo a

forma como trata Lívia Drusa, e devo dizer que ele conquistou a simpatia da minha mulher. Servília

Cepião gosta muito dele, embora de início a ascendência de Saloniano lhe causasse muita confusão.

- Ainda bem que a tua pobre irmã está finalmente feliz - disse Silão.
- Sempre tive a sensação de

que ela levava uma vida terrível, embora dissimulasse os seus problemas com a determinação de um

verdadeiro Lívio Druso. Mas é pena não poderes ter a casa só para ti

- ah, e aposto que tens de financiar a carreira de Saloniano...

- Claro - respondeu Druso, sem demonstrar o mínimo pesar. Felizmente, o meu pai deixou-me com

mais dinheiro do que alguma vez poderei gastar, por isso ainda não estou reduzido à penúria.

Imagina a irritação, a fúria de Cepião, quando vir um Catão Saloniano no *cursus honorum.*

243

- Importas-te que mude de assunto? - perguntou bruscamente Silão.

- De modo nenhum - respondeu Druso, surpreendido. - É de crer que o novo assunto contenha uma

descrição pormenorizada dos teus feitos nos últimos meses. E que não te vejo há quase um ano,

Quinto Popaedius.

- Já lá vai tanto tempo? - Silão fez alguns cálculos, e aquiesceu.

- Tens razão. Como o tempo corre! - Encolheu os ombros e prosseguiu:

- Mas não fiz nada de especial nestes últimos tempos. Prosperaram os meus negócios, é tudo.

- Desconfio de ti quando te pões com cautelas - disse Druso, deliciado por estar com aquele amigo

sincero. - Mas atrevo-me a dizer que não tens a mínima intenção de revelar o que tens feito, e por

isso não vou tornar as coisas mais difíceis pressionando-te. Mas qual era o assunto de que querias

falar?

- Os novos cônsules - retorquiu Silão.

- Bons cônsules, por fim! - disse Druso, contente. - Não me lembro de um duo tão sólido: Crasso

Orador e Cévola! Prevejo grandes acontecimentos.

- Prevês? Quem me dera poder dizer o mesmo. Porque eu prevejo conflitos.

- Na frente italiana? Porquê?

- Por enquanto são boatos. Espero que sem fundamento, embora tenha as minhas dúvidas, Marco

Lívio. - Silão pôs uma expressão severa. - Os censores foram ter com os cônsules para lhes

mostrarem os registos dos cidadãos romanos em toda a Itália. Ao que sei, estão preocupados com o

grande número de novos nomes que apareceram nos pergaminhos. Idiotas! Depois de tanta conversa

sobre os novos métodos de recenseamento, que iriam revelar muito mais cidadãos do que os

antigos, chegam à conclusão de que há novos cidadãos a mais!

- Então é por isso que não vens a Roma há meses! - exclamou Druso. - Oh, Quinto Popaedius, eu

avisei-te! Não, por favor não me mintas! Se me mentes, não poderemos continuar amigos, e eu

ficarei mais pobre do que tu! Diz-me a verdade. Falsificaram os registos, não é?

- É.

- Eu avisei-te, Quinto Popaedius! Mas que embrulhada! - por alguns instantes Druso deixou cair a

cabeça entre as mãos. Silão, mais



perturbado do que esperava, remeteu-se ao silêncio, concentrado no problema. Finalmente, Druso

ergueu a cabeça.

- Bom, de nada vale lamentarmo-nos - disse Druso, levantando-se e abanando a cabeça num gesto

de paciente exasperação. - É melhor que vás para casa. Não mostres a tua cara nesta cidade nos

próximos tempos, Quinto Popaedius. Não podemos dar-nos ao luxo de fazer as delícias de algum

membro mais inteligente da facção anti-italiana, exibindo-te por aí a torto e a direito. Farei o

possível no Senado, mas infelizmente ainda sou um novato, não me chamarão para falar. Entre

aqueles que podem usar da palavra, contas com poucos amigos. É triste, mas é assim mesmo.

Silão estava também de pé.

- Marco Lívio, isto vai acabar em guerra - disse. - Sim, vou para casa. Tens razão, a minha presença

em Roma acabará por despertar curiosidades indesejáveis. Mas por aqui se vê que os meios

pacíficos não conduzirão à emancipação da Itália.

- Há com certeza uma maneira de conseguir a emancipação da Itália pacificamente, tem de haver

uma maneira - disse Druso. - Agora vai-te embora, Quinto Popaedius, tão discretamente quanto

possível. E se pensas sair de Roma pela Porta Colina, por favor, evita o Fórum.

Mas Druso não evitou o Fórum; pelo contrário, dirigiu-se imediatamente para lá, de toga vestida,

procurando rostos familiares. Não havia qualquer reunião no Fórum, fosse do Senado ou dos

*Comitia,* mas no baixo Fórum havia sempre gente. E, por sorte, a primeira figura importante com quem Druso se cruzou foi precisamente o tio, Públio Rutílio Rufo, que se dirigia para sua casa, nas

Carinas.

- Quem me dera que Caio Mário cá estivesse - disse Druso, quando encontraram um sítio

sossegado, ao sol, perto das velhas árvores do Fórum.

- Sim, de facto os teus amigos italianos não contarão com muitos apoios no Senado - disse Rutílio

Rufo.

- Ah, bastava que houvesse um homem com algum poder, capaz de os fazer reflectir um pouco!

Mas onde está esse homem, se Caio Mário continua no Oriente? A menos que o tio...

- Não - retorquiu firmemente Rutílio Rufo. - Simpatizo com a causa italiana, mas não tenho

qualquer poder no Senado. Ainda por cima, depois de regressar da Ásia Menor, perdi *auctoritas.* Os cobradores de impostos continuam a pedir a minha cabeça. Já perderam a esperança



de conseguir a de Quinto Múcio, pois Quinto Múcio é demasiado importante. Mas um velho e

humilde ex-cônsul como eu, que nunca teve grande reputação nos tribunais, que nunca foi um

orador famoso, que nunca conduziu um exército famoso à vitória? Não, a minha influência é de

facto muito reduzida.

- O que me estás a dizer *é* que pouco podemos fazer.

- Precisamente, Marco Lívio.

O outro partido, contudo, não descansava. Quinto Servílio Cepião conseguira uma entrevista com os

cônsules, Crasso Orador e Múcio Cévola, e com os censores, António Orador e Valério Flaco. O

que tinha a dizer interessava muito aos quatro homens.

- Marco Lívio Druso tem culpas no cartório - disse Cepião. Ouvi-o dizer muitas vezes que os

Italianos deviam ter acesso à cidadania integral, que não podia haver diferenças entre os homens

que viviam na região de Itália. Além disso, dá-se com italianos poderosos: o dirigente dos Marsos,

Quinto Popaedius Silão, e o dirigente dos Samnitas, Caio Pápio Mutilo. Pelo que pude ouvir em

casa de Marco Lívio, poderei jurar formalmente que Marco Lívio Druso se aliou a esses italianos

para tramar um plano de falsificação do censo.

- Quinto Servílio, dispões por acaso de alguma prova para apoiar a tua acusação? - perguntou

Crasso Orador.

Ao ouvir isto, Cepião levantou-se com um ar muito digno, e pôs uma expressão adequadamente

ofendida.

- Eu sou um Servílio Cepião, Lúcio Licínio! Um Servílio Cepião não mente. - Nesse ponto, a ofensa

transformou-se em irada indignação.

- Provas para apoiar a minha acusação?! Mas eu não acuso! Limito-me a descrever os factos. Além

de que não preciso de ”provas” para apoiar seja o que for! Repito: *eu* sou um Servílio Cepião!

- Pois nem que fosse Rómulo! - comentou Marco Lívio Druso quando os cônsules e os censores o

visitaram. - Se não conseguem perceber que esses ”factos” de que ele fala não passam de mais um

episódio da perseguição que vem movendo contra mim e os meus, então terei de concluir que vocês

não são os homens que eu pensava! É um disparate ridículo! Porque haveria eu de conspirar contra

os interesses de Roma? Nenhum filho do meu pai faria tal coisa. Por Silão e Mutilo não posso falar.

Mutilo nunca esteve em minha casa, e Silão aparece de vez em quando, porque é meu amigo. Toda

a gente sabe que eu



defendo a emancipação para todos os homens de Itália, não faço segredo da minha posição. Mas a

cidadania para os Latinos e Italianos, penso que terá de ser legal, dada livremente pelo Senado e

pelo Povo de Roma. Falsificar os censos seja de que maneira for, por alterações introduzidas nos

registos ou porque houve homens que declararam uma cidadania que não possuem, é algo que

considero intolerável, ainda que considere correcta a causa que leva a tal desmando. - Abrindo

muito os braços e erguendo-os de seguida, acrescentou: - Façam como muito bem entenderem,

*Quirites.* Se acreditam em mim, venham beber comigo um copo. Se acreditam nesse rematado

mentiroso que dá pelo nome de Cepião, peço-lhes que se retirem e que não voltem.

Com um riso terno, Quinto Múcio Cévola deu o braço a Druso.

- No que me toca, Marco Lívio, gostaria muito de beber um copo contigo.

- E eu também - disse Crasso Orador.

Os censores preferiram igualmente beber vinho.

- Mas o que me preocupa - disse Druso na sala de jantar ao fim dessa mesma tarde - é a maneira

como Quinto Servílio obteve as suas pretensas informações. Eu e Quinto Popaedius só falámos do

assunto uma vez, e isso já foi há muito tempo, na altura em que os censores foram eleitos.

- E de que falaram, Marco Lívio? - perguntou Catão Saloniano.

- Silão tinha um plano pouco recomendável para registar cidadãos ilegais, mas dissuadi-lo. Ou

pensei que o tinha dissuadido. No que me toca, não houve mais nada. Tanto mais que só

recentemente vi Quinto Popaedius. Sendo assim, como é que Cepião obteve a sua informação?

- Talvez tenha ouvido a conversa por um mero acaso - disse Catão, que não aprovava a atitude de

Druso em relação aos Italianos, mas não se sentia em condições de criticá-lo; essa era uma das

consequências mais desagradáveis da sua situação de hóspede de Druso.

- Não, não, ele nessa altura não estava cá - retorquiu Druso. Estava fora de Itália, e por certo não

veio a correr a Roma por um dia, a fim de ouvir uma conversa que não estava nas minhas previsões.

- Bom, nesse caso, como é que ele terá obtido essas informações? Escreveste alguma coisa que ele

pudesse ter encontrado? - perguntou Catão.

Druso abanou a cabeça tão convictamente que apagou todas as dúvidas da sua audiência.



- Não escrevi nada. Absolutamente nada.

- Por que estás tão certo de que Quinto Servílio teve cúmplices para formular tais acusações?

- Porque me acusou de falsificar o registo dos novos cidadãos, e me misturou com Quinto Popaedius.

- Não terá inventado tudo?

- Talvez. Só que há um ponto realmente perturbador: ele referiu um terceiro nome. Caio Pápio Mutilo, dos Samnitas. *Onde é* que ele ouviu esse nome? Eu conhecia-o unicamente porque sabia que Quinto Popaedius era muito amigo de Pápio Mutilo. A questão é que estou convencido de que Quinto Popaedius e Pápio Mutilo falsificaram de facto os registos. Mas como é que Cepião soube disso?

Lívia Drusa levantou-se.

- Não te prometo nada, Marco Lívio, mas é possível que possa responder a essa pergunta. Eu venho já.

Druso, Catão Saloniano e Servília Cepião esperaram pelo regresso de Lívia Drusa, ainda que sem grande curiosidade; de facto, que resposta podia dar Lívia Drusa a uma questão tão misteriosa, quando a verdadeira resposta era que, provavelmente, Cepião tinha, por sorte, adivinhado tudo?

Lívia Drusa não demorou muito. A sua frente seguia Servília.

- Muito bem, Servília, vamos conversar. Gostaria de te perguntar uma coisa - disse Lívia Drusa num tom grave. - Tens visitado o teu pai?

O rosto da rapariga estava tão parado, tão inexpressivo, que todos leram logo nele a culpa.

- Quero uma resposta sincera, Servília - disse Lívia Drusa. Tens visitado o teu pai? E antes de falares, lembro-te que se responderes pela negativa, irei perguntar a Stratonice e às outras criadas.

- Sim, tenho-o visitado - respondeu Servília.

Druso endireitou-se na cadeira, tal como Catão; Servília Cepião, pelo contrário, deixou-se cair na cadeira, cobrindo o rosto com a mão.

- Que disseste ao teu pai acerca do tio Marco e do amigo dele, Quinto Popaedius?

- A verdade - respondeu Servília, sempre inexpressiva.

- Que verdade?

- Que eles conspiraram para registar italianos como cidadãos romanos.

- Como pudeste fazer uma coisa dessas, se não é verdade, Servília?

- perguntou Druso, furioso.

- É verdade! É verdade! - atirou a rapariga, num grito agudo. Eu vi cartas no quarto do Marso há

pouco tempo!

- Entraste no quarto de um convidado sem ele saber? - perguntou Catão Saloniano, incrédulo. - Mas

isso é vergonhoso, rapariga!

- Quem és tu para me julgar? - perguntou Servília, virando-se para ele com um ar agressivo. - Não

passas de um descendente de uma escrava e de um camponês!

Catão engoliu em seco.

- Pode ser que tenhas razão, Servília, mas até mesmo os escravos podem ter princípios, princípios

que os impeçam de invadir a privacidade de um convidado, que é uma coisa sagrada.

- Eu sou uma patrícia, da linhagem dos Servílios - retorquiu a rapariga resolutamente. - Ao passo

que aquele homem não passa de um italiano. Além disso, atraiçoara Roma, tal como o tio Marco!

- Que cartas são essas que dizes ter visto, Servília? - perguntou Druso.

- Cartas de um samnita chamado Caio Pápio Mutilo.

- Mas não cartas de Marco Lívio Druso.

- Não era preciso. O tio é unha com carne com os italianos. Toda a gente sabe que o tio faz tudo o

que eles querem, e conspira com eles.

- Roma só tem a ganhar pelo facto de seres mulher, Servília disse Druso, obrigando-se a pôr um ar

divertido. - Se aparecesses nos tribunais com tais argumentos, depressa toda a gente te acharia a

mais idiota das criaturas. - Lívio Druso desceu do divã e postou-se em frente dela. - Além de idiota, és ingrata. És mentirosa e, como disse o teu padrasto, o teu comportamento é vergonhoso. Se fosses

mais velha, punha-te na rua. Mas como não passas de uma menina, farei o contrário. Ficarás

fechada na minha casa. Poderás deslocar-te dentro dela à vontade, desde que acompanhada. Mas

fora destes muros não darás um passo. Não visitarás o teu pai, nem mais ninguém. Nem lhe

mandarás mensagens. Se o teu pai quiser que vás viver com ele, deixar-te-ei ir de bom grado. Mas

se isso acontecer, não mais voltarás a entrar nesta casa, nem que seja para ver tua mãe. Enquanto o

teu pai te recusar a custódia, sou eu o teu *paterfamilias.* Obedecer-me-ás em tudo porque a lei assim manda. Toda a gente nesta casa receberá instruções no que respeita à tua pessoa e à tua vida dentro

destas paredes. Compreendido?

A rapariga não revelava qualquer vestígio de vergonha ou medo; os olhos negros faiscavam-lhe;

indomável, defendeu a sua posição.

- Eu sou uma patrícia, da linhagem dos Servílios - disse. - Faça o tio o que me fizer, não poderá

alterar o facto de eu ser melhor do que vocês todos juntos. Se cumpro o meu dever, é natural que

pessoas inferiores achem que erro. Descobri uma conspiração contra Roma e informei o meu pai.

Era meu dever fazê-lo. Podes punir-me como muito bem entenderes, Marco Lívio. Pouco me

importa se me fechares num quarto para toda a vida, se me bateres ou se me matares. *Eu* sei que cumpri o meu dever.

- Oh, leva-a já daqui, tira-a da minha frente! - exclamou Druso para a irmã.

- Devo bater-lhe? - perguntou Lívia Drusa, tão irada como Druso. Druso recuou.

- Não! Ninguém voltará a bater em ninguém na minha casa, Lívia Drusa. Faça-se apenas o que

ordenei. Saindo do quarto das crianças **ou** da sala de aulas, Servília terá de ser acompanhada por uma escolta. E embora já tenha idade para ir dormir sozinha, não o permitirei. Castigo-a com a falta

de privacidade, já que não concede esse direito aos meus hóspedes. Com o passar dos anos, este

castigo será suficiente. Pelo menos dez anos terá de cá ficar: e só sairá *se o* pai mostrar por ela algum interesse, o interesse suficiente para lhe arranjar marido. Se ele não a casar, casá-la-ei eu - e não com um patrício! Casá-la-ei com um camponês, com um labrego qualquer!

Catão Saloniano desatou a rir.

- Não, com um camponês não, Marco Lívio. Casa-a com um libertino que seja um homem

maravilhoso, um homem de natureza nobre sem a mínima esperança de alguma vez se tornar

socialmente nobre. Talvez ela descubra então que os escravos e os ex-escravos podem ser melhores

do que os patrícios.

- Odeio-vos a todos! - gritou Servília, enquanto a mãe a conduzia para fora da sala de jantar. -

Odeio-vos a todos! Malditos sejam! Que morram todos antes de eu ter idade para casar!

Mas logo a criança foi esquecida; Servília Cepião deslizara, inconsciente, da cadeira para o chão.

Druso, aterrorizado, ajudoua a erguer-se e levou-a para o quarto, onde ela voltou a si com a ajuda de penas a arder que lhe puseram sob o nariz. Chorava desoladamente.



- Oh, Marco Lívio, que triste sorte a tua desde que te ligaste à minha família! - dizia ela, chorosa, enquanto ele, sentado na beira da cama, e abraçando-a muito, pedia aos deuses que o bebé

aguentasse aquilo.

- Pelo contrário, pois tenho-te a ti - retorquiu ele, beijando-lhe a testa, limpando-lhe ternamente as lágrimas. - Tem cuidado contigo, *mea* vita, a rapariga não merece que te aflijas. Não lhe dês essa satisfação, peço-te.

- Amo-te, Marco Lívio. Sempre te amei, hei-de amar-te sempre.

- Óptimo! Eu também te amo, Servília Cepião. Todos os dias o meu amor vai crescendo um pouco.

Mas agora acalma-te, não te esqueças do nosso bebé. Já está tão grande - disse ele, fazendo-lhe uma

festa no ventre enorme.

Servília Cepião morreu de parto um dia antes de Lúcio Licínio Crasso Orador e Quinto Múcio

Cévola terem apresentado uma nova lei sobre a situação italiana aos membros do Senado. Marco

Lívio Druso, fazendo um esforço tremendo, compareceu no Senado, mas, como seria previsível, não

conseguiu dar ao assunto a atenção que ele merecia.

Ninguém em casa de Druso imaginara alguma vez que o parto pudesse vir a ser fatal para Servília

Cepião; a mulher de Marco Lívio tinha tido de facto uma gravidez impecável, sem qualquer

incidente. O trabalho de parto fora tão repentino que nem mesmo ela sentira qualquer aviso; ao fim

de duas horas, morria de uma violenta hemorragia que, apesar dos cuidados prestados, não foi

possível estancar. Fora de casa, Druso correu para junto da mulher mal foi informado; quando

chegou, Servília Cepião passava de uma dor terrível a uma euforia feita de sonho e alegria, sem

saber que Druso lhe segurava na mão, sem compreender que estava a morrer. Um fim

misericordioso para ela mas horrendo para Druso, que dela não ouviu palavras de amor, nem de

conforto, já que ela nem sequer o reconheceu. Terminavam assim anos de lutas para ter um filho

que tanto tardara a chegar; numa cama inundada pelo líquido que era a sua força vital, Servília

Cepião era uma efígie branca, exangue. Quando morreu, a criança tinha apenas entrado no canal

que lhe daria acesso à vida neste mundo; os médicos e as parteiras insistiram junto de Druso para

que os deixasse libertar o bebé. Druso, porém, recusou.



- Deixem-na levá-lo com ela - disse Druso. - Permitam-lhe esse consolo. Se ele vivesse, eu não

conseguiria amá-lo.

E foi assim que, após este terrível desgosto, Marco Lívio se arrastou meio vivo até à Cúria Hostília.

Ocupou o seu lugar na fila do meio: a sua qualidade de sacerdote permitia-lhe uma posição mais

proeminente do que a prevista pelo seu estatuto senatorial. O criado sentou-o literalmente na cadeira de desarmar, enquanto as pessoas à volta murmuravam condolências e ele agradecia com um gesto

lento, o rosto quase tão pálido como o da mulher. Antes de estar preparado para enfrentar tal

situação, descobriu Cepião na fila de trás do outro lado. Ficou ainda mais branco. Cepião!

Informado da morte da irmã, Cepião respondera que ia deixar Roma imediatamente após aquela

reunião, e que, por isso, não poderia estar presente no funeral.

De facto, no local onde se encontrava, Druso tinha uma visão privilegiada de todo o Senado: estava

sentado na extremidade da fila da esquerda, onde as grandes portas de bronze da *cúria,* mandadas construir séculos antes pelo rei Tulo Hostílio, se encontravam abertas para que a multidão

concentrada no pórtico pudesse ouvir os oradores. Os cônsules tinham decidido que aquela seria

uma reunião inteiramente pública. Dentro do Senado só poderiam entrar os senadores e os seus

criados, mas, para lá das portas, toda a gente podia instalar-se para acompanhar os trabalhos.

Na outra extremidade da câmara, flanqueada de ambos os lados pelas três filas de degraus onde

eram colocadas as cadeiras de dobrar, ficava a tribuna dos magistrados curuis, e, em frente dela, o

extenso banco de madeira em que se sentavam os dez tribunos da plebe. As belas cadeiras dos dois

cônsules, feitas de marfim trabalhado, encontravam-se no primeiro plano da tribuna; atrás, ficavam

as dos seis pretores; e atrás destas, eram colocadas as dos dois edis curuis. Os senadores autorizados a falar devido à mera acumulação de anos em funções curuis sentavam-se na fila da frente, de cada

lado; a fila do meio ia para os sacerdotes ou augures ou para aqueles que tinham sido tribunos da

plebe, ou eram sacerdotes de congregações menores; a fila do fundo destinava-se aos *pedarii* -

aqueles cujos privilégios no Senado se resumiam ao voto.

Depois de todos os augúrios e oferendas terem sido declarados satisfatórios, Lúcio Licínio Orador,

o mais velho dos dois cônsules, levantou-se para falar.

252

- Princeps Senatus, Pontifex Maximus, magistrados curuis, membros desta augusta instituição: há já

algum tempo que o Senado vem discutindo o registo ilegal de súbditos italianos como cidadãos

romanos no decurso do presente censo - disse ele, com um documento enrolado na mão esquerda. -

Embora esperassem encontrar alguns milhares de novos nomes nos registos, os nossos distintos

colegas, os censores Marco António e Lúcio Valério, não contavam deparar com um tão

impressionante número de novos cidadãos. Mas foi isso que aconteceu: muitos milhares de novos

cidadãos foram registados. O censo em Itália revelou, de facto, uma subida sem precedentes do

número daqueles que afirmam ser cidadãos romanos, e, segundo um testemunho que chegou até

nós, a maior parte desses novos nomes são de homens com um estatuto de Aliados Italianos e que,

portanto, não têm qualquer direito à cidadania romana. Também de acordo com um testemunho que

ouvimos, os dirigentes das nações italianas são coniventes no registo de muitos dos seus súbditos

como cidadãos romanos. Dois nomes foram referidos: Quinto Popaedius Silão, chefe dos Marsos, e

Caio Pápio Mutilo, chefe dos Samnitas.

Nesse instante, ouviu-se um estalido de dedos imperioso; o cônsul parou de falar, inclinou-se na

direcção do meio da fila da frente.

- Caio Mário, bem-vindo de volta a este Senado. Tens alguma questão a pôr?

- Tenho, de facto, Lúcio Licínio - retorquiu Mário, levantando-se; regressado da sua demorada

viagem, Caio Mário tinha agora um aspecto muito saudável e bronzeado. - Esses dois homens, Silão

e Mutilo. Os nomes *deles* constam dos registos?

- Não, Caio Mário, não constam.

- Então, para além do testemunho referido, de que provas dispõem?

- Não dispomos de qualquer prova - disse calmamente Crasso Orador. - Referi os seus nomes

unicamente devido a esse testemunho, segundo o qual incitaram pessoalmente os cidadãos das suas

nações a inscrever-se em massa nos registos.

- Nesse caso, Lúcio Licínio, o testemunho a que te referiste é inteiramente suspeito?

- Possivelmente - retorquiu Crasso Orador, impassível. Voltou a inclinar-se, com uma saudação

muito especial. - Se me permitires prosseguir com o meu discurso, poderei esclarecer tudo isso,

Caio Mário.

253

Com um sorriso franco, Mário regressou à sua fila e sentou-se.

- Continuemos, pois, senadores! Como Caio Mário tão inteligentemente observou, um testemunho

que não é apoiado por provas sólidas *é* sempre questionável. Não tencionam os cônsules ou os

censores ignorar esse aspecto. Contudo, o homem que nos trouxe esse testemunho *é* um homem

prestigiado. Por outro lado, o que ele nos disse vem, de facto, confirmar as nossas próprias

observações - afirmou Crasso Orador.

- Quem é esse homem prestigiado? - perguntou Públio Rutílio Rufo, sem se levantar.

- Devido a um certo perigo que daí decorreria, a pessoa em questão pediu que o seu nome não fosse

divulgado - retorquiu Crasso Orador.

- Eu digo-lhe quem foi, tio! - disse Druso bem alto. - Foi Quinto Servílio Espancador de Mulheres!

Ele também me acusou a mim!

- Marco Lívio, lembro-te que não podes intervir! - disse o cônsul.

- Pois é verdade, eu também o acusei! Ele é tão culpado como Silão e Mutilo! - gritou Cepião da

fila de trás.

- Quinto Servílio, não podes intervir. Senta-te, por favor.

- Só me sento quando incluírem Marco Lívio Druso entre os acusados! - gritou Cepião, ainda mais

alto.

- Os cônsules e os censores estão convictos de que Marco Lívio Druso não se encontra envolvido

neste caso - disse Crasso Orador, já farto de interrupções. - Mas seria bom que tu, e todos os

*pedarii,* não te esquecesses de que esta Casa não te concedeu ainda o direito a falar! Agora senta-te e deixa ficar a língua onde ela estava: na tua boca fechada! O Senado não ouvirá mais intervenções

relacionadas com questões pessoais. A partir deste momento, prestará atenção unicamente às

minhas palavras!

Seguiu-se um silêncio generalizado. Por um momento, Crasso Orador escutou reverentemente o

silêncio, depois pigarreou e recomeçou.

- O facto é que, por uma razão qualquer, e por instigação de alguém, foi subitamente detectado um

número excessivo de nomes nos registos do nosso censo. Dadas as circunstâncias, não será

descabido concluir que muitos homens usurparam ilegalmente a cidadania. Tencionam os cônsules

rectificar esta situação, a fim de não seguirem falsas pistas ou acusarem sem provas. Uma única

coisa nos interessa: o facto de sabermos que, se não fizermos alguma coisa, depararemos com um

excesso de cidadãos (todos eles afirmando ser membros das trinta e uma tribos rurais) que, dentro

de uma geração, disporão de



mais votos nas eleições tribais do que nós, cidadãos verdadeiros, e poderão também influenciar as

votações nas Classes Centuriais.

- Nesse caso, espero sinceramente que façamos alguma coisa, Lúcio Licínio - disse Escauro

Princeps Senatus, da sua cadeira a meio da fila da frente do lado direito, ao lado de Caio Mário.

- Quinto Múcio e eu esboçámos uma nova lei - disse Crasso Orador, sem se ofender com aquela

interrupção. - Uma lei cujo objectivo é retirar todos os falsos cidadãos dos registos de Roma. É esse o seu único objectivo. Não se trata de uma expulsão, não provocaremos um êxodo maciço de nãocidadãos da cidade de Roma ou de qualquer outro centro de romanos ou latinos dentro da Itália. O

seu objectivo é descobrir aqueles que foram registados como cidadãos e que, afinal, não o são. Para

tal, propomos que a península italiana seja dividida em dez partes: Úmbria, Etrúria, Piceno, Lácio,

Sâmnio, Campânia, Apúlia, Lucânia, Calábria e Brútio. Cada uma destas dez partes disporá de um

tribunal especial de inquérito que terá o poder de investigar o estatuto de cidadão de todos aqueles

cujo nome surge no censo pela primeira vez. A lei propõe que estas *quaestiones* sejam efectuadas por juizes, e não por júris, e que os

juizes sejam membros do senado de Roma. Cada presidente de

tribunal será um senador de estatuto consular e contará com a assistência de dois senadores de

estatuto inferior. O texto inclui uma série de pontos de referência destinados aos tribunais de

inquérito, e cada homem chamado a depor terá de responder, com provas!, às questões previstas

nesses pontos de referência. Podemos assegurar-lhes que os procedimentos previstos são muito

rigorosos: por isso, não será difícil detectar os falsos cidadãos. Numa *contio* posterior, leremos evidentemente todo o texto da *lex Licinia Mucia,* mas, em minha opinião, a primeira *contio* sobre uma lei nunca deverá dedicar-se à abordagem de pormenores legais.

Escauro Princeps Senatus levantou-se.

- Se me é permitido, Lúcio Licínio, gostaria de saber se propõem uma dessas *quaestiones* especiais para a própria cidade de Roma, e, se assim é, se esta *quaestio* será a mesma que abrangerá o Lácio?

Crasso Orador respondeu-lhe com um ar solene.

- Roma será alvo da décima primeira *quaestio.* O Lácio será objecto de uma investigação separada.

Contudo, no que toca a Roma, gostaria de dizer que os registos da cidade não revelaram um grande

número de declarações supostamente falsas de novos cidadãos. Apesar disso,

cremos que valerá a pena instalar um tribunal de inquérito em Roma, já que a cidade deve conter

muitos cidadãos registados que, caso as investigações sejam realizadas a fundo, se revelarão

inelegíveis.

- Obrigado, Lúcio Licínio - disse Escauro, sentando-se. Crasso Orador estava positivamente farto.

Tinham-se esfumado

todas as suas esperanças de fazer um discurso com algum brilho retórico; aliás, aquilo que começara

por ser um discurso dissolvera-se agora num vaivém de perguntas e respostas.

Antes que Crasso pudesse reatar o discurso, Quinto Lutácio Catulo César levantou-se, confirmando

as suspeitas do cônsul de que o Senado não estava com disposição para escutar discursos

magníficos.

- Posso fazer uma pergunta? - disse Catulo César, num tom tímido. Crasso Orador suspirou.

- Toda a gente pode, Quinto Lutácio, mesmo aqueles que não estão autorizados a falar! Está à

vontade. Não hesites. Pergunta. Aproveita a oportunidade!

- A *lex Licinia Mucia* vai prescrever ou especificar penalidades particulares, ou essas penalidades ficarão ao critério dos juizes, baseando-se nos estatutos existentes?

- Podes não acreditar, Quinto Lutácio, mas eu ia precisamente falar disso! - retorquiu Crasso

Orador, já sem paciência. - A nova lei especifica penalidades claras. Em primeiro lugar, todos os

falsos cidadãos que se tenham declarado cidadãos neste último censo sentirão na pele toda a ira dos

tribunais: serão açoitados. O nome do culpado irá para uma lista que o impedirá a ele e a todos os

seus descendentes, perpetuamente, de aceder à cidadania. Por outro lado, terá de pagar uma multa

de quarenta mil sestércios. Se o falso cidadão tem a sua residência dentro de qualquer cidade ou

município romano ou abrangido pelos Direitos Latinos, ele e os seus familiares terão de abandonar

essa residência e de regressar à terra natal dos seus antepassados. Só nesse ponto esta é uma lei de

expulsão. Aqueles que não possuem a cidadania mas que não falsificaram o seu estatuto não serão

afectados: poderão manter a residência actual.

- E aqueles que falsificaram o seu estatuto em censos anteriores?

- perguntou Cipião Nasica, o velho.

- Não serão açoitados, nem terão de pagar a multa, Públio Cornélio. Mas o seu nome irá para a lista

negra e serão expulsos das suas residências, caso vivam num centro romano ou latino.

- E se um homem não puder pagar a multa? - perguntou Cneu Domício Aenobarbo Pontifex Maximus.

- Nesse caso, será vendido como escravo ao Estado de Roma por um período não inferior a sete anos.

Caio Mário levantou-se de novo.

- Posso falar, Lúcio Licínio? Crasso Orador ergueu as mãos ao ar.

- Ah, mas porque não, Caio Mário? Vamos a ver se conseguirás falar sem ser interrompido por toda a gente mais os respectivos tios!

Druso observou Mário caminhando desde o banco onde se sentava até ao centro da sala. O seu coração, que julgava ter morrido com a morte da mulher, batia agora mais depressa. Aquela era a única oportunidade. Por favor, Caio Mário, disse Druso para si mesmo, embora eu não tenha grande apreço por ti, faz o discurso que eu gostaria de fazer, caso tivesse o direito de falar! Porque se não fores tu a fazê-lo, ninguém o fará. Ninguém.

- É visível que esta lei foi cuidadosamente planeada - começou Mário com voz sonora. - Outra coisa não seria de esperar de dois dos nossos melhores legisladores. Mas para que esta lei se torne absolutamente inequívoca, precisamos de lhe acrescentar uma coisa: uma cláusula que preveja um prémio para todo e qualquer

informador. Sim, de facto trata-se de uma lei admirável! Mas será uma lei justa? Não deveremos preocupar-nos com esse aspecto, mais do que com todos os outros? Ou, para ser mais preciso: será que nós nos

consideramos poderosos, suficientemente arrogantes, suficientemente *estúpidos',* para administrar as penalidades que esta lei prevê? De acordo com o discurso de Lúcio Licínio - que já fez

melhores discursos, devo acrescentar! -, há dezenas de milhar desses cidadãos alegadamente falsos, desde as fronteiras da Gália Italiana até Brútio e Calábria. Homens que se sentem autorizados a participar integralmente nos assuntos internos e no governo de Roma; de outro modo, por que correriam o risco de fazer uma declaração falsa de cidadania? Toda a gente em Itália sabe o que tal declaração implica, caso seja descoberta. O chicote, a exclusão, a multa; embora normalmente o mesmo homem não seja alvo dos três castigos ao mesmo tempo.

Voltou-se então para o lado esquerdo da sala e prosseguiu.

- Mas agora, Senadores, parece que teremos de aplicar todos esses castigos a essas dezenas de milhar de homens - *e* às suas famílias!

257

Teremos de os açoitar. E impor-lhes-emos multas que muitos deles não poderão pagar. E poremos

os seus nomes numa lista negra. E expulsá-los-emos de suas casas, caso estas se situem numa

localidade romana ou latina.

Caio Mário encaminhou-se então para as portas abertas, e virou-se de modo a ficar de frente para

ambos os lados da sala.

- Dezenas de milhar, Senadores! Não são dois, três, quatro homens, mas dezenas de milhar! E as

famílias dos filhos, filhas, esposas, mães, tias, tios, primos, outras tantas dezenas de milhar. Esses homens terão amigos, talvez contem mesmo amigos entre aqueles que possuem legalmente a

cidadania romana ou que têm acesso aos Direitos Latinos. Fora das cidades romanas e latinas, esses

homens constituirão a maioria. E nós, os senadores escolhidos (será por sorteio?) para fazerem parte

dessas equipas de inquérito, vamos atender às provas, vamos seguir os pontos de referência

recomendados para o interrogatório daqueles que comparecerem nos tribunais, *e* vamos seguir à letra a *lex Licinia Mucia,* condenando esses falsos cidadãos finalmente descobertos. Aplaudo desde já aqueles que se revelarem suficientemente corajosos para cumprir o seu dever, porque eu, eu

alegarei que tive outra trombose! Ou será que a *lex Licinia Mucia* prevê destacamentos armados de milicianos destinados a apoiar, a todo o momento, a realização das *questiones!*

Começou a andar lentamente, falando ao mesmo tempo.

- Mas querer ser Romano será realmente um crime tão grave? Não será exagero dizer que

dominamos todas as regiões importantes do mundo. Somos tratados com todo o respeito e

deferência sempre que viajamos para o estrangeiro. Até os reis recuam quando lhes damos ordens.

O mais insignificante dos Romanos, um qualquer membro dos *capite censi', é* melhor do que

qualquer outro homem. Embora demasiado pobre para ter um escravo que seja, ele pertence ao

povo que governa o mundo. E isso significa uma notoriedade que lhe é preciosa, uma notoriedade

que só a palavra Romano permite. Mesmo quando realiza o seu pesado e desprezível trabalho,

porque não possui o tal escravo, mesmo nessa circunstância ele pode dizer para si mesmo: ”Eu sou

um Romano, sou melhor que o resto da humanidade!”

Nota: **Proletários que apenas pagavam a taxa pessoal. (N. do T.)**

258

Já perto do banco dos tribunos, virou-se para as portas abertas.

- Dentro das fronteiras da Itália, vivemos lado a lado com homens e mulheres que racialmente estão

próximos de nós, que, em muitos casos, são mesmo iguais a nós do ponto de vista racial. Homens e

mulheres que há pelo menos quatrocentos anos nos pagam o seu tributo e fornecem tropas, que

participam nas nossas guerras a cem por cento. Sim, é verdade, de quando em quando alguns deles

revoltaram-se, ou ajudaram os nossos inimigos, ou contestaram as nossas políticas. Mas *já foram*

*castigados* por esses crimes! Pela lei romana, não podemos voltar a castigá-los por isso. Podemos censurá-los por quererem ser Romanos? Essa é que é a questão. Não *porque* querem ser Romanos, não o que originou esta onda recente de falsas declarações. A questão é: poderemos de facto

censurá-los?

- Sim! - gritou Servílio Cepião. - Sim! Eles são gente inferior! Não têm os mesmos direitos que nós!

São nossos vassalos!

- Quinto Servílio, não podes falar! Senta-te e cala-te, ou então abandona esta reunião! - atroou a voz de Crasso Orador.

A um ritmo que lhe permitia preservar a dignidade física, Caio Mário deu uma volta para olhar em

torno dele, o rosto ainda mais deformado por um sorriso amargo.

- Julgam saber o que vou dizer agora, não é verdade? - perguntou aos senadores. Depois, riu-se bem

alto. - Caio Mário, o Italiano, estão vocês a pensar, vai recomendar a Roma que esqueça a *lex*

*Licinia Mucia,* que deixe ficar essas dezenas de milhar de falsos cidadãos nos registos. - As suas sobrancelhas ergueram-se. - Pois bem, Senadores, devo dizer-lhes que estão enganados! Não é isso

que eu defendo. Tal como vocês, penso que o nosso sistema de sufrágio não deve ser aviltado,

permitindo o registo de homens cuja falta de princípios os levou a cometer tal ilegalidade. O que eu

defendo é que a *lex Licinia Mucia* vá para a frente com os seus tribunais de inquérito, tal e qual como os seus eminentes autores referiram, mas apenas até um certo ponto. Não nos atrevamos a

ultrapassar esse ponto! Todos os falsos cidadãos devem ser retirados dos nossos registos e expulsos

das nossas classes. Isso apenas - nada mais. *Nada* mais! Porque, Senadores, *Quirites* que me escutam às portas, aviso-os solenemente de que, inflingindo a esses falsos cidadãos penas que

implicam violências contra os seus corpos, as suas casas, as suas bolsas, os seus descendentes, estão a semear um campo de ódio e vingança mais destruidor que o próprio



fogo! Colherão morte, sangue, pobreza, e um ódio que persistirá durante milénios! Não fechem os olhos ao que os Italianos tentaram fazer. Mas não os castiguem por terem tentado fazê-lo!

Muito bem, Caio Mário!, pensou Druso, e aplaudiu. Outros senadores aplaudiram também. Mas a maior parte manteve-se silenciosa, e, para lá das portas, os ruídos que se ouviam eram de rejeição de tanta clemência.

Marco Emílio Escauro levantou-se.

- Posso falar?

- Podes, Chefe do Senado - disse Crasso Orador.

Embora tivesse a mesma idade de Caio Mário, Escauro Princeps Senatus não dava a mesma ilusão de

juventude, apesar do rosto simétrico. Tinha rugas profundas no rosto e também na cabeça calva. Mas os seus belos olhos verdes eram jovens, penetrantes, vivos, cintilantes. E extraordinariamente inteligentes. Contudo, naquele dia, Escauro deixara em casa o seu tão apreciado e falado sentido de humor; não se lhe viam os vincos habituais nos cantos da boca - pelo contrário, os seus lábios cerravam-se num ricto grave. Tal como Caio Mário, também ele se encaminhou para as portas; porém, aí chegado, virou-se para a multidão.

- Pais Conscritos, eu sou o vosso presidente, devidamente designado uma vez mais pelos actuais censores.

Sou vosso chefe desde o ano do meu consulado, precisamente há vinte anos. Fui já cônsul e censor. Conduzi exércitos e concluí tratados com os nossos inimigos, e com aqueles que pretenderam ser nossos amigos. Sou um patrício da *gens* Emília. Mas, mais importante do que todas essas coisas, por muito prestigiosas e louváveis que elas possam ser, *eu sou um Romano!*

"É estranho que eu tenha de concordar com Caio Mário, que a si próprio se intitulou Italiano. Permitam-me, porém, que eu repita aquilo que ele disse no início do seu discurso. Querer ser Romano será realmente um crime assim tão grave? Querer ser membro de uma raça que dá ordens a reis e vê essas ordens obedecidas?

Como Caio Mário, também eu digo que não é crime nenhum um homem querer ser Romano. Divergimos,

porém, na ênfase que pomos nessa afirmação. *Querer* não é, de facto, crime. *Mas fazer* já é um crime. E não posso permitir que nenhum dos ouvintes de Caio Mário caia na armadilha que ele montou. Este Senado não se encontra reunido hoje para se apiedar daqueles que querem aquilo que não possuem. Não estamos reunidos 260

para apreciar ideais, sonhos, ânsias, aspirações. Estamos aqui reunidos para debater uma realidade - a usurpação ilegal da nossa cidadania romana por dezenas de milhar de homens que *não* são Romanos, e que, portanto, não estão autorizados a dizer que são Romanos. O facto de *quererem* ser Romanos não está em causa. O que está em causa é que dezenas de milhar de homens cometeram um grande crime, e nós, guardiães da nossa herança romana, não podemos, de modo nenhum, tratar esse grande crime como algo de menor,

como algo que não merece mais do que uma bofetada metafórica."

Nesse momento, Escauro virou-se para a assembleia.

- Senadores! Eu, dirigente desta casa, lanço-vos este apelo na minha qualidade de genuíno Romano:

Senadores, temos de dar a esta lei todo o poder e autoridade de que ela precisa! Este desejo italiano de aceder à cidadania romana tem de cessar de uma vez por todas, tem de ser esmagado, aniquilado. A *lex Licinia Mucia* tem de prever as penas mais duras que alguma vez promulgámos! E mais! Parece-me que devíamos adoptar as sugestões de Caio Mário, aprovando, para tal, aditamentos a esta lei. O primeiro aditamento deverá prever um prémio para todas as informações que conduzam à descoberta de um falso romano: um prémio de quatrocentos sestércios, dez por cento do total da multa. Dessa forma, o nosso Tesouro não gastará um tostão, quem paga *é* a bolsa do culpado. E o segundo aditamento deverá prever um destacamento da milícia para acompanhar todas as equipas de juizes no desempenho da sua missão. O dinheiro para pagar a esses soldados temporários, poderemos também ir buscá-lo às multas impostas. É por isso que não posso deixar de agradecer, muito sinceramente, a Caio Mário, as sugestões que aqui fez.

Ninguém alguma vez soube se Escauro teria ou não terminado o seu discurso, pois Públio Rutílio Rufo

levantou-se nesse instante, gritando:

- Deixem-me falar! Eu tenho de falar!

Escauro, que já estava cansado, sentou-se de imediato, fazendo um gesto de aquiescência para a mesa.

- Pobre Escauro, está velho, perdeu já as suas antigas faculdades

- comentou Lúcio Márcio Filipe para os seus vizinhos. - Não era seu costume pegar no discurso de outro para fazer o seu próprio discurso.

- Não encontro nada de errado no discurso dele - reagiu o vizinho da esquerda, Lúcio Semprónio Aselião.

- Está velho e incapaz - repetiu Filipe.

261

- *Tace,* Lúcio Márcio! - disse Marco Herénio, o vizinho da direita.

- Queria ouvir Públio Rutílio.

- Querias! - rosnou Filipe, mas calou-se.

Públio Rutílio Rufo não se pôs a andar de um lado para o outro, como os seus antecessores; de facto, ficou todo o tempo junto da sua cadeira de dobrar.

- Senadores, *Quirites* que escutam os trabalhos do Senado, oiçam por favor o que lhes quero dizer! - Meneou os ombros, pôs uma expressão grave. - Não tenho de facto confiança no vosso bom senso, e não espero, por isso, levá-los a ter uma opinião diferente da de Marco Emílio, opinião essa que é aliás, hoje, dominante.

Contudo, aquilo que eu vou dizer teria de ser dito, e é preciso que se saiba que foi dito quando o futuro revelar a sua prudência e justeza. E garanto-lhes que o futuro revelará a prudência e a justeza da minha posição.

Aclarou a voz e exclamou, com uma voz sonora:

- Caio Mário tem razão! No que respeita aos falsos cidadãos, devemos apenas excluí-los dos registos e das nossas classes. Embora tenha consciência de que a maior parte de vós - tal como eu, creio!

- considera os cidadãos italianos como estando muito abaixo dos verdadeiros Romanos, espero que todos tenhamos a necessária

capacidade de raciocínio para entender que os cidadãos italianos não são propriamente bárbaros. São pessoas requintadas, os seus chefes demonstram ter uma educação notável, e, basicamente, levam o mesmo tipo de vida que nós, Romanos. Portanto, não *podem* ser tratados como bárbaros! Os acordos que fizeram connosco datam de há séculos. Colaboram connosco há séculos. São nossos parentes de sangue, como Caio Mário diz.

- Bom, uma coisa é certa, Caio Mário é parente de sangue dele

- disse Lúcio Márcio Filipe, com uma fala arrastada.

Rutílio Rufo virou-se para fitar o ex-pretor, erguendo muito as sobrancelhas.

- Ora aí está uma distinção inteligente! - disse ele, num tom simpático. - A distinção entre laços de sangue e os laços forjados pelo dinheiro! Porque se não tivesses feito essa distinção, teríamos de te considerar um parente muito próximo de Caio Mário, não é verdade, Lúcio Márcio? Porque, se pensarmos em termos de

dinheiro, Caio Mário é muito mais teu parente do que o teu próprio *tatá.* Porque de facto, Lúcio Márcio, tu pediste a Caio Mário mais dinheiro do que o



teu *tatá* alguma vez te deu! Se o dinheiro fosse sangue, também tu serias vítima do estigma italiano, não é verdade, Lúcio Márcio?

O Senado atroou de risos, palmas e assobios, enquanto Filipe, corando de vergonha, fazia o mais que podia para se esconder.

Rutílio Rufo voltou ao tema central do seu discurso.

- Mas atentemos, por favor, de uma forma mais séria, nas penas previstas pela *lex Licinia Mucia* Como poderemos nós açoitar gente

com quem temos de coexistir, a quem vamos buscar soldados e dinheiro? Se

alguns membros dissolutos desta casa caluniam outros membros no que toca às suas origens de sangue, em que diferimos nós dos Italianos? É isto que eu defendo, é sobre isto que devem reflectir. Um pai que só educa o filho à tareia é um mau pai; quando cresce, esse filho só pode odiar o pai: não o ama, nem admira. Se nós açoitarmos os nossos parentes italianos desta península, teremos de coexistir com pessoas que nos odeiam por causa da nossa crueldade. Se os impedirmos de aceder à nossa cidadania, teremos de coexistir com pessoas que nos odeiam pela nossa presunção. Se os empobrecermos com multas pesadíssimas, teremos de coexistir com pessoas que nos odeiam pela nossa cupidez. Se os expulsarmos das suas casas, teremos de coexistir com pessoas que nos odeiam pela nossa desumanidade. Quanto ódio é todo este ódio junto? Muito mais,

Senadores, *Quirites,* muito mais do que o ódio que poderemos alguma vez suscitar em pessoas que vivem nas mesmas terras que nós. Não podemos correr o perigo, Senadores, *Quirites,* de gerar tanto ódio!

- Nesse caso, reprimamo-los ainda mais - disse Catulo César, entediado. - Reprimamo-los tanto que eles deixem de sentir ódio ou seja o que for. É o que eles merecem por terem roubado a prenda mais preciosa que um Romano pode oferecer.

- Quinto Lutácio, *tenta* compreender! - protestou Rutílio Rufo. Eles roubaram porque nós não daríamos!

Quando um homem rouba aquilo que acha que, por direito, lhe pertence, não lhe chama roubar. Chama-lhe recuperar.

- E como pode ele recuperar uma coisa que nunca foi dele? Rutílio Rufo desistiu.

- Muito bem. Eu tentei fazer-vos ver que é um disparate infligir penas verdadeiramente terríveis a pessoas que vivem ao nosso lado, que encontramos nas nossas estradas, que formam a maioria da população das zonas onde temos as nossas *villas* campestres e as nossas quintas,



que muitas vezes trabalham nas nossas terras quando não somos suficientemente modernos para empregar

trabalho de escravos. Não digo mais nada acerca das consequências que tais punições trarão para nós,

Romanos.

- Os deuses sejam louvados! - suspirou Cipião Nasica.

- Passo agora aos aditamentos sugeridos pelo nosso Princeps Senatus, e *não* por Caio Mário! - disse Rutílio Rufo, ignorando o comentário de Cipião Nasica. - E deixa-me dizer-te, Princeps Senatus, que pegar na ironia alheia e usá-la literalmente *não é* boa retórica! Se não tens cuidado, ainda começam a dizer para aí que perdeste as faculdades oratórias. No entanto, compreendo que te deve ter sido difícil encontrar palavras poderosas, palavras estimulantes, para descrever algo a que o teu coração não adere. Não terei razão, Marco Emílio?

Escauro nada disse, ainda que tivesse ficado um tanto ou quanto corado.

- Não constitui uma prática romana recorrer a informadores pagos, tal como não o é empregar guarda-costas -

disse Rutílio Rufo. - Se a *lex Licinia Mucia* estipular o recurso a informadores, será o mesmo que dizer aos nossos companheiros italianos que os tememos. Será o mesmo que dizer que a *lex Licinia*

*Mucia* não tem por objectivo punir infracções, mas esmagar uma ameaça potencial: precisamente os nossos companheiros

italianos! De forma invertida, estaremos a mostrar aos nossos companheiros italianos que pensamos que eles estão muito mais aptos a aniquilar-nos do que nós alguma vez estivemos! Medidas tão rigorosas e processos tão pouco romanos como informador e guarda-costas pagos revelam um medo enorme, revelam pavor. Não é

força o que demonstramos, mas sim *fraqueza,* senadores e cidadãos de Roma! Um homem que se sente verdadeiramente em segurança não se desloca escoltado por ex-gladiadores, nem olha desconfiado para todo o lado. Um homem que se sente verdadeiramente em segurança não oferece prémios por informações sobre os seus inimigos.

- Disparate! - exclamou desdenhosamente Escauro Princeps Senatus.

- Recorrer a informadores pagos é uma medida ditada pelo bom-senso. Facilitará a hercúlea tarefa dos

tribunais especiais, que terão à sua frente dezenas de milhar de transgressões. *Qualquer* processo susceptível de abreviar e facilitar tal tarefa é sempre desejável! Quanto às escoltas armadas, é também uma questão de bom senso. Desencorajarão manifestações e rebeliões.



- Muito bem! Apoiado! - ouviu-se em todo o Senado, ao mesmo tempo que aplausos dispersos.

Rutílio Rufo encolheu os ombros.

- Estou a ver que os ouvidos que me escutaram são de pedra. É pena que poucas pessoas nesta casa saibam ler nos lábios! Vou, por isso, concluir a minha intervenção. Só mais uma coisa. Se recorrermos a informadores pagos, estaremos a propagar na nossa querida terra uma doença que a infectará durante décadas e décadas.

Uma doença de espiões, de desprezíveis chantagistas, de terríveis dúvidas acerca de amigos e mesmo

parentes, porque em todas as comunidades há sempre alguém capaz de fazer *qualquer coisa* por dinheiro, não é verdade, Lúcio Márcio Filipe? Estaremos a dar toda a liberdade a essa gente miserável que furtivamente deambula pelos corredores dos palácios dos reis estrangeiros. Essa gente que, como ratos, sai das tocas sempre que o medo domina um povo, sempre que é aprovada legislação repressiva. Não permitam que uma

coisa dessas aconteça! Sejamos aquilo que sempre fomos: *Romanos'.* Gente que não tem medo, gente que está acima das tramas e manobras dos reis estrangeiros. - Sentou-se.

- É tudo, Lúcio Licínio.

Ninguém aplaudiu, embora houvesse agitação e murmúrios, e Caio Mário sorrisse.

E pronto, já não há nada a fazer, pensou Marco Lívio Druso quando a sessão terminou. Escauro Princeps Senatus vencera claramente: Roma perderia. Como poderiam ouvir as palavras de Rutílio Rufo se os seus ouvidos tinham volvido pedra? Caio Mário e Rutílio Rufo, nos seus discursos, tinham recorrido apenas ao bom senso - um bom senso tão evidente que entrava pelos olhos dentro. Que dissera Caio Mário? Que a

colheita seria de morte e sangue, mais destruidora que o próprio fogo. O problema é que o conhecimento que eles têm dos Italianos

se limita a um ou outro negócio e a uma incómoda partilha de limites de propriedades.

Não fazem a mínima ideia, pensou tristemente Druso, de que, dentro de cada italiano, há uma semente de ódio e vingança pronta a germinar. E o mesmo sucederia comigo, se não tivesse conhecido Quinto Popaedius Silão num campo de batalha.

O cunhado. Marco Pórcio Catão Saloniano, estava sentado na fila de trás, não muito longe dele; abriu

caminho para chegar ao pé de Druso, pôs a mão sobre o ombro dele, e perguntou-lhe:

- Queres vir comigo para casa, Marco Lívio?



Druso fitou o cunhado, a boca ligeiramente aberta, os olhos apáticos.

- Vai sem mim, Marco Pórcio - disse ele. - Estou muito cansado, quero pôr alguma ordem na minha cabeça.

Druso aguardou que o último senador saísse. Depois, fez um sinal para o criado, para que pegasse na cadeira e fosse para casa à sua frente. Lentamente, Druso encaminhou-se para o pavimento de laje branca e preta.

Quando deixou o edifício, já os escravos da Cúria Hostília estavam a varrer os degraus onde os senadores tinham estado sentados; concluído tal trabalho, fechariam as portas por causa das hordas de ladrões do bairro de Subura, e voltariam para as suas casas, situadas atrás das três *domi publici* dos principais flâmines.

De cabeça baixa, Druso arrastou-se por entre as colunas do pórtico, pensando quanto tempo demorariam Silão e Mutilo a saber daqueles

acontecimentos, perfeitamente convicto de que a *lex Licinia Mucia* chegaria à ratificação - com os aditamentos de Escauro - no prazo mínimo prescrito. Daí a dezassete dias, Roma teria uma nova lei, e, com ela, morreriam todas as esperanças de uma reconciliação pacífica com as nações Aliadas Italianas.

Enredado nos seus pensamentos, Druso contaria com tudo menos com o que nesse instante se deu: chocou de frente com Caio Mário. Recuando vacilante, a desculpa morreu nos seus lábios ao atentar no olhar veemente de Mário. Atrás de Mário, espreitava Públio Rutílio Rufo.

- Vem até minha casa com o teu tio, Marco Lívio. Convido-te a beber uma taça do meu excelente vinho -

disse Mário.

Apesar de toda a sabedoria que lhe proporcionavam os seus sessenta e dois anos, Mário nunca teria previsto a reacção de Druso àquele simpático e terno convite; o rosto sombrio e tenso de Druso, em que se notavam já algumas rugas, foi percorrido por um estremecimento nervoso, e, nesse mesmo instante, lágrimas jorraram-lhe dos olhos. Tapando a cabeça com a toga, para esconder aquilo que considerava uma fraqueza, Druso chorou como se se despedisse da vida. Mário e Rutílio Rufo tentaram acalmá-lo, murmurando coisas sem nexo,

dando-lhe pancadinhas nas costas, pedindo-lhe que não chorasse mais. Então Mário teve uma ideia brilhante: procurou na toga, tirou o seu lenço e introduziu-o sob o capuz improvisado de Druso.

Só ao fim de algum tempo Druso conseguiu acalmar-se. Deixou então cair a toga e enfrentou o tio e Mário.



- A minha mulher morreu ontem - disse ele, soluçando.

- Nós sabemos, Marco Lívio - disse Mário, compreensivo.

- Julguei que aguentava! Mas isto hoje foi demais. Lamento ter dado este espectáculo.

- Do que tu precisas é de um bom copo do melhor Falerno - disse Mário, descendo os degraus à frente dos outros dois.

E, de facto, um bom copo do melhor Falerno foi o bastante para dar a Druso um aspecto próximo do normal.

Mário levara uma terceira cadeira para junto da sua secretária, à volta da qual estavam sentados os três, com o vinho e a água à mão.

- Bom, a verdade é que tentámos - disse Rutílio Rufo, suspirando.

- Foi como se não tivéssemos feito nada - disse Mário, com a sua voz forte e sonora.

- Discordo, Caio Mário - contestou Druso. - Todas as intervenções foram transcritas. Eu vi Quinto Múcio dando instruções nesse sentido. Os funcionários tomaram nota de tudo o que vocês, Escauro e Crasso Orador disseram. Por isso, no futuro, quando os acontecimentos tiverem mostrado quem tem ou não tem razão,

alguém lerá o que vocês disseram, e a posteridade concluirá que nem todos os Romanos eram uns arrogantes perfeitamente idiotas.

- Sempre é algum consolo, embora eu preferisse que as últimas cláusulas da *lex Licinia Mucia* fossem rejeitadas - disse Rutílio Rufo.

- O problema é que todos eles vivem com os Italianos, mas nada sabem sobre eles!

- Precisamente - disse Druso, friamente. Pôs a taça em cima da secretária e deixou que Mário a enchesse de novo. - Vai haver

guerra

- acrescentou.

- Guerra?! Não, isso não! - exclamou logo Rutílio Rufo.

- Sim, guerra. A menos que eu ou outra pessoa qualquer consiga boicotar o avanço da *lex Licinia Mucia,* e obtenha o sufrágio universal para toda a Itália. - Druso sorveu o vinho. - Pela minha querida mulher - disse ele, os olhos enchendo-se de lágrimas que resolutamente evitou -, juro que não tive nada a ver com o registo dos falsos cidadãos. Mal soube do caso, fiquei a saber também quem eram os responsáveis. Os dirigentes de *todas* as nações italianas, e não apenas o meu amigo Silão e o amigo dele. Mutilo. Não creio que eles alguma vez tenham pensado que a sua acção iria passar despercebida. Julgo que o objectivo deles era levar Roma a entender que o sufrágio universal constitui em



toda a Itália uma necessidade urgente. E se essa necessidade não for satisfeita, garanto-vos que haverá guerra!

- Eles não estão suficientemente bem organizados para desencadear uma guerra - comentou Mário.

- Talvez tenhas uma surpresa desagradável - disse Druso. - A crer nalgumas observações ocasionais de Silão e eu acho que devo acreditar, há anos que eles vêm falando da possibilidade da guerra. Por certo desde Arausio.

Não tenho prova alguma, apenas sei que tipo de homem é Quinto Popaedius Silão. Mas sabendo que tipo de homem ele é, creio poder concluir que as nações italianas estão já a preparar-se, fisicamente, para a guerra. Os rapazes já cresceram e eles começam a treiná-los mal atingem os dezassete anos. Porque não haveriam de treinar os jovens? Ninguém os pode acusar de nada, pois têm sempre a

hipótese de responder que Roma há-de querer esses jovens bem treinados... E quem poderá contestá-los, se eles insistirem que as armas e

equipamentos que vêm acumulando se destinam ao dia em que Roma lhes pedir legiões de auxiliares?

Mário apoiou os cotovelos sobre a secretária e, num tom sombrio, comentou:

- Tens razão, Marco Lívio. Faço votos para que as tuas previsões não se verifiquem. Porque uma coisa é combater bárbaros ou estrangeiros com legiões romanas; mas combater contra os Italianos, significa combater contra homens com a mesma experiência de guerra que nós e com uma preparação idêntica à romana. Os

Italianos seriam os nossos mais terríveis inimigos, como aliás já o foram num passado longínquo. Os

Samnitas, por exemplo, derrotaram-nos por várias vezes! No final, fomos nós quem venceu, mas o Sâmnio é apenas uma parte da Itália! Uma guerra contra uma Itália unida poderá perfeitamente conduzir-nos à

destruição.

- Sem dúvida - concordou Druso.

- Nesse caso, será bom que comecemos a exercer pressões tendo em vista a integração pacífica dos Italianos no seio do povo romano

- disse Rutílio Rufo, determinado. - Se é isso que querem, então é isso que lhes devemos dar. Nunca fui grande defensor do direito de voto universal para a Itália. Mas eu sou um homem sensato. Como Romano, sou capaz de não estar de acordo. Mas como patriota tenho de aprovar. Uma guerra civil deixar-nos-ia na ruína.

- Estás absolutamente certo do que dizes? - perguntou Mário a Druso, com uma voz grave.



- Absolutamente certo, Caio Mário.

- Nesse caso, creio que deverás encontrar-te com Quinto Silão e Caio Mutilo o mais depressa possível - disse Mário, desenvolvendo em voz alta as suas ideias. - Tenta convencê-los, e, através deles, os outros dirigentes italianos, de que, apesar da *lex Licinia Mucia,* as portas para uma cidadania generalizada não se encontram irrevogavelmente fechadas. Se eles estiverem já a preparar-se para a guerra, não será possível dissuadi-los a pararem com os preparativos. Mas poderás convencê-los de que a guerra *é* um último recurso tão horrível que só teriam a ganhar se esperassem algum tempo. O tempo necessário. Entretanto, teremos de demonstrar no senado e nos *Comitia* que existe um grupo decidido a dar a cidadania a toda a Itália. E, mais tarde ou mais cedo, Marco Lívio, teremos de encontrar um tribuno da plebe capaz de consagrar-se à nossa causa e de

legislar no sentido de tornar toda a Itália romana.

- Eu serei esse tribuno da plebe - disse Druso firmemente.

- Óptimo! Óptimo! Ninguém poderá acusar-te de ser um demagogo, ou de cortejar a Terceira e a Quarta

Classes. Por outro lado, como tens bastante mais idade do que é costume nos tribunos da plebe, serás visto como um candidato maduro, responsável. Além disso, és filho de um censor extremamente conservador, e a única tendência liberal que te é conhecida, é a simpatia em relação à causa italiana comentou Mário,

satisfeito.

- Mas ainda é cedo - atalhou convictamente Rutílio Rufo. - Temos de dar tempo ao tempo, Caio Mário!

Temos de constituir um grupo de pressão, temos de obter apoios em todos os sectores da comunidade romana, e isso demorará vários anos. Não sei se reparaste, mas a multidão que se encontrava fora da Cúria Hostília forneceu-me hoje a prova para algo que sempre suspeitei: que a oposição ao alargamento da cidadania aos Italianos não se limita ao topo. Esta é uma daquelas questões que, estranhamente, une toda a Roma, desde o topo até aos *capite censi;* e, se não me engano, também os cidadãos abrangidos pelos Direitos Latinos estão do lado de Roma.

- É um problema de privilégios - disse Mário, aquiescendo. Toda a gente gosta de se sentir superior aos Italianos. Julgo ser muito possível que esse sentimento de superioridade esteja mais entranhado nas classes baixas do que na elite. Vamos ter que recrutar Lúcio Decúmio para as nossas hostes.

- Lúcio Decúmio? - perguntou Druso, intrigado.

- É um indivíduo de muito baixo estrato que eu conheço - retorquiu Mário com um sorriso. - Contudo, apesar do seu baixo estrato, Lúcio Decúmio consegue ter muita influência. E como nutre uma devoção profunda pela minha cunhada Aurélia, tentarei aliciá-la a ela primeiro, para que depois ela o recrute.

Druso estava cada vez mais intrigado.

- Não creio que tenhas muita sorte com Aurélia - comentou. Não viste o irmão mais velho dela, Lúcio Aurélio Cota, na parte da tribuna reservada aos pretores? Aplaudiu e deu vivas como os outros. E o tio dele, Marco Aurélio Cota, também.

- Tem calma, Marco Lívio, ela não é nada tacanha, ao contrário dos seus parentes homens - disse Rutílio Rufo, já um pouco tocado pelo vinho. - Aquela jovem pensa pela sua própria cabeça, e, além disso, está ligada pelo casamento ao menos ortodoxo e mais radical dos ramos dos Júlios Césares. Não tenhas dúvidas,

podemos contar com o apoio dela. E, através dela, recrutaremos Lúcio Decúmio.

Ouviu-se bater à porta; Júlia entrou, com o seu passo delicado, vestida com o mais diáfano dos linhos, comprado em Cós. Tal como Mário, também ela estava com um aspecto magnífico, saudável e muito

bronzeada.

- Marco Lívio, meu querido - disse ela, inclinando a cabeça para lhe dar um beijo. - Não vou cair em

pieguices que só te fariam mal, mas quero que saibas que fiquei muito triste, e que nesta casa serás sempre bem recebido.

A presença de Júlia era tão suave, e tão quente a sua simpatia, que Druso se sentiu perfeitamente confortado: as condolências dela não o tinham deprimido; pelo contrário, tinham-lhe dado ânimo. Pegou na mão dela e beijou-a.

- Obrigado, Júlia.

A esposa de Mário sentou-se na cadeira que Rutílio Rufo fora entretanto buscar e aceitou uma taça de vinho com um pouco de água, absolutamente segura de que a sua presença naquele grupo masculino era desejada, embora sabendo que interrompera uma discussão séria e profunda.

- A *lex Licinia Mucia,* - disse ela.

- Precisamente, *mel,* - retorquiu Mário, fitando-a com veneração, mais apaixonado agora do que quando casara. - Até agora fizemos o que era possível. Mas vou precisar de ti. Falarei contigo mais tarde.



- Farei o que puder - disse ela, após o que, puxando pelo braço de Druso, começou a rir. - Indirectamente, Marco Lívio, tu foste a causa da interrupção das nossas férias!

- Como é que eu pude interromper as vossas férias? - perguntou Druso, sorrindo.

- A culpa foi minha - esclareceu Rutílio Rufo, com um risinho perverso.

- Sem dúvida! - disse Júlia, fitando Rutílio Rufo com um olhar censurador. - O teu tio, Marco Lívio, escreveu-nos para Halicarnasso no passado mês de Janeiro. Nessa carta, dizia-nos que a sua

sobrinha fora alvo de um processo de divórcio, devido a adultério, pois dera à luz uma criança ruiva!

- Tudo isso é verdade - disse Druso, agora com um sorriso mais largo.

- Sim, mas o problema é que ele tem outra sobrinha - Aurélia! Provavelmente não sabes de nada, mas tem havido uns mexericos na família acerca da relação de amizade que ela mantém com um homem ruivo que

agora se encontra na Hispânia Citerior, ao serviço de Tito Dídio. Por isso, quando lemos o misterioso comentário do teu tio, o meu marido pensou que era a Aurélia que ele se referia. E eu insisti em voltarmos para Roma, porque jurava a pés juntos que Aurélia não se envolveria amorosamente com Lúcio Cornélio Sila.

Quando cá chegámos, é que soubemos que nos tínhamos enganado na sobrinha! Públio Rutílio pregou-nos

uma bela partida - concluiu Júlia, rindo.

- O meu problema é que tinha saudades vossas - disse Rutílio Rufo, nada arrependido.

- As famílias podem ser o cabo dos trabalhos - disse Druso. Mas tenho de admitir que Marco Pórcio Catão Saloniano é um homem muito mais interessante do que Quinto Servílio Cepião. E Lívia Drusa está feliz.

- Então, está tudo bem - comentou Júlia.

- Sim - disse Druso. - Está tudo bem.

Quinto Popaedius Silão não parou de viajar durante os dias que mediaram entre a primeira discussão da *lex Licinia Mucia* e a sua promulgação, por um voto quase unânime, na Assembleia do Povo.

Por isso, foi através de Caio Pápio Mutilo que Silão soube da nova lei, quando chegou a Boviano.

271

- Então, só há uma saída: a guerra - disse ele a Mutilo, com uma expressão grave.

- Receio bem que sim, Quinto Popaedius.

- Temos de convocar uma reunião de todos os dirigentes das nações italianas.

- Isso já está a ser feito.

- E o local?

- Será numa cidade onde os romanos nunca pensarão procurar disse Pápio Mutilo. - Em Grumento, de hoje a dez dias.

- Excelente! - exclamou Silão. - A Lucânia Interior é uma região que os romanos esqueceram por completo, não sei por que razão. Não há *latifundia,* nem proprietários rurais romanos, a um dia de viagem de Grumento.

- Nessa zona não há sequer um único cidadão romano residente, o que é ainda mais importante.

- Mas se aparecer algum romano, como nos livramos dele? perguntou Silão, com uma expressão dubitativa.

- Marco Lampónio tem tudo preparado - disse Mutilo com um sorriso esbatido. - A Lucânia é terra de

bandidos e salteadores. Por isso, qualquer romano que por lá apareça será capturado por salteadores.

Terminada a assembleia, Marco Lampónio cobrir-se-á de glória, pois obterá a libertação desses romanos sem ser preciso pagar resgate.

- Muito bem pensado! Quando pensas partir?

- Dentro de quatro dias. - Mutilo deu o braço a Silão e assim se encaminharam para o jardim de peristilo da sua espaçosa e elegante casa; de facto, tal como Silão, também Mutilo era um homem rico, educado,

requintado. - Conta-me o que aconteceu durante a tua viagem à Gália Italiana, Quinto Popaedius.

- O que vi assemelha-se muito ao que Quinto Servílio Cepião descreveu há dois anos e meio - disse Silão, satisfeito. - Uma série de pequenas cidades espalhadas pelas margens do rio Medoaco, para lá de Patávio, e também nas margens do Sontio e do Natiso, para lá de Aquileia. O ferro é enviado por terra a partir dessa parte da Nórica, perto de Noreia, mas a maior parte da jornada é fluvial, já que segue depois por um braço do Dravo e, posteriormente, pelo Sontio e pelo Tiliavento. As localidades mais perto da nascente dos rios dedicam-se à produção de carvão, que é enviado em embarcações para as localidades que se dedicam à

produção de aço. Quando visitei a zona, fingi ser



um *praefectus fabrum* romano - e paguei em dinheiro. Estavam todos sequiosos de dinheiro. Dinheiro suficiente para garantir que trabalharão como uns loucos até terem a encomenda pronta. E como eu fui o primeiro cliente importante que eles viram, estão perfeitamente dispostos a continuar a produzir armas e munições exclusivamente para mim. Mutilo tinha um ar apreensivo.

- Achas mesmo que foi boa ideia fingires que eras um *praefectus fabrum* romano? - perguntou. - E se aparece por lá um *praefectus*

*fabrum* verdadeiro? Ele descobrirá tudo e informará Roma.

- Sossega, Caio Pápio, que eu tratei de tudo - disse Silão impassível.

- Repara que, devido às minhas encomendas, estes novos fabricantes de aço não precisarão de procurar outros clientes. As encomendas romanas vão para centros de renome, como Pisa e Populónia. Por outro lado, vindo de Patávio e Aquileia, as nossas armas poderão ser transportadas pelo Adriático e conduzidas a portos italianos que os romanos não usam. Nenhum romano se interrogará sequer sobre as nossas cargas. Pois se eles nem sequer sabem que a Gália Italiana Oriental se encontra envolvida no negócio de armas. A actividade romana concentra-se no Ocidente, no mar Toscano.

- E a Gália Italiana Oriental poderá manter o seu negócio?

- Mas sem a mínima dúvida! Quanto mais activa estiver a zona, mais ferreiros atrairá. Quinto Servílio Cepião tinha razão: o seu belo esquema resultou.

- E Cepião? Ele não é amigo dos Italianos!

- Mas é esperto - retorquiu Silão com um sorriso. - Não está nos planos dele divulgar as suas actividades comerciais em Roma. Cepião pretende unicamente esconder o ouro de Tolosa nos locais mais remotos. E

trabalha de forma a passar despercebido junto das instituições fiscalizadoras do Senado, o que significa que só prestará alguma atenção aos livros de contabilidade. E que poucas vezes visitará os seus investimentos.

Cepião surpreendeu-me ao demonstrar que tinha talento para este tipo de coisas. Para uma criatura tão estúpida em qualquer outra circunstância, não há dúvida que Cepião tem um notável faro para o

negócio. Não, não precisamos de nos preocupar demasiado com Quinto Servílio Cepião! Enquanto os sestércios

continuarem a cair na sua bolsa, Cepião sentir-se-á feliz e estará calado e quieto.

- Nesse caso, temos de nos concentrar no dinheiro. Temos de arranjar mais dinheiro - disse Mutilo, rilhando os dentes. - Por todos



os nossos velhos deuses italianos, Quinto Popaedius, com que satisfação eu e o meu povo esmagaríamos

Roma e os Romanos! A alegria que isso nos daria!

Porém, no dia seguinte, Mutilo teve de suportar a presença de um romano, pois Marco Lívio Druso chegou entretanto a Boviano, desejoso de se encontrar com Silão, e trazendo imensas notícias.

- O Senado está agora a sortear os juizes que vão presidir a esses tribunais especiais - disse Druso, inquieto porque se encontrava em Boviano, um viveiro crónico de revoltas. Esperava que ninguém o tivesse visto na capital do Sâmnio.

- E tencionam realmente executar as medidas previstas pela *lex Licinia Mucia* - perguntou Silão, que ainda tinha dificuldade em acreditar naquilo tudo.

- Sem dúvida - retorquiu Druso, num tom pesaroso. - Vim a Boviano para te dizer que tens um prazo de seis mercados para amortecer o golpe. No Verão, começarão as *questiones,* e todas as cidades onde elas se realizarem ficarão cheias de cartazes anunciando os benefícios, nomeadamente financeiros, destinados aos informadores. Não faltam por aí os homens sem princípios, ansiosos por ganharem quatro ou oito ou doze mil sestércios; e alguns, prevejo eu, ficarão

ricos. É uma desgraça, concordo, mas a Assembleia do Povo aprovou essa maldita lei quase por unanimidade.

- Onde será instalado o tribunal mais próximo da minha residência?

- perguntou Mutilo, com cara de poucos amigos.

- Esérnia. O tribunal regional instalar-se-á sempre numa colónia romana ou numa localidade abrangida pelos Direitos Latinos.

- Não se atreverão a instalar os tribunais noutro sítio qualquer. Seguiu-se um silêncio. Mutilo e Silão não falavam de guerra, o que

deixava Druso mais alarmado do que se falassem abertamente. Ele sabia que se tinha imiscuído na

congeminação de muitas conspirações, mas a verdade é que se encontrava perante um dilema irresolúvel: demasiado leal a Roma para não querer informações sobre essas conspirações, era também demasiado amigo de Silão para querer saber o que teriam eles tramado. Por isso conteve-se e tratou de fazer o que estava ao seu alcance, sem que, desse modo, renegasse o seu patriotismo.

- Que sugeres que façamos? - perguntou Mutilo a Druso.

- Como já disse, sugiro que amorteçam o mais possível o golpe. Convençam as pessoas que vivem em

colónias ou municípios romanos



ou latinos a abandonar imediatamente esses centros, caso se tenham apresentado como cidadãos romanos.

Eles não vão querer fugir, mas vocês têm de os convencer. Se ficarem, serão punidos com chicotadas, multas, perda de direitos e expulsão - retorquiu Druso.

- Não podem fazer uma coisa dessas! - exclamou Silão, as mãos tensas agarrando o vazio. - Marco Lívio, o problema é que os chamados cidadãos falsos constituem uma multidão impressionante! Roma há-de ver a

quantidade de inimigos que esta lei lhe trará! Uma coisa é açoitar um italiano aqui e outro acolá, mas açoitar aldeias e cidades inteiras é completamente diferente! Não, os Italianos não se deixarão submeter, juro que não!

Druso tapou as orelhas com as mãos, abanando a cabeça.

- Não, Quinto Popaedius, não digas uma coisa dessas! Por favor, não digas uma só palavra que eu possa interpretar como traição! Eu ainda sou um romano! Sinceramente, eu estou aqui apenas para te ajudar tanto quanto possa. Não me envolvas em coisas que espero nunca se concretizem! Por favor! Leva os teus falsos cidadãos de todos os locais onde possam ser descobertos. E fá-lo já, pois assim ainda poderão salvar alguma coisa dos seus investimentos em centros romanos ou latinos. Não faz mal que toda a gente conheça as razões que os levam a fugir; o que é preciso é que eles fujam para bem longe, de forma a dificultar o mais possível a sua detenção. Haverá poucos milicianos armados, e estarão todos muito ocupados a guardar os juizes: por isso, não é de crer que se afastem muito dos locais previstos para os tribunais. Há uma coisa em que podem sempre confiar: na tradicional relutância do Senado em gastar dinheiro. Nestas circunstâncias, o Senado é vosso amigo. Por isso, levem o vosso povo dos centros romanos e latinos! E certifiquem-se de que os tributos italianos são pagos. Não permitam que ninguém se recuse a pagar por causa de uma cidadania romana que não é verdadeira.

- Assim faremos - retorquiu Mutilo que, sendo samnita, sabia perfeitamente que a vingança romana era

sempre impiedosa. - Traremos os nossos povos para as nossas terras, e protegê-los-emos.

- Óptimo - disse Druso. - Só isso já reduzirá o número de vítimas.

- Druso, muito nervoso, não parava quieto. - Não posso continuar aqui, tenho de me ir embora antes do meio-dia e chegar a Casino antes que a noite caia. De facto, seria mais lógico eu estar em Casino do que em Boviano. Tenho terras em Casino.



- Então vai, vai já! - exclamou Silão, tão nervoso como o amigo.

- Não quero, por nada deste mundo, que te acusem de traição, Marco Lívio. Tens sido um amigo sincero de todos nós. Obrigado.

- Irei num instante - disse Druso, encontrando alento para sorrir.

- Mas primeiro quero a tua palavra de que não recorrerão à guerra, enquanto todas as outras alternativas forem possíveis. Continuo a ter esperança numa solução pacífica, e agora disponho de aliados poderosos no Senado.

Caio Mário regressou já do estrangeiro e o meu tio Públio Rutílio Rufo também vos apoia. Juro-vos que dentro de poucos anos disputarei o cargo de tribuno da plebe, e então, através da Assembleia da Plebe, apoiarei o alargamento da cidadania a toda a Itália. Mas isso não pode ser feito agora. Primeiro, temos de obter apoios para a nossa causa dentro de Roma e entre os nossos pares. Especialmente entre os cavaleiros. É

muito possível que a *lex Licinia Mucia* vos venha a trazer mais benefícios do que desvantagens. Cremos que, quando se aperceberem dos efeitos da lei, muitos romanos passarão a simpatizar com a causa italiana.

Lamento que tudo isto acabe por criar heróis da forma mais penosa e dispendiosa. Mas que venham os heróis!

Os Romanos acabarão por chorá-los, pois lamentarão a sua sorte. Espero bem que sim, que os Romanos

chorem os vossos heróis.

Silão acompanhou-o até ao cavalo, um cavalo dos estábulos de Mutilo, e só então reparou que Druso vinha sozinho.

- Marco Lívio, é perigoso andar por aí sozinho! - exclamou Silão.

- Seria mais perigoso trazer alguém comigo, ainda que fosse um escravo. As pessoas falam, e eu não posso dar a Cepião a oportunidade de me acusar de ter estado em Boviano, conspirando contra Roma disse Druso, aceitando a ajuda do amigo para montar.

- Embora não me tenha registado como cidadão, tal como, aliás todos os outros dirigentes, não me atrevo a ir a Roma - disse Silão, fitando o amigo. O sol espreitava por trás da cabeça de Druso, fazendo uma espécie de aura.

- Nem penses numa coisa dessas - retorquiu Druso, com um esgar. - Primeiro que tudo, porque tenho um

informador na minha casa.

- Por Júpiter! Espero que o tenhas crucificado!

- Infelizmente tenho que o suportar, ou melhor, de a suportar, porque se trata da minha sobrinha Servília, que tem nove anos. É filha de Cepião: igualzinha ao pai. - Embora a sombra lhe ocultasse o



rosto, via-se claramente que estava vermelho. - Descobrimos que ela invadiu o teu quarto durante a

tua última visita. Caso te interesse saber, foi por isso que Cepião pôde referir Caio Pápio como um

dos promotores do registo de Italianos como cidadãos. Podes contar-lhe isto, para que também ele

saiba até que ponto este problema nos divide a todos. Os tempos mudaram. Agora já não é Sâmnio

contra Roma, acredita. O que precisamos de construir é uma união pacífica de todos os povos desta

península. De outro modo, nem Roma, nem as nações italianas, poderão avançar.

- E não podes recambiar a rapariga para o pai? - perguntou Silão.

- Ele não a quer. Ao contrário do que ela pensava, não lhe valeu de nada ter invadido a tua

privacidade e divulgado os teus segredos

- disse Druso. - Tenho-a presa e silenciada, mas há sempre o perigo de ela iludir a nossa vigilância e de ir ter com o pai. Por isso, não te aproximes de Roma nem da minha casa. Se precisares de me ver

com urgência, envia uma mensagem e eu encontrar-me-ei contigo em qualquer local remoto.

- De acordo - erguendo a mão para dar uma palmada no flanco do cavalo, Silão deteve-o para uma

última mensagem. - Dá os meus melhores cumprimentos a Lívia Drusa, a Marco Pórcio, e é claro, à

nossa querida Servília Cepião.

A dor inundou o rosto de Druso, enquanto se afastava.

- Servília Cepião morreu! - gritou ele, olhando para trás. - Oh, as saudades que eu sinto dela!

Os tribunais previstos pela *lex Licinia Mucia* foram instalados em Roma, Espoleto, Cosa, Firmo, Esérnia, Alba, Cápua, Régio, Lucéria, Pesto e Brundísio; porém, mal as zonas próximas dessas

cidades estivessem completamente exploradas, os tribunais deslocar-se-iam para outras cidades.

Apenas o Lácio acabou por não ter um tribunal; as terras dos Marsos eram consideradas mais

importantes, e por isso Alba foi a décima primeira cidade escolhida.

Porém, de um modo geral, os dirigentes italianos que se encontraram em Grumento, sete dias após a

visita de Druso a Silão e Mutilo, conseguiram afastar os seus falsos cidadãos de todas as cidades

romanas e latinas. Como seria de esperar, alguns houve que se recusaram a acreditar nas penas

aprovadas por Roma, e outros que talvez tenham acreditado, mas que estavam demasiado ligados às

respectivas cidades para porem a hipótese de fugir. E foi sobre estes homens que se



abateu toda a ira dos tribunais.

Para além dos três juizes (o presidente, um cônsul ou ex-cônsul, e os seus dois assistentes, forçosamente senadores), cada tribunal dispunha de uma equipa de funcionários, doze lictores (ao presidente fora atribuída uma autoridade proconsular) e uma escolta

montada e armada de cem milicianos, recrutados entre soldados de cavalaria reformados e os antigos gladiadores que conseguiam andar a cavalo.

Os juizes haviam sido escolhidos por sorteio. Os nomes de Caio Mário e Públio Rutílio Rufo não tinham sido sorteados, e isso não espantou ninguém - o mais provável é que os berlindes de madeira com os seus nomes não tivessem sequer entrado no recipiente cheio de água e fechado que era utilizado em tais ocasiões.

Quinto Lutácio Catulo César ficou com Esérnia, e Cneu Domício Aenobarbo Pontifex Maximus com Alba;

Escauro Princeps Senatus não foi escolhido, mas Cneu Cornélio Cipião Nasica foi-o, ficando a dirigir o tribunal de Brundísio, uma cidade que não lhe agradava rigorosamente nada. Metelo Pio, o Bacorinho, e Quinto Servílio Cepião encontravam-se entre os juizes assistentes, tal como o cunhado de Druso, Marco Pórcio Catão Saloniano. O nome de Druso não saiu no sorteio, e isso agradou-lhe profundamente; de facto, se a sorte o tivesse escolhido, teria sido obrigado a anunciar ao Senado que a sua consciência o impedia de desempenhar o cargo.

- Foi um erro crasso - disse-lhe Mário mais tarde. - Se tivessem uma ponta da inteligência com que

provavelmente nasceram, teriam feito com que o teu nome saísse, o que te obrigaria a declarar, de forma muito pública, os teus sentimentos. E isso não seria nada bom para ti na atmosfera actual!

- Então ainda bem que não têm a inteligência com que provavelmente nasceram - disse Druso

reconhecidamente.

A sorte determinou ainda que Marco António Orador, o Censor, ficasse a presidir ao tribunal da cidade de Roma. Ficou encantado,

pois gostava de enigmas e quebra-cabeças: e encontrar os transgressores de Roma era um verdadeiro quebra-cabeças. Por outro lado, podia contar com um ganho de vários milhões de sestércios em multas, graças aos esforços dos informadores, que andavam já de volta das longas listas de nomes.

Os resultados variavam consideravelmente de cidade para cidade. Catulo César ficou a odiar Esérnia; a cidade situava-se no meio do



território do Sâmnio, Mutilo conseguiu convencer quase todos os culpados a fugir, e os cidadãos romanos e residentes latinos não tinham informações a oferecer - e quanto aos Samnitas, era impensável que traíssem os seus irmãos, fosse qual fosse o dinheiro oferecido. Contudo, os poucos transgressores apanhados foram alvo de processos sumários e exemplares (exemplares, segundo o ponto de vista de Catulo César): o presidente do Tribunal tinha de facto escolhido, entre os homens da escolta, um indivíduo particularmente brutal para chicotear os réus. Mas a estada de Catulo César era, para ele, o cúmulo do tédio. Todos os dias eram

encontrados novos transgressores, mas só ao fim de algum tempo se descobria que os transgressores já não residiam em Esérnia. De três em três ou de quatro em quatro dias, lá conseguiam encontrar um culpado, e era com ansiedade que Catulo César esperava pelo julgamento. Era, sem dúvida, um homem corajoso: ignorava os protestos daquela gente que se sentia ultrajada, os apupos e assobios com que era saudado fosse para onde fosse, as pequenas sabotagens furtivas que o perseguiam não só a ele, mas também os outros dois juizes, os funcionários e os lictores, e mesmo os homens da escolta. As correias das selas rebentavam e os soldados caíam de borco no chão. De quando em quando, a água aparecia misteriosamente cheia de lama. Por outro lado, todos os insectos e aranhas de Itália pareciam ter sido chamados a Esérnia e postos nos

seus quartos; cobras deslizavam inopinadamente de armários e cómodas, ou por entre a roupa da cama; por outro lado

apareciam pequenos bonecos vestidos com togas, cheios de sangue e penas, bem como galos e gatos mortos; e os casos de comida envenenada tornaram-se tão frequentes que o presidente do Tribunal se viu obrigado a pôr escravos a provar a comida algumas horas antes da refeição, e a ordenar a guardas que vigiassem a comida a todo o momento.

Ao contrário do que se esperava, Cneu Domício Aenobarbo Pontifex Maximus, sediado em Alba, revelou-se um presidente compassivo; tal como em Esérnia, também em Alba a maior parte dos culpados havia

desaparecido e, por isso, só ao fim de seis dias de sessões o tribunal encontrou a sua primeira vítima. Não houve neste caso qualquer intervenção de informadores, mas o homem era suficientemente rico para poder pagar a sua multa, e fitou Aenobarbo Pontifex Maximus de cabeça levantada quando este ordenou a imediata confiscação de todas as suas propriedades situadas em Alba. O soldado designado para



chicotear os transgressores gostava excessivamente dessa tarefa; já pálido, o presidente do Tribunal ordenou o fim das chicotadas quando o sangue começou a salpicar toda a gente que se encontrava perto da infeliz vítima.

Quando apareceu o segundo transgressor, o presidente escolheu outro soldado para açoitar: e este soldado chicoteava com tanta delicadeza que as costas do réu pouco sofreram. Aenobarbo Pontifex Maximus

encontrou também no seu íntimo uma insuspeitada aversão a informadores que, não sendo muitos, eram,

talvez por causa disso, especialmente odiosos. Naturalmente, Aenobarbo tinha de pagar o prémio; só que, pago o prémio, sujeitava o informador a um inquérito demorado e particularmente desagradável sobre o seu próprio estatuto de cidadão; e este procedimento acabou por ter êxito, pois os informadores deixaram de aparecer. Certa ocasião, quando se verificou que determinado transgressor tinha três filhos deficientes, Aenobarbo, sem que ninguém soubesse, pagou a multa, e recusou firmemente a expulsão do homem da

cidade, onde as crianças passavam melhor do que no campo.

Por isso, enquanto os Samnitas cuspiam com todo o desprezo para o chão mal ouviam o nome de Catulo

César, Aenobarbo Pontifex Maximus acabou por ser venerado em Alba, e os Marsos foram tratados muito

mais brandamente que os Samnitas. Quanto aos restantes tribunais, alguns presidentes mostraram-se cruéis, outros escolheram um meio-termo, outros ainda seguiram o exemplo de Aenobarbo. Mas o ódio não parava

de crescer, e as vítimas desta perseguição eram em número bastante para fortalecer os Italianos na sua determinação de pôr fim ao jugo romano, ainda que isso implicasse a morte. Nenhum juiz teve coragem para mandar os milicianos para as remotas zonas rurais, em busca dos infractores que haviam fugido das cidades.

O único juiz que se envolveu em problemas legais foi Quinto Servílio Cepião, assistente de Cneu Cipião Nasica no tribunal de Brundísio. Cneu Cipião Nasica detestava tanto esse porto de mar, famoso pelo calor sufocante e pela poeira que cobria tudo, que, pouco depois de ter chegado, invocou uma doença sem

importância (mais tarde, para grande gozo do povo local, descobriu-se que se tratava de hemorróidas) para voltar rapidamente a Roma,

pois só em Roma havia médicos em condições. Cepião substituiu-o na

presidência do tribunal, assistido precisamente por Metelo Pio, o Bacorinho. Tal como nas outras cidades, também em Brundísio os infractores tinham fugido

280

antes de o tribunal chegar e os informadores eram escassos. A lista de nomes era lida, dos homens

não havia sinal, e os dias iam passando

- até que um informador surgiu com provas aparentemente incontestáveis contra um dos mais

respeitados cidadãos romanos de Brundísio. Este cidadão presumivelmente falso não fora registado

naquele ano, mas, segundo o informador, vinte anos antes. Tão diligente como um cão

desenterrando carne putrefacta, Cepião resolveu transformar este caso num exemplo para todos, a

tal ponto que ordenou o seu interrogatório sob tortura. Metelo Pio teve medo e protestou, mas

Cepião recusou-se a ouvi-lo, tão seguro estava da culpabilidade daquele pilar da comunidade. Só

que não tardaram a surgir as provas de que aquele homem era aquilo que afirmava ser - um cidadão

romano de reputação imaculada. Declarada a sua inocência, o homem não esperou muito para

processar Cepião. Para garantir a sua absolvição, Cepião correu a Roma, onde um discurso

inspirado de Crasso Orador acabou por salvá-lo. Evidentemente, não poderia voltar a Brundísio.

Muito contrariado, Cneu Cipião Nasica teve de voltar àquela cidade; durante toda a viagem, não se

cansou de vociferar imprecações contra todos os Servílios Cepiões. Quanto a Crasso Orador,

obrigado a defender um homem que detestava, de pouco lhe valeu o consolo de ter ganho o caso.

- É em momentos como este - disse ele a seu primo e bom companheiro Quinto Múcio Cévola - que

lamento, oh, se lamento!, que nos tenha calhado a nós sermos cônsules neste hediondo ano!

Por esta altura, escreveu Públio Rutílio Rufo uma carta a Lúcio Cornélio Sila, que se encontrava

ainda na Hispânia Citerior; sequioso de notícias, Sila mandara-lhe uma carta em que pedia uma

espécie de diário dos acontecimentos romanos; Rutílio Rufo acedeu de bom grado a tal pedido.

*Juro-te, Lúcio Cornélio, que dos meus amigos que se encontram fora, nenhum vale o esforço de uma linha que seja. Mas contigo, o caso é diferente. Adoro escrever-te, e prometo que te manterei bem informado acerca do que se vai passando por cá.*

*Comecemos pelas* quaestiones *especiais desencadeadas pela mais famosa lei dos últimos tempos, a* lex Licinia Mucia. *As investigações*

*tornaram-se tão impopulares e perigosas para aqueles que as conduziam que, em fins deste Verão, todas as pessoas ligadas aos tribunais de*

# 281

*inquérito ansiavam por encontrar um pretexto para abandonar as suas funções. Até que, por sorte, do céu caiu esse pretexto. Os Salassos, os Breunos e os Récios começaram a lançar ataques contra a Gália Italiana para lá do rio Pó, e provocaram alguns estragos na zona entre o lago Benaco e o vale dos Salassos - ou, por outras palavras, nas regiões média e ocidental da Gália Italiana-para-lá-do-Pó. Num abrir e fechar de olhos, o Senado declarou o estado de emergência e pôs termo às operações legais contra os cidadãos italianos ilegais. Todos os juizes especiais regressaram em massa a Roma, imensamente gratos pelas tréguas. E - talvez por retaliação - decidiram mandar para a Gália Italiana nada mais nada menos do que Crasso Orador, com a missão de submeter as tribos rebeldes ou, pelo menos, expulsá-las das regiões civilizadas. Crasso Orador realizou a contento a sua missão, numa campanha que durou menos de dois meses.*

*Há alguns dias, Crasso Orador voltou a Roma e ordenou ao seu exército que acampasse no* Campo de Marte *porque, segundo disse, as tropas tinham-no aclamado como* imperator *no campo de batalha, e por isso queria celebrar um triunfo. O primo Quinto Múcio Cévola, que ficara a governar Roma, recebeu a petição do general acampado e convocou imediatamente uma reunião do Senado para o templo de Belona. Mas não houve qualquer discussão sobre o triunfo que Orador almejava!*

*"Um disparate!", começou Cévola sem rodeios. "Um disparate perfeitamente ridículo! Fez uma campanha insignificante contra uns quantos milhares de selvagens desorganizados e agora quer um* triunfo? *Pois não o terá enquanto eu estiver sentado na cadeira de cônsul! Pois se dois generais do calibre de Caio Mário e Quinto Lutácio Catulo César tiveram de partilhar um triunfo, como poderemos atribuir um triunfo a um homem que não travou uma*

*guerra, que não venceu uma única batalha digna desse nome? Não! Nem*

*pensar! Chefe lictor, vai ter com Lúcio Licínio e diz-lhe que mande o exército de volta para os quartéis e que pegue na sua carcaça gorda e vá até ao* pomerium, *onde pelo menos pode ser que se torne útil!"*

*Ou me engano muito ou Cévola tinha caído da cama nessa manhã*

*- ou a mulher tinha-o posto fora dela com um valente pontapé. O que*

Nota: ***Pomerium,*** **espaço tido como sagrado dentro e fora dos muros de Roma e no qual não era lícito construir ou ter culturas. (N.**

**do T.)**



*vem a dar ao mesmo, parece-me. Bom, a verdade é que Orador mandou as tropas embora e pegou na sua gorda carcaça e a toda a velocidade atravessou o* pomerium, *mas sem a mínima intenção de se tornar útil!*

*Pelo contrário: não pensava noutra coisa senão em desancar, verbalmente, o primo Cévola. Mas Cévola não lhe deu tempo.*

*"Que disparate!", atalhou Cévola sem mais. Sabes, Lúcio Cornélio, há momentos em que Cévola me faz lembrar, e de que maneira, o jovem Escauro Princeps Senatus! "Apesar de toda a consideração e estima que sinto por ti, Lúcio Licínio", acrescentou Cévola, "não contes comigo para apadrinhar meios-triunfos".*

*Tal foi a algazarra que os dois primos deixaram de se falar. O que tem tornado a vida no Senado*

*particularmente difícil, já que são ambos cônsules. De qualquer modo, já conheci cônsules que se davam muito pior do que Crasso Orador e Cévola. Creio que com o tempo a zanga passará. Pessoalmente, acho profundamente lamentável que só agora tenham cortado relações! Porque é que não se zangaram antes de inventarem a* lex Licinia Mucia?

*Mas para além desta disparatada história, não encontro mais notícias de Roma para te contar. Incrível! O*

*Fórum ultimamente tem andado muito apático...*

*No entanto, acho que devias saber que se fala muito bem de ti em Roma. Tito Dídio - um homem notável, sempre achei - refere-se a* ti *em termos muito elogiosos sempre que envia uma mensagem para o Senado.*

*Por isso, sugiro-te vivamente que penses na hipótese de regressares a Roma em fins do próximo ano, ou seja, a tempo de disputar as eleições pretorianas. Como Metelo Numídico Suíno morreu há já alguns anos, e Catulo César e Cepião Nasica e Escauro Princeps Senatus estão profundamente envolvidos na defesa da* lex Licinia Mucia *apesar de todos os conflitos que ela provocou, ninguém liga muito a Caio Mário, nem às pessoas ou aos factos relacionados com o passado dele. Os eleitores anseiam por homens competentes, que são raros nestes tempos. Lúcio Júlio César não teve a mínima dificuldade em ser eleito* praetor urbanus *este ano, e o meio-irmão de Aurélio, Lúcio Cota, foi eleito* praetor peregrinus. *Sinceramente, creio que o teu prestígio é muito maior que o desses dois homens. Por outro lado, não me parece que Tito Dídio se oponha ao teu regresso, pois já lhe deste mais tempo do que a maior parte dos lugares-tenentes costumam dar* 283

*aos seus comandantes - faz quatro anos no Outono do próximo ano: é uma oferta generosa.*

*Pensa no assunto, Lúcio Cornélio. Falei com Caio Mário, e ele aplaude a ideia, tal como - acredites ou não -*

*nada mais nada menos do que Marco Emílio Escauro Princeps Senatus! O nascimento do filho, que* é *a sua imagem viva, deu a volta à cabeça do rapaz. Bom, rapaz é uma maneira de dizer...*

Sentado no seu gabinete em Tarragona, Sila digeriu lentamente a prosa animada do seu

correspondente. A notícia de que Cecília Metela Dalmática tinha dado um filho a Escauro foi a que

lhe chamou mais a atenção. Com um sorriso amargo nos lábios, só ao fim de algum tempo Sila

deixou que se esbatesse a memória de Dalmática. Reflectiu então acerca da hipótese de disputar o

cargo de pretor, e concluiu que Rutílio Rufo tinha razão. Sim, disse para si mesmo, terá de ser no

próximo ano - será a melhor altura. Tinha a certeza de que Tito Dídio não se oporia à sua partida; e

Tito Dídio dar-lhe-ia cartas de recomendação que aumentariam muito as suas possibilidades. Sim, é

certo que não tinha conquistado nenhuma Coroa de Erva em Espanha; quisera a Fortuna que tal

coroa fosse para Quinto Sertório. Mas, mesmo assim, as coisas não lhe tinham corrido nada mal,

bem pelo contrário.

Teria sido um sonho? Uma seta algo malévola disparada pelo arco da Fortuna, através da falecida

Julilla, que, com relva do Palatino, lhe fizera uma coroa e a pusera na sua cabeça, sem saber o

significado militar desse acto. Ou teria Julilla adivinhado? Haveria uma Coroa de Erva ainda à sua

espera? Em que guerra? Não havia por ora nenhum conflito sério, nem se previa que houvesse tão

cedo. Sim, a Hispânia continuava quente, mas as tarefas de Sila não lhe permitiriam conquistar uma

*corona graminea.* Sila era o adjunto de Tito Dídio para a logística, os abastecimentos, as armas, a estratégia, e, nessa qualidade, choviam os elogios à sua pessoa; mas Tito Dídio não o queria pôr à

frente de exércitos. A grande oportunidade de Sila viria depois de ser eleito pretor. O seu sonho era substituir Tito Dídio na Hispânia Citerior. Um mandato bem pago e rendoso, era disso que ele

precisava!

Sila precisava de *dinheiro.* Tinha plena consciência disso. Aos quarenta e cinco anos, sabia que dispunha de muito pouco tempo; em breve, seria já demasiado tarde para disputar um consulado.

Pouco lhe



interessava o que diziam de Caio Mário. Caio Mário era um caso especial. Não haveria outro caso

igual. Para Sila, o dinheiro era o arauto do poder - e isso fora também verdade para Caio Mário. Se

Caio Mário não tivesse ganho uma fortuna considerável, enquanto governador pretoriano da

Hispânia Ulterior, o velho avô César nunca teria pensado nele para marido de Júlia - e se não

tivesse casado com Júlia, nunca poderia ter chegado a cônsul. Dinheiro. Sila *tinha de* ter dinheiro!

Por isso iria a Roma disputar o cargo de pretor e depois voltaria à Hispânia para ganhar dinheiro.

Públio Rutílio Rufo escreveu-lhe em Agosto do ano seguinte, após um longo silêncio:

*Estive doente, Lúcio Cornélio, mas encontro-me já completamente recuperado. Os médicos chamaram à minha doença uma quantidade de nomes esquisitíssimos. Quanto a mim, a minha doença é o tédio. Mas doença e tédio já não me incomodam, pois as coisas em Roma agora prometem.*

*Para começar, deixa-me dizer-te que já se fala muito da tua candidatura a pretor. As reacções entre os eleitores são excelentes. Escauro continua a apoiar-te - o que é o mesmo que dizer que não te considera culpado naquele velho problema com a mulher (julgo eu). É mesmo um velho casmurro! Na altura, não teve a dignidade de admitir que tu não tinhas culpas no cartório, e acabou por te obrigar àquilo que continuo a considerar um exílio. Mas a Hispânia deu a volta às coisas! Se Caio Mário tivesse obtido junto do Suíno o apoio que tens recebido da parte de Tito Dídio, as coisas teriam sido muito mais fáceis e rápidas para ele.*

*Mas passemos às notícias internacionais. O velho Nicomedes da Bitínia morreu finalmente: ao que se julga, andava por volta dos noventa e três anos. O filho dele (e da rainha, que faleceu já lá vai um ror de anos) é agora o rei: só que já não é nenhum rapazito - tem sessenta e cinco anos. Porém, um filho mais novo - quer dizer, com cinquenta e sete anos -, de seu nome Sócrates (o nome do mais velho é Nicomedes, será o terceiro com esse nome),*

*apresentou uma queixa no Senado Romano, pedindo que Nicomedes III seja deposto e*

*substituído por ele, Sócrates. O Senado está a debater o caso num tom bombástico e cómico: é natural, pois atribuem muito pouca importância aos assuntos estrangeiros. Houve também alguma agitação na*

*Capadócia, onde,*

285

*ao que parece, os Capadócios depuseram o seu rei (um menino ainda), tendo-o substituído por um indivíduo a que chamam Ariárates VIII. Mas este Ariárates VIII acabou por morrer em circunstâncias misteriosas; o menino e o regente, Górdio, voltaram ao trono - para tal, contaram com o apoio de Mitridates do Ponto e do seu exército.*

*Quando regressou dessas regiões, Caio Mário fez um discurso no Senado, avisando-nos de que o rei*

*Mitridates do Ponto era um jovem muito perigoso. Aqueles que se deram ao incómodo de aparecer passaram o tempo a dormitar enquanto Caio Mário falava. Além disso, Escauro Princeps Senatus comentou que Caio Mário estava a exagerar. Ao que parece, o jovem rei do Ponto tem andado a cortejar Escauro, com uma torrente de cartas educadíssimas, escritas num grego imaculado e cheiinhas de citações de Homero, Hesíodo, Esquilo, Sófocles e Eurípedes - isto para não falar de Menandro e Píndaro. Daí que Escauro tenha concluído que Mitridates era muito diferente de todos os outros dirigentes orientais - ou seja, Mitridates seria um apaixonado pelos Clássicos, e ninguém o estaria a ver a espetar um corno no tão necessário orifício traseiro da avó. Ao passo que Caio Mário jura que este Mitridates VI - de seu cognome Eupator: mas que raio de cognome! - deixou morrer a mãe à fome, matou o irmão que foi rei durante a regência da mãe, matou uma quantidade de tios e primos,*

*e ainda por cima envenenou a irmã com quem tinha casado! Mas que bom homem! Tão dado aos Clássicos!*

*Politicamente, pode-se dizer que Roma é a indolência personificada. Nada acontece. Pelo segundo ano consecutivo, o Senado mandou os seus tribunais especiais investigar o registo ilegal dos italianos, e - tal como sucedeu o ano passado - concluiu que era impossível encontrar a maior parte dos infractores. No entanto, o Senado arrecadou várias centenas de vitórias, ou seja, várias centenas de infelizes vítimas pelas quais Roma um dia terá de responder. Garanto-te, Lúcio Cornélio: experimenta um dia dar uma volta por uma cidade italiana sem a companhia de uma dúzia de robustos guarda-costas, e vais ver o calafrio que sentes pela espinha abaixo! Nunca vi caras tão agressivas, e uma tão grande (creio que a palavra é pouco adequada) ausência de cooperação por parte dos Italianos. Há muito que eles tinham deixado de amar-nos, mas desde que estes tribunais foram aprovados e começaram a fazer o seu trabalho sujo, a açoitar e a extorquir, os Italianos aprenderam a odiar-nos. O único factor positivo é que o Tesouro começou*



*já a protestar, porque as multas ainda não chegam para pagar os custos de deslocação de dez dispendiosas equipas de senadores. Caio Mário e eu tencionamos apresentar no final do ano uma moção propondo o fim das* quaestiones *e a revogação da* lex Licinia Mucia, *pois não servem para nada e custam demasiado caro ao Estado.*

*Um novíssimo rebento da casa plebeia dos Sulpícios, um tal Públio Sulpício Rufo, teve a coragem de processar Caio Norbano por traição, alegando que Caio Norbano cometera uma ilegalidade ao condenar Quinto Servílio Cepião (a que o* aurum Tolosanum *e Arausio deram fama) ao exílio. A acusação, segundo Sulpício, não podia ser debatida na Assembleia da Plebe; só no tribunal, porque era, dizia ele, um caso de traição. Este jovem Sulpício, devo acrescentar, é agora companhia habitual de Cepião, o que, de facto,*

*revela muito mau gosto. Bom, seja como for, António Orador defendeu Norbano e creio, pessoalmente, que fez o mais belo discurso de toda a sua carreira. Com o resultado de que o júri votou claramente na absolvição e Norbano mandou Sulício e Cepião às urtigas. Junto uma cópia do discurso de António Orador para teu exclusivo deleite. Vais adorar.*

*Quanto ao outro Orador, Lúcio Licínio Crasso, os maridos das suas duas filhas tiveram sortes diferentes no que respeita à descendência. O filho de Cipião Nasica, Cipião Nasica, tem agora um filho, Cipião Nacisa. A Licinia* dele *é uma óptima parideira: têm também uma filha. Mas a Licinia que se casou com Metelo Pio, o Bacorinho, não tem sorte nenhuma. O quarto de crianças do Bacorinho está vazio, porque Licinia Bacorinha não há maneira de encher. E a minha sobrinha Lívia Drusa teve uma rapariga em fins do ano passado - uma Pórcia, é claro, e com um cabelo capaz de deitar fogo a seis montes de feno. Lívia Drusa continua muito apaixonada por Catão Saloniano que, para dizer a verdade, me parece um tipo realmente muito agradável.*

*Mas Lívia Drusa deve ser, sem sombra de dúvida, a melhor parideira de Roma!*

*Desviei-me do assunto, mas que interessa? Os nossos edis deste ano estão curiosamente ligados. O meu sobrinho Marco Lívio é um dos edis plebeus: o seu colega é um zé-ninguém fabulosamente rico, chamado Rémio. Quanto ao cunhado de Marco Lívio, Catão Saloniano, é edil curul. Os jogos vão ser magníficos.*

*Notícias de família. A Aurélia, coitada, continua a viver sozinha em Subura, mas esperamos que Caio Júlio regresse finalmente no*



*próximo ano - ou, na pior das hipóteses, no ano seguinte. O irmão dele, Sexto, é pretor este ano, e em breve será a vez de Caio Júlio. Claro que Caio Mário honrará a sua promessa, ainda que para isso*

*tenha de oferecer chorudos subornos. Aurélia e Caio Júlio têm um filho absolutamente notável. O jovem César, como lhe chamam, tem cinco anos e já lê e escreve. E, o que é mais, lê* imediatamente! *Dá-lhe uma algaravia qualquer que tenhas escrito momentos antes e ele desata a ler sem parar para respirar! Nunca vi um adulto fazer uma coisa dessas - mas o miúdo faz, perante o espanto de todos. E fisicamente é uma criança soberba.*

*Mas Aurélia não o estragou. Bem pelo contrário, parece-me até demasiado dura para com ele.*

*Não me lembro de mais nada, Lúcio Cornélio. Regressa depressa. Tenho a certeza de que há uma cadeira de pretor à tua espera em Roma.*

Seguindo os conselhos de Rutílio Rufo, Lúcio Cornélio Sila regressou rapidamente a Roma,

esperançado, mas também desconfiado de que algum obstáculo se atravessaria no seu caminho.

Embora ansiasse de todo o coração visitar Metróbio, seu amante de há muitos anos, não o fez; por

outro lado, quando esse grande actor da tragédia o visitou como cliente, Sila mandou dizer que não

estava. Aquele tinha de ser o seu ano. Se falhasse, a deusa Fortuna nunca mais repararia nele. Por

isso, não faria nada que fosse susceptível de a irritar. Essa deusa não costumava gostar que os seus

favoritos se envolvessem em amores demasiado importantes. Adeus, Metróbio.

No entanto, não deixou de visitar Aurélia, depois de ter dedicado alguns dias aos filhos. O encontro

com os filhos deixou-o à beira das lágrimas: tinham crescido tanto! Quatro anos das suas vidas que

lhe tinham sido roubados por uma rapariga tonta que ele ainda desejava ardentemente! Cornélia Sila

tinha treze anos, e a beleza frágil da falecida mãe, uma beleza que já punha muitas cabeças à roda,

tanto mais que o seu cabelo era igual ao do pai, muito ondulado e de um tom louro-arruivado. Era já

menstruada, disse-lhe Élia, e os seios eram uma bela promessa sob a túnica muito simples. Ao vê-la,

Sila sentiu-se de repente velho, uma sensação inteiramente nova e que não lhe agradava nada; mas

num instante ela sorriu-lhe com o misterioso sorriso da mãe e correu para os braços dele, e cobriu-

lhe o rosto de



beijos. O filho de Sila tinha doze anos, e, fisicamente, era um César praticamente puro - cabelo

muito louro e olhos azuis, um rosto longo, um nariz comprido, um corpo elegante e alto, ainda que

bem musculado.

E no filho, Sila encontrou por fim o amigo que nunca tinha tido; era um amor tão perfeito, puro,

inocente, sincero, que Sila deu consigo a pensar única e exclusivamente no filho, em vez de se

concentrar em atrair os eleitores. O jovem Sila - embora ainda vestisse a toga bordada a tons de

púrpura das crianças e usasse o tal talismã mágico da *bulia* ao pescoço, para o proteger do mau olhado - acompanhava o pai para todo o lado, e, com um ar grave, escutava atentamente as

conversas entre Sila e os amigos e conhecidos. Depois, quando iam para casa, sentavam-se no

gabinete de Sila e falavam do que se passara durante o dia, das pessoas, do Fórum e das várias

tendências dos senadores.

Mas Sila não levou o filho consigo para o bairro de Subura; foi sozinho, ficando muito surpreendido

quando alguém no meio da multidão o saudava, ou lhe dava uma palmada no ombro; finalmente

começava a tornar-se conhecido! Considerando estes encontros um bom presságio, bateu à porta de

Aurélia com mais optimismo do que o que sentira ao deixar o Palatino. E, como seria de esperar,

Eutico, o chefe dos criados, abriu-lhe imediatamente a porta e convidou-o a entrar. Como

desconhecia a vergonha, Sila não se sentiu minimamente perturbado enquanto esperava na sala;

quando viu Aurélia, limitou-se a estender-lhe a mão com um sorriso. Um sorriso que ela retribuiu.

Aurélia tinha mudado tão pouco! O que mudara nela? Que idade tinha agora? Vinte e nove? Trinta?

Helena de Tróia, dá-me a tua coroa de louros, pensou ele; ela é a beleza personificada. Os olhos cor

de púrpura estavam maiores, as sobrancelhas negras mais densas, a pele mais sedosa do que nunca;

e a extraordinária dignidade do seu porte era agora ainda mais pronunciada.

- Estou desculpado? - perguntou ele, pegando na mão dela, apertando-a.

- Claro que estás, Lúcio Cornélio! Como poderia criticar-te por uma fraqueza minha?

- E se tentasse de novo? - perguntou ele, incontrolavelmente.

*Nota:Bulia,* pequena bola de ouro, de outro metal ou de couro que os filhos dos patrícios traziam ao pescoço até aos dezassete anos. (N. do T.)

- Não, obrigada - disse ela, sentando-se. - Vinho?

- Pois sim. - Sila olhou à sua volta. - Continuas só, Aurélia?

- Continuo. E perfeitamente feliz, asseguro-te.

- És a pessoa mais auto-suficiente que conheço. Se não fosse aquele pequeno episódio, sentir-me-ia

tentado a pensar que eras inumana, ou super-humana! Por isso, ainda bem que aquilo aconteceu.

Não se pode manter uma amizade com uma deusa verdadeira, pois não?

- Nem com um verdadeiro demónio, Lúcio Cornélio - contrapôs ela. Sila riu-se.

- Está bem, eu rendo-me!

Um criado trouxe o vinho e serviu-o. Bebendo aos pequenos goles, Sila pôs-se a olhar para Aurélia

pelo vidro da taça: as bolhas roxas do vinho davam ao rosto dela um brilho muito especial. Talvez a

paz e a alegria que lhe proporcionavam a amizade com o filho dessem aos olhos dele uma nova

visão, uma visão que penetrava nas luminosas janelas da mente de Aurélia e mergulhava nas

profundezas, onde descobria um edifício de complexidades, contingências, enigmas, todos

logicamente distribuídos por categorias cuidadosamente definidas.

- Oh! - exclamou ele, pestanejando. - Não há dúvida! Tu não te escondes atrás de nenhuma fachada!

És exactamente aquilo que pareces ser.

- Assim espero - retorquiu ela, sorrindo.

- Isso não sucede à maior parte das pessoas.

- Não sucede *contigo,* disso estou certa.

- Então que achas que está por detrás desta minha máscara? Aurélia abanou a cabeça enfaticamente.

- Aquilo que eu possa pensar, Lúcio Cornélio, guardo-o para mim mesma. Creio que é mais seguro

assim.

- *Mais seguro!*

Ela encolheu os ombros.

- Queres saber por que escolhi essa palavra? Francamente não sei. Uma premonição? Ou algo

distante no tempo, é mais provável. Não tenho premonições, sou demasiado séria para isso.

- Como estão os teus filhos? - perguntou ele, mudando para um assunto *mais seguro.*

- Queres ver com os teus próprios olhos?

- Porque não? Garanto-te que os meus filhos me deixaram espantado. Confesso que me será difícil

tratar cortesmente Marco Emílio Escauro.

290

Quatro anos, Aurélia! Quatro anos em que cresceram imenso e em que eu não estive aqui para ver.

- Poucos são os homens da nossa classe que se preocupam com essas coisas, Lúcio Cornélio - disse

ela, calmamente. - Era muito provável que te tivesses ausentado, mesmo sem o episódio de

Dalmática. Por isso desfruta da companhia dos teus filhos enquanto podes; e não te mostres

demasiado severo em relação ao que, agora, já não se pode mudar.

As belas sobrancelhas claras, que Sila escurecia, ergueram-se num jeito irónico.

- Há tanta coisa que eu lamento.

- Se achas que deves lamentar, lamenta, mas não deixes que isso perturbe a tua vida - retorquiu ela,

com um sentido prático, sem qualquer vestígio místico. - Se permitires que isso aconteça, Lúcio

Cornélio, o passado perseguir-te-á para sempre. E, como já te disse por várias vezes, ainda tens uma

longa vida à tua frente. A corrida só agora começou.

- Achas que sim?

- Absolutamente.

Nesse instante entraram as três crianças, na mais perfeita ordem. Todas elas tinham o tipo físico de

Césares. Júlia Maior, a quem chamavam Lia, tinha dez anos, e Júlia Menor, ou Ju-Ju, tinha quase

oito. Eram ambas altas, elegantes, graciosas; faziam lembrar a falecida Julilla, mas tinham olhos

azuis. O jovem César tinha seis anos. Sila não saberia explicar como é que o rapaz conseguia dar a

impressão de ser mais belo do que as duas irmãs juntas. Sentia-o, mas não era capaz de explicá-lo

por palavras. Uma beleza totalmente romana, evidentemente; os Césares eram cem por cento

Romanos. Aquele era o rapaz de que Públio Rutílio Rufo lhe falara numa carta, lembrou-se Sila

nesse instante. O rapaz que conseguia ler num relance. O que era sinal de uma inteligência

extraordinária. Mas muitas coisas podiam ainda acontecer na vida do jovem César, muitas coisas

que poderiam apagar o fogo dessa inteligência.

- Meus filhos, apresento-lhes Lúcio Cornélio Sila - disse Aurélia. As raparigas murmuraram

saudações tímidas, ao passo que o jovem

César exibiu um sorriso que deixou Sila estupefacto, e numa agitação só comparável à que sentira

quando vira Metróbio pela primeira vez. Os olhos que o fitavam sem timidez eram iguais aos seus -

de um



azul pálido rodeado por um anel escuro. Resplandeciam de inteligência. Eu seria assim, pensou Sila, se tivesse tido uma mãe maravilhosa como Aurélia e se o meu pai não tivesse sido um bêbado. Um rosto, e uma cabeça, capazes de incendiar Atenas.

- Disseram-me que eras muito inteligente, rapaz - disse Sila. O sorriso deu lugar ao riso.

- Então não falou com Marco António Gnifão - retorquiu o jovem César.

- Quem é?

- O meu preceptor, Lúcio Cornélio.

- A tua mãe não podia ser a tua professora durante mais dois ou três anos?

- Acho que a deixei louca com as minhas perguntas quando era miúdo. Por isso arranjou-me um preceptor.

- Quando eras miúdo? Mas ainda és um miúdo...

- Enfim, quando era *mais* miúdo - ripostou o jovem César, nada intimidado.

- Uma criança precoce... - comentou Sila desdenhosamente.

- Não, essa palavra não, por favor!

- Porquê? Que sabes tu, com seis anos, das *nuances* de uma palavra?

- Em relação a essa, sei que normalmente é usada para meninas arrogantes que parecem iguaizinhas às avós -

respondeu o rapaz, sem dar parte de fraco.

- Ah! - exclamou Sila, mais interessado agora. - Isso não aprendeste num livro, pois não? O que quer dizer que tens olhos que alimentam com informação o teu inteligente cérebro, e que a partir dessa informação fazes as tuas deduções.

- Naturalmente - retorquiu a criança, surpreendida.

- Já chega. Vão-se embora - atalhou Aurélia.

As crianças obedeceram. Enquanto se afastava, César só parou de sorrir para Sila quando reparou que a mãe estava a olhar para ele.

- Se a inteligência dele não se extinguir quando crescer, será por certo um maravilhoso adorno para a sua classe. Ou um tormento constante

- comentou Sila.

- Espero que seja um adorno - disse Aurélia.

- Será mesmo? - perguntou Sila, e desatou a rir.

- Vais disputar o cargo de pretor - disse Aurélia, mudando de assunto, certa de que Sila já estava farto de crianças.



- Sim.

- O tio Públio diz que ganharás.

- Nesse caso, esperemos que ele seja mais Tirésias que Cassandra! Rutílio Rufo revelou-se, de

facto, mais Tirésias que Cassandra;

quando os votos foram contados, não só Sila era pretor, como ainda era *praetor urbanus,* pois fora o mais votado de todos os candidatos. Embora em circunstâncias normais, as tarefas do pretor urbano

tivessem quase totalmente a ver com os tribunais, Sila ficou com poderes para actuar *in loco*

*consularis* em caso de ausência ou incapacidade de governar dos cônsules - tais poderes

significavam que poderia defender Roma e comandar os seus exércitos em caso de ataque,

promulgar leis, dirigir o Tesouro.

A notícia de que fora eleito pretor urbano não agradou nada a Sila. O pretor urbano não podia

ausentar-se de Roma mais de dez dias seguidos; as suas funções não lhe permitiam fugir de tudo

aquilo que temia; via-se obrigado a permanecer em Roma, no meio de todas as tentações dos velhos

tempos, e a partilhar a sua casa com uma mulher que desprezava. No entanto, contava agora com

um apoio com que nunca sonhara: o filho. O jovem Sila seria o seu amigo, ajudá-lo-ia no Fórum,

estaria com ele todas as noites em casa, com ele conversaria, com ele riria. Era tão parecido com o

primo, com o filho de Aurélia! Bom, pelo menos fisicamente. E era inteligente, embora não tanto

como o jovem César. Sila estava convencido de que não gostaria tanto do filho, caso ele fosse tão

inteligente como o jovem César.

Mas a grande sensação das eleições não foi o primeiro lugar de Sila. Foi cómico o que aconteceu,

excepto para as pessoas directamente afectadas. Lúcio Márcio Filipe anunciara a sua candidatura

para cônsul, convencido de que dificilmente o bateriam. Mas o primeiro lugar foi para o irmão mais

novo do censor Lúcio Valério Flaco, Caio Valério Flaco de seu nome. Fora uma escolha acertada:

pelo menos, os Valérios Flacos eram patrícios, a sua família era influente em Roma! O problema é

que o segundo mais votado fora nem mais nem menos do que o medonho Homem Novo que dava

pelo nome de Marco Herénio! Os berros furiosos de Filipe ouviam-se até Carséolos, diziam os

frequentadores do Fórum, no meio de risinhos zombeteiros. Toda a gente, incluindo Filipe, sabia de

quem era a culpa: a culpa era das observações de Públio Rutílio Rufo durante o seu discurso que

defendia uma *lex Licinia Mucia* mais moderada. Até então, Roma esquecera-se

de que Caio Mário comprara Filipe após ter sido eleito tribuno da plebe. Mas entre o discurso de

Rutílio Rufo e a candidatura de Filipe passara muito pouco tempo e as pessoas lembraram-se

perfeitamente das palavras de Rufo.

- Rutílio Rufo há-de pagar por isto! - jurou Filipe, em conversa com Cepião.

- Podes contar com todo o meu apoio - retorquiu Cepião, que fora tão derrotado quanto Filipe.

Poucos dias antes do final desse ano, Lívia Drusa deu à luz um menino, Marco Pórcio Catão

Saloniano Júnior - um bebé escanzelado e esganiçado com o cabelo ruivo dos Catões, um pescoço

alto, e um nariz que se plantava no meio da sua feia carinha de bebé como um enorme bico adunco,

perfeitamente desproporcionado. Nascera de rabo para a frente e recusara-se a cooperar; por isso o

parto fora árduo e longo, e os médicos e parteiras tiveram de rasgar a mãe.

- Mas ele não sofreu nada, *domina* - disse Apolodoro Síciulo. Não tem uma ferida, um inchaço, uma nódoa negra. Um vago sorriso perpassou pelo rosto do médico grego. - Mas tenha cuidado, *dominai*

Pela forma como se comportou durante o parto, prevejo que vai ser um homem difícil.

Demasiado exausta, Lívia Drusa fitou o médico com um sorriso desmaiado. Não queria ter mais

filhos. Pela primeira vez, sentia-se deprimida depois de um parto: sofrera demasiado.

As outras crianças só ao fim de alguns dias puderam vê-la e ao bebé; entretanto, Cratipo

administrava a casa sozinho, já que Lívia Drusa era agora a dona da casa e nada podia fazer.

Servília não foi mais longe que a porta, recusando-se a conhecer o seu novo meio-irmão. Lila -

doutrinada pela irmã mais velha tentou mostrar-se indiferente, mas sucumbiu aos carinhos da mãe e

acabou por beijar aquele ser minúsculo, muito magro, que Lívia Drusa aconchegava no braço.

Pórcia (ou Porcela, como lhe chamavam) era demasiado pequena para participar naquela visita:

tinha apenas catorze meses. Mas o jovem Cepião, agora com três anos, não deixou de ir ver a mãe e

o irmão. Ficou extasiado. Não se cansava de mexer no bebé, queria pegar nele, embalá-lo, beijá-lo.

- O bebé é *meul* O bebé é *meul* - gritava ele, enquanto a criada se esforçava por arrancá-lo do quarto.



- Eu depois dou-to, Quinto - respondeu-lhe Lívia Drusa, imensamente grata pelo facto de um dos

irmãos do bebé ter manifestado tão grande adoração por ele. - Vais ficar inteiramente responsável

pelo menino.

Servília esperou que Lila e Cepião saíssem para se aproximar da cama. Fitou a mãe com um ar de

desdém. O seu espírito doentio encontrava algum conforto no ar exausto, no rosto abatido de Lívia

Drusa.

- Vais morrer - disse Servília, num tom arrogante. Lívia Drusa ficou interdita.

- Ora! Que disparate! - retorquiu rispidamente.

- Vais morrer - insistiu a menina de dez anos. - Eu desejei que tu morresses, por isso vais morrer.

Também desejei a morte da tia Servília Cepião e ela morreu!

- E idiota e cruel o que tu estás a dizer! - retorquiu a mãe, o coração galopando. - Não é por nós as desejarmos que as coisas acontecem, Servília. Se desejamos que elas aconteçam e acontecem de

facto, trata-se de uma mera coincidência, nada mais. O Destino, a Fortuna, são responsáveis pelo

que acontece às pessoas, não tu! Tu és demasiado insignificante para chamares a atenção do Destino

ou da Fortuna!

- Não vale a pena tentares convencer-me, porque não me convences! Eu tenho mau olhado! Quando

eu desejo mal às pessoas, elas morrem!

- disse a rapariga, radiante, desaparecendo logo de seguida.

Lívia Drusa deixou-se ficar calada, de olhos cerrados. Não se sentia bem; não se sentia bem desde

que o bebé nascera. Mas não podia acreditar que Servília fosse responsável por isso. Pelo menos era

o que dizia a si mesma.

Porém, nos dias seguintes, o estado de saúde de Lívia Drusa degradou-se de forma alarmante. Foi

necessário procurar uma ama para o jovem Catão, que foi retirado do quarto da mãe, passando a

contar com a companhia constante do irmão, Cepião.

Apolodoro Síciulo manifestava já os seus receios.

- Temo pela vida dela, Marco Lívio - disse ele a Druso. - A hemorragia não é abundante, mas é

irreversível. E nada parece conseguir detê-la. Tem febre, e, misturado com o sangue, sai um líquido

pútrido.

- Mas o que é que se passa com a minha vida, deuses? - exclamou Druso, limpando as lágrimas. -

Porque está toda a gente a morrer?

Esta era, evidentemente, uma questão sem resposta. Druso, naturalmente, não deu qualquer crédito

à história do mau-olhado de Servília, quando Cratipo, que detestava a rapariga, lhe falou do caso.

No entanto, o estado de saúde de Lívia Drusa continuou a piorar.

O pior de tudo, pensou Druso, era que não havia naquela casa nenhuma mulher com um estatuto

superior ao de escrava. Catão Saloniano estava com a mulher tanto quanto lhe era possível, mas

Servília tinha de ser afastada do quarto, e Druso e Catão tinham a sensação de que Lívia Drusa

procurava algo ou alguém que não estava no quarto. Servília Cepião, talvez. Druso não podia

impedir-se de chorar. E de tomar a decisão que tomou.

No dia seguinte, deslocou-se a uma casa onde nunca entrara; a casa de Mamerco Emílio Lépido

Liviano. Seu irmão. Embora o pai lhe tivesse dito que Mamerco não era filho dele. Tudo isso

acontecera há já tanto tempo! Seria recebido?

- Quero falar com Cornélia Cipião - disse.

O porteiro, que ia responder que o amo não estava, calou-se, limitando-se a aquiescer com a cabeça.

Druso foi conduzido até ao átrio, e aí esperou um momento.

Druso não reconheceu a mulher idosa que, passado algum tempo, apareceu no átrio. Tinha o cabelo

grisalho puxado para trás de forma desleixada, e vestia desmazeladamente, sem qualquer atenção à

combinação de cores; o corpo era ainda vigoroso, o rosto, mirrado e muito feio; parecia-se, pensou

Druso, com os bustos de Cipião Africano que enchiam o Fórum. O que não admirava, dado que

eram parentes próximos.

- Marco Lívio? - perguntou ela, numa voz grave, suave, encantadora.

- Sim - disse ele, sem saber o que fazer.

- és tão parecido com o teu pai! - disse ela, sem qualquer intuito crítico. Sentou-se na beira de um

divã, e apontou para uma cadeira em frente. - Senta-te, meu filho.

- Imagino que estás a pensar no motivo que me terá trazido aqui

- disse ele, sentindo um aperto na garganta. Tinha o rosto crispado. Lutava desesperadamente para

manter a calma.

- Algo de muito sério - disse ela. - Isso é evidente.

- É a minha irmã. Está a morrer.

A expressão de Cornélia alterou-se por completo. Levantou-se imediatamente.

- Então não temos tempo a perder, Marco Lívio. Deixa-me apenas dizer à minha nora o que se

passa, depois partiremos.

Druso não sabia sequer que a mãe tinha uma nora; e ela talvez não soubesse que a mulher dele tinha

morrido. Conhecia vagamente Mamerco: de quando em quando via-o nas proximidades do Fórum,

mas nunca se tinham falado; os dez anos de diferença entre os dois significavam que Mamerco não

tinha ainda a idade que lhe permitiria entrar no Senado. Mas, pelos vistos, já tinha casado.

- Tens uma nora - disse ele à mãe quando saíram.

- Há pouco tempo - retorquiu Cornélia Cipião, a sua bela voz subitamente triste. - Mamerco casou-

se com uma das irmãs de Ápio Cláudio Pulcro. O ano passado.

- A minha mulher morreu - disse ele inopinadamente.

- Sim, eu soube. Lamento não ter ido ver-te nessa altura. Mas, francamente, pensei que não seria

bem-vinda em tempo de dor. E, além disso, sou muito orgulhosa. Demasiado.

- Creio que eu é que devia vir ter contigo.

- Sim, talvez.

- Nem me ocorreu isso.

O rosto dela crispou-se.

- É compreensível - disse Cornélia, tranquilamente. - É curioso que tenhas cedido por causa de tua

irmã, e não por tua causa.

- É assim o mundo. Ou pelo menos o nosso mundo.

- Quanto tempo de vida tem a minha filha?

- Não sabemos. Os médicos crêem que já não viverá muito tempo, mas ela luta com todas as suas

forças. Mas há nela um medo terrível. Não sei de quê, nem qual a razão. Os Romanos não têm

medo de morrer.

- Bom, isso é o que dizemos a nós mesmos, Marco Lívio. Mas há sempre o terror do desconhecido

sob a máscara do destemer.

- A morte não é o desconhecido.

- Achas que não? Talvez o problema resida no facto de a vida ser uma coisa tão boa.

- Às vezes. Cornélia pigarreou.

- Não consegues tratar-me por mamã?

- Por que razão haveria de fazê-lo? Deixaste a nossa casa tinha eu apenas dez anos e a minha irmã

cinco.

- Não podia viver por mais tempo com aquele homem.

- Não é de admirar - retorquiu ele, secamente. - Ele não era o tipo de homem capaz de reconhecer

como seu, o filho de outro homem.

- Referes-te ao teu irmão Mamerco?

- Claro.

- Ele é teu irmão, filho do teu pai, Marco Lívio.

- Isso é o que a minha irmã diz à filha, Servília, acerca do seu outro filho Cepião - disse Druso. -

Mas basta olhar um instante para o miúdo para se perceber quem é o pai.

- Então sugiro-te que olhes com mais atenção para Mamerco. Ele tem tudo de um Lívio Druso. Não

se assemelha nada aos Cornélios Cipiões. Cornélia fez uma pausa, e acrescentou: - Nem aos

Emílios Lépidos.

Tinham chegado à casa de Druso. Mal entrou, Cornélia Cipião pôs-se a olhar para tudo com

espanto.

- Nunca vi esta casa - disse ela. - Não há dúvida que o teu pai tinha um gosto maravilhoso.

- Pena que não tivesse tanta alegria como gosto - disse Druso amargamente.

A mãe olhou num relance para ele, mas nada disse.

Lívia Drusa acabou por acreditar que a infeliz maldição de Servília tinha alguma influência no

Destino ou na Fortuna. Porque se apercebia de que estava a morrer, e não conseguia encontrar outra

razão para a sua morte. Tinha dado à luz quatro crianças sem qualquer complicação; porque haveria

um quinto filho de ser diferente? Toda a gente sabia que eram os mais fáceis de dar à luz.

Quando a idosa e robusta mulher apareceu à porta do quarto, Lívia Drusa limitou-se a fitá-la, sem

perceber porque a faziam gastar as suas já poucas energias com uma estranha. A estranha entrou e

avançou para a cama de braços estendidos.

- Sou a tua mãe, Lívia Drusa - disse a estranha, sentando-se na beira da cama e abraçando a filha.

Choraram as duas, tanto pelo inesperado do encontro como pelos anos que tinham perdido. Depois,

Cornélia Cipião aconchegou a filha na cama, e sentou-se numa cadeira perto dela.

Os olhos já toldados de Lívia Drusa apreciaram deleitados aquele rosto, que tinha todos os traços

dos Cipiões, o ar de matrona, o cabelo sem qualquer adorno.

- Eu sabia que eras muito bonita, mamã - disse ela.

- Uma típica devoradora de homens, é o que tu queres dizer.

- O pai...até mesmo o meu irmão...

Cornélia Cipião afagou a mão da filha, sorrindo.

- Oh, são Lívios Drusos! - comentou. - Que mais se poderá dizer? Eu amo a vida, minha filha!

Sempre amei a vida. Gosto de rir, não levo o mundo suficientemente a sério. Entre os meus amigos

há tantos homens como mulheres. São apenas amigos! Mas em Roma uma mulher não pode ter

amigos homens: pelo menos meia Roma fica logo a pensar que o que ela faz com esses homens

nada tem a ver com o intelecto. Incluindo o teu pai, como se veio a ver. O meu marido. No entanto,

eu nunca seria capaz de me impedir de estar com os meus amigos, fossem eles homens ou mulheres.

O que eu detestava os mexericos! E o teu pai acreditava nesses mexericos! Nunca se pôs do *meu*

lado!

- Então a mãe nunca teve amantes! - disse Lívia Drusa.

- Enquanto vivi com o teu pai, não. As calúnias não correspondiam à realidade, longe disso.

Acontece, porém, que compreendi que se continuasse com o teu pai acabaria por morrer. Por isso,

quando Mamerco nasceu, deixei que o teu pai pensasse que ele era filho do velho Mamerco Lépido,

um dos meus mais queridos amigos. Mas não meu amante. Quando o velho Mamerco se propôs

adoptar o bebé, o teu pai concordou imediatamente, desde que também eu me fosse embora. Mas

nunca se divorciou de mim. Não é estranho? O velho Mamerco era viúvo e por isso recebeu de bom

grado a mãe do filho que adoptara. Fui para uma casa muito mais feliz, Lívia Drusa, e vivi com o

velho Mamerco, como sua esposa, até ele morrer.

Lívia Drusa conseguira entretanto soerguer-se, encostando-se às almofadas.

- Mas eu pensava que tinhas muitos casos amorosos! - disse.

- Tive, minha querida filha. *Depois* da morte do velho Mamerco. Durante um período, tive dúzias deles. Mas os casos fugazes, como foram esses, tornam-se sempre insípidos. São apenas uma forma

de explorar a natureza humana quando falta uma afeição forte, e, na maior parte dos casos, falta

essa afeição. Uma pessoa anda à procura de algo, esperando sempre encontrar. Até que um dia nos

apercebemos de que essas aventuras não nos dão nada, de que aquilo de que andamos à procura

nunca será encontrado dessa maneira. Há já alguns anos que



não tenho nenhuma aventura. Sinto-me mais feliz assim: basta-me estar com o meu filho e com os

meus amigos. Enfim, as coisas mudaram um pouco desde que Mamerco casou. - Pôs uma cara de

caso. - Não gosto da minha nora.

- Mamã, eu vou morrer! Não vou ter tempo para te conhecer bem!

- Antes o pouco que nada, Lívia Drusa. Mas a culpa não é só do teu irmão - disse Cornélia Cipião,

enfrentando a verdade sem hesitações.

- Quando deixei o teu pai, não fiz qualquer tentativa para te ver a ti ou ao teu irmão Marco. E podia ter feito. Mas não fiz. - Endireitou os ombros, pôs uma cara alegre. - Mas quem é que te disse que

ias morrer? Há quase dois meses que tiveste o bebé. Não é agora, passado tanto tempo, que vais

morrer.

- A culpa não é do bebé - disse Lívia Drusa. - Amaldiçoaram-me. Deitaram-me mau-olhado.

Cornélia Cipião fitou-a estupefacta.

- Mau-olhado? Oh, Lívia Drusa, que disparate! Isso são invenções.

- Não são, mãe, não são.

- Minha filha, essas coisas não existem! E quem seria capaz de te odiar tanto para te fazer uma coisa dessas? O teu ex-marido?

- Não, ele nem sequer pensa em mim.

- Então quem foi?

Lívia Drusa estremeceu. Não queria responder.

- Diz-me! - ordenou a mãe, imperiosa como todos os Cipiões.

- Servília - murmurou Lívia Drusa.

- Servília? - Franzindo as sobrancelhas, Cornélia Cipião tentou lembrar-se de quem se tratava. - A

tua filha? A filha de Cepião?

- Sim.

- Estou a ver - disse Cornélia, afagando a mão da filha. - Não te vou ofender dizendo-te que é tudo

produto da tua imaginação, mas tens de dominar esses sentimentos. Não dês essa satisfação à

rapariga.

Uma sombra tapou-a: Cornélia Cipião virou-se e viu um homem alto, ruivo, à porta. Sorriu-lhe.

- Deves ser Marco Pórcio - disse, levantando-se. - Sou a tua sogra. Acabo de ter um encontro

maravilhoso com Lívia Drusa. Trata agora dela. Tenho de ir falar com Marco Lívio.

Cornélia Cipião encaminhou-se para a colunata, mirando tudo atentamente à sua volta, até que viu o

filho mais velho sentado junto à fonte.

300

- Marco Lívio! - exclamou ela vivamente. - Sabias que a tua irmã acredita que a amaldiçoaram, que

lhe deitaram mau-olhado?

Druso parecia chocado.

- Não! Ela não acredita!

- Acredita, sim! Diz que foi a filha, Servília. Os lábios dele comprimiram-se.

- Compreendo.

- Não estás surpreendido, meu filho.

- Não. Essa rapariga é uma ameaça. Tê-la na minha casa é como hospedar a Esfinge: um monstro

capaz de raciocinar.

- Será possível que Lívia Drusa esteja a morrer porque acredita que desejaram a sua morte?

Druso abanou a cabeça.

- Mamã - disse ele, sem se dar conta. - Lívia Drusa está a morrer das sequelas do parto. É o que os

médicos dizem, e eu acredito neles. A ferida não cicatrizou. Pelo contrário, alastrou-se. Não deste

pelo cheiro do seu quarto?

- Sim, claro que dei. Mas continuo a pensar que ela acredita que foi amaldiçoada.

- Eu vou buscar a rapariga - disse Druso, levantando-se.

- Confesso que gostaria de vê-la - disse Cornélia Cipião, e, enquanto esperava, repetia para si

mesma aquele ”mamã” que escapara dos lábios do filho.

Pequena. Muito escura. Misteriosamente bonita. Enigmática. Havia nela tanto ardor e poder que, ao

vê-la, Cornélia pensou numa casa construída sobre uma fumarola tapada com terra. Um dia, as

janelas abrir-se-iam de par em par, o telhado voaria, e ela lá estaria no meio da casa, intacta, para que toda a agente visse. Uma massa fervilhante de venenos e ventos abrasadores. Mas qual seria o

motivo de tanta infelicidade?

- Servília, a tua avó, Cornélia Cipião - disse Druso, sem largar o ombro da sobrinha.

Servília manteve-se calada.

- Estive agora mesmo com a tua mãe - disse Cornélia Cipião, num tom simpático. - Sabias que ela

acredita que tu a amaldiçoaste?

- Ai acredita? Pois ainda bem - retorquiu Servília. - Eu amaldiçoei-a.

- Ah, sim? Pois muito obrigada pela informação - disse a avó, e, com um gesto, mandou-a ir

embora. Sem qualquer expressão no rosto, ordenou-lhe: - Volta já para o teu quarto, rapariga!

301

De regresso à fonte, Druso trazia um sorriso franco.

- Brilhante! A mãe foi brilhante! - disse ele, sentando-se. - Deixou-a de rastos.

- Nunca ninguém conseguirá uma proeza dessas - retorquiu Cornélia Cipião, acrescentando depois,

com um ar pensativo: - Só se for um homem.

- O pai deixou-a de rastos.

- Ah, estou a entender... De facto, ouvi dizer que ele se recusava a reconhecer os filhos.

- Sim, é verdade. Os outros eram demasiado novos para que isso os perturbasse. Mas Servília ficou

desfeita - ou *creio* que ficou. Não é fácil saber, mamã. Ela é tão dissimulada quanto perigosa.

- Pobre coitada.

- Ah! - exclamou Druso.

Cratipo apareceu nesse momento, conduzindo Mamerco Emílio Lépido Liviano.

Embora fisicamente muito parecido com Druso, faltava a Mamerco a força que toda a gente sentia

existir em Druso. Com vinte e sete anos (contra os trinta e sete de Druso), não parecia ter à sua

frente uma carreira brilhante como advogado, nem um futuro político notável, ao contrário do que

sucedera com Druso. Mesmo assim, Mamerco possuía uma certa energia feita da serenidade que

faltava ao irmão mais velho, e as coisas que Druso tivera de aprender sozinho após a batalha de

Arausio conhecera-as Mamerco desde o nascimento, graças à presença da mãe, uma verdadeira

Cornélia do ramo dos Cipiões uma mulher de vistas largas, educada, intelectualmente curiosa.

Cornélia Cipião encolheu-se um pouco no seu banco, para que Mamerco se sentasse. Era evidente

que Mamerco se sentia retraído, tanto mais que Druso não se moveu para o receber, limitando-se a

fitá-lo com um ar perscrutador.

- Anima-te, Marco Lívio! - disse a mãe. - Vocês são irmãos e não meios-irmãos. E têm de ser bons

amigos.

- Nunca pus a hipótese de sermos meios- irmãos- comentou Mamerco.

- Eu pus - disse Druso, com um ar severo. - Qual é a verdade, mamã? Aquilo que me disseste hoje

ou o que disseste ao meu pai?

- Aquilo que te disse hoje. Aquilo que disse ao teu pai permitiu-me fugir. Não pretendo desculpar a

minha conduta. Provavelmente, eu



sempre fui como me imaginaste, ou pior ainda, embora por razões diferentes - encolheu os ombros.

- Não tenho feitio para me lamentar, vivo no presente e no futuro, nunca no passado. Druso

estendeu a mão direita ao irmão, e sorriu.

- Bem-vindo à minha casa, Mamerco Emílio - disse ele. Mamerco cumprimentou Lívio Druso,

depois aproximou-se dele e

beijou-o na boca.

- Mamerco - disse ele, tremendo. - Apenas Mamerco. Sou o único romano com esse nome, por isso

chama-me Mamerco.

- A nossa irmã está a morrer - disse Druso, sem largar a mão de Mamerco enquanto se sentava.

- Oh... Sinto muito. Não sabia.

- Cláudia não to disse? - perguntou a mãe, zangada. - Deixei-lhe uma mensagem pormenorizada

para ti.

- Não, ela só me disse que tinhas saído a toda a pressa com Marco Lívio.

Cornélia Cipião decidiu-se: tinha de fugir uma vez mais.

- Marco Lívio - disse ela, fitando-o de lágrimas nos olhos. Dediquei toda a minha vida ao teu irmão

nos últimos vinte e sete anos. - Limpou as lágrimas e prosseguiu: - A minha filha, nunca chegarei a

conhecê-la. Mas tu e Marco Pórcio vão ficar com seis crianças para cuidar e sem nenhuma mulher

em casa, a menos que penses em casar-te de novo?

Druso abanou a cabeça enfaticamente.

- Não mamã, não penso.

- Então, caso queiras, virei viver para aqui, e tratarei das crianças.

- Claro que quero - disse Druso, e virou-se para o irmão com um novo sorriso. - É bom saber que

temos mais família.

Quando o jovem Catão fez dois meses, Lívia Drusa morreu. De certo modo, foi um fim feliz, pois

apercebera-se da iminência da morte, e fizera tudo o que estava ao seu alcance para mitigar a dor

daqueles que amava. Na presença da mãe, encontrou Lívia Drusa um imenso consolo, tanto mais

que sabia que os filhos ficariam a cargo dela, e seriam tratados com amor e dedicação. Encorajada

pela presença da mãe (que nunca mais deixou Servília entrar no quarto), Lívia Drusa aceitou o seu

fim e não voltou a pensar em maldições. Mais importante do que tudo isso era o futuro dos vivos.

303

Para Catão Saloniano reservou muitas palavras de amor e consolo, a ele confidenciou muitas

instruções e desejos; e o rosto dele foi o último que os olhos de Lívia Drusa fixaram, e a mão dele

foi a mão a que ela se agarrou no derradeiro momento, como se quisesse levar consigo todo aquele

amor. Para o seu irmão Druso, guardou palavras de amor e encorajamento, e também de consolo. A

única criança que pediu que lhe trouxessem foi o jovem Cepião.

- Trata bem do bebé - murmurou, e beijou-o com lábios febris.

- Cuida dos meus filhos - disse para a mãe. E para Catão Saloniano, disse:

- Nunca pensei que Penélope morresse antes de Ulisses. - Essas foram as suas últimas palavras.

# PUBLIUS RUTILIUS RUFUS

Embora não tivesse nenhuma experiência de tribunais, nem fosse grande o seu conhecimento das

leis romanas, Sila gostava de ser *praetor urbanus.* Por um lado, não lhe faltava bom senso; por outro, rodeava-se de bons assistentes, junto dos quais nunca tinha medo de se aconselhar sempre

que precisava; e, não menos importante que tudo isto, possuía as qualidades de espírito adequadas

ao cargo. O que mais lhe agradava era aquilo que interiormente considerava ser a sua autonomia, ou

seja, nunca mais ter de aturar Caio Mário! Finalmente, era-lhe dada uma oportunidade de se tornar

conhecido por si só, como uma entidade distinta e isolada. O seu reduzido cortejo de clientes

aumentou e o hábito de se fazer acompanhar pelo filho era tido com apreço; o filho, assim esperava

Sila, só teria a ganhar com isso: poderia facilmente fazer carreira nos tribunais ainda muito jovem,

e, no exército, poderia dispor dos melhores chefes.

O rapaz não só tinha o aspecto de um César, como também reunia alguns dos traços mais atraentes

do ramo dos Julianos. Por isso, fazia amigos com facilidade e normalmente conservava-os, graças a

uma maneira de ser tão amável quanto íntegra. O seu maior amigo era Marco Túlio Cícero, seis

meses mais velho que ele, magro, com uma cabeça desiquilibrada por um crânio excessivamente

grande. Era um indivíduo estranho, natural de Arpino, cidade onde Caio Mário nascera. O avô fora

cunhado do irmão de Caio Mário, Marco, e ambos tinham casado com irmãs Gratídias. Sila estava

informado de todas estas coisas, não porque tivesse investigado; quando o jovem Sila levou Cícero

pela primeira vez a sua casa, este fornecera uma quantidade enorme de informações acerca da sua

pessoa e da sua terra. Cícero era um verdadeiro tagarela.

Por isso, não foi preciso perguntar ao jovem de Arpino o que é que ele tinha vindo fazer para Roma.

Sila limitou-se a ouvi-lo.



- O meu pai é muito amigo de Marco Emílio Escauro, o *Princeps* Senatus - disse Cícero, com um ar importante -, e também de Quinto Múcio Cévola, o Augure. *Além disso,* é cliente de Lúcio Licínio Crasso Orador! Por isso, quando o meu pai percebeu que eu era dotado e inteligente de mais para

ficar em Arpino, mudámo-nos para Roma. Viemos o ano passado. Temos uma bonita casa nas

Carinas, ao lado do templo de Telo. Do outro lado do templo, vive Públio Rutílio Rufo. Estou a

estudar com Quinto Múcio Augure e com Lúcio Crasso Orador, embora mais com este porque o

outro é muito velho. Bom, desde que me conheço que temos o hábito de vir a Roma. Eu comecei os

meus estudos no Fórum aos oito anos. Não somos campónios, Lúcio Cornélio! Somos de *muito*

melhor cepa que Caio Mário!

Divertidíssimo, Sila sentou-se e deixou que o tagarela de quinze anos continuasse, perguntando para

si mesmo se aquela cabeça de melão não saltaria de repente do seu magro caule, indo esmagar-se no

chão, e rolando depois sem parar enquanto continuasse a falar. Aquela cabeça abanava tanto, subia,

descia, mexia-se tanto, que se tornava uma carga obviamente desconfortável e precária para o seu

dono.

- Sabes que eu já tenho público quando presto as minhas provas em retórica? - perguntou Cícero

com toda a naturalidade. - Não há assuntos que os meus perceptores me proponham que eu não

domine!

- Nesse caso, vais seguir a carreira de advogado, não é verdade?

- perguntou Sila, conseguindo, a custo, interrompê-lo.

- Claro que sim! Mas não como o grande Aculeão - o *meu* sangue é bom o bastante para tentar a carreira consular! Bom, em primeiro lugar, será o Senado. Vou ter uma bela carreira pública. *Toda a gente* me diz isso! - A cabeia de Cícero caíra para a frente. - Com a *minha* experiência, será muito mais profícuo expôr-me ao eleitorado do que

perder tempo com essa avozinha velha e cansada que é o exército. Fitando-o fascinado, Sila

observou com alguma brandura:

- Olha, se eu cheguei onde cheguei, foi graças a essa avó velha

e cansada, Marco Túlio. Nunca fiz carreira nas leis e, no entanto, sou

pretor urbano.

Cícero contornou a questão.

- Tu senhor, Lúcio Cornélio, não dispões das *minhas* vantagens. *Eu* vou ser pretor aos quarenta anos, como é lógico e normal.

Sila desistiu.

- Pois tenho a certeza de que vais conseguir, Marco Túlio.



- Eu sei, *tatá* - disse, mais tarde, o jovem Sila, quando já estava a sós com o pai, com um à-vontade que permitia o retorno ao diminutivo que usava em criança. - Eu sei que ele é um pequeno monstro,

mas mesmo assim gosto dele. E o pai?

- Eu acho que ele mete medo, filho, o que não quer dizer que não se goste dele. Será de facto tão

bom como dizem?

- Ouve-o e julgua por ti, *tatá.*

Sila abanou a cabeça decididamente.

- Não, muito obrigado! Nunca daria tal gozo a esse cogumelozinho presunçoso que veio de Arpino!

- Escauro Princeps Senatus está terrivelmente impressionado com ele - disse o jovem Sila,

encostando-se ao pai com uma familiaridade e um à-vontade que o pobre Cícero nunca conheceria;

o jovem Cícero estava já na fase de descobrir que o pai era demasiado rural para seduzir a nobreza

romana que ainda por cima o rejeitava, pelo parentesco que o ligaria a Caio Mário. Era uma

verdadeira maldição e, por isso, o jovem Cícero estava a afastar-se rapidamente do pai, consciente

de que ser parente de Caio Mário era uma desvantagem a banir por completo, se queria chegar a

altos cargos públicos.

- Neste momento, Escauro Princeps Senatus tem mais em que pensar para se preocupar com Marco

Túlio Cícero - retorquiu Sila, com visível satisfação.

Era um comentário acertado. Como chefe do Senado, Marco Emílio Escauro encarregava-se

habitualmente de receber as embaixadas estrangeiras e das relações externas, excepto nos casos em

que havia perspectivas de guerra. Como, na verdade, poucos senadores consideravam que as nações

estrangeiras (exceptuando as províncias de Roma) eram suficientemente dignas para lhes dedicarem

o seu tempo, o chefe do Senado via-se em apuros para encontrar membros para as comissões cujas

viajens ao estrangeiro não fossem pagas pelo Estado. Por isso, a resposta do Senado à queixa de

Sócrates, filho mais novo do falecido rei da Bitínia, demorou dez meses a ser formulada. Esta

resposta não agradaria a Sócrates, pois confirmava a posse do trono por Nicomedes, e desprezava

claramente a queixa de Sócrates.

Ainda antes de este assunto ter sido resolvido, Escauro Princeps Senatus herdara outra disputa

relacionada com um trono estrangeiro. A rainha Laódice e o rei Ariobarzanes da Capadócia

chegaram a Roma, fugidos do rei Tigranes da Arménia e do sogro deste, o rei Mitridates



do Ponto. Fartos de serem governados por um dos filhos de Mitridates e neto de Górdio, o fantoche

do Ponto, os Capadócios tinham tentado, desde que Caio Mário partira de Mazaca, encontrar um

verdadeiro Capadócio para rei. Depois de terem escolhido um sírio que, de acordo com os boatos

que corriam, fora envenenado por ordem de Górdio, os Capadócios tinham sido obrigados a

mergulhar nos arquivos genealógicos do país para encontrarem por fim Ariobarzanes, um nobre

capadócio que, comprovadamente, tinha nas veias sangue real. A mãe, inevitavelmente chamada

Laódice, era prima do último dos reis Ariárates que legitimamente poderia ser considerado

capadócio. O jovem rei Ariárates Eusébio e o seu avô Górdio foram depostos e fugiram

imediatamente para o Ponto. Contudo, avisado de que, graças a Caio Mário, Roma o vigiava,

Mitridates não actuou directamente; utilizou Tigranes da Arménia como agente. Foi este que

invadiu a Capadócia e que escolheu o novo rei. E, desta vez, não foi um filho de Mitridates do

Ponto. De comum acordo, em reunião entre a Arménia e o Ponto, foi decidido que aquele trono não

era confortável para nenhuma criança. O rei da Capadócia seria o próprio Górdio.

Mas Laódice e Ariobarzanes tinham entretanto fugido. Chegaram a Roma exactamente no princípio

da Primavera do ano em que Sila era pretor urbano. A presença deles era bastante incómoda para

Escauro, que por várias vezes afirmara (e tinha escrito em cartas) que o destino da Capadócia

deveria ser entregue nas mãos do seu povo. A maneira como defendera o rei Mitridates do Ponto

causava-lhe agora um certo embaraço, embora não existissem provas concretas das acusações feitas

por Laódice e Ariobarzanes de que Mitridates estava por trás da invasão desencadeada por Tigranes

da Arménia.

- Tens que ir lá e ver com os teus próprios olhos - disse Sila a Escauro, quando saíam da reunião do

Senado, muito pouco frequentada, em que o problema da Capadócia fora debatido.

- Que chatice! - rosnou Escauro. - Não posso dar-me ao luxo de abandonar Roma neste momento.

- Então nomeia alguém - disse Sila.

Nessa altura, Escauro endireitou o seu magro corpo e, espetando o pescoço, reconsiderou.

- Não é preciso, Lúcio Cornélio. Eu próprio irei.

E lá foi, transformando a visita num turbilhão, pois que em vez de ir à Capadócia, foi para a corte

de Mitridates em Amasia. Comeu

e bebeu do melhor, foi festejado e aplaudido: Marco Emílio Escauro Princeps Senatus teve uma

maravilhosa estadia no Ponto. Como convidado do rei, participou em caçadas ao leão e ao urso e na

pesca do atum e do golfinho no mar Euxino e visitou alguns dos locais mais famosos pela sua

beleza - quedas de água, desfiladeiros, os picos mais altos. Como convidado do rei, foi banqueteado

com cerejas, o mais delicioso fruto que jamais provara.

Seguro de que o Ponto não alimentava qualquer desejo de governar a Capadócia, lamentou e

censurou vivamente a conduta de Tigranes. E, tendo achado que a corte do Ponto se encontrava

condignamente helenizada, tanto mais que toda ela se exprimia em grego, Marco Emílio Escauro

Princeps Senatus fez as malas e regressou a Roma num dos barcos do rei.

- Caiu que nem um pato - disse Mitridates a seu primo Arquelau, com um sorriso de todo o

tamanho.

- Penso que isso se ficou a dever, em grande parte, às cartas que lhe escreveste nos últimos dois

anos - comentou Arquelau. - Continua a escrever-lhe, Grande Rei! É um esplêndido investimento.

- E o saco de ouro que lhe dei também é, não achas? - Claro que é!

Logo que assumiu o cargo de *praetor urbanus,* Sila começou a pensar na sua nomeação para um

dos governos hispânicos: daí que cultivasse as relações com Escauro Princeps Senatus e, através

dele, com os outros chefes do Senado. Duvidava poder algum dia conquistar por completo a

simpatia de Catulo César, devido aos acontecimentos ocorridos junto ao rio Ádige, quando os

Germanos címbricos invadiram a Gália Italiana. Mas, no geral, foi bem sucedido, e, em princípios

de Junho, tinha já a certeza de que a Hispânia Ulterior não lhe escaparia, e a Hispânia Ulterior era a melhor das Hispânias para um homem que queria acrescentar muito dinheiro aos seus proventos

habituais.

Mas a Fortuna, que tanto o protegia, vestiu um disfarce de prostituta e pareceu traí-lo uma vez mais.

Tito Dídio regressa da Hispânia Citerior para celebrar um triunfo e deixara o seu questor a governá-

la até ao fim do ano. Dois dias depois do regresso de Tito Dídio, foi a vez de Públio Licínio Crasso

celebrar um triunfo pelas vitórias alcançadas na Hispânia Ulterior; o seu questor também lá

permanecera para dirigir o governo até ao fim do ano. Tito Dídio garantira o restabelecimento



da calma no território antes de partir, depois de uma luta feroz que conduzira à exaustão total o

povo nativo dos Celtiberos. Quanto a Públio Crasso, apressara-se a abandonar a província,

prematuramente, sem ter tomado as mesmas precauções; tinha-se apoderado das concessões de

estanho e queria coordenar as suas actividades, concentrando-as em alguns empreendimentos de

que era sócio comanditário. Ao viajar pelas Cassitérides - as lendárias ilhas do estanho -, tinha

deslumbrado toda a gente com a sua magnificiência romana, oferecera melhores prazos e garantira

melhores condições de embarque nos portos do mar Central para todo o estanho que os mineiros

produziam. Pai de três filhos, aproveitara o tempo em que estivera na Hispânia Ulterior para

constituir família, abandonando a província sem a ter subjugado.

Nem três feiras tinham passado desde os festejos do triunfo de Públio Crasso (que tinham tido lugar

em meados de Junho), quando chegou a notícia de que os Lusitanos se tinham revoltado com

redobrado vigor e determinação. O pretor Públio Cornélio Cipião Nasica, enviado para a Hispânia

Ulterior como governador substituto, desempenhou essa tarefa com tal competência que começou a

falar-se em prolongar-lhe a estadia naquele comando durante o ano seguinte; a família dele era

muito poderosa e era natural que o Senado quisesse agradar-lhe. O que significava, desde logo, que

as esperanças de Sila quanto àquela Hispânia se desvaneciam por completo.

A Hispânia Citerior também deixou de fazer parte dos seus planos quando, em Outubro, o questor

que ficara a governar após a partida de Tito Dídio enviou uma mensagem urgente com um pedido

de ajuda; desde os Vascões aos Cântaros e aos Ilergetes, todos os povos da Hispânia Citerior se

tinham revoltado. Tendo que zelar pelo tribunal de pretores, na sua qualidade de pretor urbano, Sila

não podia candidatar-se à ida para a Hispânia como voluntário; em vez dele foi o cônsul Caio

Valério Flaco.

Que lhe restava agora? A Macedónia? Era uma província consular, raramente, ou mesmo nunca,

entregue a um pretor, já que só nesse preciso ano se abrira uma excepção para o pretor urbano do

ano anterior, o Homem Novo Caio Sêncio. Este último demonstrara logo o seu brilhantismo e, por

isso, não era provável que fosse substituído a meio da campanha que lançara com o seu lugar-

tenente Quinto Brútio Sura, um homem tão notável quanto o seu chefe. A Ásia? Mas Sila sabia que

esta província já estava prometida a outro Lúcio Valério



Flaco. A África? Nos tempos que corriam, a África eram águas paradas, uma nulidade. A Sicília?

Águas paradas, um vazio. A Sardenha e a Córsega juntas. Águas paradas, outro zero à esquerda.

Desesperando por dinheiro, Sila foi forçado a investigar, um por um, todos os caminhos

susceptíveis de o conduzirem a uma governação lucrativa, enquanto permanecia em Roma

confinado aos tribunais. O consulado, só poderia disputá-lo daí a dois anos, e entre os pretores seus amigos contavam-se Públio Cipião Nasica e aquele Lúcio Flaco que dispunha de suficiente

influência para garantir, daí a um ano, o governo da província da Ásia. Ambos eram ricos e capazes

de subornar quem quer que fosse. Outro pretor, Públio Rutílio Lupo, era ainda mais rico. A menos

que conseguisse fazer fortuna no estrangeiro, Sila sabia que não podia ter esperanças.

Só a companhia de seu filho o mantinha são de espírito e o impedia de cometer loucuras, mesmo

sabendo que elas lhe cortariam todas as hispóteses para sempre. Metróbio vivia naquela mesma

cidade mas, graças ao filho, Sila conseguira resistir ao incontrolável impulso de o procurar. Toda a

gente em Roma conhecia de vista o pretor urbano ao fim de um ano de exercício dessas funções, e,

além disso, Sila não era de modo nenhum um homem que passava despercebido. A presença dos

filhos impedia-o de receber Metróbio em casa; visitar Metróbio no seu apartamento da colina Célio

tornava-se impossível. Por isso, adeus Metróbio.

Para tornar as coisas ainda mais complicadas, também não podia contar com Aurélia; Caio Júlio

César regressara finalmente a casa naquele Verão e a liberdade da pobre Aurélia conhecera um final

abrupto. Contactara com ela uma vez, e fora acolhido constrangidamente por uma mulher

constrangida que lhe pedira formalmente que não voltasse àquela casa. Não tinha dados nenhuns

sobre o significado de tal atitude, mas não se preocupou em investigar. Caio Júlio César concorreria

às eleições para pretor em Novembro, Caio Mário iria apoiá-lo fortemente, e, apesar de habitar em

Subura, a esposa de César seria uma das mulheres mais vigiadas de Roma. Ninguém contara a Sila

o furor que ele, inadvertidamente, provocara entre a família de Caio Mário durante as férias, mas

Cláudia, a mulher de Sexto César, tinha-se referido ao caso, como quem conta uma anedota, em

conversa com o marido de Aurélia, durante a festa de boas-vindas organizada em honra deste.

Embora toda a gente se fartasse de rir, César não achou graça nenhuma.



Mas Sila podia contar com o filho! Só ele podia dar ao pai todo o conforto de que este precisava.

Cada vez mais frustrado, o Sila que poderia ter irrompido de forma potencialmente letal, foi

magnificamente acalmado e adormecido. Nem por todo o oiro do mundo, Sila permitir-se-ia ficar

mal visto aos olhos do filho adorado.

E assim, à medida que o fim do ano se foi aproximando, Sila viu desvanecerem-se as suas

esperanças, sofreu o afastamento forçado de Metróbio e de Aurélia, ouviu pacientemente as

tagarelices vaidosas do jovem Cícero e sentiu que o amor pelo filho crescia cada vez mais e mais.

Os pormenores da sua vida anterior à morte da madrasta, que Sila julgava nunca vir a contar a

ninguém da sua classe, foram revelados a esse rapazinho maravilhosamente compreensivo e

tolerante, sequioso dessas histórias que lhe traçavam o retrato de uma vida e de uma pessoa que o

jovem Sila nunca conhecera. Sila só não revelou ao filho a sua faceta monstruosa, o monstro que

nele habitava e que ferozmente uivava à luz da Lua, desejoso de cravar numa vítima as suas garras

afiadas. Isso, disse para consigo, seria esquecido para sempre.

Quando o Senado distribuiu as províncias, em Novembro desse ano, tudo se passou como Sila

previra. Caio Sêncio permaneceu na Macedónia, Caio Valério Flaco na Hispânia Citerior, Públio

Cipião Nasica na Hispânia Ulterior, enquanto a Ásia foi parar às mãos de Lúcio Valério Flaco.

Quando lhe foram oferecidas a África, a Sicília, a Sardenha e a Córsega, Sila agradeceu, mas

declinou os convites. Antes nenhum governo que ir parar a essas águas estagnadas. Daí a dois anos,

quando houvesse eleições consulares, os eleitores tratariam de informar-se sobre os lugares onde

tinham estado os candidatos, na qualidade de pretores governantes, e a África, a Sicília, a Córsega e a Sardenha não eram currículo capaz de impressionar fosse quem fosse.

Foi então que a Fortuna deixou cair o disfarce e voltou a demonstrar o seu esplendoroso amor por

Sila. Em Dezembro, chegou uma carta furiosa do rei Nicomedes da Bitínia, acusando o rei

Mitridates de ambições relativamente a toda a Ásia Menor, e especialmente em relação à Bitínia.

Quase na mesma altura, veio de Tarso a notícia de que Mitridates tinha invadido a Capadócia, à

frente de um numeroso exército, com a intenção de não parar até conseguir ocupar toda a Cilícia e

também a Síria. Manifestando o seu espanto, Escauro Princeps Senatus defendera a necessidade de

enviar um governador para a Cilícia;

315

Roma não iria enviar tropas, mas o governador deveria seguir bem apoiado para, caso necessário,

recrutar um exército local. Escauro era um romano obstinado e isso Mitridates não percebera,

supondo-o sob o seu controlo por causa de um mero punhado de cartas e de um saco de oiro.

Escauro, porém, não hesitaria em queimar todas as cartas, logo que surgisse uma ameaça contra

Roma com a magnitude desta; a Cilícia era vulnerável, era um território muito importante. Embora

não fosse costume enviar governadores para essas paragens, Roma habituara-se a encarar a Cilícia

como um território seu.

- Proponho que se mande Lúcio Cornélio Sila para a Cilícia disse Caio Mário quando o

consultaram. - A situação económica dele é difícil. Ora, ele sabe treinar tropas, armá-las e comandá-

las. Se alguém pode salvar a situação, esse alguém é por certo Lúcio Cornélio.

- Vou ser governador! - disse Sila ao filho, mal chegou a casa, depois da reunião do Senado no

templo de Belona.

- Não me digas! Onde? - perguntou, ansioso, o jovem Sila.

- Cilícia. O objectivo é deter o rei Mitridates do Ponto.

- Oh, *tatá,* mas isso é maravilhoso! - exclamou o jovem, apercebendo-se nesse instante de que a Cilícia significaria separar-se do pai. Por um brevíssimo instante, os seus olhos traíram o pesar que sentia; depois, respirou fundo, um respirar soluçado, porém, e fitou o pai com respeito e confiança,

com aquele seu olhar que Sila sempre achara tão comovente, tão difícil de enfrentar.

- Claro que vou sentir a tua falta, mas estou muito contente por ti, pai. - Sim, ali estava ele, o adulto: Sila já não era *tatá,* era pai.

Os olhos azuis pálidos de Lúcio Cornélio Sila, a que as lágrimas irreprimíveis davam um brilho

invulgar, fitaram o filho com o mesmo respeito e confiança que haviam encontrado nos olhos dele.

Depois, sorriu, um sorriso todo ele amor.

- Ah! Mas que história é essa de sentires a minha falta? - perguntou.

- Achas que eu não te levava comigo? Nem pensar! Claro que vais comigo!

De novo, aquele respirar soluçado, e uma expressão de profunda alegria; um sorriso imenso

iluminou todo o seu rosto.

- *Tata!* Estás a falar a sério?

- Nunca falei tão a sério, meu rapaz. Ou vamos juntos, ou não vou. E eu vou!

316

Partiram para o Oriente no princípio de Janeiro, ainda muito outonal e, por isso, propício à

navegação. Sila levou consigo uma pequena comitiva de lictores (doze, já que o seu mandato era

proconsular), funcionários, escribas e escravos públicos, o filho, louco de excitação, Ariobarzanes

da Capadócia e sua esposa Laódice. Ia bem preparado para a guerra graças aos esforços de Escauro

Princeps Senatus, e convenientemente instruído por Caio Mário, com quem tivera uma longa

conversa.

Seguiram de Tarento para Patras, na Grécia, onde embarcaram com destino a Corinto; daí, seguiram

por terra para o Pireu de Atenas, onde os esperava um barco para Rodes. Para a viagem de Rodes a

Tarso, Sila foi obrigado a contratar um navio, pois o tempo estava a ficar invernoso e o tráfego

comercial tinha cessado. Deste modo, em fins de Janeiro, Sila e a sua comitiva chegaram sem

qualquer problema a Tarso, depois de terem visto uns quantos portos e estaleiros, e muito, muito

mar.

Nada mudara em Tarso desde a visita de Caio Mário três anos e meio antes, nem na Cilícia, que,

infortunadamente, continuava a viver numa espécie de limbo. A chegada de um governador oficial

foi muito bem acolhida em Tarso e na Cilícia; mal se instalou no palácio, Sila viu-se rodeado de

gente prestimosa, grande parte da qual pensava já no exército e numa boa remuneração.

Mas Sila sabia muito bem quem procurava: Mórsimo, que lhe fora recomendado por Caio Mário.

Sila considerava significativo que Mórsimo não tivesse ainda aparecido; de facto, em vez de

procurar o novo governador romano, Mórsimo continuara a exercer as suas funções habituais, que

consistiam no comando da milícia da cidade de Tarso.

- Por ora, serás dispensado dessas funções - disse Sila amistosamente a Mórsimo quando este se

apresentou por fim no palácio, respondendo à convocação de Sila. - Preciso de um homem de Tarso

que me ajude a recrutar, equipar e treinar quatro boas legiões de auxiliares, antes que os degelos da Primavera desimpeçam os caminhos que conduzem ao interior. Caio Mário diz que tu és o homem

indicado para tal tarefa. Achas que sim?

- Sem dúvida - retorquiu Mórsimo imediatamente.

- O tempo aqui está bom - disse Sila vivamente. - Durante o Inverno, poderemos treinar

convenientemente os nossos soldados, mas para tal é preciso que a matéria-prima seja boa e que

haja armas



suficientes para armar esses soldados ao mesmo nível dos de Mitridates. Será possível?

- Sem a mínima dúvida - disse Mórsimo. - Terás muito mais soldados do que os que precisas. O

exército é uma boa ocupação para os jovens, e exército é algo que não existe aqui há muitos, muitos

anos! Se a Capadócia tivesse menos lutas intestinas e sofresse menos interferências do Ponto e da

Arménia, podia ter-nos invadido e conquistado em qualquer altura. Felizmente, a Síria também tem

sido incomodada. Enfim, só por sorte existimos.

- A Fortuna está do meu lado, Mórsimo - disse Sila, com o mais selvagem dos seus sorrisos, pondo

o braço por cima dos ombros do filho. - Um dia hei-de ter o nome de Félix. - Abraçou o filho, e

prosseguiu: - No entanto, há uma coisa extremamente importante e urgente que tenho de fazer.

O grego fitou-o espantado.

- É algo em que possa ajudar-te, Lúcio Cornélio?

- Creio que sim. Gostaria que me indicasses um local onde possa comprar um bom chapéu de palha,

um chapéu que ao fim de dez dias não esteja todo desfeito - disse Sila.

- Eu é que não ponho chapéu de palha, pai! - disse o jovem Sila, quando seguia com o pai para a

praça do mercado. - Um *chapéu de palha]* Só os velhos camponeses é que usam chapéus de palha!

- Os velhos camponeses e eu - disse Sila, sorrindo.

- Tu?

- Quando estou em campanha, uso sempre um chapéu de palha enorme. Caio Mário aconselhou-me

há alguns anos, quando fomos pela primeira vez a África combater o rei Jugurta da Numídia. Usa o

chapéu e não ligues aos risinhos, disse-me ele. Ao fim de algum tempo, já ninguém repara. Segui o

conselho dele porque a minha pele é muito branca e, apanhando muito sol, fica num estado

miserável. De facto, depois de firmada a minha reputação na Numídia, o meu chapéu tornou-se

famoso.

- Nunca te vi de chapéu de palha em Roma - disse-lhe o filho.

- Em Roma, procuro abrigar-me do sol. Foi por isso que, o ano passado, mandei pôr uma cobertura

sobre o meu tribunal de pretor.

Seguiu-se um silêncio. O estreito caminho por onde avançavam desembocou subitamente numa

praça enorme, irregular, cheia de árvores, e de tendas de vendedores.



- Pai? - arriscou uma voz tímida.

Sila olhou de relance, surpreendido com o facto de o filho já estar da altura dele; o sangue dos

Césares estava a vencer: o jovem Sila seria alto.

- Sim, meu filho? - perguntou.

- Também posso comprar um chapéu?

Quando o rei Mitridates soube que um governador romano fora enviado para a Cilícia e estava a

treinar tropas locais, fitou espantado o seu informador, Górdio, o novo rei da Capadócia.

- Quem é esse Lúcio Cornélio Sila? - perguntou.

- Nada sabemos dele, Grande Rei, excepto que, o ano passado, era magistrado-chefe da cidade de

Roma, e que foi lugar-tenente de vários generais romanos famosos: Caio Mário, em África, contra o

rei Jugurta, Quinto Lutácio Catulo César, na Gália Italiana, contra os Germanos, e Tito Dídio, na

Hispânia, contra os selvagens locais disse Górdio, despejando todas as suas informações num tom

que indicava que, de todos aqueles nomes, só o de Caio Mário lhe dizia alguma coisa.

Aqueles nomes também pouco diziam a Mitridates. Uma vez mais, o rei do Ponto tinha motivos

para lamentar a sua pouca instrução geográfica e histórica. Coube a Arquelau expandir os

horizontes do rei.

- Esse Lúcio Cornélio Sila não é nenhum Caio Mário - disse Arquelau com um ar pensativo. - Mas

tem um belíssimo currículo e não devemos subestimá-lo só porque não conhecemos o seu nome.

Desde que entrou para o Senado de Roma, dedicou a maior parte da sua actividade às questões

militares, embora, ao que creio, nunca tenha comandado nenhum exército.

- O nome dele é Cornélio - disse o rei, de peito inchado. - Mas é um Cipião? De onde lhe vem o

Sila?

- Cornélio Sila não pertence aos Cipiões, Grande Rei - disse Arquelau. - Mas é um patrício

Cornélio, e não aquilo a que os Romanos chamam um Homem Novo, ou seja, um zé-ninguém. Ao

que se diz, é um homem... difícil.

- Difícil?

Arquelau engoliu em seco; não dispunha de mais informações, e não sabia por que razão Sila era

considerado um homem difícil. Por isso, inventou.



- Não é fácil negociar com ele, Grande Rei. Para ele, só as suas opiniões é que contam.

Encontravam-se na corte de Sinope, a cidade preferida do rei, especialmente no Inverno. Há já

alguns anos que as coisas corriam pacificamente para Mitridates; não precisara de matar nenhum

cortesão ou parente, a filha de Górdio, Nisa, revelara-se tão boa esposa que não espantava que o pai

tivesse ficado com o trono da Capadócia após a intervenção de Tigranes, os filhos sucediam-se, e as

possessões do Ponto ao longo do Euxino, a leste e a norte, continuavam a prosperar.

Mas o rei do Ponto já se tinha esquecido de Caio Mário e de novo alimentava ambições em relação

ao sul e ao ocidente; o seu estratagema envolvendo Tigranes e a Capadócia resultara em pleno, e

Górdio continuava a ser rei da Capadócia apesar da visita de Escauro. O único benefício que a visita

de Escauro trouxera para Roma fora a retirada da Capadócia do exército da Arménia - no entanto,

Mitridates sempre tivera essa intenção. Agora, tudo apontava para que a Bitínia fosse cair em seu

poder, pois um ano antes Sócrates aparecera na sua corte pedindo asilo, transformando-se de tal

forma num fantoche de Mitridates que este decidira que seria uma boa ideia instalá-lo no trono

bitínio como medida preliminar à invasão. Mitridates tencionava desencadear a invasão na

Primavera, avançando para oeste tão rapidamente que o rei Nicomedes III não teria sequer tempo

para preparar a defesa do país.

As notícias trazidas por Górdio fizeram-no parar; atrever-se-ia a anexar a Bitínia ou mesmo a sentar

Sócrates no seu trono, quando havia, não um, mas dois governadores romanos por perto? Quatro

legiões na Cilícia! Dizia-se que Roma conseguia vencer o mundo com quatro boas legiões. Pelos

vistos, estas legiões eram formadas por auxiliares cilicianos, e não por soldados romanos, mas os

Cilicianos eram aguerridos e orgulhosos - se não o fossem, já a Síria os teria dominado. Quatro

legiões equivaliam a cerca de vinte mil soldados. Ao passo que o Ponto podia reunir duzentos mil.

Numericamente, não havia comparação possível. No entanto... no entanto... Quem *era* aquele Lúcio Cornélio Sila? Também nunca ninguém ouvira falar de Caio Sêncio ou do seu adjunto Quinto

Brútio Sura, e no entanto tinham ambos desencadeado uma devastadora campanha contra Celtas e

Trácios, limpando por completo a fronteira da Macedónia, desde a Ilíria, a oeste, até ao Helesponto,

a leste. Já ninguém estava certo de que os



romanos não penetrariam nas terras do Danúbio; tudo isto preocupava Mitridates, que projectava

avançar pela margem ocidental do Euxino até à região do Danúbio. Não lhe agradava nada a ideia

de encontrar romanos quando lá chegasse.

*Quem* era Lúcio Cornélio Sila? Um general romano do calibre de Sêncio? Porque tinham mandado

aquele homem para a Cilícia, se dispunham de um Caio Mário ou de um Catulo César, dois homens

que haviam derrotado os Germanos? O primeiro, Caio Mário, aparecera sozinho e desarmado na

Capadócia, avisando que, quando voltasse a Roma, ficaria atento às acções do rei do Ponto. Por

isso, por que razão não tinham mandado Caio Mário para a Cilícia? Porque tinham enviado aquele

desconhecido, Lúcio Cornélio Sila? Roma parecia ser capaz de produzir uma infinidade de generais

brilhantes. Seria Sila um militar ainda mais notável que Mário? O Ponto dispunha de muitos

soldados, mas os generais brilhantes eram raros. Depois de se ter saído tão bem da sua campanha

contra os bárbaros a norte do mar Euxino, Arquelau ansiava por feitos ainda mais formidáveis. Mas

Arquelau era seu primo, tinha sangue real, era um rival potencial. O mesmo se podia dizer de seu

irmão Neoptólemo e de seu primo Leónipo. E que rei podia confiar nos filhos? As mães ansiavam

por poder, eram potenciais inimigas; também o eram os filhos: quando cresciam, não pensavam

noutra coisa senão em destronar o pai.

Se ao menos ele tivesse nascido com o dom de conduzir exércitos!, pensava o rei Mitridates,

enquanto os seus olhos verdes pintalgados de castanho deambulavam, cegos, pelos rostos dos

homens à sua volta. Mas nesse particular, Mitridates não herdara os talentos heróicos do seu

antepassado Héracles. Ou tê-los-ia herdado? É que, pensando bem, Héracles não tinha sido general!

Héracles lutara sozinho - contra leões e ursos, reis usurpadores, deuses e deusas, todo o tipo de

monstros. O tipo de adversários de que Mitridates gostaria. Nos tempos de Héracles, os generais

ainda não tinham sido inventados; os guerreiros organizavam-se em grupos e lutavam contra outros

grupos de guerreiros; desciam dos seus carros que os conduziam para todo o lado, e travavam

duelos corpo-a-corpo. E *esse* era o tipo de guerra para que o rei se sentia preparado! Mas esses tempos nunca mais voltariam. Agora, havia exércitos; os generais eram semi-deuses que se

instalavam algures acima do campo de batalha e davam ordens e, com um ar meditativo, roíam as

unhas enquanto os seus olhos não paravam, vigiando todo e qualquer movimento.

Os generais pareciam saber instintivamente onde a linha da frente ia avançar ou cair, onde o

inimigo se ia concentrar para uma investida maciça - e os generais já *nasciam* com o entendimento do que eram flancos, manobras, cercos, artilharia, colunas de rendição, formações, avanços e

recuos, filas e linhas. Coisas que Mitridates não poderia entender, coisas para as quais não sentia

qualquer inclinação ou interesse.

E enquanto os seus olhos deambulavam sem ver, todos o observavam com olhos mais atentos que

os do falcão mirando o rato - ainda que se sentissem ratos e não falcões. Sentou-se então no seu

trono de ouro maciço incrustado de um milhão de pérolas e rubis; porque presidia a um conselho de

guerra, estava vestido com a pele de leão e uma camisa da mais macia e flexível cota de malha,

adornada a ouro. Resplandecente. Incutindo medo em todos os corações. Ninguém se opunha ao rei,

ninguém sabia como enfrentar o rei. Perfeito dirigente de homens, complexa mistura de cobarde *e*

herói, fanfarrão e submisso, salvador e destruidor. Em Roma, ninguém teria acreditado nele, toda a

gente se teria rido. Em Sinope, toda a gente acreditava nele, e ninguém se ria.

Finalmente, o rei falou.

- Seja lá quem for esse Lúcio Cornélio Sila, os romanos mandaram-no sem um exército para

defender terra estranha. Por isso, terá de recorrer a soldados que não conhece, soldados que não são

romanos. Tenho, pois, de concluir que esse tal Lúcio Cornélio Sila é um inimigo valoroso. - Deixou

que os seus olhos se fixassem em Górdio. - Quantos soldados mandei para o teu reino da Capadócia

no passado Outono?

- Cinquenta mil, Grande Rei - retorquiu Górdio.

- No princípio da Primavera, irei para Eusebeia Mazaca com mais cinquenta mil. Neoptólemo irá

comigo, será o meu general. Arquelau, tu irás para a Galácia com mais cinquenta mil soldados e

defenderás essa região na fronteira ocidental, caso os romanos decidam invadir o Ponto a partir de

duas frentes. A rainha governará em Amasia, mas os filhos dela ficarão aqui em Sinope, presos;

serão eles os reféns que garantirão o bom comportamento da rainha. Se ela conspirar contra mim,

todos os seus filhos serão imediatamente executados - disse Mitridates.

- A minha filha nunca seria capaz de tal coisa! - exclamou Górdio, chocado, temendo que qualquer

uma das outras esposas do rei congeminasse

alguma traição e assim provocasse a execução dos seus netos antes que a verdade pudesse ser

estabelecida.

- Nada me leva a crer que ela seja capaz - retorquiu o rei. - É uma precaução que tomo sempre em

tais circunstâncias. Quando me ausento das minhas terras, os filhos de cada uma das minhas

mulheres são levados para diferentes cidades, e servem de penhor ao bom comportamento de cada

uma delas. As mulheres são gado estranho prosseguiu o rei, com um ar pensativo. - Costumam pôr

os filhos à frente dos seus próprios interesses.

- Será bom que te acauteles contra aquela que não o faça - disse uma voz aflautada e apatetada, a

voz de um indivíduo gordo e apatetado.

- Está descansado, Sócrates, eu acautelo-me - retorquiu o rei, com um sorriso arreganhado.

Mitridates tinha desenvolvido uma afeição especial por aquele repulsivo cliente da Bitínia,

provavelmente porque este podia orgulhar-se da proeza de estar quase a chegar aos sessenta, apesar

de ser uma criatura tão repulsiva e bitiniano. O facto de nenhum dos seus irmãos - repulsivos ou não

- ter chegado aos vinte anos não o preocupava. Gente branda, os Bitinianos. Se não fosse Roma e a

protecção romana, a Bitínia teria sido engolida pelo Ponto uma geração antes. Roma, Roma, Roma!

O problema era sempre Roma. Pena que Roma não tivesse de enfrentar uma guerra importante no

outro extremo do mar Central: tal guerra deixá-la-ia entretida durante uma década. Quando Roma se

virasse para oriente, encontraria o Ponto a reinar como senhor supremo, e não teria outra hipótese

senão limitar a sua atenção ao Ocidente. As terras onde o Sol se punha.

- Górdio, encarrego-te de vigiar os movimentos de Lúcio Cornélio Sila, na Cilícia. Mantém-me

informado de todos os pormenores! Não deves deixar escapar nada. Entendido?

Górdio estremeceu.

- Entendido, Grande Rei.

- Muito bem! - bocejou o rei. - Tenho fome. Vamos comer. Mas quando Górdio se propôs

acompanhar o grupo à sala de jantar, o rei deteve-o. - Não, tu não vais! - exclamou. - Voltas já para Mazaca. Já. É preciso que se veja que a Capadócia tem um rei.

Infortunadamente para Mitridates, o tempo na Primavera favoreceu Sila. Os caminhos cilicianos

eram menos montanhosos e a neve aí era mais baixa do que a que cobria os caminhos por onde

Mitridates tinha

323

de conduzir os seus cinquenta mil homens do acampamento dos arredores de Zela para o sopé do monte

Argos. Górdio já o tinha informado de que Sila e o seu exército tinham avançado antes que o rei pudesse sequer alimentar a esperança de vencer as suas barreiras montanhosas. Quando o rei abandonou Zela, recebeu nova mensagem: Sila tinha já chegado à Capadócia e instalara os seus homens quatrocentos *stades* a sul de Mazaca e quatrocentos *stades* a oeste de Comana, e parecia contentar-se com isso. Mitridates sentiu-se mais aliviado ao ouvir tais notícias.

Mesmo assim, fez avançar a toda a pressa o seu exército pelos traiçoeiros caminhos da montanha, indiferente aos sofrimentos de homens e animais. Os seus oficiais não se coibiam de açoitar os atrasados, nem de varrer do caminho todos os que, por uma razão ou outra, o atravancavam. Mensageiros tinham já seguido para leste, rumo a Artaxata, com notícias para o genro do rei, Tigranes. Mitridates avisava-o de que a Cilícia se encontrava agora defendida pelos romanos e de que um governador romano atacara a Capadócia. Alarmado, Tigranes pensou que seria melhor avisar os seus senhores partos e aguardar por ordens de Selêucia-no-Tigre.

Mitridates não pedira ajuda, mas Tigranes já tinha a sua conta e não estava certo se queria enfrentar Roma, fizesse Mitridates o que fizesse.

Quando o rei do Ponto atravessou o Hális e fez acampar os seus cinquenta mil homens junto dos outros

cinquenta mil que já ocupavam Mazaca, Górdio foi ter com ele, levando-lhe as mais extraordinárias notícias.

- O romano está a construir uma *estrada.* O rei ficou, perfeitamente parado e quieto.

- Uma estrada?

- Uma estrada através das Portas Cilicianas, Grande Rei.

- Mas já lá há uma estrada - disse Mitridates.

- Eu sei, eu sei!

- Então para quê construir outra?

- Não sei!

Os lábios carnudos e vermelhos do rei franziam-se, projectavam-se para fora, fechavam-se, fazendo-o

assemelhar-se a um peixe (ainda que ele o não soubesse, nem ninguém tivesse a coragem de lho dizer); depois de muito mexer e remexer os lábios, o rei encolheu os ombros.

- Eles adoram construir estradas - disse ele, num tom de admiração e espanto. - Deve ser uma maneira de andarem ocupados. - O seu



rosto tornou-se ameaçador. - É que, no fim de contas, ele chegou cá muito antes de mim!

- A propósito da estrada, Grande Rei... - interrompeu delicadamente Neoptólemo.

- Que há com a estrada?

- Creio que é possível que Lúcio Cornélio Sila esteja a *melhorar* a estrada. Quanto melhor estiver a estrada, tanto mais depressa ele poderá deslocar as suas tropas. É por isso que os Romanos

constróem boas estradas.

- Mas ele avançou pela estrada existente sem lhe mexer. Para quê repará-la depois de a ter

percorrido? - exclamou Mitridates, que já não entendia nada; para ele, a questão era simples: o

chicote fazia avançar os homens enquanto houvesse um caminho, fosse qual fosse o estado deste;

por isso, para que estava Sila a incomodar-se em tornar aquela estrada tão fácil e cómoda como uma

rua citadina?

- Suponho - disse Neoptólemo com extrema paciência - que, depois de ter verificado que a estrada

se encontrava em mau estado, o romano decidiu melhorá-la para o caso de ter de usá-la outra vez.

Aquela explicação era fácil de entender. Os olhos do rei abriram-se muito.

- Bom, então ele vai ter uma surpresa! Depois de o pôr a ele e aos seus mercenários cilicianos fora

da Capadócia, não me vou dar ao trabalho de lhe destruir a estrada: as montanhas, as montanhas é

que eu vou destruir!

- Muito bem dito, Grande Rei - disse Górdio, como um cão aguardando as festas do dono.

O rei desatou a rir como se grunhisse, exprimindo todo o seu desprezo por Sila e pelos Romanos.

Encaminhou-se para o cavalo, subiu para as costas de um escravo ajoelhado e daí saltou para cima

da sela. Sem esperar por quem eventualmente estivesse disposto a segui-lo, lançou o cavalo numa

corrida desenfreada. Górdio saltou num ápice para a sua sela e foi no encalço do rei; Neoptólemo

viu-os afastar-se e desaparecer ao longe.

Era muito difícil meter ideias estrangeiras na cabeça do rei, pensou Neoptólemo. Teria entendido a

explicação sobre a estrada? Por que razão não entendia? Pois se eu entendo perfeitamente o que

pretende Sila! Ambos nascemos no Ponto, nenhum de nós foi educado no estrangeiro, no que toca

ao sangue a nossa história é idêntica. Para



dizer a verdade, ele tem muito mais experiência do que eu no que respeita a viagens e conhecimento

do mundo. No entanto, mostra-se completamente cego em relação a coisas que eu percebo

imediatamente. Embora em relação a outras, entenda tudo mais rapidamente do que eu.

Mentalidades diferentes, julgo eu. Diferentes modos de pensar. Talvez o cérebro de um homem

mude de alguma forma quando esse homem se transforma num autocrata completo. Ele não é

nenhum parvo, o meu primo Mitridates. Por isso é pena que compreenda tão mal os Romanos. A

maior parte das suas ideias sobre os Romanos baseia-se nas bizarras aventuras que teve na

Província da Ásia, e essa experiência não é tão excelente quanto ele julga. Como conseguiremos

levá-lo a entender aquilo que nós tão facilmente vemos?

Foi breve a estadia do rei no palácio azul de Eusebeia Mazaca; um dia após a chegada, conduziu os

seus cem mil soldados ao encontro das tropas de Sila. Para quê preocupar-se com estradas? Embora

houvesse de quando em quando um monte para subir e um vale acidentado que era preciso rodear, o

caminho era fácil para os homens. Mitridates ficou satisfeito com a distância percorrida nesse dia:

cento e sessenta *stades;* se não visse com os seus próprios olhos, nunca teria acreditado que um exército romano, perante as mesmas dificuldades, era capaz de fazer o dobro dessa distância sem se

cansar excessivamente.

Mas Sila não saiu de onde estava. O seu acampamento ficava no meio de uma vasta extensão de

terra plana e ele aproveitara o tempo de que dispusera para construir uma fortificação

impressionante, apesar de a ausência de florestas na Capadócia o ter obrigado a ir buscar madeira à

Cilícia. Por isso, Mitridates deparou com uma estrutura rigorosamente quadrangular, rodeando um

espaço com uma área de cerca de trinta e dois *stades* quadrados; essa estrutura consistia de muros maciços, encimados por uma paliçada com três metros de altura, e tendo à sua frente três fossos - o

fosso exterior com seis metros e meio de largo e cheio de água, o do meio com quatro metros e

meio de largo e cheio de estacas pontiagudas, e o interior com seis metros de largo e cheio de água.

Era a primeira vez que Mitridates via um acampamento romano. Estava espantado, mas não podia

manifestar o seu espanto porque havia demasiados olhos fixos nele. Tinha a certeza de que

conseguiria conquistá-lo, mas os custos seriam enormes. Por isso, ordenou que o



seu vasto exército se instalasse e avançou sozinho para apreciar de perto a fortaleza de Sila.

- Meu rei e senhor, um mensageiro dos romanos - disse um dos seus oficiais, que entretanto fora ao

seu encontro.

- O que é que eles querem? - perguntou Mitridates, mirando com uma expressão irada os muros e a

paliçada, e as altas torres de vigia que se distribuíam ao longo da paliçada.

- O procônsul Lúcio Cornélio Sila pretende falar contigo, Grande Rei - retorquiu o oficial.

- De acordo. Onde e quando?

- No caminho que conduz ao portão principal do acampamento romano - o caminho à tua direita,

Grande Rei. O mensageiro diz que ele pretende um encontro a sós.

- Quando?

- Já, Grande Rei.

O rei obrigou o seu cavalo a virar para a direita, impaciente por ver aquele tal Lúcio Cornélio Sila, e nada temeroso; pelo que ouvira dizer dos Romanos, não estava à espera que, num momento de

tréguas, o atingissem com uma lança enquanto se encaminhava, sem guarda, para o encontro. Por

isso, quando chegou ao caminho combinado, desceu do cavalo sem reflectir, mas logo parou,

aborrecido com a sua própria estupidez. Não devia permitir que outro romano fizesse com ele o

mesmo que Caio Mário fizera - olhar para ele de cima! E voltou a montar o cavalo. *Ele é* que

olharia de cima para Lúcio Cornélio Sila! O cavalo, porém, recusou-se a avançar: revirava os olhos

com medo dos perigosos fossos. Por um momento, o rei tentou ainda obrigá-lo a avançar; até que

decidiu que desse modo afectaria ainda mais a sua imagem. Voltou para trás, desceu de novo do

cavalo, e avançou para o meio do caminho, onde os fossos, literalmente a abarrotar de estacas

pontiagudas, se abriam como bocas cheias de dentes.

O portão abriu-se, um homem atravessou-o e encaminhou-se na direcção de Mitridates. O rei ficou

contente ao ver que o romano era um homem pequeno, se comparado consigo: sim, porque ele era

um homem muito alto! No entanto, logo reparou que Sila era um homem bem constituído. Trazia

uma armadura de aço adaptada ao seu torso, a saia dupla de tiras de couro a que chamavam

*pteryges,* uma túnica escarlate, e uma capa igualmente escarlate. De cabeça descoberta, o seu cabelo louro-arruivado resplandecia ao sol, agitado por uma ligeira



brisa. Mitridates não conseguia despegar os olhos daquele cabelo, pois nunca tal cor vira na sua

vida, nem mesmo entre os Galácios Celtas. Tal como nunca vira uma pele tão branca, branca como

o gelo, visível entre a bainha da saia e as botas, que chegavam a meio das barrigas das pernas, muito musculadas, visível nos seus braços, visível também no pescoço e no rosto. Branco como o *gelo.*

Não havia na pele dele uma partícula que fosse de cor!

Até que Lúcio Cornélio Sila se abeirou o bastante para que o rei pudesse ver o seu rosto, os seus

olhos. Mitridates tremeu da cabeça aos pés. *Apolo.* Apolo disfarçado de *romano.* O rosto era tão forte, tão semelhante ao de um deus, tão terrível na sua majestade - não, aquele não era o rosto mole e idiota de uma estátua grega, mas o rosto de um deus: um deus teria forçosamente de ter aquele

aspecto, tanto tempo depois da sua criação. Um homem-deus no máximo da sua força, cheio de

energia e poder. Um romano. Um *romano.*

Sila avançara para aquele encontro completamente seguro de si, pois Caio Mário tinha-lhe descrito

a sua entrevista com o rei do Ponto. Mas não lhe tinha ocorrido que a sua aparência pudesse deixar

o rei tão perturbado - nem compreendera exactamente porquê. A razão exacta, porém, não

interessava. O que lhe interessava era aproveitar aquela inesperada vantagem.

- Que fazes na Capadócia, rei Mitridates? - perguntou.

- A Capadócia pertence-me - respondeu o rei, mas não com o vozeirão com que pretendia falar

antes de verificar que tinha à sua frente o Apolo romano; a voz que lhe saiu era frágil, desmaiada, e odiou-se por isso.

- A Capadócia pertence aos Capadócios.

- Capadócios e Pontos são um e o mesmo povo.

- Como pode isso ser verdade, se os Capadócios têm os seus próprios reis há tantas centenas de anos

como os Pontos?

- Os reis da Capadócia têm sido estrangeiros.

- Estrangeiros?

- Selêucidas da Síria. Sila encolheu os ombros.

- É muito estranho, rei Mitridates, mas a verdade é que o rei capadócio que se encontra no meu

acampamento não se parece nada com os Selêucidas da Síria. Nem contigo! A genealogia dele não

é síria, selêucida ou outra. O rei Ariobarzanes é um capadócio, e foi



escolhido pelo seu próprio povo para substituir o filho de Mitridates do Ponto, Ariárates Eusébio.

Mitridates ficou estupefacto. Górdio nunca lhe dissera que Mário tinha descoberto quem era o rei

Ariárates Eusébio; a afirmação de Sila não lhe parecia natural; era como se o romano tivesse o dom

da presciência: sim, aquela era mais uma prova de que aquele romano era Apolo reencarnado.

- O rei Ariárates Eusébio morreu durante a invasão lançada pelos arménios - retorquiu Mitridates,

com a mesma voz frágil e esbatida.

- Os Capadócios agora têm um rei capadócio. Chama-se Górdio e eu estou aqui para assegurar que

Górdio continue a ser o rei da Capadócia.

- Górdio é um fantoche teu, rei Mitridates, o que não admira, pois é teu sogro, pai da rainha do

Ponto - replicou Sila calmamente. - Górdio não é o rei escolhido pelos Capadócios, mas sim o rei

que escolheste por intermédio do teu genro Tigranes. Ariobarzanes é o rei legítimo.

Mas aquele homem sabia tudo! Quem poderia ele ser, senão Apolo!

- Ariobarzanes é um intrujão!

- Não é o que o Senado e o Povo de Roma pensam - disse Sila, aproveitando a sua vantagem. - E o

Senado e o Povo de Roma mandaram-me à Capadócia com a missão de entregar o trono a

Ariobarzanes e de expulsar o Ponto - e a Arménia! - das terras capadócias.

- Roma nada tem a ver com o que se passa aqui! - exclamou o rei, ganhando coragem, a coragem

que conseguia reunir.

- Tudo o que se passa no mundo interessa a Roma - disse Sila, e achou que aquele era o momento

certo para desferir o golpe derradeiro.

- Volta para casa, rei Mitridates.

- A Capadócia é tanto minha casa como o Ponto!

- De modo nenhum. Volta para tua casa, volta para o Ponto!

- E és tu que me vais obrigar a voltar para o Ponto, com o teu patético exército? - perguntou o rei

com um sorriso desdenhoso; era visível agora que estava furioso. - Olha para ali, Lúcio Cornélio

Sila! Cem mil homens!

- Cem mil bárbaros - disse Sila com desdém. - Vou aniquilá-los facilmente.

- Podes estar certo de que vou atacar! Aviso-te desde já: vou atacar o teu acampamento!

Sila virou-se ligeiramente, fazendo crer que se ia embora. Por sobre o ombro, atirou-lhe:



- Ora, rei Mitridates, deixa-te de fanfarronices e vai para casa! e encaminhou-se para o portão.

Quando lá chegou, virou-se e disse mais alto: - Vai para casa, rei Mitridates. Dentro de oito dias,

avançarei sobre Eusebeia Mazaca a fim de sentar o rei Ariobarzanes no trono que lhe pertence. Se

tu te opuseres, aniquilarei o teu exército e matarte-ei a ti. Nem o dobro dos homens que trazes

contigo chegará para me deter.

- Nem sequer tens soldados romanos! - gritou o rei. Sila pôs um sorriso terrível.

- São romanos que chegue - disse. - Foram armados e treinados por um romano, e combaterão como

romanos. Podes estar certo do que te digo. Volta para casa!

Furioso, o rei voltou num ápice para a sua tenda imperial: era tal a sua ira que ninguém se atreveu a falar-lhe. Nem mesmo Neoptólemo. Mitridates seguiu imediatamente para o seu quarto, onde se

sentou no assento real, a capa púrpura caindo-lhe sobre a cabeça. Não, Sila não era *Apolo.* Sila era apenas um romano. Mas que homens eram os romanos, que podiam parecer-se com Apolo? Ou,

como Caio Mário, ter um ar tão importante, tão régio, que nunca duvidavam do seu poder e

autoridade? Vira romanos na Província da Ásia: entre eles, ao longe, o governador; embora

arrogante, tinham-lhe parecido homens vulgares. Porém, só tinha falado com dois romanos: Caio

Mário e Lúcio Cornélio Sila. Qual desses dois tipos correspondia ao verdadeiro romano? O seu

bom-senso dizia-lhe que era o romano da Província da Ásia. Mas o seu íntimo respondia-lhe: Mário

e Sila. No fim de contas, ele era um grande rei, descendia de Héracles, e de Dário da Pérsia. Por

isso, aqueles que se lhe opunham só podiam ser grandes.

Porque não conseguia ele comandar um exército? Porque não conseguia ele entender aquela arte?

Porque tinha ele de deixar a chefia do exército a homens como os seus primos Arquelau e

Neoptólemo? Havia alguns filhos seus que prometiam - no entanto, tinham mães ambiciosas. Para

quem poderia virar-se, em quem poderia confiar? Como poderia enfrentar os chefes romanos,

aqueles que derrotavam centenas de milhar de soldados?

A fúria dissolveu-se em lágrimas; o rei chorou em vão, até que o desespero deu lugar à resignação,

e tanto o desespero como a resignação eram sentimentos estranhos à sua natureza. Tinha de aceitar

que os chefes romanos não podiam ser derrotados. E as suas ambições não



podiam realizar-se - a menos que os deuses favorecessem o Ponto, atraindo os romanos para guerras

mais próximas de Roma. Só avançaria quando os Romanos enviados para o Ponto fossem homens

vulgares. Até lá, a Capadócia, a Bitínia e a Macedónia teriam que esperar. Despiu a capa púrpura,

levantou-se.

Górdio e Neoptólemo estavam à espera na divisão exterior da tenda; quando o rei apareceu à porta

do seu quarto, os dois homens saltaram das cadeiras.

- Comuniquem ao exército que vamos regressar ao Ponto - disse o rei. - O romano que ponha

Ariobarzanes de novo no trono da Capadócia! Eu sou novo. Tenho tempo. Aguardarei até que

Roma esteja ocupada com outros problemas, e então avançarei para ocidente.

- Mas... e eu? - lamentou-se Górdio.

Mordendo no indicador, o rei olhou fixamente para Górdio.

- Acho que chegou a altura de me ver livre de ti, sogro - disse ele. Erguendo o queixo, gritou: -

Guardas! Guardas!

Os guardas irromperam imediatamente pela tenda dentro.

- Levem-no e matem-no - disse o rei, apontando para o aterrorizado Górdio. Depois, virou-se para

Neoptólemo, que tremia, muito pálido.

- De que estás à espera? - perguntou. - Manda dispersar o exército! Já!

- Muito bem! - disse Sila para o filho. - O nosso homem vai-se embora.

Estavam os dois na torre de vigia junto do portão principal, que dava para o lado norte do

acampamento de Mitridates.

O jovem Sila sentia-se um pouco triste; um pouco, apenas, porque, no fundo, estava muito contente.

- É melhor assim, pai, não é?

- Nesta altura, parece-me que é.

- Não o conseguíamos vencer, pois não?

- Claro que conseguíamos! - retorquiu vivamente Sila. - Achas que eu trazia o meu filho para uma

campanha, se achasse que não ia vencer? Ele vai-se embora por uma única razão: porque sabe que

nós teríamos vencido. O nosso Mitridates pode ser um bocado atrasado, mas uma coisa é certa: é

capaz de reconhecer a superioridade militar de um exército e a superioridade de um homem mesmo

que os veja pela primeira vez. Para nós é bom que ele esteja tão isolado. O único

modelo que estes ditadores orientais têm é Alexandre, o Grande, o qual, segundo os critérios militares romanos, está irremediavelmente ultrapassado.

- Como é o rei do Ponto? - perguntou o filho, curioso.

- Como é o rei do Ponto? - Sila pensou por um momento antes de responder. - Olha que não sei como te

responder! Mas pareceu-me muito inseguro, logo facilmente manipulável. Não faria grande figura no Fórum, mas isso não admira porque é estrangeiro. Tal como qualquer tirano, fez sempre o que quis, desde criança.

Creio que se tivesse de defini-lo com uma só palavra, chamar-lhe-ia campónio. Mas ele domina tudo e todos, é perigoso e aprende depressa. Não tem a sofisticação de Aníbal, nem teve contactos com Jugurta. Mas não perdeu nada por isso. Julgo que estava satisfeito consigo mesmo até encontrar Caio Mário, e até me encontrar a mim. Agora já não está. Mas o nosso amigo Mitridates não vai ficar parado! Prevejo que há-de procurar as melhores formas de nos derrotar no nosso próprio jogo. É um homem muito orgulhoso. E muito presumido.

Não descansará enquanto não medir forças com Roma. Mas só correrá esse risco quando se sentir

completamente seguro de que poderá vencer. Por ora não se sente. A retirada foi uma decisão inteligente, meu filho! Eu tê-lo-ia destroçado a ele e ao seu exército.

O jovem Sila fitou o pai fascinado, espantado com a segurança do pai, com a sua convicção.

- Apesar de ele ter *tantos* soldados?

- Os números não querem dizer nada, meu filho - disse Sila, preparando-se para deixar a torre de vigia. - Eu dispunha de pelo menos uma dúzia de maneiras de o derrotar. Ele pensa em números. Mas ainda não chegou à verdadeira questão, que consiste em usar aquilo que se tem como uma unidade isolada. Se ele tivesse decidido lutar e eu tivesse mandado avançar as minhas forças, ele teria muito simplesmente ordenado uma investida.

Todos os seus soldados teriam corrido na nossa direcção. Em massa. É tão fácil lidar com uma situação dessas! Quanto a ocupar o meu acampamento - impossível! Mas ele é perigoso. Sabes por que te digo isto, meu filho?

- Não - retorquiu o filho, perfeitamente confuso.

- Porque ele decidiu regressar a casa - retorquiu Sila. - Voltará para casa e começará a pensar em tudo isto. Só parará de ruminar o problema quando entender o que devia ter feito. Cinco anos, meu



filho! Dou-lhe cinco anos. Daqui a cinco anos, Roma terá grandes problemas com o rei Mitridates.

Mórsimo encontrou-se com eles ao fundo da torre: tal como o jovem Sila, também ele parecia

simultaneamente triste e contente.

- Que vamos fazer agora, Lúcio Cornélio? - perguntou.

- Exactamente o que disse a Mitridates. Dentro de oito dias, avançamos para Mazaca e devolvemos

o trono a Ariobarzanes. Por ora, ele estará em segurança. Não creio que Mitridates regresse tão cedo

à Capadócia, porque eu ainda não ajustei contas com ele. Não voltamos já para Tarso - disse Sila,

com um sorriso perverso.

Mórsimo respirou fundo.

- Vamos avançar sobre o Ponto? Sila riu-se.

- Não! Vamos tratar de Tigranes.

- Tigranes? Tigranes da *Arménia!*

- Esse mesmo.

- Mas porquê, Lúcio Cornélio?

Os olhos dos dois jovens fixaram-se no rosto de Sila, à espera de uma resposta; nem um nem outro

faziam a mínima ideia do que Sila iria dizer.

- Porque nunca vi o Eufrates - disse Sila, com uma expressão que revelava toda a sinceridade do seu

desejo.

Uma resposta que nenhum dos seus ouvintes esperava; mas foi o jovem Sila, que já conhecia muito

bem o pai, que desatou a rir. Mórsimo continuou a coçar a cabeça.

Claro que Sila teve uma inspiração. Na Capadócia não ia haver problemas, disso estava ele certo;

Mitridates, para já, não deixaria o Ponto. Mas precisava de um novo meio de dissuasão. Sila não

tinha travado até então nenhuma batalha, não deparara com nenhuma oportunidade de obter ouro ou

tesouros. Sila, aliás, não pensava que o reino da Capadócia fosse suficientemente rico para lhe dar

fosse o que fosse. As riquezas que pudesse ter havido em Eusebeia Mazaca já há muito que tinham

ido parar aos cofres de Mitridates - a menos que Sila estivesse enganado a respeito do rei do Ponto,

e Sila não acreditava que se enganasse neste particular.

As suas ordens eram específicas. Afastar Mitridates e Tigranes da Capadócia, devolver o trono a

Ariobarzanes, e cessar depois todas as actividades fora das fronteiras da Cilícia. Como pretor -

apesar dos



poderes proconsulares - não tinha outra alternativa senão obedecer. No entanto... Tigranes não dera

sinal de vida; neste caso específico, Tigranes não apoiara o rei do Ponto. O que significava que

continuava no seu palácio das montanhas da Arménia, ignorando os desejos de Roma, e pouco

impressionado com Roma porque nunca vira um romano na sua vida.

Ninguém poderia esperar que os desejos de Roma fossem transmitidos com exactidão a Tigranes

caso o único mensageiro fosse Mitridates. Ora isso obrigava o governador da Cilícia a encontrar-se

com Tigranes e a transmitir-lhe pessoalmente as directivas de Roma. E, quem sabe?, talvez algures

no caminho para a Arménia, um saco de ouro caísse aos pés de Sila. Um saco de ouro de que

precisava desesperadamente. Desde que o saco de ouro destinado ao governador fosse

acompanhado por outro saco de ouro destinado ao Tesouro de Roma, uma tal apropriação de

riquezas não seria mal vista; as acusações de extorsão ou traição ou suborno só surgiam quando o

Tesouro nada recebia, ou, como no caso do pai de Mânio Aquílio, quando o governador vendia algo

pertencente ao Estado e metia os lucros na sua própria bolsa. Fora isso o que sucedera com a Frigia.

Passados os oito dias de espera, Sila abandonou, com as suas quatro legiões, a fortaleza que tinha

construído; talvez um dia viesse a usá-la, pois duvidava que Mitridates a destruísse caso regressasse um dia à Capadócia. Seguiu assim para Mazaca com o filho e o exército, e na sala de recepção do

palácio viu Ariobarzanes sentar-se no trono a que tinha direito; a mãe do rei e o jovem Sila

assistiram, radiantes, à cena. Era óbvio que os Capadócios estavam também radiantes; vieram todos

para a rua saudar o rei.

- Seria sensato se começasse já a recrutar e treinar um exército - disse Sila ao rei, ao despedir-se. -

Roma pode não estar em condições de intervir.

O rei prometeu que se entregaria ardorosamente a tal tarefa; Sila tinha as suas dúvidas. Em primeiro

lugar, porque o dinheiro faltava na Capadócia; em segundo, porque os Capadócios não eram, por

natureza, guerreiros. Um camponês romano dava um soldado maravilhoso. Um pastor capadócio,

nem pensar. De qualquer modo, o aviso fora dado, e ouvido. Mais do que isso Sila não podia fazer.

Os batedores de Sila informaram-no de que Mitridates tinha atravessado o grande rio de Hális e

avançava já pela primeira estrada pôntica a caminho de Zela. O que nenhum batedor lhe podia

dizer, naturalmente, era se Mitridates tinha ou não enviado alguma mensagem



a Tigranes da Arménia. Não que isso tivesse grande importância. Mitridates, caso enviasse alguma

mensagem a Tigranes, nunca daria de si uma má imagem; a verdade só viria ao de cima quando

Tigranes se encontrasse com Sila.

Por isso Sila saiu de Mazaca com o seu pequeno exército, atravessou as montanhas da Capadócia e

rumou ao rio Eufrates, projectando atravessá-lo em Metilene. A Primavera ia já avançada e,

conforme informaram Sila, todas as estradas, excepto as que rodeavam Ararat, estavam abertas. No

entanto, se quisesse rodear Ararat, tais caminhos já estariam disponíveis quando ele chegasse à

zona. Sila nada disse ao filho nem a Mórsimo; não sabia ao certo para onde ia, mas sabia que queria

atingir o Eufrates.

Entre Mazaca e Dalanda ficavam as montanhas do Anti-Tauro, não tão difíceis de atravessar como

Sila pensara; embora os picos fossem altos, a estrada era boa, não havia neve nem perigo de

desmoronamentos. Avançaram então através de uma série de desfiladeiros de cores muito vivas, no

fundo dos quais corriam rios límpidos e serpeantes, e os camponeses cultivavam as ricas terras de

aluvião durante a breve estação de cultivo. Eram povos antigos os que lá viviam; isolados, nunca

haviam deixado as suas terras, nem integrado nenhum exército: demasiado insignificantes, ninguém

cobiçava as suas terras. Sila mostrava-se cortês, comprava tudo o que precisava pagando com

artigos de uso diário ou alimentos, e exortava os seus homens a que não causassem danos nos

campos; era uma região magnífica para emboscadas, mas os seus batedores mostravam-se

extremamente activos, e nada indicava que Tigranes tivesse mobilizado as suas tropas e estivesse à

sua espera deste lado do Eufrates.

Metilene era apenas uma região, não havia nela qualquer cidade, mas os campos eram planos e

muito ricos - uma parte da planície do Eufrates, bastante vasta, rodeada de montanhas. Vivia aí mais

gente, mas tão primitiva quanto a de Ararat, gente que por certo nunca vira um exército; nem

mesmo Alexandre, o Grande, nas suas tortuosas deambulações, passara por Metilene. Nem

encontrara Tigranes na sua marcha rumo à Capadócia, conforme apurara Sila; preferira seguir pela

estrada do norte, ao longo da nascente do Eufrates, fazendo um percurso mais curto, a partir de

Artaxata, do que o de Sila.

Finalmente Sila chegou ao portentoso rio de margens escarpadas; não era tão largo como o Ródano,

mas corria muito mais depressa.

Sila examinou as águas velozes com um ar pensativo, espantado com a cor do rio, um azul leitoso

esverdeado. O seu braço estreitava o filho, que amava cada vez mais. Que companhia perfeita!

- Conseguiremos atravessá-lo? - perguntou Sila a Mórsimo. Mas o ciliciano não sabia mais do que

ele, e limitou-se a abanar a cabeça com um ar dubitativo.

- Talvez mais tarde, depois de todas as neves terem derretido, se isso alguma vez suceder, Lúcio

Cornélio. O povo de cá diz que o Eufrates é mais fundo do que largo; se assim é, o seu caudal será o

maior do mundo.

- E pontes, não há? - perguntou Sila, ansioso.

- Nesta zona, não. Os povos desta região não teriam capacidade para construir uma ponte tão

grande. Sei que Alexandre, o Grande, construiu uma ponte, mas numa zona mais próxima da

nascente, e numa época do ano mais tardia.

- Ou seja, são precisos romanos.

- Com efeito.

Sila suspirou, encolheu os ombros.

- Bom, eu não trouxe engenheiros comigo e, além disso, não tenho tempo. Temos de chegar ao

nosso destino antes que a neve encerre as estradas e nos impeça de voltar para trás. Embora creia

que vamos regressar pelo Norte da Síria e pelo monte Amano.

- Para onde vamos, pai? Agora já viste o imenso Eufrates... disse o jovem Sila, sorrindo.

- Oh, o que estou a ver do Eufrates não me chega! É por isso que seguiremos para sul, ao longo

desta margem, até encontrarmos uma passagem suficientemente segura - disse Sila.

Em Samosata, a corrente era ainda demasiado forte, embora a população local oferecesse barcaças;

depois de as examinar, Sila recusou.

- Continuaremos para sul - disse.

O ponto de passagem seguinte era Zeugma, para lá da fronteira, já em território sírio.

- Como vai a Síria agora que Gripo morreu e Ciziceno reina sozinho? - perguntou Sila a um

habitante local que falava grego.

- Não sei, senhor - retorquiu o homem.

Quando o exército se preparava já para voltar para trás, o grande rio acalmou-se. Sila decidiu-se.

- Atravessamos aqui, enquanto é possível - anunciou.

Uma vez na outra margem, sentiu-se incomparavelmente melhor, embora se apercebesse de que os

seus soldados estavam agora com mais receio, como se tivessem atravessado uma imaginária

Estige, e penetrassem agora nas terras dos mortos. Sila chamou por isso os oficiais e fez-lhes uma

prelecção acerca dos processos a seguir para manter os soldados tranquilos e contentes. O filho

ouviu também a prelecção.

- Não vamos voltar já para casa - disse Sila. - Por isso será melhor que nos instalemos calmamente e

que nos divirtamos um pouco. Duvido que haja algum exército capaz de nos derrotar num raio de

várias centenas de quilómetros, se é que há algum exército a essa distância. Digam aos soldados que

quem os chefia é Lúcio Cornélio Sila, um general muito mais capaz do que Tigranes ou do que

qualquer grão-vizir parto. Digam-lhes que somos o primeiro exército romano a leste do Eufrates, e

que só isso já é protecção que chegue.

Dada a aproximação do Verão, Sila não tencionava descer às planícies síria e mesopotâmia; o calor

e a monotonia desmoralizariam os seus soldados muito mais depressa do que o medo do

desconhecido. Por isso, rumou de novo a leste, na direcção de Amida, junto ao Tigre. Essa era a

região fronteiriça entre o Norte da Arménia e o Sul e o Leste do reino dos Partos. Apesar de

fronteiriça, tal região não dispunha nem de fortalezas, nem de tropas. O exército de Sila atravessou

campos de papoulas carmesins, vigiando cuidadosamente as provisões, pois, apesar de cultivarem a

terra, as gentes locais pareciam ter pouco nos celeiros para vender.

Havia pequenos reinos na região (Sofena, Gordiana, Osdroena e Comagena), cada um deles

limitado a imensos picos cobertos de neve, mas a marcha era fácil porque podiam evitar as

montanhas. Em Amida, uma cidade rodeada por muralhas escuras nas margens do Tigre, Sila

encontrou-se com os reis de Comagena e Osdroena, que se decidiram a procurá-lo quando

souberam da presença daquela estranha, embora pacífica, força romana.

Sila achou que os nomes deles eram perfeitamente impronunciáveis, mas cada um possuía um

epíteto grego para glorificar o respectivo nome; por isso, Sila chamava Epifânio ao rei de

Comagena e Filoromaio ao rei de Osdroena.

- Honrado Romano, deves saber que te encontras na Arménia disse o rei de Comagena muito sério.

- O poderoso rei Tigranes pensará que invadiste o seu reino.

337

- E o rei Tigranes não se encontra longe - acrescentou o rei de Osdroena, tão sério como o outro.

Sila mostrou-se mais atento que receoso.

- Não se encontra longe? - perguntou, visivelmente interessado.

- Onde está ele?

- O rei Tigranes quer construir uma nova capital para o Sul da Arménia, e por isso instalou-se no

local destinado à edificação dessa cidade. Vai chamar-lhe Tigranocerta - informou o rei de

Osdroena.

- Onde?

- A leste de Amida, um pouco para norte, talvez a uns quinhentos *stades* de Amida - retorquiu o outro.

Sila fez uma rápida divisão por oito.

- Ou seja, cerca de noventa e seis quilómetros.

- Não tencionas lá ir, pois não?

- Porque não? - perguntou Sila. - Não matei ninguém, não saqueei nenhum templo, não roubei

provisões. Venho em paz, só pretendo falar com o rei Tigranes. Aproveito, aliás, para lhes pedir um

favor: enviem mensagens ao rei Tigranes para que ele saiba que vou ter com ele a Tigranocerta - e

que vou em paz!

As mensagens foram efectivamente enviadas. Tigranes deu-se conta do avanço de Sila, mas

mostrou-se relutante em travar esse avanço. Que fazia Roma a leste do Eufrates? É claro que

Tigranes não confiava nas intenções pacíficas de Sila, mas um exército tão pequeno nunca poderia

desencadear uma invasão séria. A questão básica consistia em saber se deveria ou não atacar: tal

como Mitridates, também Tigranes temia o nome de Roma. Por isso, resolveu que só atacaria se

fosse atacado. Entretanto, sairia com o seu exército ao encontro de Sila.

Tivera notícias de Mitridates, como seria de esperar. Uma carta sombria, informando-o, com breves

palavras, que Górdio tinha morrido *e* que a Capadócia estava uma vez mais sob o domínio do

fantoche romano, o rei Ariobarzanes. Um exército romano tinha vindo da Cilícia e o seu chefe (não

nomeado) aconselhara-o a regressar ao Ponto. Mitridates afirmava ter achado prudente desistir do

seu plano para invadir a Cilícia após subjugar a Capadócia de uma vez por todas. Por isso, insistia

junto de Tigranes para que abandonasse o seu plano de marchar para oeste, rumo à Síria, e

encontrar-se com o sogro nas férteis planícies aluviais de Cilícia Pedia.

338

Nenhum dos reis alguma vez imaginara que, depois de ter concluído com êxito a sua missão na Capadócia, o romano Lúcio Cornélio Sila não regressaria imediatamente a Tarso; e quando Tigranes acreditou no que os seus espiões lhe contavam (que Sila se encontrava nas margens do Eufrates, à procura de uma passagem), decidiu-se a enviar mensagens para Mitridates, que estava em Sinope; mas Sila penetrou na Arménia antes que tais mensagens chegassem ao destinatário. Por isso, Tigranes comunicou o avanço de Sila aos seus

suseranos partos, em Seleucia-no-Tigre; a jornada destes, embora demorada, seria fácil.

O rei da Arménia encontrou-se com Sila junto ao Tigre, alguns quilómetros a oeste do local destinado à construção da nova capital; quando Sila chegou à margem ocidental, deparou com o acampamento de

Tigranes na outra margem. Comparado com o Eufrates, o Tigre era um regato, mais raso e mais lento,

castanho, talvez com metade da largura do Eufrates. O Tigre nascia no outro lado do Anti-Tauro, e não tinha sequer um décimo dos afluentes do Eufrates, nem recebia as neves derretidas e a água das nascentes

permanentes que alimentavam o Eufrates. Cerca de mil e seiscentos quilómetros para sul, na zona à volta de Babilónia e Ctesifonte e Seleucia-no-Tigre, os dois rios corriam separados apenas por cerca de cinquenta quilómetros; tinham sido cavados canais do Eufrates para o Tigre, a fim de que este último encontrasse mais facilmente o seu caminho para o mar Persa.

Quem vai ter com quem?, perguntou Sila para si mesmo, sorrindo perversamente enquanto instalava o seu exército num acampamento extremamente fortificado. Sentado na margem ocidental, Sila esperava para ver quem cederia primeiro e atravessaria o rio. Foi Tigranes quem cedeu, motivado, não pelo medo ou pela

agressão, mas pela curiosidade. O rei já não conseguia esperar mais: muitos dias tinham passado sem que Sila se tivesse mostrado e a expectativa de Tigranes fora crescendo. Sila pôde ver então a barcaça real, uma barcaça de fundo chato, com adornos a ouro, impulsionada por varas em vez de remos, protegida do calor por um dossel dourado e púrpura franjado com barras douradas; sob o dossel, num estrado, via-se um dos tronos menores do rei, uma magnífica obra em ouro, marfim e uma infinidade de pedras preciosas.

O rei foi transportado até ao atracadouro de madeira num carro dourado de quatro rodas; tão dourado era, tão resplandecente, que feria os olhos dos observadores que se encontravam na outra margem;



no carro, atrás do rei, encontrava-se um escravo segurando um guarda-sol dourado, cheio de pedras

preciosas, por sobre a cabeça real.

- Como é que ele fará agora? - perguntou Sila ao filho, no seu esconderijo atrás de uma parede de

escudos.

- O que quer dizer, pai?

- *Dignitas!* - exclamou Sila, sorrindo. - Não acredito que ele vá sujar os pés naquele atracadouro de madeira, mas a verdade é que ainda não vi nenhuma carpete para ele andar.

O enigma não demorou a encontrar solução. Dois possantes escravos afastaram aquele que segurava

o guarda-sol ao subirem para o carro; aí deram os braços em forma de cadeira e esperaram.

Delicadamente, Tigranes sentou as suas reais nádegas sobre os braços dos escravos, e assim foi

transportado até à barcaça e gentilmente instalado no trono. Enquanto o lento navio avançava pelo

lento rio, o rei, sentado, imóvel, não parecia ver a multidão na margem ocidental. A barcaça chocou

contra a margem, já que não dispunha agora de atracadouro. Repetiu-se então todo o cerimonial que

se verificara na outra margem. Os escravos pegaram no rei e esperaram enquanto o trono era levado

para uma rocha alta e chata e o escravo que segurava no guarda-sol subia à mesma rocha para dar

sombra ao trono. Só então o rei foi levado para o seu trono, e não foi tarefa fácil para os escravos.

- Oh, muito bem feito! - exclamou Sila.

- Bem feito? - perguntou o jovem Sila, aprendendo avidamente.

- Apanhou-me bem apanhado, meu filho! Onde quer que *eu* me sente, ou mesmo de pé, ele vai ficar mais alto que eu.

- Que podes fazer?

Bem escondido do rei, Sila chamou o seu escravo pessoal.

- Ajuda-me a tirar isto - disse ele, debatendo-se com as correias da sua couraça.

Já sem a armadura, despiu também a roupa de baixo, de cabedal, e a túnica escarlate, e vestiu uma

outra, grosseiramente tecida, prendeu-a com uma corda, pôs uma capa de camponês ruça por sobre

os ombros, e o chapéu de palha na cabeça.

- Se o sol nos aparece, melhor sermos caverna - disse ele ao filho com um sorriso arreganhado.

Sila deixou então os seus guardas e encaminhou-se para o local onde Tigranes estava sentado no

trono, tal e qual uma estátua. Com aquela roupa, Sila mais parecia um miserável camponês da

região.

341

Com efeito, o rei imaginou que aquele homem não passaria de um mero aldeão, e continuou a fitar

as hostes de Sila, com uma expressão intrigada.

- As minhas melhores saudações, rei Tigranes. O meu nome é Lúcio Cornélio Sila - disse Sila em

grego, ao chegar à base da rocha onde estava instalado o trono. Tirou o chapéu e olhou para cima,

de olhos muito abertos pois o guarda-sol do rei estava entre ele e o sol.

O rei fitou Sila espantado, primeiro por causa da cor do cabelo do romano, e depois por causa da

cor dos olhos. Para quem estava habituado a ver unicamente olhos castanhos (e considerava

maravilhosos os olhos amarelados da rainha), os olhos de Sila eram um horror, bocados arrancados

ao céu.

- Este exército é teu, romano? - perguntou Tigranes.

- Assim é, rei Tigranes.

- E que faz ele nas minhas terras?

- Viemos ver-te, rei Tigranes.

- Estás por certo a entender-me. O que se passa?

- Nada de especial! - retorquiu Sila com expressão ligeira, as sobrancelhas subidas, os horríveis

olhos dançando. - Vim ver-te, rei Tigranes, e já te vi. Logo que te disser o que me ordenaram que te

dissesse, pegarei no meu exército e voltarei com ele para Tarso.

- E que te ordenaram que me dissesses, romano?

- O Senado e o Povo de Roma pedem-te que não saias das tuas fronteiras, rei. A Arménia não

interessa a Roma. Mas se a Arménia invadir a Capadócia, a Síria ou a Cilícia, Roma sentir-se-á

ofendida. E Roma é poderosa, domina todas as terras em torno do mar Central, muito mais vastas

do que o território da Arménia. Os exércitos romanos concentram um número infindo de soldados e

nunca foram derrotados. Mantém-te, pois, dentro das fronteiras da Arménia. A isso te exorta Roma.

- Eu estou dentro das minhas fronteiras. Quem não está, é Roma

- replicou o rei, perturbado com conversa tão directa.

- Só aqui estou para te transmitir as minhas ordens, rei Tigranes. Não passo de um mensageiro -

disse Sila, impassível. - Espero que me tenhas ouvido bem.

- Ora! Francamente! - disse o rei, erguendo uma mão. Os escravos voltaram a dar os braços, o rei

sentou-se e regressou à barcaça. De costas para Sila. E a barcaça lá foi, puxada a varas, com

Tigranes no seu trono, imóvel que nem uma estátua.



- Sim senhor! Que estranhos são estes reis orientais, meu filho!

- disse Sila, esfregando as mãos de contente. - Que intrujão! Todo inchado! Mais inchado que uma

bexiga cheia! - Olhou à sua volta e chamou por Mórsimo.

- Aqui estou, Lúcio Cornélio.

- Voltamos para casa.

- Por que caminho?

- Seguiremos para Zeugma. Duvido que tenha mais problemas com Ciziceno da Síria do que com

este presumido que agora atravessa o rio. Têm todos medo de Roma. Não o admitem, mas têm. Isso

agrada-me. Só é pena que eu não tenha ficado mais alto que ele.

Sila decidiu ir para sul, na direcção de Zeugma, não só por ser esse o caminho mais curto, e menos

montanhoso, para Cilícia. Pedia; é que as provisões eram poucas, e os cereais dos planaltos ainda

estavam verdes. Ao passo que nas terras baixas da alta Mesopotâmia, poderia comprar cereais

acabados de colher. Os seus homens estavam a ficar cansados dos frutos e legumes: a tal se resumia

a sua dieta desde que tinham deixado a Capadócia; não admira que ansiassem por um naco de pão.

Teriam por isso que suportar o calor das planícies sírias.

Assim, quando desceu dos montes rochosos de Amida até às planícies de Osdroena, o tempo das

colheitas já tinha passado e o pão abundava. Em Edessa, visitou o rei Filoromaio que de bom grado

deu ao romano desconhecido tudo o que ele queria. Bem como algumas notícias alarmantes.

- Lúcio Cornélio, parece que o rei Tigranes reuniu o seu exército e resolveu seguir-te - disse o rei

Filoromaio.

- Eu sei - retorquiu Sila, impassível.

- Mas ele vai atacar-te! E atacar-me a mim!

- Deixa o teu exército sossegado, rei Filoromaio, e avisa o teu povo para que não se meta no

caminho de Tigranes. É a minha presença que o incomoda. Quando ele tiver a certeza de que vou

mesmo voltar para Tarso, logo regressará a Tigranocerta.

Esta tranquila confidência contribuiu muito para acalmar o rei de Osdroena, que logo mandou

embora Sila com uma generosa oferta de trigo e um objecto que Sila desesperara já de ver - um saco

enorme de moedas de ouro, com a efígie, não do rei de Osdroena, mas sim do rei Tigranes.

343

Tigranes seguiu Sila até Zeugma, mas demasiado afastado, de forma a que Sila não decidisse, em

nenhuma altura, preparar-se para a batalha; essa era uma medida de precaução, nada tinha de

agressivo. Mas logo que atravessou o rio em Zeugma - e era muito mais fácil atravessá-lo aí do que

em Samosata -, teve a visita de um grupo de cinquenta dignitários, todos vestidos num estilo muito

estranho aos olhos dos romanos: pequenos chapéus altos, redondos, cheios de pérolas e contas de

ouro, colares de ouro em espiral, à volta do pescoço e descendo até ao peito, casacos bordados a

ouro, e saias compridas, bordadas também a ouro, tão compridas que quase lhes tapavam os sapatos

igualmente de ouro.

Sila não ficou surpreendido quando lhe disseram que aquela era uma embaixada do rei dos Partos;

só os Partos tinham tanto ouro para usar. Que excitante! Além do mais, poderia encontrar um

objectivo para aquela visita não projectada e não autorizada a leste do Eufrates. Tigranes da

Arménia estava sob o domínio dos Partos, isso sabia ele; talvez conseguisse convencer os Partos a

aquietarem Tigranes, a impedirem-no de ceder à sedução de Mitridates.

Desta feita, não iria olhar de baixo para Tigranes - nem para os Partos.

- Vou encontrar-me com os Partos que falam grego e com o rei Tigranes depois de amanhã, nas

margens do Eufrates, num local para onde os dignitários serão conduzidos pelos meus homens -

disse Sila a Mórsimo. Os membros da embaixada ainda não o tinham visto, embora ele tivesse

conseguido examiná-los cuidadosamente; já que tanto Mitridates como Tigranes tinham ficado

impressionados, e intimidados, com a sua aparência, Sila decidiu que haveria também de causar

sensação junto dos Partos.

Com o seu talento nato de actor, montou o palco com escrupulosa atenção a todos os pormenores.

Com lajes polidas de mármore branco que trouxera do templo de Zeus em Zeugma, mandou

construir um alto estrado. Depois, sobre este estrado, construiu um outro, suficientemente largo para receber uma cadeira de curul, bem mais alta que o resto da plataforma, e coberto com um tecto de

mármore púrpura que pertencera ao plinto da estátua de Zeus. Belos assentos de mármore com

braços e costas em forma de grifos e leões, esfinges e águias, foram retirados de toda a cidade, e

colocados no estrado principal, um grupo de seis de cada lado, e um assento isolado, um



belíssimo espécime, formado pelas costas de dois leões alados, destinado a Tigranes. Sobre o

estrado de mármore mais pequeno, colocou a sua cadeira de marfim de curul, uma cadeira que,

comparada com as outras, sobressaía por ser alta, elegante, de uma simplicidade notável de linhas.

E por sobre esta estrutura mandou colocar um toldo feito com a tapeçaria dourada e cor de púrpura

que servia de cortina a Zeus no templo de Zeugma.

No dia marcado, às primeiras horas da manhã, um guarda de Sila escoltou seis dos embaixadores

partos até à sua plataforma e pediu-lhes que se sentassem nas seis cadeiras juntas; os outros

embaixadores ficaram de fora, mas convenientemente sentados e protegidos do sol. Tigranes,

naturalmente, queria subir ao pódio púrpura; no entanto, firme, mas cortesmente, foi convencido a

sentar-se no seu assento real, mesmo em frente do semicírculo das seis cadeiras. Deste modo, os

partos olhavam para Tigranes, Tigranes olhava para os partos, e todos olhavam para o pódio

púrpura.

Quando todos já estavam sentados, apareceu Lúcio Cornélio Sila, vestido com a sua *toga praetexta,* bordada a púrpura, e trazendo a simples vara de marfim que era símbolo das suas funções, uma

ponta descansando na palma da mão, a outra no côncavo do cotovelo. Com o cabelo

resplandecendo, tanto ao sol como à sombra, Sila, sem virar a cabeça para a direita ou para a

esquerda, subiu os degraus do estrado, depois mais um degrau para a cadeira de curul, e sentou-se

sem encostar as costas, um pé para a frente e o outro para trás, na pose clássica. Um Romano dos

melhores.

Não estavam divertidos os convidados, especialmente Tigranes, mas nada podiam fazer. De facto,

tinham sido conduzidos aos seus assentos com tal dignidade que não faria sentido insistirem em que

os sentassem à mesma altura que Sila.

- Representantes do rei dos Partos, rei Tigranes, meus senhores, dou-vos as boas-vindas a estas

conversações - disse Sila do alto da sua cadeira, deliciado porque os seus estranhos e luminosos

olhos os deixava a todos perturbados.

- Estas conversações não és tu que as convocas, Romano! - atirou-lhe Tigranes. - *Eu é* que

convoquei os meus suseranos!

- Desculpa, rei Tigranes, mas estas conversações foram convocadas por mim, logo são as minhas

conversações - disse Sila com um sorriso nos lábios. - O rei Tigranes deslocou-se, a meu convite, a

um local

345

que me pertence. E então, sem dar tempo a Tigranes para responder, virou-se para os embaixadores

partos e mostrou-lhes o seu mais venenoso sorriso. - Quem de entre vós, nobres partos, é o chefe

desta delegação? Como seria de esperar, o chefe da delegação era o homem mais velho: sentado na

primeira das cadeiras, com um ar muito digno, acenou com a cabeça.

- Sou eu, Lúcio Cornélio Sila. O meu nome é Orobazo, sou sátrapa de Seleucia-no-Tigre. Apenas

devo obediência ao rei dos reis, Mitridates dos Partos, que lamenta que o tempo e a distância não

lhe tenham permitido estar aqui hoje.

- O rei encontra-se no seu palácio de Verão em Ecbátana, não é verdade? - perguntou Sila.

Orobazo pestanejou.

- Estás bem informado, Lúcio Cornélio Sila. Não sabia que Roma estava tão a par dos nossos

movimentos.

- Podes tratar-me por Lúcio Cornélio - disse Sila. Debruçou-se um pouco para a frente, mantendo a

coluna absolutamente direita: a sua pose era uma fusão perfeita da graciosidade e do poder, como

convinha a um romano chefiando tão importante reunião. - Hoje, aqui, nobre Orobazo, estamos a

fazer história. De facto, é a primeira vez que embaixadores do reino dos Partos se encontram com

um embaixador de Roma. É significativo que este nosso encontro se dê precisamente junto ao rio

que constitui a fronteira entre os nossos dois mundos.

- Sem dúvida, nobre Lúcio Cornélio - concordou Orobazo.

- Dispensa o nobre, peço-te, trata-me apenas por Lúcio Cornélio

- disse Sila. - Em Roma, não há nobres nem reis.

- Ouvimos dizer que assim era, mas isso parece-nos estranho. Roma segue pois o modelo grego. E

como é que Roma se tornou tão grande, se não tem nenhum rei a governá-la? O caso dos Gregos,

nós entendemos. Nunca foram um povo muito poderoso porque nunca tiveram um rei que os

governasse a todos. Fragmentaram-se numa miríade de pequenos estados e depois entraram em

guerra uns contra os outros. Ao passo que Roma age como se houvesse um rei a governá-la e a

todas as suas possessões. Como explicas que, apesar da ausência de um rei, Roma tenha tanto

poder, Lúcio Cornélio? - perguntou Orobazo.

- Roma é o nosso rei, nobre Orobazo, embora Roma para nós seja do género feminino. Os Gregos

subordinavam-se a um ideal. Vocês



subordinam-se a um homem, o rei. Mas nós, Romanos, subordinamo-nos a Roma, apenas a Roma.

O nosso amo e senhor não é um ser humano nem a abstracção de um ideal. Roma é o nosso deus, o

nosso rei, as nossas próprias vidas. E embora cada Romano lute por firmar a sua reputação, lute por

conquistar o apreço e admiração dos outros Romanos, a longo prazo está a lutar para firmar o nome

e a grandeza de Roma. Nós veneramos uma terra, nobre Orobazo. Não um homem. Não um ideal.

Os homens nascem e morrem, a sua existência neste mundo é algo de impalpável, de flutuante. E os

ideais mudam e passam ao sabor dos ventos filosóficos. Mas uma terra, uma terra pode ser eterna

enquanto aqueles que nela vivem a amem, a desenvolvam, a engrandeçam. Eu, Lúcio Cornélio Sila,

sou um grande Romano. Mas no final da minha vida, tudo o que eu tiver feito servirá para aumentar

o poder e a majestade da minha terra, de Roma. Hoje, aqui, não é em meu nome que falo, nem em

nome de qualquer outro homem, mas sim em nome da minha terra, de *Roma.* Se assinarmos um

tratado, esse tratado será depositado no templo de Júpiter Ferétrio, o mais velho templo de Roma, e

aí permanecerá. Não será minha propriedade, não trará sequer o meu nome. Será muito

simplesmente um testamento, um testamento que possa engrandecer Roma.

Sila falara bem, pois o seu grego era ático, muito belo, muito superior ao grego dos Partos ou de

Tigranes. E todos eles o escutavam fascinados, fazendo obviamente um esforço para entender um

conceito que lhes era inteiramente alheio. Uma terra mais importante que um homem? Uma terra

mais importante que a produção mental de um homem?

- Mas uma terra, Lúcio Cornélio, é apenas uma colecção de objectos!

- contestou Orobazo. - Se é uma cidade, é uma colecção de edifícios. Se é um santuário, uma

colecção de templos. Se é o campo, é uma colecção de árvores e rochas e terras lavradas ou não.

Como pode uma terra gerar tais sentimentos, tamanha nobreza? Olham os Romanos para uma

colecção de edifícios, e eu sei que Roma é uma grande cidade, e é a pensar nesses edifícios que

praticam todas as suas acções?

Sila apontou com a sua vara de marfim.

- Isto é Roma, nobre Orobazo. - Tocou com a vara no musculoso antebraço, muito branco, de um

branco de neve. - Isto é Roma, nobre Orobazo. - E afastou as pregas da sua toga para mostrar o xis

curvo das pernas da sua cadeira. - Isto é Roma, nobre Orobazo. - E, com a



mão esquerda, pegou num pedaço da toga. - Isto é Roma, nobre Orobazo.

- Parou então para fitar todos os olhos que para ele se erguiam, até que, por fim, disse: - *Eu* sou Roma, nobre Orobazo. Tal como todos os Romanos são Roma. Roma nasceu há mil anos, quando

um refugiado troiano chamado Eneias chegou às costas do Lácio e fundou uma raça que, há

seiscentos e sessenta e dois anos, fundou uma cidade chamada Roma. E durante algum tempo Roma

foi de facto governada por reis. Até que os homens de Roma rejeitaram o conceito de que um

homem podia ser mais poderoso do que a terra que o viu nascer. Nenhum homem romano é superior

a Roma. Roma é a terra que produz grandes homens. Mas aquilo que eles são e aquilo que eles

fazem destina-se unicamente à glória de Roma. São as suas contribuições para a história, para a

evolução de Roma. E podes estar certo, nobre Orobazo, de que Roma viverá enquanto os Romanos

amarem mais Roma do que a si mesmos, do que aos seus filhos, do que aos seus feitos e famas. -

Sila fez uma nova pausa, respirou fundo. - Enquanto os Romanos amarem mais Roma do que um

ideal ou um homem.

- Mas o rei, Lúcio Cornélio, é a manifestação de tudo aquilo que dizes - contestou Orobazo.

- Um rei não pode ser isso - disse Sila. - Um rei preocupa-se, em primeiro lugar, consigo mesmo,

um rei acredita que está mais perto dos deuses do que todos os outros homens. Alguns reis crêem

que são deuses. Tudo se resume a uma questão pessoal, nobre Orobazo. Os reis utilizam os seus

países para se alimentarem a si próprios. Roma utiliza os Romanos para se alimentar a si mesma.

Orobazo ergueu as mãos, num gesto de quem desistia.

- Não consigo entender o que dizes, Lúcio Cornélio.

- Nesse caso, vejamos as razões que nos levaram a reunir-nos hoje aqui, nobre Orobazo. Trata-se de

uma ocasião histórica. Em nome de Roma, faço-lhes uma proposta. Que as terras que ficam a leste

do rio Eufrates fiquem unicamente sob a alçada do rei dos Partos. E que as terras que ficam a oeste

do rio Eufrates fiquem sob a alçada de Roma, dos homens que agem em nome de Roma.

Orobazo ergueu as suas espessas sobrancelhas grisalhas.

- Isso quer dizer, Lúcio Cornélio, que Roma pretende governar todas as terras a oeste do rio

Eufrates? Que Roma tenciona destronar os reis da Síria e do Ponto, da Capadócia e da Comagena, e

de muitas outras terras?



- De modo nenhum, nobre Orobazo. Roma pretende muito simplesmente assegurar a estabilidade

das terras a oeste do Eufrates, impedir que alguns reis se expandam à custa de outros, impedir,

enfim, alterações das fronteiras nacionais. Sabe o meu nobre amigo por acaso por que razão me

encontro precisamente aqui hoje?

- A razão exacta, desconheço-a, Lúcio Cornélio. O nosso vassalo, rei Tigranes da Arménia, enviou-

nos uma mensagem em que afirmava que o exército romano se deslocava na sua direcção. Até

agora não conseguiu o rei Tigranes explicar-me por que motivo o exército romano não tomou

qualquer iniciativa agressiva. Tu e o teu exército deslocaram-se inicialmente para leste do Eufrates.

Agora, ao que parece, deslocam-se de novo para ocidente. O que te trouxe aqui, Lúcio Cornélio?

Por que razão conduziste o teu exército até à Arménia? E porque não tomaste qualquer iniciativa

agressiva?

Sila virou a cabeça para fitar Tigranes, descobrindo que a margem denteada da sua tiara, decorada,

por sobre o diadema, com uma estrela de oito pontas e um quarto crescente formado por duas

águias, revelava a forte calvície do rei. Tigranes, que odiava estar numa posição inferior, ergueu o

queixo para lançar um olhar furioso a Sila.

- O quê? Então o rei nada disse ao seu suserano? - perguntou Sila. Como não recebia resposta,

virou-se para Orobazo e outros partos que falavam grego. - Nobre Orobazo, Roma está seriamente

interessada em que *certos* reis da ponta leste do mar Central não se expandam em detrimento de outros reis. Roma está perfeitamente satisfeita com o *status quo* prevalecente na Ásia Menor. Mas o rei Mitridates do Ponto nutre desígnios expansionistas em relação ao reino da Capadócia e a outras

regiões da Anatólia. Incluindo a Cilícia que, voluntariamente, se entregou à protecção de Roma,

agora que o rei da Síria não é suficientemente poderoso para a proteger. Mas o vosso vassalo rei

Tigranes apoiou Mitridates, e, a certa altura, não há muito tempo, invadiu mesmo a Capadócia.

- Ouvi falar disso - disse Orobazo com uma expressão rígida.

- Imagino que poucas coisas escaparão à atenção do rei dos Partos e dos seus sátrapas, nobre

Orobazo! Contudo, depois de ter feito o trabalho sujo que o rei do Ponto lhe pediu, o rei Tigranes

regressou à Arménia, e, desde então, não lançou qualquer nova movimentação a leste do Eufrates. -

Sila aclarou a voz e prosseguiu. - Cumpri o triste dever de expulsar o rei do Ponto da Capadócia.

Cumpri assim



uma ordem do Senado e do Povo de Roma que me foi dada no início deste ano. Contudo, ocorreu-

me que a minha tarefa só ficaria completa quando falasse com o rei Tigranes. Por isso, decidi-me a

procurá-lo depois de ter deixado a cidade de Eusebeia Mazaca.

- Com o teu exército, Lúcio Cornélio? - perguntou Orobazo. Sila ergueu as sobrancelhas

pontiagudas.

- Mas é evidente! Repara, nobre Orobazo, que eu praticamente não conheço esta zona do mundo.

Por isso, unicamente por razões de precaução, levei comigo o meu exército. Tanto eu como os meus

homens comportámo-nos como o maior decoro, e estou certo de que sabes disso: não atacámos

ninguém, não saqueámos nada, não assaltámos uma única casa, nem sequer pisámos as plantações

dos camponeses. Comprámos tudo aquilo de que precisávamos. E continuamos a fazer isso. Nobre

Orobazo, peço-te que vejas o meu exército como um grande guarda-costas. É que eu sou um

homem importante, nobre Orobazo! A minha posição no governo de Roma não atingiu ainda o seu

zénite. Subirei ainda mais do que já subi. Por isso, convém-me, e convém a Roma, que Lúcio

Cornélio Sila seja rodeado de todos os cuidados.

Orobazo acenou para que Sila parasse.

- Um momento, Lúcio Cornélio. Tenho comigo um certo caldeu, o Nabopolassar, que vem, não da

Babilónia, mas da própria Caldeia, onde o delta do Eufrates corre para o mar Persa. Ele é meu

vidente e astrólogo, e o irmão dele serve precisamente o rei Mitridates dos Partos. Nós - todos nós,

os de Seleucia-no-Tigre - acreditamos no que ele diz. Permite que ele veja a tua palma da mão e o

teu rosto? Gostaríamos de saber desse modo se és realmente o grande homem que afirmas ser.

Sila encolheu os ombros com um ar indiferente.

- Não tenho nada contra, nobre Orobazo. Chama o teu servidor, se isso te satisfaz! Ele está cá?

Queres que ele faça já o seu trabalho? Ou deverei deslocar-me a local mais adequado?

- Deixa-te ficar onde estás, Lúcio Cornélio. O Nabopolassar virá ter contigo. - Orobazo fez um sinal

e disse qualquer coisa aos observadores partos sentados no chão.

De entre estes observadores, saiu um que em tudo se parecia com os outros, com o seu chapeuzinho

cheio de pérolas, e o colar em espiral, e as vestes adornadas a ouro. Com as mãos cobertas pelas

mangas,

350

avançou para o estrado, subiu rapidamente os degraus, parando no degrau a meio caminho entre o

pódio de Sila e o principal estrado da plataforma. Estendeu então a mão e pegou na mão direita de

Sila; e, durante longos minutos, examinou as linhas da mão e o rosto de Sila. Fez uma pequena

vénia, e voltou para trás, sempre virado para Sila; só quando se abeirou de Orobazo, desviou o olhar

do chefe romano.

O homem demorou algum tempo a comunicar as suas informações; Orobazo e os outros escutaram

com um ar sério, com rostos impassíveis. No fim de tudo, virou-se de novo para Sila, fez-lhe uma

vénia de todo o tamanho, e abandonou a plataforma sem nunca ter mostrado a Sila mais do que o

cocuruto da cabeça, o que era sinal de extremo respeito.

O coração de Sila batera apressadamente enquanto o Nabopolassar dava o seu veredicto; agora, ao

vê-lo deixar a plataforma, era de alegria que o seu coração batia. O que quer que ele tivesse dito,

tinha sem dúvida confirmado as suas palavras, ou seja, que ele, Sila, era um grande homem. E a

vénia que lhe fizera, poderia tê-la feito na presença do seu próprio rei.

- Diz o Nabopolassar, Lúcio Cornélio, que és o homem mais poderoso em todo o mundo, que

ninguém te igualará, enquanto viveres, desde o rio Indo ao rio do Oceano no longínquo oeste.

Temos de crer no que ele diz, porque ele incluiu o nosso próprio rei Mitridates entre os teus

inferiores, e por isso colocou em perigo a sua cabeça - disse Orobazo, com um novo tom na voz.

Sila reparou que até mesmo Tigranes o fitava agora com respeito.

- Podemos reatar as nossas conversações? - perguntou Sila sem mudar de pose, expressão ou tom de

voz.

- Faz o favor, Lúcio Cornélio.

- Muito bem. Chegado a este ponto da minha exposição, creio que já expliquei a presença do meu

exército, mas não o que vim dizer ao rei Tigranes. Em poucas palavras, solicitei-lhe que

permanecesse do seu lado do rio Eufrates, e adverti-o de que não deveria apoiar as ambições do seu

sogro, o rei do Ponto, quer elas envolvam a Capadócia, a Cilícia ou a Bitínia. Depois de lhe ter dito isto, deixei-o, com a intenção de retornar à Cilícia.

- Diz-me, Lúcio Cornélio: crês que as ambições do rei do Ponto ultrapassam a própria Anatólia?

- Creio que as suas ambições envolvem todo o mundo, nobre Orobazo! Ele já domina todo o Euxino

oriental, desde Ólbia, junto ao



Hípanis, até à Cólquida, junto ao Fásis. Conquistou a Galácia assassinando todos os seus chefes, e

matou pelo menos um dos reis capadócios. Tenho a certeza de que comandou a invasão da

Capadócia desencadeada pelo rei Tigranes. E, abairando-me agora da razão do nosso encontro - Sila

debruçou-se um pouco para a frente, com um brilho muito forte nos seus estranhos olhos -, a

distância entre o Ponto e o reino dos Partos é muito menor do que a distância entre o Ponto e Roma.

Considero por isso que o rei dos Partos devia ter todo o cuidado com as suas fronteiras enquanto o

rei do Ponto nutrir desígnios expansionistas. E devia também vigiar atentamente o seu vassalo, o rei

Tigranes da Arménia. - Sila pôs um sorriso encantador, com os caninos bem escondidos. - Nada

mais tenho a dizer, nobre Orobazo.

- Falaste muito bem, Lúcio Cornélio - disse Orobazo. - Firmarás o teu tratado. Toda a região a oeste

do Eufrates será vigiada por Roma. Toda a região a leste do Eufrates será vigiada pelo rei dos

Partos.

- Isso implica, suponho, que a Arménia não lançará mais incursões a ocidente, não é verdade?

- Sem a mínima dúvida, Lúcio Cornélio - disse Orobazo, mirando o irado e desapontado Tigranes.

Finalmente, pensou Sila enquanto os embaixadores partos abandonavam o estrado, seguidos por um

Tigranes que não tirava os olhos do chão de mármore branco, finalmente percebo como Caio

Mário- se deve ter sentido quando Marta, a profetisa síria, predisse que ele seria cônsul de Roma

sete vezes, e que lhe chamariam o Terceiro Fundador de Roma. Mas Caio Mário ainda está vivo! E

no entanto, eu fui considerado o maior homem do mundo! De todo o mundo, desde a índia ao

oceano Atlântico!

Nos dias seguintes, Lúcio Cornélio não revelou a nenhum outro homem o mínimo vestígio de

alegria; o filho, que fora autorizado a seguir as conversações à distância, apenas sabia o que os seus olhos tinham visto, já que, de tão longe, nada pudera ouvir; na realidade, nenhum dos homens de

Sila ouvira fosse o que fosse. E Sila, após as conversações, referira unicamente que tinha feito um

tratado com os Partos.

Este acordo ficaria escrito numa enorme pedra que Orobazo tencionava colocar no local onde

estivera a plataforma de Sila, que



entretanto fora desmantelada, tendo os seus preciosos materiais regressado às respectivas origens. A

pedra em causa era um obelisco em forma de paralelepípedo e cada um dos lados deste exibia o

acordo escrito numa língua diferente: Latim, Grego, Parto e Médio. Foram feitas do tratado duas

cópias em pergaminho, uma que Sila levaria para Roma, e a outra que Orobazo levaria para

Seleucia-no-Tigre. Acreditava Orobazo que o rei Mitridates dos Partos ficaria extremamente

satisfeito com o tratado.

Logo que se viu livre dos seus suseranos, Tigranes escapou-se furtivamente com ar de cão açoitado,

retornando à sua nova cidade de Tigranocerta, agora com as ruas vigiadas. Logicamente, o seu

primeiro impulso levou-o a escrever a Mitridates do Ponto; no entanto, resolveu aguardar algum

tempo. Quando finalmente escreveu a Mitridates, fê-lo com alguma satisfação, em consequência

das notícias que recebera de um amigo que se encontrava na corte de Seleucia-no-Tigre.

*Presta atenção a Lúcio Cornélio Sila, meu valoroso e poderoso sogro. Em Zeugma, junto ao Eufrates, Sila concluiu um tratado de amizade com o sátrapa Orobazo de Seleucia-no-Tigre, que representava o meu suserano, o rei Mitridates dos Partos.*

*Sila e Orobazo deixaram-me de mãos atadas, querido rei do Ponto. De acordo com o tratado que*

*concluíram, sou obrigado a permanecer a leste do Eufrates, e não posso desobedecer - pelo menos enquanto o velho e impiedoso tirano estiver sentado no trono dos Partos. Pelo meu regresso teve o meu reino do pagar com setenta vales. Se desobedecer, terei que pagar com mais setenta vales.*

*Mas não devemos desesperar. Como me disseste, somos ambos jovens, temos tempo para sermos pacientes.*

*Este tratado entre Roma e o reino dos Partos levou-me a tomar uma resolução. Expandirei a Arménia.*

*Quanto a ti, deverás atentar nos domínios que referiste: Capadócia, Paflagónia, a Província da Ásia, a Cilícia, a Bitínia, a Macedónia. Eu tratarei das regiões a sul: a Síria, a Arábia e o Egipto. Isto para não mencionar o reino dos Partos. Porque um dia, talvez não muito distante já, o velho Mitridates dos Partos morrerá. E prevejo que haverá então uma guerra de sucessão, pois ele domina tanto os filhos como me domina a mim, e não favorece nenhum deles, e atormenta-os com ameaças de morte, e chegou mesmo a*

*matar filhos seus para intimidar os outros. Por isso nenhum dos seus filhos pode*



*dizer que tem a primazia sobre os outros, e isso é perigoso quando morre um rei velho. Assim te juro, mui honrado e estimado sogro, que, quando houver uma guerra interna entre os filhos do rei dos Partos, aproveitarei a oportunidade e avançarei sobre a Síria, a Arábia, o Egipto, a Mesopotâmia. Até lá, dedicar-me-ei à construção de Tigranocerta.*

*Mas tenho de te falar de algo que sucedeu durante a reunião entre Orobazo e Lúcio Cornélio Sila. Orobazo pediu ao vidente caldeu, o Nabopolassar, que examinasse a palma da mão e o rosto do romano. Acontece que eu conheço bem este Nabopolassar, cujo irmão é vidente do próprio rei dos reis. E garanto-te, forte e sábio sogro, que o caldeu é um verdadeiro vidente, nunca se engana. Depois de ter visto a mão e o rosto de Lúcio Cornélio Sila, o Nabopolassar todo se dobrou perante o romano: tal vénia só o vi fazer perante o rei dos reis. Depois, disse a Orobazo que Lúcio Cornélio Sila era o homem mais poderoso do mundo! Desde o rio Indo ao rio do Oceano, como*

*ele disse. Confesso que fiquei com muito medo. Tal como Orobazo. E com razão. De regresso a Seleucia-no-Tigre, Orobazo e os outros encontraram o rei dos Partos a residir nessa cidade; por isso, Orobazo pôde contar imediatamente ao rei o que se passara. E contou-lhe tudo, incluindo pormenores que o romano lhe revelara sobre as nossas actividades, poderoso rei do Ponto. E também o aviso do romano de que o meu caro sogro estaria interessado em conquistar o reino dos Partos. E o rei dos Partos tomou as suas medidas. Mandou-me espiões, que não me largam. No entanto - e esta é a única notícia que me alegra - mandou executar Orobazo e o Nabopolassar por descreverem o romano como um homem*

*superior ao rei deles. Isso não o impediu, porém, de honrar o tratado, e para tal escreveu a Roma. Parece que o velho lamenta nunca ter visto Lúcio Cornélio Sila. Se o tivesse visto, por certo teria mandado chamar o carrasco. É pena que, por altura das conversações, ele se encontrasse em Ecbátana.*

*Só o futuro poderá revelar-nos os nossos destinos, meu muito querido e admirado sogro. Pode ser que Lúcio Cornélio Sila não volte para o oriente, que o seu poder se vire para ocidente. Pode ser que eu venha um dia a assumir o título de rei dos reis. Isto nada significa para ti, eu sei. Mas para alguém que cresceu nas cortes de Ecbátana, Susia e Seleucia-no-Tigre, significa tudo.*

354

*A minha querida esposa, e tua filha, está muito bem. Os nossos filhos estão bem. Daria tudo para poder dizer-te que os nossos planos estão a ir bem. Mas isso é impossível. Por ora.*

Dez dias depois das conversações com Orobazo, Lúcio Cornélio Sila recebeu a sua cópia do tratado,

e foi convidado para estar presente na inauguração do monumento junto ao grande rio azul-leitoso.

Deslocou-se ao local vestido com a sua *toga praetexta,* tentando ignorar o facto de que o sol estival provocaria danos na pele do seu rosto; naquela ocasião, não poderia usar o chapéu de palha. Tudo o

que podia fazer era besuntar-se com óleo e esperar que as muitas horas ao sol não o queimassem

demasiado.

Claro que queimaram, e o filho aprendeu a lição, pois jurou que não mais largaria o seu chapéu. Sila

sofreu com o escaldão. Depois de fazer bolhas, a pele caiu-lhe, fez novas bolhas, caiu-lhe outra vez; das feridas, saiu água e pus, mas Sila não resistia a coçar-se. Contudo, quando ele e o seu pequeno

exército chegaram a Tarso, quarenta dias depois, a pele de Sila estava finalmente a cicatrizar e já

não lhe causava nenhuma comichão. Mórsimo tinha encontrado um creme de cheiro muito

agradável numa feira junto ao rio Píramo; logo que pôs o creme, Sila sentiu um grande alívio. E a

pele cicatrizou sem deixar marcas, facto que muito agradou a Sila, que era vaidoso.

Sila não falou a ninguém (incluindo o filho) nem da predição do Nabopolassar, nem dos sacos de

ouro que recebeu. Para além do saco que lhe fora dado pelo rei de Osdroena, recebeu mais cinco,

oferta do parto Orobazo. Estas moedas de ouro exibiam o perfil de Mitrádates II dos Partos, um

velho de pescoço curto e com um nariz que daria um óptimo gancho para a pesca, um cabelo

cuidadosamente encaracolado e barba pontiaguda, e na cabeça o pequeno chapéu redondo e sem

abas que os seus embaixadores usavam, excepto que o seu ostentava a faixa do diadema e tinha

orelhas e uma protecção para a nuca.

Em Tarso, Sila trocou as moedas de ouro por dinheiro romano: quarenta milhões de sestércios.

Tinha mais do que duplicado a sua fortuna! Claro que não saiu do banco de Tarso carregado de

sacos de moedas de ouro; em vez disso, recorreu à *permutatio* e saiu do banco apenas com um

pequeno rolo de pergaminho escondido na toga.

O ano findava, o Outono ia já avançado, e era altura de pensar em regressar a casa. O seu trabalho

estava feito - e bem feito. O Tesouro não se queixaria, pois Sila recebera mais dez sacos de ouro:



dois de Tigranes da Arménia, cinco do rei dos Partos, um do rei de Comagena e dois, imagine-se, do rei do Ponto. Isto significava que Sila podia perfeitamente pagar ao seu exército e dar a Mórsimo um bónus

generoso, aplicar depois mais de dois terços desse montante nos seus fundos de guerra, agora muito mais elevados do que quando

começara. Sim, aquele tinha sido um bom ano! A sua fama em Roma cresceria e

agora já tinha dinheiro bastante para disputar o cargo de cônsul.

Tinha já os baús preparados e o navio à espera no Cidno quando recebeu uma carta de Públio Rutílio Rufo, datada de Setembro.

*Espero que recebas esta carta a tempo, Lúcio Cornélio. E faço votos para que o teu ano tenha sido melhor do que o meu. Mas disso falarei depois.*

*Adoro de facto escrever para aqueles que estão longe, contando-lhes o que se passa em Roma. A falta que isso me fará! E quem me irá escrever? Mas adiante.*

*Em Abril elegemos um novo par de censores. Cneu Domício Aenobarho Pontifex Maximus e Lúcio Licínio Crasso Orador. Um duo pouco recomendável. O irascível aliado ao imutável - Hades e Zeus -, o conciso de braço dado com o loquaz - uma harpia e uma musa. Toda a Roma está a tentar encontrar uma descrição perfeita para o mais imperfeito duo do mundo. É claro que Crasso Orador e o meu querido Quinto Múcio Cévola é que deviam ter sido eleitos, mas tal não aconteceu. Cévola recusou-se a participar nas eleições. Diz que está demasiado ocupado. Ou demasiado cauteloso, diria eu! Depois de toda a confusão que os últimos censores criaram - culminando com a* lex Licinia Mucia -, *quer-me parecer que Cévola achou por bem fugir a mais complicações.*

*É claro que os tribunais especiais criados pela* lex Licinia Mucia *estão já bem defuntos. Caio Mário e eu conseguimos que eles fossem desmantelados no princípio do ano, invocando o facto de constituírem uma carga financeira que os lucros não justificavam. Felizmente toda a gente concordou. A nossa proposta foi aprovada sem problemas tanto no Senado como nos* Comitia. *Contudo, as cicatrizes permanecem, e que terríveis cicatrizes são estas, Lúcio Cornélio. As quintas e* villas *de dois dos juizes mais detestáveis,*

*Cneu Cipião Nasica e Catulo César, foram reduzidas a cinzas; e outros viram as suas colheitas*

356

*destruídas, as vinhas arrancadas, as cisternas de água envenenadas. Pratica-se agora, um pouco por todo o lado, um novo desporto nocturno*

*- encontrar um cidadão romano e deixá-lo meio-morto de pancada. Claro que ninguém - nem mesmo Catulo César - admite que todos estes desastres privados têm a ver com a* lex Licinia Mucia.

*Quinto Servílio Cepião, esse odioso jovem, teve entretanto o descaramento de levar Escauro Princeps Senatus ao tribunal de concussão, acusando-o de ter aceite um suborno monumental do rei Mitridates do Ponto. Imaginas por certo o que sucedeu. Escauro apareceu no local onde o tribunal reuniu, no baixo Fórum, mas* não *para responder a acusações! Foi direito a Cepião e deu-lhe duas valentes bofetadas, uma em cada face! Tenho a impressão de que em tais momentos Escauro cresce uns bons centímetros. Parecia muito mais alto que Cepião, quando, na verdade, têm praticamente a mesma altura.*

*"Como te* atreves?", *berrou ele. "Como te atreves, seu miserável verme, seu porco?! Retira imediatamente esta acusação, ou arrepender-te-ás de ter nascido! Tu, um Servílio Cepião, membro de uma família famosa pelo seu amor ao ouro, como podes atrever-te a acusar-me, a mim, Marco Emílio Escauro, Princeps Senatus, de ficar com ouro? Tu metes-me nojo, Cepião!"*

*Dito isto, Escauro abandonou o Fórum, saudado por vivas, aplausos e assobios, que ele ignorou. Cepião ficou de pé, com as marcas das bofetadas na cara, fazendo o possível por não olhar para os cavaleiros que tinham sido convocados para a selecção do júri. Mas depois daquela cena, o júri teria sempre absolvido Escauro, mesmo que Cepião apresentasse as melhores provas do mundo.*

*"Retiro a acusação", disse Cepião, e foi a correr para casa.*

*E assim se calam todos os que gostariam de acusar Marco Emílio Escauro, actor sem igual, fingidor de primeira, príncipe de todos os bons tipos! Quanto a mim, admito que fiquei encantado. Há tanto tempo que Cepião persegue Marco Lívio Druso que, no Fórum, toda a gente o sabe. Ao que parece, Cepião achava que o meu sobrinho devia ter tomado o seu partido quando foi descoberto o caso da minha sobrinha com Catão Saloniano, e como as coisas não lhe correram de feição, Cepião reagiu o mais malevolamente possível.*

*Ainda não se calou com a história do anel!*

*Mas chega de Cepião, assunto demasiado sujo para encher uma carta. Temos mais uma lei pronta a sair, graças ao tribuno da Plebe,*



*Cneu Papírio Carbão. Ora aqui está uma família que não tem tido sorte nenhuma desde que os seus*

*membros decidiram renunciar ao estatuto de patrícios! Dois suicídios na última geração, e agora um grupo de jovens Papírios que adora fazer das suas. Seja como for, Carbão convocou uma* contio *na Assembleia da Plebe há alguns meses atrás - no princípio da Primavera. Como o tempo passa! Crasso Orador e Aenobarbo Pontifex Maximus tinham acabado de apresentar as suas candidaturas a censores. O que Carbão estava a tentar fazer era levar a Assembleia da Plebe a aprovar uma versão modernizada da lei dos cereais de Saturnino. Mas os participantes na reunião descontrolaram-se de tal maneira que dois ex-gladiadores foram mortos, alguns senadores feridos, e tudo acabou num verdadeiro motim. Crasso Orador viu-se envolvido nisso tudo por causa da campanha eleitoral: saiu de lá com a toga suja e mais branco que a cal. Por isso promulgou um decreto que prevê que o magistrado que convoca uma reunião é o único responsável pela manutenção da ordem durante essa reunião. O decreto foi saudado como uma*

*brilhante peça legislativa, e aprovado pela Assembleia do Povo. Se a reunião convocada por Carbão se tivesse realizado já depois de aprovada a lei de Crasso Orador, o nosso tribuno da plebe teria sido acusado de incitamento à violência e punido com uma pesada multa.*

*Mas passemos agora às notícias mais interessantes...*

*Já não temos censores!*

*Mas que aconteceu, Públio Rutílio?, oiço-te perguntar. Pois eu vou contar. De início, todos pensámos que eles se iam dar bem, apesar das manifestas diferenças de carácter. Adjudicaram os contratos do Estado, examinaram os registos dos senadores e dos cavaleiros, e depois disto aprovaram um decreto que expulsou de Roma quase todos os professores de Retórica: quase todos, pois ainda ficou uma meia dúzia deles, absolutamente irrepreensíveis. O seu furor incidiu especialmente sobre os professores de Retórica latina, mas os que ensinavam em grego não ficaram muito melhor. Conheces por certo estes professores, Lúcio Cornélio. Por um punhado de sestércios por dia, garantem que transformarão os filhos de membros da Terceira ou da Quarta Classe, pobres mas em ascensão social, em advogados; estes advogados aparecem depois no Fórum e a todo o momento solicitam casos, atirando-se, como aves de rapina, sobre a populaça romana, que é ingénua, mas adora litígios. A maior parte daqueles*



*professores não se dá ao trabalho de ensinar em grego, pois é o latim a língua das leis e dos processos judiciais. E - toda a gente o admite!*

*- estes pretensos professores de Retórica achincalham a lei e os advogados, enganam os mal informados e desfavorecidos, ficam-lhes com o pouco dinheiro que têm, e não glorificam, bem pelo contrário, o nosso Fórum. Pois foram-se todos embora, eles mais as suas bagagens! Fartaram-se de amaldiçoar Crasso Orador e*

*Aenobarbo Pontifex Maximus, mas de nada lhes valeram as pragas. Só ficaram os professores de Retórica com grande reputação e clientela de primeira.*

*Até aqui, as coisas corriam bem. Toda a gente elogiava os censores. Era de crer que continuassem no bom caminho, que tomassem ainda melhores medidas. Nada disso: começaram a guerrear-se. Oh, e que*

*discussões! Em público! Culminando com uma curiosa troca de grosserias, ouvida pelo menos por meia Roma, ou seja, a meia Roma (a que eu pertenci, admito-o com toda a franqueza!) que resolveu deambular nas vizinhanças da tenda dos censores* e *assim ouviu o que lhe foi possível ouvir.*

*Não sei se sabes, mas Crasso Orador dedica-se à exploração de viveiros de peixe, actividade comercial que agora é considerada digna de um homem com a posição social de um senador. Por isso, mandou abrir vastos lagos nas suas propriedades e tem feito uma fortuna com a venda de enguias, lúcios, carpas e outros peixes; compradores não faltam: por exemplo, o colégio dos* epulones, *antes de todas as grandes festas públicas.*

*Mal sabíamos nós o que nos esperava quando Lúcio Sérgio Orata se lançou na exploração de viveiros de ostras nos lagos de Baias! E que, de facto, das ostras às enguias vai apenas um pequeno passo, meu caro Lúcio Cornélio.*

*Oh, que falta me fará toda esta deliciosa agitação romana! Mas adiante. Voltemos a Crasso Orador e aos seus peixes. Nas propriedades dele, os peixes constituem uma actividade puramente comercial. Mas, sendo ele quem é, ou seja, Crasso Orador, acabou por se apaixonar pelos seus peixes. De modo que aumentou o tamanho do lago no seu peristilo da casa de Roma e encheu-o com uns quantos habitantes exóticos e dispendiosos. Sentava-se no muro que cerca o lago, mexia na água com os dedos, e lá vinham os seus*

*queridos à procura das migalhas de pão. Especialmente uma carpa, uma criatura enorme cor de estanho, brilhante, com uma bela cara, para peixe. Era tão mansa a carpa que corria para a superfície mal Crasso Orador entrava no*



*jardim. Francamente, não o posso censurar por ter ganho tanto afecto ao peixe.*

*O pior é que o peixe morreu e Crasso Orador ficou num estado miserável. Ninguém o viu durante uma quantidade de dias; àqueles que se aventuravam a bater-lhe à porta, respondiam os criados que o amo estava de cama, sofrendo de prostração, tal era o pesar. Finalmente, reapareceu em público, com um ar muito abatido, e, como seria de prever, a primeira coisa que fez foi ir ter com o seu colega, o Pontifex Maximus, à tenda que possuem no Fórum - aliás, estavam prestes a mudar-se para o Campo de Marte a fim de darem início a um muito necessário censo de toda a populaça.*

*"Ah!", exclamou Aenobarbo Pontifex Maximus mal viu Crasso Orador. "O quê? Não trazes* toga pulla? *Não vens de luto, Lúcio Licínio? Estou espantado! É que ouvi dizer que quando cremaste o teu peixe, contrataste um actor para pôr a máscara de cera do defunto e fizeste-o nadar até ao templo de Vénus Libitina!*

*Disseram-me também que mandaste fazer um armário para guardar a máscara do peixe e que tencionas usá-*

*la em todos os funerais dos Licínios Crassos como se a carpa pertencesse à família!"*

*Crasso Orador empertigou-se majestaticamente - bom, como qualquer Licínio Crasso, ele tem corpo para isso! - e, por sobre o seu volumoso nariz, mirou o seu colega censor.*

*"É verdade, Cneu Domício", disse Crasso Orador com expressão altiva, "que chorei pela morte do meu peixe. O que faz de mim um homem muito melhor que tu! Porque, até agora, morreram-te três mulheres, e tu nem uma lágrima choraste por elas!"*

*E desta forma, Lúcio Cornélio, terminou o reinado de Lúcio Licínio Crasso Orador e Cneu Domício*

*Aenobarbo Pontifex Maximus.*

É *pena, pois não teremos um novo censo da população nos próximos quatro anos. Ninguém pensa em eleger novos censores.*

*E agora vamos às más notícias. Escrevo-te esta carta na véspera da minha partida para Esmirna, que será a minha terra de exílio. Sim, vejo que ficaste surpreendido! Públio Rutílio Rufo, o mais inofensivo e vertical dos homens, condenado ao exílio? É verdade. Há pessoas em Roma que não se esqueceram do magnífico trabalho que eu e Quinto Múcio Cévola fizemos na Província da Ásia - homens como Sexto Perquitienus, que já não pode confiscar valiosas obras de arte a gente que não pagou impostos. E como eu sou o tio de Marco Lívio*

360

*Druso, ganhei também a inimizade dessa horrorosa criatura que dá pelo nome de Quinto Servílio Cepião. E, através dele, ganhei também a inimizade desse excremento humano que se chama Lúcio Márcio Filipe, que continua a tentar ser eleito cônsul. Claro que ninguém tentou apanhar Cévola: ele é demasiado poderoso.*

*Por isso, decidiram atirar-se a mim. E se bem o decidiram, melhor o fizeram. No tribunal de concussão, onde apresentaram provas visivelmente fabricadas de que eu -* eu, *- extorqui dinheiro aos infelizes cidadãos da Província da Ásia. O procurador era um tal Apício, um indivíduo que se vangloria de ser cliente de Filipe. É*

*claro que muita gente se ofereceu para me defender - a começar pelo próprio Cévola, e também Crasso Orador, e António Orador, e até mesmo o velho Cévola, o Augure, apesar dos seus noventa e dois anos.*

*Aquele rapaz tremendamente precoce que põe toda a gente à sua volta no Fórum, Marco Júlio Cícero, de Arpino, também se ofereceu para me defender.*

*Mas eu já tinha percebido que tudo o que fizesse seria em vão. O júri tinha recebido uma fortuna* (aurum Tolosanum?) *para me declarar culpado. Por isso recusei todas as ofertas e defendi-me sozinho. Com elegância e dignidade, disso me posso gabar. Serenamente. O meu único assistente foi o meu querido sobrinho Caio Aurélio Cota, o mais velho dos três filhos de Marco Cota, e meio-irmão da minha querida Aurélia. Um outro meio-irmão dela, Lúcio Cota, que foi pretor no ano da* lex Licinia Mucia, *teve a desfaçatez de assistir o procurador! O tio dele, Marco Cota, deixou de lhe falar, e Aurélia fez o mesmo.*

*O resultado era inevitável. Consideraram-me culpado de extorsão, retiraram-me a cidadania, e condenaram-me ao exílio para um local que distasse de Roma pelo menos quinhentas milhas. Não me foram, porém, retirados os bens - creio que perceberam que se fizessem alguma coisa nesse sentido acabariam linchados.*

*As minhas últimas palavras ao tribunal foram para acentuar que iria viver para junto do povo pelo qual fora condenado - os cidadãos da Província da Ásia e em particular os de Esmirna.*

*Não mais voltarei a Roma, Lúcio Cornélio. E não digo isto por ressentimento ou orgulho ferido.* É *que não quero voltar a ver uma cidade e um povo que consentem tão manifesta injustiça. Três quartos de Roma choram a injustiça, mas isso não altera o facto de eu, que sou a vítima, já não possuir a cidadania romana e ter de ir*

*para o exílio. Não descerei ao ponto (isso só alegraria aqueles que me*

361

*condenaram) de sujeitar o Senado a uma avalancha de petições para que a minha sentença seja*

*revogada e a minha cidadania devolvida. Provarei que sou um verdadeiro Romano. Ficarei quieto,*

*obedecerei, como um bom cão romano, à sentença de um tribunal romano legalmente escolhido.*

*Recebi já uma carta do etnarca de Esmirna - muito contente, ao que parece, com a perspectiva de*

*ter um novo cidadão chamado Públio Rutílio Rufo. Parece que vão organizar uma festa em minha*

*honra, uma festa que será celebrada mal eu desembarque. Estranha gente que assim recebe quem*

*alegadamente a roubou!*

*Não me lastimes, porém, demasiado, Lúcio Cornélio. Ao que parece, vou ser muito bem tratado.*

*Esmirna decidiu mesmo conceder-me uma pensão extremamente generosa, e uma casa, e bons*

*criados. Ficam em Roma suficientes Rutílios para que o nosso clã dê nas vistas - o meu filho, os*

*meus sobrinhos, e os meus primos do ramo Rutílio Lupo. Mas terei de usar a* chlamys *e as*

*sandálias gregas, porque já não estou autorizado a usar toga. Poderás dispor de algum tempo e*

*passar por Esmirna quando regressares a Roma? Espero que todos os meus amigos que agora se*

*encontram no extremo oriental do mar Central me venham visitar a Esmirna! Será um pequeno*

*consolo para um exilado.*

*Decidi começar a escrever seriamente. Acabaram-se os compêndios de logística, táctica e*

*estratégia militar. Em vez disso, tornar-me-ei biógrafo. Tenciono começar com uma biografia de*

*Metelo Numídico Suíno, incluindo alguns pormenores saborosos que deixarão o Bacorinho*

*rangendo as presas de raiva. Depois, passarei para Catulo César, e mencionarei certas revoltas*

*que aconteceram no Ádige, quando os Germanos andavam pelas bandas de Tridento. Oh, o que eu*

*me vou divertir! Portanto cá te espero, Lúcio Cornélio! Preciso de informações que só tu me podes dar!*

Sila nunca sentira grande afecto por Públio Rutílio Rufo. Contudo, quando arrumou o enorme rolo,

reparou que tinha os olhos cheios de lágrimas. E nesse momento fez uma promessa solene: quando

fosse o Primeiro Homem de Roma, o mais poderoso homem em todo o mundo, trataria de castigar

devidamente homens como Cepião e Filipe. E aquela criatura nojenta que dava pelo nome de Sexto

Perquitienus.

362

No entanto, quando o jovem Sila e Mórsimo entraram no seu gabinete, Sila tinha já os olhos secos e

um ar perfeitamente sereno.

- Estou pronto - disse ele a Mórsimo. - Mas lembra-me para dizer ao comandante do navio que

pararemos primeiro em Esmirna. Tenho de ir visitar um velho amigo e prometer-lhe que o manterei

a par dos acontecimentos em Roma.

MARCUS LIVIUS DRUSUS

Enquanto Lúcio Cornélio Sila se encontrava no Oriente, Caio Mário e Públio Rutílio Rufo

conseguiram fazer aprovar uma lei que suspendia os tribunais especiais previstos na *lex Licinia*

*Mucia.* Marco Lívio Druso recuperou o ânimo.

- Creio que isto arruma a questão - disse ele a Mário e Rutílio Rufo, pouco depois de a medida ter

entrado em vigor. - No final deste ano, disputarei o lugar de tribuno da plebe. E, no princípio do

próximo ano, levarei a Assembleia da Plebe a aprovar uma lei concedendo a cidadania a todos os

homens em Itália.

Tanto Mário como Rutílio Rufo puseram uma expressão dubitativa, embora nenhum deles

manifestasse a sua oposição àquelas palavras; Druso tinha razão quando dizia que não tinham nada

a perder se tentassem, e que o tempo não contribuiria necessariamente para abrandar as posições de

Roma. Com a suspensão dos tribunais especiais, acabavam-se as vergastadas nas costas. Acabavam-

se os sinais visíveis da desumanidade de Roma.

- Marco Lívio, tu já foste edil. Podias disputar um lugar de pretor agora - disse Rutílio Rufo. - Tens a *certeza* de que queres ser tribuno da plebe? Quinto Servílio Cepião pretende ser eleito pretor, o que significa que terás de combater no Senado um inimigo que disporá de muito poder. Mas há

mais: Filipe vai de novo disputar o consulado, e se tiver êxito - e provavelmente terá êxito, pois os eleitores já estão fartos de o ver, ano após ano, de *toga cândida -,* terás de enfrentar um cônsul aliado a um pretor. Se fores eleito tribuno da plebe, Filipe e Cepião tudo farão para coarctar os teus movimentos.

- Eu sei - retorquiu firmemente Druso. - Mesmo assim, é minha intenção disputar o cargo de tribuno

da plebe. Peço-lhes apenas que não digam nada a ninguém. Tenho um plano para ganhar a eleição e,

de acordo com esse plano, é preciso que as pessoas pensem que a minha decisão foi tomada à

última hora.

A condenação e o exílio de Públio Rutílio Rufo no princípio de Setembro constituiu um rude golpe

para Druso, para quem o apoio do tio no Senado era absolutamente necessário. Agora só poderia

contar com Caio Mário, um homem a quem não estava muito ligado, e que não poderia substituir

um familiar. E, no seio da sua família, Druso ficava sem confidentes: o irmão, Mamerco, tornara-se

seu amigo, mas as suas tendências políticas apontavam para Catulo César e o Bacorinho. Druso

nunca falara com ele do delicado tema do alargamento da cidadania à Itália. Nem queria. E Catão

Saloniano tinha morrido. Eleito pretor após a morte de Lívia Drusa, Catão Saloniano encontrara

algum alívio na sua intensa actividade (fora encarregado dos tribunais que tratavam de casos de

assassínio, peculato, fraude e usura); mas quando a agitação na Hispânia levou o Senado a enviar

um governador especial para a Gália Transalpina, Catão Saloniano ofereceu-se imediatamente, pois

essa era uma maneira de se manter ocupado. A sogra, Cornélia Cipião, e o cunhado, Druso,

tomariam conta dos seus filhos. Durante o Verão desse mesmo ano, Druso recebeu a notícia de que

Catão Saloniano caíra do cavalo, sofrendo um ferimento na cabeça que, na altura, não parecera

grave. Pouco tempo depois, porém, tivera um ataque epiléptico, que o levara à paralisia, ao coma, e

à morte. Para Druso, aquela notícia era como uma porta que se fechava. Agora, tudo o que lhe

restava da irmã eram os sobrinhos.

Era por isso compreensível que, após a partida do tio para o exílio, Druso escrevesse a Quinto

Popaedius Silão, convidando-o a visitá-lo. Os tribunais especiais da *lex Licinia Mucia* já não funcionavam, e o Senado decidira que o maciço registo de cidadãos do censo António-Flaco seria

pura e simplesmente ignorado até que se realizasse novo censo. Não havia pois nenhum obstáculo à

visita de Silão. E Druso ansiava por falar com alguém em quem pudesse confiar acerca da sua

futura actividade como tribuno.

Tinham passado já três anos e meio sobre o último encontro dos dois amigos em Boviano.

- Só Cepião sobrevive, e ele recusa-se a ver os seus filhos legítimos

- disse Druso a Silão, enquanto se sentavam no gabinete, à espera do jantar. - Dos dois que são

Pórcios Catões Salonianos, só posso dizer

que são órfãos. Felizmente que não se lembram da mãe, e do pai, só Pórcia tem uma vaga

recordação. Neste mar traiçoeiro e revolto em que as duas crianças se vêem perdidas, a minha mãe é

o seu único porto de abrigo. Catão Saloniano, evidentemente, não tinha fortuna para deixar. Apenas

a propriedade em Túsculo, e uma outra na Lucânia. Farei o que for preciso para que o rapaz

disponha de bens suficientes para entrar para o Senado quando chegar a altura, e para que a rapariga

tenha um dote condigno. Imagino que Lúcio Domício Aenobarbo, que está casado com a tia da

rapariga, a irmã de Catão Saloniano, pensa casar Pórcia com o filho dele, Lúcio. O meu testamento

está feito. E estou certo de que o de Cepião também. Quer queira quer não, Cepião não poderá

deserdar os filhos. A única coisa que pode fazer é recusar-se a vê-los. Miserável!

- Pobres crianças - comentou Silão, que também era pai. - O menino, Catão, nem sequer do pai tem

recordações.

Druso pôs um curioso sorriso.

- Oh, esse menino é de facto muito estranho! Magro que nem um fuso, com um pescoço muito alto

e o nariz mais extraordinariamente adunco que alguma vez vi em criança tão pequena. Faz-me

lembrar um abutre depenado. Por muito que me esforce, não consigo gostar dele. Não tem sequer

dois anos, mas anda por aí pela casa toda com a cabeça caindo-lhe do pescoço e o nariz, ou parte

dele!, apontado para o chão. E grita! Não, não chora: grita! Não consegue dizer nada num tom

normal de voz. Berra. E trata mal toda a gente. Sempre que o vejo, fujo, apesar de toda a compaixão

que me possa inspirar.

- E que é feito da espia... Servília?

- Ah, porta-se muito bem. Muito obediente, muito educada. Mas não se pode confiar nela, Quinto

Popaedius. Mais uma que eu detesto

- disse Druso, com alguma tristeza.

Silão lançou-lhe um olhar incisivo.

- Mas há alguma criança nesta casa de quem gostes? - perguntou.

- Gosto do meu filho, Druso Nero. Uma criança encantadora. Tem oito anos. Infelizmente, é menos

inteligente que adorável. Tentei convencer a minha mulher de que era imprudente adoptar um bebé,

mas não consegui demovê-la, ela não pensava noutra coisa. Também gosto muito do jovem Cepião,

embora não acredite que ele seja filho de Cepião! Ele é a cara de Catão Saloniano, e, nas

brincadeiras e no comportamento, é muito parecido com o irmão mais novo. Quanto a



Lila e a Pórcia, são duas óptimas meninas. Embora as raparigas, para mim, sejam sempre um

mistério.

- Anima-te, Marco Lívio! - disse Silão, sorrindo. - Um dia, todos eles serão homens e mulheres e

pelo menos nessa altura poderás detestá-los à vontade pelo que eles façam ou deixem de fazer.

Porque não me levas a vê-los? Confesso que gostaria de ver o abutre depenado e a espiazinha. É

terrível, mas a verdade é que o que mais nos atrai são sempre as imperfeições da natureza humana.

O resto desse primeiro dia foi dedicado a encontros de carácter social. Por isso, só no dia seguinte

Druso e Silão puderam falar da situação italiana.

- Tenciono disputar as eleições para tribuno da plebe no início de Novembro - confidenciou Druso.

Silão pestanejou, o que, num marso, não era habitual.

- Depois de teres sido edil? - perguntou. - Devias antes disputar o cargo de pretor.

- Claro - retorquiu calmamente Druso.

- Então porque queres ser *tribuno da plebe?* Não me digas que estás a pensar em dar a cidadania a toda a Itália, depois de eleito tribuno da plebe?

- É exactamente isso que eu penso fazer. Esperei pacientemente, Quinto Popaedius. Os deuses são

minhas testemunhas. A paciência com que esperei todos estes anos! Se há uma altura certa para

agir, essa altura é agora, enquanto a *lex Licinia Mucia* continua fresca em todas as memórias. E

indica-me um membro do Senado com a idade apropriada e que, como tribuno da plebe, tenha a

*dignitas* e a *auctoritas* que eu tenho... Há dez anos que estou no Senado, dez longos anos, sou *paterfamilias* há quase vinte anos, a minha reputação não tem mancha alguma, e a única mania que me é conhecida é a defesa da cidadania integral para os homens de Itália. Fui edil da plebe, e

organizei jogos grandiosos. Tenho uma fortuna impressionante, uma multidão de clientes, sou

conhecido e respeitado em toda a Roma. Por isso, quando virem que eu disputo o cargo de tribuno

da plebe e não o de pretor, todos concluirão que as minhas razões são por certo muito fortes. Fui

famoso como advogado, sou famoso como orador. Ainda sei falar, apesar de ter estado calado dez

anos no Senado. Nos tribunais, basta o meu nome para atrair multidões. Sinceramente, Quinto

Popaedius, quando me virem disputar o cargo



de tribuno da plebe, todos os Romanos, desde os mais poderosos aos mais humildes, concluirão que

os meus motivos são tão válidos quanto meritórios.

- Uma coisa é certa: a tua decisão vai dar muito que falar! comentou Silão. - Mas não me parece que

tenhas hipóteses de êxito. Creio que seria mais acertado da tua parte se te tornasses pretor e,

passados dois anos, cônsul.

- Na cadeira de cônsul nada poderei fazer - retorquiu firmemente Druso. - Esse tipo de legislação só

pode vir da Assembleia da Plebe, promulgada por um tribuno da plebe. Se tentasse a aprovação de

tais leis como cônsul, elas seriam automaticamente vetadas. Como tribuno da plebe, poderei

controlar os meus colegas, coisa que o cônsul nem sempre pode fazer. E tenho autoridade em

relação ao cônsul, devido ao meu poder de veto. Se necessário, negociarei. Caio Graco vangloriava-

se de ter usado brilhantemente os seus poderes de tribuno da plebe. Mas podes ter a certeza, Quinto

Popaedius, de que ninguém me igualará! Eu tenho a idade, a inteligência, os clientes e as

influências. E tenho também um programa legislativo que irá muito mais longe do que a mera

cidadania para toda a Itália. De facto, tenciono reestruturar a globalidade do edifício público

romano.

- Que a grande Serpente luminosa te proteja e guie, Marco Lívio, é tudo o que posso dizer.

Com um olhar determinado, e um porte que sugeria que acreditava em si mesmo e no que dizia,

Lívio Druso inclinou-se para a frente.

- Chegou a hora, Quinto Popaedius. Não posso permitir um estado de guerra entre Roma e Itália, e

suspeito que tu e os teus amigos planeiam a guerra. Se forem para a guerra, perderão. E Roma

perderá também, ainda que vença, e eu creio que vencerá. Roma nunca perdeu uma guerra, meu

amigo. Batalhas, sim. E nos primeiros dias de uma guerra, a Itália sair-se-ia muito melhor do que se

pensa, de um modo geral, em Roma. Mas Roma vencerá! Porque Roma vence sempre. E no

entanto... que falsa vitória essa! As consequências económicas, por si só, seriam catastróficas.

Conheces tão bem como eu o velho ditado: não traves nunca uma guerra na tua própria casa. A

haver guerra, que seja a casa do vizinho a sofrer.

A mão de Druso apertou o antebraço de Silão.

- Deixa-me fazer as coisas à minha maneira, Quinto Popaedius! Pacificamente, logicamente: só

assim chegaremos a algum lado.

370

Silão aquiesceu convictamente. Não havia sombra de dúvida nos seus olhos.

- Meu caro Marco Lívio, podes contar com o meu apoio devotado! Faz o que pretendes fazer! Não

interessa que eu pense que tal missão não terá êxito. Se não for uma pessoa com a tua posição e

fama a tentar, como poderá a Itália saber até que ponto Roma se opõe a uma emancipação geral?

Concordo agora contigo que falsificar o censo foi uma estupidez. Julgo que nenhum de nós

acreditou que esse estratagema resultasse. Acabou por ser uma maneira de dizer ao Senado e ao

Povo de Roma o que nós, Italianos, sentimos. O problema é que tal aventura nos obrigou a recuar.

Também tu recuaste. Por isso, avança agora! A Itália fará tudo o que estiver ao seu alcance para te

ajudar: quanto a isso, podes contar com o meu compromisso solene.

- Preferia que todos os Italianos fossem meus clientes! - disse Druso pesarosamente, e riu-se. - Uma

vez emancipada a Itália, poderia fazer prevalecer a minha vontade em Roma se todos os Italianos

fossem meus clientes.

- Mas isso é possível, Marco Lívio! - disse Silão, surpreendido.

- Se o teu projecto resultar, tornar-te-ás patrono de todos os Italianos que beneficiarem da tua acção.

Druso franziu os lábios, fazendo o possível por controlar o júbilo que o invadia.

- Sim, em teoria isso seria possível. Mas na prática...

- Não, pelo contrário! Até seria fácil! - exclamou logo Silão. Tudo o que é preciso é que eu e Caio

Pápio Mutilo e os outros dirigentes de Itália peçam a todos os Italianos que façam um juramento

solene. E que diria esse juramento? Que se tu conseguisses a emancipação geral para toda a Itália,

todos os Italianos te seguiriam e obedeceriam em qualquer circunstância, e até à morte.

Assombrado, Druso fitou Silão boquiaberto.

- Um juramento? Mas será que eles estão preparados para fazer um tal juramento?

- Estão. Desde que o juramento não vincule os descendentes deles ou os teus - disse Silão

calmamente.

- Não é preciso envolver os descendentes - disse Druso lentamente.

- Tudo o que preciso é de tempo e de um apoio macivo. Quanto a mim, farei o que tenho a fazer.



Todos os Italianos seus clientes! Esse era o sonho de qualquer nobre romano: ter um número de

clientes suficiente para formar um exército inteiro. Se todos os Italianos fossem seus clientes, nada seria impossível.

- O juramento não demorará, Marco Lívio - disse Silão animadamente. - Tens razão em querer que

todos os Italianos sejam teus clientes. Porque a emancipação geral será apenas o princípio. Silão

riu-se, um riso sonoro, áspero. - Que triunfo! Ver um homem tornar-se o Primeiro Homem de Roma

- não, o Primeiro Homem de toda a Itália! - graças à influência daqueles que, neste momento, não

têm qualquer influência nos assuntos de Roma. - Silão libertou suavemente o seu antebraço da mão

de Druso, que continuava a apertá-lo.

- Agora diz-me o que tencionas fazer.

Mas Druso não conseguia ordenar os seus pensamentos; as implicações daquele plano eram

imensas, eram demasiado grandiosas. Todos os Italianos seus clientes!

Como fazê-lo? *Como.* Entre os grandes vultos do Senado, só Caio Mário o apoiaria, e Druso sabia que o apoio de Mário não chegaria. Precisava de Crasso Orador, de Cévola, de António Orador e de

Escauro Princeps Senatus. As eleições para o tribunado aproximavam-se, e Druso sentia-se quase

que desesperado; continuava à espera do momento certo, e o momento certo parecia nunca mais vir.

A candidatura a tribuno da plebe permanecia um segredo que só Silão e Mário conheciam, e o seu

desmedido anseio continuava a ser uma miragem.

Até que, certa manhã de fins de Outubro, Druso encontrou Escauro Princeps Senatus, Crasso

Orador, Cévola, António Orador e Aenobarbo Pontifex Maximus reunidos junto à fonte dos

*Comitia;* era evidente que estavam a falar da condenação e do exílio de Púbio Rutílio Rufo.

- Marco Lívio, fica connosco! - chamou Escauro, abrindo o círculo.

- Estávamos precisamente a discutir a melhor maneira de arrebatar os tribunais à *Ordo Equester.* A condenação de Públio Rutílio Rufo foi uma medida absolutamente criminosa. Os cavaleiros

perderam o direito a dirigir seja que tribunal for!

- Concordo inteiramente - disse Druso. Por um momento, fitou Cévola. - Era a ti, Cévola, que eles

realmente queriam, e não Públio Rutílio Rufo.

372

- Nesse caso, porque não me processaram a mim? - perguntou Cévola, que continuava muito

preocupado.

- É que tu tens muitos amigos, Quinto Múcio.

- E Públio Rutílio tem poucos, ou pelo menos não tem o número suficiente. É uma verdadeira

calamidade. Não podemos permitir a perda de um homem como Públio Rutílio! Ele sempre foi um

homem íntegro, e isso é raro - comentou, furioso, Escauro.

- Não creio que consigamos alguma vez arrebatar por completo os tribunais aos cavaleiros - opinou

Druso, falando com todo o cuidado.

- A lei de Cepião, o Cônsul, não foi aprovada e por isso não vejo nenhuma hipótese de aprovar

outra lei que preveja a devolução dos tribunais ao Senado. A *Ordo Equester* está habituada a dirigir os tribunais, há trinta anos que o faz. Os cavaleiros gostam do poder que isso lhes dá sobre o

Senado. Além disso, sentem que, com esse poder, ninguém se atreverá a tocar-lhes. A lei de Caio

Graco não diz especificamente que um júri constituído por cavaleiros pode ser considerado culpado

de suborno. Os cavaleiros, por outro lado, insistem que a *lex Sempronia* diz que não podem ser processados por suborno ao assumirem as funções de jurados.

Crasso Orador fitava Druso alarmado.

- Marco Lívio, tu és, de longe, o candidato com mais possibilidades de obter um cargo de pretor! -

exclamou. - Ora se és *tu* precisamente quem diz tais coisas, que hipóteses terá o Senado?

- Eu não disse que o Senado deveria perder as esperanças e desistir, Lúcio Licínio - retorquiu

Druso. - Disse apenas que os cavaleiros se recusariam a abandonar os tribunais. Mas atenção: nós

temos a possibilidade de os conduzir a uma situação em que eles não teriam outra hipótese senão

partilhar os tribunais com o Senado... Os plutocratas ainda não governam Roma, e eles sabem-no

perfeitamente. Por isso... por que razão não damos nós o primeiro passo? Porque não há-de propor

um de nós uma nova lei regulamentadora dos principais tribunais, uma lei que preveja para os

tribunais tantos membros do Senado como da *Ordo Equester!*

Cévola respirou fundo.

- Dar o primeiro passo! Não será fácil aos cavaleiros encontrar razões convincentes para recusarem

tal proposta, que, aos olhos deles, parecerá por certo um ramo de oliveira senatorial. De facto,

poderá haver algo mais justo que metade dos membros serem cavaleiros e a



outra metade membros do Senado? O Senado não poderá ser acusado de tentar controlar os

tribunais, não é verdade?

- Ah! - exclamou Crasso Orador, com um sorriso arreganhado. Dentro do Senado, temos as fileiras

cerradas. Mas, como todos nós, senadores, sabemos, há sempre uns quantos cavaleiros em qualquer

júri que não se importariam nada de entrar para a Cúria Hostília... Se o júri é constituído

exclusivamente por cavaleiros, estão-se marimbando... Mas se o júri tiver apenas cinquenta por

cento de cavaleiros, poderá haver algum membro da *Ordo Equester* a fazer pender a balança...

Muito inteligente, Marco Lívio!

- Podemos argumentar que nós, senadores, possuímos tal cabedal de conhecimentos legais que a

nossa presença irá forçosamente enriquecer os tribunais - comentou Aenobarbo Pontifex Maximus.

- Além disso, é preciso ver que controlámos exclusivamente os tribunais durante quase quatrocentos

anos! Actualmente, podemos argumentar ainda, uma tal exclusividade não faria sentido. Mas isso

não implica que o Senado seja excluído.

Para Aenobarbo Pontifex Maximus, esta era uma argumentação razoável; Aenobarbo tornara-se

mais moderado desde que fora juiz em Alba, nos tempos da *lex Licinia Mucia,* embora Crasso

Orador excitasse o que de pior havia nele. E, no entanto, ali estavam os dois juntos, unidos na

defesa da sua classe e dos seus privilégios.

- Bem pensado - comentou António Orador, radiante.

- Concordo - disse Escauro. Virou-se para Druso e fitou-o. Tencionas lançar o teu projecto como

pretor, Marco Lívio? Ou estás a pensar noutra pessoa?

- Não, Princeps Senatus, é de facto em mim que estou a pensar, mas não na qualidade de pretor -

respondeu Druso. - Tenciono candidatar-me ao tribunato da plebe.

Todos ficaram boquiabertos de espanto, fitando atentamente Druso.

- Com a tua idade? - perguntou Escauro.

- A minha idade é uma vantagem evidente - retorquiu calmamente Druso. - Apesar de ter a idade

suficiente para ser pretor, é o cargo de tribuno da plebe que vou disputar. Ninguém poderá acusar-

me de imaturidade, inexperiência, precipitação, do desejo de agradar às massas, ou de qualquer

outro dos motivos que normalmente levam as pessoas a disputar o cargo de tribuno da plebe.

- Então por que razão queres ser tribuno da plebe? - perguntou Crasso Orador, intrigado.



- Gostaria de promulgar algumas leis - disse Druso, ainda com uma expressão calma.

- Podes promulgá-las como pretor - disse Escauro.

- Sim, mas não com a facilidade e a aceitação que são inerentes ao cargo de tribuno da plebe. Com a

evolução da República, a promulgação de leis tornou-se um domínio do tribuno da plebe. E a

Assembleia da Plebe *gosta* do seu papel legislador. Para quê perturbar o *status quo,* Princeps Senatus? - perguntou Druso.

- Tens por certo outras leis em mente - arriscou Cévola.

- Assim é, Quinto Múcio.

- Dá-nos uma ideia do que te propões fazer.

- Gostaria de duplicar o número de senadores - respondeu Druso. De novo, todos o fitaram

boquiabertos; mas, desta feita, o espanto

associou-se a uma certa tensão.

- Marco Lívio, começas a parecer-te com Caio Graco... - disse Cévola cautelosamente.

- Percebo por que assim pensas, Quinto Múcio. Mas mesmo assim gostaria de aumentar a influência

do Senado no nosso governo, e sou suficientemente tolerante para usar as ideias de Caio Graco,

caso elas sirvam os meus objectivos.

- Mas como poderemos aumentar o domínio senatorial se enchermos o Senado de cavaleiros? -

perguntou Crasso Orador.

- Isso era o que Caio Graco propunha - retorquiu Druso. - Eu proponho ligeiramente diferente. Em

primeiro lugar, não vejo como se poderá argumentar contra o facto de o Senado já não ser

suficientemente grande. Poucos são os senadores que comparecem às reuniões; muitas vezes,

demasiadas vezes, nem temos quoro. Se viermos a fazer parte dos júris, quantos de nós não ficarão

fartos dessas funções? Tens de admitir, Lúcio Licínio, que, nos tempos em que os tribunais nos

pertenciam por inteiro, uma boa metade ou mais de metade dos senadores recusava-se a cumprir os

seus deveres de jurados. Caio Graco queria encher o Senado de cavaleiros, mas eu quero enchê-lo

com homens da nossa própria ordem senatorial, mais uns quantos cavaleiros, para que estes fiquem

contentes. Todos nós temos tios ou primos ou mesmo irmãos mais novos que gostariam de entrar

para o Senado e que têm bens que justificariam a sua presença no Senado. No entanto, não podem

entrar porque o Senado está cheio. Estes homens, entrariam antes de qualquer cavaleiro. E que

melhor maneira de levar



certos cavaleiros a apoiar o Senado do que torná-los precisamente senadores? São os censores que

nomeiam os novos senadores, e as suas escolhas não podem sofrer contestação. - Druso aclarou a

voz e acrescentou: - Sei que neste momento estamos sem censores, mas podemos elegê-los no

próximo mês de Abril, ou em Abril do próximo ano.

- A ideia agrada-me - comentou António Orador.

- E que outras leis te propões promulgar? - perguntou Aenobarbo Pontifex Maximus, ignorando a

referência a ele próprio e a Crasso Orador, que deveriam ser ainda censores, não fosse a disputa que

houvera entre eles.

Mas Druso pôs uma expressão vaga e respondeu apenas:

- Por ora ainda não sei, Cneu Domício. O Pontifex Maximus riu-se.

- Quer-me parecer que sabes! - comentou. Druso sorriu com inocente brandura.

- Bom, talvez saiba, Cneu Domício, mas não o suficiente para querer falar delas perante tão augusta

companhia. Mas podes estar certo de que terás oportunidade de te pronunciar sobre essas leis.

- Hmm... - fez Aenobarbo Pontifex Maximus, com uma expressão céptica.

- O que eu gostava de saber, Marco Lívio, é há quanto tempo tu pensas disputar o tribunato da

plebe... - disse Escauro Princeps Senatus.

- Sentia-me intrigado com o facto de não falares no Senado, depois de teres sido eleito edil plebeu.

Suponho que, mesmo nessa altura, estavas a guardar o teu discurso inaugural para melhor ocasião...

Não é verdade, Marco Lívio?

Druso abriu muito os olhos.

- Marco Emílio, como podes dizer uma coisa dessas?! Um edil não tem rigorosamente nada para

dizer! Logo, para que havia eu de intervir?

- Hmm... - fez Escauro, encolhendo os ombros. - Seja como for, podes contar com o meu apoio,

Marco Lívio. Gosto do teu estilo.

- Conta também com o meu apoio - disse Crasso Orador. Todos concordavam afinal em apoiar

Druso.

Druso só anunciou a sua candidatura a tribuno da plebe na manhã das eleições. Uma tal decisão

seria normalmente imprudente. Contudo,

377

no seu caso, revelou-se brilhante. De facto, dessa forma não teve que responder a perguntas

incómodas durante o período pré-eleitoral; por outro lado, dava a impressão de que, tendo

verificado a pouca qualidade dos candidatos a tribunos, ficara tão exasperado que decidira

apresentar-se às eleições unicamente para melhorar o nível destas. Os candidatos menos maus eram

Séstio, Saufeio e Minício - nenhum deles nobre, nenhum deles susceptível de causar o mínimo

entusiasmo entre os eleitores. Para além de Druso, havia mais vinte e dois candidatos.

Foi uma eleição tranquila. A afluência dos eleitores foi fraca: apareceram cerca de dois mil

votantes, o que constituía uma percentagem mínima. Como à volta da fonte dos *Comitia* era

possível reunir o dobro desses eleitores, não houve qualquer necessidade de recorrer a outro recinto, como o Cicrco Flamínio. O

Presidente do Colégio de Tribunos da Plebe cessante deu início à

votação, pedindo aos eleitores que se repartissem pelas respectivas tribos; o cônsul Marco Perperna,

um plebeu, que era o escrutinador, seguia com um ar grave os trabalhos. Como a afluência era

fraca, os escravos públicos que seguravam as cordas separando as diversas tribos não precisavam de

mandar ninguém esperar fora do recinto dos *Comitia.*

Dado que se tratava de uma eleição, as trinta e cinco tribos depuseram os seus votos

simultaneamente, e não por ordem, como acontecia na votação de uma lei ou na apreciação de um

veredicto num julgamento. Os cestos em que eram depositadas as tábuas de cera com os votos

encontravam-se numa plataforma provisória sob a tribuna; esta era ocupada pelos tribunos

cessantes, pelos candidatos e pelo cônsul escrutinador.

A plataforma provisória, feita em madeira, fazia uma curva que encobria a zona mais baixa junto à

fonte dos *Comitia.* Trinta e cinco estreitas passagens erguiam-se íngremes desde a fonte até ao local onde se encontravam os cestos, cerca de dois metros mais altos que o início das passagens; as

cordas dividindo as tribos estendiam-se fazendo cunhas, ao longo do chão e subindo as bancadas da

fonte, no lado oposto à tribuna. Cada votante chegava à sua passagem, recebia a tábua de cera das

mãos de um dos *custodes,* parava para escrever o nome do candidato escolhido com o seu estilo, subia depois ao ponto mais alto da plataforma e depositava a sua tábua de cera no cesto tribal.

Cumprido o dever eleitoral, o votante percorria a bancada mais alta em torno da fonte até deixar o

recinto, de um ou do outro lado



da tribuna. Os eleitores que se tinham dado ao trabalho de pôr a toga e de comparecer àquele acto

eleitoral, só abandonavam o recinto depois de todos os votos contados; por isso, depois de terem

votado, passeavam pelo baixo Fórum, conversando, petiscando, e vigiando de perto o que se

passava no recinto dos *Comitia.*

Durante todo este processo, os tribunos cessantes permaneciam na parte de trás da tribuna e os

candidatos mais perto da frente, ao passo que o Presidente do Colégio cessante e o cônsul

escrutinador se sentavam num banco mesmo na frente da tribuna, acompanhando tudo o que se

passava na zona consagrada à votação.

Algumas tribos - e em particular as quatro tribos urbanas - possuíam várias centenas de votantes, ao

passo que outras tinham muito poucos: as tribos rurais mais distantes de Roma não passavam da

dúzia ou das duas dúzias. No entanto, cada tribo tinha apenas um voto para lançar no cesto, e esse

voto era o da maioria dos seus membros; este facto, obviamente, dava às tribos rurais uma

importância exagerada.

Como os cestos só continham cerca de cem tábuas de cera, eram retirados para contagem logo que

estavam cheios, sendo imediatamente substituídos por cestos vazios. A contagem era controlada

integralmente pelo cônsul escrutinador; era realizada por trinta e cinco *custodes* e respectivos assistentes, numa mesa enorme, colocada na bancada superior, mesmo debaixo do olhar do cônsul

escrutinador.

Quando todos os trabalhos terminaram, duas horas antes do pôr do Sol, o cônsul escrutinador leu os

resultados na presença dos votantes que ainda permaneciam no local. Além disso, o cônsul

escrutinador autorizava a publicação dos resultados numa folha de pergaminho que seria afixada

numa parede do Fórum.

Marco Lívio Druso era o novo Presidente do Colégio: as trinta e cinco tribos tinham todas votado

nele, o que era um fenómeno invulgar. Minício, Séstio e Saufeio tinham também sido eleitos, e mais

seis candidatos, tão pouco conhecidos e tão desprovidos de tudo que, momentos depois, já ninguém

se lembrava deles - aliás, nunca mais ninguém falou deles, pois nada fizeram durante o ano em que

foram tribunos da plebe, ano que começou a 10 de Dezembro, cerca de trinta dias depois da eleição.

Como seria de esperar, Druso ficou contente por não ter no Colégio nenhum adversário importante.

O Colégio dos Tribunos da Plebe encontrava-se instalado na Basílica Pórcia, no primeiro piso, na

extremidade mais próxima da sala de



reuniões do Senado. Consistia este quartel-general de uma vasta sala, umas quantas mesas e

cadeiras de desarmar sem costas, e um número impressionante de pilares; sendo a mais velha das

basílicas, a Basílica Pórcia era também a que revelava uma construção mais defeituosa. Nos dias em

que não havia assembleias, os tribunos da plebe reuniam-se na Basílica Pórcia a fim de escutarem

aqueles que pretendiam apresentar-lhes problemas, queixas, sugestões.

Druso desejava ardentemente entregar-se às suas novas funções e não pensava noutra coisa senão

no seu discurso inaugural no Senado. Podia contar com a oposição dos magistrados mais velhos do

Senado, já que Filipe fora eleito cônsul júnior ao lado de Sexto Júlio César o primeiro Júlio César a sentar-se na cadeira de cônsul em quatrocentos anos. Cepião fora eleito pretor, embora nesse ano os

pretores fossem oito, em vez dos seis habituais; por vezes, o Senado considerava que seis pretores

não chegavam e recomendava a eleição de oito. Fora isso o que sucedera naquele ano.

Era intenção de Druso começar a legislar antes de qualquer dos outros tribunos da plebe. Porém,

quando o novo Colégio foi empossado, o campónio que dava pelo nome de Minício, mal as

cerimónias terminaram, anunciou, numa vozinha estridente, que convocava uma primeira *contio*

para discutir uma lei urgente. No passado, gritou Minício, concedia-se o estatuto do pai aos filhos

de um casamento entre um cidadão romano e uma não-cidadã. Demasiado fácil!, exclamou Minício.

Demasiados romanos híbridos!, gritou Minício. Para acabar com esta indesejável brecha na cidadela

romana, Minício anunciou a promulgação de uma nova lei, proibindo a cidadania romana a todos os

*filhos* de um casamento misto, mesmo no caso de o pai ser cidadão romano.

Esta *lex Minicia de liberis* constituiu para Druso uma triste surpresa, pois foi saudada nos *Comitia* com gritos de aprovação: não havia dúvida que a grande massa dos eleitores tribais continuava a

sentir que a cidadania romana não podia de forma nenhuma cair nas mãos de todos aqueles que

eram considerados inferiores - ou seja, do resto da humanidade.

Como seria de esperar, Cepião aprovou a lei, ainda que, no seu íntimo, desejasse que ela nunca

tivesse sido proposta; de facto, Cepião era há pouco tempo amigo de um novo senador, um cliente

de Aenobarbo Pontifex Maximus que o próprio Cepião, durante o seu mandato como censor, fizera

entrar para o Senado. Muito rico - em grande parte à



custa dos seus irmãos Hispânicos -, este amigo de Cepião tinha um nome imponente: Quinto Vário

Severo Hybrida Sucronensis.

Compreensivelmente, preferiam que o tratassem apenas por Quinto Vário; o apelido de Severo,

ganhara-o devido mais à crueldade do que à severidade do seu temperamento; o Hybrida era a prova

provada de que um dos seus progenitores não era cidadão romano, e o Sucronensis indicava que

tinha nascido na cidade de Sucrão, na Hispânia Tarraconense. Tendo de romano muito pouco, mais

estrangeiro do que qualquer homem nascido em Itália, Quinto Vário estava decidido a tornar-se um

dos mais importantes homens de Roma. Como haveria de conquistar tal posição, pouco lhe

interessava. O que lhe interessava era chegar lá.

Apresentado a Cepião, Vário colou-se a ele como lapa à rocha. Exímio na lisonja, incansável nos

pequenos favores e atenções, Vário teve, junto de Cepião, mais êxito do que alguma vez poderia

esperar, e a razão era simples: embora não o soubesse, Vário elevava assim Cepião ao nível em que

Cepião costumava pôr Druso nos velhos tempos.

Nem todos os amigos de Cepião gostaram de Quinto Vário. No entanto, Lúcio Márcio Filipe

recebeu-o de braços abertos, já que Vário estava sempre disposto a ajudar financeiramente um

aspirante a cônsul pouco feliz, e depressa prescindia do pagamento da dívida. Quinto Cecílio

Metelo Pio, o Bacorinho, detestou Vário desde o instante em que o viu.

- Quinto Servílio, como é que tu consegues suportar criatura tão desprezível? - perguntou-lhe certo

dia o Bacorinho, sem gaguejar. Uma coisa te digo: se Vário tivesse estado em Roma na altura em

que o meu pai morreu, teria acreditado no físico Apolodoro e num instante saberia quem envenenou

o grande Metelo Numídico!

Disse mais tarde o Bacorinho a Aenobarbo Pontifex Maximus:

- Porque é que os teus principais clientes mais não são que um monte de merda? Francamente, é

isso mesmo que eles são! Com os plebeus Servílios da família Augure e este que dá pelo nome de

Vário, vais ficar conhecido como o patrono dos proxenetas, da escória, do lixo, enfim, da mais

desprezível bicharia!

Hybrida significa bastardo *(N. do T.)*



Um comentário que deixou Aenobarbo Pontifex Maximus de boca aberta, incapaz de responder

fosse o que fosse.

Nem todos os olhos viam Quinto Vário tão claramente como os do Bacorinho; os crédulos e pouco

informados ficariam encantados com ele. Em primeiro lugar, porque era um homem extremamente

bem-parecido, de uma forma muito masculina - alto, bem constituído, moreno o suficiente, de olhos

muito vivos e traços agradáveis. Era também bem-falante, ainda que apenas ao nível da mera

conversação. A sua oratória deixava muito a desejar e seria sempre afectada pelo seu acento

hispânico muito pronunciado; no entanto, seguindo os conselhos de Cepião, Vário procurava

afincadamente melhorar as suas capacidades oratórias, bem como o seu latim. E enquanto o fazia,

corriam as mais desvairadas opiniões sobre o homem que ele realmente era.

”Vário tem uma qualidade rara: é um homem sensato”, dizia Cepião.

”Não passa de um parasita”, comentava Druso.

”É um homem extremamente generoso e encantador”, comentava Filipe.

”É falso como as cobras”, dizia o Bacorinho.

”É um cliente que merece todo o respeito”, dizia Aenobarbo Pontifex Maximus.

”Esse homem não é romano”, comentava, com o maior desdém, Escauro Princeps Senatus.

Naturalmente, esse encantador e sensato Vário, merecedor de todo o respeito, segundo Aenobarbo,

não se sentia nada bem com a nova *lex Minicia de liberis.* Com efeito, esta lei punha em causa o seu estatuto de cidadão. Infelizmente, só agora se apercebia da estupidez de Cepião; nada do que

pudesse dizer chegava para convencer Cepião a retirar o seu apoio à lei de Minício.

- Não te preocupes com a lei, Quinto Vário - dizia-lhe Cepião.

- Não é retroactiva.

Druso era quem mais inquieto estava com a nova lei, ainda que ninguém em Roma se apercebesse

disso. A *lex Micinia de liberis* constituía uma indicação clara de que, pelo menos dentro dos limites de Roma, havia um sentimento muito forte contra o alargamento do estatuto de cidadão.

- Terei de reorganizar o meu programa legislativo - disse ele a Silão durante uma das visitas deste,

pouco antes do final desse ano.

- O sufrágio universal terá de ser adiado para o fim do meu tribunato.



Era minha intenção começar precisamente com o sufrágio universal, mas vejo agora que é

absolutamente impossível.

- Nunca conseguirás, Marco Lívio - retorquiu Silão, abanando a cabeça. - Eles não te deixarão.

- Conseguirei porque eles deixarão - replicou Druso, mais determinado do que nunca.

- Bom, Marco Lívio, posso oferecer-te algum consolo no meio de tanta tristeza - disse Silão, com

um sorriso de todo o tamanho. Falei com os outros dirigentes italianos e todos eles afinam pelo meu

diapasão. Todos nós achamos que, se conseguires dar-nos a cidadania, merecerás que todos os

Italianos sejam teus clientes. Redigimos um juramento que será aprovado em todas as nações

italianas até ao final do próximo Verão. Por isso, talvez seja bom não começares o teu tribunato

com a lei do sufrágio universal.

Druso sentiu o sangue subir-lhe ao rosto. Custava-lhe a crer que teria, não apenas um exército de

clientes, mas nações de clientes!

Com entusiasmo, Druso avançou com o seu programa de leis, promulgando em primeiro lugar a

medida que tinha por objectivo a partilha dos principais tribunais pelo Senado e pela *Ordo*

*Equester.* Seguiu-se-lhe um decreto que previa o alargamento do Senado. O seu primeiro público, contudo, não foi a Assembleia da Plebe; de facto, Druso apresentou as suas medidas no Senado,

pedindo que este o autorizasse a levá-las à Assembleia da Plebe para ratificação, acompanhadas da

aprovação senatorial.

- Não sou um demagogo - disse ele para os senadores que, em silêncio, o escutavam na Cúria

Hostília. - Em mim, podem ver o tribuno da plebe do futuro: um homem com a idade e a

experiência suficientes para reconhecer que a tradição é o caminho certo, um homem que defenderá

com todas as suas forças a *auctoritas* do Senado. Nada do que eu possa fazer nos *Comitia* apanhará de surpresa os membros desta Casa, porque passarei primeiro por aqui, solicitando a vossa

aprovação. Nada do que vos pedir será indigno de vós, nada do que pedir a mim próprio será

indigno de mim. Porque eu sou o filho de um tribuno da plebe que sentia em relação aos seus

deveres o mesmo que eu sinto, porque eu sou o filho de um homem que foi cônsul e também

censor, porque eu sou o filho de um homem que derrotou os Escordiscos na Macedónia tão

claramente que o seu feito foi merecedor de um triunfo. Sou descendente de Emílio Paulo, de

Cipião, o Africano, de Lívio



Salinator. Tem o meu nome uma idade provecta. E tenho eu idade bastante para desempenhar

cabalmente este cargo que agora assumi.

”Aqui, membros do Senado, neste edifício, nesta assembleia de nomes tão antigos e gloriosos,

encontramos as raízes da lei romana, do governo romano, da administração romana. Será pois para

esta assembleia, neste edifício, que falarei primeiro, esperando que todos possuam a sabedoria e a

presciência suficientes para verem que tudo o que proponho é lógico, justificado, necessário.

No final do discurso, o Senado aplaudiu com uma gratidão que só podia ser sentida por homens que

tinham testemunhado com os seus próprios olhos as acções do tribuno Saturnino. Sim, Druso era

um tribuno da plebe completamente diferente - primeiro que tudo, era um senador, e só depois um

servidor da plebe.

Os cônsules eram ainda os cessantes, ambos absolutamente liberais em ideias e ideais; quanto aos

pretores cessantes, eram também homens independentes. Por isso, Druso conseguiu que o Senado

apoiasse as suas duas leis com muito pouca oposição. Apesar de os novos cônsules não serem tão

prometedores como os anteriores, Sexto César apoiou as medidas, e Filipe rendeu-se aos

argumentos de Druso; só Cepião se opôs; ninguém lhe ligou, porém, pois toda a gente sabia o que

ele sentia em relação ao seu antigo cunhado. A Assembleia da Plebe - na qual os cavaleiros tinham

muita força - era onde Druso esperava encontrar oposição. Enganou-se: poucas foram as vozes

discordantes. Talvez - pensou - porque apresentara as duas leis na mesma *confio,* levando alguns cavaleiros a detectar o engodo que a sua segunda lei prometia. A possibilidade de virem a sentar-se

no Senado constituía um estímulo poderoso. Além disso, a lei que previa a partilha dos júris dos

tribunais parecia-lhes perfeitamente justa, já que o homem a mais - o quinquagésimo primeiro

jurado - seria um cavaleiro, em troca do que o presidente do tribunal seria um senador. A honra dos

cavaleiros não sofria qualquer beliscadura.

O grande objectivo de Druso era a concórdia entre as duas ordens, senadores e cavaleiros - um

apelo a ambas as partes para que apoiassem uma mudança. Ao mesmo tempo, Druso lamentava as

acções de Caio Semprónio Graco tendo em vista uma separação artificial entre as ordens.

- Foi Caio Graco quem primeiro separou as duas ordens. Trata-se, na melhor das hipóteses, de um

tipo artificial de distinção social. Porque,



de facto, o que é um membro não-senatorial de uma família senatorial, mesmo agora, senão um

cavaleiro? Se possui a categoria de cavaleiro, é inscrito no censo como um cavaleiro. Simplesmente

porque há já demasiados membros da sua família no Senado. Os cavaleiros e os senadores

pertencem ambos à Primeira Classe! Uma família pode ter muitos membros de ambas as ordens. No

entanto, graças a Caio Graco, temos de suportar uma separação *artificial.* A diferenciação, a separação, está nas mãos dos censores. Logo que um homem entra para o Senado, deixa de poder

participar em transacções comerciais que não envolvam bens fundiários. E isso sempre foi assim,

disse Druso na Assembleia da Plebe, ainda que contando com a presença da maior parte dos

senadores.

”É natural que não admiremos homens como Caio Graco ou que não aprovemos as suas acções -

prosseguiu. - ”Mas não há nada de errado no facto de eu retirar, de entre o muito que ele fez de mal, aquilo que é digno de admiração e aprovação! Foi Caio Graco quem primeiro sugeriu o alargamento

do Senado. Contudo, por causa da atmosfera que prevalecia na altura - a oposição do meu pai - e

das partes menos recomendáveis do projecto de Graco, nada aconteceu. Retomo agora essa

sugestão, pois, embora seja filho de quem se lhe opôs, considero que *no nosso tempo* uma tal

medida seria extremamente útil e benéfica! Roma está a crescer. Crescem também os devedores

públicos exigidos a todos os homens que se envolvem na vida pública. No entanto, as águas onde

vamos buscar os nossos homens públicos encontram-se estagnadas, doentes. Falta-lhes uma torrente

de água nova. Tanto o Senado como a *Ordo Equester* precisam de águas novas. As minhas medidas têm por objectivo ajudar ambas as partes, os homens que pescamos em ambas as águas."

As leis foram aprovadas em meados de Janeiro do novo ano, apesar de Filipe ser já o cônsul júnior e

Cepião um dos pretores sediados em Roma. E Druso pôde encostar-se na sua cadeira com um

suspiro de alívio. Estava bem lançado. Até esse momento não tinha suscitado a inimizade de quem

quer que fosse! As coisas estavam a correr melhor do que alguma vez esperara. Que traria o futuro?

Continuaria tudo a correr tão bem como até aí?

No início de Março, Druso falou no Senado acerca da *ager publicus,* consciente de que a sua

máscara poderia cair, de que alguns dos senadores ultraconservadores perceberiam que aquele filho

de um

ultraconservador poderia tornar-se muito perigoso. Mas Druso tinha confiado em Escauro Princeps

Senatus, em Crasso Orador, e em Cévola, e conseguira o apoio deles para os seus argumentos. E se

conseguira esse apoio, então é porque tinha hipóteses de convencer todo o Senado. Levantou-se

para falar com um porte e uma expressão diferentes, sinal de que algo de especial ia acontecer.

Nunca Druso parecera tão retraído, tão grave, tão imaculado em modos e aparência.

- Há um demónio entre nós - disse Druso, falando do centro da sala, junto das grandes portas de

bronze que, a seu pedido, tinham sido fechadas. Fez uma pausa, percorrendo lentamente com o

olhar todo o Senado, usanto o seu talento de levar cada um dos seus ouvintes a acreditar que estava

a olhar e a falar unicamente para ele.

- Há um demónio entre nós. Um demónio terrível. Um demónio que nós próprios criámos! Sim, de

facto fomos nós que o criámos! Pensando, como tantas vezes sucede, que aquilo que estávamos a

fazer era admirável, positivo, correcto. Porque tenho consciência disso, porque pelos nossos

antepassados só posso sentir respeito, não critico aqueles que criaram esse demónio, não censuro,

seja de que maneira for, aqueles que, em tempos longínquos, frequentaram este augusto edifício.

”Mas que demónio é este que vive no nosso seio? perguntou retoricamente Druso, as sobrancelhas

erguidas mesmo durante a breve pausa. - É a *ager publicus,* ilustres membros deste Senado. A *ager publicas.* Esse é o demónio que entre nós vive. Sim, é de facto um demónio! Tirámos as melhores terras aos nossos inimigos, italianos, sicilianos e estrangeiros, e a essas terras passámos a chamar a *ager publicus* de Roma. Convencidos de que estávamos a aumentar a riqueza de Roma, de que

colheríamos os benefícios de tanta terra boa, de tanta abundância conquistada ao inimigo. Mas as

coisas não correram bem assim... Em vez de mantermos a terra confiscada como a encontrámos, ou

seja, dividida em pequenas parcelas, aumentámos a extensão dos lotes que arrendámos - e isto

porque pretendíamos diminuir a carga de trabalho imposta aos nossos funcionários públicos e

porque queríamos impedir que a administração romana se transformasse numa burocracia grega.

Desta forma, porém, tornámos a nossa *ager publicus* muito pouco atractiva para os agricultores que a tinham cultivado, assustámo-los com a extensão dos lotes imposta, e, devido aos elevados

alugueres, liquidámos todas as esperanças de que eles continuassem a

explorá-la. A *ager publicus* transformou-se num exclusivo dos ricos, num exclusivo daqueles que podem pagar o aluguer e explorar grandes propriedades. Tais terras, noutros tempos, contribuíram

fortemente para a alimentação de toda a Itália. Agora, produzem apenas o mínimo. Noutros tempos,

eram bem tratadas e cultivadas. Agora, são desmedidas extensões, escassamente cultivadas,

frequentemente desprezadas."

Os rostos para que Druso olhou naquele momento estavam imóveis; teve a sensação de que o seu

coração abrandava e lutava por recuperar o ritmo normal; a sua respiração, sentia-o claramente,

tornava-se mais difícil; tinha de fazer um esforço para manter a expressão calma, o tom grave.

Ninguém o tinha interrompido até então. Ainda não estavam fartos dele. Tinha pois de continuar

como se nada tivesse mudado, tanto nele como naqueles que o ouviam.

- Mas isso, ilustres Senadores, foi apenas um primeiro passo para a criação desse ente demoníaco

que vive entre nós. Foi isso o que Tibério Graco viu quando visitou os *latifúndios* da Etrúria e verificou que o trabalho era feito por escravos estrangeiros e não pelos homens bons de Itália e de

Roma. Foi isso também o que Caio Graco viu quando, dez anos depois, prosseguiu o trabalho do

irmão, entretanto falecido. O que eles viram, também eu vejo. Mas eu não sou um Semprónio

Graco. Não considero as razões invocadas pelos irmãos Graco como suficientemente graves para

perturbarem a *mós maiorum,* os nossos costumes e tradições. Nos tempos dos irmãos Graco, eu teria estado ao lado do meu pai.

Fez nesse momento uma pausa para passear uma vez mais o seu olhar pelos senadores, um olhar

brilhava de absoluta sinceridade.

- Sim, ilustres Senadores, nos tempos de Tibério Graco, nos tempos de Caio Graco, eu teria, sem a

mínima dúvida, apoiado o meu pai. Ele tinha razão. Mas os tempos mudaram. Com efeito,

desenvolveram-se entretanto outros factores que alimentaram esse demónio nascido com a *ager*

*publicus.* Em primeiro lugar, devo referir as perturbações na nossa Província da Ásia; perturbações que começaram com Caio Graco, quando legislou no sentido de que os impostos pagos nessa região

fossem cobrados por companhias privadas. Isso já sucedia há bastante tempo com os impostos de

Itália, mas estes nunca foram tão significativos como os pagos pela Província da Ásia. Em

consequência deste apagamento das responsabilidades senatoriais e do papel cada vez mais forte

desempenhado na administração pública por facções várias da *Ordo*

*Equester,* um governo exemplar da Província da Ásia foi alvo de pressões e violentamente atacado. Até que, no julgamento do nosso muito estimado ex-cônsul Públio Rutílio Rufo, essas mesmas facções nos deram a entender que seria melhor que nós, os membros do Senado de Roma!, não os importunássemos mais. Pois

bem: eu comecei por recusar esse tipo de intimidação, fazendo com que a *Ordo Equester* e o Senado partilhassem o controlo dos tribunais. Por outro lado, encontrei um paliativo para os danos de que se queixavam os cavaleiros, alargando precisamente o Senado. No entanto, o demónio de que vos falei

permanece entre nós. Alguns dos rostos já não estavam propriamente imóveis; a referência ao tio, Públio Rutílio Rufo, fora um bom trunfo, tal como a referência à administração exemplar de Quinto Múcio Cévola na Província da Ásia.

- A esse demónio, ilustres Senadores, outro se juntou. Quantos de vós saberão que novo ente maligno é este?

Muito poucos, julgo eu. Estou a referir-me a um demónio criado por Caio Mário - embora conceda que esse eminente cônsul, que o foi por seis vezes, não o criou conscientemente. Pois esse é precisamente o problema!

Quando entre nós um demónio é lançado, ele não o é, bem pelo contrário! É, muito simplesmente, o resultado de uma mudança, da necessidade, de equilíbrios mutáveis no seio dos nossos sistemas de governo e dos

nossos exércitos. Nós estávamos sem soldados. E porquê? Entre as muitas razões, uma há que não pode ser separada do problema da *ager publicas.* Com efeito, a criação da *ager publicus* acabou com os pequenos agricultores. Estes, como seria de esperar, deixaram de ter tantos filhos como era costume e, por isso, deixaram de abastecer o

exército em homens como até então. Caio Mário não podia ter feito outra coisa: integrou no exército os *capite censi.* Foi buscar soldados às massas proletárias, que não tinham dinheiro para comprar o seu equipamento de soldados, que não provinham de famílias proprietárias de terras, que, na realidade, não tinham nas suas bolsas mais do que ar.

Druso prosseguiu numa voz mais baixa: todos os pescoços se esticaram, todos os ouvidos se esforçaram por ouvi-lo claramente.

- Pouco lucro nos traz o exército. Os despojos da guerra com os Germanos foram risíveis. Caio Mário e os seus sucessores, incluindo os seus lugares-tenentes, tinham ensinado os proletários a combater, a distinguir as duas pontas de uma espada, a sentir que, como Romanos, eram homens valorosos e dignos. E acontece que, neste particular, eu



concordo com Caio Mário! Não podemos agora pegar neles e atirá-los para as suas miseráveis

ruelas urbanas, para as suas miseráveis cabanas rurais. Fazer isso equivaleria a criar um novo tipo

de demónio, uma massa de homens bem treinados com as bolsas vazias, completamente

desocupados, e cada vez mais furiosos com o tratamento que os homens da nossa classe lhes

reservariam. A resposta de Caio Mário, lançada quando ele estava ainda em África, lutando contra o

rei Jugurta, consistiu em instalar esses veteranos do exército sem meios em terra pública

*estrangeira.* O pretor urbano do ano transacto, Caio Júlio César, pôs em prática tal medida nas ilhas de Sirte: foi demorado o seu trabalho, e digno de louvor. A minha opinião - e exorto-vos, membros

desta Casa, a considerar aquilo que digo muito simplesmente como uma salvaguarda para o *nosso*

futuro! -, a minha opinião é que Caio Mário tinha razão, e que devemos continuar a instalar os

veteranos proletários na *ager publicus* estrangeira.

Desde que iniciara o seu discurso, Druso permanecera sempre no mesmo sítio. E assim continuou.

Havia aqueles que, mal ouviram o nome de Caio Mário, puseram um ar irado, mas Mário

permaneceu sentado na sua cadeira, com exemplar dignidade e uma expressão impassível. Na fila

do meio, no lado oposto à posição central de Mário, encontrava-se o ex-pretor Lúcio Cornélio Sila,

regressado da Cilícia, e muito interessado no discurso de Druso.

- Nada disto, porém, tem a ver com o demónio entre todos mais terrível e premente: a *ager publicus* da Itália e da Sicília. Algo tem de ser feito! Porque enquanto este ente maligno permanecer entre

nós, a nossa moral, a nossa ética, a nossa integridade, a própria *mós maiorum,* sofrerão, e muito.

Actualmente, a *ager publicus* italiana pertence àqueles que, entre nós e entre os cavaleiros da Primeira Classe, estão interessados na exploração dos *latifundia.* A *ager publicus* da Sicília pertence a

alguns latifundiários do trigo que, na sua maior parte, vivem em Roma e deixam as suas

terras sicilianas ao cuidado dos capatazes e dos escravos. Crêem que esta é uma situação estável?

Então meditem nisto! Desde que Tibério e Caio Semprónio Graco lançaram a ideia, a *ager publicus*

da Itália e da Sicília corre o risco de ser cortada em fatias e arrebatada por muitas mãos, e por

motivos que poderão ser os mais diversos. Serão os generais do futuro homens honrados? Limitar-

se-ão, como Caio Mário, a instalar os seus veteranos em terras públicas, ou aliciá-los-ão com

promessas de terra italiana? Os tribunos



da plebe do futuro serão homens honrados? Não surgirá outro Saturnino, aliciando os pobres com promessas de terras na Etrúria, na Campânia, na Úmbria, na Sicília? E os plutocratas do futuro, serão homens honrados?

E se as suas terras crescerem ainda mais? E se chegarmos a um ponto em que apenas um, ou dois, ou três homens, sejam proprietários de metade da Itália, ou de metade da Sicília? De facto, de que vale dizermos que a *ager publicas* é propriedade do Estado, se o Estado a arrenda, e se os homens que dirigem o Estado podem, com as suas leis, fazer o que muito bem entendem com essa terra?

Druso respirou fundo, afastou muito as pernas, e avançou no seu discurso.

- *Libertem-se das amarras da terra, é o* que eu proponho! Acabemos com as terras pretensamente públicas da Itália e da Sicília! Tenhamos a coragem para fazer aquilo que deve ser feito: dividir as terras públicas e distribuí-las pelos pobres, pelos necessitados, pelos soldados veteranos, por todos os que se proponham cultivá-las! Comecemos pelos mais ricos e mais aristocratas de entre nós: proponho-lhes que dêem a cada um dos homens aqui presentes os dez *iugera* de *ager publicus* que deveriam ser seus, que dêem a cada cidadão romano os seus escassos dez *iugera.* Para alguns de nós, essa porção de terra não terá valor algum. Para outros, porém, será o bem mais precioso. Repartam a terra, é o que vos proponho! Repartam todo o cereal!

Não deixem nada que os homens desonestos do futuro possam usar para nos destruir a nós, à nossa classe, à nossa riqueza e poder. A esses esbanjadores, devemos apenas deixar *caelum aut caenum!* Jurei que o havia de fazer, e fá-lo-ei, ilustres Senadores! Da *ager publicus* romana, só ficará o lodo que cobre os pântanos que para nada prestam! Não porque eu esteja especialmente preocupado com a sorte dos nossos veteranos proletários!

Não porque eu inveje os senadores e os cavaleiros que dispõem dessas terras! Mas apenas porque as terras públicas de Roma constituem um perigo, uma ameaça de desastre! Porque pode aparecer um general que com elas recompense as suas tropas. Porque pode aparecer um tribuno da plebe demagógico para quem a *ager publicus* não passe de um meio para se tornar o Primeiro Homem de

Nota: Medida agrária correspondente à porção de terra lavrada por uma junta de bois durante um dia. *(N.do T.)* Céu e lodo. *(N.do T.)*



Roma. Porque podem aparecer dois ou três plutocratas para quem a *ager publicus* seja muito

simplesmente um meio para conseguirem a posse de toda a Itália ou da Sicília!

Druso não tinha dúvida de que as suas palavras tinham sido atentamente escutadas e eram agora

motivo de reflexão; Filipe nada disse, e quando Cepião pediu para falar, Sexto César recusou,

afirmando apenas que já muita coisa tinha sido dita e que, por isso, a sessão prosseguiria no dia

seguinte.

- Saíste-te muito bem, Marco Lívio - disse-lhe Mário ao passar por ele a caminho da saída. -

Prossegue o teu programa com este espírito e pode ser que te tornes o primeiro tribuno da plebe de

toda a história de Roma a conquistar o Senado.

Porém, para grande surpresa de Druso, que mal o conhecia, foi Lúcio Cornélio Sila quem mais o

assediou.

- Acabo de regressar do Oriente, Marco Lívio, e quero saber tudo o que se tem passado. Quero

conhecer as duas leis que já promulgaste, e tudo o que pensas acerca da *ager publicus* - disse o estranho homem, agora com um rosto mais curtido pelo sol.

Sila estava de facto interessado nas opiniões de Druso, já que era um dos poucos membros do

Senado suficientemente inteligente para perceber que Druso não era um radical, nem um verdadeiro

reformador, mas sim um indivíduo profundamente conservador, preocupado basicamente em

defender os direitos e privilégios da sua classe, em manter Roma como Roma sempre tinha sido.

Pararam junto à fonte dos *Comitia,* onde se abrigaram da noite invernosa. Aí, pôde Sila conhecer e absorver todas as opiniões de Druso. De quando em quando fazia uma pergunta, mas a maior parte

do tempo foi Druso quem falou, grato pelo facto de pelo menos um patrício Cornélio estar disposto

a escutar afirmações que, para a maior parte dos patrícios Cornélios, mais não eram que traição. No

final da conversa, Sila cumprimentou-o, sorridente, e agradeceu sinceramente a Druso.

- Votarei a teu favor no Senado, já que na Assembleia da Plebe não poderei votar - disse Sila.

Seguiram juntos na direcção do Palatino, mas nenhum deles sugeriu que continuassem a conversa

em casa, à secretária do escritório de um deles, celebrando com um jarro cheio de vinho; não havia

entre eles o afecto ou a estima capazes de conduzirem a um tal convite. Quando

Druso chegou a casa, Sila despediu-se dele com uma carinhosa palmada nas costas e desceu de imediato a colina de Clivus Victoriae, a caminho de casa. Estava ansioso por falar com o filho, cujos conselhos

valorizava cada vez mais, ainda que não houvesse neles qualquer vestígio da sabedoria que só a maturidade proporciona. O jovem Sila era, para o pai, uma caixa de ressonância fiel. Para quem tinha poucos clientes e escassas hipóteses de vir a ter muitos, o jovem Sila era um tesouro de valor incalculável.

Mas em casa esperavam-no más notícias. O filho, disse-lhe Élia, estava de cama com uma forte constipação.

Havia um cliente que insistira em esperar por ele, afirmando ser portador de notícias urgentes. A doença do filho, porém, fez com que Sila se esquecesse da presença do cliente; correu, não para o escritório, mas para a confortável sala de estar onde Élia instalara o filho, pois o quarto dele, em sua opinião, era pouco arejado e não recebia muita luz. O doente tinha febre, dor de garganta, e fungava constantemente. Água corria também dos olhos que fitavam, com adoração, o pai. Sila acalmou-se, beijou o filho, confortou-o dizendo-lhe:

- Se tratares da maleita, tens para dois mercados; se não tratares, em dezasseis dias estarás curado. Deixa que Élia cuide de ti. Acho que é o melhor que tens a fazer.

Seguiu depois para o escritório, irritado com a ideia de que tinha alguém à sua espera; os seus clientes não costumavam preocupar-se tanto com ele, o que não admirava, pois a generosidade não era o seu forte. A maior parte dos seus clientes eram soldados e centuriões, ou agricultores pobres, a quem ajudara e que lhe tinham pedido que os aceitasse como seus clientes. E muito poucos eram os que viviam na cidade de Roma.

O ”cliente” era Metróbio. Deveria ter percebido que só poderia ser Metróbio, mas a verdade é que nunca tal lhe passara pela cabeça: sinal de que tinha conseguido esquecê-lo por completo. Que idade tinha agora?

Pouco mais de trinta, talvez trinta e dois ou trinta e três. Que era feito do tempo em que tinham sido amantes?

Caíra no poço fundo do esquecimento. Mas Metróbio era sempre Metróbio, e o beijo que deu a Sila não dizia outra coisa senão que continuava a ser seu, inteiramente seu. Algo, porém, fez estremecer Sila: da última vez que Metróbio o visitara, Julilla tinha morrido. Metróbio não trazia sorte, ainda que considerasse o amor um substituto para a sorte. Para Sila,



o amor não era substituto para coisa nenhuma. Afastou-se resolutamente de Metróbio e foi sentar-se

à secretária.

- Não devias ter vindo - limitou-se a dizer Sila.

Metróbio suspirou, sentou-se graciosamente na cadeira de cliente, e pôs os braços cruzados sobre a

secretária, fitando Sila com os seus belos olhos tristes.

- Eu sei que não devia ter vindo, Lúcio Cornélio, mas acontece que eu *sou* teu cliente! Conseguiste para mim a cidadania, sem que eu tivesse o estatuto de liberto. Sou, legitimamente, Lúcio Cornélio

Metróbio, da tribo Cornélia. Imagino que o chefe dos teus criados ficará preocupado com a raridade

das minhas visitas: se sou teu cliente, deveria aparecer mais. A sério, Lúcio Cornélio, nada faço ou

digo que possa pôr em perigo a tua preciosa reputação! Nunca falei o teu nome aos meus amigos e

colegas do teatro, aos meus amantes, aos teus criados. Por favor, confia em mim, pois não há razão

alguma para que desconfies!

Os olhos de Sila encheram-se de lágrimas que rapidamente controlou.

- Eu sei, Metróbio. E agradeço-te. - Com um suspiro, levantou-se para ir buscar vinho. - Um pouco

de vinho?

- Obrigado.

Sila colocou o copo de prata na secretária, depois deixou que os seus braços caíssem sobre os

ombros de Metróbio, e encostou o queixo ao espesso cabelo negro do antigo amante. Porém, mal

Metróbio ergueu as mãos para apertar os braços de Sila, este desviou-se e foi sentarse de novo na

sua cadeira.

- Que assunto urgente te traz cá? - perguntou.

- Conheces um indivíduo chamado Censorino?

- Qual Censorino? O jovem e perverso Caio Mário Censorino, ou o Censorino que costuma

frequentar o Fórum e que, apesar de não ter um sestércio, aspira a ser senador?

- O segundo espécime. Nunca pensei que conhecesses tão bem os teus concidadãos romanos, Lúcio

Cornélio.

- Desde a última vez que te vi, fui pretor urbano. Fiquei a conhecer muita coisa graças a esse cargo.

- Estou a ver que sim.

- Que se passa então com esse Censorino?

- Vai processar-te por traição, alegando que recebeste uma elevada maquia dos Partos, e que em

troca traíste os interesses de Roma no Oriente.



Sila pestanejou.

- Por todos os deuses! Nunca pensei que houvesse em Roma alguém que soubesse, com tanto

pormenor, o que se passou comigo no Oriente! Pois se ninguém me encorajou sequer a descrever as

minhas aventuras no Senado... Censorino? Como pode ele saber o que se passou a leste do Eufrates,

se não sabe sequer o que se passa a leste do Fórum Romano? E como é que tu descobriste as

intenções dele, se aos meus ouvidos nada chegou?

- Censorino é doido por teatro, e o seu principal passatempo consiste em dar festas para que convida

actores e em que os actores gostam de se pavonear. Quanto mais trágico for o actor, melhor. É por

isso que vou às festas dele habitualmente - disse Metróbio, sorrindo sem vestígio algum de

admiração por Censorino. - Não, Lúcio Cornélio, Censorino *não é* meu amante! Detesto-o. Mas

adoro festas. As tuas eram as melhores, mas infelizmente acabaram. No entanto, Censorino esforça-

se por dar boas festas. Vão lá as pessoas do costume, gente que conheço bem, gente de quem gosto.

O vinho é bom e a comida não lhe fica atrás. - Metróbio fez uma pausa, franziu os lábios vermelhos

com um ar pensativo. - Porém, não deixei de reparar que, nos últimos meses, têm aparecido umas

criaturas estranhas nas festas dele. Além disso, tenho-o visto com um monóculo feito de uma única

esmeralda, de uma esmeralda pura: o tipo de jóia que ele nunca conseguiria comprar, ainda que

tenha dinheiro suficiente para o censo senatorial. Quer dizer, seria natural que um Ptolemeu do

Egipto usasse tal jóia, mas nunca um frequentador do Fórum!

Sila sorveu um pouco de vinho, e, lentamente, sorriu.

- Mas essa é uma história fascinante! Estou a ver que tenho de cultivar a amizade desse Censorino;

depois do julgamento, ou mesmo antes. Tens alguma ideia?

- Suponho que ele é agente de alguém... não sei! Talvez dos Partos, ou de outro povo oriental. Os

convidados a que me referi há pouco têm algo de oriental, disso não há dúvida. Cheios de ouro e

jóias, e sempre com dinheiro à espera de uma mão romana.

- Não, não são os Partos - retorquiu Sila sem qualquer dúvida. Os Partos não se preocupam com o

que acontece a oeste do Eufrates. E Mitridates. Ou Tigranes da Arménia. Mas inclino-me mais para

Mitridates do Ponto. Que interessante! - exclamou Sila, esfregando as mãos de contente. - Portanto,

Caio Mário e eu deixámos o rei do



Ponto francamente preocupado, não é verdade? E parece que ele está mais preocupado comigo do que com

Mário! Deve ser porque eu falei com Tigranes e concluí um tratado com os sátrapas do rei dos Partos. Muito interessante.

- Que vais fazer? - perguntou, ansioso, Metróbio.

- Oh, não te inquietes por minha causa - disse Sila animadamente, levantando-se para fechar as persianas. -

Homem prevenido vale por dois, não há dúvida. Esperarei pelo momento certo, esperarei até Censorino

avançar. E então...

- E então...? Que farás? Sila sorriu maliciosamente.

- Farei com que ele deseje não ter nascido. - Encaminhou-se para a porta do átrio, correu o ferrolho; depois, fez o mesmo à porta que dava para a colunata do peristilo. - Entretanto, o maior amor da minha vida, para além do meu filho, está aqui comigo. E se o mal está feito, então aproveitemos. Não te vou deixar sair assim sem mais nem menos.

- Nem eu sairia.

Abraçaram-se então, os queixos repousando nos ombros um do outro.

- Ainda te lembras? Já passou tanto tempo... - disse Metróbio, com um ar sonhador, os olhos cerrados, um sorriso nos lábios.

- Tu com aquela absurda saia amarela, já muito descorada entre as pernas? - Sila sorriu também, uma mão caminhando pela ondulada cabeleira, e a outra descendo voluptuosamente pelas costas de Metróbio.

- E tu trazias aquela peruca com cobrazinhas vivas.

- Bom, mas eu *era* Medusa!

- Tal e qual Medusa, sem sombra de dúvida.

- Falas demasiado - disse Sila.

Metróbio deixou-o passado mais de uma hora; ninguém na casa manifestou o mínimo interesse pela sua visita, embora Sila tivesse

dito a Élia, a sua dedicada e sempre afectuosa esposa, que lhe tinham dado a notícia de que iam processá-lo por traição.

Élia estremeceu, surpreendida.

- Oh, Lúcio Cornélio!

- Não te preocupes, minha querida - disse Sila, com um ar despreocupado. - Não vai dar em nada, prometo-te.

Élia parecia ansiosa.

395

- Sentes-te bem?

- Acredita no que te digo: há muito tempo que não me sentia tão bem, ou com tanta vontade de

fazer amor contigo - disse Sila, abraçando-a pela cintura. - Vem, vem para a cama.

Sila não precisou de fazer mais perguntas acerca de Censorino, dado que, no dia seguinte,

Censorino atacou. Apareceu no tribunal do pretor urbano, o picentino Quinto Pompeu Rufo,

propondo-se processar Lúcio Cornélio Sila por traição. Afirmava que Sila fora subornado pelos

Partos para trair Roma.

- Tens provas? - perguntou Pompeu Rufo com uma expressão grave.

- Tenho.

- E que prova é essa?

- Não o direi por ora, Quinto Pompeu. Fá-lo-ei no tribunal. Trata-se de uma acusação capital. Não

estou a pedir a aplicação de uma multa. Por outro lado, a lei não me obriga a revelar-te as provas ou outros elementos do processo - retorquiu Censorino, mexendo na esmeralda debaixo da toga. A jóia

era demasiado preciosa para ficar em casa, mas dava demasiado nas vistas para que a exibisse em

público.

- Muito bem - disse Pompeu Rufo, com o mesmo ar grave. Pedirei ao presidente do *quaestio de*

*maiestate* que reúna o seu tribunal junto ao lago Cúrcio, dentro de três dias.

Pompeu Rufo ficou a ver Censorino afastando-se na direcção do bairro de Argileto: Censorino

quase corria. Depois, chamou o seu assistente, um senador júnior da família Fânio.

- Trata-me da loja, se fazes favor. Tenho uns assuntos a tratar disse ele, levantando-se da sua

cadeira.

Pompeu Rufo localizou Lúcio Cornélio Sila numa taberna da Via Nova, uma tarefa que não se

revelou especialmente difícil; como qualquer bom pretor urbano, Rufo sabia a quem perguntar. O

companheiro de mesa de Sila era nem mais nem menos do que Escauro Princeps Senatus, um dos

poucos membros do Senado que manifestara interesse pelas proezas de Sila no Oriente. Estavam

sentados a uma pequena mesa ao fundo da taberna. Esta taberna era um local muito procurado por

personagens tão augustas como os Senadores. No entanto, nem por isso o dono deixou de arregalar

os olhos quando viu uma terceira *toga praetexta* no seu estabelecimento: o Princeps Senatus e dois pretores



urbanos, imagine-se só! O que os seus amigos não diriam quando soubessem!

- Vinho e água, Cloácio - atirou-lhe Pompeu Rufo ao passar pelo balcão. - Uma *boa* colheita, ha!

- Referes-te ao vinho ou à água? - perguntou Públio Cloácio com um ar inocente.

- Refiro-me a ambos, meu monte de lixo. Uma boa colheita, ou não tarda estás no tribunal - disse Pompeu Rufo, com um sorriso franco, enquanto se sentava à mesa de Sila e Escauro.

- Censorino - disse Sila a Pompeu Rufo.

- Acertaste à primeira - disse o pretor urbano. - Deves ter melhores fontes do que eu, porque, sinceramente, para mim foi uma surpresa completa.

- Sim, de facto tenho boas fontes - retorquiu Sila, sorridente; Sila gostava do homem de Piceno. - É traição, não é?

- É. E ele *diz* que tem provas.

- Tal e qual como os que acusaram Públio Rutílio Rufo.

- Bom, quanto a mim, vou acreditar em Censorino quando vir as ruas de Barduli pavimentadas a ouro - disse Escauro, escolhendo a cidade mais pobre de toda a Itália para a sua comparação.

- É óbvio - concordou Sila.

- Há alguma coisa que possa fazer para te ajudar? - perguntou Pompeu Rufo, pegando numa taça e enchendoa de vinho e água. Fez uma careta, olhou para o dono da taberna. - Vinho e água, não sei qual é a pior colheita! - gritou. - Verme!

- Pois experimenta encontrar melhor na Via Nova! - disse Públio Cloácio sem ressentimento, afastando-se, sem grande convicção, para um local onde não poderia ouvir o que os três homens diziam.

- Eu trato sozinho do caso - disse Sila, que não parecia perturbado.

- Marquei a audiência para daqui a três dias, junto ao lago Cúrcio. Felizmente que agora temos a *lex Lívia,* pelo que poderás contar com um júri em que metade dos jurados são senadores, o que é muito melhor do que um júri inteiramente constituído por cavaleiros. Ah, o ódio que eles têm aos senadores pelo facto de estes poderem enriquecer à custa de outras pessoas! Mas quando são eles a enriquecer não há problema, é claro -

comentou Pompeu Rufo, com uma expressão de repulsa.

- Porque é que ele acusa Sila de traição? - perguntou Escauro. Deveria acusar-te de suborno, já que só fala de suborno.



- Censorino alega que Sila aceitou o suborno em troca de traição aos nossos interesses no Oriente - respondeu o pretor urbano.

- Trouxe comigo um tratado - disse Sila a Pompeu Rufo.

- Um feito notável! Um feito notável! - comentou Escauro com entusiasmo.

- Mas será que o Senado virá algum dia a reconhecer o valor desse tratado? - perguntou Sila.

- Não tenho a mínima dúvida, Lúcio Cornélio. Dou-te a minha palavra - disse Escauro.

- Ouvi dizer que tinhas obrigado os Partos e o rei da Arménia a sentarem-se mais baixo do que tu - disse o pretor urbano, rindo satisfeito.

- Muito bem feito, Lúcio Cornélio! Esses ditadores orientais precisam que os tratem mal!

- Oh, creio que Lúcio Cornélio tenciona seguir as pisadas de Popílio Lenas - disse Escauro, sorrindo. - Da próxima, aposto que vai metê-los em círculos de onde os pobres coitados não poderão sair... Mas vamos ao que interessa. O que eu gostava de saber é como é que Censorino conseguiu obter informações sobre coisas que se passaram junto ao rio Eufrates?

Sila mexeu-se na cadeira. Uma coisa o preocupava: não sabia se Escauro continuava a pensar que Mitridates do Ponto era inofensivo.

- Julgo que Censorino é muito simplesmente um agente de um dos reis orientais.

- De Mitridates do Ponto - acrescentou Escauro imediatamente.

- Desiludido? - perguntou Sila, com um sorriso arreganhado.

- Gosto de acreditar que todas as pessoas têm um lado bom, Lúcio Cornélio. Mas não sou idiota - disse Escauro, levantando-se. Atirou

um denário para o dono da taberna que, com mãos hábeis, apanhou a moeda. -

Dá-lhes um pouco mais das tuas magníficas colheitas, Cloácio!

- Se as minhas colheitas são assim tão más, porque é que não ficam em casa a beber os vossos Quios e

Falernos? - gritou Publio Cloácio enquanto Escauro se afastava: apesar de tudo, Cloácio continuava de bom humor.

A única resposta de Escauro foi um gesto obsceno. Cloácio desatou à gargalhada.

- O tratante do velho! - disse ele, levando mais vinho para Sila e Rufo. - Que faríamos nós sem ele?



Sila e Pompeu acomodaram-se melhor nas suas cadeiras.

- Não vais hoje ao tribunal? - perguntou Sila.

- Não. Fânio ficou a substituir-me. Faz-lhe bem ter de enfrentar a populaça romana, que não é para

brincadeiras - disse Pompeu Rufo.

Lentamente e sem trocar palavra, beberam o vinho que, na realidade, e como toda a gente sabia, era

de boa qualidade. Não se sentiam constrangidos. No entanto, a presença de Escauro deixá-los-ia

mais à vontade.

Finalmente, Pompeu Rufo disse:

- Tencionas disputar o cargo de cônsul no final deste ano, Lúcio Cornélio?

- Não creio - respondeu Sila, com ar sério. - Cheguei a pensar nisso, pois acreditei que a conclusão

de um tratado com o rei dos Partos que beneficia grandemente Roma deixaria todos os Romanos

boquiabertos de admiração! Em vez disso, o vazio! O pântano do Fórum nem buliu, quanto mais o

esgoto do Senado! Se eu tivesse ficado em Roma a aprender danças eróticas, por certo falariam

mais de mim! Não sei, por isso, se tenho alguma hipótese de ser eleito. Sinto-me inclinado a pensar

que, se concorrer às eleições, estarei perdendo o meu dinheiro. Pessoas como Rutílio Lupo podem

oferecer dez vezes mais aos nossos queridos eleitores.

- Eu quero ser cônsul - disse Pompeu Rufo, também com um ar sério. - Mas duvido das minhas

hipóteses, pois sou de Piceno.

Sila abriu muito os olhos.

- Ora essa! Então não te elegeram pretor urbano? Isso tem alguma importância, não sei se sabes!

- Tu também foste eleito pretor urbano já lá vão dois anos retorquiu Pompeu Rufo. - E, no entanto,

também achas que tens poucas hipóteses. E se um patrício Cornélio que já foi pretor urbano pensa

nisso, que há-de então pensar um... um homem de Piceno?

- Sim, é verdade que sou um patrício Cornélio. Mas o meu último nome não é Cipião, e Emílio

Paulo não foi meu avô. Nunca fui um grande orador e, antes de me tornar pretor urbano, os

frequentadores do Fórum não me distinguiriam de um eunuco de Magna Mater. Pus todas as minhas

esperanças nesse tratado histórico com os Partos e no facto de ter chefiado o primeiro exército

romano que atravessou o Eufrates. E no fim de contas vim encontrar o Fórum muito mais fascinado

com as acções de Druso.

399

- *Ele será* cônsul quando decidir disputar o cargo.

- Se o opuserem a Cipião, o Africano, e Cipião Emiliano, de certeza que ganha. Mas atenção,

Quinto Pompeu, sinto-me fascinado com o que ele tem feito.

- Mas eu também, Lúcio Cornélio.

- Achas que ele tem razão?

- Acho.

- Óptimo! Eu também.

Seguiu-se um novo silêncio, interrompido apenas por Públio Cloácio que servia clientes acabados

de chegar. Estes não deixavam de lançar de vez em quando um olhar respeitoso para os homens de

toga debruada a púrpura.

- Diz-me uma coisa... - começou Pompeu Rufo, mexendo na sua taça, olhando para ela. - Que tal se

esperasses mais uns anos, e concorresses comigo? Ambos somos pretores urbanos, ambos temos

uma boa folha de serviços militar, ambos temos já alguma idade, ambos temos algum dinheiro para

distribuir... Os eleitores gostam de um par que se apresente unido, é um bom augúrio para as

relações consulares durante o ano que dura o cargo. Creio que juntos teremos mais hipóteses do que

sozinhos. Que achas, Lúcio Cornélio?

Os olhos de Sila fixaram-se no rosto corado de Pompeu Rufo, nos seus olhos azuis muito brilhantes,

nos seus traços regulares e ligeiramente celtas, no cabelo ruivo encaracolado.

- Sim, nós daríamos um par de primeira! - disse Sila. - Dois ruivos ocupando lugares opostos na

ordenação senatorial, dois ruivos de aspecto magnífico... enfim, um par perfeito! Atrairemos sem

dúvida as *mentulae* perversas, extravagantes! Gente que adora uma boa piada, e nós

proporcionaremos uma quantidade de boas piadas: dois cônsules ruivos, com a mesma altura, com o

mesmo físico, mas com origens e posições completamente diferentes! - Estendeu a mão a Pompeu

Rufo.

- Vamos em frente, meu amigo! Felizmente, nenhum de nós tem manchas grisalhas ou ameaça

calvície!

Apressando-se a manifestar a sua alegria, Pompeu Rufo apertou a mão de Sila.

- Negócio feito, Lúcio Cornélio! - exclamou, radiante.

- De acordo, Quinto Pompeu! - Sila pestanejou, lembrando-se de súbito da imensa riqueza de

Pompeu Rufo e do que isso poderia significar para ele, Sila. - Tens um filho? - perguntou.



- Tenho.

- Que idade tem?

- Faz vinte e um, este ano.

- Casamento previsto?

- Não, ainda não.

- Eu tenho uma filha. Patrícia, tanto por minha parte como por parte da mãe. Fará dezoito anos no mês de Junho após a nossa disputa do

consulado. Concordarias com o casamento entre a minha filha e o teu filho dentro de três anos, no mês de Julho?

- Claro que concordo, Lúcio Cornélio!

- O dote dela é bom. O avô legou-lhe a fortuna da mãe antes de morrer. Ainda são uns quarenta talentos de prata. O que dá um milhão e qualquer coisa de sestércios. Que tal? Satisfaz-te?

Pompeu Rufo acenou com a cabeça, visivelmente contente.

- É melhor começarmos já a falar da nossa candidatura no Fórum, não achas?

- Excelente ideia! Os eleitores ficarão tão habituados à ideia que, quando chegar a hora, votarão

automaticamente em nós.

- Ah! Ah! - atroou uma voz à entrada.

Era Caio Mário. A toda a pressa passou por uma mesa de bebedores embasbacados, sem sequer se dar conta deles.

- O nosso venerado Princeps Senatus disse-me que te encontraria aqui, Lúcio Cornélio - disse Mário,

sentando-se. Virou-se então para Cloácio: - O vinagre do costume, Cloácio!

- Não me espanta que peças vinagre - retorquiu Públio Cloácio, descobrindo entretanto que o jarro de vinho que servira a Sila e a Rufo já estava vazio. - De facto, o que é que vocês, Italianos, sabem sobre vinho?

Mário sorriu bem disposto.

- Mas que modos são esses, Cloácio? Cuidadinho com a língua! Ora, vai dar uma volta, está bem?

Chegava de brincadeira. Caio Mário queria falar de assuntos sérios. Ainda bem, pensou, que Pompeu Rufo ali estava.

- Gostava de saber o que é que vocês pensam do novo lote de leis de Marco Lívio - disse Mário.

- Temos ambos a mesma opinião - retorquiu Sila que, desde o seu regresso, procurara por várias vezes Caio Mário sem qualquer êxito. Não tinha qualquer razão para pensar que tal tratamento era



propositado - claro, em princípio não seria, deveria talvez concluir que ele é que tinha escolhido mal os momentos. No entanto, da última vez que batera à porta de Mário, jurara que não voltaria a

procurá-lo. Por isso, não lhe contara ainda o que sucedera no Oriente.

- E essa opinião qual é? - perguntou Mário, aparentemente sem consciência de que ofendera Sila.

- Achamos que ele tem razão.

- Óptimo. - Mário encostou-se um pouco para trás, de forma a que Públio Cloácio pudesse servi-lo.

- Ele precisa de todo o apoio possível no que toca à lei *agrária, e* eu já decidi que falaria a favor dele.

- Vai ser uma boa ajuda - disse Sila, sem saber que mais dizer. Mário virou-se para Pompeu Rufo.

- Tu és um bom pretor urbano, Quinto Pompeu. Quando é que pensas disputar o cargo de cônsul?

Pompeu Rufo ficou com um ar excitado.

- Era precisamente disso que eu e Lúcio Cornélio estávamos a falar! - exclamou. - Tencionamos

apresentar-nos juntos dentro de três anos.

- Muito bem pensado! - disse Mário num tom apreciativo, percebendo imediatamente os motivos de

uma candidatura conjunta.

- De facto, vocês formam um par perfeito! - exclamou, rindo. Mantenham a vossa determinação.

Será fácil serem eleitos.

- É o que pensamos - disse Pompeu Rufo, satisfeito. - Aliás, selámos o nosso pacto com um

contrato de casamento.

A sobrancelha direita de Mário ergueu-se.

- Ah, sim?

- A minha filha com o filho dele - disse Sila, um tanto na defensiva; por que razão Mário conseguia

perturbá-lo, por que razão Mário tinha esse poder que mais ninguém tinha? Seria o carácter de

Mário ou a sua própria insegurança?

Caio Mário soltou um profundo suspiro de alívio.

- Ah, esplêndido! Óptimo! - atroou a sua voz. - Isso resolve magnificamente o dilema da família!

Desde Júlia a Aurélia, passando por Élia, todas ficarão satisfeitas.

Sila franziu o sobrolho.

- Que raio é que queres dizer com isso?

- O meu filho e a tua filha - disse Mário, sem o mínimo tacto.

- Parece que gostam muito um do outro. Mas o velho César determinou



que nunca poderia haver casamentos entre primos, e eu devo dizer que concordo com ele. Mas isso

não impediu o meu filho e a tua filha de fazerem uma quantidade de promessas um ao outro.

Aquela notícia era um choque para Sila, que nunca sonhara com uma tal união, e que estava tão

pouco com a filha que esta nunca tivera oportunidade de lhe falar do jovem Mário.

- Pois é, Caio Mário, o meu problema é que tenho estado demasiado tempo ausente de Roma. Há

anos que digo isso.

Pompeu Rufo escutou aquele diálogo com algum desalento.

- Se há algum problema, Lúcio Cornélio, não te preocupes com o meu filho - disse ele timidamente.

- Não há qualquer problema, Quinto Pompeu - retorquiu firmemente Sila. - Eles são primos direitos

e cresceram juntos. Pelo que Caio Mário disse, deves ter percebido que nunca foi nossa intenção

casá-los. O acordo que fizemos hoje acaba com essa história. Não estás de acordo, Caio Mário?

- Claro que estou, Lúcio Cornélio. É demasiado sangue patrício e além disso são primos direitos.

Ah, e o velho César proibiu tais casamentos.

- Já pensaste numa esposa para o jovem Mário? - perguntou Sila curioso.

- Já. Quinto Múcio Cévola tem uma filha que, dentro de quatro ou cinco anos, estará em idade de

casar. Falei já no caso, e ele não é contra. - Mário não pôde impedir-se de dar uma boa gargalhada.

Eu serei um rústico italiano que nem grego aprendeu, mas a verdade é que poucos aristocratas

romanos resistiriam à fortuna que o jovem Mário herdará um dia!

- Sem dúvida! - disse Sila, rindo tanto como Mário. - Bom, agora resta-me a mim encontrar uma

esposa para o jovem Sila, e não pode ser nenhuma das filhas de Aurélia!

- Que tal uma das filhas de Cipião? - perguntou Mário, maliciosamente. - Pensa só na quantidade de

ouro que vão herdar os filhos dele!

- É uma hipótese, Caio Mário. São duas, não são? Vivem com Marco Lívio, ao que creio.

- Precisamente. A Júlia gostava mais da velha para o jovem Mário, mas eu acho que, do ponto de

vista político, uma Múcia será melhor para ele. - Por uma vez, Mário procedia com alguma

diplomacia. -



A tua situação é diferente, Lúcio Cornélio. Uma Servília Cepião seria o ideal para o teu filho.

- De acordo. Vou pensar no caso.

Mas Sila deixou de pensar no casamento do filho a partir do momento em que informou a filha de

que estava prometida ao filho de Quinto Pompeu Rufo. Cornélia Sila, ao ouvir o pai, mostrou

claramente que era filha de Julilla: abriu a boca e desatou aos gritos.

- Berra à vontade, minha filha. Isso não vai alterar nada - disse Sila friamente. - Farás o que te

mandarem. O teu marido está escolhido.

- Vai-te embora, Lúcio Cornélio! - exclamou Élia, torcendo as mãos de desespero. - O teu filho quer

falar contigo. Deixa-me a sós com Cornélia Sila, por favor!

Sila foi ver o filho, embora se sentisse furioso. O jovem Sila não tinha melhorado; continuava de

cama, com dores e muita tosse.

- Isso há-de acabar, meu rapaz - disse Sila, num tom ligeiro, sentando-se na beira da cama e

beijando a testa quente do filho. - Eu sei que o tempo está frio, mas este quarto está quente.

- Quem está a gritar? - perguntou o jovem Sila, respirando com dificuldade.

- A tua irmã. Que Mormólice a leve!

- Porquê? - perguntou o jovem Sila, que adorava a irmã.

- Acabei de lhe dizer que vai casar com o filho de Quinto Pompeu Rufo. Ela pensava que ia casar

com o primo, com o jovem Mário.

- Ah! Mas todos nós pensávamos que ela ia casar com o jovem Mário! - exclamou o filho de Sila,

chocado.

- Nunca ninguém o sugeriu, nunca ninguém o desejou. O teu *avô* César era contra o casamento

entre primos. Caio Mário está de acordo com essa norma. E eu também - retorquiu Sila, com um ar

intrigado.

- Não me digas que queres casar com uma das Júlias!

- O quê? Com Lia? Com Ju-Ju? - replicou o jovem Sila, rindo a bom rir até ao momento em que a

tosse o obrigou a parar. O violento acesso de tosse só abrandou quando o jovem conseguiu

expectorar uma massa fétida. - Não, *tatá* - disse ele por fim. - Pior do que isso não poderia haver!

Mas quem é que me está destinada?

- Não sei, meu filho. Mas uma coisa te prometo. Perguntar-te-ei Primeiro se gostas dela - disse Sila.



- Não perguntaste à Cornélia. Sila encolheu os ombros.

- Ora, meu filho, Cornélia é uma rapariga. E as raparigas fazem muito simplesmente o que lhes

mandam. Um *paterfamilias* gasta dinheiro e bens com as suas filhas com uma única intenção: a

intenção de as utilizar para promover a sua carreira, ou a carreira do filho. Se assim não fosse, de

que servia alimentá-las e vesti-las durante dezoito anos? Têm de ter bons dotes, mas a família do pai nada recebe. Não, meu filho, uma rapariga interessa-nos na medida em que nos possa proporcionar

vantagens. Embora, depois de ouvir os gritos da tua irmã, eu tenha ficado na dúvida se a solução

dos velhos tempos, quando afogávamos as meninas recém-nascidas no Tibre, não seria mais

adequada.

- Não me parece justo, *tatá.*

- Porquê, meu filho? - perguntou Sila, surpreendido com a persistente estupidez do filho. - As fêmeas são seres inferiores, jovem Lúcio Cornélio. Tecem os seus padrões em tecidos, e não no tear

do tempo. Não têm qualquer importância no mundo. Não fazem história. Não governam. Cuidamos

delas porque é esse o nosso dever. Protegemo-las das preocupações, da pobreza, das

responsabilidades. E por isso que vivem mais tempo do que nós, desde que não morram de parto.

Em contrapartida, devem-nos respeito e obediência.

- Estou a ver - retorquiu o jovem Sila, aceitando aquela explicação unicamente como uma descrição

factual.

- Agora tenho de ir. Tenho que fazer - disse Sila, levantando-se.

- Tens comido?

- Um pouco, mas custa-me a engolir.

- Voltarei mais tarde.

- Não te esqueças, *tatá.* Estarei acordado.

Em primeiro lugar, Sila tinha de comportar-se normalmente, sair com Élia para jantar em casa de

Quinto Pompeu Rufo, que estava ansioso por promover relações amistosas entre as duas famílias.

Felizmente, Sila não tinha dito a Rufo que levaria a filha; Cornélia Sila já não gritava, mas retirara-se para o seu quarto, dizendo que não comeria.

Nenhuma reacção de protesto poderia ter perturbado mais Sila; o olhar que lançou a Élia era,

literalmente, um gelo que queimava.

- Isto vai ter de acabar! - berrou, e, antes que Élia conseguisse impedi-lo, já Sila se encaminhava a toda a pressa para o quarto da filha.



Irrompeu pelo quarto e, num ápice, tirou a filha da cama, indiferente ao terror da jovem. Pegando-

lhe pelo cabelo, obrigava-a a manter-se de pé. Desatou então a esbofeteá-la. Cornélia Sila não

gritava, limitava-se a emitir uns gemidos que quase não se ouviam, mais aterrada com a expressão

do pai do que com a violência de que era vítima. Sila tê-la-á esbofeteado uma dúzia de vezes, após

o que a atirou para cima da cama como se ela fosse uma boneca, tão irado que nem se preocupava

com o facto de tamanha violência poder ser fatal.

- Não faças o que estás a fazer, rapariga - disse ele então, num tom muito brando. - Não tentes fazer chantagem comigo, recusando-te a comer! Não que a tua fome me preocupe especialmente. Até me

via livre de ti! A tua mãe quase morreu por se recusar a comer. Mas deixa-me explicar-te uma

coisa: eu não quero que *tu* me faças uma desfeita destas! Deixa-te morrer à fome, ou sufoca com a comida que eu vou obrigar-te a comer! Faças o que fizeres, podes ter a certeza de uma coisa:

casarás com o jovem Quinto Pompeu Rufo, e fá-lo-ás com um sorriso nos lábios e a mais alegre das

expressões. Porque se não o fizeres, mato-te. Mato-te, Cornélia. Ouviste?

O rosto da jovem ardia, os olhos estavam negros, os lábios inchados e feridos, do nariz jorrava

sangue, mas a dor que a feria no coração era muito, muito pior. Cornélia Sila nunca imaginara que

tamanha violência fosse possível. Nunca temera o pai, nunca se preocupara com a sua segurança

física.

- Ouvi, pai - murmurou.

Élia estava à espera do outro lado da porta, o rosto molhado pelas lágrimas. Quando ia a entrar, Sila pegou-lhe num braço e arrastou-a para fora do quarto.

- Por favor, Lúcio Cornélio, por favor! - chorou Élia, aterrorizada enquanto mulher e angustiada

como mãe.

- Deixa-a sozinha - disse Sila.

- Ela precisa de mim! Deixa-me ficar com ela!

- Ela ficará onde está! Não precisa de companhia!

- Então deixa-me ficar em casa, por favor! - pediu Élia. Apesar de todos os esforços que fazia para

se conter, o certo é que as lágrimas não paravam.

A fúria de Sila esbateu-se nesse instante. Sentia o coração bater, as lágrimas quase lhe inundavam

os olhos, embora fossem lágrimas furiosas, e não de pesar.

406

- Muito bem, fica em casa - disse ele num tom áspero. Respirou fundo, nervosamente, e acrescentou: - Ao jantar, falarei da alegria que a família sente ante a perspectiva deste casamento. Mas não lhe vás fazer companhia, Élia, ou receberás o mesmo tratamento que ela recebeu.

Sila seguiu assim sozinho para a casa de Quinto Pompeu Rufo, que ficava no Palatino, mas dava para o

Fórum Romano; e deixou uma boa impressão na família de Pompeu Rufo, incluindo as mulheres, encantadas com a ideia de o jovem Quinto vir a casar com uma patrícia júlio-corneliana. O jovem Quinto era um belo rapaz, de olhos verdes e cabelo castanho-arruivado, alto e gracioso, mas Sila depressa se apercebeu que a inteligência dele era metade da do pai. O que era uma boa coisa: viria a ser cônsul, seguindo as pisadas do pai, faria filhos ruivos a Cornélia Sila, e seria um bom marido, fiel e obsequioso. De facto, pensou Sila, sorrindo intimamente, o jovem Quinto Pompeu Rufo daria um marido muito mais agradável e dócil do que o filho de Caio Mário, um menino mimado, arrogante e presumido.

Como os Pompeus Rufos eram gente do campo (no fundo, ainda o eram, apesar de tudo), o jantar terminou ainda de dia, embora estivessem no pino do Inverno. Sabendo que tinha uma outra tarefa a realizar antes de ir para casa, Sila subiu os Degraus dos Ourives,

que conduziam à Via Nova e ao Fórum Romano, e contemplou a vista com um ar indeciso. Era demasiado longe para ir ver Metróbio, e demasiado perigoso. Onde havia de passar aquela hora?

A resposta ocorreu-lhe no momento em que os seus olhos pousaram no fumarento declive do bairro de Subura

- iria a casa de Aurélia, claro. Caio Júlio César estava de novo ausente, era o novo governador da Província da Ásia. Desde que Aurélia estivesse adequadamente acompanhada, que mal havia em visitá-la? Desceu os

degraus com a rapidez e a maleabilidade de um homem muito mais novo, e seguiu na direcção do Clivus

Orbius, o caminho mais rápido para Subura Minor e a ínsula de Aurélia.

Eutico deixou-o entrar, ainda que com alguma relutância; Aurélia acolheu-o como sempre.

- Os teus filhos estão acordados? - perguntou Sila. Aurélia pôs um sorriso irónico.

- Infelizmente, estão. Parece que criei corujas, em vez de cotovias. Odeiam ir para a cama cedo, e odeiam sair da cama de manhã.



- Nesse caso, porque não lhes proporcionas um pequeno divertimento? - disse ele, sentando-se num

confortável divã. - Diz-lhes para virem até cá. Serão a melhor companhia para uma mulher casada

que recebe outro homem em sua casa.

Aurélia pôs uma expressão mais alegre.

- Tens toda a razão, Lúcio Cornélio.

Aurélia trouxe então os filhos para a sala, instalando-os num canto afastado. As duas raparigas

estavam muito crescidas, o que não admirava, pois rondavam já a puberdade; quanto ao *rapaz,*

estava também muito crescido, mas esse era o seu destino, crescer mais do que todos os outros.

- É agradável estar contigo - disse Sila, ignorando o vinho que o criado lhe servira.

- Posso dizer o mesmo de ti.

- Mas hoje estamos melhor do que da última vez... Aurélia riu-se.

- Ah, sim! Nessa altura, eu estava com sérios problemas com o meu marido, Lúcio Cornélio.

- Foi o que me pareceu! Mas porquê? Não há no mundo esposa mais leal e casta do que tu, e eu sei-

o por experiência própria.

- O problema não era desse tipo, Lúcio Cornélio. Os problemas que há entre mim e Caio Júlio são

mais... teóricos - retorquiu Aurélia.

- Teóricos? - perguntou Sila, com um sorriso imenso.

- Ele não gosta dos vizinhos. Não gosta da minha actividade de senhoria. Não gosta de Lúcio

Decúmio. E não gosta da forma como eu tenho educado os nossos filhos, que tanto sabem falar o

calão local como o latim do Palatino. Além de falarem três tipos diferentes de grego, aramaico,

hebreu, gálico arverniense, gálico eduano, gálico tolosano, e lício.

- *Lício?*

- Agora temos uma família lícia no terceiro andar. Os meus filhos andam por onde querem e

aprendem línguas com uma facilidade espantosa. Não sabia que os Lícios tinham uma língua

própria. E incrivelmente antiga. É parecida com a língua dos Pisidas.

- Foi feia, essa discussão com Caio Júlio? Aurélia encolheu os ombros, pôs um ar triste.

- Bastante feia.

- Bastante feia porque o teu comportamento não é próprio de uma senhora, e vai contra todas as

normas romanas - disse ternamente Sila, que, horas antes, espancara a filha em nome dessas

normas. Mas



Aurélia era Aurélia, e Aurélia tinha os seus próprios padrões e normas de comportamento, como

muita gente reconhecia com admiração, tão forte era o seu fascínio.

- Não há dúvida que segui as minhas próprias normas - disse ela, e não parecia especialmente triste

com o que sucedera. - De facto, saí-me tão bem dessa maneira que o meu marido acabou por perder

a disputa. - Subitamente havia tristeza nos seus olhos. - E isso foi o pior de tudo, como decerto

compreenderás, Lúcio Cornélio. Nenhum homem com o estatuto de Caio Júlio gosta de sair

derrotado de uma disputa com a mulher. Por isso, remeteu-se a uma espécie de indiferença e nem

sequer pôs a hipótese de uma desforra, apesar de todos os meus esforços nesse sentido. Enfim,

lamentável!

- Deixou de te amar?

- Não me parece. Quem me dera! Tornar-me-ia a vida muito mais fácil quando ele cá está - disse

Aurélia.

- De maneira que agora és tu quem veste a toga.

- Receio bem que sim. E debruada a púrpura.

Sila comprimiu os lábios, aquiesceu com um ar sábio.

- Devias ter nascido homem, Aurélia. Nunca pensara nisso, mas é a pura verdade.

- Tens razão, Lúcio Cornélio.

- De maneira que ele ficou contente por ir para a Província da Ásia e tu ficaste contente por ele se

ter ido embora.

- Tens de novo razão, Lúcio Cornélio.

Sila começou então a falar da sua viagem ao Oriente, e com isso ganhou mais um ouvinte; o jovem

César subiu para o divã da mãe e escutou avidamente a descrição dos encontros de Sila com

Mitridates, Tigranes, e os embaixadores partos.

O rapaz estava quase com nove anos. E mais belo do que nunca, pensou Sila, que não conseguia

desviar os olhos daquele rosto encantador. Tão parecido com o jovem Sila! Mas ao mesmo tempo

completamente diferente. Já passara a fase das perguntas; agora estava na fase em que escutava tudo

atentamente. Encostado a Aurélia, os olhos brilhando, os lábios ligeiramente entreabertos, o seu

rosto era uma visão que a todo o momento mudava, reflectindo o que se passava no seu cérebro.

Quando Sila se calou, o jovem César fez-lhe uma série de perguntas, revelando mais inteligência do

que Escauro, mais educação do que Mário, e mais interesse do que qualquer dos dois. Como é que

ele

sabe tudo isto?, perguntou Sila para si mesmo, reparando que estava a falar com um menino de oito

anos precisamente ao mesmo nível a que falara com Escauro e Mário sobre idêntico tema.

- Que achas que vai acontecer? - perguntou Sila, não por paternalismo, mas simplesmente porque

estava intrigado.

- Guerra contra Mitridates e Tigranes - respondeu o filho de Aurélia.

- E não com os Partos.

- Não haverá guerra com os Partos ainda durante bastante tempo. Mas se vencermos a guerra contra

Mitridates e Tigranes, o Ponto e a Arménia ficarão sob o nosso domínio, e então os Partos

começarão a inquietar-se com Roma, tal como sucede agora com Mitridates e Tigranes.

Sila aquiesceu.

- Tens toda a razão, jovem César.

Conversaram ainda durante mais uma hora, até que Sila se levantou e se despediu da criança

afagando-lhe a cabeça. Aurélia acompanhou-o até à porta, fazendo sinal a Eutico para que se

encarregasse de levar as crianças para a cama.

- Como estão todos lá por casa? - perguntou Aurélia, deixando que Sila abrisse a porta que dava

para a Vicus Patricius, ainda cheia de gente, apesar de a noite ir já adiantada.

- O jovem Sila está com uma constipação muito forte, e Cornélia Sila com a cara num bolo - disse

ele, despreocupadamente.

- Quanto ao jovem Sila, compreendo... mas a tua filha? Que lhe aconteceu?

- Dei-lhe uma surra.

- Ah, estou a ver! E que crime cometeu ela, Lúcio Cornélio?

- Parece que ela e o jovem Mário tinham decidido casar quando tivessem idade para tal. Mas eu

prometi-a ao filho de Quinto Pompeu Rufo. De modo que ela decidiu mostrar a sua independência

recusando-se a comer fosse o que fosse.

- *Ecastor!* Suponho que a pobre rapariga não sabia que a mãe fez actos idênticos.

- Não.

- Mas agora já sabe.

- Claro que sabe.

- Bom, eu conheço mais ou menos o filho de Pompeu Rufo e tenho a certeza de que ela será muito

mais feliz com ele do que com o jovem Mário.

410

Sila riu-se.

- É exactamente isso que eu penso.

- E Caio Mário? Que pensa ele?

- Caio Mário também não quer tal casamento. - O lábio superior de Sila ergueu-se um pouco, mostrando os seus dentes.

- Pretende a filha de Cévola.

- Ah, isso vai ser fácil - comentou Aurélia, saudando uma mulher velha que parecia querer falar com ela.

Sila despediu-se então, deixando Aurélia encostada à porta a falar com a velha.

Sila nunca tivera qualquer receio em atravessar o bairro de Subura à noite, e Aurélia nunca ficara preocupada ao vê-lo partir de noite. Ninguém molestava Lúcio Cornélio Sila. Quem olhasse para ele, dificilmente se atreveria a fazê-lo: depressa concluiria que Sila tinha muita prática em enfrentar assaltos ou arruaças. O que intrigou Aurélia naquela noite foi o facto de Sila ter subido a Vicus Patricius, em vez de a ter descido na direcção do Fórum Romano e do Palatino.

Sila ia visitar Censorino, que vivia na colina Viminal, na rua que conduzia à macieira púnica. Era um respeitável bairro de cavaleiros, mas não tão luxuoso que albergasse no seu seio o proprietário de tão valiosa esmeralda.

No primeiro instante, Sila teve a sensação de que o criado de Censorino o ia impedir de entrar. Mas essa era uma situação que Sila enfrentava facilmente. Limitou-se a lançar um olhar pouco simpático ao criado e este, automaticamente, deixou-o entrar. Com um sorriso no mínimo perverso, Sila atravessou o estreito corredor que conduzia à sala de estar do apartamento. Enquanto isso, o criado corria, num passo miudinho, à procura do amo.

Ah, mas que bela sala!, pensou Sila. Os frescos eram recentes, executados segundo a última moda: painéis a vermelho, ricamente trabalhados, descrevendo os acontecimentos que levaram à entrega de Briseida a

Agamémnon pelo Príncipe de Fitia, Aquiles; emolduravam os painéis pedras requintadamente pintadas,

imitando a ágata, e estas pedras fundiam-se num esplêndido plinto verde-escuro, também pintado, e não um plinto verdadeiro. O chão era de mosaicos de várias cores, as cortinas, de um roxo muito escuro, só podiam ser de Tiro, e os divãs estavam cobertos com tapeçarias douradas e púrpura, feitas decerto pelos melhores tecelões. Enfim, um cenário nada mau para um membro mediano da *Ordo Equester,* pensou Sila.

411

Nesse momento irrompeu pela sala Censorino, naturalmente furioso, e desconcertado com o

comportamento do criado.

- O que é que pretendes? - perguntou Censorino.

- A tua esmeralda.

- A minha quê?

- A esmeralda que te deram os agentes do rei Mitridates, Censorino.

- Rei Mitridates? O que é que queres dizer com isso? Eu não tenho esmeralda nenhuma!

- Ora, ora, claro que tens. Vá, dá-me a esmeralda. Censorino parecia abafar. O seu rosto, de início

arroxeado, estava agora pálido.

- Dá-me já a tua esmeralda, Censorino!

- A única coisa que te vou dar é a condenação e o exílio! Antes que Censorino pudesse mexer-se, já

Sila estava tão perto dele que, quem os visse e não soubesse o que se estava a passar, pensaria que

os dois iam estreitar-se num abraço perfeitamente cómico; mas as mãos de Sila depressa caíram

sobre os ombros de Censorino, embora sem qualquer intenção afectuosa. De facto, eram mãos que

abocanhavam, que feriam, eram garras de ferro.

- Ouve-me com atenção, verme miserável. Pensa que já matei homens muito melhores do que tu -

disse Sila num tom muito brando, num tom que parecia amoroso. - Desiste do processo, ou

morrerás. Estou a falar a sério, Censorino! Desiste deste ridículo processo, ou dentro em breve

estarás morto. Tão morto como um homem lendário pela sua força e que se chamava Hércules

Atlas. Tão morto como uma mulher que acabou por partir o pescoço sob os penhascos de Circeios.

Tão morto como um milhar de germanos. Tão morto como todos os que me ameaçam a mim e aos

meus. Tão morto como Mitridates estará, se eu decidir que ele tem de morrer. Podes dizer-lhe isso

quando o vires. Ele acreditará em ti! Ele meteu o rabo entre as pernas e fugiu da Capadócia quando

eu lhe disse para se pôr a mexer. Porque ele sabia. Agora tu também sabes, não sabes?

Censorino não respondeu, nem tentou sequer libertar-se daquele cruel abraço. Paralisado, só se lhe

ouvia a respiração. De olhos esbugalhados, fitava o rosto de Sila, encostado ao seu, como se nunca

tivesse visto aquele homem na sua vida, e não soubesse rigorosamente o que fazer.

Uma das mãos de Sila largou o ombro de Censorino e introduziu-se na túnica dele, procurando algo

que estava preso a um resistente fio



de couro; a outra mão de Sila largou também o ombro de Censorino e desceu até ao escroto deste,

esmagando-o com toda a força. Enquanto Censorino berrava tão estridentemente como um cão

atropelado por um carro, Sila arrancou o fio de couro tão facilmente como se fosse de lã, e guardou

a esmeralda dentro da toga. Ninguém apareceu acudindo a quem gritava. Sila deu meia volta e

encaminhou-se para a porta sem qualquer pressa.

- Oh, já me sinto melhor! Já me sinto melhor! - exclamou enquanto abria a porta, soltando de

seguida tão portentosa gargalhada que Censorino só deixou de a ouvir quando ele fechou a porta.

Esquecida a raiva e a frustração que sentira perante o comportamento da filha, Sila seguiu para casa

com uma expressão absolutamente radiosa e um passo tão ligeiro como o de uma criança. A

expressão de felicidade morreu-lhe no rosto mal abriu a porta de casa e encontrou, em vez do

ambiente silencioso e tenuemente iluminado de uma casa onde todos dormissem, todas as

lamparinas acesas, um amontoado de jovens de ar estranho, um criado limpando as lágrimas.

- O que é que se passa? - perguntou Sila, estupefacto.

- O teu filho, Lúcio Cornélio! - exclamou o criado.

Sila correu para a sala onde Élia instalara o filho. Élia estava à porta da sala, com um xaile pelas

costas.

- O que se passa? - perguntou uma vez mais Sila, ofegante.

- O nosso filho está muito mal - murmurou ela. - Chamei os médicos há duas horas.

Sila entrou, afastou os médicos, e abeirou-se da cama do filho com um expressar descontraído.

- Mas o que é isto, meu filho? Resolveste pregar um susto a toda a gente?

- Pai! - exclamou o jovem Sila, sorrindo.

- O que é que se passa?

- Sinto tanto frio, pai! Posso tratar-te por *tatá* em frente de estranhos?

- Claro que podes.

- É uma dor horrível!

- Onde, meu filho?

- Debaixo do esterno, *tatá.* Sinto tanto frio!

A respiração do jovem era ruidosa, aflitiva; aos olhos de Sila, aquela cena parecia uma paródia do

estertor de Metelo Numídico, o

yk

413

Suíno, e talvez por isso Sila não conseguisse acreditar que o filho estava a morrer. E no entanto, o

jovem Sila parecia estar a um passo do fim. Impossível!

- Não fales, meu filho. Consegues deitar-te? - perguntou-lhe Sila porque os médicos tinham

decidido sentá-lo.

- Deitado não consigo respirar. - Os olhos do rapaz, cercados por manchas que se assemelhavam a

equimoses negras, fitaram o pai desesperados. - *Tatá,* não te vás embora, por favor!

- Eu estou aqui, Lúcio. Não, não te vou deixar um só momento. Porém, logo que possível, Sila

chamou Apolodoro Sículo a um canto, a fim de lhe perguntar o que se passava com o filho.

- É uma inflamação dos pulmões, Lúcio Cornélio. Uma inflamação sempre difícil de tratar, mas

ainda mais difícil no caso do teu filho.

- Mais difícil porquê?

- Porque o coração também parece estar afectado. Não sabemos com exactidão qual a importância

do coração, embora eu seja de opinião que o coração ajuda ao funcionamento do fígado. Os

pulmões do jovem Lúcio Cornélio estão cheios de fluidos, e transmitiram alguns desses fluidos ao

invólucro que envolve o coração. Por isso, o coração fica comprimido. - Apolodoro Sículo parecia

assustado; a sua fama tinha um preço que era obrigado a pagar em ocasiões como aquela, em

momentos em que tinha de dizer a esta ou aquela personalidade romana que o doente não

encontraria salvação nas mãos dos médicos.

- O prognóstico é grave, Lúcio Cornélio. Receio que nem eu nem qualquer outro médico possa fazer

seja o que for.

Aparentemente, Sila aceitou bem as palavras do físico; por outro lado, conseguiu ser razoável ao

ponto de admitir que o médico estava a ser completamente sincero, que o médico não curaria o

jovem Sila porque, rigorosamente, lhe era impossível curá-lo. Apolodoro era um *bom* médico, ao contrário da maior parte dos seus colegas, que não passavam de charlatães. Bastava pensar na forma

como Apolodoro investigara a morte do Suíno. Mas toda a gente estava sujeita a males que os

médicos não conseguiam dominar, apesar das suas lanceias, dos seus clisteres, cataplasmas, poções,

ervas mágicas. Era uma questão de sorte. E Sila compreendia agora que o seu amado filho não tinha

sorte. A deusa Fortuna não o amava.

Voltou então para a cama, afastou as almofadas e sentou-se ao lado do filho, encostando-o contra si.

- Assim sinto-me melhor, *tata!* Muito melhor! Não me deixes!

- Vou estar quieto aqui ao teu lado, meu filho. Amo-te mais que tudo no mundo.

Durante muitas horas, Sila esteve sentado ao lado do filho, segurando-o contra si, o queixo encostado ao cabelo molhado, escutando a penosa respiração, as arfadas regulares, resultado da impiedosa dor. Os médicos não conseguiam já convencer o jovem a tossir: ele não aguentava a agonia em que a tosse o deixava. Também não o conseguiam convencer a beber: os seus lábios estavam cheios de feridas de febre, a língua, sarrenta, escura. De quando em quando falava, sempre para o pai, numa voz cada vez mais fraca; as palavras que dizia iam-se tornando menos lúcidas, menos razoáveis, até ao momento em que, abandonando a lógica e a razão, o filho de Sila entrou num mundo demasiado estranho ao entendimento.

Trinta horas depois morria nos braços dormentes do pai. Sila não se mexera uma única vez, excepto a pedido do filho; não comera nem bebera, não aliviara a bexiga ou os intestinos, mas não sentia qualquer desconforto, pois sabia que para o filho era muito importante que ele estivesse ali. Sila talvez se tivesse sentido mais confortado se o filho o tivesse reconhecido à hora da morte. Mas o jovem Sila retirara-se para um mundo muito longínquo, e morrera sem se dar conta do que se passava com ele ou à sua volta.

Toda a gente estava com receio do que Lúcio Cornélio Sila pudesse fazer. Foi por isso com muito medo que quatro médicos libertaram o jovem Sila do abraço do pai; ajudaram depois Sila a levantar-se e deitaram o rapaz na cama. Mas Sila nada disse ou fez que fosse susceptível de inspirar receio; comportou-se como o mais são, o mais admirável dos homens. Quando recuperou o uso dos músculos entorpecidos, ajudou os médicos a lavarem o filho e a vesti-lo com a toga debruada a púrpura da infância; em Dezembro daquele ano, na festa de Juventas, o jovem Sila ter-se-ia tornado um homem. Para

que os escravos, de lágrimas incontroláveis nos olhos, pudessem mudar a cama, Sila pegou no corpo sem vida do filho; depois de os escravos terem feito a cama de novo, Sila deitou o filho, encostou-lhe os braços ao corpo, pôs as moedas sobre as pálpebras para que os olhos permanecessem fechados, e, com as mãos meigas, introduziu-lhe a moeda na boca, para pagar a

Caronte o custo daquela derradeira viagem.

415

Élia não tinha saído do vão da porta durante todas aquelas longas horas; Sila foi ter com ela e

conduziu-a até uma cadeira junto à cama, para que ela pudesse contemplar o menino que criara

como se fosse seu filho. Cornélia Sila estava presente, o rosto num estado lastimável; e Júlia, Caio

Mário e Aurélia também não tinham demorado a aparecer.

Sila saudou-os com a sua máscara de sensatez, de homem racional; aceitou as sentidas

condolências, sorriu mesmo um pouco, e respondeu a perguntas constrangidas com uma voz firme e

clara.

- Vou tomar banho e mudar de roupa - disse ele então. - Está a nascer o dia. Dentro em pouco terei

de comparecer no tribunal. Embora a morte do meu filho pudesse constituir uma justificação

legítima para a minha ausência, não vou dar tal satisfação a Censorino. Importas-te de me

acompanhar, Caio Mário?

- De bom grado, Lúcio Cornélio - respondeu a voz profunda de Mário, que não parava de limpar as

lágrimas. Nunca como naquele momento Mário sentira tanta admiração por Sila.

Antes de tomar banho, Sila foi à modesta latrina da sua casa. Depois de ter finalmente evacuado,

deixou-se ficar sentado num dos assentos do banco de mármore, escutando o profundo som da água

que corria em baixo, as mãos mexendo e remexendo nas dobras desalinhadas da sua toga, que não

despira antes da derradeira vigília com o filho. Os seus dedos, intrigados, encontraram a certa altura um objecto; retirou-o para o ver à luz da manhã, reconhecendo-o vagamente, como se se tratasse de

algo muito longínquo, pertencente a outra vida. Era a esmeralda de Censorino! Já pronto para sair,

Sila virou-se para o banco de mármore e atirou a valiosa jóia para o vazio. Não a ouviu sequer cair,

tal era o barulho que a água fazia.

Quando apareceu no átrio, onde Caio Mário o esperava, dir-se-ia que, por artes mágicas, Sila

recuperara toda a beleza da sua juventude. Resplandecia. Todos o fitavam estupefactos.

Em silêncio, Sila e Caio Mário encaminharam-se para o lago Cúrcio, onde várias centenas de

cavaleiros se tinham juntado para oferecerem os seus préstimos como membros do júri, e os

funcionários do tribunal se preparavam para sortear esses membros; seriam sorteados oitenta e um

jurados, mas trinta seriam recusados, quinze a pedido da acusação, e outros tantos a pedido da

defesa. O júri seria constituído por vinte e seis cavaleiros e vinte e cinco senadores. Esse cavaleiro a mais era



o preço que o Senado tinha de pagar para que os tribunais pudessem ser presididos por um senador.

O tempo foi passando. Procedeu-se ao sorteio dos jurados. Não aparecendo Censorino, a defesa,

conduzida por Crasso Orador e Cévola, foi autorizada a retirar os seus quinze jurados. Realizada

esta operação, Censorino continuava sem aparecer. Pelo meio-dia, o Presidente do Tribunal, perante

a agitação do tribunal, e sabendo já que o acusado abandonara o leito de morte do filho pouco

tempo antes, enviou um mensageiro a casa de Censorino. Passado algum tempo, o funcionário

voltou com a notícia de que Censorino tinha partido para destino desconhecido no dia anterior,

levando consigo os haveres que lhe era possível transportar.

- A sessão está encerrada - disse o Presidente. - Lúcio Cornélio, aceita as nossas mais sinceras

desculpas, bem como as nossas condolências.

- Eu vou contigo, Lúcio Cornélio - disse Mário. - Que caso mais estranho! Que terá sucedido a

Censorino?

- Obrigado, Caio Mário, eu prefiro estar sozinho - retorquiu calmamente Sila. - Quanto a Censorino,

suponho que foi pedir asilo ao rei Mitridates - acrescentou, com um sorriso horrendo. - É que eu

ontem tive uma conversinha com ele.

Sila encaminhou-se rapidamente na direcção da Porta Esquilina. Para lá das muralhas servias, e

ocupando quase por completo o Campo Esquilino, ficava a necrópole de Roma, uma verdadeira

cidade de túmulos - alguns humildes, outros magníficos, a maior parte discretos -, abrigando as

cinzas dos habitantes de Roma, cidadãos e não-cidadãos, escravos e homens livres, nativos e

forasteiros.

Na parte leste de uma grande encruzilhada, a algumas centenas de metros das muralhas servias,

ficava o templo de Vénus Libitina, a deusa que comandava a extinção da força vital. Era um belo

edifício, rodeado por uma infinidade de ciprestes, pintado num tom de verde muito vivo, com

colunas roxas, os capitéis jónicos dourados e vermelhos, e o telhado do pórtico amarelo. O

pavimento dos inúmeros degraus era de um rosa forte, e o frontão retratava os deuses e as deusas do

Além em cores vívidas; no alto do telhado do templo via-se uma magnífica estátua dourada de

Vénus Libitina, conduzindo um carro puxado por ratos, os animais que anunciavam a morte.

Nesse local, entre os ciprestes, estava instalada a Corporação dos Agentes Funerários; estes

travavam entre si uma competição



permanente, sempre à procura de negócio, e a sua actividade não era, por isso, nem lúgubre, nem triste, nem silenciosa. Os comerciantes dos serviços fúnebres, mal viam um cliente, não o largavam: argumentavam, tentavam persuadi-lo por todos os meios, perseguiam-no, adulavam-no, espicaçavam-no, enfim, procuravam impingir-lhe o seu produto, atraí-lo irremediavelmente para o seu produto. De facto, os serviços fúnebres constituíam um negócio como qualquer outro e ali, entre os ciprestes, situava-se o mercado dos negociantes da morte. Sila passou como um fantasma entre as várias tendas. O seu misterioso poder de afastar importunos permitiu-lhe chegar sem qualquer percalço à tenda da firma que sempre tratara das cerimónias fúnebres dos Cornélios. Explicou então como pretendia que decorressem as exéquias do filho.

Os actores compareceriam na sua casa no dia seguinte, a fim de receberem instruções; todos eles deveriam preparar-se de forma magnificente para o funeral, que se realizaria passados três dias; de acordo com a tradição da família Cornélio, o jovem Sila seria inumado, e não cremado. Sila pagou integralmente o funeral, com uma nota promissória no valor de vinte talentos de prata, o que era um preço para um funeral de que Roma falaria durante algum tempo. Ele, que normalmente se mostrava tão cuidadoso, ou retraído, nas

despesas, dessa feita não pensou um segundo no dinheiro que ia gastar.

Regressando a casa, pediu a Élia e a Cornélia Sila que deixassem a sala onde jazia o filho e sentou-se na cadeira de Élia, de olhos postos no corpo devastado do filho. Não sabia o que sentia, não sabia como se sentia.

A dor, a perda, o sentido de tudo aquilo, pesavam-lhe como uma gigantesca esfera de chumbo; tudo o que podia fazer era suportar essa terrível carga, esse peso hediondo: não poderia, não saberia, naquele momento, entender os seus sentimentos, já que não lhe restava uma réstea de entendimento para tal. Ali, à sua frente, jazia a ruína da sua casa, o cadáver do seu mais querido amigo, o companheiro da sua idade madura, o

herdeiro do seu nome, da sua fortuna e reputação, da sua carreira pública. Desaparecera no espaço de trinta horas: não era por certo a decisão de um deus, tão pouco um capricho do destino. O resfriamento piorara, os pulmões tinham ficado inflamados, o coração, oprimido, parara. Uma doença idêntica a tantas outras. Não fora por culpa de ninguém, nenhum desígnio produzira aquele resultado. Fora, muito simplesmente, um

acidente. Para o filho, que já não podia entender nada de nada, que já não podia sentir fosse o que fosse, 418

aquilo era, pura e simplesmente, o fim da vida. Nada mais. Para aqueles que ficavam, e que sabiam, e que sentiam, a morte do jovem Sila era o prelúdio de um vazio que só cessaria quando a vida cessasse. O seu filho estava morto. O seu amigo desaparecera para sempre.

Quando Élia voltou à sala duas horas mais tarde, Sila foi para o seu escritório, onde logo tratou de escrever uma mensagem a Metróbio.

*O meu filho morreu. Da última vez que vieste a minha casa, morreu a minha mulher. Dada a tua arte, deverias ser o arauto da alegria, o deus* ex machina *do contentamento. Em vez disso, és o arauto da tristeza, o mensageiro das trevas.*

*Não voltes nunca mais a minha casa. Entendo agora que a minha benfeitora, a deusa da Fortuna, não admite rivais. Porque eu amei-te e aquilo que te dei de mim, Fortuna considera que é só seu. Para mim, tu foste um ídolo. Aos meus olhos, transformaste-te na personificação do amor perfeito. Mas* ela *exige que eu a veja como te vi. E ela é fêmea, princípio e fim de todos os homens.*

*Se um dia Fortuna me abandonar, chamar-te-ei. Até lá, nada. O meu filho era um bom filho, um filho como deve ser. Um Romano. Agora está morto, e eu estou só. Não te quero.*

Sila selou a carta cuidadosamente, chamou o criado, e explicou-lhe onde deveria levar aquela carta. Depois, pôs-se a olhar para a parede, onde

- que estranha que a vida era! - Aquiles surgia sentado na beira de um esquife, segurando Pátroclo nos seus braços. Obviamente influenciado pelas máscaras trágicas das grandes peças, o artista tinha dado ao rosto de Aquiles uma expressão de agonia e estupor. Sila considerava tal ideia absolutamente errada, uma incursão presunçosa num mundo de sofrimento privado que não deveria ser nunca exibido. Bateu as palmas, e, mal o criado apareceu,

comunicou-lhe que aquela pintura teria de ser retirada no dia seguinte.

- Lúcio Cornélio, o *lectus funebris* encontra-se já no átrio - anunciou o criado, chorando.

Depois de examinar o caixão, magnificamente trabalhado e dourado, com tecidos e almofadas negras, Sila indicou aos funcionários dos serviços fúnebres que não tinha nada a opor àquela escolha. Ele próprio levou o corpo do filho para o caixão, sentindo já nele a rigidez da morte; as almofadas tinham sido entretanto colocadas no caixão, de forma a que o cadáver



pudesse ficar numa posição sentada, sendo os braços suportados por outras almofadas. Sila

permaneceria no átrio até que oito homens vestidos de negro pegassem no *lectus funebris* e o

levassem para a procissão fúnebre.

Ao terceiro dia, realizou-se o funeral do jovem Sila. Em sinal de cortesia para com um homem que

fora pretor urbano e que, segundo todas as probabilidades, viria a ser cônsul, as actividades públicas tinham sido suspensas no Fórum Romano; os participantes nessas actividades esperavam pelo

cortejo, todos vestidos com a *toga pulla,* a toga preta do luto. Por causa dos carros, a procissão descia a Clivus Victoriae até ao Velabrum, virava depois para a Vicus Tuscus, e entrava no Fórum

Romano entre o templo de Castor e Pólux e a Basílica Semprónia. À frente seguiam dois

funcionários dos serviços fúnebres, de togas negras; atrás deles, vinham músicos, vestidos também

de negro, tocando trombetas militares, trompas, e flautas feitas com as tíbias de inimigos de Roma

mortos em batalha. A música que tocavam era solene: não primava, longe disso, pela beleza

melódica. Com os músicos vinham as mulheres vestidas de negro que ganhavam a vida como

carpideiras profissionais, entoando os seus próprios cantos e batendo no peito. Todas elas choravam

lágrimas verdadeiras. Seguia-se um grupo de bailarinos, executando movimentos rituais mais

velhos que a própria Roma, e agitando ramos de cipreste. Atrás deles, vinham os actores com as

cinco máscaras de cera dos antepassados de Sila, cada um deles num carro negro puxado por dois

cavalos igualmente negros; surgia depois o esquife, levado aos ombros por oito libertos, homens

que em tempos haviam sido escravos da madrasta de Sila, Clitumna, e que, libertados pelo

testamento desta, tinham passado a ser clientes de Sila. Este vinha atrás do féretro, com a toga negra puxada para cima, de forma a velar-lhe o rosto; com ele, seguiam o seu sobrinho, Lúcio Nónio,

Caio Mário, Sexto Júlio César, Quinto Lutácio César e os seus dois irmãos, Lúcio Júlio César e

Caio Júlio César Estrabão, todos eles de rosto velado; e atrás dos homens surgiam as mulheres,

vestidas de negro, mas de rosto descoberto e cabeleiras desgrenhadas.

Ao chegarem aos *rostros,* os músicos, as carpideiras profissionais, os bailarinos e os funcionários dos serviços fúnebres foram postar-se

Nota: Os rostros: tribuna para os oradores na praça pública ou Fórum, ornada com os esporões dos navios conquistados aos Volscos de Âncio durante a guerra latina; *rostrum* significa precisamente esporão. *(N. do T.)*



junto ao muro das traseiras do Fórum, enquanto os actores, guiados por criados, subiram os degraus

até ao topo dos rostros, sentando-se depois nas cadeiras curuis. Vestiam a toga debruada a púrpura

do antepassado de Sila que alcançara, entre todos, a mais elevada posição social: o Sila que *fora flamen Dialis.* O caixão foi depois colocado nos rostros, e os parentes - todos eles, excepto Lúcio Nónio e Élia, ligados de alguma forma à casa Juliana - subiram até lá a fim de ouvirem o

panegírico. O próprio Sila fez o panegírico do filho: foram breves as suas palavras.

- Hoje, enterro o meu único filho - disse Sila para a multidão silenciosa. - Ele era membro da *gens* Cornélia, de um ramo com mais de duzentos anos, contendo cônsules e sacerdotes, homens

notáveis. Em Dezembro, também ele passaria a ser um homem da *gens* Cornélia. Mas estava

destinado que tal não aconteceria. O meu filho morreu pouco tempo antes de fazer quinze anos.

Sila virou-se para fitar os seus parentes: o jovem Mário, de toga negra, com a cabeça velada, pois já era um homem (o seu novo estatuto colocava-o bastante longe de Cornélia Sila, que o mirava com

uns olhos tristes num rosto ferido e inchado); ali estava Aurélia, e Júlia, mas enquanto Júlia chorava e apoiava fisicamente Élia, Aurélia mantinha-se muito direita e os seus olhos não vertiam uma

lágrima. A sua expressão parecia mais severa que triste.

- O meu filho era um belo rapaz, um jovem muito amado e objecto de todos os cuidados por parte

dos progenitores. A mãe morreu era ele muito novo, mas a madrasta foi para ele uma verdadeira

mãe. Se a morte não o tivesse vindo buscar, teria sido, sem sombra de dúvida, o legítimo

descendente de uma nobre casa patrícia, pois era educado, inteligente, interessado, corajoso.

Quando me desloquei ao Oriente para conferenciar com os reis do Ponto e da Arménia, ele foi

comigo, e sobreviveu a todos os perigos que as terras estrangeiras apresentam. Ele pôde assistir à

minha reunião com os enviados partos, e, entre todos os homens da sua geração, Roma escolhê-lo-ia

por certo quando fosse necessário enviar alguém a tais paragens. Era o meu melhor companheiro, o

meu mais leal seguidor. Era seu destino que a doença o viesse a afastar de Roma para sempre.

Roma ficará mais pobre, tal como eu e toda a minha família ficaremos mais pobres. Enterro-o

Nota: Sacerdote de Júpiter. *(N. do T.)*

agora com grande amor e mais tristeza, e ofereço-vos gladiadores para os jogos fúnebres.

As cerimónias nos rostros estavam concluídas; toda a gente se levantou e o cortejo retomou a sua

caminhada na direcção da Porta Capena, pois Sila escolhera um túmulo na Via Ápia, onde a maior

parte dos Cornélios estavam enterrados. À porta do túmulo, o jovem Sila foi retirado do caixão pelo

pai, e colocado dentro de um sarcófago de mármore montado sobre uma armação. A tampa do

sarcófago foi depois colocada pelos homens que tinham transportado o caixão, e a armação retirada.

Sila fechou então a grande porta de bronze. Fechava assim uma parte de si mesmo. Perdera o filho.

Nada voltaria a ser como dantes. Nunca mais.

Alguns dias depois do funeral do jovem Sila, a *lex Lívia agraria* foi aprovada. Foi para a

Assembleia da Plebe depois de aprovada pelo Senado (apesar da denodada oposição de Cepião e

Vário), e deparou com uma inesperada resistência nos *Comitia.* Druso não tinha contado com um factor - a oposição dos Italianos. Embora as terras em questão não lhes pertencessem, a verdade é

que as terras italianas, na sua maior parte, confinavam com a *ager publicas* romana, e, em muitos casos, a avaliação das superfícies das terras não estava feita. Muitos marcos tinham sido sub-repticiamente mudados, muitas propriedades de italianos continham terra que não pertencia a

Italianos. Teria de se proceder agora a uma nova e vasta avaliação das superfícies das propriedades,

tendo em vista a divisão das terras públicas em lotes de dez *iugera,* e as discrepâncias seriam automaticamente rectificadas. As terras públicas da Etrúria pareciam ser as mais afectadas,

provavelmente porque Caio Mário era um dos maiores latifundiários da região, e Caio Mário pouco

se preocupava com o facto de os seus vizinhos etruscos lhe roubarem um pouco de terra. A Umbria

também se mostrava inquieta; em contrapartida, a Campânia não se manifestava.

Druso, no entanto, estava muito contente. Por isso, escreveu a Silão que tudo estava a correr bem.

Escauro, Mário e Catulo César tinham ficado impressionados com os argumentos de Druso acerca

da *ager publicus,* e trataram de convencer o cônsul júnior, Filipe, a manter uma posição reservada.

Ninguém conseguia calar Cepião, mas às suas palavras pouca gente ligava, não só porque era um

mau orador, mas

também porque corriam boatos muito persistentes acerca de certas pessoas que tinham herdado

quantidades apreciáveis de ouro - e em Roma ninguém perdoaria aos Servílios Cepiões a existência

de uma tal mancha na família.

*Por isso, Quinto Popaedius, vê o que podes fazer para convencer os Etruscos e os Úmbrios a deixarem de se queixar. A última coisa que me podia acontecer era ter de enfrentar os protestos daqueles que possuíam inicialmente as terras que estou a tentar distribuir.*

Mas a resposta de Silão não foi encorajadora.

*Infelizmente, Marco Lívio, disponho de muito pouca influência na Úmbria ou na Etrúria. São povos muito difíceis - muito convencidos da sua própria autonomia, além do que desconfiam dos Marsos. Prepara-te para dois incidentes. Um deles é abertamente referido no Norte. Quanto ao outro, ouvi falar dele por acaso, e preocupa-me muito mais.*

*Vamos ao primeiro incidente. Os grandes proprietários etruscos e Úmbrios estão a pensar marchar sobre Roma, a fim de protestarem contra a divisão da* ager publicus *romana. O pretexto deles (é evidentemente que não vão admitir que mexeram nos marcos e ocuparam terras que, por lei, não lhes pertenciam) é que a* ager publicus *romana da Etrúria e da Úmbria existe há já tanto tempo que acabou por moldar a economia e a população. Um afluxo de pequenos proprietários arruinará a Etrúria e a Úmbria, dizem eles. As cidades, acrescentam, não possuem o tipo de lojas e mercados que normalmente abastecem os pequenos proprietários*

*- as lojas dessas cidades são grandes armazéns, pois os proprietários e administradores dos* latifundia *compram a granel. Além disso - acentuam -, os proprietários dos* latifundia *libertariam os escravos que trabalham nas suas terras, sem se preocuparem*

*minimamente com as consequências. Com o resultado de que milhares de escravos libertados permaneceriam inactivos naquelas regiões, provocando desacatos, e mesmo roubando e saqueando. Por isso, acrescentam, a Etrúria e a Úmbria acabariam por ter de mandar esses antigos escravos para as suas terras de origem, e isso não lhes sairia nada barato. E assim por diante.*

*Prepara-te desde já para a comissão que irá falar contigo em Roma!*

423

*O segundo incidente é potencialmente mais perigoso. Algumas das personalidades mais impetuosas do Sâmnio concluíram que não há já qualquer esperança de obter a cidadania ou a paz com Roma, e vão*

*mostrar a Roma o seu descontentamento durante a celebração da festa de Júpiter Latiaris, no monte Albano.*

*Planeiam assassinar os cônsules Sexto César e Filipe. O plano está bem elaborado - atacarão os cônsules no regresso destes, de Bovilas a Roma e serão em número suficiente para dominar todos os celebrantes que participam nos pacíficos festejos.*

*Faz o que podes para acalmar os proprietários úmbrios e etruscos, e esmaga o plano dos Samnitas enquanto é tempo. Mas no meio disto tudo sempre há uma notícia agradável: toda a gente a quem propus o juramento de obediência à tua pessoa, fê-lo de muito bom grado. Nunca como agora tiveste tantos clientes potenciais. E*

*o número não pára de aumentar.*

Sim, de facto aquela era uma boa notícia! No meio de tanta desgraça... Com uma expressão tensa, Druso tratou de reflectir acerca das passagens menos agradáveis da carta de Silão. Quanto aos italianos da Etrúria e da Úmbria, pouco podia fazer: talvez um discurso de choque para quando eles aparecessem no Fórum.

Quanto ao plano para assassinar os cônsules, não tinha outra hipótese senão avisar os cônsules. Que por certo o pressionariam para que revelasse a sua fonte, e não aceitariam respostas evasivas - especialmente Filipe.

Por isso, Druso decidiu visitar Sexto César, e não Filipe, e, com a maior naturalidade, revelou as suas fontes.

- Recebi uma carta do meu amigo Quinto Popaedius Silão, o marso de Marrúbio - disse ele a Sexto César. -

Parece que um bando de samnitas descontentes concluiu que a única forma de levar Roma a admitir a lógica do alargamento da cidadania a toda a Itália, consiste em demonstrar a Roma que toda a Itália está decidida a conquistar esse direito. E para eles só a violência levará Roma a entender isso. Tu e Lúcio Márcio serão atacados por um grupo numeroso e bem armado de samnitas, algures entre Bovilas e Roma, quando

regressarem do Festival Latino.

Sexto César não estava num dos seus melhores dias, bem pelo contrário; a sua respiração arquejante era perfeitamente audível, os



seus lábios e os lóbulos das orelhas estavam ligeiramente azulados. No entanto, tinha-se habituado à

sua doença e conseguira chegar ao consulado apesar dela - e vencera mesmo o primo, Lúcio César,

que tinha sido pretor antes dele.

- Conceder-te-ei um voto de agradecimento no Senado, Marco Lívio - retorquiu o cônsul sénior. - E

diz ao nosso Princeps Senatus que escreva a Quinto Popaedius Silão a agradecer-lhe em nome do

Senado.

- Sexto Júlio, eu preferia que não adoptasses esse procedimento! Não me parece a melhor solução -

replicou imediatamente Druso. Acho que será melhor não dizer nada a ninguém, convocar umas

quantas coortes de Cápua e tentar com elas capturar os samnitas. De outro modo, os samnitas

ficarão a saber que a sua conjura foi descoberta, e por isso, obviamente, não a porão em prática.

Além disso, o teu colega Lúcio Márcio ficará a pensar que não havia conjura nenhuma. Para

salvaguardar a minha reputação, preferia que os samnitas fossem apanhados em flagrante delito.

Dessa forma poderíamos dar uma lição a toda a Itália, aniquilando todos os conspiradores. Seria

uma maneira de dizermos à Itália que a violência não leva a lado nenhum.

- Tens razão, Marco Lívio. Vou fazer como dizes - concordou Sexto Júlio César.

Druso prosseguiu assim a sua obra, enfrentando os revoltados proprietários italianos e os

conspiradores samnitas. Os etruscos e os úmbrios apareceram de facto. Felizmente, revelaram-se

tão agressivos e arrogantes que acabaram por irritar homens que, de outra forma, talvez os tivessem

apoiado. Depressa os mandaram de regresso às suas terras. Em Roma, deixavam muita desconfiança

e escassa simpatia. No que toca à conjura dos Samnitas, Sexto César actuou exactamente como

Druso lhe tinha pedido. Por isso, quando os samnitas atacaram o cortejo aparentemente pacífico em

que seguiam os dois cônsules, tiveram a surpresa de deparar com algumas coortes de legionários

que se tinham escondido atrás dos túmulos, do outro lado da Via Ápia. Alguns morreram em

combate, mas a maior parte foi capturada, chicoteada e executada.

O que interessava a Druso era que a sua *lex agraria* estava aprovada, o que implicava que todos os cidadãos romanos receberiam dez *iugera* das terras públicas. O Senado e o resto da Primeira Classe receberiam as suas parcelas em primeiro lugar; os *capite censi* seriam os últimos



a recebê-las. Embora houvesse milhões de *iugera* de terra pública em Itália, Druso duvidava que, quando chegasse a vez da massa proletária, ainda restasse alguma para distribuir. E, como toda a

gente sabia, não era boa política alimentar conflitos com os *capite censi.* Teriam de receber alguma compensação em vez da terra. E só uma compensação era possível - cereais do Estado, a um preço

reduzido, a um preço que teria de se manter estável mesmo em épocas de fome. Oh, que terrível

batalha teria de travar para levar o Senado a aprovar uma *lex frumentaria,* uma lei que previsse a venda permanente de cereais baratos ao povo miúdo!

Para aumentar os seus problemas, a tentativa de assassínio durante o Festival Latino tinha deixado

Filipe alarmado, levando-o a consultar todos os amigos que tinha em Itália; em Maio, anunciou ao

Senado que a Itália estava inquieta e que alguns homens falavam de guerra com Roma. Filipe não

tinha o comportamento de um homem assustado, pelo contrário: aparentemente, o que ele achava

era que os Italianos deviam levar uma boa lição, um susto que os intimidasse de uma vez por todas.

Propôs por isso que fossem enviados dois pretores, um para as regiões a sul de Roma, o outro para

as regiões a norte, a fim de descobrirem, em nome do Senado e do Povo de Roma, o que se estava a

passar em Itália.

Catulo César, que tanto tinha sofrido em Esérnia durante a época em que presidira ao tribunal

especial de inquérito previsto pela *lex Licinia Mucia,* achou a ideia de Filipe excelente. A

intervenção de Catulo César não deixou de impressionar um bom número de senadores, que logo

trataram de apoiar a proposta de Filipe. Depressa foram escolhidos os pretores: Sérvio Sulpício

Galba conduziria as investigações a sul de Roma, ao passo que o pretor Quinto Servílio, da família

do Augure, iria para norte. Ambos podiam escolher um assistente, dispunham de autoridade

proconsular e era-lhes dado todo o dinheiro necessário para viajarem nas melhores condições (o que

incluía a possibilidade de contratarem uma pequena força de ex-gladiadores que seriam os seus

guarda-costas).

A notícia de que o Senado tinha nomeado dois pretores para investigarem aquilo a que Catulo César

chamava a ”questão italiana”, não agradou rigorosamente nada a Silão. Mutilo do Sâmnio, furioso

com a execução de duzentos dos seus mais corajosos compatriotas, sentia-se inclinado a considerar

esta iniciativa como um acto de guerra.

426

Druso desatou então a escrever cartas a ambos os homens, pedindo-lhes que lhe dessem uma

oportunidade, rogando-lhes que esperassem.

Entretanto, Druso preparou-se para a batalha do Senado: era preciso que este aprovasse a venda de

cereais a preços reduzidos. Tal como a distribuição da *ager publicus,* os cereais baratos eram uma benesse que nunca poderia ser dada apenas às classes mais baixas. Qualquer cidadão romano

disposto a ir para a longa fila de espera junto à tenda dos edis perto do Porticus Minúcia, podia

obter o seu bilhete oficial que lhe dava direito a cinco *modii* de trigo público; depois, apresentava-se com esse bilhete nos celeiros do Estado, situados no monte Aventino, e levava o cereal para casa.

Havia alguns homens de grande prestígio e riqueza que se aproveitavam deste privilégio dos

cidadãos - metade porque eram avarentos incuráveis, e a outra metade por uma questão de

princípio. Mas de um modo geral, a maior parte dos homens que se podiam dar ao luxo de mandar o

criado comprar cereais aos celeiros privados da Vicus Tuscus, normalmente não recorriam, pelo

menos pessoalmente, ao cereal mais barato oferecido pelo Estado. Comparada com os custos de

outros produtos - a renda, por exemplo, que era sempre muito elevada -, a soma de cinquenta ou

cem sestércios por mês e por pessoa, desembolsada para comprar cereais privados, era pouca coisa.

Por isso, a grande maioria dos homens que recorriam aos bilhetes do Estado eram ou cidadãos

necessitados da Quinta Classe, ou *capite censi.*

- A terra não chegará para todos eles - disse Druso no Senado.

- No entanto, não podemos esquecer-nos deles, não podemos dar-lhes motivos que os levem a

pensar que foram uma vez mais desprezados. Caros Senadores: a manjedoura de Roma é

suficientemente grande para que *todas* as bocas a ela possam comer! Se não podemos dar terra aos *capite censi,* então teremos de lhes dar cereais baratos. A um preço fixo de cinco sestércios o *modius,* todos os anos, haja abundância ou escassez. Desta forma, a carga financeira que o Tesouro tem de aguentar será de algum modo mais leve - sempre que há excedentes de cereais, o Tesouro

compra-o a um preço que vai dos dois aos quatro sestércios o *modius.* Vendendo o cereal a cinco sestércios, o Tesouro poderá, apesar de tudo, obter algum lucro, que facilitará a sua tarefa em anos

de escassez. Por essa razão, sugiro que o Tesouro mantenha uma conta separada para os cereais.

Não devemos cometer o erro de recorrer aos rendimentos gerais para financiar esta lei.

427

- E de que modo pagaremos esta magnífica dádiva, Marco Lívio?

- perguntou Lúcio Márcio Filipe, no seu jeito arrastado.

Druso sorriu.

- Já pensei nisso tudo, Lúcio Márcio. Está prevista na minha lei a desvalorização de algumas das

nossas tiragens de moeda.

O Senado agitou-se, murmurou; ninguém gostava de ouvir a palavra ”desvalorização”, pois a maior

parte dos senadores mostrava-se fortemente conservadora perante problemas *dofiscus.* Roma não tinha por hábito adulterar a cunhagem: tal procedimento era considerado como um vício grego.

Praticamente, só durante a primeira e a segunda das guerras púnicas é que Roma recorrera a essa

medida, e a maior parte das vezes porque era necessário padronizar o peso das moedas. Embora a

outros níveis fosse um radical, Caio Graco tinha aumentado o valor das moedas de prata.

Não havia motivo para alarmes, explicou Druso.

- Um em cada oito *denarii* será feito de bronze misturado com um pouco de chumbo, de forma a

que tal moeda tenha o mesmo peso de uma moeda de prata. Depois, esse *denarius* será revestido de prata. Fiz os meus cálculos seguindo o mais conservador dos raciocínios. Nomeadamente, parti do

princípio de que teremos, em matéria de cereais, cinco anos fracos para cada dois anos bons, e,

como sabem, a visão conservadora desta questão é extremamente pessimista. Na realidade, são mais

os anos bons do que os maus. No entanto, não podemos excluir um outro período de fome, como o

que se registou aquando da guerra com os escravos da Sicília. Por outro lado, revestir uma moeda

de prata envolve mais trabalho do que cunhar prata pura. Por isso, o meu programa aponta para uma

proporção de um para cada oito *denarii,* embora a verdadeira proporção se aproxime mais de um para cada dez *denarii.* O Tesouro, como por certo entenderão, não pode perder. Por outro lado, esta medida não se revelará incómoda para os homens de negócios que negoceiam com papel. A carga

mais pesada será suportada por aqueles que estão limitados ao uso de moedas. Finalmente, e creio

que este é o factor mais importante, esta medida evita o ódio que uma tributação directa provocaria.

- E porque havemos de nos dar ao trabalho de revestir de prata uma em cada oito moedas de cada

tiragem, quando podíamos muito simplesmente revestir uma em cada oito tiragens? - perguntou o

pretor Lúcio Lúcilio, que (como era costume na sua família) tinha



mais vocação para as palavras do que para a aritmética e as coisas práticas.

- Porque - explicou pacientemente Druso - é vital, creio, que a maior parte das pessoas que usam

moedas não consiga distinguir a moeda verdadeira da que é apenas revestida de prata. Se saísse uma

tiragem só de moedas de bronze, ninguém quereria gastá-las.

Embora parecesse milagre, o certo é que Druso conseguiu que a sua *lex frumentaria* fosse aprovada.

Pressionado pelo Tesouro (que fizera as suas contas e chegara às mesmas conclusões de Druso, ou

seja, que só teria a ganhar com a desvalorização), o Senado sancionou a promulgação da lei na

Assembleia da Plebe. Nesta, os cavaleiros mais poderosos depressa perceberam que tal lei pouco os

incomodaria, pois não eram muitas as transacções em que recorriam ao numerário. Claro que todos

sabiam que a *lex frumentaria* afectava toda a gente, que a distinção entre dinheiro verdadeiro e papel era, na melhor das hipóteses, especiosa; mas eram homens pragmáticos e sabiam

perfeitamente que o único valor verdadeiro que o dinheiro tinha (fosse qual fosse o dinheiro) era a

confiança que o povo depositava nele.

Em fins de Junho, a lei entrava em vigor. Os cereais públicos seriam vendidos, nos anos futuros, a

cinco sestércios o *modius,* e os questores ligados ao Tesouro programavam já a primeira tiragem de moedas desvalorizadas, associados aos *viri monetales* que iriam supervisionar as operações de cunhagem. Tudo isto demoraria o seu tempo, mas os funcionários responsáveis calculavam que em

Setembro um em cada oito novos *denarii* em circulação teria um revestimento de prata. Entretanto havia quem não estivesse contente. Cepião nunca deixara de protestar, os cavaleiros não estavam

inteiramente satisfeitos com Druso, e as classes mais baixas suspeitavam que os seus dirigentes as

estavam a enganar. Mas Druso não era nenhum Saturnino, e o Senado sentia-se grato por isso.

Quando realizava uma *contio* na Assembleia da Plebe, insistia na moderação e na legalidade; se moderação e legalidade corriam riscos, suspendia a reunião imediatamente. Por outro lado, Druso

não hostilizava os augures, nem recorria a tácticas agressivas.

O fim do mês de Junho significava uma paragem forçada no programa de Druso: era a pausa oficial

do Verão. O Senado interrompeu as reuniões, o mesmo sucedendo com os *comitia.* Contente com

tal pausa - sentia-se cada vez mais cansado pelo facto de ter cada vez



menos actividade -, também Druso deixou Roma. Mandou a mãe e as seis crianças que estavam ao

cuidado dela para a sua sumptuosa *villa* de Miseno, e foi visitar Silão e Mutilo, com quem efectuou depois uma viagem por toda a Itália.

Durante essa viagem, Druso apercebeu-se claramente de que as nações italianas da península central

estavam preparadas para se lançar numa guerra; certo, num caminho poeirento, longe de

aquartelamentos romanos ou latinos, viu legiões inteiras, extremamente bem equipadas, realizando

manobras. Nada disse a Silão e a Mutilo, não lhes perguntou nada. No fundo, acreditava que

aqueles preparativos nunca teriam uma aplicação prática. Ou seja, não acreditava que viesse a haver

guerra. Com uma produção legislativa sem precedentes, conseguira convencer o Senado e a

Assembleia da Plebe de que eram necessárias reformas nos principais tribunais, no Senado, na *ager publicus,* e na distribuição de cereais. Ninguém - nem Tibério Graco, nem Caio Graco, tão pouco Caio Mário ou Saturnino - conseguira fazer o que ele fizera: promulgar legislação tão polémica sem

violência, sem a oposição do Senado, sem a rejeição dos cavaleiros. Porque acreditavam nele,

porque o respeitavam, porque confiavam nele. Sabia agora que quando revelasse publicamente as

suas intenções sobre a concessão da cidadania a toda a Itália, tanto senadores como cavaleiros

deixariam que ele conduzisse o processo, mesmo que não estivessem totalmente de acordo. E a

concessão da cidadania a toda a Itália seria uma realidade! E em consequência disso, ele, Marco

Lívio Druso, passaria a contar com um número imenso de clientes: um quarto da população do

mundo romano. De facto, o juramento de obediência e fidelidade tinha deparado com a adesão de

muita gente, de uma ponta à outra da península. Até mesmo na Etrúria e na Umbria, Druso teria

clientes.

Cerca de oito dias antes da reabertura do Senado, nas Calendas de Setembro, Druso chegou à sua

*villa* de Miseno, a fim de descansar um pouco. O convívio com a mãe era para ele motivo de grande alegria. Além disso, a sua presença era indubitavelmente reconfortante - a mãe era uma mulher

espirituosa, inteligente, culta, serena, quase masculina na sua apreciação de um universo que, no

fim de contas, era basicamente masculino. Interessava-se muito por política, e acompanhara o

programa de leis de Druso com orgulho e satisfação. O seu passado familiar (liberal, porque era

uma Cornélia) predispunha-a



a um certo radicalismo, embora mesclado de um conservadorismo que a levava a aprovar a notável visão que o filho tinha das realidades do Senado e do Povo. Nada de força, nada de violência, nada de ameaças: as únicas armas eram uma voz de ouro e uma língua de prata. Assim é que deviam ser os grandes políticos!

Marco Lívio Druso era assim, e ela sentia-se feliz porque o filho herdara dela essas faculdades: dela e não do pai, esse homem teimoso, orgulhoso, amigo da discórdia.

- Bom, não há dúvida que te portaste brilhantemente no que toca à lei, à terra e às classes pobres - disse ela. -

Que vem a seguir?

Druso respirou fundo e fitou-a directamente, com um olhar grave.

- Vou propor a cidadania romana para todos os homens que vivem em Itália.

Mais pálida que o seu vestido cor de osso, Cornélia Cipião exclamou:

- Oh, Marco Lívio! Até agora deixaram-te fazer tudo o que querias. Mas isso não to vão permitir!

- Porque não? - perguntou ele, surpreendido; Druso habituara-se já à ideia de que era capaz de fazer aquilo que mais ninguém conseguia.

- A defesa da cidadania é uma tarefa de que os deuses incumbiram Roma - disse ela, ainda pálida. - Não, a tua proposta será rejeitada! Eles nunca a aceitariam! Nem mesmo que o próprio Quirino aparecesse no meio do Fórum e lhes ordenasse que a aprovassem! Desiste, Marco Lívio! Não tentes fazer uma coisa dessas! -

Cornélia Cipião tremia.

- Peço-te por tudo, desiste dessa ideia!

- Jurei que havia de fazê-lo, mãe. E podes crer que vou fazê-lo! Durante um longo momento, os olhos de Cornélia, exprimindo todo o receio que sentia pela sorte do filho, procuraram os olhos negros dele. Depois, suspirou, encolheu os ombros.

- Bom, está visto que não consigo demover-te dessa tua ideia. Por alguma razão és sobrinho-bisneto de Cipião Africano. Oh, meu filho, meu filho, eles vão matar-te!

Druso fitou-a com uma expressão dubitativa.

- Matar-me? Matar-me porquê, mãe? Eu não sou Caio Graco. Não sou Saturnino. Tudo o que faço, faço-o de acordo com a lei. Não ameaço nenhum homem, não ameaço a *mós maiorum.*

Demasiado inquieta para prosseguir aquela conversa, Cornélia levantou-se num ápice.

- Anda, vem ver as crianças, têm saudades tuas.

431

Não havia grande exagero naquelas palavras. De facto, Druso tornara-se extraordinariamente popular entre as crianças da sua casa.

Quando já estavam perto da sala de jogos das crianças, aperceberam-se de que havia uma briga.

- Vou matar-te, Catão! - gritava Servília quando os dois adultos entraram.

- Pára já com isso, Servília! - exclamou Druso num tom severo, sentindo que havia algo de sério no tom em que Servília dizia aquilo.

- Catão é teu meio-irmão. Não tocas nele!

- Toco nele, sim. Basta que estejamos sós o tempo suficiente foi a sinistra resposta de Servília.

- Nunca ficarás sozinha com ele, Nariz de Batata! - replicou o jovem Cepião, pondo-se entre ela e o jovem Catão.

- Eu não tenho nariz de batata! - exclamou Servília furiosa.

- Tens, sim! - retorquiu o jovem Cepião. - É um narizinho horrível com uma batata horrível na ponta. Uh! Que porcaria de nariz!

- Calados! - exclamou Druso. - Será que vocês fazem alguma coisa para além de brigarem?

- Sim! - disse o jovem Catão bem alto. - Discutimos!

- Com *ele* aqui, que se há-de fazer? - disse Druso Nero.

- Cala-te, Nero Preto! - disse o jovem Cepião, decidido a defender Catão.

- Eu não sou preto!

- És preto, és! És preto! - gritou o jovem Catão, de punhos cerrados.

- Tu não és um Servílio Cepião! - disse Servília ao jovem Cepião.

- És o descendente de um escravo gaulês ruivo, impingiram-nos a tua pessoa, a nós, que somos Servílios Cepiões!

- Nariz de batata! Nariz de batata! Que nariz mais horroroso!

- *Tace!* - gritou Druso.

- Filho de um escravo! - atirou Servília.

- Filha de um imbecil! - gritou Pórcia.

- Porca sardenta! - exclamou Lila.

- Senta-te, meu filho - disse Cornélia Cipião, muito pouco perturbada com toda aquela gritaria. - Quando acabarem, prestar-nos-ão atenção.

- É costume invocarem a genealogia nestas discussões? - perguntou Druso, bem alto por causa dos gritos.

- Com Servília aqui, era inevitável - retorquiu a avó.

432

Com treze anos, um corpo de rapariga feita, e um rosto encantador, reservado, Servília deveria ter sido afastada das outras crianças dois ou três anos antes, em consequência do castigo que Druso decidira

aplicar-lhe. Mas tal não sucedera. E depois de assistir àquela discussão, Druso apercebeu-se de que tinha sido um erro não a afastar dos outros.

Lila, que acabara de fazer doze anos, também já estava muito crescida. Mais bonita que Servília, embora não tão atraente, o seu rosto moreno, a sua expressão franca e travessa, mostravam a toda a gente que género de pessoa ela era. O terceiro membro do grupo dos mais velhos, e muito ligado a ele contra o grupo dos mais novos, era o filho adoptivo de Druso, Marco Lívio Druso Nero Claudiano; tinha nove anos e as bonitas

feições dos Cláudios, normalmente reservados e melancólicos. Não era inteligente, mas simpático e dócil.

Vinham depois os filhos de Catão, pois Druso não conseguia admitir que o jovem Cepião fosse filho de

Cepião, por muito que Lívia Drusa tivesse insistido. Era extraordinariamente parecido com Catão Saloniano: o mesmo corpo elegantemente musculado, a promessa de que viria a ser alto, a mesma cabeça, as mesmas

orelhas, um pescoço alto, braços e pernas longos, e o cabelo muito ruivo. Embora fossem castanhos- claros, os seus olhos só nesse pormenor se assemelhavam aos de Cepião, pois eram uns olhos grandes, rasgados, e fundos. Das seis crianças, o jovem Cepião era o favorito de Druso. Havia nele uma força, uma tendência para assumir responsabilidades, que atraíam Druso; embora ainda não tivesse feito seis anos, o jovem Cepião falava com Druso como um homem maduro e extraordinariamente sensato. Tinha uma voz muito profunda,

uma expressão sempre séria e pensativa nos olhos avermelhados. Pouco sorria, excepto quando o seu irmão mais novo, o jovem Catão, fazia alguma coisa que ele achava divertida ou comovente; o seu afecto pelo irmão era tão grande que, quem os visse, seria

levado a pensar que o menino de seis anos tinha em relação ao outro uma atitude paternalista. Fosse como fosse, o certo é que Cepião nunca se separava de Catão.

Pórcia, ou Porcela, como lhe chamavam, ia fazer quatro anos. Não era bonita e começava a ter uma imensidão de sardas, sardas enormes, castanhas, que lhe valiam as diatribes constantes das meias-irmãs mais velhas.

Servília e Lila detestavam-na e transformavam a sua vida numa verdadeira tortura: beliscavam-na, davam-lhe pontapés e bofetadas, mordiam-lhe, arranhavam-na. O nariz adunco, típico dos



Catões, era de facto muito feio; no entanto, os seus olhos, cinzentos-escuros, eram belíssimos, e, quanto a simpatia e bondade, eram qualidades que não lhe faltavam.

O jovem Catão tinha quase três anos. Era um verdadeiro monstro, tanto no físico como de índole. O nariz parecia crescer mais depressa que o resto do corpo: com uma ponta em forma de batata, parecia nada ter a ver com o rosto, que era extremamente belo - uma boca delicada, olhos cinzentos-claros, enormes, luminosos, maçãs do rosto bem desenhadas, um queixo harmonioso. Embora os ombros largos sugerissem que talvez

viesse a ter um belo corpo, Catão era extremamente magro, pois não mostrava o mínimo interesse pela

comida. Era por natureza irritantemente intrometido, o tipo de mentalidade que Druso mais abominava; uma resposta lúcida e razoável a uma das suas agressivas e detestáveis perguntas servia apenas para suscitar mais e mais perguntas, podendo por isso concluir-se que ou era estúpido, ou demasiado teimoso para entender

qualquer outro ponto de vista. A sua característica mais cativante - e ele bem precisava de ter uma! - era a profunda devoção ao jovem Cepião. Recusava-se pura e simplesmente a separar-se do irmão. Quando o seu comportamento se tornava absolutamente intolerável, bastava dizer-lhe que o iam separar do irmão: ficava mais dócil que um cordeiro.

Pouco tempo após o segundo aniversário do jovem Catão, Silão fizera a sua última visita a Druso; Druso era agora um tribuno da plebe, e Silão considerava imprudente mostrar a Roma que a sua amizade era tão forte como dantes. Silão, que também era pai, gostava sempre de ir ver as crianças quando estava em casa de Druso. Por isso prestara alguma atenção a Servília, a pequena espia, embora conseguisse ter o desprendimento necessário para se rir do desprezo com que ela o tratava. Adorava as quatro crianças do meio, brincava mesmo com elas. Mas detestava o jovem Catão, embora não fosse capaz de encontrar um motivo lógico para tal sentimento em relação a uma criança de dois anos.

- Quando estou com ele, sinto-me tal e qual como um animal irracional - dizia Silão a Druso. - Sinto que ele é um inimigo, não sei porquê. É uma reacção instintiva, inexplicável.

Era a resistência espartana da criança que o irritava, ainda que pudesse considerar admirável tal traço de carácter. Quando via aquele minúsculo ser não deitar uma lágrima e manter a mais firme das



expressões depois de ter sido maltratado, física ou mentalmente, Silão ficava positivamente fora de si. Porque é que ele reage assim?, perguntava a si mesmo, e não conseguia encontrar uma resposta que o satisfizesse.

Talvez porque o jovem Catão nunca se preocupara em esconder o seu desprezo pelos Italianos. Claro que isso era resultado da maligna

influência de Servília. No entanto, quando Servília o tratava com desprezo, por ele não ser um Romano puro, o jovem Catão conseguia reagir com indiferença. Enfim, concluía Silão, indiferença era um sentimento que o jovem Catão nunca suscitaria.

Certo dia, furioso com as perguntas impertinentes com que o filho de Catão Saloniano atormentava Druso (e sem compreender como era possível Druso mostrar tanta paciência e amabilidade), Silão pegou no menino e suspendeu-o de uma janela que dava para um jardim cheio de pedras aguçadas.

- Porta-te bem, jovem Catão, ou um dia destes deixo-te cair! disse-lhe Silão.

A criança deixou-se ficar quieta, obstinadamente silenciosa, mais rebelde e segura do que nunca; Silão abanava-o, fingia que ia deixá-lo cair, mas o jovem Catão permanecia mudo e determinado. Até que Silão acabou por pô-lo no chão, reconhecendo a derrota, abanando a cabeça para Druso.

- Ainda bem que ele é um bebé - comentou. - Se fosse um adulto, a Itália nunca conseguiria convencer os Romanos!

Noutra ocasião, Silão perguntou ao jovem Catão de quem é que ele gostava.

- Do meu irmão - respondeu a criança.

- E a seguir ao teu irmão? - perguntou Silão.

- O meu irmão.

- Mas de quem é que gostas mais depois do teu irmão?

- Do meu irmão.

Silão virou-se para Druso.

- Mas ele não gosta de mais ninguém? Não gosta de ti? Não gosta da avó?

Druso encolheu os ombros.

- Parece que ele só gosta do irmão, Quinto Popaedius.

A reacção de Silão ao comportamento do jovem Catão era idêntica à reacção da maior parte das pessoas; aquele menino não despertava, de facto, grandes afectos.

435

As seis crianças tinham-se dividido sempre em dois grupos, aliando-se os mais velhos contra os filhos de Catão Saloniano. Por isso, a sala onde brincavam mais fazia lembrar um campo de batalha, onde a todo o momento se ouviam berros e guinchos. Era natural e lógico que os Servílio-Livianos dominassem os filhos de Catão Saloniano; porém, depois de ter feito dois anos, o jovem Catão começou a participar nas brigas e os Catonianos ganharam ascendência. Ninguém conseguia vencê-lo ou submetê-lo, fosse de que maneira fosse.

O jovem Catão podia não ter muita inteligência, mas era, sem sombra de dúvida, a quinta-essência do

adversário nato - infatigável, constante, impertinente, insistente, cruel, monstruoso.

- Não há dúvida, mãe - disse Druso, resumindo o que via na sala de jogos. - Juntaram-se aqui todos os defeitos de Roma.

Mas não foram só Druso e os dirigentes italianos que trabalharam durante esse Verão; Cepião tinha

pressionado assiduamente os cavaleiros; por outro lado, associado a Vário, conseguiu reforçar a resistência dos *Comitia* a Druso; quanto

a Filipe, cujas posições eram sempre determinadas pela bolsa, acabou por ser subornado por um grupo de cavaleiros e senadores cujos *latifúndios* representavam a principal percentagem dos seus bens.

Claro que ninguém sabia o que estava para acontecer, mas o Senado tinha conhecimento de que Druso iria falar na reunião das calendas de Setembro, e fervilhava de curiosidade. Muitos dos senadores, fascinados pelos dons oratórios de Druso na primeira metade desse ano, lamentavam agora que Druso tivesse falado tão bem; a adesão inicial dos senadores tinha-se dissipado, e, por isso, os homens que se reuniram na Cúria Hostília, no primeiro dia de Setembro, estavam decididos a resistir à magia de Druso.

Sexto Júlio César presidia à reunião, pois Setembro era um dos meses em que lhe competiam tais funções, o que implicava que os ritos preliminares fossem escrupulosamente observados. Os senadores sentaram-se e logo desataram num murmúrio inquieto, enquanto eram consultados os presságios, ditas as orações e realizada a missa sacrificial. E quando finalmente o Senado se lançou ao trabalho, tudo o que antecedia o discurso do tribuno da plebe foi rapidamente resolvido.

Chegara finalmente o momento tão esperado. Druso levantou-se do banco tribunício, sob a plataforma onde se sentavam os cônsules,



os pretores e os edis curuis, e encaminhou-se para o seu lugar de eleição, junto às grandes portas de bronze, as quais, tal como sucedera noutras ocasiões, se encontravam fechadas a seu pedido.

- Veneráveis dirigentes do nosso país, membros do Senado de Roma - começou ele, num tom brando. - Há

alguns meses, falei nesta casa de um demónio terrível que existia no nosso seio - o demónio da *ager publicus.*

Hoje, tenciono falar de um demónio muito mais terrível do que a *ager publicus.* Um demónio que, se não o esmagarmos, acabará por nos aniquilar. Por provocar o fim de Roma. Estou a falar, naturalmente, do povo que connosco vive nesta península. Do povo a que chamamos Italianos.

Um rumor circulou de uma ponta à outra do Senado, parecendo mais o som de um vento repentino agitando os ramos das árvores ou de um enxame de vespas ao longe do que o som de vozes humanas. Druso ouviu-o, compreendeu o que ele significava, mas prosseguiu como se nada se tivesse passado.

- Nós tratamos esses milhares de homens como cidadãos de terceira classe. Literalmente! O cidadão de

primeira classe é o Romano. O cidadão de segunda classe é aquele que beneficia dos Direitos Latinos. E o cidadão de terceira é o Italiano. Ou seja, aquele que consideramos indigno de participar no nosso congresso romano. Aquele que tem de pagar impostos, e que é açoitado, multado, expulso, espoliado, explorado. Aquele a cujos filhos, a cuja mulher, a cuja propriedade, não proporcionamos qualquer expectativa de segurança.

Aquele que é convocado para combater nas nossas guerras e que tem de financiar as tropas com que nos

ajuda, embora deva consentir que as suas tropas sejam comandadas por nós. Aquele que, se nós tivéssemos cumprido as nossas promessas, não teria de suportar as colónias romanas e latinas nas suas terras, pois nós prometemos total autonomia às nações italianas em troca de tropas e impostos, e depois enganámo-las,

implantando as nossas colónias dentro das suas fronteiras, ou seja, retirando-lhes o melhor que eles tinham e negando-lhes a entrada e participação no nosso mundo, na nossa vida.

O barulho crescia, mas a voz de Druso era ainda audível; era como uma tempestade que se aproximava, um enxame cada vez mais perto. Druso sentiu a boca seca e parou para beber água com a maior naturalidade possível. Não podia mostrar-se nervoso. Avançou com o discurso.

437

- Nós, em Roma, não temos nenhum rei. No entanto, no território da Itália, qualquer um de nós age

como se fosse um rei. Porque gostamos dessa sensação, gostamos de ver os nossos inferiores

rastejar sob os nossos narizes reais. *Gostamos* de brincar aos reis! Esta seria uma tendência desculpável se o povo de Itália fosse verdadeiramente inferior a nós. Mas a verdade é que os

Italianos não são inferiores a nós, se virmos a questão em termos da sua e da nossa natureza. Eles

são sangue do nosso sangue. Se não fossem sangue do nosso sangue, como poderia alguém nesta

Casa lançar diatribes contra outro membro desta Casa por causa do seu ”sangue italiano”? Chamam

Italiano ao grande e glorioso Caio Mário. E no entanto, foi Caio Mário quem derrotou os

Germanos! Chamam ínsubre ao nobre Lúcio Calpúrnio Pisão. No entanto, o seu pai morreu

corajosamente em Burdígala! Criticaram o grande Marco António Orador porque casou em

segundas núpcias com a filha de um italiano. No entanto, Marco António Orador derrotou os piratas

e foi censor!

- Sim, de facto foi censor - interveio Filipe. - E enquanto censor, permitiu que milhares e milhares

de italianos se apresentassem no censo como cidadãos romanos!

- Queres dar a entender, Lúcio Márcio, que fui conivente com essa infracção? - perguntou António

Orador, num tom ameaçador.

- Sem sombra de dúvida, Marco António! António Orador levantou-se, enorme, corpulento.

- Nesse caso vem cá repetir-me isso ao ouvido! - berrou.

- Ordem! Marco Lívio está no uso da palavra! - disse Sexto César, que já estava com problemas

respiratórios. - Lúcio Márcio e Marco António, sentem-se e calem-se! Não estão no uso da palavra!

Druso retomou o discurso.

- Repito o que disse. Os Italianos são sangue do nosso sangue. Contribuíram fortemente para os

nossos êxitos, tanto dentro de Itália como no estrangeiro. São bons soldados. São bons agricultores.

São bons comerciantes. Têm riquezas. Têm uma nobreza tão antiga quanto a nossa, dirigentes tão

educados como os nossos, mulheres tão cultas e refinadas como as nossas. Vivem no mesmo tipo de

casas que nós. Comem o mesmo género de comida que nós. Têm tantos peritos em vinhos como

nós. São em tudo parecidos connosco.

- Ora! Disparate! - exclamou desdenhosamente Catulo César, apontando para Cneu Pompeu

Estrabão, de Piceno. - Reparem-me

i

438

neste! Nariz arrebitado e cabelo cor de areia! Os Romanos podem ter cabelo ruivo, louro ou branco, mas nunca cor de areia! Ele é um gaulês, não um romano! E se mandasse a minha vontade, ele e todos os outros cogumelos não romanos que crescem na escuridão da nossa querida Cúria Hostília não mais pisariam este local! Caio Mário, Lúcio Calpúrnio Pisão, Quinto Vário, Marco António por ter casado com uma mulher que lhe é inferior, todos os Pompeus que vieram de Piceno com uma palhinha entre os dentes, todos os Dídios da Câmpania, todos os Pédios da Câmpania, todos os Saufeios e Labienos e Apuleios: temos de nos ver livres de toda essa gente!

Um verdadeiro alvoroço percorreu todo o Senado. Fosse por inferência, fosse porque os nomeara, Catulo César conseguira insultar pelo menos um terço dos senadores; mas o que dissera fora muito bem recebido pelos restantes dois terços, nem que fosse pelo facto de Catulo César lhes ter lembrado a sua superioridade.

Só Cepião não estava tão exultante como seria de prever - Catulo César tinha nomeado Quinto Vário.

- *Terão de me ouvir!* - gritou Druso. - Nem que tenhamos de esperar pela noite!

- Eu não te ouvirei! - berrou Filipe.

- Nem eu! - gritou Cepião.

- Marco Lívio está no uso da palavra! Aqueles que se recusarem a permitir que ele fale, serão expulsos desta casa! - gritou Sexto César. - Funcionário! Mande entrar os meus lictores!

O funcionário saiu a correr, logo trazendo os doze lictores de Sexto César, com os *fasces* aos ombros.

- Mantenham-se aqui no estrado curul! - disse Sexto César bem alto. - Esta assembleia está ingovernável, e é muito provável que vos tenha de pedir para pôr na rua certos homens. - Acenou para Druso.

- Continua, Lívio Druso.

- É minha intenção apresentar um projecto de lei ao *concilium plebis* cedendo a cidadania romana a todos os homens desde o rio Arno à cidade de Régio, desde o Rubicão até Vereio, desde o mar Toscano até ao mar Adriático! - gritou Druso, bem alto para que o ouvissem.

- É tempo de nos libertarmos desse demónio assustador! É tempo de acabarmos com esta separação entre os homens de Itália! De acabarmos com esta separação entre homens supostamente superiores e homens

supostamente inferiores! É tempo de acabarmos com a sobranceria de



Roma! Caros Senadores, Roma *é* Itália! E Itália é Roma! Admitamos de uma vez por todas esse

facto! Que todos os homens de Itália sejam considerados iguais, que todos tenham os mesmos

direitos e deveres!

A assembleia ficou literalmente frenética. Homens gritavam, ”Não! Não! Não!”, outros batiam com

os pés, outros soltavam’ berros de ultraje, outros assobiavam e vaiavam. Cadeiras voavam e iam

cair ao pé de Druso. Por todo o lado, punhos cerrados ameaçavam Druso.

Mas Druso permaneceu onde estava, pouco impressionado.

- Hei-de conseguir! - gritou. - Hei-de conseguir a aprovação desta lei!

- Por cima do meu cadáver! - berrou Cepião do estrado. Nesse instante, Druso moveu-se. Virou-se

ligeiramente a fim de fitar Cepião.

- Se necessário, será sobre o teu cadáver, grande cretino! Alguma vez falaste com italianos para

saber que tipos de homens são? - gritou Druso, tremendo de raiva.

- Na tua casa, Druso, *na tua casa. E* na tua casa eles falaram de revolta! Uma quantidade deles, uma quantidade de porcos italianos! Silão e Mutilo, Egnácio e Vidacílio, Lampónio e Durónio!

- Isso nunca aconteceu na minha casa! Nunca na minha casa se falou de revolta!

Cepião levantou-se, as faces arroxeadas.

- És um traidor, Druso! Uma desonra para a tua família, uma úlcera no rosto puro de Roma! Levar-

te-ei a tribunal por isto!

- Não, meu canalha, tu é que irás responder a tribunal! Que aconteceu ao ouro de Tolosa, Cepião?

Conta a esta Casa o que sucedeu a esse ouro! Conta a esta Casa por que razão as tuas empresas

estão tão prósperas! Conta a esta Casa todas as ilegalidades que cometeste! gritou Druso.

- Vão permitir que ele fique impune depois de me fazer tais acusações? - berrou Cepião, virando-se

para todos os lados da assembleia, as mãos esticadas num gesto de súplica. - Ele é que é o traidor!

Ele é que é a víbora!

Entretanto, Sexto César e Escauro Princeps Senatus não se cansavam de pedir ordem à assembleia.

Sexto César foi o primeiro a desistir: chamou os lictores, ajustou a toga e, num passo largo e

pomposo, abandonou a sala precedido da escolta, sem olhar nem para a esquerda nem para a direita.

Alguns dos pretores seguiram-no, mas Quinto



Pompeu Rufo saltou do estrado na direcção de Catulo César, no preciso momento em que Cneu

Pompeu Estrabão se aproximava também de Catulo. De punhos cerrados e expressão ameaçadora,

era indubitável que a vontade de qualquer deles era matar Catulo. Contudo, antes que Pompeu

conseguisse atingir o rosto escarninho e arrogante de Catulo César, já Caio Mário se interpunha

entre os contendores. Enquanto ele agarrava e dominava por completo os punhos furiosos de

Pompeu Estrabão, Crasso Orador sustinha Pompeu Rufo. Os Pompeus foram então levados, sem

qualquer cerimónia, para fora da sala, contando então Mário e Crasso Orador com a ajuda de Druso

e António Orador. Catulo César, por seu turno, deixou-se ficar de pé, ao lado do seu banco, com um

sorriso nos lábios.

- Eles não gostaram do que ouviram - comentou Druso, respirando fundo.

O grupo reunira-se junto à fonte dos *Comitia,* onde podia abrigar-se e recompor-se; ao fim de algum tempo, rodeava-o já uma pequena multidão de partidários furiosos e indignados.

- Como se atreve Catulo César a dizer uma tal coisa de nós, Pompeus! - gritou Pompeu Estrabão,

agarrando-se ao seu remoto primo Pompeu Rufo como se ele fosse um mastro num mar

tempestuoso. Se eu tivesse que achar uma cor para o *seu* cabelo, só poderia ser cor de areia!

- *Quin taces.* Todos calados! - disse Mário, procurando em vão Sila; de facto, Sila fora até então um dos mais entusiásticos apoiantes de Druso, não perdera uma única assembleia em que Druso falara.

Por onde andaria? Tê-lo-iam desencorajado os acontecimentos daquele dia? Estaria a bajular Catulo

César? Tudo isso era improvável, mas a verdade é que nem mesmo Mário tinha previsto tanta

violência. E onde estava Escauro Princeps Senatus?

- Como se atreve esse licencioso e ingrato Filipe a sugerir que falsifiquei o censo? - perguntou

António Orador, com o rosto, já de si corado, muito vermelho. - Aquele verme calou-se quando eu

o convidei a dizer-me isso ao ouvido!

- Quando ele te acusou, Marco António, estava também a acusar-me a mim! - disse Lúcio Valério

Flaco, abandonando o seu torpor habitual. - Ele pagará por isso, juro que pagará!

- Eles não gostaram do que ouviram - repetia Druso, incapaz de pensar noutra coisa.



- Por certo não esperavas que gostassem, Marco Lívio - disse Escauro, ao fundo do grupo.

- Ainda me apoias, Princeps Senatus? - perguntou Druso quando viu Escauro avançar para o centro

do grupo.

- Sim! Claro! - gritou Escauro, agitando as mãos. - Concordo que é tempo de fazermos o que é

lógico, nem que seja para evitar uma guerra - disse. - Infelizmente a maior parte das pessoas recusa-

se a acreditar que os Italianos poderão desencadear uma guerra contra Roma.

- Descobrirão que estão completamente enganados - disse Druso.

- Sim, descobrirão - disse Mário. Voltou a procurar à sua volta.

- Onde está Lúcio Cornélio Sila?

- Desapareceu - disse Escauro.

- Para as bandas da oposição?

- Não. Foi-se embora, pura e simplesmente - disse Escauro, suspirando. - Quer-me parecer que,

desde a morte do filho, não há nada que o entusiasme.

- É verdade - concordou Mário, aliviado. - Mesmo assim, pensava que esta confusão fosse capaz de

estimulá-lo.

- Só o tempo poderá curá-lo e estimulá-lo - retorquiu Escauro, que perdera também um filho, de

uma forma mais dolorosa que Sila.

- Onde vais depois disto, Marco Lívio? - perguntou Mário.

- Para a Assembleia da Plebe - retorquiu Druso. - Convocarei uma *contio* para daqui a três dias.

- Encontrarás uma oposição ainda mais forte - disse Crasso Orador.

- Isso pouco me importa - replicou Druso, obstinado. - Jurei que havia de fazer aprovar esta

legislação e hei-de consegui-lo!

- Entretanto, Marco Lívio, nós continuaremos a fazer o nosso trabalho no Senado - disse Escauro,

tentando confortá-lo.

- Terão de fazer melhor trabalho junto daqueles que Catulo César insultou - comentou Druso com

um sorriso amarelo.

- Infelizmente, muitos deles serão os adversários mais tenazes do alargamento da cidadania - disse

Pompeu Rufo, com um sorriso arreganhado. - Terão de voltar a falar com os seus primos e tios

italianos, depois de terem andado a fingir que não tinham nenhum familiar italiano.

- Parece que já esqueceste o insulto! - atirou-lhe Pompeu Estrabão, que obviamente não tinha

esquecido.

- Não, não me esqueci - retorquiu Pompeu Rufo, sorrindo ainda.



- Limitei-me a guardá-lo, a fim de o devolver àqueles que me insultaram. Não faz sentido virar a minha ira contra esta gente boa que aqui está.

Druso realizou a sua *contio* no quarto dia de Setembro. Os membros da Assembleia da Plebe não faltaram, já que estavam à espera de uma reunião excitante, mas segura; com Druso a presidir, não haveria violência.

Contudo, ia ainda Druso nas suas observações preliminares quando apareceu Lúcio Márcio Filipe, escoltado pelos seus lictores e seguido por um vasto grupo de jovens cavaleiros e filhos de senadores.

- Esta assembleia é ilegal! Exijo por isso que seja dissolvida! gritou Filipe, abrindo caminho entre a multidão, atrás dos seus lictores.

- Vá, fora daqui! Ordeno-lhes que dispersem!

- Lúcio Márcio Filipe, permite que te diga que não tens qualquer autoridade para dissolver uma reunião da Plebe legalmente convocada.

- disse Druso, impávido e sereno. - Retorna por isso aos teus assuntos, cônsul júnior.

- Eu sou um plebeu, por isso tenho direito a aqui estar - retorquiu Filipe.

Druso olhou-o com um sorriso brando nos lábios.

- Nesse caso, Lúcio Márcio, comporta-te como um plebeu e não como um cônsul! Assiste à reunião como

todos os outros plebeus.

- Esta reunião é ilegal! - teimou Filipe.

- Os augúrios foram declarados auspiciosos, eu segui escrupulosamente a lei para convocar esta *contio,* e tu estás muito simplesmente a roubar-nos um tempo precioso - disse Druso, logo secundado pelos aplausos da audiência, que talvez não estivesse de

acordo com o que Druso proporia, mas que nem por isso deixava de reprovar a interferência de Filipe.

Esse, porém, foi o sinal para os jovens que acompanhavam Filipe começarem a empurrar a multidão,

ordenando que se fossem todos embora. Entretanto, esses mesmos jovens iam tirando das togas ameaçadoras mocas.

Vendo as armas, Druso decidiu-se a agir.

- Esta *contio* está encerrada! - gritou ele dos *rostra.* - Não permitirei a ninguém que transforme uma reunião ordeira numa mortandade!

Mas nem todos os plebeus o quiseram ouvir; alguns homens começaram, por sua vez, a empurrar os jovens acompanhantes de Filipe, e a confrontação parecia inevitável; Druso teve de descer dos



*rostra* e ir para o meio da multidão, a fim de tentar convencer os membros da assembleia a dispersarem pacificamente.

Nesse instante, porém, um cliente italiano de Caio Mário, amargamente desapontado, não resistiu à ira que dele se apossara. Antes que alguém pudesse detê-lo - incluindo os apáticos lictores do cônsul júnior -, já ele tinha esmurrado o nariz de Filipe; um segundo depois, tinha desaparecido, deixando Filipe agarrado a um nariz que não parava de sangrar, encharcando a imaculada toga.

- É muito bem feito - disse Druso, com um sorriso de todo o tamanho, e logo partiu.

- Procedeste muito bem, Marco Lívio - disse Escauro Princeps Senatus, que tinha visto tudo dos degraus do Senado. - Que temos nós agora?

- Agora? Agora regressamos ao Senado - retorquiu Druso.

Druso regressou de facto ao Senado no sétimo dia de Setembro. Para sua surpresa, a recepção foi melhor; os seus aliados consulares tinham feito um bom trabalho, disso não havia a mínima dúvida.

- Aquilo que o Senado e o Povo de Roma têm de entender - disse Druso, numa voz sonora, firme,

impressionantemente séria - é que se continuarmos a negar a cidadania ao povo de Itália, haverá forçosamente guerra. Creiam que não digo isto levianamente! E antes que algum de vós comece a ridicularizar a ideia de que o povo de Itália é um inimigo de respeito, lembrarei que os Italianos participam, ao nosso lado, nas nossas guerras, há quatrocentos anos. Ao nosso lado, e não só: nalguns casos, contra nós. Eles sabem como nós nos comportamos na guerra. Eles sabem como nós lutamos e lutam tal e qual como nós. No passado, foi com

grande dificuldade que Roma venceu uma ou duas das nações italianas. Haverá aqui alguém que já tenha

esquecido Canas? Mas a derrota de Canas foi-nos inflingida por uma só nação italiana: Sâmnio. Antes de Arausio, Canas constituiu a mais terrível derrota sofrida por Roma. Imaginemos agora que as várias nações italianas decidem unir-se e declarar-nos guerra. A questão que ponho a mim mesmo, e a todos vós, num tal caso, é esta: Roma conseguirá vencê-las?

Uma onda de inquietação varreu o Senado de uma ponta à outra, como um vento percorrendo uma floresta de frágeis árvores, um vento a que se assemelhava também o suspiro colectivo que se ouviu.

- Eu sei que a grande maioria de vós crê que a guerra é absolutamente impossível. Por duas razões. Em primeiro lugar, porque não acreditam

que os Aliados Italianos consigam chegar a um entendimento para se unirem contra um inimigo comum; em segundo lugar, porque não acreditam que nenhuma nação em Itália, exceptuando naturalmente Roma, esteja preparada para a guerra. Mesmo entre aqueles que me apoiam activamente, há homens que não *conseguem* acreditar que os Aliados Italianos estejam preparados para a guerra. Aliás, talvez não fosse inexacto se eu dissesse que nenhum dos que me apoiam activamente acredita que a Itália está preparada para a guerra. Onde estão as armas e as armaduras?, perguntam. Onde está o equipamento? Onde estão os soldados? E eu

respondo: os soldados estão preparados, equipados, armados. A Itália está preparada para a guerra. Se não concedermos a cidadania à Itália, a Itália destruir-nos-á na guerra.

Fez uma pausa, abriu os braços.

- Suponho, caros Senadores, que entendem que uma guerra entre Roma e Itália será uma guerra civil! Será um conflito entre irmãos! Um conflito na terra a que chamamos nossa, e a que eles chamam sua. Como vamos justificar, perante os nossos netos, a ruína da nossa riqueza, das suas heranças? Com as débeis razões que oiço nesta assembleia sempre que ela se reúne? Numa guerra civil, não há vitória. Não há despojos. Não há

escravos para vender. Pensem naquilo que vos peço com o maior cuidado, com o maior desprendimento! Este não é um problema susceptível de ser julgado emocionalmente. Não é um problema que se possa abordar com preconceitos ou com ligeireza. O meu discurso tem um único objectivo: tentar salvar a minha querida Roma dos horrores da guerra civil.

Desta feita, o Senado escutava-o. Druso começava a nutrir algumas esperanças. Até mesmo Filipe que, com um ar furioso, murmurava

algo de indistinto de quando em quando, não o interrompeu. Tal como não o

interrompeu o malévolo e vociferante Cepião - e isso talvez fosse ainda mais significativo. A menos que ambos tivessem congeminado novas tácticas durante aquele intervalo de seis dias. No caso de Cepião, era muito provável que ele quisesse, pura e simplesmente, evitar ficar com um nariz inchado e ferido como o de Filipe.

Depois de Druso ter falado, foi a vez de intervirem Escauro Princeps Senatus, Crasso Orador, António Orador e Cévola, que, como se esperava, apoiaram Druso. E o Senado escutou atentamente todos esses discursos.

Mas quando Caio Mário se levantou para falar, a paz acabou. No preciso momento em que Druso pensava ter ganho aquela causa. Mais



tarde, Druso foi levado a concluir que Filipe e Cepião tinham de facto planeado a sua actuação.

Filipe ergueu-se de imediato.

- Basta! - gritou, saltando do estrado curul. - Basta! Quem és tu, Marco Lívio Druso, para

corromper a mente e os princípios de homens tão notáveis como o nosso Princeps Senatus? Que o

italiano Mário esteja do teu lado, é inevitável, mas o presidente do Senado? Ah, os meus ouvidos!

Os meus ouvidos! Será que os meus ouvidos ouviram realmente aquilo que alguns dos nossos mais

veneráveis ex-cônsules disseram hoje aqui?

- O teu nariz! O teu nariz! Será que ele cheira tão mal como tu, Filipe? - atirou-lhe, sarcástico,

António Orador.

- *Tace,* amante de italianas! - gritou Filipe. - Cala essa boca miserável! Recolhe esses cornos italianos!

Mal ouviu tal insulto, António Orador levantou-se do seu banco, pronto a atirar-se a Filipe. Mário e

Crasso Orador, no entanto, foram a tempo de detê-lo.

- Terão de me ouvir! - berrou Filipe. - Prestem bem atenção ao que vos foi dito! Não se deixem

conduzir como um rebanho! *Guerra!* Como poderá haver guerra? Os italianos não têm armas nem

homens! Como poderiam travar uma guerra com um rebanho de ovelhas: mesmo com um rebanho

como este que vejo no Senado?

Sexto César e Escauro Princeps Senatus pediam silêncio e ordem desde que Filipe começara a falar;

Sexto César, porém, acabou por chamar os seus lictores que, por precaução, se encontravam dentro

do edifício do Senado. No entanto, antes que os lictores conseguissem abeirar-se de Filipe, já este

tinha despido a toga debruada de púrpura, atirando-a de seguida a Escauro.

- Fica com ela, Escauro! Fica com ela, traidor! Fiquem com ela, vocês todos! Eu vou para Roma

procurar outro governo!

- E eu - disse Cepião, deixando o estrado - vou para os *Comitia,* a fim de reunir todo o Povo, patrícios e plebeus!

Uma verdadeira anarquia apoderou-se então de todo o Senado. Os senadores das filas de trás

puseram-se a andar de um lado para outro, sem paragem nem sentido, Escauro e Sexto César

continuavam a pedir ordem na sala, e a maior parte dos que se sentavam nas filas do meio e da

frente correram atrás de Filipe e Cepião.

A parte baixa do Fórum Romano estava cheia de gente esperando



por notícias sobre aquela reunião do Senado. Cepião encaminhou-se imediatamente para os *rostra,*

e daí pediu a todo o povo romano que se reunisse nas suas tribos. Sem se preocupar com

formalidades nem com o facto de a reunião do Senado não ter sido legalmente encerrada, o que

implicava que não podiam ser convocados *Comitia* -, Cepião lançou-se numa diatribe contra Druso, que, nesse momento, se encontrava já ao seu lado nos *rostra.*

- Olhem para ele, o traidor! - gritou Cepião. - O seu objectivo é dar a nossa cidadania, a cidadania

romana, aos porcos dos Italianos, a todos eles, a todos os pastores samnitas, esses miseráveis

pastores que são enxames de pulgas, a todos os rústicos picentinos, essa gente mentalmente

atrasada, a todos os miseráveis bandidos e salteadores da Lucânia e de Brútio! E o nosso Senado é

tão *idiota* que está prestes a permitir que este traidor faça o que quer! Mas eu não deixarei que o Senado faça isso! Eu não permitirei que este traidor ponha em prática o seu plano!

Druso virou-se para os outros nove tribunos da plebe que o tinham acompanhado aos *rostra;*

estivessem ou não de acordo com a proposta de Druso, a verdade é que nenhum deles ficara

satisfeito com as afirmações do patrício Cepião. Cepião tinha convocado a Assembleia de Todo o

Povo, é certo, mas fizera-o sem que o Senado tivesse concluído a sua reunião; além disso, usurpara

o território dos tribunos da plebe da forma mais arrogante possível; até mesmo Minício estava

irritado.

- Vou acabar de vez com esta farsa - disse Druso, com uma expressão determinada. - Estão todos

comigo?

- Todos estamos contigo - respondeu-lhe Saufeio, que era um dos seus partidários.

Druso avançou.

- Esta assembleia foi ilegalmente convocada e por isso veto o seu prosseguimento!

- Desaparece da minha assembleia, traidor! - gritou Cepião. Druso ignorou-o.

- Regressem a casa, homens desta cidade! Opus o meu veto a esta assembleia porque ela não é

legal! O Senado, oficialmente, encontra-se ainda reunido!

- Traidor! Povo de Roma, com que direito te dá ordens um homem que pretende vender ao

desbarato o teu mais precioso bem? - gritou Cepião.



Druso perdeu a paciência.

- Prendam este imbecil, tribunos da plebe! - exclamou, acenando para Saufeio.

Nove homens rodearam Cepião e dominaram-no facilmente; Filipe, que se encontrava em baixo,

seguindo com atenção o que se passava nos *rostra,* lembrou-se de repente que tinha assuntos

urgentes a tratar e, num ápice, desapareceu.

- Já chega, Quinto Servílio Cepião! - disse Druso, numa voz que podia ser ouvida em todo o baixo

Fórum. - Eu sou um tribuno da plebe, e tu impediste-me de cumprir os meus deveres! Presta

atenção, porque não te aviso mais. Desiste de uma vez por todas, ou farei com que te atirem da

rocha Tarpeia!

A fonte dos *Comitia* era um feudo de Druso, e Cepião entendeu isso ao reparar no brilho dos olhos de Druso; o velho rancor entre patrícios e plebeus emergia claramente naquela situação. Se Druso

ordenasse aos membros do seu Colégio que atirassem Cepião da rocha Tarpeia abaixo, Druso seria

obedecido.

- Ainda não venceste! - gritou Cepião, depois de se libertar das mãos que o prendiam. Num instante,

desapareceu, perguntando a toda a gente onde estava Filipe.

- Será que Filipe já está farto do seu hóspede? - disse Druso a Saufeio, enquanto observavam a

desajeitada correria de Cepião.

- Quanto a mim, já estou farto dos dois - retorquiu Saufeio, suspirando tristemente. - Crês, Marco

Lívio, que o Senado teria aprovado a tua proposta caso a reunião tivesse ido até ao fim?

- Não tenho a mínima dúvida. Porque achas que Filipe teve aquele repentino acesso de cólera? Mas

que péssimo actor que ele me saiu!

- disse Druso, rindo-se. - Até despiu a toga! Que mais fará ele?

- Não te sentes decepcionado?

- Muitíssimo. Mas não é assim que me vão fazer parar. Enquanto viver, lutarei pelas minhas ideias.

O Senado retomou as suas deliberações nos Idos, oficialmente um dia de descanso, e, por isso, um

dia para o qual não podiam ser convocados *Comitia.* Cepião não teria qualquer desculpa para

abandonar a sessão.

Sexto César tinha um ar exausto. A sua respiração ofegante ouvia-se em todo o Senado. Porém, mal

terminaram as cerimónias iniciais, levantou-se para falar.



- Não voltarei a tolerar acontecimentos como os que se passaram na última reunião do Senado -

disse ele, com voz clara, arrebatadora.

- O facto de a principal fonte de problemas se encontrar precisamente no pódio curul torna toda esta

situação ainda mais humilhante. Lúcio Márcio e Quinto Servílio Cepião, terão de comportar-se de

acordo com a dignidade dos vossos cargos! Dignidade que, permitam-me que vos informe, nenhum

de vocês possui! Qualquer um de vocês aviltou o cargo que ocupa! Caso persistam nesse

comportamento ilegal e sacrílego, mandarei *osfasces* para o templo de Vénus Libitina, e porei a questão à consideração dos eleitores nas respectivas Centúrias. Acenou para Filipe. - Encontras-te

no uso da palavra, Lúcio Márcio. Mas ouve-me bem! Estou farto de incidentes! Tal como o

presidente desta Casa.

- Não te agradeço, Sexto Júlio, tal como não agradeço ao presidente do Senado, nem a todos os

outros senadores que se mascaram de patriotas - disse Filipe sem qualquer pejo. - Como pode um

homem dizer que é patriota se, ao mesmo tempo, pretende dar a nossa cidadania aos Italianos? A

resposta é simples: um patriota não pode cometer tal acto! A cidadania romana é para os Romanos.

*Não* poderá ser facultada a quem não esteja, por laços familiares, pela sua linhagem, e por

imperativos legais, autorizado a tê-la. Nós somos os filhos de Quirino. Os Italianos não o são. E

isto, cônsul sénior, é tudo o que tenho a dizer. Nada mais há a dizer.

- Há muito mais a dizer! - contrapôs Druso. - Sim, é indiscutível que nós somos os filhos de

Quirino. No entanto, Quirino não é um deus romano! Quirino é um deus dos Sabinos, e por isso

encontra-se no Quirinal, local onde, outrora, se situava a cidade dos Sabinos. Por outras palavras,

Lúcio Márcio, Quirino é um deus *italiano!* Rómulo introduziu-o no nosso seio. Rómulo fê-lo

romano. Mas Quirino pertence também ao povo de Itália. Como podemos trair Roma se a tornamos

mais poderosa? Porque tornaremos Roma mais poderosa se dermos a cidadania a toda a Itália.

Roma será Itália, e poderosa. Itália será Roma, e poderosa. Aquilo que possuímos enquanto

descendentes de Rómulo será nosso para sempre, exclusivamente nosso. Isso nunca poderá

pertencer a outro povo. Mas aquilo que Rómulo nos deu não foi a cidadania! A cidadania, já nós a

demos a muitos que não podem dizer que são filhos de Rómulo, a muitos que não são nativos da

cidade de Roma. Se é a Romanidade que está em causa, então por que



razão está sentado neste augusto Senado um homem como Quinto Vário Severo Hybrida

Sucronensis? Reparei, Quinto Servílio Cepião, que tanto tu como Lúcio Márcio se abstiveram de

referir esse nome quando pretenderam impugnar a Romanidade de certos membros desta Casa! E no

entanto Quinto Vário não é de modo nenhum um Romano! Quinto Vário nunca viu esta cidade,

nem falou latim nas nossas reuniões, antes dos vinte anos! E no entanto, ei-lo sentado, pela graça de Quirino, no Senado de Roma. Um homem que é muito menos Romano nos seus pensamentos, no

seu discurso, no seu modo de ver as coisas, do que *qualquer* Italiano! Se fizermos o que Lúcio Márcio Filipe propõe, se limitarmos a cidadania de Roma àqueles, de entre nós, que podem usufruí-

la devido aos laços familiares, à linhagem, aos imperativos legais, então o primeiro homem a

abandonar esta Casa e a cidade de Roma terá de ser Quinto Vário Severo Hybrida Sucronensis! *Ele*

*é* que é o estrangeiro!

A intervenção de Druso suscitou as mais variadas imprecações de Vário, apesar de, na sua

qualidade de *pedarius,* não ter autorização para falar.

Sexto César fez apelo a todas as suas forças e tão alto gritou, pedindo ordem e silêncio, que Vário

não demorou um segundo a calar-se.

- Marco Emílio, presidente desta Casa, vejo que pretendes falar. Por favor.

Escauro estava furioso.

- Não permitirei que esta Casa desça ao nível da arena só porque, desgraçadamente, temos entre nós

magistrados curuis que nem para limpar o vomitado das ruas prestam! Também não me referirei ao

direito que *qualquer* homem tem de se sentar neste augusto Senado! Tudo o que quero dizer é isto: se esta Casa quiser sobreviver, e se Roma quiser sobreviver!, teremos de nos mostrar tão liberais em

relação aos Italianos, no que toca à cidadania, como temos sido em relação a certos homens que

hoje estão sentados nesta Casa.

Mas Filipe estava já levantado.

- Sexto Júlio, quando autorizaste o presidente desta Casa a falar, não te deste conta de que *eu* queria falar. Na minha qualidade de cônsul, tenho o direito de falar em primeiro lugar.

Sexto César pestanejou, surpreso.

- Pensei que já tinhas acabado, Lúcio Márcio. Não acabaste, então, o teu discurso?

450

- Não.

- Fazias então o favor de concluí-lo? Importas-te de esperar pela conclusão do discurso do cônsul júnior, Princeps Senatus?

- Claro que não - respondeu afavelmente Escauro, sentando-se imediatamente.

- Proponho - disse Filipe, num tom grave - que esta Casa revogue todas as leis que Marco Lívio Druso

promulgou. Nenhuma delas foi legalmente aprovada.

- Nunca ouvi maior disparate na minha vida! - exclamou Escauro indignado. - Nunca houve na história do Senado um tribuno da plebe como Marco Lívio Druso no que toca ao rigoroso cumprimento dos

procedimentos legais!

- Apesar disso, as suas leis não são válidas - retorquiu Filipe, cujo nariz deveria estar a latejar, pois não parava de mexer na informe bola que tinha no meio da cara. - Os deuses manifestaram o seu desacordo.

- As assembleias que convoquei contaram com a aprovação dos deuses - retorquiu categoricamente Druso.

- Essas assembleias são sacrílegas. Os acontecimentos ocorridos na Itália nos últimos dez meses provam-no claramente - disse Filipe.

- Toda a Itália tem sido devastada por manifestações da ira dos deuses!

- Ora, francamente, Lúcio Márcio! A Itália *sempre* foi devastada por manifestações da ira dos deuses! -

comentou Escauro, já sem paciência para o ouvir mais.

- Mas nunca como este ano! - exclamou Filipe. Depois de respirar fundo, o cônsul júnior prosseguiu: -

Proponho que o Senado recomende à Assembleia de Todo o Povo a anulação das leis de Marco Lívio Druso, pelo facto de os deuses terem demonstrado claramente a sua indignação. Agradecia, Sexto Júlio, que pusesses a minha proposta à votação.

Escauro e Mário fitavam Filipe com uma expressão intrigada. Sentiam que aquela moção escondia qualquer coisa, mas não entendiam o quê. Que Filipe seria derrotado, era mais que certo. Porque insistia então numa votação, depois de discurso tão breve e tão pouco inspirado?

O Senado votou. Filipe perdeu por larga maioria. Ficou completamente fora de si, desatou a arengar, aos berros; tamanha era a sua fúria que, enquanto gritava, saía-lhe da boca uma verdadeira chuva de cuspo. O

pretor urbano, Quinto Pompeu Rufo, que estava a



seu lado no estrado, cobriu ostensivamente a cabeça para não apanhar com o cuspo.

- Ingratos! Gananciosos! Imbecis! Carneiros! Insectos! Lixo! Rebotalho! Vermes! Pederastas! Viciados na felação! Violadores de meninas! Carne putrefacta! Remoinhos de avareza! - Foram alguns dos nomes com

que Filipe brindou os seus colegas do Senado.

Sexto César deixou-o gritar até se cansar. Depois, mandou o chefe dos lictores bater com os feixes no chão, o que provocava sempre um ruído impressionante.

- Basta! - gritou por fim. - Senta-te e acalma-te, Lúcio Márcio, ou terei de te expulsar desta assembleia!

Filipe sentou-se, arquejante. Caía-lhe do nariz um líquido cor de palha.

- Sacrilégio! - berrou de novo, num tom sinistro. Sentou-se então de novo. Aparentemente, tinha terminado.

- Qual é a ideia dele? - perguntou Escauro a Mário, numa voz sumida.

- Dava tudo para saber! - retorquiu Mário. Crasso Orador levantou-se então.

- Posso falar, Sexto Júlio?

- Podes falar, Lúcio Licínio.

- Não quero falar dos Italianos, nem da cidadania romana, que todos tanto prezamos, nem das leis de Marco Lívio - disse Crasso Orador, com a sua bela e sedutora voz. - Vou falar do cargo de cônsul, e começarei por dizer que sou senador há muito tempo e nunca vi tal cargo ser tão ofendido, degradado e rebaixado como nos últimos dias. E o responsável por isso é Lúcio Márcio Filipe. Um homem que assim trata tal cargo - o mais elevado em todo o mundo!

- deveria ser impedido de o assumir! Contudo, quando os eleitores escolhem um homem, o comportamento

deste não é determinado por nenhuma lei, mas unicamente pela sua inteligência e educação, e pelos muitos exemplos que lhe oferecem a *mós maiorum.*

”Ser cônsul de Roma é ficar a pouca distância dos deuses e muito mais alto do que qualquer rei. O cargo de cônsul é livremente atribuído e não depende de posições de força ou do poder punitivo. Durante um ano, o cônsul é a suprema autoridade, o seu poder sobrepõe-se ao de qualquer governador. Ele é o comandante-chefe dos exércitos, o chefe do governo, o dirigente do Tesouro, e é a figura de proa de tudo o que



a República de Roma representa! Seja ele patrício ou um Homem Novo, seja ele fabulosamente rico ou

relativamente pobre, o que conta, o que é importante, é que ele é o cônsul. Só um homem o iguala: o outro cônsul. Os seus nomes ficam inscritos *nosfasíi* consulares, onde resplandecem por toda a eternidade.

”Eu já fui cônsul. Cerca de trinta homens aqui presentes terão sido já cônsules, e alguns deles foram também censores. Quero perguntar-lhes como se sentem neste momento. Como se sentem neste momento, antigos

cônsules, depois de tudo o que Lúcio Márcio Filipe tem feito desde o início do mês? Sentem-se como eu?

Emporcalhados? Humilhados? Acham bem que este cônsul, eleito à terceira tentativa, passe sem uma

censura? Acham mal? Óptimo! Eu também acho mal, estimados ex-cônsules!"

Crasso Orador virou as costas às filas da frente e lançou um olhar penetrante a Filipe.

- Lúcio Márcio Filipe, tu és o pior de todos os cônsules que já conheci! Se eu estivesse sentado na cadeira de Sexto Júlio, não teria um décimo da paciência que ele demonstra ter! Como te atreves a passear pelas *vici* da nossa querida cidade, acompanhado pela tua escolta de doze lictores, intitulando-te cônsul? Tu *não* és um cônsul! Tu não prestas nem para lamber as botas de um cônsul! De facto, se me permitem que cite o

presidente deste Senado, tu não prestas nem para limpar o vomitado das ruas! Em vez de seres um modelo para os mais novos, tanto os que estão presentes nesta assembleia como os que se encontram lá fora no Fórum, comportas-te como o maior dos demagogos que alguma vez arengou dos *rostra,* como a criatura mais desbocada e inoportuna que alguma vez apareceu entre as multidões do Fórum! Como te atreves a aproveitar a tua posição para lançar vitupérios a membros desta Casa? Como te atreves a deduzir que *outros* homens agiram ilegalmente? - Apontou para Filipe, respirou fundo e deixou que a sua sonora voz atroasse em todo o Senado. - Já te suportei demasiado, Lúcio Márcio Filipe! Por isso, aconselho-te: comporta-te como um cônsul, ou então fica em casa!

Quando Crasso Orador regressou ao seu lugar, o Senado aplaudiu vibrantemente; Filipe não tirava os olhos do chão: ninguém lhe via o

rosto. Quanto a Cepião, os seus olhos, indignados, não largavam Crasso Orador.

Sexto César pigarreou.



- Obrigado, Lúcio Licínio, por me teres lembrado a mim, e a todos os que desempenharam este

cargo, o que significa ser cônsul. Espero que Lúcio Márcio tenha prestado tanta atenção às tuas

palavras como eu prestei. E como parece que nenhum de nós, na presente atmosfera, poderá

comportar-se decentemente, dou por encerrada esta assembleia. O Senado voltará a reunir dentro de

oito dias. Estamos no meio dos *ludi Romani* e considero que é nossa obrigação encontrar um meio mais adequado de saudar Roma e Rómulo do que estas reuniões tempestuosas do Senado. Desejo-lhes por isso umas boas férias, veneráveis Senadores. Divirtam-se com os Jogos.

Escauro Princeps Senatus, Druso, Crasso Orador, Cévola, António Orador e Quinto Pompeu Rufo

seguiram dali para a casa de Caio Mário, a fim de discutirem os acontecimentos do dia e beberem

um copo de vinho.

- Esmagaste-o por completo. Lúcio Licínio! Foi um belo discurso!

- comentou Escauro, extremamente satisfeito, enquanto bebia sofregamente o vinho, tanta era a sua

sede.

- Memorável, sem dúvida - acrescentou António Orador.

- Também tenho de te agradecer, Lúcio Licínio - disse Druso, sorridente.

Crasso Orador ouviu todos aqueles elogios com conveniente modéstia. Limitou-se a responder:

- Sim, mas a verdade é que aquele louco estava mesmo a pedir uma tareia!

Como estava ainda muito calor em Roma, todos tinham tirado a toga, indo depois para o jardim,

onde se instalaram confortavelmente.

- O que eu gostava de saber é o que Filipe anda a congeminar disse Mário, sentado na beira do lago

do peristilo.

- Também eu - disse Escauro.

- Mas porque haveria ele de andar a congeminar alguma coisa? perguntou Pompeu Rufo. - Filipe é

apenas um indivíduo grosseiro, mal-educado e estúpido. Sempre foi assim.

- Não - retorquiu Mário. - Tenho a certeza de que há um plano qualquer naquela cabeça imunda.

Hoje, por um instante, tive a sensação de perceber que plano era esse. Mas a minha perspicácia não

durou muito tempo e agora não consigo lembrar-me do que me passou pela cabeça nesse momento.

Escauro suspirou.



- Pois bem, Caio Mário, de uma coisa podes ter a certeza: acabaremos por descobrir que plano é

esse! Provavelmente na próxima assembleia.

- É capaz de ser uma reunião interessante - comentou Crasso Orador, estremecendo de repente.

Doía-lhe o ombro esquerdo: massajou-o. - Mas por que é que eu ando tão cansado e cheio de dores

ultimamente? O discurso nem sequer foi longo. Bom, não foi longo, de facto, mas foi um discurso

furioso, disso não há dúvida.

Aquela noite viria a revelar que Crasso Orador pagara bem caro o seu discurso. A sua esposa, a

jovem Múcia, filha de Cévola, o Augure, acordara ao nascer do dia cheia de frio; aconchegando-se

ao marido, descobriu que ele estava horrivelmente gelado. Tinha morrido horas antes, no auge da

sua carreira, no zénite da fama.

A morte de Crasso Orador foi uma catástrofe para Druso, Mário, Escauro, Cévola e todos os seus

partidários; para Filipe e Cepião, era mais um argumento a seu favor. Com renovado entusiasmo,

Filipe e Cepião não largavam os *pedarii* do Senado, tentando convencê-los da justeza da sua

posição. E depois dos *ludi Romani,* quando o Senado voltou a reunir, a sua posição era sem dúvida excelente.

- É minha intenção voltar a pedir uma votação acerca das leis de Marco Lívio Druso - disse Filipe

num tom suave, aparentemente decidido a comportar-se como um cônsul modelar. - Compreendo

que muitos de vós estejam cansados de toda esta oposição às leis de Marco Lívio, e estou consciente

de que a maior parte dos membros do Senado crê que as leis de Marco Lívio são absolutamente

válidas. Notem, porém, que eu nunca disse que os auspícios religiosos não foram observados, que

não foram cumpridos os preceitos legais no que toca aos *Comitia,* que não foi obtido o assentimento do Senado antes de as leis terem sido aprovadas nos *Comitia.*

Filipe avançou para o extremo frontal do estrado, e então falou mais alto.

- No entanto, *há* de facto um impedimento religioso! Um impedimento religioso tão forte, um aviso tão claro, que nenhum de nós, em consciência, poderá ignorá-lo. Não saberei explicar por que razão

os deuses recorrem a tais artifícios. Não sou perito na matéria. Mas a verdade é que enquanto os

augúrios eram interpretados favoravelmente antes de todas as reuniões da Assembleia da Plebe



conduzidas por Marco Lívio, por toda a Itália surgiam sinais dos deuses que revelavam a sua tremenda ira. Eu próprio sou um augure, veneráveis Senadores. E é muito claro aos meus olhos que foi cometido um sacrilégio.

Filipe estendeu a mão, e o seu assistente passou-lhe um rolo de pergaminho que ele desdobrou.

- No décimo quarto dia antes das Calendas de Janeiro, o dia em que Marco Lívio fez aprovar no Senado a sua lei regulamentando os tribunais e alargando o Senado, os escravos públicos deslocaram-se ao templo de Saturno a fim de o prepararem para as festas do dia seguinte. O dia seguinte, se bem se lembram, era o dia de abertura das Saturnais. Ora esses escravos encontraram as faixas de lã que cobrem a estátua de madeira de Saturno empapadas de óleo. Havia uma poça de óleo no chão e o interior da estátua estava seco. Não havia dúvida que tal derramamento era recente. Saturno, como toda a gente concordou na altura, estava zangado com qualquer coisa!

”No dia em que Marco Lívio Druso fez aprovar as suas leis sobre os tribunais e o alargamento do Senado na Assembleia da Plebe, o escravo-padre de Nemi foi assassinado por outro escravo, o qual, de acordo com os costumes aí prevalecentes, se tornou o novo escravo-padre. Mas o nível das águas do lago sagrado de Nemi baixou subitamente um palmo, e o novo escravo-padre morreu sem explicação, o que é um terrível presságio.

”No dia em que Marco Lívio Druso promulgou no Senado a sua lei sobre a *ager pitblicus,* houve uma chuva de sangue na *ager*

*Campânias,* e uma tremenda praga de rãs na *ager publicus* da Etrúria.

”No dia em que a *lex Lívia agraria* foi aprovada na Assembleia da Plebe, os padres de Lanúvio descobriram que os escudos sagrados tinham sido roídos por ratos: um presságio absolutamente assustador. Por isso, levaram imediatamente os escudos para o nosso Colégio de Pontífices em Roma.

”No dia em que o Conselho dos Cinco do tribuno da plebe Saufeio deu início ao emparcelamento da *ager publicus* da Itália e da Sicília, o templo da deusa Piedade, no Campo de Marte, perto do Circo Flamínio, foi atingido pelos raios, ficando muito danificado.

”No dia em que a lei dos cereais de Marco Lívio Druso foi aprovada na Assembleia da Plebe, verificou-se que a estátua da deusa Angerona tinha suado profusamente. As faixas que lhe atavam a boca tinham



escorregado e houve quem jurasse que a tinha ouvido murmurar o secreto nome de Roma, feliz por

poder finalmente falar.

”Nas calendas de Setembro, dia em que Marco Lívio Druso apresentou nesta Casa a sua proposta de

lei visando dar aos Italianos a nossa preciosa cidadania, um terrível terramoto destruiu por completo a cidade de Mutina, na Gália Italiana. O vidente Públio Cornélio Culéolo interpretou este presságio.

Para ele, significa que toda a Gália Italiana está furiosa com o facto de a cidadania não lhe ser

concedida. Uma indicação, veneráveis Senadores, de que se concedermos a cidadania à Itália

peninsular, todas as outras possessões de Roma a reinvidicarão também.

”No dia em que publicamente me censurou nesta Casa, o eminente ex-cônsul Lúcio Licínio Crasso

Orador faleceu misteriosamente na sua cama, e de manhã estava já gelado.

”Há muitos outros presságios, veneráveis Senadores”, prosseguiu Filipe, sem precisar de elevar a

voz, pois o silêncio era total. ”Referi apenas aqueles que se verificaram nos dias em que as leis de

Marco Lívio Druso foram promulgadas ou ratificadas. Mas dar-vos-ei agora uma nova lista.

”Um raio danificou a estátua de Júpiter Lacial, no monte Albano: um presságio terrível. No último

dia dos *ludi Romani,* recentemente realizados, uma chuva de sangue caiu sobre o templo de Quirino e em mais nenhum sítio. Que tremendo sinal este! As lanças sagradas de Marte mexeram-se. Um

tremor de terra derrubou o templo de Marte, em Cápua. A fonte sagrada de Hércules, em Ancona,

secou pela primeira vez, e não há seca na região. Uma ravina de fogo abriu-se de repente numa das

ruas de Putéolos. Todos os portões das muralhas da cidade de Pompeia fecharam-se sozinhos, súbita

e misteriosamente.

”E há mais, veneráveis Senadores, *muitos* mais sinais da ira dos deuses! Afixarei a lista de todos estes presságios nos *rostra,* para que todos os Romanos possam ver, com os seus próprios olhos, que os deuses condenam inexoravelmente estas leis de Marco Lívio Druso. Porque os deuses

condenam essas leis! Reparem nos deuses que se manifestaram! A deusa Piedade, a deusa da

lealdade e dos deveres familiares. Quirino, o deus das assembleias dos homens *romanos.* Júpiter Lacial, que é o Júpiter latino. Hércules, o protector do poder militar romano e patrono dos generais

romanos. Marte, deus da guerra. Vulcano, que controla os lagos de fogo que existem sob a terra

italiana.

457

Angerona, que conhece o secreto nome de Roma - o qual, se for dito, poderá levar Roma à ruína.

Saturno, que mantém intacta a riqueza de Roma, e que preside à nossa permanência através dos

tempos.”

- No entanto - disse Escauro Princeps Senatus lentamente -, todos esses presságios poderão indicar,

pelo contrário, que a Itália e Roma passarão por tremendos horrores se as leis de Marco Lívio Druso

*não* forem mantidas nas tábuas.

Filipe ignorou-o, enquanto devolvia o rolo ao seu assistente.

- Afixa-o nos *rostra* imediatamente - disse. Desceu do estrado curul e foi postar-se em frente do banco tribunício. - Pretendo que esta Casa vote. Todos os que defendem que as leis de Marco Lívio

Druso são inválidas colocar-se-ão à minha direita. Todos os que defendem que as leis de Marco

Lívio Druso devem permanecer nas tábuas, colocar-se-ão à minha esquerda. Proponho que

procedamos a esta divisão imediatamente.

- Eu serei o primeiro, Lúcio Márcio - disse Aenobarbo Pontifex Maximus, levantando-se. - Na

minha qualidade de Pontifex Maximus, devo dizer que os teus argumentos me convenceram por

completo.

Um Senado silencioso abandonou as bancadas. Muitos dos rostos estavam tão brancos como as

togas. A maior parte dos senadores foi-se colocar à direita de Filipe, de olhos postos no chão de

laje.

- Esta divisão é concludente - disse Sexto César. - O Senado acaba de aprovar que as leis do

tribunato de Marco Lívio Druso sejam retiradas dos nossos arquivos e que as tábuas sejam

destruídas. Para tal convocarei a Assembleia de Todo o Povo para daqui a três dias.

Druso foi o último homem a retirar-se para o seu lugar. Quando percorreu a curta distância que o

separava do banco tribunício, manteve a cabeça levantada.

- É evidente, Marco Lívio, que tens o direito de opor o teu veto.

- disse Filipe, afavelmente, quando Druso passou por ele; todos os senadores pararam para ver.

Druso, muito pálido, lançou a Filipe um olhar furioso.

- Não, Lúcio Márcio, eu nunca faria uma coisa dessas - retorquiu ele, num tom também afável. - Eu

*não* sou um demagogo! Os meus deveres enquanto tribuno da plebe são sempre cumpridos com o

consentimento desta assembleia, e os meus pares nesta assembleia declararam as minhas leis nulas e

sem valor. Como é meu dever, respeitarei a decisão do Senado.



- Aquela resposta acabou por dar a vitória ao nosso querido Marco Lívio! - disse Escauro a Cévola,

cheio de orgulho, quando a reunião terminou.

- Disso não há dúvida - concordou Cévola, dando aos ombros com um ar infeliz. - O que é que tu

*realmente* achas dos presságios?

- Acho duas coisas. Em primeiro lugar, nunca vi ninguém preocupar-se em fazer uma lista de

desastres naturais com tanta eficácia. Em segundo lugar, acho que os presságios significam que

haverá guerra com Itália se as leis de Marco Lívio forem anuladas. Se é que significam alguma

coisa.

Cévola, naturalmente, tinha votado com Escauro e com os outros apoiantes de Druso; se o não

fizesse, dificilmente manteria aquelas amizades. No entanto, era evidente que estava perturbado.

- Sim, mas... - retorquiu, hesitante.

- Quinto Múcio, não me digas que acreditas! - exclamou, incrédulo, Mário.

- Não, não, eu não estou a dizer isso! - retorquiu Cévola irritado, sem saber como equilibrar o bom

senso e a superstição. - No entanto... como explicam o suor de Angerona, e a faixa que lhe caiu da

boca?

- Os seus olhos encheram-se de lágrimas. - Ou a morte do meu primo e muito querido amigo

Crasso?

- Quinto Múcio, eu acho que Marco Emílio tem razão - disse Druso, que se tinha juntado ao grupo. -

Todos estes presságios são um sinal do que acontecerá se as minhas leis forem anuladas.

- Quinto Múcio, tu és um membro do Colégio de Pontífices disse Escauro Princeps Senatus

pacientemente. - Tudo começou com o único fenómeno crível, o óleo derramado pela estátua de

madeira de Saturno. Mas há anos que nós esperamos que isso aconteça! É por isso que a estátua é

enfaixada! Quanto à deusa Angerona, diz-me uma coisa: não é fácil entrar no seu pequeno

santuário, tirar-lhe as faixas e dar-lhe um banho de uma qualquer substância gordurosa que, pela

certa, deixará algumas gotas escorrendo? Todos sabemos que os raios atingem normalmente os

pontos mais altos de uma região. Ora, não era esse o caso do pequeno templo da deusa Piedade?

Quanto aos tremores de terra e às ravinas de fogo e às chuvas de sangue e às pragas de rãs...

histórias, só histórias! Recuso-me até a discuti-las! Lúcio Licínio morreu na sua cama. Diz-me uma

coisa: não foi um fim feliz? Não desejamos todos um tal fim, sem sofrimento?



- Sim... mas... - protestou Cévola, que ainda não estava convencido.

- Olhem-me só para ele! - exclamou Escauro. - Se Cévola se deixou iludir, como poderemos censurar todos os outros idiotas, para quem a superstição é tudo?

- Tu não acreditas nos deuses, Marco Emílio? - perguntou Cévola, apavorado.

- Sim, sim, claro que acredito! Mas não acredito nas maquinações e nas interpretações de homens que

afirmam agir em nome dos deuses! Nunca encontrei um presságio ou uma profecia que não pudesse ser

interpretada de duas formas diametralmente opostas! E Filipe será um perito, um grande conhecedor da

matéria em causa? Só porque é um augure? Isso é pouca coisa. Ainda que tropeçasse num presságio e este lhe mordesse naquele desgraçado nariz, ele não o reconheceria! Quando ao velho Públio Cornélio Culéolo, o seu nome diz-nos tudo sobre ele: tomates é coisa que não tem! Aposto contigo, Quinto Múcio, que se um tipo mais esperto tivesse estado atento aos desastres naturais e aos chamados fenómenos não naturais que

ocorreram durante o segundo tribunato de Saturnino, teria por certo apresentado uma lista tão impressionante como a de Filipe! Cresce, Quinto Múcio! Por favor, põe algum do teu saudável cepticismo na análise deste caso!

- Devo dizer que Filipe me surpreendeu - disse Mário num tom desanimado. - Em tempos, comprei-o. Mas

nunca me apercebi de que este *cunnus* fosse tão esperto.

- Oh, lá esperto é ele - disse logo Cévola, ansioso por dar uma outra imagem de si a Escauro. - Imagino que ele vinha preparando isto há já algum tempo. - Riu-se e acrescentou: - De uma coisa podemos estar certos: a ideia não foi de Cepião! É demasiado engenhosa para ser dele!

- Como te sentes, Marco Lívio? - perguntou Mário.

- Como me sinto? - Druso tinha uma expressão amargurada e exausta. - Oh, Caio Mário, francamente já não sei como me sinto. O que posso dizer é que de facto Filipe fez um excelente trabalho.

- Devias ter oposto o teu veto - comentou Mário.

- Era o que tu terias feito no meu lugar. E eu não te censuraria por isso - retorquiu Druso. - Mas tenta comprender a minha posição: eu tenho de cumprir o que me prometi no início do meu tribunato. E prometi que levaria em conta os desejos dos meus pares no Senado.

460

- Agora já não haverá alargamento da cidadania - disse Escauro.

- Porque não? - perguntou Druso, francamente surpreendido.

- Porque anularam todas as tuas leis, Marco Lívio! Ou vão anular!

- E que diferença faz isso? O alargamento da cidadania ainda não foi debatido pela Assembleia da

Plebe, limitei-me a pôr o problema ao Senado. Que aprovou que tal medida não fosse recomendada

à Plebe. Mas eu nunca prometi ao Senado que só levaria uma lei à Assembleia da Plebe se o Senado

a recomendasse. O que eu disse foi que, antes de a apresentar à Plebe, tentaria obter a

recomendação do Senado. Fiz essa promessa e cumpri-a. Mas não posso nem vou parar, só porque o

Senado disse que não. O processo não terminou ainda. A Assembleia da Plebe terá de dizer de sua

justiça: e eu procurarei convencê-la a aprovar a lei - disse Druso, sorridente.

- Por todos os deuses, Marco Lívio, tu *mereces* ganhar! - disse Escauro.

- Sou da mesma opinião - disse Druso. - Mas agora, se me dão licença, deixá-los-ei. Tenho algumas

cartas para escrever aos meus amigos italianos. Tenho de convencê-los a não declararem a guerra,

pois a batalha ainda não terminou.

- Mas eles estão preparados para declarar já a guerra? Não, não acredito! - exclamou Cévola. - Eu

acredito que os Italianos pensem em termos de guerra, caso lhes recusemos a cidadania. E porque

acredito nisso, votei como votei. Mas para nos declararem guerra, vão precisar ainda de muitos

anos. Ainda não estão preparados para uma guerra!

- Aí é que tu te enganas, Quinto Múcio. Os Italianos estão já melhor preparados para a guerra do

que Roma - retorquiu Druso.

Alguns dias depois, o Senado e o Povo de Roma ficaram a saber que pelo menos os Marsos estavam

preparadíssimos para a guerra, já que Quinto Popaedius Silão avançava pela Via Valéria, na

direcção de Roma, à frente de duas imponentes legiões, devidamente equipadas e armadas. O

Princeps Senatus, perfeitamente estupefacto, convocou uma reunião urgente do Senado, a que

compareceram muito poucos senadores; nem Filipe, nem Cepião, estavam presentes, e nenhum

deles mandou qualquer mensagem a explicar as razões da sua ausência. Druso recusara-se também

a assistir à reunião, mas explicara porque não ia: sentia que não podia estar presente enquanto os

seus pares discutiam uma ameaça de guerra lançada por um velho amigo seu.



- Os ratos! - exclamou Escauro para Mário, contemplando as bancadas vazias. - Meteram-se todos

nos seus buracos, aparentemente porque pensam que, ficando lá, os homens maus vão-se embora.

Mas Escauro não acreditava que os Marsos fossem mesmo desencadear uma guerra, e tentou

convencer os seus poucos ouvintes de que para enfrentar tal ”invasão” o melhor seria recorrer a

métodos pacíficos.

- Cneu Domício, tu és um eminente ex-cônsul, foste censor e és Pontifex Maximus - disse ele a

Aenobarbo Pontifex Maximus. - Estarias de acordo se te propusesse que fosses ter com este exército

como um Popílio Lenas, acompanhado apenas por lictores? Tu foste *iudex* no tribunal especial da *lex Licinia Mucia* que funcionou em Alba há alguns anos, por isso os Marsos conhecem-te - e, pelo que sei, respeitam-te muito, graças à tua clemência. Tenta descobrir por que razão este exército se

pôs a caminho, e que pretendem os Marsos de nós.

- Muito bem, Princeps Senatus, serei outro Popílio Lenas - retorquiu Aenobarbo. - Desde que me

concedas total autoridade proconsular. De outro modo, não estarei em condições de dizer ou de

fazer aquilo que acho necessário por ora. E também quero as machadinhas nos meus *fasces.*

- Terás o que pedes - retorquiu Escauro.

- Os marsos chegarão aos arrabaldes de Roma amanhã - disse Mário, com um esgar. - Sabes que dia

é, suponho.

- Sei - disse Aenobarbo. - É véspera das Nonas de Outubro, o aniversário da batalha de Arausio, na

qual os marsos perderam uma legião inteira.

- Eles planearam a coisa para chegarem a Roma nesse dia comentou Sexto César, que estava a

gostar da reunião, apesar da atmosfera não ser nada alegre; mas acontece que Filipe e Cepião não

estavam presentes. De facto, só tinham comparecido os senadores que ele considerava serem

verdadeiros patriotas.

- É por isso, veneráveis Senadores, que não creio que os Marsos estejam efectivamente a pensar em

guerra - comentou Escauro.

- Funcionário, vai chamar os lictores das trinta *curiae* - disse Sexto César. - Terás autoridade proconsular, Cneu Domício, logo que cheguem os lictores. E contar-nos-ás tudo o que sucedeu

numa sessão especial depois de amanhã - propôs.



- Nas Nonas? - perguntou Aenobarbo, incrédulo.

- É uma emergência, Cneu Domício. Reuniremos nas Nonas retorquiu firmemente Sexto César. - Espero que compareça mais gente! A que estado chegou Roma, quando um caso tão urgente apenas traz ao Senado meia dúzia de homens?

- Eu sei porque é que eles não vieram, Sexto Júlio - disse Mário.

- Não vieram porque não acreditam nas ameaças. Decidiram todos que esta é uma crise forjada.

Nas Nonas de Outubro o Senado tinha mais gente, mas ainda não estava cheio. Druso estava presente, ao contrário de Filipe e Cepião, que tinham decidido que a sua ausência seria um sinal do que pensavam daquela

"invasão".

- Conta-nos o que aconteceu, Cneu Domício - disse o único cônsul presente, Sexto César.

- Encontrei-me com Quinto Popaedius Silão não muito longe das portas de Roma - começou Aenobarbo

Pontifex Maximus. - Ele comandava de facto um exército, digamos duas legiões: pelo menos dez mil

soldados, um número adequado de não combatentes, oito peças de excelente artilharia de campo, e um pelotão de cavalaria. Silão vinha a pé, tal como os seus oficiais. Não vi sinal de carros com equipamentos; presumo, por isso, que os seus homens vieram todos em marcha ligeira - suspirou, e logo prosseguiu: - Ah, veneráveis Senadores, que exército magnífico aquele! Soldados corpulentos, em óptima condição física, perfeitamente disciplinados. Enquanto conversava com Silão, permaneceram vigilantes, ao sol, sem trocarem palavra.

Todos, sem excepção, se comportaram assim.

- Poderás dizer-nos, Pontifex Maximus, se as suas cotas de malha e as armas eram novas? - perguntou Druso, ansioso.

- Sim, Marco Lívio. Tudo era novo, e da melhor qualidade - retorquiu Aenobarbo.

- Obrigado.

- Continua, Cneu Domício - pediu Sexto César.

- Parámos à distância necessária para nos saudarmos, eu e os meus lictores, de um lado, Quinto Popaedius Silão e as suas legiões, do outro. Então, Silão e eu avançámos a pé para um local onde ninguém nos poderia ouvir.

”A que se deve esta expedição marcial, Quinto Popaedius?”,

perguntei-lhe eu, muito cortesmente, e com a maior calma. ”Viemos a Roma, porque tal nos foi

ordenado pelos tribunos da plebe”, retorquiu Silão, com igual cortesia. ”Os tribunos da plebe?”,

perguntei-lhe eu. ”Ou *um* tribuno da plebe? Não foi Marco Lívio Druso que lhes deu tal ordem?”

”Os tribunos da plebe”, insistiu ele. ”Todos?”, perguntei eu. ”Todos”, respondeu Silão.

”Mas por que razão te chamaram a Roma os tribunos da plebe?”, perguntei-lhe então.

”Os tribunos da plebe chamaram-me a Roma para que eu assumisse a cidadania romana, e tomasse

todas as medidas necessárias para que a cidadania romana fosse concedida a todos os Italianos”,

respondeu ele.

Recuei um pouco, e olhei para as suas legiões. ”Recorrendo à força?”, perguntei.

”Se necessário”, disse ele.

Dadas as circunstâncias, recorri à minha autoridade proconsular para fazer uma afirmação que de

outro modo não poderia ter feito, dado o teor das recentes sessões do Senado. Uma afirmação que

me pareceu a mais adequada naquela situação. Disse a Silão: ”O recurso à força, Quinto Popaedius,

não se revelará necessário.”

A resposta de Silão foi uma gargalhada irónica. ”Ora Cneu Domício, não me faças rir!”, disse ele.

”Esperas que eu acredite nisso? Há muitas gerações que nós, os Italianos, esperamos pela concessão

da cidadania. Nunca pegámos em armas, sempre nos mostrámos pacientes. E qual foi a resposta de

Roma? Sempre negativa. Compreendemos agora que só pela força alcançaremos a cidadania.”

Como é natural, as afirmações de Silão deixaram-me profundamente inquieto. Disse-lhe então:

”Quinto Popaedius, Quinto Popaedius, garanto-te que já não falta muito para que a cidadania vos

seja concedida! Por favor, manda dispersar o teu exército, embainhem as espadas, regressem às

terras dos Marsos! Prometo-te solenemente que o Senado e o Povo de Roma concederão a todos os

Italianos a cidadania romana.”

Silão fitou-me durante um longo momento, sem dizer palavra. Finalmente, retorquiu: ”Muito bem,

Cneu Domício, levarei o meu exército para longe daqui. Mas não para muito longe. E apenas o

tempo necessário para saber se falas ou não verdade. Vou ser muito claro, Pontifex Maximus: se o

Senado e o Povo de Roma não concederem à Itália a integral cidadania romana enquanto estiver em

funções o



actual Colégio dos Tribunos da Plebe, voltarei a marchar sobre Roma. E toda a Itália marchará

comigo sobre Roma. Presta bem atenção, Pontifex Maximus! *Toda* a Itália se unirá para destruir Roma."

Dito isto, Silão virou-me as costas e foi-se embora. As suas tropas deram meia volta, mostrando

como estavam bem treinadas, e afastaram-se. Regressei então a Roma. E durante toda a noite,

veneráveis Senadores, reflecti. Vocês conhecem-me bem. Conhecem-me há muito tempo. Não

tenho reputação de homem paciente ou mesmo compreensivo. Mas sou perfeitamente capaz de

distinguir um rato de um touro! E digo-lhes claramente: ontem vi um touro, não um rato! Um touro

com palha à volta dos cornos, e fogo jorrando das narinas. A promessa que fiz a Quinto Popaedius

Silão tem de ser cumprida! Farei tudo o que estiver ao meu alcance para que o Senado e o Povo de

Roma concedam a cidadania a toda a Itália.

Um murmúrio percorreu o Senado; muitos olhos fitavam espantados o Pontifex Maximus:

Aenobarbo era famoso pela sua natureza intratável e intolerante e uma tão profunda mudança de

atitude era, no mínimo, impressionante.

- Voltaremos a reunir amanhã - disse Sexto César, com um ar satisfeito. - É tempo de procurarmos

de novo uma resposta para esta questão. Os dois pretores que, por instigação de Lúcio Márcio,

empreenderam uma viagem por Itália, demoram a comunicar-nos as suas impressões. Temos de

voltar a debater o assunto. Mas quero que estejam cá as pessoas que, ultimamente, não se têm dado

ao trabalho de comparecer - e, em particular, o meu colega cônsul e o pretor Quinto Servílio

Cepião.

Filipe e Cepião compareceram na reunião seguinte, e, como seria de esperar, ambos conheciam já

todos os pormenores da missão de Aenobarbo; no entanto - pelo menos foi o que pareceu a Druso, a

Escauro e a todos os outros que queriam vê-los de novo no Senado nenhum deles tinha um ar

inquieto ou mesmo preocupado. Caio Mário, inexplicavelmente acabrunhado, deixou que os seus

olhos vagueassem pelos rostos dos seus colegas membros do Senado. Sila não tinha faltado a uma

única assembleia desde que Druso era tribuno da plebe: no entanto, nada fizera no sentido de ajudar

Druso; a morte do filho obstava a que tivesse uma participação activa: evitava todos os contactos,

inclusivamente com Quinto Pompeu Rufo, seu possível colega num futuro consulado. Sentava-se e

escutava, perfeitamente



impassível. Desaparecia mal a reunião terminava; em resumo: ninguém dava por ele, era como se

não existisse. Significativamente, votara a favor da manutenção das leis de Druso, o que levava

Mário a pensar que Sila continuava no seu campo. Mas era praticamente impossível falar com ele.

Quanto a Catulo César, parecia um pouco perturbado, provavelmente por causa da defecção do seu

poderoso aliado, Aenobarbo Pontifex Maximus.

Notou-se alguma agitação na sala; o motivo era que os *fasces* estavam, durante o mês de Outubro, nas mãos de Filipe: por isso, era Filipe, e não Sexto César, quem presidia à reunião. Trazia consigo

um outro documento, um documento que, ao contrário do outro, não confiara ao seu assistente.

Concluídas as formalidades, Filipe levantou-se para falar.

- Marco Lívio Druso - disse Filipe, clara e friamente. - Quero ler para todo o Senado um documento

muito mais importante do que a invasão que não chegou a sê-lo, protagonizada pelo teu grande

amigo Quinto Popaedius Silão. Porém, antes de o ler, gostaria que todos os senadores te ouvissem

dizer que estás presente e que escutarás o que vou dizer.

- Estou presente, Lúcio Márcio, e escutarei o que vais dizer disse Druso, num tom tão claro e frio

como o de Filipe.

Druso estava com um ar perfeitamente exausto, pensou Caio Mário. Como se há muito tempo

tivesse esgotado as suas energias, e mantivesse a sua luta graças unicamente à força de vontade.

Perdera muito peso nas últimas semanas; tinha o rosto encovado, os olhos muito fundos e rodeados

de sombras escuras.

Porque me sinto como se fosse um escravo condenado a fazer girar a roda do moinho?, perguntou-

se Mário. Porque estou tão crispado, tão desesperadamente ansioso e apreensivo? Druso não possui

a minha força; por outro lado, eu estou plenamente convicto de que tenho razão, ao contrário do que

sucede com ele. Ele é demasiado correcto, demasiado razoável, mostra-se demasiado inclinado a

atentar nos argumentos das duas partes. Acabarão por matá-lo, mentalmente, ou mesmo

fisicamente. Por que razão nunca me apercebi de que este Filipe era verdadeiramente perigoso? Por

que nunca me apercebi de que ele era um homem brilhante?

Filipe desenrolou a folha e colocou-a à distância de um braço, entre a mão esquerda e a direita.



- Não farei qualquer comentário a este documento, veneráveis Senadores - disse. - Limitar-me-ei a lê-lo, e deixarei que tirem as vossas próprias conclusões. Eis o que reza este documento:

"Juro, por Júpiter Optimus Maximus, por Vesta, por Marte, por Sol Indígete, por Terra, pelos deuses e heróis que deram origem e acompanharam o povo de Itália nas suas lutas, que considerarei como meus amigos e

inimigos aqueles que Marco Lívio Druso considera seus amigos e inimigos. Juro que trabalharei para o bem-estar e benefício de Marco Lívio Druso e de todos aqueles que prestarem este juramento, mesmo que isso me custe a vida, e a perda dos meus filhos, pais e propriedades. Se, graças à lei de Marco Lívio Druso, eu me tornar um cidadão de Roma, juro que venerarei Roma como minha única nação, e que ficarei ligado a Marco Lívio Druso como seu cliente. Assumo também a responsabilidade de dar a conhecer este juramento ao maior número possível de italianos. Juro tudo isto lealmente, sabendo que a minha lealdade será recompensada com o justo prémio. E se eu quebrar este juramento, que me seja tirada a vida, bem como os meus filhos, pais e propriedades. Que assim se faça, pois assim o juro."

Nunca o Senado estivera tão silencioso. Filipe olhou para os senadores que atentamente o escutavam: Escauro estava boquiaberto, e Mário fitava-o com um esgar furioso; Cévola comprimia os lábios e, quanto a

Aenobarbo, o seu rosto ganhara um tom arroxeado; se a expressão de Catulo César era de horror, a de Sexto César era de sofrimento; e se no rosto de Metelo Pio, o Bacorinho, se lia consternação, no de Cepião estava estampada a alegria.

Então, Filipe retirou a mão direita e a folha voltou a enrolar-se com um sonoro ruído; meio Senado saltou das bancadas e cadeiras.

- Este, veneráveis Senadores, é o juramento que milhares e milhares de italianos fizeram o ano passado. E foi por causa deste juramento, veneráveis Senadores, que Marco Lívio Druso trabalhou tão duramente, tão

persistentemente, tão *entusiasticamente,* para que os seus amigos italianos ganhassem o inestimável prémio da cidadania romana! Abanou a cabeça, como que cansado. - Não porque se preocupe minimamente com as

terras dos Italianos! Não porque acredite na justiça - ainda que numa justiça pervertida! Não porque sonhe com uma carreira que, de tão luminosa, deixaria o seu nome inscrito na História! Mas porque, veneráveis membros do Senado, a grande maioria



dos italianos jurou que faria parte do seu rol de clientes! Ou seja: se concedêssemos à Itália a cidadania, a Itália passaria a pertencer a Marco Lívio Druso! Imaginem só! Cliente de Marco Lívio Druso desde o Arno até Régio, desde o mar Toscano até ao Adriático! Os meus parabéns, Marco Lívio! *Que* prémio magnífico!

Era motivo de sobra para que trabalhasses infatigavelmente! Uma clientela mais vasta que uma centena de exércitos!

Filipe virou-se então, desceu do estrado curul, e encaminhou-se, com passada certa, até à extremidade do banco tribunício, onde Druso estava sentado.

- Marco Lívio Druso, é verdade que toda a Itália fez este juramento?

- perguntou Filipe. - É verdade que, em troca deste juramento, juraste lutar pela cidadania para todos os Italianos?

Com o rosto mais pálido que o branco da toga, Druso levantou-se cambaleante, entontecido, estendendo a mão, num gesto de súplica ou de defesa, ninguém o poderia saber. A sua boca abriu-se como se procurasse uma resposta. Uma resposta que não chegou a ouvir-se, pois nesse preciso instante o corpo de Druso caiu inerte nas velhas lajes brancas e pretas do chão do Senado. Filipe afastou-se imediatamente com um ar enfastiado, mas Mário e Escauro já estavam de joelhos ao lado de Druso.

- Está morto? - perguntou Escauro, enquanto Filipe convocava nova reunião para o dia seguinte.

De ouvido encostado ao peito de Druso, Mário abanou a cabeça.

- Um forte colapso - respondeu, respirando fundo, aliviado.

A síncope durou tanto tempo que Druso começou a ficar com manchas na cara; a certa altura, os seus braços e pernas começaram a mexer-se, sacudidas por espasmos violentos, enquanto da sua boca saíam sons

aterradores.

- Estás a ter um ataque! - exclamou Escauro.

- Não, não me parece - disse Mário que, graças à sua experiência militar, tinha já visto todo o tipo de reacções físicas próprias do ser humano. - Quando um homem desmaia durante tanto tempo, é normal que tenha

convulsões deste género. Mas as convulsões marcam precisamente o fim do desmaio. Em breve voltará a si.

Filipe parou para ver, mas suficientemente longe, não fosse Druso vomitar e sujar-lhe a toga.

468

- Levem esse patife daqui! - exclamou com desprezo. - Se vai morrer, que morra em local não

consagrado.

Mário ergueu a cabeça.

- *Mentulam caco, cunne!* - disse para Filipe, bem alto, para que todos os que estavam por perto pudessem ouvir.

Filipe prosseguiu o seu caminho, apressando o passo; se havia um homem que temia no mundo,

esse homem era Caio Mário.

Aqueles que se sentiam de algum modo ligados a Druso esperaram ainda bastante tempo até que ele

voltasse a si; extremamente satisfeito, Mário viu que, entre eles, estava Lúcio Cornélio Sila.

Ao recuperar a consciência, Druso parecia não saber onde estava, nem o que tinha acontecido.

- Mandei buscar a liteira de Júlia - disse Mário a Escauro. - Ele que descanse aqui até chegar o

carro. - Mário despiu então a toga, e com ela fez uma almofada para a cabeça de Druso e um

cobertor para os seus membros frios.

- Estou perfeitamente confuso! - exclamou Escauro, empoleirado na ponta do estrado curul. -

Francamente, nunca esperei tal coisa *deste* homem!

Mário soltou um risinho irónico.

- Ora, Marco Emílio! Não seria de esperar tal coisa de um nobre romano? O contrário é que eu não

esperaria! Por Júpiter, como vocês se enganam a vós mesmos!

Os olhos verdes começaram a dançar.

- Por Júpiter, digo eu, meu labrego italiano! Como te atreves a pôr a nu as nossas fraquezas! -

exclamou Escauro, muito direito.

- É preciso que alguém o faça, meu esquelético monte de ossos velhos! - retorquiu afavelmente

Mário, sentando-se ao lado do Princeps Senatus e olhando para os três homens que restavam:

Cévola, António Orador e Lúcio Cornélio Sila. - Muito bem, meus senhores - disse ele, estirando as

pernas e meneando os pés. - Que fazemos agora?

- Nada - disse Cévola.

- Oh, Quinto Múcio, Quinto Múcio, por favor! Perdoa ao nosso pobre e inanimado tribuno da plebe

a sua tão romana fraqueza! Por favor! - exclamou Mário, agora rindo tão desabridamente como

Escauro.

Cévola ofendeu-se.

- *Pode* ser que seja uma fraqueza romana, Caio Mário, mas é fraqueza que eu não tenho! - atirou.

469

- Não, provavelmente não. E é por isso, meu amigo, que nunca chegarás aos calcanhares dele - disse

Mário, apontando com um pé para Druso.

Cévola olhou para Mário com uma expressão de profundo desagrado.

- Francamente, Caio Mário, és impossível! E quanto a ti, Princeps Senatus, pára de rir que isto não é caso para rir!

- Ainda nenhum de nós respondeu à interessante pergunta de Caio Mário - disse António, tentando

pacificar os ânimos. - Que fazemos agora?

- Não nos cabe a nós decidir - retorquiu Sila, falando pela primeira vez. - É evidente que a decisão

só pode ser dele.

- Muito bem dito, Lúcio Cornélio! - exclamou Mário, levantando-se porque vira já o rosto do chefe

dos homens que costumavam levar a liteira de sua esposa espreitando timidamente pela grande

porta de bronze. - Vá lá, meus melindrosos amigos, vamos levar este pobre homem a casa.

O pobre homem continuava a delirar quando foi entregue aos cuidados da mãe que, numa atitude

sensata, se recusou a chamar os médicos.

- Os médicos quererão sangrá-lo e purgá-lo, e ele precisa de tudo menos disso - disse ela friamente.

- O problema dele é não comer. Logo que recupere do choque, dou-lhe vinho quente com mel, fica

logo bom. Sobretudo, se conseguir dormir.

Cornélia Cipião levou o filho para a cama e obrigou-o a beber uma taça cheia de vinho quente com

mel.

- Filipe! - gritava ele, tentando sentar-se na cama.

- Não te preocupes com esse verme. Espera até te sentires melhor. Druso voltou a beber e conseguiu

sentar-se.

- Aconteceu uma coisa terrível, mãe! Uma coisa terrível! Filipe descobriu o juramento.

Escauro tinha-a posto a par da situação, e por isso Cornélia não precisou de lhe perguntar nada.

- Não me digas que não esperavas que Filipe indagasse. E se não fosse ele, seria outro qualquer.

- Já me tinha esquecido do maldito juramento! Já foi há tanto tempo!

- Marco Lívio, isso não é importante - retorquiu ela, aproximando

a sua cadeira da cama, e pegando na mão do filho. - *Aquilo* que tu fazes é muito mais importante do que *as razões* por que o fazes. Esta é uma regra que se aplica a tudo na vida! As razões que te levam a fazer uma coisa constituem apenas um bálsamo para o teu ego. Os motivos nada têm a ver com o resultado. *Aquilo* que se faz é o que importa, nada mais, e estou certa de que um saudável amor-próprio é o caminho para

alcançarmos *aquilo* que queremos. Por isso alegra-te, meu filho! O teu irmão está cá, ansioso por te ver.

Anima-te, peço-te!

- Vão odiar-me por isto.

- Alguns vão, sem dúvida. A maior parte vai odiar-te por uma questão de inveja. Outros, porém, sentirão por ti uma tremenda admiração

- retorquiu a mãe. - Ao que parece, o caso não produziu qualquer perturbação nos amigos que te trouxeram.

- Quem? - perguntou ele, ansioso.

- Marco Emílio, Marco António, Quinto Múcio, Caio Mário disse ela. - Ah, e aquele homem fascinante, Lúcio Cornélio Sila! Se eu fosse mais nova...

Agora que conhecia bem a mãe, Druso não ficava aborrecido com tais observações; pelo contrário, o

comentário da mãe fê-lo sorrir.

- É estranho que gostes dele! - disse. - Não há dúvida que ele parece muito interessado nas minhas ideias.

- Foi o que achei. Mas diz-me uma coisa: Sila tinha um filho que morreu há pouco tempo, não tinha?

- Sim, tinha. O seu único filho.

- Basta olhar para ele para se ver isso - disse Cornélia Cipião, levantando-se. - Bom, Marco Lívio, vou dizer ao teu irmão para entrar. E atenção, trata de comer. O único remédio de que precisas é de comer bem. Vou dizer na cozinha para prepararem uma refeição saborosa e suculenta, e Mamerco e eu não sairemos daqui enquanto não comeres.

Já a noite tinha caído quando Druso ficou sozinho com os seus pensamentos. Sentia-se muito melhor, era verdade, mas aquele terrível cansaço mantinha-se, e, por outro lado, o sono parecia não querer vir, apesar de ter bebido muito vinho quente com mel. Há quanto tempo não dormia profundamente, satisfatoriamente? Há meses.

Filipe tinha descoberto tudo. Alguém acabaria por descobrir, claro, e esse alguém iria ter com ele, Druso, ou com Filipe. Ou com Cepião.

471

Um facto interessante: Filipe nada tinha dito ao seu querido amigo Cepião! Se o tivesse feito,

Cepião teria tomado a iniciativa, pois não desejaria que os louros fossem todos para Filipe. Por isso Filipe nada dissera a Cepião. Ah, esta noite, nem tudo vai ser abraços na casa de Filipe!, pensou

Druso, sorrindo apesar de tudo.

E agora que o seu consciente aceitara o facto, Druso podia descansar. A mãe tinha razão. A

divulgação do juramento não podia afectar o seu trabalho; afectaria, quando muito, o seu orgulho.

Teria alguma importância o facto de certas pessoas acreditarem que ele fizera tudo aquilo porque

pretendia atrair um número impressionante de clientes? Porque haveria de querer que todos

pensassem que os seus motivos eram totalmente altruísticos? Não seria próprio de um Romano

desprezar vantagens pessoais... e ele *era* Romano! Noutras circunstâncias (apercebia-se disso agora muito claramente), os seus colegas do Senado, os chefes da Plebe, talvez a maior parte dos

membros das classes mais baixas, teriam pressentido que se um homem se comprometesse a

conquistar a cidadania para várias centenas de milhar de homens, estes comprometer-se-iam, por

sua vez, a tornar-se seus clientes. O facto de ninguém se ter apercebido da eventualidade de tais

acontecimentos era sintomático da emotividade e da ausência de um raciocínio lógico na

abordagem do problema do alargamento da cidadania. Esta questão provocara uma tal tempestade

emocional que as pessoas tinham acabado por esquecer todos os aspectos práticos da mesma. Não

fazia sentido esperar que as pessoas encontrassem um fio lógico em todo o seu trabalho, pois toda a

Roma se sentia emocionalmente envolvida no caso, de tal maneira que a ninguém ocorrera a

hipótese de os Italianos virem a ser clientes dele. Se ninguém pensara nessa hipótese, então não era

de esperar que as pessoas raciocionassem logicamente: disso estava ele certo.

As suas pálpebras fecharam-se, e Druso adormeceu. Foi um sono profundo, revigorante.

Na manhã seguinte, na Cúria Hostília, Druso sentiu-se como novo, perfeitamente apto a enfrentar

Filipe, Cepião e outros que tais.

Presidindo à reunião, Filipe ignorou todos os outros assuntos, incluindo a marcha dos marsos:

abordou imediatamente o caso de Druso e o juramento dos Italianos.

- O texto que li ontem está correcto, Marco Lívio? - perguntou Filipe.



- Pelo que pude saber, Lúcio Márcio, está correcto. Embora eu nunca tenha ouvido ou lido tal

juramento.

- Mas sabias da sua existência.

Druso pestanejou, compondo uma expressão de surpresa.

- Mas é claro que *sabia,* cônsul júnior! Como poderia alguém desconhecer algo que era tão

vantajoso para si, e para Roma? Se tu fosses o defensor do alargamento da cidadania a toda a Itália,

não saberias da existência desse documento?

Druso defendia-se atacando. Filipe teve de fazer uma pausa para recuperar o balanço perdido.

- A única coisa que eu defenderia para os Italianos seriam umas boas chicotadas! - retorquiu Filipe,

altivamente.

- Então ainda és mais idiota do que eu pensava! - exclamou Druso. - Porque aquilo que me propus

fazer é positivo a todos os níveis, veneráveis Senadores! Acabar com uma injustiça que persistiu

durante gerações! Dar ao nosso país uma hegemonia o mais genuína possível! Destruir algumas das

mais terríveis barreiras que separam homens de diferentes classes! Acabar com a ameaça de uma

guerra iminente! Iminente, repito! E ver todos estes novos cidadãos romanos ligados por um

juramento a Roma e a um Romano dos melhores! E esta última medida é de uma importância *vitall*

Implica, com efeito, que todos os novos cidadãos sejam adequadamente conduzidos, ou seja,

conduzidos segundo um ponto de vista rigorosamente romano. Significa que todos eles saberão

como votar e em quem votar, significa que eles serão levados a eleger Romanos *genuinamente*

romanos e não homens das suas próprias nações!

Aquelas palavras mereciam reflexão; Druso podia aperceber-se disso nos rostos daqueles que o

escutavam atentamente, e todos os escutavam atentamente. Druso sabia perfeitamente qual era o

principal receio dos senadores - que um número excessivo de novos cidadãos romanos, integrados

nas trinta e cinco tribos, afectasse fortemente o conteúdo romano das eleições, e significasse que os Italianos iriam disputar as eleições para cônsul, pretor, edil, tribuno da plebe, e questor, ou que

iriam entrar em massa para o Senado, decididos, todos eles, a passar o Senado das mãos de Roma

para as mãos de Itália. Isto para não falar dos diversos *comitia.* Mas se estes italianos estavam ligados por um juramento - e que terrível juramento! - tanto a Roma como a um Romano dos

melhores, então teriam de votar conforme lhes



indicassem que deviam votar, tal e qual como qualquer outro grupo de clientes.

- Os Italianos são homens honrados, tanto como nós - disse Druso.

- E mostraram-no, com este juramento! Em troca da oferta da nossa cidadania, agirão segundo os desejos de verdadeiros Romanos. De *verdadeiros* Romanos!

- Agirão de acordo com os teus desejos! - gritou Cepião, furibundo.

- Sim, porque nós, que também somos Romanos, e Romanos verdadeiros, limitar-nos-emos a aceitar um

ditador não oficial!

- Francamente, Quinto Servílio, que disparate! Alguma vez desobedeci à vontade do Senado desde que sou tribuno da plebe? Alguma vez me preocupei mais com a minha situação que com a situação desta Casa?

Alguma vez me mostrei indiferente aos desejos de todas as camadas que constituem o Povo de Roma?

Poderiam os homens de Itália encontrar melhor protector do que eu, sendo filho de quem sou, sendo um

Romano dos melhores, sendo um homem essencialmente conservador e claramente ponderado?

Druso virou-se para o outro lado do Senado e, abrindo os braços, prosseguiu:

- Prefeririam outro patrono para estes milhares de novos cidadãos, veneráveis Senadores? Marco Lívio Druso ou Lúcio Márcio Filipe? Marco Lívio Druso ou Quinto Servílio Cepião? Marco Lívio Druso ou Quinto Vário Severo Hybrida Sucronensis? Porque será melhor que se habituem à ideia, membros do Senado de Roma: Os homens de Itália conquistarão a cidadania! Eu jurei que o faria - *e fá-lo-ei!* Retiraram das tábuas as minhas leis, roubaram ao meu tribunato da plebe os propósitos e as realizações. Mas o meu ano neste cargo ainda não terminou, e comportei-me honradamente no meu relacionamento convosco, colegas senadores! Depois de

amanhã, levarei a minha proposta de alargamento da cidadania a toda a Itália à Assembleia da Plebe, e a questão será discutida em

sucessivas *contiones,* sempre religiosamente correctas, sempre conduzidas com o devido respeito pela lei, de forma pacífica e ordeira. Porque, para além dos outros juramentos, há um, muito importante, que agora faço perante todos vós: não terminarei o meu tribunato da plebe sem ver uma *lex Lívia* nas tábuas. Uma lei prevendo que todos os homens desde o Arno a Régio, desde o Rubicão a Vereio, desde o Tuscano ao Adriático, serão cidadãos de Roma a cem por cento! Se os homens de Itália



fizeram um juramento em relação à minha pessoa, eu tenho também um juramento a fazer em relação a eles -

que, durante o exercício do meu cargo, lhes concederei a cidadania. E fá-lo-ei! Acreditem que o farei!

Druso tinha vencido, toda a gente o sabia.

- O que houve de mais brilhante na actuação de Druso é que ele conseguiu levá-los a pensar que o

alargamento da cidadania é inevitável

- comentou António Orador. - Eles estão habituados a abater homens, e não a ser abatidos. Mas Druso abateu-os, dominou-os por completo, Princeps Senatus! Garanto-te que os dominou!

- Sem dúvida - disse Escauro, que parecia extremamente satisfeito.

- Sabes, Marco António, eu pensava que já nada poderia surpreender-me nos governos de Roma, que já tudo tinha sido feito, e mais bem feito. Mas Marco Lívio é uma criatura única. Roma nunca viu um homem assim.

E suspeito que não voltará a ver.

Druso cumpriu o que prometera. Levou a questão do alargamento da cidadania a toda a Itália ao *concilium plebis,* rodeado de uma aura de indomabilidade que suscitava a admiração de todos. A sua fama crescera e espalhara-se, ele era tema de conversa em todas as camadas sociais; o seu sólido conservadorismo, a sua férrea determinação em fazer tudo legalmente, sempre de acordo com as regras vigentes, transformavam-no num novo tipo de herói. Todas as classes que constituíam Roma eram essencialmente conservadoras,

incluindo os proletários, capazes de apoiarem um Saturnino, mas incapazes de matarem os seus chefes por causa desse mesmo Saturnino. A *mós maiorum* - todos os costumes e tradições que o tempo fora

sedimentando - teria sempre o seu peso, mesmo para os proletários. E Roma tinha finalmente um chefe para quem a *mós maiorum* contava tanto como a justiça. Marco Lívio Druso começava a assumir aí aparência de um semi-deus; e isso significava que as pessoas; começavam a acreditar que tudo o que ele queria estaria forçosamente certo.

Impotentes, Filipe, Cepião, Catulo César e os seus seguidores, com Metelo Pio, o Bacorinho, aproximando-se indeciso deles, viram Druso conduzir as suas *contiones* durante a segunda metade de Outubro" e em Novembro. De início as reuniões foram algo tempestuosas, mas com tais tempestades podia ele bem: permitir a todos os homens que:



falassem, permitia mesmo que muitos falassem ao mesmo tempo, mas nunca sucumbia à tirania ou

à sedução da multidão. Quando uma assembleia aquecia demasiado, encerrava-a. De início, Cepião

tentara interromper as reuniões com métodos violentos, mas essa técnica não resultara com Druso,

que parecia ter um instinto natural para detectar as situações potencialmente violentas; antes que

elas ocorressem, dava a reunião por encerrada.

Seis *contiones,* sete, oito. Cada vez mais tranquilas. Uma audiência que aceitava cada vez mais a inevitabilidade daquela lei. Água mole em pedra dura: assim Druso foi cansando os seus

adversários, mantendo sempre o seu encanto e dignidade, a sua admirável serenidade, a sua

constante sensatez. Em comparação com ele, os seus inimigos pareciam indivíduos grosseiros, mal-

educados, imbecis.

- Esta é a única maneira de levar a água ao meu moinho - disse ele a Escauro Princeps Senatus após

a oitava *contio,* enquanto desciam a escadaria do Senado. - O que falta ao político romano de ascendência nobre é a paciência. Felizmente é uma qualidade que não me falta. Eu tenho paciência

para todos os que me vêm escutar, e eles gostam disso. Gostam de *mim.* A recompensa para a minha paciência é a confiança deles.

- És o primeiro homem desde Caio Mário de quem eles gostam genuinamente - comentou Escauro.

- Eles lá tinham as suas razões para gostarem de Caio Mário retorquiu Druso. - Sentem que podem

confiar nele também. Gostam dele porque ele é um indivíduo directo, com muita energia. Além

disso, parece igual a qualquer um deles, não se dá ares de aristocrata. Eu não possuo as suas

vantagens naturais; não posso deixar de ser quem sou, um aristocrata romano. Mas a minha

paciência venceu, Marco Emílio. Eles *aprenderam* a confiar em mim.

- E achas que chegou a altura de proceder a uma votação?

- Sim, acho que essa altura chegou.

- Nesse caso, podemos reunir-nos hoje. Podíamos jantar em minha casa.

- Hoje, Marco Emílio, acho que devemos jantar em minha casa disse Druso. - Amanhã o meu

destino ficará marcado de uma maneira ou de outra.

Escauro apressou-se a procurar Mário, Cévola e António Orador. Quando viu Sila, chamou-o

também.



- Trago-te um convite de Marco Lívio para jantares hoje em casa dele. De acordo, Lúcio Cornélio?

Vendo que a expressão de Sila revelava, uma vez mais, a sua arreigada aversão a acontecimentos

sociais, Escauro não se conteve e acrescentou:

- Por favor, Lúcio Cornélio, vem! Não haverá nenhum chato por perto!

A expressão de desagrado desapareceu por completo. Sila acabou mesmo por sorrir.

- Está bem, Marco Emílio, eu irei.

No início de Setembro, os seis homens teriam feito a caminhada sozinhos, pois, embora Druso

tivesse muitos clientes, estes não tinham por hábito seguir o seu protector até casa depois de

encerrados os trabalhos do Fórum. Normalmente, era às primeiras horas da manhã que os clientes se

reuniam à porta do patrono. Contudo, naquele dia em que decorrera a oitava *comio,* a comitiva de Druso era tão numerosa que ele e os seus cinco companheiros acabaram por se ver no meio de uma

excitada multidão de quase duzentas pessoas. Em tal escolta não seguiam homens importantes ou

ricos. Eram homens da Terceira e da Quarta Classes, ou mesmo alguns proletários, que queriam

manifestar a sua admiração por aquele homem íntegro e indomável. Desde a segunda *contio* que

Druso era acompanhado a casa por uma escolta que todos os dias aumentava. Naquele dia, a

excitação ainda era maior já que a votação estava prevista para o dia seguinte.

- Então a votação sempre é amanhã - disse Sila a Druso enquanto caminhavam.

- Sim, Lúcio Cornélio. Eles conhecem-me e confiam em mim, todos eles, desde os cavaleiros que

detêm o poder plebeu até estes homens de baixo estrato que agora nos rodeiam. Creio que não fará

sentido adiar por mais tempo a votação. Chegou o momento certo. Se eu tiver de vencer, vencerei

amanhã.

- Não há dúvida que vencerás, Marco Lívio - disse Mário com uma expressão feliz. - E eu serei o

primeiro a votar em ti.

A caminhada era curta: bastava atravessar o baixo Fórum até às Escadas de Vesta, virar depois à

direita para a Clivus Victoriae, e logo surgia a casa de Druso.

- Venham, meus amigos, venham! - disse Druso alegremente para a multidão. - Venham até ao

átrio. Aí me despedirei de vós. - Para



Escauro, disse em voz baixa: - Leva os outros para o meu escritório. Esperem lá por mim. Tenho de

falar a esta gente antes de a mandar embora. É uma questão de cortesia.

Enquanto Escauro e os outros quatro nobres seguiam rapidamente para o escritório de Druso, este

conduziu a sua vasta escolta através do jardim, até às grandes portas duplas na extremidade da

parede traseira da colunata. Para lá dessas portas ficava o átrio, um belíssimo espaço, extremamente

colorido, mas sombrio àquela hora porque o Sol já se tinha posto. Druso permaneceu algum tempo

no meio dos seus admiradores, rindo e contando piadas, exortando-os a votar certo no dia seguinte:

minutos depois, os homens, em pequenos grupos, começaram a despedir-se dele, até que só ficou

um número muito reduzido. O crepúsculo ia dando lugar à noite, e as sombras desses breves

instantes, imediatamente antes de as luzes serem acesas, impunham aos muitos recantos do átrio

uma escuridão impenetrável.

Óptimo!, pensou Druso. Os últimos homens iam-se embora. Naquela escuridão, um dos homens, ao

despedir-se, quase chocava com Druso que, nesse momento, sentiu cair a prega superior da toga;

logo a seguir, sentiu uma dor aguda, como que uma queimadura, na virilha direita; uma dor que

quase o fazia gritar: refreou-se, porém, pois aqueles homens eram estranhos, apesar de serem seus

admiradores. Viu-os afastarem-se rapidamente; diziam que a noite caíra num instante e que estavam

ansiosos por chegar a casa antes que a noite semeasse os seus perigos pelas ruas de Roma.

Meio cego pela dor, Druso deixou-se ficar no vão da porta, olhando para o jardim, o braço esquerdo

erguido, estorvado pelas múltiplas dobras da toga; esperou que o criado acompanhasse os homens

até à porta de saída, na extremidade do peristilo, e encaminhou-se depois para o escritório, onde os

amigos o esperavam. Porém, ao dar o primeiro passo, aquela dor inexplicável e estonteante

explodiu num furor desesperado. Não podia conter o grito, um grito que lhe rasgou todo o corpo,

tão inclemente e penetrante como uma harpia. De repente, sentiu que algo de quente e líquido lhe

escorria pela perna direita. Que sensação horrível!

Quando Escauro e os outros saíram a correr do escritório, Druso estava de pé com as pernas já

vacilantes, a mão cravada na anca direita; retirou a mão e olhou para ela espantado, pois estava

coberta de sangue. Do seu sangue. Sem força nos joelhos, deixou-se cair



lentamente no chão, como um balão perdendo lentamente o ar. A dor era cada vez mais forte. De

olhos esbugalhados, Druso arfava penosamente.

Foi Mário, e não Escauro, quem tomou o controlo da situação. Libertou a anca direita de Druso das

dobras da toga, até que o mistério para aquela dor tremenda encontrou uma solução: o cabo de uma

faca espetada na parte superior da virilha.

- Lúcio Cornélio, Quinto Múcio, Marco António, cada um de vós vá procurar um médico diferente -

disse Mário energicamente.

- Princeps Senatus, diz para acenderem as luzes imediatamente. Todas as luzes!

Nesse instante, Druso voltou a soltar um grito horrendo, um grito que voou até ao céu pintado do

tecto do átrio e aí ficou a pairar como um morcego esvoaçando às cegas de viga em viga; todo o

átrio se encheu de gente - os escravos que corriam de um lado para o outro, aos gritos. Cratipo, o

criado, que ajudava Escauro a acender as luzes. Cornélia Cipião, encaminhando-se apressada para

ao pé do filho, com as seis crianças atrás dela, ajoelhando por fim num chão que o sangue já

manchava.

- Assassino! - disse Mário.

- Vou mandar chamar o irmão - disse a mãe, levantando-se, com a saia empapada em sangue.

Ninguém reparou nas seis crianças que, furtivamente, tinham conseguido aproximar-se;

boquiabertas, observavam a cena: o sangue derramado que se ia espalhando pelo chão, o rosto

horrivelmente contorcido do tio, o cabo da faca, visível na virilha. Druso gritava agora a todo o

instante; a dor aumentava à medida que a hemorragia interna comprimia os grandes feixes nervosos

que percorriam a perna; a cada grito de agonia, as crianças estremeciam de medo, e

choramingavam, até que o jovem Cepião conseguiu ter a calma suficiente para puxar para si o seu

esquelético irmão, Catão; com ternura, encostou a cabecita trémula do irmão contra o seu peito,

obstando assim a que aqueles olhos esbugalhados de terror continuassem a ver o tio esvaindo-se em

sangue.

Cornélia Cipião só deu pelas crianças quando voltou ao átrio. Uma criada, chorosa e trémula, levou-

as para o seu quarto. A mãe de Druso ajoelhou-se de novo ao pé do filho, frente a Mário, e tão

impotente quanto ele.

479

Sila apareceu nesse momento, arrastando literalmente Apolodoro Sículo, e atirando-o por fim para o

chão, para junto de Mário.

- Este *mentula* não tem coração! Calculem que não queria deixar o jantar a meio!

- Para eu o examinar, têm de o levar para a cama - disse o médico greco-siciliano, esbaforido ainda.

Mário, Sila, Cratipo e mais dois criados ergueram Druso do chão e levaram-no para a cama, para a

mesma cama onde ele e Servília Cepião tinham tentado durante tantos anos dar filhos à sua ligação.

O quarto, um quarto pequeno, tinha tanta luz, que parecia dia e não noite.

Outros médicos chegaram entretanto; Mário e Sila deixaram-nos realizar o seu trabalho, juntando-se

aos outros no átrio, onde se ouviam claramente os gritos constantes de Druso. Quando Mamerco

chegou, Mário apontou para o quarto de Druso, mas não fez qualquer movimento para acompanhar

o irmão da vítima.

- Não podemos ir embora - disse Escauro, com um ar envelhecido.

- Não, não podemos - concordou Mário, sentindo-se envelhecido.

- Nesse caso, voltemos para o escritório. Atrapalhamos menos propôs Sila, que tremia ainda por

causa do choque e do esforço dispendido para obrigar o médico a abandonar o divã onde jantava.

- Por Júpiter, ainda não estou em mim! - exclamou António Orador.

- Terá sido Cepião? - perguntou Cévola, arrepiado.

- Inclino-me mais para Vário, para esse patife que veio da Hispânia!

- exclamou Sila, mostrando os dentes furioso.

Instalaram-se no escritório, sentindo-se perfeitamente inúteis, impotentes; parecia-lhes que tinham

ainda nos ouvidos os gritos terríveis de Druso. Porém, ao fim de alguns minutos no escritório

descobriram que Cornélia Cipião era um verdadeiro membro do formidável clã dos Cipiões, pois,

apesar da terrível provação por que estava a passar, conseguiu arranjar tempo para lhes mandar

vinho e comida, ordenando a um escravo que ficasse ao serviço deles.

Quando os médicos removeram finalmente a faca, depressa concluíram que esta era o instrumento

ideal para o objectivo pretendido: era uma faca de sapateiro, de lâmina curva e larga.

- Uma faca destas revolve tudo por dentro - disse Apolodoro Sículo a Mamerco, fazendo ouvir a sua

voz apesar dos berros tremendos de Druso.

480

- O que é que isto significa? - perguntou Mamerco, suando por causa das muitas velas e lamparinas

acesas, incapaz de imaginar que implicações poderia ter aquela ferida que torturava o irmão.

- Significa que tudo aquilo que a faca rasgou não pode ser reparado. Os vasos sanguíneos, os

nervos, a bexiga e mesmo o intestino, quer-me parecer.

- Não lhe pode dar nada para as dores?

- Já lhe dei xarope de papoulas, mas vou dar-lhe mais. Infelizmente não creio que ajude.

- E o que é que ajuda? - perguntou Mamerco.

- Nada.

- Estás a dizer que o meu filho vai *morrer!* - perguntou, incrédula, Cornélia Cipião.

- Sim, *domina* - retorquiu o médico, com um ar digno. - Marco Lívio tem hemorragias internas e externas, e nós não temos meios para detê-las, tanto umas como outras. Sim, ele vai morrer.

- Com tantas dores? Não podes fazer nada para aliviar as dores?

- perguntou a mãe.

- Não há, na nossa farmacopeia, droga mais poderosa que o xarope de papoulas da Anatólia. Se isso

não o ajudar, nada o ajudará.

Durante toda a noite, Druso permaneceu na cama, gritando, gritando, gritando a todo o momento.

Os sons da sua agonia penetravam em todos os recantos da magnífica casa, chegavam aos ouvidos

das seis crianças, que se tinham juntado no quarto de jogos; o pequeno Catão escondia ainda a

cabeça nos braços do irmão, e todas choravam: perseguia-as a visão do tio jazendo por terra,

perseguia-as mais uma entre tantas tragédias que os seus olhos tinham presenciado.

Mas o jovem Cepião não deixava de embalar o seu irmãozito, e beijava-lhe o cabelo.

- Eu estou aqui, repara! Nada de mal poderá acontecer-te!

Na Clivus Victoriae, as pessoas não paravam de juntar-se. A certa altura, a multidão espalhava-se já

num comprimento de trezentos passos, em ambas as direcções; mesmo na rua, ouviam-se os gritos

de Druso, acompanhados pelos suspiros e soluços de Roma, por gritos abafados, que também eram

de dor.

Os senadores tinham-se reunido entretanto no átrio. Cepião e Filipe, no entanto, não tinham

aparecido, o que era, sem dúvida, uma decisão prudente; Lúcio Cornélio Sila foi o primeiro a

reparar que



Quinto Vário também não viera. A certa altura, Sila viu uma figura movendo-se na escuridão, perto

da saída para a *loggia;* silenciosamente, aproximou-se. Era uma rapariga, com treze ou catorze anos, morena, bonita.

- Que queres daqui? - perguntou Sila, aparecendo de repente à frente da jovem, iluminado por uma

lamparina que se encontrava atrás dele.

A rapariga fitou boquiaberta a auréola ígnea de cabelo louro-arruivado, chegando a pensar, por um

momento, que era o falecido Catão Saloniano quem estava à sua frente; por isso havia ódio nos seus

olhos, um ódio que só ao fim de algum tempo se esbateu.

- E quem és tu para me perguntar isso? - atirou-lhe ela, arrogante, altiva.

- Lúcio Cornélio Sila. Quem és tu?

- Servília.

- Volta para a cama, rapariga. Isto não é lugar para ti.

- Ando à procura do meu pai - retorquiu ela.

- Quinto Servílio Cepião?

- Sim, sim, o meu pai!

Sila riu-se, pouco preocupado em poupá-la.

- Porque haveria ele de estar aqui, minha parvinha, quando meio mundo suspeita que ele mandou

matar Marco Lívio?

Os olhos dela brilharam de novo, desta feita de alegria.

- Ele vai mesmo morrer?

- Vai, sim.

- Óptimo! - retorquiu ela, como louca, abriu a porta e desapareceu. Os gritos davam agora lugar a

gemidos esporádicos, quase inaudíveis;

os homens que se encontravam no escritório entenderam o significado dessa mudança e, num passo

apressado, abriram caminho entre os senadores que enchiam o átrio.

Druso jazia inerte na cama, a pele tão branca como os lençóis, o rosto transformado numa máscara

em que alguma entidade diabólica tinha colocado dois olhos escuros, enormes, cheios de brilho e

vida, belíssimos. A seu lado, estavam Cornélia Cipião e Mamerco Emílio Lépido Liviano, ambos

sem lágrimas, ambos hirtos e crispados. Os médicos tinham-se ido todos embora.

- Meus amigos, chegou a hora de partir - disse Druso.

- Nós sabemos - disse Escauro, afavelmente.



- O meu trabalho ficará por fazer.

- Não, o teu trabalho será concluído - emendou Mário.

- Mas para me deterem tiveram de fazer isto - disse Druso, soltando um grito abafado de dor.

- Quem foi? - perguntou Sila.

- Um daqueles sete homens. Não os conheço. São homens vulgares. Da Terceira Classe, suponho.

Não, não eram proletários.

- Tinhas recebido ameaças? - perguntou Cévola.

- Não. Nenhuma - respondeu Druso, voltando a gemer.

- Descobriremos o assassino - disse António Orador.

- Ou o homem que pagou ao assassino - contrapôs Sila. Deixaram-se ficar aos pés da cama, em

silêncio, pois não queriam que Druso gastasse as poucas energias que lhe restavam. Porém, no

último momento, respirando penosamente, embora a dor já não fosse tão forte, Druso conseguiu

sentar-se e, com olhos toldados, fitou os amigos.

- *Ecquandone!* - perguntou em voz alta, distinta - *Ecquandone similem mei eivem habebit rés publica?* Quem poderá alguma vez socorrer a República como eu?

Os seus olhos esplêndidos encontravam-se agora cobertos por uma fina película: ganhavam um

brilho dourado, opaco. Druso acabava de morrer.

- Ninguém, Marco Lívio - respondeu-lhe Sila. - Ninguém.

# MARCUS EMILIO ESCAURO

Quinto Popaedius Silão soube da morte de Druso através de uma carta de Cornélia Cipião; recebeu

a carta em Marrúvio, menos de quarenta e oito horas após a morte do amigo: por aí se via a notável

coragem e presença de espírito da mãe de Druso. Cornélia Cipião tinha prometido ao filho que

informaria Silão tão depressa quanto possível: Druso queria evitar que o amigo soubesse da sua

morte por outras vias.

Silão chorou ao ler a carta, mas não ficou surpreendido nem chocado. Pouco depois, já se sentia

mais leve, cheio de ideias; o tempo da expectativa e das dúvidas tinha acabado: finalmente tinha

acabado. Com a morte de Marco Lívio Druso, esboroavam-se todas as esperanças de os Italianos

conquistarem pacificamente a cidadania.

Silão enviou imediatamente cartas para Caio Pápio Mutilo, dos Samnitas, Hério Asínio, dos

Marrucinos, Públio Presenteio, dos Pelignos, Caio Vidacílio, dos Picentinos, Caio Pontídio, dos

Frentanos, Tito Lafrénio, dos Vestinos, e também para quem quer que governasse na altura os

Hirpinos, um povo famoso por estar constantemente a mudar de pretores. Mas onde haveriam de

encontrar-se? Todas as nações italianas sabiam que por essa altura viajavam pela península dois

pretores romanos, investigando a ”questão italiana”; suspeitavam, por isso, de todos os locais que

tivessem um estatuto romano ou latino. O ideal seria um local central para a maior parte dos

dirigentes, não frequentado por romanos, mas servido por uma boa estrada - ou seja, por uma

estrada romana. Silão não demorou muito tempo a encontrar uma resposta: uma cidade situada nos

Apeninos Centrais, de difícil acesso, defendida por altas muralhas, e com água por perto: Corfínio,

servida pela Via Valério e situada perto do rio Aterno, uma cidade dos Pelignos que fazia fronteira

com as terras dos Marrucinos.

486

Poucos dias após a morte de Druso, os dirigentes de oito nações italianas (os Marsos, os Samnitas,

os Marrucinos, os Vestinos, os Pelignos, os Frentanos, os Picentinos e os Hirpinos) reuniram-se em

Corfínio, acompanhados por muitos dos seus partidários. Entusiasmados e determinados.

- É a guerra! - disse Mutilo, e essas foram praticamente as primeiras palavras pronunciadas na

reunião. - Temos de ir para a guerra, irmãos italianos! Roma recusa-se a conceder-nos a dignidade e

o estatuto que os nossos feitos e o nossos poder implicam. Construiremos um país independente

sem qualquer negociação prévia com Roma ou com os Romanos, ocuparemos as colónias romanas

e latinas fundadas dentro das nossas fronteiras, determinaremos o nosso futuro com os nossos

próprios homens e com o nosso próprio dinheiro!

Esta declaração aguerrida foi imediatamente saudada com vivas e um ruidoso bater de pés, uma

reacção que Mutilo considerou estimulante e Silão encorajadora; porque o primeiro estava cheio de

ódio a Roma, e o segundo não acreditava já no que os Romanos pudessem fazer.

- Acabaram-se os impostos para Roma! Não mais soldados para Roma! Não mais terras para Roma!

Não mais costas italianas para os romanos açoitarem! Acabou-se a servidão a que nos condenam as

dívidas! Acabaram-se as vénias, as saudações, as humilhações perante Roma! - gritou Mutilo. -

Seremos um poder de que só nós beneficiaremos! Nós *substituiremos* Roma! Porque Roma,

companheiros italianos, ficará reduzida a cinzas!

Esta assembleia realizou-se na praça do mercado de Corfínio, pois a cidade não tinha nenhum

edifício ou Fórum suficientemente grande para albergar dois mil homens; por isso, os vivas que

saudaram a segunda parte do breve discurso de Mutilo ergueram-se nos ares e flutuaram para lá das

muralhas da cidade, formando uma imensa onda sonora que afugentou os pássaros e fez tremer a

população.

E pronto, está tudo feito, pensou Silão enquanto escutava os participantes. Todas as decisões tinham

sido tomadas.

Na realidade, porém, havia ainda muitas decisões a tomar. Em primeiro lugar, encontrar um nome

para o novo país.

- Itália! - gritou Mutilo.

Depois, um nome para a nova capital de Itália, até esse momento Corfínio.

- Itálica! - gritou Mutilo. Depois, um governo.



- Um conselho de quinhentos homens, onde estejam equitativamente representadas todas as nações que

formam a Itália - disse Silão, a quem Mutilo tinha dado de bom grado a palavra; Mutilo era o coração de Itália, Silão o seu cérebro. - Todas as nossas leis, incluindo a Constituição, serão elaboradas e aplicadas por este *conciliam Italiae,* o qual terá a sua sede permanente na nossa nova capital, Itálica. Porém, como todos sabem, teremos de lutar contra Roma antes que a Itália se torne uma realidade. Portanto, enquanto a guerra com Roma não tiver terminado - e terminará com a nossa vitória! -, a Itália disporá de um conselho de guerra, formado por doze pretores e dois cônsules. Sim, eu sei, são denominações romanas, mas para o caso servem.

Agindo sempre com o conhecimento e o consentimento do *concilium Italiae,* este conselho de guerra será responsável pela condução das operações de guerra contra Roma.

- Ninguém em Roma irá acreditar! - gritou Tito Lafrénio, dos Vestinos. - Dois nomes? É tudo o que temos para oferecer? Um nome para um país que não existe e um nome novo para uma cidade velha!

- Roma irá acreditar - retorquiu calmamente Silão. - Quando nós começarmos a cunhar moeda e a chamar

arquitectos para desenharem o centro de uma cidade magnífica, Roma irá acreditar! A nossa primeira moeda mostrará as oito nações fundadoras, simbolizadas por oito homens empunhando espadas com que sacrificam o porco, Roma; no outro lado, mostrará o rosto de uma nova deusa do panteão italiano: a deusa Itália! O nosso animal será o touro samnita. O nosso deus padroeiro será Líber, o Pai da Liberdade, e ele conduzirá uma pantera pela coleira, pois Roma será essa pantera quando nós a domarmos! E antes que passe um ano, a nossa nova capital terá um Fórum tão grande como o de Roma, uma sede para as reuniões do conselho, capaz de albergar quinhentos homens, um templo a Itália, maior que o templo de Ceres em Roma, e um templo a

Júpiter Italiae maior que o templo de Júpiter Optimus Maximus em Roma! Não ficaremos atrás de Roma,

como Roma depressa verá.

Os vivas fizeram-se de novo ouvir; Silão esperou, com um sorriso feliz, que o silêncio voltasse.

- Roma não nos encontrará divididos! - disse. - Juro-o perante todos os homens aqui presentes, perante todos os homens de uma Itália livre. Juntaremos todos os nossos recursos, sejam eles homens ou dinheiro, comida ou quaisquer outros artigos! E aqueles que vão



conduzir a guerra contra Roma, em nome de Itália, trabalharão como um corpo unido, como um só

corpo, mais unidos e solidários do que todos os comandantes que já houve na história da guerra! Por

toda a Itália, os nossos soldados aguardam que os convoquemos para a guerra! Temos cem mil

homens prontos a avançar dentro de dias, e mais virão, muitos mais! - Fez uma pausa, e riu-se bem

alto. - Dentro de dois anos, meus amigos italianos, serão os Romanos que suplicarão o estatuto de

cidadãos de Itália!

Porque a causa era tão justa quanto digna e tão amada quanto imperiosa, não houve praticamente

escaramuças pelo poder, e não se verificou qualquer guerra intestina; o conselho dos quinhentos

lançou-se no cumprimento dos seus deveres cívicos naquele mesmo dia, ao passo que o conselho de

guerra realizou a sua primeira reunião para discutir os preparativos bélicos.

Os magistrados do conselho de guerra tinham sido eleitos pelo sistema grego de mão levantada, e

incluíam mesmo dois pretores de nações que ainda não tinham adendo ao projecto chamado Itália: a

Lucânia e a Venúsia. Mas os eleitores estavam convictos de que Lucanianos e Venusinos viriam a

juntar-se à nova nação.

Os dois cônsules eram Caio Pápio Mutilo, dos Samnitas, e Quinto Popaedius Silão, dos Marsos.

Entre os pretores, contavam-se Hério Asínio, dos Marrucinos, Públio Vétio Escalo, dos Marsos,

Públio Presenteio, dos Pelignos, Caio Vidalício, dos Picentinos, Mário Egnácio, dos Samnitas, Tito

Lafrénio, dos Vestinos, Tito Herénio, dos Picentinos, Caio Pontídio, dos Frentanos, Lúcio Afrânio,

dos Venusinos, e Marco Lampónio, dos Lucanianos.

O conselho de guerra, instalado na pequena sala de reuniões públicas da cidade de Corfínio/Itálica,

lançou-se imediatamente ao trabalho.

- Temos de atrair às nossas hostes os Etruscos e os Umbrios disse Mutilo. - Se eles não se juntarem

a nós, nunca conseguiremos isolar Roma do Norte. E se não conseguirmos isolar Roma do Norte,

Roma continuará a utilizar os recursos da Gália Italiana.

- Os Etruscos e os Umbrios são povos muito peculiares - disse Escalo. - Nunca se consideraram

Italianos da mesma forma que nós; e, no fim de contas, Roma trata-os miseravelmente!

- Eles organizaram uma marcha de protesto contra a divisão da *ager publicus* - disse Hério Asínio. -

Julgo que isso indica que eles nos apoiarão.



- *Eu* creio que é precisamente o contrário - disse Silão, com uma expressão dubitativa. - De todos os povos italianos, os Etruscos são os mais ligados a Roma. E os Umbrios limitam-se a seguir

cegamente os Etruscos. Digam-me, por exemplo, que dirigentes etruscos ou úmbrios conhecemos

nós? Algum de nós mantém relações de amizade com esses dirigentes? Ninguém! O problema é que

os Apeninos sempre os separaram de nós; por outro lado, têm a Gália Italiana a norte, e Roma e o

Lácio a sul. Eles vendem a madeira de pinho e os porcos a Roma, e não às outras nações italianas.

- Quanto aos pinheiros, percebo que tenham importância, mas os porcos... - comentou Vidacílio,

representante dos Picentinos.

Silão pôs um esgar mal-disposto.

- Há porcos e porcos, Caio Vidacílio! Não te esqueças que é da pele do porco que se faz a cota de

malha.

- Pisa e Populónia! - disse Vidacílio. - Estou a ver onde queres chegar.

- Bom, a Etrúria e a Úmbria são uma questão a resolver num futuro próximo - disse Mário Egnácio.

- Sugiro que escolhamos os membros mais persuasivos do conselho dos quinhentos e que os

enviemos para conversações com os dirigentes etruscos e úmbrios, enquanto nós nos concentramos

na nossa especialidade: a guerra. Como vamos começar esta guerra?

- Que achas, Quinto Popaedius? - perguntou Mutilo.

- A primeira medida a tomar, naturalmente, é convocar os nossos soldados e prepará-los para as

primeiras batalhas. Mas enquanto fazemos isso, sugiro que enviemos uma delegação ao Senado de

Roma, para pedir uma vez mais a cidadania. Claro que esta delegação servirá apenas para

tranquilizar Roma.

Mário Egnácio não estava nada de acordo.

- Ora, deixa-os usar a cidadania deles da mesma forma que os Gregos usam os rapazes bonitos!

- Sim, claro - disse Silão, divertido. - Mas é preciso que sejam os nossos exércitos a dizerem-lhes

isso! Nós estamos prontos para a guerra, é certo, mas demoraremos pelo menos um mês a proceder

à mobilização. Eu sei que em Roma quase toda a gente pensa que nós estamos longe de reunir as

condições para avançar. Para quê desiludi-los? Se mandarmos uma delegação, eles continuarão a

pensar que nós não estamos minimamente preparados.



- Concordo inteiramente, Quinto Popaedius - disse Mutilo.

- Óptimo. Nesse caso, sugiro que escolhamos um segundo grupo de homens com capacidade de persuasão,

entre os nossos quinhentos conselheiros. Mas penso que será melhor que esta embaixada a Roma seja

conduzida por pelo menos um membro do conselho de guerra.

- De uma coisa estou certo - disse Vidacílio. - É que se queremos ganhar esta guerra, teremos de agir rapidamente. Temos de atacar os Romanos depressa e em força, em tantas frentes quanto possível. Temos tropas muito bem treinadas, e não nos falta material bélico. Temos óptimos centuriões. - Fez uma pausa e, com um ar muito triste, acrescentou: - No entanto, não temos generais.

- Discordo! - disse Silão com firmeza. - Se com isso queres dizer que não temos um Caio Mário à nossa disposição, então acho que tens

toda a razão. Mas Caio Mário já está velho. Que outros generais têm os Romanos? Quinto Lutácio Catulo César, que se vangloria de ter derrotado os Germanos Címbricos na Gália Italiana, quando todos sabemos que o autor dessa proeza foi Caio Mário? Têm Tito Dídio, mas Tito Dídio não é nenhum Mário, longe disso. Mais importante ainda, os Romanos têm as suas legiões em Cápua: quatro

legiões, e todas elas veteranas. Os seus melhores generais actualmente em funções são Sêncio e Brútio Sara, que se encontram na Macedónia, mas ninguém se atreveria a chamá-los a Roma, porque estão demasiado

ocupados.

- Se Roma se vir ameaçada por gente como nós - disse Mutilo, num tom amargo -, pedirá auxílio a todas as províncias e todos os seus homens regressarão para combater. É por isso que temos que lançar e vencer esta guerra rapidamente!

- Tenho mais uma coisa a dizer a respeito dos generais - disse pacientemente Silão. - Não creio que seja realmente importante saber quem são ou deixam de ser os actuais generais romanos. Porque Roma comportar-se-á como sempre se comportou: os cônsules do ano serão os comandantes operacionais. Julgo que não

iremos enfrentar Sexto Júlio César e Lúcio Márcio Filipe: estão prestes a abandonar os seus cargos. Quem serão os cônsules do próximo ano, não faço ideia. Mas suponho que já devem ter eleito alguém. É por tudo isto que discordo de ti, Caio Vidacílio, e de ti, Caio Pápio. Todos nós que aqui estamos, temos tanta experiência militar como qualquer dos candidatos a cônsul em Roma. Eu, por exemplo, participei já em várias batalhas importantes e tive o privilégio de assistir à horrível derrota de Roma em Arausio!

O meu pretor Escaulo, tu próprio, Caio Vidacílio, Caio Pápio, Hério Asínio, Mário Egnácio, ora,

não há um homem nesta sala que não tenha participado em pelo menos seis campanhas!

Conhecemos os procedimentos de chefia tão bem como qualquer chefe que os Romanos escolham.

- E temos uma grande vantagem - disse Presenteio. - Conhecemos a região melhor que os Romanos.

Há anos que treinamos homens em toda a Itália. A experiência militar romana fez-se no estrangeiro,

não em Itália. Os legionários vão para o estrangeiro mal saem das escolas de recrutas de Cápua. É

pena que as tropas de Dídio não tenham embarcado também, mas essas quatro legiões de veteranos

são afinal as tropas de que Roma dispõe actualmente, caso não chame as legiões que se encontram

nas províncias.

- Públio Crasso não trouxe tropas da Hispânia Ulterior quando celebrou o seu triunfo? - perguntou

Hério Asínio.

- Trouxe, de facto, mas todas essas tropas voltaram à Hispânia porque houve mais uma revolta dos

povos locais - disse Mutilo, que se encontrava em melhores condições para saber o que se passava

em Cápua. - As quatro legiões de Tito Dídio ficaram em Cápua para o caso de serem necessárias na

Província da Ásia e na Macedónia.

Nesse instante, entrou na sala um mensageiro com uma nota dos conselheiros; Mutilo recebeu a

nota, leu-a calmamente várias vezes e depois desatou à gargalhada.

- Muito bem, generais do conselho de guerra! Parece que os nossos amigos que estão lá fora na

praça do mercado, se mostram tão decididos como nós! Tenho aqui um documento informando que

todos os membros do *concilium Italiae* determinaram que qualquer cidade importante de Itália se associe a outra cidade de importância idêntica de outro estado italiano, a fim de que troquem reféns

- cinquenta crianças de todas as classe sociais!

- Eu diria que isso revela desconfiança - comentou Silão.

- Sim, creio que tens razão. De qualquer modo, trata-se também de uma prova física de dedicação e

determinação. Preferia chamar-lhe um acto de fé, porque, reparem, todas as cidades de Itália irão

pôr em perigo as vidas de cinquenta das suas crianças - disse Mutilo. - As cinquenta de Marrúvio

irão naturalmente para Boviano. Pelo que vejo, já há trocas decididas: Ásculo do Piceno trocará

com Sulmona, e Sepino com Teate. Muito bem!

Silão e Mutilo abandonaram então a sala, a fim de conferenciarem com o conselho dos quinhentos;

quando regressaram, pouco tempo depois, verificaram que os seus colegas do Conselho de Guerra

tinham estado a discutir estratégia na sua ausência.

- Marcharemos sobre Roma em primeiro lugar - disse Tito Lafrénio.

- Sim, mas não utilizaremos todas as nossas forças nessa investida

- disse Mutilo, sentando-se. - Partindo do princípio de que não conseguiremos a ajuda da Etrúria e

da Úmbria, e julgo que será melhor pensarmos nesses termos, nada poderemos fazer a norte de

Roma, pelo menos por ora. E não podemos esquecer que o Norte do Piceno se encontra sob o

controlo dos Pompeus e que, por isso, dificilmente nos ajudará. Estão de acordo comigo, Caio

Vidacílio, Tito Herénio?

- Temos de concordar - disse Vidacílio, num tom sombrio. - O Norte do Piceno é romano. Só

Pompeu Estrabão tem mais de metade do território; e o que não é dele, é de Pompeu Rufo. Nós

temos uma cunha entre Sentino e Camerino, nada mais.

- Muito bem, teremos de abandonar quase totalmente o Norte disse Mutilo. - A leste de Roma,

estamos em muito melhores condições. E no sul da península temos uma excelente oportunidade de

separar por completo Roma de Tarento e Brindísio. Se Marco Lampónio integrar a Lucânia na

Itália, e estou certo de que ele o fará, então conseguiremos também isolar Roma de Régio. Fez uma

pausa, e pôs um ar preocupado.

- No entanto, temos ainda as terras baixas da Campânia, que se estendem através do Sâmnio e até ao

Adriático Apulo. E é aí que temos de atacar com mais força, por várias razões. Basicamente porque

Roma pensa que a Campânia está exausta e que é, por fim, inegavelmente romana. Mas isso não é

verdade! É possível que eles se agarrem a Cápua e a Putéolos. Mas creio que conseguiremos

subtrair o resto da Campânia ao poder romano! E, se o fizermos, ficaremos com os melhores portos

de mar do extremo sul, que são vitais para Roma, tirar-lhes-emos as melhores terras da zona, do

ponto de vista agrícola, e isolaremos Cápua. Logo que obriguemos Roma a uma posição meramente

defensiva, a Etrúria e a Úmbria passar-se-ão para o nosso lado. Temos de controlar todas as estradas

que dão acesso a Roma, e teremos de fazer um esforço suplementar para controlar também a Via

Flamínia e a Via Cássia. Claro, logo que a Etrúria passe a apoiar-nos, todas as estradas romanas

ficarão sob o nosso controlo. Se necessário, faremos com que Roma morra à fome.

494

- Estás a ver, Caio Vidacílio? - perguntou Silão, com uma expressão triunfante. - Quem disse que não temos generais?

Vidacílio ergueu as mãos num gesto de rendição.

- Perfeitamente de acordo, Quinto Popaedius! Não há dúvida que Caio Pápio é um general.

- Julgo que não será preciso sairmos desta sala para encontrarmos uma dúzia de bons generais - retorquiu Mutilo.

No mesmo dia em que a nova nação foi formada e os seus mais proeminentes homens reuniram em Itálica, a nova capital, o pretor Quinto Servílio, da família Augure, deixou a cidade portuária de Firmo Picentino, regressando finalmente a Roma pela Via Salária. Desde Junho que patrulhava as terras a norte de Roma, tendo começado por percorrer os férteis montes da Etrúria, até ao rio Arno, que formava a fronteira da Gália Italiana; daí, seguiu para leste, para a Umbria, depois para sul, até Piceno, acompanhando por fim a costa adriática. Sentia que tinha realizado na perfeição a sua tarefa. Movera céu e terra para descobrir uma conspiração astuciosamente elaborada - e se não a tinha descoberto, é porque não havia nenhuma conspiração astuciosamente preparada, disso estava ele certo.

A sua viagem fora em tudo digna de um rei. Dotado de autoridade proconsular, desfrutara da magnificente prerrogativa que consistia em ser permanentemente acompanhado por doze lictores, com os seus trajes

carmesins e os seus cintos pretos com fivela de bronze, empunhando *os fasces.* Cavalgando um palafrém branco como a neve, vestido com uma armadura chapeada a prata, com uma túnica roxa por baixo, Quinto

Servílio, sem o saber, imitara mesmo o rei Tigranes da Arménia, ordenando que um escravo o acompanhasse permanentemente, de sombrinha na mão, a fim de o proteger do sol. Se Lúcio Cornélio Sila o tivesse visto, por certo teria ficado perdido de riso. E por certo tê-lo-ia obrigado a desmontar aquele cavalo mais próprio para meninas e a esfregar a cara na poeira do chão.

Todos os dias, um grupo de criados de Quinto Servílio seguia à sua frente, a fim de procurar as melhores acomodações para o senhor, normalmente a *villa* de um magnata ou de um magistrado locais; em

contrapartida, Quinto Servílio manifestava a maior indiferença relativamente às condições em que os seus homens viajavam. Para além dos lictores e de um vasto grupo de escravos, era ainda escoltado



por vinte soldados fortemente armados e dotados de possantes cavalos. Só porque precisava de

companhia naquela vagarosa deambulação italiana, Quinto Servílio levara consigo um assistente,

um tal Ponteio, um indivíduo que só a riqueza tornara notado, a riqueza e o facto de ter dado a filha, Fonteia, de sete anos (acompanhada, naturalmente, de um fabuloso dote), ao Colégio das Virgens

Vestais.

Achava Quinto Servílio que os senadores tinham feito demasiado barulho por nada; não ia, contudo,

queixar-se, pois vira mais de Itália do que alguma vez imaginara ser possível, e em circunstâncias

invulgarmente agradáveis. Em todos os lugares que visitou, foi alvo das melhores recepções e dos

mais opíparos banquetes; a sua arca dos dinheiros estava mais do que meio cheia, devido à

generosidade dos seus anfitriões e ao facto de a sua autoridade proconsular impressionar qualquer

um; por isso, Quinto Servílio terminaria o seu ano como pretor com a bolsa bem recheada - e tudo à

custa do Estado.

A Via Salária era a velha estrada do sal, a via que conduzira Roma à prosperidade nos tempos antes

dos reis, quando o sal extraído das terras baixas de Ostia era transportado pelos mercadores-

soldados latinos. Agora, contudo, a importância da Via Salária era diminuta, de tal forma que o

Estado desprezava a sua manutenção, como Quinto Servílio pôde verificar pouco depois de ter

deixado Firmo Piceno. Em muitos pontos, a estrada encontrava-se coberta de terra de

desmoronamentos causados por inundações; por outro lado, a sua superfície estava tão deteriorada

que era frequente verem-se as pedras redondas das fundações - e, para cúmulo, quando se preparava

para entrar na cidade seguinte, Ásculo Picentino, encontrou a estrada completamente obstruída por

um desmoronamento. Os seus homens demoraram um dia e meio a desobstruir a via; Quinto

Servílio passou esse dia e meio no maior desconforto, e a ausência de conforto deixava-o

horrorizado.

A viagem a partir da costa era feita a grande altitude, sobre escarpas, pois o litoral oriental era

estreito, acompanhado de perto pelos Apeninos. Contudo, Ásculo Picentino era a maior e a mais

importante cidade de todo o Sul do Piceno, rodeada por uma assustadora muralha, muito alta,

fazendo quase que uma circunferência, imitando os assustadores picos das montanhas que cercavam

a cidade. O rio Truentio corria perto da cidade; naquela altura do ano, pouca água tinha, mas os

espertos e diligentes Asculanos iam buscar a sua água a uma camada de cascalho situada muito

abaixo do leito do rio.

496

Quando por fim chegou às portas de Ásculo Picentino, Quinto Servílio verificou que a sua guarda

avançada de criados tinha feito o trabalho que dela esperava; de facto, foi recebido por um pequeno

grupo de prósperos mercadores, que falavam latim em vez de grego, e que usavam todos as togas da

cidadania romana.

Quinto Servílio desceu do alvo palafrém, prendeu o manto roxo sobre o ombro esquerdo, e recebeu

a comissão de boas-vindas com graciosa condescendência.

- Esta cidade não é uma colónia romana, nem latina, pois não? perguntou ele num tom vago, pois os

seus conhecimentos em tais matérias deixavam muito a desejar, para mais tendo em conta que era

um pretor romano viajando por toda a Itália.

- Não, Quinto Servílio. Mas vivem aqui cerca de cem comerciantes romanos - disse o chefe da

comissão, de seu nome Públio Fabrício.

- E onde é que estão os dirigentes picentinos? - perguntou Quinto Servílio com um ar indignado. -

Então os nativos não me vêm receber?

Fabrício pôs um ar de quem pedia sinceras desculpas.

- Há meses que os Picentinos nos evitam, a nós, Romanos, Quinto Servílio. Não sei porquê! O que

sei é que os sentimentos deles em relação a nós não são os mais acolhedores. Além disso, hoje há

uma festa em honra de Picus.

- Picus? - perguntou Quinto Servílio, espantado. - Têm uma festa em honra de um pica-pau?

O grupo entrava agora numa pequena rua ornamentada com grinaldas de flores outonais. As ruas

estavam juncadas de pétalas de rosas e minúsculos malmequeres.

- Nestas regiões, Picus é uma espécie de Marte picentino - disse Fabrício. - Picus foi o rei da velha Itália, crêem eles, e conduziu os Picentinos das terras dos Sabinos, onde viviam inicialmente, para

estas terras a que agora chamamos Piceno. Quando aqui chegaram, Picus transformou-se num pica-

pau e definiu as fronteiras do país picando nas árvores.

- Oh... - disse Quinto Servílio, perdendo todo o interesse pelo assunto.

Fabrício conduziu Quinto Servílio e o lugar-tenente deste, Ponteio, para a sua magnífica mansão,

situada no ponto mais alto da cidade, depois de ter arranjado alojamentos confortáveis para os

lictores e os soldados, e de ter mandado os escravos de Servílio para as casas



ocupadas pelos seus próprios escravos. Perante tratamento tão respeitoso e luxuoso, Quinto Servílio ficou mais alegre e expansivo. Especialmente depois de ter visto o seu quarto, sem dúvida o melhor naquela bela casa. O dia estava quente, o sol brilhava intenso no céu; os dois romanos tomaram banho, e foram ter depois com o seu

anfitrião, que estava na extensa *loggia* da casa, a qual dominava toda a cidade, as muralhas impressionantes, e as montanhas ainda mais impressionantes. Aquela casa tinha de facto uma vista soberba, uma vista muito mais grandiosa do que era costume em casas citadinas.

- Se quiseres, poderemos ir ao teatro esta tarde, Quinto Servílio

- propôs Fabrício quando os seus convidados apareceram. - A peça é *As Báquides,* de Flauto.

- Parece-me uma óptima ideia - retorquiu Quinto Servílio, sentado numa bela cadeira almofadada e coberta. -

Não vou ao teatro desde que saí de Roma. Soltou um voluptuoso suspiro. - Reparei que há flores por todo o lado, mas não se vê ninguém na rua. Será por causa dessa festa do pica-pau?

Fabrício franziu o sobrolho.

- Não. Parece que isso tem a ver com uma nova política, sem dúvida muito peculiar, que os Italianos

adoptaram. Cinquenta crianças de Ásculo, todas elas italianas, foram enviadas para Sulmona esta manhã, e Ásculo vai receber cinquenta crianças de Sulmona.

- Mas isso é extraordinário! Quem tal ouvir, até é capaz de pensar que estão trocando reféns - disse Quinto Servílio, instalando-se confortavelmente na cadeira. - Estarão os Picentinos a pensar declarar guerra aos Marrucinos? Até dá a impressão que é isso, não é?

- Não ouvi nenhum rumor acerca de uma eventual guerra - retorquiu Fabrício.

- Mas se eles mandaram cinquenta crianças para uma cidade dos Marrucinos e estão à espera de cinquenta crianças marrucinas, não há dúvida que isso sugere, no mínimo, que as relações entre os Picentinos e os Marrucinos não estão muito boas. - Quinto Servílio soltou um risinho, e acrescentou: - Ah, não seria uma maravilha se eles se envolvessem numa guerra? Pelo menos, esqueciam-se da questão da cidadania. - Sorveu o vinho e olhou para o seu anfitrião com um ar espantado. - Meu caro Públio Fabrício! *Vinho* gelado?

- Uma óptima ideia, não é verdade? - disse Fabrício, particularmente satisfeito por conseguir surpreender agradavelmente um pretor romano



com um nome tão antigo, tão famoso, e tão patrício, como Servílio.

- Envio uma expedição às neves todos os meses, e por isso disponho sempre de neve suficiente para

gelar o meu vinho durante todo o Verão e todo o Outono.

- Delicioso - disse Quinto Servílio, recostando-se na cadeira. - A que ramo do comércio te dedicas,

Públio Fabrício? - perguntou inopinadamente.

- Tenho um contrato exclusivo com a maior parte dos fruticultores da região - respondeu Públio

Fabrício. - Compro todas as suas maçãs e pêras, e marmelos também. A fruta de melhor qualidade,

envio-a para Roma, onde é vendida. Quanto à restante, uso-a para fazer geleia na minha pequena

fábrica, geleia que mando depois para Roma. E também tenho um contrato para a comercialização

do grão-de-bico.

- Muito bem! Muito bem! - comentou Quinto Servílio.

- De facto tenho-me saído muito bem - disse Fabrício, sem esconder a vaidade. - Sabes, é típico dos

Italianos, quando vêem um homem com cidadania romana começar a viver melhor do que eles,

desatarem a criticar os monopólios e a dizer que as nossas práticas comerciais são injustas, enfim,

não se calam com as suas disparatadas lamúrias. A verdade, porém, é que eles não querem

trabalhar, e aqueles que trabalham não têm queda para o negócio! Se as coisas dependessem deles,

pode crer que todos os produtos agrícolas acabariam por apodrecer no chão. Não vim para este

buraco frio e desolado para lhes roubar o comércio! Quando comecei, não sabiam o que me haviam

de fazer, eram de uma gratidão extrema. Agora, todos os italianos de Ásculo me consideram

*persona non grata. E* isso acontece com todos os meus amigos romanos, Quinto Servílio.

- Já ouvi essa história muitas vezes, Públio Fabrício, de Satúrnia a Arímino - retorquiu o pretor

encarregado de estudar a ”questão italiana”.

Quando o calor começou a abrandar, Públio Fabrício e os seus distintos convidados puseram-se a

caminho do teatro, uma estrutura provisória de madeira, encostada à muralha da cidade, o que

permitia que todos os espectadores ficassem à sombra durante a representação. Talvez houvesse já

no teatro cinco mil picentinos, embora não ocupassem as duas filas da frente daquela estrutura

semicircular; essas duas filas estavam reservadas para os romanos.

Fabrício tinha introduzido alguns melhoramentos de última hora na primeira fila, precisamente a

meio: mandara erigir um agradável



estrado coberto com um dossel. O estrado era suficientemente grande para albergar a cadeira curul

de Quinto Servílio, a cadeira de Ponteio, e uma terceira cadeira para Fabrício. Pouco se preocupara

com o facto de tal construção tapar a vista das pessoas que se sentavam nas filas imediatamente

atrás. O seu convidado era um pretor romano dotado de autoridade proconsular, logo muito mais

importante do que todos aqueles italianos juntos.

O grupo entrou no auditório através de um túnel sob a *cavea,* aparecendo num corredor situado a cerca de doze filas do estrado, que ficava em frente do espaço reservado aos músicos, um

semicírculo desocupado entre a audiência e o palco. À frente surgiram os lictores, muito

empertigados, com os *fasces* aos ombros; depois, foi a vez de aparecerem o pretor e o seu lugar-tenente, com um Fabrício radiante caminhando a passo rápido a seu lado; atrás deste trio, vinham os

vinte soldados. A mulher de Fabrício - a quem os visitantes romanos não tinham sido apresentados -

sentou-se com as amigas à direita do estrado, mas na fila de trás; a fila da frente destinava-se

exclusivamente a homens cidadãos romanos.

Mal o grupo apareceu no teatro, um grande murmúrio percorreu as filas onde estavam sentados os

picentinos, os quais, para poderem ver alguma coisa, tinham de erguer bem alto o pescoço; o

murmúrio transformou-se num resmungo, e o resmungo num urro, acompanhado de vaias e

assobios. Embora intimamente espantado e desanimado com recepção tão hostil, Quinto Servílio, da

família Augure, avançou com um ar grave e arrogante na direcção do estrado e instalou-se

regiamente na sua cadeira de marfim, imaginando-se o patrício Servílio que não era. Ponteio e

Fabrício seguiram-no, ao passo que os lictores e os soldados se distribuíram pelas filas da frente,

segurando lanças *e fasces* entre os joelhos nus.

A peça começou, e era uma das melhores e mais divertidas peças de Flauto - e uma das mais

deliciosamente musicais que tinha escrito. A companhia, ainda que ambulante, era boa, com actores

de origens diversas: alguns eram romanos, outros latinos, outros ainda italianos; não havia qualquer

grego no elenco, pois aquela companhia tinha-se especializado nas comédias latinas. Costumavam

parar todos os anos em Ásculo Picentino por altura da festa de Picus. Naquele ano, porém, o público

parecia-lhes diferente. Os sentimentos anti-romanos eram a causa dessa diferença e constituíam

algo de inteiramente novo. Por



isso, os actores lançaram-se ao trabalho com redobrado vigor, procurando acentuar ainda mais os

aspectos divertidos da peça. Estavam decididos a acabar com o soturno humor dos Picentinos.

Infelizmente, também entre os actores havia divisões; enquanto que os romanos actuavam

despudoradamente para os homens que se encontravam no estrado, os latinos e os italianos

concentraram-se no público asculano. Depois do prólogo, veio a definição da intriga, alguns

diálogos hilariantes entre as principais personagens, e um belo dueto cantado com acompanhamento

à flauta. Surgiu depois o primeiro *canticum,* uma magnífica ária de tenor, acompanhada pelos belos tons da lira. O cantor, um italiano de Sâmnio, tão famoso pela sua voz como pela sua habilidade em

alterar o texto original, avançou com passos decididos para a boca de cena e cantou directamente

para o estrado de honra.

Saudações, pretor romano! Saudações, e vai para casa! Pois não será desumano

Tanto brilho, tanta farsa? Olhem só! Mas que arrogante! Não há nada que o espante! Não está certo,

ora não? Que esteja nesta prisão! Vamos correr com o sabujo! Que se dane o porco sujo! Mas que

altiva figura Na cadeira de marfim! Vamos dar-lhe com fartura!

Vamos fazê-lo em pudim! Um pontapé no Romano Nos tomates do magano! Ele que lamba os

nossos Depois de levar nos ossos!

A canção inventada não passou daí. Um dos guarda-costas de Quinto Servílio pegou na sua lança e,

sem se dar sequer ao trabalho de se levantar, lançou-a com força; o tenor samnita caiu morto: a

lança tinha-o trespassado. No seu rosto, ficou a expressão com que cantara a canção: uma expressão

do mais profundo desprezo.

Um silêncio absoluto instalou-se na sala. Os espectadores picentinos não acreditavam no que viam e

não sabiam o que fazer. Perante a apatia do público, o actor latino Saunio, que era extremamente

popular, entrou no palco e começou a falar febrilmente, enquanto quatro dos seus colegas levavam

o cadáver e os dois actores romanos desapareciam num ápice.

- Meus caros picentinos, eu não sou um romano! - exclamou Saunio, agarrando-se a um pilar como

se fosse um macaco, subindo e descendo o pilar, a máscara balançando-lhe na mão. - Peço-vos por

tudo, não me confundam com aqueles indivíduos! - E apontou para o estrado romano. - Eu não

passo de um latino, meus caros picentinos! Eu também tenho de suportar *osfasces* com que eles se passeiam pela nossa querida Itália! Também eu deploro os actos destes arrogantes predadores

romanos!

Nesse momento, Quinto Servílio levantou-se da sua cadeira de marfim, desceu do estrado,

atravessou o espaço destinado aos músicos e subiu ao palco.

- Se não queres levar também com uma lança, desaparece, actor!

- disse Quinto Servílio a Saunio. - Nunca na minha vida ouvi tais insultos! Dêem-se por felizes,

miseráveis italianos, por eu não mandar os meus homens matá-los a todos!

Quinto Servílio virou-se para os espectadores. A acústica do teatro era tão boa que, mesmo falando

num tom normal, a sua voz era ouvida no ponto mais alto da *cavea.*

- Eu não esquecerei o que foi dito aqui! - atirou-lhes. - A *auctoritas* romana foi mortalmente ofendida! Os cidadãos deste esterco italiano pagarão caro a afronta, disso podem estar certos!

O que aconteceu a seguir foi de tal modo rápido que ninguém soube mais tarde explicar como tudo

se precipitara; os cinco mil picentinos presentes na sala desceram, como uma massa turbulenta e

furiosa, até às duas filas da frente, saltaram para o semicírculo desocupado da orquestra e caíram

sobre soldados, lictores e cidadãos romanos, como uma sólida muralha de corpos frenéticos e de

mãos que nada conseguiria deter. Nem uma lança foi erguida, nem uma espada empunhada, nem

uma machada retirada dos feixes de varas; soldados e lictores, homens de toga e respectivas

esposas, todos foram literalmente destroçados. As primeiras filas do teatro transformaram-se num

tumulto de sangue, e bocados de corpos eram atirados, como

bolas, de um lado para o outro da orquestra. A multidão berrava como louca, chorava de alegria e ódio. Num instante, reduzira quarenta militares e duzentos comerciantes romanos a pedaços de carne ensaguentada.

Ponteio e Fabrício foram dos primeiros a perecer às mãos dos italianos.

Quinto Servílio, da família Augure, também não escapou. Alguns espectadores subiram ao palco antes que ele conseguisse pensar na melhor maneira de fugir, e, com estranhos requintes, cortaram-lhe as orelhas, puxaram-lhe o nariz até o partirem, arrancaram-lhe os olhos, arracaram-lhe os dedos picando-os cruelmente com os seus anéis. Por fim, e perante os gritos incessantes do pretor romano, ergueram-no pelos pés, mãos e cabeça, e puxaram com toda a força que tinham até o transformarem em seis bocados soltos.

Quando tudo acabou, os picentinos de Ásculo deram vivas e dançaram. Depois, juntaram todos os restos dos cadáveres romanos numa pilha no Fórum, e correram pelas ruas arrastando os romanos que não tinham ido ver a peça. Quando a noite caiu, não havia em Ásculo Picentino um único cidadão romano vivo. A cidade fechou então as suas portas e começou a discutir como iria abastecer-se e sobreviver. Ninguém lamentou a loucura que deles se apoderara; era como se a acção tivesse curado um terrível abcesso de ódio que estava a miná-los. Agora, podiam gozar esse ódio, podiam aspirar a não mais tolerar Roma.

As notícias dos acontecimentos de Ásculo Picentino chegaram a Roma quatro dias depois. Os dois actores romanos tinham-se escondido, perfeitamente aterrorizados, e assistido à terrível matança; finalmente, tinham conseguido sair da cidade segundos antes de as portas terem sido fechadas. Levaram quatro dias a chegar a Roma. Parte do caminho, fizeram-no a pé, outra parte em carroças ou a cavalo, quando encontraram homens dispostos a partilhar as suas montadas. Só falaram do que sucedera em Ásculo

Picentino quando se sentiram em total segurança. Como eram actores, a sua descrição revelou-se perfeitamente fiel; toda a cidade de Roma reagiu horrorizada, o Senado decretou o luto pela morte do pretor Quinto Servílio, e as Virgens Vestais fizeram uma oferenda em intenção de Ponteio, o pai da mais recente das suas aquisições.

Felizmente para o Senado as eleições tinham-se já realizado, pelo que os senadores estavam livres de Filipe: pelo menos essa provação



não tinham de suportar. Lúcio Júlio César *e* Públio Rutílio Lupo eram os novos cônsules: um

homem bom, amarrado, por necessidades económicas, a um homem rico, presunçoso e

incompetente como era Lupo. Aquele era um ano de oito pretores, com a habitual mistura de

patrícios e plebeus, competentes e incompetentes; o irmão mais novo de Lúcio Júlio César, César

Estrabão, era edil curul. Entre os questores contava-se nada mais nada menos do que Quinto

Sertório, o qual, depois de ter conquistado a Coroa de Erva na Hispânia, teria facilmente acesso a

qualquer cargo. Caio Mário, primo de sua mãe, conseguira já que Sertório possuísse o censo

senatorial; quando fosse eleito um novo par de senadores, era mais que certo que Sertório entraria

para o Senado. Pouco saberia de tribunais, mas, para um homem tão novo, o seu nome era já muito

famoso, e, por outro lado, havia nele uma capacidade de seduzir o povo que só em Caio Mário

parecia encontrar paralelo.

Num conjunto invulgarmente impressionante de tribunos da plebe, havia um nome hediondo,

Quinto Vário Severo Hybrida Sucronensis, o qual prometia perseguir todos os que tinham apoiado a

cidadania para os Italianos. As notícias do massacre de Ásculo Picentino constituíam para ele uma

óptima arma; embora ainda não tivesse assumido o seu cargo, não largava os cavaleiros e os

frequentadores do Fórum à procura de apoio para o seu projecto de vingança na Assembleia da

Plebe. Para o Senado, exasperado com as azedas censuras de Filipe e Cepião, o ano velho nunca

mais acabava.

Pouco tempo depois do massacre de Ásculo Picentino, chegou a Roma uma delegação de vinte

nobres italianos, vindos de Itálica, a nova capital, embora nunca referissem os nomes de Itálica ou

do novo país, Itália; pediam muito simplesmente uma audiência ao Senado, a propósito da

concessão da cidadania a todos os homens que viviam a sul, não do Arno ou do Rubicão, mas do rio

Pó, na Gália Italiana! Apontando esse novo limite, pretendiam suscitar a oposição de toda a gente

em Roma, desde o Senado aos proletários, pois os dirigentes da nova nação já não queriam a

concessão da cidadania. O que queriam era a guerra.

Fechado no *Senaculum* (um pequeno edifício situado ao lado do templo de Concórdia) com esta

delegação, Marco Emílio Escauro Princeps Senatus tentou rodear tão ousada proposta. Partidário

leal de Druso, depois da morte deste Escauro não via qualquer razão para



continuar a defender o alargamento da cidadania; Escauro gostava de estar vivo.

- Podem dizer aos vossos dirigentes que não haverá negociações enquanto o massacre de Ásculo

Picentino não tiver sido devidamente reparado - disse Escauro com desdém. - O Senado não vos

receberá.

- Ásculo Picentino é apenas a prova provada de tudo aquilo que a Itália sente neste momento - disse

o chefe da delegação, Públio Vétio Escaulo, representante dos Marsos. - De qualquer modo, não nos

cabe a nós pedir seja o que for à cidade de Ásculo Picentino. Essa decisão cabe por inteiro aos

Picentinos.

- Essa decisão é Roma que há-de tomar - retorquiu Escauro com azedume.

- Renovamos o nosso pedido de que o Senado nos receba - disse Escaulo.

- O Senado não os receberá - disse Escauro, peremptório.

Os vinte homens levantaram-se então e encaminharam-se para a porta. Nenhum deles parecia

desanimado, reparou Escauro. Último a sair, Escaulo entregou um documento a Escauro.

- Por favor, Marco Emílio, recebe este documento. Entrego-to em nome dos Marsos.

Escauro só desdobrou o rolo quando chegou a casa. A leitura daquele documento deixou-o

perfeitamente estupefacto.

Ao princípio da manhã, convocou uma reunião do Senado, que contou com poucos participantes,

pois não houvera tempo para avisar toda a gente; como de costume, Filipe e Cepião não se deram ao

trabalho de aparecer. Mas estavam presentes Sexto César, todos os novos cônsules e pretores, todos

os tribunos da plebe cessantes e a maior parte dos novos tribunos - com a óbvia excepção de Vário.

Os antigos cônsules também estavam presentes; Sexto César verificou, com algum alívio, que havia

quoro.

- Tenho aqui um documento assinado por três dirigentes dos Marsos

- principiou Escauro Princeps Senatus. - São eles: Quinto Popaedius Silão, que se autodenomina

cônsul, Públio Vétio Escaulo, que se autodenomina pretor, e Lúcio Frauco, que se autodenomina

conselheiro. Vou ler-vos o documento em questão.

*Para o Senado e o Povo de Roma. Nós, os representantes eleitos da nação dos Marsos, declaramos, em nome do nosso povo, que*

505

*renegamos o estatuto de aliados de Roma. Que não pagaremos a Roma mais nenhum imposto, tributo, taxa ou direito. Que não forneceremos tropas a Roma. Que retomaremos a posse da cidade de Alba e de todas as suas terras. Considerem este documento como uma declaração de guerra.*

Um murmúrio percorreu o Senado; Caio Mário estendeu a mão para que Escauro lhe desse o

documento. Lentamente, a mensagem dos Marsos foi passando de mão em mão, até que todos

puderam confirmar que se tratava de um documento genuíno e inequívoco.

- Parece que temos mesmo uma guerra em perspectiva - disse Mário.

- Uma guerra com os Marsos? - perguntou Aenobarbo Pontifex Maximus. - Eu sei que quando falei

com Silão junto à Porta Colina, ele me disse que haveria guerra. Só que os Marsos nunca poderiam

derrotar-nos! Eles não têm gente suficiente para lançar uma guerra contra Roma! As duas legiões

que ele trazia devem ser o máximo que os Marsos conseguem juntar.

- De facto é muito estranho - admitiu Escauro.

- A menos que - disse Sexto César - haja outras nações italianas envolvidas.

Mas ninguém, nem mesmo Mário, acreditaria nisso. A reunião foi encerrada sem ter chegado a uma

conclusão, excepto que seria prudente vigiar de perto a Itália - mas não com outro par de pretores

itinerantes! Sérvio Sulpício Galba, o pretor encarregado de investigar ”a questão italiana” a sul de

Roma, escrevera a dizer que o seu regresso estava para breve. Quando chegou, o Senado achou que

estaria em melhores condições para decidir o que fazer. Guerra com Itália? Talvez. Mas ainda era

cedo.

- Eu sei que enquanto Marco Lívio foi vivo, acreditei piamente que a guerra com a Itália estaria

para muito breve - disse Mário a Escauro mal a reunião terminou. - Mas agora que ele já não está

entre nós, não consigo acreditar que tal possa acontecer! E pergunto-me se, no fundo, não me deixei

influenciar por ele, acabando assim por acreditar que haveria guerra. Agora, francamente, não sei.

Os Marsos estarão sozinhos nesta trama? Devem estar, por certo! E no entanto... nunca me pareceu

que Quinto Popaedius Silão fosse um louco!



- Penso exactamente o mesmo que tu, Caio Mário - disse Escauro.

- Mas porque é que eu não li aquele documento enquanto Escaulo ainda cá estava? Os deuses estão

a brincar connosco, disso não tenho a mínima dúvida.

Claro que a época do ano não predispunha os senadores a abordarem questões exteriores a Roma,

por muito sérias e intrigantes que elas fossem; ninguém queria tomar decisões numa altura em que

um par de cônsules terminava o seu mandato, e o novo par estava ainda a apalpar o terreno no que

toca às alianças que poderiam fazer no Senado.

Por isso, durante o mês de Dezembro, tanto o Senado como o Fórum não discutiram outra coisa

senão assuntos internos; os incidentes mais triviais, dada a sua proximidade e também porque eram

essencialmente romanos, fizeram esquecer a declaração de guerra dos Marsos. Um dos casos mais

triviais foi a eleição de um sacerdote para ocupar o lugar deixado vago após a morte de Marco Lívio

Druso. Embora tivessem passado já muitos anos, Aenobarbo Pontifex Maximus continuava a achar

que o lugar dado a Druso deveria ter sido dele; por isso, propôs rapidamente o nome do filho mais

velho, Cneu, casado havia pouco tempo com Cornélia Cina. O pontificado deveria ser entregue a

um plebeu, já que Druso fora um plebeu. Terminado o prazo de apresentação de candidaturas, o rol

de pretendentes mais parecia uma lista de honra plebeia. Incluía Metelo Pio, o Bacorinho, outro

homem consumido pelo ressentimento, pois o lugar ocupado pelo pai fora parar, por eleição, às

mãos de Caio Aurélio Cota. Porém, no último momento, Escauro Princeps Senatus espantou toda a

gente ao apresentar um nome patrício - Mamerco Emílio Lépido Liviano, o irmão de Druso.

- Isso não é legal por duas razões! - atirou-lhe Aenobarbo Pontifex Maximus. - Em primeiro lugar,

ele é um patrício. Em segundo lugar, é um Emílio, e tu, Marco Emílio, já és pontífice, e não poderá

haver dois Emílios sacerdotes.

- Ora! Que disparate! - retorquiu Escauro. - Eu não estou a defender a candidatura dele por se tratar de um Emílio, ainda que adoptado, mas sim porque ele é irmão de sangue do falecido sacerdote. Ele

é um Lívio Druso, e eu acho que é ele que deve ser eleito.

O Colégio dos Pontífices acabou por concordar que Mamerco devia ser considerado um Lívio

Druso, aceitando por isso que o seu nome fosse incluído na lista de candidatos. Depressa se tornou

óbvio



que os eleitores continuavam a adorar Druso; Mamerco teve o apoio de todas as tribos de Roma e

ocupou o lugar que pertencera ao irmão.

Um caso mais sério - ou assim parecia na altura - era o comportamento de Quinto Vário Severo

Hybrida Sucronensis. Mal o novo Colégio dos Tribunos da Plebe assumiu funções, no décimo dia

de Dezembro, Quinto Vário propôs a aprovação de uma lei prevendo o julgamento, por traição, de

todos os homens que haviam apoiado o alargamento da cidadania aos Italianos. Os seus nove

colegas vetaram imediatamente a discussão de tal proposta. Mas Vário seguiu o exemplo de

Saturnino, encheu os *Comitia* de gente comprada, e conseguiu intimidar os seus colegas do Colégio, de tal forma que estes acabaram por retirar os seus vetos. Conseguiu aliás calar toda e qualquer

oposição, com o resultado que, no Ano Novo, havia já um tribunal especial para aqueles casos de

alegada traição. Roma chamava-lhe a Comissão Vária. O âmbito de acção deste tribunal era

definido de forma tão vaga que, no fundo, qualquer pessoa poderia ser por ele citada. Por outro

lado, o júri era unicamente composto por cavaleiros.

- Ele vai usar este tribunal para perseguir os seus inimigos, e os inimigos de Filipe e Cepião - disse Escauro Princeps Senatus, que não fazia segredo da sua opinião. - Esperem só para ver! Esta é a lei

mais desgraçada que alguma vez nos impingiram!

Escauro tinha razão: Vário demonstrou-o quando escolheu a sua primeira vítima, Lúcio Aurélio

Cota, um indivíduo ultra conservador, de opiniões e comportamentos muito rígidos, pretor cinco

anos antes, e meio-irmão de Aurélia. Não tendo sido nunca um ardente defensor do alargamento da

cidadania, Cota, no entanto, andara lá por perto tal como tantos outros membros do Senado -

durante a época em que Druso lutara denodadamente pelos seus ideais; e fizera-o em grande parte

porque detestava Filipe e Cepião. Cometera o erro de deixar de falar a Quinto Vário.

Lúcio Aurélio, o mais velho Cota da sua geração, era uma excelente escolha para o papel de

primeira vítima da Comissão Vária: de facto, o seu estatuto não era tão elevado como o dos ex-

cônsules, nem tão baixo como o dos *pedarii.* Se Vário conseguisse condená-lo, o seu tribunal

transformar-se-ia num instrumento de terror para o Senado. A primeira audiência mostrou

claramente a Lúcio Cota que destino o esperava, já que o júri estava cheio de gente que odiava o

Senado, e o presidente do tribunal, o poderoso cavaleiro-plutocrata Tito Pompónio,



não prestara a mínima atenção às intervenções da defesa recusando os jurados.

- O meu pai faz mal - comentou o jovem Tito Pompónio, no meio da multidão que se concentrara para assistir ao julgamento.

O seu interlocutor era outro membro do pequeno grupo de acólitos de Cévola, o Augure: Marco Túlio Cícero, quatro anos mais novo que Tito Pompónio, ainda que quarenta anos mais velho do ponto de vista intelectual, ou mesmo do ponto de vista do senso comum.

- Que queres dizer com isso? - perguntou Cícero, que se tornara amigo do jovem Tito Pompónio após a morte do filho de Sila. Essa

fora, aliás, a primeira tragédia da vida de Cícero; muitos meses passados, continuava a chorar a morte do seu muito querido amigo.

- Esta obsessão que o meu pai tem de entrar para o Senado retorquiu o jovem Tito Pompónio com uma

expressão triste. - Ele está completamente obcecado, Marco Túlio! Tudo o que faz é determinado por essa obsessão. Incluindo o facto de ter ido atrás da proposta lisonjeira de Quinto Vário para que fosse presidente deste tribunal. Mordeu bem o isco, não há dúvida. É claro que a anulação das leis de Marco Lívio Druso reduziu a pó todas as suas esperanças de entrar rapidamente para o Senado, e Quinto Vário aproveitou essa situação para o atrair a este tribunal e às funções que agora desempenha. Prometeu-lhe que se se portasse bem, entraria para o Senado logo que os novos censores fossem eleitos.

- Mas o teu pai tem negócios - objectou Cícero. - Se se tornar senador, terá de desistir de tudo, excepto da propriedade da terra.

- Ah, mas ele desistirá de tudo! - disse o filho de Tito Pompónio, num tom amargo. - É que eu, que ainda nem tenho vinte anos, já estou a fazer neste momento a maior parte do trabalho da firma, e olha que ele nem sequer me agradece! No fundo, sente-se *envergonhado* por ser um homem de negócios!

- E o que é que tudo isso tem a ver com o que disseste? Que o teu pai fazia mal? - perguntou Cícero.

- Tem tudo a ver, meu parvo! - retorquiu o jovem Tito. - Ele quer entrar para o Senado! Mas faz mal em querer ser senador à força. Ele é um cavaleiro, um dos dez mais importantes cavaleiros de Roma. Não vejo nada de errado nisso. Ele tem o Cavalo Público, legá-lo-á a mim, toda a gente lhe pede opinião, dispõe de um poder considerável nos *Comitia,* e é consultor dos tribunos do Tesouro. E apesar de tudo

isto, o que é que ele quer ser? Um senador! Quer ser um daqueles palermas da fila de trás que nunca

têm oportunidade de falar, quanto mais de falar bem!

- Ou seja, o teu pai é um homem que quer subir na escala social - disse Cícero. - Não vejo nada de

mal nisso. Eu também quero subir.

- Mas o meu pai tem já um estatuto social elevadíssimo, Marco Túlio! Tanto pelo nascimento como

pela riqueza. Há muitas gerações que os Pompónios estão intimamente ligados aos Cecílios do ramo

Pílio. Para quem não é patrício, não pode haver melhor. - Nascido no seio da mais alta nobreza, o

jovem Tito acrescentou, sem se dar conta de que as suas palavras poderiam magoar o amigo: -

Posso entender que tu queiras subir socialmente, Marco Túlio. Quando entrares para o Senado,

serás um Homem Novo, e se chegares a cônsul enobrecerás a tua família. O que significa que terás

de cultivar a amizade do maior número possível de homens famosos, plebeus e patrícios. Ao passo

que o meu pai, ao tornar-se um senador *pedarius,* estará de facto a dar um passo atrás.

- Entrar para o Senado nunca será um passo atrás! - disse Cícero, que sofria com aquele tipo de

observações. Ultimamente, os comentários do jovem Tito pareciam mais venenosos; Cícero acabara

por perceber que o facto de dizer que era natural de Arpino lhe valera o mesmo tipo de tratamento

agressivo que era reservado ao mais famoso cidadão de Arpino, Caio Mário. Se Caio Mário era um

italiano sem instrução grega, Marco Túlio Cícero teria forçosamente de ser uma nova versão de

Caio Mário, ainda que com mais instrução. Os Túlios Cíceros nunca se tinham dado muito bem com

os Mários, apesar dos casamentos ocasionais entre os clãs. Porém, desde que chegara a Roma, o

jovem Marco Túlio Cícero aprendera a odiar Caio Mário. E a odiar a terra onde nascera.

- De qualquer modo - disse o jovem Tito Pompónio -, quando eu for *paterfamilias,* conformar-me-ei com o meu destino de cavaleiro. Podem os censores pôr-se de joelhos e implorar-me que eu vá para

o Senado, que eu não irei! Juro-te, Marco Túlio, nunca na minha vida serei senador! Nunca!

Entretanto, o desespero de Lúcio Cota era cada vez mais notório. No dia seguinte, ninguém ficou

surpreendido quando o tribunal anunciou que Lúcio Aurélio Cota preferia o exílio voluntário ao

inevitável veredicto de DAMNO. Pelo menos o exílio voluntário permitia à vítima reunir

a maior parte dos seus bens e levá-los consigo para o degredo; se esperasse pelo veredicto e fosse

condenado, o tribunal confiscar-lhe-ia todos os bens, e o exílio seria, por isso mesmo, muito mais

penoso.

Aquela era uma má altura para vender bens valiosos, pois, enquanto o Senado soçobrava na mais

total descrença e os *Comitia* se viam absorvidos pelas acções de Quinto Vário, a comunidade

comercial e financeira sentia que algo de terrível estava para acontecer e tomava por isso as

medidas apropriadas. O dinheiro era guardado em esconderijos seguros, as acções vacilavam, as

companhias mais pequenas convocavam reuniões de emergência. Produtores e importadores de

bens de luxo debatiam a hipótese de surgirem leis restritivas caso houvesse guerra, e projectavam

mudar de ramo, passando a dedicar-se à produção e importação de material bélico.

Nada sucedia que fosse susceptível de convencer o Senado de que a declaração de guerra dos

Marsos era sincera; não havia nenhuma indicação de que algum exército se encaminhasse para

Roma, não havia nenhum sinal de preparativos marciais em qualquer das nações italianas. A única

coisa preocupante era que Sérvio Sulpício Galba, o pretor encarregado de investigar a situação no

sul da península, não regressara ainda a Roma. Pelo contrário: caíra num silêncio absoluto.

A Comissão Vária ganhava força. Lúcio Calpúrnio Béstia foi condenado e mandado para o exílio, e

as suas propriedades foram confiscadas. O mesmo sucedeu a Lúcio Mémio, que foi para Delos. Em

meados de Janeiro, António Orador foi também acusado de traição, mas fez um tal discurso, e foi

tão aplaudido pela multidão que se concentrava no Fórum, que o júri, prudentemente, decidiu

absolvê-lo. Furioso com tão volúvel comportamento, Quinto Vário desforrou-se, chamando ao

banco dos réus Marco Emílio Escauro Princeps Senatus.

Escauro apareceu sozinho para responder à acusação, vestindo a sua *toga praetexta* e irradiando uma impressionante aura de *dignitas* e *auctoritas.* Impassível, ouviu Quinto Vário enumerar as múltiplas acusações de que era alvo. Quando Vário finalmente concluiu a leitura da lista, Escauro,

rindo com desdém, virou-se, não para o júri, mas para a multidão.

- Ouviram isto, *Quirites!* - perguntou, com sonora voz. - Um novo-rico mestiço de Sucrão, na

Hispânia, acusa Escauro, Princeps Senatus, de traição! Escauro nega a acusação! Em quem

acreditam?

- Em Escauro! Em Escauro! Em Escauro! - gritou a multidão. O júri acabou por associar-se aos

gritos da multidão, e, no fim de tudo, pegou em Escauro e levou-o em ombros, numa parada

triunfante pelo baixo Fórum.

- O imbecil! - comentou Mário, pouco depois, em conversa com Escauro. - Será que ele alguma vez

acreditou que conseguiria condenar-te por traição? E os cavaleiros, terão acreditado?

- Depois de terem condenado o pobre Públio Rutílio, suponho que os cavaleiros ficaram a pensar

que poderiam condenar qualquer um - respondeu Escauro, compondo a toga, que ficara um tanto ou

quanto desalinhada depois do turbulento passeio.

- Vário devia ter começado comigo, e não contigo, a sua campanha contra os mais importantes dos

antigos cônsules - disse Mário. - A absolvição de Marco António continha uma mensagem muito

clara. Uma mensagem que agora encontrou plena confirmação! Prevejo que Vário suspenderá as

suas actividades por algumas semanas, após o que recomeçará com os seus julgamentos - mas com

vítimas menos augustas. Béstia pouco peso tinha, e o pobre Lúcio Cota não dispunha de suficiente

influência. Sim, os Aurélios Cotas são poderosos, mas não gostam de Lúcio, gostam dos rapazes

que o seu tio Marco Cota teve de Rutília.

- Mário fez uma pausa, as sobrancelhas movendo-se numa dança estranha.

- Claro, o *verdadeiro* problema de Vário é que ele não é romano. Tu és. Eu também. Mas ele não é.

E não entende isso.

Escauro recusou-se a engolir o isco.

- Filipe e Cepião também não entendem - disse ele com desdém.

O mês previsto por Silão e Mutilo para a mobilização chegou e sobrou. No entanto, no final desse

mês, nenhum exército italiano se pôs em marcha. Havia duas razões para isso. Uma, Mutilo

entendia; a outra, porém, deixava-o perfeitamente desesperado. As negociações com os dirigentes

da Etrúria e da Úmbria avançavam a passo de caracol, e ninguém no conselho de guerra ou no

grande conselho dos quinhentos queria ir para a frente antes de se conhecerem os resultados dessas

conversações; isso, Mutilo podia entender. Mas havia também uma curiosa relutância em ser o

primeiro a avançar - e não era por uma questão de medo, mas sim devido a um sentimento de

respeito Por Roma, um sentimento muito entranhado e velho de séculos; e isso, Mutilo só podia

deplorar.

512

- Vamos esperar que Roma dê o primeiro passo - propôs Silão no conselho de guerra.

- Vamos esperar até que Roma dê o primeiro passo - disse Lúcio Frauco no grande conselho.

Mutilo ficara furioso ao saber que os Marsos tinham entregue uma declaração de guerra ao Senado:

pensara então que Roma se mobilizaria imediatamente. Mas Silão não se mostrara minimamente

arrependido.

- O que nós fizemos está certo - afirmava. - Há leis que presidem à guerra, tal como há leis para

todos os aspectos do comportamento humano. Roma não pode dizer que não foi avisada.

E, depois disso, nada do que Mutilo dissesse ou fizesse poderia influenciar os outros dirigentes

italianos: todos eles achavam que Roma deveria ser o primeiro agressor.

- Se avançássemos agora, dávamos cabo deles! - exclamava Mutilo no conselho de guerra, e o

mesmo fazia o seu deputado Caio Trebácio no grande conselho. - Quanto mais tempo dermos a

Roma para se preparar, menos possibilidades temos de vencer este conflito! O facto de ninguém em

Roma se preocupar com as nossas acções é o nosso maior trunfo! *Temos de* avançar! Temos de

avançar amanhã! Se adiamos, perdemos!

Mas, à excepção de Mário Egnácio, também samnita, todos os outros abanavam solenemente a

cabeça; mesmo Silão recusava tal proposta, ainda que admitisse que o raciocínio de Mutilo era

perfeitamente lógico.

- Não estaria certo - era a resposta que os Samnitas recebiam sempre, por muito que insistissem.

O massacre de Ásculo Picentino também não teve grandes consequências; Caio Vidacílio, dos

Picentinos, recusou-se a enviar uma força para a cidade, a fim de a ajudar a suportar as represálias

romanas - as represálias romanas, dizia ele, estavam demoradas, e, provavelmente, nunca viriam.

- Temos de avançar! - gritava Mutilo. - Os camponeses dizem todos que este Inverno será breve e

suave, por isso não há qualquer razão para adiarmos a guerra até à Primavera! *Temos de* avançar!

Mas ninguém queria avançar, e ninguém avançou.

Foi por essa altura que se registaram os primeiros sinais de revolta entre os Samnitas. Ninguém,

tanto de um lado como do outro, considerava os acontecimentos de Ásculo Picentino como uma

revolta; a opinião generalizada era que a cidade tinha sido vítima de múltiplos e insuportáveis

abusos e que, por isso, acabara por explodir. Ao passo que, na Campânia, a vasta comunidade

samnita, inextricavelmente misturada com romanos e latinos, começara espontaneamente a ferver,

ao fim de gerações e gerações de permanente ebulição.

Sérvio Suplício Galba levou para Roma as primeiras notícias concretas, quando finalmente chegou,

no maior desalinho e transtorno, e sem escolta, durante o mês de Fevereiro.

O novo cônsul sénior, Lúcio Júlio César, convocou imediatamente *o* Senado para que ouvisse as informações de Galba.

- Estive prisioneiro em Nola durante seis semanas - disse Galba para um Senado silencioso. - Tinha

acabado de enviar a minha mensagem informando-vos de que em breve estaria de volta, quando

cheguei à cidade de Nola. Não tinha pensado visitar Nola, mas como estava perto e como Nola

possui uma população samnita muito forte, decidi lá ir no último momento. Fiquei em casa de uma

velha senhora que era a melhor amiga de minha mãe, uma romana, naturalmente. Informou-me ela

de que estavam a acontecer coisas muito estranhas na cidade, que, de repente, os romanos e os

latinos não encontravam ninguém que quisesse prestar-lhes serviços, ou vender-lhes produtos,

fossem eles quais fossem, incluindo comida! Os criados dela tinham de ir a Acerras comprar os

géneros de primeira necessidade. Quando passeava pela cidade, com os meus lictores e militares,

era vaiado e assobiado constantemente. No entanto, nunca conseguimos encontrar os responsáveis

por tais actos.

Galba tinha um ar profundamente infeliz, consciente como estava de que a sua narrativa não era

propriamente agradável.

- Durante a primeira noite que passei em Nola, os samnitas fecharam as portas da cidade e

ocuparam todos os seus principais pontos. Todos os romanos e latinos foram feitos prisioneiros nas

suas próprias casas. Incluindo os meus lictores, militares e criados. Eu próprio dei comigo fechado

na casa da minha anfitriã, com guardas samnitas nas portas da frente e de trás. E nessa casa

permaneci até há três dias; consegui fugir porque a minha anfitriã distraiu os guardas da porta de

trás. Vestido de mercador samnita, passei as portas da cidade antes que a perseguição começasse.

514

Escauro inclinou-se um pouco para a frente.

- Enquanto estiveste prisioneiro, viste alguém que detivesse alguma autoridade em Nola, Sérvio

Sulpício?

- Não, não vi nenhum dirigente - disse Galba. - Apenas conversei com os guardas da porta da frente.

- E que disseram eles?

- Disseram apenas que Sâmnio se tinha revoltado, Marco Emílio. Eu não sabia se isso era ou não

verdade; por isso, quando consegui fugir passei um dia a esconder-me de todos os indivíduos que

parecessem samnitas. Só quando cheguei a Cápua é que fiquei a saber que não havia revolta

nenhuma, pelo menos naquela zona da Campânia. Na realidade, ninguém sabia o que se estava a

passar em Nola! Durante o dia, os Nolenses mantinham uma das portas da cidade aberta e faziam de

conta que não se passava nada de especial na cidade. Por isso, quando contei aos romanos de Cápua

o que me sucedera,, eles ficaram positivamente estupefactos. E alarmados, devo acrescentar! Os

*duumviri* de Cápua pediram-me que dissesse ao Senado que lhes enviasse instruções.

- Deram-te de comer durante o cativeiro? E a tua anfitriã? Permitiram-lhe ir às compras a Acerras? -

perguntou Escauro.

- Comida, havia pouca. A minha anfitriã podia fazer as suas compras em Nola, mas havia

racionamento e os preços eram exorbitantes. Nemhum romano ou latino podia sair da cidade -

explicou Galba.

Desta feita, o Senado estava cheio; o tribunal de Vário servira pelo menos para uma coisa:

fortalecera a solidariedade entre os senadores, fazia com que estes ansiassem por um acontecimento

suficientemente dramático, capaz de roubar à Comissão Vária o peso que estava a ter na vida

política romana.

- Posso falar? - perguntou Caio Mário.

- Poderás, se nenhum dos teus superiores quiser falar - respondeu o cônsul júnior, Públio Rutílio

Lupo, friamente. Era ele quem presidia às reuniões do Senado durante o mês de Fevereiro, e Lupo

nunca fora partidário das posições de Mário.

Ninguém pediu para falar antes de Mário.

- Se Nola prendeu os seus cidadãos romanos e latinos e os olbrigou a privações, então não pode

haver dúvidas: Nola revoltou-se contra Roma. Pensem um pouco no seguinte: em Junho do ano

passado, *o* Senado mandou dois dos seus pretores investigar aquilo a que o estimado



ex-cônsul Quinto Lutácio chamou ”a questão italiana”. Há cerca de três meses, o pretor Quinto Servílio foi assassinado em Ásculo Picentino, o mesmo acontecendo a todos os cidadãos romanos da cidade. Há cerca de dois meses o pretor Sérvio Sulpício foi feito prisioneiro em Nola, tendo igual sorte todos os cidadãos romanos da cidade.

”Dois pretores, um viajando pelo Norte e o outro pelo Sul, e dois incidentes terríveis, um no Norte, e o outro no Sul. *Toda* a Itália mesmo nos locais mais remotos! - conhece e entende o significado, a importância, do pretor romano. E no entanto, veneráveis Senadores, houve um assassínio. E um cativeiro que só não foi mais longo porque o preso fugiu. E porque ele fugiu, não podemos saber que sorte lhe estava reservada. No

entanto, quer-me parecer que também Sérvio Sulpício seria assassinado. Dois pretores de Roma, ambos

dotados de autoridade proconsular! Atacados, ao que parece, sem medo de retaliações. Que podemos concluir de tudo isto? Creio que só há uma conclusão a tirar: Ásculo Picentino e Nola sentiram-se encorajadas a fazer o que fizeram porque se sentem seguras

relativamente à possibilidade de represálias! Por outras palavras, Ásculo Picentino e Nola crêem que, antes que Roma possa retaliar, haverá guerra entre Roma e as respectivas nações."

O Senado estava preso às palavras de Mário. Fazendo uma breve pausa, o antigo cônsul olhou para vários rostos, como que procurando: talvez Lúcio Cornélio Sila, cujos olhos brilhavam, ou Quinto Lutácio Catulo César, em cuja expressão se notava uma curiosa atitude de respeito.

- Sou culpado do mesmo crime que todos vós, veneráveis Senadores. Depois da morte de Marco Lívio Druso, ninguém me veio dizer, ninguém insistiu junto de mim que haveria guerra. Cheguei mesmo a pensar que

Druso estava errado. Como não sucedeu mais nada depois da marcha de Silão sobre Roma, também eu

comecei a pensar que tal marcha não passava de mais um truque dos Italianos para conquistarem a cidadania.

Quando o representante dos Marsos entregou ao nosso Princeps Senatus uma declaração de guerra, eu não lhe atribuí qualquer importância porque provinha de uma só nação italiana, ainda que, na delegação, estivessem representadas oito nações. E - admito-o com toda a franqueza! - nunca então me passou pela cabeça que qualquer das nações italianas fosse realmente lançar-se numa guerra contra Roma.



Caio Mário deu alguns passos, até ficar em frente das portas (nesse dia fechadas), de onde poderia

ver todo o Senado.

- Aquilo que Sérvio Sulpício nos disse hoje altera tudo, para além de lançar uma nova luz sobre os

acontecimentos de Ásculo Picentino. Ásculo é uma cidade dos Picentinos. Nola é uma cidade dos

Samnitas Campanianos. Nenhuma delas é uma colónia romana ou latina. Creio que agora podemos

concluir que os Marsos, os Picentinos e os Samnitas estão unidos contra Roma. E é possível que as

oito nações que nos enviaram a delegação estejam todas unidas para combater Roma. É possível,

creio, que, ao entregarem ao presidente do Senado uma declaração formal de guerra, os Marsos

estivessem a avisar-nos da eventualidade de uma guerra. Marco Lívio Druso repetiu, quantas

vezes?, que os Aliados Italianos estavam a um passo da guerra. Agora acredito nele. Só acho que os

Aliados Italianos já deram esse passo.

- Acreditas sinceramente que estamos perante um estado de guerra?

- perguntou Aenobarbo Pontifex Maximus.

- Acredito, Cneu Domício.

- Prossegue, Caio Mário - disse Escauro. - Gostaria de te ouvir até ao fim antes de falar.

- Pouco mais tenho a dizer, Marco Emílio. Excepto que devemos tratar quanto antes da mobilização

das nossas forças. Que temos de saber qual a importância dessa união das nações italianas. Que

temos de pôr os nossos soldados a proteger as estradas e os acessos à Campânia. Que temos de

descobrir o que sentem os Latinos em relação a nós, e como vão sobreviver as nossas colónias em

regiões hostis caso a guerra comece. Como sabes, possuo grandes extensões de terra na Etrúria, tal

como Quinto Cecílio Metelo Pio, e outros membros da *gens* Cecília. Quinto Servílio Cepião possui também vastas propriedades na Úmbria. E Cneu Pompeu Estrabão e Quinto Pompeu Rufo dominam

o Norte do Piceno. Por isso, creio que a Etrúria, a Úmbria e o Norte do Piceno poderão manter-se

do nosso lado, *se* tratarmos imediatamente de negociar com os dirigentes locais. Embora, no que toca ao Norte do Piceno, os seus dirigentes se encontrem neste Senado.

Mário fez uma vénia em intenção de Escauro Princeps Senatus.

- Não valerá a pena dizer, Princeps Senatus, que estou inteiramente à disposição de Roma.

Escauro levantou-se.

- Concordo em absoluto com tudo o que Caio Mário disse, veneráveis



Senadores. Não podemos permitir-nos perder tempo. E embora estejamos ainda em Fevereiro,

proponho que a presidência do Senado passe para o cônsul sénior. É o cônsul sénior que deve

conduzir o Senado em assuntos tão sérios como este.

Rutílio Lupo mostrou-se profundamente indignado com tal proposta, mas a verdade é que a sua

popularidade no Senado era diminuta; insistiu numa votação formal, mas perdeu por larga maioria.

Furibundo, teve de ceder o seu lugar a Lúcio Júlio César, o cônsul sénior. Cepião, amigo de Lupo,

estava presente; mas os seus outros dois amigos, Filipe e Quinto Vário, não se tinham dignado

comparecer.

Lúcio Júlio César depressa provou que a confiança depositada nele pelo chefe supremo do Senado

tinha razão de ser; de facto, nesse dia, foram tomadas as decisões mais importantes. Ambos os

cônsules participariam na campanha, deixando o governo de Roma nas mãos do pretor urbano,

Lúcio Cornélio Cina. As primeiras medidas tomadas diziam respeito às províncias. Sêncio

permaneceria na Macedónia; os governadores da Hispânia manteriam também os seus cargos. Lúcio

Lucílio iria governar a Província da Ásia. Porém, para que o rei Mitridates não aproveitasse aquela

crise doméstica, Públio Servílio Vátia iria para a Cilícia, a fim de assegurar a normalidade nessa

região da Anatólia. E (esta era a mais importante das medidas relativas às províncias) Caio Célio

Caldo abandonaria as suas funções de pretor junto dos tribunais romanos e ficaria a governar a

Gália Transalpina e a Gália Italiana.

- Porque é evidente - disse Lúcio Júlio César - que se a Itália se revoltar contra Roma, nós não

encontraremos um número suficiente de soldados nas nações da península que permanecerem fiéis.

A Gália Italiana tem muitas colónias latinas e algumas romanas. Caio Célio instalar-se-á na Gália

Italiana e aí recrutará e treinará soldados para nós.

- Se me é permitida a sugestão - interveio Caio Mário, com a sua voz sonora -, gostaria que o

questor Quinto Sertório fosse com Caio Célio. A actividade de Quinto Sertório, este ano, tem a ver

com a área fiscal. Por outro lado, ele ainda não é membro do Senado. Mas, como por certo todos os

presentes sabem, Quinto Sertório é um militar completo, um verdadeiro militar. Permitam-lhe que

ele faça a sua experiência do *fiscus* de uma forma tão militar quanto possível.

- De acordo - retorquiu imediatamente Lúcio César.

Naturalmente, Roma tinha de enfrentar tremendos problemas financeiros. O Tesouro dispunha de

recursos superiores ao normal, mas...

- Se esta guerra for mais vasta ou mais demorada do que se crê, precisaremos de mais dinheiro do

que o que temos - disse Lúcio César.

- Preferia que agíssemos já. Sugiro que reinstauremos a tributação directa sobre todos os cidadãos

romanos e detentores dos Direitos Latinos.

Esta proposta, como seria de esperar, provocou uma oposição furiosa da parte de muitos senadores,

mas António Orador e Escauro Princeps Senatus fizeram dois belos discursos e, no fim de tudo, a

medida foi aprovada. O *tributam* nunca fora aplicado constantemente, mas apenas em épocas de

necessidade; depois da vitória de Emílio Paulo sobre o rei Perses da Macedónia, o *tributum* fora abolido e substituído por um imposto pago pelos não-Romanos.

- Se tivermos de manter mais de seis legiões em campanha, os nossos rendimentos externos não

chegarão para pagar as despesas disse o tribuno que dirigia o Tesouro. - Toda a carga que implica

armar essas legiões, alimentá-las, pagar-lhes e mantê-las em campanha, cairá agora sobre Roma e

sobre o Tesouro de Roma.

- Adeus, Aliados Italianos! - disse Catulo César, dramaticamente.

- Tendo em conta que talvez tenhamos de manter, digamos, quinze legiões em campanha, que valor

deverá ter o *tributum?* - perguntou Lúcio César, que não gostava nada de questões financeiras.

O tribuno-chefe do Tesouro, após demorada conferência com os seus assistentes, esclareceu:

- Um por cento dos rendimentos declarados.

- Os proletários, como de costume, não são abrangidos por tal medida! - protestou Cepião.

- Os proletários - disse Mário, com penetrante ironia - vão ter de aguentar a maior parte da guerra,

mas no campo de batalha, Quinto Servílio!

- Enquanto estamos a abordar questões financeiras - disse Lúcio Júlio César, ignorando aquele

diálogo -, seria bom que mandássemos alguns dos nossos membros mais velhos inquirir sobre os

abastecimentos do exército, em particular no que toca a armaduras e armas. Normalmente é o

*praefectus fabrum* quem trata dessas coisas, mas, por ora, não fazemos ideia de como serão

distribuídas as nossas legiões, nem de quantas legiões precisaremos. Acho que é preciso que o

Senado trate dos abastecimentos militares, pelo menos para já. Temos quatro legiões

519

de veteranos prontas para a luta em Cápua, e mais duas legiões que estão a ser treinadas para o serviço nas províncias, mas isso agora está posto de parte. As tropas que estão nas províncias neste momento vão ter de chegar.

- Lúcio Júlio - disse Cepião -, isto é absolutamente ridículo! Por causa de dois incidentes em duas cidades, decidimos reimpor o *tributum,* propomo-nos enviar quinze legiões para o campo de batalha, delegar nuns quantos senadores a organização da compra de milhares e milhares de armaduras e espadas e tudo o mais, enviar homens para governar províncias a que ainda nem chamamos províncias oficialmente. Só falta propor a mobilização de todos os cidadãos romanos ou latinos com menos de trinta e cinco anos!

- Essa proposta virá a seu tempo - retorquiu cordialmente Lúcio César. - No entanto, meu caro Quinto

Servílio, não tens que te preocupar. Há muito que passaste os trinta e cinco. - Fez uma pausa, e acrescentou depois: - Pelo menos na idade aparente.

- Parece-me - disse Catulo César, com um ar altivo - que Quinto Servílio é capaz, eu disse: é capaz!, de ter razão. Devíamos contentar-nos com os homens que se encontram para já mobilizados, e tomar novas

disposições à medida que formos avançando. Ou seja, tudo depende de sabermos se haverá ou não uma

insurreição global.

- Quinto Lutácio, os nossos soldados têm de estar treinados e equipados quando forem chamados para a

guerra! - retorquiu, irritado, Escauro. - Já deviam estar treinados - acrescentou, e virou-se para o homem que estava sentado à sua direita. - Caio Mário, quanto tempo é preciso para transformar um recruta num bom soldado?

- Num soldado em condições de travar uma guerra: cem dias. Ao fim desse prazo, nenhum homem pode ser

um bom soldado, Marco Emílio. Para se ser um bom soldado, é preciso travar a primeira batalha

- respondeu Mário.

- Em menos de cem dias, nada feito?

- Não, em menos de cem dias é possível conseguir bons resultados. Mas é preciso que o material humano seja bom, melhor do que a média dos centuriões.

- Então seria boa ideia se procurássemos esses homens que são melhores do que a média dos centuriões -

disse Escauro, num tom grave.

- Sugiro que regressemos ao assunto em discussão - disse Lúcio César resolutamente. - Estávamos a falar de um *praefectus fabrum*



senatorial que trataria do equipamento e do apetrechamento das legiões de que ainda não dispomos.

Acho que devíamos sugerir vários nomes para esse lugar. O senador eleito escolheria depois a sua

equipa: uma equipa formada por senadores, naturalmente. Sugiro que proponhamos apenas homens

que, por uma razão ou outra, não reunam condições para a participação directa na campanha.

Agradecia portanto que propusessem nomes.

O cargo foi atribuído ao filho do lugar-tenente de Caio Cássio, que morrera em Burdígala, vítima da

emboscada montada pelos Germanos - Lúcio Calpúrnio Pisão Cesonino. Pisão tinha a perna

esquerda gravemente afectada, em consequência de uma estranha doença que atingia as crianças no

Verão; por causa disso, fora dado como incapacitado para o serviço militar. Casado com a filha de

Públio Rutílio Rufo, exilado em Esmirna, Pisão era um homem inteligente que sofrera muito com a

morte prematura do pai, em especial no que dizia respeito ao dinheiro. Os seus olhos ganharam um

brilho novo quando soube que ficaria a dirigir as operações de equipamento militar e que poderia

escolher a sua própria equipa. Se não conseguisse servir Roma e servir-se a si mesmo

simultaneamente, então não há dúvida que merecia mergulhar para sempre na obscuridade! Mas

Pisão, sorridente e calmo, tinha a certeza de que estava à altura desses dois objectivos.

- Chegamos agora à questão dos comandos e do planeamento disse Lúcio César; começava a sentir-

se cansado, mas não tinha a mínima intenção de encerrar a reunião sem que este último assunto

fosse abordado.

- Qual a melhor maneira de nos organizarmos? - perguntou. Lúcio César deveria ter feito aquela

pergunta directamente a Caio

Mário. Mas Lúcio César não era, longe disso, um admirador de Caio Mário, e, por outro lado,

achava que Caio Mário, devido à doença e à idade, já não era o mesmo homem. Além disso, Mário

já tinha falado; por certo, dissera já o que tinha a dizer. Os olhos de Lúcio César viajaram pelos

rostos daqueles homens, procurando, interrogando-se; e apressou-se a falar, não fosse Mário

responder à sua pergunta.

- Lúcio Cornélio, de apelido Sila, gostaria de ouvir a tua opinião.

- disse o cônsul sénior, sublinhando o apelido, pois o pretor urbano era também um Lúcio Cornélio,

mas de apelido Cina.

Sila ficou surpreendido, mas a surpresa não o impedia de dar uma resposta imediata.

- Se os nossos inimigos forem as oito nações que enviaram a delegação a Roma, então é muito

possível que sejamos atacados em duas frentes: a partir do leste, ao longo da Via Salária e da Via

Valéria, com as suas duas ramificações; e a partir do sul, onde a influência samnita se estende desde o Adriático ao Toscano, no golfo de Crater. Vejamos em primeiro lugar o caso do Sul. Se os

Ápulos, os Lucanos e os Venusinos se juntarem aos Samnitas, aos Hirpinos e aos Frentanos, o Sul

transformar-se-á num claro e ameaçador teatro de guerra. Podemos chamar ao segundo teatro de

guerra, ou teatro do Norte, envolvendo territórios a norte e a leste de Roma, ou teatro central,

envolvendo igualmente territórios a norte e a leste de Roma. Os Marsos, os Pelignos, os

Marrucinos, os Vestinos e os Picentinos são os povos envolvidos neste teatro do Norte ou central.

Repararam, por certo, que, por ora, não incluo a Etrúria, a Úmbría ou o Norte do Píceno nesta

abordagem.

Sila respirou fundo, e prosseguiu enquanto toda a questão brilhava como cristal na sua cabeça.

- No Sul, os nossos inimigos não se pouparão a esforços para nos isolar de Brundísio, Tarento e

Régio. No Centro ou Norte, os nossos inimigos tentarão isolar-nos da Gália Italiana, certamente ao

longo da Via Flamínia, possivelmente ao longo da Via Cássia também. Se tiverem êxito, então o

nosso único acesso à Gália Italiana será através da Via Aurélia e da Via Emiliana Scauri até

Dertona, e a partir daí até Placência.

Lúcio César interrompeu-o.

- Deixa o teu lugar, Lúcio Cornélio Sila, e vem falar para o centro da sala.

Sila desceu até ao centro da sala, com uma vaga piscadela de olhos para Mário; pouca alegria lhe

dava estar a reproduzir uma análise do velho mestre. O facto de o estar a fazer tinha razões

complexas uma combinação de um amargo ressentimento pelo facto de Mário ter um filho e ele ter

perdido o seu, de um persistente sentimento de indignação pelo facto de, após o seu regresso da

Cilícia, ninguém no Senado, incluindo Mário, o ter convidado a apresentar um relatório

circunstanciado das suas actividades no Oriente, e da certeza de que se falasse bem naquele

momento, poderia ir muito longe, e rapidamente. É pena, Caio Mário, pensou. Eu não te *queria*

magoar, mas alguma vez teria que ser.

- Creio - prosseguiu Sila, já no centro da sala - que vamos precisar de manter os dois cônsules em

campanha, tal como Lúcio Júlio sugeriu.

522

Um dos cônsules terá de ir para o sul por causa de Cápua, que é um ponto vital para nós. Se

perdermos Cápua, perderemos as nossas melhores instalações para a preparação e treino de

soldados, bem como uma cidade com imensa experiência no que toca ao apoio aos militares, tanto a

nível de preparação destes como ao nível do seu abastecimento. Naturalmente, terá de haver um

chefe consular em Cápua, encarregado do treino e do recrutamento dos soldados, para além do

cônsul que será o comandante das tropas em campanha. Seja qual for o cônsul que ficar na região

sul, ele terá de estar preparado para todos os golpes que os Samnitas e os seus aliados lançarem

contra ele. O que os Samnitas tentarão fazer será seguir para oeste, através dos seus velhos locais de refúgio, à volta de Acerras e de Nola, até aos portos de mar na parte sul do golfo de Crater.

Estábias, Salerno, Surrento, Pompeios e Herculano. Se conseguirem conquistar algum destes portos,

ou todos eles, disporão de facilidades portuárias no mar Toscano, muito mais interessantes e

prometedoras do que tudo o que os portos do Adriático, a norte de Brundísio, lhes possam oferecer.

Além disso, poderão isolar-nos, dessa forma, do extremo sul.

Sila não era um grande orador, pois tinha tido uma preparação mínima no que toca à retórica, e

passara a maior parte da sua carreira em sucessivas guerras. Mas aquilo não era um exercício de

oratória. Sila precisava apenas de uma coisa naquele momento: falar claro.

- O teatro central ou do Norte é mais difícil. Temos de partir do princípio de que todas as terras

entre o Norte do Piceno e a Apúlia, incluindo os Apeninos, se encontram nas mãos dos nossos

inimigos. Os Apeninos são o nosso maior obstáculo. Se precisamos de alianças com a Etrúria e a

Úmbria, então teremos de ficar bem vistos junto desses povos italianos desde o início da nossa

campanha. Se não o fizermos, a Etrúria e a Úmbria juntar-se-ão ao inimigo, e nós perderemos as

nossas estradas e a Gália Italiana. O comando deste teatro de guerra terá de ser assegurado por um

cônsul.

- Teremos certamente de ter um comandante-geral - disse Escauro.

- Não podemos, Princeps Senatus. As nossas próprias terras separam os dois teatros de guerra que

defini - retorquiu firmemente Sila. - O Lácio é uma longa extensão e vai até ao norte da Campânia,

provavelmente a zona da Campânia que se deverá mostrar fiel a Roma. Duvido que o Sul da

Campânia mantenha a sua lealdade caso os revoltosos vençam alguma batalha. O Sul da Campânia

está demasiado povoado de samnitas

523

e hirpinos. Basta pensar no exemplo de Nola. A leste do Lácio, os Apeninos são um obstáculo

intransponível, e temos, além disso, que contar com os Pauis Pontinos. Um comandante-geral teria

de andar constantemente a saltar de um lado para o outro, e isso seria verdadeiramente

desesperante, pois as duas zonas de conflito encontram-se muito longe uma da outra, e ele não

conseguiria vigiar convenientemente as duas. Na realidade, estaria a combater em duas frentes

separadas! Ou mesmo três. O Sul poderá exigir uma única campanha pois a zona onde o Sâmnio, a

Apúlia e a Campânia se tocam corresponde ao sopé dos Apeninos. No entanto, no teatro do Norte

ou Central é muito possível que venha a haver dois teatros: o teatro do Norte e o teatro Central. E a culpa é dos Apeninos, que atingem nessa zona a sua altitude mais elevada. As terras dos Marsos,

dos Pelignos e possivelmente dos Marrucinos formam um teatro separado das dos Picentinos e dos

Vestinos. Não vejo como poderemos deter todos os Italianos limitando-nos a combater no centro.

Provavelmente vai ser necessário enviar um exército para as zonas rebeldes do Piceno, através da

Úmbria e do Norte do Piceno. Entretanto, teremos de seguir para leste de Roma, na direcção das

terras dos Marsos e dos Pelignos.

Sila calou-se por um momento; não podia deixar de sentir o que sentia, mas odiava-se por sucumbir

a tal fraqueza. Como se sentia Caio Mário naquele momento? Se não gostava daquilo que Sila

estava a dizer, tinha, naquele breve espaço de tempo uma oportunidade para o dizer. E Caio Mário

falou. Sila ouviu-o tenso.

- Continua, por favor, Lúcio Cornélio - disse o velho mestre. Eu não teria explicado melhor a

situação que temos de enfrentar.

Os olhos muito claros de Sila encheram-se de um brilho súbito, um ténue sorriso aflorou-lhe os

lábios, e logo desapareceu. Encolheu os ombros.

- Creio que nada mais tenho a dizer. Claro, as minhas afirmações partem do princípio de que a

insurreição envolveria pelo menos oito nações italianas. Não creio que seja da minha competência

indicar quem deve ir ocupar as diversas posições. No entanto, julgo que aqueles que forem para o

teatro de operações norte-centro deveriam ter muitos clientes na região. Por exemplo, se Cneu

Pompeu Estrabão participar na guerra na zona do Piceno, disporá já de uma boa base nessa região,

porque possui milhares de clientes. O mesmo pode ser dito de Quinto Pompeu Rufo, embora numa

escala inferior, eu sei. Na Etrúria, há um



grande proprietário de terras, Caio Mário, que também dispõe aí de milhares de clientes. O mesmo

sucede com os Cecílios Metelos. Na Úmbria, Quinto Servílio Cepião é senhor supremo. Se estes

homens ficassem ligados às operações no teatro do Norte ou Central, seria já uma boa ajuda.

Sila fez uma vénia em intenção de Lúcio Júlio César e regressou ao seu lugar no meio de

murmúrios de (assim pensou ele) admiração. Tinham-lhe pedido opinião sobre tão momentoso

assunto, a ele e a mais ninguém! Em tais circunstâncias, a sua intervenção constituía, sem dúvida,

um primeiro passo para se tornar famoso. Um primeiro passo ou, talvez, um primeiro salto.

Incrível! Estaria finalmente a caminho da notoriedade e do poder? Estaria finalmente a trilhar o seu

caminho?

- Todos temos de agradecer a Lúcio Cornélio Sila uma análise tão penetrante e séria - disse Lúcio

César, sorrindo para Sila de um jeito que era já uma promessa de futuras distinções. - Concordo

inteiramente com o que ele disse. Mas que tem o Senado a dizer? Alguém tem outras ideias, ideias

diferentes?

Aparentemente, ninguém tinha ideias diferentes. Escauro Princeps Senatus pigarreou ruidosamente.

- É altura de tomares as tuas disposições, Lúcio Júlio - disse. Se os veneráveis Senadores estiverem

de acordo, gostaria apenas de dizer que, no meu caso pessoal, preferia ficar em Roma.

- Penso que serás preciso em Roma, tanto mais que os dois cônsules vão estar ausentes - disse Lúcio

César, afavelmente. - O nosso pretor urbano, Lúcio Cornélio, de apelido Cina, precisará

indubitavelmente dos teus préstimos - olhou de relance para o seu colega, Lupo, e acrescentou: -

Públio Rutílio Lupo, estarias de acordo em ficar com o comando do Norte e do Centro? - perguntou.

- Na minha qualidade de cônsul sénior, considero essencial que seja eu a comandar a região onde se

encontra Cápua.

Lupo ficou de súbito animado e inchado.

- Assumirei o comando do Norte e do Centro com todo o prazer, Lúcio Júlio César.

- Nesse caso, e se o Senado não tem qualquer objecção a pôr, ficarei com o comando das operações

na Campânia. Como primeiro lugar-tenente, escolho Lúcio Cornélio, de apelido Sila. Para chefiar as

operações em Cápua propriamente dita e supervisionar toda a actividade da zona de Cápua, nomeio

o ex-cônsul Quinto Lutácio Catulo César.

525

Como meus lugares-tenentes, para além de Lúcio Cornélio Sila, nomeio Públio Licínio Crasso, Tito

Dídio e Sérvio Sulpício Galba - disse Lúcio César. - E tu, Públio Rutílio Lupo, quem escolhes?

- Cneu Pompeu Estrabão, Sexto Júlio César, Quinto Servílio Cepião e Lúcio Pórcio Catão Liciniano

- respondeu Lupo bem alto.

Houve de repente um silêncio, um silêncio que pareceu demorar uma eternidade. *Alguém* tem de

quebrar este silêncio!, pensou Sila e, de repente, deu consigo a falar, sem desejar falar, sem querer falar.

- E Caio Mário? Não acham que o devem escolher? - perguntou, num tom ríspido.

Lúcio César pestanejou.

- Devo confessar que não escolhi Caio Mário porque, tendo em conta o que disseste, Lúcio Sila,

pensei, naturalmente, que deveria ser Públio Rutílio, o meu colega cônsul, a escolher Caio Mário!

- Não, de modo nenhum, não o quero! - exclamou Lupo. - Não, não mo vão impingir! Ele que fique

em Roma tal como todos os outros doentes e velhos. Caio Mário está demasiado velho e doente

para participar numa guerra.

Ao ouvir isto, Sexto Júlio César levantou-se.

- Posso falar, cônsul sénior? - perguntou.

- Faz favor, Sexto Júlio.

- Eu não sou velho - disse Sexto César, com voz rouca -, mas sou um homem doente, como todos os

presentes sabem. Tenho asma. Tive uma óptima experiência militar na minha juventude, em

particular com Caio Mário, em África, e nas Gálias, contra os Germanos. Também combati em

Arausio, onde a minha doença acabou por me salvar a vida. No entanto, com a aproximação do

Inverno, pouco poderei fazer numa campanha nos Apeninos. Estou mais velho e o meu peito é

fraco. Cumprirei naturalmente o meu dever. Sou um romano pertencente a uma grande família.

Porém, em todos os discursos que ouvi, não foi feita uma única referência à cavalaria. E vamos

precisar da cavalaria. Gostaria de pedir ao Senado que me dispensasse das funções de comandante

na campanha das montanhas. Em vez disso, proponho que me deixe reunir uma frota de transportes

e que me permita passar os meses mais frios organizando as forças de cavalaria da Numídia, da

Gália Transalpina e da Trácia. Posso também recrutar Para a nossa infantaria cidadãos romanos

vivendo no estrangeiro. É um trabalho para o qual me sinto qualificado. Depois, quando voltar,



aceitarei de bom grado qualquer comando em campanha que me queiram destinar. - Sexto César

pigarreou, ligeiramente ofegante. - Para ocupar o meu posto de lugar-tenente, sugiro ao Senado que

considere o nome de Caio Mário.

- Ora! Cunhados! - gritou Lupo, saltando da cadeira. - Não, Sexto Júlio, assim não pode ser! O teu

discurso não me convence! Depois de te ouvir durante anos e anos, chego à conclusão de que a tua

doença só te ataca quando te convém! É uma doença que tanto aparece como desaparece! Repara,

eu também sou capaz de fingir que tenho dificuldade em respirar! - E Lupo pôs-se a inspirar

ruidosamente.

- Podes estar farto da minha chiadeira, Públio Lupo, mas a verdade é que nunca escutaste com

atenção - retorquiu afavelmente Sexto César. - A minha chiadeira não é ao inspirar, mas sim ao

expirar.

- Estou-me marimbando para saber se é ao inspirar ou ao expirar!

- gritou Lupo. - Não, não vais deixar de cumprir o teu dever, porque eu não vou substituir-te por

Caio Mário!

- Um momento, por favor - disse Escauro Princeps Senatus, levantando-se. - Gostaria de abordar

este problema. - Escauro olhou para Lupo com a mesma expressão que pusera quando Vário o

acusara de traição. - Públio Lupo, tu não és das pessoas de quem mais gosto, longe disso! Na

realidade, dói-me muito que tenhas o mesmo nome que o meu querido amigo Públio Rutílio, de

apelido Rufo. Bom, é possível que vocês sejam parentes, mas a verdade é que não há qualquer

semelhança entre os dois! Rufo, o Ruivo, foi uma das personalidades mais cordiais, mais adoráveis,

deste Senado. Faz-nos muitíssima falta. Lupo, o Lobo, é uma das mais perniciosas úlceras desta

Casa!

- Estás a insultar-me! - explodiu Lupo. - Não podes fazer uma coisa dessas! Eu sou um cônsul!

- E eu sou o presidente do Senado, Públio Homem Lobo, e acho que, com a idade que tenho, já

provei bem provado que posso fazer o que me apetecer, porque quando faço alguma coisa, Públio

Homem Lobo, tenho boas razões para o fazer, e é a pensar nos interesses de Roma que o faço!

Portanto, miserável verme, deixa-te estar quieto e calado! Quem pensas tu que és? Tu estás sentado

nessa cadeira unicamente porque tiveste dinheiro suficiente para comprar o eleitorado!

Roxo de raiva, Lupo abriu a boca para falar.

- Não digas nada, Lupo! - atirou-lhe Escauro. - Está quieto e calado!

Escauro virou-se então para Caio Mário, que estava muito direito no seu banco; pela sua expressão, ninguém poderia saber como ele se sentia pelo facto de o seu nome ter sido omitido.

- Aqui está um homem excepcional - disse Escauro. - Só os deuses sabem quantas vezes o amaldiçoei! Só os deuses sabem quantas vezes desejei que ele nunca tivesse existido! Mas à medida que o tempo se vai

escoando implacável, à medida que a minha vida se vai transformando num fio cada vez mais frágil, é cada vez menor o número de homens que lembro com afeição. E não é apenas a iminência da morte que explica

isto. É a acumulação de experiência que me leva a recordar com afecto certos homens, e não outros. Agora, não sinto nada por alguns dos homens de quem mais gostei. Pelo contrário, sinto agora o maior afecto por alguns dos homens que mais detestei.

Sabendo perfeitamente que, nesse momento, Mário lhe piscaria o olho se olhasse para ele, Escauro evitou resolutamente tal situação; se o fizesse, desataria à gargalhada, e aquele discurso vinha-lhe do fundo do espírito e do coração. Um forte sentido de humor podia, de facto, transformar-se num problema terrível!

- Caio Mário e eu atravessámos todo um mundo juntos - disse Escauro, fitando o lívido Lupo. - Ele e eu estivemos sentados lado a lado neste Senado e olhámo-nos com desdém durante muitos anos, muito mais anos do que aqueles que tem essa toga de adulto que tu usas, Homem Lobo! Muito discutimos, muito brigámos, muito lutámos um contra o outro. Mas lutámos juntos contra inimigos da República. Juntos fitámos os

cadáveres dos homens que teriam arruinado Roma. Aí estivemos juntos, lado a lado. E rimo-nos os dois, e chorámos os dois. Repito o que disse! Ele é um grande homem, um homem excelente. Um grande, um notável *Romano.*

Escauro encaminhou-se para as portas e parou em frente delas.

- Tal como Caio Mário, tal como Lúcio Júlio, tal como Lúcio Cornélio Sila, estou hoje convencido de que nos espera uma guerra terrível. Ontem não estava convencido. Porquê a mudança? Só os deuses o sabem! Quando a ordem estabelecida nos diz que as coisas seguirão um determinado rumo porque é esse rumo que seguem há muito, muito tempo, é-nos difícil alterar o que sentimos, e os nossos sentimentos toldam-nos o intelecto. Até que, num lapso de tempo brevíssimo, os nossos olhos começam a ver claramente. Foi isso que me aconteceu hoje. E que aconteceu hoje a Caio Mário. Provavelmente,



aconteceu à maior parte dos membros deste Senado. Apercebemo-nos hoje de mil e um pequenos

sinais que ontem não descortinávamos.

”Eu escolhi ficar em Roma porque sei que servirei melhor Roma se permanecer no seio das suas

instituições políticas. Mas isso não se aplica a Caio Mário. Os homens que, como eu, discordaram

dele muito mais vezes do que concordaram com ele, ou aqueles que, como Sexto Júlio, estão

ligados a ele por amizade ou laços familiares, enfim, todos nós, todos os que estão presentes nesta

assembleia, têm de admitir, como eu admito!, que Caio Mário possui um talento e uma experiência

militares muito superiores aos talentos e experiências de todos nós juntos. Pouco me importaria se

Caio Mário tivesse já noventa anos e houvesse sobrevivido a *três* tromboses! Mesmo assim, eu diria aquilo que vos estou a dizer agora: se este homem consegue ligar as palavras e as ideias da forma

como ele o faz, então temos de usá-lo no meio onde ele mais brilha - em campanha! Na guerra!

Cuidado com a vossa intolerância, veneráveis Senadores! Caio Mário tem a mesma idade que eu,

sessenta e sete anos apenas, e a única trombose que o acometeu sucedeu há dez anos. Na minha

qualidade de Princeps Senatus, digo-vos com toda a firmeza: Caio Mário deve ser primeiro lugar-

tenente de Públio Lupo, e dar aos seus múltiplos talentos o melhor uso."

Ninguém falou. Aliás, parecia que ninguém respirava. Nem mesmo Sexto César. Escauro sentou-se

entre Mário e Catulo César. Lúcio César olhou para os três, e depois o seu olhar percorreu toda a

fila até chegar a Sila. Os seus olhos encontraram-se com os de Sila; e Lúcio César apercebeu-se de

que o seu coração batia mais depressa. Que diziam os olhos de Sila? Tantas, tantas coisas, que era

impossível dizer.

- Públio Rutílio Lupo, ofereço-te a oportunidade de aceitares voluntariamente Caio Mário como teu

primeiro lugar-tenente. Caso recuses, proporei uma votação ao Senado.

- Está bem! Está bem! - gritou Lupo. - Mas proponho que ele partilhe esse lugar com Quinto

Servílio Cepião!

Mário desatou à gargalhada.

- De acordo! - gritou. - O Cavalo de Outubro atrelado a um jumento!

Júlia estava naturalmente à espera de Mário, tão ansiosa como qualquer esposa devotada de um

político. Mário sempre se sentira



fascinado pelo facto de Júlia parecer saber instintivamente em que ocasiões o Senado abordava

questões muito importantes. De manhã, antes de seguir para a Cúria Hostília, Caio Mário não fazia

a mínima ideia do que se iria passar. Mas Júlia sabia que aquela seria uma reunião decisiva!

- É a guerra, não é? - perguntou ela.

- É.

- E as perspectivas, são muito más? São só os Marsos, ou há mais?

- Eu diria que são metade dos Aliados Italianos, provavelmente com o apoio de mais alguns. Eu já

devia ter percebido há muito tempo! Escauro é que explicou bem o problema. As emoções

impedem-nos de ver os factos. Druso sabia. Ah, se ao menos ele estivesse entre nós, Júlia! Se não o

tivessem morto, os Italianos teriam agora a cidadania. E a guerra não bateria à nossa porta.

- Marco Lívio morreu porque há homens que nunca permitirão o alargamento da cidadania a toda a

Itália.

- Sim, claro, tens toda a razão - retorquiu Mário, mudando imediatamente de assunto. - Achas que o

nosso cozinheiro tem uma apoplexia se lhe pedirmos que faça um jantar sumptuoso amanhã para

uma quantidade de gente?

- Pelo contrário. Diria antes que ele ficará em êxtase. Está sempre a queixar-se de que recebemos

pouco.

- Óptimo! Porque de facto convidei uma tribo inteira para o jantar de amanhã.

- Porquê, Caio Mário?

Ele abanou a cabeça, com um ar triste.

- Talvez porque tenho o estranho pressentimento de que, para muitos de nós, este será o nosso

último jantar juntos, *mea vitae. Meum mel.* Amo-te, Júlia.

- E eu amo-te a ti - retorquiu ela, tranquilamente. - Bom, mas agora diz-me lá quem é que

convidaste para jantar?

- Quinto Múcio Cévola, que, assim o espero, será o sogro do nosso filho. Marco Emílio Escauro.

Lúcio Cornélio Sila. Sexto Júlio César. Caio Júlio César. E Lúcio Júlio César.

Júlia estava com um ar um tanto intimidado.

- E as respectivas esposas também?

- Sim, as esposas também.



- Só que isso levanta um problema...

- Que problema?

- A mulher de Escauro, Dalmática! E Lúcio Cornélio!

- Ora, isso já foi há tanto tempo! - retorquiu Mário desdenhosamente.

- Pomos os homens nos divãs estritamente de acordo com a hierarquia, e depois tu arrumas as

mulheres de maneira a que perturbem o menos possível o ambiente. Que achas?

- Está bem - retorquiu Júlia, com um ar ainda dubitativo. - O melhor será pôr Dalmática e Aurélia

em frente de Lúcio e de Sexto Júlio, e Élia e Licínia em frente do *lectus medius.* Cláudia e eu ficaremos em frente de Caio Júlio e de Lúcio Cornélio. - Soltou um risinho e acrescentou: - Não

creio que Lúcio Cornélio tenha dormido com Cláudia!

As sobrancelhas de Mário agitaram-se numa estranha dança.

- Queres dizer com isso que ele afinal sempre foi para a cama com Aurélia?

- Não! Francamente, Caio Mário, às vezes deixas-me furiosa!

- O mesmo posso eu dizer de ti! - contrapôs Caio Mário. - Mas já agora diz-me... onde é que pensas

pôr o teu filho? Não te esqueças de que ele já tem dezanove anos!

Júlia colocou o jovem Mário no *lectus imus, o* último divã, o que correspondia à mais baixa posição que um homem podia ocupar em tais circunstâncias. O filho não levantou quaisquer objecções; é

que, logo a seguir a ele, vinham dois pretores urbanos, os seus tios Caio Júlio e Lúcio Cornélio.

Todos os outros homens tinham já sido cônsules

- e o pai tinha dirigido mais dois consulados do que todos os outros juntos. O facto de o pai ter sido várias vezes cônsul era realmente algo de reconfortante. Mas poderia ele nutrir a esperança de bater

o recorde do pai? A única forma de o fazer seria tornar-se cônsul ainda jovem, mais novo ainda que

Cipião Africano ou Cipião Emiliano.

O jovem Mário sabia que havia um casamento à sua espera, precisamente com a filha de Cévola.

Não conhecia Múcia, pois ela era demasiado jovem para ir a festas, mas ouvira dizer que era muito

bonita. O que não admirava; a mãe, Licínia, ainda era uma mulher belíssima. Casada agora com

Metelo Célere, filho de Metelo Baleárico. Adultério. Múcia tinha por isso dois meios-irmãos, dois

Cecílios Metelos. Cévola casara com uma segunda Licínia, menos bela; foi esta Licínia que o

acompanhou à festa, uma festa que considerou extremamente agradável.

531

No

entanto, como escreveu Lúcio Cornélio Sila a Públio Rutílio Rufo, que se encontrava ainda em

Esmirna,

*Aquela foi uma festa pavorosa. Só não se transformou em catástrofe porque Júlia estava lá, porque Júliafez com que todos os homens se dispusessem na sala inteiramente de acordo com o protocolo, e arrumou as mulheres de forma a que estas não pudessem perturbar o ambiente. Com o resultado de que de Aurélio e da mulher de Escauro, Dalmática, só lhes vi as costas.*

*Sei que Escauro te escreveu, porque as nossas cartas vão pelo mesmo correio, e por isso não vou repetir as notícias sobre a guerra iminente com os Italianos, nem vou fazer um resumo do discurso que Escauro fez no Senado em louvor de Caio Mário - tenho a certeza absoluta de que Escauro te mandou uma cópia! Vou dizer-te apenas que achei a actuação de Lupo uma desgraça e que não pude*

*calar-me quando me apercebi de que Lupo recusava o nosso velho mestre. O que mais me irrita é que um burro como o Lupo - lá lobo é que ele não é! - fique a comandar todo um teatro de guerra, enquanto Caio Mário vai ter de desempenhar funções subalternas. O que há de mais intrigante nisto tudo é a afabilidade com que Caio Mário reagiu à notícia de que teria de partilhar o seu posto de lugar-tenente com Cepião. Por isso pergunto: quais serão os planos da raposa de Arpino para esse outro burro? Ou me engano muito, ou o nosso Caio Mário vai-lhe montar uma bela armadilha.*

*Bom, afastei-me um pouco do tema inicial, mas a ele vou voltar, pois eu e Escauro concordámos quanto ao seguinte: primeiro, cada um de nós escrevia uma longa carta, e segundo, dividiríamos o assunto entre nós.*

*Eu fiquei com as bisbilhotices, o que não é nada justo. Para bisbilhotices não há melhor que Escauro, tirando o destinatário desta carta. Cévola foi convidado porque Caio Mário está a ver se casa o jovem Mário com a filha de Cévola e da primeira das suas duas Licínias. Múcia (Múcia Tércia chamada, Para se*

*distinguir das duas Mucias filhas de Cévola, o Augure) anda agora pelos treze anos. Tenho pena da rapariga. O jovem Mário não me agrada nada: é um fedelho arrogante, presumido, ambicioso. Vai causar problemas a muita gente. Enfim, não tem nada a ver com o meu querido filho.*

532

*Públio Rutílio, eu nunca soube muito bem o que era ter família, tanto em rapaz como em adulto. Por isso, o meu filho era, para mim, um bem infinitamente precioso. Amei-o desde a primeira vez que o vi, um bebé risonho, todo nu, no quarto das crianças. Achei nele o companheiro perfeito. Tudo o que eu fazia ele admirava. À minha viagem ao Oriente ele deu toda uma dimensão de interesse e entusiasmo. Pouco*

*interessava que ele não estivesse em condições de dar conselhos a um adulto como eu. O que interessava é que ele entendia, compreendia sempre tudo. Mostrava-se sempre compreensivo, solidário. Depois, bom, depois morreu. Tão de repente, tão inesperadamente! Se eu tivesse tido tempo para preparar-me, dizia eu a mim mesmo... Mas como pode um pai preparar-se para a morte do filho?*

*Desde que ele morreu, meu velho amigo, o mundo ficou cinzento e triste. Acho que já não sou o mesmo, que as coisas já não me interessam como me interessavam. Passou já quase um ano e suponho que, de certo modo, aprendi a enfrentar a sua ausência. De certo modo apenas... porque na realidade nunca aprenderei a aceitar a ausência do meu filho. É uma parte de mim que me falta. É um vazio que nunca poderá ser preenchido. Sinto-me totalmente incapaz de falar dele com quem quer que seja, omito o seu nome como se ele nunca tivesse existido. Porque a dor é excessiva, insuportável. Estou a escrever-te sobre ele, e choro.*

*Mas a verdade é que não estava nas minhas previsões escrever-te sobre o meu rapaz. Eu devia era escrever sobre aquele maldito jantar! É possível que um factor relacionado com o jantar me tenha levado a pensar nele (embora eu nunca deixe de pensar nele): a presença de Cecília Metela Dalmática, a mulher de Escauro.*

*Julgo que terá agora vinte e oito anos, ou à volta disso. Casou-se com Escauro aos dezassete*

*- no início do ano em que vencemos os Cimbros, se bem me lembro. Ela tem já uma filha de dez anos e um rapaz de cinco. Ambos filhos de Escauro, sem a mínima dúvida, eu vi os pobrezitos: tão lisos como uma das quintas de Catão, o Censor. Escauro já fala em casar afilha com o filho do grande amigo de Cévola, o Augure, Mânio Acílio Glabrião. Embora eles tenham há já muito tempo a dignidade consular, escapando por isso a qualquer contaminação do* homo novis, *a verdade é que neste caso não é a genealogia que está em*

*causa.* É *mais a riqueza da família, quase tão grande como a dos Servílios Cepiões, imagino eu. Mas eu estou-me marimbando para os Acílios*

533

*Glabriões, ainda que o avô deste Mânio Acílio Glabrião tenha morrido ao lado de Caio Graco. Tal como todos os outros que estiveram ao lado de Caio Graco, morreu pela causa por que lutou! Mas adiante. Acho que esta é uma boa bisbilhotice, não achas? Ai não? Então que Lâmia te leve!*

*Dalmática é uma bela mulher. Como ela me enfeitiçou da primeira vez que disputei o cargo de pretor!*

*Lembras-te? É impressionante: já passaram dez anos. Já estou nos cinquenta, Públio Rutílio, e tenho agora poucas possibilidades de me vir a tornar cônsul como nos tempos de Subura. É caso para pensar no que Escauro lhe terá feito em consequência daquelas idiotices que se passaram há nove anos. O que quer que ele lhe tenha feito, ela esconde-o bem. Tudo o que recebi dela quando nos encontrámos na sala de jantar foi um frio* ave *e um frígido sorriso. Não me olhou nos olhos. Não a censuro por isso. Suponho que ficou aterrorizada pelo simples facto de Escauro poder achar a sua conduta censurável. E o terror determinou o seu comportamento. De modo que, depois de sentada, nunca mais lhe vi a cara: Escauro só poderia ter aprovado tão grande contenção. Já o mesmo não posso dizer da nossa muito querida, da nossa mais que querida Aurélio, que pôs toda a gente tonta pois não parou quieta um segundo. Bom, ela agora sente-se de novo feliz porque Caio Júlio partirá muito em breve para outra expedição. Vai acompanhar o irmão, Sexto Júlio, numa missão que tem por objectivo trazer cavalaria da África e dos confins da Gália para Roma.*

*Não quero ser malicioso, embora essa seja a minha fama - e merecida, sem dúvida. Ambos conhecemos muito bem Aurélio e o*

*que poderia dizer-1 e acerca dela nunca seria para ti uma surpresa. Há amor bastante entre ela e o marido. Mas não é um amor feliz, não é um amor satisfatório. Ele corta-lhe as asas, e ela não gosta disso. A noite passada, como sabia que ele ia estar fora durante pelo menos alguns meses, Aurélio estava animada, ria, não era a mulher prosaica e igual a muitas outras que o casamento quis que ela fosse.*

*Caio Júlio, que estava ao meu lado, apercebeu-se perfeitamente dessa mudança de humor! Porque a questão é esta, Públio Rutílio: quando Aurélio está bem, animada, divertida, os homens à sua volta mudam por completo! Helena de Tróia perderia no confronto com ela. Imagina (se conseguires) o nosso Princeps Senatus comportando-se como um adolescente tonto! Isto para não falar de Cévola, ou mesmo de Caio* 534

*Mário. Tal é o efeito que ela tem. Nenhuma das outras mulheres era de molde a deixar um homem*

*indiferente. Algumas delas eram, aliás, muito belas. Mas nem mesmo Júlia ou Dalmática podiam competir com ela, um facto de que Caio Júlio se apercebeu rapidamente. Aposto que houve discussão quando*

*chegaram a casa.*

*Sim, de facto foi um jantar muito estranho, um jantar muito constrangedor. Mas então porque é que houve jantar?, perguntarás tu. Não sei ao certo o motivo, mas fiquei com a impressão de que Caio Mário teve um pressentimento. O pressentimento de que nós, os que estávamos presentes naquela sala, não mais*

*voltaríamos a encontrar-nos em circunstâncias similares. Caio Mário falou de ti, com muita tristeza, lamentou que a festa não pudesse ser realmente festa sem a tua presença. Foi também com tristeza que falou de si mesmo. E de Escauro. Até mesmo do filho! Quanto a mim, bom, quanto a mim, parece que lhe inspirava toda a tristeza deste mundo! Embora nos tenhamos afastado muito desde a morte*

*de Julilla, não consigo compreender tal reacção. Estamos perante uma guerra que vai ser decerto muito difícil, e por isso suponho que Caio Mário e eu iremos trabalhar juntos segundo o nosso velho acordo. A única conclusão a que consigo chegar, enfim, a única conclusão lógica, é que ele teme pela sua vida. Teme não sobreviver a esta guerra. E*

*teme que todos nós venhamos a sofrer após o seu desaparecimento.*

*Respeitando o acordo que fiz com Escauro, não falarei da guerra. No entanto, há um episódio extremamente interessante que não resisto a contar-te. Lúcio Calpúrnio Pisão Cesonino, que foi encarregado dos problemas de armamentos e abastecimentos para as nossas novas legiões, visitou-me há dias. Não é ele que está casado com a tua filha? Julgo que sim, que* e *ele. Bom, seja como for, o certo é que ele tinha uma história muito curiosa para me contar.* É *pena que os Apeninos nos separem tão fortemente da Gália Italiana, em particular na sua extremidade adriática.* É *altura de transformarmos a Gália Italiana numa província digna desse nome, e de enviarmos regularmente governadores para lá e para a Gália Transalpina.*

*Como vai haver guerra, enviámos um homem para governar ambas as Gálias, mas esse homem irá para a Gália Italiana - é o pretor Caio Célio Caldo. Quinto Sertório é o seu questor, o que constitui sem dúvida um dado tranquilizador. Pelos vistos, há imenso sangue militar nos Mários: Sertório é um Mário pelo lado da mãe. E além disso é um Sabino.*

535

*Mas estou a afastar-me da questão. Pisão Cesonino fez uma rápida viagem ao Norte, a fim de encomendar armas e armaduras para os nossos soldados. Começou pelos sítios do costume: Populónia e Pisas. Porém, em qualquer uma dessas duas cidades, ouviu boatos acerca de novos centros ligados à fundição, situados na parte oriental da Gália Italiana, mas dirigidos por uma firma com sede em*

*Placência. De maneira que ele foi a Placência. De nada lhe valeu! Quer dizer, é verdade que a firma estava lá. Mas as pessoas que*

*trabalhavam na firma é que não lhe disseram nada: tudo de boca fechada, pareciam mudos. De modo que ele seguiu para leste, para Patávio e Aquileia, onde descobriu uma nova indústria. Descobriu também que estas fundições tinham produzido armas e armaduras para os Aliados Italianos, de acordo com um contrato exclusivo válido por cerca de dez anos! Cesonino achou o caso inocente. Os ferreiros tinham nas mãos um contrato exclusivo, pagaram-lhes rapidamente, de modo que eles fizeram o que tinham a fazer: produziram!*

*Embora as oficinas de fundição sejam propriedade de indivíduos isolados, as cidades foram construídas por um proprietário fundiário que tudo possui excepto os negócios propriamente ditos. Um proprietário fundiário que, segundo os habitantes locais, é um senador romano! E para que o caso fique ainda mais estranho, parece que os proprietários das fundições pensavam que estavam a produzir armas para Roma, e que o homem que com eles firmara o contrato era um* praefectus fabrum *romano! Quando Pisão Cesonino insistiu junto deles para que descrevessem esse homem misterioso, eles pintaram o retrato chapado de nada mais nada menos do que Quinto Popaedius Silão, dirigente dos Marsos!*

*Ocorreu-me imediatamente a seguinte questão: como é que Silão soube da existência daquela indústria, se ninguém em Roma estava a par do caso? E dei a mim mesmo uma resposta muito curiosa: uma resposta*

*difícil de provar, creio. Por isso não falei nisso a Pisão Cesonino. Quinto Servílio Cepião viveu durante muito tempo em casa de Marco Lívio Druso. Só deixou essa casa quando a mulher o trocou por Marco Catão Saloniano. Ora, na altura em que eu fiz a minha primeira campanha para o cargo de pretor, Cepião saiu de Roma para fazer uma longa viagem. Garantiste-me, em cartas anteriores,*

*que o ouro de Tolosa já não se encontra em Esmirna, que Cepião foi a Esmirna e o retirou, para grande pesar dos bancos locais. Acontece Que Silão era a visita habitual de Marco Lívio Druso. Druso dava-se*



*muito melhor com ele do que com Cepião. Não terá Silão ouvido por acaso que Cepião ia investir algum do seu dinheiro na criação de cidades ligadas à fundição na região oriental da Gália Italiana? Silão podia, dessa forma, antecipar-se a Roma, levando essas novas cidades a produzir, em exclusivo, para os Marsos, antes mesmo que as oficinas fundidoras precisassem de angariar clientes.*

*Aposto que Cepião é o senador romano que possui aquelas terras e que a companhia sediada em Placência é dele. Mas duvido que consiga prová-lo, Públio Rutílio. Seja como for, Pisão Cesonino pressionou, de alguma forma, as oficinas da região, e estas comprometeram-se a não produzir mais armas ou armaduras para os Italianos. Em vez disso, trabalharão para nós.*

*Roma prepara-se para a guerra. Mas há algo de sinistro nestes preparativos, sabendo nós quem o inimigo é.*

*Ninguém se sente bem a lutar em Itália, incluindo, assim creio, o inimigo. O qual, segundo as minhas informações, já nos podia ter atacado há três meses. Ah, esqueci-me de te dizer que ando muito ocupado a organizar uma rede de espionagem - e juro, desde já, que as nossas informações sobre os movimentos deles serão muito melhores que as informações deles sobre os nossos movimentos.*

*Ah, a propósito, esta parte da minha carta é posterior à primeira. O correio de Escauro, afinal, ainda não partiu.*

*Para já, conseguimos deter a Etrúria e a Úmbria. Sim, claro que há motins e arruaças, mas os indivíduos que estão por detrás desses acontecimentos não possuem influência suficiente para levar a*

*Etrúria e a Úmbria à secessão. Graças, em larga medida, à economia de latifúndio. Caio Mário não tem parado de um lado para o outro, tanto recrutando como pacificando - e, para fazer justiça a Cepião, devo dizer que este se tem mostrado muito activo na Úmbria.*

*Os veneráveis Senadores ficaram na maior aflição quando a minha espionagem veio com a notícia de que os Italianos têm vinte legiões preparadas e armadas. Como eu dispunha de provas, não tiveram outro remédio senão acreditar. E aqui estamos nós com seis legiões! Felizmente temos armas e armaduras para, pelo menos, mais dez legiões, graças a essas criaturas que nós mandamos vistoriar os campos de batalha para trazerem todo o material bélico que os nossos mortos e os do inimigo deixaram no terreno. E também o material dos inimigos prisioneiros. Está tudo armazenado em Cápua, num sem-número de*

r

537

*armazéns. O pior é recrutar e treinar novas tropas, com o pouco tempo que temos. Não sei como será isso possível.*

*Devo dizer-te que, em fins de Fevereiro, o Senado decidiu que devíamos dar uma lição a Ásculo Picentino, uma lição no estilo da que demos a Numância. Ora, vai haver um teatro do Norte, bem como um teatro central. O comando do Norte foi entregue a Pompeu Estrabão. E foi-lhe definido um alvo imediato: Ásculo Picentino. E disseram-lhe que em Maio devia estar pronto para marchar sobre a cidade. Maio é quase o princípio da Primavera, assim o diz o calendário, mas, pelo menos este ano, o nosso lento Pontifex Maximus intercalou um período extra de vinte dias no final de Fevereiro, e é por isso que esta última parte da minha carta tem ainda a data de Março. A propósito, agora estou sozinho nesta actividade epistolar - Escauro diz que não tem tempo! Como se eu tivesse! Não, Públio Rutílio, escrever-te não é nenhum incómodo.*

*Porque, em tempos idos, quando eu estava longe de Roma, as tuas cartas tiveram para mim uma importância*

*inexcedível. Não faço mais do que pagar-te com a mesma moeda.*

*Lupo é daqueles comandantes que não fazem nada que considerem abaixo da sua dignidade. De modo que, quando se determinou que ele e Lúcio César dividiriam entre si as quatro legiões de veteranos de Tido Dídio, bem como as duas legiões de novatos, Lupo não lhe apeteceu deixar Carseólos (onde estabeleceu o seu quartel-general para a campanha do teatro do Centro) e ir a Cápua buscar a sua metade das tropas. Como era uma tarefa demasiado fatigante, mandou Pompeu Estrabão. Ele não gosta de Pompeu Estrabão, mas, vendo bem as coisas, quem é que gosta de Pompeu Estrabão?*

*Acontece, porém, que Pompeu Estrabão lhe pagou da mesma moeda! Foi, de facto, a Cápua, buscar as duas legiões de veteranos mais a outra legião de novatos, só que, depois, dirigiu-se para Roma. Lupo tinha-lhe ordenado que seguisse primeiro para Carseólos, onde deixaria as duas legiões de veteranos, e em seguida para Piceno, acompanhado da legião de novos soldados. O que Pompeu Estrabão acabou por fazer, deixou Escauro a rir durante uma semana. Entregou o comando da legião de novatos a Caio Perperna e mandou-a para Carseólos, enquanto ele avançava pela Via Flamínia com as duas legiões de veteranos! Mas fez mais!*

*De facto, quando Catulo César chegou a Cápua a fim de assumir o comando da zona, descobriu que Pompeu Estrabão tinha também esvaziado os armazéns, levando consigo armas*



*e armaduras que davam para quatro legiões! Escauro ainda se ri desta história. Mas eu não consigo. De facto, que poderemos fazer agora? Nada, rigorosamente nada! Rompeu Estrabão precisa que o vigiem. Há demasiada Gália nele.*

*Quando Lupo percebeu que tinha sido enganado, e de que maneira, pediu a Lúcio César que lhe desse uma das suas duas legiões veteranas!* É *claro que Lúcio César se recusou a dar-lhe a legião, dizendo-lhe que não conseguia controlar os seus lugares-tenentes, então que não fosse queixar-se ao cônsul sénior. Infelizmente, Lupo resolveu vingar-se em Mário e Cepião, obrigando-os a recrutar e treinar soldados com redobrado vigor. Quanto a ele, deixou-se ficar quieto e amuado em Carseólos.*

*Célio e Sertório, entretanto, movem montanhas na Gália Italiana para arranjar armas, armaduras e tropas, e não há, em todo o território romano, balança ou fundição que não esteja mais ocupada que um sardenho solitário destroçando uma escolta. Suponho, por isso, que não teve qualquer importância o facto de as cidades de Cepião terem trabalhado para os Italianos durante todos estes anos. Fosse como fosse, não teríamos sido suficientemente inteligentes para lhes propor que trabalhassem para nós. Agora estão a trabalhar para nós, e não nos podemos queixar.*

*Antes de Maio temos de ter dezasseis legiões em campanha. Ou seja, temos de arranjar mais dez legiões.*

*Claro, vamos conseguir! Se há uma coisa em que Roma é boa, é em realizar os seus objectivos quando tudo está contra ela! Surgem voluntários de todo o lado e de todas as classes, e as comunidades abrangidas pelos Direitos Latinos mostram-se leais a Roma. Devido à nossa pressa, nada foi feito para separar voluntários latinos dos romanos, de modo que até parece que, involuntariamente, estabelecemos uma espécie de*

*hegemonia. O que eu estou a tentar dizer é que não haverá legiões auxiliares nesta guerra. Todas serão consideradas romanas.*

*Lúcio Júlio César e eu partiremos para Câmpania no início de Abril, aos oito dias desse mês, provavelmente.*

*Quinto Lutácio Catulo César encontra-se já a comandar as actividades em Cápua; acho que se vai sair bem dessa tarefa. Fico profundamente satisfeito com o facto de ele não comandar nenhum exército. A nossa legião de novatos será dividida em duas unidades de cinco coortes cada - eu e Lúcio César achamos que será necessário destacar uma guarnição tanto*



*para Nola como para wEsêrnia. Estas tropas poderão fazer isso, não têm de ser ganhadoras de coroas para tarefa tão simples. Esêrnia é um posto avançado em território inimigo. Até agora, tem sido leal a Roma.*

*Cipião Asiático e Lúcio Acílio - ambos lugares-tenentes júniores (e ambos muito fracos) - vão levar cinco coortes imediatamente para Esêrnia. O pretor Lúcio Postúmio levará as outras cinco coortes para Nola.*

*Para um Postúmio, é um tipo bastante estável. Gosto dele. Isso é porque ele não é um Albino, dirás tu...*

*E é tudo por ora, meu caro Públio Rutílio. O correio de Escauro está prestes a chegar. Quando tiver uma oportunidade, escrevo-te de novo, mas receio que tenham de recorrer às tuas correspondentes caso queiras saber notícias com alguma regularidade. Júlia prometeu que te iria escrever com bastante frequência.*

Sila arrumou a pena com um suspiro. Uma carta enorme, mas que tinha algo de catártico. Valia a

pena tal esforço, ainda que lhe tivesse tirado o sono. Sila estava consciente de quem era o

destinatário, nunca se esquecera disso, mas a verdade é que naquela carta fora capaz de dizer coisas

que nunca conseguira dizer a Públio Rutílio Rufo pessoalmente. A razão é que Públio Rutílio Rufo

estava demasiado longe para significar qualquer tipo de ameaça.

No entanto, não tinha referido a sua súbita ascensão no seio do Senado, graças à intervenção de

Lúcio Júlio César. Esse era um facto demasiado recente e demasiado incerto para que Sila falasse

dele: não queria ofender a deusa Fortuna. Aliás, Sila estava certo de que tal situação fora provocada por um mero acidente: como não gostava de Caio Mário, Lúcio César procurara muito

simplesmente outra pessoa. Em princípio, deveria ter perguntado a Tito Dídio ou a Públio Crasso,

ou a qualquer outro triunfador. Mas o seu olhar pousara em Sila e a sua cabeça decidira que Sila

servia. Claro que Lúcio César não estava à espera de uma resposta tão perfeita; porém, confrontado

com tal situação, Lúcio César fez uma coisa que não era propriamente invulgar: escolheu Sila como

seu assistente no Senado para as questões militares. Ter de consultar um Mário ou um Crasso não

era nada bom para o cônsul: fazia-o parecer um novato que, a todo o momento, tinha de fazer

perguntas aos mestres. Ao passo que pedir conselho a uma

personalidade relativamente desconhecida como Sila fazia pensar num golpe de génio do cônsul.

Lúcio César podia dizer que tinha ”descoberto” Sila. E, ao depender dos pareceres de Sila, estava de

certo modo a assumir o papel de seu protector.

Para já, Sila estava satisfeito com tal situação. Se se comportasse de um modo atencioso e deferente

com Lúcio César, obteria os comandos e as tarefas de que precisava para eclipsar o mesmo Lúcio

César. O qual, como Sila rapidamente descobrira, tinha uma clara tendência para um pessimismo

mórbido, além de não possuir tanta confiança na sua competência como à primeira vista parecia.

Quando partiram os dois para Campânia, no princípio de Abril, Sila deixou as decisões e

disposições militares para Lúcio César, enquanto ele se lançava, com um entusiasmo e uma energia

dignos dos maiores louvores, nas tarefas de recrutamento e treino de novas legiões. Entre os

centuriões das duas legiões veteranas de Cápua, havia muitos que tinham servido sob as ordens de

Sila, e mais ainda, entre os centuriões na reserva que se tinham apresentado para treinar tropas.

Graças à sua actividade neste campo específico, a fama de Sila não parou de crescer. Agora,

precisava apenas que Lúcio César cometesse alguns erros, ou que se afundasse tanto no decorrer da

campanha que não tivesse outra hipótese senão dar rédea livre a Sila. Sila estava absolutamente

determinado a não cometer o mínimo erro: assim, seria muito mais fácil colher os frutos, quando

eles viessem.

Melhor preparado que qualquer dos outros comandantes, Pompeu Estrabão equipou duas novas

legiões formadas por soldados das suas vastas terras do Norte do Piceno; com a ajuda dos

centuriões das duas legiões veteranas que levava consigo, bastaram-lhe cinquenta dias para pôr

esses soldados em condições de afrontar a guerra. Durante a segunda semana de Abril, partiu de

Cíngulo com quatro legiões - duas veteranas, e as outras duas constituídas por soldados sem

experiência de guerra. Uma boa proporção. Embora a sua carreira militar não tivesse nada de

extraordinário, Pompeu Estrabão possuía a experiência necessária a um cargo de comando, e

ganhara, além disso, a reputação de ser um homem particularmente duro.

Um incidente sucedido quando era questor na Sardenha (tinha ele nessa altura trinta anos)

contribuíra muito para o desprezo e para o isolamento a que era votado pelos seus colegas do

Senado. Pompeu Estrabão escrevera da Sardenha pedindo ao Senado que o autorizasse

541

a impugnar o mandato do seu superior, o governador Tito Ânio Albúcio, e a levá-lo a tribunal

quando regressassem a Roma. Conduzido por Escauro, o Senado respondera com uma carta

contundente do pretor Caio Mémio, que nela incluíra uma cópia do discurso de Escauro - e Escauro

chamava-lhe positivamente tudo, desde cogumelo venenoso a estúpido, passando por outros termos

semelhantes, como bovino, mal-educado, presunçoso, imbecil e grosseiro. Pompeu Estrabão achava

que tinha procedido de forma correcta ao pedir o julgamento do seu superior; porém, para Escauro e

os outros chefes do Senado da altura, o que Pompeu Estrabão tinha feito era imperdoável. Ninguém

acusava um superior! E quem acusasse um superior nunca poria a hipótese de o levar a tribunal!

Posteriormente, Lúcio Márcio Filipe transformou o caso em motivo de chacota permanente,

sugerindo ao Senado que escolhesse um outro vesgo para presidir à acusação no julgamento que

Tito Albúcio teria forçosamente de enfrentar. O vesgo nomeado acabou por ser César Estrabão.

Havia muito sangue dos reis celtas em Pompeu Estrabão, embora ele clamasse que era

completamente romano. O argumento que mais utilizava para defender a sua romanidade era o facto

de pertencer à tribo Clustumina, uma tribo rural razoavelmente antiga cujos cidadãos viviam na

região oriental do vale do Tibre. Mas eram poucas as personalidades romanas que não sabiam que

os Pompeus se encontravam no Piceno muito antes da data da conquista romana dessa região. A

tribo criada para os novos cidadãos picentinos era a tribo Velina, e a maior parte dos vassalos que

viviam nas terras dos Pompeus, no Norte do Piceno e na Úmbria Oriental, pertenciam a essa tribo.

Diziam essas personalidades, cuja opinião contava em Roma, que os Pompeus eram Picentinos e

possuíam já vassalos muito antes de Roma ter alguma influência nessa zona de Itália;

posteriormente, teriam comprado o seu acesso a uma tribo melhor que a tribo Velina. Era uma zona

de Itália onde os Gauleses se tinham instalado profusamente após a malograda invasão da Itália

Central e de Roma pelo rei Breno, trezentos anos antes. E como, fisicamente, os Pompeus tinham

todos os traços dos Celtas, a opinião prevalecente em Roma era a de que os Pompeus eram pura e

simplesmente gauleses.

Fossem ou não gauleses, o certo é que, setenta anos antes, um Pompeu tinha feito finalmente a

inevitável viagem até Roma, e, passados vimte anos, fora eleito cônsul, depois de, sem o mínimo

escrúpulo, ter



subornado os eleitores. De início, este Pompeu - que tinha mais a ver com Quinto Pompeu Rufo do que com Pompeu Estrabão - tivera terríveis disputas com o grande Metelo Macedónico; no entanto, acabaram por

vencer as suas divergências e chegaram mesmo a partilhar o censorato. O que, tudo somado, significava que os Pompeus tinham definitivamente assentado arraiais em Roma.

O primeiro Pompeu do ramo Estrabão a instalar-se em Roma fora o pai de Pompeu Estrabão, o qual

conseguira um lugar no Senado e casara com a irmã do famoso autor satírico Caio Lucílio. Os Lucílios eram Campanianos que há muitas gerações se haviam tornado cidadãos romanos; eram muito ricos, e tinham

cônsules na família. Uma temporária falta de dinheiro transformara o pai de Pompeu Estrabão num marido desejável (e não só a falta de dinheiro, já que Lucília, de bela, não tinha nada). Infortunadamente, o pai de Estrabão morrera antes de conseguir um cargo de magistrado sénior - mas vivera o suficiente para assistir ao

nascimento de Cneu Pompeu, o vesgo Cneu Pompeu, imediatamente apelidado de Estrabão. Lucília tivera

outro filho, de seu nome Sexto, mas que morrera também demasiado jovem para poder ter algum êxito na

política. Por tudo isto, as esperanças da família acabaram, necessariamente, por recair todas em Pompeu Estrabão.

Estrabão não tinha qualquer tendência para os estudos; embora dispusesse de magníficos professores, era com muita dificuldade que aprendia fosse o que fosse. Confrontado com as ideias e os ideais gregos, o jovem Pompeu Estrabão taxara-os imediatamente de disparates produzidos por ociosos e recusara-os

terminantemente, por os achar completamente impraticáveis. Gostava dos senhores da guerra e dos intrusos internacionais que enxameavam a história romana. Enquanto *contubernalis* -.cadete - servindo sob as ordens de vários comandantes, Pompeu Estrabão não se tornara popular entre os seus pares - homens como Lúcio César, Sexto César, o medíocre Pompeu Rufo, seu primo, Catão Liciniano, Lúcio Cornélio Cina. Tinham feito dele o alvo preferido da sua chacota, não só por causa dos seus olhos atrozmente estrábicos, mas também porque era de uma grosseria, de uma estupidez que nem a melhor instrução romana conseguiria atenuar. Os seus primeiros anos no exército tinham sido uma verdadeira desgraça, e a sua actuação como tribuno dos soldados não fora melhor. Ninguém *gostava* de Pompeu Estrabão!



Tudo isto viria ele a contar mais tarde ao filho, um violento partidário do pai. Esse filho (então com quinze anos) e uma filha, Pompeia, eram fruto de mais um casamento luciliano; seguindo o

precedente aberto pelo pai, Pompeu Estrabão casou-se também com uma feia Lucília, filha de Caio

Lucílio Hirro, o irmão mais velho do famoso autor satírico. Felizmente, o sangue pompeu

conseguira vencer a fealdade luciliana, pois nem Estrabão nem o filho eram feios, tirando o

pormenor do estrabismo no caso do pai. Tal como várias gerações de Pompeus antes deles, tinham

tez clara, olhos azuis, nariz curto e achatado. No ramo Rufo, o cabelo era arruivado; no ramo

Estrabão, era de um louro dourado.

Quando avançou com as suas legiões para sul através do Piceno, Estrabão deixou o filho em Roma

com a mãe, a fim de que o jovem prosseguisse a sua instrução. Mas o filho, que também não era

nenhum intelectual e que fora, por outro lado, muito influenciado pelo pai, fez as malas e foi para a sua casa no Norte do Piceno; aí chegado, apresentou-se aos centuriões que tinham ficado a treinar

clientes de Pompeu, e submeteu-se a um rigoroso programa de treino militar, muito antes de poder

vestir a toga de homem adulto. Ao contrário do pai, porém, o jovem Pompeu foi alvo da adoração

generalizada de colegas e superiores militares. Dizia chamar-se Cneu Pompeu, sem apelido.

Ninguém nesse ramo da família usava apelido: a excepção era precisamente o seu pai, e o jovem

Pompeu não podia adoptar o apelido Estrabão porque não era estrábico. Os olhos do jovem Pompeu

eram muito grandes, muito azuis, e em tudo perfeitos. Os olhos, dizia a mãe babada, de um poeta.

Enquanto o jovem Pompeu esperava impacientemente em casa, Pompeu Estrabão prosseguia a sua

marcha para sul. Porém, ao atravessar o rio Tina, perto de Falerno, foi vítima de uma emboscada

montada por seis legiões de picentinos, sob as ordens de Caio Vidacílio, e viu-se limitado a uma

acção defensiva em que, por causa do rio, tinha muito pouca margem de manobra. Para as coisas

ficarem piores, apareceu também Tito Lafrénio com duas legiões de vestinos e, passado pouco

tempo, foi a fez de Públio Vétio Escalo com duas legiões de marsos! Os Italianos queriam todos

participar na primeira batalha.

*Strabo* significa ”vesgo”, ”estrábico”. *(N. do T.)*

544

Não se pode dizer que tivesse havido um vencedor. Com muito menos homens que os italianos,

Pompeu Estrabão conseguiu abandonar o rio praticamente intacto e, a toda a velocidade, conduziu o

seu exército para a cidade costeira de Firmo Picentino, onde se preparou para aguentar um

demorado cerco. Os italianos poderiam tê-lo aniquilado facilmente. Só que não tinham ainda

aprendido uma lição muito importante: é que havia uma característica dos militares romanos que

nunca falhava, e essa característica era precisamente a velocidade. Vendo as coisas por esse prisma

- e a velocidade, naquela situação, era um dado absolutamente vital -, Pompeu Estrabão fora o

vencedor, ainda que a vitória tivesse de ser atribuída oficialmente aos Italianos.

Vidacílio deixou Tito Lafrénio a guardar as muralhas de Firmo Picentino e partiu com Escalo para

outras batalhas. Entretanto, Pompeu Estrabão conseguiu enviar uma mensagem para Célio, que se

encontrava na Gália Italiana, pedindo que lhe enviasse reforços, tão depressa quanto possível. A sua

situação não era desesperada; tinha acesso ao mar e a uma pequena frota romana do Adriático de

que ninguém se tinha lembrado. Firmo Picentino era uma colónia latina, e leal a Roma.

Logo que souberam que Pompeu Estrabão avançara com o seu exército, os Italianos sentiram a sua

honra satisfeita: Roma era o agressor. No grande conselho, Mutilo e Silão dispunham agora de todo

o apoio que queriam. Silão permaneceu em Itália e mandou Vidacílio, Lafrénio e Escalo para norte,

ao encontro de Pompeu Estrabão, ao passo que Caio Pápio Mutilo, à frente de seis legiões, marchou

sobre Esérnia. Nenhum posto avançado latino iria impedir a autonomia de Ilália! Esérnia tinha de

cair.

Os dois lugares-tenentes júniores de Lúcio César revelaram imediatamente de que massa eram

feitos: com efeito, Cipião Asiático e Lúcio Acílio disfarçaram-se de escravos e fugiram da cidade

antes da chegada dos samnitas. Tal comportamento em nada perturbou a cidade de Esérnia.

Magnificamente fortificada e muito bem abastecida, a cidade fechou as suas portas e guarneceu as

suas muralhas com as cinco coortes de recrutas que os lugares-tenentes de Lúcio César lhe tinham

deixado (e tal era a ânsia dos dois em fugir, que nem um soldado levaram consigo). Mutilo

compreendeu desde logo que aquele seria um cerco prolongado, e, por isso, deixou Esérnia sob um

poderoso ataque lançado por duas das suas legiões, e, com as restantes quatro, tomou a direcção do

rio Vulturno, que separava as regiões oriental e ocidental da Campânia.

546

Quando chegou ao conhecimento dos romanos que os samnitas tinham avançado, Lúcio César

mudou-se para Nola, onde as cinco coortes de Lúcio Postúmio tinham dominado a insurreição

popular.

- Enquanto não souber quais são os planos de Mutilo, será melhor instalar também em Nola as

nossas legiões veteranas - disse ele a Sila quando se preparava para deixar Cápua. - Prossegue o teu

trabalho. Há um dado terrível, que temos de enfrentar: eles têm muito mais soldados do que nós.

Logo que possas, manda algumas tropas para Venafro, conduzidas por Marcelo.

- Já mandei - retorquiu laconicamente Sila. - A Campânia sempre foi a região preferida dos

veteranos depois de passarem à reserva, e, de facto, há um sem-número desses veteranos que se

apresentaram já para combater. Precisam apenas de um capacete na cabeça, de uma cota de malha,

de uma espada e de um escudo. Logo que consiga equipá-los, escolho os mais experientes para

servirem como centuriões, e envio-os para os locais que pretendes ver defendidos. Públio Crasso e

os seus dois filhos mais velhos foram para Lucânia ontem, com uma legião de veteranos na reserva.

- Devias ter-mo dito! - observou Lúcio César, um tanto irritado.

- Não, Lúcio Júlio, não devia - retorquiu firme e calmamente Sila. - Estou aqui para pôr em prática

os teus planos. Tu dizes-me quem deve ir para determinado local, e com quem, e eu trato de

cumprir as tuas ordens. Não precisas de me perguntar, tal como eu não preciso de te contar o que fiz

ou deixei de fazer.

- Quem mandaste, então, para Benevento? - perguntou Lúcio César, consciente de que as suas

fraquezas começavam a tornar-se visíveis; as exigências do seu cargo eram excessivas para ele.

Mas não eram excessivas para Sila que, naturalmente, não deixou que o outro percebesse a sua

satisfação. Mais tarde ou mais cedo as coisas tornar-se-iam demasiado complicadas para Lúcio

César - e então seria a sua vez. Deixou Lúcio César ir para Nola, sabendo que tal medida seria tão

temporária quanto fútil. Como seria de esperar, quando soube do assalto a Esérnia, Lúcio César

regressou a Cápua, decidindo então que o melhor seria marchar sobre Esérnia, a fim de tentar

libertar a cidade. Mas as zonas centrais da Campânia, à volta do Vulturno, tinham-se revoltado,

havia legiões samnitas por todo o lado, e corria o boato de que Mutilo se encaminhava agora para

Benevento.

547

A parte norte da Campânia era ainda uma região segura, dado que mais romana; Lúcio César, à

frente das suas duas legiões veteranas, seguiu por Teano dos Sidicinos e por Interamna, cidades

fiéis: essa seria talvez a melhor maneira de se aproximar de Esérnia sem grandes problemas. Mas o

que ele não sabia era que Públio Vétio Escaulo, dos Marsos, tinha abandonado o cerco a Pompeu

Estrabão em Firmo Picentino, e avançava também sobre Esérnia, contornando o lago Fucino. Os

dois exércitos encontram-se entre Atina e Casino.

Nenhum dos exércitos estava à espera de tal encontro. Nada naquela batalha fora organizado, tanto

de um lado como do outro. Para mais, a batalha foi travada num desfiladeiro, o que complicou ainda

mais as coisas. Lúcio César acabou por ser derrotado. Retirou-se então para Teano dos Sidicinos,

deixando dois mil preciosos veteranos mortos no campo de batalha. Escaulo, por seu turno,

continuou a sua marcha em direcção a Esérnia. Desta feita, os Italianos podiam indubitavelmente

clamar vitória, e foi isso que fizeram.

Nunca tendo aceite por completo o domínio romano, as cidades do Sul da Campânia, incluindo

Nola e Venafro, declararam todas o seu apoio à nova nação, Itália. Marco Cláudio Marcelo e as suas

tropas fugiram, por isso, de Venafro antes que chegasse o exército samnita; porém, em vez de

retirarem para uma cidade segura como Cápua, Marcelo e os seus homens preferiram ir para

Esérnia. Deram com os italianos - os marsos, chefiados por Escaulo, e os samnitas cercando a

cidade. Marcelo, porém, não deixou de aproveitar a fraca vigilância dos italianos. Durante a noite,

todos os romanos conseguiram entrar na cidade. E assim Esérnia ficou com um comandante

corajoso e capaz, e com dez coortes de legionários romanos.

Lambendo as suas feridas em Teano dos Sidicinos, tão taciturnamente como um cão velho que

acabasse de perder a sua primeira batalha. Lúcio Júlio, deprimido e desanimado, viu-se

bombardeado por uma sucessão imparável de más notícias; Venafro perdida, Esérnia fortemente

atacada, Nola com dois mil soldados romanos prisioneiros, incluindo o pretor Lúcio Postúmio, e

Públio Crasso e os seus dois filhos encerrados na cidade de Grumento pelos Lucanos, agora também

participando na revolta, e muito bem conduzidos por Marco Lampónio. Para cúmulo, a espionagem

de Sila informava que os Ápulos e os Venusinos estavam prestes a declarar o seu apoio à Itália.

548

Mas tudo isso era muito pouca coisa, se comparado com as provações por que passava Públio

Rutílio Lupo a leste de Roma. Tudo começou quando Caio Perperna chegou com uma legião de

recrutas em vez de duas legiões veteranas; depois disso, tudo foi de mal a pior. Enquanto Mário se

entregava ao trabalho de recrutamento e equipamento de homens e Cepião fazia exactamente o

mesmo, Lupo lançava-se numa batalha epistolar com o Senado romano. Havia elementos

insurrectos no seio das suas próprias forças e mesmo entre os seus lugares-tenentes, escrevinhava

Lupo furiosamente: que ia fazer o Senado a esses elementos? Como podia ele conduzir uma guerra

se tinha inimigos no seu próprio exército? Roma queria ou não queria que ele protegesse Alba?

Como podia ele proteger Alba se não tinha um único legionário com experiência? E quando é que

chamavam Pompeu Estrabão a Roma? E quando é que o julgavam por traição? E quando é que o

Senado lhe dava as duas legiões de veteranos que Pompeu Estrabão lhe roubara? E quando é que o

livravam daquele intolerável insecto que dava pelo nome de Caio Mário?

Lupo e Mário encontravam-se acampados na Via Valéria, nas cercanias de Carséolos, e protegidos

por boas fortificações (graças a Mário, que pusera os recrutas a cavar; sempre que Lupo se queixava

de que os recrutas estavam a cavar, em vez de estarem a treinar, Mário respondia-lhe que aquela era

uma excelente maneira de exercitarem os músculos). Cepião ficou numa posição mais recuada, nas

cercanias da cidade de Vária, mas também na Via Valéria. Lupo não estava enganado quanto a um

pormenor: ninguém se entenderia na equipa que comandava. Cepião mantinha-se longe de

Carséolos e do seu chefe, porque, dizia ele, não suportava a atmosfera tensa que se vivia na tenda de comando. E Mário - que supunha que o seu comandante marcharia contra os Marsos logo que visse

um número suficiente de soldados nas paradas - não parava de se queixar. Aquelas tropas, dizia, não

tinham a mínima experiência, precisariam de pelo menos cem dias de treino para enfrentarem fosse

que batalha fosse, uma grande parte do equipamento era mau, o melhor era Lupo aceitar as coisas,

tal como elas eram, em vez de estar constantemente a bater no caso de Pompeu Estrabão e das

legiões roubadas.

Mas se Lúcio César era um comandante indeciso, Lupo era um comandante perfeitamente

incompetente. Tinha uma experiência militar diminuta, e pertencia àquela escola de generais de

gabinete que acreditava



que qualquer legião inimiga estava derrotada mal visse uma legião romana. Além disso, nutria um

profundo desprezo pelos Italianos: para ele, um italiano era sempre um camponês e um patife. Não

mais do que isso. Em sua opinião, poderiam avançar logo que Mário tivesse reunido e armado

quatro legiões. No entanto, esquecia-se das posições de Mário. E Caio Mário pensava que os

soldados só deveriam entrar em acção quando estivessem adequadamente treinados. Por isso,

quando Rufo ordenou a Mário que avançasse sobre Alba, Mário, pura e simplesmente, recusou. E

dada a recusa de Mário, todos os outros lugares-tenentes recusaram também.

Rufo enviou então mais cartas para Roma. Acusava os seus lugares-tenentes de revolta. Já não era

só insubordinação. E Caio Mário era o responsável.

Deste modo, Lupo não ordenou qualquer movimentação até fins de Maio, altura em que reuniu um

conselho e mandou Caio Perperna pegar na legião de recrutas capuanos e na melhor legião a seguir

a essa, e avançar com elas ao longo da Via Valéria, até às terras dos Marsos. O seu objectivo era

Alba, cidade que deveria libertar, caso os marsos a tivessem cercado, ou guarnecer, para o caso de

os marsos a atacarem. Mário opôs-se, uma vez mais, mas desta feita a sua opinião foi derrotada; os

recrutas, disse Lupo com razão, já tinham acabado o seu período de treino. Perperna e as suas duas

legiões avançaram então pela Via Valéria, em direcção a Alba.

As tropas tinham de seguir por um desfiladeiro rochoso, a mil e duzentos metros de altitude, e as

neves do Inverno não se tinham ainda inteiramente derretido. As tropas começaram a queixar-se do

frio e Perperna, mais preocupado com o conforto do que com a vida dos seus soldados, esqueceu-se

de distribuir sentinelas pelos pontos altos da região que atravessavam. Públio Presenteio atacou a

coluna romana, numa altura em que ela se encontrava inteiramente cercada pelas ravinas,

conduzindo quatro legiões de pelignos que estavam positivamente loucos por obter uma vitória. E a

vitória foi deles, uma vitória tão saborosa quanto total. Quatro mil soldados romanos morreram às

mãos dos pelignos, deixando-lhes todas as suas armas e armaduras; aliás, os pelignos ficaram

também com as armaduras dos seis mil homens que sobreviveram, pois estes, para correram mais

depressa, viram-se obrigados a despi-las. Perperna foi, aliás, um dos corredores mais rápidos das

hostes fugitivas romanas.

550

Em Carséolos, Lupo destituiu Perperna e mandou-o para Roma, condenando-o à mais terrível das

desonras.

- Foi uma perfeita estupidez - disse Mário, que há muito deixara de tratar o comandante por Públio

Rutílio; custava-lhe muito tratar, por um nome que lhe era tão querido, uma pessoa que, de modo

nenhum, o merecia. - Não podes atribuir todas as culpas a Perperna, ele não passa de um amador

nas coisas militares. O erro *é* teu, e de mais ninguém. Eu bem te disse: os homens não estavam preparados. E, além disso, deviam ter sido comandados por alguém que entendesse alguma coisa de

soldados inexperientes - ou seja, deviam ter sido comandados por mim.

- Trata da tua vida e deixa-me em paz! - atirou-lhe Lupo. - E não te esqueças de que só uma coisa te

deve preocupar: dizer que sim a tudo o que eu te mando fazer!

- Não te vou dizer que sim, se me quiseres dar o teu rabo! atirou-lhe Mário, as sobrancelhas

tocando-se por sobre a cana do nariz, o que lhe dava um ar ainda mais agressivo. - És um idiota, um

incompetente chapado!

- E eu mando-te já para Roma! - gritou Lupo.

- Como podes mandar-me para Roma, se nem autoridade tens para mandar a tua avó dar um passeio

ao quarteirão? - exclamou Mário com desprezo. - Quatro mil homens mortos, quatro mil homens

que um dia poderiam vir a ser soldados decentes, e seis mil sobreviventes nus que deviam ter sido

açoitados! Não culpes Caio Perperna, culpa-te unicamente a ti! - Mário abanou a cabeça, bateu com

a palma da mão na sua flácida bochecha esquerda. - Ah, tenho a sensação de que recuei vinte anos

no tempo! Estás a fazer o mesmo que todos os outros loucos do Senado: estás a matar homens que

poderiam ser bons soldados!

Lupo pôs-se muito direito, mas nem mesmo assim conseguia ter um ar imponente.

- Eu não sou apenas o cônsul, sou também o comandante-chefe deste teatro de guerra - disse ele

altivamente. - Dentro de precisamente oito dias - hoje, lembro-te, são as Calendas de Junho - ambos

marcharemos em direcção a Nursas, aproximando-nos das terras dos Marsos, pelo norte.

Avançaremos em duas colunas, cada uma com duas legiões, e atravessaremos o Velino

separadamente. Há apenas duas pontes entre esta região e Reate, e nenhuma delas é suficientemente



larga para comportar oito homens, lado a lado. É por isso que teremos de avançar em duas colunas.

De outro modo, demoraríamos demasiado tempo a atravessar o rio. Usarei a ponte que fica mais

perto de Carséolos, ao passo que tu usarás a que fica perto de Clitérnia. Reunir-nos-emos junto ao

rio Himela, para lá de Nursas, entraremos na Via Valéria, imediatamente antes de Antino.

Entendido, Mário?

- Entendido - disse Mário. - É uma estupidez, mas está entendido. O problema, Lupo, é que é muito

provável que haja legiões italianas a oeste das terras dos Marsos.

- Não há nenhuma legião italiana a oeste das terras dos Marsos

- retorquiu Lupo. - Os pelignos que montaram a emboscada a Perperna voltaram para leste.

Mário encolheu os ombros.

- Faz como quiseres. Mas não digas que não te avisei. Puseram-se a caminho oito dias depois, Lupo

à frente com as suas duas legiões, Mário seguindo-o até chegar a altura de avançar sozinho para

norte, deixando Lupo a pouca distância da ponte sobre o veloz e frio Velino, cujo caudal

engrossara, graças ao degelo das neves. Logo que a coluna de Lupo desapareceu do horizonte,

Mário conduziu os seus soldados para uma floresta situada perto e ordenou-lhes que acampassem

aí, sem fazerem fogo.

- Vamos seguir o Velino até Reate. Do outro lado do rio há montanhas muito altas - disse ele ao seu

primeiro lugar-tenente, Aulo Plócio. - Se eu fosse um italiano astucioso e decidido a vencer Roma

nesta guerra, e sabendo já da tremenda desordem que grassa entre as nossas forças, poria os meus

homens de vista mais apurada no alto dessas montanhas, vigiando eventuais movimentos de tropas

deste lado do rio. Os Italianos devem saber que Lupo tem estado parado há meses em Carséolos,

por isso é natural que estejam à espera que ele avance e, neste momento, estão por certo a vigiar os

seus movimentos. Aniquilaram o seu último esforço. Agora, estão à espera do esforço seguinte. Por

isso, ficaremos nesta bela floresta até chegar a noite e depois avançaremos o melhor que pudermos

até nascer o dia; nessa altura, voltaremos a esconder-nos numa floresta. Não vou expor os meus

homens enquanto eles não atravessarem aquela ponte, a toda a velocidade.

Plócio era jovem, mas não tão jovem que não tivesse participado, como tribuno júnior, na guerra

contra os Cimbros, na Gália Italiana; estivera sob as ordens de Catulo César, mas, como toda a

gente que



servira nessa campanha, sabia que os louros da vitória iam todos para Mário. E, enquanto escutava

as palavras de Mário, apercebia-se do seu contentamento pelo facto de ter tido a sorte de ficar com

Mário e não com Lupo. Antes de deixarem Carséolos, lamentara, em tom de brincadeira, a sorte do

lugar-tenente de Lupo, Marco Valério Messala, que também preferia ir na coluna de Mário.

Caio Mário chegou, finalmente, à sua ponte no décimo segundo dia de Junho, depois de avançar a

um ritmo tremendamente lento, porque não havia luar nem havia estradas, a não ser um caminho

serpenteante que desde logo recusara. Tomou as suas disposições cuidadosamente, e com o

conhecimento seguro de que ninguém estava a observá-los das montanhas da outra margem, pois,

sem ser visto, vigiara atentamente as eventuais movimentações no outro lado do rio. As duas

legiões mostravam-se animadas e prontas a fazer tudo o que Mário lhes mandasse fazer; aqueles

soldados eram exactamente o mesmo tipo de homens que tinham avançado com Perperna e que

tanto se tinham queixado do frio e do nulo conforto da expedição; vinham aliás das mesmas cidades

e das mesmas terras que os soldados de Perperna. No entanto, os soldados de Mário sentiam-se

confiantes, prontos para tudo, incluindo a batalha, e obedeciam, à risca, às ordens que lhes eram

dadas. E porque, pensou Plócio, são homens de Mário, ainda que isso signifique que têm de ser

também as mulas de Mário. Porque, como de costume, Mário marchava sem carros para o

transporte de bagagens ou equipamento, ao contrário de Lupo, que levara um verdadeiro comboio.

Plócio, já do outro lado do rio, procurou um ponto elevado, de onde pudesse observar aqueles

valentes soldados que atravessavam a ponte, fazendo-a balançar. O rio corria bem cheio, fazendo

um barulho ensurdecedor. Plócio instalou-se então, num pequeno promontório que se elevava sobre

o estreito leito do rio. A certa altura, reparou que, do lado sul desse promontório, havia uma

pequena baía cheia de remoinhos e de corpos. De início, quase nem ligou aos corpos, mas depois,

subitamente, apercebeu-se com horror de que aqueles eram os cadáveres de soldados! Duas ou três

dezenas de cadáveres boiando nas águas dos rios! E as plumas que tinham nos capacetes indicavam

que aqueles eram soldados romanos.

Correu, imediatamente, na direcção de Mário que, mal olhou para o triste espectáculo, compreendeu

o que se passara.

553

- Lupo - disse ele num tom grave. - O inimigo atacou-o deste lado da ponte. Dá-me uma ajuda,

Plócio.

Plócio ajudou, então, Mário a puxar um dos cadáveres para a margem do rio. Mário virou o cadáver

e fitou aquele rosto branco como a cal, marcado pelo terror.

- Foi ontem - disse ele, e deixou o corpo regressar às águas. Gostaria de parar e de dar sepultura

condigna a estes pobres homens, mas não temos tempo, Aulo Plócio. Junta as tropas à saída da

ponte, em ordem de marcha de batalha. Eu falar-lhes-ei logo que tudo esteja pronto. E despacha-te!

Julgo que os italianos não sabem que estamos aqui. É por isso possível que consigamos vingar, pelo

menos em parte, esta carnificina.

Públio Vétio Escalo, conduzindo duas legiões de marsos, tinha deixado os arredores de Esérnia um

mês antes. Dirigiu-se para Alba, a fim de se encontrar com Quinto Popaedius Silão, que cercava

essa cidade (que dispunha do estatuto concedido pelos Direitos Latinos), poderosamente fortificada

e decidida a resistir. Silão resolvera permanecer em território marso, a fim de manter o esforço de

guerra no seu máximo, mas a espionagem já há muito que o tinha informado de que os romanos

estavam a treinar tropas em Carséolos e Vária.

- Vai até lá ver como estão as coisas - disse ele, então, a Escaulo. Escalo encontrou Presenteio e os seus soldados pelignos perto de Antino. Presenteio informou-o da fragorosa derrota de Perperna;

vencidos os romanos, voltava agora para leste, a fim de entregar os despojos da batalha à campanha

de recrutamento dos Pelignos. Escaulo seguiu então para oeste e fez precisamente o que Mário

previra que qualquer italiano astucioso faria; dispôs homens de vista apurada nos cumes das

montanhas do outro lado do rio Velino. Entretanto, montou um acampamento naquela margem do

rio, a meio caminho entre as duas pontes, e começava justamente a pensar que deveria aproximar-se

mais de Carséolos, quando lhe apareceu um mensageiro, anunciando que um exército romano

atravessava, naquele momento, a ponte situada a sul.

Deliciado e estupefacto, o próprio Escalo viu Lupo conduzindo os seus soldados através da ponte, e

cometendo todos os erros possíveis. Ainda antes de entrarem na ponte, permitiu que os soldados

desfizessem as filas ordenadas em que seguiam desde o início da marcha; depois de terem

atravessado a ponte, deixou-os andar às voltas pela praia, na maior desordem. A única coisa com

que Lupo realmente se preocupava



era com o comboio das bagagens. Encontrava-se ainda na ponte, vestido unicamente com uma

túnica, quando Escalo e os marsos caíram sobre o seu exército. Oito mil legionários morreram no

campo de batalha, incluindo Públio Rutílio Lupo e o seu lugar-tenente, Marco Valério Messala.

Cerca de dois mil conseguiram fugir, atirando os carros puxados por bois para o rio, e deixando na

ponte as suas cotas de malha, as espadas e os capacetes. O seu destino só podia ser um: Carséolos.

Era o décimo primeiro dia de Junho.

A batalha, se assim se lhe podia chamar, deu-se ao fim da tarde. Escalo decidiu, então, ficar onde

estava, em vez de mandar os seus homens para o acampamento, para passarem a noite. Ao princípio

da manhã, tratariam de recolher os cadáveres, empilhando-os e queimando-os depois, e de conduzir

para a margem os carros abandonados. Havia, por certo, nesses carros cereais e outras rações.

Levariam também consigo os armamentos capturados. Que magníficos despojos! Lutar com

romanos era tão fácil como lutar com um bebé, pensou Escaulo, complacentemente. Nem sequer

sabiam proteger-se quando executavam manobras em território inimigo! O que era, sem dúvida,

muito estranho. Como tinham eles conseguido conquistar metade do mundo e manter a outra

metade num estado de perpétuo temor?

Estava prestes a encontrar resposta para tal pergunta. Mário avançava já, e agora seria a vez de

Escaulo sofrer um ataque, com os seus soldados em total desordem.

Mário encontrara primeiro o acampamento marso, completamente deserto. Levou tudo o que havia

no acampamento: bagagens, muita comida, imenso dinheiro. Mas essa operação, ainda que fácil,

decorreu da forma mais ordenada possível. De facto, Mário deixou o seu pessoal não combatente no

acampamento, efectuando tal operação, enquanto avançava com as suas legiões ao encontro dos

marsos. Cerca do meio-dia, estava perante as tropas marsas que, por essa altura, se dedicavam à

tarefa de tirar as armaduras dos cadáveres.

- Ah, óptimo! - gritou ele para Aulo Plócio. - Os meus homens vão começar da melhor maneira:

impondo uma tremenda derrota ao inimigo! Dá-lhes confiança! Vão ser veteranos antes do tempo!

De facto, aquela batalha proporcionou aos romanos uma vitória impressionante. Escaulo fugiu a

toda a pressa para as montanhas, deixando atrás de si dois mil marsos mortos, bem como tudo o que

o seu exército possuía. Mas as honras, pensou Mário com alguma tristeza,

iam ainda, todas, para os Italianos que, em termos de soldados mortos, tinham, no cômputo das duas

batalhas, vencido claramente. Tantos meses de recrutamento e treino para nada, pensou Mário. Oito

mil homens mortos porque eram conduzidos por um louco.

Encontraram os corpos de Lupo e Messala junto à ponte.

- Lamento a sorte de Marco Valério. Creio que teria feito uma bela carreira - disse Mário a Plócio. -

Mas fico profundamente satisfeito por a deusa Fortuna ter abandonado Lupo! Se ele tivesse

escapado, perderíamos muito mais homens.

Plócio não lhe respondeu.

Mário enviou os corpos do cônsul e do lugar-tenente para Roma, sob escolta do seu único

esquadrão de cavalaria. Com tal cortejo, seguiu também uma carta em que explicava como tudo

acontecera. Era tempo, pensou com amargura Caio Mário, de Roma apanhar um bom susto. Caso

contrário, nunca ninguém iria acreditar que se travava uma guerra contra as nações italianas. E

nunca ninguém iria acreditar que os Italianos eram magníficos soldados.

Escauro Princeps Senatus enviou-lhe duas respostas, uma em nome do Senado, e a outra em seu

próprio nome.

*Lamento sinceramente que a resposta oficial diga o que diz, Caio Mário. Não foi por influência minha, disso podes estar certo. O problema, meu velho, é que não tenho já a energia necessária para manobrar sozinho um corpo de trezentos homens. Fi-lo há mais de vinte anos, relativamente ao caso de Jugurta - mas o que conta são precisamente os últimos vinte anos. Não que haja, agora, trezentos homens no Senado. Haverá cem, quando muito. Os senadores com menos de trinta e cinco anos estão todos integrados no serviço militar*

*- tal como alguns dos mais velhos, incluindo uma certa pessoa chamada Caio Mário.*

*Foi um espectáculo terrível quando o teu pequeno comboio fúnebre chegou a Roma. Toda a cidade desatou a gritar e a arrancar o cabelo, ou mesmo a bater no peito, com tanta força, que por certo as feridas abundavam. É que, de repente, a guerra tornou-se* real. *Talvez fosse esta a única maneira de os levar a perceber isso. O nosso moral foi por água abaixo. Num ápice, mais depressa que um relâmpago. Antes de o cadáver do cônsul ter chegado ao Fórum, creio que toda a gente em Roma - incluindo os senadores e cavaleiros! - pensava que esta*



*guerra não passava de uma sinecura. O desmentido chamava-se Lupo, morto por um italiano, num campo de batalha a poucos quilómetros de Roma. Foi um momento terrível, quando saímos todos da Cúria Hostília e, estupefactos, fitámos os corpos de Lupo e Messala - disseste à escolta para descobrir os corpos antes de chegarem ao Fórum? Aposto que disseste!*

*Seja como for, toda a Roma está de luto: por todo o lado se vê gente vestindo de negro. Todos os homens que ficaram no Senado vestem o* sagum *em vez da toga, e uma estreita faixa de cavaleiro nas suas túnicas, em vez do* lactus clavus. *Os magistrados curuis desfizeram-se de todas as suas insígnias, e na Cúria e nos tribunais sentam-se, agora, em vulgaríssimos bancos de madeira. Fala-se já em aprovar leis sumptuárias. Roma passou do alheamento total ao extremo oposto. Por todo o lado se ouve a interrogação: será que vamos perder a guerra?*

*Como verás, a resposta oficial incide sobre dois assuntos diversos e tem, por isso, duas partes distintas.*

*Quanto à primeira parte, devo dizer que, pessoalmente, a deploro, mas a verdade* é *que me obrigaram a calar-me, em nome da "emergência nacional". A saber: em toda e qualquer guerra futura, os mortos, desde o mais insignificante soldado ao general, terão um funeral e todas as exéquias possíveis no campo. Nenhum cadáver voltará a Roma, porque se teme que um tal retorno possa afectar gravemente o moral dos Romanos.*

*Enfim, um disparate pegado! Mas foi assim que eles quiseram.*

*A segunda parte, Caio Mário, é muito pior. Conhecendo-te como te conheço, sei que vais ler a resposta oficial em frente de todos os teus oficiais. Digo-te, por isso, sem mais delongas, que o Senado se recusou a dar-te o supremo comando. Quer dizer, não te afastaram* propriamente - *não tiveram a coragem necessária para o fazer. Em vez disso, obrigam-te a partilhar o comando com Cepião. Não podiam ter tomado medida mais asinina, estúpida e ineficaz. Aliás, teria sido mais inteligente pôr Cepião à tua frente no comando. Mas suponho que lidarás com esta situação, no teu inimitável jeito.*

*Ah, a raiva com que eu fiquei! Mas o problema é que as criaturas que ficaram no Senado são tal e qual os bocadinhos de merda*

*ressequida que ficam dependurados do cu da ovelha. A lã, a boa lã, está em campanha*

*- ou então, como é o meu caso, ficou em Roma porque tinha um trabalho afazer. Em Roma, é muito pouca a lã, se comparada*

557

*com a merda ressequida. Nesta altura, sinto-me perfeitamente a mais. Quem manda é Filipe. És capaz de imaginar a situação? Já era uma tristeza ter de aguentá-lo como cônsul naqueles dias terríveis que conduziram ao assassínio de Marco Lívio, mas agora ele está pior. E os cavaleiros, nos Comitia, vão-lhe comer à mão. Escrevi a Lúcio Júlio, pedindo-lhe que regressasse a Roma a fim de escolher um cônsul* suffectus *para o lugar de Lupo, mas ele respondeu-me que tínhamos de nos aguentar como estávamos, porque ele não podia deixar a Campânia, um dia só que fosse. Eu faço o que posso, mas a verdade, Caio Mário, é que já estou muito velho.*

*Claro que Cepião vai ficar insuportável quando souber as notícias. Mas eu arranjei as coisas para que tu fosses o primeiro a saber. Terás tempo para te preparares para enfrentar o pavão. Um único conselho te posso dar: trata do caso à tua maneira.*

No entanto, quem acabou por tratar do caso foi Fortuna - e de uma maneira brilhante, decisiva,

irónica. Cepião aceitou o comando partilhado, com extrema confiança, pois tinha posto em fuga

uma legião de marsos em Vária, enquanto Mário vencia Escalo nas margens do Velino.

Equiparando o seu pequeno êxito à vitória de Mário, informou o Senado de que fora *ele* quem

obtivera a primeira vitória da guerra: precisamente no dia 10 de Junho, ao passo que a vitória de

Mário ocorrera passados três dias. E, entre essas duas datas, houvera uma terrível derrota, cuja

responsabilidade Cepião atribuía a Mário e não a Lupo.

Para seu grande vexame, Mário pareceu não ficar nada preocupado com a questão dos louros da

primeira vitória ou com o que Cepião pretendia fazer em Vária. Quando Cepião lhe ordenou que

regressasse a Carséolos, Mário, pura e simplesmente, ignorou-o. Depois de ter ocupado o

acampamento de Escalo junto ao Velino, fortificou-o poderosamente, e pôs todos os homens de que

dispunha a treinar e a retreinar as suas tropas. Entretanto os dias iam passando e Cepião manifestava o seu agastamento por lhe ser negada a hipótese de invadir as terras dos Marsos. Para além de ter

herdado os sobreviventes das tropas de Lupo, cerca de cinco coortes, Mário dispunha de dois terços

dos seis mil homens que haviam fugido ao exército de Presenteio; todos estes homens encontravam-

se agora reequipados. Mário podia, Pois, contar com um total de três legiões muito fortes. Segundo

afirmara

numa carta, só avançaria com aqueles soldados quando eles estivessem a *seu* gosto, e não ao gosto de um qualquer cretino que nem era capaz de distinguir a vanguarda das alas.

Cepião dispunha de legião e meia, que redistribuíra de forma a obter duas unidades pouco seguras.

Não sentia a confiança suficiente para avançar. Por isso, enquanto Mário treinava incansavelmente

os seus homens, Cepião aguardava, quieto e furioso, em Vária. Junho passou, veio Julho, e Mário

continuava a treinar os seus homens, enquanto Cepião nada vazia em Vária, a não ser dar largas à

sua raiva. Tal como sucedera com Lupo, também Cepião passava uma boa parte do seu tempo a

escrever queixas ao Senado, onde Escauro e Aenobarbo Pontifex Maximus e Quinto Múcio Cévola

e mais uns quantos homens intransigentes nas suas posições faziam gorar todas as tentativas de

Lúcio Márcio Filipe para afastar Caio Mário do comando.

Em meados de Julho, Cepião teve uma visita. Nada mais nada menos do que Quinto Popaedius

Silão, dirigente dos Marsos.

Silão chegou ao acampamento de Cepião com dois escravos com um ar perfeitamente aterrorizado,

um burro muitíssimo carregado, e dois bebés, aparentemente gémeos. Avisado da chegada de tais

visitas, Cepião dirigiu-se ao fórum do acampamento, onde deparou com Silão, vestido de armadura

completa, e com a pequena comitiva uns passos atrás. Os bebés, ao colo da escrava, estavam

envoltos em cobertores roxos bordados a ouro.

Quando viu Cepião, o rosto de Silão alegrou-se.

- Quinto Servílio, mas que bom que é voltar a ver-te! - exclamou, avançando com a mão direita

estendida.

Consciente de que muitos olhos seguiam aquela cena, Cepião pôs um ar muito altivo e ignorou a

mão que o dirigente italiano lhe estendia.

- Que pretendes? - perguntou Cepião com o maior desprezo. Silão deixou cair o braço, conseguindo

que nesse seu gesto não

houvesse o mínimo traço de humilhação.

- Procuro a protecção de Roma - disse. - E, em atenção a Marco Lívio Druso, preferi entregar-me a

ti e não a Caio Mário.

Ligeiramente acalmado por esta resposta - e consumido pela curiosidade -, Cepião mostrou-se

hesitante.

- Porque precisas da protecção de Roma? - perguntou ele, os seus olhos percorrendo todos os

actores daquela cena, desde Silão aos bebés, e dos escravos ao burro.

559

- Como sabes, Quinto Servílio, os Marsos apresentaram a Roma uma declaração formal de guerra -

retorquiu Silão. - O que tu não sabes é que foi graças aos Marsos que as nações italianas demoraram

tanto tempo a lançar a sua ofensiva, após essa declaração de guerra. Nas assembleias realizadas em

Corfínio, que ora se chama Itálica, pedi constantemente o adiamento da ofensiva e, secretamente,

sempre nutri a esperança de que não haveria guerra. Porque considero esta guerra uma guerra sem

sentido, uma guerra odiosa, uma guerra ruinosa. A Itália *não pode* vencer Roma! Alguns membros do conselho começaram a acusar-me de simpatias romanas, o que eu neguei. Foi então que Públio

Vétio Escalo, o meu pretor!, regressou a Corfínio, após a batalha com Lupo, o cônsul, que venceu, e

a batalha com Mário, em que saiu derrotado. Escalo acusou-me de conluio com Caio Mário, e toda

a gente acreditou nele. Subitamente todos me tratavam como um proscrito! Só não fui morto devido

ao facto de o júri ter uma imensidão de membros, precisamente os quinhentos conselheiros do

grande conselho italiano. Enquanto deliberavam, deixei a cidade e, a toda a pressa, segui para a

minha terra natal, Marrúvio. Sabendo, porém, que Escaulo me perseguia, concluí que as terras dos

Marsos não poderiam ser para mim um abrigo seguro. Por isso peguei nos meus filhos gémeos,

Itálico e Mársico, e com eles fugi, esperando obter a protecção de Roma.

- E que te leva a pensar que aceitaremos proteger-te? - perguntou Cepião, cheirando à sua volta.

Mas que cheiro estranho aquele! pensou.

- Nada fizeste por Roma.

- Fiz, sim, Quinto Servílio! - disse Silão, apontando para o burro.

- Roubei o tesouro dos Marsos e quero oferecê-lo a Roma. O burro traz apenas uma pequena porção

desse tesouro. Uma porção ínfima! A alguns quilómetros daqui, bem escondidos num vale, há mais

trinta burros, todos eles carregados com pelo menos tanto ouro como o que este traz.

Ouro! Era a ouro que lhe cheirava! Toda a gente insistia que o ouro não tinha cheiro; mas Cepião

sabia que tinha, tal e qual como o pai dele. Todos os Quintos Servílios Cepiões sabiam que o ouro

tinha um odor muito particular.

- Deixa-me ver - disse ele, aproximando-se do burro.

Os cestos estavam bem escondidos sob uma capa que Silão retirou. Sim, lá estava ele, o ouro. Ouro.

Cinco lingotes grosseiros em cada

560

cesto, resplandecendo ao sol. E todos os lingotes marcados com a cobra dos Mansos.

- Cerca de três talentos - disse Silão, cobrindo de novo os cestos, olhando à sua volta ansioso, com

medo de que alguém estivesse a ver. Depois de bem amarrada a capa que cobria os cestos, Silão

fitou Cepião com os seus belos olhos verdes-amarelados, uns olhos em que Cepião, estupefacto,

confuso, julgava ver saltitar pequenas chamas. Este burro é teu - disse Silão. - E talvez possas ficar com mais dois ou três, se me deres a tua protecção pessoal, bem como a de Roma.

- Tens a minha protecção, e a de Roma - retorquiu imediatamente Cepião, com um sorriso de

ganância. - Mas ficarei com cinco burros.

- Como queiras, Quinto Servílio. - Silão soltou um sentido suspiro.

- Ah, que cansado estou! Há três dias que corro.

- Então descansa - disse Cepião. - Amanhã conduzir-me-ás a esse tal vale. Quero *ver* todo esse ouro!

- Será melhor que leves o teu exército - disse Silão enquanto se encaminhavam para a tenda do

comandante, a escrava atrás com os bebés. Eram uns bebés muito sossegados: não choravam, não se

mexiam sequer. - A esta hora já eles sabem o que é que eu fiz, e são muito capazes de manter a

perseguição. Suponho que eles vão perceber que fim pedir asilo a Roma.

- Deixa-os perceber! - retorquiu Cepião, francamente contente. As minhas duas legiões estão à

altura dos Marsos! - Abriu a tenda, deixando entrar primeiro o visitante. - Ah, claro, terás de deixar os teus filhos no acampamento enquanto estivermos fora.

- Eu compreendo - respondeu Silão com dignidade.

- Parecem-se contigo - disse Cepião quando a escrava deitou os bebés num divã a fim de lhes mudar

as fraldas. E de facto pareciam-se com Silão: ambos tinham os seus olhos. Cepião estremeceu de

surpresa.

- Mas o que é isto? Pára-me já com isso, rapariga! - disse ele para a escrava. - A minha tenda não é

sítio para cagadelas de bebés! Espera que eu arranje uma tenda para o teu amo, depois poderás fazer

o que tens a fazer.

Como fora decidido, quando Cepião partiu em busca do ouro na manhã seguinte, a escrava de Silão

ficou no acampamento com os gémeos reais; o ouro ficou também no acampamento, bem escondido

na tenda de Cepião.

561

- Sabias, Quinto Servílio, que Caio Mário, neste preciso momento, se encontra cercado por dez

legiões de picentinos, pelignos e marrucinos? - perguntou Silão.

- Não me digas! - exclamou, surpreendido, Cepião, que seguia ao lado de Silão à frente das duas

legiões. - *Dez* legiões? Será que ele vai vencer?

- Caio Mário vence sempre - retorquiu tranquilamente Silão.

- Hum! - fez Cepião.

Tinham percorrido um breve trecho da Via Valéria, dirigindo-se depois para sudoeste, ao longo do

Ânio, na direcção de Subláceo. Silão insistia que era melhor seguirem a um ritmo que não

sacrificasse demasiado a infantaria, mas Cepião, impaciente por ver o ouro, não queria perder um

segundo.

- O ouro está seguro, não sai do esconderijo - disse Silão, tentando acalmá-lo. - Seria bom que as

tuas tropas estivessem connosco, e em boas condições físicas, quando lá chegarmos. Seria bom para

mim e para ti, Quinto Servílio.

A região era acidentada, mas não demasiado; não muito longe de Subláceo, Silão parou.

- É ali! - disse ele, apontando para um monte situado na outra margem do Ânio. - Atrás daquele

monte, fica o vale secreto. Há uma boa ponte, não muito longe daqui. Podemos atravessá-la sem

problemas.

De facto era uma boa ponte, larga e de pedra. Cepião ordenou ao seu exército que a atravessasse a

toda a velocidade, mas permaneceu na dianteira. A estrada partia de Anágnia, na Via Latina, na

direcção de Subláceo, atravessava o Ânio naquele local, e terminava em Carséolos. Atravessada a

ponte, as tropas dispunham finalmente de uma boa estrada para andar. Por isso caminhavam agora

mais depressa; enfim, estavam a gostar do passeio. Dada a disposição jovial de Cepião, tinham

concluído que aquela saída mais não era que um passeio, sem nada de bélico; por isso, traziam os

escudos às costas e usavam as lanças como cajados. O tempo ia passando, provavelmente teriam de

acampar naquelas terras durante essa noite e não tinham trazido comida; mas, pelo menos, não

vinham carregados e, além disso, a disposição do comandante sugeria que talvez aquele passeio lhes

valesse um bom prémio.

Com as duas legiões caminhando em fila à volta do sopé do monte, Já que, nesse local, a estrada

fazia uma curva para nordeste, Silão virou-se na sua sela para falar com Cepião.

562

- Agora vou eu à frente, Quinto Servílio - disse. - Só para ver se está tudo bem. Não quero que

ninguém se assuste e desate a fugir.

Avançando agora mais devagar, Cepião viu o cavalo de Silão correndo a meio galope; ao fim de

algumas centenas de metros Silão deixou a estrada e desapareceu atrás de um pequeno penhasco.

Os marsos caíram sobre a coluna de Cepião vindos de todo o lado: da frente, do local onde Silão

desparecera; da rectaguarda, de ambos os lados da estrada, onde se tinham escondido atrás das

rochas. Nenhum dos soldados romanos teve a mínima oportunidade de se organizar. Antes que

conseguissem empunhar escudos e espadas e pôr os capacetes nas cabeças, viram-se completamente

cercados e envolvidos por quatro legiões de marsos, os quais, perfeitamente à vontade, derrubavam

homens como se se estivessem exercitando nas artes bélicas. No exército de Cepião, só um homem

sobreviveu, e esse homem foi Cepião, feito prisioneiro no início do ataque, e obrigado a assistir à

morte dos seus soldados.

Quando tudo acabou, quando todos os soldados romanos jaziam por terra, Quinto Popaedius Silão

aproximou-se de Cepião, rodeado pelos seus lugares-tenentes, entre os quais se viam Escalo e

Frauco. Exibia um sorriso de todo o tamanho.

- Então, Quinto Servílio, que me dizes agora?

Tremendo, o rosto muito pálido, Cepião reuniu todas as forças que tinha para responder a Silão.

- Esqueces-te, Quinto Popaedius - disse ele -, de que os teus filhos são meus reféns.

Silão desatou à gargalhada.

- Os *meus* filhos? Não! Não são meus filhos, são filhos dos escravos que vieram comigo. Mas eu vou lá buscá-los, a eles e ao meu burro. Não ficou ninguém no teu acampamento capaz de me

impedir de os ir buscar. - Os olhos de Silão, eufóricos de alegria, brilhavam de um brilho frio,

dourado. - Mas não me vou dar ao trabalho de procurar a carga do burro. Podes ficar com ela.

- É *ouro!* - exclamou Cepião, pasmado.

- Não, Quinto Servílio, não é ouro. É chumbo coberto com uma camada finíssima de ouro. Se

tivesses arranhado a superfície dos lingotes, terias descoberto facilmente o truque. Mas eu sabia que o meu caro Cepião não faria isso! Não serias capaz de dar um arranhão no ouro, nem que a tua vida

dependesse disso, e, neste caso, a tua vida dependia

563

de facto desse arranhão. - Silão pegou na espada, desceu do cavalo *Q* avançou na direcção de

Cepião.

Frauco e Escalo abeiraram-se do cavalo de Cepião e obrigaram o comandante romano a desmontar.

Sem dizerem palavra, tiraram-lhe a armadura e a roupa interior de couro. Compreendendo o que lhe

ia acontecer, Cepião desatou a chorar desoladamente.

- Gostaria de te ouvir suplicar que te poupassem a vida, Quinto Servílio Cepião - disse Silão, cada

vez mais perto dele.

Mas Cepião era incapaz de o fazer. Em Arausio fugira, e desde então nunca mais se vira numa

situação verdadeiramente perigosa, nem mesmo quando os marsos tinham lançado um breve ataque

ao seu acampamento. Percebia agora por que motivo os marsos tinham lançado esse ataque; tinham

perdido uma mão cheia de homens, mas tais perdas, do ponto de vista deles, tinham valido a pena.

Silão ficara a conhecer a região, e, de acordo com esse conhecimento, estabelecera os seus planos.

Se Cepião tivesse imaginado que poderia vir a passar por tais provações, talvez tivesse concluído

que o melhor seria implorar que lhe poupassem a vida. Mas agora que Silão lhe dizia aquilo, sentia-

se incapaz de suplicar que o poupassem. Um Quinto Servílio Cepião podia não ser o mais corajoso

dos Romanos, mas nem por isso deixava de ser um Romano, e um Romano de elevado estatuto - um

patrício, um nobre. Um Quinto Servílio Cepião podia chorar, e quem sabia se chorava pelo fim da

sua vida, se por todo aquele ouro que acabava de perder? Mas um Quinto Servílio Cepião não podia

suplicar.

Cepião ergueu o queixo, limpou a água que lhe velava os olhos, e olhou para o vazio.

- Isto é por Druso - disse Silão. - Foste tu quem o mandou matar.

- Não fui eu - respondeu Cepião, que parecia estar longe, muito longe dali. - Tê-lo-ia feito, mas não foi preciso. Quinto Vário organizou tudo. Foi uma boa coisa. Se Druso não tivesse sido morto, tu e

todos os porcos dos teus amigos seriam agora cidadãos de Roma. Mas não são, nem serão nunca.

Há muitos como eu em Roma.

Silão ergueu a espada até que a mão que a empunhava ficou ligeiramente mais elevada que o

ombro.

- É por Druso - disse.

A espada caiu então fragorosa na região entre o pescoço e o ombro; um bocado enorme de osso

saltou e bateu no rosto de Frauco, fazendo-lhe um corte. Um corte muito pouco profundo, se

comparado com o que



a espada de Silão produzira, pois este chegara ao topo do esterno, dilacerando veias, artérias e

nervos. O sangue espalhava-se já por todo o lado. Mas Silão não tinha acabado ainda, e Cepião

continuava de pé. Silão mexeu-se um pouco, ergueu uma segunda vez o braço, e repetiu o golpe,

atingindo, desta feita, o outro lado do pescoço de Cepião. Cepião caiu então e Silão desferiu o

terceiro golpe, com que lhe cortou a cabeça. Escalo pegou na cabeça e, com requintes de crueldade,

enfiou-a pela garganta na ponta de uma lança. Silão montou, então, de novo, o seu cavalo e Escalo

deu-lhe a lança com a cabeça. O exército dos Marsos encaminhou-se, depois, na direcção da Via

Valéria, com a cabeça de Cepião à sua frente, como se servisse de bandeira.

Os marsos deixaram o resto do corpo de Cepião no meio dos cadáveres dos seus soldados; estavam

em território romano e, por isso, competia aos romanos limparem o terreno. Para os marsos, naquele

momento, o que interessava era fugir, antes que Caio Mário descobrisse o sucedido. Claro que a

história que Silão contara a Cepião acerca de uma força de dez legiões que estaria a atacar Mário

não passava de uma invenção: Silão quisera apenas ver como Cepião reagia. No entanto, Silão não

deixou de ir buscar os escravos e os filhos destes, vestidos como se fossem filhos de reis. E o burro.

Mas não o ”ouro”. Quando os romanos descobriram os lingotes na tenda de Cepião, pensaram que

se tratava de uma pequena parte do ouro de Tolosa, e interrogaram-se sobre onde estaria o resto.

Até que Mamerco apareceu, e pediu a alguém que confirmasse a sua história, ou seja, que fizesse

um arranhão na superfície do ”ouro”: todos viram então que, por debaixo de uma finíssima camada

de ouro, só havia chumbo.

De facto, Silão sentiu necessidade de informar alguém do que realmente se passara. Não por sua

causa, mas unicamente por causa de Druso, pela estima que lhe tinha guardado. Por isso, decidiu

escrever uma carta a Mamerco, irmão de Druso.

*Quinto Servílio Cepião está morto. Ontem, conduzi-o a ele e ao seu exército a uma emboscada na estrada entre Carséolos e Subláceo, depois de lhe ter contado uma história falsa que o convenceu a deixar rapidamente Vária - contei-lhe que tinha traído o meu povo e que roubara o tesouro da nação marsa. Tinha comigo um burro, carregado com lingotes de chumbo com uma fina camada de ouro. Tu conheces*



*bem as fraquezas dos Servílios Cepiões! Esquecem tudo o mais, se lhes mostrarmos ouro.*

*Todos os soldados romanos das legiões de Cepião estão mortos. Quanto a Cepião, não permiti que o*

*matassem na batalha: matei-o com as minhas próprias mãos. Cortei-lhe a cabeça e levei-a na ponta de uma lança, à frente do meu exército. Fiz tudo isto por Druso. Por Druso, Mamerco Emílio. E pelos filhos de Cepião, que agora vão herdar o ouro de Tolosa, cabendo a maior parte da herança àquele menino ruivo, aquele bastardo ruivo que ficou no ninho de Cepião. Sempre se faz justiça. Se Cepião tivesse vivido até à idade adulta dos filhos, acabaria por encontrar uma maneira de os deserdar. Assim, as crianças vão herdar toda a sua riqueza. Fiquei satisfeito por ter feito o que fiz. Porque fi-lo por Druso, e Druso teria ficado muito satisfeito. Fiz tudo isto por Druso.*

*Que a sua memória perdure na mente de todos os homens bons, romanos ou italianos.*

Porque àquela pobre família nenhuma dor era poupada, a carta de Silão chegou poucas horas depois

de Cornélia Cipião ter morrido, vítima de um colapso. Com as mortes de Cornélia Cipião e de

Quinto Servílio Cepião, rompiam-se os últimos fios de uma possível estabilidade para as seis

crianças que viviam em casa de Druso. Eram agora órfãos absolutamente desamparados, sem pais

nem avós que lhes valessem. Mamerco, o tio, era o seu único parente vivo.

Tal facto implicaria em princípio que Mamerco as levasse para sua casa e completasse a educação

de todas elas; além disso, aquelas crianças seriam uma agradável companhia para a única filha de

Mamerco, Emília Lépida, ainda muito pequena. Após a morte de Druso, Mamerco afeiçoara-se a

todas as crianças que viviam em casa do irmão, incluindo o medonho Catão, cujo carácter inflexível

Mamerco não podia deixar de deplorar, e cujo amor pelo irmão, o jovem Cepião, enternecia

Mamerco a ponto de o fazer chorar. Por isso nunca pusera a hipótese de negar a sua casa àquelas

crianças até ao momento em que, depois de ter tratado das exéquias da mãe, falou do caso à sua

esposa. Estavam casados há menos de cinco anos e Mamerco tinha por ela uma grande paixão. Já

que não precisava de casar por dinheiro, escolhera uma mulher que amava, alimentando a terna

ilusão de que também ela casava por amor. Nascida num dos



ramos menos importantes da família Cláudia, o empobrecimento e o desespero justificavam que se tivesse positivamente colado a pretendente tão interessante. Mas a verdade é que Cláudia não o amava. E não gostava de crianças. Mesmo a própria filha achava-a maçadora, e deixava-a, por isso, na companhia das criadas, o que fazia com que Emília Lépida fosse já uma criança mimada e estragada, uma criança sem qualquer noção de disciplina.

- Essas crianças não vêm para a minha casa! - atirou-lhe Cláudia Mamerco, ainda antes que ele tivesse acabado de relatar todos os acontecimentos.

- Mas têm de vir! Não têm mais para onde ir senão para aqui! retorquiu Mamerco, reagindo a um novo

choque, ele que ainda estava sob o choque da morte da mãe.

- Podem continuar a viver naquela casa fabulosa. Quem nos dera a nós uma casa assim! Além disso, o

dinheiro não falta àquelas crianças! Contrata-lhes um exército de zeladores e professores e deixa-as ficar onde estão! - Havia uma ira evidente na expressão de Cláudia. - Tira isso da cabeça, Mamerco! Eles *não* vêm para aqui.

Pela primeira vez, Mamerco via que o seu ídolo tinha defeitos, e Cláudia não se apercebia disso. Mamerco fitava a esposa espantado,

com uma expressão de dureza no rosto.

- Insisto em que eles venham, Cláudia - disse ele.

Cláudia ergueu muito as sobrancelhas e replicou imediatamente:

- Podes insistir até que a água se transforme em vinho, marido! Nada conseguirás. Essas crianças *não* vêm para a minha casa. Ou, se quiseres, põe as coisas deste modo: se elas vêm, vou-me eu embora.

- Mas tu não sentes um pouco de compaixão, Cláudia? Repara: aquelas crianças estão sozinhas no mundo!

- Compaixão? Compaixão porquê? Elas não vão morrer de fome. E não lhes faltará a instrução. Bom, e de qualquer modo, nenhum deles soube alguma vez o que era ter um pai ou uma mãe - retorquiu Cláudia

Mamerco. - As duas Servílias são maldosas e presunçosas, Druso Nero é um idiota, e os outros são

descendentes de um escravo. Deixa-os ficar onde estão.

- Mas eles precisam de um lar - disse Mamerco. - Um lar em condições.

- Esse lar já o têm.

O facto de Mamerco ter cedido não era sinal de fraqueza; revelava apenas que Mamerco era um homem

prático e que entendia que, naquele



caso, não valia a pena contrariar Cláudia. Se levasse as crianças para casa após aquela declaração de guerra, elas sofreriam muito mais do

que se ficassem na casa que fora de Druso. Mamerco não

podia estar em casa todo o dia, e, pela reacção de Cláudia, podia concluir que ela se vingaria nas

crianças, caso tivesse de suportar a sua presença.

Mamerco resolveu então visitar Marco Emílio Escauro Princeps Senatus que, confessamente, não

era um Emílio Lépido, mas era o mais velho Emílio de toda a *gens.* Escauro era também co-

testamenteiro de Druso, e único testamenteiro de Cepião. Era, por isso, seu dever, fazer o que podia

para apoiar as crianças. Mamerco sentia-se destroçado. A morte da mãe fora, para ele, um choque

terrível, pois sempre vivera com a mãe até ao momento em que ela fora para casa de Druso

recordava-se ele, agora, que a mãe fora para casa de Druso imediatamente após o seu casamento

com Cláudia. Cornélia Cipião nunca censurara Cláudia em frente do filho. No entanto, pensava ele

agora, a mãe deveria ter ficado extremamente contente por ter tido uma desculpa perfeita para

mudar de casa.

Quando chegou a casa de Marco Emílio Escauro, Mamerco já não amava a esposa, e não corria o

risco de substituir essa emoção por um tipo de amor mais tranquilo. Sempre tinha pensado que seria

impossível deixar de amar alguém tão rapidamente, tão completamente; no entanto, ele era a prova

viva de que tal era possível. Era um homem devastado pela morte da mãe e que, subitamente,

deixara de amar a mulher da sua vida, aquele que batia à porta de Escauro.

Talvez por isso mesmo Mamerco não teve a mínima dificuldade em explicar a sua situação a

Escauro da forma mais sombria possível.

Escauro Princeps Senatus recostou-se na sua cadeira, os seus luminosos olhos verdes fixos naquele

rosto liviano, naquele rosto em que se salientavam o nariz adunco, os olhos negros, os ossos

proeminentes. Mamerco era o último membro de duas famílias. Tinha, por isso, de ser apoiado e

animado de todas as formas possíveis.

- Está claro que deves ter em conta os desejos da tua mulher, Mamerco. O que significa que terás de

deixar as crianças na casa de Marco Lívio Druso. E isso implica que encontres uma pessoa de

condição nobre para viver com elas.

- *Quem?*

- Deixa o caso comigo, Mamerco - retorquiu Escauro, determinado. ~ Eu vou tentar encontrar

alguém.

568

Escauro tentou, de facto, dois dias depois. Satisfeito com a sua descoberta, foi ter com Mamerco.

- Lembras-te daquele Quinto Servílio Cepião que foi cônsul dois anos antes de o nosso ilustre parente Emílio Paulo ter lutado contra Perses da Macedónia, em Pidna? - perguntou Escauro.

Mamerco fitou-o com um sorriso franco.

- Não o conheço *pessoalmente,* Marco Emílio! Mas sei a quem te referes.

- Óptimo - retorquiu Escauro, sorrindo também. - Esse Quinto Servílio Cepião teve três filhos. O mais velho foi adoptado pelos Fábios Máximos, com nefastos resultados: Eburno e o seu desgraçado filho. - Escauro adorava tais questões; era um dos maiores especialistas de Roma em genealogia, capaz de descrever as

ramificações genealógicas de qualquer nobre romano. - O filho mais novo, Quinto, foi pai do cônsul Cepião que roubou o ouro de Tolosa e perdeu a batalha de Arausio. Quinto teve também uma filha, Servília, que casou com o nosso estimado ex-cônsul Quinto Lutácio Catulo César. Quanto aos filhos de Cepião, o cônsul, temos o Cepião que foi morto por Silão, e a rapariga que casou com o teu irmão, Druso.

- Estás a esquecer-te do filho do meio - observou Mamerco.

- De propósito, Mamerco, de propósito! Porque é ele que me interessa. Chamava-se Cneu. No entanto, casou-se muito mais tarde que o seu irmão mais novo, Quinto, de modo que o *seu* filho, naturalmente um Cneu, chegou a questor quando o seu primo

directo já deixara de ser cônsul: precisamente por altura da batalha de Arausio. O jovem Cneu era questor na Província da Ásia. Tinha-se casado, havia pouco tempo, com uma

Pórcia Liciniana, uma jovem com um fraco dote, mas Cneu não precisava de uma mulher rica. Tal como

todos os Servílios Cepiões, também Cneu era muito rico. Quando partiu para a Província da Ásia, o nosso questor Cneu tinha já uma criança, uma rapariga, a que chamarei Servília Cneia, para a distinguir de todas as outras Servílias. Infelizmente, a mulher de Cneu dera-lhe uma filha.

Escauro fez uma pausa para respirar. Estava positivamente radiante.

- Meu caro Mamerco, não são fascinantes todas estas tortuosas relações que ligam as nossas famílias?

- Eu diria que são assustadoras... - retorquiu Mamerco.

- Mas voltando à menina de dois anos, Servília Cneia - disse Escauro, afundando-se satisfeito na sua cadeira. -

Eu usei a palavra

”infelizmente” e tinha as minhas razões. Prudentemente, Cneu Cepião tinha feito o seu testamento

antes de partir para a Província da Ásia, mas imagino que nunca lhe passou pela cabeça que esse

testamento viria a ser executado, como veio. Ora, de acordo com a *lex Voconia de mulierum*

*hereditatibus,* Servília Cneia - uma mulher! - não podia herdar. De modo que a magnífica fortuna de Cneu foi toda para o seu primo directo Cepião, aquele que perdeu a batalha de Arausio e que

roubou o ouro de Tolosa.

- Pareces não ter qualquer dúvida em relação ao que aconteceu com o ouro de Tolosa, Marco Emílio

- assinalou Mamerco. - Toda a gente diz que foi Cepião quem o roubou, mas nunca ouvi ninguém

com a tua *auctoritas* afirmar tal coisa, de forma tão inequívoca.

Escauro agitou uma mão impaciente.

- Ora, Mamerco, todos nós sabemos que foi ele quem o roubou! Como não és homem dado a

intrigas, disso estou certo, acho que posso falar contigo com toda a franqueza.

- E podes, de facto.

- Está claro que se esperava que Cepião de Arausio e do ouro de Tolosa entregaria a fortuna a

Servília Cneia, caso fosse ele a herdá-la. Naturalmente, Cneu Cepião deixara à jovem tudo o que a

lei lhe permitia, uma coisa de nada, se comparada com toda a sua fortuna. E lá foi ele para a

Província da Ásia, desempenhar as funções de questor. No regresso, o navio afundou-se e ele

morreu afogado. Cepião de Arausio e do ouro de Tolosa herdou toda a fortuna do primo. Mas não a

entregou a Servília Cneia. Pelo contrário, aumentou ainda mais a sua já colossal fortuna. E o tempo

passou, e a herança de Servília Cneia acabou por ir parar às mãos de Cepião recentemente morto

pelo marso Silão.

- Uma história nojenta - comentou Mamerco, com uma expressão severa.

- Inteiramente de acordo, Mamerco. Mas é a vida - disse Escauro.

- E que aconteceu a Servília Cneia? E à mãe dela?

- Sobreviveram, claro. Vivem muito modestamente na casa de Cneu Cepião. Cepião, o cônsul, e

depois o seu filho, permitiram às duas mulheres ficar com aquela casa. Não legalmente, mas, enfim,

elas precisam de morar nalgum sítio, não? Quando o testamento do falecido Quinto Cepião for

autenticado - tarefa a que me dedico neste momento -, a casa figurará nele, naturalmente. Como

sabes, tudo o que Cepião tinha, à excepção dos generosos dotes para as duas raparigas,

570

vai para o miúdo ruivo, para o Cepião ruivo! Ah! Ah! Ah! Para minha grande surpresa, eu fui

nomeado único testamenteiro de Cepião! Sempre pensei que seria nomeado um co-testamenteiro,

sei lá, alguém como Filipe, mas enganei-me redondamente. Nunca conheci um Cepião que não

defendesse com unhas e dentes a sua fortuna. O Cepião recentemente falecido deve ter pensado que,

se nomeasse Filipe ou Vário como seus testamenteiros, uma boa parte da sua fortuna iria parar a

mãos alheias. Uma decisão inteligente! Filipe ter-se-ia comportado como um porco atrás da bolota.

- Tudo isso é sem dúvida fascinante, Marco Emílio - disse Mamerco, sentindo pela primeira vez

algum interesse pela genealogia. - Mas a verdade é que ainda não me sinto esclarecido.

- Paciência, Mamerco, paciência! Já não falta tudo! - retorquiu Escauro.

- Imagino, a propósito - disse Mamerco, lembrando-se do que o seu irmão Druso lhe dissera um dia

-, que uma das razões por que foste nomeado testamenteiro tem a ver com o meu irmão, Druso. Ao

que parece, Druso tinha informações sobre Cepião que revelaria caso este último não contemplasse

convenientemente os filhos no seu testamento. É possível que Druso tenha estipulado que deverias

ser tu o executor do testamento. Cepião tinha muito medo das informações que Druso dizia possuir,

fossem elas quais fossem.

- O ouro de Tolosa, uma vez mais - disse Escauro complacentemente. - Só pode ser o ouro de

Tolosa. As minhas investigações sobre os negócios de Cepião, apesar de não terem mais do que

dois ou três dias, já me deixam completamente fascinado. Quanto dinheiro! As duas raparigas ficam

com dotes de duzentos talentos cada uma. Mas isso não é nada, se comparado com o que poderia ter

herdado, mesmo havendo uma lei como a *lex Voconia.* O nosso Cepião ruivo é o homem mais rico

de Roma!

- Por favor, Marco Emílio! Termina a tua história!

- Ah, sim, claro, claro! Ah, a impaciência da juventude! Segundo as nossas leis, dado que o

beneficiário é menor, sou obrigado a tomar em consideração coisas tão insignificantes como a casa

onde vivem Servília Cneia, hoje com dezassete anos, e a mãe Pórcia Liciniana. Como é evidente,

não faço a mínima ideia do tipo de pessoa que virá a ser o nosso Cepião ruivo quando crescer, e não

quero de modo nenhum deixar ao meu filho dores de cabeça testamentárias. Pode



acontecer que o jovem Cepião, em chegando a adulto, queira saber por que razão eu permiti que

Servília Cneia e a mãe continuassem a viver naquela casa, sem pagar um tostão de renda. Quando

Cepião for um homem, o proprietário original da casa não passará de uma figura longínqua,

esquecida. É possível que ele nunca venha a saber quem foi esse proprietário. E legalmente a casa é

dele, do nosso Cepião ruivo.

- Estou a ver onde queres chegar, Marco Emílio - disse Mamerco.

- Por favor, continua! Estou literalmente fascinado.

Escauro inclinou-se um pouco para a frente e prosseguiu.

- Sugiro-te, Mamerco, que ofereças um emprego a Servília Cneia. Não, à mãe não ofereces emprego

nenhum! A pobre rapariga não tem rigorosamente dote nenhum. A magra herança que recebeu foi

toda gasta para que ela e a mãe pudessem levar uma vida razoavelmente confortável nestes quinze

anos que passaram sobre a morte do pai. Os Pórcios Licinianos, devo acrescentar, não estão em

condições de ajudar. Ou não quererão ajudar, o que vem a dar no mesmo. Depois da nossa primeira

conversa, resolvi visitar Servília Cneia e Pórcia Liciniana, na minha qualidade de executor do

testamento de Cepião. E depois de lhes ter explicado a difícil situação em que me encontro,

mostraram-se bastante perturbadas quanto ao que o futuro poderá reservar-lhes. Expliquei-lhes, em

particular, que talvez tivesse de vender a casa para que a falta do dinheiro do aluguer nos últimos

quinze anos não fosse notada nas contas.

- Ora aí está um estratagema tão inteligente quanto tortuoso. Não há dúvida: podes candidatar-te ao

lugar de tesoureiro-mor do rei Ptolemeu do Egipto - comentou Mamerco, rindo a bom rir.

- Lá nisso tens razão, Mamerco! - retorquiu Escauro, respirando fundo. - Servília Cneia, como disse,

está com dezassete anos. O que significa que, dentro de um ano, terá a idade com que normalmente

as raparigas se casam. Infelizmente, porém, Servília Cneia não é nenhuma beldade. Na realidade, é

mesmo muito feia, coitada. Sem dote, e ela não tem dote nenhum, nunca conseguirá um marido da

sua classe. A mãe é um Catão Liciniano chapado: o que ela quer é que a filha case com um homem

rico; pouco lhe importa que esse homem rico seja um cavaleiro grosseirão ou um rústico

proprietário rural. Mas as coisas são como são: quando não há dote, quem manda é a necessidade!

Mas que homem mais tortuoso!, pensou Mamerco, preso às palavras de Escauro.

572

- Por tudo o que disse, Mamerco, sugiro-te que faças o seguinte. Como já receberam uma visita que

as deixou inquietas, mãe e filha ouvir-te-ão por certo com toda a atenção. Sugiro-te que proponhas a

Servília Cneia - à mãe, não, a mãe limitar-se-á a acompanhá-la! - que aceite a tarefa de cuidar das

seis crianças que vivem na casa de Marco Lívio Druso. Receberá em troca dinheiro mais do que

suficiente para o seu sustento e para as despesas correntes. Ato *condição* de que Servília Cneia permaneça solteira até que a mais nova das crianças atinja a idade adulta. Ora a criança mais

pequena é Catão, que tem agora três anos. Dezasseis menos três dá treze. Portanto, Servília Cneia

terá de permanecer solteira durante os próximos treze ou quatorze anos. Ou seja, terá cerca de trinta anos quando o contrato cessar.

Com trinta anos ainda poderá casar! Em particular, se lhe ofereceres

um dote tão bom como o das primas, as filhas de Lívia Drusa, quando ela terminar o seu trabalho. A

fortuna dos Cepiões aguenta perfeitamente que lhe dês duzentos talentos, Mamerco. E para que tudo

fique claro, acontece que eu já não sou propriamente um jovem e estas coisas têm de ser

antecipadamente resolvidas, retirarei desde já esses duzentos talentos e investi-los-ei em nome de

Servília Cneia. Até que ela faça trinta e um anos e desde que cumpra satisfatoriamente o contrato.

Um sorriso perverso dominava a expressão de Escauro.

- Ela não é nada bonita, Mamerco! Mas garanto-te que, quando chegar aos trinta e um, não terá

grande dificuldade em escolher entre uma boa dúzia de candidatos interessantes da sua classe.

Duzentos talentos são uma soma irresistível! - Brincou com a sua pena por um momento, após o

que, com expressão grave, olhou Mamerco bem nos olhos. - Eu já não sou nenhum jovem. E sou o

único Escauro que resta no seio dos Emílios. Tenho uma esposa jovem, uma filha que acabou de

fazer onze anos, e um filho com cinco. E sou neste momento o único executor testamentário da

maior fortuna privada de Roma. Se me acontecer alguma coisa antes de o meu filho chegar à idade

adulta, a quem hei-de confiar as fortunas dos meus entes queridos, e as fortunas das três crianças da família Servília? Tu e eu somos os executores testamentários de Druso, o que significa que

partilhamos a assistência devida às três crianças da família Pórcia. Por isso te pergunto: aceitarias ser o curador e executor testamentário da minha pessoa e dos meus, após a minha morte? Tu és por

nascimento um Lívio, mas por adopção és um Emílio. Ficaria mais tranquilo, Mamerco, se me

respondesses



que sim. Só me sentirei bem se souber que tenho um homem honesto a meu lado.

Mamerco não hesitou.

- A minha resposta é sim, Marco Emílio.

E assim terminou aquela conversa. De casa de Escauro, Mamerco seguiu imediatamente para a casa onde

viviam Servília Cneia e a mãe. O local era óptimo, na zona do Palatino junto ao Circus Maximus, mas

Mamerco depressa concluiu que Cepião não devia ter gasto grande coisa na manutenção da casa. A pintura das paredes estucadas está já às escamas e o tecto do átrio tinha uma quantidade de manchas enormes de humidade; a um canto, a humidade era tanta que o estuque acabara por cair, deixando à vista as ripas de madeira. Os

murais, outrora muito belos, haviam sido vítimas do tempo e da negligência: as cores tinham-se esbatido, as formas eram agora uma massa obscura. No entanto, pelo aspecto do jardim do peristilo, Mamerco podia concluir que as duas mulheres não eram de modo nenhum preguiçosas: de facto, não se via naquele jardim uma única erva daninha, e as flores abundavam, em quantidade e beleza.

Mamerco dissera que desejava ver mãe e filha, e ambas apareceram; lia-se na expressão de Pórcia que sentia uma tremenda curiosidade. Claro que Pórcia sabia que Mamerco era um homem casado; qualquer mãe

romana com filha casadoura investigava cuidadosamente a situação dos jovens da sua classe.

Ambas as mulheres eram morenas, mas Servília Cneia era um pouco mais escura do que a mãe. E mais feia, apesar de a mãe ter um nariz claramente catoniano, extremamente aquilino, ao passo que o nariz da filha era pequeno. Servília Cneia sofria horrivelmente de acne; os seus olhos eram muito juntos e estavam algo

remelosos; quanto à boca, era demasiado grande, embora os lábios fossem muito finos. A mãe tinha um ar muito orgulhoso, altivo. Quanto à filha, uma palavra resumia a sua expressão: tristeza; tinha um carácter de que estava ausente qualquer traço de graça, um carácter capaz de assustar homens muito mais corajosos do que Mamerco, e a Mamerco coragem era coisa que não faltava.

- Nós ainda somos parentes, Mamerco Emílio - disse a mãe, muito afável. - A minha avó era Emília Tércia, filha de Paulo.

- Sim, claro - retorquiu Mamerco, e sentou-se no divã que lhe indicaram.

- Também temos relações de parentesco por parte dos Lívios acrescentou Pórcia Liciniana enquanto

se sentava no divã em frente do dele, com a filha ao lado, silenciosa.

- Eu sei - disse Mamerco, que não sabia como começar a explicar-lhes a razão da sua visita.

- Que deseja então? - perguntou Pórcia, resolvendo o dilema de Mamerco sem rodeios de espécie

alguma.

Mamerco também não usou de rodeios para explicar os motivos da sua visita; apesar de a sua mãe

ter sido uma Cornélia Cepião, Mamerco não era homem de palavra fácil. Pórcia e Servília Cneia

escutaram-no com toda a atenção, sem revelarem, contudo, o que pensavam.

- Pede-nos, portanto, que vamos viver para casa de Marco Lívio Druso durante os próximos treze ou

catorze anos. É isso, não é? perguntou Pórcia quando ele acabou.

- Sim, é isso.

- Após esse período, minha filha, dispondo de um dote de duzentos talentos, poderá casar-se. Certo?

- Certíssimo.

- E eu? Que proposta tem para mim?

Mamerco pestanejou, surpreendido. As mães normalmente ficavam a viver na casa do *paterfamilias*

- só que a casa do *paterfamilias* era aquela casa, e Escauro tencionava vendê-la. E um homem precisaria de ter muita coragem para dizer àquela sogra para ir viver com ele!, pensou Mamerco,

sorrindo para si mesmo.

- Aceitaria ir viver para uma *villa* alugada junto ao mar, em Miseno ou Cumas, recebendo ao

mesmo tempo um subsídio adequado às necessidades de uma senhora de idade? - perguntou

Mamerco.

- De acordo - retorquiu imediatamente Pórcia.

- Nesse caso, e se o nosso acordo *é* total, posso concluir que ambas aceitam a tarefa de cuidar das crianças?

- Claro que pode - respondeu Pórcia. - Mas diga-me: as crianças têm um pedagogo?

- Não. O rapaz mais velho tem apenas dez anos e frequenta a escola. O jovem Cepião não tem ainda

sete, e Catão só tem três respondeu Mamerco.

- No entanto, Mamerco Emílio, considero da máxima importância que encontre um bom professor

para as seis crianças - anunciou Pórcia.



- Repare que não há nenhum homem naquela casa. Embora, fisicamente, uma tal ausência não

constitua um perigo, creio que, para bem das crianças, deveria haver naquela casa um homem com

autoridade e sem o estatuto de escravo. Um pedagogo seria o ideal.

- Tem toda a razão, Pórcia. Tratarei disso imediatamente - disse Mamerco, despedindo-se.

- Iremos amanhã - disse Pórcia, acompanhando-o à porta.

- Já? Fico muito satisfeito com a vossa solicitude, mas não têm coisas que fazer nesta casa?

Arrumações, por exemplo?

- A minha filha e eu nada possuímos, Mamerco Emílio. A não ser algumas roupas. Mesmo os

criados que aqui vê pertencem a Quinto Servílio Cepião. - Pórcia abriu a porta. - Muito bom dia. E

obrigada, Mamerco Emílio. Salvou-nos da penúria total.

Bom, pensou Mamerco, encaminhando-se, apressado, para o estabelecimento na Basílica

Semprónia, onde contava comprar um pedagogo, que felicidade não ser uma daquelas seis pobres

crianças! De qualquer modo, será melhor assim do que se fossem viver com Cláudia!

- Temos uns quantos homens de valor, Mamerco Emílio - disse Lúcio Durónio Póstumo, o

proprietário de uma das duas melhores agências de pedagogos de Roma.

- Qual é o preço corrente para um pedagogo excepcional? perguntou Mamerco, que nunca tratara de

tais assuntos.

Durónio franziu os lábios.

- Entre os cem mil e os trezentos mil sestércios; ou mesmo mais, se o produto for do melhor.

- Chiça! - exclamou Mamerco. - Catão, o Censor, não teria gostado!

- Catão, o Censor, era um sacana de um sovina - retorquiu Durónio.

- Mesmo nos tempos dele, um bom pedagogo custava muito mais do que uns miseráveis seis mil

sestércios.

- Mas eu quero comprar um pedagogo para três dos seus directos descendentes!

- É pegar ou largar - disse Durónio, já aborrecido com a conversa. Mamerco conteve um suspiro.

Cuidar daquelas seis crianças ia sair caro!

- Está bem, está bem, eu pego. Quando posso ver os candidatos?

- Logo que reúna todos os escravos disponíveis para venda em Roma, mandá-los-ei à tua casa. Qual

é o teu limite, quanto a dinheiro?



- Não sei! O que são mais umas centenas de milhar de sestércios?

- exclamou Mamerco, erguendo os braços no ar. - Faz o teu pior, Durónio! Mas se me mandas um burro ou um maluco, podes ter a certeza de que te mando castrar a ti! E com que prazer!

Mamerco não disse a Durónio que tencionava libertar o pedagogo; isso levaria forçosamente a um aumento do preço. Não, quem quer que ele fosse, seria libertado privadamente e integrado na clientela de Mamerco. O

que significava que o pedagogo não podia libertar-se do seu trabalho com a facilidade que teria se continuasse escravo. Um liberto cliente pertencia ao seu antigo proprietário.

Afinal, havia só um candidato - e naturalmente o mais caro. Durónio sabia do negócio. Como havia duas mulhers adultas em casa, sem um *paterfamilias, o* pedagogo tinha de ser um homem de grande integridade moral, mas também uma criatura afável e compreensiva. O candidato escolhido chamava-se Sarpédon, e

provinha da Lícia, na região sul da Província da Ásia romana. Tal como a maior parte dos pedagogos, tornara-se voluntariamente escravo, pois assim tinha mais hipóteses de uma velhice confortável, se até lá estivesse ao serviço de uma alta personalidade romana. Ou conquistaria a liberdade, ou tratariam dele convenientemente.

Apresentara-se, por isso, nos escritórios de Esmirna de Lúcio Durónio Póstumo, e fora aceite. Aquele seria o seu primeiro cargo - ou seja, seria vendido pela primeira vez. Tinha vinte e cinco anos, e era um indivíduo muito lido, tanto no que respeita aos autores gregos como no que toca aos autores latinos; o seu grego falado era ático do mais puro; quanto ao latim, era tão bom, que facilmente passaria por um romano. Mas nenhuma dessas qualidades explicava que tivesse ficado com o trabalho. Sarpédon fora escolhido por ser extremamente feio - tão pequeno, que mal chegava ao peito de Mamerco, quase esquelético, e cheio de cicatrizes de

queimaduras sofridas em criança. A sua voz, contudo, era muito bela, e, no rosto estropiado, brilhavam uns olhos muito bonitos e meigos. Quando soube que seria liberto imediatamente e que por isso o seu nome

passaria a ser Mamerco Emílio Sarpédon, considerou-se o mais afortunado dos homens; o seu salário subiria muito, além do que passaria a ser cidadão romano. Um dia poderia retirar-se para a sua cidade natal de Xanto e viver como um senhor.

- É um exercício dispendioso, não há dúvida - disse Mamerco a Escauro, deixando cair um rolo na secretária de Escauro. - E aviso-te



de que, como executor do testamento de Servílio Cepião, não vais gastar menos do que nós dois

como executores do testamento de Druso. Aqui está a conta, para já. Sugiro que a dividamos em

partes iguais: metade será pago pela herança de Cepião, a outra metade pela de Druso.

Escauro pegou no rolo, desdobrou-o.

- Pedagogo... *Quatrocentos mil!*

- Vai falar com Durónio! - atirou-lhe Mamerco. - Eu fiz o trabalho, tu deste as ordens! Naquela casa, há duas nobres romanas cuja virtude tem de ser acautelada, por isso não podia ficar com um

pedagogo bonito. Este que foi contratado é de uma fealdade absolutamente repulsiva.

Escauro riu-se.

- Está bem, está bem, se tu o dizes! Por todos os deuses, que preços estes! Está tudo pela hora da

morte! - continuou a ler a lista.

- Dote para Servília Cneia, duzentos talentos. Bom, quanto a esta parcela não posso protestar, pois

não? Fui eu que sugeri os duzentos talentos... Despesas da casa *per annum,* incluindo reparações e manutenção, cem mil sestércios... Bom, por acaso até é uma quantia modesta... *Villa* em Miseno ou Cumas? Mas para que raio precisamos de uma *villa?*

- Pórcia é que precisa, quando Servília Cneia ficar livre para casar.

- Oh, merda! Não tinha pensado nisso! Claro que fizeste bem. O homem que case com o estafermo

da filha não quererá em casa tal sogra... Sim, sim, estou de acordo! Vamos dividir a conta ao meio.

Sorriram um para o outro. Escauro levantou-se.

- Uma taça de vinho, Mamerco, parece-me ideal para este momento! Que pena a tua mulher não

cooperar! Ter-nos-ia poupado muitas despesas, enquanto executores dos dois testamentos.

- Como o dinheiro não sai dos nossos bolsos e as fortunas de Cepião e Druso aguentam

perfeitamente com estas despesas, porque havemos de nos preocupar, Marco Emílio? A paz

doméstica não tem preço. - Bebeu o vinho, e acrescentou: - De qualquer modo, estou de partida.

Chegou a altura de cumprir os meus deveres militares.

- Compreendo - disse Escauro, sentando-se de novo.

- Enquanto minha mãe foi viva, considerei que o meu principal dever era permanecer em Roma e

ajudá-la a tratar das crianças. Mas



ela não estava bem desde a morte de Druso. A morte do meu irmão despedaçou-lhe o coração. Mas agora as crianças estão bem entregues, já não há qualquer razão para que continue em Roma. Por isso, parto.

- Quem vai ser o teu chefe?

- Lúcio Cornélio Sila.

- Uma boa escolha - disse Escauro. - Sila vai dar muito que falar. Esperam-no grandes êxitos.

- Achas que sim? Não é já um pouco velho?

- Caio Mário também era. E repara, Mamerco: quem temos nós em Roma? Neste momento, são poucos os

grandes homens. Se não fosse Caio Mário, não teríamos uma única vitória até agora. Uma vitória de Pirro, como ele diz no seu relatório, e com toda a razão. Ele venceu. Mas a derrota de Lupo, no dia anterior, foi muito mais terrível.

- É verdade. Mas em relação a Lúcio Júlio, sinto-me desapontado. Julgava-o capaz de grandes feitos.

- Lúcio Júlio é um indivíduo muito complicado, demasiado hesitante.

- Ouvi dizer que o Senado já chama a esta guerra a guerra dos Marsos.

- Sim, parece que esta guerra ficará conhecida na História sob esse nome - disse Escauro num jeito malicioso.

- É que, no fim de contas, não lhe podemos chamar guerra *italianal* Isso deixaria toda a gente em pânico, só de pensar que estávamos em guerra contra toda a Itália! E, além disso, é verdade que os Marsos nos

entregaram uma declaração formal de guerra. Se nós lhe chamarmos guerra dos Marsos, parecerá uma guerra mais pequena, menos importante.

Mamerco fitou-o, atónito.

- E quem é que teve a ideia de lhe chamar guerra dos Marsos?

- Filipe, é claro.

- Ah, ainda bem que me vou embora! - disse Mamerco, levantando-se. - Se ficasse, talvez ainda fosse parar ao Senado!

- Mas já deves ter idade para disputar o cargo de questor.

- Tenho, Marco Emílio. Mas não vou disputar o cargo de questor. Esperarei pelo cargo de censor - retorquiu Mamerco Emílio Lépido Liviano.

Enquanto Lúcio César lambia as suas feridas em Teano dos Sidicinos, Caio Pápio Mutilo atravessava os rios Volturno e Calor. Quando chegou a Nola, foi saudado por uma multidão histérica de alegria. A cidade

conseguira derrotar uma guarnição de dois mil soldados depois de Lúcio César ter partido, e, com todo o orgulho, mostrou a Mutilo uma prisão improvisada onde metera as coortes romanas. Era um pequeno cercado dentro das muralhas, onde os habitantes costumavam guardar as ovelhas e os porcos, antes do abate; mas a cerca agora era outra: um muro muito alto, de pedra, encimado por bocados de louça, e constantemente

patrulhado. Os Nolanos tinham descoberto um processo eficaz para manter os romanos dóceis e em tudo

obedientes: davam-lhes de comer uma vez por semana, e de beber de três em três dias.

- Muito bem feito! - disse Mutilo, obviamente satisfeito. - Eu próprio vou falar aos prisioneiros.

Para falar aos soldados romanos, Mutilo subiu à plataforma de madeira onde os Nolanos atiravam pão e água aos prisioneiros.

- O meu nome - gritou - é Caio Pápio Mutilo! Sou um samnita. E no final deste ano, estarei a governar toda a Itália, incluindo Roma! Vocês não têm qualquer hipótese de vencer esta guerra. São fracos! Estão gastos e cansados! Pois se os próprios habitantes da cidade vos venceram! E agora aqui estão vocês neste pardieiro, neste curral onde eram guardados os porcos e as ovelhas, embora vocês estejam muito mais apertados que esses animais! Dois mil homens num curral onde costumavam estar duzentos porcos! É desconfortável, não é? Vocês estão doentes. Vocês têm fome. Vocês têm sede. E aqui estou eu para vos dizer que as coisas vão piorar. A partir de agora, não receberão comida nenhuma, e só beberão água de cinco em cinco dias. Mas têm uma alternativa: juntem-se às legiões de Itália! Pensem bem no assunto.

- Ninguém vai pensar no assunto! - gritou Lúcio Postúmio, o comandante das tropas. - Aqui estamos e aqui ficaremos!

Pápio desceu da plataforma, sorridente.

- Dou-lhes dezasseis dias - disse. - Acabam por render-se.

As coisas corriam de feição para a Itália. Caio Vidacílio invadira a Apúlia sem derramamento de sangue: Larino, Lucéria, Ásculo e Teano da Apúlia, tinham aderido à causa italiana. Os seus homens corriam a alistar-se nas legiões italianas. E quando Mutilo chegou ao golfo de Cráter, as cidades portuárias de Salerno, Surrento e Estábias declararam-se todas a favor da Itália. O mesmo sucedeu com outra cidade portuária, embora fluvial: Pompeios.

Vendo-se na posse de quatro frotas de navios de guerra, Mutilo decidiu prosseguir a campanha no mar e lançou um ataque a Nápoles.

580

Mas Roma, no mar, tinha muito mais experiência que os italianos. O almirante romano, Otacílio, obrigou todos os navios italianos a regressar aos portos de origem.

Em todas as cidades onde a população italiana aderira à revolta, os cidadãos romanos tinham sido mortos.

Entre essas cidades, contava-se Nola; a corajosa anfitriã de Sérvio Sulpício Galba morrera como todos os outros romanos. Embora tivessem sido informados desta matança, os esfomeados prisioneiros de Nola

resistiram. Até que Lúcio Postúmio convocou uma assembleia, e uma assembleia, naquelas condições, era fácil de convocar e de reunir; de facto, dois mil homens metidos num curral que dava para duzentos porcos, eram praticamente obrigados a estar sempre de pé.

- Creio que todos os soldados devem render-se - disse Postúmio, olhando com os seus olhos cansados para aqueles rostos esgotados. Os Italianos vão matar-nos, disso podemos estar certos. E eu devo desafiá-los até à morte. Porque sou o comandante. É o meu dever. Ao passo que vocês, que são soldados, têm em relação a Roma um outro tipo de dever. Têm de permanecer vivos para lutar noutras guerras, em guerras contra o

estrangeiro. Por isso, peço-vos: juntem-se aos Italianos! Se puderem desertar depois, façam-no. Mas, custe o que custar, têm de permanecer vivos. Têm de permanecer vivos por Roma. Unicamente por Roma. - Fez uma pausa para descansar. - Os centuriões devem também render-se. Sem os seus centuriões, Roma está perdida.

Quanto aos meus oficiais, se desejam capitular, eu compreendê-los-ei. Se desejam morrer, contarão também com a minha compreensão.

Lúcio Postúmio precisou de muito tempo para convencer os soldados a fazer o que lhes pedira. Todos

queriam morrer, nem que fosse para mostrar que os verdadeiros Romanos não se acobardavam perante os

Italianos. Mas Postúmio acabou por vencer, e os legionários renderam-se. Contudo, por muito que tentasse, Postúmio não conseguiu persuadir os centuriões. Nem os seus quatro tribunos militares. Todos morreram

- centuriões, tribunos militares, e Lúcio Postúmio.

Antes de morrer o último prisioneiro do curral de Nola, já Herculano tinha aderido à causa italiana, matando todos os seus cidadãos romanos. Inteiramente seguro de si, invadido por um júbilo imenso, Mutilo decidiu-se a reatar a guerra por mar. Atacou de novo Nápoles, e também Putéolos, Cumas e Tarracina; estas acções envolveram a costa do Lácio no conflito e exacerbaram ressentimentos já existentes entre

Romanos, Latinos e Italianos do Lácio. O almirante Otacílio ripostou com firmeza, e com êxito suficiente para impedir os Italianos de ocuparem qualquer porto, para lá de Herculano; no entanto, muitos foram os portos destruídos e inúmeros os homens mortos.

Quando se tornou claro que toda a península sul da região norte da Campânia era já território italiano, Lúcio Júlio César chamou o seu primeiro lugar-tenente, Lúcio Cornélio Sila, para discutirem a situação.

- Estamos completamente isolados de Brundísio, Tarento e Régio, disso não há a mínima dúvida - disse Lúcio César com um ar soturno.

- Se assim é então o melhor é esquecermos - retorquiu Sila, num tom animado. - Penso que seria melhor se nos concentrássemos na parte norte da Campânia. Mutilo montou o cerco a Acerras, o que significa que se dirige para Cápua. Se Acerras se rende, Cápua irá atrás. É uma cidade com um estilo de vida perfeitamente romano, mas a verdade é que o seu coração está com a Itália.

Lúcio César pôs-se muito direito na cadeira, com uma expressão ofendida.

- Como podes estar tão... tão alegre, quando verificamos que não conseguimos deter Mutilo ou Vidacílio? -

perguntou.

- Porque nós venceremos! - retorquiu, com firmeza, Sila. - Acredita no que te digo, Lúcio Júlio: *nós venceremos.* Isto não é uma eleição, Lúcio Júlio. Numa eleição, os primeiros votos constituem uma indicação relativamente ao resultado final. Mas na guerra, a vitória acaba por ir para o lado que não cede. Os Italianos lutam pela sua liberdade, dizem eles. Bom, numa análise rápida, superficial, esse

poderá parecer o melhor dos motivos. Mas não é. E, muito simplesmente, algo de intangível. Um conceito, Lúcio Júlio, nada mais que um conceito, ao passo que Roma luta pela sua sobrevivência. E é por isso que Roma vencerá. Os Italianos não estão a lutar pela sua sobrevivência da mesma forma como nós lutamos pela nossa. Eles conhecem um modo de vida a que estão acostumados há muitas, muitas gerações. Pode não ser o modo de vida ideal, pode não ser o modo de vida por que eles anseiam. Mas é algo de tangível. Espera, Lúcio Júlio! Quando os Italianos se cansarem de lutar por um sonho, as coisas começarão a correr mal para a Itália. Os Italianos não são uma *entidade.* Não têm uma história e uma tradição como as nossas. Falta-lhes a *mós maioruml* Roma é real. A Itália não é real.

582

O cérebro de Lúcio César mostrava-se surdo a tais argumentos, ainda que os seus ouvidos funcionassem

perfeitamente.

- Se não conseguirmos afastar os Italianos do Lácio, estamos perdidos. E não creio que consigamos afastá-los do Lácio.

- Afastá-los-emos do Lácio! - insistiu Sila, não deixando nunca de se mostrar confiante.

- Como? - perguntou o mórbido Lúcio César, na sua cadeira de general.

- Em primeiro lugar, Lúcio Júlio, deixa-me dizer-te que tenho boas notícias. O teu primo Sexto Júlio e Caio Júlio, seu irmão, desembarcaram em Putéolos. Os navios dos dois levam dois mil homens da cavalaria númida e vinte mil homens de infantaria. A maior parte dos soldados de infantaria são veteranos. A África deu-nos milhares de velhos soldados de Caio Mário, um pouco grisalhos nas têmporas, mas determinados a lutar pela pátria. A esta hora

devem estar todos em Cápua, onde os vão equipar devidamente e submeter à preparação de que estão a precisar, pois não combatem há muito tempo. Quinto Lutácio acha que será melhor formar quatro boas legiões do que cinco legiões fracas, e eu só posso concordar com ele. Com a tua permissão, enviarei duas legiões para o Norte, para Caio Mário, agora que ele é comandante-chefe, e manteremos as outras duas na Campânia. - Sila suspirou, e pôs um sorriso de intenso júbilo.

- Seria melhor manter as quatro legiões aqui na Campânia - disse Lúcio César.

- Não creio que possamos fazer isso - disse Sila, afavelmente, mas com muita firmeza. - As perdas no Norte têm sido mais pesadas do que as nossas, e as duas únicas legiões com experiência de guerra encontram-se paradas em Firmo Picentino com Rompeu Estrabão.

- Creio que tens razão. - Lúcio César ocultava a sua decepção. Por muito que deteste Caio Mário, tenho de admitir que me sinto muito mais tranquilo agora que ele é comandante-chefe. É muito provável que as coisas melhorem no Norte.

- E *aqui* melhorarão também! - retorquiu, alegremente, Sila, ocultando, não a decepção, mas a exasperação.

Por todos os deuses, haveria no mundo algum lugar-tenente com um general mais negativo, mais

desmoralizado e desmoralizador do que aquele? Com os braços sobre a secretária de Lúcio César, inclinou-se um pouco mais para a frente, revelando uma expressão subitamente grave. - Temos de afastar



Mutilo de Acerras, até que as novas tropas estejam prontas. E eu tenho um plano para o afastar de

Acerras.

- Que plano?

- Deixa-me levar as duas nossas melhores legiões. Avançarei com elas sobre Esérnia.

- Tens a certeza de que resultará?

- Confia em mim, Lúcio Júlio! Confia em mim!

- Bom...

- Temos de correr com Mutilo de Acerras! Um ataque simulado contra Esérnia é o melhor processo

para conseguirmos tal objectivo. Confia em mim, Lúcio Júlio! Eu fá-lo-ei, e não perderei os meus

homens.

- Que trajecto seguirás? - perguntou Lúcio César, lembrando-se do desastre que fora o seu recontro

com Escalo, no desfiladeiro de Atina.

- Seguirei o mesmo trajecto que tu. Irei pela Via Latina até Aquino, e depois atravessarei o

desfiladeiro de Melfa.

- Montar-te-ão uma emboscada.

- Não te preocupes, estarei preparado para essa eventualidade retorquiu Sila jovialmente,

concluindo que quanto mais Lúcio César se afundava na depressão, tanto mais ele rejubilava na

fantasia.

No entanto, aos olhos do dirigente samnita Duílio, as duas garbosas legiões que surgiram na estrada

de Aquino pareciam muito pouco preparadas para enfrentar uma emboscada. Ao fim da tarde, a

cabeça da coluna romana entrava a um passo vivo no desfiladeiro. Duílio podia ouvir claramente os

centuriões e os tribunos gritando para os soldados que se despachassem, pois acampariam ali antes

que anoitecesse, e ameaçando-os mesmo com castigos, caso não fizessem como lhes mandavam.

Duílio seguia a cena do alto das fragas, de cenho franzido, mordendo mentalmente as unhas. Este

atrevimento romano seria o cúmulo da idiotia, ou um truque brilhante? Logo que as fileiras romanas

se tornaram inteiramente visíveis, Duílio ficou a saber quem as comandava - e comandava-as a pé:

Lúcio Cornélio Sila. Só podia ser ele, com o seu enorme chapéu pendendo sobre a cabeça. E Sila

não tinha nada fama de idiota, embora as suas actividades no campo de batalha tivessem sido, até

então, mínimas. Atentando nas figuras que apressadamente se moviam no desfiladeiro, podia

concluir-se que Sila projectava instalar

um acampamento poderosamente fortificado, o que sugeria que o seu plano consistia em fixar-se no

desfiladeiro e expulsar as tropas samnitas.

- Não vai conseguir nada - disse Duílio por fim, de cenho ainda franzido. - Mesmo assim, faremos o que nos for possível durante esta noite. É demasiado tarde para o atacarmos, mas posso fazer com que amanhã lhe seja impossível retirar-se, quando eu lançar o ataque. Tribuno, põe uma legião na estrada, na retaguarda dele, mas fá-lo sem alarido. Entendido?

Sila vigiava com o seu lugar-tenente a intensa actividade dos legionários.

- Espero que resulte - comentou o lugar-tenente, nada mais nada menos do que Quinto Cecílio Metelo Pio, o Bacorinho.

Após a morte do pai, Numídico Suíno, a afeição do Bacorinho por Sila não parara de crescer. Metelo Pio fora para sul, para Cápua, com Catulo César, e passara os primeiros meses de guerra ajudando aos preparativos de guerra naquela cidade. Aquela saída com Sila era a sua primeira comissão genuinamente bélica, desde a guerra contra os Germanos; ansiava dar o seu melhor e jurava, para si mesmo, que Sila nunca teria razões de queixa relativamente à sua conduta; fossem quais fosse as ordens do chefe, tencionava cumpri-las à letra.

As finíssimas sobrancelhas de Sila, sem qualquer maquilhagem naqueles tempos de guerra, ergueram-se

muito.

- Vai resultar - retorquiu serenamente.

- Não seria melhor ficarmos aqui onde estamos e correrm os com os samnitas do desfiladeiro? Dessa forma, teríamos acesso permanente

à zona leste - disse o Bacorinho, com uma expressão impaciente.

- Isso é que não resultaria, Quinto Cecílio. Sim, de facto podíamos libertar o desfiladeiro dos samnitas. Mas não dispomos das duas legiões de que precisaríamos para ocupar permanentemente o desfiladeiro. O que

implicaria que os samnitas voltariam a ocupá-lo logo que o abandonássemos. Eles têm legiões a mais. Por isso, é mais importante mostrar-lhes que uma posição que parece inexpugnável não é forçosamente

inexpugnável - retorquiu Sila, num tom satisfeito. Óptimo, já há escuridão bastante. Manda acender os archotes, e atenção!, é preciso que a cena pareça convincente.

Metelo Pio fez o que Sila lhe ordenou. E a cena era, de facto, convincente. Quem estivesse a observá-los do alto dos montes em volta, concluiria imediatamente que os soldados de Sila continuavam a trabalhar

freneticamente na fortificação do acampamento.

585

- Não há dúvida! Decidiram disputar a posse do desfiladeiro disse Duílio. - Imbecis! Vão ficar aqui metidos durante toda a guerra.

- Pelo tom de voz, via-se que também Duílio estava satisfeito.

Porém, com o nascer do dia, Duílio verificou que se tinha equivocado. Atrás dos enormes montes de rochas e terra revolvidos pelos romanos, não se via nenhum soldado; o touro samnita tinha engolido o isco, e o lobo romano escapulira-se. Para leste, não para oeste. Do seu posto de observação, Duílio podia ver a retaguarda da coluna de Sila na estrada de Esérnia: tão longe estavam já os soldados romanos, que mais pareciam formigas.

E Duílio nada podia fazer, porque as ordens que tinha eram explícitas; devia permanecer no desfiladeiro de Melfa, e não perseguir uma força inimiga poderosa, apesar de pequena, por planícies desabrigadas. Naquela situação, o melhor que podia fazer era mandar um aviso a Esérnia.

Mas mesmo essa acção se revelou inútil. Sila abriu um buraco nas linhas dos sitiantes e enfiou as suas legiões na cidade com muito poucas baixas.

”Ele é demasiado bom”, dizia a mensagem italiana seguinte, desta feita enviada por Caio Trebácio, que comandava o cerco samnita, para Caio Pápio Mutilo, então atacando Acerras. ”Esérnia é demasiado grande para ser cercada pelo reduzido número de homens que eu tenho; por isso, não pude espalhar-me o suficiente para impedir a sua entrada; além disso, não pude comprimir devidamente os meus homens, de modo a impedi-lo de espalhar os seus soldados. Finalmente, penso que não conseguirei impedi-lo de sair, sempre que ele o queira.”

Sila depressa descobriu que a cidade sitiada levava uma vida animada e despreocupada; dispunha de dez coortes de bons soldados: as coortes abandonadas por Cipião Asiático e Acílio, mais os refugiados de Venafro e Benevento. A cidade possuía, por outro lado, um comandante competente: Marco Cláudio Marcelo.

- Obrigado pelos abastecimentos e pelas armas que nos trouxeste

- disse Marcelo. - Permitir-nos-ão sobreviver ainda durante muito tempo.

- Isso quer dizer que tencionas permanecer aqui? Marcelo aquiesceu, com um sorriso orgulhoso.

- É claro! Já que fui corrido de Venafro, agora estou decidido a não abandonar esta Esérnia latina. - O seu sorriso esbateu-se. - Todos os cidadãos romanos de Venafro e Benevento foram mortos pela

População. O que eles nos odeiam, os Italianos! Especialmente os Samnitas.

586

- Não sem razão, Marco Cláudio. - Sila encolheu os ombros. Mas isso é o passado e agora temos de tratar do futuro. Só uma coisa nos deve preocupar: a vitória no campo de batalha. E a defesa das cidades que são postos avançados dos romanos num mar de Italianos. Esta também é uma guerra do espírito. Temos de ensinar aos Italianos que Roma e os Romanos são invioláveis. Saqueei todas as localidades entre o desfiladeiro de Melfa e Esérnia, ainda que algumas dessas localidades se resumissem a um par de quintas. E fi-lo para demonstrar aos Italianos que Roma pode actuar para lá das linhas inimigas e tirar os frutos do solo italiano para reabastecer cidades como Esérnia. Se conseguires aguentar-te aqui, meu caro Marco Cláudio, estarás também a dar uma lição aos Italianos.

- Enquanto puder, não deixarei Esérnia - retorquiu Marcelo, absolutamente determinado a defender a cidade.

Sila deixou a cidade tranquilo e confiante: Esérnia resistiria ao cerco. Avançou sem medo no interior do território italiano, confiando na sua sorte, nesse mágico elo que o unia à deusa Fortuna. Na realidade, Sila não fazia a mínima ideia de onde se encontravam as tropas samnitas ou picentinas. E a sorte nunca o abandonou, nem mesmo quando passou por cidades como Venafro e encorajou activamente os seus soldados a insultar, por palavras e gestos, os Italianos que os observavam das muralhas. Quando chegaram a Cápua, os seus

soldados atravessaram os portões da cidade a cantar. E toda a Cápua veio para a rua saudá-los alegremente.

Lúcio César, soube entretanto Sila, tinha-se dirigido para Acerras depois de Mutilo ter mandado parte das suas tropas para Esérnia, por causa do que parecia ser uma importante acção contra o cerco

montado à cidade; mas - assim determinava a sorte - Mutilo tinha ficado em Acerras. Deixando Catulo César em Cápua, com ordens para que os seus soldados gozassem de um bem merecido descanso, Sila montou uma mula e partiu à procura do seu general.

Encontrou-o de mau humor, e privado da cavalaria númida que Sexto César trouxera do outro lado do mar.

- Sabes o que Mutilo fez? - perguntou Lúcio César, mal viu Sila.

- Não - retorquiu Sila, encostando-se com um ar despreocupado a um pilar feito de lanças inimigas capturadas e preparando-se para ouvir uma litania de queixas.



- Quando Venúsia capitulou e os Venusinos aderiram à Itália, o chefe picentino Caio Vidacílio encontrou um refém inimigo em Venúsia. Eu tinha-me esquecido completamente de que ele estava lá. Aliás, suponho que já ninguém se lembrava do caso. O refém era Oxintas, um dos filhos do rei Jugurta da Numídia. Vidacílio

mandou-o para aqui, para Acerras. Quando ataquei, usei a cavalaria númida como guarda avançada. Pois

sabes o que Mutilo fez? Vestiu Oxintas com uma túnica púrpura, pôs-lhe um diadema na cabeça e obrigou-o a desfilar! Claro, os dois mil cavaleiros númidas, mal viram o príncipe, ajoelharam! Ajoelharam perante um inimigo de Roma! - As mãos de Lúcio César ergueram-se no ar, tão cerradas que as unhas lhe feriam, por certo, as palmas. - Quando penso no que gastámos para os trazer da Numídia! O que isso nos custou! Tudo em vão! Tudo em vão!

- Que fizeste?

- Chamei-os, obriguei-os a seguir a pé até Putéolos e mandei-os de volta para a Numídia. O rei que se entenda com eles!

Sila endireitou-se.

- Boa ideia, Lúcio Júlio - comentou, e estava a ser sincero, enquanto afagava a coluna de lanças capturadas. -

Mas não há razão para tristezas, é óbvio que não tiveste nenhum desastre, apesar do aparecimento de Oxintas!

Ganhaste uma batalha, Lúcio Júlio!

O pessimismo natural do cônsul começava a esbater-se, mas não o suficiente para o fazer sorrir.

- Sim, ganhei uma batalha. Nada de especial, porém. Mutilo atacou há três dias, julgo que depois de saber que tinhas furado, com êxito, o cerco a Esérnia. Eu enganei-o, fazendo sair as minhas forças pelas traseiras do nosso acampamento. Matámos seis mil samnitas.

- E Mutilo?

- Retirou imediatamente. Por ora, Cápua está em segurança.

- Excelente, Lúcio Júlio!

- Quem me dera pensar o mesmo - retorquiu Lúcio César, num tom pesaroso.

Reprimindo um suspiro, Sila perguntou-lhe:

- O que é que aconteceu mais?

- Públio Crasso perdeu o seu filho mais velho frente a Grumento, e ficou fechado na cidade durante um largo período. Mas os Lucanianos são tão caprichosos como indisciplinados, felizmente para Públio Crasso e o seu filho do meio. Lampónio conduziu os seus homens para outro

sítio qualquer, e Públio e Lúcio Crasso puderam sair. - O comandante-chefe soltou um imenso suspiro. -

Aqueles malucos em Roma queriam que eu deixasse tudo aqui e fosse a Roma, calcula, para supervisionar a escolha de um cônsul *suffectus* que substituirá Lupo até às eleições. Claro, mandei-os àquela parte. E

recomendei-lhes que confiassem no pretor urbano: Cina pode muito bem resolver todos os assuntos em Roma.

- Suspirou uma vez mais, fungou, lembrou-se de mais qualquer coisa. - Caio Célio, que está na Gália Italiana, mandou um magnífico pequeno exército, conduzido por Públio Sulpício, para ajudar Pompeu Estrabão a

levantar o seu presumido rabo picentino das terras de Firmo. Só desejo boa sorte a Públio Sulpício para lidar com esse semi-bárbaro vesgo! Ah, a propósito, devo dizer, Lúcio Cornélio, que tu e Caio Mário estavam inteiramente certos quanto a Quinto Sertório. Ele agora está a governar a Gália Italiana completamente sozinho, e a verdade é que se está a sair muito melhor do que Caio Célio. Célio teve de ir a toda a pressa para a Gália Transalpina.

- O que é que se passa na Gália Transalpina?

- Os Salúvios desataram a caçar cabeças outra vez - disse Lúcio César com um esgar de asco. - Que esperança podemos ter de civilizar essa gente, quando várias centenas de anos de contactos com Gregos e Romanos não produziram qualquer resultado? Mal deram por nós distraídos, retomaram os velhos hábitos bárbaros.

*Caçadores de cabeças.* Mandei uma mensagem pessoal a Caio Célio, dando-lhe ordens para que não mostrasse a mínima compaixão em relação a essa gente. Não nos podemos dar ao luxo de permitir uma

revolta importante na Gália Transalpina.

- Então o jovem Quinto Sertório está a sair-se bem na Gália Italiana? - disse Sila. Revelava o seu rosto uma expressão invulgar, uma mistura de cansaço, impaciência e amargura. - Era de esperar, não? Ganhou a Coroa de Ervas antes dos trinta...

- Inveja? - perguntou Lúcio César, malicioso. Sila reagiu.

- Não, não sinto inveja nenhuma! Desejo-lhe os maiores êxitos! Eu *gosto* desse jovem. Conheço-o desde que serviu como cadete em África, sob as ordens de Mário.

Lúcio fez um barulho qualquer, incompreensível, e de novo mergulhou nos seus sombrios pensamentos.

- Aconteceu mais alguma coisa? - insistiu Sila.



- Sexto Júlio César pegou na sua metade das tropas que trouxe do ultramar e seguiu para Roma, pela Via Ápia. Julgo que tenciona passar o Inverno em Roma. - Lúcio César não tinha em grande apreço o primo. -

Está doente, como de costume. Felizmente que Caio, o irmão, anda com ele. Os dois juntos são capazes de fazer um homem decente.

- Ah! Então a minha amiga Aurélia vai ter marido por uns tempos - comentou Sila com um sorriso terno.

- Não há dúvida que és uma criatura estranha, Lúcio Cornélio! Mas que importância é que tem no presente momento a vida da tua amiga Aurélia?

- Não tem a mínima importância. Mas quanto ao resto tens razão, Lúcio Júlio: sim, eu sou uma criatura estranha!

Lúcio César viu algo na expressão de Sila que o fez mudar imediatamente de assunto.

- Dentro de muito pouco tempo partiremos de novo os dois.

- Partimos? Para onde? Para que proeza?

- A tua acção em Esérnia convenceu-me de que Esérnia é a chave para todo este teatro de guerra. Mutilo dirige-se agora para lá, depois de ter perdido a batalha aqui; bom, pelo menos é o que me diz a tua

espionagem. Acho que devemos fazer o mesmo. Esérnia não pode cair nas mãos dos Italianos.

- Oh, Lúcio Júlio! - exclamou Sila, desesperado. - Esérnia não passa de um espinho espiritual que incomoda a garra italiana! Enquanto Esérnia aguentar o cerco, os Italianos duvidarão da sua capacidade para vencer esta guerra. Mas, tirando isso, Esérnia não tem a mínima importância! Além do mais, a cidade encontra-se muito bem abastecida, e o seu comandante é um homem eficiente e determinado: é Marco Cláudio Marcelo. Deixa Esérnia ficar como está, não te preocupes com Esérnia! Se Mutilo retirou para o interior, a única via de que dispomos é o desfiladeiro de Melfa. Porque havemos de pôr em perigo a vida dos nossos preciosos soldados, num cenário perfeito para emboscadas?

Lúcio César ficou vermelho de raiva.

- Mas tu atravessaste-o!

- Sim, atravessei-o. Mas enganei-os. E o meu truque não vai resultar uma segunda vez.

- Pois eu atravessarei esse desfiladeiro - replicou Lúcio César, inflexível.

- Quantas legiões?

- Todas as que temos. Oito.

- Lúcio Júlio, por favor, esquece esse projecto! - suplicou Sila.

- Seria mais inteligente tentar expulsar os Samnitas da Campânia Ocidental de uma vez por todas! Com oito legiões funcionando como uma unidade, podemos conquistar todos os portos que Mutilo ocupou, reforçar

Acerras, e reocupar Nola. Nola, para os Italianos, é mais importante do que Esérnia para nós!

Os lábios do general franziram-se: Lúcio César não conseguia esconder a sua irritação.

- Eu é que sou o comandante, e não tu, Lúcio Cornélio! E se eu digo que vamos para Esérnia, é porque vamos mesmo para Esérnia.

Sila encolheu os ombros, desistiu.

- Como queiras, Lúcio Júlio.

Sete dias depois, Lúcio Júlio César e Lúcio Cornélio Sila rumaram a Teano dos Sidicinos com oito legiões, ou seja, todas as forças disponíveis no teatro de guerra do Sul. Sila sentia-se enredado, perseguido, por todas as superstições, mas não tinha outra alternativa senão fazer o que lhe mandavam. Lúcio César era o general.

Tanto pior, pensava Sila enquanto seguia à frente das suas duas legiões - as mesmas que conduzira até Esérnia

- e observava a imensa coluna à sua frente, estirando-se, como uma serpente, pelos montes baixos da região.

Lúcio César tinha colocado Sila na cauda da marcha, de forma a impedi-lo de participar nas suas

conferências. Metelo Pio, o Bacorinho, fora honrado com uma promoção que não lhe agradava nada: era ele quem acompanhava agora Lúcio César, era com ele que Lúcio César conferenciava. Mas Metelo Pio preferia permanecer com Sila.

Em Aquino, o general mandou chamar Sila e, com profundo desdém, atirou-lhe uma carta. Assim caem os

fortes!, pensou Sila, lembrando-se de que, em Roma, ainda antes da guerra, fora a ele que Lúcio César recorrera, transformando-o, de um momento para o outro, no seu ”conselheiro”. Agora, Lúcio César só via um especialista, um conselheiro: ele mesmo.

- Lê isso - atirou-lhe Lúcio César. - Acaba de chegar. É uma carta de Caio Mário.

Mandava, normalmente, a cortesia, que um homem que recebesse uma carta a lesse em voz alta, perante

aqueles com quem desejava



partilhá-la; consciente disso, Sila sorriu, ironicamente, para si mesmo e, sem mais demoras,

começou a ler a carta.

*Na minha qualidade de comandante-chefe do teatro do Norte, creio que chegou a hora, Lúcio Júlio, de te informar dos meus planos. Escrevo-te esta carta nas Calendas de Agosto, num acampamento perto de Reate.*

*É minha intenção invadir as terras dos Marsos. O meu exército encontra-se, finalmente, nas melhores condições, e estou absolutamente convencido de que combaterá tão esplendidamente como todos os meus exércitos de outros tempos, por amor a Roma e por amor ao seu general.*

Ah! Sim senhor!, pensou Sila, atento, alerta. Nunca o nosso velho amigo se exprimiu nestes termos!

”Por amor a Roma e *por amor ao seu general.* O que é que se passará naquela cabecinha? Porque se associa ele pessoalmente a Roma? O *meu* exército! Não é o exército de Roma, mas o *meu* exército!

Eu não teria dado por isso (todos nós dizemos o ”meu” exército...), se não fosse aquela referência

ao ”amor” ao seu general... Esta carta irá para os arquivos da guerra. E nesta carta, Caio Mário

coloca-se em pé de igualdade com Roma!

Sila ergueu num ápice a cabeça, olhou de relance para Lúcio César; mas, se tinha dado pela frase, o

comandante-chefe do teatro do Sul fingia que não reparara em nada. Não, decidiu Sila, Lúcio César

não era capaz de tais subtilezas. Voltou à leitura da carta.

*Creio que concordarás comigo, Lúcio Júlio, quanto ao facto de que precisamos de uma vitória - uma vitória completa e decisiva - no meu teatro. Roma chamou a esta guerra a guerra dos Marsos. Se assim é, temos de derrotar os Marsos no campo de batalha, e, se possível, deixá-los sem qualquer possibilidade de*

*recuperação.*

*Neste momento eu posso fazer isso, meu caro Lúcio Júlio. Mas, para o fazer, preciso dos serviços do meu velho amigo e colega Lúcio Cornélio Sila. E de mais duas legiões. Percebo perfeitamente que não te é fácil dispensar Lúcio Cornélio - e duas legiões. Mas eu não te pediria este favor se não considerasse imperativa uma tal ajuda. garanto-te que esta transferência não será permanente. É um empréstimo, não um presente.*

*Preciso apenas de dois meses, não mais que dois meses.*

592

*Se te é possível aceder ao meu pedido, estou certo de que Roma te ficará grata pela tua amabilidade. Se a tua resposta for negativa, terei de voltar a montar o meu acampamento em Reate e de pensar noutra alternativa.*

Sila ergueu a cabeça e fitou Lúcio César, as sobrancelhas bem altas.

- Que me dizes a isto? - perguntou, colocando cuidadosamente a carta na secretária de Lúcio César.

- Digo que deves ir ter com ele, Lúcio Cornélio - retorquiu Lúcio César com um ar indiferente. - Eu posso atacar Esérnia sem a tua ajuda. Caio Mário tem razão. Precisamos de uma vitória decisiva contra os Marsos.

Seja como for, este teatro do Sul é a maior das confusões. É impossível conter os Samnitas e os seus aliados, tal como é impossível inflingir-lhes uma derrota decisiva, pois é muito difícil empurrar um número

significativo dos seus soldados para um único local. Tudo o que posso fazer aqui é mostrar aos Italianos a força e a persistência dos nossos exércitos. Nunca haverá uma batalha decisiva no Sul. Essa batalha só poderá acontecer no teatro do Norte.

Sila continuava bem alerta. Um dos dois generais equiparava-se a Roma, o outro era a personificação do desalento, incapaz de ver uma luz que fosse, tanto a leste como a oeste ou a sul. Que felicidade ele poder ver uma luzinha de esperança brilhando no norte! Como poderemos vencer na Campânia com um homem como

Lúcio César à frente das nossas tropas?, perguntava-se Lúcio Cornélio Sila. Por todos os deuses, por que não ascendi eu até agora a um cargo superior? Pois se sou melhor que Lúcio César! E talvez seja melhor que Caio Mário! Desde que entrei para o Senado, não tenho feito outra coisa senão servir homens inferiores - e mesmo Caio Mário é um homem inferior, porque não é um patrício Cornélio. Metelo Bacorinho, Caio Mário, Catulo César, Tido Dídio, e agora *este,* um homem descendente de uma casa antiquíssima, é certo, mas um doente, um indivíduo que sofre de uma depressão crónica! E afinal, quem é que tem cada vez mais poder, quem é que ganha a Coroa de Ervas, quem é que acaba a governar uma província apenas com trinta anos? Quinto

Sertório. Um zé-ninguém sabino. Um primo de *Mário]*

- Lúcio César, nós vamos vencer! - disse Sila, muito sério. Sinto que a vitória já não está longe! Reduziremos os italianos a pó.



Podem derrotar-nos numa batalha ou duas, mas nunca nos derrotarão numa guerra! Ninguém pode derrotar

Roma numa guerra! Roma é Roma, poderosa e eterna. Eu *acredito* em Roma!

- Também eu, Lúcio Cornélio, também eu! - retorquiu Lúcio César, irritado. - Mas agora vai-te embora! Vai ajudar Caio Mário. Podes ser-lhe útil, ao passo que aqui, francamente, a tua utilidade não é muita.

Sila levantou-se, e estava já à porta da casa onde Lúcio César se instalara, quando, subitamente, voltou para trás. Tinha prestado tanta atenção à carta de Caio Mário que nem reparara no aspecto físico de Lúcio César.

Agora, de repente, sentia um medo novo. O general estava pálido, com um ar apático, tremia, suava.

- Lúcio Júlio, estás bem? - perguntou Sila.

- Estou bem, sim! Sila sentou-se de novo.

- Não estás nada bem, não mintas.

- Estou suficientemente bem, Lúcio Cornélio.

- Chama um médico!

- Nesta aldeia? Só se chamar alguma velha, capaz de me receitar decocções de esterco de porco e cataplasma de aranhas esmagadas.

- Eu vou passar por Roma. E mando-te o Siciliano.

- Então manda-o para Esérnia, Lúcio Cornélio, porque é aí que me vai encontrar. - A testa de Lúcio César brilhava do suor. Podes ir.

Sila ergueu muito os ombros, levantou-se.

- Toma muita atenção, Lúcio Júlio: tu estás com sezões!

Pois bem, deixá-lo!, pensou Sila ao transpor a porta. Lúcio César não estaria em condições de organizar fosse o que fosse, quando chegasse ao desfiladeiro de Melfa. Ia sofrer uma emboscada, e teria de retirar para Teano dos Sidicinos uma segunda vez. E muitos homens morreriam naquele traiçoeiro desfiladeiro. Mas porque

eram todos tão teimosos, tão estúpidos?

Não muito longe da residência de Lúcio César, encontrou Metelo Pio, o Bacorinho, com um ar igualmente soturno.

- Tens um homem doente naquela casa - disse Sila, apontando para a residência de Lúcio César.

- Não me fales nisso! - exclamou Metelo Pio. - Se ele, normalmente, já *é* um tipo triste, agora imagina o que não será com um ataque de



sezões... É de dar em doido! O que é que tu lhe fizeste para ele te pôr de parte, para ele te ignorar por completo?

- Disse-lhe que não pensasse em Esérnia e que tratasse de expulsar os Samnitas da Campânia Ocidental.

- No estado em que ele se encontra, seria de facto uma boa ideia não avançarmos sobre Esérnia - disse o Bacorinho, procurando pôr um sorriso.

A gaguez do Bacorinho sempre fascinara Sila. Por isso disse-lhe:

- Ultimamente, tens andado menos gago.

- Fran-fran-francamente, Lúcio Cornélio, porque me di-di-dizes uma dessas? Eu só fi-fi-fico gago quando pen-pen-penso nisso! Gran-gran-grande estupor!

- A sério? Mas isso é curioso. Tu não gaguejavas antes... antes de Arausio, não foi?

- Sim, antes de Arausio não gague-gue-gue-guejava. É uma cha-cha-cha-chatice! - Metelo Pio respirou fundo e tentou não pensar na sua gaguez. - Como vocês estão mal-mal-mal um com o outro, suponho que ele não te di-di-di-disse o que pensa fazer quando voltar a Roma?

- Não. O que é que ele tenciona *fazer!*

- Conceder a cidadania a todos os italianos que não tenham lutado contra nós.

- Estás a brincar comigo, Metelo Pio!

- Não estou, Lúcio Cornélio! Por causa dele, já me esqueci do que é brincar seja com o que for. É verdade, juro que é verdade. Logo que as coisas abrandem por aqui, ou seja, lá para fins do Outono, Lúcio Júlio despirá o seu traje de general e voltará a vestir a to-to-toga debruada a púrpura. O seu último acto como cônsul, diz ele, será conceder a cidadania a todos os italianos que não tenham participado na guerra contra Roma.

- Mas isso é traição! Quer dizer, então, que ele e os outros idiotas que estão à frente de tudo isto perderam milhares e milhares de homens numa luta que eles não têm a coragem de levar até ao fim? - Sila tremia. -

Quer dizer então que ele vai levar seis legiões para o desfiladeiro de Melfa, *sabendo* que aqueles homens vão morrer para nada? *Sabendo* que tenciona abrir as portas das traseiras de Roma a todos os Italianos da península? Porque é isso que vai acontecer, Metelo Pio. Todos eles conseguirão a cidadania, todos, desde Silão e Mutilo até ao último



homem livre que Silão e Mutilo tiverem entre a sua clientela! Ah, ele não pode fazer uma coisa dessas!

- De nada te vale gritares-me, Lúcio Cornélio! Porque eu lutarei contra o alargamento da cidadania até ao fim, mesmo que esse fim seja amargo.

- Tu nem terás oportunidade de combater contra o alargamento da cidadania, Quinto Cecílio. Porque estarás no campo de batalha, e não no Senado. Só lá estará Escauro para combater tal proposta, e Escauro é

demasiado velho. - Furioso, Sila fitava a rua, sem nada ver à sua frente. - Filipe e o resto dos *saltatrices tonsae é* que decidirão. E concordarão com a proposta de Lúcio Júlio. Tal como os *Comitia.*

- Também tu estarás no campo de batalha, Lúcio Cornélio - disse o Bacorinho num tom triste. - Ouvi di-di-di-dizer que ias ajudar Caio Mário, aquele velho nabo italiano! Ele não rejeitará a lei de Lúcio Júlio, aposto!

- Não estou assim tão certo - disse Sila, e suspirou. - Uma coisa tens de admitir em relação a Caio Mário, Quinto Cecílio: ele é, antes de mais, um soldado. Quando ele deixar de participar nesta guerra, haverá muito poucos marsos vivos para exigirem a cidadania.

- Espero que sim, Lúcio Cornélio. Porque no dia em que Caio Mário entrar num Senado meio cheio de

italianos, ele voltará a ser o Primeiro Homem em Roma. *E será* cônsul pela sétima vez.

- Só se eu não puder fazer nada contra... - retorquiu Sila.

No dia seguinte, as duas legiões de Sila, separaram-se das de Lúcio César, precisamente na altura em que estas entravam na estrada que conduzia ao rio Melfa. Sila prosseguiu a sua marcha pela Via Latina,

atravessando o Melfa em direcção a Fregelas, reduzida a ruínas por Lúcio Opímio, em consequência da

revolta da sua população, trinta e cinco anos antes. As legiões de Sila pararam junto aos pequenos vales tranquilos, cobertos de flores,

criados pelas muralhas e torres, em ruínas, daquela que fora uma cidade. Sem disposição para vigiar os seus tribunos e centuriões, dirigindo a construção de algo tão fundamental como um acampamento fortificado, Sila resolveu dar um passeio sozinho pela cidade-fantasma.

Aqui está aquilo por que lutamos, pensou. É assim que tudo ficará, quando abafarmos por completo esta nova revolução, garantem-nos os burros do Senado. Demos o nosso tempo, os nossos impostos, as



nossas vidas, para transformar a Itália numa vasta Fregelas. Dissemos que não pouparíamos uma única vida italiana. Que cresceriam papoulas vermelhas em terra vermelha do sangue italiano. Dissemos que as caveiras dos italianos ficariam tão brancas como aquelas rosas brancas e que pelas suas órbitas vazias espreitariam malmequeres, fitando, cegos, o sol, com os seus olhos amarelos. Para que lançámos esta guerra, se dela só resultará ruína? Para que morremos se, com a nossa morte, não nascerá vida? Ele aprovará a cidadania para os semi-rebeldes da Úmbria e da Etrúria. E depois disso, não poderá parar. A menos que alguém pegue no ceptro do império que ele deixará cair. Todos receberão a cidadania, com as mãos ainda sujas do nosso sangue. Para que lutamos, se lutamos para nada? Nós, os herdeiros dos Troianos, e que, por isso, devíamos saber na perfeição o que sentem os traidores dentro da cidade sitiada. Nós, que somos Romanos, e não Italianos. E ele fará com que *eles* se tornem Romanos. Ele e outros como ele destruirão tudo aquilo que Roma representa. A Roma deles não será a Roma dos seus antepassados, nem a minha Roma. Este mar de ruínas coberto de flores, estas ruínas italianas de Fregelas são a minha Roma, a Roma dos meus antepassados - suficientemente forte e segura para deixar crescer flores em ruas rebeldes, para entregar essas flores aos zunidos das abelhas e aos gorjeios dos pássaros.

Sila não sabia ao certo se a sua tristeza não seria também motivada pela luz difusa que vinha dos céus, ou pelas pedras que lhe magoavam os pés. Porém, ainda que a luz do dia fosse instável, Sila apercebeu-se, a certa altura, de uma forma que se aproximava, uma forma azul e maciça - um general romano aproximando-se de outro general romano. Até que a forma deixou de ser azul ou negra, ou uma massa brilhante de armadura e elmo. Caio Mário! Era Caio Mário, o Italiano.

Sila respirou fundo, nervosamente, o seu coração agitou-se. Parou, e esperou por Mário.

- Lúcio Cornélio.

- Caio Mário.

Nenhum deles se mexeu para cumprimentar ou tocar o outro, fosse de que modo fosse. Logo começaram a

caminhar juntos, num silêncio sepulcral. Foi Mário quem, por fim, pigarreou, porque Mário não suportava calar emoções.

- Suponho que Lúcio Júlio vai a caminho de Esérnia. É isso, não é?

- Sim.



Devia ter ido antes para o golfo de Cráter, combater pela reconquista de Pompeios e Estábias. Otacílio está a organizar uma bela armada, agora que tem mais recrutas. A armada nunca surge em primeiro lugar entre as preferências do Senado. No entanto, ouvi dizer que o Senado vai recrutar todos os libertos de Roma,

fisicamente aptos, a fim de formarem uma força especial que protegerá e defenderá as costas da alta

Campânia e do baixo Lácio. Assim, Otacílio poderá integrar todas as milícias costeiras actuais na sua armada.

- Hum! - fez Sila. - E quando é que os veneráveis senadores tencionam reunir-se para aprovar essa lei?

- Sabe-se lá! Pelo menos já começaram a falar do assunto...

- Que maravilha!

- Que azedume, Lúcio Cornélio! Foi Lúcio Júlio que te deixou nesse estado? Não me espanta nada...

- Sim, Caio Mário, estou furioso - retorquiu Sila, extremamente calmo. - Antes de tu chegares, passeava por este belo caminho, pensando no destino de Fregelas, e no destino que espera os nossos actuais inimigos italianos. Não sei se sabes, mas Lúcio Júlio pretende aprovar o alargamento da cidadania a todos os italianos que tenham mantido uma atitude pacífica em relação a Roma. Não é um espanto?

Mário deteve-se por um momento, mas logo reatou a caminhada com a sua passada forte e decidida.

- Mas quando é que ele pretende aprovar essa lei? Antes ou depois de se esmagar contra os rochedos de Esérnia?

- Depois.

- Dá vontade de perguntar aos deuses para que estamos nós a lutar! - exclamou Mário, repetindo, sem o saber, as reflexões de Sila. Mas logo desatou a rir. - Bom, seja como for, a verdade é que eu gosto de tudo o que seja actividade militar. Espero que haja, ainda, uma ou duas batalhas, antes que o Senado e o Povo de Roma desistam por completo! Mas que reviravolta! Se tivéssemos podido ressuscitar Marco Lívio Druso nada disto teria acontecido. O Tesouro estaria cheio e não mais vazio do que a cabeça de um tonto, e a península

estaria em paz, feliz e satisfeita, e repleta de cidadãos legalmente romanos.

- Claro.

Calaram-se. Dirigiam-se para o que restava do Fórum de Fregelas. Aqui e ali, por sobre as ervas e as flores, espreitavam colunas e lanços de escadas que não levavam a sítio nenhum.

598

- Tenho uma missão para ti - disse Mário, sentando-se numa pedra.
- Pára, Lúcio Cornélio! Senta-te aqui ou deixa-te estar em pé, mas à sombra, e tira esse maldito chapéu, para que eu possa ler o que os teus olhos dizem.

Obedientemente, Sila procurou a sombra e, obedientemente, tirou o chapéu; mas não se sentou, nem falou.

- Por certo já te perguntaste porque vim ter contigo a Fregelas, em vez de esperar em Reate.

- Imagino que não me queres em Reate. Mário soltou uma sonora gargalhada.

- Descobres sempre os meus truques, Lúcio Cornélio! Tens toda a razão. Não te quero em Reate. - Mário já não sorria. - Mas também não queria descrever os meus planos numa carta. Quanto menos gente souber,

melhor. Não que eu tenha motivos para desconfiar da existência de um espião na tenda de Júlio. Nada disso.

Só que tenho o hábito de ser prudente.

- A única maneira de guardar um segredo é não o contar a ninguém.

- Claro, claro. - Mário soprou com tanta força que as correias e as fivelas da sua armadura rangeram. - Tu, Lúcio Cornélio, deixarás a Via Latina aqui. Passando por Sora, seguirás o curso do Líris até à nascente. Por outras palavras, quero-te na margem sul da nascente do Líris, a poucos quilómetros da Via Valéria.

- E qual será o teu papel?

- Enquanto sobes as margens do Líris, eu irei de Reate até à passagem ocidental na Via Valéria. Tenciono entrar na Via Valéria para lá de Carséolos. Carséolos está em ruínas e possui uma guarnição inimiga: soldados Marrucinos, segundo os meus informadores, comandados pelo próprio Hério Asínio. Se possível, obrigá-los-ei a travar uma batalha pela posse da Via Valéria, antes de chegar à passagem ocidental. Nesse momento, entrarás tu em acção, mas *a sul* da nascente do Líris.

- A sul da nascente do Líris, sem que o inimigo o saiba - disse Sila, que começava a perder a calma.

- Precisamente. Isso quer dizer que matarás todos os inimigos que te aparecerem pela frente. Toda a gente sabe que eu me encontro a norte da Via Valéria; por isso, nem os Marrucinos nem os Marsos, assim o espero, pensarão que há um outro exército no flanco sul. Vou tentar fazer com que os meus movimentos atraiam todas as atenções

inimigas. - Mário sorriu. - Tu, é claro, encontras-te oficialmente com Lúcio Júlio, a caminho de Esérnia.

Não perdeste os teus talentos de chefe militar, Caio Mário.

Os fogosos olhos castanhos de Mário cintilaram.

Espero bem que não! Porque, Lúcio Cornélio, e vou ser franco contigo, se eu perdesse esses talentos, não haveria ninguém nesta obscura guerra capaz de ocupar o meu lugar. Acabaríamos por conceder a cidadania aos nossos inimigos, no campo de batalha.

Sila, em parte, estava preocupado com a questão da cidadania; mas havia outras questões que o preocupavam mais.

- E eu? Achas que não sou capaz de assumir uma chefia militar?

- disparou ele, de repente.

- Sim, sim, claro que és capaz - retorquiu Mário num tom conciliador. - Não o nego, nem por um momento.

Mas as funções de comandante não são as que melhor se adequam à tua pessoa, Lúcio Cornélio.

- Pode-se aprender a ser um bom comandante - teimou Sila.

- Sim, pode-se aprender, de facto. Como tu fizeste. Aprendeste. Mas se a coisa não nasce connosco, como é o teu caso, Lúcio Cornélio, nunca passamos de bons comandantes - disse Mário, sem prestar a mínima atenção ao facto de que o que estava a dizer estava longe de constituir um elogio. - Por vezes não basta ser-se um bom comandante. É preciso ser-se um comandante *inspirado. E* isso, ou

nasce connosco, ou faz parte da nossa personalidade, ou então nada feito.

- Um dia, Roma ficará sem ti, Caio Mário - disse Sila, com um ar pensativo. - E então, veremos! Serei eu quem assumirá o comando supremo.

Mário, ou não compreendia aquelas palavras, ou então não conseguia adivinhar o que se passava na cabeça de Sila. Em vez de reagir mal, soltou um risinho alegre.

- Bom, Lúcio Cornélio, só faço votos para que, quando esse dia chegar, Roma precise apenas de um bom

general. Não estás de acordo comigo?

- O mais possível - retorquiu Lúcio Cornélio Sila.

O que irritava Sila era o facto de o plano de Mário ser perfeito. As duas legiões de Sila passaram Sora, sem terem encontrado qualquer força inimiga. Depois, numa breve escaramuça, derrotaram uma pequena



força de picentinos, chefiada por Tito Herénio. Entre Sora e a nascente do Líris, Sila apenas encontrou camponeses latinos e sabinos, que o saudaram com tamanha alegria, que ele não se sentiu capaz de os matar, como Mário ordenara. Era mais que natural que os picentinos, que tinham escapado em Sora, referissem a sua presença, mas Sila dera a impressão de que a sua missão o levara apenas a Sora, por ordens de Lúcio César, e que, depois da missão cumprida, voltaria para junto de Lúcio César, a leste do desfiladeiro de Melfa. Era de crer que os sobreviventes da força de Tito Herénio e os Pelignos estivessem à espera de Sila no local errado.

Graças aos seus informadores, Sila sabia que Mário fizera o prometido: entrara na Via Valéria para lá de Carséolos. Hério Asínio e os seus Marrucinos tinham-no atacado imediatamente e sofrido uma derrota

esmagadora, depois de Mário os ter levado a pensar que não queria travar uma batalha naquele local. O

próprio Hério Asínio pereceu na batalha, tal como a maior parte dos seus soldados. Mário avançara depois na direcção da passagem ocidental, sem qualquer oposição. Dirigia-se agora para Alba, com quatro legiões formadas por homens que tinham a certeza da vitória - como poderiam perder, se tinham à sua frente a velha raposa de Arpino? Eram, todos eles, belíssimos soldados, soldados que pareciam ter anos e anos de

experiência de guerra.

Sila e as suas duas legiões seguiram de perto Mário, ao longo da Via Valéria, até ao momento em que a nascente do Líris, que os separava, deu lugar à bacia do lago Fucino; mas, mesmo então, Sila manteve, entre as suas forças e as de Mário, uma distância de apenas quinze quilómetros, conseguindo esconder-se com a maior facilidade. Apesar dos problemas levantados por uma região montanhosa, Sila tinha razões para

agradecer aos Marsos, pelo facto de gostarem de fazer o seu próprio vinho. A sul da Via Valéria, ficava uma região totalmente coberta de vinha; as videiras cresciam em latadas, ficando, assim, protegidas dos ventos que sopravam das montanhas, numa altura do ano em que as flores desabrochavam e os insectos precisavam de ares calmos para polinizar. Agora, Sila matava toda a gente que lhe aparecia pela frente, na sua maior parte mulheres e crianças; todos os homens, excepto os mais velhos, haviam abandonado aldeias e quintas, a fim de servirem no exército.

Sila apercebeu-se do momento em que começou a batalha entre Mário e os Marsos, pois, nesse dia, o vento soprava de norte, e espalhava

601

Os ruídos dos combates tão claramente que os homens de Sila chegaram a pensar que a batalha se desenrolava ali mesmo ao lado, no meio das parreiras. Um mensageiro tinha vindo de madrugada para informar Sila de que a batalha seria travada, provavelmente, naquele dia; por isso, Sila colocou as suas forças numa formação de oito fileiras, atrás das altas cercas dos vinhedos, e aguardou.

Cerca de quatro horas depois de a batalha ter começado, os Marsos, em fuga, começaram a aparecer e a

perecer, trespassados pelas espadas dos legionários de Sila, ansiosos por entrarem em acção. Nalguns locais, a luta foi renhida - aqueles eram homens desesperados -, mas os soldados de Sila não correram nunca qualquer perigo.

Como de costume, sou o lacaio de Caio Mário, enfim, um lacaio cheio de experiência e engenho, mas um

lacaio, pensava Sila, enquanto observava a batalha. Fora Caio Mário quem concebera a estratégia, fora ele quem definira a táctica, fora ele quem determinara o êxito final da batalha. E aqui estou eu, no sítio errado, comendo os restos que ele deixou como o homem esfomeado que sou. Que bem ele se conhece a si mesmo - e que bem ele me conhece.

Terminada a batalha, e sem nenhuma vontade de mostrar o seu júbilo, Sila subiu para a mula e dirigiu-se para a Via Valéria, a fim de informar Caio Mário de que tudo tinha corrido de acordo com os seus planos, de que quase todos os marsos envolvidos na batalha tinham sido mortos.

- Sabes quem tive de enfrentar? Silão! Silão, calcula! - disse Mário, fazendo o alarido habitual após uma batalha, dando palmadinhas nas costas de Sila e conduzindo-o até à tenda de comando, com um braço por cima dos seus ombros. - Não há dúvida, eles estavam a dormir - acrescentou, radiante. - Também não admira, estavam em casa! Caí em cima deles como um trovão, Lúcio Cornélio! Parece que eles imaginavam que

Asínio nunca poderia ser derrotado! Ninguém apareceu a informá-los de que Asínio tinha perdido a batalha, eles só sabiam que Asínio se pusera a caminho porque eu tinha, finalmente, abandonado Reate. Por isso, quando eu apareci, ficaram positivamente estupefactos. Eles iam juntar-se às forças de Asínio. Eu recuei apenas o suficiente para travar batalha, formei os meus homens em quadrado, e fiz o possível por dar a impressão de que me preparava para me defender, nunca para atacar.

602

”Se és, como dizem, um grande general, vem e luta comigo, Caio Mário!”, gritou Silão, montado num cavalo.

”E se tu és, como dizem, um grande general, então vem dar cabo de mim, Quinto Popaedius”, respondi-lhe eu.

- Nunca saberemos o que pretenderia ele fazer depois desta troca de mimos, porque os seus homens, nesse instante, tomaram o freio nos dentes e carregaram, sem esperarem pelas ordens do chefe. Facilitaram-me a vida... Eu sei o que devo ou não devo fazer, Lúcio Cornélio. Mas Silão não sabe. E digo ”não sabe” porque ele escapou ileso. Quando os seus homens começaram a debandar em pânico, ele desapareceu no seu cavalo; a única coisa que sei é que seguiu para leste. Duvido que pare até encontrar Mutilo. Seja como for, obriguei os marsos a retirar numa única direcção: os vinhedos. Sabendo que estavas lá à espera para acabares com eles. E

acabaste mesmo com eles.

- Tudo muito bem feito, Caio Mário - disse Sila, e estava a ser absolutamente sincero.

Com um banquete, Mário, Sila e os seus oficiais comemoraram a vitória. Estava também presente o jovem Mário, cheio de orgulho pelos feitos do pai, a quem servia agora como cadete. Ah, temos cá o filhote do urso!

Cuidado, que ele não perde pitada!, pensou Sila, recusando-se a olhar para o jovem.

A batalha foi repetidas vezes discutida, durante mais tempo do que aquele que demorou a ser travada; até que, havendo já pouco vinho nas *amphorae,* a conversa, inevitavelmente, se encaminhou para a política. O tema era a legislação prevista por Lúcio César: a notícia fora um verdadeiro choque para os oficiais de Mário; Mário não lhes contara a sua conversa com Sila em Fregelas. Foram variadas as reacções, ainda que todos estivessem contra tal concessão. É que aqueles homens eram soldados, e há já seis meses que combatiam, e tinham visto morrer milhares de camaradas - e, além disso, sentiam que os cobardes de Roma nem sequer lhes tinham dado a oportunidade de conhecer o sabor da vitória. Aqueles que estavam em Roma, seguros e

tranquilos, não passavam, aos olhos dos militares, de um bando histérico de velhas virgens vestais; Filipe era o mais criticado, mas Lúcio César também não era poupado.

- Todos os Júlios Césares são indivíduos demasiado nervosos disse Mário, o rosto bem vermelho. - É pena que, nesta crise, tenhamos um cônsul sénior chamado Júlio César. Eu sabia que ele ia falhar.



- Quem te ouvir falar, pensará que preferias que não concedêssemos nada aos Italianos - disse Sila.

- Preferia que não - disse Mário. - Antes da guerra, as coisas eram diferentes. Mas a partir do momento em que um povo se declara inimigo de Roma, esse povo passa também a ser meu inimigo. Para sempre.

- É também isso o que eu penso - disse Sila. - No entanto, se Lúcio Júlio conseguir convencer o Senado e o Povo a aprovar a sua lei, isso diminuirá as possibilidades de a Etrúria e a Úmbria passarem para o outro lado.

Ouvi dizer que houve novos motins em ambas as regiões.

- Claro. Foi por isso que Lúcio Catão Liciniano e Aulo Plótio pegaram nas tropas de Sexto Júlio e foram, o primeiro para a Etrúria e o segundo para a Úmbria - retorquiu Caio Mário.

- Que está, então, Sexto Júlio a fazer neste momento? O jovem Mário respondeu, e com voz bem sonora.

- Recupera em Roma; ”está com o peito numa lástima”, diz a minha mãe, na sua última carta.

O olhar de Sila deveria tê-lo esmagado, mas a verdade é que pouco efeito teve. Que raio!, pensou Sila, o facto de o pai dele ser o comandante-chefe não lhe dá o direito de se meter na conversa! Não passa de um

*contubernalis!*

- Não tenho dúvidas de que a campanha etrusca de Catão Liciniano aumentará as suas hipóteses de se tornar cônsul no próximo ano disse Sila. - Desde que se saia bem. Julgo que sim, que tudo lhe correrá de feição.

- Também acho - disse Mário, arrotando. - É uma missão pequena, adequada ao tamanho de um pequenote

como Catão Liciniano.

Sila sorriu.

- Francamente, Caio Mário, não me digas que não estás impressionado com Catão Liciniano...

Mário pestanejou.

- E tu, estás?

- Claro que não. - Sila bebera já demasiado vinho: era tempo de mudar para a água. - Entretanto, que vamos nós fazer? Já estamos bem no meio de Setembro e eu tenho de voltar à Campânia muito em breve. Gostaria de aproveitar ao máximo o tempo de que disponho, se tal for possível.



- Não posso *crer* que Lúcio Júlio se tenha deixado enganar por Egnácio no desfiladeiro de Melfa! -

interrompeu o filho de Mário.

- Meu rapaz, tu ainda não tens idade suficiente para entender até que ponto pode ir a imbecilidade dos homens

- disse Mário, aprovando o comentário, em vez de, pura e simplesmente, reprovar o facto de o filho ter falado.

Virou-se então para Sila. - Não há nada a esperar de Lúcio Júlio, agora que ele voltou pela segunda vez para Teano dos Sidicinos, com um quarto do seu exército morto. Por isso, para que hás-de voltar para lá a correr, Lúcio Cornélio? Para consolar Lúcio Júlio? Imagino que Lúcio Júlio já tem lá muita gente a consolá-lo da derrota. Sugiro que continuemos juntos até Alba - disse ele,

terminando com um som muito peculiar, algo que não se percebia bem se era uma gargalhada ou um vómito.

Sila teve um sobressalto.

- Sentes-te bem? - perguntou bruscamente.

Por um momento, as cores das faces de Mário passaram do roxo ao cinza. Depois, num segundo, recuperou; a gargalhada ouviu-se claramente.

- Perfeito, depois de um dia destes, Lúcio Cornélio! Mas como eu ia dizendo, iremos os dois libertar Alba, e depois de Alba, bom, depois de Alba, talvez um passeio pelo Sâmnio, não? Deixaremos que Sexto Júlio

ataque Ásculo Picentino, enquanto nós trataremos da saúde ao touro samnita. Atacar cidades é uma chatice, não é nada o meu estilo.

- Soltou um risinho; estava completamente bêbedo. - Que tal aparecermos em Teano dos Sidicinos com um presente chamado Esérnia para Lúcio Júlio? Quão *grato* ele nos ficaria!

- Sim, Caio Mário, ficar-nos-ia muito grato.

A festa tinha acabado. Sila e o jovem Mário ajudaram o general a deitar-se. Depois, o jovem, lançando a Sila um olhar de poucos amigos, abandonou a tenda do pai. Sila deixou-se ficar junto à cama, examinando aquela montanha flácida que se preparava para dormir.

- Lúcio Cornélio - disse Mário, arrastando as palavras. - Agradecia que me acordasses amanhã de manhã.

Quero falar em privado contigo. Esta noite não pode ser. Ah, o vinho, maldito vinho!

- Dorme bem, Caio Mário. Falaremos amanhã de manhã - retorquiu Sila.

Não chegaram, porém, a ter a conversa em privado que Mário desejava. Quando Sila - que também não se

sentia muito bem - entrou

605

no compartimento das traseiras da tenda do comando, encontrou a montanha exactamente como a tinha

deixado. Intrigado, abeirou-se rapidamente da cama, sentindo-se invadir por um horrível calafrio. Não, Mário não estava morto; a sua respiração ouvia-se mesmo na parte da frente da tenda. Agora, observando de perto, Sila reparou que a mão direita de Mário se agarrava sem força ao lençol, e que os seus olhos esbugalhados estavam dominados por um profundo terror, um terror que raiava a loucura. Desde a face morta ao pé flácido, todo o lado esquerdo de Mário estava paralisado, abatido, imóvel. A gigantesca floresta caíra sem um

murmúrio, incapaz de aguentar um golpe de que só se apercebera quando tudo estava já consumado.

- Trombose - murmurou Mário.

Sem querer, Sila começou a acariciar-lhe o cabelo molhado de suor; agora, Mário podia ser amado. Já não era o mesmo Mário.

- Oh, meu pobre amigo! - exclamou Sila, aproximando o seu rosto do de Mário, os seus lábios das lágrimas do general. - Meu pobre amigo! Agora é que é de vez.

Mas a resposta de Mário não demorou. Palavras horrivelmente distorcidas, mas perfeitamente audíveis para quem tinha o rosto

colado ao dele.

- Não... ainda... não... é... desta... Sete... vezes... sete... vezes... Sila recuou, como se Mário se tivesse levantado da cama e lhe tivesse dado um murro. Enquanto limpava as suas próprias lágrimas, desatou num riso agudo, paroxístico, um riso que terminou tão bruscamente como começara.

- Se depender de mim, Caio Mário, será de vez agora!

- Não... não é o fim ainda... - retorquiu Mário, os olhos, ainda muito vivos, dominados agora pela ira e não pelo terror. - Sete... vezes...

Num ápice, Sila foi ao compartimento da frente e gritou por ajuda, com tanta força como se o cão de Hades viesse a correr atrás dele.

Só depois de terem saído todos os médicos do exército e de Mário ter sido instalado na cama tão

confortavelmente quanto possível é que Sila convocou uma reunião dos oficiais para o fórum do

acampamento. Entretanto, dera ordens para que o jovem Mário não entrasse na tenda. O filho de Caio Mário chorava, desolado, à porta da tenda.

Sila preferia realizar a reunião no fórum do acampamento, pois assim os soldados ficariam a pensar que já estava a ser feita alguma



coisa, apesar de Mário estar doente; a notícia da doença de Mário espalhara-se num instante, e o jovem Mário não era o único a chorar naquele acampamento.

- Eu assumo o comando a partir de agora - disse, tranquilamente, Sila para os doze oficiais que o rodeavam.

Ninguém protestou.

- Regressamos ao Lácio imediatamente, antes que a notícia da doença de Mário chegue aos ouvidos de Silão ou Mutilo.

Um Marco Cecílio, do ramo Comuto, não se conteve.

- Mas isso é ridículo! - disse ele, indignado. - Estamos a pouco mais de trinta quilómetros de Alba e dizes que temos de voltar para trás?

Irado, Sila fez um gesto largo, abarcando os muitos grupos de soldados que, ao longe, observavam a reunião e choravam a doença do chefe.

- Olha para aqueles homens, idiota! - gritou Sila. - Queres ir para território inimigo com *eles?* Eles estão sem ânimo! Temos de consolá-los até estarmos em segurança dentro das nossas fronteiras, e depois teremos de encontrar outro general que eles possam amar pelo menos um décimo do que amaram Caio Mário!

Comuto abriu a boca para dizer mais qualquer coisa, mas logo a fechou, e encolheu os ombros, impotente.

- Mais alguém tem algo a dizer? - perguntou Sila. Parecia que não, que ninguém tinha nada a dizer.

- Muito bem. Levantem o acampamento. Já mandei uma mensagem às minhas legiões. Estarão à nossa espera na estrada.

- E Caio Mário? - perguntou Licínio, um oficial muito jovem. A viagem pode matá-lo!

A gargalhada de Sila deixou-os perfeitamente paralisados.

- *Caio Mário!* Nem com um machado sacrificial o conseguiriam matar! - Reparando na reacção dos homens, Sila resolveu que era melhor controlar-se antes de prosseguir. - Nada temam, meus

senhores. Caio Mário garantiu-me há duas horas, nem tanto, que ainda está para durar. E eu acredito nele! Por isso levá-lo-emos connosco. Não faltarão voluntários para transportar a liteira.

- Vamos todos para Roma? - perguntou timidamente o jovem Licínio.

Só agora que conseguira controlar-se é que Sila se apercebia de que todos aqueles homens estavam

assustados, desorientados; mas



todos eles eram nobres romanos, e isso implicava que questionassem tudo, que avaliassem tudo em

função das suas próprias posições. Sim, ele deveria tratá-los tão delicadamente como se trata um

gatinho acabado de nascer.

- Não, não vamos todos para Roma - disse Sila, sem qualquer traço de delicadeza na voz. - Quando

chegarmos a Carséolos, tu, Marco Cecílio Comuto, assumirás o comando do exército. Levá-lo-ás

para o seu acampamento nos arredores de Reate. Eu e o jovem Mário levaremos Caio Mário para

Roma, com uma guarda de honra formada por cinco coortes.

- Muito bem, Lúcio Cornélio, se é esse o teu desejo, assim faremos

- disse Comuto.

O olhar que os enigmáticos olhos claros de Sila lhe lançaram perturbou Comuto, tanto como se um

milhar de larvas tivessem, de repente, entrado na sua boca.

- Sim, é isso mesmo, Marco Cecílio. O meu desejo é esse, e o meu desejo é para ser cumprido -

disse Sila num tom brando, terno.

- E se não cumprires exactamente o que te ordenei, uma coisa te garanto: que desejarás não ter

nascido! Entendido? Óptimo! Agora ponham-se a andar!

608

Quando chegou a Roma a notícia de que Lúcio César derrotara Mutilo em Acerras, os senadores sentiram-se, por um momento, mais animados. Foi mesmo aprovada uma proclamação segundo a qual já não era

necessário os cidadãos romanos usarem o *sagum.* Algum tempo depois, quando chegou a notícia da segunda derrota de Lúcio César no desfiladeiro de Melfa (e o total de perdas romanas nesta batalha era quase idêntico ao número de baixas inimigas em Acerras), ninguém no Senado se atreveu a propor a revogação daquela

proclamação: de facto, isso acabaria por dar um maior relevo à derrota sofrida.

- Essa proclamação foi um acto perfeitamente fútil - disse Marco Emílio Princeps Senatus aos poucos

senadores que compareceram para discutir a questão. O seu lábio inferior tremia, mas Escauro controlou resolutamente o tique nervoso. - Aquilo que temos de enfrentar é algo de muito mais sério. O que temos de enfrentar é esta verdade: nós, Romanos, estamos a perder esta guerra.

Filipe não estava presente. Nem Quinto Vário, ocupado ainda com os seus julgamentos por traição; agora que abandonara as grandes personalidades como António Orador e Escauro Princeps Senatus, dedicava-se apenas a nomes pouco sonantes - por isso, a lista de vítimas do seu tribunal especial não parava de crescer.

Privado do estímulo da oposição, Escauro ficou sem qualquer vontade de falar, e sentou-se pesadamente no seu banco. Estou demasiado velho, pensou; como conseguirá Mário comandar um teatro de guerra, se tem

precisamente a mesma idade que eu?

Para essa questão teve Escauro a resposta no final de Agosto, quando um mensageiro veio informar o Senado de que Caio Mário e as suas tropas tinham vencido Hério Asínio, infligindo aos Marrucinos sete mil mortos, entre os quais o próprio Hério Asínio. Mas era tal o desalento que se apoderara de Roma, que ninguém pôs, sequer, a hipótese de celebrar a vitória; em vez de celebrar, a cidade esperou pelas próximas notícias que, assim criam todos, seriam funestas. E de facto, alguns dias depois, um outro mensageiro apareceu no Senado.

Os senadores, inquietos e tensos, sentaram-se para ouvir as más notícias. Entre os antigos cônsules, só Escauro estava presente.

612

*Caio Mário tem o grande prazer de informar o Senado e o Povo de Roma de que, neste mesmo dia, ele e as suas tropas infligiram uma derrota esmagadora a Quinto Popaedius Silão e ao exército marso. Quinze mil marsos morreram, e cinco mil foram feitos prisioneiros.*

*Caio Mário deseja louvar o inestimável contributo de Lúcio Cornélio Sila para esta vitória, e pede ao Senado e ao Povo de Roma que esperem pela libertação de Alba para dele ouvirem uma descrição mais circunstanciada de todos os acontecimentos. Viva Roma!*

À primeira leitura, ninguém acreditou. Sentiu-se um certo alvoroço no Senado, mas nada de

especialmente impressionante, pois eram poucos os senadores presentes. Escauro, com a voz

trémula, leu de novo a carta. E finalmente se ouviram os vivas. Ao fim de uma hora, toda a cidade

de Roma comemorava a vitória. Caio Mário tinha conseguido! Caio Mário tinha acabado com a má

sorte de Roma! Caio Mário! Caio Mário! Caio Mário!

- Ele é de novo o herói de toda a gente - disse Escauro *ao flamen Dialis,* Lúcio Cornélio Mérula, que não perdera uma única reunião do Senado desde que a guerra começara, apesar do elevado

número de interdições que tolhiam a sua acção. Isolado entre os seus pares, o *flamen Dialis* nunca podia usar uma toga; em vez disso, usava um pesado manto de lã, a *laena,* e, na cabeça, punha um elmo de marfim adornado com os símbolos de Júpiter e encimado por um disco duro de lã

trespassado por um cravo de marfim. Isolado entre os seus pares, *este flamen Dialis* era

horrivelmente hirsuto, pois preferira deixar crescer interminavelmente o cabelo e a barba a ter de se submeter à tortura de o barbearem com osso ou bronze. O *flamen Dialis* não podia ter qualquer contacto físico com o ferro - o que significava que nunca poderia participar numa guerra. Impedido

de cumprir os seus deveres militares, Lúcio Cornélio Mérula optara por assistir regularmente às

reuniões do Senado.

Ao ouvir o comentário de Escauro, Mérula suspirou.

- Bom, Marco Emílio, por muito patrícios que sejamos, acho que é altura de admitirmos que o nosso

sangue é já tão fraco que, por muito que façamos, não conseguimos dar a Roma um herói popular.

613

- Que disparate! - atirou-lhe Escauro. - Caio Mário é um aborto! - Sem ele, onde estaríamos nós?

i - Em Roma, entre verdadeiros Romanos!

- Não estás contente com a vitória dele?

- Claro que estou! Só que preferia que o nome com que começa a carta fosse o de Lúcio Cornélio

Sila!

- Sim, Lúcio Cornélio Sila foi um bom pretor, mas nunca ouvi dizer que fosse um Mário no campo

de batalha - replicou Mérula.

- Enquanto Caio Mário não deixar o campo de batalha, como poderemos saber? Lúcio Cornélio Sila

tem estado com Caio Mário desde... desde a guerra contra Jugurta. E o seu contributo para as

vitórias de Caio Mário foi sempre apreciável. Mas é Mário quem fica com os louros.

- Sê justo, Marco Emílio! A carta de Caio Mário refere-se especificamente a Lúcio Sila! Parece-me

que Caio Mário o elogia sem a mínima relutância. Por outro lado, não ouvi até agora um único

comentário depreciativo em relação ao homem que finalmente atendeu às minhas orações - disse

Mérula.

- Um homem atendeu às tuas orações, *flamen Dialisl* Mas que estranha maneira de pôr a questão!

- Os deuses não respondem directamente às nossas orações, Princeps Senatus. Se estão

descontentes, produzem um qualquer fenómeno, e quando actuam, fazem-no por intermédio dos

homens.

- Sei isso tão bem como tu! - exclamou Escauro, espicaçado. Eu amo Caio Mário tanto como o

odeio. Seja como for, o que eu gostaria é que o nome com que começa a carta fosse o de outra

pessoa!

Um dos funcionários do Senado entrou nesse momento na câmara, onde se encontravam apenas

Escauro e Mérula.

- Princeps Senatus, uma mensagem urgente de Lúcio Cornélio Sila. Mérula soltou um risinho.

- Aí tens, Marco Emílio! Uma resposta às tuas preces! Uma carta que começa com o nome de Lúcio

Sila!

Escauro respondeu-lhe com um olhar contundente, após o que pegou no pequeno rolo e o

desdobrou. Estupefacto, reparou que a mensagem tinha apenas duas linhas e que o texto fora

cuidadosamente escrito em maiúsculas, com pontos entre as palavras. Sila não queria que houvesse

enganos.

614

*CAIO • MÁRIO • ATINGIDO • POR • TROMBOSE • EXÉRCITO*

*• SEGUIU • PARA • REATE • REGRESSO • A • ROMA • IMEDIATAMENTE • COM • MÁRIO • SI LA*

Incapaz de dizer fosse o que fosse, Escauro Princeps Senatus passou o rolo a Mérula e deixou-se

cair num banco.

- *Edepoll* - exclamou Mérula, sentando-se também. - Mas quando é que as coisas nos começam a

correr de feição nesta guerra? Crês que Caio Mário está morto? É isso que Lúcio Sila quer dizer?

- Acho que ele está vivo, mas incapaz de comandar, e que as suas tropas sabem disso - retorquiu

Escauro. Respirou fundo, e gritou: Escriba!

O escriba, que estava no vão da porta, correu, mal ouviu Escauro; o homem ardia de curiosidade.

- Convoca os arautos. Eles que proclamem a notícia de que Caio Mário teve uma trombose, e que o

seu lugar-tenente, Lúcio Cornélio Sila, o traz para Roma.

O escriba, boquiaberto e pálido, desapareceu num ápice.

- Achas que fizeste bem, Marco Emílio? - perguntou o *flamen Dialis.*

- Só o Grande Deus sabe, Mérula, eu não sei. Tudo o que sei é que, se tivesse convocado o Senado

para discutir o problema, o Senado aprovaria que a notícia fosse censurada. E com isso não posso

pactuar

- retorquiu Escauro com firmeza. Levantou-se imediatamente e disse para o *flamen Dialis:* - Vem comigo, peço-te. Tenho de ir contar a Júlia o sucedido, antes que os arautos comecem a espalhar a

notícia.

Depois de atravessarem a Porta Colina, as cinco coortes que escoltavam a liteira de Mário, com as

suas lanças envoltas em ramos de cipreste, e as espadas e adagas viradas ao contrário em sinal de

luto, entraram numa praça ornamentada com grinaldas e repleta de uma multidão silenciosa -

parecia, ao mesmo tempo, uma festa e um funeral. Uma festa e um funeral desde a Porta Colina ao

Fórum Romano, onde se viam flores por todo o lado, e uma multidão parada e silenciosa. As flores

celebravam a grande vitória de Caio Mário; a sua derrota causara o silêncio.

615

Quando a liteira, com as cortinas cuidadosamente corridas, apareceu atrás dos soldados, espalhou-se no Fórum um tremendo murmúrio:

- Ele deve estar vivo! Ele deve estar vivo!

Sila e as suas coortes pararam no baixo Fórum, junto aos *rostra,* enquanto Caio Mário era levado pela Clivus Argentarius até sua casa. Marco Emílio Escauro Princeps Senatus subiu sozinho ao topo dos *rostra.*

- O Terceiro Fundador de Roma está vivo, *Quirites!* - gritou Escauro. - Como sempre, ele virou o curso da guerra a favor de Roma, e a gratidão que Roma lhe dedica nunca será bastante. Façam oferendas para que ele recupere, embora possa acontecer que tenha chegado a hora de Caio Mário nos deixar. O seu estado de saúde é grave. Mas graças a ele, *Quirites,* o estado da nossa nação melhorou muitíssimo.

Não se ouviu um único viva. Também ninguém chorara. As lágrimas ficariam para o seu funeral, para um

momento em que a esperança já não era consentida. Escauro desceu então dos *rostra* e o povo começou a dispersar.

- Ele não vai morrer - disse Sila, com um ar muito cansado.

- Nunca pensei que morresse. Ainda não foi cônsul sete vezes, por isso não se vai deixar morrer.

- Foi exactamente assim que ele falou.

- O quê? Ele ainda consegue falar?

- Um pouco. A fala mantém-se intacta. Mário tem apenas alguma dificuldade em deitar as palavras cá para fora. Um dos médicos do exército disse-me que era assim, porque o lado afectado fora o esquerdo, e não o direito. Porque é assim, não sei. Aliás o médico também não sabe: limita-se a verificar que as afecções cerebrais produzem normalmente tais efeitos. Se a paralisia é do lado direito, o doente perde a capacidade de falar. Se é do lado esquerdo, essa capacidade não é afectada.

- Extraordinário! Porque será que os médicos da nossa cidade não nos dizem coisas dessas? - perguntou Escauro.

- Provavelmente porque não vêem muitas cabeças vitimadas por tromboses.

- Claro. - Escauro pegou afectuosamente no braço de Sila. - Vem a minha casa, Lúcio Cornélio. Bebes um copo e contas-me tudo o que aconteceu. Pensava que continuavas com Lúcio Júlio na Campânia.

616

Por muito que se esforçasse, Sila não poderia deixar de se sentir retraído perante tal convite.

- Preferia que fôssemos para minha casa, Marco Emílio. Estou ainda com a armadura posta e está

calor.

Escauro suspirou.

- É tempo de esquecermos o que sucedeu há já tanto tempo disse ele, sinceramente. - A minha

mulher está mais velha, mais sossegada, e muitíssimo ocupada com as crianças.

- Está bem. Vamos para tua casa.

Cecília Dalmática estava à espera deles no átrio, ansiosa por saber como estava Caio Mário. Agora,

com vinte e oito anos de idade, tornara-se ainda mais bela; uma espectacular beleza morena, ainda

que os olhos com que fitou Sila tivessem o cinzento do mar num dia de tempestade.

Não escapou a Sila que, embora Escauro estivesse radiante com a sincera afeição da esposa, Cecília

Dalmática tinha medo do marido.

- Bem-vindo, Lúcio Cornélio - disse ela, num tom inexpressivo.

- Obrigado, Cecília Dalmática.

- As bebidas estão já no teu escritório, marido - disse ela a Escauro, no mesmo tom inexpressivo. -

É verdade que Caio Mário vai morrer?

Sila respondeu-lhe, sorrindo sem dificuldade, pois vencera já o constrangimento inicial. Era muito

diferente vê-la ali e vê-la no jantar em casa de Mário.

- Não, Cecília Dalmática. Posso garantir-te que ainda não é desta que perdemos Caio Mário.

Ela suspirou, aliviada.

- Bom, nesse caso, deixo-vos.

Os dois homens ficaram no átrio até ela desaparecer, após o que Escauro conduziu Sila ao seu

*tablinum.*

- Queres comandar o teatro de guerra marso? - perguntou Escauro, servindo Sila.

- Duvido que o Senado me dê esse comando, Princeps Senatus.

- Para ser franco, essa é também a minha opinião. Mas, mesmo assim, queres esse comando?

- Não, não quero. A minha participação na guerra, até agora, tem tido por base a Campânia, à

excepção deste episódio com Caio Mário. E, de facto, eu preferia permanecer no teatro que

conheço. Lúcio Júlio está à minha espera - disse Sila, que sabia muito bem o que



pretendia fazer quando fossem nomeados os novos cônsules, mas não queria, de modo nenhum,

partilhar os seus planos com Escauro.

- São tropas tuas as que escoltam Mário?

- Sim. Mandei as outras quinze coortes directamente para a Campânia. Levarei as restantes comigo

amanhã.

- Ah, gostaria muito que disputasses o cargo de cônsul! - disse Escauro. - Há meia geração que não

temos cônsules em condições! Bem pelo contrário!

- Disputarei o cargo de cônsul com Quinto Pompeu Rufo, no final do próximo ano - retorquiu Sila

com firmeza.

- Foi o que me disseram. É pena.

- Este ano não conseguiria vencer a eleição, Marco Emílio.

- Conseguias, se eu usasse a minha influência. Sila pôs um sorriso amargo.

- A oferta vem demasiado tarde. Estarei demasiado ocupado na Campânia para poder vestir a *toga*

*cândida.* Além disso, não saberia antecipadamente quem seria o meu colega, ao passo que Quinto Pompeu e eu concorreremos como uma equipa. A minha filha vai casar-se com o filho dele.

- Nesse caso, retiro a oferta. Tens razão. Roma vai ter de aguentar o que lhe calhar em sorte para o

ano que vem. Será muito agradável ver dois parentes no consulado no ano seguinte. A harmonia na

presidência é uma coisa maravilhosa. E tu dominarás Quinto Pompeu tão facilmente quanto ele

aceitará o teu domínio.

- É o que me parece, Princeps Senatus. Lúcio Júlio só me poderá dispensar na época das eleições,

pois nessa altura tenciona abrandar as hostilidades, a fim de regressar a Roma. Julgo que casarei a

minha filha com o filho de Quinto Pompeu, em Dezembro deste ano, apesar de ela não ter ainda

dezoito anos. Ela está ansiosa por casar - mentiu calmamente Sila, sabendo perfeitamente que a

filha contrariaria as suas intenções, mas confiando, como sempre, na deusa Fortuna.

Quando chegou a casa, passadas duas horas, pôde confirmar que a atitude de Cornélia Sila não se

alterara minimamente. Élia anunciou-lhe, de facto, que Cornélia Sila tinha tentado fugir de casa.

- Felizmente que a criada dela ficou demasiado assustada e contou-me tudo - acrescentou Élia num

tom triste, pois adorava a enteada e daria tudo para que ela casasse com o jovem que realmente

amava: o filho de Caio Mário.



- Mas onde é que ela pensou que ia? Dar uma volta até à guerra?

- perguntou Sila.

- Não faço ideia, Lúcio Cornélio. Creio que ela também não fazia a mínima ideia. Foi apenas um

impulso, julgo eu.

- Então quanto mais depressa for o casamento, melhor - disse Sila, num tom severo. - Vou falar com

ela imediatamente.

- Aqui? No teu escritório?

- Aqui, Élia. No meu escritório.

Sabendo que o marido não gostava dela, nem gostava da sua simpatia por Cornélia Sila, Élia fitou o

marido com um olhar que era um misto de medo e compaixão.

- Por favor, Lúcio Cornélio, não sejas demasiado severo com ela! Um pedido que Sila ignorou,

virando-lhe as costas.

Cornélia Sila foi levada à presença do pai por dois escravos da casa: dir-se-ia refém na sua própria

casa.

- Podem ir - disse ele aos guardas da filha. Friamente, fitou o rosto revoltado da filha, aquele rosto de uma beleza tão estranha, a beleza dos traços da mãe sobre a tez do pai; os olhos, porém, eram só

dela, enormes, de um azul muito intenso. - Que tens a dizer em tua defesa, rapariga?

- Estou pronta para tudo, pai. Podes espancar-me até à morte. Tanto me faz! Porque não casarei com

Quinto Pompeu, e não me podes obrigar!

- Casarás com Quinto Pompeu, nem que para isso tenha de te amarrar e drogar, minha filha - disse-

lhe Sila, no tom brando que, nele, anunciava a violência.

Porém, apesar de todos os seus choros e fúrias, Cornélia era muito mais filha de Sila do que de

Julilla. Naquele instante, enfrentando o pai, mantinha os pés bem firmes no chão, como se

aguardasse a todo o momento um golpe demolidor. E, nos seus olhos, brilhavam frias safiras.

- Não casarei com Quinto Pompeu!

- Casarás, sim, Cornélia! Por todos os deuses, garanto-te que casarás!

- Não casarei!

Um atitude tão ousada teria desencadeado normalmente uma fúria incontrolável em Sila; mas agora,

talvez por ter encontrado no rosto de Cornélia algo que lhe fazia recordar o falecido filho, Sila

sentia-se incapaz de dar largas à sua ira. Limitou-se a bufar, ameaçador.



- Filha, sabes quem é Pietas? - perguntou.

- Claro que sei - respondeu Cornélia Sila, desconfiada. - Pietas é o Dever.

- Explica-te melhor, Cornélia.

- É a deusa do Dever.

- Que espécie de dever?

- Todos os deveres.

- Incluindo os deveres que os filhos têm perante os pais, não é verdade? - perguntou meigamente

Sila.

- Sim - respondeu ela.

- Desafiar o *paterfamilias é* uma coisa terrível, Cornélia. É algo que ofende a deusa Pietas. E, por outro lado, as nossas leis dizem claramente que deves obedecer ao chefe de família. Eu sou o

*paterfamilias,* Cornélia - disse Sila com uma expressão grave.

- O meu primeiro dever é obedecer a mim mesma - retorquiu ela heroicamente.

Os lábios de Sila começaram a tremer.

- Nada disso, minha filha. O teu primeiro dever é obedeceres ao teu pai. Tu estás nas minhas mãos.

- Esteja ou não nas tuas mãos, pai, uma coisa é certa: eu não trairei os meus sentimentos!

Os lábios deixaram de tremer, abriram-se; Sila desatou num gargalhar tremendo.

- Ah, vai-te embora, Cornélia! - disse ele quando pôde, e, rindo ainda, gritou-lhe: - Cumprirás o teu dever ou vender-te-ei como escrava! Nada me impedirá de fazê-lo, minha filha!

- Escrava já eu sou, pai! - retorquiu ela.

Que magnífico soldado ela teria dado!, pensou Sila. Já mais tranquilo, Sila sentou-se à secretária e

começou a escrever mais uma carta a um tal Públio Rutílio Rufo, cidadão grego de Esmirna.

*E foi precisamente assim que as coisas se passaram, Públio Rutílio. O estuporzinho obrigou-me a recuar! E*

*deixou-me sem outra alternativa que não fosse ameaçá-la. E se cumpro tais ameaças, estarei a prejudicar os meus planos para disputar as eleições na companhia de Quinto Pompeu. A rapariga de nada me serve morta ou escrava - e o jovem Quinto Pompeu estará interessado em casar com uma mulher que só depois de*

*amarrada e drogada comparece à cerimónia? Que hei-de*

620

*fazer? Faço-te esta pergunta com a máxima gravidade e muito, muito desespero - que hei-de fazer? Lembro-me de que foste tu quem resolveu o dilema de Marco Aurélio Cota quando teve de escolher marido para Aurélio. Por isso, aqui tens outro dilema marital para resolver, meu admirado e estimado conselheiro.*

*Admito que as coisas aqui estão num estado tal que eu nem sequer teria parado para te escrever, se não fosse ver-me nestes assados com a minha filha. Mas agora já comecei - e na esperança de que encontres,*

*entretanto, uma solução para o meu dilema, aproveito para te contar o que se tem passado ultimamente.*

*Quando deixei o nosso Princeps Senatus, ele ia também escrever-te; não preciso, por isso, de te narrar a terrível catástrofe que atingiu Caio Mário. Limitar-me-ei a manifestar os meus medos e esperanças em relação ao futuro; pelo menos, posso esperar vir a vestir a minha* toga praetexta *e sentar-me na minha cadeira curul quando for cônsul, já que o Senado determinou que os seus magistrados curuis se vestissem a preceito no seguimento da vitória de Caio Mário (dele*

*e minha!) sobre os Marsos de Silão. Espero que isto signifique o fim de todos os gestos idiotas e vazios de luto e alarme.*

*Parece-me muitíssimo provável que os cônsules do próximo ano sejam Lúcio Pórcio Catão Liciniano e - mas que horrível perspectiva!*

*- Cneu Pompeu Estrabão. Que par mais horrendo! Um eu de gato cheio de pregas e um bárbaro arrogante que está sempre a olhar para a cana do nariz ou, pelo menos, assim parece. Confesso que, por mais que tente, não consigo entender como, ou por que razões, certos homens chegam a cônsules.* É *evidente que não basta ter sido um bom pretor, urbano ou não. Ou ter uma folha de serviços militar tão extensa e ilustre como a do rei Ptolemeu. Estou a chegar à conclusão de que o único factor realmente importante é alinhar com a* Ordo Equester. *Se os cavaleiros não gostam de uma pessoa, nem que essa pessoa seja Rómulo não terá nunca uma oportunidade nas eleições consulares. Os cavaleiros sentaram Caio Mário na cadeira de cônsul por seis vezes, três das quais* in absentia. *E continuam a gostar dele! Ele é bom nos negócios. Claro, também apreciam que um homem tenha antepassados dignos - mas não o suficiente para votarem nele; a menos que ele lhes tenha dado bom dinheiro, ou prometido todo o tipo de atractivos, como sejam empréstimos mais fáceis ou a divulgação de informações confidenciais sobre tudo o que o Senado tencione fazer.*

621

*Eu devia ter sido cônsul há muitos anos atrás. Se tivesse sido pretor na altura certa. Sim, foi o nosso Princeps Senatus quem me impediu. Mas fê-lo, aliciando os cavaleiros; e rebanhos inteiros de cavaleiros foram atrás dele, balindo como cordeirinhos. É por isso que gosto cada vez menos da* Ordo Equester.

*Pergunto a mim mesmo se não seria uma maravilha poder fazer-lhes o que muito bem me apetecesse. Ah, o que eu os faria sofrer, Públio Rutílio! Também tu serias vingado.*

*A propósito de Pompeu Estrabão. O homem não se tem cansado de contar, a toda a gente, em Roma, os seus feitos gloriosos no Piceno. Em minha opinião, o verdadeiro responsável pelos seus relativamente*

*desprezíveis êxitos é Públio Sulpício, que trouxe um exército da Gália Italiana e infligiu uma tremenda derrota a uma força conjunta de pincentinos e pelignos, antes de ter qualquer contacto com Pompeu Estrabão. O nosso amigo vesgo, esse grande estupor, passou o Verão no maior conforto, fechado a sete chaves em Firmo Picentino. E agora que abandonou a residência de Verão, ei-lo reivindicando para si todos os louros pela vitória sobre Tito Lafrénio, que morreu com os seus homens no campo de batalha. De Públio Sulpício (que estava lá e que fez a maior parte do trabalho), nada diz. E como se isso não chegasse, os agentes de Pompeu Estrabão em Roma descrevem a sua batalha como qualquer coisa de muito mais*

*importante que as acções de Caio Mário contra os Marrucinos e os Marsos.*

*A guerra está a um passo da reviravolta. Sinto-o.*

*Estou certo de que não é preciso descrever-te, em pormenor, a nova lei de alargamento da cidadania que Júlio César tenciona promulgar em Dezembro. A carta de Escauro não deve falar de outra coisa. Dei a notícia ao Princeps Senatus há apenas algumas horas, pensando que ele ia ficar furibundo. Em vez disso, manifestou o maior contentamento. Acha que a ideia tem muito mérito, desde que a cidadania não seja alargada àqueles que pegaram em armas contra Roma. Crê que os conflitos na Etrúria e na Úmbria se esbaterão, a partir do momento em que todos os Etruscos e Úmbrios tenham direito a voto. Por muito que tentasse, não consegui convencê-lo de que a lei de Lúcio Júlio vai ser apenas o princípio - e de que, dentro de pouco tempo, todos os Italianos serão cidadãos romanos, mesmo que nas suas espadas haja ainda restos de sangue dos nossos*

*soldados. Por isso te pergunto, Públio Rutílio: para que serve esta guerra? Para que lutamos nós?*

*Escreve depressa. Diz-me como hei-de lidar com raparigas.*

622

Sila incluiu esta carta na encomenda enviada pelo Princeps Senatus para Esmirna, por correio

especial. O que significava que Rutílio Rufo receberia a encomenda passados três ou quatro

mercados, e que a sua resposta, trazida pelo mesmo correio, demoraria a chegar a Roma

praticamente o mesmo tempo.

De facto, em fins de Novembro, Sila recebeu a resposta de Rutílio Rufo. Continuava na Campânia,

apoiando o convalescente Lúcio César, a quem o Senado, sempre bajulador, concedera um triunfo

pela vitória sobre Mutilo em Acerras; o Senado preferiu ignorar o facto de que os dois exércitos

tinham regressado a Acerras e de que, por altura do decreto relativo ao triunfo, travavam novas

batalhas. Acentuara o Senado que a razão para conceder o triunfo era apenas uma: o facto de as

tropas de Lúcio César o terem aclamado imperador no campo de batalha. Quando Pompeu Estrabão

soube do caso, houve tal confusão em Roma, provocada obviamente pelos seus agentes, que o

Senado se viu forçado a decretar, também, um triunfo para Pompeu Estrabão. Até onde

desceremos?, perguntava Sila para si mesmo. É que triunfar sobre Italianos não é triunfo nenhum.

Aquela honra simbólica não provocou qualquer excitação em Lúcio César. Quando Sila lhe

perguntou como queria que as cerimónias fossem organizadas, Lúcio César pôs uma expressão de

surpresa, e respondeu:

- Como não há despojos, não é preciso organizar nada. Limitar-me-ei a conduzir o meu exército

pelas ruas de Roma. Nada mais.

O hiato provocado pelo Inverno começara, entretanto, e Acerras não parecia muito perturbada com

a presença de dois poderosos exércitos às suas portas. Enquanto Lúcio César fazia os primeiros

rascunhos da sua lei de alargamento da cidadania, Sila seguiu para Cápua, a fim de ajudar Catulo

César e Metelo Pio, o Bacorinho, a reorganizar as legiões, mais do que dizimadas pela segunda

acção no desfiladeiro de Melfa; e foi em Cápua que recebeu a carta de Rutílio Rufo.

*Meu caro Lúcio Cornélio, porque será que os pais nunca sabem lidar com as suas filhas? Francamente! Não que eu tenha tido problemas com a minha filha. Longe disso. Quando a casei com Lúcio Calpúrnio Pisão, ela estava perfeitamente apaixonada. Sem dúvida porque não*

*era nenhuma beldade e o seu dote erafracote; a sua grande preocupação*

# 623

*era que o* tatá *lhe arranjasse um marido, fosse ele qual fosse. Se lhe tivesse proposto aquele repelente filho de Sexto Perquitieno, estou certo de que teria desfalecido. De modo que, para ela, Lúcio Pisão deve ter parecido um presente dos deuses. Desde então, não tem parado de me agradecer o que fiz por ela. E a união tem sido tão feliz, que parece que a próxima geração planeia fazer o mesmo - a filha do meu filho casará com o filho da minha filha logo que tenham idade. Sim, sim, sei muito bem o que o velho avô César costumava dizer, mas estes serão os primeiros primos direitos a casar em ambas as famílias. Terão magníficas criancinhas.*

*A resposta ao teu dilema, Lúcio Cornélio, é ridiculamente simples. Tudo o que precisas é da conivência de Élia, pois tens de dar a impressão de que não estás a mexer em nenhum cordelinho. Deixa que Élia sugira à rapariga que mudaste de ideias acerca do casamento, que estás a pensar em procurar-lhe outro marido. Élia deve referir alguns nomes, nomes de criaturas absolutamente repulsivas, como o filho de Sexto Perquitieno.*

*A rapariga ficará, no mínimo, horrorizada.*

*O estado de saúde de Caio Mário facilitará as coisas, pois o jovem Mário não poderá casar-se enquanto o* paterfamilias *se encontrar incapacitado. É essencial que Cornélia Sila tenha a oportunidade de se encontrar em privado com o jovem Mário. Depois de saber que o seu marido poderá ser muito pior que o jovem Quinto Pompeu. Deixa que Élia vá com a rapariga visitar Júlia numa altura em que o jovem Mário esteja em casa, e que não impeça de modo nenhum que os dois se encontrem - claro, seria preferível que Júlia soubesse o que se passa!*

*Agora repara: o filho de Caio Mário é um rapaz muito estragado, demasiado mimado, além do que só pensa em si mesmo. Acredita: nada do que ele faça ou diga será capaz de prender a tua fogosa filha. Para além da doença do pai, o nosso jovem só pensa numa coisa: saber quem será o comandante que terá a honra de o incluir na sua equipa de cadetes. Ele é suficientemente inteligente para perceber que, seja qual for esse comandante, não terá um décimo das oportunidades que teve com o pai - embora alguns comandantes sejam mais indulgentes que outros. Pelo que me diz Escauro na sua carta, parece que ninguém o quer, que ninguém o quer convidar pessoalmente, e que a sua sorte depende inteiramente dos caprichos da comissão*

contubernalis. *A minha pequena rede de informadores diz-me que o jovem Mário se tem entregue,*



*e de que maneira, a dois prazeres chamados Mulheres e Vinho, não necessariamente por esta ordem. Mais uma razão para ele não ficar doido de amores por Cornélia Sila, uma relíquia da sua infância, uma menina por quem sentia alguma inclinação quando tinha quinze ou dezasseis anos* e *de cuja simplicidade de carácter abusou, provavelmente, sem que ela tivesse dado por isso. Ele não está muito diferente do que era então. A diferença é que ele pensa que está muito diferente, e ela pensa que não. Crê no que te digo, Lúcio Cornélio: ele cometerá todas as asneiras possíveis e ficará doido com ela, mas de irritação.*

*Depois desta entrevista com o jovem Mário, pede a Élia que lhe diga uma boa série de vezes que, em sua opinião, tu és muito capaz de desistir da aliança com Pompeu Rufo. E que precisas do apoio de um cavaleiro muito rico.*

*E agora vou contar-te um segredo inestimável acerca das mulheres, Lúcio Cornélio. Uma mulher pode ter decidido, com toda a sua força,*

*que não quer determinado pretendente - mas se esse pretendente se retrai subitamente pelo simples facto de ela olhar com desprezo para o seu traje, uma coisa sucederá pela certa: ela acabará inevitavelmente por atentar no peixe que, de repente, se afasta a toda a pressa.*

*E afinal... a tua filha ainda nem sequer viu o peixe que a espera! Élia terá de inventar um motivo importante para convencer Cornélia Sila a estar presente num jantar em casa de Quinto Pompeu Rufo o pai está em Roma de licença, ou a mãe está doente, enfim uma história qualquer. Dessa forma, jantando na presença do seu desprezado peixe, Cornélia Sila terá uma oportunidade única de engolir a sua antipatia. Garanto-te, Lúcio Cornélio, que ela concordará com o jantar. E como eu conheço o peixe em questão, tenho a certeza de que a tua filha mudará de ideias. Ele é exactamente o tipo de homem capaz de a atrair. Porque ela será sempre mais esperta do que ele, e não terá a menor dificuldade em impor-se como chefe da casa. Irresistível!*

*E tão parecida contigo... nalguns aspectos.*

Confuso, Sila suspendeu a leitura. *Simples!* Que descaramento chamar simples a um plano tão

tortuoso! As manobras militares eram menos complexas! Mas valia a pena tentar. Tentaria tudo.

Um pouco mais animado, e ansioso por saber que mais dizia Rutílio Rufo, Sila prosseguiu a leitura

da carta.

# 625

As *coisas não correm bem no meu pequeno canto do nosso vasto mundo. Suponho que em Roma ninguém*

*agora tem tempo ou interesse para acompanhar os acontecimentos da Ásia Menor. Mas já deve ter chegado um relatório sobre o assunto ao Senado e o nosso Princeps Senatus já o deve ter visto. Também deve ter visto a carta que lhe mandei por este mesmo correio.*

*No trono da Bitínia está um fantoche do Ponto. Sim, o rei Mitridates invadiu a Bitínia mal Roma virou as costas! Aparentemente, o chefe da invasão foi Sócrates, o irmão mais novo do rei Nicomedes III - e por isso a Bitínia continua a proclamar-se um país livre, depois de ter trocado o rei Nicomedes pelo rei Sócrates. Um rei chamado Sócrates? Que contradição! És capaz de imaginar Sócrates de Atenas coroado rei? Bom, seja como for, o certo é que na Província da Ásia ninguém tem ilusões quanto à "liberdade" da Bitínia. A Bitínia é agora um feudo de Mitridates do Ponto, o qual deve estar furioso com o comportamento pouco empenhado do rei Sócrates! E que Sócrates deixou fugir Nicomedes! Apesar de velho, Nicomedes atravessou o*

*Helesponto com a agilidade de uma cabra; corre, aqui em Esmirna, o boato de que está a caminho de Roma, afim de se queixar da perda do trono, onde o Senado e o Povo de Roma lhe permitiram que se sentasse. Vê-*

*lo-ás, em Roma, antes do fim do ano, carregado com uma grande parte do conteúdo do tesouro bitiniano.*

*E como se um fantoche não bastasse, o rei do Ponto tratou de instalar outro, desta feita no trono da Capadócia. Mitridates e*

*Tigranes marcharam juntos sobre Eusebeia Mazaca e deram o trono a mais um filho de Mitridates, outro Ariárates, mas provavelmente não será o Ariárates com que Caio Mário falou. De qualquer modo, o rei Ariobarzanes mostrou-se tão ágil como Nicomedes da Bitínia. Também fugiu, muito antes de os seus perseguidores chegarem a Eusebeia Mazaca. E estará em Roma pouco depois de*

*Nicomedes, e também ele levará a sua petição. Infelizmente para ele, é muito mais pobre que Nicomedes!*

*Lúcio Cornélio, estou convencido de que estão para acontecer graves conflitos na nossa Província da Ásia. E*

*há muita gente na região que não esqueceu o apogeu dos* publicani. *Muita gente que odeia o nome de Roma.*

*Por isso, o rei Mitridates tem despertado simpatias nalguns meios. Receio que a Província da Ásia o venha a receber de braços abertos, se (ou melhor, quando) ele der um passo para a ocupar.*

626

*Claro, que estes problemas não te compete a ti resolvê-los. Cairão todos sobre os ombros de Escauro. E*

*Escauro não tem passado bem, diz-me ele na sua carta.*

*Por ora, estarás fortemente envolvido nos teus jogos guerreiros da Campânia. Concordo contigo, as coisas estão a mudar. Pobres Italianos! Cidadãos ou não, ninguém os poderá esquecer durante muitas gerações.*

*Vai-me contando a evolução da tua filha. Prevejo que o Amor acabará por triunfar.*

Em vez de explicar o plano de Públio Rutílio Rufo a Élia, Sila limitou-se a mandar-lhe essa parte da

carta, acompanhada de uma nota em que lhe dizia para fazer exactamente como Rutílio Rufo

aconselhava - desde que percebesse alguma coisa de tão complicada trama.

Mas Élia não teve dificuldade em entender o plano de Rutílio Rufo. Quando Sila chegou a Roma

com Lúcio César, reinava em sua casa a maior harmonia; e quanto a Cornélia, mostrava-se radiante,

afectuosa, e não se cansava de falar do seu casamento.

- Tudo se passou como Públio Rutílio previra - disse Élia, muito feliz. - O jovem Mário portou-se

com ela como um verdadeiro brutamontes. Pobrezinha! Quando fomos a casa de Caio Mário, ia

cheia de amor e compaixão; estava certa de que Caio Mário cairia nos seus braços e choraria no seu

ombro. Em vez disso, encontrou-o furibundo porque a comissão de cadetes do Senado lhe ordenou

que permanecesse sob o mesmo comando. Possivelmente o general que substituirá Caio Mário será

um dos novos cônsules, e o jovem Mário odeia-os a ambos. Creio que tentou que o pusessem sob as

tuas ordens, mas a comissão respondeu-lhe friamente que não.

- Teria uma recepção bem mais fria se o tivessem mandado para mim - disse Sila num tom severo.

- Creio que o que mais o irrita é o facto de ninguém o querer. Claro que ele atribui à impopularidade do pai o que lhe está a acontecer, mas julgo que, no fundo, suspeita que a verdadeira razão são as

suas próprias deficiências. - Élia soltou um risinho, algo triunfante. - Ele não queria a compreensão de Cornélia, nem tão pouco a adoração adolescente que ela nutria por ele. Por isso, a crer no que me

disse Cornélia, portou-se muito mal com ela.

627

- E assim Cornélia decidiu casar-se com Quinto Pompeu.

- Não foi uma decisão imediata, Lúcio Cornélio! Primeiro, deixei-a chorar durante dois dias.

Depois, disse-lhe que talvez gostasse de ir jantar a casa de Quinto Pompeu,. agora que não havia

qualquer pressão da tua parte para que ela casasse com o filho dele. Já agora ficava a conhecê-lo.

Satisfazia a sua curiosidade.

Sila sorria.

- Que aconteceu?

- Viram-se e gostaram do que viram. Durante o jantar ficaram um em frente do outro e falaram todo

o tempo como se fossem velhos amigos. - Élia estava tão feliz que até pegou na mão do marido e a

apertou. - Fizeste bem em não contar nada a Quinto Pompeu acerca da resistência dela em relação

ao casamento. Toda a família ficou encantada com Cornélia.

Sila afastou a mão.

- O casamento está marcado?

Com uma expressão triste, Élia acenou que sim.

- Logo a seguir às eleições. - Com a desolação estampada no rosto, Élia olhou Sila nos olhos. -

Porque não gostas de mim, Lúcio Cornélio? Eu faço tudo para que me queiras!

Sila afastou-se imediatamente, com cara de poucos amigos:

- Francamente, Élia, não gosto de ti simplesmente porque me aborreces - retorquiu, e desapareceu.

Élia ficou onde estava, imóvel, saboreando uma alegria vaga: sim, ele não tinha dito que se queria

divorciar. Sim, o pão bolorento era preferível a pão nenhum.

A notícia de que Esérnia se tinha finalmente rendido aos Samnitas espalhou-se, pouco depois de

Lúcio César e Sila terem chegado a Roma. A cidade fora vencida pela fome. Capitulara depois de

ter comido todos os cães, gatos, mulas, burros, cavalos e cabras que havia dentro das muralhas.

Marco Cláudio Marcelo entregara Esérnia pessoalmente, após o que desaparecera, ninguém sabia

para onde. Excepto os Samnitas.

- Está morto - opiniou Lúcio César.

- Provavelmente tens razão - disse Sila.

Lúcio César, como se esperava, não voltaria ao campo de batalha. As suas funções como cônsul

estavam a chegar ao fim e tencionava candidatar-se ao lugar de censor na Primavera; por isso, não

tinha



qualquer interesse em permanecer como lugar-tenente do novo comandante-chefe do teatro do Sul.

Os novos tribunos da plebe eram personalidades mais fortes do que as dos anos anteriores, talvez

porque toda a Roma estava preocupada com a lei do alargamento da cidadania que Lúcio César, ao

que constava, iria apresentar; no entanto, a maior parte desses tribunos defendia um tratamento

tolerante dos Italianos. O Presidente do Colégio era um Lúcio Calpúrnio Pisão que tinha um

segundo apelido, Frugi, que distinguia o seu ramo do clã Calpúrnio Pisão do ramo que, através do

casamento, se tinha unido a Públio Rutílio Rufo, e que usava como segundo apelido Cesonino.

Homem poderoso, e com tendências pronunciadamente conservadoras, Pisão Frugi anunciara que,

em princípio, se oporia aos mais radicais dos tribunos da plebe, Caio Papírio Carbão e Marco

Pláucio Silvano, se eles tentassem ignorar as limitações da lei de Lúcio César e quisessem dar a

cidadania aos Italianos activamente envolvidos na guerra; e que concordara em não se opor à lei de

Lúcio César graças às persuasivas palavras de Escauro e outros homens que respeitava. O interesse

pelas coisas do Fórum, praticamente inexistente desde o início da guerra, começava a reviver; o ano

que se avizinhava prometia interessantes lutas políticas.

As eleições centuriais, pelo menos ao nível consular, eram muito menos animadoras. Os dois

principais candidatos a cônsules eram dados como vencedores dois meses antes das eleições; como

seria de esperar, foram eles que venceram as eleições. O facto de Cneu Pompeu Estrabão ter ficado

como cônsul sénior e Lúcio Pórcio Catão Liciniano como cônsul júnior devia-se, segundo opinião

generalizada, ao triunfo que Pompeu Estrabão celebrara poucos dias antes das eleições.

- Esses triunfos são patéticos - disse Escauro Princeps Senatus a Lúcio Cornélio Sila. - Primeiro, foi Lúcio Júlio, agora Cneu Pompeu! Francamente! Sinto-me mesmo velho.

E de facto estava velho, pensou Sila, subitamente alarmado; se a ausência de Caio Mário levaria a

uma actividade letárgica e sem imaginação no campo de batalha, o que sucederia nesse outro campo

de batalha chamado Fórum Romano, se Marco Emílio Escauro desaparecesse? Quem trataria, por

exemplo, dos negócios estrangeiros, desses assuntos vulgares, mas ao mesmo tempo muito

importantes, com que Roma se via constantemente confrontada? E quem poria na ordem os imbecis

e presumidos como Filipe ou os arrogantes novos-ricos,

como Quinto Vário? Quem enfrentaria todas as situações sem temor, seguro da sua capacidade e

superioridade? A verdade é que o abatimento de Escauro era notório, sobretudo desde que Mário

sofrera a segunda trombose; apesar de terem passado quarenta anos em brigas constantes, Escauro e

Caio precisavam um do outro.

- Marco Emílio, tem cuidado contigo! - disse Sila com súbita urgência, surpreendido por uma

premonição.

Os olhos verdes de Escauro pestanejaram.

- Mas todos nós temos de ir, mais tarde ou mais cedo!

- É verdade. Mas no teu caso, ainda é cedo. Roma precisa de ti. Senão, ficaremos à mercê de Lúcio

Júlio César e Lúcio Márcio Filipe. Que triste sorte a nossa!

Escauro desatou a rir.

- Será essa a sorte mais triste? - perguntou. - De um certo ponto de vista, não posso deixar de estar de acordo contigo, Lúcio Cornélio. Contudo, tenho a sensação de que Roma talvez ficasse muito

pior nas tuas mãos do que nas de Filipe. É possível que tu não sejas essencialmente um militar. Mas

a verdade é que passaste a maior parte da tua carreira senatorial no exército. E tenho reparado que

os senadores que passam muito tempo em actividades militares têm tendência a tornar-se autocratas.

Como Caio Mário. Quando chegam a altos cargos políticos, ficam impacientes com as limitações

que a política, normalmente, impõe.

Estavam defronte da livraria de Sósio no bairro de Argileto, consumindo as iguarias de uma das

melhores tendas de comidas de Roma. Enquanto conversavam, iam comendo pastéis de mel e

passas; um garoto seguia com atenção os movimentos dos dois, pronto a oferecer-lhes um jarro de

água quente e panos para lavarem as mãos, pois os bolos eram cremosos e pegajosos.

- Quando eu estiver à frente de Roma, tudo dependerá da Roma que eu for encontrar, Marco Emílio.

Uma coisa posso prometer-te: sob as minhas ordens, Roma não ofenderá os nossos antepassados.

Nem permitirei que Roma seja dominada por gente como Saturnino disse Sila, num tom áspero.

Escauro acabou de comer os seus bolos, fazendo sinal ao garoto para que lhe trouxesse água quente

e um pano. Com todo o cuidado, lavou e secou as mãos e deu ao rapaz um sestércio. Depois,

esperou que Sila fizesse o mesmo (embora Sila tivesse dado uma moeda menos valiosa ao rapaz), e

retomou a conversa.

630

- Eu tive um filho, Lúcio Cornélio - disse ele, perfeitamente calmo. - Mas esse filho tinha um carácter absolutamente insatisfatório. Era uma criatura fraca, um cobarde, ainda que fosse um bom rapaz,

irrepreensível a outros níveis. Tenho agora outro filho, demasiado jovem para que eu possa saber de que massa é feito. No entanto, a minha primeira experiência ensinou-me uma coisa, Lúcio Cornélio. Por muito ilustres que tenham sido os nossos antepassados, no fim acabamos sempre por depender da nossa prole.

O rosto de Sila franziu-se.

- O meu filho também morreu, mas não tenho outro filho - disse.

- Assim o quis o destino.

- Não achas que é tudo um acaso, um inexplicável acaso, Princeps Senatus?

- Não, não acho. Eu tenho sido Princeps Senatus para quê? Para conter Caio Mário? Roma precisava de mim para cumprir tal tarefa, e aqui estou eu, o Princeps Senatus, às ordens de Roma. Pois agora vejo-te mais como um Mário do que como um Escauro. E não vejo ninguém no horizonte capaz de te conter, capaz de te refrear.

E isso poderá ser mais perigoso para a *mós maiorum* do que mil Saturninos juntos - disse Escauro.

- Prometo-te, Marco Emílio, que Roma comigo não corre qualquer perigo. - Sila pensou por um instante no que acabava de dizer, e

explicou-se melhor. - Isto é, a *tua* Roma. Não a Roma de Saturnino.

- Espero bem que sim, Lúcio Cornélio. Sinceramente.
Encaminhavam-se na direcção do Senado.

- Aposto que Catão Liciniano foi eleito para dirigir o teatro de guerra na Campânia - disse Escauro - É muito mais difícil lidar com ele do que com Lúcio Júlio César: é tão inseguro como este, mas mais autoritário.

- Não é ele que me vai perturbar - disse tranquilamente Sila. Caio Mário chamava-lhe pequenote, ervilha, dizia que a sua campanha na Etrúria era bem digna de uma ervilha como ele. E eu sei como lidar com uma ervilha.

- Como?

- Esmago-a.

- Eles não te vão dar o comando, Lúcio Cornélio. Eu bem tentei, mas não tens qualquer hipótese.

- Isso não tem a mínima importância - retorquiu Sila, sorridente.

- Eu assumirei o comando depois de esmagar a ervilha.

631

Dita por outro homem, uma tal afirmação teria soado, por certo, como uma mera bazófia; Escauro

não teria contido as gargalhadas. Porém, dita por Sila, assustaria qualquer um, pois quase equivalia

a uma certeza. Escauro não se riu. Estremeceu.

Como ia fazer dezassete anos no terceiro dia de Janeiro, Marco Túlio Cícero, apesar de magricela,

apresentou-se, como lhe cumpria, na tenda de recrutamento do serviço militar situada no Campo de

Marte, pouco depois das eleições centuriais. O adolescente, arrogantemente autoconfiante, que fora

tão amigo do filho de Sila, havia acalmado muito; prestes a completar dezassete anos, estava

convicto de que a sua estrela se apagara já, que o breve brilho dessa estrela fora irremediavelmente

eclipsado pelo terrível fulgor da guerra civil. Deixara de ser o centro das atenções de uma multidão

de admiradores. Provavelmente, nunca mais voltaria a sê-lo. Os cenários onde se movimentara

tinham desaparecido. Todos os tribunais estavam encerrados, excepto o de Quinto Vário. O pretor

urbano, que deveria estar à frente desses tribunais, governava agora Roma, dada a ausência dos

cônsules. Estando os Italianos a sair-se tão bem na guerra, era muito provável que os tribunais

nunca mais voltassem a abrir. Exceptuando Cévola, o Augure, agora com noventa anos e já

inactivo, todos os mentores e preceptores de Cícero tinham desaparecido; Crasso Orador estava

morto e os outros tinham sido engolidos pelo turbilhão militar.

O que mais assustava Cícero era o facto de que ninguém parecia minimamente interessado nele ou

no seu destino. Os poucos grandes homens que conhecia e que viviam em Roma estavam

demasiado ocupados para lhe dedicarem alguma atenção. Sim, ele tinha batido às suas portas, e

tinha-o feito porque considerava que estava a atravessar uma situação especialmente difícil e porque

se considerava uma pessoa diferente, uma criatura única - mas não conseguira nenhuma entrevista;

todos, desde Escauro Princeps Senatus a Lúcio César, estavam demasiado ocupados para o atender.

No fundo, que era ele? Pouca coisa. Apenas um indivíduo singular que dera nas vistas no Fórum e

que nem sequer tinha, ainda, dezassete anos. Porque haveriam os grandes homens de se interessar

por ele e pelo seu caso? Como o seu pai (agora cliente de um homem morto) dizia, ele que não

pensasse num posto especial e que aceitasse, sem queixas, o que lhe fosse aparecendo.

632

Quando chegou à tenda na parte da Via Lata do Campo de Marte, não viu um único rosto

conhecido; eram senadores velhos e pouco importantes, recrutados para um trabalho que era bem

pago, mas que não lhes dava qualquer prazer. O presidente do grupo foi o único que olhou para ele

quando chegou a sua vez - os outros estavam ocupados com enormes rolos de papel; sem qualquer

entusiasmo, o senador atentou no físico magricela de Cícero (que parecia sempre mais estranho por

causa da cabeça enorme, em forma de abóbora).

- Primeiro nome e nome de família?

- Marco Túlio.

- Primeiro nome e nome de família do pai?

- Marco Túlio.

- Primeiro nome e nome de família do avô?

- Marco Túlio.

- Tribo?

- Cornélia.

- Apelido, tem?

- Cícero.

- Classe?

- Primeira - *eques.*

- O teu pai teve direito ao Cavalo Público?

- Não.

- Podes pagar o teu próprio equipamento?

- Claro.

- Sabes ler e escrever?

- Claro!

- A tua tribo é rural. Distrito?

- Arpino.

- Ah, a terra de Caio Mário! Quem é o patrono do teu pai?

- Lúcio Licínio Crasso Orador.

- Nenhum patrono vivo?

- Não.

- Tiveste algum treino militar?

- Não.

- És capaz de distinguir a ponta do punho da espada?

- Se quer dizer com isso se sei manejar uma espada, a resposta é não.

- Sabes montar a cavalo?

633

- Sei.

O presidente da comissão de recrutamento acabou de tomar as suas notas, após o que voltou a olhar

para Cícero com um sorriso desdenhoso.

- Volta cá dois dias antes das Nonas de Janeiro. Nessa altura, Marco Túlio, ser-te-ão indicadas as

tuas funções militares.

E era tudo. Voltaria no dia dos seus anos. Saiu da tenda profundamente humilhado. Ninguém se

tinha sequer apercebido de quem ele era! *Por certo* tinham assistido ou ouvido falar dos seus feitos no Fórum! Mas se conheciam esses feitos, escondiam-no perfeitamente. Era óbvio que tencionavam

distribuir-lhe tarefas militares. Se tivesse pedido que lhe atribuíssem funções religiosas, tê-lo-iam considerado um cobarde; Cícero era suficientemente inteligente para entender isso. Por esse motivo

calara-se; não queria que, anos mais tarde, um candidado rival ao consulado lhe apontasse uma

mancha dessas.

Como os seus amigos eram normalmente mais velhos do que ele, Cícero não tinha ninguém em

Roma com quem pudesse falar. Estavam todos na guerra, desde Tito Pompónio a vários sobrinhos e

sobrinhos-netos do seu falecido primo, passando pelos seus próprios primos. O jovem Sila, o único

amigo que desejava realmente encontrar, estava morto. Não tinha para onde ir senão para casa.

Encaminhou-se na direcção da Vicus Cuprius: ia para casa, para a casa do pai no bairro das Carinas;

sentia-se perfeitamente desesperado, e o seu rosto não o escondia.

Todos os jovens romanos com dezassete anos tinham de se apresentar na comissão de recrutamento,

a fim de cumprirem os seus deveres militares (naquela altura, até os membros das classes mais

baixas, das classes proletárias, o tinham de fazer). No entanto, antes de ter rebentado a guerra com

os Italianos, Cícero nunca pensara que poderia ser chamado a cumprir tarefas militares, fossem elas

quais fossem; pensara recorrer aos seus preceptores do Fórum, a fim de lhe arranjarem um cargo

onde os seus talentos literários pudessem brilhar: dessa forma, só vestiria a cota de malha e pegaria numa espada durante os desfiles. Não teve, porém, essa sorte e sabia que ia ser submetido a um

regime que odiava. Sabia que morreria.

Nunca se tendo sentido realmente feliz ou confortável em Roma, o pai de Cícero voltara a Arpino, a

fim de preparar as suas terras para o Inverno. Só voltaria a Roma depois do seu filho mais velho ter



entrado para o exército. O irmão mais novo de Cícero, Quinto, agora com oito anos, fora com o pai;

Quinto era muito menos brilhante que Marco e, no fundo, preferia viver no campo. Por tudo isto,

Hélvia, a mão de Cícero, fora obrigada a ficar em Roma. Estava, afinal, em Roma, unicamente por

causa do filho. E não gostava disso.

- Só me dás trabalhos! Trabalhos e mais nada! - disse ela mal ele entrou em casa, tão desamparado e

infeliz que chegara a nutrir a esperança de encontrar na mãe uma confidente compreensiva. - Se não

fosses tu, teria ido com o teu pai para Arpino e não seríamos obrigados a gastar dinheiro com esta

casa ridiculamente dispendiosa. Não há um escravo em toda a cidade de Roma que não seja ladrão e

trapaceiro e é por isso que passo todo o tempo ou a conferir os seus livros de contabilidade ou a

vigiar tudo o que fazem. Põem água no vinho, dou-lhes dinheiro para me comprarem azeitonas de

primeira qualidade e trazem-me azeitonas das piores e nenhum troco nos bolsos, trazem metade do

pão e do óleo que costumamos encomendar, e comem e bebem que se fartam. Vou ter de ser eu a

fazer as compras. - Parou um instante para respirar, mas logo prosseguiu: - E a culpa é toda tua,

Marco! As tuas loucas ambições! Eu sempre te disse: não queiras ser mais do que aquilo que és!

Mas a mim nunca ninguém ouve. Encorajas deliberadamente o teu pai a gastar fortunas na tua

requintada educação... mas tu nunca serás outro Caio Mário! Nunca vi rapaz com menos jeito, seja

para o que for! E para que te servem Homero e Hesíodo, és capaz de me dizer? O papel não se

come. E não é com papéis que se faz uma carreira. E para aqui estou eu presa, e tudo por tua

causa...

Marco Túlio Cícero não quis ouvir mais. Num ápice, correu para o seu escritório.

Cícero tinha um escritório graças ao pai, que lhe cedera a divisão da casa destinada ao seu quarto

para tal efeito. De início fora o pai quem tivera ambições: depressa as passara para aquele filho

brilhante e extraordinariamente prometedor. Manter um tal prodígio encerrado em Arpino é que

nunca. Antes de Cícero, Caio Mário fora o único homem famoso de Arpino, e os Túlios Cíceros

consideravam-se acima dos Mários porque os Mários não eram tão inteligentes como eles. Por isso,

se os Mários tinham produzido um homem de acção, um homem de guerra, os Túlios Cíceros

produziriam um homem da reflexão, do pensamento. Os homens de acção eram esquecidos com o

tempo. Mas os homens que se entregavam ao estudo das ideias, esses viviam para todo o sempre.

635

Marco Túlio Cícero, o prometedor jovem intelectual que viera de Arpino, fechou-se à chave no seu

escritório, não fosse a mãe atrever-se a entrar, e chorou, chorou, todas as lágrimas que precisava

chorar.

No dia do seu aniversário, Cícero voltou à tenda do Campo de Marte e, com os joelhos a tremer,

submeteu-se a uma versão muito abreviada do seu primeiro interrogatório.

- O nome todo, incluindo o apelido.

- Marco Túlio Cícero Júnior.

- Tribo?

- Cornélia.

- Classe?

- Primeira.

Procuraram a folha relativa ao seu processo. Cícero ficaria com essa folha e dá-la-ia ao seu

comandante. Os Romanos, sempre práticos, não subestimavam a possibilidade de os recrutas

ignorarem, pura e simplesmente, as ordens verbais. Àquela hora, seguia já uma cópia para os

funcionários que tratavam do recrutamento em Cápua.

O presidente da comissão leu atentamente as extensas observações que constavam do processo de

Cícero. Depois, fitou-o friamente.

- Muito bem, Marco Túlio Cícero Júnior. Alguém intercedeu a tempo a teu favor - disse o

presidente. - Nós tínhamos previsto que irias para Cápua servir como legionário. No entanto,

chegou-nos às mãos um pedido especial do Princeps Senatus para que integrasses a equipa de um

dos cônsules. Foste, por isso, integrado na equipa de Cneu Pompeu Estrabão. Deverás apresentar-te

amanhã, ao romper da manhã, em casa dele, a fim de receberes as suas instruções. Esta comissão

salienta que não tens qualquer tipo de preparação militar e sugiro-te, por isso, que compareças,

regularmente, nos campos de exercícios do Campo de Marte, enquanto não fores cumprir os teus

deveres no seio da equipa do cônsul. É tudo. Podes ir.

Os joelhos de Cícero tremiam, ainda mais, agora que se sentia profundamente aliviado. Pegou na

preciosa folha e desapareceu num instante. Farei parte da equipa de funcionários de Cneu Pompeu

Estrabão! Oh, que todos os deuses estejam contigo, Marco Emílio Escauro Princeps Senatus!

Obrigado! Serei de um valor incalculável para Cneu Pompeu - serei historiador do seu exército ou

farei os seus discursos e nunca Precisarei de empunhar uma espada!

Cícero não tinha a mínima intenção de treinar no Campo de Marte, pois aos dezasseis anos tinha

feito uma tentativa e concluíra que lhe faltava equilíbrio nas pernas, destreza na mão, rapidez de

reflexos e presença de espírito. Ao fim de alguns exercícios com a sua espada de madeira, Cícero

era já o alvo de todas as atenções. Mas o círculo que o rodeava no Campo de Marte não era, como

no Fórum, um círculo de admiradores, espantados com as suas proezas verbais; bem pelo contrário,

aqueles que assistiam aos seus exercícios no Campo de Marte riram a bandeiras despregadas da sua

total inabilidade. Cícero depressa se tornou o alvo de todas as piadas, de todos os risos. Troçavam

da sua voz aflautada, imitavam-lhe o riso relinchado, achavam a sua erudição excessivamente séria

e o seu comportamento muito maduro, muito adulto, digno de inspirar uma farsa. Marco Túlio

Cícero abandonara então o treino militar, jurando que nunca mais voltaria ao Campo de Marte.

Nenhum rapaz da sua idade gostava de ser alvo da troça de toda a gente; e aquele rapaz, para mais,

sentira já o estímulo da admiração de homens adultos, além do que se considerava um caso especial,

a todos os níveis.

Alguns homens, concluíra então, não nasciam para ser soldados. E ele era um desses homens. *Não*

era uma questão de cobardia! Era sim uma total inabilidade física. Algo que não podia ser

considerado como uma fraqueza de carácter. Os rapazes da sua idade eram estúpidos, brutos que

nem animais, valorizavam os seus corpos, mas nunca as suas mentes. Não compreendiam que as

suas mentes poderiam permanecer vivas durante muito tempo depois de os seus corpos

desaparecerem? Não queriam ser diferentes? Que haveria de estimulante em conseguir acertar com

uma lança no centro de um alvo? Ou em cortar a cabeça a um espantalho? Cícero era

suficientemente inteligente para entender que alvos e espantalhos nada tinham a ver com o campo

de batalha, e que muitos desses jovens que matavam símbolos acabariam por odiar a realidade.

No dia seguinte, às primeiras horas da manhã, vestido com a sua *toga virilis,* apresentou-se em casa de Cneu Pompeu Estrabão, na zona do Palatino que dava para o Fórum, desejoso de que o pai

estivesse com ele para lhe fazer companhia. Para sua grande surpresa, verificou que havia centenas

de homens reunidos no átrio. Alguns reconheceram-no como o menino prodígio da retórica, mas

nenhum meteu conversa com ele; gradualmente, viu-se empurrado para o mais obscuro recanto

637

do átrio de Pompeu Estrabão. Aí esperou durante horas que alguém viesse perguntar-lhe ao que

vinha. Entretanto, a multidão ia lentamente diminuindo. O novo cônsul sénior era, na altura, o

homem mais importante de Roma e toda a gente queria pedir-lhe um favor ou muito simplesmente

falar com ele. Além disso, tinha um verdadeiro exército de clientes, todos eles picentinos, embora

Cícero só tivesse ficado com uma ideia da amplidão dessa clientela depois de ter visto toda aquela

gente à espera no átrio de Estrabão.

Havia ainda uma centena de homens no átrio e Cícero estava já em pulgas para que um dos sete

secretários de Estrabão reparasse nele, quando um jovem da sua idade se abeirou dele e,

encostando-se à parede, começou a olhá-lo de alto a baixo. Os olhos que assim o prercorriam eram

olhos frios, desapaixonados, e os mais belos olhos que Cícero alguma vez vira. Uns olhos tão

grandes, tão rasgados, que pareciam conter permanentemente uma expressão de surpresa. Eram de

um azul puríssimo e intenso, de um brilho único. A farta cabeleira muito loura tinha duas

peculiaridades: ao cimo da testa, estava aparada bem alto e fazia um pico no meio. Sob esta

interessante cabeleira, via-se um rosto fresco e muito vivo que nada tinha de romano. Os lábios

eram finos, as faces largas, o nariz pequeno e achatado, o queixo pouco saliente, a pele rosada e

ligeiramente sardenta, as sobrancelhas e as pestanas tão louras como o cabelo. Era no entanto um

rosto muito belo, e o seu possuidor, depois dos olhares examinadores que lançou a Cícero,

contemplou-o com um sorriso tão sedutor que Cícero se sentiu perfeitamente conquistado.

- Quem és tu? - perguntou o rapaz.

- Marco Túlio Cícero Júnior. E tu?

- Cneu Pompeu Júnior.

- Estrabão?

O jovem Pompeu desatou a rir; não se sentiu minimamente ofendido.

- Achas-me estrábico, Marco Túlio?

- Não. Mas não é costume adoptar-se o apelido do pai? - perguntou Cícero.

- No meu caso, não - retorquiu Pompeu. - Tenciono conquistar um apelido com as minhas próprias

acções. E já sei que apelido vai ser esse.

- Qual vai ser?

- Magno.

638

Cícero soltou um dos seus relinchos.

- Isso não será demais? Magno? Além disso, não podes dar a ti próprio um apelido. São os outros

que têm de to dar.

- Eu sei, mas hão-de dar-mo.

Embora não desconhecesse a auto-confiança, Cícero ficou espantado com a extraordinária

confiança que Pompeu tinha nas suas capacidades.

- Desejo-te sorte - disse.

- Que vieste cá fazer?

- Fui integrado, como cadete, na equipa do teu pai. Pompeu assobiou.

- *Edepol!* Ele não vai gostar de ti!

- Porquê?

Os olhos de Pompeu perderam, nesse momento, todo o seu afectuoso brilho; de novo ficaram frios,

indiferentes.

- Porque tu és um lingrinhas.

- Posso ser um lingrinhas, posso ser um magricela, mas a minha inteligência é superior à de muita

gente, Cneu Pompeu! - atirou-lhe Cícero.

- Isso não vai impressionar o *meu* pai - retorquiu Pompeu, olhando desvanecidamente para o seu corpo, um corpo bem constituído, forte, poderoso.

Tal resposta reduziu Cícero a um miserável silêncio; a depressão que, de quando em quando, o

perseguia, mais impiedosamente do que à maior parte dos adultos, começava a tolher-lhe as ideias.

Engoliu em seco, pôs-se a olhar para o chão, desejou que Pompeu desaparecesse naquele momento.

- Não vale a pena ficares deprimido - disse Pompeu num repente.

- Apesar de tudo o que ele ou eu sabemos, podias muito bem ser um leão com a espada e o escudo!

É assim que ele gosta dos homens!

- A espada e o escudo não fazem de mim um leão - disse Cícero, com a sua foz aflautada.

- Mas também não sou um rato. A verdade é que, no que toca aos meus pés e às minhas mãos, sou

perfeitamente inútil. E isso é uma coisa que não posso controlar e muito menos melhorar.

- Mas no Fórum não se nota isso - replicou Pompeu. Cícero fitou-o boquiaberto.

- Sabes quem eu sou?

- Claro. - As densas pestanas baixaram-se pudicamente sobre os brilhantes olhos. - Quanto a mim,

não sou nada bom em retórica.

# 639

Muito me bateram os meus professores durante anos e anos. Nada feito. É uma pura perda de

tempo. Não consigo aprender a diferença entre *sententia* e *epigramma,* quanto mais entre *color* e *descriptiol*

- Mas como queres tu que um dia venham a chamar-te Magno se não sabes falar? - perguntou

Cícero.

- E tu, como podes querer que te chamem Grande se não sabes pegar numa espada?

- Ah, já percebi! Vais tornar-te outro Caio Mário!

A comparação não agradou a Pompeu. Fitou Cícero com um ar zangado e retorquiu:

- Não! Outro Caio Mário, não! Serei eu próprio. E farei com que Caio Mário, ao pé de mim, pareça

um novato desajeitado!

Cícero riu-se, os olhos escuros, com as suas densas pestanas, brilhando de súbito.

- Ah, Cneu Pompeu, dava tudo para ver isso! - exclamou. Sentiram, nesse momento, que alguém se

aproximava; olharam à sua volta: era Cneu Pompeu Estrabão. Fisicamente, a sua constituição era

tão vigorosa que parecia literalmente quadrado. No entanto, faltava-lhe altura. O rosto não era

muito diferente do do filho, excepto nos olhos, de um azul menos intenso e, sobretudo, estrábicos,

tão estrábicos que dir-se-ia não verem outra coisa que não fosse a cana do nariz. Os olhos tornavam-

no enigmático e desagradável, pois ninguém conseguia ler o que neles se passava, tão estranhos e

desconcertantes eram.

- Quem é? - perguntou ele ao filho.

O jovem Pompeu teve então um gesto maravilhoso, um gesto que Cícero nunca mais esqueceria e

pelo qual lhe ficaria grato toda a vida

- pôs o seu braço musculoso sobre os ombros de Cícero e envolveu-os com força.

Alegre e despreocupado, o filho de Pompeu respondeu nestes termos ao pai:

- É o meu amigo Marco Túlio Cícero Júnior. Foi integrado na tua equipa, mas não precisas de te

preocupar com ele. Eu trato dele.

- Hum! - fez Pompeu Estrabão. - E quem é que te mandou?

- Marco Emílio Escauro Princeps Senatus - disse Cícero, numa voz sumida.

O cônsul sénior aquiesceu.

- Ah, mas que *cunnus.* Sempre sarcástico! Aposto que já se fartou de rir à minha custa - deu meia volta e afastou-se, com um ar



indiferente. - Ainda bem para ti que és amigo do meu filho, *chocada.* Senão, fazia-te em papas e dava-te aos meus porcos.

O rosto de Cícero queimava de corado. Vinha de uma família que sempre deplorara a linguagem

obscena; o pai considerava tal linguagem de uma vulgaridade inaceitável; era para Cícero um rude

choque ouvir tais palavras da boca do cônsul sénior.

- És mesmo uma senhora, não és, Marco Túlio? - perguntou Pompeu, sorrindo.

- Há melhores maneiras, e mais pitorescas, de usar a nossa grande língua latina, do que recorrer

constantemente a imprecações grosseiras

- retorquiu Cícero com dignidade.

Ao ouvir tal comentário, o seu recente amigo reagiu mal.

- Estás a criticar o meu pai? - perguntou. Cícero tratou de recuar.

- Não, Cneu Pompeu, de modo nenhum! Limitei-me a reagir ao facto de me teres chamado

”senhora”!

Pompeu acalmou-se, ficou de novo sorridente.

- Tanto melhor para ti! Não gosto que critiquem o meu pai. Olhou de soslaio para Cícero, com

curiosidade. - Marco Túlio, a linguagem obscena é usada por toda a gente. Até mesmo os nossos

poetas a usam de vez em quando. Encontramo-la nas paredes dos prédios da nossa cidade,

especialmente junto aos bordéis e às latrinas públicas. E se um general não chama *cunni* e *mentulae* aos seus soldados (e às vezes chamam-lhes coisas muito piores), eles concluem que são

comandados por uma Vestal presunçosa.

- Fecho os olhos e os ouvidos - disse Cícero, mas logo mudou de assunto. - Agradeço a tua

protecção.

- Não tens de agradecer por tão pouca coisa, Marco Túlio! Acontece que nós fazemos um par

interessante, parece-me. Tu podes ajudar-me nos relatórios e cartas, e eu posso ajudar-te no que toca ao uso da espada e do escudo.

- Negócio feito - retorquiu Cícero, que parecia não querer sair dali. Pompeu, que começara a andar,

virou-se de repente.

- O que *é* que se passa?

- Não dei a minha folha ao teu pai.

- Deita-a fora - retorquiu despreocupadamente Pompeu. - A partir de hoje ficas sob as minhas

ordens. O meu pai nem vai dar pela tua presença.

641

Cícero seguiu-o na direcção do jardim do peristilo. Encontraram um assento onde batia o sol suave

de Inverno, e Pompeu tratou de demonstrar que, embora detestasse a retórica, falava pelos cotovelos

- e gostava de mexericos.

- Soubeste da história de Caio Vetieno?

- Não - respondeu Cícero.

- Cortou os dedos da mão direita para não cumprir os deveres militares. O pretor urbano, Lúcio

Cornélio Cina, condenou-o a servir como criado nos quartéis de Cápua durante toda a vida.

Cícero sentiu um calafrio na espinha.

- Uma sentença muito peculiar, não achas? - perguntou, sentindo estimulada a sua costela forense.

- Tinham de dar o exemplo, não achas? Não podiam deixá-lo escapar com uma condenação ao

exílio *e* uma multa! Nós não somos como os reis orientais, não pomos as pessoas na prisão até morrerem ou envelhecerem. Nem um mês passam na prisão! A solução de Cina pareceu-me

adequada - disse Pompeu, sorrindo. - O pessoal de Cápua vai transformar a vida de Vetieno num

verdadeiro inferno!

- Suponho que sim - disse Cícero, engolindo em seco.

- Vá, agora é a tua vez!

- A minha vez?

- Sim, diz qualquer coisa.

- Não me lembro de nada, Cneu Pompeu.

- Como se chama a mulher de Ápio Cláudio Pulcro? Cícero pestanejou, surpreendido.

- Não sei.

- És tão inteligente e afinal não sabes nada! Bom, tenho de ser eu a dizer. A mulher de Ápio Cláudio

chama-se Cecília Metela Baleárica. Mas que raio de nome! Até custa a dizer!

- É uma família muito nobre.

- Não tão famosa como a minha família será um dia!

- Mas o que é que há com a mulher de Ápio Cláudio Pulcro?

- Morreu há dias.

- Ah.

- Ela teve um sonho, pouco depois de Lúcio Júlio ter regressado a Roma para realizar as eleições -

prosseguiu Pompeu, visivelmente satisfeito com a conversa. - Na manhã seguinte foi ter com Lúcio

Júlio e contou-lhe que Juno Sospita lhe tinha aparecido no sonho e

que se tinha queixado da confusão e da falta de limpeza que se registavam no seu templo. Ao que

parece, uma mulher grávida tinha entrado furtivamente no templo, vindo a morrer de parto; e os

criados do templo limitaram-se a levar o corpo: nem o chão limparam. De modo que Lúcio Júlio e

Cecília Metela Baleárica pegaram em trapos e baldes e, de joelhos, lavaram o templo de uma ponta

à outra. És capaz de imaginar a cena? Lúcio Júlio ficou com a toga toda suja porque não a quis tirar, dizia que tinha de prestar à deusa todas as honras que lhe eram devidas. Depois, foi direito à Cúria

Hostília e promulgou a sua lei sobre os Italianos - e pregou um raspanete ao Senado por

negligenciar os templos. Como pode Roma vencer a guerra se não respeita os deuses?, perguntou

ele a certa altura. De maneira que, no dia seguinte, todo o Senado pegou em trapos e baldes e foi em

peso tratar da limpeza dos templos. - Pompeu fez uma breve pausa. - O que é que se passa?

- Como é que tu sabes de tudo isso, Cneu Pompeu?

- Estou atento às conversas das pessoas, Marco Túlio. Nem as conversas dos escravos me escapam.

E tu, o que é que tu fazes todo o dia? Lês Homero?

- Li Homero alguns anos atrás - retorquiu Cícero, vaidoso. Agora estou a ler os grandes oradores.

- E não fazes ideia do que se passa na cidade.

- Agora que te conheço, tenho a certeza de que vou passar a saber tudo. Devo concluir que, depois

de ter o sonho e depois de ter lavado o templo de Juno Sospita, a mulher de Ápio Cláudio Pulcro

encontrou a morte? Dessa forma, e se ainda havia dúvidas, a lição tornou-se perfeitamente clara. É

isso, não é?

- É. De facto, Cecília Metela Baleárica morreu pouco depois, de repente. Lúcio Júlio acha que foi

um desastre terrível. Ela era uma das matronas de Roma mais estimadas. Deixou seis filhos, todos

eles com diferenças de um ano, e o mais novo apenas com um ano de idade.

- Sete *é* um número de sorte - disse Cícero, a quem não faltava espírito.

- Para ela não foi - retorquiu Pompeu, sem perceber a ironia. Ninguém entende como aquilo

aconteceu. Uma mulher que tinha tido seis partos sem o mínimo problema. Lúcio Júlio diz que os

deuses estão zangados.

- Ele achará que a sua nova lei é capaz de apaziguar a ira divina? Pompeu encolheu os ombros.

- Não sei. Ninguém sabe. Tudo o que sei é que o meu pai é a favor da lei, por isso eu também sou a

favor. O meu pai tenciona promulgar a cidadania para todas as comunidades latinas da Gália

Italiana.

- E Marco Pláucio Silvano promulgará em breve outra lei que alargará a cidadania a todos os

homens que tenham os seus nomes inscritos nos registos municipais italianos, desde que o solicitem

pessoalmente a um pretor instalado em Roma, no prazo de sessenta dias após a aprovação da lei -

acrescentou Cícero.

- Sim, Silvano. Mais o seu amigo Caio Papírio Carbão - corrigiu Pompeu.

- Ora ainda bem que mudámos o assunto! - exclamou Cícero, mais ou menos animado. - Adoro tudo

o que tenha a ver com leis!

- Ainda bem que há quem goste! - retorquiu Pompeu. - Quanto a mim, acho as leis uma chatice.

Acabam sempre por tolher os movimentos de homens superiores, de homens com capacidades

invulgares que se distinguem dos outros em particular enquanto são jovens.

- Mas os homens não podem viver sem um sistema de leis!

- Os homens superiores podem.

Pompeu Estrabão nada fez no sentido de deixar Roma, embora se fartasse de dizer que ninguém ia

sentir a sua falta ou a de Lúcio Catão, dado que o pretor urbano, Aulo Semprónio Asélio, era um

homem perfeitamente à altura dos problemas tratados em Roma. Contudo, depressa se tornou claro

que era outra a razão para a sua permanência em Roma: Pompeu Estrabão queria seguir de perto a

enchente de leis que decorreriam da *lex Julia.* Lúcio Pórcio Catão Liciano, o cônsul júnior, deixou Pompeu Estrabão entregue a tal tarefa; não se davam bem estes dois cônsules. Lúcio Catão seguiu

primeiro para a Campânia, mas logo mudou de ideias, até que acabou por instalar-se no teatro

central. Pompeu Estrabão não escondera a sua intenção de prosseguir com a guerra no Piceno; no

entanto, mandou Sexto Júlio César para o cerco a Ásculo Picentino, ainda que Sexto César não

estivesse bem de saúde e aquele fosse um dos mais frios Invernos de que havia memória. Pouco

tempo depois da partida de Sexto César, Roma recebeu



a notícia de que ele tinha morto oito mil rebeldes picentinos que se preparavam para mudar de

acampamento. Pompeu Estrabão não gostou de tal notícia, mas permaneceu em Roma.

A sua *lex Pompeia* avançava nos *Comitia* sem problemas. Essa lei concedia a cidadania romana a todas as cidades beneficiadas pelos Direitos Latinos e situadas a sul do rio Pó, na Gália Italiana, e dava os Direitos Latinos às cidades de Aquileia, Patávio e Mediolano, a norte do Pó. Todos os

habitantes destas vastas e prósperas comunidades passariam a integrar a sua clientela, e essa fora a

principal razão que o levara a legislar. Como não era nenhum paladino dos direitos do cidadão,

Pompeu Estrabão permitiu depois a Pisão Frugi que impusesse alguns entraves a todos os latinos ou

italianos que beneficiavam das três leis de alargamento da cidadania. De início, Pisão Frugi

promulgou uma lei que criava duas novas tribos, nas quais seriam integrados todos os novos

cidadãos, mantendo-se as trinta e cinco tribos existentes exclusivamente para os antigos Romanos.

Mas quando a Etrúria e a Úmbria começaram a protestar afirmando que era injusto que os seus

habitantes fossem tratados como meros libertos romanos, Pisão Frugi alterou a sua lei, de forma a

integrar todos os novos cidadãos, não em duas, mas em dez tribos: oito das velhas tribos e as duas

que acabara de criar.

O cônsul sénior procedeu então às eleições para censores; Lúcio Júlio César e Públio Licínio Crasso

foram os escolhidos. Ainda antes de abandonar os seus compromissos sacerdotais, Lúcio César

anunciou que, em honra do seu antepassado Eneias, perdoaria todos os impostos de que era alvo a

cidade de Tróia, a sua amada Ilio. Como Tróia não passava agora de uma pequena aldeia, Lúcio

César fez aprovar a sua medida sem qualquer oposição. Escauro Princeps Senatus - que podia ter

combatido tal medida - andava demasiado ocupado com os dois reis refugiados, Nicomedes da

Bitínia e Ariobarzanes da Capadócia, que choravam e subornavam com igual fervor, não

entendendo por que razão Roma estava mais preocupada com a guerra contra os Italianos do que

com a previsível guerra com Mitridates.

O principal adversário da lei de alargamento da cidadania de Lúcio César fora Quinto Vário, que

temia vir a ser a primeira vítima da lei. Os novos tribunos da plebe caíram sobre ele que nem lobos,

chefiados por Marco Pláucio Silvano; foi rapidamente aprovada uma *lex Plautia,* e a Comissão

Vária - que até então julgara todos aqueles que tinham defendido a cidadania para os Italianos -

transformou-se em Comissão

645

Pláucia, com a tarefa de julgar todos os que tinham tentado deter o alargamento da cidadania. Por

sorteio, ficou a presidir à Comissão o irmão mais novo de Lúcio César, o vesgo César Estrabão; e o

primeiro julgamento foi precisamente o de Quinto Vário Severo Hybrida Sucronensis.

A técnica de César Estrabão revelou-se, como sempre, brilhante. O veredicto era já conhecido

muito antes do final do julgamento de Quinto Vário, sobretudo porque a *lex Plautia* retirara da Comissão os cavaleiros e enchera-a de cidadãos de todas as classes provenientes das trinta e cinco

tribos. Quinto Vário preferiu não esperar pelo veredicto. Para grande pesar dos seus amigos mais

chegados, Lúcio Márcio Filipe e o jovem Caio Flávio Fímbria, Quinto Vário matou-se ingerindo

veneno. Infelizmente escolheu mal o veneno e a sua agonia arrastou-se por vários dias. Ao seu

funeral compareceram apenas uns quantos amigos. Fímbria jurou então que se vingaria de César

Estrabão.

- Perguntem-me se estou com medo - disse César Estrabão aos irmãos, Quinto Lutácio Catulo César

e Lúcio Júlio César, que não tinham assistido ao funeral, mas tinham estado com Escauro Princeps

Senatus nos degraus do Senado, para ver o que aconteceria durante o mesmo.

- Tu? Tu eras capaz de desafiar Hércules ou Hades - disse Escauro, os olhos dançando.

- Não, o meu desafio é outro: disputar o consulado sem ter sido pretor - retorquiu rapidamente César

Estrabão.

- E porque haverias de querer fazer uma coisa dessas? - perguntou Escauro.

- Para verificar a eficácia da lei.

- Ah, advogados, advogados! São todos iguais! - exclamou Catulo César. - Eram capazes de testar a

eficácia de uma lei sobre o que constitui a virgindade numa Vestal.

- Acho que isso já foi feito! - retorquiu César Estrabão, desatando a rir.

- Muito bem - disse Escauro. - Vou ver como está Caio Mário e depois vou para casa preparar o

meu discurso. - Olhou para Catulo César. - Quando partes para Cápua?

- Amanhã.

- Não vás já, Quinto Lutácio! Fica para ouvir o meu discurso! Provavelmente será o discurso mais

importante da minha carreira.

646

- É uma proposta interessante, Escauro - disse Catulo César, que viera de Cápua para assistir à

cerimónia da revogação do tributo imposto a Tróia, por iniciativa do irmão, Lúcio César. - Posso

perguntar qual é o tema?

- Claro. O tema é a preparação da guerra contra o rei Mitridates do Ponto - disse afavelmente

Escauro.

Os três Césares fitaram-no surpreendidos.

- Estou a ver que nenhum de vocês acredita em tal guerra. Pois bem, meus senhores, podem ter a

certeza de que haverá guerra! disse Escauro, afastando-se na direcção da Clivus Argentarius.

Encontrou Júlia com a sua cunhada Aurélia. As duas mulheres tinham um ar tão encantador, tão

romano, que Escauro se sentiu impelido a beijar-lhes as mãos, uma homenagem que nele era rara.

- Não tens andado bem, Marco Emílio? - perguntou Júlia, olhando de soslaio, sorridente, para

Aurélia.

- Sinto-me muito cansado, Júlia, mas não demasiado cansado para apreciar a beleza. - Escauro fez

um gesto na direcção da porta do escritório. - E como vai hoje o nosso Grande Homem?

- Mais desanuviado, graças a Aurélia - retorquiu a mulher do Grande Homem.

- Ah sim?

- Caio Mário tem agora uma companhia.

- Uma companhia?

- O meu filho, o jovem César - disse Aurélia.

- Um *rapaz!*

Júlia não parou de rir enquanto o conduzia ao escritório do marido.

- Ele ainda não fez onze anos, por isso acho que é um rapaz. Mas em todos os outros aspectos, o

jovem César é pelo menos tão velho como tu. Caio Mário tem registado ultimamente imensas

melhoras. Mas aborrece-se. A paralisia impede-o de dar muitas voltas, mas ao mesmo tempo odeia

estar na cama. - Júlia abriu a porta e disse: Marido, aqui tens Marco Emílio!

Mário estava deitado num divã, sob uma janela que dava para o jardim do peristilo, o lado esquerdo,

o lado paralisado, assente sobre almofadas. Num banco aos pés do divã estava sentado o filho de

Aurélia - sim, pensou Escauro, aquele devia ser o filho de Aurélia. Nunca o tinha visto antes.

Um verdadeiro César, pensou Escauro, que acabara de deixar a companhia de três Césares. Alto,

belo, atraente. E este tinha também algo de Aurélia.

- Princeps Senatus, apresento-te Caio Júlio - disse Júlia.

- Senta-te, meu rapaz - disse Escauro ao ver o rapaz levantar-se. Aproximou-se de Mário, apertou-

lhe a mão direita, perguntou-lhe: Então, Caio Mário, como vai isso?

- Lentamente - retorquiu Mário, arrastando ainda as palavras. Como podes ver, as mulheres

arranjaram-me um cão de guarda. O meu Cérbero.

- Um cão de guarda, não. Um cachorrinho de guarda! - replicou Escauro, sentando-se na cadeira

que o jovem César lhe ofereceu antes de se sentar no seu banco. - Mas diz-me, meu rapaz, quais são

precisamente os teus deveres?

- Ainda não sei - respondeu o jovem César sem qualquer sinal de timidez. - Hoje foi a primeira vez

que a minha mãe me trouxe.

- Creio que elas pensaram que eu gostaria de ter alguém a meu lado para me ler qualquer coisa -

disse Mário. - Que achas, jovem César?

- Preferia falar com Caio Mário, em vez de lhe ler livros - retorquiu o filho de Aurélia sem se

atrapalhar. - O tio Mário não escreve livros, mas muitas vezes desejei que o tivesse feito. Gostaria

que me contasse tudo acerca dos Germanos.

- O rapaz sabe o que quer - disse Mário, tentando mexer-se desajeitadamente.

O jovem levantou-se de imediato e pôs o seu braço sob o braço direito de Mário, permitindo assim

que o tio desse o impulso necessário para completar a mudança de posição. Fê-lo sem qualquer

pressa ou ansiedade, revelando ter uma força notável para quem era ainda uma criança.

- Ah, assim estou muito melhor! - disse Mário, ofegante; agora estava numa posição muito mais

confortável para olhar o rosto de Escauro. - Vou dar-me muito bem com o meu cachorrinho de

guarda.

Escauro ficou uma hora, mais interessado no filho de Aurélia do que na doença de Mário. Embora o

rapaz não fizesse nenhum esforço para se tornar notado, respondia a todas as perguntas com uma

graça e uma dignidade próprias de um adulto, e durante todo o tempo escutou, com a máxima

atenção, a conversa de Mário e Escauro sobre as incursões de Mitridates na Bitínia e na Capadócia.

648

- Para um rapaz de dez anos, não há dúvida que já leste muita coisa, jovem César - disse Escauro,

levantando-se para se despedir. A propósito, conheces por acaso um rapaz chamado Marco Túlio

Cícero?

- Só o conheço de nome, Princeps Senatus. Dizem que será o melhor advogado romano de todos os

tempos.

- Talvez sim, talvez não - retorquiu Escauro, encaminhando-se para a porta. - Por enquanto, Marco

Cícero está a cumprir os seus deveres militares. Faço-te uma nova visita dentro de dois ou três dias, Caio Mário. Como tu não podes deslocar-te ao Senado, ler-te-ei o meu discurso aqui, para saber a

tua opinião. Ah, e é claro que o jovem César também poderá ouvi-lo.

Escauro seguiu para a sua casa, situada no Palatino. Sentia-se muito cansado, e mais deprimido com

o estado de saúde de Mário do que intimamente admitia. Tinham passado já quase seis meses e o

Grande Homem continuava num divã, num recanto do *tablinum.* Talvez a companhia do rapaz lhe

fizesse bem. Quem sabe, talvez fosse uma boa ideia. Mas Escauro duvidava que o seu velho amigo

e inimigo viesse a melhorar o suficiente para participar nas reuniões do Senado.

A longa subida dos Degraus das Vestais deixou-o exausto, viu-se obrigado a parar na Clivus

Victoriae e a descansar, um pouco antes de cumprir a última parte do trajecto. Completamente

absorvido pelas dificuldades com que iria deparar para tentar convencer os senadores da urgência

dos problemas da Ásia Menor, bateu à porta, e verificou com surpresa que quem lhe abriu a porta

era, não o porteiro, mas a esposa.

Estava belíssima!, pensou Escauro, fitando deliciado o rosto de Cecília Metela Dalmática. Todos os

velhos problemas tinham morrido havia muito, muito tempo. Ela era a mulher da sua vida, o grande

amor da sua vida. Obrigado por este presente, Quinto Cecílio, pensou Escauro, lembrando com

afeição o seu falecido Metelo Numídico Suíno. Fora Metelo Numídico, de facto, quem lhe dera

Cecília Metela Dalmática.

Escauro estendeu a mão para lhe tocar no rosto. Depois, encostou o rosto à pele jovem e macia da

mulher. De olhos fechados, suspirou.

- Marco Emílio? - perguntou ela, sentindo de repente todo o peso do marido nos seus braços. -

Marco Emílio? - perguntou de novo, cambaleando um pouco.

649

Cecília Metela Dalmática abraçou o marido com toda a força e gritou até que os criados apareceram e

pegaram no corpo lasso de Escauro.

- O que é que se passa? O que é que ele tem? - não se cansava ela de perguntar.

O chefe dos criados respondeu-lhe por fim, já depois de terem deitado Marco Emílio Escauro num divã.

- Está morto, *domina.* Marco Emílio morreu.

Espalhava-se pela cidade a notícia da morte de Escauro Princeps Senatus quando chegou a Roma uma outra notícia triste. Sexto Júlio César morrera de uma inflamação pulmonar durante o cerco a Ásculo Picentino.

Depois de digerido o conteúdo da carta enviada pelo lugar-tenente de Sexto César, Caio Bébio, Pompeu

Estrabão tomou uma decisão. Logo que terminassem as exéquias de Escauro, seguiria para ásculo Picentino.

Era extremamente raro o Senado aprovar fundos estatais para a realização de exéquias, mas, mesmo em

tempos tão difíceis como os que então se viviam, era impensável não dar a Escauro um funeral de Estado.

Toda a cidade de Roma o adorara, e todos os Romanos compareceram a prestar-lhe as últimas homenagens.

Nada voltaria a ser o que era sem a cabeça totalmente calva de Marco Emílio reflectindo o sol como um espelho, sem os belos olhos verdes de Marco Emílio vigiando os vilões de Roma, sem o espírito, o humor e a coragem de Marco Emílio. A sua falta seria sentida durante muito, muito tempo.

Para Marco Túlio Cícero, o facto de ter deixado uma Roma coberta de ramos de cipreste era um mau agouro; também ele estava morto para tudo o que mais amava - o Fórum, os livros, as leis e a retórica. A mãe estava ocupada a arranjar inquilinos para a casa do bairro de Carinas; tinha já feito as malas para regressar a Arpino, embora não tivesse feito uma única mala para Cícero, nem estivesse em casa quando ele lá foi despedir-se.

Saiu para a rua e, com a ajuda de um criado, subiu para a sela do cavalo que o pai lhe mandara da província, já que a família não merecera a honra de ter um Cavalo Público. Os seus pertences seguiam no dorso de uma mula; tudo o que a mula não podia levar, ficou em sua casa. Pompeu Estrabão comandava um pequeno

exército e não tolerava por isso bagagens a mais. Cícero sabia disso graças ao seu novo amigo, Pompeu, com quem se encontrou na Via Lata uma hora depois.

650

Estava um tempo terrivelmente frio e o vento soprava com violência; os pingentes de gelo dependurados de varandas e dos ramos das árvores teimavam em não derreter, quando a pequena comitiva de Pompeu Estrabão deu início àquela viagem rumo ao Norte. A despeito do tempo invernoso, a viagem tinha de ser cumprida.

Alguns dos militares do general tinham passado a noite no Campo de Marte porque haviam marchado no seu triunfo, e encontravam-se já muito à frente da equipa de oficiais e conselheiros de Pompeu Estrabão. O resto das seis legiões do cônsul romano esperava por ele nos arredores de Veios, não muito longe de Roma.

Acamparam nessa região durante a noite e Cícero partilhou uma tenda com os outros cadetes integrados na equipa de apoio ao general, oito jovens com idades compreendidas entre os dezasseis anos de Pompeu e os vinte e três de Lúcio Volúmnio. Durante o dia, Cícero não tivera oportunidade de travar conhecimento com os outros cadetes; teve de o fazer quando montaram a tenda. Não fazia a mínima ideia de como se montava uma tenda, nem do que era preciso que fizesse. Por isso, deixou-se estar quieto, com um ar muito aflito, até que Pompeu lhe atirou uma corda e lhe disse para segurar nela com força, sem se mexer.

Recordando, muitos anos depois, essa primeira noite na tenda dos cadetes, Cícero sentia-se ainda

surpreendido com a coragem e a naturalidade com que Pompeu o ajudava, afirmando, sem o dizer, que Cícero era seu protegido, alguém que não devia ser perseguido por causa da sua aparência ou da sua incapacidade física. O filho do general era inegavelmente o senhor da tenda - mas não porque fosse filho do general. Não era um jovem culto ou dado à leitura. No entanto, Pompeu possuía uma inteligência notável e uma autoconfiança inquebrantável; era um autocrata natural, não aceitava limitações, não tolerava imbecis. Talvez por isso tivesse gostado de Cícero, que não era, de forma nenhuma, um imbecil, e que também não estava em posição de lhe opor limitações.

- O teu equipamento não é adequado - disse ele a Cícero, olhando para a confusão de coisas que Cícero arrumara sobre o dorso da mula.

- Ninguém me disse o que devia trazer - retorquiu Cícero, batendo os dentes e com as faces azuis, tanto era o frio que fazia.

- Não tens mãe? Uma irmã ao menos? Elas sabem sempre o que nós temos de trazer - disse Pompeu.

- Tenho mãe, mas não tenho nenhuma irmã - retorquiu Cícero, que não parava de tremer. - Mas a minha mãe não gosta de mim.

- Não tens calções? E luvas, tens? E túnicas de lã? E meias grossas? E gorros de lã?

- Só tenho o que aí está. Não pensei que isso fosse preciso. Mas de qualquer modo todas essas coisas estão em Arpino, na nossa casa.

Mas será que alguma vez um rapaz de dezassete anos pensa em proteger-se do frio, em tudo o que é

necessário para se proteger do frio?, perguntar-se-ia Cícero mais tarde, sentindo ainda a alegria que o invadiu quando Pompeu, sem pedir autorização a ninguém, ordenou que todos os outros cadetes dessem ao seu amigo uma peça de roupa quente.

- Não protestem! Têm roupa que chegue! - disse Pompeu aos outros. - Marco Túlio pode ser um idiota

relativamente a certas coisas, mas a verdade é que é mais inteligente do que nós todos juntos. E além disso é meu amigo. Agradeçam aos deuses por terem todos mães e irmãs dedicadas e pacientes. Volúmnio, tu não

precisas de seis pares de meias! Para que queres tanta meia, se andas sempre com as mesmas? E tu, Tito Pompeu, passa para cá essas luvas. Ebúcio, uma túnica. Teideio, outra túnica. Fundílio, um gorro. Maiânio, tens tantas coisas que podes dar uma de cada. Tal como eu. Que diferença me faz uma coisa a menos?

Enfrentando tempestades de neve, o exército avançou para o interior das serranias. Cícero, agora mais quente, seguia nesse exército, impotente, desamparado, ignorante do que poderia acontecer ou do que deveria fazer se deparassem com um exército inimigo. E de facto encontraram um exército inimigo: foi algo de acidental e perfeitamente inesperado; tinham acabado de atravessar

o rio, então gelado, que passava em Fulgino, quando o exército de Pompeu Estrabão se viu confrontado com quatro legiões picentinas que vinham das cordilheiras do sul do Piceno, aparentemente a caminho da Etrúria. A batalha transformou-se num verdadeiro desastre para as tropas picentinas. Cícero não se viu pessoalmente envolvido porque seguia na retaguarda, com os carros que transportavam as bagagens, pois Pompeu decidira que ele devia ficar a vigiar os pesados pertences dos cadetes. Cícero estava consciente de que, dessa forma, Pompeu escusava de se preocupar com o bem-estar do amigo, enquanto avançavam por território inimigo.

- Ah, que maravilha! - comentou Pompeu enquanto limpava a espada, essa noite, na tenda dos cadetes. -

Demos cabo deles! Foi

652

uma verdadeira carnificina! Quando quiseram render-se, o meu pai desatou a rir-se deles. De modo

que obrigámo-los a recuar para os picos sem bagagens nem abastecimentos. Se não morrerem de

frio, morrem de fome. - Aproximou a espada da lamparina para se certificar de que a arma brilhava

desde o punho à ponta.

- Não era melhor tê-los feito prisioneiros? - perguntou Cícero.

- Com o *meu* pai na tenda do general? - retorquiu Pompeu, rindo.

- Ele acha que é má política deixar um único inimigo vivo.

Dado que não lhe faltava coragem, Cícero teimou.

- Mas eles são Italianos. Não são um inimigo estrangeiro. Não vamos precisar deles para as nossas

legiões, quando esta guerra terminar?

Pompeu reflectiu um pouco.

- Sim, Marco Túlio, é muito possível que venhamos a precisar deles. Mas agora já é tarde para nos

preocuparmos com estes picentinos! O meu pai estava furioso com eles, e quando está furioso, não

poupa ninguém. - Os olhos azuis de Pompeu fitaram os olhos castanhos de Cícero. - Eu serei como

ele.

Só ao fim de alguns meses Cícero deixaria de sonhar com aqueles camponeses picentinos, caindo,

gelados e sem forças, na neve", ou esgravatando febrilmente junto aos carvalhos, à procura de

glandes, o único alimento que as montanhas ofereciam; esse episódio era apenas um dos muitos

pesadelos daquela guerra, de todas as guerras, e Cícero odiava cada vez mais a guerra.

Quando Pompeu Estrabão chegou à cidade de Fano, junto ao Adriático, Cícero aprendera já

algumas tarefas em que podia demonstrar a sua utilidade, e habituara-se mesmo a usar cota de

malha e espada. Na tenda dos cadetes, era ele quem tomava conta das tarefas domésticas, quem

cozinhava e fazia as limpezas; na tenda do general, ocupava-se dos trabalhos que os funcionários e

secretários picentinos de Pompeu Estrabão não estavam em condições de fazer - relatórios e cartas

para o Senado, descrições de batalhas e escaramuças. Quando Cícero escreveu a sua primeira carta,

destinada ao pretor urbano Asélio, Pompeu Estrabão olhou para aquele rapaz magricela que era

amigo do filho com os seus estranhos olhos que pareciam querer dizer qualquer coisa.

- Não está mal, Marco Túlio. Talvez o meu filho tenha razão em gostar de ti. Eu não percebia o que

era, mas a verdade é que ele tem sempre razão. Foi por isso que eu o deixei fazer as coisas à sua

vontade.

653

- Obrigado, Cneu Pompeu.

Com um gesto largo, o general apontou para uma secretária atravancada de documentos.

- Vê se consegues pôr aquilo em ordem, rapaz.

Puderam finalmente descansar a poucos quilómetros de Ásculo Picentino; como o exército do

falecido Sexto César se encontrava ainda defronte da cidade, Pompeu Estrabão decidiu manter-se

afastado.

Era muito frequente o general e o filho abandonarem o acampamento para lançarem ataques,

levando consigo os soldados que consideravam necessários; devido a essas operações, mantinham-

se longe do acampamento durante alguns dias. Nessas ocasiões, o general deixava o seu irmão mais

novo, Sexto Pompeu, a chefiar o acampamento, ficando Cícero a dirigir os trabalhos relacionados

com cartas ou relatórios. Esses períodos de relativa liberdade poderiam ser para Cícero motivo de

alegria. Não o era, porém. O jovem Pompeu não estava lá para o proteger, e Sexto Pompeu

desprezava-o ao ponto de maltratá-lo - era frequente dar-lhe bofetões, ou pontapés no traseiro, *e,* quando calhava, passava-lhe rasteiras.

Havia ainda muito gelo cobrindo as terras e os degelos da Primavera não passavam de uma

promessa. Essa foi uma das razões que levou o general e o seu filho apegarem numa pequena força

e a dirigirem-se para a costa à procura de tropas inimigas. No dia seguinte à sua partida, ao raiar da manhã, quando Cícero acabava de sair da tenda, agarrado às nádegas doridas dos pontapés do seu

novo chefe, um destacamento de cavalaria marsa penetrou no acampamento com o mesmo à

vontade com que qualquer romano o faria. Tinham os marsos um ar tão calmo e confiante que

ninguém correu a pegar em armas; a única reacção romana coube ao irmão de Pompeu Estrabão,

Sexto, que avançou para os cavaleiros e ergueu a mão para saudar as tropas inimigas.

- Públio Vétio Escalo, dos Marsos - disse o chefe, descendo do cavalo.

- Sexto Pompeu, irmão do general, comandante durante a ausência do general.

Escalo fez uma careta.

- Que pena! Era minha intenção conferenciar com Cneu Pompeu.

- Se quiseres esperar, ele não demorará muito - disse Sexto Pompeu.

- Quanto tempo?



- Entre três e seis dias.

- Entretanto, poderão dar de comer aos meus homens e aos cavalos?

- Com certeza.

Coube a Cícero, o único *contubernalis* presente no acampamento, a tarefa de tratar das acomodações e provisões para Escalo e os seus homens; para sua grande surpresa, os mesmos homens que tinham empurrado os picentinos para as montanhas, condenando-os assim à morte pelo frio ou pela fome, mostravam-se agora extremamente hospitaleiros em relação ao inimigo. Todos eles, desde Sexto

Pompeu ao mais insignificante dos não combatentes, tinham um comportamento irrepreensível. Não vale a pena, nunca compreenderei este fenómeno chamado guerra, pensava Cícero sempre que via Sexto Pompeu e Escalo passeando juntos,

aparentemente muito amigos, ou abandonando o acampamento para irem caçar javalis. E quando Pompeu

Estrabão regressou, caiu nos braços de Escalo como se Escaulo fosse o mais querido dos seus amigos.

As conversações decorreram durante um grande banquete; com olhos espantados, Cícero observava os

Pompeus: era assim que os imaginava gozando as riquezas das suas vastas propriedades do Norte do Piceno -

javalis enormes assando nos espetos, pilhas e pilhas de travessas, toda a gente sentada em bancos, à mesa, e não reclinada em divãs, criados correndo com mais vinho do que água. Para um romano das terras latinas como Cícero, o espectáculo na tenda do comando era perfeitamente bárbaro. Os homens de Arpino não se

comportavam assim nos seus banquetes. Nem mesmo um Caio Mário. Evidentemente, nunca ocorreu a Cícero

que divãs ou requintes eram coisas que não podiam existir num banquete oferecido a mais de cem homens num acampamento militar.

- Não entrarás tão cedo em Ásculo - disse Escaulo.

Pompeu Estrabão nada disse por um momento: estava demasiado ocupado a mastigar um bocado de pele de

javali bem tostada; acabou de comer a pele de javali, limpou as mãos à túnica, e pôs um sorriso de todo o tamanho.

- Pouco me importa o tempo que a coisa vai demorar - disse ele.

- Mais tarde ou mais cedo, Ásculo Picentino acabará por cair. Eu farei com que eles se arrependam de ter tocado num pretor romano.

- A provocação foi muito forte - retorquiu despreocupadamente Escaulo.

655

- Forte ou fraca, tanto me faz - replicou Pompeu Estrabão. - Ao que sei, Vidacílio entrou na cidade. Os Asculanos vão ver-se obrigados a alimentar mais uma quantidade de bocas muito razoável.

- Enganas-te, Pompeu Estrabão. Não há homens de Vidacílio em Ásculo - disse Escalo com uma voz

estranha.

Pompeu Estrabão fitou o outro, com a cara suja de gordura.

- O quê?

- Tanto quanto sabemos, Vidacílio enlouqueceu - disse Escaulo, mais delicado à mesa que o anfitrião.

Pressentindo uma história interessante, toda a tenda se calou para ouvir Escaulo.

- Vidacílio apareceu frente a Ásculo com vinte mil homens, pouco antes da morte de Sexto Júlio - começou Escaulo. - Aparentemente, era sua intenção lançar um ataque concertado com o povo da cidade. Quando

atacasse Sexto Júlio, os Asculanos sairiam da cidade e cairiam sobre a retaguarda romana. Um belo plano.

Podia ter resultado. Mas quando Vidacílio atacou, os Asculanos nada fizeram. Sexto Júlio abriu as suas hostes e deixou Vidacílio e as suas tropas passar. Ásculo não teve outra hipótese senão abrir as suas portas e deixar entrar Vidacílio.

- Nunca pensei que Sexto Júlio fosse tão bom militar - comentou Pompeu Estrabão.

Escaulo encolheu os ombros

- Podia ter sido um acidente. Mas duvido.

- Está-se mesmo a ver que os Asculanos não ficaram nada contentes com a perspectiva de terem de alimentar mais vinte mil bocas...

- Ficaram furibundos! - disse Escaulo, sorrindo. - Vidacílio não foi recebido de braços abertos, bem pelo contrário. Mal entrou na cidade, encaminhou-se para o Fórum e disse à cidade o que pensava de pessoas que não obedeciam às ordens. Se tivessem feito o que ele lhes tinha proposto, o exército de Sexto Júlio César teria sido devastado. E é possível que tivesse razão. Razão que os Asculanos não lhe deram. O supremo magistrado da cidade disse então a Vidacílio aquilo que *ele* pensava. Perguntou-lhe, pura e simplesmente, se achava que havia na cidade comida suficiente para alimentar todo o exército que entrara com ele.

- Fico contente em saber que há divergências tão graves entre as diversas facções inimigas - comentou Pompeu Estrabão.

- Atenção, Pompeu Estrabão: só te estou a contar isto para perceberes que Ásculo está fortemente determinada a aguentar o cerco - disse



Escalo, sem qualquer azedume na voz. - Mais tarde ou mais cedo acabarias por saber o que se

passou e eu prefiro que conheças a verdade.

- Então o que é que aconteceu? Combates no Fórum?

- Precisamente. Vidacílio estava perfeitamente fora de si. Começou a dizer que os habitantes da

cidade, no fundo, simpatizavam com Roma e, pior do que isso, ordenou aos seus soldados que

matassem uns quantos Asculanos. Então os Asculanos foram buscar as suas armas e procederam a

retaliações. Felizmente, a maior parte dos soldados de Vidacílio perceberam que ele enlouquecera, e

abandonaram por isso o Fórum. Mal caiu a noite, as portas da cidade abriram-se e mais de dezanove

mil homens escapuliram-se por entre as linhas romanas. Sexto Júlio tinha morrido, e os seus

homens estavam mais preocupados com o luto do que com a vigilância.

- Hum! - disse Pompeu Estrabão. - Continua.

- Vidacílio resolveu então ocupar o Fórum. Levara consigo muita comida, com a qual decidiu fazer

um banquete para os setecentos ou oitocentos homens que lhe restavam. Ao mesmo tempo, mandara

construir uma enorme pira fúnebre. Quando o banquete estava no auge, Vidacílio bebeu uma taça

de veneno, subiu para cima da pira e deitou-lhe fogo. Enquanto os seus homens se divertiam,

Vidacílio ardia na pira! Contaram-me que foi uma cena perfeitamente aterradora.

- Que loucura! - comentou Pompeu Estrabão. - Mais louco do que Vidacílio só um caçador de

cabeças gaulês.

- Sem dúvida - concordou Escalo.

- Portanto a cidade continua a lutar.

- Lutará enquanto houver um asculano vivo.

- Uma coisa posso prometer-te, Públio Vétio. Se houver asculanos vivos quando eu conquistar

Ásculo Picentino, os pobres coitados só poderão lamentar o faclo de estarem vivos - disse Pompeu

Estrabão. Deitou fora o osso que estivera a roer, e limpou de novo as mãos à túnica. - Sabes o que

me chamam, não sabes? - perguntou, num tom muito cortês.

- Creio que não.

- *Carnifex.* O Carniceiro. É um cognome de que me orgulho, Públio Vétio - disse Pompeu Estrabão.

- Já tive muitas alcunhas, um ror delas. O Estrabão, claro, tinha mesmo de ser. Mas quando tinha a

idade do meu filho, ou pouco mais, servi como *contubernalis* ao

lado de Lúcio Cina, Públio Lupo, o meu primo Lúcio Lucílio, e o meu bom amigo Cneu Octávio Rusão, que aqui está connosco. Estivemos com Carbão naquela terrível expedição contra os Germanos na Nórica. E os outros cadetes não gostavam especialmente de mim. A única excepção era Cneu Octávio Rusão, devo

acrescentar. Se *ele* não tivesse gostado de mim, não seria hoje um dos meus lugares-tenentes! Seja como for, os outros cadetes puseram-me uma alcunha: Meneceu. Tínhamos passado pela minha casa, a caminho de

Nórica, e acontece que o cozinheiro de minha mãe era vesgo. E chamava-se Meneceu. E o sacana do Lucínio começou a chamar-me Cneu Pompeu Estrabão Meneceu, sugerindo assim que o cozinheiro seria o meu pai. -

Deixou escapar um suspiro de raiva e logo prosseguiu: - Durante anos foi assim que me chamaram. Mas agora chamam-me Cneu Pompeu Estrabão Carniceiro. Soa melhor. Estrabão, o Carniceiro. Escalo parecia mais

enfastiado que receoso.

- Sim, mas o que significa um nome? Será que nos podemos fiar nos nomes? - perguntou Escalo. - Eu chamo-me Escalo porque diziam que eu era como um repuxo: a todo o momento deitava água...

Pompeu Estrabão sorriu por um breve instante.

- E que te levou a procurar-me, Públio Vétio Repuxo?

- A paz com condições.

- Cansado da guerra?

- Sim, francamente cansado. Não é que não queira combater. Combaterei se a isso me obrigarem! O problema é que penso que a

Itália acabou. Se Roma fosse um inimigo estrangeiro, eu não estaria aqui neste momento.

Mas sou um Italiano, um Marso, e Roma existe em Itália há tanto tempo como os Marsos. Creio que é tempo de ambas as partes salvarem o que for possível salvar, Cneu Pompeu. A *lex Julia de civitate Latinis et sociis danda* lornou ludo diferente. Embora não se aplique àqueles que pegaram em armas contra Roma, a verdade é que não há nada na *lex Plautia Papiria* que impeça a minha candidatura à cidadania romana se eu cessar as hostilidades e me apresentar perante um pretor em Roma. O que digo em relação ao meu caso aplica-se

também aos meus homens.

- E que condições pretendes, Públio Vétio?

- Um salvo-conduto para que o meu exército possa atravessar as linhas romanas, tanto aqui como defronte de Ásculo Picentino. Entre Ásculo e Interocreia, dispersaremos, depois de atirarmos as nossas



armaduras e armas para o rio Avente. A partir de Interocreia, precisarei de um salvo-conduto para mim e para os meus homens até Roma, ou seja, até ao tribunal do pretor. Peço-te também que me dês uma carta que

entregarei ao pretor, confirmando a minha história e dando a tua aprovação à concessão da cidadania a todos os Marsos que aqui vês.

Fez-se silêncio. Observando a cena de um recanto distante, Cícero e Pompeu olhavam atentamente para as expressões dos dois chefes militares.

- O meu pai não vai concordar - murmurou Pompeu.

- Porque não?

- Porque deseja uma grande batalha.

E é de tais caprichos, de tais desejos, que depende o destino dos povos e das nações?, perguntou Cícero para si mesmo.

- Percebo as razões que te levam a tomar tal atitude, Públio Vétio - disse finalmente Pompeu Estrabão. - Só que não posso concordar. A tua espada e as espadas dos teus homens fizeram correr já demasiado sangue romano. Se queres atravessar as nossas linhas a fim de te apresentares ao pretor em Roma, terás de combater até lá chegares.

Escaulo levantou-se, batendo com as mãos nas coxas.

- Bom, de qualquer modo valeu a pena tentar - disse. - Agradeço a tua hospitalidade, Cneu Pompeu, mas já é tempo de o meu exército voltar à base.

Os marsos deixaram o acampamento romano já era noite; quando já estavam suficientemente longe, Pompeu Estrabão fez soar as trombetas: era hora de o acampamento se lançar numa actividade perfeitamente

ordenada.

- Vão atacar amanhã, provavelmente em duas frentes - disse Pompeu, cortando com a espada os pelos muito claros de um dos antebraços.

- Vai ser uma bela batalha.

- E eu, que vou fazer? - perguntou Cícero, com um ar aflito. Pompeu embainhou a espada e preparou-se para dormir; os outros cadetes entregavam-se aos preparativos da batalha e por isso Cícero e Pompeu estavam sós na tenda.

- Veste a cota de malha, põe o capacete, a espada e a adaga a postos, e deixa o teu escudo e a tua lança, como todos os outros, à porta da tenda de comando - retorquiu, animadamente, Pompeu. - Se

659

os marsos irromperem pelo acampamento, Marco Túlio, terás de lutar como um bravo até ao último

momento!

Os marsos não irromperam pelo acampamento romano. Cícero ouviu os gritos e o alarido de uma

batalha longínqua, mas nada viu até que Pompeu Estrabão voltou com o filho. Ambos estavam no

maior desalinho e manchados de sangue, mas nos seus rostos brilhavam sorrisos de satisfação.

- Frauco, o lugar-tenente de Escalo, está morto - disse Pompeu a Cícero. - Pusemos os marsos em

debandada. Os marsos mais uma força de picentinos. Escaulo fugiu com alguns dos seus homens,

mas nós cortámos todos os acessos às estradas. Se quiserem voltar a Marrúvio, terão de fazê-lo

pelas montanhas, sem comida nem abrigos.

Cícero engoliu em seco.

- Deixar que homens morram de frio e fome parece ser uma das especialidades do teu pai - disse ele

(uma tirada heróica!, pensou), com os joelhos a tremer.

- Isso deixa-te doente, não é, meu pobre Marco Túlio? - perguntou Pompeu, rindo, e batendo

afectuosamente nas costas do amigo. - Mas a guerra é a guerra, que se há-de fazer? Eles far-nos-iam

exactamente o mesmo. A tua reacção é de repulsa, faz parte da tua natureza reagires assim. Talvez

os homens demasiado inteligentes percam forçosamente todo o interesse pela guerra. Ainda bem

que não sou intelegente! Não gostaria de lutar com um guerreiro tão intelegente como tu. Ainda

bem que Roma tem muito mais homens como o meu pai e eu do que como tu. Roma chegou onde

chegou lutando. Mas é preciso gente para dirigir as coisas no Fórum - e essa, Marco Túlio, é a tua

arena.

E nessa Primavera a arena do Fórum estava tão conturbada como qualquer teatro de guerra, dado

que Aulo Semprónio Asélio entrara em conflito com os financeiros que se dedicavam ao

empréstimo de dinheiro. As finanças de Roma, tanto as públicas como as privadas, encontravam-se

em pior estado do que durante a segunda guerra púnica, quando Aníbal ocupara a Itália e isolara

Roma. A comunidade comercial parecia estar falida, o Tesouro encontrava-se praticamente vazio, e

pouco era o dinheiro que entrava nos seus cofres. Mesmo as regiões da Campânia que se

encontravam nas mãos dos Romanos viviam uma situação tão caótica que era impensável cobrar

impostos fosse onde fosse; os questores tinham dificuldade em fazer com que fossem pagas

660

as taxas alfandegárias e portuárias, pois um dos dois maiores portos, Brundísio, encontrava-se

completamente isolado; os Italianos eram insurrectos e, como tal, não pagavam um sestércio para os

cofres de Roma; usando como desculpa as recentes acções do rei Mitridates, a Província da Ásia

demorava a pagar o que devia a Roma; quanto à Bitínia, nada pagava; e os impostos da África e da

Sicília iam todos para as compras suplementares de trigo antes que pudessem deixar a África ou a

Sicília. Para piorar as coisas, Roma devia dinheiro a uma das suas províncias, a Gália Italiana, de

onde vinha a maior parte das armas. A emissão de denários desvalorizados, por iniciativa de Marco

Lívio Druso, provocara uma extrema desconfiança em relação ao dinheiro cunhado; para contornar

esta dificuldade, procedia-se a uma cunhagem excessiva de sestércios. As pessoas com rendimentos

médios e altos pediam frequentemente dinheiro emprestado, e a taxa de juro era mais alta do que

nunca.

Aulo Semprónio Asélio, um bom especialista em questões comerciais e financeiras, decidiu que a

melhor maneira de enfrentar tal situação consistia em atenuar as dívidas. A sua técnica era atractiva e legal; invocou uma antiga lei que proibia o pagamento de toda e qualquer soma por quem pedia

dinheiro emprestado. Por outras palavras, dizia Asélio, era ilegal cobrar juros pelo dinheiro

emprestado. Era pena, acrescentava, que aquela lei tivesse sido ignorada durante séculos e que a

usura fosse um negócio florescente entre um largo grupo de cavaleiros-financeiros. O problema,

acentuava, estava em que havia muito mais cavaleiros-financeiros a pedir emprestado do que a

emprestar. Enquanto a situação desses cavaleiros-financeiros não se normalizasse, ninguém em

Roma poderia começar a recuperar do desastre. O número de empréstimos por pagar aumentava

todos os dias. Os devedores não sabiam para onde se virar e, como os tribunais que julgavam os

casos de falência, se encontravam fechados, como qualquer outro tribunal, os credores recorriam a

meios violentos para reaverem o seu dinheiro.

Antes que Asélio conseguisse pôr em prática a antiga lei, os agiotas souberam da sua intenção e

pediram-lhe que reabrisse os tribunais para os casos de falência.

- *Tat?* - exclamou. - O quê? Roma encontra-se devastada pela mais séria crise desde os tempos de Aníbal, e os homens que vejo à minha frente atrevem-se a pedir-me que piore ainda mais as coisas?

Pois saibam desde já o que penso de vocês: vocês não passam de um



pequeno grupo de repugnantes avarentos! Desapareçam! Se não se põem já a andar, garanto-lhes

que terão um tribunal reaberto! Um tribunal para vos julgar a vocês todos por cobrarem juros pelo

dinheiro que emprestam!

Asélio recusava-se a alterar a sua posição um milímetro que fosse. Se mais não podia fazer pelos

devedores do que insistir que o juro era ilegal, a verdade é que, dessa forma, diminuía fortemente a

carga da dívida, *e* seguindo vias perfeitamente legais. Os empréstimos que fossem pagos, dizia Asélio. Mas não o juro. Era tradição dos Semprónios protegerem os oprimidos; ansiando por seguir

tal tradição, Asélio entregou-se à sua missão com todo o fervor de um fanático, tornando os seus

inimigos impotentes à face da lei.

No entanto, Asélio esqueceu-se de levar em linha de conta que nem todos os seus inimigos eram

cavaleiros. Havia também senadores envolvidos na agiotagem, embora o estatuto do senador

proibisse todas as actividades comerciais - e em especial uma actividade tão sórdida como a usura.

Entre os senadores agiotas, contava-se Lúcio Cássio, um tribuno da plebe. Quando a guerra

rebentou, Cássio decidiu lançar-se nos negócios pois os seus rendimentos como senador eram muito

baixos: com a diminuição das hipóteses de uma vitória romana, os devedores de Cássio começaram

a faltar aos seus compromissos; por outro lado, pairava sobre ele a ameaça de um inquérito fiscal,

que os novos censores podiam lançar a qualquer momento. Embora não fosse o maior usurário do

Senado, Lúcio Cássio era, contudo, o mais jovem, o mais desesperado e, por natureza, um infractor

da lei. E Cássio acabou por agir, não só em seu nome próprio, mas em nome de todos os usurários.

Asélio era um augure. Como era também o pretor urbano, examinava regularmente os augúrios,

instalado no pódio do templo de Castor e Pólux. Alguns dias após a sua confrontação verbal com os

usurários, e enquanto examinava os auspícios, reparou que a multidão concentrada no Fórum era

muito mais vasta que o habitual.

No momento em que pegou numa tigela para fazer uma libação, alguém lhe atirou uma pedra. A

pedra acertou-lhe ligeiramente acima da sobrancelha esquerda, deixando-o perfeitamente

estonteado. Asélio largou a tigela que, com um estrépido metálico, caiu pelos degraus do templo

abaixo, espalhando por todo o lado a sua água sagrada. Logo foram atiradas mais pedras, uma

verdadeira chuva; agachado, e tapando



a cabeça com a sua toga multicolorida, Asélio desceu a correr os degraus e, instintivamente,

encaminhou-se para o templo de Vesta. Logo que perceberam o que se passava, as pessoas que,

com boas intenções, tinham ido assistir à cerimónia, desataram a fugir; e os furibundos agiotas não

tardaram a colocar-se entre Asélio e o santuário para onde queria fugir.

Asélio tinha nesse momento uma única hipótese de fuga: seguir pela estreita rua chamada Clivus

Vestae, e subir os Degraus Vestais até à Via Nova, alguns metros apenas acima do Fórum. Com os

usurários aos gritos atrás dele, Asélio correu desesperadamente para a Via Nova, uma rua de

tabernas frequentadas por gente do Palatino e do Fórum Romano. Gritando por socorro, irrompeu

em pânico pela taberna que pertencia a Públio Cloácio.

Mas ninguém socorreu Asélio. Enquanto dois homens agarravam Cloácio e outros dois o seu

empregado, o resto da multidão pegou em Asélio e atirou-o para cima de uma mesa, como se ele

fosse uma vítima sacrificial nas mãos dos acólitos do augure. Com tal fúria lhe cortaram a garganta

que a faca chegou aos ossos da nuca. Asélio morreu em cima daquela mesa, num banho de sangue,

enquanto Públio Cloácio chorava, e jurava, jurava que não conhecia ninguém entre aquela gente que

lhe invadira a taberna, *Ninguém.*

*E* ao que parece, ninguém em Roma fazia a mínima ideia de quem poderiam ter sido os assassinos.

Aterrorizado tanto com os aspectos sacrílegos do assassínio como com o assassínio propriamente

dito, o Senado ofereceu um prémio de dez mil denários por qualquer informação que conduzisse à

detenção dos assassinos, deplorando publicamente o assassínio de um augure vestido com todos os

seus atavios e quando procedia a uma cerimónia oficial. Como nos oito dias seguintes ao anúncio,

não recebeu qualquer informação, o Senado decidiu-se a juntar alguns incentivos à recompensa

inicial - perdão, no caso de o informador ter sido cúmplice, emancipação, se o mesmo fosse um

escravo ou uma escrava, promoção a um tribo rural, para um liberto ou uma liberta. Mas nem

mesmo assim a tão desejada denúncia chegava ao Senado.

- Outra coisa não seria de esperar - disse Caio Mário ao jovem César, enquanto passeavam pelo

jardim do peristilo. - Os agiotas pagaram bem para abafar o caso.

663

- É o que diz Lúcio Decúmio. Mário parou.

- Mas que intimidade tens tu com esse arquivilão? - perguntou.

- Muita, Caio Mário. Ele sabe de tudo. Está muitíssimo bem informado.

- A maior parte dessas informações não é para os teus ouvidos jovens!

O filho de Aurélia sorriu.

- Os meus ouvidos cresceram tanto como o resto do meu corpo, Caio Mário. O bairro de Subura faz

crescer rapidamente qualquer um. Duvido que haja muita coisa capaz de me perturbar.

- Descarado! - exclamou Caio Mário, fazendo uma festa, com a sua enorme mão direita, na cabeça

do rapaz.

- Este jardim é demasiado pequeno para nós, Caio Mário. Se queres que o teu lado esquerdo volte a

funcionar, temos de começar a alargar os passeios. E a andar mais depressa - disse o jovem, com

firmeza e autoridade, num tom que não admitia contestação.

- Eu não permito que Roma me veja neste estado! - contestou, porém, Caio Mário.

Deliberadamente, César largou o braço esquerdo de Caio Mário e deixou que o Grande Homem

cambaleasse. Quando a queda parecia inevitável, o jovem aguentou Mário com impressionante

facilidade. Mário sentia-se espantado sempre que o jovem, com o seu fraco arcaboiço, punha à

prova a sua força. Além de possuir uma força invulgar, o jovem César sabia como usá-la, como que

possuído de um estranho instinto.

- Caio Mário, eu deixei de te chamar tio desde que vim para ao pé de ti. Porque penso que a

trombose que sofreste nos pôs praticamente ao mesmo nível. A tua *dignitas* encontra-se diminuída, ao passo que a minha se ampliou. Somos iguais. Porém, nalgumas coisas, não há dúvida que te sou

infinitamente superior - disse o rapaz sem qualquer receio. - Acedendo a um pedido de minha mãe,

e porque pensei que os meus préstimos podiam ser úteis a um grande homem como tu, renunciei aos

meus tempos livres para te fazer companhia e para te ajudar a voltar ao normal. Tu não queres

continuar deitado no divã, não queres continuar a ouvir as minhas leituras e, quanto às histórias que tinhas para me contar, já mas contaste todas. Conheço todas as flores e todos os arbustos e todas as

ervas deste jardim! E digo-to sem



rodeios: este jardim já deu o que tinha a dar! Por isso, amanhã, vamos sair por aquela porta e

passear pela Clivus Argentarius. Não me interessa saber se vamos para cima, para os lados do

Campo de Marte, ou se vamos para baixo, na direcção da Porta Fontinalis. O que interessa que fique

claro, desde já, é que amanhã saímos!

Os furiosos olhos castanhos de Mário fixaram-se nos frios olhos azuis do jovem; por muito que

fizesse para o ignorar, Mário, sempre que olhava para aqueles olhos, lembrava-se de Sila. Era como

encontrar um gato selvagem numa caçada, e descobrir que os olhos que deveriam ser amarelos eram

afinal de um azul pálido, cingido por um escuro aro. Dizia-se que tais gatos eram visitantes do outro mundo; e se tais homens também o fossem?

O duelo de olhares continuava.

- Não vou! - disse Mário.

- Vais.

- Que os deuses te traguem, jovem César! Eu *não posso* ceder a um rapaz! Não tens uma maneira mais diplomática de pôr as questões?

Os turbulentos olhos azuis do jovem encheram-se de uma jovialidade que lhes dava uma vida e uma

sedução que os olhos de Sila desconheciam por completo.

- Contigo, não pode haver diplomacias, Caio Mário - disse o rapaz. - A linguagem diplomática é

uma prerrogativa dos diplomatas. E tu não és um diplomata, graças a todos os deuses. Contigo, tudo

é claro. E essa é uma qualidade de que gosto, tanto como gosto de toda a tua pessoa.

- Não vais aceitar uma resposta negativa, pois não, meu rapaz? perguntou Mário, sentindo-se vacilar

na sua determinação. Primeiro o aço da espada, depois a luva de pele. Mas que técnica!

- Tens razão, não vou aceitar uma resposta negativa.

- Muito bem. Ajuda-me a sentar aqui. Se vamos sair amanhã, preciso de descansar agora um pouco.

- Mário pigarreou, e logo prosseguiu: - E se fôssemos de liteira até à Via Recta? Podia descer aí e

depois passeávamos o que quisesses.

- Quando chegarmos à Via Recta, Caio Mário, será unicamente graças aos teus esforços.

Por um momento ficaram em silêncio. O filho de Aurélia, muito quieto, reflectia. Há muito que

percebera que Mário detestava que o contrariassem. Quando o dissera à mãe, ela limitara-se a

aconselhá-lo

665

a não contrariar o tio. Talvez tivesse descoberto como levar a melhor sobre Caio Mário. Mas em

relação à mãe, nunca o conseguiria!

O que a mãe lhe pedira que fizesse era algo que nenhum rapaz de dez anos quereria ou gostaria de

fazer. Todos os dias, após as lições com Marco António Gnifão, em vez de ir passear com o seu

amigo Caio Márcio, que vivia no outro apartamento do rés-do-chão, ia fazer companhia a Mário.

Não tinha nenhum tempo para si mesmo porque a mãe não lhe permitia perder um dia, uma hora,

um momento, com os seus próprios interesses.

- É o teu dever - dizia-lhe ela nas raras ocasiões em que ele lhe pedia que o deixasse ir com Caio

Mário ao Campo de Marte a fim de assistir a algum acontecimento especial: a escolha dos cavalos

que disputariam a corrida de Outubro, ou uma equipa de gladiadores contratados para um funeral,

avançando com o seu passo pomposo e o seu ar empertigado.

- Mas a minha vida são só deveres? - retorquiu ele. - Não me é permitido esquecer o dever nem que

seja por um breve momento?

- Não, Caio Júlio - respondeu Aurélia. - O dever está presente em todos os momentos da tua vida, o

dever está presente mesmo no ar que respiras. E não podes trocar o cumprimento do dever pela

satisfação dos teus desejos.

E lá ia ele todos os dias para casa de Caio Mário, com o seu passo decidido, lembrando-se de que

tinha de saudar e sorrir para as pessoas conhecidas por quem passava nas movimentadas ruas de

Subura. Quando passava pelas livrarias do Argileto, obrigava-se a andar um pouco mais depressa,

não fosse sucumbir ao desejo de entrar. Tudo isto era fruto dos ponderados, mas implacáveis,

ensinamentos de Aurélia nada de vadiar, nunca dês a impressão de que tens tempo de sobra, não te

permitas nunca a diversão mesmo quando se trata de livros, sorri e saúda todas as pessoas que te

conhecem e muitas que não te conhecem sequer.

Por vezes, antes de bater à porta de Caio Mário, subia a correr os degraus da torre Fontinalis e, do

alto da torre, contemplava o Campo de Marte, desejando lá estar com os outros rapazes -

esgrimindo com uma espada de madeira, deitando por terra um fanfarrão imbecil, roubando

rabanetes nos campos ao longo da Via Recta, participando nas brincadeiras e nas brigas. Mas os

seus olhos pouco se demoravam a apreciar a cena; descia numa pressa os degraus da torre e batia à



porta de Caio Mário antes que alguém pudesse aperceber-se de que estava uns minutos atrasado.

Adorava a tia Júlia que era quem normalmente lhe abria a porta; tinha sempre um sorriso especial para ele, bem como um beijo. Que maravilha, aquele beijo! Que maravilha ser beijado por alguém! A mãe não

aprovava o hábito, dizia que tinha uma influência nociva, que era um hábito demasiado grego para ser

moralmente correcto. Felizmente que a tia Júlia não era da mesma opinião. Quando ela inclinava a cabeça para o beijar na boca - e ela nunca evitava beijá-lo na boca -, o jovem César baixava as pálpebras e respirava tão profundamente quanto podia, pois queria reter todo o perfume dela nas suas narinas. Muitos anos após a morte de Júlia, Caio Júlio César, já um homem, continuaria a sentir reminiscências daquele perfume na pele de outras mulheres, e, sempre que isso acontecia, as lágrimas inundavam-lhe os olhos, irreprimíveis.

Mal ele chegava, Júlia dizia-lhe como estavam as coisas com Caio Mário: ”Hoje está muito rabugento”, ou,

”Um amigo veio vê-lo. Está com uma

disposição óptima”, ou ainda, ”Está muito

deprimido, acha que a paralisia está a piorar”.

Habitualmente, Júlia servia-lhe o jantar a meio da tarde; e, enquanto ela dava de comer ao marido, o jovem César podia descansar das suas lides de companheiro de Caio Mário. Ia para a sala de trabalho da tia e, confortavelmente sentado no divã, lia um livro enquanto comia algo que em casa nunca poderia fazer - e mergulhava nos feitos dos heróis ou nos versos de um poeta. As palavras tinham sobre ele um poder mágico.

Faziam com que o seu coração se inebriasse, voasse, galopasse. Havia escritores que, como Homero, lhe abriam as portas de um mundo que lhe parecia mais real do que aquele em que vivia.

”Tal é a sua beleza que nem a morte conseguirá desfeá-lo”, repetia ele para si mesmo, imaginando o jovem guerreiro morto - tão corajoso, tão nobre, tão *perfeito* que, fosse ele Aquiles ou Heitor ou Pátroclo, triunfava mesmo sobre a própria morte.

Porém, mal ouvia a tia a chamá-lo, ou uma criada a bater à porta, anunciando que Caio Mário pretendia de novo a sua companhia, o filho de Aurélia largava imediatamente o livro, e dispunha-se, sem ressentimentos ou frustração, a cumprir o seu dever.

Caio Mário era, para aquele rapaz de dez anos, uma pesada carga. Um velho, magro de início, engordara depois, e finalmente voltara a

emagrecer, ficando com as peles caídas, e aquela papada horrível do lado esquerdo, um monte de pele

desabando. E aquele olhar terrível naqueles olhos terríveis. Babava-se no lado esquerdo da boca,

aparentemente sem saber que se babava, de tal modo que a saliva caía sobre a túnica, empapando-a

permanentemente. Por vezes arengava, a maior parte delas para o seu desafortunado cachorrinho de guarda, a única pessoa que estava com ele o tempo suficiente para poder ser testemunha de toda a sua ira verbal; outras vezes, chorava, e as lágrimas juntavam-se ao cuspo e ao fio que lhe corria do nariz; outras vezes ainda, desatava a rir, como um louco, de qualquer piada, até que Júlia aparecia, com o sorriso que permanentemente exibia, e afavelmente mandava o sobrinho para casa.

De início, o jovem César sentiu-se perfeitamente desorientado, sem saber o que fazer ou como fazê-lo. Mas eram infinitos os seus recursos e, com o tempo, acabou por saber como lidar com Caio Mário. A questão, para ele, era simples: ou aprendia a lidar com o tio, ou falhava na missão que a mãe lhe havia confiado - e falhar era algo de impensável, tão assustador que nem queria pensar nas consequências que daí poderiam advir. Ao mesmo tempo, descobriu as imperfeições da sua própria natureza. Primeiro que tudo, faltava-lhe a paciência, embora a educação que a mãe lhe dera lhe permitisse esconder tal defeito sob montanhas do que parecia genuína paciência. De tal modo o escondia que, a partir de certa altura, deixou de saber a diferença entre a verdadeira e a falsa paciência. Pouco impressionável, depressa deixou de reparar em coisas tão desagradáveis como o facto de o tio se babar. Decidido e seguro de si, depressa percebeu o que era preciso fazer para que Caio Mário recuperasse. Nunca ninguém lho disse, porque só ele compreendia o estado do tio; nem mesmo os médicos poderiam ajudá-lo nesse particular. E afinal a solução era simples: Caio Mário

tinha de ser obrigado a mexer-se, a fazer exercício, a andar. Caio Mário tinha de se convencer de que poderia voltar a fazer uma vida normal.

- E que mais te disse Lúcio Decúmio, ou outro qualquer rufia de Subura, desses com quem te dás? -

perguntou-lhe Mário.

O rapaz ficou surpreendido, tão súbita era a pergunta, e tão distante dos seus próprios pensamentos.

- Bom, acho que descobri uma coisa. E parece-me que tenho razão. Francamente.



- O que é?

- A razão que levou Catão, o cônsul, a deixar o Sâmnio e a Campânia nas mãos de Lúcio Cornélio e

a transferir o seu quartel-general para as terras dos Marsos, ou seja, para o comando que te pertencia a ti.

- Ah, que interessante! Conta-me lá a tua teoria, meu rapaz.

- A minha teoria é acerca do tipo de homem que julgo que Lúcio Cornélio é - retorquiu o jovem

César com um ar muito sério.

- E que tipo de homem é ele?

- Um homem capaz de meter muito medo aos outros homens.

- Perfeitamente capaz!

- Ele deve ter sabido que nunca ficaria com o comando do Sul. O comando do Sul pertence ao

cônsul. De modo que nem se deu ao trabalho de protestar ou de lutar pelo cargo. Esperou muito

simplesmente que Lúcio Catão chegasse a Cápua; depois, meteu-lhe um tal susto que Catão decidiu

num ápice afastar-se o mais possível da Campânia.

- E como é que chegaste a essa conclusão?

- Juntando as informações que me forneceram Lúcio Decúmio e a minha mãe.

- Sim, ela *deve* saber qualquer coisa - disse Mário num tom misterioso.

De sobrolho franzido, o jovem César mirou de soslaio o tio e encolheu os ombros.

- Tendo o comando nas suas mãos e sem nenhum estúpido a incomodá-lo, Lúcio Cornélio concluiu

que tinha de dar o melhor de si. Creio que ele é um óptimo general.

- Não tão bom como eu - retorquiu Mário, com um suspiro que era quase um soluço.

A reacção do rapaz foi imediata.

- Não quero que sintas pena de ti mesmo, Caio Mário! Voltarás a ter condições para assumir o

comando, especialmente depois de sairmos deste estúpido jardim.

Incapaz de enfrentar o ataque do sobrinho, Mário mudou de assunto.

- E as tuas fontes de informação suburbanas disseram-te, por acaso, se Catão se tem saído bem

contra os Marsos? - perguntou ele, irritado. - Nunca ninguém me diz o que se passa! Têm medo de

que tais informações me possam perturbar! Mas o que me perturba é não saber nada de nada. Se não

fosses tu, explodia!

O filho de Aurélia pôs um sorriso de todo o tamanho.

# 669

- As minhas fontes disseram-me que o cônsul teve problemas mal chegou a Tíbur. Pompeu Estrabão

ficou com as tuas antigas tropas (lá nisso ele é óptimo!) e Lúcio Catão deu consigo a comandar

recrutas sem experiência: jovens da Umbria e da Etrúria, recentemente emancipados. E o pior é que

nem ele nem os seus lugares-tenentes sabem treinar tropas. De modo que começou o seu programa

de preparação militar com uma assembleia de todo o exército. Tratou todos os soldados presentes

abaixo de cão. Sabes como é... Chamou-lhes idiotas, labregos, cretinos, bárbaros, miseráveis

vermes, e outros mimos do género. Disse-lhes que estava habituado a lidar com soldados a sério, e

não com aquilo que tinha à sua frente, e que se não se aplicassem acabavam mortos. Enfim, esse

tipo de conversa.

- Igualzinho a Lupo e a Cepião! - exclamou Mário, incrédulo.

- Um dos homens que estava em Tíbur é amigo de Lúcio Decúmio. Chama-se Tito Titínio. É um

centurião na reserva, a quem deste alguma terra na Etrúria após a vitória de Vercelas. Ele diz que

em tempos te foi muito útil.

- Sim, lembro-me dele perfeitamente - disse Mário, tentando sorrir e babando-se copiosamente.

O jovem César pegou no ”lenço de Mário”, como lhe chamava, e limpou cuidadosamente a saliva.

- De vez em quando vem a Roma e fica em casa de Lúcio Decúmio porque gosta de saber o que se

passa no Fórum. Mas quando a guerra rebentou, alistou-se como centurião instrutor. Esteve em

Cápua durante muito tempo, mas, no princípio deste ano, ordenaram-lhe que fosse ajudar Catão.

- Presumo que Tito Titínio e os outros instrutores não tinham tido ainda qualquer hipótese de treinar os soldados, quando Catão fez o tal discurso em Tíbur.

- Precisamente. Mas Catão não os excluiu das suas diatribes. E foi por isso que surgiram os

problemas. Tito Titínio ficou tão furibundo com as palavras de Catão que, a certa altura, não

podendo mais ouvi-lo, ajoelhou, pegou num bocado de terra e atirou-o à cara de Catão! Bom, está-

se mesmo a ver o que aconteceu a seguir: *toda a gente* desatou a bombardear Catão com a terra que conseguia arrancar. Catão acabou no meio de um monte de terra que lhe chegava aos joelhos e com

o seu exército a um passo de se amotinar. - Inspirado, o rapaz deu um risinho de satisfação. -

Acabou desfigurado, enlameado e silenciado!

- Deixa-te de literatices e prossegue com a história!

# 670

- Desculpa, Caio Mário.

- Então? Que sucedeu?

- Catão não ficou ferido, mas concluiu que a sua *dignitas* e *auctoritas* tinham sofrido intoleravelmente. Em vez de pôr uma pedra sobre o incidente, mandou acorrentar Tito Titínio e

enviou-o para Roma com uma carta pedindo ao Senado que o julgue por incitamento ao motim. Tito

Titínio chegou esta manhã. Está na prisão de Lautúmias.

Mário fez um esforço para se levantar.

- Bom, essa história acaba de determinar qual será o nosso destino amanhã de manhã, meu rapaz! -

disse ele, particularmente alegre.

- Vamos ver o que vai acontecer a Tito Titínio?

- Se as coisas se passarem no Senado, irei ao Senado, meu rapaz. Tu podes esperar por mim à

entrada.

O jovem César ajudou o tio a levantar-se e, automaticamente, passou para o seu lado esquerdo a fim

de suportar todo o peso daqueles membros sem vida. - Não vou precisar de fazer isso, Caio Mário.

Ele vai ser levado à Assembleia da Plebe. O Senado não quer saber do caso Tito Titínio.

- Tu és um patrício, meu rapaz, e por isso não poderás assistir a uma reunião de Plebeus realizada

no anfiteatro das *Comitia.* Mas eu também não poderei lá estar, todo o tempo de pé! Creio que o melhor será arranjarmos um bom local para assistir ao espectáculo. Talvez ao cimo dos degraus do

Senado. Daí poderemos ver perfeitamente o circo!

- disse Mário. - Ah, era de uma coisa assim que eu precisava! O circo do Fórum é

incomparavelmente melhor do que todos os jogos que os edis possam inventar!

Se Caio Mário tinha alguma dúvida acerca do amor que o povo de Roma lhe dedicava, por certo

sossegou na manhã seguinte, quando saiu de casa e começou a subir a íngreme calçada da Clivus

Argentarius, rua que atravessava a Porta Fontinalis e terminava no baixo Fórum. Na mão direita,

levava uma bengala. E, do lado esquerdo, apoiava-se em Caio Júlio César. E num instante tinha

toda a vizinhança à sua volta. Saudavam-no, choravam ao vê-lo. A cada passo que dava, e eram

passos grotescos os seus, pois tinha de fazer uma força terrível com a perna direita, ao mesmo

tempo que arrastava penosamente a esquerda, a multidão incitava-o a continuar. Depressa começou

a ouvir-se, muito à frente dele, a boa nova:

671

- Caio Mário! Caio Mário!

Quando chegou ao baixo Fórum, os vivas eram ensurdecedores. Com a fronte suada, apoiando-se mais no

sobrinho do que parecia (de facto, só ele e o sobrinho sabiam a força que ele fazia e que o jovem César tinha de aguentar), Caio Mário avançou pelo anfiteatro dos *Comitia.* Duas dúzias de senadores correram a ajudá-lo, no intuito de o levarem até ao cimo do pódio da Cúria Hostília. Mas ele recusou. Degrau a degrau, fez todo o caminho contando apenas com o apoio da bengala e do sobrinho. E foi com a ajuda do rapaz que se sentou na cadeira curul que entretanto alguém fora buscar.

- A perna esquerda - disse ele, arquejante.

O jovem César compreendeu imediatamente, ajoelhou-se e puxou a perna inútil para a frente, deixando-a repousar esticada. Depois, pegou no braço inanimado e colocou-o sobre o colo de Mário, escondendo os

dedos, rígidos e pegados uns aos outros, sob uma dobra da toga.

Caio Mário estava mais regiamente sentado que um rei. Mexendo ligeiramente a cabeça, agradecia as

saudações enquanto o suor lhe rolava pela cara e o peito trabalhava como um gigantesco fole. Os Plebeus encontravam-se já presentes, mas todos os homens que se encontravam no anfiteatro dos *Comitia* se viraram para os degraus do Senado e saudaram Caio Mário, após o que os dez tribunos da plebe, que se encontravam nos *rostra,* pediram à multidão que os acompanhasse em três sonoros hurras.

O rapaz, de pé ao lado da cadeira curul, fitou a multidão. Aquela era a sua primeira experiência da

extraordinária euforia que tanta gente junta, e unida pelos mesmos objectivos, podia gerar. Sentia-se lisonjeado por estar tão perto da causa de toda aquela formidável alegria e compreendia o que deveria sentir-se por ser o Primeiro Homem de Roma. E quando os vivas se esbateram, os seus finos ouvidos não deixaram de captar certos murmúrios: ”Quem é aquele belo rapaz?”, perguntavam alguns elementos da multidão.

Caio Júlio César tinha consciência da sua beleza, e do efeito que ela produzia nos outros; como gostava que gostassem dele, gostava também de ser belo. Contudo, não podia esquecer-se do motivo por que ali estava. Se se esquecesse, a mãe ficaria furiosa, e ele detestava irritá-la. Uma gota de baba começava a aparecer no canto flácido da boca de Mário: tinha de a limpar. Pegou no lenço de Mário e, enquanto



toda a multidão suspirava de terna admiração, limpou-lhe o suor do rosto e, ao mesmo tempo, fez desaparecer a gota de baba antes que alguém pudesse dar por ela.

- Comecem a vossa reunião, tribunos! - gritou bem alto Mário logo que encontrou forças.

- Tragam o prisioneiro Tito Titínio! - ordenou Pisão Frugi, o Presidente do Colégio. - Membros da Plebe, aqui reunidos nas vossas tribos, tem por fim esta assembleia decidir a sorte de um tal Tito Titínio, centurião *pilus prior* das legiões do cônsul Lúcio Pórcio Catão Liciniano. O seu caso foi-nos transmitido a nós, seus pares, pelo Senado de Roma, após o devido exame. O cônsul Lúcio Pórcio Catão Liciniano alega que Tito Titínio incitou as suas tropas ao motim, e pede que tratemos do seu caso tão severamente quanto a

lei permite. Como o amotinamento é traição, estamos aqui para decidir se Tito Titínio deve viver ou morrer.

Pisão Frugi fez uma pausa, enquanto o prisioneiro, um homem corpulento, com pouco mais de cinquenta

anos, vestido unicamente com uma túnica, com correntes nos pulsos e nos tornozelos, era conduzido para os *rostra* e levado para o lado de Pisão Frugi.

- Membros da Plebe, o cônsul Lúcio Pórcio Catão Liciniano afirma numa carta que convocou uma assembleia de todas as legiões do seu exército, e que, enquanto se dirigia a esta assembleia legalmente convocada, Tito Titínio, o prisioneiro que aqui vêem, o atingiu com um projéctil, tendo depois incitado todos os homens presentes a fazer o mesmo. A carta traz o selo do cônsul.

Pisão Frugi virou-se para o prisioneiro.

- Tito Titínio, que tens a dizer?

- Isso é verdade, tribuno. De facto, atingi o cônsul com um projéctil.

- O centurião calou-se por um momento, acrescentando depois: Atingi-o com um torrão de terra mole. Esse foi o projéctil que lhe atirei. E quando o atirei todos os homens à minha volta fizeram o mesmo.

- Um torrão de terra mole - repetiu lentamente Pisão Frugi. - E o que te levou a atirar tal projéctil ao teu comandante?

- O meu comandante chamou-nos labregos, miseráveis vermes, camponeses imbecis, e muitas outras coisas! -

gritou Tito Titínio. Não me teria importado que ele nos tivesse chamado *mentulae* e *cunni,* tribuno; isso são nomes que um general habitualmente chama aos seus

homens. - Respirou fundo, e a sua voz atroou de novo. - Se eu tivesse ovos podres ali ao pé, ter-lhe-ia atirado ovos podres! Mas uma bola de terra mole é o melhor que há depois dos ovos podres, e terra mole havia muita, ali mesmo à mão de semear! Pouco me importa que me estrangulem ou que me atirem da rocha Tarpeia!

Porque se eu volto a ver Lúcio Catão à minha frente, podem ter a certeza de que não o vou tratar bem!

Titínio virou-se para os degraus do Senado e apontou para Caio Mário.

- Estão a ver aquele homem? Pois aquele homem é um verdadeiro general! Eu servi sob as ordens de Caio Mário, como legionário, na Numídia, e como centurião, na Gália! Quando abandonei o exército, Caio Mário deu-me um pedaço das suas propriedades da Etrúria. Pois oiçam-me com atenção, membros da Plebe! Caio

Mário nunca apanharia com bolas de terra lançadas pelos seus soldados! Caio Mário *amava* os seus soldados!

Não os tratava com desprezo como Lúcio Catão! Caio Mário nunca teria mandado acorrentar um soldado seu, enviando-o depois para Roma a fim de ser julgado por civis, se esse soldado lhe tivesse atirado alguma coisa!

O general Caio Mário teria desfeito a cara desse homem naquilo que eu ele lhe tivesse atirado! E digo-lhes mais: Lúcio Catão não é um general digno desse nome e Roma não lhe ficará a dever nenhuma vitória! Um general resolve os seus próprios problemas. Não os manda para uma assembleia de tribos!

Mal Tito Titínio acabou de falar, caiu em todo o Fórum um profundo silêncio.

Finalmente, Pisão Frugi, após um sentido suspiro, virou-se para Caio Mário e perguntou-lhe:

- Caio Mário, que farias tu com este homem?

- Ele é um centurião, Lúcio Calpúrnio Pisão Frugi. E é verdade o que ele diz: de facto, conheço-o. É um homem demasiado bom e útil para que nos possamos dar ao luxo de o perdermos. Mas a verdade é que

encheu o seu comandante de terra e isso, fosse qual fosse a provocação, constitui uma ofensa militar. Ele não pode voltar para o cônsul Lúcio Pórcio Catão. Isso seria um insulto para o cônsul, que rejeitou os seus serviços, mandando-o para nós. Penso que, neste caso, a melhor maneira de servir os interesses de Roma será mandar Tito Titínio para outro general. Posso sugerir que regresse a Cápua e que retome aí as suas antigas tarefas?



- Que acham os meus colegas tribunos? - perguntou Pisão Frigi.

- Eu estou de acordo com a sugestão de Caio Mário - disse Silvano.

- E eu também - disse Carbão.

Os outros sete também concordavam.

- Que me diz o *concilium plebisl* É necessário proceder a uma votação formal, ou basta erguerem as mãos em sinal de assentimento?

Todas as mãos se ergueram.

- Tito Titínio, esta assembleia ordena-te que te apresentes a Quinto Lutácio Catulo, em Cápua - disse Pisão Frugi, sem permitir que

soniso algum lhe aflorasse no rosto - Lictores, tirem-lhe as correntes. Ele está livre.

Mas Tito Titínio recusou-se a partir sem que o levassem junto de Caio Mário. Ao abeirar-se do seu antigo comandante, caiu de joelhos e desatou a chorar.

- Treina bem os teus recrutas de Cápua, Tito Titínio - disse Mário, de ombros caídos, exausto. - E agora, se me dão licença, são horas de voltar para casa.

Lúcio Decúmio surgiu de trás de um pilar, todo ele sorrisos, de mão estendida para Tito Titínio, mas de olhar fixo em Caio Mário.

- Tenho uma liteira à tua espera, Caio Mário.

- Eu não vou para casa de liteira! Os meus pés, se me trouxeram, também me hão-de levar! - retorquiu Caio Mário. - Meu rapaz, ajuda-me. - A enorme mão direita do general ferrou-se de imediato no magro braço do jovem César, com tal força que a carne do rapaz ficou vermelho-escura. No entanto, no rosto do filho de Aurélia, não havia qualquer sinal de dor: apenas uma expressão preocupada. Tratou então de ajudar o Grande Homem a levantar-se, como se tal tarefa não apresentasse a mínima dificuldade. Uma vez em pé, Mário

pegou na bengala, o rapaz passou para o seu lado esquerdo, e lá foram os dois descendo os degraus como dois caranguejos pegados um ao outro. Meia Roma, ou assim parecia, escoltou-os até eles chegarem ao alto da colina, saudando cada esforço de Caio Mário.

Os criados lutaram pela honra de escoltar Mário até ao seu quarto, mal ele chegou a casa. Ninguém reparou no jovem César, que ficara para trás. Achando-se sozinho, deixou-se cair no chão do corredor entre a porta aberta e o átrio e ali ficou, uma massa inerte, os olhos cerrados. Júlia encontrou-o nesse mesmo local algum tempo depois.

Assustada, quase em pânico, ajoelhou ao lado dele, sentindo uma estranha relutância em pedir

ajuda.

- Caio Júlio. Caio Júlio! Que tens tu?

Júlia envolveu-o nos seus braços. O corpo moldou-se a ela inerte, a pele lívida, a respiração muito

ténue. Júlia sentiu-lhe o pulso e foi então que reparou na ferida que os dedos do marido tinham feito no braço do sobrinho.

- Caio Júlio, Caio Júlio!

Os olhos abriram-se, ele suspirou e sorriu, e as cores voltaram desde logo às suas faces.

- Eu trouxe-o para casa, tia?

- Sim, Caio Júlio, trouxeste-o para casa! Fizeste um trabalho magnífico! - retorquiu Júlia, quase

chorando. - Ficaste mais cansado do que ele! Estes passeios são de mais para ti.

- Não, tia Júlia, não há problema. Eu aguento. A sério. Além disso, ele não sai com mais ninguém -

disse Caio Júlio César, levantando-se.

- Sim, isso é verdade. Infortunadamente. Obrigada, Caio Júlio! Não há palavras que possam

exprimir a minha gratidão! - disse a tia, que logo tratou de examinar a ferida. - Ele magoou-te. Vou

pôr qualquer coisa nisso.

Os olhos do rapaz encheram-se de vida e luz, e na sua boca surgiu o sorriso que enchia sempre Júlia

de uma ternura indizível.

- Não, tia Júlia, não ponhas nada. Eu sei de um remédio que curará a minha ferida.

- Que remédio?

- Um beijo. Um dos teus beijos.

Muitos foram os beijos que recebeu da tia, e todo o tipo de comida de que gostava, e um livro, e o

divã da sala de trabalho dela para descansar; Júlia só o deixou ir para casa depois de ter mandado

chamar Lúcio Decúmio. Nunca o teria deixado ir sozinho.

À medida que esse ano foi passando (marcando uma viragem na guerra a favor de Roma), Caio

Mário e o jovem César foram-se tornando um dos centros das atenções dos romanos. O rapaz

ajudando o homem, o homem cada vez mais capaz de se desembaraçar sozinho. Depois da primeira

saída, deslocaram-se ao Campo de Marte, onde havia muito menos gente e os seus progressos

acabaram por suscitar pouco interesse.

676

À medida que Mário foi recuperando as forças, os passeios tornaram-se mais longos, culminando no

triunfante dia em que chegaram ao Tibre, ao fim da Via Recta; depois de um demorado descanso,

Caio Mário nadou no Trigarium.

Logo que começou a nadar regularmente, os seus progressos aceleraram-se. Tal como o seu fascínio

pelos exercícios marciais, tanto de infantaria como de cavalaria, a que podiam assistir no decorrer

dos passeios; Mário decidira que chegara a hora de o filho de Aurélia dar início à sua instrução

militar. Finalmente! Finalmente Caio Júlio César aprendia os rudimentos das artes que há tanto

tempo ansiava conhecer. Atirado para cima da sela de um brioso pónei, demonstrou que era um

cavaleiro nato; ele e Mário lutaram com espadas de madeira, mas como Mário não lhe encontrava

nenhum defeito, logo decidiu que da próxima vez empunhariam espadas a sério; aprendeu depois a

atirar o *pilum,* e nunca falhava o alvo; aprendeu a nadar logo que Mário se sentiu suficientemente à vontade na água para poder evitar qualquer problema que eventualmente acontecesse ao sobrinho; e

ouviu da boca do tio um novo tipo de histórias: as recordações de um general no que dizia respeito

ao comando das tropas.

- A maior parte dos comandantes perdem as suas batalhas antes de começarem a combater - disse-

lhe Mário certo dia, enquanto descansavam na margem do rio, envoltos em mantos de linho.

- E por que razão, Caio Mário?

- Normalmente, são duas as razões. Alguns sabem tão pouco da arte de comando que pensam que

tudo o que têm a fazer é apontar para o inimigo e mandar as legiões combatê-lo. Mas outros têm as

suas cabeças tão cheias de manuais e de sugestões dos generais que os chefiaram quando eram

cadetes, que se limitam a seguir o que vem nos livros, e isso equivale sempre a derrota. Cada

inimigo, cada campanha, cada batalha, é algo de único, Caio Júlio. E se é algo de único, temos de

estudá-lo com o respeito que se deve ao que é único. Planeamos o que vamos fazer na noite anterior

à batalha. O nosso plano fica escrito numa folha de pergaminho. Mas não podemos considerá-lo

pronto, acabado, definitivo. Para que o plano esteja concluído, pronto, acabado, temos primeiro de

ver o inimigo, de conhecer a configuração do terreno, de saber como está formado o inimigo, de

saber ainda quais são as suas fraquezas. E é *então* que o comandante decide! As ideias

preconcebidas são quase sempre fatais. E, além

disso, as coisas podem mudar à medida que a batalha decorre, pois cada *momento é* único! A disposição dos teus homens pode mudar, por exemplo. Ou o terreno onde se vai disputar a batalha pode transformar-se num lamaçal mais depressa do que esperamos. Ou pode levantar-se uma poeirada tal que deixemos de ver todos os sectores do campo. Ou quem sabe se o general inimigo não nos reservará uma surpresa. Ou quem sabe se o nosso plano não revela em determinado momento certas fraquezas com que não contávamos. Quem diz o

nosso plano, diz o plano inimigo - afirmou Mário, entusiasmado.

- Nunca acontece uma batalha correr exactamente como tinha sido planeada na noite anterior? - perguntou o jovem César, os olhos brilhando de interesse e atenção.

- Sim, isso já aconteceu! Mas é quase tão raro como as galinhas terem dentes, meu rapaz. Lembra-te sempre disto: seja qual for o teu plano, e por muito complexo que ele seja, tens de estar sempre preparado para o alterar num abrir e fechar de olhos! E há uma outra noção muito importante, meu rapaz. Um plano deve ser tão simples quanto possível. Os planos simples dão sempre melhores resultados do que as monstruosidades tácticas, nem que seja pelo facto de que o general não pode melhorar o seu plano sem recorrer à cadeia de comando. E a cadeia de comando é algo que se torna cada vez mais obscuro à medida que se afasta do

general.

- Pode-se concluir que um general tem de ter uma equipa muito bem treinada e um exército preparado na perfeição - disse o rapaz, com um ar pensativo.

- Sem a mínima dúvida! - exclamou Mário. - É por isso que um bom general deve sempre falar às suas tropas antes da batalha. Não para levantar o moral, jovem César, mas sim para que todos os seus homens fiquem a saber quais são os seus planos. Se eles

conhecerem os planos do general, poderão interpretar facilmente as ordens que hão-de receber dos postos inferiores da cadeia de comando.

- É bom um general conhecer os seus soldados, não é?

- Claro que é. E também é bom que eles nos conheçam. E que *gostem* de nós. Se os soldados gostam do general que os comanda, entregar-se-ão com mais afinco às tarefas de que ele os incumbe e correrão maiores riscos por ele. Nunca te esqueças do que disse Tito Titínio nos *rostra.* O general pode chamar aos seus homens todos os nomes possíveis e imaginários, mas *nunca* deve fazê-los sentir que os



despreza. Se o general conhece bem os seus soldados e estes conhecem bem o seu general, vinte mil

legionários romanos poderão vencer cem mil bárbaros.

- Tu foste soldado antes de ser general.

- Fui. Uma vantagem que tu nunca terás, jovem César, porque és um patrício romano, um aristocrata. E no entanto a minha opinião sincera é esta: quem chega a general sem ter tido soldado, nunca poderá ser

verdadeiramente um general. - Mário inclinou-se um pouco para a frente, os olhos fitando algo que ficava muito para lá do Trigarium e do bonito relvado da planície do Vaticano. - Os melhores generais são aqueles que foram soldados primeiro. Repara no caso de Catão, o Censor. Quando tiveres idade suficiente para ser cadete, não te escondas na retaguarda sob o pretexto de que assim poderás ser útil ao teu comandante - não, nada disso: o que deves fazer é ir para a frente e *combater.* Ignora a tua condição nobre. Transforma-te num soldado raso sempre que há uma batalha. Se o teu general puser

alguma objecção ao teu comportamento e te disser que prefere que andes pelo campo de batalha levando mensagens, responde-lhe que preferes combater.

Ele deixar-te-á combater porque é raro ouvir tais respostas da boca dos da tua condição. Tens de lutar como um vulgar soldado, jovem César. Caso contrário, quando chegares ao comando, não conseguirás entender

aquilo por que os teus soldados passam quando soa a hora do combate. Não conseguirás entender aquilo que os assusta, o que os deixa retraídos e desconcertados, o que os anima, o que os leva a lutar como touros selvagens! E vou dizer-te mais uma coisa, meu rapaz!

- O quê? - perguntou ansioso o filho de Aurélio, bebendo todas as palavras, a respiração suspensa.

- É tempo de voltarmos para casa! - disse Mário, rindo-se. Até que reparou na expressão do sobrinho. - Ora, meu rapaz! Faz favor não me ponhas esse ar altivo e ofendido! - vociferou Mário, aborrecido porque a sua brincadeira tivera o efeito contrário e o jovem César estava literalmente furibundo.

- Não te *atrevas* a brincar comigo acerca de assunto tão importante!

- disse a criança, com uma voz tão terna e afável como a que Sila poderia usar em circunstâncias idênticas. -

Isto é uma coisa séria, Caio Mário! Não estás aqui para me divertir! Eu quero saber tudo o que tu sabes antes de ter idade para ser cadete. Porque assim poderei



partir de uma base mais sólida do que qualquer outro. E *nunca* pararei de aprender! Por isso deixa-te de brincadeiras que não têm

graça nenhuma e trata-me como um homem!

- Mas tu não és um homem - disse Mário com pouca convicção, estupefacto com a tempestade que provocara e sem saber como lidar com ela.

- Quando se trata de aprender, sou mais homem do que qualquer homem que conheço, incluindo tu! - A voz do rapaz soava bem alto; várias pessoas que estavam por perto viraram-se para ver. Contudo, mesmo no meio de tanta fúria, o jovem conseguia ter alguma presença de espírito; olhou de soslaio para a vizinhança e levantou-se bruscamente, as narinas contraídas, os lábios franzidos. - Não me importo de ser uma criança quando a tia Júlia me trata como uma criança - disse ele, agora num tom de voz moderado. - Mas quando tu me tratas como uma criança, *sinto-me...sinto-me...mortalmente* ofendido! Por isso te aviso: não te permitirei uma coisa dessas! - Estendeu-lhe a mão para o ajudar a levantar-se. - Vamos, vamos para casa. Já estou sem paciência para te aturar.

Mário agarrou na mão do rapaz e para casa seguiu sem um murmúrio.

E ainda bem que não se demoraram mais junto ao rio, pois Júlia esperava por eles, à porta de casa, ansiosa, sinais de lágrimas recentes no rosto.

- Oh, Caio Mário, que coisa horrível! - exclamou ela, esquecendo-se de que o marido não podia enervar-se; embora sabendo que ele estava doente, Júlia continuava a vê-lo como o seu salvador, sempre que havia algum acontecimento mais perturbador.

- O que foi, *meum mell*

- O nosso filho! - Reparando na expressão inquieta do marido, Júlia desatou num discurso atrapalhado e frenético. - Não, não, meu amor, o nosso filho não está morto! Não, nada disso! E também não está ferido!

Não! Desculpa, desculpa, eu devia evitar-te estes sustos...mas...mas...mas já nem sei onde estou, nem o que fazer!

- Então senta-te aqui e acalma-te, Júlia. Eu e Caio Júlio sentamo-nos ao teu lado, e tu vais contar-nos tudo calmamente, com clareza, sem pressas.

Júlia sentou-se, Mário e o sobrinho sentaram-se também, um de cada lado.

680

- Bom, começa lá - disse Mário.

- Houve uma grande batalha contra Quinto Popaedius Silão e os Marsos. Perto de Alba, creio. Os Marsos venceram. Mas o nosso exército conseguiu retirar sem que tivesse sofrido um número excessivo de baixas -

disse Júlia.

- Bom, isso já é melhor - disse Mário com um ar grave. - Continua. Presumo que há mais.

- Lúcio Catão, o Cônsul, foi morto pouco antes de o nosso filho ter ordenado a retirada.

- O nosso *filho* ordenou a retirada?

- Sim - retorquiu Júlia, controlando resolutamente as lágrimas.

- Como sabes de tudo isso, Júlia?

- Quinto Lutácio passou cá por casa, queria falar contigo. Ele esteve em visita oficial ao teatro marso, suponho que por causa dos problemas que Lúcio Catão tem com as suas tropas. Não sei se foi essa a razão da sua visita, francamente não sei - disse Júlia, levando a mão à cabeça.

- Não interessam as razões por que Quinto Lutácio visitou o teatro marso - disse Mário gravemente.

- Ele assistiu à batalha que Catão perdeu. Foi isso, não foi?

- Não, ele estava em Tíbur. Foi para Tíbur que o nosso exército retirou depois da batalha. Foi, ao que parece, uma verdadeira debandada. Não havia ninguém capaz de conduzir os soldados. Parece que o único que

conseguiu manter alguma presença de espírito foi o nosso filho. Foi por isso que ordenou a retirada. A caminho de Tíbur, ainda tentou restaurar a ordem nas nossas hostes, mas nada conseguiu. Os pobres soldados estavam como loucos.

- Nesse caso... qual é o problema, Júlia?

- Havia um pretor à espera deles em Tíbur. Um novo lugar-tenente de Lúcio Catão. Lúcio Cornélio Cina...

tenho a certeza de que foi esse o nome que Quinto Lutácio disse. De modo que, quando o exército chegou a Tíbur, Lúcio Cina assumiu o comando, e tudo parecia estar a correr bem. Lúcio Cina elogiou mesmo o nosso filho pelo bom senso que demonstrou - disse Júlia, as mãos presas, inquietas.

- Tudo *parecia* estar a correr bem, disseste tu. Que aconteceu depois?

- Lúcio Cina convocou uma assembleia para saber as razões do nosso fracasso. Havia apenas alguns tribunos e cadetes. Todos os



lugares-tenentes de Lúcio Catão, aparentemente, tinham morrido, pois nenhum deles voltara a Tíbur

- disse Júlia, procurando desesperadamente manter-se lúcida. - Então, quando Lúcio Cina os

interrogou acerca das circunstâncias que rodearam a morte de Lúcio Catão, um dos cadetes acusou

o *nosso filho* de ter assassinado o cônsul!

- Estou a ver - retorquiu calmamente Mário, com um ar imperturbável. - Bom, Júlia, tu conheces a

história, eu não. Continua.

- Esse cadete disse que o nosso filho tentara convencer Lúcio Catão a ordenar a retirada. Mas Lúcio

Catão virou-se contra ele e chamou-lhe ”filho de um traidor italiano”. Lúcio Catão recusou-se a

ordenar a retirada porque, disse ele, era preferível que todos morressem a viverem para sempre na

desonra. E o outro cadete diz que o *nosso filho* pegou então na espada e enfiou-a, até ao punho, nas costas de Lúcio Catão! Depois o nosso filho assumiu o comando e ordenou a retirada. - Júlia já não

conseguia controlar as lágrimas.

- Quinto Lutácio bem podia ter esperado por mim. Escusava de te apoquentar com essas notícias -

disse Mário, inconformado.

- Acontece que ele não tinha tempo, Caio Mário - explicou Júlia, limpando as lágrimas e tentando

acalmar-se. - Chamaram-no a Cápua com urgência, teve de partir imediatamente. Ele disse-me aliás

que nem devia ter vindo a Roma visitar-nos porque isso o atrasava ainda mais. Devemos estar-lhe

gratos. Ele disse que tu saberias o que fazer. E quando Quinto Lutácio disse isso, eu percebi que ele acreditava que o nosso filho tinha realmente morto Lúcio Catão! Oh, Caio Mário, que vais fazer?

Que podes fazer? Que queria dizer Quinto Lutácio com aquilo?

- Tenho de ir para Tíbur com o meu amigo Caio Júlio - disse Mário, levantando-se.

- Não podes! - exclamou Júlia, ofegante.

- Claro que posso. Bom, agora acalma-te, mulher, e diz a Estrofantes que vá a casa de Aurélia e que

lhe peça para mandar chamar Lúcio Decúmio. Ele poderá tratar de mim durante a viagem, e assim

pouparemos as energias do rapaz. - Enquanto falava, Mário apertava com força o ombro do jovem

César, não porque precisasse de apoio, mas mais como se estivesse a pedir-lhe silêncio.

- Deixa que Lúcio Decúmio te leve sozinho, Caio Mário - disse Júlia. - Caio Júlio tem de ir para

casa, para ao pé da mãe.



- Sim, tens razão - disse Mário. - Vai para casa, jovem César. O filho de Aurélia retorquiu-lhe num tom bem claro.

- A minha mãe mandou-me para ao pé de ti para te ajudar - disse ele gravemente. - Se te abandonasse neste momento, ela ficaria

muito zangada.

Mário teria insistido; mas foi Júlia, que sabia como era Aurélia, quem cedeu.

- Ele tem razão, Caio Mário. Leva-o contigo.

Uma hora depois, uma carruagem puxada por quatro mulas abandonava Roma levando Caio Mário, o jovem

César e Lúcio Decúmio. Bom condutor, Lúcio Decúmio obrigou as quatro mulas a um trote enérgico, sabendo que os animais não chegariam exaustos a Tíbur.

Apertado entre Mário e Decúmio, o jovem César contemplou deliciado a paisagem campestre até a noite cair.

Nunca fizera uma viagem em circunstâncias tão urgentes, mas, no fundo, tinha uma verdadeira paixão pela velocidade.

Embora tivessem uma diferença de idade de nove anos, César conhecia bem o primo, pois recordava-se dos primeiros anos da sua infância melhor do que qualquer outra criança. E não tinha motivo algum para gostar do jovem Mário. Não que o filho de Caio Mário alguma vez o tivesse tratado mal ou troçado dele. Não, o filho de Aurélia não gostava dele por causa de todos os outros que o jovem Mário tinha tratado mal. Entre os filhos de Mário e de Sila houvera sempre rivalidade: e o jovem César achava que o filho de Sila tivera sempre razão.

Além disso, o jovem Mário enganara de forma cruel a filha de Sila: quando estava com ela, mostrava-se o mais encantador dos rapazes; no entanto, desprezava-a e troçava dela nas conversas com os primos e com os amigos. Por isso, a possibilidade de uma condenação do jovem Mário não preocupava profundamente o filho de Aurélia. O que o preocupava era o desgosto de Caio Mário e da tia Júlia. Isso, sim, deixava-o

extremamente inquieto.

Quando a noite caiu, uma meia-lua iluminou a estrada. Apesar disso, Lúcio Decúmio abrandou bastante o ritmo das mulas. O rapaz adormeceu imediatamente, com a cabeça no colo de Mário e o corpo vencido pelo abandono total que só encontramos nas crianças e nos animais.

- Bom, Lúcio Decúmio, acho que seria uma boa ideia se falássemos.

- disse Mário.

683

- Sem dúvida - retorquiu Lúcio Decúmio, num tom bem-disposto.

- O meu filho está com um grave problema.

- Tch! - disse Lúcio Decúmio, fazendo estalidos com a língua. Temos que resolver isso, Caio Mário.

- Foi acusado do assassínio do cônsul Catão.

- Do que ouvi dizer de Catão, deviam dar a Coroa de Erva ao jovem Mário por ter salvo um exército.

Mário desatou à gargalhada.

- Não posso estar mais de acordo. A acreditar no que me disse a minha esposa, o caso passou-se assim.

Aquele idiota do Catão fez tudo mal, ou seja, fez tudo para sair derrotado. Imagino que os seus dois lugares-tenentes morreram na batalha e que os tribunos andavam a levar as suas mensagens para o campo de batalha, as mensagens erradas, provavelmente. A certa altura, julgo que Catão se viu com um equipa constituída unicamente por cadetes. E coube ao meu filho avisá-lo de que devia retirar. Catão respondeu que não, e chamou ao jovem Mário ”filho de

um traidor italiano". Nessa altura, e de acordo com outro cadete, o meu filho enterrou a sua bela espada romana nas costas do cônsul, e ordenou a retirada.

- Muito bem feito, Caio Mário!

- Bem e mal feito. Lamento que ele o tenha feito quando Catão estava de costas. Mas eu conheço o meu filho.

Foi o seu génio, o seu temperamento, que o levou a cometer tal acto, e não a ausência do sentido de honra. Eu não estive com ele o tempo suficiente para lhe arrancar aquele maldito génio quando era criança. Além disso, ele é demasiado esperto para *me* revelar o seu mau génio. Aliás a mãe também não o conhece.

- Quantas testemunhas, Caio Mário?

- Apenas uma, tanto quanto sei. Mas só ficarei a saber realmente depois de me encontrar com Lúcio Cornélio Cina, que comanda agora as tropas. O meu filho terá naturalmente de responder às acusações. Se a

testemunha mantiver a sua versão, ele será açoitado e degolado. Matar o cônsul não é apenas assassínio. É

também *nefas.*

- Tch! Tch! - fez Lúcio Decúmio e nada mais disse.

Claro que Lúcio Decúmio sabia por que lhe tinham pedido que fizesse aquela viagem. O que o fascinava era o facto de Caio Mário o ter chamado. Caio Mário! O homem mais recto e mais honrado que Lúcio Decúmio

conhecia. Que dissera Lúcio Sila anos antes? Que,

mesmo quando seguia um caminho desonesto, Caio Mário o fazia de forma honesta. Contudo, desta feita,

parecia que Caio Mário optara por meios desonestos. O que não estava de acordo com o seu carácter. Havia outras maneiras. Maneiras que (assim pensava Decúmio) Caio Mário teria pelo menos experimentado

primeiro.

Lúcio Decúmio encolheu os ombros. Afinal Caio Mário era pai. E só tinha um filho. Um bem precioso. E até nem era mau rapaz, desde que não se ligasse à sua arrogância e presunção. Devia ser difícil ser-se filho de um Grande Homem. Especialmente se se era fraco. Não, lá corajoso ele era. E inteligente. Mas nunca seria um Grande Homem. Para isso precisava de ter tido uma vida dura. Mais dura do que a que o jovem Mário até então levara. Uma mãe tão boa, tão carinhosa! Se ele tivesse tido um mãe como a do jovem César, bom, aí talvez o caso mudasse de figura. Ela vigiava para que o jovem César levasse uma vida dura. Vigiava sempre.

Não lhe permitia uma liberdade que fosse. Bom, e além disso, também não havia muito dinheiro na família.

Até então plana, a estrada transformou-se de súbito numa íngreme subida. As mulas, já cansadas, queriam parar. Mas Lúcio Decúmio deu-lhes com o chicote, chamou-lhes uns quantos nomes e, com os seus punhos de aço, obrigou-as a avançarem sem quebras.

Quinze anos antes, Lúcio Decúmio decidira, por sua própria iniciativa, ser guarda e protector da mãe do jovem César, Aurélia. Por essa mesma altura, encontrara uma nova fonte de rendimentos. Pelo nascimento, Lúcio Decúmio era um verdadeiro Romano; quanto à tribo, era membro da Palatina urbana; de acordo com o censo, era um membro da Quarta Classe; e no que toca à profissão, era zelador de uma congregação das

encruzilhadas com sede no bloco de apartamentos de Aurélia. Um tanto pequeno de estatura, de tez

indeterminada e traços perfeitamente anónimos, o aspecto pouco atraente e a escassa instrução escondiam uma fé inquebrantável na sua inteligência e força de carácter; dirigia a sua congregação como um general.

Oficialmente aprovada pelo pretor urbano, esta congregação cuidava das encruzilhadas da zona onde estava instalada, executando trabalhos que iam desde a limpeza das áreas em questão até à organização das

Compitais, festas em honra dos deuses Lares das Encruzilhadas, passando pela prática de cultos devidos a esses deuses e pelas tarefas de



manutenção da enorme fonte que fornecia água à zona. Eram membros da congregação todos os

homens residentes no local, desde os membros da Segunda Classe à classe proletária, entre os

romanos, e desde estrangeiros como judeus e sírios a libertos e escravos gregos; no entanto, a

Segunda e a Terceira Classes não participavam na execução das tarefas da congregação: em vez

disso, preferiam contribuir com donativos suficientemente generosos. Os homens que frequentavam

as instalações supreendentemente limpas da congregação eram trabalhadores que lá passavam o seu

dia de folga conversando e bebendo vinho barato. Todos os trabalhadores - libertos ou escravos -

tinham um dia de folga após cada sete dias de trabalho: esse dia de folga variava, pois, consoante os trabalhadores. Assim, os frequentadores da congregação nunca eram os mesmos todos os dias. Mas

sempre que Lúcio Decúmio anunciava que havia um trabalho a fazer, todos os homens presentes

punham o vinho de lado e obedeciam às ordens do zelador da congregação.

Sob a égide de Lúcio Decúmio, a congregação entregara-se a actividades que nada tinham a ver

com a conservação das encruzilhadas. Quando o tio e padrasto de Aurélia, Marco Aurélio Cota, lhe

comprou uma ínsula, fazendo assim um bom investimento do seu dote, a jovem recém-casada,

dotada de um temperamento intrépido, depressa se apercebeu que albergava na sua ínsula um grupo

de homens que extorquia elevadas somas aos comerciantes em troca de protecção contra o

vandalismo e a violência. Aurélia não demorou muito tempo a pôr um ponto final nessa situação. Só

que Lúcio Decúmio e os seus confrades se viraram então para zonas onde Aurélia não conhecia as

vítimas.

Na altura em que Aurélia adquirira a ínsula, Lúcio Decúmio tinha já descoberto um passatempo

que, para além de se adequar perfeitamente à sua natureza, lhe ia enchendo os bolsos: tornara-se um

assassino. Embora os seus feitos não ultrapassassem o domínio dos boatos, aqueles que o

conheciam acreditavam que fora ele o responsável por muitas mortes políticas e comerciais,

estrangeiras e domésticas. O facto de ninguém o incomodar devia-se basicamente à perícia e ao

arrojo com que executava as suas operações criminosas. Nunca havia provas. No entanto, a natureza

deste lucrativo passatempo era conhecida no bairro de Subura; como o próprio Lúcio Decúmio

dizia, só ofereciam trabalhos a uma pessoa se soubessem que essa pessoa era um assassino. Havia

acções cuja autoria rejeitava: e de novo acreditavam nele. O assassínio



de Asélio, segundo ele, era obra de um amador, alguém que tinha posto em perigo Roma, matando um augure enquanto este cumpria as suas obrigações, envergando os trajes sacerdotais. E embora achasse

- e a sua opinião, nestes casos, era sempre levada em linha de conta

- que Metelo Numídico Suíno fora envenenado, Lúcio Decúmio anunciou a quem o quis ouvir que veneno era arma de mulher e,

como tal, algo que lhe repugnava.

Apaixonara-se por Aurélia mal a vira. Não era um amor romântico ou carnal, insistira ele. Era sobretudo o reconhecimento instintivo de um espírito semelhante, de um espírito tão determinado, corajoso e inteligente como ele. Lúcio Decúmio oferecer-lhe-ia carinho e protecção para toda a vida. Mas a asa vulturina de Lúcio Decúmio serviria também para proteger os filhos de Aurélia. Idolatrava o jovem César. Amava-o mais do que aos seus dois filhos, já homens e habituados já ao tipo de vida da congregação das encruzilhadas. Durante anos, fora seu guarda e protector, passara muitas horas na sua companhia, revelara-lhe uma visão

singularmente honesta do mundo em que o jovem César vivia, mostrava-lhe como funcionava a sua agência de serviços de protecção, e como um bom assassino executava os seus ”trabalhos”. O filho de Aurélia sabia tudo acerca de Lúcio Decúmio. Não havia nada que não compreendesse; o comportamento adequado a um

patrício romano não servia para um romano da Quarta Classe que era zelador de uma congregação das

encruzilhadas. Cada qual no seu lugar. Mas isso não impedia que fossem amigos, que gostassem

verdadeiramente um do outro.

- Nós, a ralé romana, somos todos uns canalhas - explicara Lúcio Decúmio ao jovem César. - Tem mesmo de ser assim, se queremos comer e beber bem, e ter três ou quatro belas escravas e uma delas com um *cunnus* que valha a pena uma boa apalpadela. Mesmo que fôssemos espertos para os negócios, o que não é costume, onde é que arranjávamos capital? Não, um homem faz a sua túnica consoante o tecido que tem, essa é que é essa. - Encostou o dedo indicador direito ao nariz e pôs um sorriso de todo o tamanho, exibindo os seus dentes sujos. - Mas nem uma palavra Caio Júlio!

Nem uma palavra a ninguém! E especialmente nada de conversas com a tua querida mãe.

Os segredos estavam e continuariam bem guardados. Nem mesmo Aurélia viria a conhecê-los. A educação do jovem César era afinal muito mais vasta do que ela alguma vez suspeitara.

687

Era meia-noite quando a carruagem chegou ao acampamento do exército, instalado logo a seguir à pequena aldeia de Tíbur. Caio Mário dirigiu-se imediatamente à tenda de comando e tratou de acordar Lúcio Cornélio Cina.

Caio Mário e Cornélio Cina mal se conheciam, pois havia entre eles uma diferença de idades de quase trinta anos; no entanto, pelos discursos que fizera no Senado, Cina era conhecido como um admirador de Mário.

Fora um bom *praetor urbanus* - em tempo de guerra, a autoridade máxima em Roma, dada a ausência dos dois cônsules -, mas a confrontação com a Itália arruinara as suas hipóteses de enriquecer governando uma das províncias romanas.

Dois anos passados, verificava que não possuía o capital necessário para dar um bom dote às filhas, e tinha mesmo dúvidas quanto ao futuro da sua carreira senatorial. A promoção, decidida pelo Senado, ao comando do teatro de guerra marso, no seguimento da morte de Catão, não o entusiasmava nada; tal promoção

significava apenas trabalho, muito trabalho, pois teria de pôr a funcionar uma estrutura que fora fortemente abalada por um homem tão incompetente quanto arrogante. Ah, onde estava a província que tanto desejara e que lhe traria os proventos de que tanto precisava?

Era um homem atarracado, com um rosto curtido pelo tempo e os maxilares metidos para dentro; apesar de muito pouco atraente, fizera um belíssimo casamento com Ânia, herdeira de uma rica família plebeia que há duzentos anos era *consular.* Cina e Ânia tinham três filhos duas raparigas, uma com quinze e a outra com cinco anos, e um rapaz de sete anos. Embora não fosse propriamente um beldade, Ânia não deixava de ser atraente, com a sua interessante cabeleira ruiva e uns olhos muito verdes; a filha mais velha herdara a sua tez, ao passo que os filhos mais novos eram tão morenos como o pai. Os traços físicos da filha mais velha

passaram a ter uma importância inesperada quando Cneu Domício Aenobarbo Pontifex Maximus decidiu

propor a Cina o casamento da rapariga com o seu filho mais velho, Cneu.

- Nós, os Domícios Aenobarbos, gostamos de mulheres ruivas dissera o Pontifex Maximus sem a mínima

cerimónia. - A tua filha, Cornélia Cina, corresponde exactamente à imagem da mulher que eu desejo para o meu filho: tem a idade certa, é uma patrícia, e é ruiva. De início, cheguei a pensar na filha de Lúcio Sila. Mas ela vai casar



com o filho de Quinto Pompeu Rufo, o que é sem dúvida uma pena. Mas a tua filha está perfeita para Cneu. A mesma *gens* e, suponho eu, um dote mais interessante ainda...

Cina engolira em seco, oferecera uma oração silenciosa a Juno Sospita e a Ops, e confiara na sua nomeação como governador de uma província que lhe desse muito, muito dinheiro.

- Quando chegar à idade de casar, a minha filha terá um dote de cinquenta talentos, Cneu Domício. Não posso dar-lhe mais. Que me

dizes? É um dote satisfatório?

- Ah, perfeitamente! - disse Aenobarbo. - Cneu é o meu principal herdeiro e portanto para a tua filha será um bom casamento. Creio que sou um dos cinco ou seis homens mais ricos de Roma, e tenho milhares de

clientes. Podemos anunciar os esponsais?

Tudo isto acontecera no ano anterior à eleição de Cina como pretor, e numa altura em que se compreendia que acreditasse na possibilidade de proporcionar um rico dote à filha. Se pudesse mexer na fortuna de Ânia, tudo teria sido mais fácil; no entanto, o pai de Ânia continuava a controlar o dinheiro da filha e, na morte dela, esse dinheiro não poderia ser herdado pelos filhos.

Quando Caio Mário o acordou, Cina não fazia a mínima ideia de quais poderiam ser as consequências daquela visita; aborrecido, pôs uma túnica e calçou umas sandálias e preparou-se para dizer uma série de coisas desagradáveis ao pai de um jovem que, em tempos, parecera tão prometedor.

O Grande Homem entrou na tenda de comando com uma escolta muito especial - um homem perfeitamente

vulgar, talvez com perto de cinquenta anos, e um rapaz muito belo. Era o rapaz quem fazia a maior parte do trabalho, e de uma maneira que sugeria que estava habituado àquela tarefa. Cina teria pensado que se tratava de um escravo, não fora a *bulia* à volta do pescoço e o facto de o jovem se comportar como um patrício de uma família mais nobre que a dos Cornélios. Quando Mário se sentou, o rapaz ficou do seu lado esquerdo e o homem atrás dele, ambos de pé.

- Lúcio Cornélio Cina, apresento-te o meu sobrinho Caio Júlio César Júnior, e o meu amigo Lúcio Decúmio.

Podes usar da maior franqueza diante deles. - Com a mão direita, Mário colocou a mão esquerda no colo; parecia menos cansado do que Cina esperava, e mais senhor das suas faculdades do que as notícias de Roma (no

fundo, velhas notícias) davam a entender. Obviamente era ainda um homem espantoso. Mas não um

adversário a temer, pensou Cina.

- É uma história trágica, Caio Mário.

Os olhos muito atentos de Mário passearam pela tenda à procura de alguém. Não tendo encontrado ninguém, voltaram a fixar-se em Cina.

- Estamos sós, Lúcio Cina?

- Completamente sós.

- Óptimo. - Mário instalou-se mais confortavelmente na sua cadeira.

- A notícia chegou-me por via indirecta. Quinto Lutácio foi a minha casa mas não me encontrou. Contou a história à minha mulher que, por seu turno, me repetiu o que ele disse. Pelo que ouvi, parece que o meu filho é acusado do assassínio de Lúcio Catão durante uma batalha e que há uma testemunha - ou testemunhas. É

assim?

- Receio bem que sim.

- Quantas testemunhas?

- Apenas uma.

- E quem é essa testemunha? Um homem íntegro?

- Absolutamente, Caio Mário. Um *contubernalis* chamado Públio Cláudio Pulcro - disse Cina.

Mário resmungou.

- Ah, essa família! Essa família é conhecida por guardar ressentimentos e ter poucos amigos. Além disso, é tão pobre como um pastor da Apúlia. Como podes então afirmar peremptoriamente que a testemunha é

absolutamente íntegra?

- Porque este Cláudio é muito pouco representativo dessa família

- respondeu Cina, decidido a acabar com as esperanças de Mário. A sua reputação na tenda *contubernalis* e em toda a equipa do falecido Lúcio Catão é superlativa. Compreenderás melhor as minhas palavras quando te encontrares com ele. É de uma lealdade ímpar em relação aos outros cadetes - é o mais velho - e nutre pelo teu filho uma afeição genuína. E também demonstra uma grande compreensão em relação ao que o teu filho fez, devo acrescentar. Lúcio Catão não era popular entre os seus oficiais, e ainda menos entre os seus soldados.

- E no entanto Públio Cláudio acusou o meu filho.

- Achou que era esse o seu dever.

- Ah, sim, estou a ver! Um moralista hipócrita! Mas Cina contestou-o.



- Não, Caio Mário, de modo nenhum! Pensa por um momento como comandante, e não como pai! Pulcro é

um belíssimo romano, tão consciente dos seus deveres como da família que tem. O que ele fez foi cumprir o seu dever, ainda que

isso não lhe agradasse. Esta é a verdade.

Quando Mário tentou levantar-se, o seu cansaço tornou-se mais visível; estava já habituado a levantar-se sem a ajuda, e agora não conseguia mexer-se sem o apoio do sobrinho. Lúcio Decúmio, digno representante da ralé romana, deu uma volta, colocando-se ao lado de Mário, e pigarreou. Os seus olhos, que não largavam Cina, tentavam dizer qualquer coisa, como que uma mensagem.

- Desejas dizer alguma coisa? - perguntou Cina.

- Lúcio Cina, peço-te humildemente perdão, mas gostaria de saber se o julgamento do jovem Caio Mário é amanhã.

Cina pestanejou, surpreendido.

- Não. Pode ser depois de amanhã.

- Então, se não te importas, permite que o julgamento seja depois de amanhã. Amanhã, quando se levantar, e não se vai levantar por certo muito cedo, Caio Mário precisará de exercício. Sabe, ele acaba de fazer uma longa viagem sentado numa carruagem. - Decúmio falava devagar, procurando não dar pontapés na

gramática. - Actualmente, o exercício que ele faz é montar, três horas todos os dias. E amanhã terá de fazer o seu exercício habitual. E, claro, também precisa de falar com esse cadete, Públio Cláudio. O jovem Caio Mário é acusado de um crime capital, e um homem com a importância de Caio Mário tem direito a investigar o caso, não é verdade? Eu acho que seria melhor se Caio Mário se encontrasse com esse cadete num

ambiente... como é que se diz?... num ambiente informal. Não nesta tenda. Nenhum de nós quer que as coisas se tornem piores do que já são, não é verdade? De modo que eu achava que era uma boa ideia se

organizássemos um passeio a cavalo amanhã à tarde, com todos os cadetes. Incluindo Públio Cláudio.

Cina estava intrigado com aquela conversa. Suspeitava que o tentavam empurrar para algo de que se

arrependeria mais tarde. Nesse instante, o rapaz, que se encontrava à esquerda de Mário, pôs um sorriso encantador e piscou-lhe o olho.

- Por favor, desculpa Lúcio Decúmio - disse o jovem César. Ele é o mais devotado cliente do meu tio. E além disso é um tirano! Não descansa enquanto não lhe fazem as vontades.



- Não posso permitir que Caio Mário tenha encontros privados com Públio Cláudio antes da audição - disse Cina com um ar atrapalhado.

Mário mantivera uma expressão de profundo ultraje enquanto decorrera aquela conversa; mal Cina acabou de falar, virou-se para o jovem César e para Lúcio Decúmio com uma expressão tão furibunda que Cina chegou a temer que o Grande Homem fosse de novo acometido de apoplexia.

- Mas que disparate vem a ser este? - berrou Mário. - Eu não preciso de ver esse jovem modelo, esse escravo do dever, seja em que circunstâncias for! Tudo o que quero é ver o meu filho e assistir ao seu julgamento!

- Ora, Caio Mário, por favor não te excites! - disse Lúcio Decúmio num tom bajulador. - Depois de um

passeiozinho a cavalo amanhã à tarde, sentir-te-ás muito melhor para assistir ao julgamento.

- Ah, que os deuses me defendam destes idiotas que me tratam como um inválido! - berrou Mário, disparando para fora da tenda

sem ajuda. - Onde é que está o meu filho? Onde é que está o meu filho?

O jovem César deixou-se ficar na tenda enquanto Lúcio Decúmio corria atrás do furibundo Mário.

- Não ligues, Lúcio Cina - disse o filho de Aurélia, exibindo de novo o seu fascinante sorriso. - Eles estão sempre a discutir, mas Lúcio Decúmio tem razão. Amanhã, Caio Mário vai precisar de descansar e de fazer o exercício habitual. Este caso deixou-o muito perturbado. Estamos a fazer tudo para que o seu processo de recuperação não sofra qualquer precalço grave.

- Claro, claro, eu compreendo - disse Cina, afagando o rapaz paternalmente no ombro; ele era demasiado alto para que o afagasse na cabeça. - Mas será melhor que eu conduza Caio Mário até ao filho.

- Pegou num archote e encaminhou-se para Mário. - Segue-me, Caio Mário, vou levar-te ao teu filho. Ele está sozinho numa tenda guardada por soldados e não está autorizado a falar com ninguém.

- Por certo sabes que o teu julgamento não é definitivo - disse Mário. - Se a sentença for desfavorável para o meu filho, farei tudo para que ele seja julgado pelos seus pares em Roma.

- Eu sei - retorquiu Cina.

Quando pai e filho se viram, o jovem Mário lançou ao pai um olhar algo furioso, mas procurou controlar-se.

Até que viu entrar Lúcio Decúmio e o jovem César.



- Para que é que trouxeste estas tristes figuras contigo? - perguntou.

- Porque não podia fazer a viagem sozinho - disse Mário, acenando para que Cina os deixasse

sozinhos. Depois, com a ajuda dos seus companheiros, sentou-se na única cadeira que havia na

tenda. - Então, meu filho, o teu mau génio acabou por te causar um sério problema. Era de prever -

disse Mário, num tom que não denotava compaixão, nem qualquer interesse pelo que o filho teria a

dizer em sua defesa.

O jovem Mário fitou-o espantado, parecendo procurar um sinal qualquer que não havia na

expressão do pai. Depois, com um suspiro soluçado, exclamou:

- Mas eu não o matei, pai!

- Óptimo - retorquiu cordialmente Mário. - Afirma isso até ao fim e tudo correrá bem.

- Achas que sim? Como é possível que tudo corra bem se Públio Cláudio jura e jurará que eu matei

Catão?

Mário levantou-se de súbito. Era um homem amargamente desiludido.

- Se afirmares a tua inocência, meu filho, prometo-te que nada te acontecerá. Rigorosamente nada.

Na expressão do filho de Mário lia-se um alívio profundo; pensava que finalmente tinha recebido o

sinal.

- Vais arranjar as coisas, não vais?

- Eu posso arranjar muitas coisas, Caio Mário Júnior, mas nunca um julgamento num tribunal

militar presidido por um homem honrado.

- disse Mário, cansado. - Só no julgamento em Roma se poderá fazer qualquer coisa. Mas agora

segue o meu exemplo, e vai dormir. Vejo-te amanhã à tarde.

- Não te vejo antes? O julgamento não é amanhã?

- Não, o julgamento foi adiado um dia porque eu tenho de fazer os meus exercícios diários. De

outro modo, nunca ficarei em condições de disputar o consulado uma sétima vez. - À porta da

tenda, virou-se para o filho e sorriu-lhe com grotesca ironia. - Exercícios de equitação, assim

mandam os chatos dos meus acompanhantes. E serei apresentado ao homem que te acusa. Mas não

vou tentar convencê-lo a alterar a sua história, meu filho. Proibiram-me todas as conversas privadas

com ele. - Tomou fôlego, e acrescentou: - Eu, Caio Mário, ouvindo de um *simples pretor* instruções quanto à forma como devo comportar-me! Posso perdoar-te por teres matado um pseudo-chefe

militar que não ia fazer outra coisa senão deixar que o seu exército fosse ferozmente aniquilado.

Mas nunca te perdoarei o facto de me obrigares a fazer o papel de intermediário em negócios

obscuros!

No dia seguinte, pela tarde, quando os homens se juntaram para o passeio a cavalo, Caio Mário

mostrou-se escrupulosamente correcto em relação a Públio Cláudio Pulcro, um jovem moreno com

um ar envergonhado que, obviamente, desejaria estar em todo o lado menos ali. Mário seguia ao

lado de Cina, à frente do cortejo; atrás deles vinham o lugar-tenente de Cina, Marco Cecílio

Comuto, e o jovem César; na retaguarda, seguiam os cadetes. Depois de ter verificado que nenhum

dos presentes conhecia bem a zona, Lúcio Decúmio tomou a dianteira.

- A pouco mais de um quilómetro daqui, há uma vista magnífica de Roma - disse ele. - Exactamente

a distância que Caio Mário costuma percorrer.

- Como é que conheces tão bem Tíbur? - perguntou-lhe Mário.

- O meu avô materno era de Tíbur - retorquiu o chefe da expedição, enquanto os cavaleiros se

agrupavam em fila num caminho estreito e íngreme.

- Nunca me passou pela cabeça que tivesses algum sangue rural nesse teu indecoroso corpo - disse

Mário.

- De facto não tenho, Caio Mário - retorquiu jovialmente Decúmio em voz baixa. - Mas sabes como

são as mulheres! A minha mãe trazia-nos para aqui todos os Verões.

Estava um belo dia e o sol era quente, mas uma brisa fria soprava nos rostos dos cavaleiros.

Ouviam-se já as águas revoltosas do Ânio, correndo ao fundo da ravina: ora um ruído tormentoso,

ora um murmúrio. Lúcio Decúmio impunha um ritmo lento ao passeio e o tempo ia passando quase

imperceptivelmente. Só o prazer evidente de Mário fazia com que os restantes cavaleiros sentissem

que aquele passeio tinha algum interesse. Considerando uma provação intolerável o encontro que

deveria ter com o pai do jovem Mário, Públio Cláudio Pulcro conseguiu, no entanto, acalmar-se o

suficiente e conversar normalmente com os dois outros cadetes, enquanto Cina, escoltando Mário,

perguntava a si mesmo se Mário tentaria abordar Públio Cláudio durante o passeio. Cina estava

convencido de que esse era o verdadeiro objectivo daquele passeio. Cina também era pai, e sabia

que teria recorrido a todos os

694

estratagemas possíveis se o seu filho estivesse nas mesmas condições que o jovem Mário.

- É ali! - exclamou orgulhoso Lúcio Decúmio, fazendo parar o seu cavalo para que os outros cavaleiros seguissem à sua frente. - Só por esta visita valeu a pena o passeio, não estão de acordo?

De facto, era uma vista soberba. Os cavaleiros encontravam-se sobre um pequeno rochedo saliente, na

vertente de uma montanha, num local onde um qualquer cataclismo fizera abater uma parte da encosta e um penhasco caíra rotundamente na planície. Viam-se as águas apressadas, pintalgadas de branco, do Ânio, correndo para o Tibre, um fio azul, serpenteante, que vinha do norte. E para lá do ponto onde os dois rios se juntavam ficava Roma, uma extensa aguarela de cores muito vivas, com os seus telhados avermelhados e as estátuas brilhando no alto dos templos. O ar, muito claro, permitia mesmo que se visse ao longe, confundindo-se com o horizonte, uma pequena faixa do mar Toscano.

- Isto aqui é muito mais alto que Tíbur - disse Lúcio Decúmio atrás deles, enquanto, sem fazer barulho, descia do seu cavalo.

- Que pequena que é a cidade vista de tão longe! - exclamou Cina maravilhado.

Toda a gente queria ver, excepto Lúcio Decúmio, e os cavaleiros começavam a misturar-se. Decidido a não permitir que Mário tivesse

uma oportunidade de falar com Públio Cláudio, Cina afastou o seu cavalo e

também o de Mário quando os cadetes se aproximaram deles.

- Olhem! - exclamou o jovem César, aguentando o seu cavalo, que queria voltar para trás. - O aqueduto do Ânio! Não parece mesmo um brinquedo? É uma maravilha, não é? - As suas perguntas dirigiam-se a Públio Cláudio, que parecia tão encantado com a vista como o jovem César, e tão impaciente por gozar das suas delícias.

O jovem César e Públio Cláudio aproximaram-se da beira do precipício o mais que os seus cavalos

permitiram. Durante um largo momento, fitaram encantados a cidade de Roma; de olhos saciados, sorriram um para o outro.

Como aquela era de facto uma vista magnífica, as atenções dos cavaleiros, à excepção de Lúcio Decúmio, concentraram-se inteiramente na paisagem. Por isso, ninguém reparou quando Lúcio Decúmio tirou da sua bolsa um pequeno objecto em forma de Y, tal como ninguém o viu meter um pequeno e aguçado espigão de

metal no meio de uma

# 695

tira de pelica presa às pontas do pequeno objecto de madeira em forma de Y. Com o mesmo ar

descontraído com que bocejaria ou se coçaria, ergueu o pequeno objecto de madeira ao nível dos

olhos, esticou o mais que pôde a tira de pelica, fez cuidadosamente pontaria e lançou o minúsculo

espigão.

O cavalo de Públio Cláudio relinchou, empinou-se, as pernas dianteiras golpeando no ar;

instintivamente, Públio Cláudio agarrou-se à crina do cavalo para não cair. Desprezando o facto de

que também ele poderia correr perigo, o jovem César encostou-se ao pescoço do seu cavalo e

agarrou no freio do outro cavalo. Tudo isso se passou tão depressa que só um facto ficou na

memória das pessoas: que o jovem César agira com uma coragem e uma presença de espírito

invulgares para a sua idade. O seu cavalo, porém, entrou em pânico, empinou-se também, e foi

chocar de lado com a montada de Públio Cláudio. Cavalos e cavaleiros despenharam-se nesse

instante, mas o filho de Aurélia, no momento da queda, conseguiu equilibrar-se na ponta da sua sela

e saltar para as paredes do penhasco. Depois, com toda a sua energia, trepou até cima.

Todos os homens tinham descido dos seus cavalos e corrido para a beira do precipício, os rostos

lívidos, os olhos esbugalhados, unicamente preocupados de início em saber se o jovem César estava

bem. Depois, com o jovem César à frente (e respirando mais facilmente que todos os outros),

olharam para o fundo da escarpada ravina. Lá estavam os corpos desconjuntados dos dois cavalos.

E o cadáver de Públio Cláudio Pulcro. O silêncio era total. Não ouviram nenhum grito de socorro,

apenas o suspirar do vento. Nada se movia. Nem mesmo um falcão que ensaiara um voo e parara a

meio.

- Anda, vem-te embora! - ouviu-se. Era Lúcio Decúmio, que pegou no jovem César pelo ombro e

assim o levou para longe do penhasco. Ajoelhado, Decúmio apalpou cuidadosamente o rapaz para

ver se não haveria algum osso partido. - Porque é que fizeste aquilo?

- perguntou ele muito baixo, de modo a que só o jovem o pudesse ouvir.

- Tinha de fazer com que a cena parecesse convincente! - murmurou o rapaz. - Por um momento,

pensei que o cavalo dele não cairia. Era melhor ter a certeza. Eu sabia que escaparia.

- E como é que soubeste o que eu ia fazer? Nem sequer estavas a olhar para mim!

696

O jovem César suspirou, exasperado.

- Ora, Lúcio Decúmio! Eu conheço-te! E eu sei muito bem porque é que Caio Mário te pediu que viesses.

Pessoalmente, pouco me preocupa o que possa acontecer ao meu primo, mas não quero que Caio Mário e a

nossa família caiam em desgraça. Boato é uma coisa. Uma testemunha é outra coisa, completamente

diferente.

Com o queixo encostado ao cabelo muito louro do rapaz, Lúcio Decúmio cerrou os olhos, tão exasperado com o filho de Aurélia.

- Mas tu arriscaste a tua *vida]*

- Não te preocupes com a minha vida. Eu sei tratar dela. Quando deixar de tratar da minha vida, será porque ela já não terá qualquer uso. - O rapaz libertou-se do abraço de Lúcio Decúmio e foi certificar-se se Caio Mário estava bem.

Confuso e abalado, Lúcio Cornélio Cina encheu uma taça de vinho para si e outra para Caio Mário mal

chegaram à tenda. Lúcio Decúmio tinha ido pescar com o jovem César para as cascatas do Ânio, e o resto do grupo reagrupava-se agora para formar um outro grupo, que iria buscar o cadáver de Públio Cláudio Pulcro.

- No que me diz respeito a mim e ao meu filho, devo dizer que este acidente veio mesmo a calhar - disse Mário com alguma rudeza, bebendo um bom gole de vinho. - Sem Públio Cláudio, não pode haver

julgamento.

- Foi um acidente - disse Cina, aparentemente mais preocupado em convencer-se a si mesmo. - Só pode ter sido um acidente!

- Tens toda a razão. Não poderia ter sido outra coisa. Por pouco não ia perdendo um rapaz que é melhor que o meu filho.

- Pensei que o rapaz não ia escapar.

- Ah, aquele rapaz é a esperança personificada! - exclamou Mário, satisfeito. - No futuro, terei de estar com atenção aos seus movimentos. Caso contrário, ainda é capaz de me eclipsar!

- Ah, que história esta! - lamentou-se Cina.

- Não é um bom auspício para um homem que acabou de ser promovido a general, lá isso é verdade - disse Mário afavelmente.

- Sair-me-ei melhor do que Lúcio Catão! Mário sorriu.

- Será difícil fazer pior que Lúcio Catão. No entanto, e muito sinceramente, penso que cumprirás

exemplarmente a tua missão, Lúcio

Cina. E estou-te muito grato pela tua paciência. Muito grato mesmo! Algures num remoto recanto

da sua consciência, Cina teve a sensação de que ouvia já retinir uma cascata de moedas - ou seria o

Ânio, onde aquele rapaz extraordinário pescava alegremente como se nada se tivesse passado, como

se nada pudesse perturbar o seu comportamento?

- A quem devemos obediência em primeiro lugar, Caio Mário? perguntou de súbito Cina.

- Em primeiro lugar, Lúcio Cina, devemos obediência à nossa família.

- E não a Roma?

- Mas que é Roma, senão as famílias de Roma?

- Sim... sim, suponho que tens razão. E aqueles que, por nascimento, ou porque lutaram por isso, se

encontram em lugares cimeiros, têm de lutar para que as suas famílias se mantenham num lugar

cimeiro.

- Exactamente - disse Caio Mário.

## LUCIUS **CORNÉLLIUS SULLA**

Depois de ter metido um tremendo susto (para usar as palavras do filho de Aurélia) a Catão, obrigando-o a deslocar-se para as terras dos Marsos, Sila tratou de dar os passos necessários para recuperar todos os territórios de Roma ocupados pelos Italianos. Embora oficialmente continuasse a ser um lugar-tenente, Sila era, na realidade, o comandante-chefe do teatro do Sul, e sabia que não

depararia com a mínima interferência do Senado ou dos cônsules - desde que, evidentemente, obtivesse bons resultados. A Itália estava cansada; um dos seus dirigentes, o marso Silão, só não se rendia, cria Sila, por causa do outro, Caio Pápio Mutilo. Sila sabia que o dirigente samnita nunca se renderia. Tinha por isso de mostrar-lhe que a sua causa estava irremediavelmente perdida.

O movimento inicial de Sila foi tão secreto quanto extraordinário, mas Sila tinha o homem certo para uma missão que ele não poderia executar. Caso resultasse, o seu plano marcaria o princípio do fim da resistência dos Samnitas e dos seus aliados do Sul. Sem dizer a Catulo César, sediado em Cápua, por que razão ia buscar as duas melhores legiões da Campânia, Sila mandou-as embarcar numa frota ancorada no porto de Putéolos.

O comandante destas duas legiões era o lugar-tenente de Sila, Caio Coscónio, cujas ordens eram explícitas.

Deveria dar a volta à ponta da península e desembarcar na costa oriental, perto de Apenestas, na Apúlia. O

primeiro terço da viagem - ainda na costa ocidental podia decorrer com terra à vista. Qualquer observador inimigo instalado na Lucânia pensaria que a frota seguia para a Sicília, onde corriam boatos de revolta.

Durante o segundo terço da viagem, a frota devia manter-se perto da costa e parar para reabastecimento em localidades como Crotona, Tarento e Brundísio, onde poderiam dizer que iam para a Ásia Menor pôr cobro aos conflitos que por lá se registavam (aliás, fora esta a história contada aos próprios soldados). E quando a frota abandonasse o porto de Brundísio, no último terço da viagem (também o mais curto), toda a Brundísio estaria convencida de que aquelas legiões iriam atravessar o Adriático, em direcção a Apolónia, na Macedónia Ocidental.

- Depois de Brundísio - disse Sila a Coscónio - não desembarcarão uma única vez antes de

atingirem o objectivo final. Quanto ao local de desembarque exacto, deixo-o ao teu critério.

Aconselho-te apenas a que escolhas um local tranquilo. E não ataques enquanto não estiveres

completamente preparado. A tua missão consiste em libertar a Via Minúcia a sul de Larino e a Via

Ápia a sul de Áusculo Apulo. Depois, concentra as tropas no Sâmnio Oriental. Por essa altura,

estarei já a caminho, a fim de me encontrar contigo.

Excitado por ter sido o eleito para aquela missão vital e confiante em que ele e os seus homens

tinham todas as condições para cumprir com êxito tal missão, Coscónio escondia o seu entusiasmo e

escutava gravemente as palavras de Sila.

- Não te esqueças disto, Caio Coscónio: a viagem por mar deve ser lenta - avisou-o Sila. - Não mais

de vinte e cinco milhas por dia, a maior parte das vezes. Estamos em fins de Março. Tens de

desembarcar algures a sul de Apenestas dentro de cinquenta dias. Se desembarcares demasiado

cedo, não terei tempo para completar a minha parte do plano. Preciso desses cinquenta dias para

reconquistar todos os portos do golfo de Cráter e expulsar Mutilo da Campânia Ocidental. Depois,

poderei seguir para leste. Mas nunca antes.

- Ainda bem que disponho de cinquenta dias, Lúcio Cornélio, porque é muito difícil dar a volta à

ponta da península. É um trabalho raramente coroado de êxito - disse Coscónio.

- Se for preciso remar, que remem - disse Sila.

- Passados esses cinquenta dias, estarei onde combinámos, Lúcio Cornélio. Podes estar certo disso.

- Sem perder um único homem e ainda menos um navio.

- Todos os navios têm bons capitães e melhores pilotos, e, do ponto de vista logístico, não posso de

modo nenhum queixar-me, bem pelo contrário. Não te deixarei ficar mal, Lúcio Cornélio.

Chegaremos a Brundísio tão depressa quanto possível e esperaremos lá o tempo necessário, nem

menos nem mais um dia - disse Coscónio.

- Óptimo! E lembra-te duma coisa, Caio Coscónio. A tua mais poderosa aliada chama-se Fortuna.

Faz-lhe oferendas todos os dias sem excepção. Se ela te ama tanto quanto me ama a mim, tudo

correrá bem.

A frota de Coscónio deixou Putéolos no dia seguinte para afrontar mar e tempestades, para cumprir

uma missão cujo êxito dependia basicamente da sorte. Logo que os navios partiram, Sila regressou

a Cápua e daí avançou sobre Pompeios. Seria um ataque conjunto, por terra e mar, pois Pompeios

dispunha de um porto soberbo perto da foz do Sarno; Sila tencionava bombardear a cidade com

projécteis inflamados, lançados pelos seus navios ancorados no rio.

Uma dúvida pairava na sua mente, ainda que se tratasse de algo que já não podia rectificar; a sua

pequena frota era comandada por um homem de quem não gostava e em quem não confiava

minimamente

- nada mais nada menos do que Aulo Postúmio Albino. Vinte anos antes, fora esse mesmo Aulo

Postúmio Albino quem provocara a guerra contra o rei Jugurta da Numídia. E Aulo Postúmio

Albino continuava

o mesmo.

Depois de Sila lhe ter ordenado que conduzisse os seus navios de Nápoles para Pompeios, Aulo

Albino decidiu que, primeiro que tudo, os seus homens, tanto tripulantes como soldados, tinham de

ficar a saber que espécie de homem ia comandá-los - e o que lhes aconteceria caso não cumprissem

à risca toda e qualquer ordem que da sua boca saísse. Mas os tripulantes e os soldados eram todos

homens da Campânia, descendentes de Gregos, e, para eles, todas as palavras proferidas por Aulo

Albino equivaliam a insultos intoleráveis. Tal como Catão, Aulo Albino também foi alvejado por

uma tempestade de projécteis. Só que, desta feita, os projécteis não eram bocados de terra, mas

pedras. E Aulo Postúmio Albino não resistiu à violência dos ferimentos: foi uma morte rápida, a

sua.

Afortunadamente, Sila não ia ainda muito longe na sua marcha quando soube da notícia do

assassínio de Albino; deixando as suas tropas sob o comando de Tito Dídio, Sila, montado na sua

mula, seguiu então para Nápoles, a fim de se encontrar com os cabecilhas do motim. Levou consigo

Metelo Pio, o Suíno, o seu outro lugar-tenente. Imperturbável, ouviu tudo o que os amotinados lhe

queriam dizer, após o que, num tom perfeitamente frio, lhes retorquiu:

- Receio bem que tenham de tornar-se os melhores marinheiros e soldados da história da guerra

naval romana. De outro modo, como poderei esquecer que mataram Aulo Albino?

Sila nomeou então Públio Cabínio almirante da frota e assim punha um termo ao motim.

704

Metelo Pio, o Bacorinho, só o abordou já no regresso. Não conseguia reprimir por mais tempo uma

pergunta perturbante.

- Lúcio Cornélio, não lhes vai dar nenhum castigo?

Sila ergueu ligeiramente o chapéu para mostrar ao Bacorinho um par de olhos serenamente

divertidos.

- Não, Quinto Cecílio, não lhes vou dar castigo nenhum.

- Devias ter-lhes retirado a cidadania e ordenado que os açoitassem!

- Sim, isso é o que a maior parte dos comandantes teria feito com o que revelam que são uns idiotas.

Mas como tu pertences, sem a mínima dúvida, a esse lote de comandantes idiotas, vou explicar-te

porque procedi desta maneira. Precisas de aprender a pensar pela tua própria cabeça.

Erguendo a mão direita, Sila descreveu uma a uma as razões do seu procedimento.

- Em primeiro lugar, não podemos dar-nos ao luxo de perder aqueles homens. São homens que

foram treinados por Otacílio e têm muita experiência. Em segundo lugar, admiro o seu notável bom

senso, porque se libertaram de um homem que era um péssimo comandante e que, muito

provavelmente, tê-los-ia conduzido à morte. Em terceiro lugar, *eu* não queria Aulo Albino! Mas ele era um *consular,* e eu não podia rejeitá-lo.

Com os três dedos erguidos, Sila virou-se na sua sela para fitar o infeliz Metelo Pio.

- Vou dizer-te uma coisa, Quinto Cecílio. Se as coisas fossem feitas à minha maneira, não haveria

lugar na minha equipa para homens tão ineptos e quezilentos como Aulo Albino, o falecido cônsul

Lupo, e o nosso cônsul actual, Catão Liciniano. Dei a Aulo Albino um comando naval porque

pensei que em terra seria muito pior do que no mar. Por isso, como poderia eu castigar aqueles

homens, se eles fizeram o que eu teria feito em circunstâncias similares?

Mas Sila ergueu de imediato mais um dedo.

- Em quarto lugar, estes homens ficaram numa posição muito difícil. Isto é, se não fizerem o seu

trabalho bem feito, sou realmente muito capaz de lhes retirar a cidadania e de os mandar açoitar, o

que significa que não têm outra alternativa senão lutar como umas bestas selvagens. E em quinto

lugar - aí chegado, teve de recorrer ao polegar -, estou-me marimbando para a quantidade de ladrões

e assassinos que possa haver nas minhas forças. O que é preciso é que eles combatam



como bestas selvagens. - Baixou então a mão, golpeando o vazio como um machado de um bárbaro.

Metelo Pio abriu a boca, reflectiu um pouco no que ia dizer e tomou a inteligente decisão de não

dizer nada.

No local onde a estrada para Pompeios se dividia em duas ramificações, uma na direcção da Porta

Vesuviana, e a outra na direcção da Porta Herculânia, Sila instalou as suas tropas num

acampamento convenientemente fortificado. Enquanto se instalava no acampamento protegido por

trincheiras e reparos, a sua esquadra começava a disparar projécteis incendiários para dentro de

Pompeios, com tal rapidez e eficiência que mesmo o mais velho e experiente dos centuriões teria

ficado surpreendido ao ver tal quadro; os rostos assustados que assomavam às muralhas revelavam

que aquele era um tipo de operação de que ninguém estava à espera e que tornava a defesa de

Pompeios muito mais difícil. O fogo era pior que tudo.

No dia seguinte, ficou a saber-se que os samnitas de Pompeios tinham enviado frenéticos pedidos

de socorro. De facto, no dia seguinte, um exército samnita, contando mais dez mil homens que o

exército romano, chegou e instalou-se não muito longe do acampamento de Sila. Um terço dos vinte

mil soldados de Sila encontravam-se ausentes em missões de abastecimento. Com uma expressão

preocupada, Sila, acompanhado de Metelo Pio e Tito Dídio, observou das muralhas o que se

passava à sua volta, e escutou os gritos de mofa e os apupos que o vento trazia desde as muralhas da

cidade - ruídos que o deixavam tão inquieto como o aparecimento de um exército samnita.

- Mandem soar o alarme - disse ele aos seus lugares-tenentes. Tito Dídio deu um passo mas Metelo

Pio logo o deteve.

- Lúcio Cornélio! Nós não podemos fazer nada contra aquele exército! Eles vão esmagar-nos! -

exclamou Metelo Pio, o Bacorinho.

- Nós não podemos fazer nada! - repetiu Sila, revelando como estava furioso pelo facto de as suas

ordens terem sido postas em causa. - Quem está ali é Lúcio Cluêncio e ele tenciona lá ficar. Se o

deixo construir um acampamento tão forte como o nosso, voltaremos a ter um caso igualzinho ao de

Acerras. E eu não vou manter quatro boas legiões num sítio destes durante meses a fio, nem quero

que Pompeios mostre aos outros portos rebeldes que Roma não consegue reconquistá-los! E se isto

não é razão suficiente para atacarmos imediatamente, então pensa no seguinte, Quinto Cecílio:

pensa que



quando os soldados que saíram em missão de abastecimento regressarem, vão ter pela frente um exército samnita sem que ninguém os tenha avisado, e que nenhum desses soldados sobreviverá! Dídio lançou um

olhar de desprezo a Metelo Pio.

- Vou mandar soar o alarme - disse ele, libertando o braço. Com um capacete na cabeça, em vez do habitual chapéu, Sila

subiu à tribuna do Fórum do acampamento a fim de falar aos cerca de treze mil homens de que dispunha.

- Todos sabemos o que nos espera! - gritou. - Uma multidão de samnitas! Serão quase três samnitas para cada um de nós! Mas Sila está farto das derrotas de Roma frente aos samnitas! Sila está farto de ver as cidades romanas ocupadas pelos samnitas! De que vale estarmos vivos se Roma tem de se rojar aos pés do Sâmnio como um cãozinho bajulando o seu dono? Não, *este* Romano que aqui vêem não quer que isso continue! Não, Sila não permitirá tal estado de coisas! Se tiver de sair e combater sozinho, sairei e combaterei

sozinho! Irei sozinho? Irei? Ou vêm todos comigo porque vocês também são Romanos e estão fartos dos Samnitas como

eu?

O exército respondeu-lhe em uníssono o ”sim” que ele aguardava. Sila aguardou então que eles se

preparassem para a batalha.

- Nenhum samnita ficará em Pompeios! - berrou ele de novo, ainda mais alto. - Porque Pompeios é *nossa!* Os samnitas mataram um milhar de romanos dentro das suas muralhas, e agora esses mesmos samnitas estão nas muralhas de Pompeios e julgam-se em segurança, e vaiam-nos e apupam-nos porque pensam que temos medo

de pôr na ordem um bando de miseráveis samnitas! Pois muito bem, nós vamos mostrar-lhes que eles se

enganam! Vamos saquear tudo o que os samnitas possam ter até que regressem os nossos soldados que saíram em missão de abastecimento. E quando eles regressarem, os *nossos* gritos de guerra guiá-los-ão para a batalha! Estão a ouvir? Aguentaremos os Samnitas até que os nossos soldados regressem e caiam sobre a retaguarda deles como verdadeiros Romanos que são!

Os soldados responderam-lhe de novo com portentosos vivas, mas Sila estava já longe da tribuna, de espada na mão; três colunas ordenadas de soldados saíram então pela porta da frente e pelas duas portas dos lados. E

era Sila quem comandava a coluna do meio.

Tão rápida foi a movimentação romana, que Cluêncio, que não estava à espera de uma batalha, quase não teve tempo de preparar as

suas tropas para a carga romana. Frio e corajoso, não recuou e integrou-se nas primeiras filas do seu exército.

Ressentindo-se da falta de soldados, o exército romano deparou com um primeiro problema quando tentou quebrar a linha samnita. Não o conseguiu. Mas Sila, chefiando ainda as suas tropas, recusou-se a recuar um milímetro que fosse, e os seus homens recusaram-se a deixá-lo sozinho. Durante horas a fio, romanos e samnitas travaram um combate homem a homem, constante, impiedoso. Houvera poucas batalhas naquela

guerra com confrontos homem a homem a cem por cento; ambas as partes compreenderam que o desfecho

daquela batalha teria inevitavelmente de afectar o desfecho da guerra.

Demasiados foram os bons legionários que caíram naquela batalha. Mas no momento em que Sila deveria em princípio ordenar às suas tropas que recuassem ou morressem, a linha samnita começou a tremer, a dobrar-se sobre si mesma. Os soldados romanos que tinham partido em missão de abastecimento haviam finalmente

regressado e atacavam agora a retaguarda samnita. Aos gritos de que Roma era invencível, Sila conduziu os seus homens com renovado vigor. Mesmo assim, só muito lentamente Cluêncio foi cedendo. Durante uma

hora conseguiu ainda manter o seu exército unido e capaz de lutar. Depois, quando viu que estava tudo perdido, juntou as suas tropas e, atravessando as hostes romanas que o atacavam pela retaguarda, fugiu na direcção de Nola.

Considerando-se o talismã da bravura italiana nas regiões do sul

- e sabendo que Roma não esquecera que, dentro das suas muralhas, tinham morrido de fome muitos soldados romanos -, Nola não podia dar-se ao luxo de pôr em risco a sua segurança. Cluêncio e mais de vinte mil soldados samnitas chegaram às muralhas da cidade com um ligeiro avanço sobre as tropas de Sila. Deram porém com todas as portas da cidade fechadas. Os magistrados de Nola, observando a cena do alto daquelas portentosas muralhas, recusaram-se de início a abrir as portas. Quando viram a vanguarda romana aproximar-se dos samnitas e preparar-se para atacar, decidiram-se finalmente a abrir a porta junto à qual se encontrava Cluêncio e que era uma das mais pequenas da cidade. E foi essa a única porta que abriram, por muito aflitivos que fossem os gritos dos soldados samnitas.

Ás portas de Pompeios travara-se uma batalha. Mas às portas de Nola o que se passou foi um verdadeiro massacre. Estupefacto perante



a deslealdade de Nola, acometido de pânico ao ver-se paralisado entre as espadas dos romanos e a secção norte das muralhas de Nola, o exército samnita sofreu uma derrota total. Quase todos os seus homens foram mortos. Foi o próprio Sila quem matou Cluêncio, que se recusou a procurar abrigo dentro de Nola, porque pela porta que tinham aberto não entraria mais de uma dúzia de homens.

Aquele fora o dia mais importante da vida de Sila. Aos cinquenta e um anos de idade, e tendo assumido por fim o comando de um teatro de guerra, aquela fora sua primeira grande vitória como comandante-chefe. E que vitória! O sangue dos homens que matara pingava-lhe pela armadura abaixo e a espada colava-se-lhe à mão direita por causa do sangue que entretanto coagulara; exalando um cheiro nauseabundo, a suor e a morte, Lúcio Cornélio Sila observava o campo de batalha. A certa altura, tirou o capacete da cabeça e lançou-o ao ar com um grito de profundo júbilo. Em resposta ao seu

grito, pôde então ouvir um ruído gigantesco, um ruído que abafava por completo os gemidos e os gritos dos soldados samnitas moribundos, um ruído que crescia inexorável, transformando-se num cântico.

- *Im-pe-ra-tor! Im-pe-ra-tor! Im-pe-ra-tor!*

Os soldados gritaram esse título até ficarem roucos. Aquele era o triunfo máximo: o vencedor aclamado imperador no campo de batalha. O triunfo máximo, pensava Lúcio Cornélio Sila, sorrindo euforicamente, a espada por sobre a cabeça, o cabelo muito louro empapado em suor secando ao sol que se desvanecia já no céu, o coração tão feliz que nem uma palavra conseguiria dizer, caso fosse preciso dizer alguma coisa. Eu, Lúcio Cornélio Sila, provei, sem margem para dúvida, que um homem tão capaz como eu *pode* aprender aquilo que a sua natureza não lhe ensinou - e vencer a mais terrível batalha desta ou de qualquer outra guerra!

Ah, Caio Mário, espera só pela notícia! Não morras até eu voltar a Roma! Quero mostrar-te quão errado estavas! Eu sou tão bom comandante como tu! E serei melhor ainda! O meu nome tornar-seá mais falado,

louvado, famoso, que o teu. É justo que assim seja. Porque eu sou um patrício Cornélio e tu não passas de um labrego que veio dos montes latinos.

Mas havia trabalho a fazer, e ele era um patrício romano. Tito Dídio e Metelo Pio, este numa curiosa atitude de quem se sentia subjugado pelo comandante, foram ter com ele. Os olhos brilhantes dos dois lugares-tenentes fitaram-no com respeito, com uma adoração que Sila



só encontrara até então nos olhos de Julilla e Dalmática. Mas Tito Dídio e Metelo Pio eram *homens,* Lúcio Cornélio Sila! Homens

valorosos, homens com uma reputação firmada - Dídio dominara a

Hispânia e Metelo Pio era o herdeiro de uma grande casa, de uma casa nobre. As mulheres não

passavam de umas criaturas idiotas, sem a mínima importância. Os homens, sim, os homens é que

contavam. Especialmente homens como Tito Dídio e Metelo Pio. Durante todo o tempo em que

servi sob as ordens de Caio Mário, nunca vi um homem olhar para ele com tanta adoração!, pensou

Sila. Hoje obtive mais do que uma mera vitória. Porque dei um sentido a todo o decurso da minha

vida, porque justifiquei Stichus, Nicópole, Clitumna, Hércules Atlas, Metelo Numídico Suíno. Hoje,

provei que a vida que levei para conseguir chegar a este campo de batalha às portas de Nola era

uma vida que eu não merecia. Hoje, começo a compreender o Nabopolassar da Caldeira - eu *sou* o maior homem do mundo, desde o oceano Atlântico até ao rio Indo!

- Trabalharemos durante toda a noite - disse ele energicamente para Dídio e Metelo Pio -, a fim de

que, pela aurora, os cadáveres samnitas estejam já todos despojados das armaduras e empilhados e

os nossos mortos estejam preparados para a pira. Sei que foi um dia muito cansativo, mas ainda não

acabámos. Só quando acabarmos poderemos descansar. Quinto Cecílio, reúne uns quantos homens,

os mais capazes que encontrares, e vai a Pompeios tão depressa quanto possível. Traz pão e vinho

que cheguem para todos, e traz também os não combatentes e manda-os procurar madeira e óleo.

Temos uma verdadeira montanha de cadáveres para queimar.

- Mas não temos cavalos, Lúcio Cornélio! - disse Bacorinho com uma voz sumida. - Nós viemos a

pé até Nola! Mais de trinta quilómetros em quatro horas!

- Então procurem cavalos! - retorquiu friamente Sila. - Quero-vos de volta ao nascer do dia. -

Virou-se para Dídio. - Tito Dídio, encarrego-te de escolher os homens que devem ser agraciados

por feitos cometidos na batalha. Logo que incinerarmos os nossos mortos e os mortos dos inimigos

voltaremos a Pompeios, mas quero que uma legião de Cápua fique aqui, diante das muralhas de

Nola. E diz aos arautos que anunciem aos habitantes de Nola que Lúcio Cornélio Sila fez um voto a

Marte e a Belona: que, a partir de agora, Nola verá soldados romanos à volta das suas muralhas, até

que decida render-se, demore isso dias, meses ou anos.

710

Antes que Dídio ou Metelo Pio pudessem partir, o tribuno dos soldados, Lúcio Licínio Lúculo, surgiu à frente de uma representação de centuriões: oito *séniores, primi pili* e *pili priores.* Caminhavam

gravemente, solenemente, como padres num desfile sagrado ou cônsules prestes a serem empossados nos seus cargos.

- Lúcio Cornélio Sila, o teu exército deseja manifestar a sua gratidão oferecendo-te algo. Sem ti, o exército teria sido derrotado e os soldados teriam morrido. Tu lutaste na primeira linha e mostraste-nos a nós todos o caminho a seguir. Não vacilaste um momento na marcha até Nola. A ti, unicamente a ti, se deve a maior vitória de toda esta guerra. Salvaste o teu exército e mais do que o teu exército. Salvaste Roma. Lúcio Cornélio, prestamos-te as nossas honras - disse Lúculo, recuando, a fim de que os centuriões avançassem.

O mais velho dos centuriões ergueu então os braços e estendeu-os na direcção de Sila. Nas suas mãos tinha uma coroa feita de ervas arrancadas no campo de batalha e entrelaçadas desajeitadamente, ervas misturadas com raízes, terra, folhas e sangue. *Carona graminea. Corona obsidionalis. A* Coroa de Erva. E Sila, instintivamente, estendeu também os braços, e depois deixou-os cair, pois desconhecia por completo aquele ritual. Era ele que pegava na coroa e a punha na cabeça, ou era o *primus pilus* Marco Canuleio que o coroava, em nome de todo o exército?

Decidiu então ficar parado, enquanto Canuleio, um homem de elevada estatura, erguia a Coroa de Erva e a colocava sobre o cabelo louro-arruivado.

Nada mais foi dito. Tito Dídio, Metelo Pio, Lúculo e os centuriões saudaram reverentemente Sila, sorriram-lhe timidamente, e foram-se embora. Sila ficou sozinho, fitando o Sol que nesse instante desaparecia no horizonte, com a Coroa de Erva na cabeça, uma coroa tão frágil que mal sentia o seu peso, as lágrimas correndo-lhe pelo rosto manchado de sangue, e um único sentimento no coração: uma exultação, uma euforia tão violenta, algo que não sabia se alguma vez se repetiria. Teria forças para voltar a viver um tal sentimento?

E qual era o reverso dessa exultação? Que poderia a vida oferecer-lhe agora? Nesse momento, lembrou-se do filho. A alegria desaparecia antes de ter tido tempo para a gozar. Agora, dominava-o a dor, uma dor tão profunda que o fez cair de joelhos e chorar desoladamente.

711

Alguém ajudou-o a levantar-se, limpou-lhe o ranho e as lágrimas, abraçou-o pela cintura e ajudou-o

a caminhar até uma pedra enorme junto à estrada de Nola. Aí, o mesmo homem ajudou-o a sentar-

se, e sentou-se depois ao seu lado: era Lúcio Licínio Lúculo, o tribuno sénior dos soldados.

O Sol mergulhara já no mar Toscano. O dia mais glorioso da vida de Sila chegava ao seu termo

envolto em trevas. Deixou cair os braços entre as pernas frouxas, respirou fundo várias vezes e deu

consigo a pôr a si mesmo a mesma pergunta de sempre: Porque nunca me sinto feliz?

- Não tenho vinho para te oferecer, Lúcio Cornélio. Nem vinho, nem água - disse Lúculo. - Saímos

de Pompeios com um único pensamento na cabeça: apanhar Cluêncio, dar cabo dele.

Sila soltou um profundo suspiro e endireitou-se.

- Eu cá me aguento, Lúcio Lúculo. Como diz uma amiga minha, há sempre trabalho para fazer.

- O trabalho fazemo-lo nós. Tu descansas.

- Não. Eu sou o comandante. Não posso descansar enquanto os meus homens trabalham. Um

minuto só, e ficarei bem. Eu *estava* bem enquanto não me lembrei do meu filho. O meu filho

morreu, deves saber. - As lágrimas voltaram, mas logo foram reprimidas.

Lúculo nada disse. Limitou-se a ficar sentado ao lado de Sila, quieto e calado.

Sila pouco sabia daquele jovem; eleito tribuno dos soldados pouco tempo antes, fora primeiro para

Cápua e só depois (poucos dias antes da marcha sobre Pompeios) o tinham encarregado do

comando de uma legião. Apesar de fisicamente ter mudado imenso - fora uma criança muito frágil e

agora era um homem extremamente robusto, Sila reconheceu-o.

- Tu e o teu irmão Varrão Lúculo processaram Servílio, o Augure, há dez anos, não foi? -

perguntou.

- Foi, sim, Lúcio Cornélio. O Augure foi responsável pela desgraça e pela morte do nosso pai, e

pela perda de toda a nossa fortuna. Mas pagou bem pago - disse Lúculo, o belo rosto agora mais

alegre, um sorriso aflorando-lhe os lábios.

- A guerra dos escravos na Sicília. Servílio, o Augure, substituiu o teu pai no cargo de governador

da Sicília. E mais tarde levou-o a tribunal.

712

- Exactamente.

Sila levantou-se, estendeu a mão direita para cumprimentar Lúcio Licínio Lúculo.

- Bom, Lúcio Licínio, tenho de te agradecer. A Coroa de Erva foi ideia tua?

- Não, Lúcio Cornélio. A ideia foi dos centuriões! Eles informaram-me de que a Coroa de Erva tem de ser atribuída pelos profissionais do exército e não pelos magistrados eleitos para servirem no exército. Decidiram levar-me porque um dos magistrados eleitos para o exército tem de ser testemunha da cerimónia. - Lúculo sorriu, e riu-se depois. - Além disso, suponho que eles não estão nada habituados a dirigir-se formalmente ao seu general! De maneira que acabei por aceder ao pedido deles e acompanhei-os.

Dois dias depois, o exército de Sila estava de novo no seu acampamento, frente a Pompeios. Estavam todos tão cansados que nem ligaram à comida. Durante vinte e quatro horas, reinou um silêncio total naquele acampamento: soldados e oficiais dormiam como os mortos que tinham queimado junto às muralhas de Nola, um insulto às narinas dos habitantes da cidade, que não comiam carne havia muito tempo.

A Coroa de Erva encontrava-se agora numa caixa de madeira que os criados de Sila tinham feito; quando Sila tivesse tempo, a coroa seria colocada sobre a cabeleira da máscara de cera que agora podia mandar executar.

Distinguia-se o suficiente para poder ir juntar-se às *imagens* dos seus antepassados, embora não tivesse sido ainda cônsul. E a sua

estátua, com uma Coroa de Erva na cabeça, iria para o Fórum Romano, erigida em

memória do maior herói da guerra contra os Italianos. Tudo aquilo lhe parecia algo irreal; mas tudo era verdade: e ali estava a Coroa de Erva, na sua caixa, a confirmá-lo.

Depois de descansarem e comerem, os homens formaram para a parada em que seriam atribuídas as

condecorações. Sila pôs então a sua Coroa de Erva na cabeça e, enquanto subia à tribuna, os soldados

saudaram-no com um ensurdecedor ror de vivas. A organização da cerimónia fora confiada a Lúculo, tal

como Mário fizera outrora em relação a Quinto Sertório.

Porém, enquanto agradecia as saudações entusiásticas dos soldados, Sila teve uma ideia que por certo nunca ocorrera a Mário, durante as



campanhas da Numídia e da Gália - embora talvez lhe tivesse ocorrido enquanto comandara as tropas contra os Italianos. Um mar de rostos, um mar de homens devidamente formados para a parada, devidamente

vestidos para a parada, um mar de homens que lhe pertencia, a ele, Lúcio Cornélio Sila. Estas são as *minhas* legiões! Pertencem-me a mim antes de pertencerem a Roma. Eu treinei-os, eu conheci-os, eu conduzi-os, eu dei-lhes a maior vitória desta guerra - e terei de lhes dar uma compensação quando passarem à reserva.

Quando me deram a Coroa de Erva, estavam também a dar-me uma outra oferta, muito mais significativa -

estavam a dar-se a si mesmos. A dar-se a mim. Podia levá-los a fazer o que quisesse. Podia mesmo levá-los a combater Roma. Uma ideia ridícula, sem dúvida: mas uma ideia que ocorreu a Sila naquele momento. E que logo se desvaneceu, talvez até um dia.

Pompeios rendeu-se um dia depois de os seus cidadãos terem assistido das muralhas à cerimónia de

condecoração; os arautos de Sila tinham anunciado a notícia da derrota de Lúcio Cluêncio defronte das muralhas de Nola, notícia que os habitantes de Pompeios tinham podido confirmar através de mensagens.

Bombardeada a todo o momento pelos navios ancorados no rio, a cidade vivia uma trágica situação. Cada projéctil incendiário era uma mensagem que significava que a ascendência italiana e samnita estava a

desaparecer, que a derrota era inevitável.

Depois de Pompeios, Sila, à frente de duas legiões, atacou Estábias, ao passo que Tito Dídio, com as outras duas, marchou sobre Herculano. No último dia de Abril, Estábias capitulava, o mesmo sucedendo, pouco

tempo depois, com Surrento. Em meados de Maio, Sila dava início a novas movimentações: seguia desta feita para leste. Catulo César enviara novas legiões para Tito Dídio, que mantinha ainda o cerco a Herculano, e por isso Sila pôde receber de volta as suas duas legiões. Embora só muito dificilmente tivesse aderido à

insurreição italiana, Herculano mostrava compreender na perfeição o que lhe aconteceria se se rendesse a Roma; mesmo depois de várias das suas ruas terem ardido em consequência de um bombardeamento naval,

Herculano continuava a desafiar Tito Dídio, apesar de os outros portos ocupados pelos italianos terem cedido havia muito.

Sila passou com as suas quatro legiões ao largo de Nola, embora tivesse mandado Metelo Pio, o Bacorinho, ter com o comandante da legião que cercava a cidade, com uma mensagem segundo a qual o



pretor Ápio Cláudio Pulcro só deveria abandonar o local após a total submissão de Nola. Ápio Cláudio, um homem abatido, que havia pouco tempo perdera a mulher, limitou-se a aquiescer.

No final da terceira semana de Maio, Sila chegou à cidade hirpina de Eclano, que ficava na Via Ápia. Os hirpinos tinham começado a concentrar-se nessa cidade, de acordo com os serviços de espionagem de Sila; mas não era sua intenção permitir mais concentrações de insurrectos do sul. Quando viu pela primeira vez as defesas de Eclano, Sila pôs o seu mais terrível sorriso: as muralhas da cidade, embora altas e bem construídas, eram de madeira.

Sabendo que os hirpinos tinham pedido já ajuda ao lucaniano Marco Lampónio, Sila instalou as suas forças sem se preocupar sequer em montar um acampamento. Em vez disso, mandou Lúculo à porta principal da

cidade exigir a rendição de Eclano. A resposta da cidade foi outra pergunta: poderia Lúcio Cornélio Sila esperar um dia para que Eclano ponderasse o problema e chegasse a uma decisão?

- Eles estão a ver se ganham tempo, é tudo. Esperam que os reforços de Lampónio cheguem amanhã - disse Sila a Metelo Pio, o Bacorinho, e a Lúculo. - Vou ter de pensar no caso de Lampónio. Não posso permitir que continue a fazer o que lhe apetece na Lucânia.

- Sila encolheu os ombros e, de repente, com um ar enérgico, retomou a questão que naquele momento os preocupava. - Lúcio Licínio, leva a minha resposta à cidade. Dou-lhes uma hora, não mais. Quinto Cecílio, pega no máximo número de homens que for possível e dá uma volta pelas quintas dos arredores: traz muita madeira e óleo para queimar. Empilha a madeira com trapos empapados em óleo junto às muralhas, de ambos os lados das portas principais. E coloca as nossas quatro peças de artilharia em quatro posições diferentes.

Logo que puderes, lança fogo às muralhas e dispara projécteis incendiários para dentro da cidade. Aposto que lá dentro também é tudo em madeira. Eclano arderá mais depressa que um pavio.

- E se eu estiver pronto para incendiar a cidade em menos de uma hora? - perguntou o Bacorinho.

- Nesse caso, incendeia a cidade antes que passe a hora - retorquiu Sila. - Os hirpinos não estão a ser honestos.

Porque haveria eu de sê-lo?

Como a madeira de que eram feitos, além de estar muito seca, era já velha, os edifícios e fortificações da cidade arderam com a



maior facilidade. Num movimento de puro pânico, o povo da cidade abriu as portas e correu para os

campos vizinhos gritando que se rendia.

- Matem-nos a todos e pilhem tudo o que houver para pilhar disse Sila. - É tempo de os Italianos

entenderem que eu não sinto por eles ponta de compaixão.

- Mulheres e crianças também? - perguntou Quinto Hortênsio, o outro tribuno sénior dos soldados.

- Porque é que perguntas, advogado do Fórum? Falta-te a coragem?

- perguntou-lhe Sila com uma expressão de troça.

- Não entendeste o significado da minha pergunta, Lúcio Cornélio.

- disse Hortênsio calmamente com a sua bela voz. - Não, não são os fedelhos hirpinos que me

preocupam. A questão é que, como qualquer outro advogado do Fórum, gosto que tudo fique claro.

Trata-se apenas de saber o que tenho ou não tenho de fazer.

- Ninguém ficará vivo - disse Sila. - No entanto, digam aos homens que usem as mulheres primeiro.

Depois poderão matá-las.

- Não estás interessado em fazer prisioneiros, para depois os venderes como escravos? - perguntou o

Bacorinho, prático como sempre.

- Os Italianos não são inimigos estrangeiros. Mesmo quando saqueio as suas cidades, não trago

escravos. Prefiro vê-los mortos.

De Eclano, Sila marchou para sul, para Compsa, o segundo baluarte hirpino. Tal como sucedia com

Eclano, também as suas muralhas eram de madeira. Mas as notícias do que acontecera em Eclano

tinham chegado a Compsa mais depressa que Sila; quando Sila lá chegou, Compsa aguardava-o

com todas as portas abertas e os magistrados fora das muralhas. Desta feita, Sila mostrou-se

compassivo. E Compsa escapou à destruição.

Desta cidade hirpina, o general mandou uma carta para Catulo César, que se encontrava ainda em

Cápua, pedindo-lhe que enviasse duas legiões, chefiadas pelos irmãos Aulo e Públio Gabínio, para a

Lucânia. Os irmãos Gabínio deveriam reconquistar todas as cidades controladas por Marco

Lampónio e libertar a Via Popília até Régio. Sila lembrou-se de um outro homem que poderia

revelar-se muito útil, e, num *post scriptum,* sugeriu a Catulo César que incluísse Cneu Papírio Carbão na expedição a terras da Lucânia.

Ainda em Compsa, Sila recebeu duas mensagens. A primeira informava-o de que Herculano tinha

finalmente caído, após renhidos



combates, dois dias antes dos Idos de Junho, mas que Tito Dídio fora morto durante os combates.

”Herculano deve pagar pela morte de Tito Dídio”, escreveu Sila a Catulo César.

A segunda mensagem veio da Apúlia. Mandava-a Caio Coscónio.

*Depois de uma viagem perfeitamente calma, desembarquei com as minhas legiões numa região de lagoas salgadas, perto da aldeia piscatória de Salápia, exactamente cinquenta dias depois de ter deixado Putéolos.*

*Tudo correu como fora planeado. Desembarcámos de noite, no mais completo segredo, atacámos Salápia ao nascer do dia e arrasámos tudo e todos. Certifiquei-me de que todos os habitantes da aldeia e dos arredores tinham sido mortos, de forma a que ninguém pudesse informar os samnitas da nossa chegada.*

*De Salápia segui para Canas. Conquistei a cidade sem um único combate. Passámos depois o rio Aufídio na direcção de Canúsio. Não tínhamos andado mais de quinze quilómetros quando deparámos com um forte exército samnita chefiado por Caio Trebácio. Não era possível evitar a batalha. Como eles eram muito mais que nós e o terreno não me era favorável, a batalha foi sangrenta e tivemos muitas baixas. Mas Trebácio também perdeu muitos homens. Decidi recuar para Canas antes que perdesse mais homens (e não podia perder mais homens), e voltei a atravessar o Aufídio com Trebácio atrás de mim. Descobri então um bom estratagema para frustrar os planos inimigos. Fingimos que estávamos em pânico e escondemo-nos atrás de um monte, na margem do rio do lado de Canas. O truque resultou. Seguro de que ia vencer, Trebácio começou então a atravessar o Aufídio. Havia alguma desordem entre as suas tropas. Os meus homens*

*estavam calmos e desejosos de prosseguir a batalha. Mandei-os formar em círculo e caímos sobre as tropas de Trebácio enquanto ainda estavam no rio. O resultado foi uma vitória total para Roma. Tenho a honra de te informar de que quinze mil samnitas morreram no Aufídio. Trebácio e os poucos sobreviventes fugiram para Canúsio, que entretanto se preparou para o cerco.*

*Deixei cinco coortes, incluindo os feridos, defronte de Canúsio, sob o comando de Lúcio Luceio, e segui com quinze coortes para norte,*

*para território dos Frentanos. Áusculo Apulo rendeu-se sem combates. Tal como Larino.*

717

*Enquanto escrevia este relatório, recebi de Lúcio Luceio a notícia de que Canúsio tinha capitulado. De acordo com as minhas ordens, Lúcio Luceio saqueou a cidade e matou toda a gente. No entanto, parece que Caio Trebácio conseguiu fugir. Como não possuímos meios para fazer prisioneiros e trazer soldados inimigos na retaguarda das minhas tropas, a destruição de Canúsio era a minha única alternativa. Espero que estejas de acordo com o que fiz. A partir de Larino, prosseguirei o meu avanço por terras dos Frentanos, aguardando entretanto notícias dos teus movimentos e das tuas ordens.*

Satisfeito, muito satisfeito mesmo, Sila arrumou a carta e chamou por Metelo Pio e pelos seus dois

tribunos séniores dos soldados, dois jovens que se tinham revelado excelentes militares.

Depois de lhes comunicar as notícias de Coscónio e de escutar, com a paciência que conseguia

reunir, os comentários maravilhados dos oficiais (pois não tinha falado a ninguém da viagem de

Coscónio), Sila tratou de analisar a situação e dar novas ordens.

- É tempo de determos Mutilo. Sim, Mutilo - disse. - Se não o fizermos, ele atacará Caio Coscónio

com tantos homens que, nas nossas hostes, não ficará ninguém para contar como foi. E isso será um

amargo prémio para uma campanha tão corajosa. As minhas fontes de informação dizem-me que

Mutilo está à espera de ver o que eu faço, antes de decidir se há-de atacar-me a mim ou a Caio

Coscónio. A esperança dele é que eu vire para sul na Via Ápia e concentre os meus esforços à volta

de Venúsia, e Venúsia é suficientemente forte para me deixar ocupado durante muito tempo. Logo

que se certifique de que eu vou para Venúsia, Mutilo lançar-se-á no encalço de Caio Coscónio. De

modo que hoje levantamos o campamento e seguimos para sul. Porém, durante a noite, mudaremos

de direcção e deixaremos por completo a estrada. Entre Compsa e o alto Vulturno, temos uma

região montanhosa, acidentada. Mas é por aí que temos de ir. O exército samnita tem estado

acampado a meio caminho entre Venafro e Esérnia. Há muito que lá está, mas Mutilo não dá

qualquer sinal de querer sair. Para o encontrarmos, teremos de percorrer cerca de duzentos e

cinquenta quilómetros num terreno muito difícil. No entanto, meus senhores, temos que lá estar

dentro de oito dias e preparados para lutar.

Ninguém ousou discutir aquele plano; Sila não contemporizava com as fraquezas dos seus homens, mas o

moral do seu exército era tal que se considerava já imbatível, além de achar o seu chefe o melhor general do mundo. Por outro lado, o saque de Eclano fora um óptimo prémio para os soldados, tanto mais que Sila, dos despojos da cidade, só quisera para si e para os seus oficiais umas quantas mulheres, que ainda por cima não eram das mais bonitas.

No entanto, a marcha que, segundo os planos de Sila, deveria durar oito dias, acabou por demorar vinte e um.

Não existiam estradas, e os montes eram tão rochosos e escarpados que não havia outra hipótese senão

contorná-los. Embora se sentisse irritado e impaciente, Sila era suficientemente inteligente para não o mostrar; pelo contrário, a cara que mostrava aos legionários e aos oficiais era uma cara alegre e atenciosa; por outro lado, fazia tudo para que o seu exército mantivesse um certo grau de conforto. O facto de ter

conquistado a Coroa de Erva tornara-o mais atento e zeloso em relação aos seus homens: no fundo, o que estava em causa era a ideia de que aquele exército lhe pertencia unicamente a ele, Sila. Se o terreno fosse tão fácil quanto ele esperava, Sila teria acicatado os seus homens de forma a que avançassem sempre mais

depressa, de forma a que se ultrapassassem; no entanto, o terreno era tudo menos fácil e Sila percebera a necessidade de aceitar o inevitável e de manter a boa disposição dos seus homens. Se a deusa Fortuna o favorecia ainda, encontraria Mutilo onde esperara encontrá-lo; e Sila acreditava que a deusa Fortuna estava ainda do seu lado.

Certo dia, em fins de Julho, Lúculo irrompeu pela tenda de Sila, com uma expressão afogueada.

- Ele está ali! Ele está ali! - desatou a gritar Lúculo sem a mínima cerimónia.

- Óptimo! - comentou Sila, sorridente. - Isso significa que a sorte o abandonou, porque a minha continua intacta. Podes comunicar às tropas que Mutilo está perto. O que é que te pareceu? Achas que ele planeia deixar em breve o acampamento?

- Pelo contrário. Dá impressão que deu férias aos seus homens.

- Eles estão fartos desta guerra, e Mutilo sabe disso - disse Sila com um ar satisfeito. - Além disso, Mutilo está muito inquieto. Há mais de sessenta dias que se encontra neste acampamento e todas as notícias que recebe tornam mais difícil uma decisão quanto à direcção que há-de tomar. Perdeu a Campânia Ocidental e está prestes a perder a Apúlia.



- Que fazemos então? - perguntou Lúculo, que tinha um temperamento claramente bélico e estava a adorar a sua aprendizagem com Sila.

- Acampamos no último cume antes do rio Vulturno e esperamos aí. Sem fumo. E tudo muito calmo - disse Sila. - Gostaria de atacá-lo quando ele se preparasse para partir. Ele tem de partir em breve, caso contrário perderá a guerra. Silão talvez escolhesse essa via. Mas Mutilo é um samnita. Odeia-nos.

Seis dias depois, Mutilo decidiu partir. O que Sila não sabia era que o chefe samnita acabara de receber notícias sobre uma terrível batalha, nos arredores de Larino, entre Caio Coscónio e Mário Egnácio. Embora tivesse mantido os seus homens parados, Mutilo não permitira que Coscónio usasse o Norte da Apúlia como praça de armas. Enviara um grande e experiente exército, constituído por samnitas e frentanos, e dirigido por Mário Egnácio, para conter

Coscónio. Mas a pequena força romana estava com um óptimo moral, confiava

inteiramente no seu chefe, e habituara-se à ideia de que ninguém a conseguiria derrotar. Mário Egnácio fora por isso derrotado e morrera no campo de batalha como a maior parte dos seus homens. Era uma notícia

verdadeiramente surpreendente para Mutilo.

Pouco depois do nascer do dia, as quatro legiões de Sila abandonaram o seu esconderijo e caíram sobre as forças de Mutilo. Apanhado de surpresa, com o acampamento meio desmantelado e as tropas em desordem, o chefe samnita não teve qualquer hipótese de se defender convenientemente. Gravemente ferido, fugiu para Esérnia com o que restava do seu exército. Uma vez mais, Esérnia preparou-se para aguentar um cerco - só que desta feita era Roma o sitiante, e Sâmnio o sitiado.

Sila comemorava ainda a sua vitória quando foi informado do êxito de Coscónio. Ficou exultante. Ainda que houvesse bolsas de resistência, uma coisa era certa: a guerra tinha acabado. E Mutilo sabia disso há sessenta dias.

Deixando algumas coortes em Esérnia, sob o comando de Lúculo, de forma a que Mutilo não pudesse sair, Sila marchou para a velha capital samnita, Boviano.

Boviano era uma cidade magnificamente fortificada. Possuía três cidadelas ligadas por poderosas muralhas.

Cada cidadela dava para uma direcção diferente. Delas podia-se vigiar as três estradas que passavam por Boviano. E a cidade considerava-se, por tudo isto, invulnerável.

- Combati durante muito tempo ao lado de Caio Mário - disse ele a Metelo Pio e a Hortênsio. - E reparei numa coisa: Caio Mário nunca se sentiu atraído pela conquista das cidades. Para ele, só importavam as batalhas, nada mais que as batalhas. Eu, em contrapartida, acho fascinante o assalto às cidades. Boviano, por exemplo, parece inexpugnável. Parece, mas não é. Porque vai cair hoje.

E de facto Bovianno caiu naquele dia. O estratagema foi simples. Sila levou a cidade a pensar que todo o seu exército se encontrava sob a cidadela que dava para a estrada de Esérnia; entretanto, uma legião, encoberta pelos montes vizinhos, avançou até à cidadela que dava para sul, para Sepino. Quando Sila viu a enorme coluna de fumo que subia da torre de Sepino - e esse era o sinal previsto, atacou a torre de Esérnia. Menos de três horas depois Boviano rendia-se.

Sila aquartelou os seus soldados em Boviano, em vez de os instalar num acampamento, e usou a cidade como base, enquanto percorria as regiões circundantes, a fim de se certificar de que o Sul do Sâmnio estava inteiramente subjugado, e incapaz de reunir novas tropas.

Em fins de Setembro, Sila deixou Esérnia cercada por homens enviados de Cápua, reuniu as suas quatro

legiões e foi ao encontro de Caio Coscónio.

- O leste é teu, Caio Coscónio! - exclamou ele alegremente. Quero a Via Ápia e a Via Minúcia completamente desimpedidas. Usa Boviano como quartel-general, é uma guarnição soberba. E usa a tua compaixão como

muito bem achares. O principal é manter Mutilo preso em Esérnia e impedir que lhe cheguem reforços.

- Como vão as coisas a Norte? - perguntou Coscónio, que praticamente não recebera uma única notícia da guerra desde que,

em Março, deixara Putéolos.

- Vão muitíssimo bem! Sérvio Sulpício Galba aniquilou a maior parte das tropas marrucinas, marsas e

vestinas. Ele diz que Silão estava presente na batalha, mas conseguiu fugir. Cina e Comuto ocuparam todas as terras marsas, e Alba é nossa de novo. O cônsul Cneu Pompeu Estrabão reduziu a pó os Picentinos e os

rebeldes da Úmbria. No entanto, Públio Sulpício e Caio Bébio mantêm o cerco a Ásculo Picentino. Ásculo deve estar a morrer de fome, mas continua a aguentar o cerco.

- Então vencemos a guerra! - exclamou Coscónio estupefacto.



- Sim, claro. Mas tínhamos de ganhar, Caio Coscónio! Uma Itália sem Roma a comandá-la? Os

deuses não permitiriam uma coisa dessas

- retorquiu Sila.

Aos seis dias de Outubro, Sila chegou a Cápua a fim de se encontrar com Catulo César e tratar dos

preparativos necessários para enfrentar o Inverno que se avizinhava. O tráfego voltara ao normal na

Via Ápia e na Via Minúcia, embora a cidade de Venúsia aguentasse teimosamente o cerco, incapaz

de fazer outra coisa que não fosse observar a actividade romana na grande estrada que por ela

passava. A Via Popília mostrava-se segura para a passagem de exércitos e carros desde a Campânia

até Régio; mas não era muito aconselhável para o pequeno tráfego de viajantes, pois Marco

Lampónio continuava com alguns soldados nas montanhas próximas, lançando ataques que mais

pareciam obra de salteadores.

- No entanto - disse Sila a um Catulo César visivelmente feliz, pois preparava-se para partir para

Roma em fins de Novembro -, creio que podemos dizer que a península é de novo nossa.

- Preferia esperar pela queda de Ásculo Picentino para dizer isso

- retorquiu Catulo César, que durante dois anos trabalhara infatigavelmente numa missão ingrata. -

Tudo começou em Ásculo Picentino, Lúcio Cornélio. E a cidade continua a resistir.

- Não te esqueças de Nola - retorquiu Sila, mostrando os dentes.

Mas os dias de Ásculo Picentino estavam contados. Em Outubro, Pompeu Estrabão, cavalgando o

seu Cavalo Público, juntou as suas tropas às de Públio Sulpício Rufo e cercou toda a cidade com

uma verdadeira muralha de soldados romanos; tantos olhos atentos nunca deixariam escapar um

fugitivo que tentasse descer as muralhas da cidade com uma corda. Depois, Pompeu Estrabão tratou

de cortar o abastecimento de água à cidade - uma empresa extraordinária, pois a água era conduzida

até Ásculo a partir de centenas de pontos diferentes situados sob o leito do rio Truêncio. Mas

Pompeu Estrabão demonstrou ser um óptimo engenheiro e foi com o maior prazer que dirigiu ele

próprio os trabalhos.

Quem assessorava Estrabão era Marco Túlio Cícero, o cadete que ele menos prezava; como Cícero

desenhava muito bem e tomava notas com extrema rapidez, pois inventara uma espécie de escrita

estenográfica, o cônsul Estrabão acabou por considerá-lo de enorme utilidade em situações como a

que levou à privação do abastecimento em água de



Ásculo Picentino. Tão aterrado com o seu comandante como espantado com a absoluta indiferença

que Estrabão mostrava face à terrível situação dos habitantes da cidade, Cícero fazia tudo o que lhe

mandavam fazer e não contestava rigorosamente nada. Guardava para si mesmo o que pensava.

Em Novembro, os magistrados de Ásculo Picentino abriram as principais portas da cidade e saíram

ao encontro de Cneu Pompeu Estrabão, a fim de lhe comunicarem a submissão de Ásculo.

- A nossa cidade é agora vossa - disse o supremo magistrado com uma expressão de extrema

dignidade. - Tudo o que te pedimos é que nos devolvas a nossa água.

Pompeu Estrabão, atirando para trás a cabeça grisalha, desatou numa gargalhada sem fim.

- Agua para quê? - perguntou ele, com um ar ingénuo. - Não ficará ninguém para a beber!

- Nós temos sede, Cneu Pompeu!

- Então fiquem com sede - retorquiu Pompeu Estrabão.

O cônsul entrou em Ásculo Picentino montado no seu Cavalo Público, à frente de um grupo que

compreendia os seus lugares-tenentes

- Lúcio Gélio Poplicola, Cneu Octávio Rusão e Lúcio Júnio Bruto Damasipo - e os tribunos dos

soldados, os cadetes, e um contingente constituído por cinco coortes.

Enquanto os soldados se espalhavam pela cidade, procurando reunir todos os seus habitantes e

inspeccionando todas as casas, Estrabão avançou na direcção do Fórum. Viam-se nele ainda as

cicatrizes dos incidentes que Caio Vidacílio provocara; no local onde costumava reunir o tribunal

dos magistrados, via-se agora uma pilha de restos de madeira carbonizados, os restos da pira onde

Vidacílio se imolara.

Mordiscando o pequeno chicote com que costumava castigar o seu Cavalo Público, o cônsul

Estrabão olhou à sua volta com toda a atenção e depois virou-se para Bruto Damasipo.

- Põe uma plataforma em cima daquela pira. Rápido - disse ele a Damasipo.

Passado um breve momento, um grupo de soldados tinha já montado a plataforma, usando para tal

umas quantas vigas e portas arrancadas às casas da cidade. A construção ficara tão perfeita que

tinha mesmo as inevitáveis escadas. Em cima da plataforma, os soldados colocaram depois a

cadeira curul de marfim e um banco para o escriba do cônsul.

723

- Vem comigo - disse ele para Cícero, após o que subiu as escadas e se sentou na cadeira curul,

ainda com a armadura e o elmo de general, mas vestindo agora uma capa cor de púrpura em vez da

capa vermelha de general. Com as mãos cheias de placas de cera, Cícero pô-las apressadamente no

chão, ao lado do banco, e finalmente sentou-se, com uma placa de cera no colo e o estilete de osso

preparado para escrever. Supunha ele que ia assistir a uma audiência oficial.

- Poplicola, Rusão, Damasipo, Cneu Pompeu Júnior, venham para aqui - disse o cônsul com a sua

habitual rudeza.

Já mais calmo, Cícero pôde apreciar a cena que se desenrolava à sua frente enquanto aguardava que

o mandassem escrever. Era óbvio que a cidade tinha tomado algumas precauções antes de abrir as

suas portas. Em particular, tinha juntado num monte enorme, às portas da sede do Senado, uma

quantidade de espadas, cotas de malha, lanças, adagas e todo e qualquer objecto que pudesse ser

considerado uma arma.

Os magistrados foram então levados até à plataforma. Pompeu Estrabão deu início à audição. Foi

muito breve esta cerimónia. Aliás, só Estrabão falou, e pouco.

- São todos culpados de traição e assassínio. Vocês não são cidadãos romanos. Serão açoitados e

decapitados. E considerem-se felizes por não lhes aplicar a pena prevista para os escravos: a

crucificação.

As sentenças foram então executadas ali mesmo, frente ao tribunal, enquanto Cícero, horrorizado,

tentava controlar a sua ansiedade, fixando os olhos na placa de cera que tinha no colo, e fazendo

rabiscos incompreensíveis com o estilete.

Decapitados os magistrados, o cônsul Estrabão pronunciou exactamente a mesma sentença em

relação a todos os homens da cidade com idades compreendidas entre treze e oitenta anos. Para que

tudo fosse rápido, distribuiu tarefas: cinquenta soldados açoitariam, outros cinquenta decapitariam

os condenados. Outros soldados esquadrinharam o monte de armas dos habitantes de Ásculo à

procura de machados, mas como o tempo urgia os carrascos acabaram por usar as suas espadas;

quando os machados vieram, os carrascos recusaram-nos pois já manejavam as espadas na

perfeição. Com a prática, tornara-se fácil decapitar com espadas aqueles homens exaustos. Contudo,

ao fim de uma hora, apenas trezentos asculanos tinham sido mortos, as cabeças espetadas em lanças

e pregadas nas ameias, os corpos atirados para uma pilha.

724

- Despachem-se! Façam melhor o vosso trabalho! - disse Pompeu Estrabão para os oficiais e os

soldados. - Quero isto *hoje,* e não daqui a oito dias! Ponham duzentos homens a chicotear e outros duzentos a decapitar. E rápido! Não sabem trabalhar em equipa, não fazem as coisas com sistema.

Se não se despacham, ainda acabam como eles.

- Seria muito mais fácil deixá-los morrer de fome - disse o filho do cônsul, observando

desapaixonadamente a carnificina.

- Sim, seria muito mais fácil. Mas não seria legal - retorquiu o pai.

Mais de cinco mil homens asculanos pereceram naquele dia. A carnificina permaneceria na

memória de todos os romanos presentes em Ásculo, embora nenhum deles manifestasse a sua

reprovação, nem durante a execução da sentença, nem depois. A praça ficou literalmente banhada

de sangue; o fedor a sangue - quente, adocicado, fétido, ferroso - espalhava-se como um nevoeiro

pela atmosfera ensolarada da montanha.

Ao pôr do Sol, o cônsul levantou-se da sua cadeira curul, esticando os braços e as pernas.

- Todos para o acampamento - disse ele, laconicamente. - Amanhã trataremos das mulheres e

crianças. Não é preciso deixar guardas cá dentro. Basta fechar as portas e patrulhar lá fora. -

Estrabão não deu qualquer ordem relativamente aos cadáveres e à limpeza da praça, pelo que esta

ficou exactamente como estava, um mar de sangue, e os corpos continuaram empilhados a um canto

do Fórum.

No dia seguinte, o cônsul regressou ao seu tribunal, nada perturbado com o que via, enquanto os

soldados reuniam os habitantes de Ásculo ainda vivos. A sentença de Estrabão foi idêntica para

todos eles:

- Deixem esta cidade imediatamente. Levem apenas o que trazem vestido. Nada de comida,

dinheiro, objectos de valor ou recordações.

Dois anos de cerco tinham deixado Ásculo Picentino na maior miséria; dinheiro, havia muito pouco,

e objectos de valor ainda menos. No entanto, todas as mulheres e crianças foram revistadas e

ninguém pôde voltar às suas casas antes de partir; cada grupo de mulheres e crianças foi pura e

simplesmente conduzido através das portas da cidade como se fosse um rebanho e atirado depois

para as linhas do exército de Pompeu Estrabão, e para terras que as legiões romanas tinham

devastado por completo. Ninguém se compadeceu das velhas que choravam, das crianças que

berravam, das mulheres que gritavam

por ajuda; as tropas de Pompeu Estrabão tinham outros interesses. As mulheres mais belas foram

para os oficiais e centuriões, as outras para os soldados; e depois de se servirem delas, deixaram-

nas, àquelas que ainda viviam, nos mesmos ermos devastados para onde, um ou dois dias antes,

tinham sido atiradas as suas mães e os seus filhos.

- Não há nada que valha a pena levar para Roma para o meu triunfo - disse o cônsul quando tudo

acabou. - Dêem o que houver na cidade aos meus homens.

Cícero desceu, atrás do general, as escadas do tribunal, e fitou boquiaberto os restos daquela que

parecia ser a maior mortandade do mundo. Não sentia já nada: nem repulsa, nem compaixão, nada.

Se isto é uma guerra, pensou, então que eu nunca mais participe numa guerra em toda a minha vida.

E, no entanto, o seu amigo Pompeu, o amigo que adorava e que lhe era tão dedicado, não parecia

minimamente afectado pela terrível carnificina. Conseguia mesmo assobiar enquanto avançava por

entre as poças de sangue coagulado que enxameavam a praça. Nos belos olhos azuis de Pompeu,

Cícero só encontrava aprovação, ainda que à sua volta só vissem assustadores montes de cadáveres

sem cabeça.

- Disse a Poplicola que guardasse para os cadetes duas mulheres muito interessantes - disse

Pompeu, abrandando o passo não fosse Cícero cair numa poça de sangue. - Ah, vamo-nos divertir à

grande! Já alguma vez viste como é? Pois se não viste, vais ver esta noite!

Cícero respirou fundo, nervosamente.

- Cneu Pompeu, presta atenção ao que te digo. A mim não me falta coragem ou firmeza de carácter.

Mas a verdade é que não sinto qualquer atracção pela guerra. Depois de ter visto o que aqui se

passou nestes últimos dois dias, nem que visse Paris com Helena na cama eu ficaria excitado! E

quanto às mulheres asculanas, faz-me o favor de não me envolveres nisso! Prefiro ir dormir para

uma árvore!

Pompeu desatou a rir, pôs o seu braço por cima dos ombros do amigo e disse-lhe:

- Oh, Marco Túlio, mas que Vestal velha que tu me saíste! O inimigo é o inimigo! Não te podes

sentir triste por causa de gente que não só desafiou Roma, como também matou um pretor romano e

centenas de outros romanos, homens, mulheres e crianças! E como os mataram! Despedaçaram-nos,

desmembraram-nos! Mas se quiseres vai dormir para uma árvore. Eu faço as tuas vezes com as

mulheres.

726

Deixaram a praça e desceram uma pequena rua que conduzia às portas principais. E de novo os

olhos de Cícero deram de frente com os horrores da guerra. Nas ameias, em todas as ameias, lá

estavam os assustadores troféus de guerra: cabeças que os pássaros tinham já esburacado. Cícero

sentiu náuseas, mas tinha já tanta experiência em esconder o que sentia perante o cônsul, evitando

assim problemas com este, que não lhe foi difícil fazer o mesmo com o amigo, e evitar ficar mal

visto.

- Não havia nada na cidade que valesse a pena exibir num triunfo

- disse Pompeu, pouco impressionado com as cabeças espetadas nas ameias. - Mas encontrei uma

armadilha óptima para caçar pássaros. O meu pai deu-me uma quantidade de livros, incluindo uma

edição do meu tio-avô Lucílio que nunca tínhamos visto. Julgamos que deve ser obra de um copista

local. É um livro muito belo.

- Não têm comida nem roupas quentes - disse Cícero.

- Quem?

- As mulheres e as crianças que foram expulsas da cidade.

- Espero bem que não!

- E o que é que fazem àquela porcaria?

- Qual porcaria? Os corpos?

- Sim, os corpos. Os corpos e o sangue. E as cabeças. Tudo.

- Vão apodrecer. É uma questão de tempo

- Vão apodrecer e propagar doenças.

- Doenças? E quem é que vai ficar doente? Quando o meu pai mandar fechar e pregar as portas, não

ficará ninguém lá dentro. Se alguma mulher ou criança voltar para trás, não conseguirá entrar.

Ásculo Picentino acabou. Nunca mais ninguém voltará a viver nesta cidade - disse Pompeu.

- Agora percebo porque é que puseram ao teu pai o cognome de Carniceiro - disse Cícero, sem se

preocupar com o facto de tal observação poder ofender o amigo.

De facto, Pompeu entendeu a observação de Cícero como um elogio. As crenças pessoais de

Pompeu eram mais fortes que a sua inteligência.

- É um belo cognome, não é? - retorquiu ele desabridamente, receoso de que o amor que tinha pelo

pai se estivesse a transformar numa fraqueza. Apressou o passo. - Por favor, Marco Túlio,

despacha-te! Não quero que aqueles *cunni* comecem sem mim quando fui eu quem conseguiu que

nos arranjassem as mulheres.

727

Cícero apressou-se. Mas ainda não tinha acabado.

- Cneu Pompeu, queria dizer-te uma coisa - disse ele, ofegante.

- Ah sim? - retorquiu Pompeu, pensando em tudo menos no que o amigo lhe quereria dizer.

- Pedi a transferência para Cápua, onde julgo que os meus talentos serão mais úteis, agora que a guerra está no fim. Escrevi a Quinto Lutácio e já recebi a resposta. Ele diz que ficará muito contente se eu for para lá. Ou então irei servir Lúcio Cornélio Sila.

Pompeu parou, fitou espantado Cícero.

- Para que é que fizeste uma coisa dessas?

- A equipa de Cneu Pompeu Estrabão é boa para militares, Cneu Pompeu. E eu não sou um militar. - Os seus olhos castanhos fitaram com gravidade e brandura o rosto do amigo, que estava tão surpreendido que não sabia se havia de rir ou de desatar aos berros. - Por favor, Cneu Pompeu, deixa-me ir embora! Ficar-te-ei grato para toda a vida e nunca me esquecerei da grande ajuda que me deste. Mas tu não és nunhum idiota, Cneu Pompeu. Sabes perfeitamente que a equipa do teu pai não é o sítio certo para mim.

Já mais calmo, Pompeu fitou o amigo com um brilho de felicidade nos olhos.

- Faz como muito bem entenderes, Marco Túlio! - disse ele. Depois suspirou. - Mas olha que vou sentir a tua falta!

Sila chegou a Roma em princípios de Dezembro. Não fazia a mínima ideia de quando seriam disputadas as eleições; depois da morte de Asélio, Roma ficara sem pretor urbano, e dizia-se que o único cônsul vivo, Pompeu Estrabão, só voltaria a Roma quando muito bem lhe apetecesse. Em circunstâncias normais, um tal quadro teria deixado Sila desesperado. Mas não podia haver dúvidas quanto a quem seria o próximo cônsul sénior. Sila alcançara a fama de um dia para o outro. Homens que não conhecia saudavam-no como um irmão, mulheres sorriam-lhe e lançavam-lhe olhares sedutores, convidativos, a ralé aclamava-o - e, além de tudo isso, fora eleito augure *in absentia,* para substituir o falecido Asélio. Toda a Roma acreditava firmemente que fora ele, Lúcio Cornélio Sila, quem ganhara a guerra contra os Italianos. Não fora Caio Mário. Nem Cneu Pompeu Estrabão. Fora ele, Sila. Sila! Sila!

O Senado nunca chegara a nomeá-lo formalmente comandante-chefe



do teatro do Sul após a morte do cônsul Catão; tudo o que fizera, fizera-o como lugar-tenente de um

morto. Contudo, em breve Sila seria o novo cônsul sénior - e *então* o Senado ter-lhe-ia de dar o comando que ele exigisse. O embaraço de certos dirigentes senatoriais, como Lúcio Márcio Filipe,

perante aquele descuido com um lugar-tenente que se tornara comandante sem qualquer nomeação

oficial, divertia Sila até mais não. Não havia dúvida: tinham-no considerado um zé-ninguém, um

indivíduo sem importância, incapaz de realizar milagres. E agora ele era o herói de toda a gente.

Uma das primeiras visitas que fez depois de regressar a Roma foi a Caio Mário, cujas melhoras o

deixaram positivamente espantado. Com o velho, encontrava-se Caio Júlio César Júnior, agora com

onze anos e quase tão alto como Sila, ainda que sem muitas manifestações púberes. Tão admirável,

tão inteligente, como sempre. Há um ano que cuidava de Mário, há um ano que escutava, com o

ouvido aguçado de uma criatura selvagem, todas as palavras que o Mestre pronunciava. Escutara

tudo com a máxima atenção, e nada esquecera.

Através de Mário, Sila ficou a saber que o jovem Mário quase caíra em desgraça, e que servia agora

Cina e Comuto na guerra contra os Marsos, mostrando-se muito mais calmo e responsável. Mário

contou-lhe também o episódio da quase queda no precipício do jovem César, que escutava a história

com um olhar ausente. A presença de Lúcio Decúmio naquele episódio chamara a atenção de Sila -

e surpreendera-o. Nem parecia coisa de Caio Mário! Em que mundo viviam se o próprio Caio

Mário descia ao ponto de contratar um assassino profissional? A morte de Públio Cláudio Pulcro

fora tão acintosamente acidental que Sila depressa concluiu que não se tratara de acidente nenhum.

Mas como teria sido provocado o ”acidente”? E de que modo o filho de Aurélia participara nele?

Seria possível que aquela *criança* tivesse posto em risco a sua própria vida para empurrar Públio Cláudio Pulcro para um precipício? Não! Nem mesmo Sila mostrava tanta confiança quando o que

estava em causa era assassinar.

Fitando intensamente o rapaz enquanto Mário continuava a falar (era evidente que Mário acreditava

que a intervenção de Lúcio Decúmio não tinha sido necessária), Sila tentou inculcar medo no filho

de Aurélia. Mas perante o olhar frio e perscrutador de Sila, o rapaz respondeu-lhe olhando-o nos

olhos, sem qualquer vestígio de medo ou sequer apreensão. Também não sorria; limitava-se a fitar

Sila com um interesse profundo



e sóbrio. Ele lê-me na alma!, disse Sila para si mesmo, mas garanto-te, jovem César, que a tua alma

é também para mim como um livro aberto! Que o Grande Deus defenda Roma de qualquer um de

nós! Sendo um homem generoso, Mário não podia deixar de ficar contente com o êxito de Sila. Até

mesmo a atribuição da Coroa de Erva - a única condecoração militar que Mário não conquistara -

foi aplaudida sem ressentimento nem inveja.

- Que me dizes então acerca das pessoas que *aprendem* a ser comandantes? - perguntou Sila com um intuito provocatório.

- Só posso dizer que estava enganado, Lúcio Cornélio. Não, não estava enganado quando ao

aprender-se ou não a ser comandante. Continuo a achar que isso não se aprende. Eu estava errado

sim, quando pensava que tu não tinhas estofo de comandante. Mas não há dúvida que tens. A ideia

de mandar Caio Coscónio por mar até à Apúlia foi verdadeiramente inspirada. E o teu ataque em

tenaz foi conduzido de uma forma absolutamente irrepreensível. Só um general nato poderia ter

conduzido de tal modo um tal ataque.

Uma resposta que deveria ter deixado Lúcio Cornélio Sila feliz e vingado. Mas não deixou. Sila

compreendeu que Mário continuava a considerar-se o melhor de todos os generais romanos, que

Mário estava convencido de que teria submetido o Sul da Itália mais rápida e facilmente. Que terei

eu de fazer para levar este burro velho e teimoso a perceber que encontrou um adversário à altura?,

gritou Sila para si mesmo, mas sem dar a entender o que lhe passava nesse instante pela cabeça.

Irado, olhou para o jovem César: sim, o rapaz tinha ”ouvido” aquela pergunta silenciosa.

- Que achas, jovem César? - perguntou Sila.

- Sinto a maior admiração pelos teus feitos, Lúcio Cornélio.

- Uma resposta simpática...

- Uma resposta honesta.

- Anda, meu rapaz, eu levo-te a casa.

De início caminharam em silêncio, Sila envergando a sua toga branca de candidato, e o rapaz a toga

debruada a púrpura das crianças, com a *bulia* ao pescoço para o proteger do mal. E de início Sila pensou que todos os sorrisos e acenos eram para si. O que seria natural, pois tornara-se um homem

famoso. No entanto, cedo reparou que muitos desses sorrisos e saudações eram para o rapaz.

- Como é que toda a gente te conhece, jovem César?



- Conhecem-me porque costumo acompanhar um homem famoso, Lúcio Cornélio. Vou para todo o

lado com Caio Mário. A fama é dele, não é minha.

- É toda dele?

- Bom, a questão é esta, Lúcio Cornélio: enquanto ando por aqui, perto do Fórum, não passo do

rapaz que acompanha Caio Mário. Se sou conhecido é só no bairro de Subura.

- O teu pai já voltou?

- Não. Continua com Públio Sulpício e Caio Bébio frente a Ásculo Picentino - respondeu o rapaz.

- Então já não demora. Esse exército já vem a caminho.

- Suponho que sim.

- Não estás ansioso por voltar a ver o teu pai?

- Sim, claro que estou - retorquiu o filho de Aurélio despreocupadamente.

- Lembras-te do teu primo... do meu filho?

A expressão do rapaz iluminou-se. Sim, o seu entusiasmo, agora, era genuíno.

- Como poderei esquecê-lo, Lúcio Cornélio? Ele era tão *bom!* Quando morreu dediquei-lhe um

poema.

- Que dizia esse poema? Importas-te de recitá-lo? O jovem César abanou a cabeça.

- Eu escrevia muito mal nessa época. Por isso, se não te importas, não vou recitar o poema. Um dia

escrevo um poema melhor em memória do meu primo. E dar-te-ei uma cópia.

Que estupidez!, pensou Sila. Que estupidez abrir de novo aquela ferida só porque não sabia como

conversar com um rapaz de onze anos! Sila calou-se, reprimindo as lágrimas.

Como de costume, Aurélia estava a trabalhar no seu gabinete. No entanto, mal Eutico lhe disse

quem acompanhara o filho a casa, deixou o trabalho e foi ter com Sila. Enquanto estavam na sala de

recepção, o jovem César não os largou, examinando atentamente a mãe. Mas que mosca é que

mordeu a este miúdo?, perguntava-se Sila, manifestamente irritado, pois a presença do rapaz

impedia-o de falar a Aurélia das coisas que pretendia fazer. Felizmente Aurélia apercebeu-se da sua

irritação e logo mandou embora o filho, que obedeceu com relutância.

- O que é que lhe deu?



- Suspeito que Caio Mário disse qualquer coisa que levou Caio Júlio a fazer uma ideia errada da

nossa amizade - retorquiu calmamente Aurélia.

- Por todos os deuses! O velho sacana! Como é que ele se atreveu a uma dessas?

Aurélia desatou a rir-se, divertida.

- Ah, isso são coisas que já não me preocupam rigorosamente nada - disse ela. - Repara, por

exemplo, neste interessante episódio. Quando o meu tio Públio Rutílio escreveu a Caio Mário, então

na Ásia Menor, contando que o marido da sua sobrinha a abandonara porque ela dera à luz um

rapaz ruivo, Júlia e Caio Mário concluíram imediatamente que essa sobrinha só poderia ser eu. E

que o pai do bebé só poderias ser tu.

Agora era Sila quem se ria.

- Sabem assim tão pouco de ti? As tuas muralhas são mais difíceis de abater do que as de Nola.

- É verdade. Não que tu não tenhas tentado.

- Sou um homem, igual a todos os outros.

- Não estou de acordo. És mais um fauno do que um homem! Entretanto, no seu esconderijo secreto

por cima do tecto falso do

gabinete de Aurélia, o jovem César escutava a conversa. E sentia um imenso alívio: afinal a mãe era

uma mulher virtuosa. Mas essa emoção foi logo eliminada por outra, que o deixava mais ansioso -

por que razão a mãe nunca era assim com ele? Por que razão lhe ocultava sempre aquela sua faceta?

Ali estava ela, despreocupada, rindo-se, divertida com aquela conversa mundana, frívola. Como

podia *gostar* daquele homem repugnante? Como podia dizer-lhe aquelas coisas? Sim, aquela

conversa só a poderiam ter duas pessoas com uma amizade muito antiga, uma amizade que resistira

a muita coisa. Ela não seria amante de Sila, mas havia entre eles uma intimidade que Aurélia não

partilhava com o marido - sim, isso era evidente, pensava o jovem César. Não, a sua mãe não tinha

aquela intimidade com o pai. Com o pai dele. Reprimindo impacientemente as lágrimas, deitou-se

ao comprido no seu esconderijo para não perder nada daquela conversa. Procurando não fazer o

mínimo barulho e tentando disciplinar a sua mente de forma a conseguir a distância de que

precisava para enfrentar aquela situação. Esquece que ela é tua mãe, Caio Júlio César Júnior!

Esquece que detestas o amigo dela, aquele horrível Sila! Escuta-os com atenção, ouve o que eles

dizem, e aprende.



- Serás cônsul muito em breve - dizia a mãe.

- Aos cinquenta e dois anos. Mais velho do que Caio Mário.

- E já és avô! Já viste o teu neto?

- Aurélia, por favor! Claro, mais tarde ou mais cedo lá terei de ir a casa de Quinto Pompeu, de braço dado com Élia, e terei de jantar lá em casa e de fazer festinhas ao bebé. Mas por que hei-de ir a correr ver a filha da minha filha? Será que isso é assim tão importante?

- A tua neta, Pompeia, é a beleza personificada.

- Então, já que é tão bela, que faça tantos estragos como Helena de Tróia!

- Não digas uma coisa dessas! Sempre achei que Helena teve uma vida miserável. Helena era uma escrava.

Um brinquedo para os homens brincarem - retorquiu Aurélia com veemência.

- As mulheres *são* escravas. Pertencem aos homens - disse Sila, sorrindo.

- *Eu* não sou! Não sou pertença de ninguém. Tenho os meus próprios bens e as minhas próprias actividades.

Sila mudou de tom.

- O cerco a Ásculo Picentino já acabou. Caio Júlio não demora. E quando ele voltar? Continuarás a dizer essas coisas tão corajosas?

- Nem me fales nisso, Lúcio Cornélio! Embora eu goste muito do meu marido, faz-me medo só de pensar que ele em breve estará de volta a esta casa. Vai logo começar a pôr defeitos em tudo, a dizer que eu faço tudo mal, desde a educação das crianças à minha actividade como senhoria. E eu tentarei desesperadamente

agradar-lhe. Até ao momento em que ele me venha com alguma ordem que eu não suporte!

- Nesse momento, minha pobre Aurélia, dir-lhe-ás que ele está errado e assim começarão os

desentendimentos, as discussões, os problemas - disse Sila, ternamente.

- Eras capaz de me aturar? - perguntou ela, veemente.

- Não, Aurélia, não era. Nem que fosses a única mulher neste mundo!

- Mas Caio Júlio é capaz de me aturar.

- Oh! Mas que mundo este!

- Por favor, Lúcio Cornélio, deixa-te de ironias! - atirou-lhe ela.

- Nesse caso, mudo de assunto - disse Sila. - Como tem passado a viúva de Escauro?

Os olhos cor de púrpura brilharam.

733

- *Ecastor!* Ainda estás interessado nessa mulher?

- Interessadíssimo.

- Creio que ela se encontra sob a tutela de um homem relativamente novo: o irmão de Lívio Druso,

Marco Emílio Lépido Liviano.

- Eu conheço-o. Está na equipa de Quinto Lutácio em Cápua, mas combateu com Tito Dídio em

Herculano e esteve na Lucânia com os Gabínios. Um tipo firme, resoluto, o tipo de homem que

todos acham ser o sal da terra. - Sila pôs-se muito direito, com um ar tão alerta como o de um gato

que acaba de ver uma presa. - Ai as coisas estão para aí viradas. Ela vai casar-se com Lépido

Liviano?

Aurélia riu-se.

- Duvido! Lépido Liviano está casado com uma mulher terrível. Uma mulher que não o deixa pôr o

pé em ramo verde... Chama-se Cláudia e é irmã de Ápio Cláudio Pulcro, aquele cuja mulher

obrigou Lúcio Júlio a limpar o templo de Juno Sospita. Ela morreu de parto dois meses depois.

- Prima da minha Dalmática. Quer dizer, a falecida mulher de Ápio Cláudio Pulcro, de apelido

Baleárica - disse Sila com um sorriso franco.

- Todos são primos dela - disse Aurélia. Sila parecia agitado.

- Achas que a minha Dalmática ainda está interessada em mim? Aurélia abanou a cabeça.

- Não faço a mínima ideia! Dou-te uma resposta honesta, Lúcio Cornélio. Só me dou com as

mulheres que pertencem à minha família.

- Então talvez pudesses dar-te mais com Dalmática quando o teu marido voltar. Vais ter muito mais

tempo para isso quando ele voltar

- disse Sila com uma expressão trocista.

- Basta, Lúcio Cornélio! Vai-te embora. Não estou para te ouvir mais. Aurélia acompanhou-o até à

porta. Logo que deixou de ver as formas da mãe e de Sila através do buraco do tecto, o jovem César

abandonou o seu esconderijo.

- Podias dar-te mais com Dalmática. Cultivar a sua amizade. Ajudavas-me... - disse Sila quando ela

abriu a porta da rua.

- Não contes com isso - retorquiu Aurélia. - Se estás tão interessado, cultiva tu a amizade de

Dalmática. Embora deva dizer-te que um eventual divórcio de Elia te trará muita impopularidade.

- A impopularidade é algo que conheço bem. De outros tempos. *Vale,*

734

As eleições tribais realizaram-se sem a presença do cônsul, depois de o Senado ter nomeado como

escrutinador Metelo Pio, o Bacorinho, que era pretor e regressara a Roma com Sila. Uma coisa

saltava desde logo aos olhos: os tribunos da plebe constituiriam um grupo muito conservador, pois o

primeiro nome da lista era Públio Sulpício Rufo e, não muito longe dele, vinha o nome de Públio

Antístio. Sulpício conseguira libertar-se de Pompeu Estrabão; tendo assegurado uma excelente

reputação no campo de batalha como comandante nas lutas contra os Picentinos, Sulpício pretendia

agora assegurar a fama política. Possuía já uma boa reputação retórica e forense, pois tivera uma

brilhante carreira no Fórum, enquanto jovem. Considerado como o mais prometedor orador da

geração mais jovem, seguia o estilo asiático, tal e qual como o falecido Crasso Orador, os seus

gestos eram sempre graciosamente calculados e, além de possuir uma voz belíssima, era um perito

nos artifícios da retórica. O seu caso mais famoso era o processo que conduzira contra Caio

Norbano, alegando que este condenara ilegalmente o cônsul Cepião, célebre pelo ouro de Tolosa: o

facto de ter perdido o caso não afectara minimamente a sua reputação. Grande amigo de Marco

Lívio Druso (embora não tivesse apoiado a emancipação para os Italianos), mantivera-se, desde a

morte de Druso, muito ligado a Quinto Pompeu Rufo, que nas eleições consulares iria fazer equipa

com Sila. O facto de ser eleito Presidente do Colégio dos Tribunos da Plebe não constituía um bom

agouro para os demagogos. Mas a verdade é que nenhum dos dez tribunos eleitos tinha

aparentemente tendências demagógicas e, de facto, à eleição não se seguiu a aprovação de nenhuma

lei controversa. Mais prometedora era a eleição de Quinto Cecílio Metelo Celer para o lugar de edil

plebeu; dizia-se que o novo edil plebeu, um homem riquíssimo, pensava realizar uns jogos

estupendos, o que vinha mesmo a calhar numa cidade que estava cansada da guerra.

Com o Bacorinho presidindo uma vez mais, as Centúrias reuniram-se no Campo de Marte, a fim de

assistirem à apresentação formal dos candidatos a cônsules e pretores. Quando Sila e o seu colega

Quinto Pompeu Rufo anunciaram a sua candidatura, os aplausos e vivas tornaram-se

ensurdecedores. Mas quando Caio Júlio César Estrabão Vopisco Sesquiculo anunciou a *sua*

intenção de disputar as eleições consulares, registou-se um silêncio absoluto.

735

- Não podes! - disse Metelo Pio. - Ainda não foste pretor!

- Sustento que não há nada na lei que impeça um homem de disputar o consulado sem ter sido

pretor - disse César Estrabão, mostrando um rolo de pergaminho tão grande que a audiência logo

protestou. - Tenho aqui uma dissertação que lerei do princípio ao fim, de forma a aprovar que a

minha tese é inquestionável.

- Não te maces, Caio Júlio Estrabão! - exclamou o novo tribuno da plebe, Sulpício, que se

encontrava entre a multidão aglomerada aos pés da plataforma dos candidatos. - Eu oponho o meu

veto! Não podes candidatar-te.

- Ora essa, Públio Sulpício! Julguemos por uma vez a lei em vez de a usarmos apenas para julgar

pessoas! - gritou César Estrabão.

- Oponho o meu veto à tua candidatura, Caio Júlio Estrabão. Desce daí e junta-te aos teus pares -

disse firmemente Sulpício.

- Nesse caso, apresento a minha candidatura ao cargo de pretor!

- Este ano, não - ripostou Sulpício. - Também veto a tua candidatura ao cargo de pretor.

Havia alturas em que o irmão mais novo de Quinto Lutácio Catulo César e Lúcio Júlio César, o

censor, se mostrava violento e desordeiro, criando por isso sérios problemas a si mesmo. Porém,

naquela situação, César Estrabão limitou-se a encolher os ombros, e, com um sorriso nos lábios,

desceu da plataforma e foi ter com Sulpício.

- Imbecil! O que é que te deu para fazer uma destas? - perguntou-lhe Sulpício.

- Se não estivesses cá, podia ser que tivesse resultado.

- Eu ter-te-ia matado primeiro - disse outra voz.

César Estrabão virou-se, viu que a voz era do jovem Caio Flávio Fímbria, e olhou-o com uma

expressão sarcástica.

- Está mas é calado, meu grande cretino! Tu nem uma mosca eras capaz de matar!

- Acabem já com isso! - disse imediatamente Sulpício, pondo-se entre os dois. - Vai-te embora,

Caio Flávio! Vá, desaparece! Deixa o governo de Roma aos mais velhos, aos teus superiores!

César Estrabão desatou a rir e Fímbria escapuliu-se.

- Tão novinho e já é uma rica peste - comentou Sulpício. - Ele nunca te perdoou por teres

processado Vário.

- Isso não me surpreende - retorquiu César Estrabão. - Quando Vário morreu, Caio Flávio Fímbria

perdeu o seu único meio de sustento visível.



Não haveria mais surpresas; apresentadas todas as nomeações para os cargos de cônsul e pretor, todos foram para casa, a fim de

aguardarem, com a paciência possível, pelo regresso do cônsul, Cneu Pompeu Estrabão.

Cneu Pompeu Estrabão só regressaria a Roma em fins de Dezembro. Mal chegou, insistiu para que o seu

triunfo fosse celebrado antes da realização das eleições. O facto de ter demorado tanto a regressar a Roma deveu-se a uma brilhante ideia que teve após a conquista de Ásculo Picentino. A sua parada triunfal estava condenada a ser uma parada muito pobre; não havia despojos para exibir, não haveria carros alegóricos revelando paisagens e povos exóticos, terras e gentes que os habitantes de Roma nunca tinham visto. Tais carências levaram-no então a ter a tal brilhante ideia. Brilhante e simples: integraria na sua parada milhares e milhares de rapazinhos italianos! Se assim pensou, melhor o fez - e em pouco tempo as suas tropas

conseguiam reunir milhares de rapazes italianos, com idades compreendidas entre os quatro e os doze anos.

Por isso, o seu carro triunfal percorreu as ruas de Roma precedido por uma legião de rapazes, caminhando vagarosamente, penosamente. Um espectáculo terrível, nem que fosse apenas pelo facto de lembrar aos

Romanos que aqueles rapazes eram todos órfãos de pai, que os seus pais tinham sido todos mortos pelas tropas de Cneu Pompeu Estrabão.

As eleições curuis realizaram-se três dias antes do Ano Novo. Lúcio Cornélio Sila foi eleito cônsul sénior, e o seu amigo Quinto Pompeu Rufo foi escolhido para o acompanhar no consulado. Dois homens ruivos

provenientes de extremos opostos do espectro nobre romano. Roma ansiava por ter no consulado dois homens que funcionassem como uma equipa - isso significava uma mudança. Por outro lado, era

grande a esperança de que alguns dos danos da guerra fossem reparados.

Aquele era um ano de seis pretores, o que significava que a maior parte dos governadores das províncias ultramarinas permaneceria nos seus cargos: Caio Sêncio e o seu lugar-tenente Quinto Brútio Sura na

Macedónia; Públio Servílio Vátia e os seus lugares-tenentes Caio Célio e Quinto Sertório nas Gálias; Caio Cássio na Província da Ásia; Quinto Ópio na Cilícia; Caio Valério Flaco na Hispânia; o novo pretor Caio Norbano foi mandado para a Sicília, e um outro novo pretor, Públio



Sextílio, foi para África. O pretor urbano era um homem já idoso, Marco Júnio Bruto. Tinha um

filho que acabara de entrar para o Senado, mas candidatara-se ao cargo de pretor apesar da sua

pouca saúde, porque, dizia, Roma precisava de homens decentes a governá-la quando havia tantos

homens decentes ainda no campo de batalha. Quando ao *praetor peregrinas,* tratava-se de um

plebeu de nome Servílio, da família Augure.

O primeiro dia do ano amanheceu radioso, e os presságios da noite anterior tinham sido favoráveis.

Não surpreendia que, após dois anos de inquietações e receios, toda a cidade de Roma tivesse

decidido assistir à tomada de posse dos novos cônsules. Toda a gente sentia que a vitória total sobre os Italianos se aproximava e muitos eram os romanos que esperavam que os novos cônsules

tivessem agora tempo para resolver os tremendos problemas financeiros da cidade.

Depois da consulta dos presságios, Lúcio Cornélio Sila regressou a casa, vestiu a toga debruada a

púrpura e, com as suas próprias mãos, colocou na cabeça a Coroa de Erva. Ao sair de casa, pôde

experimentar uma sensação completamente nova: a sensação de passear pelas ruas de Roma na

companhia de doze lictores que levavam aos ombros os feixes de varas de olmo ligadas por uma

correia vermelha. À sua frente, para além dos lictores, seguiam os cavaleiros que tinham preferido

escoltá-lo a ele, em vez de Quinto Pompeu Rufo, e atrás vinham os senadores, incluindo o seu

muito caro amigo Quinto Cecílio Metelo Pio, o Bacorinho.

Este é o *meu* grande dia, dizia Sila para si mesmo enquanto a imensa multidão suspirava e

manifestava a sua admiração ao ver a Coroa de Erva. Pela primeira vez na minha vida não tenho

nem rivais nem pares. Sou o cônsul sénior, ganhei a guerra contra os Italianos, trago na cabeça a

Coroa de Erva. Sou mais poderoso do que um rei.

As duas procissões, iniciadas nas casas dos novos cônsules, juntaram-se ao fundo da Clivus

Palatinus, onde se encontrava ainda a velha Porta Mugiónia, uma relíquia dos tempos em que

Rómulo construíra a muralha em torno da sua cidade do Palatino. A partir desse local, seis mil

homens avançaram solenemente pela Vélia e pela Clivus Sacer, na direcção do baixo Fórum. A

maior parte desses homens eram cavaleiros com a banda de púrpura estreita - a *angustus clavas* -

nas suas túnicas;

0 Senado, bastante rarefeito, vinha imediatamente atrás dos cônsules e



dos lictores. Por todo o lado, os espectadores aplaudiam e gritavam vivas; havia gente empoleirada

nas paredes das casas do Fórum, nas arcadas e nos telhados das basílicas, nos telhados dos templos

que ofereciam as melhores vistas, em todas as escadarias que levavam ao Palatino, em todos os

degraus e entradas dos templos, nos telhados das tabernas e lojas da Via Nova, nas galerias das

grandes casas do Palatino e do Capitólio que davam para o Fórum. Gente. Gente por todo o lado.

Aplaudindo, saudando, o homem que trazia na cabeça a Coroa de Erva, uma coroa que a maior

parte nunca tinha visto.

Sila caminhava com uma dignidade real que nunca ninguém lhe tinha visto, agradecendo os

aplausos e saudações com uma ligeira inclinação da cabeça; nenhum sorriso lhe aflorava os lábios e,

nos seus olhos, não se lia nem presunção nem júbilo. O sonho tornara-se realidade: aquele era o *seu* grande dia. Uma das coisas que mais o fascinou foi o facto de reparar em certas pessoas no meio

das vastas multidões: uma mulher bela, um velho, uma criança às cavalitas do pai, um estrangeiro -

e Metróbio. Quase parava quando viu Metróbio. Mas o seu embaraço durou apenas um segundo.

Metróbio era apenas um rosto na multidão. Leal e discreto como sempre. Não se notava no seu belo

rosto moreno nenhum sinal de que houvera entre eles uma relação muito especial. Excepto talvez

nos olhos, embora só Sila o pudesse entender. Eram olhos tristes, aqueles olhos. Mas logo aquele

rosto desapareceu, ficou para trás, no passado.

Depois de passarem pela zona junto ao anfiteatro dos *Comitia* e de virarem à esquerda para fazerem o caminho entre o templo de Saturno e as arcadas abobadadas que albergavam os Doze Deuses, os

cavaleiros pararam, viraram-se para a Clivus Argentarius e começaram a aclamar alguém. Era um

barulho tremendo, uma saudação muito mais entusiástica do que a que os cavaleiros tinham

reservado a Sila. O detentor da Coroa de Erva ouvia as aclamações mas não conseguia ver nada. O

suor escorria-lhe pelas costas. Havia alguém que naquele momento lhe estava a roubar a sua

multidão! Porque toda a gente se virara para a Clivus Argentarius, porque os seus vivas cresciam

ensurdecedores, porque as suas mãos se agitavam como ervas num mar imenso.

Sila nunca fizera tão grande esforço em toda a sua vida - nada mudara na sua expressão, na

inclinação da cabeça, nos olhos em que ninguém detectaria um sentimento. A procissão pôs-se de

novo a



caminho; Sila avançou pelo baixo Fórum atrás dos seus lictores, sem nunca virar a cabeça para verificar o que o esperava ao fundo da Clivus Argentarius. Aquilo que lhe tinha roubado a sua multidão. Que lhe tinha roubado o seu dia. O *seu* dia!

Até que viu a razão de toda aquela mudança. Caio Mário. Lá estava ele. Acompanhado pelo rapaz. Vestido com a *toga praetexta.* Iria juntar-se aos senadores curuis que vinham imediatamente atrás de Sila e Pompeu Rufo. De novo activo, Caio Mário. Iria assistir à

tomada de posse dos novos cônsules, à reunião do Senado que se realizaria depois no templo de Júpiter Optimus Maximus, aos festejos no mesmo templo. Caio Mário.

Caio Mário, o génio militar. Caio Mário, o herói.

Quando Sila passou por ele, Caio Mário fez-lhe uma vénia. Sila não poderia permitir que transparecesse a raiva que o dominava naquele momento. Nem mesmo Caio Mário poderia perceber quão furioso estava. Por

isso, respondeu-lhe com outra vénia. Nesse instante, a adulação atingiu o rubro: a multidão gritava, berrava, chorava de alegria. Depois de Sila ter virado à esquerda para caminhar junto ao templo de Saturno e subir a colina do Capitólio, Caio Mário ocupou o seu lugar no seio dos homens das togas debruadas a púrpura,

sempre com o rapaz ao seu lado. Tinha melhorado tanto que quase já não arrastava o pé esquerdo e conseguia mover a mão esquerda que segurava as pesadas dobras da toga - as pessoas viam claramente que ele já não era um homem aleijado, uma massa pesada que em tempos quase não conseguia andar; quanto ao rosto, não

sorria para evitar o esgar em que se transformara o seu sorriso.

Darei cabo de ti, Caio Mário, pelo que me fizeste hoje!, pensava Sila. *Sabias,* sim, sabias que este era o meu dia, o grande dia da minha vida! No entanto, não resististe a mostrar-me que Roma continua a pertencer-te.

Que eu - um patrício Cornélio! - nada sou se comparado contigo, quando afinal tu não passas de um labrego italiano que nem a língua grega conhece. Que eu não conquistei o amor do povo. Que eu não poderei nunca elevar-me às tuas alturas. Bom, talvez seja assim mesmo, Caio Mário. Mas eu darei cabo de ti. Serei a tua ruína. Cedeste à tentação de me pores em causa no *meu* dia. Se tivesses

regressado à vida pública amanhã - ou depois de amanhã, ou em qualquer outro dia -, o resto da tua vida seria muito diferente. Mas assim será uma verdadeira agonia. Porque eu darei cabo de ti. Serei a tua ruína. Não usarei veneno. Nem nenhuma faca. Farei com que os



teus descendentes nunca exibam a tua *imagem* numa procissão fúnebre da família, destruirei a tua reputação para todo o sempre.

Aquele dia terrível não demoraria a findar. Com um ar satisfeito e orgulhoso, o novo cônsul sénior arrumou-se a um canto do templo de Júpiter Optimus Maximus, com o mesmo sorriso indiferente que se via na estátua do Grande Deus, deixando que os senadores prestassem homenagem a Caio Mário (quando afinal a maior

parte desses senadores detestava o Grande Homem). Quando se apercebeu de que Mário fizera tudo aquilo inocentemente - que não lhe ocorrera que talvez estivesse a destruir aquele que era o grande dia de Sila, que pensara muito simplesmente que aquele seria um dia magnífico para reaparecer no Senado -, quando se

apercebeu disso, Sila não ficou menos furioso nem desistiu da sua intenção de acabar com aquele velho importuno. Pelo contrário: o facto de Mário não ter feito aquilo propositadamente tornava a sua acção ainda mais intolerável; aos olhos de Mário, Sila era uma personalidade tão pouco importante que nem sequer o inquietava. E por isso Mário pagaria um preço amargo.

- Que-que-que *atrevimento.* - segredou Metelo Pio a Sila quando a reunião acabou e os escravos públicos começaram a preparar o banquete. - Ele-ele-ele-ele fez a-a-a-aquilo propositadamente!

- Sim, claro, foi de propósito - mentiu Sila.

- E-e-e-e não va-va-va-vais fazer nada? - perguntou Metelo Pio, quase chorando.

- Acalma-te, Bacorinho, estás a gaguejar - disse Sila, usando aquele nome detestado, mas de uma maneira que nunca chocava Metelo Pio. - Eu recuso-me a deixar que estes idiotas se apercebam do que sinto. Deixa-os pensar, e deixa-o a ele também pensar, que eu aprovo tudo o que ele fez de alma e coração. Eu sou o cônsul, Bacorinho. Ele não. Caio Mário não passa de um velho doente tentando recuperar uma ascendência que nunca voltará a ter.

- Quinto Lutácio está parvo com o que aconteceu - disse Metelo Pio, procurando não gaguejar. - Estás a vê-lo ali? Disse a Mário o que pensava e não é que o velho hipócrita respondeu que não tinha a mínima intenção de prejudicar fosse quem fosse?

- Não dei por essa conversa - retorquiu Sila, olhando para Catulo César, que falava com um ar visivelmente furioso com o seu irmão, o censor, e com Quinto Múcio Cévola, que tinha uma expressão infeliz. Sila sorriu.

Um largo sorriso.

741

- Se Quinto Lutácio está a dizer mal de Caio Mário, não o deveria fazer em frente de Quinto Múcio.

- Porquê? - perguntou o Bacorinho, mais curioso agora que indignado.

- Porque vai haver casamento. Quinto Múcio dará a sua filha ao jovem Mário logo que ela atinja a idade própria.

- Por todos os deuses! Quinto Múcio tinha muitas outras hipóteses! Sila ergueu uma sobrancelha.

- Achas que sim, meu caro Bacorinho? Não te esqueças que Caio Mário é riquíssimo!

No regresso a casa, Sila só não recusou a companhia de Catulo César e Metelo Pio, embora não os tenha convidado a entrar. A casa estava sossegada e a sua mulher não andava por perto, o que deixou Sila

extremamente contente; a maldita *bondade* de Élia deixá-lo-ia exasperado, com vontade de a matar.

Encaminhou-se apressadamente para o escritório, fechou a porta à chave e baixou as venezianas da janela.

Deixou que a toga deslizasse pelo seu corpo e caísse no chão e, com um pontapé indiferente, afastou-a; com uma expressão que finalmente revelava o que sentia, Sila abeirou-se do consolo onde se encontravam seis miniaturas de templos, seis magníficos trabalhos em ouro. Os cinco pertencentes aos seus antepassados, mandara-os restaurar logo após ter entrado para o Senado; o sexto encerrava a sua própria imagem, e viera da oficina de Mágio do Velabro precisamente no dia anterior.

O trinco do templo encontrava-se engenhosamente escondido atrás do entablamento da primeira fila de

colunas; aberto o trinco, as colunas afastavam-se como se fossem duas portas. Lá dentro, estava o seu retrato esculpido, uma máscara do tamanho do seu próprio rosto; atrás das orelhas havia fios que aguentavam a máscara sempre que ela fosse usada, fios que eram escondidos pela cabeleira.

Feita de cera, a *imagem* de Sila era de facto um trabalho magnífico. A pele era tão branca como a de Sila, as sobrancelhas e pestanas tinham o mesmo tom de castanho com que Sila costumava maquilhar-se em ocasiões como reuniões do Senado ou jantares em Roma. Os lábios, muito belos, estavam ligeiramente entreabertos,

porque Sila respirava pela boca; e os olhos eram réplicas impressionantes dos seus próprios olhos; no entanto, um exame atento revelava que as pupilas eram de facto buracos, através dos quais o actor que usasse a máscara conseguiria ver o suficiente para poder andar normalmente. Mágio do Velabro só



falhara na cabeleira: de facto, não conseguira encontrar em sítio nenhum uma cabeleira cuja cor se

assemelhasse à dos cabelos de Sila. Não faltavam em Roma os fabricantes de perucas, e entre as cores mais populares contavam-se vários tons de louro e ruivo; os proprietários originais do cabelo eram bárbaros de sangue gaulês ou germano, obrigados a cortar o cabelo por negociantes de escravos ou senhores com faltas de dinheiro. A cabeleira encontrada por Mágio era sem dúvida mais ruiva que a de Sila, mas igualava-a em beleza e no estilo do penteado.

Durante longos instantes Sila fitou a sua própria imagem. Não tinha ainda recuperado da surpresa de descobrir como ele era aos olhos dos outros. Em comparação com aquela *imagem,* o melhor espelho de prata não valia nada. Encomendarei aos escultores de Mágio alguns bustos e uma estátua de corpo inteiro com armadura, decidiu Sila, perfeitamente deliciado com a imagem que os outros tinham de si. Por fim, os seus pensamentos encaminharam-se de novo para a perfídia de Mário, e o intenso olhar ficou como que ausente; depois, como que acordando de súbito, enganchou os dedos indicadores em dois cornos que havia no chão do templo. A cabeça de Lúcio Cornélio Sila saiu então do interior do templo, pronta a ser usada: bastaria tirar-lhe a cabeleira e despegar a máscara de uma base que era um molde de barro no rosto de Sila. Longe dos estragos que a luz e o pó poderiam causar, bem fechada no seu templo escuro e abafado, a máscara sobreviveria

durante um ror de gerações.

Sila levou as mãos à cabeça, tirou a Coroa de Erva e colocou-a sobre a cabeleira da imagem. Eram ervas sujas, enlameadas, pisadas, esmagadas, as ervas que tinham sido arrancadas no campo de batalha de Nola. E

os dedos que tinham feito a coroa não eram os dedos delicados e experientes de uma florista; eram os dedos do centurião *primus pitus* Marco Canuleio, dedos mais habituados a agarrar um bastão cheio de nós. Agora, passados sete meses, a Coroa de Erva já tinha secado; as ervas não passavam de finos fios semelhantes a cabelos e as poucas folhas que restavam estavam secas e encolhidas. Mas tu és rija, aguentas tudo, minha bela Coroa, pensou Sila enquanto a colocava com todo o cuidado sobre a cabeleira da máscara. Sim, és rija. Foste feita com ervas italianas e por um soldado romano. Resistirás. Tal como eu resistirei. E os dois juntos destruiremos Caio Mário.

743

Convocado por Sila, o Senado voltou a reunir no dia seguinte à tomada de posse dos novos cônsules. Havia finalmente um novo Princeps Senatus. Fora nomeado durante as cerimónias do dia de Ano Novo. Era Lúcio Valério Flaco, ”testa-de-ferro” de Mário (Flaco era então cônsul júnior) durante o difícil ano em que Mário fora cônsul pela sexta vez, tivera a primeira trombose e não conseguira impedir o furioso ataque de Saturnino.

Não era uma nomeação muito popular, mas havia tantos regulamentos e precedentes e restrições que só Lúcio Valério Flaco se apresentava com condições para desempenhar tal cargo - era um patrício, chefe do seu grupo de senadores, ex-cônsul, censor e *interrex* mais vezes do que qualquer outro senador patrício. Ninguém acreditava que Flaco estivesse à altura de Marco Emílio Escauro. Nem o próprio Flaco.

Antes de a reunião começar, Flaco fora ter com Sila e desatara a divagar sobre os problemas da Ásia Menor; mas tão confuso era o seu discurso e tão incoerentes as suas frases que Sila logo lhe pediu que o deixasse, indicando que era tempo de consultarem os auspícios. O próprio Sila, agora também um augure, presidiu às cerimónias em conjunto com Aenobarbo Pontifex Maximus. Ora aqui está outro com muito mau parecer,

pensou Sila, suspirando; sim, de facto era triste o estado a que chegara aquele Senado.

Desde que chegara a Roma, no princípio de Dezembro, Sila não gastara todo o seu tempo em visitas a amigos, em sessões de pose nas oficinas de Mágio do Velabro, em conversações ociosas, em discussões com uma

esposa que o aborrecia, e em congeminações acerca de Caio Mário. Sabendo que seria eleito cônsul, passara a maior parte do seu tempo em conversações com os cavaleiros que respeitava ou que sabia serem os mais

aptos, com os senadores que tinham permanecido em Roma durante a guerra (como era o caso do novo pretor urbano, Marco Júnio Bruto), e também com homens como Lúcio Decúmio, membro da Quarta Classe e

zelador de uma congregação das encruzilhadas.

Sila levantou-se por fim para falar ao Senado. Desde logo procuraria demonstrar que ele, Lúcio Cornélio Sila, era um chefe que não tolerava que o contestassem.

- Princeps Senatus, veneráveis Senadores, eu não sou um orador

- começou Sila, mantendo uma postura rígida em frente da sua cadeira curul. - Não me ouvirão por isso fazer belos discursos. Ouvirão, isso

sim, uma abordagem concreta dos factos, seguida da descrição das medidas que tenciono tomar para tentar solucionar os problemas. Podem debater as questões - *se* sentem que o devem fazer -, mas permito-me lembrar-lhes que a guerra não chegou ainda a uma conclusão satisfatória. Por isso, não pretendo gastar em Roma mais tempo do que aquele que é absolutamente necessário. Aviso-os também de que tratarei com a

maior severidade todos os membros desta augusta casa que tentarem levantar-me obstáculos por motivos de vaidade ou interesse do género das que Lúcio Márcio Filipe protagonizou nos tempos que antecederam a

morte de Marco Lívio Druso. Espero que me estejas a ouvir com atenção, Lúcio Márcio...

- Os meus ouvidos não podiam estar mais atentos, Lúcio Cornélio

- retorquiu Filipe, arrastando as palavras.

Um outro homem que não Sila teria preferido esmagar Filipe com uma ou duas frases bem escolhidas; Lúcio Cornélio Sila, contudo, fê-lo com os olhos. Mesmo quando se ouviram risinhos abafados na sala, aqueles olhos estranhamente pálidos percorreram as bancadas à procura não de cúmplices mas de culpados. As

expectativas de uma disputa verbal morreram à nascença, os risos esbateram-se abruptamente, e todos

descobriram razões válidas para se mostrarem ainda mais atentos.

- Todos nós sabemos que as finanças de Roma, tanto as públicas como as privadas, se encontram num estado deplorável. Os questores urbanos informaram-me de que o Tesouro está vazio, e os tribunos do Tesouro

indicaram-me o montante da dívida de Roma a várias instituições e personalidades da Gália Italiana. Esse montante é de aproximadamente três mil talentos de prata e aumenta todos os dias por duas razões: em

primeiro lugar, porque Roma continua a ver-se obrigada a comprar a essas instituições e personalidades; em segundo lugar, porque as principais dívidas continuam por pagar, porque os juros continuam por pagar, e porque nem sempre temos possibilidades de pagar os juros vencidos pelos juros não pagos. O comércio está a afundar-se. Aqueles que emprestaram dinheiro ao sector privado não vêem as suas dívidas pagas, nem os juros, nem os juros sobre os juros não pagos. E aqueles que pediram dinheiro emprestado ainda estão em piores condições.

Os olhos de Sila fixaram-se, pensativos, em Pompeu Estrabão, que estava sentado na fila da frente, do lado direito, junto de Caio



Mário, olhando, aparentemente despreocupado, para o nariz; os olhos de Sila pareciam dizer para todo o Senado: ora aqui está um homem que devia ter descansado um pouco das suas actividades marciais e feito qualquer coisa para deter a alarmante crise financeira, especialmente depois de o pretor urbano ter morrido.

- Solicito por isso que esta Casa envie um *senatus consultam* à Assembleia de Todo o Povo propondo uma *lex Cornelia* prevendo o seguinte: que todos os devedores, cidadãos romanos ou não, sejam obrigados a pagar apenas o juro simples - ou seja, apenas o juro sobre o capital da dívida - à taxa acordada por ambas as partes na época em que o empréstimo foi feito. A imposição do juro composto fica proibida, tal como a imposição do juro simples a uma taxa superior à originalmente acordada.

Ouviram-se então alguns murmúrios, vindos em particular daqueles que tinham emprestado dinheiro. Mas o ar ameaçador de Sila fez

com que os murmúrios não passassem disso mesmo: murmúrios. Sila era

inegavelmente um Romano dos quatro costados. Tinha a força, o poder, de um Caio Mário. Mas tinha o ar de um Marco Emílio Escauro. E ninguém, nem mesmo Lúcio Cássio, pôs alguma vez a hipótese de tratar Lúcio Cornélio Sila da forma que Aulo Semprónio Asélio tinha sido tratado. Porque Sila não era homem que

suscitasse nos outros especulações sobre o desejo de o ver morto. Assassinado, aliás.

- Numa guerra civil não há vencedores - disse calmamente Sila.

- A guerra que está prestes a terminar é uma guerra civil. Do meu ponto de vista pessoal, nenhum Italiano poderá alguma vez ser um Romano. Mas sou suficientemente romano para respeitar as leis recentemente

aprovadas e que permitem a um certo número de italianos tornarem-se cidadãos romanos. Não haverá

despojos de guerra, não haverá indemnização que chegue para pagar uma camada de prata sobre o chão nu do templo de Saturno.

- *Edepol!* Mas ele julgará que isto é oratória? - perguntou Filipe para quem o queria ouvir.

- *Tace!* - rosnou Mário.

- Os tesouros italianos estão tão vazios quanto os nossos - prosseguiu Sila, ignorando o breve diálogo entre Filipe e Mário. - Os novos cidadãos estão tão cheios de dívidas e empobrecidos como os genuínos Romanos.

Em tais circunstâncias, temos de começar tudo de novo. Promulgar um cancelamento geral das dívidas é

impensável. Mas não



podemos perseguir os devedores até à morte. Por outras palavras, nesta equação que envolve os empréstimos, será bom e justo que as duas partes cheguem a uma conciliação. E é esse o objectivo da *lex Cornelia.*

- E a dívida de Roma à Gália Italiana? - perguntou Mário. - A *Lex Cornelia* abrange também essa questão?

- Absolutamente, Caio Mário. - retorquiu satisfeito Sila. - Todos sabemos que a Gália Italiana é muito rica. A guerra na península não atingiu essa região. Aliás, a Gália Italiana arrecadou muito dinheiro graças

precisamente à guerra na península. Por isso, essa província e os seus homens de negócios podem

perfeitamente dispensar o juro composto. Graças a Cneu Pompeu Estrabão, toda a zona da Gália Italiana a sul do Pó é agora integralmente romana, e os principais centros a norte do rio foram contemplados com os

Direitos Latinos. Creio que é justo que a Gália Italiana seja tratada como qualquer outro grupo de Romanos e Latinos.

- Não se sentirão tão felizes por serem clientes de Pompeu Estrabão, depois de saberem que esta *lex Cornelia* vai ser aplicada na Gália Italiana - segredou Sulpício a Antístio com um sorriso irónico.

Mas o Senado aprovou a lei com uma explosão de votos favoráveis.

- É uma boa lei, Lúcio Cornélio - disse de súbito Marco Júnio Bruto. - Mas não vai suficientemente longe. O

que acontece nos casos em que o litígio é inevitável, e em que uma ou ambas as partes não têm dinheiro suficiente para pagar a *sponsio* ao pretor urbano? Embora os tribunais que julgam as falências estejam fechados, há muitos casos em que o pretor urbano tem poderes para decidir sem ter de realizar uma audição.

Basta que a soma em questão seja entregue ao pretor urbano, que a guardará. Mas o que nos diz a lei actual é que se a soma em questão não for depositada, o pretor urbano ficará de mãos atadas e não poderá realizar a audição necessária ao julgamento do caso nem pronunciar um veredicto. Gostaria, por isso, de sugerir a aprovação de uma segunda *lex Cornelia* prescidindo do depósito da *sponsio* em casos de dívida.

Sila riu-se e aplaudiu. - Mutio bem, *praetor urbanus,* esse é o género de coisas que eu quero ouvir! Soluções sensatas para problemas complicados! Concordo inteiramente com a tua sugestão! Proponho por isso a

promulgação de uma lei prevendo que se prescinda da *sponsio* normalmente entregue ao pretor urbano!

747

- Bom, mas já que chegámos a esse ponto, porque não reabrir muito simplesmente os tribunais que julgam os casos de falência? perguntou Filipe, que temia toda e qualquer lei relacionada com o pagamento de dívidas; de facto, Filipe estava constantemente endividado e era uma das personalidades romanas que mais relutante se mostrava em pagar as suas dívidas.

- Por duas razões, Lúcio Márcio - disse Sila, respondendo como se pensasse que a observação de Filipe fora séria e não irónica. - A primeira razão é esta: não temos ainda o número necessário de magistrados para pôr os tribunais a funcionar e o Senado está tão pouco povoado que seria difícil encontrar juizes especiais, tendo em conta que esses juizes deveriam ter um conhecimento apropriado

das leis. A segunda razão é que a falência constitui um procedimento civil, e os chamados tribunais de falências são inteiramente constituídos por juizes especiais nomeados pelo pretor urbano. E esta segunda razão remete-nos imediatamente para a primeira, não *é* verdade? Se não temos juizes que cheguem para os tribunais criminais, como poderemos tê-los para presidirem aos julgamentos de ofensas civis, que são mais flexíveis e discricionários?

- Não poderias ter explicado o problema de forma mais sucinta! Obrigado, Lúcio Cornélio - retorquiu Filipe.

- Nesse caso, não voltes a falar do caso, Lúcio Márcio. Entendido? Claro que houve mais discussões. Sila não esperava ver as suas recomendações aprovadas sem discussão. Mas mesmo entre os senadores que tinham

emprestado muito dinheiro a oposição revelou-se moderada. Todos eles preferiam receber algum dinheiro a não receber nenhum, e Sila não defendia a abolição total do juro.

- Proponho uma votação - disse Sila, quando achou que já chegava de discussões e já se tinha perdido

demasiado tempo.

A votação foi-lhe largamente favorável; o Senado preparou um *senatus consultum* recomendando as duas novas leis de Sila à Assembleia do Povo, uma instituição em que o cônsul poderia defender os seus pontos de vista pessoalmente, ainda que fosse um patrício.

O pretor Lúcio Licínio Murena, um homem mais famoso pela criação de enguias para banquetes do que pelas suas actividades políticas, propôs então que o Senado considerasse o regresso a Roma de todos aqueles que tinham sido mandados para o exílio pela Comissão Vária, na época em que fora presidida por Quinto Vário.

- Acabamos de conceder a cidadania a metade da Itália, e afinal os homens condenados por apoiarem esse alargamento da cidadania encontram-se privados dos seus direitos de cidadãos! - exclamou apaixonadamente Murena. - É tempo de esses homens voltarem para casa! Eles são exactamente os romanos de que precisamos!

Públio Sulpício levantou-se do banco tribunício e virou-se para a cadeira do cônsul.

- Posso falar, Lúcio Cornélio?

- Fala, Públio Sulpício.

- Eu era muito amigo de Marco Lívio Druso, embora o alargamento da cidadania à Itália nunca tivesse

contado com o meu apoio. No entanto, deplorei a forma como Quinto Vário conduzia as actividades do seu tribunal, e todos nós devemos perguntar a nós mesmos se grande parte das suas vítimas não foram

perseguidas unicamente porque eram homens de quem Quinto Vário não gostava. Mas é um facto que o seu

tribunal foi criado legalmente e realizou os seus julgamentos de acordo com a lei. Esse tribunal funciona ainda, embora com objectivos opostos. É o único tribunal em funcionamento. Podemos portanto concluir que se trata de um corpo legalmente constituído e que, por isso, os seus veredictos são naturalmente válidos. Por tudo isto, devo informar esta Casa de que oporei o meu veto a toda e qualquer tentativa para fazer regressar do exílio todo e qualquer cidadão condenado pela Comissão Vária - disse Sulpício.

- Eu farei exactamente o mesmo - afirmou Públio Antístio.

- Senta-te, Lúcio Licínio Murena - pediu afavelmente Sila. Murena sentou-se, perfeitamente esmagado por aquelas duas intervenções, e, momentos depois, o Senado dava por encerrada a sua primeira reunião presidida por Sila.

Quando se preparava para sair, Sila viu-se detido por Pompeu Estrabão.

- Lúcio Cornélio, gostaria de ter uma breve conversa contigo. Em privado.

- À vontade - retorquiu de bom grado Sila, interessado em que a conversa não fosse breve; reparara que Mário estava à sua espera e só poderia evitá-lo se tivesse uma boa desculpa.

- Quando acabares de resolver os problemas financeiros de Roma

- disse Pompeu Estrabão com voz monocórdica embora ameaçadora

- suponho que tratarás da distribuição dos comandos da guerra.

749

- Sim, Cneu Pompeu, de facto é isso que conto fazer - retorquiu despreocupadamente Sila. - Suponho que a questão deveria ter sido discutida ontem, quando o Senado ratificou todos os governos das províncias, mas, como decerto percebeste pelo meu discurso de hoje, eu encaro este conflito como uma guerra civil, e por isso prefiro que o problema das chefias seja discutido numa reunião ordinária.

- Ah, sim, claro, percebo perfeitamente o teu ponto de vista disse Pompeu Estrabão, querendo dar a entender que o seu problema era não ter o mínimo conhecimento do protocolo e que não se sentia nada inferiorizado por ter feito uma pergunta tão estúpida.

- Sendo assim, qual é a tua ideia? - perguntou delicadamente Sila, reparando que Mário se afastara já, na companhia do jovem César.

- Se incluir as tropas que Públio Sulpício trouxe da Gália Italiana há dois anos e as tropas que Sexto Júlio trouxe de África, disponho actualmente de dez legiões prontas para combater - disse Pompeu Estrabão. -

Como por certo te darás conta, pois imagino que te encontras em circunstâncias idênticas, a maior parte das minhas legiões há um ano que não recebe o pagamento devido por lei.

Sila pôs um sorriso triste.

- Estou a ver onde queres chegar, Cneu Pompeu!

- Bom, acontece que entretanto paguei parte dessa dívida, Lúcio Cornélio. Os soldados trouxeram de Ásculo Picentino tudo o que a cidade tinha para oferecer, desde mobiliário a moedas de bronze. Roupas. Jóias de mulher com muito pouco valor. Pechisbeque. Enfim, as coisas mais insignificantes. Mas eles ficaram

contentes, tal como nas outras ocasiões em que os pude premiar com os despojos das cidades vencidas.

Porcarias. Mas que chegam para contentar os soldados. Bom, portanto esta foi uma das maneiras que me

permitiu atenuar a dívida. - Fez uma pausa, após o que acrescentou: - No entanto, há uma outra maneira que me afecta pessoalmente.

- Ah sim?

- Quatro dessas dez legiões são *minhas.* São formadas por homens das minhas terras do Norte do Piceno e do Sul da Úmbria, todos eles meus clientes. Por isso, não estão à espera que Roma lhes pague. Contentam-se com as sobras, com os restos que conseguirem reunir.

Sila estava atento.

- Continua, por favor!

750

- Ora bem - disse Pompeu Estrabão com um ar pensativo, coçando o queixo com a sua enorme mão direita. -

Eu estou perfeitamente satisfeito com as coisas tal qual como elas estão. Embora *algumas* coisas tenham de mudar porque eu já não sou cônsul.

- Que coisas, Cneu Pompeu?

- Em primeiro lugar, vou precisar que me seja conferida autoridade proconsular. E depois, que o meu

comando no Norte seja confirmado.

- A mão que coçara o queixo fazia agora um gesto largo. - Podes ficar com o resto, Lúcio Cornélio. Eu não o quero. Tudo o que quero é o meu cantinho do nosso querido mundo romano. Piceno e Úmbria.

- E em troca disso, não apresentarás ao Tesouro a conta relativa a quatro das tuas dez legiões, e reduzirás a conta que vais mandar, relativa às outras seis. É isso?

- Percebeste tudo, Lúcio Cornélio.

- Negócio feito, Cneu Pompeu! Eu era capaz de dar o Piceno e a Úmbria a Saturnino se isso nos poupasse o encargo de pagar a dez legiões.

- Ah, isso não, Lúcio Cornélio! A Saturnino não, embora a sua família fosse de facto do Piceno! Eu trataria melhor do Piceno e da Úmbria do que Saturnino alguma vez teria feito.

- Disso estou eu certo, Cneu Pompeu.

Deste modo, quando o Senado discutiu a distribuição dos vários comandos para as operações finais da guerra contra os Italianos, Pompeu Estrabão obteve o que queria sem a mínima oposição do cônsul que na guerra conquistara a Coroa de Erva. Aliás, Pompeu Estrabão não deparou com a oposição de ninguém. Sila tinha movido as suas influências. Embora fosse um homem completamente diferente de Sila - desconhecia por

completo a subtileza ou a sofisticação -, Pompeu Estrabão era considerado tão perigoso como um urso

acossado e tão cruel como um ditador oriental - tinha aliás fortes semelhanças com ambos. As notícias do que fizera em Ásculo Picentino tinham chegado a Roma por um meio tão insólito quanto inesperado; um

*contubernalis* de dezoito anos, de seu nome Marco Túlio Cícero, descrevera essas acções numa carta a um dos seus dois preceptores vivos, Quinto Múcio Cévola, e Cévola não se calara, mais por causa dos méritos

literários do autor da epístola do que pelo monstruoso comportamento de Pompeu Estrabão.

- Brilhante! - comentava Cévola a propósito da carta. - Que poderíamos nós esperar de um carniceiro destes? -

dizia ele a propósito do conteúdo da carta.

751

Embora Sila mantivesse o supremo comando dos teatros Central e do Sul, na prática, o comando do Sul foi parar às mãos de Metelo Pio, o Bacorinho; Caio Coscónio, em consequência de uma infecção causada por um ferimento sem importância, fora obrigado a retirar-

se do serviço activo. O lugar-tenente de Metelo Pio era Mamerco Emílio Lépido Liviano, entretanto eleito questor. Como Públio Gabínio morrera e o seu irmão mais novo, Aulo, era demasiado jovem para ficar com um comando, a Lucânia foi atribuída a Cneu Papírio Carbão, considerado de um modo geral uma excelente escolha.

A meio deste debate - um debate que a certeza da vitória na guerra tornara mais agradável -, Cneu Domício Aenobarbo Pontifex Maximus morreu. Isto implicava a suspensão dos trabalhos do Senado e dos *Comitia* e a angariação do dinheiro necessário para a realização de um funeral de Estado, o funeral de um homem que, por alturas da sua morte, estava muito mais rico que o Tesouro de Roma. Sila conduziu as eleições para o cargo de Pontifex Maximus e para o cargo de sacerdote com amargo ressentimento, pois quando se sentara na

cadeira curul de cônsul assumira grande parte da responsabilidade pelos problemas fiscais de Roma, e ficava furioso por ter de gastar rios de dinheiro por causa de alguém que tinha um mar dele. Por outro lado, antes de Aenobarbo Pontifex Maximus nunca fora necessário realizar eleições para tal cargo e, consequentemente, nunca se gastara dinheiro em tais actos; fora Aenobarbo que, na sua qualidade de tribuno da plebe, conduzira à aprovação da *lex Domina de Sacerdotiis,* a lei que alterara o processo de escolha dos sacerdotes e dos augures, acabando com a cooptação interna e instituindo a eleição externa. Quinto Múcio Cévola - que já era sacerdote - tornou-se o novo Pontifex Maximus, o que implicava que o cargo de sacerdote de Aenobarbo

fosse para um novo membro do Colégio dos Pontífices, Quinto Cecílio Metelo Pio, o Bacorinho. Pelo menos aí fazia-se justiça, pensou Sila. Quando Metejo, o Suíno, morrera, o seu cargo fora atribuído a Caio Aurélio Cota, um belo exemplo de como uma eleição podia destruir os direitos de uma família a um cargo que sempre fora hereditário.

Terminadas as exéquias, os debates voltaram ao Senado e aos *Comitia.* Pompeu Estrabão propôs - e conseguiu - que os seus lugares-tenentes continuassem a ser Poplicola e Bruto Damasipo. O terceiro lugar-tenente, Cneu Octávio Rusão, anunciou que preferia servir Roma dentro de Roma, pelo que toda a gente

concluiu que disputaria o consulado no



final do ano. Cina e Comuto continuariam as suas operações nas terras dos Marsos, e Sérvio Sulpício Galba manter-se-ia à frente dos combates contra os Marrucinos, os Vestinos e os Pelignos.

- No geral, uma boa distribuição - disse Sila ao seu colega consular, Quinto Pompeu Rufo.

Sila fez este comentário durante um jantar em família na mansão de Pompeu Rufo, um jantar que celebrava o facto de Cornélia Sila estar de novo grávida. Esta notícia não provocara em Sila a alegria exuberante que causara em Elia e em todos os Pompeus Rufos. No entanto, não podia deixar de cumprir os seus deveres

familiares. Um dos quais era conhecer finalmente a neta, a qual, de acordo com o outro avô, era o mais belo e perfeito de todos os bebés.

Sila não podia deixar de admitir que Pompeia, agora com cinco meses, era uma bela criança. Tinha cabelo ruivo escuro, encaracolado, sobrancelhas negras e pestanas negras muito longas e espessas, e enormes olhos verdes. A pele era branca e muito sedosa, a boca um belo anel vermelho, e, quando sorria, fazia covinhas nas bochechas rosadas. Embora admitisse que não percebia nada de bebés, Sila achava Pompeia uma criança

apática e estúpida, uma criança que só dava sinal de si quando lhe punham qualquer coisa de ouro, bem brilhante, à frente dos olhos.

Ora aqui está um mau agouro, pensou Sila, rindo para si.

Que a filha estava feliz, era mais que evidente; isso agradava a Sila, que não a amava, mas que se permitia sentir por ela algum afecto desde que Cornélia se comportasse como ele queria. E por vezes, no rosto de Cornélia, Sila encontrava reminiscências do filho, uma expressão viva, um olhar alerta; e nesses momentos lembrava-se de que o filho amara muito a irmã. Que injusta era a vida! Porque morrera tão jovem o seu filho?

Porque não morrera em vez dele aquela rapariga inútil, Cornélia, saudável, radiante, feliz? Não, não era justo.

Os deuses deveriam ter-lhe levado a filha e não o filho. Se houvesse justiça no mundo, o *paterfamilias* deveria ter a possibilidade de escolher.

Sila nunca amara os seus dois filhos germanos, os filhos que tivera quando vivera entre os Germanos, nunca pudera vê-los ou pensara neles como possíveis substitutos para o filho de Julilla, o seu tão amado filho. A razão era que esses jovens não eram romanos e a sua mãe não passava de uma bárbara. O jovem Sila deixara um vazio que era impossível preencher. Em vez dele, vivia Cornélia, a filha que ele entregaria friamente à morte se isso pudesse fazer reviver o jovem Sila.

753

- Estou tão satisfeita! Não há dúvida que Cornélia é muito feliz.

- comentou Élia enquanto se encaminhavam para casa, sem qualquer escolta.

Élia não poderia ter feito um comentário mais infeliz, pois Sila continuava obcecado com a injustiça que era ter perdido um filho e ficado com uma rapariga inútil.

Mal ouviu a observação da mulher, parou e, tomado de uma maldade sem nome, atirou-lhe:

- A partir deste momento considera-te uma mulher divorciada! Élia parou também, estupefacta.

- Lúcio Cornélio! Por favor, reflecte um pouco! - exclamou.

- Procura outra casa. Na minha não podes estar. - E Sila avançou na direcção do Fórum, deixando Élia na Clivus Victoriae completamente sozinha.

Quando recuperou do choque o suficiente para poder pensar, Élia tomou a direcção da casa de Quinto

Pompeu Rufo.

- Por favor, queria ver a minha filha - disse ela ao escravo que estava à porta, espantado por a ver de volta.

Momentos antes, abrira a porta a uma mulher encantadora e radiante de felicidade - agora, abria a porta a uma mulher que parecia estar a um passo da morte, tão sombrio e envelhecido estava o seu rosto.

Quando o escravo se propôs levá-la ao seu amo, Élia pediu que a levasse antes à sala de estar de Cornélia Sila, pois queria falar a sós com a filha.

- Que se passa, mamã? - perguntou despreocupadamente Cornélia quando a viu entrar. Porém, ao ver o rosto transtornado de Élia, Cornélia voltou a perguntar-lhe num tom completamente diferente: - O que é que se passa, mamã? Por favor, diz-me o que tens!

- O teu pai divorciou-se - retorquiu tristemente Élia. - Disse-me que eu estava a mais em casa dele. Por isso não me atrevi a ir para casa. Ele estava a falar a sério.

- Mamã! Porquê? Quando? *Onde!*

- Agora mesmo, na rua.

Cornélia sentou-se, subitamente abatida, ao lado da madrasta, a única mãe que realmente conhecera; da verdadeira mãe, tinha apenas uma vaga memória, uma presença fugaz, triste, chorosa, alguém que dava mais atenção à taça de vinho do que aos filhos. Claro que Cornélia vivera quase dois anos com a avó Márcia, mas a avó Márcia nunca



quisera ser de novo uma mãe e, por isso, sempre a tratara rudemente, e não com amor. Quanto a Élia, tanto Cornélia Sila como o irmão ficaram desde logo encantados com ela e acabaram por amá-la como se ama uma mãe.

Pegando na mão fria de Élia, Cornélia Sila tentou penetrar no vórtice que era a personalidade do pai, naquelas assustadoras e surpreendentes mudanças de disposição, na violência de que ele era capaz, só comparável à violência com que a lava saía de um vulcão, naquela frieza com que reduzia a cinzas todas as esperanças e entusiasmos dos outros.

- Ele é um monstro! - comentou Cornélia entre dentes.

- Não - retorquiu Élia, exausta. - Ele é apenas um homem que nunca foi feliz. Ele não sabe quem é, nem o que quer. Ou talvez saiba, mas não se atreve a ser quem é e a fazer o que realmente quer. Eu sempre soube que ele acabaria por me deixar. Mas pensava que me daria um aviso qualquer... uma mudança no seu

comportamento... enfim, um sinal! Sabes, no fundo, ele já me tinha deixado há muito tempo. Mas com a

passagem dos anos, comecei a nutrir esperanças de que... Ora, não interessa. Vendo bem as coisas, acabei por ficar com ele mais tempo do que esperava.

- Chora, mamã! Se chorares, sentes-te melhor. Mas Élia, pelo contrário, riu-se. Um riso triste.

- Não, não vou chorar. Chorei demasiado quando o nosso rapaz morreu. Mas não foi só ele que morreu nesse momento. Sila também morreu. Morreu com o filho.

- Ele não te vai dar nada de nada, mamã. Eu conheço-o! É um sovina. Não te dará nada de nada.

- Sim, eu sei.

- Mas tu tens um dote, não tens?

- Dei-lho há já muito tempo.

Cornélia Sila ergueu-se com uma expressão de extrema dignidade.

- Virás viver comigo, mamã. Recuso-me a abandonar-te. Quinto Pompeu concordará que é no mínimo justo

que venhas viver comigo.

- Não, Cornélia. Duas mulheres numa casa são mulheres a mais, e tu já tens uma segunda mulher em tua casa, a tua sogra. Uma mulher muito boa. Adora-te. Mas não gostará de ver uma terceira mulher

nesta casa.

- Mas que podes fazer então? - perguntou a jovem, desconcertada.

- Posso ficar aqui esta noite, nesta sala, e reflectir sobre o que hei-de fazer amanhã - retorquiu calmamente Élia. - Por enquanto não digas nada ao teu sogro, peço-te. A situação não é nada fácil para ele. Se tens que dizer a alguém, diz ao teu marido. Tenho de escrever uma mensagem a Lúcio Cornélio, dizendo-lhe onde

estou. Podes pedir a alguém que leve já a mensagem?

- Claro, mamã. - Se fosse filha de outro homem, Cornélia Sila talvez tivesse acrescentado que o pai era capaz de mudar de ideias.

Ao alvorecer, receberam uma resposta de Sila. Élia abriu-a com mãos serenas.

- Que diz ele? - perguntou Cornélia Sila, tensa, expectante.

- ”Divorcio-me de ti porque és estéril”.

- Que tremenda injustiça, mamã! Ele *casou* contigo precisamente por seres estéril!

- Ele é muito inteligente, Cornélia - disse Élia, traindo alguma admiração. - Como as razões apresentadas para o divórcio são estas, não disponho de qualquer recurso perante a lei. Não posso exigir o meu dote, não posso pedir uma pensão. Estive casada com ele doze anos. Quando casei com ele ainda estava em idade de ter

filhos. Mas não tive nenhum filho do meu primeiro marido, nem dele. Nenhum tribunal poderá apoiar as

minhas pretensões.

- Nesse caso ficas a viver comigo - disse Cornélia Sila, absolutamente determinada. - Esta noite contei ao meu marido o sucedido. Ele acha que tudo correrá bem se ficares a viver connosco. Se não fosses uma pessoa tão boa, tão maravilhosa, talvez não resultasse. Mas tudo vai correr bem. Eu sei que vai!

- Ah, o teu pobre marido! - disse Élia, sorrindo. - Que poderia ele dizer senão isso? E o pai dele não dirá outra coisa quando souber. São ambos homens bons, homens generosos. Mas eu sei o que vou fazer, Cornélia, e sei que é o melhor para todos.

- *Mamã]* Não...

Apesar de todo o sofrimento por que estava a passar, Élia conseguiu rir-se.

- Não, claro que eu nunca faria uma coisa dessas, Cornélia! Viverias para sempre atormentada por um tal pesadelo! E eu desejo que tu tenhas uma vida maravilhosa. Desejo-o tanto, minha querida filha! Élia pôs-se muito direita. Estava decidida a fazer o que tinha em mente. - Vou para casa da tua avó Márcia, em Cumas.



- Para casa da avó? Por favor, mamã, não vás para casa desse estafermo!

- Não digas isso, Cornélia! Eu estive três meses com ela no Verão passado e devo dizer-te que foi

uma experiência muito agradável. Aliás, ela tem-me escrito muito, em grande parte porque está

muito sozinha, Cornélia. Tem medo de que a abandonem por completo. Já fez sessenta e sete anos.

É terrível não termos ninguém junto de nós, a não ser escravos, quando morremos. Sexto Júlio

pouco a visitava. Mas quando ele morreu, Márcia sofreu muito. Quanto a Caio Júlio, creio que há

quatro ou cinco anos que não vai vê-la. Por outro lado, ela não se dá bem com Aurélia nem com

Cláudia. Nem com os netos.

- Era isso mesmo que eu queria dizer, mamã. Com quem é que ela se dá bem? É uma pessoa com

tão mau feitio, nunca está satisfeita com nada. Eu conheço-a bem! Ela esteve connosco até tu

casares com o pai.

- A verdade é que ela se dá muito bem comigo. E eu com ela. Sempre foi assim, aliás. Tornámo-nos

amigas muito antes de eu ter casado com o teu pai. Foi ela quem recomendou ao teu pai que me

escolhesse para sua esposa. Deve-me por isso um favor. Se for viver com ela, serei desejada, serei

útil, e não me sentirei em obrigação para com ela. Logo que tiver vencido o choque deste divórcio,

creio que me sentirei bem a viver com ela - retorquiu firmemente Élia.

Esta solução perfeita e absolutamente inesperada foi recebida com genuína gratidão pelo cônsul

Pompeu Rufo e pela sua família. Embora nenhum membro da família fosse capaz de negar a Élia

um lar permanente, a verdade é que se sentiam muito mais satisfeitos se a presença da ex-mulher de

Sila fosse apenas temporária.

- Não compreendo Lúcio Cornélio! - disse o cônsul Pompeu Rufo a Élia um dia depois. - Mal o

encontrei tentei falar-lhe do divórcio, nem que fosse para lhe explicar por que razão te dei abrigo.

Mas ele virou-se para mim com uma cara tal que eu nem consegui abrir boca! O olhar que ele me

deitou! Verdadeiramente impressionante! E eu que pensava que o conhecia! O problema é que

tenho de continuar a gostar dele porque o êxito do nosso consulado depende do nosso bom

relacionamento. Prometemos aos eleitores que trabalharíamos os dois em total harmonia, e não

posso faltar ao prometido.

- Claro que não vais faltar ao que prometeste - disse Élia afectuosamente. - Quinto Pompeu, nunca

foi minha intenção virar-te contra Lúcio Cornélio! O que acontece entre marido e mulher é algo



de muito privado, e a quem está de fora deve parecer muito estranho que um casamento acabe assim sem mais nem menos, sem nenhum motivo aparente. Mas há sempre razões, razões normalmente correctas. Sabe-se lá!

Talvez Lúcio Cornélio deseje realmente ser de novo pai. O seu único filho morreu, não tem nenhum herdeiro.

Por outro lado, Lúcio Cornélio não tem muito dinheiro: isso explica que não me tenha devolvido o dote. Mas eu ficarei bem. Entretanto

queria que mandasses esta carta para Cumas. Esperaremos por uma resposta de Márcia e logo veremos o que se há-de fazer.

Quinto Pompeu pôs-se a fitar o chão, o rosto mais vermelho que o cabelo.

- Lúcio Cornélio mandou as tuas coisas, Élia. Lamento imenso.

- Ora, isso é uma boa notícia! - retorquiu Élia, mantendo-se calma.

- Já me tinha passado pela cabeça que ele era capaz de deitá-las fora.

- Roma não fala de outra coisa. Élia olhou-o nos olhos.

- De que coisa?

- Desde divórcio. Da crueldade dele. Toda a gente ficou chocada com a notícia. - Quinto Pompeu Rufo

aclarou a voz. - Acontece que tu és uma das mulheres mais respeitadas e apreciadas em Roma. Toda a gente fala do caso, incluindo o facto de teres ficado na miséria. Esta manhã, no Fórum, Lúcio Cornélio foi vaiado e assobiado.

- Pobre Lúcio Cornélio! - disse ela, tristemente. - Deve ter ficado furioso, porque odeia esse tipo de manifestações.

- Se ficou furioso, não o mostrou. Continuou a caminhar como se nada tivesse acontecido. - Quinto Pompeu suspirou..- Porquê, Élia? Porquê? - abanou a cabeça. - Ao fim de tantos anos! Não faz sentido... Se ele queria outro filho, porque não se divorciou depois de o jovem Sila ter morrido? Já lá vão três anos. Porque não o fez então?

A resposta à pergunta de Pompeu Rufo, soube-a Élia antes de receber a carta de Márcia que a convidava a ir viver para a sua casa

de Cumas.

Quem trouxe a notícia foi o marido de Cornélia. Tão ofegante vinha que quase não conseguia falar.

- Que se passa? - perguntou Élia, já que a filha nada dizia. -Lúcio... Lúcio Cornélio! Lúcio Cornélio casou-se!

Com... a viúva

de Escauro!

758

Aparentemente, Cornélia Sila não ficou surpreendida.

- Nesse caso, ele já poderá devolver-te o teu dote, mamã - disse ela, furiosa. - A viúva de Escauro é tão rica como Creso.

O jovem Pompeu Rufo aceitou uma taça de água, bebeu-a de um gole, e começou a falar de um modo mais

coerente.

- Foi ao fim da manhã. Só Quinto Metelo Pio e Mamerco Lépido Liviano sabiam do casamento. Tinham

mesmo que saber! Quinto Metelo Pio é primo direito dela, e Mamerco Lépido Liviano é o executor do

testamento de Marco Emílio Escauro.

- Como é que ela se chama? Não consigo lembrar-me do nome dela! - disse Élia, assombrada com tudo

aquilo.

- Cecília Metela Dalmática. Mas toda a gente a trata por Dalmática. Diz-se que há uns anos atrás pouco tempo depois de Saturnino ter morrido, Dalmática teve uma paixão por Lúcio Cornélio, uma paixão que a fez cair a ela e ao marido no maior dos ridículos. Ao que parece, Lúcio Cornélio não lhe ligava nenhuma. E ela

perseguia-o. Até que o marido a encerrou em casa. Parece que desde então nunca mais ninguém a viu.

- Sim, sim, lembro-me perfeitamente do caso - disse Élia. - Só não me lembrava do nome. Não que Lúcio Cornélio me tenha alguma vez falado do caso. Mas enquanto Marco Emílio Escauro não encerrou a mulher, Lúcio Cornélio, sempre que estava em casa, não me deixava sair. Teve todo o cuidado em mostrar a Marco Emílio Escauro que não havia da parte dele qualquer comportamento menos digno. - Élia suspirou. - Não que isso adiantassse alguma coisa. Marco Emílio Escauro não deixou de mover as suas influências para que Lúcio Cornélio perdesse as eleições pretorianas.

- Ela não vai ser feliz com o meu pai - disse Cornélia Sila, com uma expressão sombria. - Ele nunca fez nenhuma mulher feliz.

- Não digas isso, Cornélia!

- Por favor, mamã, eu já não sou uma criança! Tenho um filho! E conheço-o melhor do que tu porque não o amo como tu o amas! Eu sou sangue do seu sangue, *e* isso por vezes faz-me tanto medo! Tanto medo! O meu pai é um monstro. E as mulheres excitam nele o que ele tem de pior. A minha verdadeira mãe matou-se, e que ninguém me venha dizer que a culpa não foi de meu pai!

- Nunca virás a saber, Cornélia. Por isso será melhor que não penses nisso - disse o jovem Quinto Pompeu com um ar grave.



Élia ficou de repente com um ar surpreendido.

- Que estranho! - exclamou. - Se me tivessem perguntado com quem é que ele iria casar, a minha

resposta teria sido apenas uma: com Aurélia!

Cornélia Sila aquiesceu.

- Sim, eu teria dito o mesmo. Foram sempre muito chegados. Tão chegados como duas harpias num

rochedo. Só as penas diferem. O pássaro é o mesmo. - Encolheu os ombros e acrescentou: -

Pássaros? Não, eles não são pássaros, são monstros!

- Creio que nunca vi Cecília Metela Dalmática - disse Élia, ansiosa por evitar que Cornélia Sila

fizesse afirmações perigosas. - Nem mesmo quando ela perseguia o meu marido.

- Já não é teu marido, mamã! Agora é *dela.*

- Quase ninguém a conhece - disse o jovem Pompeu Rufo, também ansioso por acalmar Cornélia

Sila. - Marco Escauro manteve-a em total isolamento, depois desse problema. Ela tem dois filhos,

uma rapariga e um rapaz, mas também ninguém os conhece. E depois da morte de Marco Escauro,

ela ainda se tornou mais invisível. É por isso que a cidade inteira não fala de outra coisa. - Ergueu a taça, pois queria mais água. - Hoje foi o primeiro dia depois do luto. E esse é outro motivo para as

pessoas falarem.

- Ele deve amá-la muito - disse Élia.

- Ora! - retorquiu Cornélia Sila. - Ele não ama ninguém.

Depois do acesso de fúria que o levou a deixar Élia sozinha na Clivus Victoriae, Sila cedeu à sua

habitual tendência para a depressão nas horas que se seguiram. Na manhã seguinte, em parte com a

intenção de magoar ainda mais aquela mulher demasiado boa e demasiado entediante, deslocou-se a

casa de Metelo Pio. O seu interesse pela viúva de Escauro era tão antigo e desapaixonado como a

sua disposição naquele momento; no fundo o que pretendia era fazer sofrer Élia. O divórcio não lhe

bastava. Não lhe chegava a dor que causara: queria que a faca fosse mais fundo. E a melhor maneira

de realizar esse objectivo não seria precisamente casar-se imediatamente com outra mulher, dando a

entender que essa mulher fora a razão do divórcio? Estas mulheres, pensava Sila enquanto se

encaminhava para a casa de Metelo Pio, deram comigo em louco: desde a minha juventude, desde

sempre. Desde que deixei de me oferecer aos homens porque pensei,



estupidamente, que as mulheres eram vítimas mais fáceis. Afinal eu é que fui a vítima. A vítima

*delas.* Matei Nicópole e Clitumna. E, graças a todos os deuses, não foi preciso matar Julilla: ela suicidou-se. Mas é demasiado perigoso matar Élia. E o divórcio não me chega. Há anos que ela

esperava pelo divórcio. É pouco, o divórcio.

Sila encontrou o Bacorinho profundamente envolvido numa conversa com o seu novo questor,

Mamerco Emílio Lépido Liviano. Que sorte encontrar os dois homens juntos! Mas não continuava

Sila a ser o favorito da deusa Fortuna?

Era perfeitamente compreensível que Mamerco e o Bacorinho estivessem fechados no escritório do

segundo; no entanto, a disposição de Sila era de tal modo negativa, e a sua expressão tão sombria,

que os dois homens, mal o viram, se puseram a saudá-lo com a agitação nervosa de um casal

surpreendido em flagrante acto amoroso.

Com o respeito que deviam a um superior, Mamerco e o Bacorinho só se sentaram depois de Sila se

ter sentado. Depois puseram-se a olhar para ele sem saberem o que dizer.

- O gato comeu-lhes as línguas? - perguntou Sila.

Metelo Pio pareceu acordar naquele momento. Sobressaltado, retorquiu:

- Não, Lúcio Cornélio! Não! Desculpa, mas-mas-mas-mas os meus pensamentos estavam muito

longe daqui.

- Os teus também, Mamerco? - perguntou Sila.

Mas Mamerco, lentamente, tranquilamente, encontrou um sorriso nos recessos da sua coragem.

- Sim, de facto os meus pensamentos também estavam muito longe.

- Nesse caso, vou propor-lhes uma direcção completamente diferente para os vossos pensamentos -

retorquiu Sila com o mais terrível dos seus sorrisos.

Mamerco e Metelo Pio nada disseram. Limitaram-se a esperar pelo que Sila tinha a dizer-lhes.

- Quero casar-me com Cecília Metela Dalmática.

- Júpiter! - exclamou Metelo Pio, quase que chiando.

- Aí está uma reacção pouco original, Bacorinho - disse Sila. Levantou-se, foi até à porta do

escritório de Metelo Pio e olhou depois para trás, com uma das sobrancelhas erguida. - Quero casar-

me com ela amanhã - prosseguiu. - Peço-lhes que pensem no caso e que me dêem a vossa resposta à

hora do jantar. Como quero ter um filho,

divorciei-me da minha mulher: ela é estéril. Mas não quero substituir Élia por uma rapariga nova e

estúpida. Sou demasiado velho para brincadeiras de adolescência. Quero uma mulher madura, uma

mulher que já provou a sua fertilidade, pois deu à luz duas crianças, incluindo um rapaz. Pensei em

Dalmática porque julgo que ela tem um fraco por mim. Ou pelo menos tinha há uns anos atrás.

Dito isto, Sila abriu a porta do escritório e desapareceu, deixando Metelo Pio e Mamerco a olhar um

para o outro, estupefactos.

- Júpiter! - exclamou de novo Metelo Pio, agora num tom de voz mais esbatido.

- Uma verdadeira surpresa - comentou Mamerco, que estava muito menos surpreendido do que o

Bacorinho porque conhecia mal Sila.

Metelo Pio coçava a cabeça, abanava-a.

- Mas porquê *ela?* Há anos que não me lembrava de Dalmática! Aliás, só me lembrei dela quando Marco Emílio morreu. Ela é minha prima direita, mas há um ror de anos que não a vejo, porque,

depois daquela espantosa paixão por Lúcio Cornélio, Marco Emílio fechou-a em casa. E estava

mais segura em casa do que nas celas das Lautúmias.

- Olhou para Mamerco. - Como executor do testamento, deves tê-la visto nos últimos meses.

- Vejamos a tua primeira questão: porquê ela? Suponho que por causa do dinheiro, do muito

dinheiro que ela tem - retorquiu Mamerco.

- Quanto à segunda questão, sim, de facto vi-a várias vezes desde que Marco Emílio morreu,

embora não tantas como esperava. Eu estava já na guerra quando ele morreu, mas vi-a nessa altura

porque tive de regressar a Roma para tratar dos assuntos de Marco Emílio. E se queres uma opinião

sincera e honesta, devo dizer-te que não senti nela qualquer tristeza pela morte do velho. Parecia

preocupada com as crianças, isso sim. No entanto, achei a reacção dela perfeitamente razoável.

Qual era a diferença de idade entre eles? Quarenta anos?

- Sim, creio que sim. Lembro-me de que lamentei a sorte dela quando ela se casou. Estava previsto

que Dalmática casasse com o filho de Marco Emílio, mas ele suicidou-se. Foi então que o meu pai

decidiu dá-la em casamento a Marco Emílio.

- O que me espanta nela é a timidez - disse Mamerco. - Timidez ou uma absoluta falta de confiança

em si mesma. Tem medo de sair de casa, apesar de eu lhe ter dito que podia sair de casa à vontade.

Não tem nenhuma amiga.

762

- Como poderia ter amigas? Marco Emílio deu-lhe uma prisão em vez de casa - retorquiu Metelo Pio.

- Depois da morte de Marco Emílio - disse Mamerco com um ar pensativo - Dalmática ficou evidentemente sozinha naquela casa; vivem com ela apenas os filhos e um grupo de escravos, muito pequeno tendo em conta o tamanho da casa. Ficava muito inquieta sempre que eu lhe sugeria uma companhia, uma tia ou uma prima por exemplo. Nem queria ouvir falar disso. Vi-me obrigado a contratar um casal romano, gente de boas

famílias e de boa reputação, para viver com ela. Dalmática disse-me então que compreendia a necessidade de observar as convenções, tanto mais que houvera aquele episódio na sua vida, mas que preferia os estranhos à família. Não é um caso patético, Quinto Cecílio? Que idade tinha ela quando se deu aquele caso? Dezanove?

E estava casada com um homem de sessenta!

O Bacorinho encolheu os ombros.

- Com o casamento, é tudo uma questão de sorte, Mamerco. Repara no meu caso, por exemplo.. Casei com a filha mais nova *de* Lúcio Crasso Orador, cuja filha mais velha tem já três filhos. Ao passo que a *minha* Licínia ainda não conseguiu engravidar, e não é que não tenhamos tentado, bem pelo contrário! Provavelmente

adoptaremos um sobrinho.

Mamerco, com uma expressão subitamente inspirada, de sobrolho franzido, fitou Metelo Pio.

- Porque não segues o exemplo de Lúcio Cornélio? Divorcia-te de Licínia Menor, invocando esterilidade, e casa com Dalmática.

- Não, Mamerco, não podia fazer uma coisa dessas. Gosto muito da minha mulher - disse o Bacorinho com alguma rispidez.

- Nesse caso, temos de pensar seriamente na oferta de Lúcio Cornélio, não é verdade?

- Sem a mínima dúvida. Sila não é um homem muito rico, mas tem algo melhor do que a riqueza. É um

grande homem. A minha prima Dalmática foi casada com um grande homem, de modo que está já habituada

aos grandes homens. Lúcio Cornélio há-de ir longe, Mamerco. Não sei, aliás, por que razão estou tão

convencido disso, tão certo de que ele irá muito, muito longe, porque, sinceramente, não vejo como é que ele o conseguirá. Mas sei que irá longe. Ele não é um Mário. Nem um Escauro. Mas acredito que eclipsará os dois.

Mamerco levantou-se.



- Então melhor é perguntarmos já a Dalmática o que é que ela pensa. Só que não será possível

celebrar o casamento amanhã.

- Porque não? O período de luto já acabou, não?

- Curiosamente, acaba hoje. Se se casar amanhã, levantará forçosamente suspeitas. Dentro de

algumas semanas seria preferível.

- Não. Tem de ser amanhã - defendeu com firmeza Metelo Pio.

- Tu não conheces Lúcio Cornélio. Não há homem que eu estime e respeite mais. Mas não se pode

contrariá-lo, Mamerco! Se estamos de acordo com o casamento, então terá de ser amanhã.

- Lembrei-me agora de uma coisa, Quinto Cecílio. Da última vez que vi Dalmática, deve ter sido há

dois ou três mercados, ela perguntou-me por Lúcio Cornélio. O que é curioso é que ela nunca me

perguntou por ninguém, nem mesmo por ti, que és o parente mais próximo.

- Bom, ela apaixonou-se por ele quando tinha dezanove anos. Pode ser que continue apaixonada. As

mulheres são seres muito especiais, são capazes desse tipo de paixões - disse o Bacorinho, com ar

de quem tinha uma grande experiência em questões amorosas.

Quando chegaram a casa de Marco Emílio Escauro e puseram a questão a Cecília Metela

Dalmática, Metelo Pio percebeu o que Mamerco queria dizer quando a descrevia como uma pessoa

tímida. Um verdadeiro bicho do mato, foi o veredicto de Metelo Pio. Um bicho muito atraente e

meigo, porém. Não lhe deu para pensar como se teria sentido, ele, Metelo Pio, o Bacorinho, se, aos

dezassete anos, o tivessem obrigado a casar com uma mulher com quase sessenta; as mulheres

faziam o que lhes mandavam, e um sexagenário tinha mais a oferecer, a todos os níveis, do que

qualquer mulher com mais de quarenta e cinco anos. Metelo Pio tratou de abordar imediatamente o

assunto, pois fora decidido que ele - o parente mais próximo - era o único homem da família que

podia assumir o estatuto de *paterfamilias* relativamente a Dalmática.

- Dalmática, foi-nos comunicada hoje uma proposta de casamento. Aconselhamos-te vivamente a

aceitar, embora achemos que tens o direito de recusar, se assim o desejares - disse Metelo Pio, num

tom extremamente formal. - És a viúva do Princeps Senatus e a mãe dos seus filhos. No entanto,

cremos que, no teu caso, não poderia haver melhor proposta do que esta que acaba de ser feita.

- Quem se propõe casar comigo, Quinto Cecílio? - perguntou Dalmática, de voz muito sumida.



- O cônsul Lúcio Cornélio Sila.

Uma expressão de incrédula alegria inundou-lhe o rosto; o cinzento dos olhos de repente brilhou;

duas mãos desajeitadas agitaram-se, quase se tocando, quase aplaudindo.

- Aceito! - exclamou, afogueada.

Os dois homens pestanejaram, surpreendidos. Estavam à espera de que a resposta dela tardasse

mais, de que fosse preciso usar de argumentos, de ardis para a convencer.

- Ele quer casar amanhã - disse Mamerco.

- Até pode ser hoje, se ele o desejar!

Que poderiam eles dizer? Que dizer, de facto, naquelas circunstâncias?

Mamerco tentou.

- Tu és muito rica, Dalmática. Não tivemos qualquer discussão com Lúcio Cornélio acerca da

questão do dote ou de quaisquer outros arranjos matrimoniais. Creio que para ele essas questões são

secundárias, na medida em que sabe que tu és rica e não quer saber de mais nada. O que ele nos

disse foi que se tinha divorciado da mulher por esterilidade e não se queria casar com uma rapariga

nova, mas sim com uma mulher madura e que ainda lhe possa dar filhos; e de preferência uma

mulher que já tenha tido filhos, uma mulher cuja fertilidade esteja comprovada.

Esta laboriosa explicação ensombreceu um pouco o rosto de Dalmática. Nada disse. Limitou-se a

aquiescer, como que para dizer que tinha compreendido.

Mamerco atacou então as questões financeiras.

- Como é evidente, não poderás continuar a viver nesta casa. Ela passa a ser propriedade do teu

filho e terá de permanecer sob minha custódia. Sugiro que peças ao casal que veio viver contigo que

permaneça aqui até o teu filho ter idade para assumir as suas responsabilidades. Os escravos que

não quiseres levar para a tua nova casa poderão ficar aqui. No entanto, a casa de Lúcio Cornélio, em

comparação com esta, é muito pequena. Creio que a acharás um *claustris.*

- Já acho esta um *claustris* - disse Dalmática, com um lampejo talvez de ironia.

- Uma nova vida deverá significar uma nova casa - disse Metelo Pio, já que Mamerco parecia estar

embatucado. - Se Lúcio Cornélio estiver de acordo, a nova casa poderá ter o tamanho desta e situar-

se



num local adequado a pessoas da tua condição. O teu dote é constituído pelo dinheiro que te deixou

o teu pai, o meu tio Dalmático. Possuis também uma avultada soma, deixada por Marco Emílio, que

não poderá ser integrada no teu dote. No entanto, para tua segurança, eu e Mamerco faremos com

que essa soma continue a ser tua. Não creio que seja boa ideia permitir que Lúcio Cornélio tenha

acesso ao teu dinheiro.

- Como queiram - disse Dalmática.

- Nesse caso, e desde que Lúcio Cornélio concorde com estes termos, o casamento poderá realizar-

se amanhã, aqui, à sexta hora do dia. Até encontrarmos uma nova casa, viverás na casa de Lúcio

Cornélio

- disse Mamerco.

Como Lúcio Cornélio não manifestou a mínima oposição às condições propostas, o casamento

realizou-se sem demora, na hora prevista. Metelo Pio foi o oficiante, Mamerco a testemunha.

Terminada a breve cerimónia - que nada tivera a ver com um *confarreatio -,* o noivo e a noiva deslocaram-se para casa de Sila, na companhia dos dois filhos de Dalmática, de Metelo Pio, de

Mamerco e dos três escravos que a noiva quisera levar.

Quando Sila pegou nela ao colo para entrarem em casa, Dalmática quase desfalecia de emoção.

Mamerco e Metelo Pio entraram para beber uma taça de vinho, mas depressa se foram embora. Tão

depressa que nem voltaram a ver o novo mordomo, Crisógono, ocupado ainda a mostrar às crianças

e ao seu preceptor as divisões da casa que lhes estavam destinadas. Quanto aos outros dois escravos,

sentindo-se perfeitamente perdidos naquela nova casa, continuavam quietos e parados a um canto

do jardim do peristilo.

Os noivos estavam finalmente sozinhos no átrio.

- Ora muito bem, mulher! Casaste com outro velho. Vais ser viúva duas vezes - disse Sila sem a

mínima cerimónia.

Dalmática ficou tão chocada com aquela observação que não sabia o que dizer.

- Mas tu não és *velho* Lúcio Cornélio! - replicou por fim.

- Cinquenta e dois anos. Comparado contigo, que estás quase nos trinta, não posso considerar-me

um jovem!

Sila desatou a rir.

- Só há um sítio onde se pode provar isso. - disse ele, pegando de novo ao colo nela. - Hoje não

comes, mulher! Vamos já para a cama!

- Mas... e as crianças? Esta casa é nova para elas...!

- Comprei um novo mordomo ontem, depois de me ter divorciado de Élia. É um tipo muito

eficiente. Chama-se Crisógono. Um grego, um falso da pior espécie. Todo ele é boas maneiras. Mas

são os melhores mordomos a partir do momento em que compreendem que o amo percebe todos os

seus truques e que é muito capaz de os crucificar. Ele vai tratar o melhor possível dos teus filhos.

Como precisa de ficar bem visto...

O tipo de ligação que Dalmática tivera com Escauro tornou-se mais óbvio quando Sila deitou a sua

nova mulher na cama. De facto, Dalmática levantou-se imediatamente, correu para o baú que os

seus escravos tinham trazido logo após o casamento, abriu-o e tirou uma camisa de dormir de linho

de um branco imaculado. Sila observava a cena fascinado. Dalmática virou-lhe as costas,

desapertou o bonito vestido de lã creme mas segurou-o firmemente com os braços, conseguindo

assim enfiar a camisa de dormir e deixá-la cair antes de despir o vestido; num instante tinha um

traje de dia e, no instante seguinte, estava vestida para a noite. E Sila não lhe vira um centímetro de pele!

- Tira essa porcaria - disse-lhe Sila, mesmo atrás dela. Dalmática virou-se num ápice e sentiu-se

desfalecer. Sila estava

nu, a pele mais branca que neve, os pelos encaracolados do peito e o púbis da mesma cor que a

cabeleira, um homem sem barriga, sem a pele enrugada dos velhos, um homem compacto e

musculado.

Para se excitar, Escauro tinha de lhe mexer durante largos minutos. Só depois de muito lhe beliscar

os mamilos e de lhe acariciar o sexo é que Escauro conseguia ter uma erecção. Aquele pénis era o

único que Dalmática conhecera, embora nunca o tivesse *visto.* De facto, Escauro era um homem

muito antiquado, muito arreigado a preconceitos: por isso a sua actividade sexual era tão pudica

como ele achava que a sua mulher deveria ser. Não poderia saber, porém, a esposa, se, com

mulheres menos pudicas, a sua actividade sexual seria diferente.

E no entanto ali estava Sila, tão nobre e aristocrático como o seu falecido marido, exigindo o seu

corpo sem vergonha, o pénis tão grande e erecto como o da estátua de bronze de Príapo que havia

no escritório de Escauro. Dalmática não desconhecia a anatomia sexual do homem e da mulher,

porque ambas estavam representadas em múltiplos objectos existentes em todas as casas: estátuas,

lamparinas,

767

pedestais de mesas, mesmo nalgumas pinturas. Nada do que vira lhe parecera relacionado, mesmo

que remotamente, com a vida conjugal. Esses objectos faziam parte do mobiliário, nada mais. A

vida conjugal fora para ela um marido cujo corpo nunca vira - um marido que, apesar de lhe ter

feito dois filhos, e tanto quanto sabia, era capaz de ter um corpo muito diferente do de Príapo ou das esculturas que decoravam os mais diversos objectos.

Quando conhecera Sila naquele já tão longínquo jantar, ficara fascinada. Nunca vira um homem tão

belo, tão forte e no entanto tão... tão... feminil? O que então sentira por ele não era,

conscientemente, um desejo carnal, porque Dalmática era uma mulher casada com uma experiência

sexual que a levara a concluir que o sexo era a face menos importante e menos atraente do amor. A

sua paixão por Sila fora literalmente um encantamento de adolescente - algo feito de ar e vento, e

não de fogo e lava. Escondida atrás de pilares e toldos, deleitara-se na sua contemplação, sonhara

com os seus beijos e não com o seu sexo, suspirara por ele da forma mais romântica que seria

possível imaginar. O que Dalmática queria era conquistá-lo, dominá-lo, queria vê-lo de joelhos a

seus pés, chorando porque a amava.

A intervenção do marido alterara por completo a vida de Dalmática. Mas não fizera esmorecer o

amor que tinha por Cornélio Sila.

- Tornaste-te alvo do ridículo aos olhos de toda a gente, Cecília Metela Dalmática - dissera-lhe

Escauro, calma e friamente. - Mas o pior de tudo é que também eu saio ridicularizado disto tudo.

Toda a cidade ri de mim, do Primeiro Homem de Roma. E isso tem de acabar. Iludiste-te,

suspiraste, ficaste estupidamente apaixonada por um homem que não reparou em ti nem te

encorajou, por um homem que não quer as tuas atenções, e que eu fui obrigado a punir a fim de

defender a minha reputação. Se não tivesses provocado essa situação embaraçosa para ele e para

mim, esse homem seria agora pretor - e merecia sê-lo. Estragaste portanto as vidas de dois homens:

a do teu marido, e a de um homem cuja conduta é impecável, irrepreensível. Já o meu

comportamento, esse sim, é digno de censura, porque permiti que esta história humilhante durasse

demasiado tempo. Mas julgava não precisar de intervir, que tu entenderias, sem a minha

intervenção, que o teu comportamento estava errado, provando dessa forma a Roma que eras uma

esposa digna do Princeps Senatus. Deu-se precisamente o contrário: com o tempo, revelaste-te

muito simplesmente uma idiota, uma mulher



sem qualquer mérito. E só há uma maneira de lidar com uma mulher assim. Não voltarás a sair

desta casa, seja para que efeito for. Não sairás para ir visitar amigas ou para ir às compras. Nem as tuas amigas virão visitar-te, pois não posso confiar na tua prudência. Sou obrigado a dizer-te que

não passas de uma criatura perfeitamente imbecil e vazia, uma mulher que não serve para um

homem com a minha *auctoritas* e *dignitas.* Agora vai-te embora.

Claro que este acerado discurso não impediu Escauro de usar o corpo da mulher. Cada vez menos,

porém, pois a idade pesava-lhe já. Quando Dalmática deu à luz o filho, reencontrou no marido

alguma da antiga simpatia; mas Escauro manteve-se inflexível quanto às normas que lhe tinha

imposto. E nos seus sonhos, no seu isolamento, nesse isolamento em que o tempo parecia não

passar nunca, como se, opressivo, tivesse parado para sempre, Dalmática continuava a pensar em

Sila, a amá-lo. E era com um coração de adolescente que o amava.

Agora que Sila estava a seu lado nu, não sentia qualquer desejo sexual, apenas um enorme

assombro perante a sua beleza e virilidade, e o entendimento de que a diferença entre Sila e Escauro

era afinal mínima. Beleza. Virilidade. Essas eram as diferenças reais. Sila não ia ajoelhar aos pés

dela e, chorando, declarar o seu amor! Ela não o tinha conquistado! Ele é que ia conquistá-la. Com

o seu aríete, arrombaria as portas, as muralhas dela.

- Tira essa coisa, Dalmática - disse ele.

Ela despiu a camisa de dormir com a alacridade de uma criança apanhada a fazer alguma travessura,

enquanto ele sorria e aquiescia.

- És muito bonita - disse ele, satisfeito, excitado. Avançou então para ela, lentamente deixou que o

seu sexo a penetrasse, e abraçou-a com força. Depois, beijou-a, e Dalmática deu consigo como que

perdida, no meio de sensações cuja existência sempre desconhecera o sentir a pele dele, os lábios, o

sexo, as mãos, o cheiro dele, lavado e doce, como o cheiro das crianças depois do banho.

Desperta, crescendo interiormente, Dalmática descobria assim dimensões que nada tinham a ver

com sonhos ou fantasias, dimensões que tinham tudo a ver com dois corpos vivos, unidos, amando-

se. E do amor passou à adoração, à perdição dos sentidos.

Para Sila, Dalmática representava o encantamento que sentira de início com Júlia, embora

magicamente misturado com reminiscências de Metróbio.

769

Não admira que depois desse extraordinário primeiro dia de casamento com Dalmática nada o

afectasse profundamente - não o afectavam os assobios e vaias que ouvia ainda no Fórum por causa

da forma como tratara Élia, nem as insinuações maliciosas de homens como Filipe para quem

Dalmática apenas significava dinheiro, nem a forma estropiada de Caio Mário apoiando-se no

rapaz, nem as piadas e piscadelas de olhos de Lúcio Decúmio, nem os risinhos contidos daqueles

que achavam Sila um sátiro e a viúva de Escauro uma criaturinha inocente, nem sequer o amargo

cartão de parabéns que Metróbio lhe mandou a acompanhar um *bouquet* de amores-perfeitos.

Menos de quinze dias após o casamento, Sila e Dalmática mudaram-se para uma mansão do

Palatino, que dava para o Circus Maximus e não ficava muito longe do templo de Magna Mater. Os

frescos dessa casa eram melhores ainda que os da casa de Marco Lívio Druso; por outro lado, tinha

pilares de um mármore magnífico, o melhor chão de mosaicos de Roma, e mobiliário de uma

opulência mais própria de um rei oriental do que de um senador romano. Sila e Dalmática tinham

especial orgulho numa mesa de madeira de limoeiro, suportada por um pedestal de marfim

incrustado a ouro, com a forma de golfinhos entrelaçados: essa mesa fora uma prenda de casamento

de Metelo Pio, o Bacorinho.

Deixar a casa em que vivera durante vinte e cinco anos equivalia, para Sila, a uma espécie de

emancipação, uma emancipação de que muito precisava. Para sempre ficavam enterradas as

memórias da velha e horrenda Clitumna e do seu ainda mais horrendo sobrinho, Stichus; tal como

as memórias de Nicópole, Julilla, Márcia, Élia. E se a memória do filho permanecia, pelo menos

desaparecia a dor de ver e tocar em coisas que o seu filho tinha visto e tocado. Sila já não entraria no quarto do filho, já não veria à sua frente a imagem daquele rapazinho nu, risonho, que

inesperadamente corria para os seus braços. Com Dalmática tudo começaria de novo.

Para sorte de Roma, Sila permaneceu mais tempo na cidade em consequência do casamento com

Dalmática; de facto, Sila esteve em Roma todo o tempo necessário para supervisionar o seu

programa de pagamento das dívidas e para pensar em novos processos de fazer voltar dinheiro ao

Tesouro. Defendendo as suas posições com todo o vigor e arrecadando rendimentos em todas as

oportunidades em que isso era possível, conseguiu pagar às legiões (Pompeu Estrabão cumpriu

770

a sua promessa e mandou-lhe uma conta bastante reduzida) e mesmo uma pequena parte da dívida

contraída com a Gália Italiana. Por outro lado, o comércio da cidade parecia registar uma ligeira

recuperação.

Em Março, contudo, foi obrigado a pensar seriamente na eventualidade de ter de se apartar do corpo

da mulher. Metelo Pio estava já no Sul com Mamerco; Cina e Comuto esquadrinhavam as terras dos

Marsos; e Pompeu Estrabão - com o filho mas sem aquele prodígio epistolar que dava pelo nome de

Cícero - escapara-se sorrateiramente para os confins da Umbria.

Mas havia ainda uma coisa a fazer. Sila fê-la na véspera da sua partida, já que tal acto não

implicava a promulgação de uma lei. Tinha a ver com a jurisdição dos censores. De facto, os dois

censores tinham-se mostrado relutantes em relação à realização do censo, apesar de a lei de Pisão

Frugi ter confinado os novos cidadãos a oito das tribos rurais e a duas novas tribos, uma distribuição que não poderia destruir o *status quo* tribal eleitoral. Os censores defendiam-se com uma

ilegalidade técnica para o caso de as águas do censo ficarem demasiado agitadas. Mandava a

prudência que resignassem aos seus cargos; convocados pelos augures para presidirem a uma

cerimónia obscura e sem a mínima importância, os dois censores tinham-se recusado

deliberadamente a fazê-lo.

- Princeps Senatus, veneráveis Senadores, o Senado vê-se confrontado com a sua própria crise -

disse Sila, permanecendo sem se mexer ao lado da sua cadeira, como costumava fazer. Ergueu

então a mão direita, que segurava um rolo de papel. - Tenho aqui uma lista daqueles senadores que

não mais voltarão a esta Casa. Estão mortos. Mais de cem. A maior parte desses cem nomes são de

*pedarii,* senadores que nunca se tornaram especialmente notados nesta Casa, que nunca falaram, que não sabiam de leis o mesmo

que qualquer outro senador deve saber. Há no entanto outros

nomes - nomes de homens cuja perda sentimos muito agudamente, porque foram presidentes de

tribunais, juizes especiais e adjudicadores e arbitradores, juristas, legisladores, magistrados. E esses homens não foram substituídos! Nem vejo perspectivas de os substituirmos!

”Vou referir os nomes desses homens; o censor e Princeps Senatus, Marco Emílio Escauro; o censor

e Pontifex Maximus, Cneu Domício Aenobarbo; o *consular* Sexto Júlio César; o *consular* Tito Dídio; o cônsul Lúcio Pórcio Catão Liciniano; o cônsul Públio Rutílio Lupo;



o *consular* Aulo Postúmio Albino; o pretor Quinto Servílio Cepião; o pretor Lúcio Postúmio; o pretor Caio Coscónio; o pretor Quinto Servílio; o pretor Públio Gabínio; o pretor Marco Pórcio

Catão Saloniano; o pretor Aulo Semprónio Asélio; o edil Marco Cláudio Marcelo; o tribuno da

plebe Marco Lívio Druso; o tribuno da plebe Marco Ponteio; o tribuno da plebe Quinto Vário

Severo Hybrida Sucronensis; o lugar-tenente Públio Licínio Crasso Júnior; o lugar-tenente Marco

Valério Messala.”

Sila fez uma pausa, satisfeito. Havia expressões chocadas em todos aqueles rostos.

- Sim, eu sei - disse ele afavelmente. - Só depois de lermos esta lista nos apercebemos do excessivo

número de grandes homens ou de jovens prometedores que desapareceram. Sete cônsules e sete

pretores. Catorze homens eminentemente qualificados para presidirem a tribunais, para apreciarem

leis e costumes, para zelarem pela *mós maiorum.* Isto para não mencionar os outros seis homens que poderiam ter-se tornado dirigentes dos nossos destinos. Há ainda outros nomes - nomes que não

referi, mas que incluem tribunos da plebe com menos fama mas que, no entanto, eram homens

experientes e trabalhadores.

- É uma tragédia, Lúcio Cornélio! - exclamou Flaco Princeps Senatus, com a voz embargada.

- Sim, Lúcio Valério, é uma tragédia - concordou Sila. - Há muitos nomes que não se encontram

nesta lista porque não estão mortos. Homens que estão ausentes desta Casa por várias razões,

porque cumprem missões no ultramar ou em qualquer outro local fora de Roma. Mesmo durante o

Inverno, quando a guerra abrandou, não consegui contar mais do que cem homens neste Senado. Há

também uma lista considerável de senadores actualmente no exílio, devido às actividades da

Comissão Vária ou da Comissão Pláucia. E homens como Públio Rutílio Rufo.

”Portanto, honrados censores Públio Licínio e Lúcio Júlio, peço-lhes, com toda a gravidade, que

façam tudo o que estiver ao vosso alcance para cumprirem a vossa missão. Dêem oportunidades a

homens com peso e ambição nesta cidade. Permitam-lhes que venham engrossar as hostes do

Senado de Roma. E escolham entre os *pedarii* aqueles que mais qualidades revelem e que possam por isso subir neste Senado e cumprir missões mais importantes. São muitas as ocasiões,

demasiadas, em que não temos quoro. Como pode o Senado de Roma querer ser



a principal instituição do governo de Roma se não consegue ter quoro para reunir?”

Já estava, concluiu Sila. Tinha feito o que lhe era possível para que Roma avançasse, e dado um

pontapé público nos traseiros de dois censores que nada faziam. Agora era tempo de concluir a

guerra contra os Italianos.

MITHRIDATES EUPATOR

O único aspecto do governo de Roma que Sila tinha descuidado por completo tornara-se invisível

aos olhos de toda a gente desde a morte de Marco Emílio Escauro, um homem que de facto fazia

muita falta a Roma; o sucessor de Escauro, Lúcio Valério Flaco, tentara chamar a atenção de Sila

para o problema, mas de uma forma muito pouco incisiva, o que não admirava, pois Flaco tinha

uma personalidade demasiado frágil para o cargo. Aliás, Sila não poderia de modo nenhum ser

censurado pela estreiteza da sua visão. De facto, a Itália tornara-se o foco das atenções de todo o

mundo romano e aqueles que se encontravam fisicamente envolvidos no problema italiano não

viam mais do que o problema italiano à frente dos seus olhos.

Uma das últimas missões de Escauro tivera a ver com os dois reis destronados: Nicomedes da

Bitínia e Ariobarzanes da Capadócia; sempre determinado, o velho Princeps Senatus enviara uma

comissão à Ásia Menor para investigar a situação criada pelo rei Mitridates do Ponto. O chefe da

delegação era Mânio Aquílio, valoroso número dois de Caio Mário na batalha de Aquae Sextiae,

colega de Mário no quinto consulado deste, e vencedor da guerra dos escravos sicilianos. Com

Aquílio foram mais dois homens, Tito Mânlio Mancino e Caio Málio Maltino, bem como os dois

reis, Nicomedes e Ariobarzanes. Escauro definira de uma forma muito clara a missão desta

embaixada: tratava-se de devolver aos dois reis os tronos a que tinham direito e avisar Mitridates de que deveria permanecer dentro das fronteiras do Ponto.

Mânio Aquílio insistira junto de Escauro para que lhe desse a chefia da comissão, pois perdera

muito dinheiro quando da eclosão da guerra contra a Itália. Com o governo da Sicília, dez anos

antes, ganhara apenas um processo mal regressara a Roma; embora absolvido, a sua reputação

sofrera imenso com o caso, quando, na realidade, Mânio Aquílio não merecia que tal lhe

acontecesse. O ouro que o seu pai recebera de Mitridates V, em troca da cedência da maior parte da

Frígiaao Ponto, há muito que fora gasto; no entanto, o ódio que tal acto desencadeara continuava a

abater-se sobre o filho. Escauro, firme partidário do hábito de cargos como estes passarem de pais

para filhos



(tendo em conta que um pai falaria sempre ao filho da região onde fora colocado e dos seus

problemas), concluiu que seria uma boa ideia dar a Mânio Aquílio a missão de reinstaurar o

governo dos dois reis; além disso, permitiu-lhe o privilégio de escolher os seus dois colegas.

O resultado de tudo isto foi que a comissão se inclinou mais para a avareza do que para a justiça,

mais para a obtenção de dinheiro do que para o bem-estar dos povos orientais. Ainda antes de

iniciada a viagem para a Ásia Menor, já Mânio Aquílio tinha realizado um negócio extremamente

satisfatório com o rei Nicomedes (então com setenta anos): como que por artes mágicas, cem

talentos de ouro bitiniano apareceram então no banco de Mânio Aquílio. Na realidade, as finanças

de Aquílio estavam tão por baixo que, se não depositasse tal quantia, talvez o tivessem impedido de

sair de Roma (de facto, todos os senadores eram obrigados a solicitar uma autorização formal

sempre que precisassem de sair de Itália). Mânio Aquílio não tinha a mínima hipótese de deixar

Roma despercebidamente: os bancos e os banqueiros vigiavam com toda a atenção as listas afixadas

nos *rostra* e na Régia.

Tendo preferido ir por mar, em vez de ir por terra, pela Via Egnácia, a comissão chegou a Pérgamo

em Junho, tendo sido recebida com alguma pompa pelo governador da Província da Ásia, Caio

Cássio Longino.

Caio Cássio e Mânio Aquílio depressa se aperceberam, com não pouco prazer, que, no que tocava a

cobiça e falta de escrúpulos, eram muito parecidos. Por isso, na altura em que Tito Dídio morria

frente a Herculano, em Pérgamo, conspirava-se. O objectivo da conspiração consistia muito

simplesmente em obter o máximo de ouro possível, a distribuir pelos membros da comissão e pelo

governador, e, em particular, o ouro dos territórios limítrofes do Ponto que, em termos práticos, não se encontravam sob a autoridade de Roma - designadamente a Paflagónia e a Frigia.

As cartas do Senado para Mitridates do Ponto e Tigranes da Arménia, ordenando-lhes que

retirassem da Bitínia e da Capadócia, foram enviadas de Pérgamo. Logo que os portadores das

cartas deixaram Pérgamo, Caio Cássio ordenou que a sua legião de auxiliares se submetesse a um

programa intensivo de preparação para a guerra, e chamou à cidade todos os milicianos que se

encontravam espalhados pela Província da



Ásia. Depois, escoltados por um pequeno destacamento de soldados, Aquílio, Mânlio e Málio seguiram para a Bitínia com o rei Nicomedes, ao passo que o rei Ariobarzanes permanecia em Pérgamo, na companhia de um governador subitamente muito ocupado.

O poder de Roma continuava a dar os seus frutos. O rei Sócrates depressa ficou sem o seu trono: fugiu imediatamente para o Ponto e Nicomedes substituiu-o na Bitínia, ao passo que Ariobarzanes voltava a reinar na Capadócia. Os três chefes da comissão permaneceram em Nicomédia o resto do Verão e aí ultimaram o seu plano para a invasão da Paflagónia, a faixa de território que separava a Bitínia do Ponto, ao longo do litoral do mar Euxino. Os templos da Paflagónia tinham muito ouro, ao contrário do que sucedia em Nicomédia. De

facto, quando fugira para Roma, o velho rei Nicomedes levara consigo a maior parte do seu tesouro; tesouro que fora distribuído pelas contas bancárias de diversos cidadãos romanos, desde Marco Emílio Escauro (que não dizia que não a uma pequena oferta) até Mânio Aquílio, passando por uma quantidade de mãos

gananciosas.

A descoberta de que Nicomedes não tinha ouro causara algum ressentimento entre os comissários romanos: Mânlio e Málio achavam que tinham sido enganados, e Aquílio percebia que tinha de fazer um esforço para encontrar mais ouro do que o previsto, pois não queria recorrer ao seu pé-de-meia para pagar a Mânlio e a Málio as somas que eles contavam ganhar. Claro que quem sofria com isso tudo era o rei Nicomedes. Três nobres romanos ordenavam-lhe que invadisse a Paflagónia, e ameaçavam-no com a perda do trono caso não obedecesse. As mensagens de Caio Cássio, que ficara em Pérgamo, reforçavam ainda mais o poder da

comissão, com o resultado de que Nicomedes acabou por ceder e por mobilizar o seu modesto mas bem

equipado exército.

No final de Setembro, os comissários e o velho rei Nicomedes marcharam sobre a Paflagónia. Aquílio

comandava o exército: o rei, no meio de todo aquele aparato, não passava de um convidado obrigado a

participar na campanha. Ansioso por acicatar o rei Mitridates, Aquílio obrigou Nicomedes a dar determinadas instruções às guarnições navais e frotas da Bitínia que defendiam o Bósforo Trácio e o Helesponto; não deveriam deixar passar nenhum navio do Ponto entre o mar Euxino e o mar Egeu. Desafia Roma, se a tanto te atreves, rei Mitridates! essa era a mensagem subjacente a essas movimentações.

778

Tudo correu exactamente como Mânio Aquílio planeara. O exército bitínio marchou ao longo da costa da

Paflagónia, conquistando as cidades e saqueando os templos, os tesouros roubados foram crescendo, e o importante porto de Amastris capitulou; e Pilaemenes, o dirigente da Paflagónia interior, acabou por juntar as suas forças às dos invasores romanos. Em Amastris, os três comissários decidiram que era altura de

regressarem a Pérgamo, deixando o pobre rei Nicomedes e o seu exército algures entre Amastris e Sinope, sofrendo as agruras do Inverno, e correndo o risco de um confronto com as tropas de Mitridates, pois a fronteira do Ponto não estava longe.

Foi em Pérgamo, em meados de Novembro, que os romanos receberam uma embaixada do rei Mitridates, que

até então não dissera nem fizera nada. O chefe da embaixada era Pelópidas, um primo do rei.

- O meu primo, o rei Mitridates, roga humildemente ao procônsul Mânio Aquílio que ordene ao rei

Nicomedes e ao seu exército que regressem imediatamente à Bitínia - disse Pelópidas, que estava vestido com o traje de um civil grego, e se deslocara a Pérgamo sem qualquer escolta armada.

- Isso é impossível, Pelópidas - retorquiu Mânio Aquílio, sentado na sua cadeira curul, e segurando na varinha de marfim, símbolo do seu poder; rodeavam-no doze lictores, com os seus trajes carmesins, segurando

*osfasces* com machadas. - A Bitínia é um estado soberano, amigo e aliado do povo romano, é certo, mas controlando inteiramente o seu destino sem qualquer intromissão nossa. Não posso por isso *ordenar* ao rei Nicomedes que faça o que quer que seja.

- Nesse caso, procônsul, o meu primo, o rei Mitridates, roga-te humildemente que o autorizes a defender-se e ao seu reino contra as depredações da Bitínia - retorquiu Pelópidas.

- Nem o rei Nicomedes nem o exército da Bitínia se encontram dentro do território pôntico - disse Mânio Aquílio. - Por isso, proíbo rigorosamente o teu primo Mitridates de levantar um dedo que seja contra o rei Nicomedes. Em circunstância alguma, Pelópidas! Em circunstância alguma! Diz isto mesmo ao teu rei.

Pelópidas suspirou, ergueu os ombros e abriu muito os braços num gesto que não era nada romano.

- Nesse caso - disse - tenho de te dizer que, tendo em conta a actual situação, o meu primo, o rei Mitridates, me mandou comunicar-te



a seguinte mensagem: ”Mesmo um homem que sabe que vai perder reage a quem o maltrata!”.

- Pois se o teu primo ripostar, é certo que perderá - replicou Aquílio, acenando aos lictores para que acompanhassem Pelópidas à porta.

Caiu o silêncio na sala depois de o nobre pôntico ter saído. Um silêncio que só Caio Cássio, com

uma expressão preocupada, quebrou:

- Um dos nobres do Ponto que veio com Pelópidas disse-me que Mitridates tenciona enviar uma

carta de protesto directamente a Roma.

Aquílio ergueu uma sobrancelha.

- E que ganhará ele com isso? - perguntou. - Não há ninguém em Roma com tempo para ler cartas.

Mas os comissários e o governador tiveram todo o tempo para ouvir Pelópidas, um mês depois.

- O meu primo mandou-me a Pérgamo rogar-te uma vez mais que o autorizes a defender o seu país -

começou por dizer Pelópidas.

- O Ponto não se encontra ameaçado, Pelópidas. Por isso a minha resposta continua a ser negativa -

retorquiu Mânio Aquílio.

- Nesse caso, procônsul, o rei Mitridates não tem outra alternativa senão dispensar a tua autorização.

Apresentará uma queixa formal ao Senado e ao Povo de Roma, afirmando que os comissários de

Roma na Ásia Menor estão a apoiar a Bitínia num acto de agressão, e ao mesmo tempo negam ao

Ponto o direito de ripostar - disse Pelópidas.

- Será melhor que o teu primo, o magnífico rei Mitridates, não faça uma coisa dessas - atirou-lhe

grosseiramente Aquílio. - Para o Ponto e toda a Ásia Menor, *eu* sou o Senado e o Povo de Roma!

Agora desaparece e não voltes mais!

Pelópidas ficou ainda algum tempo em Pérgamo, tentando obter informações acerca das misteriosas

movimentações de tropas que Caio Cássio iniciara. Estava ele ainda em Pérgamo quando chegou à

cidade a notícia de que Mitridates do Ponto e Tigranes da Arménia tinham invadido a Capadócia e

que um filho de Mitridates, chamado Ariárates

- ninguém sabia de que Ariárates se tratava, tantos eles eram -, disputava de novo o trono daquele

reino. Mânio Aquílio mandou chamar imediatamente Pelópidas, dizendo-lhe que enviasse

instruções para que o Ponto e a Arménia se retirassem da Capadócia.

- Eles farão -o que eu ordenei porque têm um medo horrível das represálias romanas - disse Aquílio

a Cássio, e de repente ficou a tremer. - Mas que frio que aqui está, Caio Cássio! Não achas que a



Província da Ásia é suficientemente rica para poder aquecer o palácio do governador com uma ou duas

fogueiras?

Em Fevereiro, comissários e governador estavam já tão confiantes na invulnerabilidade romana que Aquílio e Cássio conceberam um plano ainda mais ousado: porque haviam de parar nas fronteiras do Ponto? Porque não haveriam de dar uma lição ao rei do Ponto, uma lição que ele sem dúvida merecia, invadindo o seu próprio país? A legião da Província da Ásia estava no seu melhor, os milicianos, acampados algures entre Esmirna e Pérgamo, estavam também muito bem preparados, e Caio Cássio tivera outra ideia brilhante.

- Podemos juntar mais duas legiões às nossas forças se mandarmos vir Quinto Ópio, que se encontra na

Cilícia - disse ele a Mânio Aquílio.

- Vou enviar um mensageiro a Tarso. Mando dizer a Quinto Ópio que venha a Pérgamo para discutirmos o

destino da Capadócia. O poder dele é apenas pró-pretoriano, ao passo que o meu é proconsular. Ele não tem outra alternativa senão obedecer-me. Dir-lhe-ei que tencionamos conter Mitridates, deitando-lhe as unhas por detrás em vez de o atacarmos após a invasão da Capadócia.

- Diz-se - comentou Aquílio com um ar sonhador - que na Arménia Menor há mais de setenta fortificações com as muralhas cheias de ouro pertencente a Mitridates.

Mas Cássio, um militar vindo de uma família de militares, não se deixava distrair com tais devaneios.

- Invadiremos o Ponto em quatro locais diferentes ao longo do rio Hális - disse ele, impaciente. - O exército bitínio não terá problemas nem em Sinope, nem em Amiso, no Euxino, e marchará depois para o interior, ao longo do Hális. Poderá assim recolher uma grande quantidade de alimentos, pois é ele quem mais cavalaria tem, bem

como animais de tracção. Aquílio, tu levarás a minha legião de auxiliares e atacarás no Hális, na Galácia. Eu conduzirei os milicianos pelo rio Maender, na direcção da Frigia. Quinto Ópio poderá

desembarcar em Ataleia e avançar pela Pisídia. Ele e eu ficaremos frente ao Hális entre as tuas tropas e as dos bitínios. Com quatro exércitos separados instalados junto ao seu rio, Mitridates não saberá onde está, nem o que fazer! Mitridates não passa de um reizeco, meu caro Mânio Aquílio! Aquilo é mais ouro que soldados.

- Não terá a mínima hipótese - disse Aquílio, sorridente, sonhando ainda com as setenta fortalezas cheias de ouro.

781

Cássio pigarreou ostensivamente.

- Só é preciso ter cuidado com uma coisa - disse ele, num tom completamente diferente.

Mânio Aquílio fitou-o com toda a atenção. - Sim?

- Quinto Ópio é um homem da velha guarda: Roma para todo o sempre, a honra acima de tudo, nem pensar

em arrecadar algum dinheiro graças a umas actividadezinhas extracurriculares. Não podemos fazer nem dizer *nada* que possa levá-lo a pensar que o nosso objectivo não tem nada a ver com a restauração da justiça na Capadócia.

Aquílio riu-se.

- Ai ele é assim? Pois tanto melhor para nós! Mais arrecadaremos!

- Sem dúvida - retorquiu Caio Cássio com um ar satisfeito.

Pelópidas tentou ignorar o suor que lhe deslizava pela testa até aos olhos, procurou colocar as suas mãos de molde a que Mitridates não

notasse que estava a tremer.

- E foi assim, Grande Rei, que o procônsul Aquílio me mandou embora - concluiu.

No rosto do rei nem as pestanas pareciam mexer-se, e a sua expressão mantinha-se inalterável: impassível, parada, quase afável. Aos quarenta anos de idade e há vinte e três anos no trono, Mitridates VI, de cognome Eupator, aprendera já a esconder todos os seus sentimentos. Com uma única excepção: a irritação. Mas

aquelas notícias não eram de molde a irritá-lo: bem pelo contrário, pois já as esperava.

Há dois anos que vivia numa atmosfera de ardente esperança, uma esperança que nascera no dia em que

soubera da guerra entre Roma e os seus Aliados Italianos. Dizia-lhe o instinto que aquela era a sua grande oportunidade. Por isso, na altura, escrevera a Tigranes, avisando-o de que deveria preparar-se para a luta.

Quando Tigranes lhe respondeu que o acompanharia para onde quer que ele fosse Mitridates decidiu que a primeira coisa a fazer seria tornar a guerra em Itália o mais difícil possível para Roma. Enviara uma embaixada aos italianos Quinto Popaedius Silão e Caio Pápio Mutilo, oferecendo-lhes dinheiro, armas,

navios, e mesmo tropas. Mas para sua grande surpresa, Silão e Mutilo recusaram a oferta do reino do Ponto com desprezo e ira.

782

- Digam ao rei Mitridates que a guerra entre a Itália e Roma não é da sua conta! A Itália nunca ajudará um rei estrangeiro nos seus planos para prejudicar Roma - foi a resposta de Silão e Mutilo.

Como um caracol que se encolhe dentro da sua casa, o rei do Ponto resolveu esperar e ordenou a Tigranes que esperasse também pois não chegara ainda a altura certa. Mitridates duvidava mesmo se essa altura certa chegaria algum dia, pois até mesmo a Itália, que tanto precisava de ajuda, recusara de forma tão radical a mão amiga e generosa do Ponto.

Mitridates sentia-se demasiado apreensivo para ser capaz de tomar uma decisão firme. Mudava rapidamente de opinião: num determinado momento achava que era tempo de declarar guerra a Roma, mas passados

minutos já achava o contrário. Inquieto, irritado, guardava todos os pensamentos e dúvidas para si mesmo; o rei do Ponto não podia ter nem confidentes nem conselheiros - nem mesmo um cunhado que também era um

grande rei poderia desempenhar um desses papéis. A corte sentia-se confusa, perplexa. Ninguém sabia o que o rei sentia, qual poderia ser o seu próximo passo, se haveria ou não guerra. Toda a gente receberia a guerra de braços abertos, ainda que ninguém a quisesse.

Frustrada a sua iniciativa junto dos Italianos, Mitridates lembrou-se da Macedónia, província romana que tinha uma longa e intranquila fronteira, seriamente perturbada pelas acções das tribos bárbaras na parte norte.

Se acicatasse os conflitos ao longo dessa fronteira, todas as atenções de Roma se virariam por certo para aí.

Mandou por isso agentes seus para essa zona, com a missão de incendiarem os ódios que os Bessos, os

Escordiscos e as outras tribos da Trácia e Mésia há muito dedicavam a Roma. Em consequência desta acção, a Macedónia sofreu os piores ataques e incursões dos bárbaros de que havia memória. Lançados os primeiros ataques, os Escordiscos conseguiram ir tão

longe quanto Dodona, no Epiro. No entanto, a Macedónia romana tinha a sorte de possuir um governador magnífico, o incorruptível Caio Sêncio, apoiado por um lugar-tenente não menos notável e probo, Quinto Brútio Sura.

Quando viu que a revolta dos bárbaros não levara Sêncio e Brútio a pedir ajuda a Roma, Mitridates virou a sua atenção para os conflitos no interior da própria província. E pouco tempo depois, apareceu na Macedónia um tal Eufenes, que afirmava ser descendente directo de



Alexandre, o Grande (com o qual era espantosamente parecido), reclamando para si o antigo trono da

Macedónia. Os habitantes de cidades mais evoluídas como Tessalónica e Péla perceberam imediatamente que se tratava de um impostor; no entanto, as populações campesinas abraçaram a sua causa ardentemente;

infortunadamente para Mitridates, Eufenes não tinha o mínimo espírito bélico e faltava-lhe por completo o talento para organizar os seus partidários num exército. Sêncio e Brútio Sura negociaram com Eufenes a um nível puramente interno. Ao contrário do que Mitridates desejava, não fizeram a Roma qualquer pedido

urgente de dinheiro ou tropas.

E ao fim de dois anos de guerra entre Roma e os seus Aliados Italianos, Mitridates continuava como no princípio - longe de poder realizar as suas ambições. Estava inquieto e vacilante. Transformara a sua vida num verdadeiro inferno. A sua vida e a vida da corte. Entretanto, via-se obrigado a deter Tigranes, um homem mais agressivo, ainda que menos inteligente. Não sabia o que fazer. E era incapaz de confiar as suas dúvidas e angústias a quem quer que fosse.

O rei mexeu-se de súbito no trono e um sobressalto agitou a sala.

- Que mais descobriste durante a tua segunda, e muito demorada, visita a Pérgamo? - perguntou a Pelópidas.

- Que Caio Cássio, o governador, tem a sua legião de auxiliares romanos em pé de guerra e treinou e equipou convenientemente duas legiões de milicianos, Poderoso Rei. - Pelópidas molhou os lábios, ansioso por

demonstrar que, apesar de a sua missão ter sido um fracasso, continuava a ser um fanático defensor da causa do rei. - Tenho um agente no palácio do governador em Pérgamo, Grande Rei. Antes de me vir embora, esse agente confidenciou-me que pensa que Caio Cássio e Mânio Aquílio planeiam invadir o Ponto na Primavera, contando para tal com o apoio de Nicomedes da Bitínia e o aliado deste, Pilaemenes da Paflagónia. E parece que também com o apoio do governador da Cilícia, Quinto Ópio, que se deslocou a Pérgamo para

conferenciar com Caio Cássio.

- Sabes se essa projectada invasão conta com a aprovação oficial do Senado e do Povo de Roma? - perguntou o rei.

- Pelo que se diz no palácio do governador, parece que não, Grande Rei.

- Não me espanta que Mânio Aquílio faça uma coisa dessas: tal pai tal filho. Já o pai era louco por ouro. Pelo *meu* ouro. - Os lábios



carnudos e muito vermelhos abriram-se, revelando os dentes enormes, amarelecidos. - Parece que o

governador da Província da Ásia é igualzinho a Mânio Aquílio. E Quinto Ópio da Cilícia. Um trio que só vê ouro à sua frente!

- Corre que o governador da Cilícia é diferente dos outros, Grande Rei

- disse Pelópidas. - Mânio Aquílio e Caio Cássio querem que ele pense que a invasão visa unicamente a nossa presença na Capadócia. Suponho que Quinto Ópio é aquilo a que os Romanos chamam um homem honrado.

O rei caiu num demorado silêncio, os lábios movendo-se numa agitação imparável, os olhos fitando o vazio.

Tudo muda de figura quando ameaçam as nossas próprias terras, pensou o rei Mitridates. Julgam que vou baixar as armas e permitir a esses pretensos donos do mundo que devastem o meu país. O país que me abrigou quando eu era um fugitivo, o país que eu amo mais do que a própria vida. O país que eu quero ver a governar o mundo.

- Não! Eles não o farão! - exclamou o rei numa voz tremenda. Todas as cabeças se ergueram mas o rei nada mais disse; só os seus lábios se mexiam, para dentro e para fora, para dentro e para fora, a todo o momento.

Chegou a hora. Finalmente chegou a hora, pensou o rei Mitridates. A corte ouviu as notícias de Pérgamo e neste momento julga-me, a mim, e não aos Romanos. Se me comporto mansamente enquanto aqueles

comissários romanos, ávidos de ouro, se gabam de serem o Senado e o Povo de Roma, e falam de abrir

brechas nas minhas fronteiras, os meus súbditos desprezar-me-ão. A minha reputação sofrerá tal afronta que eles deixarão de ter medo de mim. E nesse momento alguns dos meus parentes pensarão em substituir-me no trono. Já tenho filhos com idade para reinar, cada

um deles apoiado por uma mãe sequiosa de poder, e há também os meus primos de sangue real Pelópidas, Arquelau, Neoptólemo, Leónipo. Se me comporto como o

cobarde desprezível que os Romanos pensam que sou, depressa deixarei de ser rei do Ponto. Aliás, num

instante estarei morto.

Guerra contra Roma. Finalmente chegara a hora. Não que eu tivesse escolhido o momento. Provavelmente, nem os Romanos escolheram. Tudo se precipitou graças à ganância de três comissários romanos. Mas estou decidido. Se eles querem guerra, tê-la-ão.

Tomada a decisão, Mitridates sentiu-se de repente muito mais leve: era como se um enorme peso, uma

enorme sombra, tivessem

785

desaparecido da sua mente; sentado no trono, parecia inchar como um imenso sapo de ouro, os

olhos brilhantes perscrutando. O reino do Ponto ia para a guerra. O reino do Ponto ia dar uma lição

a Mânio Aquílio e Caio Cássio. O reino do Ponto conquistaria a Província da Ásia romana. E

atravessaria o Helesponto e chegaria à Macedónia Oriental e seguiria pela Via Egnácia para oeste.

Passaria do Euxino ao Egeu, seguiria sempre para oeste, conquistando, conquistando sempre. Até

que a Itália e Roma ficassem nas mãos do Ponto, dos seus exércitos e esquadras. O rei do Ponto

seria também o rei de Roma. O rei do Ponto seria o soberano mais poderoso da história do mundo,

muito mais poderoso que Alexandre, o Grande. Os seus filhos reinariam em lugares tão remotos

como a Hispânia e a Mauritânia, as suas filhas seriam rainhas de todas as terras desde a Arménia até

à Numídia e à Gália Ulterior. Todos os tesouros do mundo pertenceriam ao Rei do Mundo, todas as

mulheres belas, todas as terras, *todas!* Lembrou-se então do genro, Tigranes, e sorriu. Ele que fique com o reino dos Partos e que expanda o seu poder para leste, na direcção da índia e das ignoradas

nações que ficam para lá da índia!, pensou Mitridates. Mas o rei não disse que ia para a guerra

contra Roma. Abriu a boca e disse:

- Mandem chamar Aristião.

O nervosismo tinha-se apoderado da corte, embora ninguém soubesse exactamente o que é que

estava a acontecer na cabeça do rei. Mas que estava a acontecer qualquer coisa, lá isso estava.

Entrou então na sala um grego muito alto e de uma beleza notável, vestido com uma túnica e uma

clâmide; sem qualquer constrangimento, prostrou-se defronte do rei.

- Levanta-te, Aristião. Tenho trabalho para ti.

O grego levantou-se e fitou o rei com uma expressão que era um misto de atenção e adoração;

Aristião costumava praticar essa pose em frente do espelho que o rei Mitridates colocara no seu

luxuoso quarto, e Aristião orgulhava-se de ter conseguido, após muito treino, uma pose que era o

meio termo exacto entre o servilismo que o rei desprezaria e a independência que o rei condenaria.

Há quase um ano que se encontrava na corte do Ponto em Sinope; estava tão longe da sua cidade

natal, porque era por profissão um peripatético, um filósofo errante da escola fundada pelos

sucessores de Aristóteles, e pensara que o seu trabalho seria melhor recompensado em terras onde

não



houvesse muitos como ele. Afortunadamente, o rei do Ponto precisava dos seus serviços, pois apercebera-se da sua pouca instrução desde que visitara a Província da Ásia, dez anos antes.

Tendo o cuidado de expressar o seu saber em termos puramente verbais, Aristião encheu a cabeça do rei com as suas histórias sobre o antigo poder da Grécia e da Macedónia, sobre o detestável poder de Roma, as condições que prevaleciam nos negócios e no comércio, a geografia e a história do mundo. E Aristião acabou por se ver a si mesmo mais como um professor de elegância e sofisticação do que como um verdadeiro

pedagogo do rei.

- A ideia de que posso ser de algum préstimo para ti deixa-me deliciado, Poderoso Mitridates - disse Aristião num tom perfeitamente melífluo.

O rei tratou então de demonstrar que - embora pudesse ter *temido* uma guerra contra Roma - vinha pensando haja muitos anos na melhor forma de conduzir uma guerra contra Roma.

- Vens de uma família suficientemente nobre para que possas vir a assumir o poder político em Atenas? -

perguntou inesperadamente o rei.

Aristião não deixou que percebessem a sua surpresa; manteve a sua expressão encantadora.

- Sim, Poderoso Rei, pertenço de facto a uma família de óptima linhagem - mentiu.

Na realidade, Aristião era filho de um escravo, mas tudo isso se passara há já muito tempo. Em Atenas ninguém se lembrava de quem era o seu pai. As aparências é que contavam. E o seu aspecto era

suficientemente aristocrático para impressionar qualquer um.

- Nesse caso, ordeno-te que regresses a Atenas imediatamente e que comeces desde logo a congregar à tua volta o poder político disse o rei. - Preciso de um agente leal com influência bastante para incendiar o ódio que os Gregos têm a Roma. Não me interessa como o farás. Mas quando os exércitos e as esquadras do Ponto invadirem as terras de ambas as margens do mar Egeu, quero Atenas - e a Grécia - na palma da minha mão!

Um murmúrio vagueou pela sala do trono, um murmúrio que logo ganhou amplitude e ressonância, animado

pela excitação, pelo fervor bélico - afinal de contas o rei não ia submeter-se aos desígnios de Roma!

787

- Nós estamos contigo, meu rei! - gritou Arquelau, curvando-se.

- Os teus filhos agradecem-te, Grande Rei! - gritou Farnaces, o filho mais velho de Mitridates.

Mitridates estava cada vez mais inchado, tal era o seu prazer. Por que razão não se apercebera antes

de que estava à beira de um precipício chamado rebelião, um precipício por onde ele fatalmente

cairia? Por que não se apercebera antes de que os seus súbditos e familiares estavam ávidos de

guerra, da guerra contra Roma? E ele estava pronto. Há anos que estava pronto para aquela guerra.

- Só iniciaremos a nossa marcha depois de os comissários romanos e os governadores da Província

da Ásia e da Cilícia terem iniciado a sua - disse Mitridates. - Mal passem as nossas fronteiras,

retaliaremos. Quero as esquadras armadas e equipadas dos homens necessários, quero os exércitos

preparados para avançarem. Se os Romanos pensam apoderar-se do Ponto, eu penso apoderar-me

da Bitínia e da Província da Ásia. A Capadócia já é minha, e permanecerá minha porque tenho

exércitos suficientes para deixar o meu filho Ariárates sozinho com as suas forças. - Os olhos

verdes, ligeiramente protuberantes, fixaram-se em Aristião. - De que estás à espera, filósofo? Vai já para Atenas! Leva algum ouro do meu tesouro. Precisas dele para defenderes a nossa causa. Mas

toma atenção! Que ninguém saiba que és meu agente!

- Eu compreendo, Poderoso Rei! Compreendo perfeitamente! exclamou Aristião, e logo abandonou

a sala.

- Farnaces, Maçares, jovem Mitridates, jovem Ariárates, Arquelau, Pelópidas, Neoptolemo,

Leónipo, ficam comigo - disse o rei. - Os outros podem ir-se embora.

Em Abril do ano em que Lúcio Cornélio Sila e Quinto Pompeu Rufo foram eleitos cônsules,

começou a invasão romana da Galácia e do Ponto. Enquanto Nicomedes III chorava e suplicava que

lhe permitissem regressar à Bitínia, o príncipe da Paflagónia, Pilaemenes, ordenava ao exército de

Nicomedes que avançasse sobre Sinope. Mânio Aquílio, à frente da única legião de auxiliares

romanos existente na Província da Ásia, atravessou a Frigia, tencionando atingir a fronteira do

Ponto a norte do grande lago salgado, Tatá. Mânio Aquílio dispunha para tal de uma estrada

comercial, o que significava que a sua viagem seria relativamente rápida. Caio Cássio, à frente de

duas legiões de milicianos, avançou pelo vale do Meander e entrou depois na Frigia,



escolhendo uma rota que o levava à pequena cidade comercial de Primnesso. Entretanto, Quinto

Ópio seguira, por mar, de Tarso para Ataleia, e, à frente de duas legiões, atravessara depois a

Pisídia, na direcção de uma região a oeste do lago Limnas.

Nos primeiros dias de Maio, o exército bitiniano penetrou no reino do Ponto e avançou até ao rio

Amnias, um afluente do Hális que acompanhava a costa e rodeava Sinope. A estratégia de

Pilaemenes consistia de uma marcha a partir do ponto de encontro entre o Amnias e o Hális, para

norte, na direcção do mar, onde tencionava dividir as suas forças a fim de atacar Sinope e Amiso

simultaneamente. Infelizmente, o exército bitínio deparou com um poderoso exército pôntico

dirigido pelos irmãos Arquelau e Neoptolemo precisamente nas margens do Amnias e sofreu uma

derrota esmagadora. A Bitínia perdeu tudo nessa batalha: tropas, armas, bagagens, acampamento.

Só não perdeu o velho rei Nicomedes. De facto, Nicomedes tinha reunido um grupo de nobres e

escravos em quem podia confiar e deixara o exército entregue ao seu fatídico destino, rumando de

novo a Roma.

Pela mesma altura, Mânio Aquílio e a sua legião instalavam-se no alto de uma montanha que dava

para o lago Tatá. A vista não o deixou muito animado. De facto, por toda a planície, espalhava-se

um exército mais vasto que o lago, um exército que revelava, a todos os níveis, uma disciplina e

uma auto confiança extraordinárias. Não, de facto aquilo não era uma horda de Germanos!, pensou

Mânio Aquílio. Cem mil soldados de infantaria e cavalaria à espera que ele caísse nas suas garras.

Com a rapidez de raciocínio de que só um general romano era capaz, Aquílio deu meia volta e

tratou de se escapulir. Porém, ao aproximar-se do rio Sangário, não muito longe de Pessinunte - ah,

o ouro de Pessinunte que para sempre lhe escapava! -, o exército do Ponto atacou as tropas romanas

pela retaguarda, até que as devorou literalmente. Tal como o rei Nicomedes, também Aquílio

abandonou o seu exército ao inevitável desastre, fugindo com os seus oficiais e os outros dois

comissários pelas montanhas da Mísia.

Mitridates em pessoa comandou as tropas que deveriam encarregar-se de Caio Cássio. No entanto, o

rei deixou-se dominar pelos seus sentimentos de insegurança. Tanto vacilou, tanto hesitou que não

chegou a apanhar Cássio. O governador da Província da Ásia, que soubera entretanto das derrotas

das tropas da Bitínia e da legião chefiada por Aquílio, recuou imediatamente, seguindo pela via

comercial que passava

790

pela cidade de Apameia, cidade onde se instalou, protegido por inexpugnáveis muralhas. Quinto

Ópio também soube das notícias das derrotas e instalou-se em Laodiceia, cidade que ficava

precisamente no caminho percorrido por Mitridates.

Desta forma, o exército pôntico, comandado pelo rei, deparou com Quinto Ópio antes de localizar

Cássio. Disposto a aguentar o cerco, Ópio depressa descobriu que os habitantes da cidade não

partilhavam os seus pontos de vista. De facto, o povo da cidade, mal viu o exército do Ponto, abriu

as portas ao rei Mitridates e entregou-lhe Quinto Ópio como se fosse uma oferta especial. As tropas

da Cilícia puderam regressar às suas terras pelo mesmo caminho por onde tinham vindo, mas o rei

deteve o governador, ordenando que o amarrassem a um poste na *agora* de Laodiceia. Rindo a

bandeiras despregadas, o rei disse à população da cidade que enchesse Quinto Ópio de lixo, ovos

podres, legumes deteriorados: só lhe podiam atirar coisas moles e fétidas. Nada de pedras, nem

madeira. Porque o rei lembrava-se de que Pelópidas descrevera Quinto Ópio como um homem

honrado. Ao fim de dois dias, Ópio foi libertado, sem que tivesse sofrido grandes danos físicos. O

rei mandou-o então regressar a Tarso. A pé.

Quando soube do que sucedera a Quinto Ópio, Caio Cássio abandonou os seus milicianos em

Apameia e, montado num cavalo com pouca sorte, seguiu a toda a velocidade na direcção de

Mileto, cidade que ficava na costa. Não levava ninguém consigo. Conseguiu evitar as tropas

pônticas que se encontravam à volta de Laodiceia, mas a sua identidade foi descoberta na cidade de

Nisa, tendo sido imediatamente levado à presença do etnarca, Querémon. Subitamente aliviado e

deliciado, Cássio descobriu que Querémon era um ardente partidário de Roma e que, por isso, faria

tudo o que estivesse ao seu alcance para o ajudar. Lamentando não poder ficar muito tempo em

Nisa, Cássio comeu uma boa refeição e partiu, num cavalo novo, para Mileto, onde encontrou um

navio rápido que aceitou levá-lo a Rodes. Tendo chegado em segurança a Rodes, deparou então

com a mais difícil de todas as suas tarefas naquela até então breve guerra - a redacção de uma carta

capaz de convencer o Senado e o Povo de Roma da gravidade da situação na Ásia, mas que não

fizesse a mínima referência às suas próprias fraquezas. Este trabalho de Hércules não era para um

dia - nem para um mês. Aterrorizado, ou traindo a sua culpabilidade, Caio Cássio Longino foi

adiando a carta.

791

Em fins de Junho, toda a Bitínia e toda a Província da Ásia tinham caído nas mãos do rei Mitridates.

Com raras excepções: certas comunidades mais intrépidas, dispondo de poderosas fortificações e

vivendo em locais inacessíveis. Duzentos e cinquenta mil soldados do Ponto instalaram-se então nas

verdes planícies que iam desde Nicomédia a Milasa. Como a grande maioria desses soldados eram

bárbaros do Norte - Cimérios, Citas, Sármatas, Roxolanos, Caucasianos -, só o medo que sentiam

perante Mitridates os impedia de devastarem tudo o que viam pela frente.

Os diversos portos e cidades jónios e dórios da Província da Ásia fizeram o possível por tratar o

ditador oriental com todas as honras que ele merecia. O ódio acumulado durante quarenta anos de

ocupação romana dava agora lugar a uma imensa cumplicidade com o rei Mitridates, que

encorajava os sentimentos anti-romanos proclamando que, naquele ano, e nos cinco anos seguintes,

ninguém pagaria qualquer taxa, imposto ou tributo. Aqueles que deviam dinheiro a romanos ou a

italianos ficavam livres das suas dívidas. Em consequência de tais medidas, a Província da Ásia

concluiu que a vida sob o domínio pôntico seria melhor do que sob o domínio romano.

O rei desceu o Meander e seguiu depois para norte, ao longo da costa, na direcção de uma das suas

cidades favoritas, Éfeso. Durante algum tempo residiu em Éfeso. E tornou-se ainda mais querido

junto da população da Província da Ásia, ao proclamar que todos os milicianos que se rendessem

seriam perdoados e libertados, além de receberem dinheiro suficiente para voltarem para as suas

terras. Aqueles que mais odiavam Roma - ou que pelo menos mais manifestavam o seu ódio - foram

nomeados para os cargos dirigentes em todas as cidades e distritos. As listas com nomes de

simpatizantes ou funcionários dos Romanos não paravam de crescer: de facto, os informadores e

denunciantes não faltavam.

No entanto, sob o júbilo e a bajulação, permanecia o terror daqueles que sabiam que os reis

orientais eram sempre cruéis e caprichosos, que toda a amabilidade desses reis era aparente,

superficial. Aquele que hoje era premiado, amanhã poderia ficar sem a cabeça. E ninguém saberia

dizer quando seria esse amanhã.

Em fins de Junho, em Éfeso, o rei do Ponto emitiu três ordens, todas elas secretas, embora a terceira fosse a mais secreta de todas.

792

Ah, o prazer que lhe dava todo aquele cerimonial que envolvia a redacção e o envio das suas

instruções! O prazer que lhe dava dizer para onde devia ir cada um dos seus generais, o que cada

um deles devia fazer - ah, os seus bonecos iam fartar-se de dançar! Os outros, as criaturas inferiores, que definissem e redifinissem os

pormenores os pormenores não eram para ele, o rei, porque ao rei

cabia definir, desenhar, tecer, a teia que tudo envolvia. E que teia aquela! Cantarolando e

assobiando, Mitridates comandou o seu exército de várias centenas de escribas que, no espaço de

apenas um dia, tinham de realizar um trabalho que exigia deles toda a dedicação e atenção. E

quando a última carta foi selada e entregue ao último correio, Mitridates mandou os escribas para o

pátio do palácio e ordenou que os seus guarda-costas os degolassem. Homens mortos não

revelavam segredos!

A primeira ordem foi para Arquelau que, na altura, não gozava de grande simpatia junto de

Mitridates; com efeito, Arquelau tentara conquistar a cidade de Magnésia, mas sofrera uma derrota

esmagadora e ele próprio ficara gravemente ferido. No entanto, Arquelau continuava a ser o melhor

general do Ponto: por isso a primeira ordem era para ele. Apenas uma carta. Nessa carta, Mitridates

ordenava-lhe que assumisse o comando de todos os navios pônticos e deixasse o mar Euxino e

penetrasse no mar Egeu no final do Gamelião, ou seja, um mês depois; Gamelião correspondia ao

*Quinctilis* romano.

A segunda ordem ia também numa única carta. Era dirigida ao filho do rei, o jovem Ariárates (que

não era o Ariárates rei da Capadócia), e ordenava-lhe que, no final do Gamelião, à frente de um

exército de cem mil homens, atravessasse o Helesponto e penetrasse na Macedónia Oriental.

A última ordem seguiu em várias centenas de cartas, enviadas para todas as cidades, comunidades

ou distritos desde Nicomédia, na Bitínia, até Cnido na Caria, ou Apameia, na Frigia, *e* dirigidas ao magistrado supremo de cada uma dessas divisões administrativas, Mitridates decretava que todos os

cidadãos romanos, latinos e italianos vivendo na Ásia Menor - homens, mulheres e crianças -

deveriam ser mortos, tal como os seus escravos, no final do Gamelião.

Nota: Mês de Julho *(N. do T.)*

793

Esta última ordem era a sua favorita; quando pensava nela, soltava um risinho perverso, satisfeito,

abraçava-se, pulava. Passado o mês do Gamelião deixaria de haver romanos na Ásia Menor. E

quando acabasse a guerra com Roma, não restaria um único romano vivo, desde as colunas de

Hércules até à primeira catarata do Nilo. Roma desapareceria do mapa.

No início do Gamelião, escondendo bem escondidos os seus segredos, o rei do Ponto deixou Éfeso

e seguiu para norte, para a cidade de Pérgamo, onde o esperava um prazer muito especial.

Os outros dois comissários e todos os oficiais de Mânio Aquílio tinham resolvido fugir para

Pérgamo, mas Mânio Aquílio fora para Mitilene, na ilha de Lesbos, de onde tencionava partir para

Rodes, onde, ao que soubera, Caio Cássio se encontrava escondido. Porém, mal desembarcou em

Lesbos, adoeceu com febre entérica e não pôde prosseguir viagem. Quando os Lésbios souberam da

queda da Província da Ásia (de que faziam parte oficialmente), resolveram meter o procônsul

romano num navio e enviá-lo ao rei Mitridates, em sinal de admiração e respeito.

Quando chegou ao pequeno porto de Atarneus, frente a Mitilene, Mânio Aquílio foi preso ao arção

anterior da sela de um cavalo montado por um bastardo e assim levado até Pérgamo, onde o rei

esperava impaciente pela sua prenda. Tropeçando e caindo a todo o momento, bombardeado com

todo o tipo de lixo, escarnecido, insultado, conseguiu, apesar de tudo, chegar vivo ao fim da

viagem. Mas quando o viu em Pérgamo, Mitridates apercebeu-se imediatamente de que Aquílio não

resistiria muito mais tempo se continuasse a ser vítima daquele tratamento. E isso estragaria os

deliciosos planos que Mitridates tinha congeminado para o procônsul romano!

Assim, o procônsul romano foi deitado e amarrado em cima do lombo de um burro, com a cara

virada para o rabo do animal, e assim transportado impiedosamente por toda a zona à volta de

Pérgamo; era preciso mostrar aos cidadãos daquela antiga capital romana o que o rei do Ponto

sentia em relação a um procônsul romano, e também que não temia retaliações.

Finalmente, reduzido a uma sombra de si mesmo, Mânio Aquílio foi conduzido ao responsável

pelos seus tormentos. Pomposamente instalado num trono de ouro montado num sumptuoso

estrado, no

meio da *ágora* de Pérgamo, o rei fitou o homem que se tinha recusado a mandar embora o exército da Bitínia, o homem que não autorizara Mitridates a defender o seu reino, o homem que se recusara a permitir que

Mitridates apresentasse directamente queixa ao Senado e ao Povo de Roma.

Foi quando olhou para aquela forma vergada, pútrida, em que se transformara Mânio Aquílio, que o rei

Mitridates do Ponto perdeu o último vestígio do medo que sentira em relação a Roma. Medo de quê? Por que razão recuara perante aquele ridículo poltrão? Ele, Mitridates do Ponto, era muito mais poderoso que Roma!

Quatro pequenos exércitos, menos de vinte mil homens! Era Mânio Aquílio quem personificava Roma - e não Caio Mário, nem Lúcio Cornélio Sila. A ideia que o rei fazia de Roma era um mito perpetuado por dois

romanos que nada tinham de típico! O verdadeiro Romano era aquele que ali estava aos seus pés.

- Procônsul! - gritou o rei.

Aquílio levantou a cabeça, mas não tinha forças para falar.

- Procônsul de Roma, decidi dar-te o ouro que me querias roubar. Os guardas conduziram então Mânio

Aquílio até ao estrado,

obrigando-o a sentar-se num pequeno banco colocado a alguma distância à esquerda do rei. Mânio Aquílio tinha os braços presos ao corpo com correias. Um dos guardas segurou nas correias do lado direito e outro nas do lado esquerdo, impedindo-o assim de fazer o mínimo movimento que fosse.

Surgiu então um ferreiro com um cadinho aquecido ao rubro, apertado entre as extremidades de uma tenaz.

Era um cadinho que podia conter várias taças de metal fundido; evolava-se dele muito fumo e um cheiro corrosivo.

Um terceiro guarda postou-se atrás de Aquílio, pegou-lhe pelo cabelo e puxou-lhe a cabeça para trás; com a outra mão, o guarda apertou-lhe cruelmente o nariz. Para respirar, Mânio Aquílio teria de abrir a boca. Mal a abriu, o ferreiro inclinou o cadinho e fez com que deslizasse um fio de belíssimo ouro líquido para dentro daquela boca que ansiava por ar. Um fio de ouro líquido que não parava de deslizar apesar dos seus berros de dor, apesar das suas convulsões, das suas vãs tentativas para se levantar do banco. Um fio de ouro líquido que só parou de deslizar quando Mânio Aquílio morreu, a boca, o queixo, o peito, transformados numa cascata de ouro solidificado.

795

- Abram-no e tirem-lhe todo o ouro que ele engoliu - disse Mitridates, que vigiou ciosamente toda a

operação.

- Agora atirem a carcaça aos cães - ordenou por fim o rei do Ponto, levantando-se do trono,

descendo do estrado e passeando despreocupadamente entre os restos estropiados de Mânio

Aquílio, procônsul de Roma.

Tudo corria às mil maravilhas! Ninguém sabia isso melhor que o rei Mitridates que, enquanto

esperava em Pérgamo pelo fim do mês do Gamelião, se entregava a repousantes passeios pela

montanha que dominava a cidade. Mitridates recebera entretanto uma carta de Aristião. Segundo

este, em Atenas as coisas iam de vento em popa.

*Nada nos deterá agora, poderoso Mitridates, pois Atenas mostrará à Grécia o caminho a seguir. Dei início à minha campanha falando do antigo poder e riqueza de Atenas, pois penso que um povo que já está longe do apogeu recorda os dias de glória com uma nostalgia muito aguda; por isso, é fácil seduzi-lo com promessas de um regresso a esses dias de glória. Foi nesse sentido que falei na* ágora *há seis meses, atraindo partidários para a nossa causa e lentamente reduzindo ao silêncio a oposição. Consegui mesmo convencer a minha audiência de que Cartago se tinha aliado ao Ponto contra Roma. E eles acreditaram em mim! Diz-se que os Atenienses são os homens com mais instrução que há no mundo. Pois nenhum deles sabia que*

*Cartago foi destruída por Roma há cerca de cinquenta anos. Espantoso.*

*Escrevo porque tenho o prazer de te anunciar, Poderoso Rei, que acabei de ser eleito chefe militar de Atenas.*

*Foi-me também concedido o poder de escolher os meus colegas. Como é evidente, escolhi homens que*

*acreditam que a salvação do nosso mundo grego está nas tuas mãos, Grande Rei, e que anseiam pelo dia em que esmagarás Roma*

*com as tuas botas de pele de leão.*

*Atenas é agora completamente minha, incluindo o Pireu. Infelizmente, os elementos romanos e os meus inimigos confessos fugiram antes que pudesse deitar-lhes a mão, mas aqueles que foram idiotas o bastante para ficar (na sua maior parte, atenienses muito ricos que nunca acreditaram que corriam perigo) já não vivem. Confisquei todas as propriedades pertencentes aos exilados e aos mortos, e integrei-as num fundo destinado a financiar a nossa guerra contra os Romanos.*

*Terei de cumprir o que prometi aos meus votantes, mas isso não*



*perturbará a tua campanha, Grande Rei. Prometi reconquistar a ilha de Delos, que ainda pertence aos Romanos. A ilha de Delos é um empório magnífico e foi a sua riqueza que tornou Atenas tão poderosa. No início do mês do Gamelião, o meu amigo Apelicon (um almirante excelente e um general experiente)*

*conduzirá uma expedição contra Delos. A ilha cairá facilmente nas nossas mãos.*

*E por agora é tudo, meu Senhor e Rei. A cidade de Atenas é tua e o porto do Pireu está ao dispor dos teus navios sempre que dele precises.*

E o rei precisava de facto do porto do Pireu, e também da cidade de Atenas, porque, no final do

Gamelião, os navios de Arquelau passaram o Helesponto e avançaram pela metade ocidental do mar

Egeu. Eram trezentas galeras com três ou mais bancos de remadores, mais de uma centena de

birremes, e mil e quinhentos navios de transporte cheios de militares e marinheiros. Arquelau não

prestou a mínima atenção ao litoral da Província da Ásia, pois todas as suas cidades se encontravam

já em poder de Mitridates. A sua intenção era instalar-se na Grécia, a fim de que a Macedónia

ficasse esmagada entre dois exércitos do Ponto - o seu próprio exército, sediado na Grécia, e o do

jovem Ariárates, sediado no braço oriental da Macedónia.

O jovem Ariárates cumprira também as datas fixadas pelo pai, o rei do Ponto. Em fins de Julho,

atravessou o Helesponto com os seus cem mil homens e deu início a uma marcha ao longo da

estreita faixa costeira da Macedónia Trácia, usando a Via Egnácia, essa magnífica estrada

construída pelos Romanos. Não encontrou a mínima oposição. Montou bases permanentes em

Abdera, no mar, e em Filipos, no interior, e continuou para ocidente, na direcção da primeira cidade

importante ocupada pelos Romanos, a cidade de Tessalónica.

Em fins de Julho, os cidadãos romanos, latinos e italianos residentes na Bitínia, na Província da

Ásia, na Frígiae na Pisídia eram mortos por ordem de Mitridates. Para realizar a mais secreta das

suas ordens, o rei do Ponto usara de grande astúcia. Em vez de recorrer aos seus homens, o rei

ordenara que fossem os gregos, jónios ou dórios, a executar a matança. Muitas foram as regiões que

acolheram o decreto real com alegria e que, por isso, não tiveram a mínima dificuldade em reunir

voluntários para a carnificina. Contudo, noutras terras, foi impossível



convencer fosse quem fosse a matar os romanos. Em Trales, o etnarca foi obrigado a contratar

mercenários frígios para que a ordem real fosse cumprida; outras terras seguiram-lhe o exemplo,

esperando assim que as culpas pelo genocídio fossem atribuídas a estrangeiros.

Oitenta mil romanos, latinos e italianos e setenta mil escravos morreram num único dia. A

carnificina estendeu-se desde Nicomédia, na Bitínia, até Cnido, na Cária. Ninguém foi poupado;

ninguém conseguiu esconder-se, ninguém conseguiu fugir; ninguém ajudou ninguém a esconder-se

ou a fugir: o terror que Mitridates infundia nos seus súbditos abafava toda a compaixão que pudesse

haver nos corações dos homens. Se Mitridates tivesse recorrido aos seus soldados para executar a

matança, todas as culpas cairiam sobre ele; assim, partilharia as culpas com as comunidades gregas.

E estas comunidades entenderam perfeitamente o raciocínio do rei. De repente, a vida com o rei

Mitridates do Ponto deixara de parecer melhor que a vida sob o domínio romano, apesar da

suspensão dos impostos.

Muitos dos perseguidos procuraram refúgio nos templos, mas nenhum templo lhes deu abrigo; eram

postos na rua e as suas invocações aos deuses não comoviam os assassinos. Alguns agarravam-se

aos altares e às estátuas: os seus perseguidores não hesitavam e cortavam-lhes as mãos e depois

arrastavam-nos para fora dos templos a fim de lhes darem a machadada final.

Mas o pior de tudo era a última cláusula da terceira ordem secreta do rei Mitridates: nenhum dos

mortos seria enterrado. Os cadáveres eram levados para locais situados o mais longe possível das

cidades e aí ficavam a apodrecer. De preferência para ravinas, vales estreitos, para os picos das

montanhas ou para o fundo do mar. Oitenta mil romanos, latinos e italianos e setenta mil escravos.

Cento e cinquenta mil pessoas. Os animais que apreciavam carne putrefacta tiveram uma bela ração

nesse mês de Agosto, pois nenhuma comunidade se atreveu a desobedecer e a enterrar as suas

vítimas; foi com um prazer indiscritível que o rei Mitridates deu longos passeios de cidade em

cidade, para contemplar as imensas pilhas de cadáveres.

Poucos foram os romanos que escaparam à sentença de morte: precisamente os exilados, homens a

quem tinha sido retirada a cidadania e que haviam sido condenados a não voltar a Roma. E entre

eles, contava-se um tal Públio Rutílio Rufo, amigo dos grandes homens de Roma, um cidadão de

Esmirna honrado e respeitado, autor de retratos



pouco favoráveis de homens como Catulo César ou Metelo Nurnídico, o Suíno.

No geral, concluiu o rei Mitridates no início de Agosto, as coisas não podiam ter corrido melhor. Os seus sátrapas estavam repimpadamente sentados nos tronos dos governadores desde Mileto e Andramítio na

Província da Ásia, e ao longo da fronteira na Bitínia. A Bitínia não teria mais reis. O único candidato a quem Mitridates poderia dar o trono estava morto. Depois de regressar ao Ponto, Sócrates irritara tanto o rei com as suas queixas que Mitridates acabou por mandar matá-lo. Toda a Anatólia a norte da Lícia, da Panfília e da Cilícia, pertencia agora ao Ponto, e o resto depressa cairia em seu poder.

Mas o que mais agradara ao rei fora o massacre dos romanos, latinos e italianos. Sempre que passava pelos locais onde haviam sido empilhados os cadáveres, rejubilava, resplandecia de prazer, desatava a rir como um louco. Não fizera qualquer distinção entre romanos e italianos, apesar de saber que Roma e Itália se

encontravam em guerra. Um fenómeno que Mitridates conhecia melhor que ninguém - irmão contra irmão, e o prémio era o poder.

Sim, tudo corria às mil maravilhas. O seu filho, o jovem Mitridates, era regente no Ponto (embora o prudente rei tivesse levado consigo a mulher e os filhos do jovem regente, para que este se portasse bem na sua ausência); Ariárates era rei da Capadócia; a Frigia, a Bitínia, a Galácia e a Paflagónia eram, todas elas, satrapias reais, governadas por alguns dos seus filhos mais velhos; e o seu genro Tigranes da Arménia tinha toda a liberdade para fazer o que quisesse a leste da Capadócia, desde que não pisasse os pés ao rei e aos interesses do rei do Ponto. Tigranes que conquistasse a Síria e o Egipto, isso mantê-lo-ia ocupado. Mitridates franziu o sobrolho. No Egipto a populaça não toleraria nenhum rei estrangeiro. Seria preciso encontrar um Ptolemeu fantoche. O que não seria nada fácil. Mas por certo as rainhas do Egipto seriam descendentes de Mitridates; nenhuma filha de Tigranes poderia usurpar um trono que estava destinado a uma filha de

Mitridates.

O mais impressionante de tudo era o êxito das esquadras do rei desde que se ignorasse o miserável fracasso de Aristião e do seu ”magnífico almirante e general experiente” chamado Apelicon; a invasão de Delos fora de facto um fiasco. Porém, depois de ter conquistado as ilhas das Cíclades, Arquelau ocupou Delos e ordenou a matança dos vinte mil romanos, latinos e italianos que viviam na ilha. O general

pôntico ofereceu então Delos a Atenas, a fim de garantir a permanência de Aristião no poder; as

esquadras do Ponto precisavam do Pireu: esse porto constituía a sua base ocidental.

Toda a Eubeia se encontrava agora em poder do Ponto, tal como a ilha de Cíato e uma grande parte

da Tessália, incluindo dois portos vitais: Demetríade e Metone. Em consequência das suas

conquistas no Norte da Grécia, as forças do Ponto podiam agora bloquear as estradas que iam da

Tessália à Grécia Central, um bloqueio que acabou por levar a maior parte do resto da nação grega a

submeter-se a Mitridates. O Peloponeso, a Beócia, a Lacónia e toda a Ática aclamavam agora o rei

do Ponto, o homem que os libertara dos Romanos - e, como meros espectadores, ficaram à espera

de ver Mitridates esmagar a Macedónia com a mesma facilidade com que se esmaga uma barata.

Mas o esmagamento da Macedónia revelou-se impossível, pelo menos na altura. Apanhados entre

uma Grécia subitamente rebelde e os exércitos do Ponto que avançavam pela Via Egnácia, Caio

Sêncio e Quinto Brútio Sura não entraram em pânico, não se conformaram com a eventualidade de

uma derrota. Apressaram-se a convocar o máximo de auxiliares que era possível, e juntaram-nos

depois às duas legiões romanas, que eram tudo o que a Macedónia tinha para contrariar o avanço de

Mitridates. O reino do Ponto não conquistaria a Macedónia sem pagar um preço bem amargo.

O final do Verão começou a tornar-se algo maçador para o rei Mitridates, agora perfeitamente

instalado em Pérgamo e senhor incontestado da Ásia Menor. Só havia uma coisa interessante para

fazer: visitar os diversos montes de cadáveres, e ele já tinha visto os mais imponentes desses

monumentos. Excepto os da região que acompanhava mais a norte o rio Caíco, cujas margens

banhavam Pérgamo. Havia duas cidades na Província da Ásia chamadas Estratoniceia. A maior

dessas cidades, situada na Cária, continuava teimosamente a aguentar o cerco montado pelas forças

do Ponto. A mais pequena ficava também nas margens do Caíco, mas mais para o interior do que

Pérgamo, e manifestara a sua total lealdade a Mitridates. por isso, quando o rei visitou a cidade, o

povo saiu à rua em massa e aplaudiu-o vibrantemente e atirou-lhe pétalas de flores à medida que ele

avançava pelas ruas.

Entre a multidão, Mitridates reparou numa rapariga grega chamada Monima, e mandou-a chamar

imediatamente. Tudo nela era tão pálido que o seu cabelo parecia branco e as sobrancelhas e

pestanas invisíveis: tais traços davam-lhe uma beleza particularmente estranha; o rei examinou-a

atentamente e logo a incluiu no seu rol de esposas. Não deparou com a mínima oposição do pai

dela, Filopoemon, tanto mais que o levou a ele e a Monima para Éfeso, onde o nomeou sátrapa da

região.

Entregando-se às diversões que tornavam Éfeso famosa - e às diversões que a sua nova mulher

albina lhe proporcionava -, o rei consagrou pouco tempo aos assuntos bélicos, limitando-se a enviar

uma mensagem a Rodes, exigindo que se rendesse e que entregasse o governador refugiado, Caio

Cássio Longino. A resposta, rapidamente enviada, era um firme ”não” a ambas as exigências;

Rodes era amiga e aliada do povo romano e honraria os seus compromissos, se necessário até à

morte.

Pela primeira vez desde que iniciara a sua campanha, Mitridates teve um ataque de cólera.

Deixando a corte pôntica e os seus admiradores de Éfeso a tremer de medo, o rei desatou a arengar

disparatadamente na câmara de audiências, enquanto andava de um lado para o outro

freneticamente. Quando ficou mais calmo, sentou-se no trono com um ar ameaçador, a mão

segurando o queixo, os lábios em jeito de amuo, as bochechas molhadas pelas lágrimas.

A partir desse momento, perdeu todo o interesse pelas várias iniciativas que tinha lançado; as suas

energias concentraram-se unicamente na submissão de Rodes. O atrevimento! Dizerem-lhe que não

*a ele!* Uma coisa tão pequena como Rodes pensaria que era capaz de lutar contra o poder do Ponto?

Bom, depressa perceberia que não tinha outra alternativa senão render-se.

As esquadras do Ponto estavam demasiado envolvidas nas manobras da metade ocidental do Egeu

para disponibilizarem um ou dois navios para uma campanha tão insignificante como aquela; por

isso, o rei mandou que Esmirna, Éfeso, Priena, Mileto, Halicarnasso e as ilhas de Quios e Samos lhe

dessem os navios de que precisava. Quanto a tropas terrestres, tinha que chegasse, pois mantivera

dois exércitos na Província da Ásia; porém, graças à inflexível resistência das cidades lícias de

Patara e Termesso, não podia conduzir essas tropas para o local de onde deveria lançar a invasão de

Rodes - ou seja, para as

801

praias e enseadas da Lícia. A marinha de Rodes tinha uma reputação formidável, e encontrava-se concentrada na parte oeste da ilha, que dava para o mar que banhava Halicarnasso e Cnido. Como não podiam usar a Lícia, as forças de invasão de Mitridates teriam forçosamente de seguir as rotas marítimas que conduziam

directamente à parte ocidental de Rodes.

Mitridates requisitou centenas de navios de transporte e o máximo de galeras de guerra que a Província da Ásia pudesse fornecer, ordenando que todos os navios se reunissem em Halicarnasso. Para essa mesma

cidade, de que Caio Mário tanto gostava, conduziu um dos seus exércitos, que seria distribuído por vários navios. E no final de Setembro fez-se ao mar. Mitridates ia no seu gigantesco navio de dezasseis bancos de remadores. Era um navio que se distinguia no meio daquela multidão de navios, não só pelo tamanho, mas também pelo trono dourado e cor de púrpura colocado na popa, sob um dossel. Mitridates sentava-se nesse trono, senhor de tudo o que via à sua volta, deleitado com tanto e tão extraordinário poder.

Por muito pesados e lentos que fossem, os navios de guerra singravam mais rapidamente que os navios de transporte, uma colecção heterogénea de cargueiros que não estavam habituados a desviar-se do litoral.

Assim, quando os navios mais rápidos da esquadra passaram a ponta da península de Cnido e entraram no mar dos Cárpatos, a grande massa dos barcos espalhava-se como um colar de contas até

Halicarnasso, onde o último dos navios de transporte acabava de deixar o porto, cheio de soldados aterrorizados.

Composta por trirremes leves e muito rápidos, a esquadra de Rodes apareceu no horizonte e seguiu

imediatamente na direcção da improvisada esquadra pôntica. A marinha de Rodes nunca utilizaria navios tão pesados como aquele em que seguia o rei Mitridates. Esses navios enormes levavam muita gente e muita

artilharia; mas os ródios consideravam que a artilharia era pouco eficaz nas batalhas marítimas e a facilidade com que movimentavam os seus navios obstava a que os navios inimigos os abordassem com facilidade. A

marinha de Rodes devia a sua reputação à velocidade e à capacidade de manobra dos seus navios, capazes de se movimentarem com a maior facilidade e rapidez entre navios enormes e muito pesados; quando se tratava de abrir brechas nos outros navios com o aríete, os seus remadores conseguiam remar com tal eficácia e rapidez que a velocidade acabava

802

por compensar largamente a falta de peso; por outro lado, o esporão de carvalho, reforçado a bronze, de um trirreme ródio era capaz de abrir enormes brechas mesmo num navio gigantesco como o de Mitridates. E abrir brechas nos navios inimigos era a única maneira de obter uma vitória decisiva no mar, diziam os ródios.

Quando os navios do Ponto avistaram a esquadra ródia, tudo prenunciava uma batalha encarniçada. No

entanto, ao fim de algum tempo, poderia concluir-se que Rodes pretendia apenas fazer uma breve investida, dado que, depois de ter deixado os marinheiros pônticos tontos com a velocidade dos seus

navios, os ródios deram meia volta e foram-se embora, limitando-se a fazer alguns rombos em duas galeras de cinco fileiras de remadores. Contudo, antes de abandonarem por completo a cena, os ródios conseguiram pregar ao rei

Mitridates o maior susto da sua vida. Aquela era a primeira batalha naval do rei; até então, Mitridates limitara-se a navegar no Euxino, onde nem mesmo o mais arrojado dos piratas se teria atrevido a atacar um navio da esquadra pôntica.

Excitado e fascinado, o rei estava sentado no seu trono dourado e púrpura, os olhos numa constante agitação, procurando não perder nada do confronto; não lhe passou nunca pela cabeça que ele próprio podia correr perigo. Estava todo inclinado para a esquerda para apreciar as proezas de uma soberba galera ródia quando, de repente, sentiu o seu navio guinar, gemer e tremer convulsivamente, e ouviu o tremendo ruído causado por muitos remos que se partiam como ramos, de mistura com gritos de terror.

Durou apenas segundos o pânico que paralisou por completo o rei Mitridates: mas durou demasiado tempo.

Com efeito, foi tal o terror que dele se apoderou que Mitridates, num ápice, ficou todo borrado. Havia fezes sólidas por todo o lado, de mistura com uma verdadeira torrente de aguadilha, inundando fetidamente a sua almofada púrpura incrustada a ouro, as pernas do trono, as suas próprias pernas, o pêlo de leão das suas botas, o chão à sua volta. *E não podia esconder-se!* Não podia esconder-se dos olhos espantados dos seus oficiais e assessores, não podia esconder-se dos marinheiros que, a meia-nau, tinham olhado para cima, instintivamente, para se certificarem de que o rei estava em segurança.

Foi então que Mitridates descobriu que o seu navio não tinha sofrido nenhuma brecha. Um dos seus navios, dotado também de

dezasseis fileiras de remadores, tinha chocado de lado com o navio real e quebrado todos os remos desse lado, bem como os seus próprios remos.

Era espanto o que via nos olhos daqueles homens? Ou troça? Os olhos esbugalhados do rei fitaram com

assustadora raiva as faces dos homens que o rodeavam; e todos esses rostos ficaram primeiro vermelhos e depois pálidos como taças transparentes de súbito esvaziadas do seu vinho.

- Eu estou doente! - gritou. - Passa-se qualquer coisa comigo! Estou doente! Ajudem-me, idiotas!

De repente, todos acorreram ao rei. Como por artes mágicas, surgiu um sem-número de panos. Dois homens mais expeditos pegaram em baldes e lavaram o rei com água do mar. Foi quando sentiu a água fria nas pernas que Mitridates se lembrou da melhor maneira de enfrentar aquela terrível situação; de súbito, atirando a cabeça para trás, desatou a rir à gargalhada.

- Depressa, idiotas, limpem-me bem limpo!

O rei despiu então a saia de *pteryges* douradas, o saiote de cota de malha dourada que tinha por baixo da saia e a túnica púrpura que trazia por baixo do saiote, exibindo umas coxas poderosas, umas nádegas rijíssimas - e um membro enorme, a que devia o nascimento de meia centena de robustos filhos. Já completamente limpo, tirou a roupa que ainda tinha no corpo e pôs-se completamente nu no alto da popa do navio, mostrando à estupefacta tripulação que o rei do Ponto era de facto um espécime magnífico. No meio das suas muitas piadas e gargalhadas, o rei agarrava de quando em quando no sexo e nos testículos e soltava uns gemidos de prazer para que a cena resultasse mais.

Porém, pouco tempo depois, quando a esquadra ródia já tinha desaparecido e os dois navios pônticos já estavam separados, e no

trono cuidadosamente limpo havia uma almofada nova, o rei, vestido de fresco, chamou o capitão do navio à sua presença.

- O vigia e o piloto deste navio, capitão. Quero que lhes cortem as línguas e os testículos e as mãos e que lhes arranquem os olhos. Depois, soltem-nos e dêem-lhes umas tijelas de pedintes - disse Mitridates. - Quanto ao navio que nos abalroou, o navio que veio da ilha de Quios, quero o mesmo castigo aplicado ao vigia, ao piloto *e* ao capitão. Todos os outros homens que se encontram a bordo desse navio serão mortos. E nunca, mas nunca!, deixes que o meu navio



fique próximo de um navio de Quios, dessa maldita ilha de Quios! Começas agora a perceber,

capitão?

O capitão engoliu em seco, fechou os olhos.

- Sim, Grande Rei. Eu percebo - pigarreou depois e, heroicamente, decidiu-se a fazer a inevitável

sugestão. - Poderoso Rei, tenho de ir a terra buscar mais remos. Os remos sobressalentes não

chegam. Não podemos continuar com os remos que temos.

O rei pareceu receber com satisfação uma tal notícia. Numa voz afável, perguntou:

- E onde achas que devemos ir?

- Ou a Cnido ou então a Cós. Para sul é que não.

Nos olhos do rei pareceu surgir um interesse novo, algo que o distraía da humilhação pública por

que acabava de passar.

- Cós! - exclamou. - Vamos então para Cós! Tenho uma questão a resolver com os padres do

Asclepeion. Eles deram asilo a romanos. E além disso gostaria de ver os tesouros deles. E o ouro.

Sim, capitão, vamos para Cós.

- O príncipe Pelópidas deseja ver-te, Grande Rei.

- Se me deseja ver, de que é que está à espera?

Naquele momento, o rei constituía ainda um perigo para quem quer que se abeirasse dele, embora

fosse sem dúvida mais temível quando se ria e não estava divertido. Qualquer coisa poderia, de um

instante para o outro, pô-lo fora de si: uma palavra de que não gostasse, um olhar que o irritasse,

uma sugestão que não lhe agradasse. Pelópidas não demorou mais que um segundo a aparecer, o

que deixou o rei perfeitamente aterrado. No entanto, não podia mostrar a Pelópidas o que sentia

naquele momento.

- Então, o que é que se passa?

- Grande Rei, ouvi dizer que ordenaste que este navio rumasse a Cós, a fim de ser reparado.

Permites que vá para outro navio e que avance na direcção de Rodes? Suponho que desejarás que eu

esteja presente quando as nossas tropas desembarcarem, a menos que queiras tu mudar de navio.

Por favor, Poderoso Rei, peço as tuas instruções.

- Sim, vai para Rodes. Desembarca onde quiseres. Mas não muito longe da cidade de Rodes, para

não cansar os homens. Monta um acampamento e espera por mim.

# 805

Quando o navio de Mitridates, imponente com as suas dezasseis fileiras de remadores, se deteve ao

largo de Cós, o rei deixou o capitão a tratar do problema dos remos, e deslocou-se a terra numa

barcaça rápida. Acompanhado pelos seus guardas, dirigiu-se imediatamente ao santuário do deus da

saúde, Asclépio, que ficava nos arredores da cidade; tão depressa andava que, quando chegou ao

átrio do templo, ainda ninguém o tinha reconhecido. Já no átrio, perguntou em altos berros quem é

que dirigia aquele templo - um insulto típico do rei do Ponto, já que sabia perfeitamente que o

homem que dirigia o templo era o sumo sacerdote.

- Quem é este arrogante intruso? - perguntou um padre para outro.

- Sou o rei Mitridates do Ponto e vocês são homens mortos retorquiu o rei, que ouvira aquela

observação.

Quando o sumo sacerdote chegou ao átrio, já os dois padres jaziam por terra, de cabeças cortadas.

Muito inteligente e subtil, o sumo sacerdote adivinhara que o visitante era Mitridates, pois tinham-

lhe dito que um macaco vestido com um traje dourado e púrpura andava aos berros no átrio,

exigindo a sua presença.

- Bem-vindo ao templo de Asclépio em Cós, rei Mitridates - disse calmamente o sumo sacerdote,

não revelando o mínimo sinal de medo.

- Ouvi dizer que dizes o mesmo aos romanos.

- Digo-o a toda a gente que aqui aparece.

- Mas não o podes dizer aos romanos, porque eu ordenei a morte de todos os Romanos.

- Se viesses pedir-me asilo, rei Mitridates, não to recusaria. O deus Asclépio não tem favoritos, e

*todos* os homens precisam dele mais tarde ou mais cedo. É bom que nos lembremos disso. Ele é um deus da vida, não da morte.

- Muito bem. Nesse caso, aí tens o teu castigo - disse o rei, apontando para os dois padres mortos.

- Um castigo duas vezes maior do que deveria ter sido.

- Não me irrites mais, sumo sacerdote! Já chega! Vá, agora mostra-me os teus livros e não os livros

que costumas mostrar ao governador romano.

O Asclepeion de Cós era a maior instituição bancária do mundo, depois do banco estatal do Egipto.

Alcançara tal posição graças à perspicácia de uma longa dinastia de padres-administradores,

dinastia que começara sob a égide dos Ptolemeus do Egipto, pois Cós fora em

806

tempos uma possessão egípcia. Por isso, o seu desenvolvimento enquanto instituição bancária

constituía um resultado lógico da evolução do sistema bancário egípcio. De início, o templo fora

igual a todos os outros templos. Consagrado ao tratamento de doenças e à higiene em geral, o

Asclepeion de Cós nascera da inspiração de alguns discípulos de Hipócrates e praticara inicialmente

a arte da incubação - a cura de sono e a interpretação de sonhos, que continuavam, aliás, a ser

praticados nos templos de Epidauro e Pérgamo. Mas com o passar do tempo e a ocupação da ilha

pelos Ptolemeus do Egipto, o dinheiro transformara-se na grande fonte de rendimento do templo, e

os padres tinham ficado mais ligados às coisas egípcias do que às coisas gregas.

Era um santuário enorme, com uma série de edifícios espalhados por parques maravilhosamente

tratados. Não faltavam o ginásio, a ágora, as lojas, os banhos, a biblioteca, uma escola para os

futuros padres, casas para os estudantes residentes, alojamentos para os escravos, um palácio para o

sumo sacerdote, uma necrópole, recintos subterrâneos para as curas de sono, um hospital, o grande

complexo bancário, e o templo ao deus Asclépio, situado no meio de um bosque de plátanos. A

estátua de Asclépio não era revestida a ouro ou a ouro e marfim; fora feita com mármore branco de

Paros pelo escultor Praxíteles, e mostrava um deus barbado, muito parecido com Zeus, apoiado num

cajado enorme no qual se enroscava uma serpente. A mão direita, estendida, exibia uma tábua, e,

aos seus pés, descansava um cão enorme.

Nícias tinha pintado a estátua de forma tão realista que, àquela luz esbatida, as vestimentas de

Asclépio pareciam agitar-se sob a acção de movimentos tão precisos quanto naturais; os olhos do

deus, de um azul muito vivo, cintilavam de uma alegria humana, de uma alegria que nada tinha de

transcendente.

Mas nada daquilo fascinava o rei, que resolveu acabar com aquela visita guiada logo que decidiu

que a estátua de Asclépio não valia nada e que, por isso, a deixaria onde estava. Depois, tratou de

examinar os livros, e informou o sumo sacerdote de que tencionava confiscar os seguintes bens:

todo o ouro romano depositado no templo, naturalmente; cerca de oitocentos talentos de ouro de um

depósito a longo prazo doGrande Templo de Jerusalém, cujo sínodo era suficientemente astuto para

manter o seu pé-de-meia de emergência a salvo das depredações dos Selêucidas e dos Ptolemeus; e

os três mil talentos de ouro entregues ao templo catorze anos antes pela antiga rainha Cleópatra do

Egipto.

807

- Parece que a rainha do Egipto também deixou três rapazes à tua guarda - disse Mitridates ao sumo sacerdote.

Mas o sumo sacerdote estava mais preocupado com o ouro do que com os rapazes, e retorquiu-lhe num tom que pretendeu frio, mais do que irado:

- Rei Mitridates, nós não guardamos aqui todo o ouro que os nossos clientes depositam. Nós emprestamo-lo!

- Mas eu não te pedi o ouro todo! - disse o rei, exasperado. - O que eu te pedi foi... bom, o que eu quero é isto: cinco mil talentos de ouro romano, três mil talentos de ouro egípcio, e oitocentos talentos de ouro judeu. Uma pequena percentagem do total que vem nos teus livros, sumo sacerdote.

- Mas se eu te der cerca de nove mil talentos de ouro, o templo ficará sem reservas!

- Que pena! - disse o rei, levantando-se da secretária onde tinha estado a examinar a contabilidade. - Dá-me imediatamente o que te

peço ou verás o teu templo reduzido a pó. Ou melhor, não verás. Agora traz-me cá os três rapazes egípcios.

O sumo sacerdote cedeu: não tinha outra alternativa.

- Terás o teu ouro, rei Mitridates - disse ele, abatido. - Queres que os príncipes egípcios venham ter contigo aqui?

- Não. Prefiro vê-los à luz do dia.

Mitridates pretendia evidentemente escolher, de entre os três príncipes, o seu Ptolemeu fantoche;

impacientemente, esperou pelos príncipes num jardim, à sombra de pinhos e cedros.

- Eles que fiquem ali - disse Mitridates, apontando para um sítio que ficava a alguns metros do pinheiro sob o qual se abrigava. - E tu, sumo sacerdote, anda cá. - Cumpridas estas directivas, o rei perguntou ao sumo sacerdote quem era o príncipe com um ar mais velho, um jovem que vestia um traje vaporoso.

- É o filho legítimo do rei Ptolemeu Alexandre do Egipto, e herdeiro do trono.

- Por que razão está ele aqui e não em Alexandria?

- A avó, que o trouxe para aqui, temia que o matassem. Obrigou-nos a prometer que o guardaríamos aqui até que ele herdasse o trono.

- Que idade tem ele?

- Vinte e cinco anos.

- E a mãe dele, quem era?

A influência egípcia que se fazia sentir no Asclepeion de Cós era tão nítida que, para falar do assunto, o sumo sacerdote usava um tom extremamente respeitoso; era evidente que, em sua opinião, a Casa de Ptolemeu era muito mais grandiosa que a Casa de Mitridates.

- A mãe dele era Cleópatra IV - respondeu ele.

- A que o trouxe para aqui?

- Não, essa era Cleópatra III, a avó dele. A mãe dele era filha de Cleópatra III e do rei Ptolemeu Pançudo.

- Quer dizer que ela casou com o filho *mais novo* do casal Alexandre?

- Em segundas núpcias. Primeiro foi casada com o filho mais velho, e teve uma filha dele.

- Ah, assim já faz sentido. Ouvi dizer que a filha mais velha casa sempre com o filho mais velho.

- Sim, esse é o costume, mas há desvios. A velha rainha detestava tanto o primogénito como a sua filha mais velha. De modo que obrigou-os a divorciarem-se. A jovem Cleópatra fugiu então para Chipre, onde se casou com o irmão mais novo, de quem teve este filho.

- E que lhe aconteceu a ela? - perguntou o rei, particularmente interessado.

- A velha rainha obrigou Alexandre a abandoná-la, de modo que ela fugiu para a Síria, onde se casou com Antíoco Ciziceno, que estava então em guerra com o seu primo direito, Antíoco Gripo. Depois da derrota de Ciziceno, foi esfaqueada até à morte no altar de Apolo em Dafne. Foi a sua própria irmã, e mulher de Gripo, quem a matou.

- Parece a história da minha família - comentou Mitridates, com um sorriso de todo o tamanho.

O sumo sacerdote não achou que fosse caso para brincadeiras e por isso prosseguiu a sua narrativa como se não tivesse ouvido aquela observação.

- A velha rainha conseguiu por fim expulsar o seu filho mais velho do Egipto, e mandou chamar Alexandre, pai deste jovem, para que partilhasse com ela o poder. Este jovem que aqui vês foi para o Egipto com o pai.

No entanto, Alexandre tinha medo da mãe e odiava-a. Talvez ela soubesse o que a esperava. O que é certo é que, há catorze anos, apareceu aqui em Cós com vários navios carregados de ouro e três rapazes. Pediu-nos que tomássemos conta dos rapazes e do ouro. Pouco tempo depois de ter voltado ao Egipto, o rei Ptolemeu 809

Alexandre matou-a. - O sumo sacerdote suspirou; era evidente que gostara da velha rainha

Cleópatra, a terceira com esse nome. - Depois, Alexandre casou com a sobrinha, Berenice, a filha

do seu irmão mais velho, Soter, e da jovem Cleópatra que fora mulher de ambos.

- De maneira que neste momento o rei Ptolemeu Alexandre reina no Egipto com a sua sobrinha, a

rainha Berenice, que é tia e meia-irmã deste jovem. É isso?

- Não, infelizmente não! Os súbditos de Ptolemeu Alexandre depuseram-no há seis meses. Ele

morreu numa batalha naval quando tentava reconquistar o trono.

- Então este jovem devia ser agora o rei do Egipto!

- Não - retorquiu o sumo sacerdote, tentando ocultar o prazer que experimentava por confundir

aquele intruso. - O irmão mais velho do rei Ptolemeu Alexandre continua vivo. Depois de depor

Ptolemeu Alexandre, o povo foi buscar Ptolemeu Soter para o substituir. E é Ptolemeu Soter quem

reina neste momento no Egipto, com a sua filha Berenice como rainha, embora ele não possa

evidentemente casar com ela. Os Ptolemeus só podem casar-se com irmãs, sobrinhas ou primas.

- Soter não teve outra mulher depois de a velha rainha o ter obrigado a abandonar a jovem

Cleópatra? Não teve mais filhos?

- Sim, de facto Ptolemeu Soter voltou a casar-se. Com a sua irmã mais nova, Cleópatra Selene.

Tiveram dois filhos.

- Mas este jovem é que é o herdeiro do trono, e não o primogénito dessa ligação entre Ptolemeu

Soter e Cleópatra Selene... é isso?

- Precisamente. Quando o rei Ptolemeu Soter morrer, será ele o herdeiro do trono.

- Muito bem! Muito bem! - exclamou Mitridates, esfregando as mãos de contente. - Estou a ver que

a partir de agora terei de ser *eu* a protegê-lo, sumo sacerdote! E dar-lhe-ei uma das minhas filhas em casamento.

- Podes tentar - disse secamente o sumo sacerdote.

- Tentar? Que queres dizer com isso?

- Ele não gosta de mulheres e não terá nunca uma relação carnal com uma mulher, seja ela qual for.

Mitridates fez um ruído que era um misto de irritação e angústia. Depois, encolheu os ombros e

disse:

- Pois bem, não terá herdeiros! Mas de qualquer modo vou levá-lo comigo. - Apontou para os

outros dois rapazes, mais novos. - Então



os outros dois são os filhos de Soter e da sua segunda mulher, Cleópatra Selene?

- Não - retorquiu o sumo sacerdote. - De facto, a velha rainha trouxe para Cós os filhos de Soter e

Cleópatra Selene, mas eles morreram pouco tempo depois de cá estarem. Estes rapazes são mais

novos.

- Então quem são eles? - gritou Mitridates, exasperado.

- São os filhos de Soter e da sua concubina real, a princesa Arsínoe da Nabateia. Nasceram na Síria

durante as guerras de Soter contra a sua mãe e contra o seu primo Antíoco Gripo. Quando deixou a

Síria, Soter não levou consigo nem os filhos nem a concubina. Deixou-os entregues aos cuidados do

seu aliado sírio e seu primo Antíoco Ciziceno. Por isso, passaram a primeira infância na Síria. Até

que, há oito anos, Gripo foi assassinado e Ciziceno tornou-se o único rei da Síria. Nessa altura, a

mulher de Gripo era Cleópatra Selene - Gripo tinha casado com ela em segundas núpcias; a sua

primeira mulher, a irmã do meio dos Ptolemeus, morreu em trágicas circunstâncias, a pobrezinha!

- Como é que ela morreu? - perguntou o rei, pouco impressionado, pois a história da sua família era

muito parecida com aquela, ainda que lhe faltasse o fascínio que habitualmente rodeava os

Ptolemeus.

- Ela tinha assassinado a jovem Cleópatra, como te contei. No altar de Apolo, em Dafne. Mas

Ciziceno capturou-a e condenou-a a uma morte terrível, lenta, muito lenta.

- De modo que a irmã mais nova, Cleópatra Selene, não ficou viúva muito tempo. Ou seja, pouco

tempo depois da morte de Gripo casou-se com Ciziceno.

- Precisamente, rei Mitridates. No entanto, Cleópatra Selene detestava estes dois rapazes. Detestava-

os porque eram filhos de Soter, o primeiro marido dela, que ela odiava. Foi *ela* quem os mandou para cá há cerca de cinco anos.

- Depois da morte de Ciziceno, claro. Ela casou com o filho dele. E continua a reinar na Síria. É a

rainha Cleópatra Selene da Síria. Notável!

O sumo sacerdote ergueu as sobrancelhas.

- Estou a ver que conheces bem a história da Casa dos Selêucidas.

- Mais ou menos. É que eu ainda sou selêucida - retorquiu o rei.

- Que idades têm estes dois rapazes e como se chamam?

- O mais velho chama-se Ptolemeu Filadelfo, mas nós pusemos-lhe a alcunha de Auleta porque,

quando veio para cá, tinha uma voz



muito aflautada. Mas com a idade e o nosso trabalho, a voz dele tornou-se normal. Tem agora

dezasseis anos. O outro tem quinze. Tratamo-lo pelo único nome que tem, Ptolemeu. É bom rapaz,

mas indolente. - O sumo sacerdote suspirou como se o rapaz fosse seu filho e ele um pai paciente

mas desanimado. - É mesmo assim, preguiçoso, não há nada a fazer.

- Então estes dois jovens são o futuro do Egipto - disse Mitridates com um ar pensativo. - O

problema é serem bastardos. Suponho que não poderão herdar o trono, não é verdade?

- Sim, não se pode dizer que o sangue que lhes corre nas veias seja inteiramente puro - disse o sumo

sacerdote. - Mas se o primo deles, Alexandre, não deixar descendentes, o que é mais que certo, eles

serão os únicos Ptolemeus vivos. Recebi uma carta do pai deles, o rei Ptolemeu Soter, pedindo que

lhos mandasse imediatamente. Ele agora é de novo rei, mas sem rainha com quem possa casar, e

quer mostrá-los aos seus súbditos, que já disseram que aceitariam os rapazes como herdeiros do

trono.

- Ptolemeu Soter está com pouca sorte - disse Mitridates despreocupadamente. - Vou levá-los

comigo. Dessa forma, poderei casá-los com filhas minhas. E os filhos desses casamentos serão

meus netos. - A sua voz mudou. - Que aconteceu à mãe deles, Arsínoe?

- Não sei. *Imagino* que Cleópatra Selene a mandou matar depois de ter enviado os jovens para aqui.

Eles não sabem se foi isso que aconteceu, mas receiam que a mãe já não esteja viva - disse o sumo

sacerdote.

- E que me dizes da genealogia de Arsínoe? É boa que chegue?

- Arsínoe era a filha mais velha do velho rei Aretas da Nabateia e da sua rainha. A Nabateia sempre

teve o costume de dar as suas mais belas princesas aos reis do Egipto. E de facto não. será uma

aliança honrosa para uma das menos importantes casas reais semitas? A mãe do velho rei Aretas era

uma selêucida da casa real síria. A mulher de Aretas, e mãe de Arsínoe, era filha do rei Demétrio

Nicanor da Síria e da princesa Rodogune dos Partos, também uma selêucida, com algum sangue

arsácida. Sim, a linhagem de Arsínoe parece-me esplêndida - disse o sumo sacerdote.

- Sim, sim, uma das minhas mulheres também é filha de Demétrio Nicanor e de Rodogune! -

exclamou o rei do Ponto, emocionado. Uma maravilha de mulher. Chama-se Antiochis. Deu-me

três filhos magníficos, e duas filhas. As raparigas estão óptimas para estes jovens! Perfeito! É a

mesma linhagem!



- Creio que o rei Ptolemeu Soter planeia casar Ptolemeu Auleta com a sua meia-irmã e tia, a rainha

Berenice - retorquiu firmemente o sumo sacerdote. - Do ponto de vista dos Egípcios, isso seria,

genealogicamente falando, muito mais adequado.

- Pois tanto pior para os Egípcios! - disse Mitridates, abeirando-se do sumo sacerdote com um ar

ameaçador. - Não te esqueças de que Ptolemeu Soter do Egipto e eu temos o mesmo sangue

selêucida! A minha tia-bisavó Laódice casou-se com Antíoco, o Grande, e a filha *deles,* Laódice, casou-se com o meu avô, Mitridates IV! Isso faz com que Soter seja meu primo, e que as minhas

filhas Cleópatra Trifaena e Berenice Nissa sejam também primas dele - e duplamente primas dos

filhos dele e de Arsínoe da Nabateia porque a mãe deles é filha de Demétrio Nicanor e de

Rodogune, tal como a mãe de Arsínoe!

O rei respirou fundo.

- Podes escrever ao rei Ptolemeu Soter uma carta, dizendo-lhe que *eu* tomarei conta dos filhos dele.

Diz a Soter que, como na Casa dos Ptolemeus não há mulheres com a idade apropriada (Berenice

deve andar pelos quarenta), os filhos dele casar-se-ão com as filhas de Mitridates do Ponto e

Antiochis da Síria. E agradece ao teu deus da cobra que eu precise de ti para escreveres essa carta!

Caso contrário, meu velho, eras um homem morto. Se queres a minha opinião sincera, acho que não

demonstras por mim o respeito que me deves.

O rei avançou para os três jovens, que o fitavam com um ar tão confuso quanto apreensivo.

- Vão para o Ponto, jovens Ptolemeus! - disse ele, sem mais. Vá, depressa, toca a andar!

E assim a poderosa galera do rei Mitridates voltou a fazer-se ao mar, protegendo vários navios mais

pequenos e acompanhando-os até que eles tomassem a rota de Éfeso; a bordo desses pequenos

navios seguiam cerca de nove mil talentos de ouro e os três herdeiros do trono do Egipto. Cós

constituíra uma proveitosa paragem em tempo de escassez. E, além do mais, dera ao rei do Ponto o

fantoche da casa dos Ptolemeus de que tanto precisava.

Quando o rei chegou ao local escolhido por Pelópidas para o seu desembarque em Rodes, verificou

que eram muito poucos os navios de transporte de soldados que tinham chegado à ilha. Não estava

por isso em condições de lançar o ataque à cidade de Rodes. Para tal,



como lhe disse Pelópidas, precisariam de ”organizar o transporte por mar de outro exército”. ”O

almirante ródio Damágoras acrescentou Pelópidas - atacou os nossos navios de transporte em duas

ocasiões diferentes e conseguiu afundar mais de metade deles. Dos que restaram, alguns vieram até

Rodes, mas a maior parte voltou para Halicarnasso. Da próxima vez teremos de fazer acompanhar

os navios de transporte com galeras. Não podemos deixá-los sozinhos, sem protecção."

Como era evidente, estas notícias não agradavam ao rei; porém, como tinha chegado bem a Rodes,

como tudo tinha corrido às mil maravilhas em Cós e como a sorte dos seus soldados pônticos pouco

o preocupava, Mitridates aceitou o facto de ter de esperar por reforços. Entretanto, tratou de

escrever ao seu regente no Ponto, o jovem Mitridates, a propósito dos herdeiros do trono do Egipto.

*Qualquer deles parece ter instrução, mas a verdade é que desconhecem por completo a importância do reino do Ponto no mundo. E isso terá de ser alterado. As filhas que Antiochis me deu, Cleópatra Trifaena e Berenice Nissa, casarão com os dois mais novos. Cleópatra Trifaena casará com Ptolemeu Filadelfo e Berenice Nissa com Ptolemeu Sem Mais. Os casamentos poderão realizar-se quando elas fizerem quinze anos.*

*Quanto ao efeminado Ptolemeu Alexandre, tem que deixar de gostar de homens. É claro que os Egípcios prefeririam que ele fosse o seu próximo rei, porque* é *o herdeiro legítimo. De modo que terá de aprender a gostar de mulheres se quiser manter a cabeça em cima dos ombros. Deixo ao teu cuidado a execução dessa tarefa.*

Escrever era para o rei uma verdadeira provação. Mitridates recorria habitualmente aos escribas,

mas não queria que os olhos dos lacaios vissem aquela carta; para conseguir escrever aquele breve

texto, demorara alguns dias e tivera de queimar muitos rascunhos.

Em fins de Outubro, a carta ia a caminho do seu destinatário e o rei do Ponto sentiu-se finalmente

com força suficiente para atacar Rodes. Preparou o ataque de noite, e concentrou os seus esforços

no perímetro terrestre da cidade porque a esquadra ródia se encontrava ancorada no porto. Porém,

na cadeia de comando pôntica, não havia



ninguém que tivesse os conhecimentos e a perícia necessários para lançar um assalto consequente a

uma cidade tão grande e tão bem fortificada como Rodes. Por isso o ataque redundou num

verdadeiro fracasso. Infortunadamente, o rei não tinha paciência para sujeitar Rodos a um bloqueio

de longa duração - a única maneira segura de conquistar a cidade. Mitridates queria agora um

assalto frontal. Porém, desta feita, a esquadra de Rodes seria levada a abandonar o porto, atraída por um chamariz, já que o principal impulso do ataque pôntico viria do mar, e assentaria basicamente

numa *sambuca.*

O que mais excitava o rei era o facto de a ideia da *sambuca* ser inteiramente sua. Aliás, todo o conselho de guerra considerara tal ideia brilhante: a máquina funcionaria às mil maravilhas. Feliz

como nunca, Mitridates decidiu que seria ele própro a construir a *sambuca*

- ou melhor, a projectá-la e a vigiar a sua construção.

Juntou duas galeras idênticas de dezasseis filas de remadores, construídas nos mesmos estaleiros, e

amarrou-as a meia-nau; neste pormenor, o rei revelou de imediato a sua pouca queda para a

engenharia. De facto, deveria ter amarrado os dois navios à proa e à popa e não a meia-nau, pois

dessa forma poderia distribuir o peso da *sambuca* por toda a estrutura; em vez disso, prendeu os dois navios ao nível do costado, precisamente no sítio onde eles se tocavam. Por sobre os dois

navios montou uma coberta tão larga que partes desta pairavam sobre as águas; para mais, esta

coberta assentava sobre a sua base de forma perfeitamente periclitante. Em cima desta coberta,

construiu duas torres, uma situada sobre o espaço entre as duas proas e a outra por sobre as quilhas, que se encontravam muito juntas. Entre as duas torres, mandou construir uma larga ponte, uma

ponte que podia subir e descer graças a um sistema de roldanas e sarilhos que ia desde a coberta até

ao topo das torres. Dentro de cada torre havia enormes rodas providas de degraus, rodas que

giravam graças ao esforço de centenas de escravos e cuja função consistia em fazer movimentar a

ponte de uma ponta à outra. Uma cerca muito alta, construída com compactas pranchas de madeira,

fora ligada com dobradiças a um dos lados da ponte, desde a torre da proa até à torre da quilha;

enquanto a ponte era erguida, a cerca formava uma protecção contra eventuais projécteis, e quando

a ponte atingisse a sua elevação máxima (ligeiramente superior à altura da imensa muralha do porto

de Rodes), a cerca poderia cair sobre a muralha do porto, funcionando assim como uma prancha de

desembarque.

815

O ataque começou num dia ameno de fins de Novembro, duas horas depois de a esquadra ródia ter ido atrás do engodo sabiamente montado pelo inimigo. O exército pôntico assaltou as muralhas terrestres precisamente nos seus pontos mais fracos, enquanto que a esquadra pôntica avançava para o porto de Rodes, atenta ao facto de que a esquadra ródia poderia entretanto descobrir a armadilha em que caíra e voltar apressadamente para Rodes. A meio da imensa esquadra pôntica, surgia a poderosa *sambuca,* rebocada por dezenas de pequenos navios e seguida de perto por navios de transporte a abarrotar de soldados.

No meio de gritos de alarme e de uma frenética actividade nas ameias ródias, os homens dos navios mais pequenos da esquadra pôntica atracaram a *sambuca* à vasta muralha do porto, no local onde ficava o templo de ísis; concluída esta manobra, os navios de transporte de tropas aglomeraram-se em torno da *sambuca.*

Pouco afectados pelas pedras, setas e lanças que eram atiradas das ameias ródias, os soldados pônticos espalharam-se pela *sambuca,* indo depois ocupar a ponte, nesse momento parada sobre a coberta: tantos eram os soldados que, para se disporem sobre a ponte, tinham de ficar literalmente colados uns aos outros. Nesse momento, os escravos começaram a ser açoitados a fim de porem as rodas a andar. Com horrendos guinchos, a ponte que unia as torres começou a subir com os soldados em cima dela. Centenas de cabeças ródias

espreitaram das ameias, fascinadas, aterrorizadas; Mitridates também seguia atentamente as operações

instalado no seu gigantesco navio. Aguardava que a *sambuca* concentrasse toda a resistência ródia na secção da muralha que protegia o templo de ísis. A partir do momento em que a *sambuca* se transformasse no único centro das atenções, os outros navios poderiam espalhar-se junto ao resto da muralha marítima e os seus soldados subiriam facilmente até às ameias. Usando com destreza as suas escadas, os soldados pônticos ocupariam rapidamente toda a muralha em volta do porto.

Não pode falhar, o meu estratagema! Desta vez estão arrumados!, pensava o rei enquanto observava, com olhos cheios de amor, a sua obra: a *sambuca* e a ponte que lentamente se elevava entre as duas torres. A operação não demoraria muito tempo: a ponte chegaria ao nível do topo da muralha do porto e, como que por artes mágicas, a cerca protectora desceria e formaria uma prancha de desembarque e os seus soldados cairiam sobre os Ródios. Havia na ponte homens

suficientes para manter os soldados ródios ocupados até que a ponte 816

descesse e subisse de novo com outro contingente. Não há dúvida, pensou o rei Mitridates, sou o

melhor em tudo!

Porém, com a elevação da ponte da *sambuca* também o centro de gravidade se elevava; e à medida que o centro de gravidade se ia elevando, a distribuição do peso pelos dois navios ia-se alterando

concomitantemente. Os navios que aguentavam a *sambuca* começaram a separar-se. As cordas

romperam-se com pequenas explosões, as torres começaram a abanar, a coberta começou a vergar e

a ponte a dançar. Depois, os dois navios que aguentavam todo este peso começaram a ceder a meio.

Cobertura, torres, ponte, soldados, marinheiros e escravos caíram à água, entre os navios que

começavam a virar-se. Gritos pavorosos enchiam os ares de mistura com os ruídos dos navios

esmagando-se e com os vivas histéricos dos soldados de Rodes, vivas que depressa se

transformaram em gargalhadas paroxísticas.

- Nunca mais quero ouvir o nome de Rodes na minha vida! disse o rei enquanto a sua portentosa

galeria o transportava de volta para Halicarnasso. - Estamos demasiado perto do Inverno para

prosseguirmos com esta insignificante campanha contra um monte de idiotas e imbecis. Os meus

exércitos que avançam pela Macedónia e as minhas esquadras que se encontram ao longo da costa

da Grécia precisam de toda a minha atenção. Ah, e todos os engenheiros que participaram na

construção daquela ridícula *sambuca,* quero-os mortos... não, mortos não! Olhos e línguas

arrancados! E cortem-lhes as mãos e os tomates! E no fim dêem-lhes as tijelas de mendigos!

O rei tinha ficado tão furioso com aquela humilhação que resolveu penetrar na Lícia com um

exército, com a intenção de sitiar Pátara. No entanto, depois de ter mandado derrubar um bosque

plantado em honra de Latona, a mãe de Apolo e Ártemis apareceu-lhe num sonho, avisando-o de

que devia parar.

No dia seguinte, o rei entregou a missão aos seus subordinados o infeliz Pelópidas ficou a comandar

as tropas - e, com Monima, a sua fascinante mulher albina, seguiu para Hierápole. Em Hierápole,

enquanto se divertia, brincando como uma criança nas piscinas de água mineral quente, no meio de

cristalinas cascatas petrificadas caindo dos penhascos, o rei Mitridates conseguiu esquecer-se das

gargalhadas de Rodes - e dos navios de Quios que lhe tinham pregado o maior susto de toda a sua

vida.

## AURÉUIA

A notícia do massacre dos habitantes romanos, latinos e italianos da Província da Ásia chegou a

Roma antes da notícia de que Mitridates tinha invadido a província - e chegou a Roma num tempo

recorde. A

9 de Agosto, o Princeps Senatus, Lúcio Valério Flaco, convocava o Senado para o templo de

Belona, no exterior do *pomerium,* porque se tratava de uma reunião motivada por uma guerra com outro país. Aos senadores que compareceram à assembleia, Flaco leu uma carta de Públio Rutílio

Rufo, enviada de Esmirna.

*Esta carta vai seguir num navio rápido, especialmente fretado para o efeito, com destino a Corinto; depois de Corinto, seguirá num outro navio, tão rápido como o primeiro, que vai para Brundísio, desde que a rebelião na Grécia não impeça a sua passagem. Ordenei ao correio que fosse de Brundísio até Roma a bom galope, e que não parasse nem de dia nem de noite. A elevada soma que tudo isto custa foi-me dada pelo meu amigo Milcíades, o etnarca de Esmirna, que apenas pede ao Senado e ao Povo de Roma que se lembrem deste seu serviço quando a Província da Ásia, como naturalmente acontecerá, voltar a pertencer a Roma.*

*É possível que não saibam ainda da invasão do rei Mitridates do Ponto, que agora domina tanto a Bitínia como a nossa Província da*

*Ásia. Mânio Aquílio morreu da forma mais horrível que se possa imaginar, e Caio Cássia fugiu não sei para onde. Duzentos e cinquenta mil soldados pônticos encontram-se a oeste do Tauro, o mar Egeu está cheio de navios do Ponto, e a Grécia aliou-se ao Ponto contra Roma. Francamente, temo que a Macedónia se encontre totalmente isolada.*

*Mas isto não é o pior. No último dia de Julho, todos os romanos, latinos e italianos da Província da Ásia, Bitínia, Pisídia e Frígia foram massacrados por ordem do rei Mitridates do Ponto. Os seus escravos foram também massacrados. O número de mortos, ao que creio, eleva-se a cerca de oitenta mil cidadãos e setenta mil escravos*

*- um total de cento e cinquenta mil pessoas. Eu não fui morto porque o meu estatuto é de não-cidadão, embora acredite que o rei tenha*



*dado ordens para que me deixassem em paz. Seria um belo osso para o cão de Hades. Porque me terá*

*poupado a vida, a mim, que sou um velho, e mandou assassinar brutalmente todas as crianças e mulheres romanas? Iam buscá-las aos altares e não se compadeciam com os gritos com que elas imploravam aos deuses a vida. E depois, também por ordem do rei do Ponto, não enterraram os cadáveres, deixando-os a apodrecer nos campos. Este monstro bárbaro que dá pelo nome de Mitridates imagina-se agora o rei do mundo, e vangloria-se de que pisará terra italiana ainda este ano.*

*A leste de Itália não há ninguém que possa pôr termo à jactância de Mitridates. Excepto o nosso povo da Macedónia. Mas temo já pela Macedónia. Embora não tenha podido confirmar a notícia, corre que*

*Mitridates lançou uma expedição por terra contra Tessalónica, expedição essa que já conseguiu penetrar na região a oeste de*

*Filipos sem a mínima oposição. Tenho mais notícias sobre o que se está a passar na Grécia, onde um agente do Ponto chamado Aristião arrebatou o poder em Atenas e convenceu a maior parte do povo grego a declarar-se favorável a Mitridates. As ilhas do Egeu encontram-se em poder do Ponto, as esquadras de Mitridates são gigantescas. Quando Delos caiu nas mãos do rei do Ponto, foram mortos mais vinte mil cidadãos romanos.*

*Peço-vos, por favor, que considerem a minha carta deliberadamente moderada e breve, e que façam tudo o que estiver ao vosso alcance para impedir este horrível bárbaro Mitridates de pôr na cabeça a coroa de rei de Roma. Sim, o caso é tão sério quanto isso.*

- Só nos faltava uma destas! - disse Lúcio César para o irmão, Catulo César.

- Agora já não há nada a fazer senão enfrentar a situação - disse Caio Mário, os olhos cintilando. -

Uma guerra contra Mitridates! Eu sabia que tinha de acontecer. Só me espanta que tenha demorado

tanto.

- Lúcio Cornélio vem a caminho de Roma - disse o outro censor Públio Licínio Crasso. - Sentir-me-

ei mais tranquilo então.

- Porquê? - perguntou com firmeza Mário. - Não o devíamos ter chamado! Devíamos tê-lo deixado

acabar a guerra com a Itália!

- Ele é o cônsul sénior - retorquiu Catulo César. - O Senado não pode tomar decisões importantes

sem que ele esteja presente.

821

- Ora! - replicou Mário, levantando-se e abandonando a sala com o seu passo arrastado.

- O que é que lhe deu? - perguntou Placo Princeps Senatus.

- Que achas, Lúcio Valério? Ele é um velho guerreiro e sabe que uma guerra com outro país é que é

verdadeiramente uma guerra. O que não acontece com a guerra com a Itália, que é uma guerra

interna

- disse Catulo César.

- Mas com certeza que não espera participar nela! - comentou Públio Crasso, o censor. - Está

demasiado velho e doente para se meter numa dessas!

- Claro que ele espera participar na guerra! - replicou Catulo César.

A guerra em Itália estava acabada. Embora os Marsos nunca se tivessem rendido formalmente, a

verdade é que, de todos os povos que tinham pegado em armas contra Roma, eles eram dos que

mais tinham sofrido: bastava dizer que não havia quase nenhum marso vivo. Em Fevereiro, Quinto

Popaedius Silão fugiu para Sâmnio, e juntou-se a Mutilo em Esérnia. Encontrou o amigo tão doente

que depressa concluiu que Mutilo nunca mais poderia dirigir um exército. De facto, Mutilo

encontrava-se paralisado da cintura para baixo.

- Terás de ser tu a dirigir os destinos do Sâmnio, Quinto Popaedius

- disse-lhe Mutilo.

- Não! - exclamou Silão. - Eu não sou tão bom como tu a dirigir tropas. E para mais tropas

samnitas! Além disso, não tenho a tua perícia como general.

- Não há mais ninguém. Os meus soldados samnitas decidiram que havias de ser tu a comandá-lo.

- Mas eles querem realmente continuar a guerra?

- Querem - retorquiu Mutilo. - Mas apenas em nome do Sâmnio, e não em nome da Itália.

- Eu entendo essa posição. Mas deve haver algum samnita capaz de os comandar!

- Não, Quinto Popaedius, não há ninguém. Terás de ser tu.

- Muito bem. Serei eu, então - retorquiu Silão, com um suspiro. O que nenhum deles discutiu foi o

desabar de todas as suas esperanças numa Itália independente. Nem discutiram o que ambos sabiam

- que se a Itália estava acabada, Sâmnio não poderia vencer.

Em Maio, o último exército rebelde deixou Esérnia sob o comando de Quinto Popaedius Silão. Eram trinta mil soldados de infantaria e mil de cavalaria, acompanhados por uma força de vinte mil escravos libertos. A maior parte dos soldados de infantaria tinham sido feridos numa batalha ou noutra e haviam-se reunido em Esérnia, porque Esérnia constituía o único local seguro; Silão trouxera a cavalaria com ele e conseguira atravessar as linhas romanas em torno da cidade. Mas os soldados tinham forçosamente de abandonar Esérnia.

A cidade não podia continuar a alimentar tantas bocas.

Como todos os homens sabiam, aquela era uma movimentação desesperada, talvez a última marcha; de facto, ninguém esperava vencer. O mais que podiam esperar era que a sua morte servisse para alguma coisa. Porém, passado algum tempo, quando os soldados de Silão conquistaram Boviano e mataram todos os soldados

romanos que se encontravam nessa cidade, o seu moral aumentou. Sim, talvez houvesse alguma hipótese,

pensaram. Metelo Pio e o seu exército cercavam Venúsia nessa altura. Iriam por isso para Venúsia.

E foi nos arrabaldes de Venúsia que se travou a última batalha daquela guerra, um curioso remate para os acontecimentos que tinham começado com a morte de Marco Lívio Druso. Porque, no campo de batalha de

Venúsia, encontraram-se frente a frente os dois homens que mais tinham amado Druso - o seu amigo Silão e Mamerco, o irmão de Druso. Enquanto os samnitas morriam aos milhares, Silão e Mamerco travaram um

renhido combate corpo-a-corpo. Até que Silão caiu. Mamerco fitou então Silão com lágrimas nos olhos, a espada erguida. Hesitava. Não sabia o que fazer.

- Acaba comigo, Mamerco! - disse, já sem fôlego, Quinto Popaedius Silão. - Deves-me isso por eu ter morto Cepião. Não quero participar em nenhum triunfo organizado pelo Bacorinho!

- Por teres morto Cepião - disse Mamerco, e acabou com ele. Depois, chorou desoladamente a morte de

Druso, a morte de Silão, o sabor amargo daquela vitória.

- Acabou-se - disse Metelo Pio, o Bacorinho, a Lúcio Cornélio Sila, que se deslocara a Venúsia mal soubera da batalha. - Venúsia capitulou ontem.

- Não, não acabou ainda - disse tristemente Sila. - Isto só acabará quando Esérnia e Nola se renderem.

- Já pensaste - sugeriu timidamente o Bacorinho - que se



levantássemos os cercos de Esérnia e Nola, a vida nessas duas cidades voltaria ao normal e toda a gente fingiria muito provavelmente que nada acontecera?

- Tens toda a razão - disse Sila. - E é por isso mesmo que *não* levantaremos o cerco a Esérnia e Nola. Porque haveríamos de deixá-los em paz? Pompeu Estrabão não deu qualquer hipótese a Ásculo Picentino. Não,

Bacorinho, Esérnia e Nola continuarão sitiadas. Por toda a eternidade, se for preciso.

- Ouvi dizer que Escaulo morreu e que os Pelignos se renderam.

- Correcto, mas não completamente - disse Sila com um sorriso.

- Pompeu Estrabão aceitou a rendição dos Pelignos. E Escaulo matou-se.

- Então é mesmo o fim! - disse Metelo Pio, maravilhado.

- Não. Enquanto Esérnia e Nola não se submeterem a Roma, a guerra não terá acabado.

Sila soube da notícia do massacre dos romanos, latinos e italianos da Província da Ásia, em Cápua, cidade que transformara na sua base, permitindo assim a Catulo César um merecido regresso a Roma; além disso, herdara o secretário de Catulo César, esse prodígio que dava pelo nome de Marco Túlio Cícero. E Cícero era tão eficiente que Sila não tinha a mínima necessidade da assistência de Catulo César.

Cícero achou Sila um homem tão aterrador como Pompeu Estrabão, ainda que por razões diferentes. E sentiu imenso a falta de Catulo César.

- Lúcio Cornélio, poderei ser dispensado no final do ano? perguntou Cícero. - Embora não tenha ainda

chegado aos dois anos, a verdade é que já participei em dez campanhas.

- Verei isso mais tarde - disse Sila, que sentia em relação a Cícero praticamente o mesmo que Pompeu

Estrabão sentira. - Por ora, não posso dispensar-te. Quinto Lutácio foi-se embora e, neste momento, não há ninguém em Cápua que conheça tão bem a região como tu.

Quinto Lutácio foi descansar para Roma, mas não descansará muito tempo, pensou Sila, enquanto seguia para a capital no seu carro puxado por quatro mulas. Termina uma guerra e logo começa outra. E a guerra contra a Itália, comparada com esta, não é nada.

Todos os senadores séniores se deslocaram a Roma a fim de participarem na reunião do Senado sobre a

Província da Ásia. Nem

824

mesmo Pompeu Estrabão faltou. Talvez cento e cinquenta homens concentraram-se no templo de Belona, fora do *pomerium,* no Campo de Marte.

- Ora bem. Sabemos que Mânio Aquílio está morto. Isso significa presumivelmente que os dois outros

comissários também estão mortos

- disse Sila aos Senadores, num tom de mera conversa informal. - No entanto, parece que Caio Cássio escapou à matança, embora nada saibamos acerca dele. O que eu não consigo compreender é por que razão não

recebemos nenhuma notícia de Quinto Ópio. Possivelmente também perdemos a Cilícia. É muito triste que Roma tenha de depender de um civil exilado para ter conhecimento de notícias destas.

- Imagino que Mitridates lançou um ataque rápido, fulgurante disse Catulo César.

- A menos que os nossos representantes oficiais se tenham envolvido em negócios pouco sérios - disse Mário com uma expressão contundente.

Esta observação não suscitou qualquer réplica, embora tivesse deixado toda a gente a pensar; se era certo que uma lealdade indiscutível unia os membros do Senado, não era menos certo que todos eles se conheciam

muito bem uns aos outros: e todos os senadores sabiam perfeitamente de que barro eram feitos Caio Cássio e os três comissários.

- Nesse caso, Quinto Ópio deveria pelo menos ter entrado em contacto connosco - comentou Sila,

verbalizando o que todos os outros pensavam. - Quinto Ópio é um homem honrado, como todos sabemos; se houvesse negócios pouco sérios por detrás disto tudo, ele teria informado imediatamente Roma. Creio que temos de concluir que também perdemos a Cilícia.

- O melhor será entrarmos em contacto com Públio Rutílio e pedirmos mais informações - disse Mário.

- Imagino que se houve sobreviventes entre a nossa gente, esses sobreviventes começarão a chegar a Roma em fins de Agosto - comentou Sila. - Teremos então mais informações.

- Pelo que Públio Rutílio diz na carta, suponho que ninguém sobreviveu - disse Sulpício, do banco tribunício.

Furioso, de punhos cerrados, acrescentou: - Mitridates não fez qualquer distinção entre italianos e romanos!

- Ora! Mitridates é um bárbaro! - replicou Catulo César.

Mas uma tal resposta não servia para Sulpício que, durante a leitura da carta de Rutílio Rufo, dois dias antes, parecera, por momentos,

ter ficado literalmente petrificado.

- Ele não fez qualquer distinção! - repetiu Sulpício. - Esse é que é o problema! Não me interessam

as razões! As razões são irrelevantes! Os italianos da Província da Ásia pagaram o mesmo preço

que os romanos e os latinos da Província da Ásia. Estão todos mortos. Tal como as suas mulheres,

os filhos e os escravos. A questão é que *ele não fez qualquer distinção* entre italianos e romanos!

- Ora, Sulpício, cala-te! - exclamou Pompeu Estrabão, que queria que a reunião fosse direita ao

assunto. - Não fazes outra coisa senão repetires-te!

- Sim, é preciso alguma ordem nesta reunião - disse Sila num tom afável. - Não estamos aqui para

investigar as razões que levaram Mitridates a não fazer qualquer distinção entre as suas vítimas.

Estamos aqui em Belona para decidir o que vamos fazer.

- Guerra! - exclamou imediatamente Pompeu Estrabão.

- É isso o que todos sentem? Ou Pompeu Estrabão representa apenas a opinião de alguns? -

perguntou Sila.

O Senado respondeu-lhe em uníssono: guerra! Sim, todos estavam de acordo quanto a isso.

- Temos legiões suficientes em campanha - disse Metelo Pio. Legiões convenientemente equipadas.

Pelo menos a esse nível estamos melhor preparados do que é costume. Podemos mandar já amanhã

vinte legiões para o Oriente.

- Não, não podemos - retorquiu tranquilamente Sila. - Na realidade, duvido que possamos mandar

*uma* legião que seja, quanto mais vinte.

Todo o Senado se calou.

- Veneráveis Senadores, onde vamos buscar o dinheiro? Acabada a guerra contra a Itália, não temos

outra hipótese senão desmantelar as nossas legiões. *Porque não temos dinheiro para lhes pagar*

*nem mais um minuto que seja!* Enquanto Roma esteve em perigo, todos os homens de linhagem

romana ou latina foram obrigados a participar na guerra. Podemos dizer que o mesmo terá de

acontecer numa guerra contra outro país, tanto mais que, neste caso, o agressor já ocupou a nossa

Província da Ásia e matou oitenta mil concidadãos nossos. No entanto, é um facto que Roma neste

momento não se encontra directamente ameaçada. E os nossos soldados estão exaustos. Pagámos-

lhes finalmente. Mas para lhes pagarmos, ficámos sem nada. O que significa que temos de

desmobilizá-los, de mandá-los para

826

casa. *Porque não temos uma única hipótese de juntar dinheiro que chegue para lhes pagarmos a*

*participação noutra campanha!*

As palavras de Sila afundaram-se no silêncio, tornaram-no ainda mais pesado.

Ouviu-se um suspiro. Era Catulo César.

- Punhamos de lado por um instante a questão do dinheiro disse. - Mais importante do que isso é o facto de termos de deter Mitridates, seja como for!

- Quinto Lutácio, não ouviste o que eu disse? - gritou Sila. - Não temos dinheiro para outra campanha!

Catulo César pôs um ar altivo e respondeu:

- Proponho que o Senado nomeie Lúcio Cornélio Sila para o comando da guerra contra Mitridates. Uma vez resolvido o problema do comando, poderemos resolver a questão do dinheiro.

- E eu informo o Senado de que proponho exactamente o contrário!

- gritou Caio Mário. - Deixem Lúcio Cornélio Sila ficar em Roma a tratar de problemas de dinheiro!

*Dinheiro.* Francamente! Como é possível que estejamos preocupados com questões de dinheiro quando Roma enfrenta uma gravíssima ameaça de extinção? O dinheiro acabará por vir. Como sempre

acontece. E o rei Mitridates tem dinheiro a rodos, por isso será ele quem, no fim de tudo, pagará. Veneráveis Senadores, não podemos dar o comando desta campanha a um homem que se preocupa tanto com dinheiro! Proponho-lhes,

por isso, que me seja dado o comando da campanha contra Mitridates!

- Tu não estás suficientemente bem de saúde, Caio Mário - disse Sila, sem qualquer expressão no rosto ou na voz.

- Estou suficientemente bem para saber que o dinheiro não é problema! - atirou-lhe Mário. - A ameaça do Ponto é muito simplesmente a repetição da ameaça germânica! E quem venceu os Germanos? Caio Mário!

Membros desta augusta Casa, é a mim que devem dar o comando das operações nesta guerra! Eu sou o único homem neste Senado que poderá vencê-la!

Flaco Princeps Senatus, um homem que não era famoso pela sua coragem, levantou-se imediatamente.

- Se fosses um homem novo e estivesses bem de saúde, podes crer, Caio Mário, que encontrarias em mim o teu mais fervoroso apoiante. Mas Lúcio Cornélio tem razão. A tua saúde não é das melhores, longe disso.

Estás demasiado velho. Tiveste duas tromboses.



Não podemos dar o comando desta guerra a um homem que corre o risco de adoecer de novo no preciso

momento em que precisamos dele o mais operacional possível. Não sabemos qual a causa de uma trombose, Caio Mário, mas sabemos

que um homem que teve uma trombose acaba sempre por ter mais. Como sucedeu

contigo. Como voltará a suceder contigo! Não, veneráveis Senadores, na minha qualidade de Princeps

Senatus, digo-vos que nem devemos reflectir sobre uma tal hipótese. Apoio por isso a moção que prevê a nomeação do nosso cônsul sénior, Lúcio Cornélio, para o comando das operações contra Mitridates.

- Terei a deusa Fortuna a meu lado - disse Mário, teimosamente.

- Caio Mário, aceita a opinião do Princeps Senatus - disse Sila calmamente. - Todos temos por ti a maior consideração, a começar por mim. Mas factos são factos. O Senado *não pode* correr o risco de entregar a chefia de uma guerra, de *qualquer* guerra, a um homem que teve já duas tromboses e que já chegou aos setenta.

Mário cedeu, mas era evidente que não estava satisfeito; sentou-se com as mãos agarradas aos joelhos e o canto direito da sua boca franziu-se para baixo, num esgar idêntico ao do canto esquerdo.

- Lúcio Cornélio, aceitas o comando? - perguntou Quinto Lutácio Catulo César.

- Só aceitarei o comando se o Senado votar em mim de forma claramente maioritária, Quinto Lutácio. De outro modo, não, não aceitarei

- respondeu Sila.

- Nesse caso, procedamos a uma votação - disse Flaco Princeps Senatus.

Apenas três homens se opuseram à nomeação de Sila: Caio Mário, Lúcio Cornélio Cina e o tribuno da plebe Públio Sulpício Rufo.

- Não posso crer! - murmurou o censor Crasso para o seu colega, Lúcio César. - *Sulpício.*

- Desde a notícia do massacre que Sulpício se vem comportando de uma maneira muito estranha - disse Lúcio César. - Repete a todo o momento que Mitridates não fez qualquer distinção entre romanos e italianos.

Imagino que agora lamenta o facto de ter sido um dos que mais se opôs ao alargamento da cidadania para os Italianos.

- Mas o que o terá levado a pôr-se do lado de Caio Mário? Lúcio César encolheu os ombros.

- Não sei, Públio Licínio! Não faço a mínima ideia!

828

Sulpício votou com Mário e Cina porque Mário e Cina estavam contra o Senado. Por nenhuma

outra razão. Quando soube da notícia do massacre, Sulpício sofreu uma profunda transformação:

desde esse instante, a dor e a culpa não mais o abandonaram. Confuso, perturbado, angustiado,

Sulpício só via um facto à frente dos olhos: um rei estrangeiro considerara iguais os homens de

Roma e os homens de Itália. E se um rei estrangeiro não fazia qualquer distinção entre romanos e

italianos, então podia concluir que, aos olhos do resto do mundo, não havia a mínima diferença

entre romanos e italianos. A natureza e as actividades dos primeiros eram idênticas às dos segundos.

Patriota ardente, conservador implacável, Sulpício defendera fervorosamente a causa romana

quando a guerra contra os italianos rebentara. Questor no ano em que Druso morrera, Sulpício fora

então incumbido de missões de grande responsabilidade - missões que cumprira brilhantemente.

Graças aos seus esforços, muitos italianos tinham morrido. Graças ao seu consentimento, os

habitantes de Ásculo Picentino tinham sofrido mais do que qualquer bárbaro mereceria sofrer.

Aqueles milhares de rapazinhos italianos que tinham aparecido na parada triunfal de Pompeu

Estrabão e que depois haviam sido expulsos da cidade, sem comida, roupas ou dinheiro,

condenados a viver ou a morrer consoante as forças que ainda lhes restavam. Quem pensava Roma

que era para infligir punição tão terrível a um povo que era seu aliado? Em que diferia Roma do rei

do Ponto? A atitude de Mitridates, pelo menos, era inequívoca! Ele, pelo menos, não tinha ocultado

os seus motivos com ideias de superioridade e integridade. Tal como Pompeu Estrabão, aliás. O

Senado é que estava enganado.

Mas o que estaria certo? E quem estaria certo? Se algum Italiano, homem, mulher ou criança,

conseguira sobreviver ao massacre, e aparecesse em Roma, como poderia ele, Públio Sulpício Rufo,

olhar de frente para esse pobre sobrevivente? Em que diferia ele, Públio Sulpício Rufo, do rei

Mitridates? Não matara ele milhares e milhares de italianos? Não fora ele lugar-tenente de Pompeu

Estrabão, consentindo, nessa qualidade, as atrocidades cometidas pelo seu comandante?

No meio de tanta dor e confusão, Sulpício conseguia ainda ter pensamentos coerentes - ou melhor,

pensamentos que *ele* supunha coerentes, válidos, lógicos.

829

Não era Roma que devia ser censurada, mas sim o Senado. Os homens da sua classe, incluindo ele

próprio. No Senado - nele próprio!

- estavam as raízes da identidade romana. O Senado assassinara o seu amigo Marco Lívio Druso. O

Senado deixara de conceder a cidadania romana na sequência da guerra contra Aníbal. O Senado

autorizara a destruição de Fregelas. O Senado, o Senado, o Senado... Os homens da sua própria

classe. Incluindo ele mesmo.

Bom, agora teriam de pagar. Ele trambém teria de pagar. Era tempo, decidira Sulpício, de o Senado

de Roma deixar de existir. Era tempo de acabar com as antigas famílias dirigentes, de acabar com a

concentração do poder e da riqueza nas mãos de um número tão reduzido de homens, pois isso

conduzia fatalmente a injustiças tão impressionantes como a que vitimara o povo italiano. Nós

estamos errados, pensava Sulpício. Temos de pagar. O Senado tem de acabar. Roma tem de ser

devolvida ao Povo, que não passa de um joguete nas nossas mãos, por muito que digamos que o

Povo é soberano. Soberano? Nunca enquanto houver um Senado! Enquanto houver um Senado, a

soberania do Povo será apenas formal. Não estava a pensar nos proletários, claro. Estava a pensar

no *Povo.* Nos homens das Segunda, Terceira e Quarta Classes, que constituem a grande maioria dos Romanos, embora sejam os que detêm menos poder. Os cavaleiros ricos e poderosos da Primeira

Classe em nada se distinguem dos senadores. Por isso também eles têm de largar o poder.

Depois de votar com Mário e Cina (e por que razão votara *Cina* com Caio Mário? Que laço o unira a Caio Mário de repente?), Sulpício fitou atentamente a massa de senadores que votara a favor da

moção. Entre eles, estavam os seus bons amigos Caio Aurélio Cota (nomeado senador aos vinte e

oito anos porque os censores, seguindo as directivas de Sila, tinham tentado povoar o senado de

homens capazes) e o cônsul júnior Quinto Pompeu Rufo: como era possível que não percebessem

que também eles eram culpados? Porque olhavam para *ele* como se ele fosse o culpado? Mas ele era culpado! Era, sim! Ele sabia que era culpado. Eles não faziam a mínima ideia.

E se *eles* não compreendem, pensou Sulpício, então esperarei o momento propício, até que esta nova guerra - mas por que estamos sempre em guerra? - seja organizada. Homens como Quinto

Lutácio e Lúcio Cornélio Sila participarão na guerra, não estarão em Roma para se opor aos meus

desígnios. Esperarei. Aguardarei o momento certo. E matarei o Senado. Matarei a Primeira Classe.

830

- Lúcio Cornélio Sila - disse Flaco Princeps Senatus. - É teu o comando da guerra contra Mitridates. Aceita-o em nome do Senado e do Povo de Roma.

- Mas onde iremos nós buscar o dinheiro? - perguntou Sila, horas mais tarde, ao jantar, na sua nova casa.

Com ele encontravam-se os irmãos César, o *flamen Dialis* Lúcio Cornélio Mérula, o censor Públio Licínio Crasso, o banqueiro e comerciante Tito Pompónio, o banqueiro Caio Ópio, Quinto Múcio Cévola Pontifex

Maximus, e Marco António Orador, que recentemente voltara ao Senado após prolongada doença. Sila

convidara aqueles homens precisamente para que respondessem àquela pergunta - se é que havia resposta para tal pergunta.

- O Tesouro está completamente vazio? - perguntou António Orador, que não conseguia acreditar que as

coisas estivessem tão mal. - Quer dizer, todos nós sabemos como são os questores urbanos e os tribunos do Tesouro. Estão sempre a dizer que o Tesouro está vazio e quando se vai a ver, está cheio.

- Crê no que te digo, Marco António. O Tesouro está vazio retorquiu firmemente Sila. - Desloquei-me ao Tesouro por várias vezes e tive sempre o cuidado de não dizer a ninguém que lá ia em visita de inspecção.

- E o templo de Ops? - perguntou Catulo César.

- Também está vazio.

- Muito bem - interveio Cévola Pontifex Maximus. - Há o ouro guardado pelos reis de Roma precisamente para uma tal emergência!

- Que ouro? - perguntaram vários dos presentes em coro, incluindo Sila.

- Só fiquei a saber da existência desse ouro quando me tornei Pontifex Maximus! A sério! - exclamou Cévola, com um ar de quem precisava de se defender. - Esse ouro encontra-se nas caves do templo de Júpiter Optimus Maximus. São cerca de duzentos talentos.

- Óptimo! - disse Sila, ironicamente. - Quando Sérvio Túlio era rei de Roma, isso chegava para financiar uma guerra que acabasse com todas as guerras. Mas agora! Agora só chega para manter quatro legiões em

campanha durante seis meses!

- Sempre é um princípio - comentou Tito Pompónio, com um ar displicente.

- E por que razão não hão-de vocês, os banqueiros, emprestar ao Estado uns bons milhares de

talentos? - perguntou Crasso Censor, que gostava imenso de dinheiro, mas tinha muito pouco,

apenas os rendimentos das concessões de estanho da Hispânia, e ainda por cima sempre andara

muito ocupado para poder vigiá-las.

- Porque não temos dinheiro para emprestar - disse Ópio, pacientemente.

- Além disso, a maior parte dos banqueiros romanos recorreu aos bancos da Província da Ásia para

depositar as reservas excedentárias, o que significa que agora é Mitridates quem detém essas

reservas disse Tito Pompónio, e suspirou.

- Mas vocês devem ter dinheiro em Roma! - exclamou Crasso Censor.

- Temos. Mas não o suficiente para emprestarmos ao Estado manteve Ópio.

- *Rés f acta* ou *rés fictal*

- É a pura verdade, Públio Licínio. A sério.

- Concordam todos os presentes que esta crise é ainda mais grave que a crise italiana? - perguntou

Lúcio Cornélio Mérula, sacerdote de Júpiter.

- Sim! Claro! - retorquiu imediatamente Sila. - Eu já falei com Mitridates, *flamen Dialis,* e posso garantir-te que se não o detivermos ele acabará por coroar-se rei de Roma!

- Nesse caso, e como o Povo nunca nos autorizará a vender a *ager publicus* só vejo um processo de obtermos mais dinheiro sem que para tal tenhamos de impor novos impostos - disse Mérula.

- E que processo é esse?

- Podemos vender todas as propriedades que o Estado ainda detém na vizinhança do Fórum

Romano. Para fazermos isso, não precisamos de pedir autorização ao Povo.

Fez-se silêncio, um silêncio estupefacto.

- Não poderia haver pior altura para vender os bens do Estado comentou com tristeza Tito

Pompónio. - O Estado perderia, e muito.

- Mas que propriedades possui o estado perto do Fórum, para além das casas dos sacerdotes? -

perguntou Sila. - Bom, pelo menos as casas dos sacerdotes não podemos vendê-las.

- Sim, concordo que vender as casas dos sacerdotes seria *nefas* disse Mérula, que vivia num das *domi publici.* - No entanto, há outras



propriedades. As ladeiras do Capitólio para cá da Porta Fontinal, e que dão para a rua Velabro, terra de primeira para grandes casas.

Há também uma vasta faixa de terra que inclui o mercado geral e o Macellum Cuppedenis. Ambas as áreas podem ser subdivididas.

- Recuso-me a aprovar a venda disso tudo - disse Sila com firmeza.

- As áreas dos mercados, sim. Não passam de mercados e de campos de jogos para o Colégio dos Lictores.

Parte do Capitólio, a parte que dá para a rua Velarbro, a oeste do monte Capitolino, e a zona a partir da Porta Fontinal até às Lautúmias. Mas não posso aprovar a venda de terras situadas no Fórum propriamente dito ou na zona do Capitólio que dá para o Fórum.

- Eu compro os mercados - disse Caio Ópio.

- A menos que alguém ofereça mais... - disse Pompónio, que tinha pensado também em tal hipótese. - Para que tudo se processe de uma maneira justa, e para que o Estado possa vender pelo melhor preço, creio que todas essas terras deveriam ser postas em hasta pública.

- Talvez devêssemos manter a área do mercado geral na posse do Estado e vender apenas o mercado

Cuppedenis - disse Sila, que detestava a ideia de ter de leiloar tão belos locais.

- Acho que tens razão, Lúcio Sila - disse Catulo César.

- Também concordo - disse Lúcio César.

- Se vendermos o Cuppedenis, os comerciantes de flores e especiarias terão de pagar rendas mais altas - disse António Orador.
- Eles não vão ficar nada contentes!

Mas Sila tinha já pensado noutra alternativa.

- E se nós pedíssemos dinheiro emprestado? - sugeriu.

- A quem? - perguntou Mérula, suspeitando de qualquer coisa.

- Aos templos de Roma. Pagar-lhes-emos com os despojos de guerra, Juno Lucina, Vénus Libitina, Juventas, Ceres, Juno Moneta, Magna Mater, Castor e Pólux, os dois templos de Júpiter Estator, Diana, Hércules

Musarum, Hércules Olivarius. Todos eles são templos ricos.

- Não! - exclamaram Cévola e Mérula ao mesmo tempo. Num relance, Sila apercebeu-se de que nenhum

daqueles homens apoiaria a sua proposta.

- Bom, já percebi que não querem que os templos de Roma paguem a minha campanha. Nesse caso, que me

dizem se o dinheiro vier dos templos da Grécia? - perguntou.

Cévola olhou-o com um ar severo.



- *Nefas* é *nefas,* Lúcio Sila. Os deuses são sempre os deuses, seja em Roma, seja na Grécia.

- Sim, mas os deuses da Grécia não são os deuses de Roma, pois não?

- Os templos são locais sacrossantos - disse Mérula, teimosamente. Foi nesse momento que o outro Sila, um Sila oculto, se impôs ao cônsul complacente; era a primeira vez que alguns dos presentes deparavam com aquele outro lado de Sila, e não havia dúvida que esse outro Sila os deixava perfeitamente aterrados.

- Oiçam-me com atenção! - disse ele, mostrando os dentes. - As coisas não podem ser todas como vocês

querem, e isto aplica-se também aos deuses! Vocês sabem perfeitamente que para manter uma campanha é

preciso gastar muito dinheiro! Com duzentos talentos de ouro, não poderei ir mais longe do que a Grécia, com seis legiões. É uma força absolutamente miserável se comparada com os duzentos e cinquenta mil soldados do Ponto, e lembro-lhes que um soldado pôntico não é o mesmo que um bárbaro germano! Em tempos pude ver

as tropas de Mitridates, e garanto-lhes que estão armadas e treinadas à maneira dos legionários romanos. Não são tão bons como os nossos legionários, mas são muito superiores aos bárbaros germanos, nem que seja pelo facto de possuírem armaduras e serem extremamente disciplinados. Tal como Caio Mário no campo de

batalha, também eu pretendo manter os meus homens vivos. E isso significa dinheiro para comida e dinheiro para a manutenção de todo o equipamento. Dinheiro que não temos, dinheiro que vocês não permitem que os deuses de Roma me dêem. Por isso, aviso-vos: quando chegar à Grécia, irei buscar todo o dinheiro de que preciso a Olímpia, Dodona, Delfos, ou a qualquer outro templo. O que significa, *flamen Dialis,* Pontifex Maximus, que terão de fazer ardentes súplicas aos nossos deuses romanos, e esperar que eles tenham mais poder do que os deuses gregos!

Todos o fitavam calados.

O Sila a que estavam habituados reapareceu nesse instante.

- Óptimo! - exclamou Sila, alegremente. - Agora tenho notícias agradáveis para vocês, não pensem que já acabei.

Catulo César suspirou.

- Estou impaciente por ouvi-las, Lúcio Cornélio. Prossegue, por favor.

- Levarei as minhas quatro legiões comigo, mais duas das legiões que Caio Mário preparou e que estão agora com Lúcio Cina. Lúcio



Cina não precisa de tropas porque os Marsos estão destruídos. Cneu Pompeu Estrabão fará o que quiser, desde que não me incomode com as suas contas, pois não tenciono perder tempo discutindo com ele. O que significa que restam dez legiões para desmobilizar, dez legiões a quem temos de pagar. Com dinheiro que não temos -

disse Sila. - Por isso, tenciono legislar no sentido de pagar a esses soldados com terras de regiões italianas cujas populações desapareceram quase por completo devido à guerra, Pompeios, Fésulas, Grumento, Hádria, Telésia, Boviano. Seis cidades vazias rodeadas de terras boas para a agricultura. Regiões que passarão para as mãos das dez legiões a quem tenho de pagar.

- Mas isso *é ager publicus!* - exclamou Lúcio César.

- Ainda não é. Nem será - retorquiu Sila. - É terra que vai para os soldados. A menos que vocês adoptem uma atitude menos pia, menos devota, em relação aos templos de Roma... - disse Sila, num tom afável.

- Não podemos - retorquiu Cévola Pontifex Maximus.

- Nesse caso, será bom que convençam o Senado e o Povo quanto à justeza da minha legislação - disse Sila.

- Nós apoiar-te-emos - disse António Orador.

- Ainda a propósito da *ager publicus,* agradecia que não tomassem qualquer decisão a esse respeito enquanto eu estiver fora - disse Sila.

- Quando voltar com as minhas legiões, vou querer mais terras italianas para os meus soldados.

Feitas as contas, as finanças de Roma não chegaram sequer para seis legiões. O exército de Sila não contava mais do que cinco legiões e dois mil cavalos. Quando se juntou todo o ouro disponível, verificou-se que pesava apenas nove mil libras - o que, traduzido em dinheiro, não dava sequer duzentos talentos. Uma

ninharia, mas era o máximo que uma Roma falida conseguia juntar. Os fundos de guerra de Sila não

chegavam sequer para pagar a participação de uma galera na guerra; quando muito, cobririam o transporte dos seus homens até à Grécia, destino que Sila preferia à Macedónia Ocidental. Não que Sila tencionasse

estabelecer planos concretos enquanto não tivesse mais dados sobre a situação na Ásia Menor e na Grécia. De facto, Sila escolhera a Grécia unicamente porque era a Grécia que abrigava os templos mais ricos.

Em fins de Setembro, Sila pôde finalmente deixar Roma e juntar-se às suas legiões em Cápua. Antes, falara com o seu devotado tribuno militar, Lúcio Licínio Lúculo, e perguntara-lhe se concordaria em



candidatar-se ao cargo de questor, para o caso de Sila precisar dos seus serviços. Encantado, Lúculo

respondeu-lhe que sim. Sila mandou-o então imediatamente para Cápua, como seu representante. Durante

todo o mês de Setembro, Sila teve de resolver duas difíceis questões: o leilão das propriedades do Estado e a organização das suas seis colónias de soldados. Nem mesmo os mais optimistas acreditavam que se

desenvencilhasse tão rapidamente de tais problemas. Mas Sila conseguiu-o, graças à sua força de vontade e a um comportamento implacável em relação aos seus colegas senadores, todos eles fascinados com a

determinação daquele novo chefe; na realidade, nunca ninguém vira em Sila um grande dirigente. Mas Sila era-o, sem dúvida.

- O problema é que ele foi sempre ofuscado por Mário e Escauro

- disse António Orador.

- Não, nada disso. O problema de Sila é que nunca tinha conseguido firmar a sua reputação - retorquiu Lúcio César.

- E de quem foi a culpa? - perguntou Catulo César.

- A culpa foi de Caio Mário, basicamente - retorquiu o irmão.

- Não há dúvida que ele sabe o que quer - disse António Orador.

- Lá isso sabe! - comentou Cévola, com um estremecimento. Não gostaria nada de o ver do avesso!

Era precisamente isso o que o jovem César estava a pensar enquanto escutava a conversa entre a mãe e Lúcio Cornélio, bem escondido no seu esconderijo.

- Vou partir amanhã, Aurélia, e não gosto de deixar Roma sem me despedir de ti - disse Sila.

- Também não gosto que te vás embora sem que te despeças de mim - respondeu ela.

- Caio Júlio?

- Está com Lúcio Cina em terras dos Marsos.

- Nos escombros - disse Sila.

- Estás com muito bom aspecto, Lúcio Cornélio, apesar de todos os problemas que tens sido obrigado a

enfrentar. Pelos vistos, fizeste um casamento feliz.

- Ou é o casamento que é feliz, ou então sou eu que me tornei mais carinhoso com as mulheres. Com a minha mulher. Talvez me tenha transformado num marido babado.

- Ah, não me venhas com essa! Tu nunca serás um marido babado!

- Que tal reagiu Caio Mário à sua derrota?



Aurélia franziu os lábios.

- A família é que tem sofrido - retorquiu ela. - De facto, ele não gosta nada de ti.

- Não esperava que gostasse. Mas estou certo de que ele admite que agi de forma moderada, que

não usei de lisonjas nem movi influências para obter o comando nesta guerra.

- Não precisavas - disse Aurélia. - E é precisamente por isso que ele está preocupado. Caio Mário

não está habituado ao facto de Roma ter um dirigente alternativo em caso de guerra. Antes de tu

ganhares a Coroa de Erva, ele era o único chefe guerreiro. Sim, os seus inimigos do Senado eram

muito poderosos e frustravam os seus planos sempre que podiam. Mas ele *sabia* que era o número um de Roma em caso de guerra. Sabia que acabavam sempre por recorrer aos seus serviços. Agora,

está velho e doente. E além disso existes tu. Ele está com medo de que o apoio que conta entre os

cavaleiros vá todo para ti.

- Mas ele está acabado. Por que razão ele não vê isso?

- Suponho que veria se fosse mais novo e estivesse em melhores condições mentais. O problema é

que as tromboses lhe afectaram o cérebro. Pelo menos é o que Júlia acha.

- Se ela o diz... - retorquiu Sila, levantando-se. - Que tal está a tua família?

- Muito bem.

- E o teu filho?

- Indomável. Intratável. Impossível. Bem tento que ele tenha os pés bem assentes na terra, mas é

muito difícil - respondeu Aurélia.

Mas eu tenho os pés bem assentes na terra, mamã!, pensou o jovem César, escapulindo-se do seu

ninho logo que Sila e Aurélia se separaram. Por que carga de água me vês sempre como uma frágil

pena levada pelo vento, como uma semente de dente-de-leão flutuando ao sabor da mais ténue

brisa?

Crendo que Sila não demoraria muito tempo a atravessar o Adriático, pois convinha-lhe evitar os

ventos desfavoráveis do Inverno, Públio Sulpício lançou o seu primeiro ataque contra a ordem

estabelecida em meados de Outubro. Poucas armas tinha para tal, a não ser a sua própria cabeça;

Públio Sulpício detestava demagogos e por isso não iria servir-se da arma da demagogia. Tinha, no

entanto, tomado a precaução de procurar Caio Mário, a fim de lhe pedir o seu apoio.

837

Sim, porque Caio Mário não gostava do Senado! Aliás, Sulpício não ficou nada decepcionado com a reação de Mário. O Grande Homem concordara com as suas propostas.

- Podes estar certo de que te darei todo o meu apoio, Públio Sulpício - respondeu-lhe Mário. Por um instante nada mais disse, após o que acrescentou, aparentemente em resultado de uma reflexão de momento: - No

entanto, vou pedir-te um favor. Vou pedir-te que faças aprovar uma lei que me dê o comando na guerra contra Mitridates.

Parecia um pequeno preço a pagar; Sulpício sorriu.

- De acordo, Caio Mário. O comando será teu - retorquiu. Sulpício convocou a Assembleia da Plebe, e pôs à sua apreciação

duas leis: a primeira previa a expulsão do Senado de todos os membros que tivessem dívidas superiores a oito mil sestércios; a segunda previa o regresso de todos os homens condenados ao exílio pela Comissão Vária na época em que o próprio Quinto Vário processara todos os que alegadamente haviam defendido o alargamento da cidadania a toda a Itália. Eloquente, expressivo, Sulpício encontrou a nota exacta para aquele discurso.

- Quem pensam eles que são para se sentarem no Senado e tomarem as decisões que *esta* assembleia deveria tomar, quando nenhum deles é pobre, quando nenhum deles está desesperado com as suas dívidas?

- perguntou Sulpício. - Pelo contrário, os membros desta assembleia que contraíram dívidas são perseguidos.

E são perseguidos porque não podem esconder-se atrás dos privilégios senatoriais, porque não têm meios para convencer os agiotas a moderar os seus apetites! No entanto, aqueles que se reúnem na Cúria Hostília são poupados! Os seus credores não se importam de esperar! Eu sei que assim é porque sou senador, e oiço o que eles dizem uns aos outros, e vejo os favores que eles prestam aos agiotas! Sei mesmo quem é que no senado *empresta* dinheiro! Pois bem, temos de acabar com esse estado de coisas! Quem deve dinheiro não poderá continuar no Senado! Um homem que não está em melhores condições do que o resto de Roma não poderá

continuar a ser membro desse arrogante e privilegiado clube que se chama Senado!

Os senadores ficaram obviamente chocados e estupefactos porque Sulpício agia como um demagogo.

*Sulpício]* O mais conservador, o mais valoroso dos homens! Ele, que vetara o regresso dos exilados no princípio do ano, defendia agora isso mesmo! Que lhe teria acontecido para mudar tão radicalmente?

Dois dias depois, Sulpício voltou a convocar a Assembleia da Plebe e promulgou uma terceira lei. Todos os novos cidadãos italianos e muitos milhares de cidadãos libertos de Roma seriam distribuídos uniformemente pelas trinta e cinco tribos. As duas novas tribos de Pisão Frugi desapareceriam, pura e simplesmente.

- Trinta e cinco é o número certo para as tribos! Não poderá haver mais tribos! - gritou Sulpício. - E não está certo que algumas tribos tenham apenas três mil ou quatro mil cidadãos e disponham do mesmo poder de voto que tribos como a Esquilina e a Suburana, cada uma das quais tem mais de cem mil membros! *Tudo* no governo romano está feito de molde a proteger o todo-poderoso Senado e a Primeira Classe! E agora digam-me: os senadores ou os cavaleiros pertencem à tribo Esquilina ou à tribo Suburana? Claro que não! Pertencem à tribo Fábia, à tribo Cornélia, à tribo Romília! Pois eles que partilhem as suas tribos com homens de Priferno, Buca, Bibínio! E com homens das tribos Esquilina e Suburana!

Este discurso foi histericamente ovacionado. As palavras de Sulpício contavam com aprovação de todos os estratos presentes na Assembleia, excepto os mais altos e os mais baixos; os mais altos, porque perderiam poder, e os mais baixos porque a sua situação não sofreria qualquer mudança.

- Não compreendo! - disse António Orador a Tito Pompónio, com uma voz entrecortada, enquanto à sua volta os adeptos de Sulpício não paravam de berrar. - Ele é um nobre! Ele não teve tempo de juntar tantos adeptos!

Ele não é um Saturnino! Francamente! Não compreendo!

- Mas compreendo eu - retorquiu com amargura Tito Pompónio.

- Ele atacou o Senado por causa das dívidas. E o que esta multidão que aqui vês espera dele é muito simples.

Todos eles julgam que se aprovarem as leis que Sulpício propuser todas as leis, como recompensa ele

promulgará o cancelamento das dívidas.

- Mas ele não pode fazer isso e ao mesmo tempo expulsar homens do Senado só porque devem oito mil

sestércios! *Oito mil sestérciosl* Oito mil sestércios não é nada! Não há por certo nenhum homem em Roma que não deva pelo menos um tal montante!

- Estás com problemas, Marco António? - perguntou Tito Pompónio.

- Não, claro que não! Mas são poucos os homens nesta cidade sem problemas de dinheiro! Até mesmo

homens como Quinto Ancário,



Públio Cornélio Lêntulo, Caio Bébio ou Caio Atílio Serrano, os melhores homens que há no mundo, Tito

Pompónio!, até mesmo eles têm problemas de dinheiro neste momento! Mas quem é que não os teve nestes

últimos dois anos? Pensa no caso dos Pórcios Catões, que possuem tanta terra na Lucânia: devido à guerra, não tiveram qualquer lucro. E os Lucílios? Também são proprietários de terras no Sul e ficaram numa

situação aflitiva. - Marco António parou para respirar, e depois perguntou: - Por que carga de água há-de ele legislar o cancelamento das dívidas, se resolveu expulsar homens do Senado precisamente porque têm

dívidas?

- Ele não tem a mínima intenção de cancelar as dívidas - retorquiu Pompónio. - A Segunda e a Terceira Classes é que esperam que ele as cancele.

- Ele prometeu-lhes alguma coisa?

- Não precisa de prometer nada. A esperança é a única coisa que lhes resta, Marco António, a questão é essa.

Eles vêem um homem que odeia o Senado e a Primeira Classe tanto como Saturnino os odiou. Esperam por

isso que ele seja outro Saturnino. Mas Sulpício é muito, muito diferente de Saturnino.

- *Porquê!* - perguntou António Orador, quase que num pranto.

- Não faço a mínima ideia do que se está a passar naquela cabeça

- retorquiu Tito Pompónio. - Olha, vamos mas é livrar-nos desta multidão, antes que se atirem a nós e nos reduzam a pó.

Nos degraus do Senado, encontraram o cônsul júnior, que estava acompanhado pelo filho, muito excitado, pois acabava de regressar da Lucânia, onde cumprira os seus deveres militares, e apresentava ainda uma disposição marcial.

- E Saturnino que está de volta! - esclamou o jovem Pompeu Rufo com voz bem sonora. - Bom, só que desta vez estamos preparados para o enfrentar! Não vamos permitir que ele manobre as multidões como Saturnino fez! Agora que quase toda a gente voltou da guerra, é fácil arranjar um grupo de confiança e detê-lo de uma vez por todas, e é isso que eu vou fazer! A próxima *contio* que ele convocar vai correr de maneira completamente diferente, ai isso é que vai!

Tito Pompónio ignorou o filho a fim de se concentrar no pai e nos senadores que estavam por perto.

- Sulpício não é outro Saturnino. Nem pensar - disse ele, tenazmente.

- Os tempos agora são outros e os motivos de Sulpício são diferentes.

840

No tempo de Saturnino, havia escassez de comida. Agora o que há é dívidas. Mas Sulpício não quer ser o rei de Roma. O que Sulpício quer é que *eles* governem Roma - acrescentou, apontando para as Segunda e Terceira Classes, aglomeradas no anfiteatro dos *Comitia.*

- O que é muito diferente do que Saturnino pretendia. Completamente diferente.

- Mandei uma mensagem a Lúcio Cornélio para que regressasse a Roma - disse o cônsul júnior a Tito

Pompónio, António Orador e Catulo César.

- Achas que não consegues controlar sozinho os acontecimentos?

- perguntou Pompónio, que adorava pôr questões embaraçosas.

- Acho que não, Tito Pompónio - retorquiu Pompeu Rufo, com toda a franqueza.

- E Caio Mário? - perguntou António Orador. - Ele consegue controlar toda e qualquer multidão.

- Desta vez não o faria - disse Catulo César com desdém. - É que, desta vez, Caio Mário apoia o tribuno da plebe rebelde. Sim, Marco António, foi Caio Mário quem levou Públio Sulpício a fazer isto!

- Não acredito - retorquiu António Orador.

- Garanto-te que Caio Mário está por detrás disto tudo!

- Se isso é realmente verdade - disse Tito Pompónio -, então é muito provável que Sulpício tenha já uma quarta lei na forja.

- Uma quarta lei? - perguntou Catulo César, intrigado.

- Uma quarta lei prevendo a substituição de Lúcio Sila por Caio Mário no comando da guerra contra

Mitridates do Ponto.

- Sulpício não se atreveria a uma dessas! - exclamou Pompeu Rufo.

- Porque não? - Tito Pompónio fitou o cônsul júnior. - Ainda bem que mandaste chamar o cônsul sénior.

Quando está prevista a sua chegada?

- Amanhã ou depois de amanhã.

Sila chegou na manhã seguinte, antes ainda do alvorecer; com efeito, pusera-se a caminho de Roma, mal recebera a carta de Pompeu Rufo. Teria havido na história de Roma algum cônsul confrontado com situações tão terríveis?, perguntou Sila para si mesmo. Primeiro, fora o massacre na Província da Ásia. Agora, deparava com outro Saturnino. O meu país está na bancarrota, acabo de sufocar uma



revolução, e contra o meu nome nos *fasti* terei de contar com o ódio gerado por ter vendido propriedades do Estado. Problemas que pouco peso terão se eu souber lidar com eles. E eu sei lidar com eles, sei como enfrentá-los, como resolvê-los.

- Hoje há alguma *contio?* - perguntou ele a Pompeu Rufo, para cuja casa se dirigira de imediato.

- Sim. Tito Pompónio diz que Sulpício vai apresentar uma lei que te substituirá por Caio Mário no comando da guerra contra Mitridates.

Nada mexia em Sila, nem mesmo os olhos.

- Eu sou o cônsul, e o comando da guerra foi-me dado legalmente

- disse ele. - Se Caio Mário estivesse bem de saúde, poderia perfeitamente assumir o comando das operações.

Mas ele não está bem. E não pode ficar com o comando. Bom, imagino que Caio Mário tem apoiado Sulpício.

- É o que toda a gente pensa. Mário não apareceu ainda em nenhuma das *contiones,* mas vi alguns dos seus agentes entre a multidão. Como aquele tipo horrível que dirige um bando de desordeiros do bairro de Subura -

informou Pompeu Rufo.

- Lúcio Decúmio?

- Sim, esse mesmo.

- Sim senhor! - disse Sila. - Aí está uma nova face de Caio Mário, Quinto Pompeu! Nunca pensei que ele viesse a recorrer a indivíduos como Lúcio Decúmio. Mas temo que o facto de o Senado lhe ter dito na cara que estava velho e doente o levou a compreender que estava acabado. Só que ele não se quer dar por vencido.

Quer ir para a guerra. Para a guerra contra Mitridates. E se para tal precisar de se transformar num novo Saturnino, Caio Mário não hesitará: será um novo Saturnino.

- Vamos ter problemas. Lúcio Cornélio.

- Eu sei que vamos ter problemas!

- Não estou a falar desses problemas. Estou a falar doutros. É que o meu filho e uma série de filhos de outros senadores e cavaleiros estão a formar um grupo com o objectivo de expulsar Sulpício do Fórum - disse

Pompeu Rufo.

- Então será melhor que estejamos os dois no Fórum quando Sulpício reunir a Assembleia da Plebe.

- Armados?

- De maneira nenhuma. Temos de acabar com isto legalmente.

842

Quando Sulpício chegou ao Fórum, pouco depois do alvorecer, era evidente que tinha já ouvido os boatos relativos ao grupo dirigido pelo filho do cônsul júnior, pois apareceu rodeado por uma vasta escolta de jovens das Segunda e Terceira Classes, todos eles armados de bastões e pequenos escudos de madeira; e, para

proteger esta escolta, tinha-a rodeado de um sem-número de homens que pareciam ser da Quinta Classe e proletários - ex-gladiadores e membros das congregações das encruzilhadas. Perante tais guarda-costas, o pequeno grupo do jovem Quinto Pompeu Rufo só pôde comprovar a sua impotência.

- O Povo - gritou Sulpício para um *Comitia* meio cheio pelos seus guarda-costas - é soberano! Ou melhor, diz-se que o povo é soberano! Essa é uma frase que os membros do Senado e os cavaleiros mais poderosos nunca deixam de usar sempre que precisam dos vossos votos. Mas é uma frase que não significa

rigorosamente nada! É uma frase vazia! No fundo, troçam do povo! Porque vejamos: que responsabilidades têm vocês no governo?

Estão todos à mercê dos homens que vos convocam, os tribunos da plebe! E, com

muito poucas excepções, quem comanda os tribunos da plebe? Ora! O Senado e a *Ordo Equester!* E que acontece aos tribunos da plebe que se declaram servidores do povo soberano? Vou-lhes dizer o que acontece a esses homens! São encurralados na Cúria Hostília e mortos com telhas do telhado da Cúria Hostília!

- É uma declaração de guerra, não é? - comentou Sila. - Ele quer fazer de Saturnino um herói.

- Ele quer fazer de si mesmo um herói - emendou Catulo César.

- Oiçam! - pediu Mérula *flamen Dialis.*

*- É* tempo - dizia Sulpício - de mostrarmos ao Senado e à *Ordo Equester,* de uma vez por todas, quem é o soberano de Roma! É por isso que estou aqui! Porque sou o vosso defensor, o vosso protector, o vosso

*servidorí* Acabamos de sair de três anos horríveis, três anos durante os quais vocês tiveram de aguentar com toda a carga dos impostos e de privações. Vocês deram a Roma a maior parte do dinheiro com que Roma

financiou uma guerra civil. Mas alguém no Senado vos perguntou o que vocês sentiam acerca dos vossos

irmãos, os Aliados Italianos?

- É evidente que perguntámos! - exclamou Cévola Pontifex Maximus. - O povo estava mais a favor da guerra do que o Senado!

- Sim, mas o povo já se esqueceu disso - retorquiu Sila.

- Não, ninguém vos perguntou! - gritou Sulpício. - Eles recusaram aos vossos irmãos italianos a cidadania *deles* e não a vossa! A vossa cidadania não passa de uma sombra. A cidadania deles é a matéria com que se tem feito o governo de Roma! Eles não podiam permitir que entrassem milhares de novos membros para as suas privilegiadas tribozinhas rurais, porque, dessa forma, os seus inferiores ficariam com demasiado poder!

Por isso, mesmo depois de aprovada a cidadania para os Italianos, eles fizeram com que os novos cidadãos ficassem limitados a um número reduzido de tribos! E tudo isso porquê? Porque era preciso influenciar os resultados eleitorais! Mas tudo isso acaba, soberano Povo, a partir do momento em que é ratificada a minha lei que distribui os novos cidadãos e os libertos de Roma pelas trinta e cinco tribos!

Os aplausos e vivas soaram tão vibrantes que Sulpício teve de se calar; esperou que a multidão sossegasse, com um sorriso largo, um belo homem de trinta e alguns anos, com um ar patrício apesar do cargo plebeu -

uma ossatura imponente, a tez clara.

- Mas o povo, graças ao Senado e à *Ordo Equester,* foi enganado de outras maneiras! - prosseguiu Sulpício. -

É mais do que tempo de acabarmos com a prerrogativa (e é apenas uma prerrogativa, nunca foi uma lei!) que o Senado e os senhores da *Ordo Equester,* que secretamente controlam o Senado, têm de distribuir todos os comandos militares e de dirigir todas as guerras! É tempo de vocês, a espinha dorsal, a base de tudo o que é verdadeiramente romano!, assumirem as missões que deveriam assumir de acordo com a lei. E entre essas missões conta-se a decisão quanto à declaração ou não de guerra! E, se Roma for para a guerra, trata-se também de escolher *quem* deve comandar! Essa decisão também terá de ser vossa!

- Ora bem - disse Catulo César. - Chegámos ao ponto principal. Sulpício virou-se para apontar para Sila, que se encontrava à frente da multidão, no alto dos degraus do Senado.

- Ali está o cônsul sénior! Eleito cônsul sénior pelos *seus* pares, e não pelos vossos pares! Há quanto tempo a Terceira Classe, por exemplo, não vota nas eleições consulares?

Apercebendo-se que corria o risco de se afastar do tema básico do seu discurso, Sulpício fez uma pausa e regressou ao que lhe interessava.

- Foi dado ao cônsul sénior o comando de uma guerra que é tão vital para o futuro de Roma que Roma poderá deixar de existir se essa



guerra não for conduzida pelo melhor dos nossos concidadãos. *E* quem deu o comando da guerra contra o rei Mitridates do Ponto ao cônsul sénior? Quem decidiu que era ele o homem mais indicado para cumprir tal missão? O Senado, claro, e os senhores da *Ordo Equester* que secretamente controlam o Senado! Como sempre acontece, escolhem os homens que mais lhes convêm! E não se importam de pôr em perigo a pátria só porque querem um patrício vestido de general! Porque, digam-me: quem *é* este Lúcio Cornélio Sila? Que guerras ganhou ele? Soberano Povo, alguém de entre vós o conhece? Pois eu posso dizer-vos quem ele é!

Lúcio Cornélio Sila chegou onde chegou graças a Caio Mário! Tudo o que realizou deve-o a Caio Mário!

*Diz-se* que venceu a guerra contra os Italianos! Mas a verdade é que foi Caio Mário quem enfrentou os primeiros e mais terríveis ataques. Se Caio Mário não o tivesse feito, este Sila nunca teria alcançado a vitória!

- Como é que ele se atreve a dizer uma coisa destas?! - exclamou Crasso Censor, com a voz entrecortada. - A vitória de Roma deve-se unicamente a ti, Lúcio Cornélio! Foste tu quem ganhou a Coroa de Erva! Foste tu quem dominou os Italianos! - Respirou fundo para gritar o que acabara de dizer, mas Sila, dobrando-lhe o braço, obrigou-o a fechar a boca.

- Pouco barulho, Públio Licínio! Se desatamos a gritar, eles lincham-nos. Quero isto resolvido de uma maneira legal e pacífica disse Sila.

Sulpício prosseguia o seu discurso, não se afastando do assunto que pretendia ver resolvido.

- Poderá este Lúcio Cornélio Sila dirigir-vos a palavra, soberano Povo? Claro que não pode! Ele é um

patrício! E um patrício é uma criatura demasiado importante para falar com gente como vós! Ao dar a este consumado patrício o comando da guerra contra Mitridates, o Senado e a *Ordo Equester* ignoraram por completo um homem muito mais qualificado e capaz! *Ignoraram um homem como Caio Mário!* Dizendo que ele estava doente, que ele estava velho! Mas eu pergunto, soberano Povo: nestes últimos dois anos, quem foi que, fazendo um esforço terrível, deambulou pelas ruas de Roma todos os dias, lutando por recuperar a saúde, fazendo exercício incansavelmente, melhorando de dia para dia? Caio Mário! E Caio Mário pode estar velho, mas já não está doente! Caio Mário! E Caio Mário pode estar velho, mas continua a ser o melhor homem de Roma, o maior, o número um!



De novo explodiram os aplausos e os vivas, só que desta feita não premiavam Sulpício, mas sim Caio Mário, que nesse momento se encaminhava para o local da reunião, sozinho e cheio de energia; Caio Mário já não precisava da companhia do rapaz para se deslocar onde quer que fosse.

- Soberano Povo de Roma, proponho a aprovação de uma quarta lei, no âmbito do meu programa legislativo!

- gritou Sulpício, sorrindo para Caio Mário. - Proponho que o comando da guerra contra o rei Mitridates do Ponto seja retirado a esse altivo patrício que dá pelo nome de Lúcio Cornélio Sila, e seja entregue ao vosso Caio Mário!

Sila não quis ouvir mais. Pedindo a Cévola Pontifex Maximus e a Mérula *flamen Dialis* que o

acompanhassem, dirigiu-se para casa. Sentado à secretária do escritório, Sila fitou os dois amigos.

- Bom, que vamos fazer? - perguntou.

- Porque me fazes essa pergunta a mim e a Lúcio Mérula? - foi a resposta de Cévola.

- Porque vocês são os chefes da nossa religião - disse Sila. - E além disso conhecem bem a lei. Arranjem-me uma maneira de prolongar a campanha de Sulpício até que a multidão fique farta da campanha, e dele.

- Algo de suave - disse Mérula, com um ar pensativo.

- Tão suave como o pêlo de um gato - disse Sila, bebendo uma taça de vinho sem água. - Se travássemos uma batalha renhida no Fórum, seria ele o vencedor. Sulpício não é nenhum Saturnino! Sulpício é muito mais inteligente. No que toca às alternativas violentas, não temos hipótese: ele já nos bateu. Pelo que pude ver, tinha à volta de quatro mil guarda-costas armados. Viam-se os bastões mas imagino que tinham espadas

escondidas. Nós não conseguimos reunir uma força civil capaz de lhes dar uma lição num espaço tão limitado como o Fórum Romano. - Sila parou de falar e fez uma careta, como se tivesse provado algo

amargo; os seus olhos claros e frios fitavam o vazio. - Se for preciso, Pontifex Maximus, *flamen Dialis,* moverei o monte Pélio e pô-lo-ei em cima do monte Ossa para que os nossos justos privilégios não sejam violados! Os nossos

privilégios, todos eles, incluindo a minha posição! Mas vejamos primeiro se podemos derrotar Sulpício com a sua própria arma: o Povo.

- Nesse caso - disse Cévola -, a única coisa a fazer é declarar todos os dias de *Comitia* a partir de agora e até quando tu quiseres!



- É uma óptima ideia! - disse Mérula, com um ar mais alegre. Sila franziu o sobrolho.

- Mas isso é legal?

- Perfeitamente legal. Os cônsules, o Pontifex Maximus e os Colégios de Pontífices têm toda a

liberdade para decretar os dias de descanso e feriados e, nesses dias, as Assembleias não poderão

reunir.

- Nesse caso, afixem a declaração de *feriae* esta tarde nos *rostra* e na Régia, e mandem os arautos proclamar dias de descanso e feriados todos os dias a partir de hoje e até aos Idos de Dezembro. -

Sila pôs um sorriso perverso. - Sulpício deixará de ser tribuno da plebe três dias antes desse prazo

terminar. E quando ele deixar de ser tribuno da plebe, processá-lo-ei por traição e incitamento à

violência.

- Esse julgamento não poderá provocar grande alvoroço - disse Cévola, temendo as consequências

de uma tal medida.

- Por amor de Júpiter, Quinto Múcio! Mas terá de haver alvoroço, forçosamente! - disse Sila. -

Limitar-me-ei a julgá-lo, nada mais! Se ele não conseguir persuadir as multidões com bonitas

palavras, estará perdido. Eu drogá-lo-ei.

Dois pares de olhos espantados fitaram Sila; era quando dizia coisas daquelas que Sila ficava mais

estranho: era outro Sila, alguém que os outros não poderiam entender.

Sila reuniu o Senado na manhã seguinte e anunciou que os cônsules e os pontífices tinham aprovado

um período de *feriae* durante o qual não poderiam realizar-se assembleias no anfiteatro dos

*Comitia.* A notícia foi saudada com aplausos moderados, já que Caio Mário não estava presente para manifestar a sua oposição.

Terminada a reunião, Catulo César abandonou a câmara com Sila.

- Como pôde Caio Mário pôr em perigo o Estado unicamente para obter um comando que não está

em condições de assumir? perguntou Catulo César.

- Ora, porque está velho, porque tem medo, porque a sua cabeça já não é o que era, e porque quer

ser cônsul de Roma sete vezes retorquiu Sila, cansado.

Cévola Pontifex Maximus, que abandonara o Senado antes de Sila e Catulo César, apareceu-lhes de

repente. Voltara para trás, quase que a correr.

- Sulpício! - exclamou.

847

- Sulpício decidiu ignorar a proclamação *de feriae, diz* que é uma conspiração tramada pelo Senado e que vai convocar uma nova *contio!*

Sila não parecia surpreendido.

- Tal como eu esperava - disse.

- Mas então qual era o teu objectivo? - perguntou Cévola, indignado.

- O meu objectivo era poder declarar inválidas todas as leis que ele discuta ou aprove durante o

período de *feriae* - disse Sila. - É para isso que as *feriae* servem. Não servem rigorosamente para mais nada.

- Mas se ele aprovar a lei que prevê a expulsão do Senado de todos os senadores com dívidas -

contestou Catulo César -, nunca poderemos declarar inválidas as suas leis. Não haverá senadores

que cheguem para termos quoro. E isso implica que o Senado deixe de existir enquanto força

política.

- Nesse caso, sugiro que reunamos com Tito Pompónio, Caio Ópio e outros banqueiros e que

cheguemos a um acordo no sentido do cancelamento de todas as dívidas dos senadores. Um

cancelamento não oficial, evidentemente.

- Não podemos fazer isso! - exclamou Cévola, desesperado. - Os credores dos membros do Senado

insistem em cobrar as suas dívidas, e não há dinheiro para lhes pagar! Nenhum senador pede

emprestado a banqueiros respeitáveis como Pompónio e Ópio! Pompónio e Ópio são demasiado

conhecidos! Os censores acabariam por saber!

- Então acusarei Caio Mário de traição e irei buscar dinheiro às suas propriedades - retorquiu Sila,

furioso.

- Não podes fazer uma coisa dessas, Lúcio Cornélio! - replicou Cévola num tom lamurioso. - O

"Povo soberano" daria cabo de nós!

- Sendo assim, recorrerei aos fundos de guerra e pagarei as dívidas do Senado com esse dinheiro! -

disse Sila.

- Não podes!

- Estou a ficar muito farto dos vossos "não podes"! - retorquiu Sila. - Acham que me vou deixar

derrotar por Sulpício e por um bando de idiotas que pensam que ele vai cancelar as dívidas *deles!*

Não, é evidente que não vou permitir que tal coisa aconteça! O monte Pélio em cima do monte

Ossa, Quinto Múcio! Farei seja o que for que tenha de fazer! Nada me deterá!

- Um fundo - disse Catulo César. - Um fundo reunido por aqueles que não têm dívidas para salvar

todos os que correm risco de expulsão.

848

- Isso demora o seu tempo - disse Cévola, com uma expressão dramática. - Demora pelo menos um mês. Eu não tenho dívidas, Quinto Lutácio. Nem tu, ao que creio. Nem Lúcio Cornélio. Mas algum de nós terá

dinheiro que chegue para investir imediatamente nesse fundo de auxílio? Eu não tenho! E vocês? Serão

capazes de juntar mais de mil sestércios sem terem de vender propriedades?

- Eu posso juntar essa soma, mas não mais do que isso - retorquiu Catulo César.

- Eu não - disse Sila.

- Acho que devíamos ir para a frente com a ideia do fundo - disse Cévola. - No entanto, teremos de vender alguns dos nossos bens. E isso demorará o seu tempo. Quando tivermos dinheiro, já os senadores com dívidas terão sido expulsos. Porém, logo que paguem essas dívidas, os censores poderão reconduzi-los.

- Não creio que Sulpício permita uma coisa dessas - disse Sila.

- Acabará por apresentar novas leis capazes de contrariar os nossos objectivos.

- Ah, quem me dera apanhá-lo sozinho numa rua escura! - exclamou Catulo César, louco de raiva. - Como pode ele fazer uma coisa destas numa altura em que nem sequer temos dinheiro para financiar uma guerra que precisamos de vencer?

- Porque Públio Sulpício é esperto e determinado - disse Sila. E suspeito que por detrás dele está um homem chamado Caio Mário.

- Eles hão-de pagar - disse Catulo César.

- Vai devagar, Quinto Lutácio. Porque pode acontecer que sejas tu a pagar, e não eles - disse Sila. - De qualquer modo, eles temem-nos. E têm boas razões para nos temerem.

Previa a lei que mediassem dezassete dias entre a primeira *contio* em que uma lei era discutida e a reunião em que essa mesma lei era votada; Públio Sulpício Rufo continuou a realizar as suas *contiones.* E à medida que os dias passavam, a ratificação das suas leis parecia inevitável.

Na véspera do dia em que o primeiro par de leis de Sulpício seriam votadas, o jovem Quinto Pompeu Rufo e os seus amigos, todos eles filhos de senadores e cavaleiros, decidiram pôr termo às acções de Sulpício da única maneira que agora era possível - pela força. Sem que os seus pais ou os magistrados curuis soubessem, o jovem Pompeu



Rufo e alguns outros reuniram mais de mil homens com idades compreendidas entre os dezassete e os trinta anos. Todos eles possuíam armaduras e armas, todos eles tinham estado, até há

pouco tempo, na guerra contra os Italianos. E assim, enquanto Sulpício dirigia a *contio* que daria os retoques finais no seu primeiro par de leis, cerca de mil jovens da Primeira Classe, fortemente armados, avançaram sobre o Fórum Romano e

atacaram imediatamente os homens que participavam na assembleia.

Um tal ataque apanhou Sila completamente desprevenido; ele e o seu colega Quinto Pompeu Rufo, rodeados por outros senadores, assistiam à reunião do alto dos degraus do Senado, e foi com estupefacção que viram o baixo Fórum transformar-se de repente num campo de batalha. A certa altura, conseguiu ver o jovem Quinto Pompeu Rufo fazendo grandes danos nas hostes adversárias; o pai, o cônsul júnior, que se encontrava ao lado de Sila, chamou pelo filho, angustiado; Sila agarrou-o com tanta força pelo braço que Pompeu Rufo não conseguiu mover-se.

- Quieto, Quinto Pompeu. Não há nada que possas fazer - disse Sila, sem mais. - Nem conseguirias chegar ao pé dele.

Infortunadamente, era tanta a gente que a batalha se estendia muito para lá do anfiteatro dos *Comitia.* O

jovem Pompeu Rufo, que não era nenhum general, espalhara pouco os seus homens. Se os tivesse disposto em cunha, talvez conseguisse avançar no meio da multidão; mas não foi isso o que fez, e a guarda de Sulpício não teve qualquer dificuldade em recuperar as suas posições iniciais.

Lutando corajosamente, o jovem Pompeu Rufo conseguiu avançar pela orla do poço dos *Comitia,* de forma a aproximar-se dos *rostra.* Decidido a atacar Sulpício mal subiu à tribuna, o filho de Pompeu Rufo não viu sequer um corpulento indivíduo de meia-idade que por certo só deixara de ser gladiador depois de lhe terem retirado a espada. O antigo gladiador não teve grande dificuldade em atirar o

jovem da tribuna abaixo. O filho de Pompeu Rufo caiu no meio da guarda de Sulpício e foi espancado até à morte.

Sila ouviu os gritos do pai, sentiu, mais do que viu, que vários senadores puxavam Pompeu Rufo para longe dali, e apercebeu-se de que a guarda, agora claramente vitoriosa, não tardaria a correr para os degraus do Senado. Como uma enguia, abriu caminho entre os senadores, dominados já pelo pânico, e, já sem a *toga praetexta,* lançou-se para o meio do pandemónio. Com um gesto rápido, apanhou uma *chlamys* 850

de algum liberto grego que, durante a luta, perdera o manto; pôs o manto sobre a cabeça e fingiu ser um liberto grego que não pretendia outra coisa senão fugir daquela confusão. Num ápice, correu para trás da colunata da Basílica Pórcia, onde os comerciantes, acometidos de um verdadeiro frenesim, tentavam

desmontar as tendas e fugir na direcção da Clivus Argentarius. A multidão foi-se desfazendo, entretanto, e a batalha acabou; Sila subiu a colina e atravessou a Porta Fontinalis.

Sabia muito bem para onde ia. Ia ver o grande responsável por tudo aquilo. Ia ver Caio Mário, o homem que queria chefiar uma guerra e ser eleito cônsul uma sétima vez.

Deitou fora o manto e bateu à porta de Mário, vestido unicamente com a túnica.

- Quero falar com Caio Mário - disse ele ao porteiro, no tom de quem vinha vestido com o seu traje de cônsul.

Incapaz de negar a entrada a um homem que conhecia tão bem, o porteiro abriu a porta e deixou-o entrar.

Mas foi Júlia quem apareceu, e não Caio Mário.

- Oh, Lúcio Cornélio, que coisa horrível! - disse ela. Virando-se para um criado, pediu que trouxessem imediatamente um jarro de vinho.

- Quero falar com Caio Mário - disse Sila, furioso.

- Não podes, Lúcio Cornélio. Ele está a dormir.

- Então acorda-o, Júlia. Se não o acordares, podes crer que eu tratarei do caso!

Júlia chamou outro criado.

- Pede a Estrofantes que acorde Caio Mário e lhe diga que Lúcio Cornélio Sila quer falar-lhe com urgência.

- O teu marido enlouqueceu? - perguntou Sila, pegando no jarro da água, pois estava com demasiada sede para beber vinho.

- Que queres dizer com isso, Lúcio Cornélio? - perguntou Júlia, com um ar defensivo.

- Ora, Júlia! Francamente! És a esposa do Grande Homem! Se tu não o conheces, quem o conhecerá? - atirou-lhe Sila. - O teu marido congeminou uma série de acontecimentos que, ao que ele crê, o levarão a ficar com o comando da guerra contra Mitridates. Promoveu um homem que está decidido a acabar com a *mós maiorum,* transformou o Fórum num campo de batalha e causou a morte do filho do cônsul Pompeu Rufo. Isto para não falar da morte de mais umas quantas centenas!



Júlia cerrou os olhos.

- Eu não posso controlá-lo - retorquiu ela.

- Ele enlouqueceu! - repetiu Sila.

- Não, Lúcio Cornélio! Ele está são!

- Então Caio Mário não é o homem que eu pensava que era.

- O que se passa é muito simples: ele quer combater contra Mitridates!

- E tu aprovas?

Júlia cerrou de novo os olhos.

- O que eu penso é que ele devia ficar em casa e deixar a questão da guerra nas tuas mãos.

Nesse momento, ouviram passos. Era Caio Mário que se aproximava. Calaram-se.

- O que é que se passa? - perguntou Mário ao entrar na sala. Que te traz aqui, Lúcio Cornélio?

- Uma batalha no Fórum - respondeu Sila.

- Isso foi imprudente - disse Mário.

- Sulpício *é* imprudente. A única alternativa que ele deixou ao Senado foi lutar pela sua existência com a espada. O jovem Quinto Pompeu está morto. Mário sorriu.

- Isso é de facto horrível! Nesse caso, as forças dirigidas pelo filho do cônsul júnior perderam a batalha, não é verdade?

- Precisamente. Após uma longa e terrível guerra, e prestes a enfrentar uma outra guerra que vai ser

igualmente longa e terrível, Roma acaba de perder pelo menos uma centena dos seus melhores jovens! -

atirou-lhe Sila, rispidamente.

- Outra guerra longa e terrível? Ora, Lúcio Cornélio, nunca ouvi maior disparate! Eu derrotaria Mitridates numa estação - disse Mário, complacentemente.

Sila insistiu.

- Caio Mário, porque não consegues meter na tua cabeça que Roma está sem dinheiro? Roma está falida!

Roma não tem dinheiro para pagar a vinte legiões! A guerra contra os Italianos deixou Roma completamente endividada! O Tesouro está vazio! E nem mesmo o grande Caio Mário conseguiria vencer forças tão

poderosas como as do Ponto numa única estação, se dispusesse apenas de cinco legiões!

- Eu posso pagar do meu bolso a várias legiões - disse Mário.



Sila fitou-o com uma expressão severa.

- Como Pompeu Estrabão? Mas se lhes pagas com o teu dinheiro, elas pertencem-te a ti e não a Roma, Caio Mário.

- De modo nenhum! Trata-se apenas de colocar os meus recursos à disposição de Roma.

- Pelo contrário! Trata-se de colocar os recursos de Roma à tua disposição! - contestou rispidamente Sila. - Tu irás comandar as *tuas* legiões!

- Vai para casa e acalma-te, Lúcio Cornélio. A perda do comando deixou-te transtornado.

- Eu ainda não perdi o meu comando! - ripostou Sila. Olhou para Júlia. - Sabes qual é o teu dever, Júlia dos Júlios Césares! Cumpre-o!

Roma está primeiro que Caio Mário!

Júlia acompanhou-o até à porta com uma expressão impassível.

- Não digas mais nada, Lúcio Cornélio, peço-te. O meu marido não pode ter preocupações.

- Deves obediência a Roma, mais do que a Caio Mário, Júlia! Essa é que é a verdade!

- Eu sou a mulher de Caio Mário - disse ela, abrindo a porta. Tenho de lhe obedecer.

Bom, Lúcio Cornélio, desta vez perdeste!, disse Sila para si mesmo enquanto se encaminhava na direcção do Campo de Marte. Caio Mário está louco, tão louco como um vidente pisídio num transe profético, mas

ninguém admitirá isso, e ninguém o deterá. A menos que eu o faça.

Lúcio Cornélio seguiu, não para sua casa, mas para a casa do cônsul júnior. A sua filha era agora uma viúva com um rapaz recém-nascido e uma menina de um ano.

- Pedi ao meu filho mais novo que ficasse com o nome de Quinto

- disse o cônsul júnior, as lágrimas correndo-lhe pelas faces. - E é claro que temos o filhinho do meu querido Quinto, que perpetuará o ramo mais velho.

De Cornélia Sila não havia sinal.

- Como está a minha filha? - perguntou Sila.

- Destroçada, Lúcio Cornélio! Mas ela tem os filhos, sempre é algum consolo.

- Bom, Quinto Pompeu, por muito triste que tudo isto seja, e é-o de facto, eu não vim aqui para chorar - disse Sila, energicamente.

853

- Temos de convocar uma conferência. Eu sei que nesta altura tudo o que tu queres é ignorar o mundo

exterior: falo por experiência própria, pois também perdi um filho. Mas o mundo exterior não desaparece como que por encanto. Peço-te, por isso, que estejas em minha casa amanhã ao alvorecer.

Exausto, Lúcio Cornélio Sila avançou lentamente pelo alto do Palatino, na direcção da sua nova casa e da esposa que, ansiosa, desatou a chorar de alegria ao vê-lo são e salvo.

- Não te preocupes comigo, Dalmática - disse ele. - A minha hora ainda está longe porque ainda falta muito para que o meu destino se cumpra.

- O nosso mundo está a chegar ao fim! - disse ela, angustiada.

- Não enquanto eu for vivo - retorquiu Sila.

Lúcio Cornélio Sila dormiu um longo sono sem sonhos, um sono de um homem muito mais novo que ele, e

acordou antes do alvorecer sem saber bem o que havia de fazer. Mas isso não o inquietava; as coisas corriam-lhe melhor sempre que agia de acordo com o que a deusa Fortuna lhe ditava no momento, pensava Sila.

Esperou ansioso pelo nascer do dia.

- De acordo com as minhas estimativas, a partir do momento em que a lei das dívidas senatoriais for

aprovada, ou seja, esta manhã, o número de membros do Senado descerá para quarenta. Não chega para

termos quoro - disse Catulo César com uma expressão acabrunhada.

- Ainda temos censores, não temos? - perguntou Sila.

- Sim - respondeu Cévola Pontifex Maximus. - Nem Lúcio Júlio nem Públio Licínio têm dívidas.

- Nesse caso, temos de partir do princípio de que Públio Sulpício ainda não se lembrou de que os censores podem ser integrados no Senado - disse Sila. - Quando se lembrar desse pormenor, virá com outra lei, é mais que certo. Entretanto, podemos tentar acabar com as dívidas dos nossos colegas expulsos.

- Concordo, Lúcio Cornélio - disse Metelo Pio, que abandonara Esérnia logo que soubera do que se passava em Roma e que, a caminho da casa de Sila, se informara de tudo junto de Catulo César e Cévola.

- Se ao menos esses loucos tivessem pedido dinheiro emprestado a homens da sua estirpe! É que se assim fosse, as suas dívidas poderiam ser canceladas, pelo menos provisoriamente! Mas caímos na nossa própria armadilha. Um senador que precisa de dinheiro emprestado



tem de se mostrar muito discreto, caso não consiga obter um empréstimo junto de outro senador. E é por isso que acaba por cair nas mãos dos piores usurários.

- Ainda não entendo por que razão Sulpício decidiu atacar-nos desta maneira! - exclamou António Orador com uma expressão furiosa.

- *Tacel* - disseram todos os outros, irritados.

- Marco António, é possível que nunca cheguemos a conhecer os motivos que o levaram a fazer isto - disse Sila, com uma paciência que nele era invulgar. - Neste momento, de nada nos serve saber os motivos. O que ele vai fazer e o que nós vamos fazer é muito mais importante.

- Sendo assim, como é que vamos fazer em relação às dívidas dos senadores expulsos? - perguntou o

Bacorinho.

- Já concordámos quanto à ideia do fundo. Terá de haver uma comissão para tratar do caso. Tu poderás ser o presidente da comissão, Quinto Lutácio. Nenhum senador com dívidas será capaz de te ocultar a sua

verdadeira situação - disse Sila.

Mérula *flamen Dialis* soltou um risinho, mas tapou logo a boca com a mão.

- Peço desculpa pela minha leviandade - disse ele, culpabilizado, os lábios tremendo. - É que acaba de me ocorrer que seria uma decisão sensata se evitássemos salvar Lúcio Márcio Filipe! Por um lado, as suas dívidas são superiores ao total de todas as outras dívidas. E por outro, era uma maneira de nos vermos livres dele. No fim de contas, é apenas um entre muitos senadores. A sua expulsão do Senado não fará grande diferença.

Bom, pelo menos trará alguma paz e tranquilidade ao Senado.

- Acho que é uma ideia óptima - disse Sila, num tom particularmente brando.

- O teu problema, Lúcio Cornélio, é que, politicamente, não tens uma posição coerente - disse Catulo César, escandalizado. - Pouco interessa o que nós pensamos de Lúcio Márcio. O importante é que

ele pertence a uma velha e muito ilustre família. Uma família que deve manter o seu lugar no Senado. O filho de Lúcio Márcio, por exemplo, já é muito diferente dele.

- É claro que tens razão - suspirou Mérula.

- Muito bem, está decidido - disse Sila, com um sorriso pouco convicto. - Quanto ao resto, não podemos fazer outra coisa senão



esperar pelos acontecimentos. Excepto uma coisa: acho que é tempo de acabarmos com o período

de *feriae.* De acordo com as normas religiosas, as leis de Sulpício estão mais do que anuladas. Além disso, creio que seria bom levarmos Caio Mário e Sulpício a pensar que venceram e que nós não

temos a mínima força.

- Mas nós não temos força nenhuma, de facto - disse António Orador.

- Não estou assim tão certo disso - retorquiu Sila. Virou-se para o cônsul júnior, até então silencioso e taciturno. - Quinto Pompeu, tu tens todos os motivos para deixar Roma. Sugiro-te que leves toda a

tua família para as tuas terras do litoral. E não escondas a tua partida.

- E nós? Que vamos fazer? - perguntou Mérula, temeroso.

- Vocês não correm perigo. Se Sulpício quisesse matar os membros do Senado, tê-lo-ia feito ontem.

Felizmente para nós, resolveu recorrer a processos mais constitucionais. O nosso pretor urbano está

livre de dívidas? Não que isso conte, suponho. Um magistrado curul não pode ser expulso do seu

cargo, mesmo que seja expulso do Senado - disse Sila.

- Marco Júnio não tem dívidas - disse Mérula.

- Óptimo. Assim não há lugar para equívocos. É que ele vai ter de governar Roma na ausência dos

cônsules.

- De ambos os cônsules? Não me digas que também tencionas deixar Roma, Lúcio Cornélio! - disse

Catulo César, estupefacto.

- Tenho cinco legiões de infantaria e dois mil homens de cavalaria à minha espera em Cápua - disse

Sila. - Depois da minha partida precipitada, os boatos não devem ter parado. Tenho de acalmar os

meus soldados.

- Não há dúvida, Lúcio Cornélio! Politicamente, és de uma incoerência total. Numa situação tão

séria como esta, um dos cônsules tem de permanecer em Roma!

- Porquê? - perguntou Sila, erguendo uma sobrancelha. - Roma, neste momento, não se encontra

sob a administração dos cônsules, Roma pertence a Sulpício. E eu quero que ele se convença de que

Roma lhe pertence.

Sila recusou-se a alterar a sua posição, pelo que a reunião se desfez pouco depois. Terminada a

reunião, Sila partiu para a Campânia.

Sila não foi a correr para a Campânia. Bem pelo contrário. Fez uma viagem lenta, montado numa

mula, sem qualquer escolta, o chapéu tapando-lhe a cabeça, a cabeça sempre baixa. Ouvia o que as

pessoas

856

diziam; as notícias sobre as acções de Sulpício e a possível extinção do Senado tinham-se espalhado

quase tão depressa como as notícias do massacre da Província da Ásia. Tendo escolhido a Via

Latina, Sila passou por regiões inteiramente leais a Roma, e ficou a saber que muitos dos locais

consideravam Sulpício um agente italiano, que alguns achavam mesmo que ele era um agente de

Mitridates, e que ninguém aprovava uma Roma sem Senado. E embora referissem o nome mágico

de Caio Mário, o conservadorismo inato das gentes do campo levava-as a sentir algum cepticismo

quanto às capacidades do velho general para comandar aquela nova guerra. Sem que ninguém o

reconhecesse, Sila participou de bom grado em muitas conversas, nas diversas estalagens onde

ficou. Ninguém diria que ele era o cônsul sénior de Roma, pois vestia como qualquer outro viajante

e deixara os lictores em Cápua.

E enquanto fazia o seu caminho, avançando ao ritmo lento da mula, deixava que os seus

pensamentos se fossem desenhando, lentos também, incipientes quase, mas não totalmente

incipientes. De uma coisa estava certo. Tinha tomado a decisão correcta ao voltar para as suas

legiões. Porque aquelas *eram* as suas legiões - ou melhor, quatro delas eram-no. Tinha-as conduzido durante quase dois anos, àquelas legiões que lhe tinham dado a Coroa de Erva. A quinta legião era

também da Campânia: fora chefiada primeiro por Lúcio César e depois por Tito Dídio e por Metelo

Pio. Quando tivera de seleccionar uma quinta legião, Sila pensara em chamar uma legião treinada

por Mário e que se encontrava ao serviço de Cina e Comuto. Mas ainda bem que não fiquei com

essa legião!, pensou Lúcio Cornélio Sila.

- Esse é precisamente o problema que afecta todos os senadores

- disse Lúculo, o leal assistente de Sila. - Manda o costume que todo o dinheiro de um senador seja

investido em terras e bens, e, como é natural, ninguém se preocupa em deixar algum dinheiro de

reserva. Por isso, quando precisam de dinheiro com urgência, os senadores nunca têm dinheiro que

chegue. Habituaram-se a pedir emprestado.

- Tu tens dívidas? - perguntou Sila, que nunca pensara no caso de Lúculo; tal como Caio Aurélio

Cota, também Lúcio Licínio Lúculo fora integrado no Senado depois de Sila ter criticado

publicamente os censores. Lúculo tinha apenas vinte e oito anos.

- Tenho dívidas no valor de dez mil sestércios, Lúcio Cornélio disse calmamente Lúculo. - Mas

julgo que o meu irmão Varrão resolverá



o problema. Actualmente quem tem dinheiro é ele, não eu. Eu tenho lutado pela vida. E graças ao

meu tio Metelo Numídico e ao meu primo Pio, consegui entrar para o Senado.

- Pois anima-te, Lúcio Licínio! Quando estivermos no Oriente, teremos o ouro de Mitridates!

- Que tencionas fazer? - perguntou Lúculo. - Se andarmos depressa, talvez consigamos fazer-nos ao

mar antes que as leis de Sulpício entrem em vigor.

- Não. Acho que devemos ficar para ver o que acontece - disse Sila. - Seria um disparate fazer-me

ao mar com o meu comando em dúvida - suspirou. - Acho que é tempo de escrever a Pompeu

Estrabão.

Os olhos cinzentos claros de Lúculo fitaram o general: no fundo daqueles olhos havia uma questão

importante, uma pergunta que o seu possuidor não se atreve a fazer. Sila parecia controlar

perfeitamente a situação.

Seis dias depois, Sila recebeu uma carta de Flaco Princeps Senatus, trazida por um correio não

oficial; Sila abriu-a rapidamente e, com toda a atenção, leu-a. Era uma carta breve.

- Muito bem - disse ele para Lúculo, que trouxera a carta. Parece que restam apenas cerca de

quarenta senadores no Senado. Os senadores exilados pela Comissão Vária estão a voltar para

Roma mas como têm dívidas, não podem ser membros do Senado. Os cidadãos italianos e os

cidadãos libertos vão ser distribuídos pelas trinta e cinco tribos. E a última notícia, última mas

muito mais importante que as outras, é esta: Lúcio Cornélio Sila foi substituído por Caio Mário no

comando das operações de guerra contra Mitridates, de acordo com uma lei especial aprovada pelo

Povo soberano.

- Ah! - exclamou Lúculo, desanimado.

Sila deitou fora a carta e chamou um criado.

- A minha armadura e a espada - disse ele para o criado. Depois, virando-se para Lúculo, pediu-lhe:

- Convoca todo o exército para uma assembleia.

Uma hora depois, subia à tribuna do fórum do acampamento; vestia uniforme militar, exceptuando

o facto de trazer o seu chapéu de palha em vez do capacete. Põe a cara que eles estão habituados a

ver, disse Sila para si mesmo - tens de parecer o Sila *deles.*

- Muito bem, soldados, parece que afinal não vamos combater Mitridates! - disse ele numa voz

clara, firme, mas sem gritar. - Estiveram vocês aqui a perder tempo e afinal aqueles que detêm o

poder em



Roma, e que nem sequer são cônsules!, mudaram de ideias. Tomaram a seguinte decisão: por ordem da

Assembleia da Plebe, o comando na guerra contra o rei Mitridates do Ponto irá para Caio Mário. O Senado de Roma já não conta, pois não tem senadores que cheguem para reunir quoro. Por isso, todas as decisões

relacionadas com assuntos marciais e militares passaram a ser tomadas pela Plebe sob a chefia do seu tribuno, Públio Sulpício Rufo.

Fez uma pausa para que os soldados pudessem trocar observações em voz baixa e transmitir as suas palavras aos que estavam demasiado longe da tribuna e que, por isso, tinham dificuldade em ouvir o discurso. Depois, reatou a prelecção no mesmo tom de voz normal (Metróbio tinha-o ensinado a projectar a voz alguns anos antes).

- Como é evidente - disse -, o que conta neste caso é que eu sou o cônsul sénior legalmente eleito, aquele que, por lei, escolhe seja que comando for, e que o Senado de Roma me conferiu um poder proconsular enquanto durar a guerra contra Mitridates do Ponto. E, como é meu direito!, sou eu que escolho as legiões que vão comigo. E escolho-vos *a vós.* Escolho aqueles que me são fiéis em qualquer ocasião, em qualquer campanha, por muito extenuante que ela seja. Porque não haveria de vos escolher a vós? Vocês conhecem-me e eu

conheço-vos. Eu não vos amo, embora acredite que Caio Mário ama os seus homens. Espero que vocês não

me amem, embora acredite que os homens de Caio Mário o amam. Acontece que nunca achei que fosse

necessário que os homens se amassem para realizarem uma missão colectiva, seja ela qual for. Sim, por que razão havia eu de vos amar? Vocês não passam de um bando de malandros mal cheirosos vindos directamente dos esgotos de Roma! Mas, se não vos amo, a verdade é que, e os deuses são testemunhas, vos respeito

muitíssimo! Sempre lhes pedi que dessem o melhor de vocês mesmos e a verdade é que vocês nunca me

decepcionaram! Nunca, por todos os deuses!

Um soldado desatou a aplaudir e, num instante, todos aplaudiam e davam vivas. Excepto o pequeno grupo que se encontrava mesmo em frente da tribuna. Os tribunos dos soldados, magistrados eleitos que

comandavam as legiões do cônsul. Os homens do ano anterior, entre os quais se contavam Lúculo e

Hortênsio, tinham gostado de trabalhar sob as ordens de Sila. Mas os homens daquele ano detestavam Sila, achavam-no um chefe demasiado ríspido e rigoroso. Sempre de olho neles, Sila deixou que os seus soldados o aplaudissem à vontade.

859

- Portanto, aqui temos estado nós preparando-nos para partir para a guerra contra Mitridates! Rumo à Grécia e à Ásia Menor! Não íamos devastar as colheitas da nossa querida Itália, não íamos violar mulheres italianas.

Ah, teria sido uma campanha magnífica! *Sabem* por acaso quanto ouro tem Mitridates? Montanhas!

Montanhas de ouro! Só na Arménia Menor tem mais de setenta fortalezas cheiinhas de ouro! Ouro que podia ser nosso. Claro, claro que Roma ficaria com a sua parte, com mais do que a sua parte! Há tanto ouro que até podíamos banhar-nos nele! Roma e nós! Isto para não falar das belíssimas mulheres da Ásia. Escravas não faltariam. E muitas, muitas coisas que os soldados apreciam.

Encolheu os ombros, ergueu-os muito direitos, mostrou as mãos abertas, vazias.

- Mas não pode ser, soldados. A nossa comissão foi-nos retirada pela Assembleia da Plebe. Que nunca disse quem devia ir combater ou quem devia comandar. Mas é legal. Pelo menos é o que me dizem. Embora eu não possa deixar de perguntar a mim mesmo se será legal derrubar o cônsul sénior no ano do seu consulado! Eu sou um servidor de Roma. Como todos vocês. Mas será melhor dizerem desde já adeus aos vossos sonhos de ouro e mulheres estrangeiras. Porque quando Caio Mário for para o Oriente combater o rei

Mitridates do Ponto, levará as suas legiões e não as minhas. Ele não quer as minhas legiões.

Sila desceu então da tribuna, passou pelos seus vinte e quatro tribunos dos soldados sem olhar para nenhum deles e desapareceu na sua tenda, deixando a Lúculo a missão de dispersar os soldados.

- Foi uma obra-prima - disse Lúculo, de regresso à tenda do general. - Tu não tens reputação de orador, e aliás não segues sequer as normas da retórica. Mas uma coisa é certa: a tua mensagem não se perde!

- Obrigado, Lúcio Licínio - disse Sila, com uma expressão alegre, enquanto despia a armadura e a *pteryges.* -

Sou da mesma opinião que tu.

- E que acontece agora?

- Espero que me libertem formalmente do meu comando.

- E vais mesmo fazer aquilo em que estás a pensar?

- Fazer o quê, Lúcio Licínio?

- Marchar sobre Roma.

860

Sila abriu muito os olhos.

- Meu caro Lúcio Licínio! Como podes sequer pensar uma coisa dessas?

- Isso não responde à minha pergunta - retorquiu Lúculo.

- Mas é a única resposta que te posso dar - disse Sila.

Dois dias depois era desferido o golpe. Os ex-pretores Quinto Calídio e Públio Cláudio chegavam a Cápua com uma carta oficialmente selada, enviada por Públio Sulpício Rufo, o novo senhor de Roma.

- Não podem entregar-me essa carta em privado - contestou Sila.

- Têm que ma dar na presença do exército.

Uma vez mais Lúculo ordenou às legiões que formassem em parada. Uma vez mais Sila subiu à tribuna - mas desta feita não estava sozinho. Com ele encontravam-se os dois ex-pretores.

- Soldados, apresento-vos Quinto Calídio e Públio Cláudio, que vêm de Roma - disse Sila, com um ar

despreocupado. - Ao que parece, trazem-me um documento oficial. Chamei-vos a fim de que possam ser

testemunhas do conteúdo desse documento.

Como levava muito a sério tudo o que fazia, Calídio tratou de deixar bem claro que era necessário que Sila verificasse e confirmasse o selo antes de abrir a carta. Sila fez exactamente como lhe era pedido. Depois de abrir a carta, Cálido deu início à leitura.

- Do *concilium plebis* do Povo de Roma para Lúcio Cornélio Sila. Por ordem desta assembleia, considere-se o destinatário afastado do posto de comando das operações de guerra contra o rei Mitridates do Ponto. Deverá mandar dispersar o seu exército e regressar a...

Calídio não pôde prosseguir. Uma pedra soberbamente atirada atingiu-o em cheio na testa e fê-lo cair por terra. Quase ao mesmo tempo, uma segunda pedra atingiu Cláudio, que vacilou, estonteado; outras pedras voaram então, até que Cláudio caiu também por terra, sob o olhar de um Sila absolutamente despreocupado.

As pedras pararam então, Sila baixou-se para ver os dois homens, depois levantou-se.

- Estão mortos - anunciou, e suspirou profundamente. - Bom, não há dúvida que o fogo está definitivamente atiçado! Suponho que, aos olhos da Assembleia da Plebe, a partir de agora seremos todos considerados

*personae non gratae.* Matámos os enviados oficiais da Plebe. E isso disse ele, mantendo ainda um tom informal - deixa-nos apenas duas



alternativas. Podemos permanecer aqui e esperar que nos levem a tribunal por traição. Ou então, vamos para Roma e mostramos à Plebe o que pensam os leais soldados do Povo de Roma acerca de uma lei e de uma

directiva que consideram tão intoleráveis quanto inconstitucionais. Seja como for, eu terei de ir para Roma e levarei comigo estes dois homens mortos. E vou entregá-los pessoalmente à Plebe. No Fórum Romano.

Perante aquele severo guardião dos direitos do Povo, Públio Sulpício Rufo. Porque tudo isto é obra *dele.* Obra dele e não de Roma! Fez uma pausa, respirou fundo.

- Para ir ao Fórum Romano, não preciso de companhia. No entanto, se houver aqui algum homem que esteja com vontade de ir dar um passeio até Roma, ficarei *muito* contente com a sua companhia! Dessa forma, poderei sentir-me mais tranquilo, pois saberei que no Campus Martius haverá gente decidida a velar pela minha segurança. Caso contrário, é muito possível que venha a ter o mesmo destino que o filho do meu colega cônsul, Quinto Pompeu Rufo.

Os soldados estavam todos com ele, naturalmente.

- Mas os tribunos dos soldados não marcharão contigo - disse Lúculo a Sila na tenda de comando. - Como não foram capazes de vir falar contigo pessoalmente, pediram-me que fosse o seu porta-voz. Dizem que não

podem apoiar a marcha de um exército sobre Roma, que Roma é uma cidade sem protecção militar porque

todos os exércitos de Roma se encontram dispersos por Itália. E acrescentam que em Roma, ou nos arredores de Roma, nunca há nenhum exército estacionado, a não ser quando se festeja um triunfo. Portanto, dizem eles ainda, ao marchares com um exército sobre Roma, sabes perfeitamente que Roma não possui nenhum exército capaz de te repelir. Por isso condenam a tua acção e vão tentar convencer os soldados a mudar de ideias.

- Desejo-lhes sorte - disse Sila, preparando-se para abandonar o acampamento. - Eles que fiquem aqui a chorar pelo facto de Roma não poder defender-se do meu exército. Sim, eles que fiquem por cá. Aliás, o melhor será fechá-los bem fechados num sítio qualquer. Unicamente para garantir a sua segurança. - Os olhos claros e frios fixaram Lúculo. - E tu, Lúcio Licínio? Estás comigo?

- Claro que estou, Lúcio Cornélio. Até à morte. O Povo usurpou os direitos e os deveres do Senado. Portanto, a Roma dos nossos antepassados deixou de existir. Não considero por isso que seja um crime marchar sobre uma Roma que não quero deixar aos meus filhos.



- Muito bem dito! - disse Sila, embainhando a espada e colocando o chapéu na cabeça. - Comecemos então a fazer História.

Lúculo parou.

- Tens razão! - exclamou, excitado. - Estamos a fazer História! Nunca um exército romano marchou alguma vez sobre Roma!

- Também nunca houve um exército romano que fosse vítima de tantas e tão profundas provocações -

retorquiu Lúcio Cornélio Sila.

Cinco legiões de soldados romanos, seguindo pela Via Latina, puseram-se, algum tempo depois, a caminho de Roma, com Sila e o seu lugar-tenente à frente e um carro puxado por mulas, transportando os corpos de Calídio e Cláudio, na retaguarda. Antes de deixar Cápua, Sila enviara um correio a Cumas, com uma

mensagem destinada a Quinto Pompeu Rufo; por isso, quando Sila chegou a Teano dos Sidicinos, Pompeu

Rufo estava lá à sua espera.

- Eu não gosto disto! - exclamou o cônsul júnior com um ar profundamente infeliz. - Não posso gostar disto, Lúcio Cornélio! Porque vais atacar Roma! E Roma é uma cidade sem defesas!

- Nós vamos marchar sobre Roma - retorquiu calmamente Sila.

- Não te preocupes, Quinto Pompeu. Sabes, é que não será preciso invadir a indefesa Roma. O meu exército veio comigo unicamente para me fazer companhia. A disciplina nas minhas hostes nunca foi tão rigorosa. Os meus mais de duzentos e cinquenta centuriões têm ordens para não permitir sequer o roubo de um nabo. Os meus homens têm rações para um mês e compreendem perfeitamente as minhas ordens.

- Nós não precisamos da companhia do teu exército.

- O quê? Dois cônsules sem uma escolta adequada?

- Temos os lictores.

- Ora aí está um pormenor interessante. Os lictores decidiram acompanhar-nos, ao passo que os tribunos dos soldados optaram pelo contrário - disse Sila. - É óbvio que a atitude destes homens em relação ao que se passa em Roma é determinada pelo facto de terem ou não sido eleitos para os seus cargos.

- Porque estás tão *feliz!* - perguntou Pompeu Rufo, desesperado.

- Não sei ao certo - retorquiu Sila, escondendo a sua irritação atrás de uma expressão surpreendida. Era altura de tentar seduzir o seu sentimental e desconfiado colega. - Se estou realmente feliz, talvez



seja pelo facto de estar farto das imbecilidades do Fórum, dos homens que pensam que sabem mais

do que manda a *mós maiorum,* dos homens que querem destruir aquilo que os nossos antepassados construíram com tanto cuidado e paciência. Tudo o que quero é uma Roma digna dos seus

antepassados. Uma Roma dirigida pelo Senado, por um Senado mais forte que todas as outras

instituições. Uma Roma onde aqueles que pretendem instalar-se como tribunos da plebe sejam

detidos, controlados; uma Roma em que esses tribunos da plebe não tenham inteira liberdade para

fazer o que lhes passa pela cabeça. Há momentos, Quinto Pompeu, em que não podemos ficar

parados, em que não podemos permitir que outros homens dêem cabo de Roma. Homens como

Saturnino e Sulpício. Mas, em primeiro lugar, homens como Caio Mário.

- Caio Mário combaterá - disse Pompeu Rufo com um ar pesaroso.

- Combaterá com quê? A legião mais próxima de Roma encontra-se em Alba. Sim, imagino que

Caio Mário tentará atrair Cina e as suas tropas. Cina está nas mãos dele, disso estou eu certo. Mas

duas coisas impedi-lo-ão de fazer isso, Quinto Pompeu. A primeira é a tendência natural de todos os

outros homens em Roma para duvidar dos meus apetites bélicos. Dirão que se tratará apenas de uma

manobra para frustar os planos adversários, ninguém acreditará que eu possa nutrir amargos

intentos bélicos. A segunda é o facto de Caio Mário ser um *privatus.* Ele não tem nenhum cargo, não lhe foi atribuído qualquer poder. Se pedir o auxílio de Cina, terá de o fazer na sua qualidade de amigo de Cina, e não na qualidade de cônsul ou procônsul. E duvido muito que Sulpício apoie uma

tal acção. Porque Sulpício será um daqueles que pensarão que o meu gesto não passará de uma

manobra, de um estratagema destinado a frustrar, a abafar os seus objectivos.

O cônsul júnior fitava agora o seu colega com verdadeiro terror: que belas palavras! Sim, de facto,

nunca ouvira tão belas, tão correctas palavras. Sim, por aquelas palavras Quinto Pompeu Rufo

podia concluir que Lúcio Cornélio Sila tencionava de facto invadir Roma.

Por duas vezes - a primeira em Aquino, a segunda em Ferentino - o exército de Sila foi contactado

por enviados. A notícia de que Sila marchava sobre Roma devia ter voado como uma águia. Por

duas vezes, os enviados ordenaram a Sila que desistisse do comando em nome do Povo e que

mandasse o seu exército regressar a Cápua; por duas vezes Sila recusou, embora da segunda tivesse

acrescentado:



- Diz a Caio Mário, a Públio Sulpício e aos senadores que restam que me encontrarei com eles no Campo de Marte.

Uma proposta em que os enviados de Roma não acreditaram; uma proposta que, aliás, não era séria. Sila não tinha a mínima intenção de se encontrar com eles no Campo de Marte.

Em Túsculo, Sila deparou com o *praetor urbanus,* Marco Júnio Bruto, esperando no meio da Via Latina, com outro pretor para lhe dar apoio moral. Os seus doze lictores - seis de cada um - encontravam-se reunidos na berma da estrada, tentando esconder as machadas dos *fasces.*

- Lúcio Cornélio Sila, o Senado e o Povo de Roma enviaram-me para te comunicar que o teu exército não poderá passar daqui - disse Bruto. - As tuas legiões estão armadas, não se deslocam a Roma para celebrar um triunfo. Proíbo-as, pois, de avançar mais um metro que seja.

Sila nada disse: limitou-se a ficar onde estava, com um ar perfeitamente impassível. Num ápice, os dois pretores foram brutalmente atirados para o meio dos aterrados lictores, e a marcha logo prosseguiu. Quando a Via Latina encontrou a primeira das estradas *diverticulum* que rodeavam Roma, Sila parou e dividiu as suas forças; quem acreditasse ainda na sua história de que o exército permaneceria no Campo de Marte, concluiria agora, sem sombra de dúvida, que Sila optara pela invasão.

- Quinto Pompeu, vai com a Quarta Legião para a Porta Colina

- disse Sila, sem saber, no fundo, se o seu colega teria coragem para levar tal tarefa até ao fim. - Não entrarás na cidade - acrescentou, afavelmente. - Por isso, não te preocupes. A tua missão consistirá em impedir a entrada de outras legiões. Instala os teus homens num acampamento e aguarda as minhas ordens. Se vires que há tropas avançando pela Via Valéria, manda chamar-me. Eu estarei na Porta Esquilina.

Virou-se então para Lúculo.

- Lúcio Licínio, chefiarás a Primeira e a Terceira. Tens um longo caminho a percorrer. Atravessarás o Tibre pela ponte Múlvia, após o que, seguindo pelo Campo Vaticano, te dirigirás para Transtiberim, onde pararás.

Ocuparás toda essa zona, e defenderás todas as pontes: as pontes da Ilha do Tibre, a ponte Emílio e a velha ponte de madeira.

- E a ponte Múlvia? Não deixo lá soldados?



Sila fitou-o com um sorriso triunfante.

- Não virão legiões pela Via Flamínia, Lúcio Licínio. Recebi uma carta de Pompeu Estrabão. Ele *deplora* as acções inconstitucionais de

Públio Sulpício, e ficará muito contente se Caio Mário não assumir o comando da guerra contra Mitridates.

Sila aguardou na encruzilhada que Pompeu Rufo e Lúculo se afastassem o suficiente, e ordenou depois às suas duas legiões - a Segunda e uma outra sem qualquer denominação, pois não era uma legião do cônsul -

que avançassem na direcção da Porta Esquilina. Na junção da Via Latina com a Via Ápia e com a estrada que circundava Roma, não era ainda possível ver se havia gente nas Muralhas Servias; porém, passado algum tempo, todos os soldados puderam verificar que as muralhas estavam cheias de gente que, espantada,

incrédula, assistia ao avanço das duas legiões.

Ao chegar à Porta Esquilina, Sila não revelou a mínima hesitação: mandou os homens da sua legião sem

designação subir às Muralhas Servias e ocupar a parte destas que era conhecida pelo nome de Agger; esta zona das muralhas ia desde a Porta Colina até à Porta Esquilina, o que significava que os homens de Sila ficariam em contacto com os homens de Pompeu Rufo. Com uma legião espalhada ao longo da Agger, Sila

avançou com as primeiras duas coortes da Segunda Legião para a grande praça situada imediatamente a

seguir à Porta Esquilina. As outras coortes, deixou-as estacionadas à entrada daquela Porta. Roma encontrava-se cercada. O que a seguir acontecesse dependia exclusivamente de Públio Sulpício e Caio Mário.

O monte Esquilino não era um local próprio para manobras militares. As ruas que conduziam ao Fórum

Esquilino eram estreitas, estavam permanentemente congestionadas e sempre cheias de tendas, barracas de vendedores e carros; e a grande praça do mercado era normalmente ocupada por mercadores, vagabundos,

lavadeiras, escravos que iam buscar água, gente que comia e bebia, carros de bois, burros cheios de sacas, vendedores ambulantes, escolas baratas e uma floresta de tendas. Havia muitos caminhos e ruelas que

conduziam ao Fórum Esquilino, mas havia também duas grandes ruas que terminavam aí a Clivus Suburanus, que vinha do alto do bairro de Subura, e a Vicus Sabuci, que descia da zona das oficinas e manufacturas situada a sul e a leste do pântano denominado Palus Ceroliae. E seria precisamente no Fórum Esquilino, um local nada apropriado para se travar uma



batalha, que se desenrolaria a batalha pelo domínio de Roma, cerca de uma hora depois de Sila ter

entrado na cidade.

O Fórum Esquilino, naturalmente, foi impiedosamente limpo de gente e tendas: ocupavam-no agora

os soldados de Sila, atentos, vigilantes. De armadura completa, Sila conduziu a sua mula para junto

do *vexillum* do seu exército e dos estandartes da Segunda Legião do cônsul. Ao fim de uma hora, começaram a ouvir-se gritos e outros ruídos vindos das ruas que conduziam à praça, gritos e ruídos

que se foram tornando cada vez mais fortes à medida que as tropas adversárias de Sila se

aproximavam da praça.

Essas tropas irromperam pelo Fórum Esquilino vindas de todos os caminhos e ruelas que a ele

conduziam; constituíam-nas a vanguarda dos ”guarda-costas” de Sulpício e todos os escravos e

libertos que Caio Mário e o filho tinham conseguido reunir, em grande parte graças aos esforços de

Lúcio Decúmio e dos outros dirigentes das congregações das encruzilhadas. E pararam de repente

ao verem as hostes de legionários romanos, os estandartes prateados brilhando, os tambores e os

trombeteiros concentrados ao lado do general, aguardando - calmamente, ao que parecia - as suas

ordens.

- Trombeteiro, toca: espadas e escudos preparados - disse Sila com uma voz calma e clara.

Ouviu-se uma única trombeta; logo de seguida, ouviu-se o ruído penetrante de mil espadas retiradas

ao mesmo tempo das suas bainhas, e o ruído seco de mil escudos preparados para aguentar os

golpes inimigos.

- Tambores, toquem: cerrar fileiras e aguardar ataque - disse Sila, a sua voz chegando facilmente à

indisciplinada multidão inimiga.

Os tambores fizeram-se ouvir: um rufar profundo e prolongado, muito mais perturbador para o

inimigo do que os eventuais gritos de guerra.

Nesse momento, a multidão avançou. À sua frente encontrava-se Caio Mário, de espada na mão e o

manto escarlate de general flutuando-lhe nas costas; atrás dele, estavam Sulpício e o jovem Mário.

- Atacar! - bradou Mário, com uma voz esganiçada.

Os seus homens procuraram obedecer mas, naquele espaço restrito, não conseguiram ganhar o

ímpeto necessário para fazer recuar a linha da frente de Sila, a qual, com nítido desdém, se limitou a aguentar a carga com os escudos.

868

- Trombeteiros, toquem: combater o inimigo! - disse Sila que, nesse momento, agarrou no

estandarte com a águia prateada da Segunda Legião.

Fazendo um esforço terrível, unicamente para agradar ao seu general (pois agora que tinha chegado

o momento da verdade, ninguém queria que houvesse derramamento de sangue), os soldados de

Sila ergueram as espadas e ripostaram às forças de Mário e Sulpício.

Naquelas circunstâncias, não seria possível pôr em prática nenhuma táctica. O Fórum Esquilino

transformou-se numa massa confusa de guerreiros que desferiam golpes sem qualquer direcção ou

controlo. Ao fim de alguns minutos, já a Primeira Coorte tinha avançado pelas Clivus Suburanus e

pela Vicus Sabuci, logo seguida pela Segunda Coorte; ao mesmo tempo, várias coortes penetravam,

em disciplinadas filas, pela Porta Esquilina, repelindo facilmente os civis que lutavam pela causa de Mário e Sulpício. Sila, que continuava montado na sua mula, avançou um pouco para ver se poderia

fazer alguma coisa, já que, no meio daquela confusão, ele era o único que, por estar mais alto,

conseguia ter uma ideia do que se passava. E descobriu que, em todas as ruas e ruelas, os habitantes

dos edifícios mais altos atiravam todo o tipo de objectos - vasos de barro, achas, tijolos - aos seus soldados. Alguns, pensou Sila, que em tempos vivera numa ínsula idêntica àquela, estavam furiosos

com a invasão da cidade; mas outros atiravam tais objectos unicamente porque não conseguiam

resistir à tentação de interferir naquela rixa generalizada sem que ninguém os visse.

- Arranjem-me archotes - disse ele ao *aquilifer* que devia empunhar o estandarte com a águia

prateada da sua legião.

Os archotes não tardaram a aparecer.

- Quero ouvir todos os tambores e trombetas, no máximo do seu volume - disse Sila.

Naquele espaço limitado, rodeado de ínsulas, o barulho era de enlouquecer; tudo parou por

segundos, os preciosos segundos de que Sila precisava.

- Se algum habitante destes prédios atira outro objecto que seja, pego fogo à cidade! - gritou ele a

plenos pulmões, após o que pegou num archote e o arremessou com tal perícia que o archote foi

direito a uma janela que estava aberta. Sila atirou ainda mais alguns archotes e, num instante, todas as cabeças desapareceram e mais nenhum objecto foi arremessado contra os soldados invasores.

869

Satisfeito, Sila voltou a concentrar-se na batalha, seguro de que não haveria mais bombardeamentos. Os habitantes da ínsula compreendiam agora que aquilo não era nenhum circo, que era de facto algo de sério.

Uma batalha era uma coisa - um fogo era outra coisa, completamente diferente. Toda a gente temia mais o fogo do que a guerra.

Chamou então uma coorte que não participara ainda na batalha e mandou-a avançar pela Vicus Sabuci;

depois, viraria à direita para a Vicus Sobrius e de novo à direita para a Clivus Suburanus, onde atacaria as forças de Mário e Sulpício pela retaguarda.

Esse ataque revelou-se o momento decisivo; a indisciplinada turba afrouxou o seu ímpeto, depois parou e, por fim, entrou em pânico, deixando Mário a gritar que todos os escravos que continuassem a lutar seriam

libertos, e Sulpício (que não era nenhum cobarde) a combater com o jovem Mário ainda no Fórum Esquilino.

Mas não demorou muito para que também Mário, Sulpício e o jovem Mário fugissem, descendo a toda a

pressa a Vicus Sabuci, com as tropas inimigas perseguindo-os desenfreadamente, comandadas por Sila, que empunhava ainda o estandarte da águia prateada.

No templo de Tellus, no bairro das Carinas, onde havia algum espaço, Mário tentou convencer o seu poliglota exército a regressar ao combate. Mas os seus homens recusaram-se a comportar-se profissionalmente.

Chorando, largaram espadas e bastões e desataram a fugir na direcção do Capitólio. Mesmo dentro das ruas de uma cidade, os soldados eram melhores que os civis.

Quando Mário, o filho e Sulpício desapareceram subitamente, a batalha parou por completo. Sila desceu a Vicus Sandalarius até às terras comunitárias dos pântanos, situadas aos pés do bairro das Carinas, e onde se encontravam a Via Sacra e a Via Triumphalis. Ordenou então aos tambores e aos trombeteiros que

chamassem a Segunda Legião. Esta não tardou. Alguns centuriões comunicaram então a Sila que uns quantos soldados tinham sido apanhados a pilhar.

- Avisei-os de que não permitiria pilhagens! - disse Sila. - Um legionário de Roma não saqueia Roma.

Os culpados foram imediatamente executados: uma lição salutar para todos os soldados.

- Mandem chamar Quinto Pompeu e Lúcio Lúculo - ordenou Sila, depois de mandar dispersar ordenadamente.

870

Pompeu Rufo e Lúculo não tinham tido sequer necessidade de lutar.

- Ainda bem - comentou Sila. - Eu sou o cônsul sénior, a responsabilidade é toda minha. As tropas

eram minhas e, se vos acontecesse alguma coisa, eu é que seria alvo de todas as censuras.

Sim, pensou Lúculo, fitando maravilhado o general: aqui está um homem correcto e justo e que, de

repente, muda de ideias e invade Roma. Um homem complexo. Não, essa não era a palavra exacta.

Sila era um homem com alterações de humor tão radicais, tão profundas, que ninguém poderia

saber como seriam as suas reacções fosse em que situação fosse. Tal como ninguém poderia saber

que factores desencadeariam tais reacções. Ninguém, excepto Sila, suspeitava Lúculo.

- Lúcio Licínio, deixa sete coortes da Primeira junto ao rio a fim de manter a calma no

Transtiberim. Manda três coortes da Primeira guardar os celeiros do Aventino e da Vicus Tuscus: é

preciso prevenir eventuais pilhagens. A Terceira Legião defenderá os pontos mais sensíveis ao

longo do rio. Manda uma coorte para os seguintes locais: o porto de Roma, o Campus Lanatarius, as

Piscinae Publicae, a Porta Capena, o Circus Maximus, o Fórum Boarium, o Fórum Holitorium, o

Velabrum, o Circo Flamínio e o Campo de Marte. Sim, isso dá dez coortes para dez locais

diferentes.

Virou-se então para o cônsul júnior.

- Quinto Pompeu, mantém a Quarta Legião junto à Porta Colina. É preciso que essa legião continue

vigilante, para o caso de aparecerem tropas inimigas na Via Valéria. Quanto à outra legião, dispersa

as suas coortes pelas colinas da zona norte e da zona leste: Quirinal, Viminal, Esquilina. E põe duas coortes na Subura.

- E não mandamos tropas para o Fórum Romano e para o Capitólio? Sila abanou a cabeça

enfaticamente.

- De maneira nenhuma, Lúcio Licínio. Não vou imitar Saturnino nem Sulpício. A Segunda Legião

pode permanecer ao fundo das encostas do Capitólio e à volta do Fórum, mas não poderá penetrar

nesses locais. Quero que o Povo se sinta seguro quando eu convocar uma assembleia.

- Tu ficas aqui? - perguntou pompeu Rufo.

- Sim, Lúcio Licínio, tenho outra missão para ti. Manda alguns arautos anunciar pela cidade que o

arremesso de objectos de uma ínsula contra os nossos soldados será considerado um acto de guerra

871

contra os cônsules legalmente eleitos e que a ínsula em questão será imediatamente incendiada.

Depois, manda outros arautos proclamar que, à segunda hora do dia, decorrerá no Fórum uma

Assembleia de Todo o Povo. - Sila fez uma pausa para ver se se teria esquecido de alguma coisa.

Depois, acrescentou: - Logo que tenham realizado essas tarefas, voltem para aqui.

O centurião *primus pilus* da Segunda Legião, Marco Canuleio, apareceu nesse momento, com um ar perfeitamente satisfeito; esplêndido sinal, pensou Sila, aliviado. Significa que os meus soldados

continuam a ser *os meus* soldados.

- Há sinais deles, Marco Canuleio? - perguntou. O centurião abanou a cabeça.

- Não, Lúcio Cornélio, Públio Sulpício foi visto a atravessar o Tibre num barco, o que pode querer

dizer que se dirige para um porto algures na Etrúria. Crê-se que Caio Mário e o filho fugiram para

Óstia. O pretor urbano, Marco Júnio Bruto, também fugiu.

- Idiotas! - exclamou Lúculo, surpreendido. - Se realmente sentissem que a lei estava do lado deles,

teriam ficado em Roma. Com certeza que sabem que teriam mais hipóteses se discutissem contigo

no Fórum!

- Tens toda a razão, Lúcio Licínio - disse Sila, satisfeito com a interpretação do seu lugar-tenente. -

Julgo que entraram em pânico disse. - Se tivessem parado para reflectir, por certo teriam concluído

que era mais acertado ficarem em Roma. Mas eu tenho sempre sorte, Lúcio Licínio. Felizmente

para mim optaram por deixar a cidade.

Sorte? Ora, ora!, pensou Sila. Mário e Sulpício sabiam perfeitamente que se tivessem ficado, eu

acabaria por mandá-los matar. Secretamente, claro. Se há coisa que não me interessa, é discutir com

eles no Fórum. Eles é que são os heróis populares, não eu. Mesmo assim, a sua fuga é uma espada

de dois gumes. Não terei de arranjar maneira de os matar sem dar nas vistas - mas ao mesmo tempo

terei de aguentar o ódio do povo, pois estou decidido a condená-los ao exílio.

Durante toda a noite, os soldados patrulharam as ruas e as praças de Roma. Fogueiras ardiam em

todos os locais onde era possível acendê-las. Nas ruas só se ouvia o ruído das *caligae* ferradas dos soldados, um ruído que os Romanos nunca tinham ouvido sob as suas janelas. A cidade fingia que

dormia e levantou-se a tremer, numa

872

madrugada gelada, quando ouviu os arautos proclamando que Roma se encontrava em paz, sob a protecção

dos cônsules legalmente eleitos, e que à segunda hora do dia decorreria uma assembleia no Fórum.

Surpreendentemente, muita gente acorreu à assembleia. Nem mesmo os apoiantes de Mário e Sulpício das

Segunda, Terceira e Quarta Classes, faltaram. A Primeira Classe comparecera em massa; quanto à Quinta Classe e aos proletários, tinham-se abstido de assistir à reunião.

- Dez mil, quinze mil - disse Sila a Lúculo e Pompeu Rufo, enquanto desciam a Clivus Sacer. Sila trazia a sua toga debruada a púrpura, tal como Pompeu Rufo, e Lúculo vestira a toga branca, com a faixa larga de senador caindo do ombro direito da túnica; não poderia haver nenhum soldado por perto, nem qualquer sinal de poder armado.

- É absolutamente vital que todas as palavras que vou dizer sejam ouvidas por todos os homens presentes. Por isso, distribuam adequadamente todos os arautos, de modo a que estes façam chegar o meu discurso a toda a multidão.

Precedidos pelos lictores, os cônsules avançaram por entre a turba e subiram aos *rostra,* onde Flaco Princeps Senatus e Cévola Pontifex Maximus os aguardavam. Para Sila, aquele confronto assumia uma importância

enorme, pois não tinha ainda estado com nenhum membro do agora reduzido Senado, nem fazia a mínima

ideia se homens como Catulo César, os censores, *oflamen Dialis* ou os dois que o esperavam nos *rostra,* estariam ao seu lado depois de ter imposto o poder do exército sobre as pacíficas instituições governamentais.

Era visível que Flaco e Cévola não estavam felizes. Ambos estavam de alguma forma ligados a Mário;

Cévola, porque a sua filha estava prometida em casamento ao jovem Mário; Flaco, porque conseguira chegar a cônsul e a censor unicamente graças ao apoio de Mário. Sila não tinha agora tempo para ter uma conversa demorada com eles, mas isso não significava que não trocasse com eles algumas palavras.

- Estão comigo? - perguntou. Cévola respirou fundo, nervosamente.

- Sim, Lúcio Cornélio.

- Então oiçam o que eu tenho a dizer a esta multidão. O meu discurso responderá a todas as vossas questões e dúvidas. - Olhou para os degraus do Senado e para o pódio, onde se encontrava Catulo César, ao lado dos censores, de António Orador e de Mérula *flamen Dialis.* Catulo César fez-lhe um breve aceno.

873

- Oiçam com atenção! - pediu Sila.

Virou-se então para o baixo Fórum - o que significava que estava de costas para o Senado - e

começou a falar. O seu aparecimento não fora saudado com aplausos nem vivas, mas também não

suscitara vaias ou assobios. O que significava que aquela audiência estava preparada para escutar, e

não apenas porque a cidade estava cheia de soldados.

- Povo de Roma! Ninguém está mais consciente do que eu da gravidade das minhas acções! - disse

ele na sua voz clara e sonora.

- A presença de um exército nas ruas de Roma deve-se única e exclusivamente à minha pessoa. Eu

sou o cônsul sénior, legalmente eleito e legalmente nomeado para o comando do meu exército. Fui

eu quem trouxe este exército para Roma, eu e mais ninguém. Os meus colegas agiram de acordo

com as minhas ordens, pois a isso são obrigados, incluindo o meu cônsul júnior, Quinto Pompeu

Rufo, embora eu deva lembrar que o filho de Pompeu Rufo foi assasssinado aqui, no nosso sagrado

Fórum Romano, pela ralé de Sulpício.

Sila falava lentamente, a fim de que os arautos pudessem repetir as suas palavras. Fez uma pausa

precisamente para que os arautos pudessem parar e ouvir o seu discurso.

- Há já demasiado tempo, Povo de Roma, que o direito do Senado e dos cônsules a organizar a

administração e as leis de Roma vem sendo ignorado. Em tempos mais recentes, esse direito chegou

mesmo a ser esmagado por um reduzido número de demagogos que se intitulam tribunos do povo

mas que não passam de homens egoístas, loucos pelo poder. Estes indivíduos sem escrúpulos,

depois de se verem eleitos como guardiões dos direitos do Povo, abusam da confiança neles

depositada de uma forma totalmente irresponsável. A desculpa que apresentam é sempre a mesma:

dizem que agem em nome do ”Povo soberano”! Mas a verdade é outra, Povo de Roma: eles agem

unicamente para defender os seus interesses! O povo é traído e enganado pelas promessas de

liberalidade e de privilégios, promessas que este Estado não pode de maneira nenhuma cumprir.

Não esqueçamos que estes homens costumam subir precisamente nos momentos em que o Estado

menos condições tem para cumprir tais promessas. E é por isso mesmo que eles têm êxito! Eles

jogam com os vossos desejos e medos! Mas eles não pretendem o vosso bem: o que prometem, não

podem cumprir. Por exemplo: alguma vez Saturnino vos deu cereais grátis? Claro que não! Porque

não havia cereais disponíveis nos nossos celeiros. Se houvesse

cereais em quantidade, os cônsules e o Senado tê-los-iam distribuído pelo povo. Quando os cereais

finalmente chegaram a Roma, foi o vosso cônsul, Caio Mário, quem o distribuiu, e é claro que não o

deu de graça, mas vendeu-o a um preço muito razoável

Sila fez uma nova pausa a fim de que os arautos pudessem acompanhar o seu discurso.

- Acreditam realmente que Sulpício teria aprovado uma lei tendo em vista o cancelamento das

vossas dívidas? Claro que ele não faria uma coisa dessas! Mesmo que eu e o meu exército não

tivéssemos entrado em Roma, Sulpício não teria poder para fazer uma coisa dessas. Nenhum

homem pode afastar toda uma classe do lugar a que tem direito, como Sulpício fez com o Senado!,

pelo facto de alguns membros dessa classe terem dívidas, e depois mudar de ideias e cancelar todas

as dívidas! Se examinarem atentamente o comportamento de Sulpício, chegarão facilmente a estas

conclusões: Sulpício queria destruir o Senado, encontrou uma maneira de o fazer, e levou o povo a

pensar que o trataria de um modo completamente diferente. Depois, claro, de ter convencido o povo

que os senadores eram seus inimigos. Sempre com o isco no anzol! E o isco era a eventualidade de

um cancelamento geral das dívidas. Mas ele abusou de vós, Povo de Roma. Porque Sulpício nunca

disse, em nenhuma assembleia pública, que pretendia um cancelamento geral das dívidas! Em vez

disso, mandou os seus agentes para o meio de vós, espalhando boatos sobre uma tal medida. Não

vêem agora como ele era falso? Se tencionasse realmente cancelar as dívidas, tê-lo-ia anunciado da

tribuna. Nunca o fez. Abusou de vós, mostrando a maior indiferença pela vossa difícil situação. Ao

passo que eu, na minha qualidade de cônsul, garanti uma diminuição da carga representada pelas

dívidas, sem minar a estrutura financeira, e fi-lo para *todos* os Romanos, desde os mais ricos aos mais pobres. Fi-lo até para aqueles que não são Romanos! Promulguei uma lei geral limitando o

pagamento dos juros ao juro sobre o capital, apenas, e à taxa original. Por isso, fui eu, e não

Sulpício, quem contribuiu para diminuir o peso das dívidas!

Sila parou de falar e, lentamente, fez um círculo completo, mirando a multidão à volta da tribuna,

fingindo que procurava algo ou alguém no meio daquele mar de gente. Repetiu o mesmo

movimento várias vezes, após o que encolheu os ombros, erguendo as mãos num gesto de fútil

busca.

- Onde está Públio Sulpício? - perguntou, com um ar surpreendido.

- Quem matei eu desde que trouxe o meu exército para Roma? Uns quantos escravos e libertos, uns quantos ex-gladiadores. Ralé. Não matei nenhum respeitável Romano. Nesse caso, por que razão Públio Sulpício não se encontra presente, por que razão não está aqui para vos falar, para refutar aquilo que eu digo? Peço a Públio Sulpício que venha até à tribuna e que conteste as minhas palavras, que tenha comigo uma discussão decente e honrada. Não na Cúria Hostília, mas aqui, à frente do seu ”Povo soberano”! - Pôs as duas mãos juntas à volta da boca e gritou: - Públio Sulpício, tribuno da plebe, peço-te que venhas à tribuna e que repliques ao meu discurso!

Mas a única resposta que obteve foi o silêncio da multidão.

- Ele não está aqui para responder, Povo de Roma, porque quando eu, o cônsul legalmente eleito!, entrei nesta cidade, acompanhado pelos meus únicos amigos, os meus soldados, reivindicando justiça para mim e para eles, Públio Sulpício fugiu. Mas porque fugiu ele? Temia que o matassem? Porque haveria de nutrir tal receio? Tentei eu porventura matar algum magistrado eleito, ou mesmo um qualquer respeitável habitante de Roma? Vim para esta tribuna vestido de armadura e empunhando uma espada escorrendo sangue? Não! Vim

para esta tribuna com a toga debruada a púrpura, com a toga que simboliza o meu alto cargo, e os meus únicos amigos, os meus soldados, não estão aqui para ouvir o que vos estou a dizer. Eles não precisam de estar aqui!

Eu sou o representante deles, legalmente eleito, tal como sou o vosso representante, legalmente eleito. No entanto, Sulpício não está cá! Por que razão? Acreditam realmente que ele temia que o matassem? Se temia que o matassem, então é porque sabia que o que tinha feito era ilegal e traiçoeiro. Quanto a mim, francamente,

preferiria conceder-lhe o benefício da dúvida e desejaria de todo o coração que ele estivesse aqui hoje!

Era altura de parar de novo, de perscrutar por entre a multidão, de fingir que desejava que Sulpício estivesse presente. Sila voltou a pôr as mãos em taça à volta da boca, e gritou:

- Públio Sulpício, tribuno da plebe, peço-te que subas a esta tribuna! Vem contestar as minhas afirmações!

Ninguém subiu à tribuna.

- Desapareceu. Públio Sulpício desapareceu, Povo de Roma. Fugiu na companhia do homem que o enganou,

da mesma forma que vos enganou a vós: Caio Mário! - gritou Sila.

876

Nesse instante a multidão começou a agitar-se, a murmurar; nenhum elemento do Povo de Roma

gostava que se referissem àquele homem num tom condenatório.

- Sim, eu sei - disse Sila muito lenta e cuidadosamente, certificando-se de que os arautos

transmitiam com exactidão as suas palavras. - Caio Mário é o herói de toda a gente. Salvou Roma

de Jugurta da Numídia. Salvou Roma e o mundo romano dos Germanos. Foi à Capadócia e,

sozinho, ordenou ao rei Mitridates que voltasse para casa. Não sabiam disso, pois não? Mas eu

estou aqui para vos falar de outros grandes feitos de Caio Mário! Muitos dos seus maiores feitos

*são* desconhecidos. Eu conheço-os porque fui o seu leal lugar-tenente nas campanhas contra Jugurta e os Germanos. Fui o seu braço direito. E o destino dos homens que são braços direitos de outros

homens *é* não serem conhecidos, não serem famosos. Eu não contesto minimamente a gloriosa

reputação de Caio Mário: essa reputação é inteiramente *merecida.* Mas eu também tenho sido um leal servidor de Roma. Também eu fui para o Oriente e, sozinho, ordenei ao rei Mitridates que fosse

para casa. Fui eu quem conduziu o primeiro exército romano que atravessou o rio Eufrates,

penetrando em terras desconhecidas.

Sila voltou a fazer uma pausa, verificando com prazer que a multidão estava agora mais sossegada,

que pelo menos tinha conseguido convencê-la da sua total seriedade.

- Para além de braço direito de Caio Mário, fui também seu amigo. Durante muitos anos, fui seu

cunhado, até que a minha mulher, irmã da mulher dele, morreu. Não me divorciei dela. Não havia

nenhuma animosidade entre nós. O filho de Caio Mário e a minha filha são primos direitos. Há

alguns dias atrás, quando os homens de mão de Públio Sulpício mataram muitos jovens de boas

famílias e com grandes carreiras à sua frente, incluindo o filho do meu colega Quinto Pompeu, um

jovem que era meu genro, o marido da sobrinha de Caio Mário, vi-me obrigado a fugir do Fórum

para que não me matassem. E para onde fugi, seguro de que, nesse local, ninguém atentaria contra a

minha vida? Pois fugi para casa de Caio Mário, e Caio Mário deu-me abrigo na sua casa.

Não havia dúvida, a multidão estava definitivamente tranquilizada, Sila tinha atacado a questão

"Caio Mário" da forma certa.

- Quando Caio Mário obteve a sua grande vitória contra os Marsos, eu fui uma vez mais o seu braço

direito. E quando o meu exército, o



exército que trouxe para Roma, me concedeu a Coroa de erva, por tê-lo salvo de morte certa às mãos dos samnitas, Caio Mário ficou contente por eu, o seu desconhecido número dois, ter finalmente firmado a minha reputação no campo de batalha. Em termos de importância e de baixas inimigas, a minha vitória foi superior à dele, mas será que isso o afectou? Claro que não! Ele ficou contente com o meu feito! E para reaparecer no Senado não escolheu ele precisamente o dia da minha tomada de posse como cônsul? A sua presença não terá realçado o meu prestígio?

A audiência estava agora completamente absorvida: ninguém falava; Sila prosseguiu.

- No entanto, Povo de Roma, todos nós somos obrigados, de quando em quando, a enfrentar e a lidar com factos muito desagradáveis. Um desses factos diz respeito a Caio Mário. Caio Mário está

demasiado velho e doente para conduzir uma guerra difícil num país estrangeiro. O seu cérebro está afectado. O cérebro, como sabem, parece não recuperar tão bem como o corpo. O homem que viram nos últimos dois anos, caminhando, nadando, praticando exercício, curando o seu *corpo* daquela terrível doença, não pode curar o seu *cérebro.* É a essa doença mental que atribuo as suas recentes acções. Desculpo-lhe os excessos porque lhe tenho amor.

Vocês também devem desculpá-lo. Roma enfrenta agora uma guerra muito mais terrível do que aquela de que acaba de sair. Uma força muito mais vasta e perigosa do que a dos Germanos, personificada por um rei

oriental que tem centenas de milhar de soldados bem treinados e adequadamente equipados. Um homem com esquadras de centenas de galeras. Um homem que conseguiu a colaboração de povos estrangeiros que Roma defendeu e protegeu, e que agora nos viram as costas. Como poderia eu, Povo de Roma, ficar parado, se vocês, na vossa ignorância, me tiraram o comando desta guerra, a mim, que me encontro em pleno apogeu, e o foram dar a um homem cujo apogeu já passou há muito, cujas capacidades definharam irremediavelmente?

Como não gostava nada de falar em público, Sila estava já cansado: a tensão fora excessiva. Porém, quando parou uma vez mais para que os arautos pudessem acompanhá-lo, conseguiu comportar-se como se não

tivesse sede, como se os seus joelhos não estivessem a tremer, como se não estivesse nada preocupado com a eventual reacção daquela gente.

878

- Ainda que eu quisesse dar a Caio Mário o comando que legalmente me foi conferido, as cinco

legiões que formam o meu exército não mo permitiriam. Eu encontro-me aqui nesta tribuna não

apenas na minha qualidade de cônsul sénior legalmente eleito, mas também na qualidade de

representante legal dos soldados de Roma. Foram eles que decidiram marchar sobre Roma!! Não

para conquistar Roma, não para tratar os Romanos como inimigos, mas sim para mostrar ao Povo

de Roma o que sentem em relação a uma lei ilegal arrancada a uma assembleia de civis por língua

muito mais talentosa do que a minha, e por instigação de um velho doente que, por acaso, também é

um herói. Contudo, antes de terem uma oportunidade de falar com vocês, os meus soldados foram

obrigados a lutar com bandos de rufiões armados, que lhes recusavam uma entrada pacífica em

Roma. Bandos de rufiões armados, de escravos e libertos recrutados por Caio Mário e Públio

Sulpício. Não foram os respeitáveis cidadãos de Roma que recusaram a entrada dos meus soldados.

Os respeitáveis cidadãos de Roma estão hoje aqui porque quiseram ouvir-me, porque eu me propus

expor-lhes as minhas razões e as razões dos meus soldados. Eu e eles pedimos apenas uma coisa.

Que nos permitam fazer aquilo para que fomos legal e validamente nomeados. Que nos permitam

combater o rei Mitridates!

Sila respirou fundo e quando falou de novo a sua voz soou tão sonora e vibrante como um toque de

clarim.

- Eu vou para o Oriente sabendo que gozo de óptima saúde, de que não tenho qualquer problema

cerebral, de que estou em condições de dar a Roma aquilo que Roma deve ter: a vitória sobre um

terrível rei estrangeiro que quer ser coroado rei de Roma, que matou oitenta mil romanos, homens,

mulheres e crianças, que não se compadeceu perante as súplicas das suas vítimas nos altares dos

nossos templos! O meu comando respeita integralmente a lei. Por outras palavras, os deuses de

Roma deram-me essa missão a *mim.* Os deuses de Roma têm confiança em *mim.*

Sila tinha vencido. Ao dar a palavra a um orador muito mais dotado do que ele, Quinto Múcio

Cévola Pontifex Maximus, Sila sabia que tinha vencido. Porque, embora se deixassem seduzir pelos

homens eloquentes e engenhosos, os homens de Roma eram sãos e sensatos, e eram capazes de

entender as coisas do senso comum quando tudo lhes era explicado de uma forma razoável e eficaz.

- Preferia que tivesses feito valer os teus direitos de outro modo, mas não posso deixar de te apoiar, Lúcio Cornélio - disse-lhe Catulo César quando a assembleia terminou.

- De outro modo? Como? - perguntou António Orador. - Vá, Quinto Lutácio, explica-me de que

outro modo Lúcio Cornélio poderia ter afirmado os seus direitos!

Foi o irmão de Catulo César, Lúcio César, quem respondeu.

- Lúcio Cornélio podia ter ficado na Campânia com as suas legiões. Permanecia na Campânia e

recusava-se a entregar o comando da guerra.

Crasso, o Censor, resmungou imediatamente.

- Essa é boa! E quando Sulpício e Mário tivessem reunido todas as outras legiões que se encontram

dispersas pela Itália, que achas que teria acontecido? Se nenhum dos lados cedesse, então é que

teríamos uma guerra civil a sério, Lúcio Júlio! Marchando sobre Roma, Lúcio Cornélio fez a única

coisa que poderia ter evitado uma confrontação armada entre Romanos. É precisamente o facto de

não haver legiões em Roma constituiu a principal garantia do seu êxito!

- Tens toda a razão, Públio Licínio - disse António Orador.

E assim terminou a conversa; todos lamentavam a táctica seguida por Sila, mas ninguém conseguia

encontrar outra alternativa.

Durante mais dez dias, Sila e os dirigentes do Senado continuaram a falar diariamente no Fórum

Romano, atraindo gradualmente o Povo com uma campanha implacável, com uma campanha que

tinha por objectivo desacreditar Sulpício e apresentar Caio Mário como um velho doente que

deveria limitar-se a descansar sobre os louros conquistados.

Depois das execuções sumárias por pilhagem, as legiões de Sila comportaram-se impecavelmente, e

muitos foram os habitantes de Roma que acabaram por tratar aqueles soldados com carinho -

sobretudo depois de se ter espalhado a notícia de que aquele era o famoso exército de Nola, de que

fora aquele exército que *realmente* vencera a guerra contra os Italianos. Sila teve o cuidado de não recorrer aos abastecimentos da cidade para dar de comer aos seus soldados - se os habitantes de

Roma lhes queriam dar a provar os seus petiscos, isso já era outra história. Mas havia também gente

que encarava os soldados com cepticismo, gente que lembrava que eles tinham marchado sobre

Roma por sua livre e espontânea vontade; por isso, se por acaso os soldados

de Sila fossem desafiados ou importunados, poderia dar-se uma carnificina - e não seriam as belas palavras do general que impediriam que um tal desastre acontecesse. No fim de contas, Sila não os mandara ainda

regressar à Campânia. Mantinha-os em Roma. O que fazia pensar que não se coibiria de recorrer a esses soldados caso fosse necessário.

- Não confio no Povo - disse Sila aos dirigentes do Senado, aliás os únicos membros do Senado que restavam.

- Pode muito bem aparecer um novo Sulpício quando eu estiver longe daqui. Tenciono por isso aprovar

legislação que impeça essa eventualidade.

Sila tinha entrado em Roma nos Idos de Novembro, muito tarde para a aprovação de um desenvolvido

programa de novas leis. Como a *lex Caecilia Didia* estipulava que deviam mediar três dias de mercado entre a primeira *contio* para a apresentação de uma nova lei e a ratificação desta lei, Sila tinha poucas hipóteses de alcançar os seus objectivos antes de terminado o seu consulado. Para piorar as coisas, a outra *lex Caecilia Didia* proibia que questões sem qualquer relação entre si fossem integradas numa mesma lei. E a única maneira legal de ver o seu programa concluído a tempo era talvez a mais perigosa de todas: apresentar todas as suas novas leis numa única *contio,* e fazê-las discutir em conjunto. Dessa forma, toda a gente entenderia desde logo qual era o objectivo final daquela sua iniciativa.

Foi César Estrabão quem resolveu o dilema de Sila.

- É fácil - disse o vesgo, que dava o seu melhor quando lhe pediam opinião. - Acrescenta mais uma lei à tua lista, e promulga-a antes de

todas as outras. Uma lei que suspenda o que está estipulado na *lex Caecilia Didia prima* unicamente para as tuas leis.

- O *Comitia* nunca aprovaria essa lei - retorquiu Sila.

- Aprova, sim. Basta que vejam bastantes soldados por perto! replicou César Estrabão, num tom divertido.

E tinha toda a razão. Quando convocou a Assembleia de Todo o Povo - que incluía tanto patrícios como

plebeus -, Sila descobriu que não teria a mínima dificuldade em fazer aprovar as suas leis. Assim, a primeira lei que apresentou suspendia precisamente a aplicação da *lex Caecilia Didia prima* unicamente no caso das suas leis; e a primeira *lex Cornelia* do programa de Sila acabou por ser promulgada e ratificada nesse mesmo dia. Aproximava-se o fim de Novembro.

Uma a uma, Sila apresentou mais seis leis. Teve o maior cuidado com a ordem de apresentação dessas leis, pois era vital que o Povo



não entendesse a tempo qual era o seu objectivo final. E durante todo esse tempo, mostrou-se extremamente vigilante a fim de evitar todo e qualquer confronto entre o seu exército e os habitantes de Roma, pois compreendia perfeitamente que o Povo desconfiava dele por causa dos soldados. Contudo, como não estava nada preocupado com o amor ou ódio que o Povo sentia por ele, decidiu que não faria mal nenhum lançar uma campanha de boatos em Roma - boatos que se resumiam ao seguinte: se as suas leis não fossem

aprovadas, a cidade sofreria um banho de sangue de proporções terríveis. De facto, quando era a sua própria cabeça que estava em jogo, não havia nada que fosse capaz de deter Sila. Desde que cumprisse tudo o que lhe era ordenado, o Povo tinha inteira

liberdade para odiar Sila tanto como ele odiava o Povo. O que Sila não poderia permitir que acontecesse era, naturalmente, esse banho de sangue; a haver um banho de sangue, a sua carreira ficaria pura e simplesmente destruída. Mas Sila entendia os mecanismos do medo e, por isso, não previa que houvesse qualquer banho de sangue. E tinha razão.

A segunda *lex Cornelia* parecia inócua. Ordenava que entrassem para o Senado trezentos novos membros (o Senado tinha então apenas quarenta membros). O seu texto evitava deliberadamente o estigma do

cancelamento de leis, pois os novos senadores deveriam ser nomeados pelos censores da forma usual; os censores não tinham qualquer indicação para reinstalar no Senado os senadores expulsos por dívidas. Como o fundo para obviar às dívidas dos senadores expulsos estava a funcionar eficazmente, sob a direcção de Catulo César, os censores não teriam o mínimo problema em chamar de novo ao Senado os membros expulsos por

dívidas. Por outro lado, os danos causados ao Senado pelas mortes de tantos dos seus membros seriam

finalmente reparados. De forma não oficial, Catulo César ficara com a missão de pressionar os censores, o que significava que, muito em breve, o Senado voltaria a funcionar a cem por cento. Sila pelo menos estava certo disso. E começava a achar que Catulo César era um homem formidável.

A terceira *lex Cornelia* revelava já o punho ameaçador de Sila. Revogava a *lex Hortênsia,* uma lei que existia há duzentos anos. De acordo com a nova lei de Sila, nada poderia ser levado à apreciação das assembleias tribais sem a aprovação do Senado. Esta lei limitava não só os poderes dos tribunos da plebe, como também os poderes dos cônsules e dos pretores; se o Senado não aprovasse um *senatus consultam,*

nem a Assembleia da Plebe nem a Assembleia de Todo o Povo poderiam legislar. Por outro lado, as

assembleias tribais também não poderiam alterar o texto de um *senatus consultum.*

A quarta *lex Cornelia* seguiu do Senado para a Assembleia de Todo o Povo sob a forma de um

*senatus consultum.* Reforçava o poder das camadas dirigentes nas Centúrias, ao anular as alterações impostas a esse corpo durante os primeiros tempos da República. A *comitia centuriata* regressava agora à forma que assumira durante o reinado do rei Servo Túlio, quando os seus votos eram

canalizados de forma a darem à Primeira Classe cerca de metade do poder. Graças à nova lei de

Sila, o Senado e os cavaleiros voltavam a ter uma força idêntica à que tinham tido no tempo dos

Reis.

A quinta *lex Cornelia* revelava já a espada de Sila pronta a desferir o golpe. Era a última do seu programa promulgada e ratificada pela Assembleia de Todo o Povo. De futuro, nenhuma discussão

ou votação de leis poderia ter lugar nas assembleias tribais. Toda a legislação teria de ser discutida e aprovada pela nova Assembleia das Centúrias, onde o Senado e a *Ordo Equester* poderiam

controlar tudo, em particular quando se uniam - o que sucedia sempre que havia perspectivas de

uma mudança radical ou de concessão de privilégios às classes mais baixas. As tribos deixavam

praticamente de ter acesso ao poder, tanto na Assembleia de Todo o Povo como na Assembleia da

Plebe. E a Assembleia de Todo o Povo ratificou esta quinta *lex Cornelia* sabendo que estava a decretar a sua própria extinção; poderia eleger determinados magistrados, mas nada mais podia

fazer. A realização de um julgamento numa assembleia tribal dependia da aprovação prévia de uma

lei.

Todas as leis de Sulpício encontravam-se ainda nas tábuas, eram ainda teoricamente válidas. Mas,

na prática, para que serviam? Que importância tinha que os novos cidadãos de Itália e da Gália

Italiana e os cidadãos libertos das duas tribos urbanas fossem distribuídos pelas trinta e cinco

tribos? As assembleias tribais não podiam aprovar leis, não podiam realizar julgamentos.

Havia uma fraqueza no seu projecto, e Sila estava consciente dela. Se não estivesse tão ansioso por

partir para o Oriente, talvez tivesse tratado desse problema. Mas era algo que não podia resolver no

pouco tempo de que dispunha. O problema eram os tribunos da plebe. Conseguira reduzi-los ao

silêncio; não podiam legislar, não podiam

levar ninguém a tribunal. Mas não conseguira fazê-los encolher as garras - e que garras! Eles tinham ainda os poderes que a Plebe lhes conferira originalmente. E entre esses poderes contava-se o poder de veto. Em toda a sua legislação, Sila tivera o cuidado de não atacar directamente os magistrados - limitara-se a atacar as instituições em que esses magistrados se encontravam integrados. Tecnicamente, não fizera nada que pudesse ser assimilado a traição. Mas se retirasse o poder de veto aos tribunos da plebe, poderiam acusá-lo de traição.

Poderiam acusá-lo de atentar contra a *mós maiorum.* Os poderes tribunícios eram quase tão velhos como a República. Eram sagrados.

Entretanto, o programa de leis foi avançando. Não no Fórum Romano, onde o Povo tinha o hábito de acorrer e onde acompanhava o que se passava. A sexta e a sétima *leges Corneliae* foram apresentadas na Assembleia das Centúrias, reunida no Campo de Marte - cercado pelo exército de Sila, que agora acampava nessa zona.

A sexta lei, caso fosse discutida no Fórum, traria por certo problemas a Sila; essa lei, com efeito, anulava toda a legislação de Sulpício, baseando-se nos argumentos de que os textos legais de Sulpício tinham sido

aprovados *per vim* - com violência - e durante *feriae,* ou feriados religiosos, legalmente declarados.

A última lei equivalia de facto a um julgamento. Considerava vinte homens culpados de traição. Não as novas traições da *quaestio de maiestate* de Saturnino, mas a muito mais antiga e inflexível traição das Centúrias, a *perduellio.* Caio Mário, o jovem Mário, Públio

Sulpício Rufo, Marco Júnior Bruto (o pretor urbano), Públio Cornélio Cetego, os irmãos Grânios, Públio Albinovano, Marco Letório eram alguns dos indiciados. A

Assembleia das Centúrias condenava-os a todos. A *perduellio* significava a pena capital; o exílio não chegava para as Centúrias. Pior ainda: a condenação podia ser aplicada no momento da detenção, pois não era

necessário o cumprimento de qualquer formalidade.

Sila não encontrou a mínima oposição junto dos seus amigos ou junto dos dirigentes do Senado - à excepção do cônsul júnior. Mostrando-se cada vez mais deprimido, Quinto Pompeu Rufo acabou por lhe dizer

claramente que não podia aprovar a execução de homens como Caio Mário ou Públio Sulpício.

Como não tinha a intenção de executar Caio Mário (o mesmo não sucedia com Sulpício), Sila tentou de início arrancar Pompeu Rufo às



suas tendências depressivas. Como isso não resultasse, insistiu na morte do jovem Quinto Pompeu às mãos dos homens de Sulpício. Mas quanto mais Sila falava, mais obstinado se mostrava Pompeu Rufo. Era vital para Sila que ninguém detectasse qualquer fractura no seio da equipa que estava no poder. Decidiu, por isso, que Pompeu Rufo teria de sair de Roma, teria de ir para bem longe daqueles soldados que tanto perturbavam a sua frágil sensibilidade.

Uma das mais fascinantes mudanças ocorridas em Sila tinha a ver com a sua recente ligação ao poder

supremo; era uma mudança de que ele tinha plena consciência, uma mudança que o deixava deleitado,

extasiado. Apercebia-se de que ficava mais satisfeito e mais liberto dos seus tormentos interiores ao aprovar leis que arruinavam, que degradavam as pessoas, do que ao matar quem lhe atravancava o caminho, como

acontecera noutros tempos. Manipular o Estado para arruinar Caio Mário dava-lhe muito mais prazer do que se lhe administrasse uma dose do mais lento dos venenos, do que se pudesse segurar-lhe a mão no leito de morte; integrado no quadro do Estado, e dotado de um poder extraordinário, Sila sentia-se num plano

diferente, fazia-o subir a céus tão rarefeitos e únicos que quase lhe parecia ver muito do alto a frenética actividade das suas marionetas; sentia-se um deus no Olimpo, livre de todas as grilhetas morais.

Decidiu assim dispor da vida de Quinto Pompeu Rufo de uma forma completamente diferente, de uma

maneira subtil, de uma maneira que lhe poupava muita ansiedade. Para quê correr o risco de ser apanhado a cometer um crime quando era possível recorrer a outras pessoas para executarem esse mesmo crime?

- Meu caro Quinto Pompeu, não há dúvida que precisas de passar uns tempos no campo - disse Sila ao seu colega com grande seriedade e afeição. - Como é evidente, tenho-me apercebido de que, após a morte do teu querido filho, e meu genro, tens andado taciturno, inquieto, deprimido. Não consegues distanciar-te das coisas, não te dás conta da importância das tarefas a que o nosso governo se tem dedicado. As coisas mais insignificantes deixam-te deprimido! Mas não me parece que umas férias sejam a melhor solução. Pelo

contrário, acho que precisas de uns meses de trabalho duro.

Os olhos mortiços de Pompeu Rufo fitaram Sila com um afecto sincero, ilimitado; sim, claro, ele não poderia deixar de estar

contente pelo facto de ter a seu lado, no governo da nação, um dos homens

885

mais notáveis de toda a história de Roma; quem haveria de dizer que Sila alcançaria tão ilustre posição?

Nunca ele pensara que Sila conseguiria chegar onde efectivamente chegou.

- Eu sei que tens razão, Lúcio Cornélio - disse ele. - Provavelmente tens razão em relação a tudo. Mas custa-me muito aceitar o que aconteceu. E acontece ainda. Se achas que há alguma missão a que eu possa dedicar-me de uma forma útil, diz-mo. Terei todo o gosto em cumpri-la.

- Há de facto uma coisa extremamente importante que poderias fazer. Algo que só pode ser feito, com êxito, por um cônsul - retorquiu Sila imediatamente.

- O quê?

- Substituir Pompeu Estrabão no comando das suas tropas.

Um desagradável arrepio percorreu o corpo do cônsul júnior, que fitava Sila com apreensão.

- Mas não me parece que Pompeu Estrabão queira ser substituído! Ele está tão agarrado ao seu comando

como tu estás agarrado ao teu!

- Pelo contrário, meu caro Quinto Pompeu. Recebi há dias uma carta dele. Nessa carta, Pompeu Estrabão perguntava-me se seria possível libertá-lo do seu comando. E pedia especificamente que fosses tu a substitui-lo. É que, além do mais, tu também és picentino! As tropas

dele só gostam de generais picentinos - disse Sila, reparando que a alegria inundava já o rosto do cônsul júnior. - Na realidade, a tua principal tarefa consistirá em proceder à desmobilização desses soldados. A resistência no Norte acabou, já não precisamos de nenhum exército nessa região, e Roma não se pode dar ao luxo de continuar a ter essa despesa. - Sila pôs uma expressão séria. - Não é uma sinecura o que te estou a oferecer, Quinto Pompeu. Eu sei por que razão Pompeu Estrabão quer ser substituído repentinamente. É muito simples: ele não quer suscitar o ódio dos seus homens.

Por isso não quer ser ele a desmobilizá-los. Por isso propõe que seja outro Pompeu a fazê-lo!

- Não me importo com isso, Lúcio Cornélio - retorquiu Pompeu Rufo, adoptando uma postura garbosa. - O

que me interessa é o trabalho. Fico-te grato por me confiares essa missão.

No dia seguinte, o senado aprovou um *senatus consultum* que previa a substituição de Cneu Pompeu Estrabão por Quinto Pompeu Rufo no comando das tropas do Norte. Quinto Pompeu Rufo deixou



Roma imediatamente, contente pelo facto de nenhum dos fugitivos condenados ter sido ainda

detido: abandonando Roma, não se veria envolvido nessa infâmia.

- Tu próprio podes levar o documento do Senado - disse-lhe Sila, entregando-lhe o documento. -

Mas queria pedir-te um favor, Quinto Pompeu: antes de lhe entregares o texto do *senatus*

*consultum,* dá-lhe esta carta minha e pede-lhe que a leia primeiro.

Como Pompeu Estrabão se encontrava nessa altura na Úmbria, nos arredores de Arimino, acampado

com as suas legiões, o cônsul júnior tomou a Via Flamínia, a grande estrada do Norte que

atravessava os Apeninos entre Assíssio e Cales. Embora o Inverno não tivesse ainda chegado, o

tempo estava já muito frio nessas terras altas. Por isso, Pompeu Rufo viajava num *carpentum*

fechado, bem protegido do frio, e com bagagem suficiente para encher uma carroça puxada por

mulas. Como ia ocupar um posto militar, a sua escolta era constituída unicamente pelos lictores e

por alguns dos seus escravos. Como a Via Flamínia era uma das estradas que conduziam à sua terra,

Pompeu Rufo não teve qualquer necessidade de recorrer a estalagens para pernoitar: de facto,

conhecia todos os proprietários das grandes mansões que ficavam perto dessa estrada.

Em Assíssio, o seu anfitrião, um velho amigo seu, viu-se obrigado a pedir desculpa pelo mau estado

do alojamento que oferecia ao cônsul.

- Os tempos mudaram, Quinto Pompeu! - queixou-se o homem.

- Tive de vender muita coisa! E como se já não tivesse problemas que chegassem, a minha casa foi

invadida por uma praga de ratos!

O quarto oferecido a Quinto Pompeu Rufo já não tinha os luxuosos móveis de outrora e era muito

frio pois ficara sem as janelas interiores: um exército passara por lá e, como tinha falta de madeira para as fogueiras, retirara da casa todas as janelas interiores. Durante muito tempo, Pompeu Rufo

permaneceu acordado, escutando o barulho dos ratos, pensando no que se passaria em Roma nesse

momento e cheio de medo porque sentia que Lúcio Cornélio tinha ido demasiado longe. Mais tarde

ou mais cedo haveria um ajuste de contas. Demasiadas gerações de tribunos da plebe tinham

passado já pelo Fórum Romano: a Plebe não suportaria durante muito tempo aquela situação

insultuosa. Logo que o cônsul sénior estivesse longe de Roma, todas as suas leis cairiam por terra. E

homens como ele, Quinto Pompeu Rufo, seriam objecto de todas as acusações e alvo de

encarniçadas perseguições.

887

Levantou-se ao nascer do dia. Tremendo, com os dentes a bater, procurou as suas roupas. Uns calções que iam até aos joelhos, uma camisa quente, de mangas compridas, que podia meter debaixo dos calções, duas túnicas tão quentes como a camisa; e duas meias de lã que lhe chegavam aos joelhos.

Porém, quando se sentou na cama para calçar as meias, descobriu que, durante a noite, os ratos

tinham roído as pontas das meias, deixando-as completamente esburacadas. Um arrepio percorreu-

lhe todo o corpo. Segurou nas meias e examinou-as horrorizado à luz ténue da manhã. Pompeu

Rufo era picentino, e supersticioso, e sabia perfeitamente o que aquilo significava: os ratos eram os arautos da morte, e os ratos tinham-lhe roído os pés. Cairia. Morreria. Estava perante uma profecia.

O criado apareceu nesse instante. Ajoelhou-se para lhe calçar as meias, alarmado com o aspecto do

amo, com aquela figura silenciosa e parada. O homem entendeu perfeitamente o funesto presságio,

e pediu a todos os deuses para que tal não acontecesse.

- *Domine,* não há razão para se preocupar - disse ele.

- Vou morrer! - retorquiu Pompeu Rufo.

- Ora! Que disparate! - replicou afectuosamente o escravo, ajudando o amo a levantar-se. - Eu sou

grego! Sei mais do que qualquer romano acerca dos deuses do Além. Apolo Esminteu é um deus da

vida, da luz, da saúde, e no entanto os ratos são sagrados para ele! Não. Parece-me que o presságio

significa que irás resolver os problemas do Norte, que irás curar as suas feridas.

- Significa que vou morrer - retorquiu Pompeu Rufo. E ninguém conseguia fazê-lo mudar de

opinião.

Três dias depois, chegou ao acampamento de Pompeu Estrabão, convencido de que ia morrer,

resignado já com a sua sorte. Encontrou o seu remoto primo vivendo com algum luxo e ostentação

numa mansão de uma quinta.

- Mas que surpresa! - disse Pompeu Estrabão, com uma expressão alegre, estendendo-lhe a mão

direita. - Entra, entra, Quinto Pompeu!

- Tenho duas cartas para ti - disse Pompeu Rufo, sentando-se numa cadeira e bebendo do melhor

vinho que provara desde que deixara Roma. - Lúcio Cornélio pediu-me que lesses primeiro a carta

dele. A outra carta é do Senado.



A referência ao Senado perturbou a boa disposição de Pompeu Estrabão que, no entanto, teve o

cuidado de não deixar transparecer os seus sentimentos. Abriu a carta de Sila.

*Cneu Pompeu: Lamento que o Senado me tenha obrigado a enviar-te o teu primo Rufo nestas circunstâncias.*

*Ninguém mais do que eu sente apreço pelos inúmeros serviços que tens prestado a Roma. E o meu apreço por ti aumentará consideravelmente se prestares a Roma mais um serviço - um*

*serviço de importância considerável para as futuras carreiras de ambos.*

*O nosso colega Quinto Pompeu é agora um homem dilacerado. Desde que lhe morreu o filho (meu genro, e pai dos meus dois netos), Quinto Pompeu tem sofrido um declínio alarmante. Como a sua presença constituía um grave embaraço, vi-me obrigado a mandá-lo para fora de Roma. Tenta entender: é que ele não aprova, nem aprovará, as medidas que fui forçado a tomar - repito: que fui forçado a tomar para preservar a* mós maiorum.

*Eu sei, Cneu Pompeu, que aprovas inteiramente as minhas medidas, devido à correspondência regular que temos mantido. Creio sinceramente que o nosso bom amigo Quinto Pompeu precisa, urgente e*

*desesperadamente, de um longo, de um muito longo descanso. Faço votos para que ele possa finalmente descansar contigo na Úmbria.*

*Espero que me perdoes o facto de ter dito a Quinto Pompeu que estavas ansioso por te veres livre do teu comando antes de as tuas tropas serem desmobilizadas. Ele ficou extraordinariamente aliviado por saber que o receberias de braços abertos.*

Pompeu Estrabão arrumou a carta de Sila e começou a ler o documento do Senado. A sua expressão

não traía o que lhe passava pela cabeça enquanto lia esse documento. Quando acabou de ler,

arrumou o documento na sua secretária, fitou Pompeu Rufo e pôs um sorriso bem-disposto.

- Pois ainda bem que vieste, Quinto Pompeu! - disse ele. - Será um prazer ver-me livre dos meus

deveres!

Pompeu Rufo, que estava à espera de uma reacção irada, indignada, ditada pela frustração, apesar

das garantias que Sila lhe tinha dado, fitou boquiaberto o primo.

889

- Então Lúcio Cornélio falava mesmo a sério? Tu não te opões? Sinceramente?

- Opor-me? Porque haveria eu de me opor? Estou deliciado! disse Pompeu Estrabão. - A minha

bolsa já não aguentava mais!

- A tua bolsa?

- Eu tenho dez legiões em campanha, Quinto Pompeu. E sou eu quem paga a mais de metade dessas

legiões.

- Palavra?

- Claro, Roma não lhes pode pagar. - Pompeu Estrabão levantou-se.

- Chegou a hora de desmobilizar os homens que não me pertencem, e essa é uma tarefa que *eu* não quero. Gosto de batalhas, não gosto de escrever coisas. Em primeiro lugar, porque não tenho boa

vista. Mas tive em tempos um cadete que era uma maravilha a escrever. O que ele gostava de

escrever! Enfim, encontra-se de tudo! - Pompeu Estrabão pôs o braço sobre os ombros do primo. -

Mas agora anda comigo. Quero apresentar-te aos meus lugares-tenentes e aos meus tribunos. Todos

eles se encontram ao meu serviço há já muito tempo, por isso não ligues se eles te parecerem

inquietos. Eu ainda não lhes comuniquei as minhas intenções.

O pesar e a surpresa que Pompeu Estrabão não tinha mostrado marcaram claramente os rostos de

Bruto Damasipo e Gélio Poplicola quando Pompeu Estrabão lhes comunicou as novidades.

- Mas é uma notícia excelente! - exclamou Pompeu Estrabão. Além do mais, será bom para o meu

filho servir outro homem que não o pai. Todos nós revelamos demasiada complacência quando não

há mudanças. Esta mudança avivar-nos-á a todos.

Nessa tarde, Pompeu Estrabão mandou formar em parada e permitiu ao novo general que

inspeccionasse o seu exército.

- Aqui só estão quatro legiões, mas são quatro legiões minhas disse Pompeu Estrabão,

acompanhando Pompeu Rufo na inspecção. As outras seis estão espalhadas pela região, realizando

operações de limpeza ou mandriando a maior parte. Há duas em Camerino, uma em Ancona, uma

em Fano, uma em Igúvio, uma em Arécio, e uma em Cíngulo. Vais ter de viajar muito para

procederes à sua desmobilização. Não vale a pena trazê-las todas para cá só para lhes dar os papéis.

- Eu não me importo de viajar - disse Pompeu Rufo, que já se sentia melhor. Talvez o seu criado

tivesse razão, talvez o presságio não significasse a sua morte.

890

Nessa noite Pompeu Estrabão ofereceu um pequeno banquete na sua agradável e cómoda mansão.

O seu atraente filho estava presente, tal como os outros cadetes, e os lugares-tenentes Lúcio Júnio

Bruto Damasipo e Lúcio Gélio Poplicola, e quatro tribunos militares não eleitos.

- Ainda bem que já não sou cônsul para não ter de lidar com esses tipos! - disse Pompeu Estrabão,

referindo-se aos tribunos dos soldados eleitos. - Ouvi dizer que eles se tinham recusado a ir para

Roma com Lúcio Cornélio. É mesmo típico. Que grandes bestas! Julgam-se todos muito

importantes!

- Aprovas *realmente* a marcha sobre Roma? - perguntou Pompeu Rufo um tanto incrédulo.

- Mas é claro que aprovo! Que outra hipótese tinha Lúcio Cornélio?

- Podia ter aceite a decisão do Povo.

- Uma decisão inconstitucional? Um ataque ao poder do cônsul? Francamente, Quinto Pompeu!

Não foi Lúcio Cornélio quem agiu ilegalmente, mas sim a Assembleia da Plebe e esse *cunnus*

traiçoeiro que dá pelo nome de Sulpício. E Caio Mário. Esse velho ganancioso. Ele está incapaz de

fazer seja o que for, mas já nem se dá conta disso! Porque haveria ele de poder agir

inconstitucionalmente e sem a mínima oposição, enquanto o pobre do Lúcio Cornélio defendia a

constituição e era atacado de todos os lados?

- O Povo nunca gostou de Lúcio Cornélio. Agora então nem se fala.

- E isso preocupa-o? - perguntou Pompeu Estrabão.

- Não creio. E acho, francamente, que deveria estar preocupado.

- Ora, que disparate! Alegra-te, primo! Já não estás em Roma! Quando encontrarem Mário e

Sulpício e todos os outros, tu não serás censurado pela sua execução - disse Pompeu Estrabão. -

Bebe um pouco mais.

Na manhã seguinte, o cônsul júnior decidiu dar um passeio pelo acampamento, familiarizar-se com

aquele cenário que desconhecia. Pompeu Estrabão tinha-lhe sugerido que fizesse isso mesmo. No

entanto, dissera-lhe que preferia não o acompanhar.

- Será melhor que os homens te vejam sozinho - acrescentara. Ainda surpreendido com o calor

daquela recepção, Pompeu Rufo deu um longo passeio, durante o qual pôde verificar que todos,

desde os centuriões aos soldados, o saudavam de uma forma extremamente

891

amistosa. Muitos perguntavam-lhe a sua opinião sobre este ou aquele assunto, outros lisonjeavam-

no ou demoravam-no com inesgotáveis conversas. Contudo, Pompeu Rufo era suficientemente

inteligente para guardar para si mesmo as opiniões desfavoráveis que tinha em relação àquele

acampamento - só as expressaria depois de ter substituído Pompeu Estrabão no comando das tropas.

Designadamente, ficara muito chocado com a falta de higiene nas instalações sanitárias do

acampamento; não havia qualquer cuidado com as fossas e as latrinas que, aliás, se situavam

demasiado perto do poço onde os homens iam buscar água. Aquilo era típico de verdadeiros

nómadas, pensou Pompeu Rufo. Logo que achavam que o sítio onde viviam estava imundo,

pegavam nas suas coisas e iam para outro lado.

Quando viu um vasto grupo de soldados encaminhar-se na sua direcção, o cônsul júnior não sentiu

medo. Não adivinhou qualquer perigo, pois todos eles exibiam sorrisos sinceros e pareciam querer

conferenciar com o seu novo comandante. Aquela aparição, aliás, alegrouo: talvez pudesse dizer-

lhes o que realmente pensava acerca da higiene do acampamento. Por isso, quando os soldados se

abeiraram dele, rodeando-o, Pompeu Rufo fitou-os com um sorriso feliz. Quase não sentiu o golpe

da primeira espada, um golpe certeiro que lhe rasgou a roupa interior de couro e o feriu entre duas

costelas. A esse golpe, seguiram-se outros, muitos e rápidos. Pompeu Rufo não teve sequer tempo

para gritar, para pensar nos ratos e nas meias. Estava já morto antes de cair por terra. Os seus

assassinos desapareceram num instante.

- Que história mais aborrecida! - exclamou Pompeu Estrabão para o seu filho, depois de examinar o

cadáver. - Está morto e bem morto, o coitado! Deve ter sido atingido trinta vezes. Todos golpes

mortais. Um bom trabalho. Só pode ter sido feito por homens com experiência.

- Mas quem? - perguntou outro cadete, pois o jovem Pompeu nada dizia.

- Soldados, obviamente - disse Pompeu Estrabão. - Os homens não queriam mudar de general,

imagino eu. Damasipo deu-me a entender isso, mas eu não o levei a sério.

- Que vais fazer agora, pai? - perguntou o jovem Pompeu.

- Vou mandá-lo para Roma.

- E isso não é ilegal? Na guerra, as vítimas são enterradas no local onde morrem.

892

- A guerra acabou, e além disso este homem era cônsul - retorquiu Pompeu Estrabão. - Acho que o Senado tem de ver o cadáver. Cneu, meu filho, trata de tudo. Damasipo poderá escoltar o corpo.

Tudo foi feito como devia ser. Pompeu Estrabão enviou um correio pedindo a convocação de uma reunião do Senado, após o que mandou o cadáver de Quinto Pompeu Rufo para a Cúria Hostília. A única explicação para o sucedido foi dada por Damasipo em pessoa - e essa explicação era simples: o exército de Pompeu Estrabão recusava qualquer outro comandante. O Senado entendeu a mensagem. Pediu então humildemente a Cneu

Pompeu Estrabão se se importava de manter o seu comando no Norte, já que o seu eventual sucessor estava morto.

Sila recebeu passado pouco tempo uma carta de Pompeu Estrabão. Leu-a, naturalmente, em privado.

*Mas que história mais triste, Lúcio Cornélio! Claro que o meu exército não vai dizer quem foram os autores, e eu não posso castigar quatro boas legiões por um crime que foi cometido apenas por trinta ou quarenta dos seus homens. Os meus centuriões estão desconcertados. Tal como o meu filho, que mantém excelentes relações com os soldados e normalmente sabe de tudo o que se passa com eles. A culpa é minha, não há dúvida. Nunca me apercebi*

*de que os meus homens me adoravam. É que, no fim de contas, Quinto Pompeu também era um picentino. Nunca me passou pela cabeça que os soldados pudessem ficar furiosos com a sua nomeação.*

*Seja como for, espero que o Senado esteja realmente decidido a manter-me como comandante-chefe no Norte. Se os homens não suportaram um picentino, por certo também não suportariam um forasteiro, não é verdade? Não há dúvida que é muito difícil lidar connosco, gente do Norte.*

*Quero desejar-te o maior êxito para as tuas iniciativas, Lúcio Cornélio. Tu és um paladino das velhas tradições, mas tens um estilo novo que é muito interessante. Aprende-se sempre contigo. Podes ter a certeza que o meu apoio às tuas iniciativas é total, e não hesites em entrar em contacto comigo sempre que precises da minha ajuda.*

Sila desatou a rir. Depois, queimou a carta, uma das poucas cartas agradáveis que tinha recebido. Sabia já que Roma não estava contente

com as alterações que introduzira na Constituição, pois a Assembleia da Plebe tinha reunido e eleito

dez novos tribunos da plebe, todos eles adversários de Sila e apoiantes de Sulpício. Entre eles,

contavam-se Caio Milónio, Caio Papírio Carbão Arvina, Públio Mágio, Marco Virgílio, Marco

Mário Gratidiano (o sobrinho adoptado de Caio Mário), e nada mais nada menos do que Quinto

Sertório. Quando soube que Quinto Sertório se ia apresentar como candidato, Sila mandou-lhe uma

carta avisando-o de que seria melhor desistir dessa candidatura. Sertório preferiu ignorar tal aviso, retorquindo que a eleição dos tribunos da plebe perdera toda a importância que tivera noutros

tempos.

Este desaire levou Sila a compreender que devia assegurar a eleição de magistrados curuis

fortemente conservadores; tanto os cônsules como os seis pretores teriam de ser fiéis partidários das *leges Corneliae.* Quanto aos questores, era fácil. Todos eles eram senadores regressados ao Senado ou jovens de famílias senatoriais em quem podia confiar, pois lutariam por fortalecer o poder do

Senado. Entre eles, contava-se Lúcio Licínio Lúculo, que fora lugar-tenente de Sila.

Claro que um dos candidatos consulares teria de ser o sobrinho de Sila, Lúcio Nónio, que fora

pretor dois anos antes, e que não prejudicaria o tio caso fosse eleito cônsul. O problema é que Lúcio Nónio era um homem insípido, um homem que não fizera nada para se distinguir na cena política

ou militar e que, portanto, dificilmente seduziria os eleitores. Mas a sua escolha como candidato

agradaria à irmã de Sila, a irmã que Sila quase esquecera já, tão ténues eram as suas ligações

familiares. Quando ela vinha a Roma (e fazia-o periodicamente), Sila nunca se dava ao trabalho de

a visitar. *Isso* teria de mudar! Felizmente que Dalmática não desejava outra coisa senão ajudá-lo, e era uma esposa paciente e uma mulher hospitaleira; podia perfeitamente acolher a cunhada e o

lamentável Lúcio Nónio que, assim esperava Sila, em breve seria cônsul.

Havia mais dois candidatos consulares que agradavam a Sila. O antigo lugar-tenente de Pompeu

Estrabão, Cneu Octávio Rusão, era um fiel partidário de Sila e das velhas tradições; além disso, era

muito possível que tivesse recebido ordens de Pompeu Estrabão. O outro era Públio Servílio Vátia -

um Servílio plebeu, mas que vinha de uma velha e conceituada família e era muito popular entre a

Primeira Classe. Além disso, tinha uma notável folha de serviços na guerra, o que era sempre um

trunfo eleitoral.

894

No entanto, havia um candidato que inquietava Sila, sobretudo porque a Primeira Classe acharia

que ele seria o homem certo para o cargo de cônsul, um homem capaz de defender

intransigentemente os privilégios dos senadores e as prerrogativas dos cavaleiros. Lúcio Cornélio

Cina era um patrício da *gens* a que Sila pertencia, estava casado com uma Annia, possuía uma folha de serviços militares formidável, e era famoso como orador e advogado. Mas Sila sabia que Cina

estava de alguma forma dependente de Mário - provavelmente, Mário tinha-o comprado. Tal como

sucedera com muitos senadores, alguns meses antes as finanças de Cina passavam por uma situação

muito pouco brilhante - no entanto, quando os senadores foram expulsos por causa das dívidas,

descobriu-se que Cina tinha os cofres bem cheios. Claro, claro que Caio Mário o comprou!, pensou

Sila, com um ar triste. Uma atitude inteligente! Claro que, por detrás de tudo isso, estava o jovem

Mário e a alegação de que assassinara o cônsul Catão. Em tempos normais, pensava Sila, Mário não

teria conseguido comprar Cina; Cina não parecia ser um homem fácil de subornar - e essa era uma

das razões que justificavam a atracção que a Primeira Classe sentia por ele. No entanto, quando os

tempos se tornavam difíceis e a ruína ameaçava o futuro de um homem, bem como os seus próprios

filhos, muitos eram os homens de elevados princípios que se deixavam subornar. Em particular se

esses homens de elevados princípios acreditavam que o seu novo estatuto não os levaria a alterar os

seus princípios.

Para além do problema das eleições curuis, Sila tinha ainda de contar com outra dificuldade: o seu

exército estava farto de ocupar Roma. As legiões queriam ir para o Oriente, queriam ir combater

Mitridates, e, como seria de esperar, não compreendiam por que razão o seu general as mantinha

tanto tempo em Roma. Por outro lado, a animosidade de uma parte da população em relação aos

soldados não parava de crescer; é certo que muitos militares continuavam a ter refeições, cama e

mulheres de graça, mas os habitantes que nunca tinham suportado a sua presença não se inibiam

agora de presentear as patrulhas nocturnas com o conteúdo dos seus bacios.

Se Sila estivesse disposto a pagar, não teria grande dificuldade em conduzir à vitória os seus

candidatos, pois o clima era extremamente propício ao suborno. Mas Sila não seria capaz de

partilhar o seu pequeno tesouro por nada deste mundo. Pompeu Estrabão que pagasse às legiões do

seu próprio bolso, isso era com ele; Mário também dizia

895

que faria o mesmo: o problema era dele, só dele; para Lúcio Cornélio Sila, quem tinha de pagar a

conta era Roma. Se Pompeu Rufo ainda estivesse vivo, Sila poderia pedir-lhe dinheiro; mas a

verdade é que só se lembrou dessa possibilidade depois de ter mandado o rico proprietáro picentino

para o Norte e para a morte.

Os meus planos são bons mas a sua execução é difícil, pensou. Esta miserável cidade está cheia de

homens decididos a obter aquilo que pretendem. Por que razão não entendem que os meus planos

são sensatos e correctos? E como pode um homem concentrar em si o poder suficiente para garantir

a execução integral dos seus planos? Os homens com ideais e princípios são a ruína do mundo!

E assim, em fins de Dezembro, Sila mandou o seu exército para Cápua, sob o comando do bom e

fiel Lúculo, agora oficialmente seu questor. Tomada esta resolução, deixou-se de cautelas, pôs tudo

nas mãos da deusa Fortuna, e convocou a realização de eleições.

Embora estivesse convencido de que não tinha subestimado o ressentimento que havia contra ele

em todos os estratos da sociedade romana, a verdade é que Sila não se apercebia da violência e da

extensão dessa animosidade. Ninguém dizia uma palavra menos própria, ninguém olhava para ele

de esguelha; porém, sob esta aparência educada, Roma estava revoltada, Roma não conseguia

esquecer ou perdoar a Sila o facto de ter invadido a cidade.

Este ressentimento afectava toda a sociedade, desde as camadas dominantes até ao povo miúdo.

Mesmo homens profundamente comprometidos com ele e com a defesa da supremacia do Senado,

como os irmãos César e os irmãos Cipião Nasica, teriam preferido que Sila não recorresse ao

exército para resolver o problema do Senado. E entre os homens que não pertenciam à Primeira

Classe havia ainda que contar com duas feridas que dificilmente poderiam ser curadas o facto de um

tribuno da plebe ter sido condenado à morte durante o exercício do seu cargo, e o caso de Caio

Mário, um antigo herói de Roma, agora velho e diminuído, que fora obrigado a deixar a casa e a

família e perdera a sua posição na sociedade romana, além de ter sido, também ele, condenado à

morte.

Esta insatisfação tornou-se mais clara com a eleição dos novos magistrados curuis. Cneu Octávio

Rusão era o cônsul sénior, mas o cônsul júnior era Lúcio Cornélio Cina. Os pretores eram todos

independentes: entre eles não havia nenhum em quem Sila pudesse realmente confiar.

896

Mas foi a eleição dos tribunos dos soldados pela Assembleia de Todo o Povo que mais perturbou

Sila. Todos eles eram homens perigosos

- designadamente Caio Flávio Fímbria, Públio Ânio e Caio Márcio Censorino. Homens capazes de

se virarem contra os seus generais, pensou Sila. Com aqueles tribunos dos soldados, nenhum

general conseguiria marchar sobre Roma! Eles matá-lo-iam com o mesmo à vontade com que o

jovem Mário matara o cônsul Catão. Ainda bem que o meu consulado vai acabar. Ainda bem que

não os tenho nas minhas legiões. Porque todos eles, todos, são potenciais Saturninos.

Apesar dos resultados eleitorais negativos, Sila não se considerava um homem inteiramente infeliz

agora que aquele ano chegava ao seu termo. A sua permanência em Roma, se não tinha tido

qualquer efeito nas eleições, permitira pelo menos aos seus agentes na Província da Ásia, na Bitínia

e na Grécia, disporem do tempo suficiente para se informarem, e para o informarem a ele, acerca da

situação nessas paragens. Não havia dúvida que o mais acertado seria ir imediatamente para a

Grécia e tratar da Ásia Menor mais tarde. Sila não tinha as tropas necessárias para tentar uma

manobra de flanco; de facto, com aquelas tropas, a sua estratégia só poderia ser a mais vulgar. Não

que a invasão da Macedónia tivesse corrido de feição para o rei do Ponto; Caio Sêncio e Quinto

Brútio Sura tinham provado uma vez mais que, quando o inimigo era romano, a vitória não podia

ser fácil. De facto, Sêncio e Sura, com exércitos minúsculos, tinham realizado grandes feitos. Mas

não conseguiriam aguentar por muito mais tempo.

Sila tinha por isso de deixar a Itália o mais rapidamente possível. Só derrotando o rei Mitridates e

pilhando as riquezas do Oriente, poderia herdar a reputação ímpar de Caio Mário. Só com o ouro de

Mitridates poderia acabar com a crise financeira de Roma. Só se fizesse tudo isso é que Roma lhe

perdoaria a invasão da cidade. Só então a Plebe lhe perdoaria o facto de ter transformado a sua

preciosa assembleia num cenário vazio e inoperante.

No seu último dia como cônsul, Sila convocou uma reunião especial do Senado. Falou aos

senadores com genuína sinceridade; acreditava ferreamente em si mesmo e nas suas novas medidas.

- Se não fosse eu, vocês não estariam agora aqui. Essa é a verdade, a irrecusável verdade. Se as leis de Públio Sulpício Rufo tivessem permanecido nas tábuas, a Plebe (e a Plebe não é o Povo!)

mandaria



agora em Roma sem qualquer oposição. O Senado não passaria de mais uma relíquia, uma relíquia

sem homens que chegassem para formar quoro. Não poderia fazer qualquer recomendação à Plebe

ou ao Povo, não poderia tomar nenhuma decisão acerca de assuntos que consideramos estritamente

senatoriais. Portanto, antes de começarem a chorar a sorte da Plebe e do Povo, antes de começarem

a chafurdar num excesso de imerecida compaixão pela Plebe e pelo Povo, lembrem-se do que

sucederia a esta augusta instituição se eu não decidisse intervir.

- Presta atenção agora! - exclamou Catulo César, muito contente pelo facto de o seu filho, um dos

novos senadores, ter regressado finalmente da guerra; Catulo ansiava pela chegada do filho, pois

queria que ele visse ainda Sila actuando como cônsul.

- Lembrem-se também - disse Sila - de que se querem continuar a orientar o governo de Roma,

terão de apoiar as minhas leis. Não se deixem seduzir por sublevações: pensem em Roma primeiro!

Para o bem de Roma, é preciso que haja paz em Itália. Para o bem de Roma, terão todos de fazer um

esforço enérgico para vencer os problemas financeiros de Roma, para devolver a Roma a sua antiga

prosperidade. Não nos podemos dar ao luxo de permitir revoltas dos tribunos da plebe. O *status quo* que instaurei *tem de* ser mantido! Só assim Roma conseguirá recuperar! *Não podemos* permitir que outros imbecis como Sulpício decidam dos nossos destinos!

Fitou os cônsules eleitos.

- Cneu Octávio, Lúcio Cina; vocês herdarão amanhã o consulado que foi meu e do meu falecido

colega Quinto Pompeu. Eu passarei a ser um *consular.* Cneu Octávio, dás-me a tua palavra de honra de que defenderás as minhas leis?

Octávio não hesitou.

- Tens a minha palavra de honra, Sila. Podes confiar em mim.

- Lúcio Cornélio, do ramo cognominado Cina, dás-me a tua palavra de honra de que defenderás as

minhas leis?

Cina fitou Sila sem medo.

- Depende, Lúcio Cornélio, do ramo cognominado Sila. Defenderei as tuas leis *se* elas se revelarem eficazes do ponto de vista do governo de Roma. Por ora, não sei se serão realmente eficazes. Por

um lado, há que contar com o facto de a máquina do Estado ser obsoleta, difícil de manejar; por

outro lado, acontece que os direitos de uma grande parte da nossa comunidade foram - não encontro

outra palavra -



anulados. Lamento imenso desapontar-te, mas, no actual estado de coisas, não posso prometer nada

de concreto.

Nesse instante, operou-se no rosto de Sila uma mudança extraordinária; o Senado, tal como certas

pessoas nesses últimos tempos, tinha agora o privilégio de conhecer, por breves momentos, essa

criatura animalesca que habitava Lúcio Cornélio Sila. E tal como essas pessoas, também o Senado

nunca esqueceria tal visão. Durante alguns anos, a memória dessa visão faria estremecer muitos dos

membros do Senado.

Antes que Sila pudesse abrir a boca para responder a Cina, Cévola Pontifex Maximus interveio.

- Lúcio Cina, deixa-te disso! - exclamou; Cévola lembrava-se de que, pouco tempo depois de ter

visto pela primeira vez aquele outro Sila, este marchara sobre Roma. - Imploro-te, Lúcio Cina,

promete aquilo que o cônsul te pediu!

Nesse momento, ouviu-se a voz de António Orador.

- Se esse é o tipo de atitudes que tencionas tomar, então sugiro-te, Lúcio Cina, que tenhas cuidado!

O nosso cônsul Lúcio Catão não se quis precaver, e morreu.

O Senado murmurava, todo o Senado, tanto os novos senadores como os antigos; as suas palavras,

basicamente, exprimiam irritação e medo perante a posição de Cina. Não seriam capazes os

cônsules de pôr de parte os seus interesses e ambições? Não entendiam que Roma precisava

desesperadamente de paz e estabilidade interna?

- Ordem! - gritou Sila, o Sila a que estavam habituados, e não muito alto; como, porém, a sua

expressão era ainda a mesma, uma terrível expressão animalesca, o silêncio no Senado foi imediato.

- Cônsul sénior, posso falar? - perguntou Catulo César, que se lembrava de que o seu primeiro

contacto com aquele outro Sila fora seguido de uma retirada de Tridente.

- Fala, Quinto Lutácio.

- Em primeiro lugar, gostaria de comentar a atitude de Lúcio Cina - disse Catulo César, friamente. -

Acho que ele precisa de ser vigiado. Lamento que tenha sido eleito para um cargo que, segundo

creio, não desempenhará meritoriamente. Lúcio Cina tem, sem dúvida, magníficos antecedentes

guerreiros, mas falta-lhe o entendimento político, a compreensão do que é melhor para o governo de

Roma. Quando foi pretor urbano, não tomou nenhuma das medidas que deveria ter tomado. Os dois

cônsules estavam longe, no campo

de batalha, e Lúcio Cina, encarregado do governo de Roma, nada fez para combater os terríveis problemas económicos que então começavam a afligir-nos. Se tivesse feito alguma coisa nesse estádio inicial, talvez Roma possuísse agora uma melhor saúde económica. E agora, Lúcio Cina, recentemente eleito cônsul,

confrontado com um pedido que lhe foi feito por um homem muito mais inteligente e capaz, recusa-se a

aceder a esse pedido, recusa-se a fazer uma promessa que vai ao encontro do verdadeiro espírito do governo senatorial.

- Nada do que disseste contribuiu para influenciar a minha posição, Quinto Lutácio *Servilis* - retorquiu asperamente Cina, chamando servil a Catulo César.

- Eu sei, eu sei, Lúcio Cina - ripostou Catulo César, com um ar muito altivo. - De facto, quer-me parecer que nada do que nós possamos dizer-te te levará a mudar de atitude. O teu cérebro, tal como a tua bolsa, já foi demasiado influenciado pelo dinheiro que Caio Mário te deu para não prejudicares a reputação do filho dele!

Cina ficou vermelho; detestava ter aquela reacção, mas nada conseguia fazer para a vencer. Sempre que lhe faziam tal acusação, a sua angústia vinha ao de cima.

- Mas há uma maneira de assegurarmos a defesa por Lúcio Cina das medidas que o nosso cônsul sénior tão cuidadosamente decretou

- disse Catulo César. - Sugiro que exijamos a Cneu Octávio e Lúcio Cina um juramento solene. Ambos

jurarão que defenderão o nosso actual sistema de governo, como é definido pelas leis de Lúcio Sila.

- Concordo - disse Cévola Pontifex Maximus.

- Também eu - disse Flaco Princeps Senatus.

- E eu - disse António Orador.

- E eu - disse Lúcio César, censor.

- E eu - disse Crasso, censor.

- E eu - disse Quinto Ancário.

- E eu - disse Públio Servílio Vátia.

- E eu - disse Lúcio Cornélio Sila, virando-se para Cévola. Sumo sacerdote, presidirás à cerimónia de juramento dos cônsules eleitos?

- Sim, Lúcio Sila, presidirei à cerimónia.

- E eu aceitarei o juramento - disse Cina, com voz bem sonora -, se o Senado votar claramente nesse sentido.

Proponho que se proceda a uma divisão.

900

- De acordo - disse Sila imediatamente. - Aqueles que concordam com o juramento, vão para a

minha direita. Aqueles que discordam, ficarão à minha esquerda.

Foram poucos os senadores que se concentraram à esquerda de Sila, mas o primeiro a lá chegar foi

Quinto Sertório, furioso com o que se estava a passar.

- O Senado dividiu-se e mostrou de forma clara qual é a sua posição - disse Sila, agora com uma

expressão absolutamente normal.

- Quinto Múcio, tu és o Pontifex Maximus. Como achas que deverá decorrer a cerimónia de

juramento?

- Legalmente - retorquiu logo Cévola. - Na primeira parte da cerimónia, todo o Senado deverá ir

comigo ao templo de Júpiter Optimus Maximus, onde o *flamen Dialis* e eu sacrificaremos uma

vítima ao Grande Deus. Será um cabrito de dois anos, e os Padres dos Dois Dentes assistir-nos-ão

na realização da cerimónia.

- Muito conveniente! - disse Sertório, bem alto. - Aposto que quando chegarmos ao cimo do

Capitólio, todos os homens e animais necessários estarão já à nossa espera!

Cévola prosseguiu como se ninguém tivesse falado.

- Depois do sacrifício, pedirei a Lúcio Domício, que é filho do falecido Pontifex Maximus e não se

encontra directamente envolvido neste assunto, que analise o fígado da vítima, a fim de sabermos

quais são os auspícios. Se estes forem favoráveis, conduzirei o Senado ao templo de Semo Sancus

Dius Fidius, o deus da Divina Boa Fé. Aí, a céu aberto, como é necessário em todos os juramentos,

os cônsules eleitos jurarão defender as *leges Corneliae.*

Sila levantou-se da sua cadeira curul.

- Procedamos então às cerimónias necessárias, Pontifex Maximus. Os auspícios revelaram-se

favoráveis; para mais, todo o Senado, enquanto se deslocava do Capitólio para o templo de Semo

Sancusl Dius Fidius, pôde ver uma águia voando da esquerda para a direita,! para lá da Porta

Sanqualis.

Mas Cina não tinha a mínima intenção de ficar preso toda a vida a um tal juramento, e sabia o que

havia de fazer para invalidar desde logo o seu acto. Enquanto os senadores subiam a colina na

direcção do templo do Grande Deus, situado no Capitólio, Cina, sem que ninguém se apercebesse

disso, abeirou-se de Quinto Sertório e pediu-lhe que procurasse um certo tipo de pedra. Depois, no

caminho para o outro



templo, Quinto Sertório deixou cair a pedra nas dobras da toga de Cina, sem que ninguém desse por isso. Era uma pedra pequena, macia e oval; Cina agarrou-a com a mão esquerda e não mais a largou.

Desde tenra idade que Cina, tal como qualquer outro rapaz romano, sabia que só ao ar livre, nos campos, num local isolado, se poderia fazer juramentos, os juramentos de que os rapazes tanto gostavam juramentos de amizade ou inimizade, de medo e raiva, de ousadia e ilusão. Porque todos os juramentos tinham de ser

testemunhados pelos deuses do céu; se isso não acontecesse, o juramento não tinha valor. Tal como todos os seus amigos de infância e juventude, Cina seguira o ritual com absoluta seriedade. No entanto, conhecera um jovem, o filho do cavaleiro Sexto Perquitienus, que abjurara de todos os juramentos que alguma vez fizera.

Tinham ambos a mesma idade, embora o filho de Sexto Perquitienus não se desse habitualmente com os

filhos dos senadores. Tinham-se conhecido de uma forma ocasional, a propósito, precisamente, de um

juramento.

- Só precisas de te agarrar aos ossos da Mãe Terra - dissera-lhe o filho de Sexto Perquitienus. - E para isso tens de ter uma pedra na tua mão no momento do juramento. Dessa forma, entregas-te à protecção dos deuses do Além porque o Além é feito dos ossos da Mãe Terra. Pedra, Lúcio Cornélio, uma pedra. Porque pedra é osso!

Por isso, quando jurou que apoiaria as leis de Sila, Lúcio Cornélio Cina agarrou com força a pedra na sua mão esquerda. Concluído o juramento, baixou-se rapidamente (como o templo não tinha tecto, o chão estava cheio de folhas, pedras e galhos) e fingiu que estava a apanhar uma pedra, afinal a pedra que trazia escondida na toga.

- E se eu quebrar o meu juramento - disse ele numa voz bem audível -, que me atirem da rocha Tarpeia como eu atiro esta pedra neste instante!

A pedra voou pelo ar, chocalhou contra as paredes musguentas e carcomidas do templo e voltou ao seio da mãe, a Terra. Aparentemente, ninguém entendeu o significado daquele acto; lançada a pedra, Cina pôde

respirar fundo. Obviamente, os senadores romanos não conheciam o segredo que partilhara apenas com o

filho de Sexto Perquitienus. Assim, quando fosse acusado de romper o seu juramento, Cina podia explicar que, na realidade, nunca jurara nada. Todo o Senado o vira atirar aquela pedra: Cina rodeara-se, de facto, de uma centena de testemunhas impecáveis. Sim, aquele era um truque que nunca mais



poderia utilizar mas imagine-se o que Metelo Numídico, o Suíno, não teria podido fazer, se o

conhecesse!

Embora tivesse assistido à tomada de posse dos novos cônsules, Sila não ficou para o banquete,

apresentando a desculpa de que no dia seguinte partiria para Cápua. No entanto, esteve presente na

primeira reunião oficial do Senado do Ano Novo, realizada no templo de Júpiter Optimus Maximus,

e pôde por isso ouvir o breve e ameaçador discurso de Cina.

- Honrarei o meu cargo, disso poderão estar certos - disse Cina aos senadores. - As minhas únicas

apreensões são provocadas pelo facto de o cônsul sénior cessante ir chefiar um exército cujo

comandante deveria ser Caio Mário. Mesmo não levando em linha de conta a condenação ilegal de

Caio Mário, considero que o cônsul sénior cessante deveria permanecer em Roma, a fim de

responder por diversas acusações.

Acusações? Que acusações? Ninguém sabia ao certo, embora a maior parte dos senadores pensasse

em traição; e a razão para tais acusações residia unicamente no facto de Sila ter instalado o seu

exército em roma. Ao ouvir aquilo, Sila soltou um suspiro e resignou-se perante o inevitável. Como

era um homem sem escrúpulos, sabia perfeitamente que também ele não teria cumprido o juramento

feito por Cina. Mas nunca pensara que Cina fosse capaz de fazer tal coisa. Enganara-se. Que

chatice!, pensou.

Depois de deixar o Capitólio, encaminhou-se na direcção da ínsula de Aurélia em Subura; enquanto

caminhava, pensava na melhor maneira de lidar com Cina. Quando chegou a casa de Aurélia, já

tinha encontrado uma resposta. Por isso exibia um sorriso bem-disposto quando lhe abriram a porta.

No entanto, o sorriso morreu-lhe nos lábios mal viu a expressão de Aurélia; era uma expressão triste

e, nos olhos dela, não se lia qualquer afeição.

- Tu também? - perguntou ele, instalando-se num divã.

- Eu também - retorquiu ela, sentando-se numa cadeira em frente dele. - Não devias estar aqui,

Lúcio Cornélio.

- Ora! Não há o mínimo problema! - retorquiu ele, despreocupadamente. - Quando me vim embora,

Caio Júlio estava entretidíssimo com o banquete.

903

- Aliás, pouco te ralavas se ele entrasse neste momento! - disse ela. - O melhor será termos

companhia: para meu bem ou, quem sabe, para o teu. Lúcio Decúmio! Podes vir, por favor.

Lúcio Decúmio apareceu imediatamente, com uma expressão verdadeiramente pétrea.

- Ah, francamente! Tinhas de ser tu! - disse Sila, irritado. - Se não fossem tipos como tu, Lúcio

Decúmio, eu não teria precisado de invadir Roma! Como pudeste acreditar em toda aquela conversa

fiada sobre a pretensa recuperação de Caio Mário? Ele não está em condições de levar um exército

até Veios, quanto mais até à Ásia Menor!

- Caio Mário está curado - retorquiu Lúcio Decúmio, rebelde, apesar de estar na defensiva. Sila era,

não só o único amigo de Aurélia de quem não gostava, mas também o único homem seu conhecido

de quem tinha medo. Sabia acerca de Sila muitas coisas que Aurélia ignorava; mas quanto mais

sabia, menos vontade tinha de entrar em confidências com quem quer que fosse. Só um parecido

com ele pode saber como ele é, dissera para si mesmo um sem-número de vezes, e juro que Lúcio

Cornélio Sila é tão canalha quanto eu. Com a diferença de que tem possibilidade de fazer canalhices

maiores, e eu sei que as faz.

- O culpado por toda esta confusão não é Lúcio Decúmio! És tu!

- atirou-lhe Aurélia.

- Nunca ouvi maior disparate! - retorquiu Sila. - Não fui *eu* quem começou com isto! Eu estava em Cápua a tratar dos meus assuntos e preparava-me para partir para a Grécia. Os culpados são os

imbecis como Lúcio Decúmio. Os imbecis que se metem em coisas que não conhecem, que se

iludem pensando que os seus heróis são feitos de matéria diferente da nossa, superior à nossa! O teu

amigo Lúcio Decúmio, Aurélia, recrutou muitos dos homens de Sulpício, aqueles homens que

enchiam o Fórum e que fizeram da minha filha uma viúva! E era ele quem conduzia alguns desses

homens quando entrei no Fórum Esquilino com um único desejo, a paz! Não fui eu quem ateou o

fogo! Pelo contrário: não só não o ateei, como ainda por cima me queimei!

Furioso, Lúcio Decúmio pôs-se muito direito e respondeu-lhe imediatamente.

- Eu acredito no Povo! - exclamou, desnorteado.

- Estás a ver? Lá estás tu a dizer imbecilidades tão vazias como a tua cabeça da Quarta Classe! -

atirou-lhe Sila. - ”Eu acredito no Povo”, diz ele! Farias melhor se acreditasses nos teus superiores!



- Lúcio Cornélio, por favor! - pediu Aurélia, o coração batendo apressado, as pernas tremendo. - Se

és superior a Lúcio Decúmio, então porta-te como tal!

- Sim! - exclamou Lúcio Decúmio, recompondo-se porque sentia o apoio de Aurélia, e porque,

perante ela, queria mostrar-se corajoso, ousado. Mas Sila não era nenhum Mário. A natureza

daquele homem deixava Lúcio Decúmio literalmente arrepiado. No entanto, tentou enfrentá-lo. Por

Aurélia. - Tem cuidado, grande e importante *consular* Sila, tem cuidado, porque um dia ainda podes sentir uma faca a rasgar-te as costas!

Os olhos pálidos tornaram-se de repente vítreos, os lábios de Sila separaram-se, descobrindo os

dentes; levantou-se do divã, envolvido por uma aura ameaçadora quase tangível, e avançou na

direcção de Lúcio Decúmio.

Lúcio Decúmio recuou - não por cobardia, mas por superstição, porque receava o contacto com algo

que era tão misterioso quanto terrível.

- Podia esmagar-te como um elefante esmaga um cão - disse Sila, divertido. - Só não o faço porque

está aqui esta senhora. Ela aprecia-te, e tu serve-la bem. Podes ter espetado muitas facas em muitas

costas, Lúcio Decúmio, mas não te iludas! Nem mesmo em sonhos conseguirás matar-me. Mantém-

te longe da minha arena, limita-te a comandar a tua. Agora desaparece!

- Vai-te embora, Lúcio Decúmio! - disse Aurélia. - *Por favor!*

- Não te posso deixar sozinha! Ele é perigoso!

- Ficarei melhor sozinha. Vai-te embora, peço-te. Lúcio Decúmio obedeceu.

- Não precisavas de ser tão duro com ele - disse ela, ofegante. Ele não sabe lidar contigo e, além

disso, por muitos defeitos que tenha, o certo é que é um homem leal e fiel. A devoção que Lúcio

Decúmio mostra em relação a Caio Mário é apenas o resultado do amor que dedica ao meu filho.

Sila sentou-se na beira do divã, sem saber se havia de ficar ou partir.

- Não te zangues comigo, Aurélia. Se te zangas, sou eu quem fica zangado. Concordo, ele não

presta, não merece tanto barulho. Mas Caio Mário também não presta, e *ele* ajudou Caio Mário a pôr-me numa situação que eu não queria, que eu não pedi, que eu não merecia!

905

Ela respirou fundo, exalou lentamente.

- Sim, eu posso entender o que sentes - disse. - Tens alguma razão, relativamente ao que se passou -

acrescentou Aurélia, aquiescendo com a cabeça. - Sim, eu sei que tens alguma razão. Sei que

tentaste tudo para deter o processo legalmente, pacificamente. Mas não censures Caio Mário. A

culpa foi toda de Públio Sulpício.

- O teu raciocínio é especioso, Aurélia - disse Sila, começando a descontrair-se. - Tu és filha de um cônsul e mulher de um pretor. Sabes melhor do que a maior parte das pessoas que Sulpício nunca

poderia ter lançado o seu programa se não contasse com o apoio de uma pessoa muito mais

influente que ele. De uma pessoa como Caio Mário. Sulpício não era um homem influente.

- Era? - perguntou Aurélia rispidamente, de olhos dilatados.

- Sulpício está morto. Foi apanhado há dois dias. Aurélia levou as mãos à boca.

- E Caio Mário?

- Ah, Caio Mário, Caio Mário, sempre Caio Mário! Pensa um pouco, Aurélia, *pensai* Porque

haveria eu de querer ver Caio Mário morto? Achas que ia matar o herói do Povo? Não sou assim tão

louco, Aurélia! Esperemos que o susto que lhe preguei o mantenha fora de Itália enquanto eu estiver

em Itália. E não só para meu bem, mulher. Para o bem de Roma, também. Não podemos permitir

que ele combata Mitridates! - Sila ergueu as mãos, como se fosse um advogado tentando convencer

um júri pouco receptivo. - Aurélia, com certeza que reparaste que Caio Mário, desde que regressou

à vida pública, há exactamente um ano, se tem ligado a homens a quem, nos velhos tempos, nunca

teria dito avé! Todos nós recorremos a agentes, a lacaios, a esbirros, que deveríamos desprezar. Mas

desde que teve a segunda trombose, Caio Mário tem recorrido a gente e a artimanhas que, nos

velhos tempos, teria pura e simplesmente abominado! Eu conheço-me. Sei o que sou capaz de fazer.

E não minto se disser que sou muito mais desonesto e inescrupuloso que Caio Mário. Não só por

causa da vida que tenho levado. Também por causa do tipo de homem que sou. Mas ele *nunca* foi assim! Ele nunca recorreu a homens como Lúcio Decúmio para se ver livre de um cadete que

acusou o filho de assassínio! E nunca recorreu a gente como Lúcio Decúmio para contratar ralé!

Pensa um pouco, Aurélia, por favor! A segunda trombose afectou-lhe gravemente o cérebro!

906

- Nunca devias ter marchado sobre Roma - disse Aurélia.

- Mas diz-me uma coisa: eu tinha outra alternativa? Se houvesse outra alternativa, podes estar certa

de que eu não teria hesitado! A menos que preferisses que eu permanecesse em Cápua, à espera que

deflagrasse uma segunda guerra civil em Roma: Sila contra Mário!

Aurélia empalideceu.

- Uma guerra civil?! Nunca teríamos chegado a esse ponto!

- Ah, eu tinha uma terceira alternativa, sim! Submetia-me às ordens de um tribuno da plebe maníaco

e de um velho demente! Permitia que Caio Mário me fizessse aquilo que fez a Metelo Numídico,

permitia-lhe que usasse a Plebe para me retirar o comando que me foi legalmente confiado! Quando

ele fez isso a Metelo Numídico, Metelo Numídico já não era cônsul! Ao passo que eu era *cônsul.*

Aurélia! E ninguém retira um comando a um cônsul em exercício. Ninguém!

- Sim, estou a entender a tua posição - disse ela, já com cores na cara. Os olhos estavam molhados

de lágrimas. - Eles nunca te perdoarão, Lúcio Cornélio. Tu entraste em Roma com um exército.

Sila resmungou.

- Aurélia, por amor de todos os deuses, não chores! Nunca te vi chorar! Nem no funeral do meu

filho! Se não choraste por ele, então não podes chorar por Roma!

Aurélia tinha a cabeça baixa; as lágrimas não lhe corriam pelas faces, caíam-lhe directamente no

colo, e a luz fazia-lhe brilhar as negras pestanas molhadas.

- É quando estou mais emocionada que não consigo chorar disse ela, limpando o nariz com a mão.

- Não acredito nisso - retorquiu ele, de voz embargada.

Ela ergueu a cabeça. As lágrimas deslizavam-lhe agora pelas faces.

- Eu não estou a chorar por Roma - disse ela, com uma voz rouca, e limpou de novo o nariz. - É por

ti que estou a chorar, Lúcio Cornélio.

Sila levantou-se do divã, deu-lhe o seu lenço e deixou-se estar ao lado dela, afagando-lhe o ombro.

Era melhor que ela não visse a expressão dele.

- Por essas lágrimas, amar-te-ei eternamente - disse ele. Depois, levou a outra mão ao rosto dela,

molhou os dedos nas lágrimas e lambeu-os. - É Fortuna quem manda - disse. - Calhou-me em sorte

o mais terrível de todos os consulados. E a mais terrível de todas as

907

vidas. E eu não sou homem para aceitar a rendição, tal como não sou homem para me preocupar

com os meios que me podem levar à vitória, porque só a vitória me interessa e todos os meios são

bons desde que me permitam vencer. Há muitos que gostariam de ser como eu, mas não o serão. A

raça, esta raça, acabará quando eu morrer. - Sila apertou o ombro de Aurélia. - As tuas lágrimas

tenho-as agora comigo. Em tempos, atirei uma esmeralda valiosíssima para uma sanita porque ela,

para mim, não tinha nenhum valor. Mas as tuas lágrimas, as tuas lágrimas nunca as perderei.

Sila retirou a mão do ombro de Aurélia e encaminhou-se imediatamente para a porta. Orgulhoso,

exaltado, sentindo-se mais rico. Todas as lágrimas que as outras mulheres tinham chorado por ele

eram lágrimas egoístas. Tinham-nas chorado porque os seus corações haviam sofrido rudes golpes.

Nenhuma tinha chorado por causa dele, por causa do seu coração dilacerado. E no entanto Aurélia,

que nunca chorava, tinha chorado por *ele.*

Outro homem talvez se tivesse comovido, talvez tivesse reconsiderado. Mas nunca Sila. Quando

chegou a casa, após um demorado passeio, essa exaltação íntima não aflorava já o pensamento

consciente; depois de um jantar muito agradável com Dalmática, levou-a para a cama, fez amor

com ela e dormiu as suas dez horas habituais - um sono sem sonhos, ou, se os tinha, não se

lembrava deles. Uma hora antes do nascer do dia, levantou-se sem acordar a mulher, e foi para o

escritório tomar o pequeno-almoço. Enquanto comia pão ainda quente com queijo, pôs-se a fitar

com olhar ausente uma caixa que tinha sensivelmente o mesmo tamanho dos seus templos

ancestrais. A caixa estava numa ponta da secretária e continha a cabeça de Públio Sulpício Rufo.

Os outros condenados tinham escapado: só Sila e alguns dos seus colegas sabiam que não tinham

sido desenvolvidos grandes esforços para os capturar. Mas com Sulpício era diferente: Sulpício

tinha de ser castigado. Era absolutamente necessário apanhá-lo.

A travessia do Tibre não passara de um ardil. Ao fim de algum tempo, Sulpício voltara para a

margem de onde fugira; evitara então Ostia e dirigira-se para a pequena cidade portuária de

Laurento, alguns quilómetros a sul de Óstia. Em Laurento, o fugitivo tentara contratar um navio.

Não o chegou a fazer. Os mercenários de Sila mataram-no. Contudo, para receber o dinheiro que

Sila lhes tinha prometido,



esses mercenários teriam de levar-lhe uma prova de que Sulpício estava morto: e essa prova era a

cabeça da vítima. Sila só lhes pagou depois de ver a cabeça.

Antes de deixar Roma no segundo dia de Janeiro, Sila chamou Cina ao Fórum. E aí, presa à parede

dos *rostra,* Cina pôde ver uma lança com a cabeça de Sulpício espetada.

- Repara bem nisto, Lúcio Cina - disse. - Não te esqueças do que estás a ver. Lembra-te da

expressão dele. Diz-se que quando se corta a cabeça a um homem, os olhos dele continuam a ver.

Se nunca acreditaste nesse dito, julgo que passarás a acreditar. Aquele homem viu a sua própria

cabeça cair na poeira do caminho. Lembra-te bem disto, Lúcio Cina. Eu não tenciono morrer no

Oriente. E isso significa que voltarei a Roma. Se adulterares os meus remédios para curar as

doenças de Roma, podes estar certo de que também tu verás a tua cabeça cair na poeira do caminho.

Cina respondeu-lhe com um olhar de desprezo. Uma resposta escusada, pois Sila nem reparou nele;

mal acabou de falar, montou na sua mula e, num instante, desapareceu do Fórum, com o chapéu de

palha na cabeça. Quem o visse, não diria que se tratava de um general. Para Cina, ele era Némesis.

Cina olhou para a cabeça de Sulpício, os olhos muito abertos, o maxilar pendente. O dia mal tinha

nascido; se retirasse a cabeça naquele momento, ninguém a veria.

- Não - disse Cina em voz alta. - Será melhor que fique aqui. Que toda a Roma veja até onde pode ir

o homem que invadiu Roma.

Em Cápua, Sila trancou-se no seu gabinete com Lúculo para estudar a transferência dos seus

soldados para Brundísio. Inicialmente, tinha pensado em seguir de navio a partir de Tarento. Mas

não possuía um número suficiente de navios de transporte. Teriam por isso de ir para Brundísio.

- Tu vais primeiro. Levas toda a cavalaria e duas das cinco legiões

- disse Sila a Lúculo. - Eu irei depois com as outras três. Mas não vais ficar à minha espera do outro lado do mar Jónio. Logo que

desembarques em Elátria ou Buquétio, marchas na direcção de

Dodona. Saqueia todos os templos em Epiro e Acarnânia. Não é grande a fortuna, mas já não é mau.

É pena que os Escordiscos tenham pilhado Dodona há pouco tempo. Contudo, Lúcio Licínio, não

nos podemos



esquecer de que os sacerdotes gregos e epirenses são manhosos. É possível que Dodona tenha

conseguido esconder uma boa parte da sua fortuna quando aqueles bárbaros saquearam o templo.

- De mim não vão conseguir esconder nada - disse Lúculo, sorridente.

- Óptimo! Continuas a tua marcha na direcção de Delfos, e fazes o que tens a fazer. Enquanto eu

não me encontrar contigo, o teatro de guerra será só teu.

- E tu, Lúcio Cornélio? Que vais fazer até lá? - perguntou Lúculo.

- Terei de esperar pelo regresso dos teus navios de transporte em Brundísio, mas antes disso terei de esperar em Cápua até ter a certeza de que as coisas estão calmas em Roma. Não confio em Cina, e

não confio em Sertório.

Como três mil cavalos e mil mulas não constituíam uma presença popular em Cápua, Lúculo

marchou na direcção de Brundísio em meados de Janeiro, apesar de o Inverno estar a aproximar-se

rapidamente e apesar de Lúculo e Sila duvidarem que o primeiro conseguisse fazer-se ao mar antes

de Março ou Abril. Embora precisasse de deixar Cápua urgentemente, Sila ainda hesitava; as

informações que vinham de Roma não eram agradáveis. Soube, em primeiro lugar, que o tribuno da

plebe Marco Virgílio tinha feito um magnífico discurso nos *rostra,* para uma multidão concentrada no Fórum, mas evitara infringir as leis de Sila, recusando-se a considerar aquele acontecimento

como um comício ou assembleia. Virgílio defendera que Sila, que já não era cônsul, fosse destituído

do seu cargo e levado para Roma, pela força, se necessário, a fim de responder pela acusação de

traição, devido ao assassínio de Sulpício e ao degredo ilegal de Caio Mário e mais dezoito homens,

todos eles ainda fugidos.

O discurso não teve qualquer consequência imediata mas, pouco tempo depois, Sila ficou a saber

que Cina estava a tentar obter o apoio de muitos dos senadores menos importantes e que Virgílio e

outro tribuno da plebe, Públio Mágio, tinham apresentado uma moção no Senado, recomendando à

Assembleia das Centúrias que retirasse todo o poder a Sila e o obrigasse a comparecer em tribunal,

sob as acusações de traição e homicídio. O Senado recusou firmemente estas manobras, mas Sila

sabia que elas não anunciavam nada de bom; todos sabiam que ele continuava em Cápua com três

legiões, pelo que era óbvio que tinham concluído que ele não teria coragem para marchar

910

sobre Roma uma segunda vez. Sentiam, enfim, que podiam desafiá-lo impunemente.

No final de Janeiro, Sila recebeu uma carta da filha, Cornélia.

*Pai, encontro-me numa situação desesperada. Falecidos o meu marido e o meu sogro, o novo* paterfamilias -

*o meu cunhado Quinto*

- *comporta-se comigo de uma forma abominável. A mulher dele odeia-me. Quando o meu marido e o meu sogro eram vivos, nada tinha a recear. Agora, porém, Quinto e a sua horrível mulher vivem comigo e com a minha sogra. De acordo com a lei, a casa pertence ao meu filho, mas eles parecem ter-se esquecido disso. A minha sogra, naturalmente, obedece ao seu único filho vivo. E todos se juntam para te acusar de seres o causador de todos os problemas, tanto os deles como os de Roma. Chegam a dizer que mandaste o meu sogro para Úmbria de propósito, porque sabias que iam matá-lo. Em consequência de tudo isto, eu e os meus filhos não dispomos de criados, dão-nos a mesma comida que dão aos criados, e reservaram-nos os piores quartos.*

*Quando me queixo, respondem-me que me vá queixar a ti! Como se eu não tivesse um filho que é herdeiro da maior parte da fortuna do*

*avô! Esta questão da herança, claro, também é causa de fortes ressentimentos.*

*Entretanto, Dalmática propôs-me que fosse viver com ela na vossa casa, mas acho que não posso ir para lá enquanto não tiver a tua autorização.*

*O que eu te queria pedir, pai, mais do que alojamento na tua nova casa, era que me arranjasses outro marido. Se tiveres tempo para pensar no meu caso, claro, e imagino que não terás muito tempo. Para o meu luto terminar faltam ainda sete meses. Até lá, se concordares, ficarei na tua casa, sob a protecção da tua mulher. Mas não quero incomodar Dalmática mais do que esses sete meses. Porque preciso de ter a minha própria casa.*

*Eu não sou como Aurélia, não quero viver sozinha. Também não me atrai o tipo de vida que Élia tem agora e que lhe parece agradar, apesar das tiranias de Márcia. Por favor, pai, ficar-te-ia muito grata se me arranjasses marido! O casamento com o pior dos homens é preferível, de longe, a ter de invadir a casa de outra mulher. Sinceramente.*

*Tirando estes problemas, estou bem, ainda que a tosse não me largue, por causa da frialdade do meu quarto.*

*Os meus filhos, como*



*seria de esperar, também têm tosse. Mas nesta casa pouco se importariam se alguma coisa acontecesse ao meu filho.*

Considerada desapaixonadamente, a queixa de Cornélia Sila pouco pesava no meio de tantos

problemas; no entanto, pesava o suficiente para desequilibrar a perturbada mente de Sila. Antes de

receber a carta, não sabia que caminho deveria seguir. Agora já sabia. Esse caminho, esse percurso,

nada tinha a ver com Cornélia Sila. De qualquer modo, tinha já uma ideia do que havia de fazer a

respeito dela. Com que então aquele novo-rico picentino atrevia-se a perturbar a saúde e a felicidade da *sua* filha! E do filho dela!

Sila enviou imediatamente duas cartas, uma para Metelo Pio, o Bacorinho, ordenando-lhe que se

dirigisse a Cápua e que levasse Mamerco com ele, e a outra para Pompeu Estrabão. A carta para o

Bacorinho resumia-se a duas frases. Pompeu Estrabão teve direito a mais texto.

*Julgo, Cneu Pompeu, que estás perfeitamente a par do que se passa em Roma - das acções imprudentes de Lúcio Cina e do seu grupinho de tribunos da plebe. Creio, meu amigo e colega no Norte, que nos*

*conhecemos suficientemente bem um ao outro (e só lamento que as nossas carreiras nos tenham impedido de manter uma relação de amizade mais próxima) para sabermos que os nossos objectivos e intenções são idênticos. Encontro em ti um conservadorismo e um respeito pelas velhas tradições em que me reconheço inteiramente. Além disso, sei que não nutres qualquer afeição por Caio Mário. Ou por Cina.*

*Se achas realmente que Roma ficaria muito melhor servida se enviasse Caio Mário e as suas legiões para combater o rei Mitridates, então rasga esta carta imediatamente. Mas se preferes ver-me a mim e às minhas legiões enfrentando Mitridates, então prossegue a leitura.*

*Perante a actual situação em Roma, não vejo como poderei lançar-me na aventura que deveria ter iniciado o ano passado, muito antes de o meu consulado ter expirado. Em vez de partir para o Oriente, vejo-me obrigado a permanecer em Cápua com três das minhas legiões para que não me retirem o meu poder, para que não me prendam, para que não me mandem a tribunal pelo crime de ter fortalecido a* mós maiorum.

*Cina, Sertório, Virgílio, Mágio e os outros falam de traição e homicídio, claro.*

912

*Pondo de parte as minhas legiões em Cápua e as duas que se encontram em Esérnia mais a que está em Nola, as tuas legiões são as únicas que restam em Itália. Posso confiar em Quinto Cecília, que está em Esérnia, e em Ápio Cláudio, que está em Nola - eles apoiam-me, apoiaram o que eu fiz quando era cônsul. O*

*que quero saber é se também posso confiar em ti e nas tuas legiões. Pode muito bem acontecer que, depois de eu deixar a Itália, Cina e os seus amigos se sintam livres para fazer o que muito bem entenderem.*

*Gostaria de enfrentar as consequências dessa eventualidade no momento propício. Garanto-te que se regressar vitorioso do Oriente farei com que os meus inimigos paguem caro a afronta.*

*O que me preocupa é a minha actual posição. Preciso de ter tempo suficiente para deixar a Itália e (como tu muito bem sabes) isso pode significar mais quatro ou cinco meses. Os ventos do Adriático e do Jónio, nesta estação, são muito caprichosos, e as tempestades são frequentes. Não posso correr riscos com tropas de que Roma precisará desesperadamente.*

*Cneu Pompeu, serás capaz de cumprir, em meu nome, a tarefa de informar Cina e os seus correlegionários de que eu, Lúcio Cornélio*

*Sila, fui legalmente nomeado para conduzir essa guerra? E que será melhor que não tentem protelar a minha partida? E que, pelo menos por ora, têm de desistir de me perseguir?*

*Peço-te que me consideres teu amigo e colega a todos os níveis, se achas que podes responder-me*

*afirmativamente. Aguardo a tua resposta ansiosamente.*

Sila recebeu a resposta de Pompeu Estrabão ainda antes de os seus lugares-tenentes terem chegado

de Esérnia. A carta de Pompeu Estrabão, escrita numa inenarrável caligrafia, resumia-se a uma

frase:

”Não te preocupes, eu trato de tudo.”

Por isso, quando chegaram a Cápua, o Bacorinho e Mamerco encontraram Sila muito mais

descontraído e alegre do que alguma vez poderiam ter pensado.

- Não se preocupem. Está tudo tratado - disse Sila, com um sorriso de todo o tamanho.

- Tudo tratado? Como é isso possível? - retorquiu Metelo Pio, estupefacto. - Ouvi dizer que te

querem acusar de traição e assassínio!



- Escrevi ao meu grande amigo Cneu Pompeu Estrabão e contei-lhe todos os meus problemas. Ele

diz que trata de tudo.

- Tratará, sem dúvida - disse Mamerco, um sorriso lento a aparecer-lhe nos lábios.

- Ainda bem, Lúcio Cornélio! Que óptima notícia! - exclamou o Bacorinho. - Não é justo que te

tratem assim! Foram muito mais simpáticos com Saturnino! Comportam-se de tal maneira que só

lhes falta dizer que Sulpício era um semi-deus, e não um demagogo! - Fez uma pausa, surpreendido

com a sua inesperada agilidade verbal. Falei bem, não falei?

- Guarda a tua eloquência para o Fórum quando te candidatares ao cargo de cônsul - disse Sila. - Eu

gastei toda a que tinha, e não era muita. A minha instrução nunca passou do nível elementar.

Eram observações daquelas que confundiam Mamerco e que o levavam a insistir junto do

Bacorinho para que lhe contasse tudo o que sabia ou suspeitava acerca da vida de Lúcio Cornélio

Sila. Claro, o Fórum produzia sempre as suas histórias acerca de todos os indivíduos que se

tornavam notáveis fosse por que razão fosse, mas Mamerco não confiava nessas histórias,

considerando-as uma mera invenção de gente que nada tinha que fazer.

- Eles darão cabo das tuas leis logo que deixes a Itália. Que vais fazer quando regressares? -

perguntou Mamerco.

- Enfrentar o problema no momento propício. Nunca antes, claro.

- E *poderás* enfrentá-lo, Lúcio Cornélio? Quer-me parecer que se trata de um beco sem saída.

- Há sempre maneiras de enfrentar os mais difíceis problemas, Mamerco. Mas para já posso dizer-te

que não gastarei o meu tempo livre com vinho e mulheres durante esta campanha! - retorquiu Sila,

sem revelar o mínimo sinal de ansiedade. - Sabes, eu sou um dos protegidos da deusa Fortuna. Ela

*nunca* se esquece de mim.

Começaram então a discutir o rescaldo da guerra em Itália e a firmeza com que os Samnitas

resistiam; controlavam ainda a maior parte do território entre Esérnia e Corfínio, bem como as

cidades de Esérnia e Nola.

- Os Samnitas odiaram Roma durante séculos e não há como eles no que toca a ódios! - disse Sila, e

soltou um suspiro. - Pensava que Esérnia e Nola teriam já capitulado quando eu deixasse a Itália.

Enganei-me. Provavelmente, quando voltar, ainda estarão na posse dos Samnitas. À minha espera,

quem sabe.

- Faremos tudo para que isso não aconteça - retorquiu o Bacorinho. Um criado surgiu nesse

momento, anunciando que o jantar estava

pronto.

Lúcio Cornélio levantou-se e conduziu os amigos à sala de jantar. Enquanto comiam, Sila manteve

uma conversa ligeira, despreocupada; desfrutavam de um luxo que só era permitido a velhos

amigos: cada um tinha um divã seu.

- Nunca recebes a visita de mulheres, Lúcio Cornélio? - perguntou Mamerco, depois de os criados

se terem ido embora.

Sila encolheu os ombros, fez uma careta.

- Em campanha, longe da mulher, é o que queres dizer?

- Sim, em campanha.

- As mulheres só trazem problemas, Mamerco. Por isso a resposta só pode ser negativa - disse Sila,

rindo-se. - Se me perguntaste isso por causa dos teus deveres de custódia em relação a Dalmática,

podes crer que te dei uma resposta sincera.

- Na realidade, fiz-te essa pergunta por mera curiosidade, apenas

- respondeu Mamerco, imperturbável.

Sila arrumou a taça para olhar atentamente para o divã defronte do seu, onde se encontrava

Mamerco reclinado; examinou cuidadosamente o seu convidado - com muito mais cuidado do que

no passado, pois nunca reparara muito nele. Não era nenhum Paris, nenhum Adónis, nenhum

Mémio, isso era evidente. Cabelo escuro cortado muito rente, o que indicava que tinha pouco

volume e deixava o barbeiro desesperado; um rosto de traços muito salientes, com um nariz

achatado; olhos escuros muito fundos; uma bela pele morena, brilhante, e a pele era o que ele tinha

de melhor. Um homem saudável. Mamerco Emílio Lépido Liviano. Capaz de matar Silão num

combate corpo-a-corpo ganhara a *carona cívica* por esse feito. Portanto, um homem corajoso. Não era tão brilhante que pudesse transformar-se num perigo para o Senado, mas também não era

nenhum idiota. De acordo com o Bacorinho, era um indivíduo em quem se podia confiar em

qualquer emergência, ou em situações de comando. Escauro gostara muito dele e nomeara-o, por

isso, executor do seu testamento.

Claro que Mamerco se apercebeu de que estava a ser submetido a um exame minucioso; mas, ao

mesmo tempo, sentiu que aqueles olhos que percorriam tão atentamente o seu corpo eram como os

olhos de um amante que desejava conquistá-lo.

# 915

- Mamerco, és casado, não és? - perguntou Sila. Tal pergunta surpreendeu-o, ao ponto de pestanejar.

- Sim, Lúcio Cornélio, sou casado.

- Tens filhos?

- Uma menina. Tem quatro anos.

- Gostas da tua mulher?

- Não. É uma criatura horrível.

- Já alguma vez pensaste na hipótese de te divorciares?

- Não penso noutra coisa sempre que estou em Roma. Fora de Roma, tento não pensar nela.

- Como se chama ela? De que família é?

- Cláudia. É uma das irmãs do Ápio Cláudio Pulcro que comanda actualmente o cerco a Nola.

- Ah, de facto não foi uma boa escolha, Mamerco! Essa família é muito estranha.

- Estranha? Estranhíssima!

Metelo Pio esquecera-se de se reclinar; estava sentado muito direito, os olhos muito abertos não

largavam Sila.

- A minha filha é agora uma viúva. Ainda não fez vinte anos. Tem dois filhos, uma rapariga e um

rapaz. Alguma vez a viste?

- Não - disse Mamerco, calmamente. - Creio que nunca a vi.

- Como sou pai dela, não posso ser um bom juiz. Mas toda a gente diz que é uma mulher

encantadora - disse Sila, pegando na taça de vinho.

- Encantadora só, Lúcio Cornélio? Ela é absolutamente maravilhosa!

- disse Bácoro, todo ele sorrisos.

- Aí tens uma opinião de fora! - Sila olhou para a taça e depois, com um gesto hábil, derramou as

borras para um prato vazio. - Cinco!

- exclamou, deliciado. - O número cinco é o meu número de sorte.

- Os seus olhos fixaram-se em Mamerco. - Ando à procura de um bom marido para a minha pobre

filha. A família do seu falecido marido faz-lhe a vida negra. Ela tem um dote de quarenta talentos,

ou seja, mais do que é costume; além disso, provou a sua fertilidade, tem um filho varão, ainda é

jovem, é patrícia tanto da parte do pai como da parte da mãe, que era uma Júlia, e possui um

temperamento muito agradável. Quer dizer, também não é o tipo de mulher que deixa que façam

gato sapato de si. Mas dá-se bem com toda a gente. O seu falecido marido, o jovem Quinto Pompeu

Rufo, parecia estar muito apaixonado por ela. Que achas? Estás interessado?

916

- Depende - retorquiu Mamerco, cauteloso. - De que cor são os olhos dela?

- Não sei - disse o pai.

- Azuis. Um azul muito belo, muito brilhante - disse o Bacorinho.

- E o cabelo?

- Ruivo? Castanho? Castanho-arruivado? Não sei - disse o pai.

- O cabelo dela é da cor do céu quando o Sol acaba de se pôr informou o Bacorinho.

- É alta?

- Não sei - retorquiu o pai.

- Chega-te ao nariz - disse o Bacorinho.

- Como é a pele dela?

- Não sei - disse o pai.

- A pele dela é como uma flor muito branca, com seis sardazinhas douradas no nariz - disse o

Bacorinho.

Tanto Sila como Mamerco se viraram para o Bacorinho, de súbito ruborizado.

- Até parece que queres casar com ela, Quinto Cecílio - disse o pai.

- Não! Claro que não! - exclamou o Bacorinho. - Mas um homem tem olhos, não é verdade, Lúcio

Cornélio? Sim, a tua filha é uma criatura absolutamente adorável.

- Então será boa ideia casar-me com ela - disse Mamerco, sorrindo para o seu bom amigo

Bacorinho. - Admiro o teu gosto quanto às mulheres, Quinto Cecílio. Por isso agradeço-te, Lúcio

Cornélio. Considera a tua filha minha futura esposa.

- O luto só termina daqui a sete meses, por isso não há pressas

- disse Sila. - Enquanto durar o luto, Cornélia viverá com Dalmática. Vai visitá-la, Mamerco. Eu

escrevo a contar-lhe tudo.

Quatro dias depois, Sila partiu para Brundísio com três legiões particularmente satisfeitas.

Encontraram Lúculo acampado ainda nos arredores da cidade, sem problema algum no que toca aos

pastos para os cavalos e as mulas, pois muita daquela terra era italiana, e o Inverno mal tinha

começado. O tempo estava húmido e algo tempestuoso, não apresentando portanto as condições

ideais para uma viagem longa; os homens já estavam fartos de esperar: passavam a maior parte do

tempo a jogar. No entanto, com a chegada de Sila, ficaram mais calmos. Era Lúculo que não

suportavam, não Sila. Lúculo não conseguia entender



os legionários e não estava interessado em fazer um esforço para compreender homens que se

encontravam tão abaixo dele na escala social.

Em Março, Lúculo rumou a Corcira. As suas duas legiões e os dois mil cavaleiros encheram todos

os navios que o porto de Brundísio possuía. O que significava que Sila não tinha outra alternativa

senão esperar que os navios regressassem ao seu porto de origem. Porém, no princípio de Maio

(nessa altura os seus duzentos talentos de ouro já tinham desaparecido quase por completo. Sila

atravessou finalmente o Adriático com três legiões e mil mulas.

Sila, que era um bom marinheiro, deixou-se ficar debruçado sobre a amurada da popa do navio,

fitando a ténue mancha que se ia esbatendo lentamente no horizonte. Essa mancha era a Itália. Uma

mancha que finalmente desapareceu: e ele estava livre. Aos cinquenta e três anos, ia enfim para uma

guerra que podia vencer honrosamente, contra um inimigo que de facto era estrangeiro. Glória,

despojos de guerra, batalhas, sangue.

O que tu perdeste, Caio Mário!, pensou Sila, exultante. Esta guerra, não ma podes roubar. Esta

guerra é *minha.*

Foram o jovem Mário e Lúcio Decúmio que levaram Caio Mário para longe do templo de Tellus e o

esconderam na *cella* do templo de Júpiter Estator, situado na Vélia; foram o jovem Mário e Lúcio Decúmio que procuraram depois Públio Sulpício, Marco Letório e os outros nobres que tinham

pegado numa espada para defender Roma; e foram o jovem Mário e Lúcio Decúmio que

conduziram Sulpício e mais nove desses nobres ao templo de Júpiter Estator, pouco tempo depois.

- Estes foram os homens que consegui encontrar, pai - disse o jovem Mário, sentando-se no chão. -

Ouvi dizer que Marco Letório, Públio Cetego e Públio Albinovano foram vistos a passar a Porta

Capena há pouco tempo. Mas não há sinal dos irmãos Grânios. Espero que isso signifique que

deixaram a cidade ainda antes dos outros.

- Que ironia ter de me refugiar num templo dedicado ao deus que detém a retirada dos soldados! -

disse Mário, amargamente, para ninguém em particular. - Aos meus soldados, não houve nada que

os detivesse. Fugiram todos, apesar de todas as minhas promessas.

- Não eram soldados romanos - salientou o jovem Mário.

- Eu sei que não eram!

- Nunca acreditei que Sila chegasse a este ponto - disse Sulpício, respirando como se tivesse corrido várias horas.

- Acreditei eu, desde o encontro que tive com ele em Túsculo, na Via Latina - disse o pretor urbano,

Marco Júnio Bruto.

- Bom, Sila agora é o senhor de Roma - disse o jovem Mário. Que vamos fazer, pai?

Sulpício respondeu, pois detestava a deferência com que toda a gente tratava Caio Mário, o qual,

naquele momento, não passava de um *privatus,* apesar de ter sido cônsul por seis vezes e de o ter ajudado muito a destruir o Senado.

- Vamos para as nossas casas e comportamo-nos como se nada tivesse acontecido - disse ele

firmemente.

Mário virou a cabeça para olhar para Sulpício, incrédulo, mais cansado do que alguma vez estivera,

e horrivelmente consciente de que tinha o braço, a mão e o maxilar esquerdos adormecidos, quase

insensíveis.

- Podem ir para as vossas casas, se quiserem - disse ele. - Mas eu conheço Sila. E sei o que vou

fazer. Vou pôr-me a salvo.

- Acho que estou de acordo contigo - disse Bruto, o tom azul dos seus lábios mais escuro que o

habitual, o peito fazendo um esforço terrível para receber mais ar. - Se ficamos, ele mata-nos. Eu vi a cara dele, em Túsculo.

- Ele não nos pode matar! - disse Sulpício, categórico; Sulpício era muito mais novo que os outros:

recuperara já do susto e da correria.

- Ninguém sabe melhor que Sila que ele é *nefas.* A partir de agora, terá todo o cuidado em só dar passos legais.

- Que disparate, Públio Sulpício! - disse Mário, desdenhosamente.

- Que achas que ele vai fazer? Achas que vai mandar os soldados para a Campânia? Claro que não

vai! Vai manter Roma ocupada pelo seu exército e fazer tudo o que muito bem entender.

- Não ousará! - disse Sulpício, apercebendo-se de que, tal como muitos outros membros do Senado,

também ele não conhecia bem Sila.

Mário encontrou forças para rir.

- Não ousará? Ah, Públio Sulpício, vê se cresces! Sila é capaz de tudo! Ele sempre foi assim. E o

pior é que ousa *depois* de reflectir. Não, ele não nos julgará por traição num tribunal comprado! Sila não é nenhum idiota! Vou dizer-te o que ele fará: levar-nos-á para um local deserto, matar-nos-á e

depois dirá que morremos em batalha!

- Estou de acordo contigo, Caio Mário - disse Lúcio Decúmio. Sila até a mãe era capaz de matar. -

Estremeceu, ergueu o punho direito cerrado à excepção do indicador e do polegar, muito esticados,

como dois cornos. Era esse o gesto que se fazia para afastar o mau-olhado.

- Sila não é como os outros homens.

Os nove fugitivos que menos peso tinham no grupo sentaram-se no chão do templo, assistindo à

discussão dos dirigentes. Todos eles eram membros do Senado ou da *Ordo Equester,* mas nenhum

alcançara ainda uma posição de relevo. Tinham considerado que valia a pena lutar por aquela causa;

agora, porém, depois daquele terrível fracasso, todos se achavam uns loucos. No dia seguinte, todos

voltariam a pôr um ar empertigado, pois todos acreditavam que valia a pena morrer por Roma; mas

ali, no templo de Júpiter Estator, exaustos e desiludidos, todos esperavam que as teses de Mário

vencessem as de Sulpício.

- Se te vais embora, Caio Mário, eu não poderei ficar - disse Sulpício.

- Crê no que te digo: será melhor que te vás embora. Eu, quanto a isso, não tenho dúvidas - disse Mário.

- E tu, Lúcio Decúmio? Que vais fazer? - perguntou o jovem Mário.

- Eu não posso sair de Roma - disse ele, abanando a cabeça. Mas não faz mal! Felizmente para mim, não sou uma pessoa importante! Tenho de cuidar de Aurélia e do jovem César. O marido de Aurélia está com Lúcio Cina, em Alba. E se quiseres, Caio Mário, poderei ajudar a tua mulher.

- Sila confiscar-me-á tudo o que puder - disse Mário, com um sorriso enfatuado. - Ainda bem que tenho dinheiro escondido por todo o lado!

Marco Júnio Bruto levantou-se imediatamente.

- Vou já a casa buscar tudo o que puder. - Olhou, não para Sulpício, mas para Mário. - E para onde iremos?

Vai cada um para seu lado, ou será melhor fugirmos juntos?

- Teremos de deixar a Itália - disse Mário, dando a mão direita ao filho e a esquerda a Lúcio Decúmio; com facilidade, levantou-se.

- Creio que devíamos deixar Roma separadamente e manter-nos separados até estarmos bem longe de Roma.

Depois, será melhor juntarmo-nos. Sugiro que nos encontremos na ilha de Enária dentro de um mês, nos Idos de Dezembro. Não me será difícil localizar Cneu e Quinto Grânio e informá-los acerca do local onde nos reuniremos. Só espero que eles saibam onde estão Cetego, Albinovano e Letório. Depois de chegarmos a

Enária, deixem o caso nas minhas mãos. Arranjarei um navio. De Enária seguiremos para a Sicília, acho que será a melhor solução. O actual governador, Norbano, é meu cliente.

- Mas porquê Enária? - perguntou Sulpício, pouco contente com a decisão de deixarem Roma.

- Porque é uma ilha, porque é pouco procurada, e porque não fica muito longe de Putéolos. Tenho muitos familiares e muito dinheiro em Putéolos - disse Mário. - O meu segundo primo Marco Grânio, que é primo de Cneu e Quinto, por isso acho que eles irão para casa dele, é banqueiro. Depositei no seu banco uma grande parte da minha fortuna em dinheiro. Enquanto nos dirigimos, separadamente, para knária, Lúcio Decúmio irá a Putéolos com uma carta que vou escrever a Marco Grânio. De Putéolos, Grânio mandar-me-á para Enária dinheiro



suficiente para que todos possamos viver decentemente enquanto estivermos longe de Roma. -

Enfiou a mão esquerda na faixa de general, e prosseguiu: - Lúcio Decúmio procurará também os

outros. Seremos vinte, posso garantir-vos. O exílio sai caro. Mas não se preocupem. Eu tenho

dinheiro. Sila não ficará em Roma para sempre. Irá combater Mitridates. Maldito seja! E nós

voltaremos para Roma quando ele estiver já demasiado envolvido nessa guerra para pôr a hipótese

de um regresso a Itália. O meu cliente Lúcio Cina será cônsul no Ano Novo, e ele assegurará o

nosso regresso. Sulpício fitou-o estupefacto.

- Cina é teu cliente?

- Eu tenho clientes por todo o lado, Públio Sulpício. Mesmo nas grandes famílias patrícias -

retorquiu Caio Mário, complacentemente; começava a sentir-se melhor, ou antes, já não sentia o

corpo tão adormecido. Antes de deixar o templo, virou-se para os outros e disse:

- Não percam a coragem! Profetizaram que eu havia de ser cônsul de Roma sete vezes. Por isso, a

minha ausência será apenas temporária. E quando for cônsul pela sétima vez, todos vocês serão

recompensados generosamente.

- Eu não preciso de recompensas, Caio Mário - retorquiu energicamente Sulpício. - Eu faço isto por

Roma, apenas por Roma.

- O que acabas de dizer aplica-se a todos os presentes, Públio Sulpício. Entretanto, será melhor

irmos andando. Sila terá soldados em todas as portas de Roma antes que a noite caia. A nossa

melhor alternativa é a Porta Capena, mas tenham cuidado!

Sulpício e os outros nove desapareceram num ápice pela Clivus Palatinus acima, mas quando Mário

começou a subir a Vélia na direcção do Fórum e da sua casa, Lúcio Decúmio deteve-o.

- Caio Mário, tu e eu vamos imediatamente para a Porta Capena

- disse o homem do bairro de Subura. - O jovem Mário pode ir a casa buscar dinheiro: ele é mais

novo, tem mais pernas que nós. Se ele encontrar soldados na Porta Capena, tentará fugir por outra

porta. Nem que tenha de subir as muralhas! O teu filho poderá escrever a tal carta para o teu primo,

e a tua mulher poderá acrescentar qualquer coisa da lavra dela, para o convencer.

- Júlia! - exclamou Mário, desolado.

- Voltarás a vê-la, tal e qual como tu disseste. A profecia, ha?! Cônsul sete vezes. Voltarás a Roma.

Ela ficará muito menos inquieta

925

se souber que já vais a caminho. Jovem Mário, o teu *tatá* e eu esperaremos por ti entre os túmulos, logo a seguir à porta.

Enquanto o jovem Mário seguia na direcção da sua casa, o pai e Lúcio Decúmio subiram a Clivus

Palatinus. Junto à Porta Mugiónia, meteram pela estreita rua que conduzia às velhas casas de culto

por sobre a Via Triunfal; descendo uma escadaria, deixariam o monte Palatino. Um barulho distante

indicou-lhes que Sila e as suas tropas desciam do Esquilino para o Palus Ceroliae, mas quando

Mário e Decúmio atravessaram a enorme Porta Capena, não havia por perto nenhum soldado. Após

uma breve caminhada, colocaram-se atrás de um túmulo: daí podiam ver a Porta Capena sem serem

perturbados. Nas duas horas seguintes muita gente atravessou aquela porta: nem todos queriam

permanecer numa Roma ocupada por um exército romano.

Finalmente, viram o jovem Mário. Trazia o burro que normalmente era usado para transportar

pesadas cargas de alimentos do mercado ou de lenha do monte Janículo. Com ele, vinha uma

mulher envolvida num manto escuro.

- Júlia! - exclamou Mário, pouco preocupado com a possibilidade de alguém o ver abandonando o

esconderijo.

Mário apressou o passo e ela correu para ele, aconchegou-se a ele, cerrou os olhos quando os braços

dele a apertaram.

-Ah, Caio Mário, eu pensava que te tinha perdido! - disse ela, e ergueu o rosto para receber os

muitos beijos do marido.

Há quantos anos estavam casados? Há muitos. No entanto, continuavam a sentir o mesmo prazer

em beijar-se, mesmo num momento daqueles, ensombrecido pela dor e pela ansiedade.

- Vou ter muitas saudades tuas! - disse ela, procurando não chorar.

- Não estarei fora assim tanto tempo, Júlia.

- Não posso crer que Lúcio Cornélio tenha feito o que fez!

- Se eu estivesse no lugar dele, Júlia, teria feito o mesmo.

- Nunca invadirias Roma com um exército!

- Não estou assim tão certo, Júlia. Para ser justo, tenho de reconhecer que foi um golpe de mestre.

Se ele não tivesse feito isto, estaria acabado. E homens como eu e Lúcio Cornélio não podem

aceitar tal sorte. Felizmente para ele, tinha o exército e a magistratura. Eu não tinha nada disso. Mas se eu estivesse no lugar dele, creio que teria feito exactamente o mesmo. Foi uma decisão brilhante.

E em toda a



história de Roma, só encontro dois homens com coragem para a tomar: eu e Lúcio Cornélio. -

Mário voltou a beijá-la e depois afastou-se dela. - Agora vai para casa, Júlia. E espera pelo meu

regresso. Se Lúcio Cornélio te tirar a casa, vai para casa da tua mãe em Cumas. Marco Grânio tem

muito dinheiro meu, por isso pede-lho se tiveres necessidade disso. Em Roma, entrega-o aos

cuidados de Tito Pompónio. Mas agora vai-te embora, Júlia! Vai-te embora, por favor!

Júlia foi-se embora nesse mesmo instante. Enquanto se afastava, olhou ainda para trás. Mas Mário

tinha-se virado para falar com Lúcio Decúmio. Sentia-se tão orgulhosa! Era assim que um homem

devia proceder! Quando era preciso fazer rapidamente coisas importantes, um homem não devia

perder tempo com a esposa. Estrofantes e seis corpulentos criados esperavam-na junto à porta da

cidade, a fim de a escoltarem até casa; Júlia apressou-se.

- Lúcio Decúmio, vais ter de arranjar cavalos para nós. Claro que para mim não é muito confortável,

mas uma carruagem daria demasiado nas vistas - dizia Mário. Olhou para o filho. - Trouxeste a saca

de ouro das emergências?

- Trouxe. E uma saca de *denarii* de ouro. Tenho aqui a carta para Marco Grânio, Lúcio Decúmio.

- Óptimo. Dá algumas moedas de prata a Lúcio Decúmio.

E foi assim que Caio Mário fugiu de Roma, a cavalo, e com um burro atrás.

- Porque não alugamos um barco para atravessar o rio? Podíamos depois procurar um porto na

Etrúria - disse o jovem Mário.

- Não, nada disso. Creio que é isso o que Públio Sulpício vai fazer. O melhor será irmos para Óstia,

fica mais perto - disse Mário, um pouco mais tranquilo porque já não sentia os membros tão

adormecidos ou já se teria habituado a esse adormecimento?

Ainda não era noite quando chegaram aos arredores de Óstia. Viam-se já as muralhas da cidade.

- Não há guardas nas portas, pai - disse o jovem Mário.

- Nesse caso, vamos entrar na cidade rapidamente, antes que ponham lá os guardas. Vamos até à

zona do cais ver como estão as coisas.

Mário escolheu uma taberna do cais que tinha um ar próspero; enquanto tratava de contratar um

navio, o filho ficava a tomar conta dos cavalos e do burro.

927

Obviamente, Ostia não conhecia ainda as notícias de que Roma caíra, embora toda a gente falasse da histórica marcha de Sila; todos os frequentadores da taberna reconheceram Mário mal ele entrou, mas ninguém agiu como se estivesse perante um fugitivo.

- Tenho de viajar até à Sicília. E estou com alguma pressa - disse Mário, pagando vinho para todos. - Há por acaso algum navio pronto para partir? Um bom navio?

- Posso levar-te no meu. Depende do preço - retorquiu um homem que tinha um ar malicioso. - Públio Múrcio é o meu nome. Um criado teu, Caio Mário.

- Se pudermos partir esta noite, Públio Múrcio, fecho desde já o negócio.

- Posso partir pouco antes da meia-noite - disse Múcio.

- Excelente!

- Preciso que me pagues antecipadamente, Caio Mário.

O jovem Mário entrou pouco depois de o pai ter concluído o negócio com o proprietário do navio. Mário levantou-se, sorriu para os frequentadores da taberna, e apresentou-lhes o filho. Mas logo saiu com ele, encaminhando-se para o cais.

- Tu não vens comigo - disse ele, mal se viu a sós com o filho.

- Quero que vás sozinho para Esérnia. Corres um risco muito maior se vieres comigo. Pega no burro e nos cavalos e dirige-te para Tarracina.

- Pai, porque não vens comigo? Tarracina seria um local mais seguro.

- Estou demasiado doente para ir até tão longe. Embarcarei aqui. Só espero que os ventos ajudem. - Beijou o filho, um beijo breve. Leva o ouro. Deixa-me a prata.

- Metade para cada um, pai. Caso contrário, não levo nada. Mário suspirou.

- Caio Mário Júnior, por que razão não confessaste ao teu próprio pai que mataste Catão? Por que motivo o negaste?

O filho fitou-o, estupefacto.

- Perguntas-me isso agora? É assim tão importante?

- Para mim, é muito importante. Se Fortuna me abandonou, pode muito bem acontecer que nunca mais nos

reencontremos. Diz-me, Porque me mentiste?

O jovem Mário pôs um sorriso triste.

928

- Ora, pai! Nunca se sabe o que tu queres ouvir! É tão simples como isso. As pessoas dizem-te

aquilo que pensam que queres ouvir. É o preço que tens de pagar por seres um Grande Homem!

Pareceu-me que seria mais sensato negar a autoria desse crime, porque pensei que me responderias

com argumentos do domínio da ética. Se era essa a tua ideia, não quererias por certo que eu

admitisse o crime. Se eu o admitisse, com certeza não te oporias ao meu julgamento. Se me

enganei, peço desculpa. Mas tu não me ajudaste nada, porque te fechaste mais do que um caracol

quando o tempo está seco!

- Pensei que te estavas a comportar como um menino mimado!

- Pai! Francamente! - O jovem abanou a cabeça; as lágrimas brilhavam-lhe nos olhos. - O filho de

um homem como tu não pode ser nunca uma criança mimada. Repara que, quer queira quer não,

tenho de estar à tua altura! E tu movimentas-te neste nosso mundo como um Titã e todos nós

desatamos a correr entre os teus pés, preocupados em saber o que é que tu queres, preocupados em

agradar-te. Ninguém te iguala em inteligência ou competência. O teu filho também não.

- Então dá-me outro beijo e vai-te embora. - O abraço desta feita foi mais demorado e sentido;

Mário nunca se tinha apercebido de que o seu amor pelo filho pudesse ser tão grande. - Ah, a

propósito, deixa-me dizer-te que fizeste muito bem.

- Fiz muito bem?

- Fizeste muito bem em matar Catão.

O jovem Mário fez um gesto de reprovação.

- Eu sei! Adeus! Vemo-nos em Enária, nos Idos de Dezembro.

- Caio Mário! Caio Mário! - chamou uma voz impaciente. Mário virou-se para a taberna.

- Se estás pronto, partiremos já - disse Públio Múrcio, denotando ainda impaciência.

Mário suspirou. Dizia-lhe o instinto que aquela viagem seria um fracasso; e com alguma razão, pois

Públio Múrcio era um tolo, e não propriamente um robusto pirata.

No entanto, o navio era razoável: a construção era boa, a embarcação tinha condições para aguentar

o mar, embora Mário não soubesse se aguentaria o mar alto entre a Sicília e a África, caso as coisas

não corressem de feição e tivessem de desembarcar em terras

929

mais longínquas. Mas o maior problema do navio era sem dúvida o capitão, Múrcio, que não fazia

outra coisa senão queixar-se. No entanto, pouco antes da meia-noite, já estavam livres dos bancos

de areia daquele perigoso porto de Óstia. Soprava uma brisa persistente de nordeste, que não lhes

permitia afastarem-se da costa. O navio rangia e andava às voltas sem destino porque Múrcio não

tinha carregado lastro suficiente. Até que acabou por se imobilizar a cerca de duas milhas da costa.

Pelo menos a tripulação ficou contente: ninguém teria de remar mais.

Porém, ao nascer do dia, o vento começou a soprar forte, de sudoeste, empurrando o navio na

direcção de Óstia.

- E esta? - disse Múrcio, irritado. - Com este vento, daqui a pouco estamos de novo em Óstia.

- Há ouro à tua espera se não voltares para Óstia, Públio Múrcio. E mais ouro ainda se rumares a

Esérnia.

Múrcio nada disse. Limitou-se a olhar de soslaio para Caio Mário, como se suspeitasse de qualquer

coisa. Mas Múrcio não podia resistir ao engodo; e por isso os marinheiros, de súbito tão perturbados

quanto o seu capitão, desataram a remar com força logo que a enorme vela quadrada foi encurtada.

Sexto Lucílio, que era primo direito de Pompeu Estrabão, esperava ser eleito tribuno da plebe.

Muito conservador (assim o exigiam as tradições familiares), era com prazer que se imaginava já a

vetar todas as acções dos radicais que com ele seriam eleitos. Mas quando Sila invadiu Roma e se

instalou perto do Palus Ceroliae, Sexto Lucílio, tal como muitos outros, pensou que talvez isso

viesse alterar os seus planos. Não que estivesse contra a acção de Sila; pensava que Mário e

Sulpício mereciam ser estrangulados numa cela do Tuliano - ou, melhor ainda, mereciam ser

atirados da rocha Tarpeia. Ah, que cena maravilhosa! O corpo anafado de Caio Mário voando até

cair com estrondo sobre as rochas pontiagudas do sopé do monte Tarpeio! Caio Mário só podia ser

amado ou odiado, e Sexto Lucílio odiava-o. Se lhe tivessem alguma vez perguntado por que o

odiava, teria respondido que sem Caio Mário não haveria Saturninos nem Sulpícios.

Como seria de esperar, Lucílio manifestou a Sila o seu entusiástico apoio, oferecendo-lhe mesmo os

seus serviços como tribuno da plebe

930

durante o ano que se avizinhava. Pouco tempo depois, Sila esvaziava de significado a Assembleia

da Plebe; e as esperanças de Sexto Lucílio sofriam por isso um rude golpe. A condenação dos

fugitivos fê-lo sentir-se um pouco melhor - até que descobriu que ninguém fazia nada para detê-los.

Só Sulpício não era poupado. Sexto Lucílio não percebia como era aquilo possível, pois, em sua

opinião, Caio Mário era muito pior que Sulpício. Quando se foi queixar a Cévola Pontifex

Maximus, este lançou-lhe um olhar frio, agressivo.

- Faz um esforço para não seres estúpido, Sexto Lucílio! - retorquiu Cévola. - Claro que era

necessário afastar Caio Mário de Roma. Mas és capaz de imaginar que Lúcio Cornélio pretenda

matá-lo? Se todos lamentámos que ele tivesse invadido Roma, como achas que reagiria a maioria do

povo de Roma se Sila matasse Caio Mário, com ou sem sentença de morte? A sentença de morte

deve-se unicamente ao facto de Lúcio Cornélio não ter outra alternativa senão julgar os fugitivos

por *perduellio. E* a condenação por *perduellio* significa a morte! Tudo o que Lúcio Cornélio quer é que Caio Mário não esteja em Roma! Caio Mário é uma instituição, e ninguém no seu juízo mata

uma instituição. Agora desaparece, Sexto Lucílio, e não te atrevas a aborrecer o cônsul com as tuas

imbecilidades!

Sexto Lucílio obedeceu. Não mais procurou Sila. Aliás, tinha compreendido perfeitamente o que

Cévola lhe dissera: ninguém, na posição de Sila, desejaria ser considerado responsável pela morte

de Caio Mário. Mas a verdade é que este fora dado como culpado de *perduellio* pelas Centúrias, e tinha fugido sem que ninguém o perseguisse. Ficara impune! Estava livre! Desde que não entrasse

em Roma ou em qualquer cidade romana importante, podia fazer tudo o que quisesse. Porque sabia

que ninguém se atreveria a executar uma instituição!

Bom, pensou Sexto Lucílio, o problema de Caio Mário é que não contou comigo! Sim, porque eu

acabarei com a tua nefasta carreira! Que maravilha: ficarei na história como o homem que acabou

com a nefasta carreira de Caio Mário!

Sexto Lucílio não perdeu tempo: contratou cinquenta antigos soldados de cavalaria que estavam

com falta de dinheiro - não lhe foi difícil contratá-los pois gente com falta de dinheiro era o que

mais havia em Roma. Depois, ordenou-lhes que procurassem Caio Mário. Executá-lo-iam mal o

encontrassem. *Perduellio.*

931

Entretanto, a Assembleia da Plebe elegeu os seus tribunos. Sexto Lucílio apresentou-se como

candidato e foi eleito, pois a Plebe gostava sempre de ter um ou dois tribunos mais conservadores.

Encorajado pela eleição, apesar de o cargo de tribuno ter perdido muita da sua força, Sexto Lucílio

chamou o chefe das suas tropas e teve uma pequena conversa com ele.

- Eu sou um dos poucos homens desta cidade a quem não falta o dinheiro - disse ele. - Dar-vos-ei

por isso mais mil dinheiros se me trouxerem a cabeça de Caio. A sua cabeça basta!

O chefe das tropas que, por mil dinheiros, teria decapitado toda a sua família, saudou com alegria

aquela recompensa.

- Farei o meu melhor, Sexto Lucílio - retorquiu. - Sei que o velho não está a norte do Tibre. Por

isso, vou começar a procurar no Sul.

Dezasseis dias após ter deixado Óstia, o navio capitaneado por Públio Múrcio cedeu à fúria dos

elementos e aportou a Circeios, cinquenta milhas a sul de Óstia. Os marinheiros estavam exaustos e

havia falta de água.

- Lamento imenso, Caio Mário, mas tem mesmo de ser - disse Públio Múrcio. - Nada podemos fazer

contra um vento de sudoeste.

Não valia a pena protestar. Caio Mário aquiesceu.

- Se não há nada a fazer, paciência. Ficarei a bordo.

Públio Múrcio achou esta resposta muito estranha. Porém, mal desembarcou, compreendeu. Toda a

cidade de Circeios falava dos acontecimentos em Roma e da condenação de Caio Mário por

*perduellio;* fora de Roma, homens como Sulpício eram praticamente desconhecidos, mas Caio

Mário era famoso em todo o lado. O capitão regressou rapidamente ao navio.

Com um ar abatido mas determinado, Múrcio resolveu-se a ter uma conversa com o seu passageiro.

- Lamento, Caio Mário, mas eu sou um homem honrado, tenho o meu negócio e o meu navio, não

posso esquecer-me disso. Nunca fiz contrabando e também não era agora que ia começar. Pago os

meus impostos, não há ninguém em Óstia ou em Putéolos que possa afirmar o contrário. E não

consigo deixar de pensar que este vento desfavorável é uma mensagem dos deuses. Pega nas tuas

coisas e mete-te no teu batel. Só tens de procurar outro navio, nada mais. Não disse a ninguém



que estavas a bordo, mas mais tarde ou mais cedo os marinheiros acabam por falar. Se não quiseres

procurar um navio aqui, poderás fazê-lo em Tarracina ou Caieta.

- Agradeço-te por não me teres traído, Públio Múrcio - disse Mário, afavelmente. - Quanto te devo

pelo teu trabalho?

Múrcio recusou-se a receber mais dinheiro.

- O que me deste em Ostia chega - respondeu. - Mas agora vai-te embora, peço-te!

Com a ajuda de Múrcio e dos dois escravos que tinham ficado a bordo, Mário conseguiu descer ao

batel. Tinha uma expressão derrotada, parecia ter envelhecido muitos anos num instante. Não

trouxera com ele nenhum escravo ou ajudante e Públio Múrcio achava que, naqueles dezasseis dias,

o seu estado de saúde piorara. O capitão não teve coragem de deixar Mário num local onde

pudessem detê-lo e, por isso, conduziu o batel até uma praia a sul de Circeios, e esperou várias

horas até que um dos dois escravos regressasse com um cavalo e alguma comida.

- Lamento imenso - disse Públio Múrcio, com um ar pesaroso, depois de ele e os dois escravos

terem ajudado Mário a subir para a sela. - Gostaria de te ajudar, Caio Mário, mas não ouso -

hesitou, hesitou, até que não aguentou mais. - Foste condenado por atentado contra o Estado.

Matam-te logo que te apanharem.

Mário ficou surpeendido.

- Atentado contra o Estado? *Perduellio.*

- Tu e todos os teus amigos foram julgados nas Centúrias e as Centúrias condenaram-vos.

- As Centúrias! - Mário abanou a cabeça, espantado.

- É melhor ires andando - disse Múrcio. - Boa sorte.

- Terás tu melhor sorte agora que te vês livre da causa dos teus infortúnios! - retorquiu Mário,

partindo logo de seguida na direcção de um bosque.

Fiz bem em deixar Roma, pensou. As Centúrias! Ele está decidido a ver-me morto. E eu que me

censurava por ter deixado Roma. Já estava quase convencido de que Sulpício é que tinha razão.

Agora já é demasiado tarde para voltar, dizia eu para mim mesmo. E afinal eu é que tinha razão!

Nunca me passou pela cabeça que chegassem ao ponto de realizar julgamentos nas Centúrias!

Como conheço Sila, pensava que ele utilizaria outros métodos para nos matar, que o faria

secretamente.

933

Nunca o achei tão louco ao ponto de me levar a tribunal! Que sabe ele que eu não saiba?

Logo que se viu longe de locais povoados, Mário desceu do cavalo

e começou a andar a pé; com a sua doença, montar era uma verdadeira provação, mas o animal sempre servia para levar a sua pequena provisão de ouro e moedas. A que distância estaria de Minturnas? Cerca de quarenta quilómetros, se se mantivesse longe da Via Ápia. Aquela era uma região pantanosa, cheia de mosquitos, mas deserta de gente. Decidira evitar Tarracina pois sabia que o filho ia para lá. Minturnas servia perfeitamente -

uma vasta cidade, calma, próspera, pouco ou nada afectada pela guerra italiana.

A viagem durou quatro dias, quatro dias durante os quais pouco comeu, pois a ração que trouxera acabara já: apenas uma tijela de papas de grão, que lhe oferecera uma velha que vivia sozinha naquele deserto, e algum pão e queijo duro que partilhou com um vagabundo samnita, o qual se ofereceu para os comprar desde que Mário desse o dinheiro. Nem a velha nem o vagabundo lamentaram os seus actos caritativos, pois a ambos Mário deu uma pequena porção de ouro.

O lado esquerdo parecia-lhe agora que pesava como chumbo, algo que tinha de arrastar consigo,

esforçadamente, fosse para onde fosse. Mas Mário não parou enquanto não viu as muralhas de Minturnas.

Porém, quando já estava muito próximo da cidade, viu um corpo de cinquenta homens armados que,

montados nos seus cavalos, seguiam pela Via Ápia. Escondido atrás de uns pinheiros, viu-os entrar na cidade.

Felizmente que o porto de Minturnas ficava fora das muralhas: por isso Mário pôde lá chegar sem que dessem pela sua presença.

Era tempo de se ver livre do cavalo; tirou a saca de ouro e dinheiro e bateu no cavalo para que se fosse embora. Depois, entrou numa pequena taberna.

- Eu sou Caio Mário, condenaram-me por atentado contra o Estado. Alta traição. Nunca me senti tão cansado em toda a minha vida. E preciso de vinho - disse Mário, com uma voz sonora.

Na taberna havia apenas seis ou sete homens. Todos se viraram para Mário, boquiabertos. E, num instante, Caio Mário viu-se rodeado de homens que queriam tocar nele, porque acreditavam que isso lhes traria sorte.

Não, nenhum daqueles homens sentia ódio por ele. Bem Pelo contrário.

934

- Senta-te! Senta-te! - convidou o proprietário, radiante. - És *mesmo* Caio Mário?

- Não correspondo à descrição que dele fazem? Bom, de facto só metade do meu rosto está intacto e

além disso sou mais velho que Cronos, mas mesmo assim não me digam que não me reconhecem!

- Eu conheço Caio Mário e tu és Caio Mário - disse um dos homens. - Vi-te no Fórum Romano

quando defendeste Tito Titínio.

- Vinho. Preciso de vinho - disse Caio Mário.

Deram-lhe uma taça de vinho, e outra, mal ele acabou a primeira. Depois, ofereceram-lhe de comer;

enquanto comia, Mário contou-lhes a história da invasão de Roma por Sila e da sua fuga. Não

precisava de falar das implicações de uma condenação por *perduellio;* toda a gente - Romanos, Latinos, Italianos - sabia o que significava ser condenado por alta traição. Se cumprissem a lei, os

homens da taberna deveriam tê-lo levado imediatamente aos magistrados da cidade, a fim de que

estes ordenassem a sua execução. Aliás, de acordo com a lei, poderiam mesmo executá-lo, ali, na

taberna. Em vez disso, ouviram tudo o que Mário, exausto, lhes quis contar, e depois ajudaram-no a

subir por uma escada pouco segura até uma cama onde Mário pôde dormir um belo sono de dez

horas.

Quando acordou, descobriu que alguém lhe tinha lavado a túnica e o manto e limpo as botas por

dentro e por fora; desde que deixara o navio de Múrcio que Mário não se sentia tão bem.

Quando acabou de descer a escada, olhou à sua volta: a taberna estava cheia de gente.

- Todos te querem ver, Caio Mário - disse o proprietário, aproximando-se dele e pegando-lhe na

mão. - A tua presença é uma honra para todos nós!

- Eu sou um homem condenado, taberneiro. Devo ser procurado por um sem-número de soldados.

Ainda ontem vi um grupo de soldados entrar na vossa cidade.

- Sim, Caio Mário, neste preciso momento encontram-se no Fórum com os *duumviri.* Tal como tu, também eles dormiram um belo sono e agora saíram para a rua, todos muito arrogantes, todos com

um ar muito importante. Meia cidade sabe que tu estás aqui. Mas não te inquietes. Nós não te

entregamos. Nem vamos contar aos *duumviri,* porque os nossos *duumviri* são homens que têm a mania de cumprir escrupulosamente as leis. É preferível que eles não saibam nada. Se



soubessem, era muito provável que mandassem executar-te, ainda que a tarefa não lhes agradasse nada.

- Obrigado - disse Mário afectuosamente.

Um homem baixo e gordo aproximou-se então de Mário, com a mão estendida.

- Eu chamo-me Aulo Belaeus, sou um mercador de Minturnas. Tenho alguns navios. Diz-me o que precisas, Caio Mário. Estou à tua inteira disposição.

- Preciso de um navio que me leve para fora de Itália, para um sítio onde possa refugiar-me - disse Mário.

- Isso é fácil de resolver - retorquiu prontamente Belaeus. - Tenho um navio óptimo ancorado na baía. Logo que acabares de comer, levo-te até ele.

- Tens a certeza de que é assim tão fácil, Aulo Belaeus? Repara que andam atrás de mim. Se me ajudares, porás em perigo a tua vida.

- Estou disposto a correr esse risco - disse Belaeus tranquilamente. Uma hora depois era conduzido num batel até um possante navio

de transporte de cereais, muito mais habituado aos ventos adversos do que o pequeno navio costeiro de Públio Múrcio.

- O meu navio acabou de ser reparado, depois de ter desembarcado em Putéolos a sua carga de cereais

africanos. Tinha pensado regressar nele a África logo que os ventos estivessem de feição - disse Belaeus, ajudando o seu convidado a subir uma escada de madeira que conduzia a bordo. - Tem os porões cheios de vinho de Falerno destinado ao mercado africano. Quer dizer, ao mercado africano que pode pagá-lo. Além disso, tem lastro que chegue e está bem abastecido. Os meus navios estão sempre prontos para partir, porque de um momento para o outro podem surgir ventos favoráveis. - Aulo Balaeus disse tudo isto com um sorriso que revelava uma grande afeição por Caio Mário.

- Não sei como te agradecer. A única coisa que posso fazer é pagar-te bem.

- Levar-te no meu navio é para mim uma honra, Caio Mário. Por favor, não me roubes essa honra tentando pagar-me. Toda a minha vida me lembrarei com orgulho deste episódio: como eu, um mercador de Minturnas, ajudei o grande Caio Mário a fugir aos seus perseguidores.

- E eu ficar-te-ei grato por toda a minha vida, Aulo Belaeus. Belaeus desceu para o seu batel, disse adeus a Mário e regressou à praia.

936

No momento em que pisava terra, chegavam ao cais os cinquenta soldados que, no dia anterior, tinham

entrado na cidade. Ignorando Belaeus (não sabiam que ele era o proprietário do navio que, nesse instante, levantava âncora), os mercenários de Sexto Cecílio olharam para os homens que se encontravam na amurada do navio e identificaram o rosto inconfundível de Caio Mário.

O chefe dos soldados esporeou o cavalo, avançou o mais que pôde e gritou:

- Caio Mário, estás preso! Capitão, não podes dar abrigo a um fugitivo da justiça romana! Em nome do

Senado e do Povo de Roma, ordeno-te que voltes para trás e que me entregues Caio Mário!

No navio, ninguém ligou àquela gritaria; o capitão continuou calmamente a preparar a partida. Mas Mário reparou que os soldados levavam Belaeus.

- Capitão, temos de voltar para trás! - gritou Mário. - O teu patrão foi preso pelos homens que me perseguem.

- Não, Caio Mário, não voltaremos para terra - disse o capitão.

- Aulo Belaeus pode tratar facilmente do seu problema. Além disso, ele deixou-te à minha responsabilidade e deu-me ordens para te levar para onde quisesses. E eu obedeço às ordens dele.

- Vais obedecer às minhas ordens, capitão! Volta para trás!

- Se eu fizesse isso, Caio Mário, nunca mais voltaria a ser capitão de um navio. Aulo Belaeus esventrava-me e das minhas tripas fazia cordame.

- Volta para trás e põe-me num batel! Ouviste? É uma ordem! Já que não me queres levar para o cais da cidade, então leva-me para outro sítio qualquer onde eu tenha possibilidades de prosseguir a minha fuga! -

Mário fitou-o com determinação. - Faz o que te mando, capitão!

Apesar de ter uma opinião contrária, e mais correcta dadas as circunstâncias, o capitão obedeceu; havia na obstinação de Mário algo que indicava de forma clara que ele era um general habituado a ser obedecido. E

todos os homens eram sensíveis a isso.

- Nesse caso, levo-te para as terras pantanosas - disse o infeliz capitão. - Conheço bem a região. Há um caminho seguro até Minturnas. Sugiro que te escondas na cidade até que os soldados se vão embora. Voltarei depois para te levar.

Mário desceu do navio e instalou-se no batel - uma cena que se repetia; desta feita, porém, o batel encontrava-se oculto pelo navio: os



soldados continuavam na praia, gritando que Caio Mário tinha de lhes ser entregue.

Infelizmente para Mário, o chefe dos soldados tinha óptima vista; mal viu o batel rumar a sul, reconheceu a cabeça de Mário entre os seis marinheiros que remavam.

- Depressa! - gritou. - Montem os vossos cavalos! Deixem esse imbecil, ele não é importante! Vamos seguir aquele barco por terra.

A tarefa não era difícil, pois havia um caminho paralelo à baía e que atravessava os pântanos salgados da foz do ribeiro Líris; os soldados ganharam rapidamente terreno ao batel.

- Continuem! Temos de apanhar o velho patife!

Os homens de Sexto Lucílio apanharam-no de facto passadas duas horas, e mesmo a tempo. Mário tinha

despido a roupa e flutuava num mar de lama escura que lhe dava pela cintura. Estava exausto e corria o risco de se afogar naquele pântano. Retirá-lo não foi tarefa fácil, mas havia muitas mãos desejosas de ajudar e as terras lamacentas acabaram por perder aquela vítima. Um dos soldados tirou o manto e fez tenção de cobrir Mário, mas o chefe deteve-o.

- O velho aleijado que vá nu! Que Minturnas veja esta beleza de homem! Toda a cidade sabia que ele estava cá. Vão pagar por lhe terem dado abrigo.

E assim o velho aleijado seguiu para Minturnas, nu, no meio dos soldados, tropeçando, coxeando, caindo; e os soldados pouco se preocuparam com o facto de aquela ser uma longa caminhada. Quando já estavam perto da cidade, o chefe começou a chamar pelos seus habitantes, para que viessem ver o fugitivo que tinham

capturado: Caio Mário! Sim, Caio Mário, que muito em breve ficaria sem cabeça no Fórum de Minturnas.

- Venham todos! Venham todos! - gritava o chefe.

A meio da tarde, os soldados encaminharam-se para o Fórum, acompanhados por quase todos os habitantes de Minturnas, demasiado espantados, demasiado pasmados para protestarem contra a forma como Caio Mário

estava a ser tratado, e sabedores de que ele fora condenado por alta traição. No entanto, lentamente, uma raiva surda foi crescendo naquela gente - Caio Mário condenado por alta traição? Mas isso era impossível! Caio Mário nunca poderia ter cometido um tal crime!

Os dois magistrados supremos da cidade aguardavam ao fundo da escadaria do edifício do governo da cidade, rodeados por um grupo de



guardas, chamados à pressa para que aqueles arrogantes romanos vissem que Minturnas não era

uma presa assim tão fácil, que Minturnas era capaz de combater, caso fosse necessário.

- Apanhámos Caio Mário quando ele se preparava para fugir num navio de Minturnas - disse o

chefe das tropas. - Minturnas sabia que ele estava cá e Minturnas ajudou-o.

- Minturnas não pode ser responsabilizada pelos actos de alguns dos seus habitantes - respondeu

firmemente o magistrado mais velho.

- No entanto, agora já têm o vosso prisioneiro. Sugiro que se vão embora e que o levem com vocês.

- Ah, mas eu não quero levá-lo *todo!* - disse o chefe, com um sorriso de todo o tamanho. - Só quero a cabeça dele! Vocês podem ficar com o resto. Há ali uma pedra que serve perfeitamente. Basta

colocar lá a cabeça dele e num segundo está tudo feito.

A multidão ficou espantada com aquelas palavras; ouviam-se já murmúrios de descontentamento.

Quanto aos dois magistrados, a sua expressão era severa; e os guardas, não paravam quietos.

- Com que autoridade vão executar no Fórum de Minturnas um homem que foi cônsul de Roma por

seis vezes, um herói? - perguntou o *duumvir* mais velho. Fitou o chefe e os soldados de alto a baixo, decidido a retribuir-lhes a arrogância com que o tinham tratado. Vocês não parecem pertencer à

cavalaria romana. Como posso saber que são soldados da cavalaria romana, conforme dizem?

- Fomos contratados especificamente para esta missão - disse o chefe, cada vez mais inquieto com

as expressões dos populares e com os guardas, que não largavam as espadas.

- Contratados por quem? Pelo Senado e pelo Povo de Roma? perguntou o *duumvir,* no tom de um

advogado.

- Precisamente.

- Não acredito. Quero provas.

- Este homem foi condenado por *perduellio!* Sabes perfeitamente o que isso significa, *duumvir.*

Significa a sua execução em qualquer comunidade romana ou latina. Não estou autorizado a levá-lo

vivo para Roma. As minhas ordens são para levar para Roma apenas a sua cabeça.

- Nesse caso - ripostou calmamente o magistrado mais velho terão de combater contra Minturnas.

Nós não somos bárbaros. Um cidadão romano com o valor que tem Caio Mário nunca será

decapitado em Minturnas como se fosse um escravo ou um *peregrinus.*

939

- Se quisermos ser rigorosos, ele não pode ser considerado um cidadão romano! - replicou, furioso, o chefe. -

Mas, muito bem! Se querem o trabalho bem feito, então sugiro que o façam vocês mesmos! Eu irei a Roma buscar todas as provas de que precisas, *duumvir!* Estarei de volta dentro de três dias. Espero que entretanto executem Caio Mário, pois caso contrário toda a cidade terá de responder perante o Senado e o Povo de Roma. E dentro de três dias levarei a cabeça de Caio Mário, conforme me ordenaram.

Enquanto o *duumvir* e o chefe dos soldados discutiam, Caio Mário permaneceu quieto e calado no meio dos mercenários de Lucílio, o corpo trôpego, exausto, uma aparição medonha que comovera muita daquela gente.

Furioso por não poder acabar com aquela história imediatamente, um dos soldados pegou na espada e fez tenção de desferir um golpe mortal no velho general. Mas a multidão foi mais rápida do que ele e, num instante, rodeou o fugitivo, pronta a defendê-lo e a lutar. Tal como os guardas dos magistrados.

- Minturnas há-de pagar por isto! - rosnou o chefe.

- Minturnas executará o prisioneiro de acordo com a sua *dignitas* e *auctoritas.* - ripostou o magistrado mais velho. - Agora desapareçam!

- Um momento! - gritou uma voz rouca. Caio Mário avançou do meio dos seus defensores minturnenses. -

Vocês podem enganar esta boa gente, mas a mim não me enganam! Roma não tem cavalaria para perseguir

homens condenados, e o Senado e o Povo nunca contrataram cavaleiros para tais missões. Isso só pode ter sido obra de um indivíduo. Quem vos contratou?

A voz de Caio Mário evocava de tal forma as batalhas de outros tempos, a sua longa carreira de general, que a língua do chefe foi mais rápida do que a sua prudência.

- Sexto Lucílio - respondeu ele imediatamente.

- Obrigado! - disse Mário. - Não me esquecerei.

- Vai-te lixar, velho de uma figa! - retorquiu com desprezo o chefe, obrigando o cavalo a dar meia volta. -

Deste-me a tua palavra, magistrado! Quando voltar, quero ver Caio Mário morto e a sua cabeça pronta para ser espetada numa lança!

Logo que os soldados desapareceram, o *duumvir* chamou os guardas.

- Prendam Caio Mário - disse-lhes.

Os guardas foram então buscar Mário e conduziram-no gentilmente para uma cela que ficava sob o pódio do templo de Júpiter Optimus

940

Maximus, uma cela que normalmente era usada para algum bêbedo mais violento ou algum louco até ser

levado para algum hospício.

Logo que Mário foi preso, os populares, subitamente, desataram a falar entre si; ninguém arredava pé: quando muito, enfiavam-se nas tabernas da praça. E Aulo Belaeus, que assistira a toda a cena, começou a andar de grupo em grupo, falando com todos, e com alguma urgência.

Minturnas possuía vários escravos públicos, mas entre eles havia um que se revelara de uma utilidade

extrema. A cidade tinha-o comprado, dois anos antes, a um mercador itinerante, e não estava nada

arrependida de ter pago por ele a elevada maquia de cinco mil *denarii.* Agora com vinte anos, esse escravo era um germano da nação címbrica, um verdadeiro gigante que dava pelo nome de Burgundo. Os homens mais

altos de Minturnas davam-lhe pelo pescoço e, além disso, possuía uns músculos poderosos e uma força que não era minimamente suavizada pelo engenho intelectual ou pela sensibilidade - o que não admirava, pois Burgundo tinha seis anos quando fora capturado logo a seguir à batalha de Vercelas e vivera desde então a mesma vida

de qualquer escravo bárbaro. Não lhe estavam destinados os ganhos e os privilégios do grego instruído que se vendia a si mesmo como escravo porque a escravatura acrescia as suas possibilidades de prosperidade; Burgundo recebia uma miséria, vivia numa barraca de madeira num extremo da cidade, e

acreditava que tinha sido visitado pelo carro mágico da deusa Nerto quando uma desconhecida se meteu na sua pobre casa, movida unicamente pelo desejo de saber que espécie de amante era o gigante bárbaro.

Burgundo nunca pensara fugir, nem lamentava a sua sorte; pelo contrário, gostava da vida que levava em Minturnas, onde se sentia importante e apreciado. Tinham-lhe dado a entender que na devida altura seria aumentado e que o autorizariam a casar e a ter filhos. E se continuasse a trabalhar bem, os seus filhos já não seriam escravos.

Os outros escravos públicos trabalhavam nos jardins e na limpeza das ruas, pintavam, ou dedicavam-se à limpeza dos edifícios ou a outras tarefas de manutenção. Burgundo executava todos os trabalhos pesados ou aquelas tarefas que exigiam uma força maior que o normal. Era Burgundo que desobstruía os esgotos da

cidade quando eles ficavam bloqueados devido às cheias, era Burgundo que retirava as carcaças de cavalos, burros ou outros grandes animais de locais onde



não convinha que estivessem, era Burgundo que abatia árvores consideradas perigosas, que perseguia um cão selvagem ou cavava valas sozinho. Como todas as criaturas de estatura invulgarmente grande, o germano era um homem afável e dócil, consciente da sua força e, por isso, sem necessidade de prová-la; consciente também de que se batesse em alguém, mesmo que numa brincadeira, arriscava-se a matar essa pessoa.

Desenvolvera por isso uma técnica que o ajudava a lidar com marinheiros bêbedos ou outros homens mais agressivos, e exibia algumas cicatrizes por causa da sua paciência - mas a verdade é que, com tudo isso, conquistara uma invejável reputação na cidade.

Obrigados pelas circunstâncias a executar a detestável tarefa de decapitar Caio Mário e decididos a cumprir o seu dever o mais escrupulosamente possível (e também conscientes de que, ao cumprirem o seu dever,

ganhariam a inimizade da população), os magistrados mandaram imediatamente chamar Burgundo, o escravo para todo o serviço.

Burgundo não assistira aos acontecimentos ocorridos nesse dia, pois tinha estado a reunir umas pedras enormes junto às muralhas que davam para a Via Ápia; essas pedras destinavam-se à reparação da estrada.

Um outro escravo foi chamá-lo e Burgundo, com a sua passada larga e lenta, encaminhou-se na direcção do Fórum; para o acompanharem, os outros escravos públicos quase tinham de correr.

O magistrado mais velho estava à espera dele numa ruela que conduzia ao edifício do governo da cidade e ao templo de Júpiter Optimus Maximus; se queria evitar a revolta do povo, teria de executar Caio Mário

rapidamente e longe dos olhos da multidão reunida no Fórum.

- Ah, Burgundo, és mesmo o homem de que preciso! - disse o *duumvir* (cujo colega, um homem menos corajoso, desaparecera misteriosamente). - Na *cella* sob o nosso Capitólio está um prisioneiro.

- Virou-lhe as costas e acrescentou, num tom despreocupado: - Vais estrangulá-lo. Ele é um traidor e foi condenado à morte.

O germano ficou muito quieto e depois ergueu as mãos e olhou para elas, para aquelas mãos enormes, com assombro; era a primeira vez que o mandavam matar um homem. Matar um homem com aquelas mãos. Para

ele, seria tão fácil como torcer um pescoço a uma galinha. Evidentemente, Burgundo tinha de fazer o que lhe ordenavam; mas nem por isso deixava de sentir que as perspectivas de uma vida agradável



como a que, até então, tinha levado em Minturnas, poderiam esfumar-se por completo. Sim, porque ele

passaria a ser o carrasco da cidade; e, sendo o carrasco da cidade, acabaria por ter de executar todas as tarefas mais abomináveis. Horrorizado, deixou que os seus olhos azuis, habitualmente plácidos, atentassem na *cella.*

Sim, era ali que se encontrava o prisioneiro que tinha de estrangular. Pelos vistos, um prisioneiro muito importante. Seria um dos dirigentes italianos durante a guerra?

Burgundo respirou fundo e encaminhou-se para o pódio do templo, onde ficava a porta para o pequeno

labirinto subterrâneo. Para entrar, teve de se dobrar todo. Deu consigo num corredor de pedra muito estreito, ao longo do qual se viam várias portas; ao fundo desse corredor, havia uma grad de ferro que tapava uma abertura por onde entrava alguma luz. Neste local sombrio, eram guardados os arquivos da cidade, as leis e os estatutos locais, o tesouro; a primeira porta à esquerda era a da cela onde ficavam os raros homens ou mulheres que os *duumviri* mandavam prender.

Feita de carvalho, e com três dedos de espessura, esta porta era ainda mais pequena que a da entrada; Burgundo abriu a porta, agachou-se e, com muita dificuldade, introduziu-se na cela. Tal como o corredor, também a cela tinha uma pequena abertura com uma grade, por onde entrava escassa luz. Burgundo quase não via nada: os seus olhos não estavam habituados a ambientes tão sombrios.

Endireitando-se o mais que podia, o gigante germano distinguiu uma massa negro-acinzentada, com a vaga forma de um homem; um homem que logo se levantou e enfrentou o seu carrasco.

- Que pretendes, homem? - perguntou o prisioneiro bem alto, com uma voz cheia de autoridade.

- Mandaram-me estrangular-te - retorquiu simplesmente Burgundo.

- Tu és um germano! - atirou-lhe o prisioneiro. - De que tribo? Vá, *responde-me,* meu grande idiota!

Burgundo hesitou em responder porque conseguia ver já os olhos do prisioneiro: e que olhar aquele - um olhar feroz, faiscante, um olhar como ele nunca vira!

- Eu pertenço à tribo dos Cimbros, *domine.*

Ao ouvir aquilo, o prisioneiro, com o seu corpo nu, pareceu agigantar-se.

- O quê? Um escravo, de uma nação que eu derrotei, ousa imaginar que pode matar *Caio Mário!*

943

Burgundo recuou imediatamente, choramingando, tapando a cara com as mãos.

- Sai já daqui! - atroou a voz do prisioneiro. - Não é numa cela miserável e às mãos de um germano que vou morrer!

Choroso, Burgundo fugiu a toda a pressa, deixando a porta da cela e a porta da entrada entreabertas. Confuso, desatou a correr na direcção do Fórum.

- Não! Não! - gritava para a multidão que se encontrava na praça, o rosto molhado das lágrimas. - Eu não posso matar Caio Mário! Eu não posso matar Caio Mário! Eu não posso matar Caio Mário!

Aulo Belaeus correu ao encontro dele, agarrou-lhe gentilmente nas mãos que, nervosamente, se contorciam.

- Mas o que é isso, Burgundo, ninguém te vai exigir que mates Caio Mário! Vá, pára de chorar! Isso! Já chega de lágrimas...

- Eu não posso matar Caio Mário! - repetiu Burgundo, limpando o nariz com o braço, pois Belaeus ainda lhe segurava nas mãos. - Eu não posso matá-lo e não vou deixar que o matem!

- Ninguém vai matar Caio Mário - retorquiu firmemente Belaeus.

- Foi tudo um mal-entendido. Agora acalma-te e faz alguma coisa de útil. Vai ter com Marco Fúrio e pede-lhe vinho e a roupa que ele traz vestida. Depois, leva esse vinho e a roupa a Caio Mário. Finalmente, leva Caio Mário para a minha casa e espera por mim.

Como uma criança, o gigante acalmou-se, sorriu muito alegre para Aulo Belaeus e correu a fazer o que lhe mandavam.

Belaeus virou-se então para a multidão. Os seus olhos não largavam os *duumviri,* que vinham a correr na direcção do Fórum.

- Muito bem, cidadãos de Minturnas, vão permitir que a nossa querida cidade cumpra a detestável missão de executar Caio Mário?

- Aulo Belaeus, temos de executá-lo! - disse o magistrado mais velho, ofegante. - É alta traição!

- Pouco me importa que ele tenha cometido todos os crimes previstos pela lei! - replicou Aulo Belaeus. - O

que eu sei é que Minturnas não pode executar Caio Mário!

A multidão manifestava-se claramente a favor de Aulo Belaeus e, por isso, os magistrados resolveram realizar ali mesmo uma assembleia para discutir a questão. O resultado foi o que se esperava: Caio Mário devia ser libertado. Minturnas não podia ser responsável pela morte de um homem que fora cônsul de Roma seis vezes e que salvara a Itália dos Germanos.

944

- É com todo o prazer que te anuncio que te conduzirei de novo ao meu navio, e que a cidade de Minturnas, incluindo os seus tacanhos magistrados, te deseja os melhores votos de êxito - disse Aulo Belaeus, algum tempo depois, a Caio Mário. - E desta vez o navio seguirá o seu rumo e tu não voltarás à praia.

Depois de ter tomado um banho e comido, Mário sentia-se muito melhor.

- Tenho sido muito bem tratado desde que fugi de Roma, mas nenhuma gente me tratou melhor que a de

Minturnas, Aulo Belaeus. Nunca esquecerei esta cidade. - Virou-se para Burgundo e esboçou um sorriso, o melhor sorriso que o seu rosto paralisado podia produzir.

- Tal como nunca esquecerei que foi um germano que me poupou a vida. Obrigado, Burgundo.

Belaeus levantou-se.

- Gostaria muito que me concedesses a honra de permanecer mais tempo em minha casa, mas não ficarei

descansado enquanto não vir o navio longe da nossa baía. Deixa-me levar-te ao cais imediatamente, Caio Mário. Podes dormir a bordo.

A maior parte dos habitantes da cidade estava à espera deles na rua, para os acompanhar ao porto. Mal viram Caio Mário, desataram aos vivas. Caio Mário agradeceu-lhes com régia dignidade. Depois, todos se dirigiram para o porto, com os corações mais leves e sentindo-se as pessoas mais importantes do mundo. No cais, Mário abraçou Aulo Belaeus à frente de toda aquela gente.

- O teu dinheiro continua a bordo - disse Belaeus, de lágrimas nos olhos. - Mandei algumas peças de roupa para tu vestires. Ah, e um vinho muito melhor do que o meu capitão costuma beber! Contigo irá também o escravo Burgundo, já que não tens ninguém ao teu serviço. A cidade está com receio de que ele permaneça cá, pois se os soldados voltarem há sempre a possibilidade de algum imbecil dar com a língua nos dentes.

Burgundo não merece morrer. Por isso, comprei-o para ti.

- É com muito prazer que aceito Burgundo, Aulo Belaeus. E quanto aos soldados, não te preocupes. Eu sei quem os contratou: um homem sem autoridade nem influência, um homem cujo único objectivo é conquistar alguma reputação seja de que maneira for. De início, suspeitei de Lúcio Sila. E se isso fosse verdade, o caso seria muito mais grave. Mas se o cônsul mandou tropas atrás de mim, a verdade



é que elas ainda não chegaram a Minturnas. Aqueles tipos foram contratados por um *privatus* que quer alcançar a glória mesmo que isso signifique a minha morte. Mas Sexto Lucílio há-de pagá-las!

- O meu navio é teu até que possas voltar para Roma - disse Belaeus. - O capitão sabe disso. Felizmente que a sua carga é vinho de Falerno: quanto mais tempo demorar a descarregá-lo melhor ficará o vinho. Que tudo corra bem, Caio Mário!

- Que tudo te corra bem também a ti, Aulo Belaeus. Nunca te esquecerei! - disse Caio Mário.

E finalmente a excitação e o frenesim daquele dia chegavam ao seu termo; os homens e as mulheres de

Minturnas deixaram-se ficar no cais até que o navio desapareceu no horizonte; depois, regressaram às suas casas com o sentimento de que tinham ganho uma grande guerra. Aulo Belaeus foi o último a ir para casa.

Sozinho, sorria para si mesmo: tinha tido uma ideia maravilhosa. Contrataria o maior pintor de murais de toda a península e pedir-lhe-ia que retratasse o episódio vivido por Caio Mário em Minturnas. Essas pinturas adornariam o novo templo de Maricá. No fim de contas, Maricá era a deusa do mar que dera à luz Latino -

cuja filha, Lavínia, tinha casado com Eneias, tendo desta união nascido Júlio: por isso Maricá tinha um significado muito especial para Caio Mário, pois estava casado com uma Júlia. Maricá era também a deusa protectora da cidade. Minturnas nunca tinha realizado um feito tão importante como aquele: recusara-se a matar Caio Mário! E, no futuro, toda a Itália ficaria a saber do sucedido, graças aos frescos do templo de Maricá.

A partir daí, Caio Mário não mais voltou a correr perigo de vida, por muito longas e cansativas que fossem as suas viagens. Em Enária, reuniram-se dezanove fugitivos. Esperaram em vão por Públio Sulpício. Ao fim de oito dias, chegaram à triste conclusão de que o tribuno da plebe não viria, e fizeram-se ao mar sem ele.

Enfrentaram então o mar Toscano e só viram terra quando chegaram à ponta noroeste da Sicília, mais

exactamente ao porto piscatório de Ericina.

Mário tinha a esperança de poder ficar na Sicília, pois não queria afastar-se da Itália mais do que precisava; embora, tendo em conta todas as provações por que passara, estivesse fisicamente bem, mesmo ele tinha consciência de que o seu cérebro já não funcionava com a perfeição de outros tempos. Esquecia-se de coisas e, por vezes, as



palavras que lhe diziam soavam-lhe como a estranha algaraviada dos Citas ou Sármatas; dava por cheiros inidentificáveis mas repulsivos, e a sua visão era por vezes perturbada por algo que se assemelhava a redes de pesca; outras vezes, acontecia-lhe ficar insuportavelmente quente, ou dava consigo a perguntar onde estava; perdia facilmente a paciência, andava ansioso, imaginava desfeitas e insultos.

- Não se sabe ao certo qual o órgão que nos permite pensar. Dizem alguns que é no peito que ele se encontra, mas Hipócrates afirma que é a cabeça a sede do pensamento. E eu acredito que seja a cabeça, pois penso com os meus olhos e ouvidos e nariz; por isso é natural que os olhos, os ouvidos, o nariz, se encontrem perto da sede do pensamento, ou seja da cabeça - discorria Mário certo dia perante o filho, enquanto aguardavam em Ericina uma resposta do governador. De súbito, a sua voz esbatera-se. Franziu muito as sobrancelhas, e, com um esgar, prosseguiu: - Deixa-me voltar ao princípio... Há qualquer coisa que me vem afectando lentamente a cabeça, meu filho. Lembro-me ainda de livros inteiros, e quando faço um esforço, *consigo* conduzir correctamente o meu pensamento: presido a assembleias, enfim, posso fazer tudo o que fazia noutros tempos.

Mas nem sempre. E a coisa está a mudar de uma forma que não entendo. Às vezes, nem me dou conta dessas mudanças... Desculpa-me estas expressões vagas, estes parênteses. Preciso de conservar a minha força mental porque um dia voltarei a ser cônsul. Pela sétima vez. Marta disse que eu seria cônsul sete vezes, e Marta nunca se enganou. Nunca se enganou... Já te tinha dito isto, não tinha?

O jovem Mário engoliu em seco. Fez um esforço para responder ao pai.

- Sim, já mo tinhas dito. Muitas vezes.

- E alguma vez te disse que ela profetizou algo mais?

Os olhos cinzentos do jovem fixaram o rosto marcado e contorcido do pai. Suspirou brandamente,

perguntando-se se a mente de Mário caíra de novo nalguma fantasia, ou se aquele era ainda um período de lucidez.

- Não, pai, nunca me disseste.

- Pois profetizou. Marta disse-me que eu não seria o maior homem que Roma alguma vez teve. Sabes quem é que será esse homem, de acordo com a profecia de Marta?

- Não, pai. Mas gostaria de saber. - O filho de Mário sabia que esse homem não seria ele: não nutria a mínima esperança quanto a



isso. O filho de um Grande Homem teria forçosamente de ter uma consciência exagerada das suas

fraquezas.

- Marta disse-me que esse homem seria o jovem César.

- *Edepoll*

Mário meneou-se, soltou um risinho nervoso.

- Ah, não te preocupes, meu filho! Isso não acontecerá! Eu não deixarei que ninguém me supere! É

por isso que vou atirar a estrela do jovem César para o fundo do mais fundo dos mares!

O jovem Mário levantou-se.

- Estás cansado, pai. Já me apercebi de que os teus problemas pioram muito quando estás cansado.

Anda, vamos para casa. Precisas de dormir, de descansar.

O governador da Sicília era Caio Norbano, um cliente de Caio Mário. Nessa altura, encontrava-se

em Messina, enfrentando uma invasão conduzida por Marco Lampónio e uma força de rebeldes da

Lucânia e do Brútio. O mensageiro de Mário deslocou-se tão rapidamente quanto possível a

Messina e, passados treze dias, regressava com a resposta do governador.

*Embora tenha plena consciência das minhas obrigações como teu cliente, devo acentuar, Caio Mário, que também sou governador* propraetore *de uma província romana. Manda a honra que ponha as minhas obrigações perante Roma à frente das obrigações que devo ao meu patrono. A tua carta chegou depois de ter recebido uma directiva oficial do Senado, informando-me de que não posso oferecer qualquer género de ajuda aos fugitivos. Tenho, aliás, instruções no sentido de vos perseguir e, se possível, de vos matar.*

*Claro que não poderei cumprir essas instruções; o que posso fazer é ordenar ao teu navio que abandone as águas sicilianas.*

*Em privado, só posso desejar que tudo te corra bem, e esperar que encontres refúgio e segurança, embora duvide que consigas encontrá-los em território romano. Devo ainda informar-te de que Públio Sulpício foi detido em Laurento. A cabeça dele adorna agora os* rostra *de Roma. Uma acção miserável, sem dúvida. Mas compreenderás melhor a minha posição quando te disser que foi o próprio Lúcio Cornélio Sila quem espetou a cabeça de Sulpício numa lança e a levou, como um troféu, para os* rostra. *Sim, foi ele próprio*
948

*que levou a lança com a cabeça. Não mandou ninguém fazer isso por ele.*

- Pobre Sulpício! - disse Mário, reprimindo as lágrimas. Mas logo a seguir pôs-se muito direito e disse: -

Muito bem! Vamos em frente! Veremos como nos recebe a Província africana.

Mas em África também não puderam desembarcar; o governador Públio Sextílio recebera também ordens, e

não podia fazer outra coisa senão ordenar-lhes que procurassem outras terras antes que se visse obrigado a cumprir o seu dever.

Da província de África seguiram para Rusicade, o porto que servia Cirta, capital da Numídia. Era o rei Hiempsal quem governava agora a Numídia; era um homem muito mais afável e generoso que o pai, Gauda.

Quando recebeu a carta de Mário, o rei encontrava-se na sua corte de Cirta, não muito longe de Rusicade.

Confrontado com o maior dilema que o seu reinado alguma vez tivera de resolver, Hiempsal hesitou durante algum tempo - Caio Mário tinha sentado o seu pai no trono, mas, se desse guarida a Caio Mário, podia muito bem acontecer que ele, Hiempsal, não voltasse a sentar-se no trono da Numídia.

Ao fim de alguns dias de reflexão, mudou-se, com parte da sua corte, para Icósio, cidade já bastante longe da província romana, e mandou dizer a Caio Mário e aos seus colegas que se dirigissem para lá. Mal

desembarcaram, os fugitivos tinham já à sua disposição várias residências particularmente confortáveis. Por outro lado, Hiempsal decidiu convidá-los frequentemente para o seu pequeno palácio. De facto, aquele era um pequeno palácio: o de Cirta era muito maior e muito mais cómodo. Devido ao pouco espaço, o rei deixara em Cirta algumas das suas esposas e todas as concubinas, levando para Icósio apenas a rainha, Sofonisba, e duas esposas de menor importância, Salambo e Ano. Educado nas melhores tradições dos monarcas helenísticos, Hiempsal permitia que os seus convidados se dessem livremente com todos os membros da sua extensa

família - filhos, filhas, esposas. O que, infortunadamente, não deixou de causar complicações.

O filho de Caio Mário tinha agora vinte e um anos. Estava um homem feito. Dotado de um rosto de traços perfeitos, possuía, além disso, uma bela constituição física; demasiado mexido para se dedicar a tarefas intelectuais, procurava entreter-se com a caça, actividade de



que o rei Hiempsal não gostava. Não gostava o rei, mas gostava a sua esposa mais nova, Salambo. Nas

planícies africanas, abundavam os animais selvagens: elefantes, leões, avestruzes, gazelas, antílopes, ursos, panteras, gnus. E o jovem Mário passava os dias aprendendo a caçar animais que nunca vira antes. A princesa Salambo era a sua guia e professora.

Pensando talvez no carácter público destas expedições e no número de pessoas envolvidas, o rei Hiempsal não viu qualquer problema no facto de Salambo acompanhar o filho de Caio Mário; por outro lado, talvez ficasse contente por se ver livre durante algum tempo daquela criatura superactiva. Fechado no gabinete real com Mário (cujas faculdades mentais tinham melhorado muito desde que se encontrava em Icósio), falando dos velhos tempos, ouvindo as histórias das campanhas da Numídia e de África contra Jugurta, Hiempsal foi tirando uma imensidão de notas para os arquivos da sua família, e permitiu-se sonhar com uma era em que um dos seus filhos ou netos fosse considerado suficientemente importante para poder casar com uma aristocrata romana. No entanto, Hiempsal não tinha ilusões; embora fosse rei de vastas e ricas terras, ele e os seus, aos olhos da aristocracia romana, pouco valiam.

Como seria de esperar, o segredo acabou por ser divulgado. Um dos lacaios do rei informou-o com efeito, de que, durante o dia, as relações entre Salambo e o jovem Mário eram perfeitamente inocentes; mas as noites, bom, as noites eram completamente diferentes. Esta revelação deixou o rei em pânico; por um lado, não podia ignorar a imprudência da esposa, mas, por outro lado, não podia fazer aquilo que seria normal: executar o amante. Tratou por isso de salvar a sua dignidade tanto quanto podia, informando Caio Mário de que a

situação era demasiado delicada para que os fugitivos pudessem permanecer um dia mais que fosse;

agradecia-lhe, por isso, que partisse logo que o seu navio se encontrasse convenientemente abastecido.

- Imbecil! Rapazola! - disse Mário para o filho enquanto se dirigiam para o porto. - Não havia mulheres que chegassem? Tinhas mesmo que te meter com uma das mulheres de Hiempsal.

O jovem Mário sorriu, tentou pôr um ar arrependido, mas não conseguiu.

- Desculpa, pai, mas ela era uma maravilha. Além disso, não fui eu que a seduzi. Pelo contrário: ela é que me seduziu.



- Podias ter recusado.

- Podia, mas não recusei - retorquiu o jovem Mário, impenitente.

- Como havia eu de recusar? Ela era simplesmente deliciosa.

- Estás a usar o temo verbal correcto, meu filho. Ela *era.* Porque aquela estúpida, por tua causa, vai dizer adeus à cabeça.

Sabendo perfeitamente que o pai estava aborrecido unicamente porque tinham de procurar outro local de abrigo, que, se não fosse isso, teria ficado contente com o feito do filho, o jovem Mário continuou a sorrir. A sorte de Salambo não preocupava nenhum deles; ela sabia que o castigo por ter sido descoberto o adultério a atingiria apenas a ela.

- É pena - disse o filho de Mário. - É pena, de facto. Porque ela era realmente...

- Cala-te já! - interrompeu, furioso, o pai. - Se fosses mais pequeno e eu me aguentasse numa perna só, podes crer que te dava tantos pontapés nesse cu que nem os dentes se te aproveitavam! Nós estávamos tão bem aqui!

- Dá-me os pontapés que quiseres - disse o jovem Mário. Rindo, pôs-se em posição de receber o castigo: curvou-se, as pernas muito afastadas, a cabeça entre os joelhos. Porque haveria de ter medo de se pôr assim?

O pai nunca o castigaria: o seu crime era daqueles que um pai perdoava com prazer ao filho; e, além disso, Caio Mário nunca lhe tocara com uma mão, quanto mais com um pé.

Ao ver o filho fazer aquilo, Mário chamou o fiel Burgundo, que imediatamente pôs o braço à volta da cintura de Mário, aguentando com todo o seu peso. Mário levantou a perna direita e desferiu um valente e certeiro pontapé na sensível região anal do filho. O jovem Mário não desmaiou unicamente por uma questão de

orgulho; de facto, sentira uma dor terrível. Teve dores ainda durante vários dias e fez o possível por se convencer de que o pai não fizera aquilo por pura maldade e de que ele se tinha enganado quanto à

intensidade dos sentimentos do pai em relação ao incidente com Salambo.

De Icósio, rumaram a leste, ao longo da costa norte-africana. Não se aproximaram de terra entre Icósio e o novo destino de Caio Mário

- a ilha de Cercina, na Sirte Menor. Pelo menos em Cercina estariam em segurança, pois havia na ilha alguns milhares de legionários veteranos de Mário, dedicando-se agora a trabalhos que nada tinham a ver com a guerra. Um pouco fartos já de cultivarem trigo nos seus lotes de



cem *iugera,* os veteranos receberam de braços abertos o velho general, trataram-no a ele e ao filho como reis, e fizeram votos para que nem todos os exércitos de Sila juntos conseguissem deter Caio

Mário e sufocar a liberdade.

Mais preocupado com o pai desde que este lhe dera o célebre pontapé, o jovem Mário vigiava-o

agora atentamente; e era com pesar que se dava conta de inúmeras provas da degradação mental do

pai; e era com espanto e admiração que verificava que aqueles homens perdoavam tudo ao pai

porque ele era quem era, ou que notava que o velho general, graças a um esforço tremendo,

conseguia parecer inteiramente normal. Para aqueles que não o conheciam intimamente ou que

pouco o viam, não parecia haver nada de errado em Caio Mário - um lapso de memória ocasional,

um ar confuso, por vezes, uma tendência para mudar de assunto a meio de uma conversa. Mas

poderia um homem naquele estado assumir pela sétima vez o cargo de cônsul? O filho tinha sérias

dúvidas quanto a isso.

O convívio entre os novos cônsules, Cneu Octávio Rusão e Lúcio Cornélio Cina, não era fácil. A

certa altura, caíram em discussões constantes em público, tanto no Senado como no Fórum, de tal

modo que toda a cidade de Roma fazia já apostas quanto a quem iria vencer tal confrontação. O

impulso inicial para contestar e julgar Sila sofreu um súbito golpe quando Pompeu Estrabão enviou

uma breve carta a Cina, informando-o de que deveria deixar partir Sila para o Oriente, caso quisesse

continuar a ocupar o cargo de cônsul (e os tribunos da plebe seus partidários quisessem continuar

vivos). Sabendo que Octávio era amigo de Pompeu Estrabão e que as outras legiões armadas

presentes em Itália pertenciam a dois dos mais encarniçados defensores de Sila, Cina tentou

demover os tribunos da plebe Virgílio e Mágio dos seus intuitos perseguidores; para os convencer,

teve de lhes dizer que, se não recuassem, acabaria por se aliar a Octávio e por aprovar a expulsão

dos dois do Fórum e de Roma.

Durante os primeiros oito meses do seu consulado, Octávio e Cina tiveram de enfrentar um sem-

número de problemas, tanto em Roma como em Itália; de facto, para além de o Tesouro continuar

vazio e de o dinheiro continuar a circular com notória dificuldade, havia que contar com uma outra

realidade: a Sicília e África sofriam uma seca que já ia no seu segundo ano. Os governadores,

Norbano e

Sextílio, respectivamente, tinham ido para aquelas províncias com a missão de aumentarem as

cargas de cereais para a capital, mesmo que isso significasse terem de comprar trigo com notas

promissórias (e se os vendedores levantassem problemas, poderiam sempre recorrer ao exército). Os

cônsules e o Senado não poderiam permitir a repetição dos acontecimentos que tinham conduzido à

breve glória de Saturnino (unicamente porque a ralé tinha fome); era preciso que os *proletarii* não voltassem a passar fome. Confrontado com as terríveis dificuldades que Sila conhecera durante o

seu mandado, Cina aproveitou todas as fontes de rendimentos possíveis, e escreveu aos dois

governadores das Hispânias, ordenando-lhes que extraíssem das províncias todas as riquezas

possíveis. O governador das Gálias, Públio Servílio Vátia, recebeu instruções para que juntasse todo

o dinheiro possível, ainda que isso significasse que tinha de andar na corda bamba na Gália

Transalpina e que tinha de enfrentar os credores da Gália Italiana. Quando recebeu as respostas dos

governadores, ofendidos com tais exigências, Cina ficou tão furioso que queimou as cartas. Já não

sabia o que fazer e ansiava agora que acontecessem duas coisas que sabia impossíveis: em primeiro

lugar, que Octávio se preocupasse mais com as difíceis tarefas da governação; e em segundo, que

Roma continuasse a receber os dinheiros da Província da Ásia.

Roma sofria também as pressões dos italianos recentemente elevados ao estatuto de cidadão, os

quais contestavam fortemente o seu estatuto tribal, ainda que, segundo as *leges Corneliae,* os votos tribais não servissem para nada. As leis de Públio Sulpício tinham-lhes aberto o apetite, e agora

reagiam com indignação à anulação dessas leis. Apesar dos dois anos de guerra, restavam ainda

importantes dirigentes entre os Italianos; dirigentes que inundavam o Senado com cartas em que se

queixavam da sua sorte e da dos seus irmãos italianos menos privilegiados. Cina teria de bom grado

distribuído equitativamente os novos cidadãos pelas trinta e cinco tribos, mas o problema é que nem

o Senado nem a facção chefiada pelo cônsul sénior Octávio cooperariam com ele. E a constituição

que Sila fizera aprovar limitava severamente Cina.

Contudo, durante o mês de Agosto, Cina descortinou o primeiro raio de esperança; de facto, chegara

a Roma a notícia de que Sila tinha muito que fazer na Grécia e não poderia de modo nenhum

regressar a Roma para defender a sua Constituição ou apoiar os seus apaniguados. Era tempo,

pensou Cina, de resolver as suas divergências com Pompeu

954

Estrabão, que continuava na Úmbria e no Piceno com quatro legiões. Sem dizer a ninguém para

onde ia (nem mesmo à mulher), Cina foi ter com Pompeu Estrabão. Queria saber o que lhe diria

Estrabão agora que Sila se encontrava totalmente envolvido na guerra contra Mitridates.

- Estou disposto a fazer contigo o mesmo acordo que fiz com o outro Lúcio Cornélio - disse o vesgo

Pompeu, senhor do Piceno, que, apesar de uma recepção fria, não se recusara a ouvir o cônsul.

Deixas-me a mim e aos meus em paz no meu cantinho do grande mundo romano, e eu não te vou

chatear lá na grande cidade.

- Então sempre havia um acordo! - exclamou Lúcio Cornélio Cina.

- Pois havia.

- Preciso de rectificar muitas das alterações que Sila introduziu no nosso sistema de governo - disse Cina, num tom desapaixonado.

- Quero também distribuir os novos cidadãos equitativamente pelas trinta e cinco tribos, e agrada-

me a ideia de distribuir igualmente os libertos romanos pelas tribos. - Disfarçou o furor que sentia

pelo facto de ter de pedir autorização ao carniceiro picentino para fazer o que tinha de ser feito, e prosseguiu, num tom afável. - Que achas de tudo isto, Cneu Pompeu?

- Faz o que quiseres - replicou, indiferente, Pompeu Estrabão. Desde que me deixes em paz...

- Dou-te a minha palavra de honra de que não te incomodarei.

- A tua palavra de honra vale tanto como os teus juramentos, Lúcio Cina?

Cina ficou vermelho.

- Eu não prestei esse juramento - disse ele, com grande dignidade.

- A pedra que eu tinha na mão invalidou-o.

Pompeu Estrabão desatou a rir, e tanto ria que até relinchava.

- Ah, que belo advogado do Fórum que tu me saíste! - disse ele, logo que pôde.

- Aquele juramento não me obriga a nada! - insistiu Cina, ainda vermelho.

- Então ainda és mais idiota que o outro Lúcio Cornélio. Logo que ele volte, não durarás mais do

que um floco de neve numa fogueira.

- Se acreditas nisso, por que razão me deixas fazer o que quero?

- Eu e o outro Lúcio Cornélio entendemo-nos. Essa é a razão retorquiu Pompeu Estrabão. - Ele não

*me* criticará pelo que possa acontecer. Pelo contrário: é a ti que ele criticará.

# 955

- Talvez o outro Lúcio Cornélio não regresse. Pompeu Estrabão desatou de novo a rir, e a relinchar.

- Não contes com isso, Lúcio Cina! O outro Lúcio Cornélio, disso não tenho dúvidas, é o homem

mais amado pela deusa Fortuna. Que maravilha, a vida que ele leva!

Cina regressou a Roma, mal terminou aquela entrevista; preferia dormir numa casa cujo dono fosse

menos irritante. Por isso, e como ficou em Assíssio, acabou por ouvir a história das meias de Quinto

Pompeu Rufo, roídas pelos ratos. O seu anfitrião, o mesmo de Pompeu Rufo, não deixou de referir

que meias roídas por ratos anunciavam a morte de quem as calçava. Francamente, pensou Cina já

em Roma, nunca gostarei desta gente do Norte! São demasiado primitivos, veneram ainda

demasiado os velhos deuses.

No início de Setembro, decorriam em Roma os mais importantes jogos do ano, os *ludi Romani.*

Durante três anos, esses jogos tinham sido uma sombra de si mesmos, devido à guerra em Itália e à

ausência das avultadas somas que os edis curuis normalmente retiravam dos seus próprios cofres. O

edil do ano anterior, Metelo Célere, suscitara grandes expectativas, inteiramente frustradas. Mas os

edis daquele ano eram ambos extremamente ricos, e, em Agosto, havia já sinais concretos de que

cumpririam o prometido, proporcionando uns jogos magníficos. Começou por isso a correr o boato,

em toda a península, de que os jogos seriam espectaculares! Em consequência disso, todos os que

tinham direito para fazer a viagem, decidiram subitamente que a melhor cura para as maleitas da

guerra era ir a Roma ver os *ludi Romani.* Milhares de italianos, cidadãos recentes, ainda com as cicatrizes do miserável tratamento a que tinham sido sujeitos, começaram a chegar a Roma em fins

de Agosto. Amantes de teatro, de corridas de carros, de caça a animais selvagens, do espectáculo -

todos os que podiam fazer a viagem se encaminhavam na direcção de Roma. Para os amantes do

teatro, havia uma atracção suplementar: os edis tinham conseguido convencer o velho Átio a deixar

a sua casa na Úmbria para vir dirigir a sua nova peça.

E Cina decidiu que era chegada a hora de actuar. O seu aliado, o tribuno da plebe Marco Virgílio,

convocou uma reunião ”não-oficial” da Assembleia da Plebe, e anunciou à multidão (entre a qual se

encontravam muitos visitantes italianos) que tencionava pressionar o

Senado para que distribuísse adequadamente os novos cidadãos. O único objectivo desta reunião era

atrair as atenções das pessoas interessadas no assunto, já que Marco Virgílio não podia promulgar

legislação numa Assembleia que, segundo as novas leis, não tinha qualquer poder para legislar.

Virgílio apresentou depois a sua proposta ao Senado; foi-lhe dito que os veneráveis senadores não

debateriam o problema. Virgílio encolheu os ombros e sentou-se no banco tribunício, ao lado de

Sertório e dos outros. Tinha feito o que Cina lhe pedira: sondara o Senado e o Senado pronunciara-

se. O resto era com Cina.

- Muito bem - disse Cina aos seus apoiantes. - Agora, mãos ao trabalho. Vamos prometer que se as

nossas leis visando reinstaurar a anterior Constituição e distribuir adequadamente os novos cidadãos

forem aprovadas pela Assembleia das Centúrias, legislaremos no sentido de um cancelamento geral

das leis. As promessas de Sulpício eram suspeitas, porque Sulpício legislou a favor dos credores no

que toca ao Senado. Mas nós não temos esse problema. Toda a gente acreditará em nós.

A actividade que se seguiu não primou propriamente pelo secretismo, mas a verdade é que também

não chegou ao conhecimento daqueles que, em princípio, seriam contra um cancelamento das

dívidas. E a posição da maioria (mesmo ao nível da Primeira Classe) era tão desesperada que, de

repente, Cina pôde verificar que tinha tudo a seu favor; de facto, para cada cavaleiro e senador que

não devia dinheiro ou que tinha emprestado dinheiro, havia seis ou sete cavaleiros e senadores que

tinham dívidas, algumas das quais astronómicas.

- Estamos com problemas - disse o cônsul sénior Cneu Octávio Rusão a António Orador e aos

irmãos César. - Acenar com o cancelamento geral das dívidas numa altura em que a ganância e a

indigência tudo dominam, permitirá a Cina obter o que pretende, mesmo junto da Primeira Classe e

das Centúrias.

- Façamos-lhe justiça: ele é suficientemente esperto para não tentar impor as suas medidas através

da Assembleia da Plebe ou da Assembleia de Todo o Povo - disse Lúcio César, irritado. - Se as suas

leis forem aprovadas nas Centúrias, não haverá nada a fazer: Cina terá obedecido aos trâmites

previstos pela actual Constituição de Lúcio Cornélio. E com *ofiscus* no estado em que está, *ofiscus* e o dinheiro privado, que ainda está pior, as Centúrias, de alto a baixo, votarão no sentido que Lúcio

Cina pretende.

957

- E os *proletarii* revoltar-se-ão - disse António Orador.

Mas Octávio abanou a cabeça; naquele grupo, era ele, sem dúvida, o mais arguto para os negócios.

- Não, Marco António, os *capite censi* não se revoltarão! - disse ele, impacientemente. - Os mais pobres nunca têm dívidas. E nunca têm dívidas porque nunca têm dinheiro. Quem pede emprestado são as classes médias e altas. Na maior parte dos casos, têm de pedir emprestado para continuarem a subir ou para manterem o seu estatuto. Os agiotas só emprestam dinheiro a quem lhes apresenta garantias. Por isso, quanto mais alto subirmos na escala social, tanto mais dívidas encontraremos.

- Posso concluir, portanto, que estás convencido de que as Centúrias aprovarão as disparatadas leis de Cina -

disse Catulo César.

- E tu não estás, Quinto Lutácio?

- Sim, temo que sim.

- Nesse caso, que podemos nós fazer? - perguntou Lúcio César.

- Ah, eu sei o que vou fazer - disse Octávio com uma expressão severa. - No entanto, não o direi a ninguém, nem mesmo a vocês.

- Que achas que ele vai fazer? - perguntou António Orador, depois de Octávio os ter deixado.

Catulo César abanou a cabeça.

- Não faço a menor ideia - respondeu, franzindo o sobrolho Ah, quem me dera que ele tivesse um décimo da inteligência e da habilidade de Lúcio Sila! Mas não tem, Octávio é um homem de Pompeu Estrabão.

Lúcio César, de repente, estremeceu.

- Tenho um pressentimento muito pouco agradável - disse. - O que ele pretende fazer é, com toda a certeza, um disparate: algo que não deve, de modo nenhum, ser feito. Por todos os deuses!

António Orador ficou de súbito agitado.

- Acho que vou passar os próximos dez dias fora de Roma disse.

Todos acabaram por concordar que essa era a decisão mais sábia que, nesse momento, podiam tomar.

Seguro de si mesmo, Cina marcou a data da sua *contio* na Assembleia das Centúrias: o sexto dia antes dos Idos de Setembro, ou seja, dois dias depois de os *ludi Romani* terem começado. Às primeiras



horas desse dia, reuniram-se no Campo de Marte, para assistir à reunião convocada por Cina, cerca

de vinte mil homens: quem ainda tivesse dúvidas quanto à importância que o problema da dívida

assumia na sociedade romana ou quanto à ansiedade com que essa sociedade desejava ver-se livre

de tal carga, perdê-las-ia por certo ao deparar com tão imensa multidão. Todos aqueles homens

queriam votar nesse mesmo dia. Cina explicou-lhes que isso era impossível porque implicava que a

sua primeira lei revogasse a *lex Caecilia Didia prima* (tal como Sila fizera). Não, disse Cina, inflexível, teriam de respeitar o habitual período de espera de três *nundinae.* No entanto, prometeu que apresentaria mais leis noutras *contiones* muito antes de terminado o prazo para a votação dessa primeira lei. Esta promessa acalmou todos aqueles homens: era quase certo que o cancelamento

geral das dívidas seria aprovado muito antes de Cina deixar o seu cargo.

Havia duas leis que Cina tencionava discutir nesse primeiro dia: a distribuição dos novos cidadãos

pelas tribos, e o perdão e o regresso dos dezanove fugitivos. Todos eles, desde Caio Mário ao mais

humilde dos cavaleiros, continuavam na posse de todos os seus bens; Sila nada fizera para confiscar

esses bens durante os últimos dias do seu consulado, e os novos tribunos da plebe - que

continuavam a ter poder de veto no Senado - tinham deixado claro que se oporiam a toda e qualquer

tentativa de confiscação.

Assim, quando os vinte mil membros das Classes se reuniram no vasto espaço relvado que era o

Campo de Marte, ansiavam que houvesse *uma* lei que pudessem aprovar, e essa lei só poderia ser a que previa o regresso dos fugitivos; ninguém desejava a distribuição dos novos cidadãos pelas

tribos, porque tal lei diluiria o poder de cada um nas assembleias tribais, e toda a gente sabia que ela constituía muito simplesmente um prelúdio à devolução dos poderes legislativos às assembleias

tribais. Cina e os seus tribunos da plebe procuravam responder às questões que lhes eram postas

pela multidão e sossegar aqueles que ainda tinham dúvidas muito fortes acerca dos Italianos. Mas o

factor que mais contribuía para sossegar aquele mar de gente era, naturalmente, a promessa de um

cancelamento geral das dívidas.

Tão ocupados estavam os membros daquela vasta assembleia, conversando entre si, bocejando,

aguardando apaticamente o discurso de Cina, porque ele e os seus tribunos da plebe tinham acabado

de

subir à tribuna, que ninguém reparou no súbito aparecimento de mais uns quantos milhares de homens.

Vinham vestidos de toga, a sua aparência era calma; seriam talvez membros das Terceira e Quarta Classes.

Cneu Octávio Rusão aprendera alguma coisa enquanto fora lugar-tenente de Pompeu Estrabão; o remédio que prescreveu para as doenças que afectavam o Estado foi soberbamente preparado e adequadamente

administrado. Os milhares de veteranos do exército que contratara (com dinheiro de Pompeu Estrabão e

António Orador) tinham cercado a multidão; de repente, as suas togas caíram, revelando as armaduras: nesse instante, ouviu-se um silvo estridente, e os mercenários investiram contra a multidão, brandindo as suas espadas. Centenas, milhares de homens foram trespassados pelas espadas, mas muitos mais morreram

esmagados sob os pés dos eleitores em pânico. Obrigados a recuar pelo anel de mercenários que os cercava, só ao fim de algum tempo os participantes na reunião conseguiram escapar às violentas espadeiradas e fugir para longe.

Cina e os seis tribunos da plebe não ficaram presos na armadilha; desceram da tribuna e fugiram a sete pés.

Da multidão que estava em baixo, apenas cerca de dois terços tiveram a mesma sorte. Quando Octávio

apareceu para apreciar a sua obra, vários milhares de membros das classes superiores da Assembleia das Centúrias jaziam mortos no

Campo de Marte. Octávio ficou furioso, pois Cina e os tribunos da plebe não tinham sido mortos; mas mesmo os homens contratados para matar vítimas indefesas tinham o seu código, e, segundo esse, assassinar magistrados em funções era um acto demasiado perigoso.

Quinto Lutácio Catulo César e o seu irmão Lúcio Júlio César encontravam-se em Lanúvio. Souberam do

massacre ocorrido no dia a que toda a Roma chamava já o Dia de Octávio, e não esperaram um segundo:

puseram-se imediatamente a caminho de Roma, a fim de exprimirem claramente o seu protesto.

- Como pudeste fazer uma coisa destas? - perguntou Lúcio César, chorando.

- Não me venham com essa conversa hipócrita! Sabiam perfeitamente o que é que eu ia fazer! - retorquiu Cneu Octávio, com desprezo.

- Concordaram até que era necessário! E, além disso, deram-me o vosso consentimento tácito, desde que não tivessem de participar no

960

barulho, claro. Por isso, não me venham agora com queixas e lamentações! Eu dei-lhes o que vocês

queriam: Centúrias domadas, quietinhas, sossegadas. Por muito que Cina se esforce, os

sobreviventes já não aprovarão as suas leis.

Profundamente chocado, Catulo César lançou-lhe um olhar feroz.

- Nunca, em toda a minha vida, defendi a violência como técnica política, Cneu Octávio! Nem

admito que tenha dado o meu consentimento, tácito ou não tácito! Se imaginaste que eu e o meu

irmão apoiávamos este género de acção, enganaste-te redondamente. A violência, por si só, já é

algo de horrível! Mas isto... isto é demais! Um *massacre]* A única reacção possível é de repúdio, o mais absoluto repúdio!

- O meu irmão tem razão - disse Lúcio César, limpando as lágrimas.

- Depois disto, Cneu Octávio, ficaremos para sempre marcados. A partir de agora, os homens mais

conservadores serão considerados ao mesmo nível de um Saturnino ou de um Sulpício.

Vendo que nada do que pudesse dizer convenceria aquele discípulo de Pompeu Estrabão de que

tinha procedido mal, Catulo César acalmou-se e, com a dignidade que lhe era possível exibir

naquele momento, acrescentou:

- Ouvi dizer que o Campo de Marte foi, durante dois dias, um palco de horrores, cônsul sénior.

Familiares tentando identificar os corpos, levando-os consigo a fim de procederem às exéquias... e

os teus mercenários antecipando-se a algumas famílias, pois ainda levaram muitos cadáveres para

uma vala situada entre as plantações de alho-porro e alface da Via Recta... ah, francamente!

Transformaste-nos numa raça de homens pior que os bárbaros, porque, ao contrário dos bárbaros,

nós sabemos que há determinadas coisas que não se fazem! Para ser sincero, Cneu Octávio, tudo

isto me deixa sem vontade de viver.

- Nesse caso, Quinto Lutácio, porque não abres as veias? Esta não é a Roma dos teus augustos

antepassados! Esta é a Roma dos irmãos Gracos, de Caio Mário, Saturnino, Sulpício, Lúcio Sila e

Lúcio Cina! Caímos numa situação tão caótica que já nada funciona. Se funcionasse, não haveria

necessidade de organizar massacres como o do Dia de Octávio.

Estupefactos, os irmãos César aperceberam-se de que Cneu Octávio Rusão se sentia orgulhoso pelo

facto de o dia do massacre ter ficado conhecido como o Dia de Octávio.

# 961

- Quem te deu o dinheiro para contratar os assassinos, Cneu Octávio? Marco António? - perguntou Lúcio César.

- Sim, ele contribuiu com muito dinheiro. E não lamenta nada.

- Era de admirar se lamentasse! Ele é um António, no fim de contas! - atirou-lhe Catulo César. Levantou-se, batendo com as mãos nas coxas. - Bom, o mal está feito, e nós nunca nos redimiremos. Mas não me envolvas nos teus actos, Cneu Octávio. Não quero partilhar os louros que te atribuis. Sabes, é que me sinto como Pandora depois de ter aberto a boceta.

Lúcio César fez ainda uma pergunta ao cônsul.

- Que aconteceu a Lúcio Cina e aos tribunos da plebe?

- Desapareceram - retorquiu, laconicamente, Octávio. - Serão proscritos, claro. Espero que muito em breve.

Catulo César parou à porta do escritório de Octávio e virou-se para ele com um olhar grave.

- Não podes privar um cônsul em exercício da sua autoridade consular, Cneu Octávio. Tudo isto começou quando a oposição contestou o direito consular de Sila a comandar exércitos romanos. *Isso* era ilegal! Mas ninguém tentou privá-lo do cargo de cônsul. Porque ninguém pode reduzir a pó a autoridade de um cônsul.

Não há nada nas leis romanas que dê a um magistrado, a uma instituição, ou a uma assembleia, poderes para perseguir ou destituir um magistrado curul durante o seu mandato. Podes afastar um tribuno da plebe se fizeres as coisas da forma correcta, podes afastar um questor se ele cometer infracções, podes afastá-los do

Senado ou privá-los dos seus poderes. Mas *não podes* afastar um cônsul ou qualquer outro magistrado curul enquanto durar o ano do seu mandato, Cneu Octávio.

Cneu Octávio pôs um ar presunçoso.

- Agora que encontrei o segredo do êxito, posso fazer tudo o que quero, Quinto Lutácio. - Vendo que os dois irmãos iam já a sair, Octávio gritou-lhes: - Há uma reunião no Senado amanhã! Sugiro-lhes que vão.

Ao contrário de Jerusalém ou Antioquia, Roma pouca importância dava a profetas e adivinhos; os augures conduziam os rituais dos auspícios segundo o verdadeiro espírito romano, sabendo perfeitamente que não possuíam qualquer dom que lhes permitisse adivinhar o futuro curso dos acontecimentos.

962

Havia, no entanto, um profeta genuinamente romano, um patrício da *gens* Cornélia, de seu nome Públio Cornélio Culéolo. Ninguém se lembrava por que motivo ficara com alcunha tão

desagradável, pois Culéolo era um ancião que parecia nunca ter sido jovem. Vivia pobremente: o

pouco dinheiro que tinha era-lhe dado pelos Cipiões, a cuja família pertencia. Era costume

frequentar o Fórum: aí passava muito tempo, sentado no alto das escadarias que conduziam ao

pequeno templo de Vénus Cloacina, mais antigo que a Basílica Emília, e incorporado nesta. Culéolo

não era uma Cassandra, nem um fanático religioso: limitava as suas previsões aos negócios da

política e do Estado; nunca previra o fim do mundo, nem o aparecimento de um deus novo, muito

mais poderoso que os deuses romanos. Mas vaticinara a guerra contra Jugurta, a invasão germânica,

Saturnino, a guerra italiana, e a guerra no Oriente contra Mitridates - a qual, segundo dizia, duraria toda uma geração. Por causa destes êxitos, gozava agora de uma reputação que quase fazia esquecer

a sua ridícula alcunha: Culéolo significava testículo pequeno.

Um dia depois de os irmãos César terem regressado a Roma, o Senado reuniu pela primeira vez

desde o massacre do Dia de Octávio. Nunca os seus membros tinham temido tanto uma reunião. Até

então, os piores ultrajes perpetrados em nome de Roma haviam sido obra de indivíduos ou de

multidões reunidas no Fórum; mas o massacre do Dia de Octávio poderia facilmente vir a ser

considerado como obra do Senado.

Sentado no alto da escadaria do templo de Vénus Cloacina, Públio Cornélio Culéolo era uma

presença tão habitual por aquelas bandas que já nenhum senador dava por ele - Culéolo, em

contrapartida, deu por eles, e esfregou as mãos de contente. Se fizesse devidamente o seu trabalho

(pelo qual Cneu Octávio Rusão lhe tinha pago uma bela soma), nunca mais teria de voltar a sentar-

se naqueles degraus: poderia retirar-se para sempre do negócio das profecias.

Os senadores espalharam-se junto à entrada da Cúria Hostília; formaram-se pequenos grupos que

discutiam o massacre e que se interrogavam como poderiam debatê-lo na reunião. Um guincho

penetrante atraiu as atenções de todos eles; todos os olhos se fixaram em Culéolo, que se tinha

levantado na ponta dos pés, as costas arqueadas, os braços esticados, os dedos retorcidos, espuma

escorrendo dos seus lábios contorcidos. Como Culéolo não costumava fazer profecias em

963

estado de transe, toda a gente pensou que lhe estava a dar um ataque. Alguns senadores e a maior parte dos frequentadores do Fórum continuaram a observá-lo, fascinados, enquanto outros acorriam ao adivinho na intenção de o ajudarem. Tentaram sentá-lo, mas Culéolo desatou a atacá-los como um louco, à unhada e à dentada, a boca cada vez mais escancarada. Foi nesse instante que voltou a gritar. Já não era um guincho.

Eram palavras.

- Cina! Cina! Cina! Cina! Cina! - berrou.

De súbito, Culéolo tinha à sua volta um público muito atento.

- Se Cina e os seus seis tribunos da plebe não forem mandados para o exílio, Roma cairá! - gritou ele, contorcendo-se, vacilante. E muito mais gritou, até que caiu, inanimado, e o levaram dali.

Os estupefactos senadores descobriram então que o cônsul Octávio tentava haja algum tempo dar início à assembleia. Num ápice, correram para a Cúria Hostília.

Ninguém viria a saber se alguma vez o cônsul sénior tivera a intenção de explicar os terríveis acontecimentos do Campo de Marte; de facto, após aquele episódio, Cneu Octávio Rusão optara por focar a sua atenção (e a atenção do Senado) no possesso e no que ele tinha dito, ou melhor, gritado, na presença de todos os

frequentadores do Fórum.

- Se o cônsul júnior e seis dos tribunos da plebe não forem mandados para o exílio, Roma cairá - disse Octávio, com um ar pensativo. Pontifex Maximus, *flamen Dialis,* que me têm a dizer acerca deste assombroso caso?

Cévola Pontifex Maximus abanou a cabeça.

- Penso que devo abster-me de todo e qualquer comentário, Cneu Octávio.

Octávio, que se preparava para insistir, viu algo nos olhos de Cévola que o fez mudar de ideias; Cévola era um homem cujo conservadorismo inato o levava a fechar os olhos a muita coisa, mas, ao mesmo tempo, não era pessoa que se deixasse intimidar ou ludibriar facilmente. No Senado, Cévola protestara, mais de uma vez, contra a condenação de Caio Mário, Públio Sulpício e os outros, defendendo o regresso dos exilados. Não, o melhor era não se meter com o Pontifex Maximus; Octávio sabia que o *flamen Dialis* era um homem muito mais ingénuo que Cévola. Além disso, providenciara para que o inocente testemunhasse, no dia anterior, um augúrio particularmente assustador.

- *Flamen Dialis!* - perguntou Octávio com um ar solene. Extremamente perturbado, Lúcio Cornélio Mérula, *oflamen Dialis,*

levantou-se.

- Lúcio Valério Flaco, Princeps Senatus, Cneu Octávio, magistrados curuis, consulares, veneráveis

Senadores. Antes de comentar as palavras do adivinho Culéolo, gostaria de vos contar o que

sucedeu ontem no templo do Grande Deus. Estava eu a cumprir os rituais de limpeza da *cella* do Grande Deus quando, de repente, deparei com uma pequena poça de sangue no chão, atrás do plinto

da estátua do Grande Deus. Ao lado da poça de sangue, estava a cabeça de um pássaro - a cabeça de

um *merula,* de um melro! O pássaro que é meu homónimo! E eu que, de acordo com as nossas mais antigas e veneradas leis, estou proibido de qualquer contacto com a morte, fiquei sem saber o que

aquilo significaria... A minha morte? A morte do Grande Deus? Não sabia como interpretar o

augúrio, por isso consultei o Pontifex Maximus. Ele também não sabia. Convocámos portanto os

*decemviri sacris faciundis* e pedimos-lhes que consultassem os Livros Sibilinos. Mas os Livros Sibilinos em nada nos ajudaram.

Envolto no manto circular que era atributo do seu cargo, não era ilógico que se visse Mérula suar -

só que, normalmente, ele não era homem que suasse; mas o seu rosto redondo, sob o elmo de

marfim, brilhava de suor. Engoliu em seco, e logo prosseguiu.

- Mas eu fiz algo mais. Quando encontrei a cabeça do melro, procurei o resto do corpo, e descobri

que o pássaro tinha feito ninho numa fenda sob o manto dourado da estátua do Grande Deus. E no

ninho havia seis melros pequenos, todos eles mortos. Imagino que um gato deve ter entrado na *cella* e comido a mãe dos passaritos, deixando apenas a cabeça. No entanto, o gato não conseguiu chegar

ao ninho: por isso não comeu os passarinhos, os quais acabaram por morrer de fome.

O *flamen Dialis* tremia.

- Eu estou conspurcado. Depois desta sessão do Senado, terei de prosseguir com as cerimónias

destinadas a purificar-me e a purificar o templo de Júpiter Optimus Maximus. Estou aqui em

consequência das minhas cogitações acerca do augúrio, não apenas a morte do melro, mas todo o

fenómeno. No entanto, só quando ouvi Públio Cornélio Culéolo é que entendi o verdadeiro

significado do augúrio.

Um silêncio absoluto dominava o Senado: todos os olhos se fixavam no padre de Júpiter, tão

conhecido pela sua honestidade (uma honestidade



que quase reiava a ingenuidade) que tudo o que dizia teria de ser levado muito a sério.

- Cina - prosseguiu o *flamen Dialis* - não significa melro. Mas significa cinzas, e foi a cinzas que reduzi a cabeça do pássaro morto e os seis pequenos melros. Queimei-os de acordo com o ritual da purificação. Por muito amador que eu seja no campo das interpretações, uma coisa me parece evidente: este augúrio aponta claramente para uma personificação de Lúcio Cornélio Cina e dos seus seis tribunos da plebe. Eles

desrespeitaram o Grande Deus de Roma, que corre grande perigo por causa deles. O sangue significa que haverá mais contendas e tumultos por causa do cônsul Lúcio Cina e desses seis tribunos da plebe. Não tinha a mínima dúvida quanto a isso.

O Senado começou a murmurar, pensando que Mérula tinha acabado, mas logo se calou, porque *o flamen Dialis* ia prosseguir a sua intervenção.

- Só mais uma coisa, veneráveis Senadores. Enquanto esperava no templo pelo Pontifex Maximus, procurei algum consolo no rosto sorridente da estátua do Grande Deus. Mas o Grande Deus não sorria! O Grande Deus fitava-me com um semblante severo! - Mérula tremia, estava pálido. - Corri para a rua. Não aguentava

continuar lá dentro!

Um estremecimento percorreu toda a sala. E depois, de novo, uma conversa murmurada.

Cneu Octávio Rusão levantou-se, fitando os irmãos César e Cévola Pontifex Maximus com um olhar que não devia ser muito diferente do do gato do templo, depois de ter devorado o melro.

- Quer-me parecer, membros do Senado, que devemos deslocar-nos até ao Fórum, subir aos *rostra* e daí anunciar a toda a gente o que aconteceu. E pedir opiniões. Depois, regressaremos à nossa reunião.

E assim, a profecia de Culéolo e o episódio do melro foram contados a toda a gente reunida no Fórum; via-se o medo e o assombro nas caras das pessoas, sobretudo depois de Mérula ter feito a sua interpretação dos acontecimentos e Octávio ter anunciado que iria defender o afastamento de Cina e dos seis tribunos da plebe.

Ninguém se opôs a tal ideia.

De regresso ao Senado, Cneu Octávio Rusão repetiu que Cina e os tribunos da plebe teriam de ser afastados dos seus cargos.

Cévola Pontifex Maximus levantou-se então para falar.

- Princeps Senatus, Cneu Octávio, veneráveis Senadores. Como todos sabem, eu sou um dos maiores

expoentes do Direito Romano, um



dos maiores especialistas no que toca à Constituição e às leis que a compõem. Em minha opinião, não

dispomos de qualquer meio legal que nos permita afastar um cônsul em exercício. No entanto, na prática, poderemos obter esse afastamento seguindo uma via estritamente *religiosa. É* indubitável que Júpiter Optimus Maximus revelou as suas preocupações de duas formas diferentes: por intermédio do seu próprio *flamen,* e por intermédio de um velho que, sabemo-lo todos, é um adivinho conceituado. Tendo em conta estes dois acontecimentos convergentes, sugiro que o cônsul Lúcio Cornélio Cina seja declarado *nefas.* Uma tal decisão não lhe retirará formalmente o cargo de cônsul, mas, dado que o condena à execração, do ponto de vista religioso, impede-o, na prática, de cumprir as suas obrigações consulares. O que acabei de dizer em relação ao cônsul aplica-se na íntegra aos tribunos da plebe.

Octávio fitava o Pontifex Maximus com um ar mal-humurado, mas achou preferível não interromper. Cévola tinha ainda algo a propor. Algo que, no entanto, ia contrariar os objectivos de Octávio - a condenação à morte de Cina. Cina tinha de desaparecer!

- Foi *o flamen Dialis* que testemunhou os acontecimentos no templo de Júpiter Optimus Maximus. Ele é também o sacerdote pessoal do Grande Deus, um cargo mais antigo que os Reis. *O flamen Dialis* não pode conduzir guerras, não pode ter qualquer contacto com a morte, não pode tocar nos materiais de que são feitas as armas de guerra. Sugiro, portanto, que nomeemos *o flamen Dialis* Lúcio Cornélio Mérula *cônsul suffectus* -

ou seja, ele não ocupará o cargo de Lúcio Cina, mas *zelará* por esse cargo. Desta forma, o cônsul sénior Cneu Octávio não governará sozinho. Salvo em casos excepcionais, como na guerra contra os italianos, em que não era possível aos cônsules exercer uma actividade normal, *nenhum* homem pode ser autorizado a governar como único cônsul. Terá sempre de ter um colega.

Tendo decidido aceitar com um sorriso a intervenção de Cévola, Octávio aquiesceu.

- Concordo com o que acabaste de propor, Quinto Múcio. *O flamen Dialis* que se sente na cadeira curul de Lúcio Cina como seu zelador! Proponho agora que o Senado se divida relativamente a duas questões

intimamente relacionadas entre si. Aqueles que apoiam que recomendemos à Assembleia das Centúrias que, número um, o cônsul Lúcio Cina e os seis tribunos da plebe sejam declaradas *nefas* e banidos de Roma e de todas as terras romanas e que, número dois, o *flamen*

*Dialis* seja nomeado *cônsul suffectus,* reúnam-se, por favor, à minha direita. Aqueles que se opõem ficarão à minha esquerda.

O Senado aprovou as duas recomendações sem um único voto negativo, e a Assembleia das Centúrias,

formada quase unicamente por senadores, reuniu no Aventino, fora do *pomerium,* mas dentro das muralhas -

ninguém se atreveria a fazer uma reunião no chão molhado de sangue da *Saepta.* As recomendações foram transformadas em lei.

O cônsul sénior Octávio declarou-se satisfeito, e a governação de Roma prosseguiu sem Cina. Mas Cneu

Octávio nada fez para firmar a sua posição, nem para proteger Roma dos fugitivos oficialmente considerados sacrílegos. Não chamou legiões, nem escreveu ao seu senhor, Pompeu Estrabão. De facto, Octávio pensou que Cina e os seis tribunos da plebe fugiriam tão depressa quanto possível e ir-se-iam juntar a Caio Mário e aos restantes dezanove fugitivos na ilha africana de Cercina.

Mas Cina não tinha a mínima intenção de deixar a Itália. Nem ele, nem os seis tribunos da plebe. Depois de terem fugido ao massacre do Campo de Marte, reuniram dinheiro e alguns bens e encontraram-se junto ao marco miliário da Via Ápia à saída de Bovilas. E foi aí que decidiram o que haviam de fazer.

- Eu seguirei para Nola, com Quinto Sertório e Marco Gratidiano

- disse Cina, enérgico, decidido. - Há uma legião em Nola, e os soldados detestam o comandante, Ápio

Cláudio Pulcro. Tenciono roubar essa legião a Ápio Cláudio e seguir o exemplo de Sila: conduzi-la-ei até Roma. Mas antes disso, teremos de juntar muito mais apoiantes. Virgílio, Milénio, Arvinha, Mágio, vocês irão ter com os italianos e tentarão obter todo o apoio

possível. Dirão a todos o mesmo: que o Senado de Roma expulsou o cônsul legalmente eleito por ele ter tentado distribuir adequadamente os novos cidadãos pelas tribos, e porque Cneu Octávio massacrou milhares de bons romanos que assistiam a uma assembleia legalmente convocada. - Um sorriso estranho desenhou-se-lhe na boca. - Ainda bem que tivemos uma guerra tão encarniçada na península italiana! Comuto e eu ficámos com milhares de armas e armaduras dos Marsos e dos outros. Essas armas e armaduras encontram-se armazenadas em Alba. Milénio, tu irás buscá-las e depois distribui-las-ás. Logo que o comando da legião de Ápio Cláudio passe para as minhas mãos, saquearei todos os depósitos de armas de Cápua.

968

Deste modo, quatro dos seis tribunos da plebe seguiram imediatamente para cidades como Preneste,

Tíbur, Reate, Corfínio, Venafro, Interamna e Sora. As autoridades locais receberam-nos de braços

abertos e deram-lhes todo o dinheiro que lhes era possível dar para esta nova campanha.

Lentamente, as forças que se opunham a Octávio foram crescendo e a rede em torno de Roma foi-se

apertando cada vez mais.

Cina não teve qualquer dificuldade em afastar Ápio Cláudio Pulcro do comando da legião de Nola.

Ápio Cláudio, um homem arredio e melancólico que, secretamente, continuava a chorar a morte da

mulher e a sorte dos seus seis filhos, entregou-lhe o comando das tropas sem tentar sequer obter o

apoio dos seus soldados. Subiu para o seu cavalo e foi ao encontro de Metelo Pio, que se encontrava

em Esérnia.

Depois de chegar a Nola, Cina compreendeu que tinha sido uma boa ideia levar consigo Quinto

Sertório. Militar nato, Sertório gozava de óptima reputação entre os soldados, uma reputação que se

vinha firmando há vinte anos; ganhara a Coroa de Erva na Hispânia, uma dúzia de coroas menos

importantes em campanhas contra Numídios e Germanos, era primo de Caio Mário, e aquela legião

havia sido recrutada por ele na Gália Italiana, três anos antes. Aqueles homens conheciam-no bem e

gostavam muito dele. Em contrapartida, não suportavam Ápio Cláudio.

Cina, Sertório, Marco Mário Gratidiano e a legião puseram-se a caminho de Roma. No momento

em que deram início à sua marcha, as portas da cidade de Nola abriram-se, deixando sair um

exército samnita fortemente armado. Este exército foi então ao encontro dos romanos não para os

atacar, mas para se juntar a eles. E na junção desta estrada com a Via Ápia, em Cápua, todos os

recrutas, gladiadores e centuriões que se encontravam nesta última cidade uniram-se também ao já

numeroso exército de Cina que, assim, passava a contar com vinte mil homens. E entre Cápua e a

pequena cidade de Labico, na Via Latina, os quatro tribunos da plebe que haviam viajado por Itália,

encontraram-se com Cina, e ofereceram-lhe mais dez mil homens.

Corria o mês de Outubro e Roma já não estava longe. Os informadores de Cina indicaram-lhe que a

cidade estava em pânico, que Octávio escrevera a Pompeu Estrabão pedindo-lhe apoio, e que,'

maravilha das maravilhas, Caio Mário desembarcara na costa etrusca, na cidade de Telamão, perto

das suas extensas propriedades. Esta última notícia deixou Cina absolutamente deliciado, tanto mais

que,



passado pouco tempo, os seus agentes confirmaram que Mário tinha agrupado, sob o seu comando,

combatentes da Etrúria e da Úmbria, e marchava agora pela Via Aurélia Vetus em direcção a Roma.

- Essa é a melhor de todas as notícias! - disse Cina a Quinto Sertório. - Agora que Caio Mário regressou, isto resolve-se num instante. Como tu o conheces melhor do que nós, vai ter com ele e informa-o das nossas intenções. E informa-te dos planos dele. Pergunta-lhe se pensa ocupar Óstia ou se só parará em Roma? Diz-lhe que, se puder, manterei os nossos exércitos no Vaticano e limitarei as hostilidades a essa zona. Odeio a ideia de ter de levar

tropas para perto do *pomerium,* e não nutro a mínima intenção de imitar Lúcio Sila. Vai ter com Caio Mário, Quinto Sertório, e diz-lhe que estou muito feliz por ele ter regressado! - Nesse momento, Cina lembrou-se de outra coisa. - Ah, e diz-lhe que lhe mandarei todas as armaduras de que não precise antes de ele chegar a Óstia.

Sertório encontrou-se com Mário perto da pequena cidade de Fregenas, alguns quilómetros a norte de Óstia; se a sua corrida até Fregenas fora rápida, o regresso a Labico constituiu por certo um verdadeiro recorde de velocidade. Irrompeu pela pequena casa onde Cina instalara o seu quartel-general temporário, e desatou a falar antes que o estupefacto Cina pudesse abrir a boca.

- Lúcio Cina, peço-te por tudo, escreve imediatamente a Caio Mário, ordenando-lhe que disperse os seus homens ou que os ponha ao teu serviço! - exclamou Sertório, com uma expressão grave. Ordena-lhe que se comporte como o *privatus* que realmente é. Manda-o dispersar os seus homens. Ordena-lhe que regresse às suas terras e espere aí, como qualquer *privatus,* pelo desfecho da contenda.

- Mas o que é que te deu? - perguntou Cina, que nem queria acreditar no que ouvia. - Como podes dizer tais coisas? Caio Mário é essencial para a nossa causa! Se ele nos apoiar, a nossa vitória é certa.

- Lúcio Cina, o vencedor será *Mário.* - exclamou Sertório. - Vou dizer-te o que penso com toda a franqueza: se permites que Caio Mário participe neste confronto, vais arrepender-te e muito. Porque não serás tu o vencedor, não serás tu quem ficará à frente do governo de Roma. Será Caio Mário! Eu acabo de falar com ele!

É um homem velho, amargo, destrambelhado. Ordena-lhe que regresse às suas propriedades, como um

*privatus* que é! Por favor, Lúcio Cina!

- Destrambelhado?

- Precisamente. Louco. Caio Mário está louco.

- Bom, não foi isso o que os meus agentes me contaram, Quinto Sertório. Segundo eles, Caio Mário

revela uma capacidade de organização soberba, igual à de outros tempos, e neste momento marcha

sobre Óstia com um plano o mais sensato possível. Por isso, que te leva a dizer que ele

enlouqueceu? Diz coisas incoerentes? Coisas bombásticas? Delira? Os meus agentes não o

conhecem tão bem como tu, mas sabem ver quando um homem está louco - disse Cina,

visivelmente céptico.

- Não, ele não diz disparates, nem delira. Nem se esqueceu tão pouco de como se controla e orienta

um exército. Mas eu conheço Caio Mário desde os dezassete anos, e digo-te, com toda a

sinceridade, que este *não é* o Caio Mário que eu conheci! É um homem velho e profundamente

ressentido. Clamando por vingança. Obcecado consigo mesmo e com o destino que lhe foi

profetizado. Não podes confiar nele, Lúcio Cina! Ele acabará por te roubar Roma e, depois,

governará a nação de acordo com os seus intentos. - Sertório respirou fundo, e voltou à carga. - O

filho dele manda-te exactamente a mesma mensagem, Lúcio Cina! Aconselha-te a que não dês ao

pai nenhum poder! Porque Caio Mário está louco.

- Acho as vossas reacções exageradas - disse Cina.

- A minha não é, Lúcio Cina. E a do jovem Mário também não. Cina abanou a cabeça. Pegando

numa folha, retorquiu:

- Quinto Sertório, eu *preciso de* Caio Mário! Se ele está velho e mentalmente perturbado, então nunca poderá ser uma ameaça para mim ou para Roma! Vou dar-lhe autoridade proconsular. O

Senado poderá ratificar mais tarde a minha decisão, e usá-lo para me dar cobertura a oeste.

- Vais arrepender-te!

- De modo nenhum - retorquiu Cina, começando a escrever. Sertório deixou-se estar por um

momento a olhar para a cabeça baixa do cônsul, até que, erguendo os braços num gesto de

desespero, virou costas e saiu com o mesmo passo apressado com que entrara.

Tendo recebido de Mário a garantia de que este se ocuparia de Óstia e seguiria depois o curso do

Tibre na direcção do Vaticano, Cina distribuiu as suas forças por três divisões de dez mil homens

cada, e deixou Labico.

A primeira divisão - que deveria ocupar a planície vaticana - era chefiada por Cneu Papírio Carbão, primo do tribuno da plebe Carbão Arvina, e vencedor das campanhas da Lucânia; a segunda divisão que ocuparia o Campo de Marte (seria a única secção do exército de Cina a instalar-se na margem citadina do rio) - tinha a comandá-la Quinto Sertório; e a terceira divisão, chefiada pelo próprio Cina, ficaria no flanco norte do monte Janículo. Mário deveria ficar no flanco sul dessa mesma colina.

Havia no entanto um obstáculo: no monte Janículo havia uma fortaleza e Cneu Octávio tivera o bom senso de mandar para lá todos os voluntários que conseguira reunir. Por isso, entre o exército de Cina (que atravessara o rio pela ponte Múlvia) e a força que Mário traria de Óstia, haveria aquela formidável fortaleza, defendida por milhares de homens e quase inexpugnável graças às obras nela efectuadas desde os tempos da ameaça germânica.

Como se não bastasse este problema, Cina teve de repente de contar com outro: inesperadamente, Pompeu Estrabão apareceu com as suas quatro legiões de soldados picentinos e ocupou uma posição mesmo à saída da Porta Colina. Para além da legião de Nola (comandada por Sertório), o exército de Pompeu Estrabão era o único com experiência de guerra, constituindo, portanto, uma força poderosíssima. Apenas o monte Pinciano, com os seus jardins e pomares, separava Pompeu Estrabão de Sertório.

Durante dezasseis dias, Cina permaneceu atrás das paliçadas fortificadas de três acampamentos separados, esperando pelo ataque de Pompeu Estrabão; Cina partira do princípio que Pompeu Estrabão atacaria antes que Caio Mário chegasse. Quinto Sertório, que suportaria o choque inicial, encontrava-se fortemente

entrincheirado no Campo de Marte. Mas ninguém se mexia. Nada acontecia.

Entretanto, Mário avançava facilmente pois não encontrava qualquer oposição. Por instigação do seu questor, Óstia abriu as portas logo que Mário e o seu exército apareceram. A cidade estava louca de alegria: iria receber o seu herói de braços abertos. Mas o seu herói comportou-se com brutal indiferença e autorizou o seu exército composto, na sua maior parte, por escravos e ex-escravos, um dos factores que mais perturbara Sertório - a saquear a cidade, a qual sofreu terrivelmente. Como que cego e surdo, Mário não fez nenhuma tentativa para refrear as acções insanas e cruéis dos seus homens;

*O CERCO DE ROMA*

974

adivinhavam tempos de horror e perguntavam-se quanto tempo aguentariam se Pompeu Estrabão

continuasse a recusar combater.

Finalmente, Octávio e Mérula decidiram recrutar soldados entre os italianos, e levaram o senado a

recomendar às Centúrias que concedessem o estatuto integral de cidadão a todos aqueles que

apoiassem o ”verdadeiro” governo de Roma. Aprovada a lei, foram enviados arautos para toda a

Itália, divulgando a notícia e pedindo voluntários.

Mas poucos foram os voluntários, em especial porque os tribunos da plebe de Cina, dois meses

antes, tinham roubado todos os homens disponíveis ao ”verdadeiro” governo de Roma.

Então, Pompeu Estrabão sugeriu que mandassem vir Metelo Pio de Esérnia; com as duas legiões de

Metelo Pio, seria fácil derrotar Cina e Mário. Octávio e Mérula enviaram uma delegação ao

acampamento de Metelo Pio, pedindo-lhe que concluísse um tratado de paz com os Samnitas e que

regressasse a Roma o mais depressa possível.

Dividido entre o seu dever de subjugar Esérnia e a necessidade de acudir à crítica situação de Roma,

Metelo Pio, o Bacorinho, decidiu-se a conferenciar com um Caio Pápio Mutilo paralisado; Mutilo,

naturalmente, já estava a par do que se passava em Roma.

- Concordo em firmar um tratado de paz, Quinto Cecílio - disse Mutilo, deitado na liteira. - Mas nos

seguintes termos: Roma devolverá ao Sâmnio tudo o que lhe tirou, os desertores e prisioneiros de

guerra samnitas regressarão à sua terra sem sofrerem qualquer tipo de represálias, Roma renunciará

ao que os Samnitas lhe pilharam e concederá a cida-dania integral a todos os homens livres do

Sâmnio.

Metelo Pio recuou, ofendido.

- Ah, mas claro, Caio Pápio! - exclamou, sarcasticamente. Porque não exiges que passemos todos

debaixo do jugo, como os Samnitas fizeram depois da batalha das Forcas Caudinas, há duzentos

anos? - perguntou. - Os termos que propões são absolutamente inaceitáveis! Muito bom dia!

De cabeça erguida e as costas muito direitas, Metelo Pio regressou ao seu acampamento e informou

a delegação de Octávio e Mérula de que não haveria tratado de paz, pelo que não poderia oferecer-

lhes qualquer tipo de auxílio.

Mutilo regressou na sua liteira a Esérnia, muito mais feliz que o Bacorinho; tinha tido uma ideia

brilhante. Mal a noite caiu, o seu

975

correio rodeou as linhas romanas e foi ter com Caio Mário: levava uma carta de Mutilo, perguntando a Mário se estava interessado em concluir um tratado de paz com o Sâmnio. Embora estivesse perfeitamente

consciente de que Cina é que era o cônsul rebelde e Mário não passava de um *privatus* rebelde, Mutilo nunca pôs a hipótese de enviar a carta a Cina. Porque sabia que, em qualquer empresa em que Caio Mário estivesse envolvido, o chefe só poderia ser ele, só ele ficaria, no fim, com o poder.

Com Mário, agora já muito perto de Roma, encontrava-se o tribuno dos soldados Caio Flávio Fímbria; tinha pertencido à legião de Nola, e, tal como os seus colegas Públio Ânio e Caio Márcio Censorino, decidira seguir Cina. Porém, logo que soube que Mário

desembarcara na Etrúria, Fímbria decidiu integrar-se nas forças de Mário, que ficou extremamente satisfeito com isso.

- Não faz sentido haver tribunos da plebe no meu exército - disse Mário. - Não são soldados romanos, a maior parte são escravos. De modo que vou dar-te o comando da cavalaria númida: trouxe-os de África comigo.

Depois de ter lido a carta de Mutilo, Mário mandou chamar Fímbria.

- Vai ter com Mutilo ao desfiladeiro de Melfa. Foi esse o local de encontro que ele escolheu - disse Mário, com um risinho desdenhoso.

- É evidente que ele nos quer fazer lembrar que fomos derrotados inúmeras vezes nesse local. Mas ignoremos o seu atrevimento. Por ora. Concorda com tudo o que ele pedir, Caio Flávio. Ainda que ele peça o governo de toda a Itália ou uma viagem às terras dos Hiperbóreos. Trataremos de Mutilo e dos Samnitas mais tarde.

Entretanto, uma segunda delegação de Roma encontrava-se com Metelo Pio nas proximidades de Esérnia.

Incluía homens com muito mais peso nos assuntos da governação: Catulo César e o seu filho Catulo, o censor Públio Crasso e o seu filho Lúcio.

- Por favor, Quinto Cecílio! - disse Catulo César ao Bacorinho e ao seu lugar-tenente, Mamerco. - Deixa aqui uma pequena força e vem para Roma! Caso contrário, não fará sentido manter o cerco a Esérnia. Porque

Roma e tudo o que Roma representa está por um fio e muito em breve poderá ruir!

Metelo Pio acabou por concordar. Deixou Marco Pláucio Silvano com uma insignificante força de cinco

coortes, cujos soldados se sentiram de repente muito temerosos. E com razão, pois mal Metelo Pio virou 976

costas, os Samnitas deixaram a cidade, esmagaram o frágil exército de Silvano e invadiram todo o Sâmnio que os romanos haviam entretanto reconquistado. Os samnitas que não tinham ido para Roma com Cina

espalhavam-se agora por todo o sudoeste da Campânia, chegando às proximidades de Cápua; a pequena

cidade de Abela foi saqueada e incendiada, após o que um segundo exército samnita se foi juntar aos

insurrectos. Estes italianos não admitiam nunca a hipótese de se aliar a Cina - iam ter directamente com Caio Mário e ofereciam-lhe os seus serviços.

Com Metelo Pio encontravam-se Mamerco e Ápio Cláudio Pulcro. As quinze coortes que trouxeram de

Esérnia foram para a fortaleza do monte Janículo; Ápio Cláudio foi nomeado comandante da fortaleza.

Infortunadamente, Octávio insistiu em ficar com o título de comandante-chefe da guarnição. Ápio Cláudio achou que isso era um monumental insulto à sua pessoa. Por que haveria ele de ter todo o trabalho e nenhuma glória? Furioso, Ápio Cláudio começou a pôr a hipótese de mudar de partido.

O Senado enviara também uma mensagem a Públio Servílio Vátia, que se encontrava na Gália Italiana com duas legiões de recrutas; uma estava em Placência, com o lugar-tenente de Vátia, Caio Célio, e a outra em Aquileia, com Vátia. Com estas duas forças, Vátia pretendia apenas intimidar a Gália Italiana, pois temia o ressentimento dos Gauleses perante o não pagamento das dívidas de guerra romanas, ressentimento

especialmente forte nas cidades ligadas à indústria da fundição, perto de Aquileia. Quando recebeu a carta do Senado, Vátia ordenou a Célio que seguisse com a sua legião para o leste (a região de Aquileia), enquanto ele partiria para Roma.

Infelizmente para o ”verdadeiro” governo de Roma, quando Vátia chegou a Arimino, deparou com o tribuno da plebe Marco Mário Gratidiano, que fora enviado para norte com todas as coortes que Cina conseguira juntar, para o caso de o governador da Gália Italiana tentar apoiar os sitiados. Perante a fraca figura que os seus recrutas fizeram na batalha, Vátia voltou para a sua província e desistiu de toda e qualquer ideia de contribuir para a libertação de Roma. Quanto a Caio Célio, um homem muito depressivo, depois de ter ouvido uma versão muito deturpada do que acontecera em Arimino, concluiu que o ”verdadeiro” governo de Roma

estava condenado, e matou-se.

Octávio, Mérula e os restantes membros do ”verdadeiro” governo de Roma viam a sua posição piorar a todo o momento. Caio Mário



avançou pela Via Campânia e instalou as suas tropas no flanco sul do monte Janículo; então, Ápio Cláudio, profundamente ressentido com Octávio, decidiu-se a colaborar secretamente com Mário, permitindo-lhe que penetrasse nas linhas de defesa exteriores à fortaleza. Esta não caiu unicamente graças a Pompeu Estrabão, que obrigou Cina a abandonar Mário, atacando a legião de Sertório. Ao mesmo tempo, Octávio e o censor Públio Crasso, conduzindo uma força de voluntários recentemente formada, atravessaram a ponte de madeira sobre o Tibre e foram reforçar o exército que defendia a fortaleza no preciso momento em que esta ameaçava ceder. Tolhido pela falta de disciplina dos seus soldados escravos, Mário viu-se obrigado a retirar; o tribuno da plebe Caio Milénio foi morto quanto tentava ajudá-lo. Públio Crasso e o seu filho Lúcio ficaram então no

interior da fortaleza, a fim de vigiarem Ápio Cláudio, o qual mudara de ideias novamente, sentindo agora que o governo ”legítimo” ia vencer. E Pompeu Estrabão, informado de que a fortaleza estava salva, deu por findos os combates contra a legião de Sertório e retirou para o seu acampamento junto à Porta Colina.

Mas faça-se justiça: Pompeu Estrabão retirara também porque estava mal de saúde. Logo que chegaram ao acampamento, o filho ordenou-lhe que se metesse na cama. Durante a batalha, Pompeu Estrabão fora

acometido de febre e disenteria e, embora nunca tivesse largado o comando, era visível que não estava em condições de dar continuidade ao seu êxito parcial na batalha do Campo de Marte. Demasiado jovem para gozar de uma confiança ilimitada junto das tropas picentinas, o filho de Pompeu nem tentou assumir o

comando, tanto mais que tinha pela frente uma grave situação de guerra.

Durante três dias, o senhor do Norte do Piceno e das regiões próximas da Umbria sofreu os horrores da febre entérica, enquanto o jovem Pompeu e o seu amigo Marco Túlio Cícero lhe proporcionavam todos os cuidados possíveis e as tropas aguardavam para ver o que aconteceria. Às primeiras horas do quarto dia, aquele homem tão forte e vigoroso morria de desidratação e exaustão física.

Acompanhado por Cícero, o jovem Pompeu, inconsolável com a morte do pai, dirigiu-se então ao templo de Vénus Libitina, a fim de tratar das exéquias do pai. Se o funeral se realizasse no Piceno, assemelhar-se-ia, por certo, a uma parada de um general triunfante. Mas o filho compreendeu que, naquelas circunstâncias, o funeral teria

de ser o mais simples possível. Os soldados estavam inquietos e, além disso, os habitantes do Quirinal, do Viminal e do alto Esquilino tinham ganho um ódio feroz ao falecido, pois o seu acampamento trouxera a doença à cidade.

- Que vais fazer? - perguntou Cícero, já perto do bosque de ciprestes onde estavam instalados os agentes funerários.

- Regresso ao Piceno - disse Pompeu, chorando e soluçando ainda.

- O meu pai fez mal em vir! Eu tinha-lhe dito para não vir! Que Roma pereça, disse-lhe eu! Mas ele não me quis ouvir. Respondeu que tinha de defender os *meus* direitos, que Roma teria de continuar a ser Roma no dia em que eu me tornasse cônsul.

- Vem para minha casa. Podias lá ficar algum tempo - disse Cícero, que também chorava; embora detestasse e temesse Pompeu Estrabão, não era imune à desolação do filho. - Cneu Pompeu, eu tenho estado com Átio!

Ele veio a Roma dirigir a sua nova peça para os *ludi Romani* e quando começaram os problemas entre Lúcio Cina e Cneu Octávio, ele achou que estava demasiado velho para fazer a viagem de regresso à Úmbria no meio de tanta confusão. Quer-me parecer que ele gosta desta atmosfera, porque é extremamente dramática e, portanto, está mais próxima da verdade! Vem, ficas uns dias em minha casa. O grande Lucílio pertenceu à tua família. Estou certo de que gostarias imenso de Átio. Distrair-te-ias. Esquecerias este caos horrível.

- Não - replicou Pompeu, chorando ainda. - Vou para minha casa.

- Com o teu exército?

- Aquele era o exército do meu pai. Roma pode ficar com ele.

Os dois jovens demoraram ainda algumas horas a tratar do funeral; por isso, quando regressaram à *villa* onde Pompeu Estrabão instalara a sua residência temporária, já passava muito do meio-dia. Ninguém - e muito menos o pesaroso Pompeu - tivera a ideia de colocar guardas na residência; o general estava morto, não havia nada de valor lá dentro. Os criados já eram poucos, pois a epidemia já dizimara uns quantos. Porém, quando o jovem Pompeu e Cícero abandonaram o local, já tinham deitado Pompeu Estrabão na sua cama, ficando duas escravas a velar o morto.

No regresso, porém, Pompeu e Cícero encontraram a residência e a zona vizinha completamente desertas - o silêncio era total, parecia não haver vivalma nem na casa nem nas redondezas. E quando entraram



na sala onde tinham deixado Pompeu Estrabão, descobriram que este já lá não estava.

Pompeu gritou de júbilo

- O meu pai está vivo! O meu pai está vivo!

- Cneu Pompeu, o teu pai está morto! - retorquiu Cícero, o qual não perdera o bom senso, pois as suas emoções nada tinham a ver com a morte do general. - Acalma-te, por favor! Sabes perfeitamente que ele estava morto quando o deixámos. Lavámo-lo, vestimo-lo. O teu pai está *morto!*

O júbilo de Pompeu esbateu-se, mas não para dar lugar às lágrimas: pelo contrário, o rosto do jovem parecia agora de pedra.

- Que aconteceu então? Onde está o meu pai?

- Os criados desapareceram, mesmo aqueles que estavam doentes, parece-me - disse Cícero. - O melhor será revistarmos a casa.

A busca nada revelou quanto ao que teria sucedido ao cadáver de Cneu Pompeu Estrabão. Pompeu e Cícero, o primeiro com uma expressão cada vez mais pétrea, o segundo cada vez mais confuso, deixaram a *villa* e dirigiram-se para a Via Nomentana. Olharam para os dois lados: nada.

- Vamos até ao acampamento ou à Porta Colina? - perguntou Cícero.

Tanto o acampamento como a Porta Colina ficavam perto dali. Pompeu reflectiu por um momento, até que

tomou uma decisão.

- Vamos à tenda do general. Talvez os soldados o tenham levado para lá - disse.

Tinham começado a andar na direcção do acampamento quando ouviram alguém gritar!

- Cneu Pompeu! Cneu Pompeu!

Era Bruto Damasipo, com um ar completamente transtornado, que corria para eles.

- O teu pai! - exclamou Bruto, ofegante, já perto deles.

- Que aconteceu ao meu pai? - perguntou Pompeu, muito calmo e frio.

- O povo de Roma roubou o cadáver, dizendo que iam arrastá-lo pelas ruas da cidade, preso a um burro! -

disse Bruto Damasipo. Uma das escravas que estava a velar o corpo veio-me dizer o que sucedera e eu tenho andado como um louco à tua procura! - Damasipo fitou Pompeu com o mesmo respeito com que olhava para

o pai. Que queres que eu faça? - perguntou.

- Traz-me duas coortes de soldados imediatamente - disse Pompeu.

- Depois, iremos à procura do corpo do meu pai.

Cícero não lhe fez nenhuma pergunta e Pompeu também nada lhe disse enquanto esperavam. Não havia a

mínima dúvida quanto às razões que tinham levado os habitantes da zona nordeste da cidade a cometer tão grave afronta - aquela era a única maneira que tinham de manifestar o seu desprezo e raiva em relação àquele que responsabilizavam por todos os seus males. As zonas mais povoadas de Roma recebiam todas água dos aquedutos, mas o alto Esquilino, o Viminal e o Quirinal, menos populosas, dependiam quase exclusivamente das nascentes locais.

Quando Pompeu atravessou a Porta Colina à frente das suas coortes e penetrou na vasta praça do mercado, deparou com toda a zona deserta. Não se via vivalma, nem mesmo na mais insignificante ruela conduzindo ao baixo Esquilino. Uma a uma, todas as ruas foram passadas a pente fino. Três horas depois, Pompeu encontrou o cadáver do pai na Alta Semita, perto do templo de Salus.

Bom, pensou Cícero, o local onde o deixaram diz tudo: junto ao templo da Boa Saúde.

- Não me vou esquecer disto - disse Pompeu, fitando o cadáver nu e lacerado do pai. - Quando for cônsul e lançar o meu programa de construções, não darei *nada* ao Quirinal!

Quando soube da morte de Pompeu Estrabão, Cina suspirou de alívio. Depois, quando soube que o cadáver de Pompeu Estrabão tinha sido arrastado pelas ruas da cidade, pôs-se a assobiar de contente. Uma coisa era certa: nem tudo corria bem dentro de Roma! E, ao que parecia, o povo não gostava dos seus defensores.

Com um ar feliz, resolveu aguardar a rendição: acreditava que só teria de esperar umas horas.

Estava redondamente enganado. Aparentemente, Octávio decidira que só se renderia se o povo se revoltasse abertamente. E até então, o povo limitara-se a arrastar o cadáver de um general pelas ruas de Roma.

Quinto Sertório foi ter com Cina nesse mesmo dia. Tinha o olho esquerdo tapado com um pano empapado em sangue.

- Que te aconteceu? - perguntou Cina, consternado.

- Fiquei sem o olho esquerdo - retorquiu Sertório.

- Por todos os deuses!

981

- Felizmente que foi o olho esquerdo - disse Sertório, estoicamente.

- Preciso mais do direito, por causa da espada. Se tivesse perdido o direito, não sei se poderia continuar a combater.

- Senta-te - disse Cina, servindo-lhe vinho. Por momentos, fitou atentamente o seu lugar-tenente,

perguntando-se se haveria alguma coisa na vida capaz de deitar abaixo Quinto Sertório. Depois, sentou-se, suspirando.

- Sabes, Quinto Sertório, tinhas toda a razão - disse ele lentamente.

- Acerca de Caio Mário?

- Sim. - Cina passava a sua taça de uma mão para a outra, devagar.

- O comando já não me pertence por completo. Claro, claro que os militares com postos superiores me

respeitam! Mas não é nesses que eu estou a pensar. É nos outros: nos soldados, nos voluntários italianos.

Esses homens não me seguem a mim, seguem Caio Mário.

- Era forçoso que isso acontecesse. Nos velhos tempos não haveria qualquer problema. Porque Caio Mário era o homem mais justo e prudente do mundo. Era! Esse Caio Mário já não existe - disse Sertório. Uma lágrima de sangue desceu-lhe pelo rosto: limpou-a rapidamente.

- Na sua idade, e com a doença que tem, o exílio foi a pior coisa que lhe podia ter acontecido. Conheço-o o bastante para saber que o interesse de Mário pelo que actualmente se passa é inteiramente falso. No fundo, só uma coisa lhe interessa: vingar-se daqueles que o condenaram ao exílio. Rodeou-se dos piores homens!

*Fímbria,* imagina só! E no que toca à sua legião - ele chama-lhe guarda pessoal e recusa-se a admitir que ela pertence oficialmente ao seu exército -, é formada por escravos e ex-escravos, gente selvagem e rapace, gente que faria as delícias de qualquer dirigente rebelde siciliano. Mas, se do ponto vista moral, Mário representa agora a negação de todos os princípios, do ponto de vista mental, ele não está tão mal quanto isso: ele *sabe* que os teus exércitos estão nas mãos dele! E temo que tencione usá-los para seu proveito, e não para defender o bem-estar de Roma. Eu estou contigo e com as tuas forças, Lúcio Cina, por uma razão extremamente

importante: não posso tolerar o afastamento ilegal de um cônsul. Mas também não posso tolerar aquilo que, suspeito eu, Caio Mário pensa fazer. Por isso, é muito possível que tu e eu acabemos por nos separar.

Cina estava a ficar exasperado; os seus olhos, pelos quais perpassava um sentimento de horror, não largavam Sertório.

- Queres dizer com isso que ele está decidido a provocar um banho de sangue?

982

- Sim, é isso mesmo que eu quero dizer. E não me parece que haja alguém capaz de detê-lo.

- Mas ele não pode fazer uma coisa dessas! É absolutamente essencial que eu entre em Roma como legítimo cônsul, que restaure a paz, que impeça novos derramamentos de sangue, que faça com que a nossa pobre

Roma volte a ser o que era.

- Desejo-te a maior sorte - disse Sertório, secamente, e levantou-se.

- Estarei no Campo de Marte, Lúcio Cina. Tenciono permanecer lá. Pelo menos com uma coisa

podes contar: os meus homens seguir-me-ão. E eu apoio o teu regresso ao cargo de cônsul, porque

foste legalmente eleito! Não apoio nenhuma facção conduzida por Caio Mário.

- Permanece no Campo de Marte, custe o que custar, Sertório. Mas peço-te uma coisa: se houver

negociações, sejam elas quais forem, comparece!

- Não te preocupes, Lúcio Cina. Não perderei um tal fiasco por nada deste mundo - retorquiu

Sertório, e logo se foi embora, a mão limpando ainda a face esquerda.

No entanto, no dia seguinte, Mário levantou o seu acampamento e conduziu as legiões para as

planícies latinas. A morte de Pompeu Estrabão chamara a atenção para um facto conhecido: um

número tão elevado de homens temporariamente concentrados em volta de uma cidade tão vasta

conduzia normalmente ao aparecimento de epidemias terríveis. Mário decidiu que seria melhor

levar os seus homens para o ar puro e a água imaculada do campo; para mais, poderiam facilmente

pilhar os diversos celeiros e outros depósitos espalhados pelas planícies latinas, abastecendo-se

assim dos cereais e outros alimentos de que precisavam. Arícia, Bovilas, Lanúvio, Ântio, Ficana e

Laurento não ofereceram, aliás, a mínima resistência.

Ao saber da partida de Mário, Quinto Sertório interrogou-se sobre se a verdadeira razão para aquela

retirada não seria o desejo de Mário se salvaguardar a si mesmo e aos seus homens face a uma

eventual ameaça de Cina. Mário podia estar louco, mas não era nenhum imbecil, pensava Sertório.

Aproximava-se o fim de Novembro. Nos dois campos adversos (ou nos três, para se ser mais

preciso), toda a gente sabia que o governo ”legítimo” de Cneu Octávio Rusão estava condenado. O

exército do falecido Pompeu Estrabão recusara Metelo Pio como seu novo comandante, após o que

fora oferecer os seus serviços a Caio Mário. E não a Lúcio Cina.

983

O total de mortos causados pela epidemia era já superior a dezoito mil, e muitas das vítimas eram homens de Pompeu Estrabão. E os celeiros de Roma encontravam-se agora completamente vazios. Sentindo que o fim

estava próximo, Mário regressou ao flanco sul do Janículo, com os seus cinco mil escravos e ex-escravos.

Significativamente, não levou consigo o resto do seu exército, nem os samnitas, nem os outros italianos, nem o que restava do exército de Pompeu Estrabão. Pretenderia assim garantir a sua própria segurança?,

perguntou-se Quinto Sertório. Era muito provável. De facto, dava a impressão que Mário estava a guardar a maior parte dos seus homens para acções posteriores. Esses homens ficariam de reserva, à espera que ele os chamasse.

No terceiro dia de Dezembro, quatro homens atravessaram o Tibre com a intenção de firmarem um tratado: eram eles Metelo Pio, o Bacorinho (oficialmente, o chefe da representação), o censor Públio Crasso e os irmãos César. Do outro lado do rio, esperavam-nos Lúco Cina e Caio Mário.

- As minhas saudações, Lúcio Cina - disse Metelo Pio, revoltado por ver Mário presente, especialmente porque o velho general tinha a seu lado Fímbria, um homem que o Bacorinho considerava um miserável

biltre, e um germano, de estatura gigantesca, com uma pomposa armadura dourada.

- Diriges-te a mim na minha qualidade de cônsul ou de cidadão, Quinto Cecílio? - perguntou Cina, friamente.

Ao ouvir Cina dizer isto, Mário abeirou-se dele e rosnou-lhe:

- Poltrão! Imbecil!

Metelo Pio engoliu em seco.

- Dirijo-me a ti na tua qualidade de cônsul, Lúcio Cina - retorquiu. Ao ouvir isto, Catulo César abeirou-se, furioso, do Bacorinho, e rosnou-lhe:

- Traidor!

- Aquele homem não é cônsul! É culpado de sacrilégio! - exclamou o censor Crasso.

- Ele não precisa de ser cônsul, porque é vencedor! - gritou Mário. Tapando os ouvidos com as mãos para não ouvir aquela acalorada discussão em que só não intervinham ele próprio e Lúcio Cina, Metelo Pio, furioso com o malogro das conversações, deu meia volta e foi-se embora. Os restantes membros do seu grupo de paz seguiram-no imediatamente.

984

Quando contou o que sucedera a Octávio, este não poupou o infortunado Bacorinho.

- Como te atreveste a admitir que ele é cônsul? Ele não é cônsul! Cina é *nefas.* - atirou-lhe Octávio.

- O homem é cônsul, Cneu Octávio. E continuará a sê-lo até ao fim deste mês - retorquiu friamente Metelo Pio.

- Mas que belo negociador que tu me saíste! Não compreendes que a pior coisa que podemos fazer é

precisamente reconhecer Lúcio Cina como legítimo cônsul? - perguntou Octávio, fazendo um gesto de

advertência com o indicador apontado, como se ele fosse um professor ameaçando um estudante.

Ao ouvir aquilo, Metelo Pio perdeu a paciência.

- Nesse caso vai tu e vê se consegues fazer melhor! - exclamou, com uma expressão severa. - E não me

apontes com o dedo! Porque tu pouco melhor és que um arrivista! Eu sou um Cecílio Metelo, e nem Rómulo se atreveria a apontar-me o dedo! Quer te agrade, quer não te agrade, a verdade é que Lúcio Cina *é* cônsul. Se eu lá voltar e ele me fizer a mesma pergunta, a minha resposta será a mesma!

O seu mal-estar, a sua infelicidade, visíveis desde que se sentara na cadeira curul, tornavam-se agora intoleráveis; o *flamen Dialis* e cônsul substituto, Mérula, pôs um ar empertigado, e, com a dignidade que lhe era possível reunir naquele momento, decidiu-se a enfrentar o seu colega Octávio e o furibundo Metelo Pio.

- Cneu Octávio, é meu dever resignar ao cargo de cônsul *suffectus*

- disse ele calmamente. - Não é correcto que o sacerdote de Júpiter seja um magistrado curul. Está certo que eu participe na actividade do Senado. Mas não está certo que eu partilhe o poder supremo.

O resto do grupo ficou sem fala. Mérula abandonou então o baixo Fórum - local onde decorrera aquela

reunião - e subiu a Via Sacra, na direcção do seu *domus publicas.*

Catulo César olhou para Metelo Pio.

- Quinto Cecílio, concordas em assumir o supremo comando militar?

- perguntou. - Se oficializássemos a tua nomeação, talvez os nossos homens, e a nossa cidade, ganhassem um novo alento.

Mas Metelo Pio abanou a cabeça.

- Não, Quinto Lutácio, não concordo. Os nossos homens e a nossa cidade, vítimas da doença e da fome, já não sentem qualquer afecto por essa causa. E além disso, e é com tristeza que o digo, já não



sabem quem é que tem razão. Espero que nenhum de nós queira travar mais batalhas nas ruas de Roma - a de Lúcio Sila já nos chegou. Nós temos de alcançar a paz! Mas com Lúcio Cina. *Nunca* com Caio Mário.

Octávio fitou os rostos dos outros, ergueu os ombos, encolheu-os, suspirou derrotado.

- Muito bem, Quinto Lutácio. Muito bem. Vai ter com Lúcio Cina.

E Metelo Pio voltou a atravessar o rio, desta feita acompanhado apenas por Catulo César e pelo seu filho, Catulo. Era o quinto dia de Dezembro.

Foram recebidos com muito maior pompa do que da primeira vez. Cina montara um *tribunal,* onde se sentara na sua cadeira curul: os três negociadores tinham de olhar para cima se queriam falar com ele. No estrado (embora não estivesse sentado), encontrava-se também Caio Mário.

- Em primeiro lugar, Quinto Cecílio - disse Cina com voz sonora -, deixa-me dar-te as boas-vindas. Em segundo lugar, garanto-te que o

estatuto de Caio Mário é unicamente de observador. Ele compreende que é um *privatus* e que não pode falar no decurso de negociações formais.

- Obrigado, Lúcio Cina - retorquiu Bacorinho com a mesma formalidade rígida. - Informo-te, aliás, que estou autorizado a conferenciar unicamente contigo, e não com Caio Mário. Quais são as tuas condições?

- Que eu possa entrar em Roma na qualidade de cônsul de Roma.

- De acordo. O *flamen Dialis* abandonou já o seu cargo de cônsul substituto.

- Não serão toleradas retaliações.

- Não haverá retaliações - disse Metelo Pio.

- Será concedido o estatuto tribal aos novos cidadãos da Itália e da Gália Italiana, os quais serão normalmente distribuídos pelas trinta e cinco tribos.

- Completamente de acordo.

- Será concedida a liberdade e a cidadania integral a todos os escravos que abandonaram os seus proprietários romanos para se alistarem nos meus exércitos - disse Cina.

O Bacorinho fitou-o com uma expressão carrancuda.

- Impossível! - atirou-lhe. - *Impossível.*

- É uma condição, Quinto Cecílio. Tens de dar o teu acordo a esta, tal como a todas as outras - manteve Cina.

- *Nunca* concordarei em dar a liberdade e a cidadania integral a escravos que abandonaram os seus proprietários legais!

Catulo César avançou.

- Posso falar contigo em particular, Quinto Cecílio? - propôs ele, delicadamente.

Catulo César e o filho demoraram ainda bastante tempo a tentar convencer o Bacorinho a aceitar

aquela condição; e Metelo Pio só acabou por ceder porque Cina se mostrava inflexível. Mas por que

razão?, perguntava-se Metelo Pio. Por sua causa ou por causa de Mário? É que, na realidade, havia

poucos escravos nas forças de Cina, ao passo que o exército de Mário estava cheio deles.

- Muito bem. Concordo com essa idiotice acerca dos escravos disse o Bacorinho, indelicadamente. -

Há, no entanto, uma condição que tenho de pôr.

- Ah, sim? - disse Cina.

- Não poderá haver nenhum banho de sangue - disse Metelo Pio com uma voz firme. - Não será

retirada a cidadania a ninguém, ninguém será banido, exilado, julgado por traição, executado. Neste

conflito, todos agimos de acordo com os nossos princípios e convicções. E nenhum homem pode

ser castigado por obedecer aos seus princípios e convicções, por muito repugnantes que eles nos

pareçam. Isto aplica-se tanto aos homens que te seguiram, Lúcio Cina, como àqueles que apoiaram

Cneu Octávio.

Cina aquiesceu.

- Concordo inteiramente contigo, Quinto Cecílio. O máximo que posso garantir é que,

pessoalmente, farei o possível para que não haja julgamentos por traição, nem banhos de sangue,

nem confiscações de propriedades.

Metelo Pio virou ligeiramente a cabeça, a fim de olhar directamente para o silencioso Caio Mário.

- Queres com isso dizer, Lúcio Cina, que tu, o cônsul!, não consegues controlar a tua própria

facção?

Cina vacilou um instante, mas depois respondeu com firmeza:

- Claro que consigo controlar a minha facção.

- Então jurarás?

- Não, Quinto Cecílio, não jurarei - disse Cina com grande dignidade, ainda que o rosto vermelho

traísse o seu mal-estar. Levantou-se da cadeira, o que significava que a reunião tinha acabado, e

acompanhou Metelo Pio até à ponte da ilha do Tibre. Por um momento,

um momento precioso, Cina e Metelo Pio ficaram sós. - Quinto Cecílio!

- disse ele, com urgência. - Eu *consigo* controlar a minha facção! Mesmo assim, ficaria mais descansado se Cneu Octávio se mantivesse afastado do Fórum, longe, muito longe da vista de quem quer que seja! Só por precaução. Eu *consigo* controlar a minha facção! Mas preferia que Cneu Octávio não se mostrasse. Diz-lhe isto!

- Dir-lhe-ei - retorquiu Metelo Pio.

Mário correu para eles coxeando, ansioso por impedir que aquela conversa continuasse. Tinha um ar

perfeitamente grotesco, pensou o Bacorinho. Havia algo de diferente nele, algo de horrivelmente simiesco. Já não tinha aquele ar espantosamente poderoso de outros tempos, já não era aquele homem que impressionava toda a gente, e que o impressionara a ele, Metelo Pio, quando servira na Numídia como cadete.

- Quando pensam entrar na cidade, tu e Caio Mário? - perguntou Catulo César a Cina, antes de se despedirem.

Antes que Cina pudesse responder, Mário rompeu o seu silêncio com um riso desdenhoso.

- Lúcio Cina pode entrar em Roma como cônsul legítimo em qualquer altura - disse Mário. - Quanto a mim, esperarei aqui com o meu exército até que sejam anuladas as condenações de que eu e os meus amigos fomos vítimas.

Mal Metelo Pio e a sua escolta avançaram para a ponte da ilha do Tibre, Cina perguntou rispidamente a Mário:

- Que queres dizer com essa história de ficares aqui com o exército até ser anulada a tua condenação?

O velho tinha um ar mais inumano que humano; fazia pensar em Lâmia ou Mormolice, um ser monstruoso, de uma inteligência maligna, vindo do Além para atormentar toda a gente. E sorria, e os seus olhos brilhavam sob a espessa e emaranhada cortina das sobrancelhas.

- Meu caro Lúcio Cina, o exército não te segue a ti! O exército segue Caio Mário! Se não fosse eu, todos teriam passado para o inimigo, e Octávio teria vencido! Pensa nisso! Se eu entrar na cidade antes da anulação da sentença de morte, quem me garante que tu e Octávio não chegarão a um acordo para esquecer as vossas divergências e aplicar essa sentença? Seria para mim uma situação extremamente embaraçosa! Eu, um

*privatus,* com o meu barrete frígio na mão, aguardando que os cônsules e o Senado, uma instituição a que eu já não pertenço!, me absolvam de crimes que nunca cometi! Por isso pergunto-te: será essa



uma situação digna para um homem como eu? - Num gesto paternalista, pôs-se a dar pancadinhas

no ombro de Cina. - Não, Lúcio Cina, tu tens direito ao teu momento de glória! Entra em Roma

sozinho. Eu ficarei onde estou com o *meu* exército. Meu, e não teu. Cina contorceu-se, furioso.

- Queres tu dizer que eras capaz de usar o exército, o *meu* exército, contra mim? Contra o legítimo cônsul?

- Anima-te, Lúcio Cina, porque não irei tão longe - disse Mário, rindo - Digamos antes que o

exército está muitíssimo interessado em que seja feita justiça a Caio Mário.

- E que significa exactamente essa expressão, ”fazer justiça” a Caio Mário?

- Significa que nas Calendas de Janeiro eu serei o novo cônsul sénior. Tu serás o cônsul júnior,

evidentemente.

- Mas eu não posso voltar a ser cônsul - exclamou Cina, horrorizado com o que acabava de ouvir.

- Claro que podes! Agora vai-te embora! Vá! - disse Mário, como se estivesse a falar com uma

criança impertinente.

Cina foi ter com Sertório e Carbão, que tinham estado presentes nas negociações, e contou-lhes o

que Mário lhe tinha dito.

- Não digas que não te avisei - retorquiu Sertório, severamente.

- Que podemos fazer? - lamentou-se Cina, desesperado. - Ele tem razão, o exército pertence-lhe!

- As minhas duas legiões, não! - replicou Sertório.

- Duas legiões é pouca coisa - comentou Carbão.

- Que podemos fazer? - repetiu Cina.

- Por ora, nada. Deixemos o velho gozar a sua fama, e o seu precioso sétimo consulado - disse

Carbão. - Trata-se dele depois de Roma ser nossa.

Sertório não fez mais comentários; estava demasiado ocupado a tentar decidir como seria o seu

comportamento futuro. De certo modo, todos os outros lhe pareciam agora mais mesquinhos,

gananciosos, perversos e egoístas. Tinham sido contaminados por Caio Mário e tratavam de pegar a

doença uns aos outros. Quanto a mim, pensou, não tenho a certeza se quero participar nesta sórdida

e inqualificável luta pelo poder. *Roma é* soberana. Mas graças a Lúcio Cornélio Sila, os homens têm agora a ideia de que podem ser eles os soberanos, de que podem fazer de Roma o que muito bem

entenderem.

989

Quando Metelo Pio contou aos seus aliados que Cina aconselhara Octávio a afastar-se das lides da

governação, todos eles compreenderam o que os esperava. Esta foi uma das poucas reuniões a que

Cévola Pontifex Maximus assistiu; todos tinham percebido já que Cévola pretendia retirar-se

daquela contenda sem dar muito nas vistas. Provavelmente, pensou Metelo Pio, porque adivinhou

que o único vencedor será Caio Mário, e porque a sua filha está noiva do jovem Mário.

Catulo César suspirou.

- Bom, sugiro que todos os homens mais jovens deixem a cidade antes que Lúcio Cina entre nela.

Vamos precisar no futuro de todos os nossos *boni* mais jovens. Essas criaturas horríveis que dão pelo nome de Cina e de Mário não durarão para sempre. E um dia Lúcio Sila voltará. - Fez uma

pausa, e acrescentou: - Creio que nós, os mais velhos, só ganharemos se ficarmos em Roma, se nos

arriscarmos um pouco. No que me toca, não tenho o mínimo desejo de repetir a odisseia de Caio

Mário. Nem mesmo que me garantissem que não ia parar aos pântanos do Líris.

O Bacorinho olhou para Mamerco.

- Que achas?

Mamerco reflectiu por um momento e depois respondeu.

- Acho que é absolutamente necessário que saias de Roma, Quinto Cecílio. Esta é a minha opinião

sincera. Quanto a mim, ficarei em Roma, por ora. Não passo de um peixe insignificante neste

grande mar que é Roma.

- Muito bem. Partirei - disse Metelo Pio, com determinação.

- E *eu* irei também - disse o cônsul sénior Octávio, em voz bem alta.

Todos se viraram para ele, surpreendidos.

- Irei para o monte Janículo. Montarei uma plataforma na fortaleza e aí, sentado na minha cadeira

curul, aguardarei os acontecimentos disse Octávio. - Desse modo, o meu sangue não sujará nem as

pedras nem os ares de Roma, caso eles estejam decididos a matar-me.

Ninguém se deu ao trabalho de contrariá-lo. O massacre do Dia de Octávio tornava aquele desfecho

inevitável.

As primeiras horas do dia seguinte, Lúcio Cornélio Cina, vestido com a sua *toga praetexta* e

precedido pelos doze lictores, entrou na

990

cidade de Roma a pé, atravessando as pontes que ligavam a ilha do Tibre às duas margens.

No entanto, Caio Márcio Censorino, que sabia onde Cneu Octávio Rusão se encontrava graças a um

amigo que tinha a confiança daquele cônsul e dos seus aliados, juntou alguns cavaleiros númidas e

seguiu com eles para a fortaleza do Janículo. Ninguém autorizara esta acção - e muito menos Cina.

Mas Cina era culpado por Censorino ter tomado tal iniciativa; de facto, os oficiais de Cina que

nutriam sentimentos mais vingativos tinham concluído que, logo que entrasse em Roma, Cina

cederia a homens como Catulo César e Cévola Pontifex Maximus. Que toda a campanha para

devolver o poder a Cina redundaria num mero exercício sem efusão de sangue. Mas Octávio, pelo

menos, não escaparia, jurava Censorino.

À frente dos seus quinhentos cavaleiros, Censorino verificou com surpresa que podia entrar na

fortaleza sem a mínima oposição. De facto, Octávio mandara os seus homens dispersar. *E* lá estava ele, na tribuna do Fórum da fortaleza, abanando a cabeça, em resposta às súplicas do chefe dos

lictores para que se fosse embora. Ao ouvir o ruído de tantos cascos, Octávio sentou-se com toda a

dignidade na sua cadeira curul. Quanto aos lictores, estavam pálidos de medo.

Caio Márcio Censorino ignorou os lictores. Empunhando a espada, desceu do cavalo, subiu os

degraus da plataforma, encaminhou-se na direcção de Octávio e, com a mão esquerda, agarrou no

cabelo deste. Puxou-lhe o cabelo com toda a força, e o cônsul sénior caiu de joelhos. Perante o olhar impotente dos aterrorizados lictores, Censorino ergueu a espada com ambas as mãos e desferiu um

golpe certeiro e portentoso no pescoço nu de Octávio.

Dois dos cavaleiros pegaram na cabeça ensanguentada (que exibia uma expressão curiosamente

pacífica) e espetaram-na numa lança. Censorino pegou então na lança e ordenou aos seus homens

que regressassem ao acampamento, na planície do Vaticano; Cina ordenara que nenhum soldado

podia entrar no *pomerium* e Censorino não queria desobedecer-lhe relativamente a esse ponto

concreto. Atirando a espada, o capacete e a armadura para o seu criado, Censorino subiu para o

cavalo vestido apenas com a roupa interior de cabedal e dirigiu-se imediatamente para o Fórum

Romano. Quando lá chegou, foi ter imediatamente com Cina e ofereceu-lhe a cabeça de Octávio.

A primeira reacção do cônsul foi de horror, de repugnância; ergueu as mãos, num gesto de recusa

daquela assustadora oferta. Depois, porém,



pensou que Mário estava à espera do outro lado do rio e que havia inúmeros olhos seguindo aquela cena.

Respirou fundo, cerrou os olhos de dor, e enfrentou as nefastas consequências da sua marcha sobre Roma.

- Põe a lança com a cabeça nos *rostra* - disse ele a Censorino. Virando-se para a multidão silenciosa, gritou: -

Este é o único acto de violência com que posso pactuar! Jurei que Cneu Octávio Rusão não viveria para me ver retomar o cargo de cônsul. Foi ele, juntamente com Lúcio Sila!, quem fez uma acção

destas pela primeira vez! Cneu Octávio Rusão e Lúcio Cornélio Sila puseram a cabeça do meu amigo Públio Sulpício no local

onde está agora a cabeça do primeiro! O que é perfeitamente justo! E o mesmo acontecerá a Lúcio Sila

quando voltar a Roma! Olhem bem para Cneu Octávio, cidadãos de Roma! Olhem bem para a cabeça do

homem que provocou tanta dor, tanta fome, tanto sofrimento, porque foi ele quem massacrou mais de seis mil homens no Campo de Marte! Roma está vingada! Não haverá mais derramamento de sangue! E tomem bem

atenção: o sangue de Cneu Octávio não foi derramado dentro do *pomerium!*

O que não correspondia inteiramente à verdade. Mas servia, naquelas circunstâncias.

Em sete dias, a estrutura legal montada por Lúcio Cornélio Sila ruiu por completo. A Assembleia das

Centúrias, agora uma pálida sombra de si mesma, fez o mesmo que fizera com Sila: aprovou todas as medidas mais depressa do que a *lex Caecilia Didia prima* permitia. Restaurados os seus antigos poderes, a Assembleia da Plebe reuniu para eleger os novos tribunos. Depois, foram aprovadas inúmeras leis: os cidadãos da Itália e da Gália Italiana (mas não os libertos de Roma: Cina não quisera correr esse risco) foram distribuídos pelas trinta e cinco tribos sem quaisquer obstáculos ou condições especiais; Caio Mário e os outros fugitivos retomaram as posições e os cargos a que tinham direito; Caio Mário foi oficialmente investido de autoridade proconsular; as duas novas tribos de Pisão Frugi foram abolidas; todos os homens exilados por ordem da Comissão Vária podiam voltar a Roma. A última lei, mas talvez a mais importante de todas,

previa que o comando da guerra contra o rei Mitridates do Ponto fosse formalmente entregue a Caio Mário.

A Assembeia da Plebe procedeu depois às eleições dos edis plebeus e, por fim, a Assembleia de Todo o Povo foi convocada para eleger edis curuis, questores, tribunos dos soldados. Embora não tivessem



ainda trinta anos, Caio Flávio Fímbria, Públio Ânio e Caio Márcio Censorino foram eleitos

questores e entraram imediatamente para o Senado. Nenhum censor se opôs: não teria sido sensato.

Cina ordenou então às Centúrias que reunissem, a fim de elegerem os magistrados curuis; convocou

tal reunião para o Aventino, fora do *pomerium,* pois Sertório continuava no Campo de Marte com as suas duas legiões. Uma triste assembleia, constituída por apenas seis mil representantes das Classes, a maior parte dos quais senadores e cavaleiros idosos, aceitou como cônsules os dois únicos

candidatos: Lúcio Cornélio Cina e, *in absentia,* Caio Mário. Formalmente estava tudo correcto, a eleição era legal. Caio Mário era agora cônsul de Roma pela sétima vez, e pela quarta vez *in*

*absentia.* A profecia cumpria-se.

No entanto, Cina teve direito à sua vingançazinha: era ele o cônsul sénior e Caio Mário o cônsul

júnior. Vieram depois as eleições dos pretores. Surgiram apenas seis candidatos. Mas de novo tudo

se passou correctamente de um ponto de vista formal. A votação podia ser considerada legal.

Embora os candidatos tivessem sido escassos, a verdade é que Roma dispunha já de todos os seus

magistrados. Cina podia agora concentrar-se no combate aos danos causados pelo conflito que

dilacerara Roma - danos que, depois da longa guerra contra os Italianos e da perda do Oriente, era

difícil combater.

Como um animal encurralado, a cidade permaneceu quieta e vigilante durante os dias que faltavam

para o ano acabar, enquanto os exércitos acampados à sua volta regressavam aos seus locais de

origem. Os contingentes samnitas regressaram a Esérnia e a Nola. O último fechou-se de novo

dentro da cidade. É que Caio Mário autorizara Ápio Cláudio Pulcro a montar de novo o cerco a

Nola. Sertório convenceu uma das suas legiões a integrar-se no seu antigo exército, apesar de os

soldados detestarem Pulcro. Muitos dos veteranos que se tinham oferecido para ajudar Caio Mário

regressaram também às suas terras, incluindo as duas coortes que tinham vindo de Cercina.

Reduzido a uma legião, Sertório permaneceu no Campo de Marte como um gato fingindo dormir

profundamente. Manteve-se distante de Caio Mário, que decidira ficar com os seus cinco mil

escravos e ex-escravos. Qual é a tua ideia, qual *é* o teu objectivo, velho detestável?, perguntava Sertório a si mesmo. Mandaste embora todos os homens decentes e ficaste apenas com aqueles que

são capazes de cometer todas as atrocidades! Que estarás tu a congeminar, velho horrível?

993

Caio Mário entrou finalmente em Roma no primeiro dia do ano, já depois de ter sido eleito cônsul, montando um cavalo muito branco, vestido com a toga debruada a púrpura, e com uma coroa de folhas de carvalho na cabeça. A seu lado vinha Burgundo, o gigantesco escravo eimbro, com uma belíssima armadura dourada, e montando um enorme cavalo bastarno. E, atrás de Mário, vinham cinco mil escravos e ex-escravos, todos vestidos de ouro, e todos com espadas - não eram propriamente soldados, mas também não eram civis.

Sete vezes cônsul! A profecia cumpria-se. Só estas palavras ecoavam no cérebro de Caio Mário enquanto avançava por entre uma multidão que o saudava vibrantemente, que chorava; que importância tinha que ele fosse o cônsul júnior, se o povo recebia o seu herói de forma tão apaixonada, tão cega? Sim, que importância tinha isso? Que importância tinha que ele viesse a cavalo, em vez de vir a pé? Que importância tinha que ele viesse do outro lado do Tibre, em vez de vir de sua casa? Que importância tinha que ele não tivesse estado no templo de Júpiter Optimus Maximus, na noite anterior, assistindo à cerimónia dos auspícios? Importância nenhuma! Porque ele era Caio Mário! O que o povo exigia aos outros, não o exigia a ele, Caio Mário! Porque Caio Mário era um homem superior!

Caminhando inexoravelmente para o seu destino, Mário chegou ao Fórum Romano, onde o esperava Lúcio

Cornélio Cina, à frente de uma procissão que incluía senadores e muito poucos cavaleiros. Burgundo fez descer Mário do cavalo branco sem grande esforço, ajustou as dobras da toga do seu senhor e, quando Mário se postou defronte de Cina, colocou-se ao lado dele.

- Ora, Lúcio Cina, vamos acabar com isto! - atirou-lhe Mário bem alto para que todos pudessem ouvir.

Começando a andar, acrescentou: - Já fiz isto seis vezes, e para ti também não é novidade! Por isso, não transformemos a nossa tomada de posse numa parada triunfal!

- Um momento! - gritou o ex-pretor Quinto Ancário, saindo do meio dos homens de togas debruadas a

púrpura que acompanhavam Cina, e colocando-se em frente de Caio Mário. - Vocês não podem ir assim! Caio Mário, tu és cônsul júnior! Portanto, vais atrás de Lúcio Cina, e não à frente dele. Por outro lado, este brutamontes bárbaro não deverá participar no nosso solene desfile ao templo do Grande



Deus. Finalmente, é imperioso que ordenes à tua guarda pessoal que deixe a cidade ou largue as

espadas que traz.

Por um momento, os presentes tiveram a sensação de que Mário ia bater em Ancário, ou ordenar

talvez ao gigante germânico que afastasse o ex-pretor do seu caminho; mas depois o velho encolheu

os ombros e voltou a colocar-se atrás de Cina. Mas o escravo Burgundo continuava com ele e a sua

guarda pessoal não recebeu qualquer ordem para se ir embora.

- Quanto à primeira questão, Quinto Ancário, tens a lei pelo teu lado - retorquiu Mário num tom

ameaçador. - Mas em relação à segunda e à terceira questões, devo dizer-te que não cederei. Nos

últimos anos, a minha vida já correu perigos que cheguem. Além disso, estou doente. Por isso, o

meu escravo terá de permanecer ao meu lado. Quanto à minha guarda pessoal, permanecerá no

Fórum e esperará que eu regresse a fim de me escoltar depois de concluídas as cerimónias.

Quinto Ancário fitou-o com uma expressão de revolta, mas acabou por aquiescer e regressar ao seu

lugar; pretor no mesmo ano em que Sila fora cônsul, Ancário nutria por Mário um ódio antigo, um

ódio de que se orgulhava. Por nada deste mundo poderia permitir que Mário fosse à frente de Cina,

tanto mais que tudo indicava que Cina acabaria por admitir aquele terrível insulto. E só regressara

ao seu lugar por causa do olhar suplicante de Cina. Que raiva! Por que carga de água teria de ser ele a travar as batalhas de um homem fraco? Ah, rogava Quinto Ancário, quem me dera que aquela

guerra acabasse já e que Lúcio Sila voltasse depressa!

Os cerca de cem cavaleiros que comandavam o desfile tinham seguido em frente quando Mário

dissera a Cina para andar; por isso, só quando chegaram ao templo se aperceberam de que os dois

cônsules e os senadores continuavam parados, aparentemente devido a uma discussão. Por isso, o

início daquela peregrinação ao templo do Grande Deus, no Capitólio, além de desconcertado,

revelou-se ainda mal agourado. Ninguém, incluindo Cina, tinha tido a coragem de chamar a atenção

para o facto de Mário não ter ficado de guarda durante a noite, como todos os novos cônsules

deveriam fazer; e Cina não dissera a ninguém que, durante a sua vigília, vira uma forma densa e

escura, uma criatura dotada de teia e garras, voando no céu pálido da madrugada.

995

Nunca uma cerimónia de tomada de posse dos cônsules foi tão rápida como aquela. Nem mesmo a célebre

cerimónia a que Mário quisera comparecer vestido com o traje de general triunfante. Passadas menos de quatro horas, tudo estava acabado - sacrifícios, a reunião do Senado dentro do templo do Grande Deus, o banquete que se seguiu. Nunca os participantes em tais cerimónias se tinham mostrado tão ansiosos em

regressar a suas casas. Quando o desfile desceu o Capitólio, todos puderam ver a cabeça de Cneu Octávio Rusão apodrecendo na sua

lança, um rosto esburacado pelos pássaros, as órbitas vazias viradas para o templo de Júpiter Optimus Maximus. Um terrível agouro! Terrível!

À saída do caminho que separava o templo de Saturno da encosta do Capitólio, Caio Mário viu Quinto

Ancário: o ex-pretor seguia mesmo à sua frente. Apressou o passo e, num instante, abeirou-se de Ancário. Ao sentir uma mão apertando-lhe o braço, olhou à sua volta e o espanto que sentiu de início transformou-se em repulsa quando se apercebeu de quem se tratava.

- Burgundo, a espada - disse Mário, calmamente.

A espada estava na sua mão direita ainda não tinha acabado de falar; a mão ergueu-se e, rápida, desceu.

Quinto Ancário caiu morto, o rosto fendido pelo golpe, desde o alto da testa ao queixo.

Ninguém tentou protestar. Dissipado o choque, senadores e cavaleiros dispersaram a toda a pressa. A legião de escravos e ex-escravos desatou a persegui-los mal o velho deu o sinal por que esperavam.

- Façam o que quiserem com estes *cunni,* rapazes! - gritou Mário, radiante de alegria. - Mas façam o possível por distinguir os meus amigos dos meus inimigos!

Horrorizado, sem qualquer possibilidade de intervir, Cina assistia à desintegração do seu mundo. Os seus soldados ou estavam ainda acampados na planície do Vaticano, ou encontravam-se de regresso a casa; os

”Bardeus” de Mário - era assim que ele chamava aos seus soldados-escravos porque muitos deles pertenciam a esse povo ilírio

- eram quem dominava agora a cidade de Roma. E tratavam-na muito pior do que um bêbedo enlouquecido

trata a mulher que odeia. Homens eram abatidos por razão nenhuma, as casas eram invadidas e roubadas, mulheres eram violadas, crianças assassinadas. Muitos desses actos não faziam sentido, não tinham qualquer justificação. Mas havia certos casos - homens que Mário desejava ver mortos, ou que talvez fantasiasse
996

apenas que desejava ver mortos - em que os Bardeus tinham dificuldade em distinguir os mutáveis

humores de Mário.

Durante o resto do dia e até altas horas da noite, Roma gritou e chorou de dor, e muitos foram os

que morreram ou que desejaram a morte. Nalguns locais, as chamas elevaram-se para os céus e os

gritos transformavam-se em guinchos estridentes, desvairados.

Públio Ânio, que odiava António Orador mais do que todos os outros adversários, conduziu um

contingente de cavalaria até Túsculo, onde os Antónios tinham uma propriedade, e, mostrando um

enorme prazer, perseguiu e matou António Orador. A cabeça foi levada para Roma, no meio de

grande júbilo, e colocada nos *rostra,* espetada numa seta, como já se estava a tornar habitual.

Quanto a Fímbria, levou o seu esquadrão de cavaleiros para o Palatino: procurava, antes de mais, o

censor Públio Licínio Crasso e o seu filho Lúcio, Foi este último que Fímbria viu, correndo para

casa, subindo a toda a pressa a estreita rua onde morava; esporeando o cavalo, Fímbria aproximou-

se do jovem e, debruçando-se da sela, espetou a espada nas costas dele. O pai, que assistira à morte

do filho e não podia impedir que o mesmo lhe acontecesse a ele, tirou um punhal da toga e matou-

se. Felizmente, Fímbria não sabia em que casa moravam os Licínios Crassos, pelo que o terceiro

filho, Marco, que ainda não tinha idade para ser senador, acabou por ser poupado.

Incumbindo alguns homens da tarefa de decapitar Públio e Lúcio Crasso, Fímbria foi então à

procura dos irmãos César. Dois deles, encontrou-os em casa: Lúcio Júlio, e o irmão mais novo,

César Estrabão. As cabeças, como seria de esperar, foram levadas para os *rostra;* mas Fímbria resolveu arrastar o tronco e os membros de César Estrabão até ao túmulo de Quinto Vário; aí,

"matou-o" de novo: tal acto seria uma oferta em intenção do homem que César Estrabão tinha

perseguido e que tão lenta e dolorosamente morrera depois de ter ingerido veneno. Depois, Fímbria

tratou de procurar o irmão mais velho, Catulo César, mas, a meio da sua perseguição, encontrou um

mensageiro de Mário: este ordenava-lhe que poupasse Catulo César, a fim de que este fosse

julgado.

Na manhã seguinte, os *rostra* estavam cheios de cabeças espetadas em lanças - Ancário, António Orador, Públio e Lúcio Crasso, Lúcio César, César Estrabão, o velho Cévola Augure, Caio Atílio

Serrano, Públio Cornélio Lêntulo, Caio Nemetório, Caio Bébio e Octávio. Havia um sem-número

de cadáveres espalhados pelas ruas, cabeças de gente

997

menos importante amontoavam-se na esquina entre o pequeno templo de Vénus Cloacina e a Basílica Emília, e Roma tresandava a sangue coagulado. Indiferente a tudo, excepto à execução da sua vingança, Mário

dirigiu-se ao anfiteatro dos *Comitia,* a fim de ouvir o seu tribuno da plebe, Públio Popílio Lenate, convocar a Assembleia da Plebe. Como seria de esperar, ninguém compareceu à reunião. Esta, no entanto, acabou por realizar-se, depois de os Bardeus terem escolhido as tribos rurais em que queriam integrar-se: essa era uma das prerrogativas da sua recente condição de cidadãos. Quinto Lutácio, Catulo César e Lúcio Cornélio Mérula *flamen Dialis* foram imediatamente indiciados por traição.

- Mas eu não esperarei pelo veredicto - disse Catulo César, os olhos vermelhos de tanto chorar a morte dos irmãos e de muitos dos seus amigos.

Catulo César falava com Mamerco, a quem chamara urgentemente

a sua casa.

- Leva a mulher e a filha de Lúcio Cornélio Sila e foge imediatamente, Mamerco! Por favor, faz o que te peço! A seguir, eles indiciarão Lúcio Sila, e todos os seus familiares, mesmo os mais remotos, morrerão!

Dalmática não escapará, Cornélia Sila não escapará, Mamerco!

- Tinha pensado ficar - disse Mamerco, exausto. - Roma vai precisar dos homens que não estiveram

envolvidos neste horror, Quinto Lutácio.

- Sim, Roma vai precisar desses homens. Mas Roma não os encontrará entre aqueles que ficam, Mamerco!

Quanto a mim, não tenciono viver muito mais tempo. Promete-me que irás com Dalmática, Cornélia Sila e as crianças para a Grécia, onde estarão em segurança. Só depois de ouvir da tua boca tal promessa, poderei fazer aquilo que tenho de fazer.

De semblante triste, Mamerco acedeu às súplicas de Catulo César. E cumpriu o que prometera. Durante esse dia, fez tudo o que lhe foi possível para salvaguardar os seus bens e também os bens de Sila, Escauro, Druso, dos Servílios Cepiões, de Dalmática e Cornélia Sila. Ao cair da noite, ele, as mulheres e as crianças atravessavam a Porta Sanqualis, a porta menos concorrida de Roma. Seguiriam pela Via Salária: parecia uma opção mais segura do que ir para sul, na direcção de Brundísio.

Quanto a Catulo César, enviou breves mensagens a Mérula, o *flamen Dialis,* e a Cévola Pontifex Maximus.

Depois, pediu aos escravos que acendessem todos os braseiros que havia em casa e que os pusessem

na sua maior sala de estar, caiada há tão pouco tempo que as paredes libertavam ainda o acre odor

da cal fresca. Depois de ter vedado com trapos todas as aberturas da sala, Catulo César sentou-se

numa confortável cadeira e desdobrou um rolo de pergaminho onde estavam escritos os últimos

poemas da *Ilíada,* a sua obra favorita. Quando os homens de Mário arrombaram a porta, deram com ele sentado na cadeira, com um ar muito natural, o rolo de pergaminho descansado no seu colo; a

sala estava cheia de fumos letais e o cadáver de Catulo César encontrava-se já frio.

Lúcio Cornélio Mérula não chegou a ler a mensagem de Catulo César, pois matou-se antes de lha

trazerem. Depois de ter colocado reverentemente o seu *apex* e a sua *laena* debaixo da estátua do Grande Deus, Mérula foi para casa, mandou que lhe preparassem um banho quente, meteu-se na

banheira e cortou os pulsos com uma faca de osso.

Cévola Pontifex Maximus, porém, pôde ler a mensagem de Catulo César.

*Quinto Múcio: sei que optaste por te juntar a Lúcio Cina e Caio Mário. Posso até perceber porquê. A tua filha está prometida ao jovem Mário e esse casamento significa uma fortuna que não pode ser desperdiçada.*

*Mas enganas-te, Quinto Múcio. Caio Mário está louco, e os homens que o seguem são pouco melhores que bárbaros. Não me estou a referir aos escravos. É a homens como Fímbria, Ânio e Censorino que me refiro.*

*Cina é, sob muitos pontos de vista, um indivíduo bom, mas é-lhe de todo impossível controlar Caio Mário. E*

*tu também não conseguirás controlá-lo.*

*Quando receberes esta mensagem, já eu estarei morto. Parece-me infinitamente preferível morrer a ter de viver o resto da vida no exílio*

*- ou, muito simplesmente, como uma das muitas vítimas de Caio Mário. Meus pobres irmãos! Agrada-me ser eu a escolher a hora, o local e o processo da minha morte. Se esperasse até amanhã, não teria essa possibilidade.*

*Terminei as minhas memórias e admito, com toda a franqueza, que lamento não poder estar presente quando elas forem publicadas: é que gostaria muito de ouvir os comentários... No entanto, a verdade é que as minhas memórias viverão, sobreviverão à minha morte. Para que nada lhes acontecesse (não são nada simpáticas para Caio Mário!), pedi a Mamerco que as levasse para a Grécia e as deixasse ao cuidado* 999

*de Lúcio Cornélio Sila. Quando a atmosfera melhorar em Roma, Mamerco voltará e tratará de publicá-las. E*

*mandará um exemplar para Públio Rutílio Rufo, em Esmirna: retribuir-lhe-ei assim todas as coisas*

*venenosas que escreveu sobre mim.*

*Cuida de ti, Quinto Múcio. Seria muitíssimo interessante ver como conseguirás conciliar os teus princípios com as necessidades. Eu não o poderei fazer. Mas não faz mal. Haverá quem veja: os meus filhos fizeram casamentos seguros.*

De lágrimas nos olhos, Cévola reduziu a pequena folha a uma bola e atirou-a para um braseiro. Estava frio e, na sua idade, o frio não era fácil de suportar. Imagine-se só que tinham morto o seu velho tio, o

Augure! Uma criatura absolutamente inofensiva! Todos diriam, e rediriam, e repetiriam, que tinha sido um engano, um terrível engano. Ora! Nada do que sucedera em Roma desde o primeiro dia do ano era um engano. Fungando, e aquecendo as mãos, Cévola pôs-se a olhar para o carvão que ardia no braseiro de bronze, desconhecendo que as últimas sensações de vida de Catulo César eram idênticas às que ele tinha naquele momento.

As cabeças de Catulo César e *Mérulaflamen Dialis* foram juntar-se à colecção exibida nos *rastro* antes do alvorecer do terceiro dia do sétimo consulado de Caio Mário; o próprio Mário passou longos momentos a contemplar a cabeça de Catulo César - ainda bela e altiva -, antes de autorizar Popílio Lenate a convocar outra Assembleia da Plebe.

Esta assembleia tratou apenas do caso de Sila, que foi condenado e declarado inimigo público; todas as suas propriedades foram confiscadas, mas não foi o Grande Deus de Roma quem beneficiou com isso. Mário

deixou que os seus Bardeus saqueassem a magnífica residência de Sila e, depois, permitiu que eles a

incendiassem. Os bens de António Orador tiveram um destino idêntico. No entanto, nem Lúcio Sila nem

António Orador tinham deixado a mínima indicação quanto ao local onde guardavam o seu dinheiro (e nos bancos de Roma, ao que parece, não tinham depositado um sestércio que fosse). Por isso, só a legião de escravos acabou por beneficiar com os saques: Roma nunca chegou a ver as fortunas de Orador e de Sila.

Popílio Lenate ficou tão furioso que mandou um grupo de escravos públicos esquadrinhar nas cinzas da casa de Sila, à procura do tesouro escondido. Os armários contendo as máscaras de Sila e dos seus antepassados **1000**

não se encontravam na residência quando os Bardeus a saquearam; não estava lá também a valiosa

mesa de madeira de limoeiro. Mamerco era muito eficiente. Tal como o novo mordomo de Sila,

Crisógono. Os dois, e um pequeno exército de escravos, que recebera rigorosas instruções para

evitar um ar furtivo ou culpado, tiraram tudo o que havia de melhor em meia dúzia das mais belas

casas de Roma em menos de um dia, e esconderam os mais valiosos desses objectos em locais que

ninguém pensaria inspeccionar.

Durante os primeiros dias do seu sétimo consulado, Mário não foi a casa, nem viu Júlia; quanto ao

filho, mandara-o para fora da cidade antes do Ano Novo, com a tarefa de desmobilizar os homens

de que já não precisava. De início, Mário parecia temer que Júlia o procurasse; escondia-se atrás

dos Bardeus, a quem dera ordens rigorosas para que a escoltassem a casa, caso ela aparecesse no

Fórum. Porém, depois de terem passado três dias sem que Júlia desse sinal de si, Mário sentiu-se

mais tranquilo. A única prova da sua perturbação mental eram as longas cartas que escrevia a todo o

momento ao filho, ordenando-lhe que ficasse onde estava e não regressasse tão cedo a Roma.

- Ele está completamente louco, mas, ao mesmo tempo, está completamente são, porque ele sabe

que não conseguirá enfrentar Júlia depois deste banho de sangue - disse Cina ao seu amigo Caio

Júlio César, acabado de regressar a Roma, vindo de Arimino, onde estivera a ajudar Mário

Gratidiano, que fora para a Gália Italiana com a missão de defender Servílio Vátia.

- Onde é que ele vive agora? - perguntou o cunhado de Mário, de rosto lívido, mantendo uma voz

firme graças a um poderoso autocontrole.

- Numa tenda, imagina só! Aquela, ali, estás a ver? Junto ao lago Cúrcio, que é onde ele toma os

seus banhos. Dá impressão que nunca dorme. Quando não se embebeda com os piores dos seus

escravos e com aquele monstro que dá pelo nome de Fímbria, caminha, passeia de um lado para o

outro, anda, anda, anda, metendo o nariz em tudo por dá cá aquela palha, tal e qual como aquelas

avozinhas que não resistem em enfiar a bengala em tudo o que vêem. Não respeita rigorosamente

nada! - Cina estremeceu. - Não consigo controlá-lo! Não faço ideia do que se passa naquela cabeça.

Não faço ideia do que ele tenciona *fazer,* seja agora, seja mais tarde. Duvido até que ele tenha noção de si mesmo.

1001

César tinha começado a ouvir os boatos sobre as loucuras que se passavam em Roma mal chegara a Veios. No entanto, as histórias que ouvira eram tão estranhas e confusas que decidiu não lhes dar crédito. O que não o impediu, contudo, de alterar o seu percurso. Em vez de passar pelo Campus Martius e cumprimentar Sertório, seu primo por casamento, César, após ter atravessado a Ponte Múlvia, tomou um atalho e seguiu na direcção da Porta Colina; dispunha de informações suficientes sobre os acontecimentos em Roma para saber que o exército de Pompeu Estrabão já não estava acampado junto à Porta Colina, e que Pompeu Estrabão tinha

morrido. Em Veios, ficara a saber que Mário e Cina eram cônsules, uma razão mais para não ligar aos boatos sobre inacreditáveis violências cometidas na cidade. Porém, quando chegou à Porta Colina, encontrou-a ocupada por uma centúria de soldados.

- Caio Júlio César? - perguntou o centurião, que conhecia bem os lugares-tenentes de Caio Mário.

- Sim - respondeu César, cada vez mais ansioso.

- O cônsul Lúcio Cina pede que te dirijas imediatamente à suas instalações no templo de Castor.

César pôs uma expressão intrigada.

- Farei isso com todo o gosto, centurião, mas preferia passar por minha casa primeiro.

- A mensagem diz que vás imediatamente, Lúcio Júlio - afirmou o centurião, num tom que era um misto de cortesia e de ordem.

Sufocando a sua ansiedade, César encaminhou-se de imediato para o Fórum, através da Vicus Longus.

O fumo que desfigurara o belíssimo azul de um céu completamente limpo era agora um nevoeiro, e no ar

flutuavam cinzas; cada vez mais horrorizado, César começou a ver os cadáveres - de homens, de mulheres, de crianças - espalhados pelas bermas daquela larga rua. Quando chegou à Fauces Suburae o seu coração batia apressado, incontrolável, e todo o seu corpo não desejava outra coisa senão voltar para trás, correr disparado para casa, para se certificar de que a sua família nada sofrera. Mas dizia-lhe o instinto que a sua família só teria a beneficiar se ele cumprisse as ordens de Cina. Era evidente que tinha havido uma guerra nas ruas de Roma. Ao longe, para os lados das ínsulas do Esquilino, ouviam-se ainda berros e gemidos. No Argileto não se via vivalma; preferiu não descer por esse bairro, metendo antes pela Vicus



Sandalarius, que conduzia ao centro do Fórum; aí, avançando rente às paredes dos edifícios, César

tomou o caminho do templo de Castor e Pólux sem passar pelo baixo Fórum.

Encontrou Cina ao fundo da escadaria do templo e por ele soube o que sucedera.

- Que queres de mim, Lúcio Cina? - perguntou, depois de ter visto a enorme tenda montada junto ao

lago Cúrcio.

- Não quero nada de ti, Caio Júlio - disse Cina.

- Então deixa-me ir para casa! Há incêndios por todo o lado! Preciso de saber se a minha família

está bem!

- Não fui eu quem te mandou chamar, Caio Júlio: foi Caio Mário! Eu limitei-me a dizer aos guardas

que te mandassem vir ter comigo primeiro, porque sabia que tu desconhecias por completo o que se

passava.

- E que quer Caio Mário de mim? - perguntou César, tremendo.

- Vamos perguntar-lhe - disse Cina, começando a andar.

Os cadáveres, agora, não tinham cabeça; quase desmaiando, César olhou para os *rostra* e viu as cabeças espetadas nas lanças.

- Ah, os meus *amigos!* - gritou, as lágrimas inundando-lhe os olhos. - Os meus primos! Os meus colegas!

- Mantêm-te calmo, Lúcio Júlio - disse Cina, num tom frio. - Se dás valor à tua vida, não chores,

não desmaies. Podes ser cunhado dele, mas desde o Ano Novo que acredito que Caio Mário era

capaz de ordenar a execução da própria esposa ou mesmo do filho.

E lá estava ele, Caio Mário, a meio caminho entre a tenda e os *rostra,* falando com o seu gigante germânico, Burgundo. E com o filho de César, então com treze anos.

- Caio Júlio, que bom ver-te! - exclamou Mário com uma voz retumbante, abraçando César e

beijando-o com exagerada afeição; o rapaz, como Cina não deixou de reparar, estremeceu ao ver

aquela cena.

- Caio Mário - disse César, num tom lúgubre.

- Sempre eficiente, Caio Júlio! A tua carta dizia que chegarias hoje, e chegaste mesmo hoje! De

novo em Roma! - disse Mário, acenando para Burgundo, que, num instante, desapareceu.

Mas os olhos de César não largavam o filho, que nem parecia dar por toda aquela sangrenta

carnificina que o rodeava. Tinha uma cor normal, uma expressão tranquila, as pálpebras baixadas.

1003

- A tua mãe sabe que estás aqui? - perguntou-lhe abruptamente César, procurando por Lúcio

Decúmio e encontrando-o escondido a um canto da tenda.

- Sim, pai, a mãe sabe que eu estou aqui - respondeu o jovem César, com uma voz grave.

- O teu rapaz está mesmo crescido, não está? - observou Mário.

- Sim - disse César, tentando dar uma aparência de serenidade.

- Sim, de facto está crescido.

- Está a ficar com os tomates pesados, não é?

César corou. O filho, no entanto, não mostrou o mínimo embaraço: limitou-se a olhar de soslaio

para Mário, como que deplorando a sua grosseria. Não havia nele vestígio de medo, reparou César,

orgulhoso apesar do medo que ele próprio sentia.

- Bom, tenho algumas coisas para discutir com vocês dois - disse Mário afavelmente, referindo-se a

César e a Cina. - Jovem César, espera com Burgundo e Lúcio Decúmio enquanto falo com o teu

*tatá.*

- Aguardou que o rapaz se afastasse o suficiente para não ouvir a conversa e virou-se depois para Cina e César com uma expressão radiante. - Suponho que estão intrigados e impacientes por saber

que raio de assunto quererei eu discutir com os dois?

- Sim, de facto... - disse César.

- Ora bem - começou Mário. - Eu creio que conheço o jovem César melhor do que tu, Caio Júlio.

Por certo que nestes últimos anos tenho estado com ele mais tempo do que tu. É um rapaz notável -

disse Mário, num tom amável, uma expressão maliciosa nos olhos. - Sim, de facto é um rapaz

verdadeiramente extraordinário! Brilhante! Mais inteligente do que todos os homens que já conheci.

E escreve poesia e peças, ha? Mas é igualmente brilhante em Matemática. Absolutamente brilhante.

E possui um carácter fortíssimo. Fica furioso quando é provocado. E não tem medo nenhum de

brigas, nem mesmo de as provocar!

A expressão maliciosa dos olhos tornava-se mais evidente agora e o canto direito da boca subia um

pouco.

- Ora bem - prosseguiu Mário, que agora repetia a todo o instante essa expressão. - Depois de me ter

tornado cônsul pela sétima vez, realizando assim a profecia que a velha fez a meu respeito, dei

comigo a pensar e, a certa altura, disse para mim mesmo: eu gosto muito deste rapaz! Gosto dele o

bastante para querer que leve uma vida mais tranquila e equilibrada do que a que eu levei. Ele é um

estudante

1004

notável, não sei se sabem. De maneira que perguntei a mim mesmo: porque não hei-de garantir-lhe

a posição que lhe vai permitir precisamente desenvolver ao máximo essas capacidades? Porque hei-

de deixar que este meu querido amigo conheça as provações, as provações da guerra... do Fórum...

da política...?

Sentindo-se como se caminhassem sobre um vulcão prestes a entrar em erupção, Cina e César

escutavam-no atentamente, sem fazerem a mínima ideia onde Caio Mário queria chegar.

- Ora bem - prosseguiu Caio Mário. - O nosso *flamen Dialis* está morto. Mas Roma não pode viver sem o sacerdote do Grande Deus, não é verdade? Não pode passar sem esse sacerdote, não é?

Agora, reparem: Caio Júlio César Júnior é uma criança perfeita. Tudo nele é perfeito. É patrício. Os

pais estão vivos. É portanto o candidato ideal para o cargo de *flamen Dialis.* Só que não é casado, claro. No entanto, Lúcio Cina, tu tens uma filha, ainda sem noivo, que é patrícia e cujos pais estão

vivos. Se a casares com o jovem César, todas as exigências serão cumpridas. Reparem: seria um par

maravilhoso, ideal: o jovem *César flamen Dialis* e a tua filha, Lúcio Cina, *flaminica Dialisl* Não precisas de te procupar com o dinheiro necessário para que o teu filho faça o seu *cursus honorum,* Caio Júlio. E tu, Lúcio Cina, não te preocupes com o dote da tua filha. Os rendimentos do casal

serão assegurados pelo Estado que, aliás, também custeará o seu alojamento. Enfim, o futuro *do*

*flamen Dialis* e da esposa será seguramente grandioso.

- Fez uma pausa, sorriu exultantemente para aqueles dois homens que pareciam paralisados,

estendeu a mão direita. - Então, que me dizem?

- Mas a minha filha só tem sete anos! - exclamou Cina, horrorizado.

- Isso não é obstáculo - disse Mário. - Ela há-de crescer. Os dois poderão continuar a viver em casa

dos pais até terem idade suficiente para viver juntos na sua *domus publicus.* Naturalmente, o casamento só poderá ser consumado

quando a pequena Cornélia Cina Menor atingir a idade própria.

Mas olhem que não há nada na lei que impeça que eles se casem já. - Deu um risinho, e perguntou

de novo: - Então, que me dizem?

- Bom, por mim estou de acordo - respondeu Cina, tremendamente aliviado pelo facto de Mário não

o ter chamado com outro objectivo senão aquele. - Admito que seria difícil arranjar um dote para

uma segunda filha, depois de a minha filha mais velha me ter levado tanto dinheiro.

1005

- E tu, Caio Júlio, que achas?

César olhou de esguelha para Cina, entendendo imediatamente a mensagem do cônsul sénior:

concorda, ou as coisas correrão mal para ti e para os teus.

- Está bem, Caio Mário, concordo.

- Esplêndido! - exclamou Mário, dando uns passos de dança, tal era a sua alegria. Virou-se depois

para o jovem César e fez um estalido com os dedos, outro hábito recente. - Rapaz, vem cá!

Que belo rapaz!, pensou Cina, que se lembrava muito bem dele, do tempo em que o jovem Mário

fora acusado de assassinar o cônsul Catão. Que bem parecido! Mas por que razão não me agradam

os seus olhos? Perturbam-me aqueles olhos, fazem-me lembrar alguém... E Cina lembrou-se: sim,

aqueles eram os *olhos de Sila!*

- Sim, Caio Mário? - perguntou o rapaz, fitando algo desconfiado o cônsul júnior; o jovem César percebera, naturalmente, que era ele o motivo da conversa que não fora autorizado a ouvir.

- O teu futuro acaba de ser traçado - disse Mário, contente, afável.

- Vais casar imediatamente com a filha mais nova de Lúcio Cina e passarás a ser o nosso *flamen*

*Dialis.*

O jovem nada respondeu. No seu rosto, nem um músculo se mexeu. No entanto, as palavras de

Mário tinham provocado nele uma mudança profunda. Que mudança, nenhum dos presentes

conseguiria adivinhar.

- Ora bem, jovem César. Que me dizes? - perguntou Mário. Mas o jovem continuava a responder

com o silêncio. E os seus olhos miravam agora o chão.

- Que me dizes, jovem César? - repetiu Mário, começando a ficar impaciente.

Os olhos claros, inexpressivos, ergueram-se para fitar o rosto de César.

- Pensava que o meu casamento com a filha do rico Caio Cossúcio já estava decidido. Ou estou

enganado, pai?

César ficou vermelho, os seus lábios contraíram-se.

- Bom, de facto foi discutido esse casamento com a filha de Cossúcio. Mas não chegámos a nenhum

compromisso e, francamente, prefiro este casamento. E este futuro.

- Deixa-me ver - disse o jovem César com uma expressão pensativa.

- *Como flamen Dialis* não poderei ver nenhum cadáver humano. Não poderei tocar em nada que

seja feito de ferro ou aço: tesouras, navalhas, espadas, lanças... Não poderá haver laços ou nós no

meu vestuário.

# 1006

Não poderei tocar em cabras, cavalos e cães e a hera também me será proibida. Não poderei comer carne em sangue, trigo, pão levedado, feijões. Não poderei tocar no couro extraído a um animal morto especificamente para esse efeito. Terei muitas obrigações, todas elas interessantes e importantes. Por exemplo, anunciarei a safra de vinho nas Vinalia. Conduzirei as ovelhas na procissão *suoevetaurilia.* Varrerei o templo do Grande Deus Júpiter. Tratarei da purificação de uma casa depois de alguém ter morrido nela. Sim, muitas coisas interessantes, de facto, interessantes e importantes!

Os três homens escutavam-no, incapazes de dizer se o tom do rapaz era sarcástico ou ingénuo.

- Então, jovem César, que me dizes? - perguntou Mário pela terceira vez.

Os olhos azuis fitaram o rosto de Mário, uns olhos tão parecidos com os de Sila que, por breves momentos, Mário chegou a imaginar que era Sila quem ali estava, de tal modo que, instintivamente, as suas mãos

começaram a tactear, a tactear, como que à procura da espada.

- Que digo eu?... Ora, que digo eu! Obrigado, Caio Mário! Acho muito simpático da tua parte perderes tempo a tratar tão cuidadosamente do meu futuro. Isso só revela a consideração e estima que tens por mim - disse o rapaz, num tom que não traía qualquer sentimento, ainda que não fosse insultuoso. - Compreendo

perfeitamente, tio Caio Mário, por que razão tiveste tanto cuidado na determinação do meu humilde destino: é que, ao *flamen Dialis,* nada pode ser escondido! Mas digo-te também, tio Caio Mário, que nada

pode alterar o destino seja de quem for, ou impedir alguém de ser aquilo que o destino manda.

- Ah, mas tu tens de cumprir aquilo que o cargo de sacerdote de Júpiter exige de ti! - exclamou Mário, cada vez mais furioso; desejara desesperadamente que o rapaz tivesse tido outra reacção: que tivesse vacilado, suplicado, chorado, que se tivesse atirado para o chão num acesso de raiva.

- É evidente que tenho, tio! - disse o jovem, chocado. - Não percebeste bem o que eu quis dizer. Agradeço-te muito sinceramente teres pensado em mim para esta missão, para este trabalho de Hércules que me espera em breve. - Olhou para o pai e disse-lhe: - Vou para casa, pai. Queres vir comigo? Ou tens mais assuntos a tratar?

- Não, vou contigo - disse César, espantado com tudo aquilo. Não precisas mais de mim, cônsul?



- Não - disse Mário, acompanhando o pai e o filho por breves momentos.

- Lúcio Cina, vemo-nos mais logo - disse César, erguendo a mão em sinal de despedida. - Obrigado por tudo.

Quanto ao cavalo, pertence à legião de Gratidiano, e eu não tenho estábulo para ele.

- Não te preocupes, Caio Júlio, mandarei um dos meus homens tratar do cavalo - disse Cina, encaminhando-se para o templo de Castor e Pólux muito mais bem-disposto do que quando fora ter com Mário.

- Creio que será melhor casarmos as crianças amanhã - disse Mário. - O casamento pode ser celebrado em casa de Lúcio Cina, ao nascer

do dia. O Pontifex Maximus, o Colégio dos Pontífices, o Colégio dos Augures e todos os outros colégios de sacerdotes reunir-se-ão depois no templo do Grande Deus para assistirem à tomada de posse dos nossos novos *flamen* e *flaminica Dialis.* A consagração terá de esperar até tu usares a toga de homem adulto, jovem César. Mas a tomada de posse não levanta qualquer problema, pois não infringe nenhuma lei.

- Agradeço-te uma vez mais, tio Caio Mário - disse o rapaz. Estavam a chegar aos *rostra.* Mário parou e apontou para os medonhos troféus que rodeavam a tribuna.

- Olhem-me só para aquilo! - exclamou, feliz. - Que visão medonha, não é?

- Sim - retorquiu César. - De facto é.

Depois de se despedirem de Mário, o rapaz começou a andar a toda a pressa; nem reparava, pensou o pai, que ia alguém ao lado dele. Virando a cabeça ligeiramente para trás, o pai apercebeu-se de que Lúcio Decúmio os seguia a uma distância razoável. Afinal, o filho não tinha ido sozinho para aquele local horrível; por muito que detestasse Lúcio Decúmio, César tinha de reconhecer que era reconfortante saber que ele os

acompanhava.

- Há quantos dias é ele cônsul? - perguntou de súbito o rapaz. Há quatro dias? Quatro dias que parecem uma eternidade! Nunca tinha visto a minha mãe chorar. Cadáveres por todo o lado. Crianças chorando pelas ruas.

Metade do Esquilino a arder. Cabeças espetadas em setas à volta dos *rostra.* Sangue, sangue por todo o lado.

Os Bardeus, é assim que ele chama àquela gente, quando não estão a molestar as mulheres, estão a emborcar vinho! Sim, o sétimo

consulado

# 1008

de Caio Mário é verdadeiramente glorioso! Homero não deve parar quieto nos Campos Elíseos, ansioso por beber uma boa taça de sangue para assim poder contar os feitos do sétimo consulado de Caio Mário! E sangue não falta em Roma! Bem podem dar um bocadinho a Homero!

Como responder a uma diatribe daquelas? César pouco privara com o filho. Por isso não o entendia. Por isso não sabia como lhe responder.

O rapaz irrompeu casa dentro, com o pai atrás, tentando acompanhar o seu passo. Só parou a meio da sala de estar, para gritar:

- *Mãe! Mãe!*

César ouviu o barulho de uma pena caindo no chão. Um segundo depois, Aurélia saía a correr do seu

escritório, o terror estampado no rosto. Da sua antiga beleza, não sobrava um vestígio; estava magra, sob os olhos viam-se meias-luas negras, o rosto estava inchado, balofo, os lábios feridos.

Toda a sua atenção se concentrava no filho; logo que o viu, ileso, sem uma beliscadura, todo o seu corpo pareceu ceder, vacilar. Só então viu quem estava com ele. Nesse momento, os seus joelhos cederam.

- Caio Júlio!

O marido agarrou-a antes que ela caísse, abraçando-a com força.

- Ah, ainda bem que estás de volta! - disse ela, a cara colada à capa do marido. - Isto é um pesadelo, Caio Júlio!

- Já estás melhor? Posso falar? - atirou-lhe o filho. Os pais viraram-se para ele.

- Mãe, tenho uma notícia a dar-te - disse ele, preocupado unicamente com o monumental sarilho em que

estava metido.

- Que notícia? - perguntou ela, casualmente, recuperando ainda do choque de ver o filho são e salvo e o marido de volta a casa.

- Sabes o que é que ele me fez?

- Quem? O teu pai?

- Não, o pai não me fez nada! - retorquiu o jovem. - Não! O pai limitou-se a dizer que sim, e disso já eu estava à espera. Refiro-me ao meu querido tio Caio Mário, tão simpático, tão amável sempre!

- Que fez Caio Mário? - perguntou Aurélia calmamente, embora tremendo por dentro.

- Nomeou-me *flamen Dialis!* Terei de casar amanhã, ao nascer do dia, com a filha de Lúcio Cina, que tem apenas sete anos, e logo a seguir tomarei posse *como flamen Dialis!* - retorquiu o rapaz, furioso, os dentes cerrados.

1009

Aurélia arfava, não sabia o que dizer; a sua primeira reacção era de alívio profundo, pois ficara terrivelmente angustiada mal o filho recebera a ordem para ir ter com Caio Mário. Enquanto o filho estivera fora, não conseguira sequer fazer uma soma. Pela sua mente, passavam visões daquilo de que apenas ouvira falar, daquilo

que o seu filho iria ver, a caminho do baixo Fórum - as cabeças nos *rostra,* os cadáveres. Ah, aquele velho louco.

O jovem César cansou-se de esperar por uma resposta. Resolveu então fazer os seus próprios comentários.

- Nunca poderei participar em guerras: portanto, nunca poderei rivalizar com ele. Nunca poderei disputar o cargo de cônsul: neste particular, também não poderei rivalizar com ele. Nunca terei a possibilidade de ser chamado o Quarto Fundador de Roma. Em vez disso, terei de passar o resto dos meus dias murmurando

orações numa linguagem que já ninguém entende, varrendo o templo, pondo-me à disposição de qualquer um que precise da casa purificada, vestindo trajes ridículos! - O filho de Aurélia ergueu as mãos, umas mãos belas, masculinas, de dedos longos, como se quisesse tactear o ar, mas logo as cerrou, num gesto de raiva e impotência. - Aquele velho privou-me dos meus direitos inatos, unicamente para fazer sobressair o seu miserável nome nos livros de História.

Nem Aurélia nem César conheciam profundamente a personalidade do filho. Por outro lado, o jovem não

contara nunca a nenhum deles que projectos tinha para o seu futuro. Enquanto ouviam aquele discurso

apaixonado, ambos procuravam uma maneira de levar o filho a compreender que aquilo que acontecera,

aquilo que fora decidido, era agora inevitável. Precisavam de levá-lo a entender que, naquelas circunstâncias, o melhor que tinha a fazer era aceitar o seu destino com um sorriso.

O pai optou por se mostrar severo, reprovador.

- Não sejas ridículo! - disse.

A mãe seguiu-lhe o exemplo. Sempre educara o filho no respeito às virtudes romanas que ele não possuía: cumprimento do dever, obediência, humildade, discrição. Por isso, repetiu:

- Não sejas ridículo, meu filho! - No entanto, acrescentou: - Diz-me com toda a franqueza: alguma vez pensaste que poderias igualar Caio Mário? Nenhum homem poderá igualá-lo!

- *Igualar* Caio Mário? - perguntou o filho, recuando. - Igualá-lo é fácil! Não, eu brilharei muito mais do que ele! Eu serei o Sol, enquanto ele é a Lua!

1010

- Se é assim que encaras este grande privilégio, Caio Júnior disse Aurélia -, então Caio Mário teve toda a razão em dar-te o cargo de *flamen Dialis. É* uma base, uma base de que precisavas. A tua posição em Roma está garantida.

- Eu não *quero* uma posição garantida! - gritou o rapaz. - Eu quero *lutar* pela minha posição! Quero que a minha posição seja consequência dos meus próprios esforços! Que satisfação me pode dar um cargo que é mais velho que a própria Roma, um cargo que me foi atribuído por um homem que, dessa forma, apenas

pretende salvar a sua reputação?

César pôs um ar ameaçador.

- Estás a ser ingrato, Caio César Júnior! - disse.

- Ora, *pai.* Como podes ser tão obtuso? Não sou eu quem está em falta, mas sim Caio Mário! Eu sou o que sempre fui! *Não* sou ingrato! Ao dar-me esta carga de que terei de me libertar, dê lá por onde der, Caio Mário nada fez que mereça gratidão! Os seus motivos são tão impuros como egoístas.

- E se deixasses de exagerar a tua importância, o teu valor? exclamou Aurélia, num tom desesperado. - Meu filho, desde pequeno que te digo que as tuas ideias são demasiado grandiosas, que as tuas ambições só denotam arrogância e presunção!

- E que importância tem isso? - perguntou o rapaz, mais desesperado ainda que a mãe. - Mãe, só eu é que poderei julgar as minhas ideias e ambições! E só poderei julgá-las no fim da minha vida, e não antes de a minha vida começar! Porque agora é que ela não vai começar de modo nenhum.

César achou que era tempo de experimentar outra táctica.

- Caio Júnior, não temos outra alternativa - disse. - Estiveste no Fórum, sabes o que se passou. Se Lúcio Cina, que é o cônsul sénior, considera prudente concordar com tudo o que Caio Mário diz, não sou eu quem se vai opor a ele! Tenho de pensar, não só em ti, mas também na tua mãe e nas tuas irmãs. Caio Mário já não é o mesmo homem. A sua mente está doente. Mas é ele quem detém o poder.

- Sim, isso sei eu - disse o jovem, acalmando-se um pouco. Quanto a esse aspecto, não tenho o mínimo desejo de o ultrapassar, tão pouco de o igualar. Nunca permitirei que, por minha causa, corra sangue nas ruas de Roma.

Tão insensível quanto era prática, Aurélia considerou que a crise tinha sido vencida. Aquiesceu.

1011

- Muito bem, meu filho, muito bem dito. Bom, a verdade é só uma: gostes ou não, vais ser o *flamen Dialis*

De lábios cerrados e franzidos, de olhos gélidos e tristes, o rapaz fitou o rosto desfigurado, apesar de belo, da mãe, o rosto cansado, apesar de belo, do pai, e não encontrou em nenhum deles a

compreensão de que precisava; pior ainda, não detectou neles a mínima compreensão. Mas o jovem

César não se apercebia de que, também ele, não compreendia a difícil situação em que os pais se

encontravam.

- Posso ir? - perguntou.

- Desde que evites os Bardeus e não vás mais longe que a casa de Lúcio Decúmio - retorquiu

Aurélia.

- Vou só ter com Caio Márcio.

Encaminhou-se para a porta que dava para o jardim. Estava mais alto que a mãe, e não era magro,

mas sim elegante, com ombros talvez demasiado largos.

- Pobre rapaz - disse César, que não era tão obtuso quanto o filho pensava.

- A partir de agora, ficará preso ao cargo para que foi nomeado

- disse Aurélia, com um ar tenso. - Tenho muito medo, Caio Júlio, tenho muito medo do que lhe

possa vir a acontecer, das suas reacções. Ele é incapaz de se controlar, a ele nada o faz parar.

Caio Márcio era o filho do cavaleiro Caio Márcio, e tinha exactamente a mesma idade do jovem

César; tinham nascido quase no mesmo dia, eram vizinhos, tinham crescido juntos. Os seus

projectos para o futuro, as suas esperanças de criança, eram diferentes, mas conheciam-se tão bem

como irmãos e gostavam um do outro muito mais do que se fossem irmãos.

Mais pequeno que o jovem César, Caio Márcio possuía no entanto uma tez mais clara e era mais

louro, um louro com olhos cor de avelã; o rosto era bonito, a boca suave; enfim, em tudo se parecia

com o pai

- sentia-se já atraído pelo comércio e pelo direito comercial, e sentia-se muito feliz por saber que, quando fosse homem, se dedicaria a essas actividades; gostava também de jardinagem, e tinha

sempre os dedos sujos de terra de tanto jardinar.

Caio Márcio estava precisamente a tratar do ”seu” jardim, a um canto do pátio, quando viu o amigo

aproximar-se. Percebeu logo que havia problemas. Largou de imediato a sua colher de jardineiro e

levantou-se, limpando a terra que se agarrara à túnica porque a mãe

# 1012

não queria que ele sujasse a casa, mas estragando tudo logo de seguida pois, sem dar por isso,

acabou por limpar as mãos às suas vestes.

- Que se passa contigo? - perguntou, placidamente.

- Dá-me os parabéns, *Pústula]* - disse o jovem César, num tom festivo. - Eu sou o *novo flamen Dialis.*

- Ah, não me digas! - retorquiu Márcio, a quem o jovem César chamava ”Borbulha” desde que se conheciam, pois Márcio era muito mais pequeno que ele. Márcio agachou-se de novo e recomeçou

a escavar. - Que pena, *Pavão* - disse, num tom compreensivo. Chamava ”Pavão” ao jovem César há tanto tempo quanto este lhe chamava ”Borbulha” as suas mães tinham-nos levado, certo dia, a um

piquenique no monte Pinciano, onde havia muitos pavões, abrindo as suas caudas como leques: uma

outra maravilha no meio de coisas tão belas como as amendoeiras em flor ou os tapetes de narcisos.

Também a criança que César era andava com aquele ar empertigado, importante, de pavão. E desde

então ficou ”o Pavão”, pelo menos para o seu amigo.

O filho de Aurélia agachou-se ao lado de Caio Márcio e fez o possível por dominar as lágrimas,

pois a raiva que sentira estava a dar lugar à tristeza, a uma profunda tristeza.

- Eu ia ganhar a Coroa de Erva com menos idade que Quinto Sertório! - disse. - Eu ia ser o maior

general da história do mundo. Maior ainda que *Alexandre.* Eu ia ser cônsul mais vezes que Caio Mário. A minha *dignitas* seria impressionante!

- Terás uma grande *dignitas* na qualidade de *flamen Dialis.*

- Não, não terei. As pessoas respeitam o cargo, não o homem que assume o cargo.

Márcio suspirou, arrumou de novo a colher.

- Vamos falar com Lúcio Decúmio - disse.

Essa era de facto a sugestão certa. César levantou-se, alegre.

- Sim, vamos falar com ele - disse.

Atravessaram o apartamento de Márcio, que dava para a Subura Menor; saíram, e caminharam junto

ao edifício até ao grande cruzamento entre a Subura Menor e a Vicus Patricius. Aí, no vértice da

ínsula triangular de Aurélia, ficavam as instalações da congregação local das encruzilhadas, onde

Lúcio Decúmio reinava há mais de vinte anos.

Lúcio Decúmio estava lá, como seria de esperar. Desde o Ano Novo que não fazia outra coisa senão

tratar da protecção de Aurélia e dos seus filhos.

- Olha quem eles são! O Pavão e a Borbulha! - disse ele, todo satisfeito, sentado à sua mesa. - Um

pouco de vinho na água?

Mas nem o jovem César nem Márcio gostavam de vinho, pelo que ambos abanaram a cabeça e

sentaram-se no banco em frente de Lúcio Decúmio enquanto este enchia de água duas taças.

- Estás com um ar abatido. Tenho estado a pensar no encontro com Caio Mário. Intrigou-me. O que

é que se passa, meu rapaz? perguntou Lúcio Decúmio ao filho de Aurélia, os olhos argutos cheios

de amor.

- Caio Mário nomeou-me *flamen Dialis.*

E finalmente o rapaz encontrou alguém que reagia àquela notícia da forma que ele desejava: Lúcio

Decúmio ficou, primeiro, estupefacto, e depois, profundamente irado.

- Velho miserável! Velho vingativo!

- É isso mesmo, Lúcio Decúmio, é isso mesmo.

- Tu trataste dele durante tanto tempo que ele ficou a conhecer-te bem... Uma coisa é certa: ele não

é nenhum parvo. Pode estar maluco, mas lá parvo é que ele não é!

- Que vou eu fazer, Lúcio Decúmio?

Durante um longo momento, Lúcio Decúmio nada disse. Com um ar pensativo, mordiscava o lábio.

Depois, com um sorriso, com olhos brilhantes, fitou o jovem.

- Agora não sabes o que vais fazer, *Pavão,* mas dá tempo ao tempo porque em breve saberás! - disse ele, jovial. - Para quê esse ar triste? Ninguém saberá melhor do que tu o que hás-de fazer quando

chegar o momento de fazer alguma coisa. Tu és previdente em relação ao teu futuro, mas isso não

quer dizer que tenhas *medo* do teu futuro! Por isso, para quê esse ar assustado? Isso é só o choque, meu rapaz. Eu conheço-te melhor do que Caio Mário. E acho que vais acabar por arranjar uma

maneira de dar a volta às coisas. No fim de contas, jovem César, estamos em Roma, não estamos

em Alexandria. E em Roma há sempre saídas legais.

Caio Márcio Borbulha escutava, mas nada dizia. Sabia que aquela última frase de Lúcio Decúmio

estava correcta, porque o pai trabalhava precisamente na redacção de contratos e escrituras. E no

entanto... a verdade é que aquilo estava certo para contratos e leis, mas o sacerdote de Júpiter era

um cargo que não admitia qualquer saída legal, estava acima de contratos e leis, no fundo não tinha

nada a ver com questões

tão prosaicas: porque, afinal, o cargo *deflamen Dialis* era antiquíssimo, mais antigo mesmo que as Doze Tábuas, e Pavão César tinha instrução e inteligência suficientes para saber isso.

E Lúcio Decúmio também o sabia. Porém, porque era mais sensível que os pais do jovem César,

Lúcio Decúmio compreendeu que era vital incutir alguma esperança no rapaz. E a razão era muito

simples: sem essa esperança, o filho de Aurélia poderia sentir-se tentado pelo suicídio, pela espada

em que, agora, estava proibido de tocar. Como Caio Mário sabia, o jovem César não tinha uma

personalidade adequada àquele cargo. Era um rapaz muito supersticioso, mas a religião aborrecia-o.

Sentir-se preso, sentir-se limitado por normas e regulamentos, equivalia, para ele, à morte. E era

muito capaz de matar-se para fugir a essa prisão e a essa morte em vida.

- Terei de casar amanhã de manhã, antes da cerimónia de tomada de posse - disse o jovem César,

fazendo uma carantonha.

- Com quem? Com Cossúcia?

- Não. Ela não tem as qualidades necessárias para ser *flaminica Dialis.* Com ela casar-me-ia

unicamente por uma questão de dinheiro. Sendo *flamen Dialis,* tenho de me casar com uma patrícia.

Por isso, Caio Mário decidiu que eu me casaria com a filha de Lúcio Cina. Que tem sete anos.

- Oh, e que importância tem isso, ha? Antes sete que dezoito, pavãozinho!

- Acho que tens razão. - O rapaz dobrou os lábios, aquiesceu. Sim, Lúcio Decúmio, tens razão. Eu

*hei-de* encontrar uma maneira de sair disto!

Mas os acontecimentos do dia seguinte chegariam para desencorajar o jovem: de facto, pôde

aperceber-se de que a armadilha que Caio Mário lhe montara era realmente brilhante. Todos temiam

a caminhada desde o bairro de Subura até ao Palatino, mas, durante as anteriores dezoito horas,

realizara-se uma limpeza geral da zona: foi Lúcio Decúmio quem deu essa informação a César que,

ansioso, pretendia evitar que a mulher e as filhas vissem todo aquele terrível espectáculo da morte.

- O casamento do teu filho não vai ser o único esta manhã, disseram-me os Bardeus - acrescentou

Lúcio Decúmio. - Caio Mário mandou chamar o filho, porque quer casá-lo também. E foi por isso

que ele mandou limpar as ruas: não queria que o filho visse! Agora já se pode atravessar o Fórum.

As cabeças já lá não estão. O sangue

# 1015

também não. E os corpos, desfizeram-se deles, devem tê-los enterrado. Como se o pobre rapaz não soubesse o que o pai fez! César olhou com espanto para Lúcio Decúmio.

- Mas tu dás-te com esses homens horríveis? Falas com eles? perguntou.

- Claro que falo! - retorquiu Lúcio Decúmio, num tom desdenhoso.

- Seis deles eram, quer dizer, acho que ainda são, membros da minha congregação.

- Estou a ver - disse César, secamente. - Bom, vamos andando. A cerimónia de casamento em casa de Lúcio Cornélio Cina foi

*confarreatio,* o que implicava uma união para toda a vida. A pequena noiva - pequena mesmo para a idade -

nada tinha de notável ou precoce. Disparatadamente coberta de atavios cor de fogo ou açafrão, de lãs e de talismãs, a menina participou nas cerimónias com a animação e o entusiasmo de uma boneca. Quando

ergueram o véu que lhe cobria o rosto, o jovem César pôde ver que tinha uns olhos negros enormes, covinhas nas faces, e a fragilidade de uma flor. Sentiu pena dela e sorriu-lhe, um sorriso encantador, embora

constrangido, como era habitual nele em assuntos de sedução; ela retribuiu-lhe com um sorriso que fez ressaltar as covinhas do rosto e com um olhar cheio de adoração.

Casados numa idade em que normalmente nem sequer se sabia quem seria o futuro cônjuge, César e Cinila foram depois escoltados pelas famílias até ao templo de Júpiter Optimus Maximus, cuja estátua sorria

estupidamente para eles.

No templo, havia outros recém-casados. A irmã mais velha de Cinila, Cornélia Cina, fora casada à pressa, no dia anterior, com Cneu Domício Aenobarbo. A pressa não se ficara a dever à razão habitual, mas sim ao facto de Cneu Domício Aenobarbo ter achado prudente salvaguardar a cabeça, casando com a filha do colega de Caio Mário, a quem, aliás, estava prometido. O jovem Mário, que chegara na noite anterior, casara ao

princípio da manhã com a filha de Cévola Pontifex Maximus, a quem chamavam Múcia Tércia para a

distinguir das duas primas mais velhas. Nenhum dos casais tinha um ar minimamente feliz, mas isso era mais evidente no caso do jovem Mário e de Múcia Tércia, que nunca se tinham visto antes e que não teriam

oportunidade de consumar a união, já que Caio Mário ordenara ao filho que partisse mal fossem cumpridas as formalidades matrimoniais.

# 1016

Como era evidente, o jovem Mário sabia das atrocidades do pai, mas esperava ficar a conhecer mais

pormenores durante a sua breve estada em Roma. Mário teve com ele uma breve conversa no

Fórum.

- Ao princípio da manhã, deverás estar em casa de Quinto Múcio Cévola, a fim de te casares - disse-

lhe o pai. - Lamento não poder estar presente, mas ando muito ocupado. Tu e a tua mulher assistirão

à tomada de posse do novo *flamen Dialis* e depois participarão no banquete em casa dele.

Terminado o banquete, voltarás para a Etrúria, onde tens deveres a cumprir.

- O quê? Nem posso consumar o meu casamento? - perguntou o jovem Mário, procurando aligeirar

a conversa.

- Lamento imenso, meu filho, mas terás de esperar até que tudo esteja em ordem - retorquiu Mário.

- Terminada a festa, regressas logo ao trabalho!

Havia algo na expressão do velho que o fazia hesitar relativamente a uma questão que lhe queria

pôr; respirou fundo e decidiu-se.

- Pai, agora posso ir ver a mãe? Posso dormir lá em casa? Mágoa, aflição, angústia; esses três

sentimentos tornaram-se visíveis

na expressão, no olhar de Mário. Os lábios tremiam-lhe. Até que conseguiu emitir um surdo ”sim”,

e logo desapareceu.

O momento em que o jovem Mário viu a mãe foi o mais horrível de toda a sua vida. Os olhos dela!

E que velha estava! Velha, abatida, triste. Não queria falar, não queria discutir o que acontecera,

não queria sair da sua dolorosa prisão.

- Eu quero saber, mãe! O que é que ele fez?

- O que nenhum homem faz no seu juízo perfeito, meu querido Caio.

- Desde África que eu sabia que ele estava louco. Mas nunca imaginei que pudesse estar tão

afectado. Como poderemos reparar o mal, mãe? Como?

- Não podemos - Júlia levou a mão à cabeça, franziu o sobrolho.

- Meu filho, não falemos disso! - Molhou os lábios, e perguntou: Como está ele?

- Então sempre é verdade?

- O quê?

- Que nunca mais o viste?

- É verdade, sim, meu Caio. Nunca mais o verei.

Pela forma como a mãe dizia aquilo, o jovem Mário ficou sem saber se era ela que não queria ver o

pai, ou se era este que não a



queria ver, ou se a mãe tinha um pressentimento de que nunca mais o veria, fosse por que razão fosse.

- Ele não está bem. Não parece ele. Diz que não assistirá ao meu casamento. E tu, mãe, tu vais?

- Sim, meu menino, eu vou.

Depois do casamento - que bela rapariga, Múcia Tércia! -, Júlia integrou-se no grupo que ia assistir à cerimónia da posse do *flamen Dialis,* porque Caio Mário não estaria presente. As ruas da cidade tinham sido lavadas e, por isso, o filho de Caio Mário continuava a não saber até que ponto tinham ido as atrocidades do pai. E como era o filho do Grande Homem, não podia perguntar a ninguém.

Os rituais no templo foram extremamente demorados e aborrecidos. Depois de ter despido a túnica, o jovem César vestiu os trajes de *flamen Dialis - o* manto circular, feito de duas camadas de pesada lã, às riscas vermelhas e cor de púrpura, um manto horrivelmente desconfortável; o capacete de marfim, muito apertado, com o disco de lã fixo ao espigão; os sapatos especiais, sem atacadores nem fivela. Como poderia ele

aguentar aquilo toda a vida, todos os dias da sua vida? Habituado a usar o belo cinto de cabedal que Lúcio Decúmio lhe dera (um cinto com uma pequena bolsa, que continha um punhal muito bem feito, oferta também de Decúmio), o filho de Aurélia sentia-se estranho sem ele; além disso, o capacete de marfim - feito para um homem

com uma cabeça muito mais pequena - nem sequer lhe chegava às orelhas: ficava ridiculamente

empoleirado em cima do cabelo. Cévola Pontifex Maximus disse-lhe que não se preocupasse, pois Caio Mário ia dar-lhe um *apex* novo: no dia seguinte, tirar-lhe-iam as medidas à cabeça, a fim de fazerem um capacete mais próprio.

Quando o rapaz viu Júlia, a tia Júlia, o seu coração começou a bater desalmadamente. Os outros sacerdotes não o largavam, mas os olhos dele estavam fixos na tia. Queria que ela olhasse para ele. Ela sentia o olhar do sobrinho, o desejo do sobrinho, mas não olharia para ele. Subitamente ficara velha, ela que tinha apenas quarenta anos; toda a sua beleza definhara por causa de tormentos que não conseguia vencer ou contornar.

Porém, no final das cerimónias, quando toda a gente se juntou para saudar o novo *flamen Dialis* e a bonequita que era a sua *flaminica, o* filho de Aurélia e César conseguiu ver os olhos da tia Júlia. Quem lhe dera que não os tivesse visto! Júlia beijou-o na boca, como sempre fazia, e encostou a cabeça ao ombro dele para chorar um pouco.



- Tenho muita pena, meu sobrinho - murmurou ela. - Ele não podia ter feito pior. Ele quer magoar toda a gente, mesmo aqueles a quem não devia magoar. Mas, peço-te que compreendas: ele já não é o mesmo

homem!

- Eu compreendo, tia Júlia - disse o rapaz, muito baixo para que ninguém mais ouvisse. - Não te preocupes comigo. Eu tratarei de tudo.

Finalmente, e como o Sol estava já a pôr-se, os participantes na cerimónia podiam ir-se embora para suas casas. O *novoflamen Dialis*

- com o capacete demasiado pequeno, metido no manto sufocante, os sapatos dançando porque não tinham atacadores nem correias - foi a pé para casa com os pais, com as irmãs (sempre com um ar muito solene), a tia, e o primo Mário e a sua noiva. Cinila, a *novaflaminica Dialis* (vestindo também um sufocante manto de lã, sem laços nem fivelas), foi também para sua casa, com os pais, o irmão, a irmã, Cornélia Cina, e Cneu Aenobarbo.

- De modo que Cinila ficará com a sua família até fazer dezoito anos - disse Aurélia a Júlia com um ar animado, metendo conversa com a cunhada enquanto todos se instalavam na sala de jantar para uma última refeição festiva. - Faltam onze anos! Na idade dela, parece muito tempo. Na minha, não é nada.

- Sim, é verdade - disse Júlia, num tom indiferente, sentando-se entre Múcia Tércia e Aurélia.

- Quantos casamentos! - comentou César alegremente, uma alegria falsa, pois há muito que reparara no rosto definhado da irmã. Estava reclinado no *lectus medius,* o divã do anfitrião, e dera o lugar de honra, ao lado dele, ao *novoflamen Dialis,* que nunca fora autorizado a reclinar-se num divã e que agora achava essa postura tão estranha e desconfortável como tudo o mais que lhe acontecera naquele tumultuoso dia.

- Por que motivo não veio Caio Mário? - perguntou Aurélia, sem o mínimo tacto.

Júlia enrubesceu, encolheu os ombros.

- Anda demasiado ocupado.

Furiosa consigo mesma, Aurélia não fez mais comentários: fitou o marido, à procura de uma tábua de

salvação, de uma palavra, de uma frase que acabasse com aquele mal-estar. Mas a salvação não veio; bem pelo contrário: quem falou

foi o jovem César, e as suas palavras ainda pioraram a situação.

# 1019

- Nada disso! Caio Mário não veio porque não se atreveu a vir!

- disse o *novoflamen Dialis,* sentando-se muito direito no divã, despindo o manto e atirando-o sem qualquer cerimónia para o chão.
- Ah, assim já me sinto melhor. Maldito manto! Odeio-o!

Aproveitando as imprecações do filho para sair do seu dilema, Aurélia fitou o jovem César com uma

expressão grave.

- Não sejas ímpio - disse.

- Por que não hei-de dizer a verdade? - perguntou o jovem César, com uma expressão de desafio.

Nesse momento, os criados trouxeram o primeiro prato - pão branco, azeitonas, ovos, aipo, várias saladas de alface.

O *novoflamen Dialis* tinha tanta fome - durante os rituais, era-lhe interdito comer fosse o que fosse - que se atirou logo ao pão.

- Não! Não faças isso! - gritou Aurélia, empalidecendo de repente. O rapaz fitou-a, de sobrolho franzido.

- Porque não? - perguntou.

- O *flamen Dialis* não pode tocar em trigo nem em pão levedado

- respondeu a mãe. - Aqui está o teu pão.

O pão do jovem César era um pão sem altura, praticamente só côdea, cinzento, algo que não despertaria o apetite de ninguém.

- O que é isto? - perguntou o rapaz, com ódio nos olhos. - *Mola salsa!*

- *Mola salsa é* feita de espelta, que também é trigo - disse Aurélia, sabendo perfeitamente que não dava nenhuma novidade ao filho. Este pão é de cevada.

- Pão de cevada não levedado - disse o jovem. - Até mesmo os camponeses egípcios comem melhor que eu!

Acho que vou comer pão normal. Esta coisa só me fará mal.

- Jovem César, este é o dia da tua tomada de posse *como flamen Dialis* - disse o pai. - Os auspícios são favoráveis. Neste dia, mais do que em qualquer outro, tudo deve ser escrupulosamente observado. Tu és o elo que liga Roma ao Grande Deus. Tudo o que tu fizeres afectará as relações de Roma com o Grande Deus. Sim, eu sei que estás com fome. E concordo que o pão de cevada tem muito mau aspecto. Mas, a partir de hoje, terás de pôr Roma à frente dos teus interesses e desejos. Vá, come o teu pão.

Os olhos do rapaz viajaram de rosto em rosto. Depois, respirou fundo e disse o que tinha de ser dito. Nenhum adulto poderia dizê-lo:

# 1020

os adultos tinham demasiados anos e demasiados medos em cima para se permitirem fazer muita coisa, para se permitirem fazer fosse o que fosse.

- Este não é um tempo para alegrias. Como poderá algum de nós sentir-se alegre? Como poderei eu sentir-me alegre? - Pegou no pão branco, quente e estaladiço, tirou um naco, molhou-o no azeite e levou um pouco à boca. - Ninguém se deu ao trabalho de me perguntar, com seriedade, se eu queria este cargo tão pouco próprio para um verdadeiro homem - disse, mastigando com prazer. - Sim, sim, eu sei que Caio Mário me perguntou por três vezes! Mas será que tive alguma possibilidade de escolha? A resposta é não, evidentemente. Caio Mário está louco. Todos sabemos isso, embora não o digamos abertamente nas nossas conversas à hora do jantar. Ele fez-me isto deliberadamente, e as suas razões não são puras, não têm nada a ver com o bem-estar de Roma, religioso ou outro. - Engoliu o pão, e prosseguiu: - Eu não sou ainda um homem. E enquanto não for um homem, não usarei este traje horroroso. Porei o meu cinto e vestirei a minha *toga praetexta* e sapatos confortáveis. Comerei o que me apetecer. Irei para o Campo de Marte fazer exercício físico, praticar esgrima, cavalgar, treinar o uso do escudo, lançar o meu *pilum.* Quando eu for um homem e a minha noiva uma mulher, então veremos. Até lá, não agirei como *flamen Dialis* no seio da minha família ou quando isso interferir com as obrigações normais de um rapaz romano nobre.

A esta declaração de independência seguiu-se um silêncio absoluto. Os membros mais velhos da família

tentavam encontrar a resposta certa, sentindo pela primeira vez alguma da impotência que Caio Mário, o doente, o diminuído Caio Mário, sentira perante aquela força de aço. Que poderei eu dizer,

que poderei eu fazer?, perguntava-se o pai, que não queria fechar o rapaz num cubículo até que mudasse de ideias, pois sabia que um tal tratamento não daria o mínimo resultado. Muito mais determinada, Aurélia pensava seriamente em tal castigo, mas sabia muito melhor que o marido que teria um efeito contraproducente. A mulher e o filho do homem que tinha provocado toda aquela infelicidade, estavam demasiado conscientes da verdade para

ficarem zangados, demasiado conscientes da sua incapacidade para mudar as coisas. Múcia Tércia, ainda surpeendida com a beleza do homem com quem acabara de casar, e pouco habituada a um círculo familiar

onde se falava sem rodeios, fixava os joelhos. E as irmãs do jovem César,



mais velhas do que ele e, por isso, conhecedoras da sua personalidade desde a infância, olhavam

uma para a outra pesarosamente. Júlia rompeu o silêncio, dizendo, com um ar tranquilo:

- Penso que tens toda a razão, jovem César. Com treze anos e meio, as coisas mais sensatas que

podes fazer são comer bem e fazer exercício. No fim de contas, Roma pode vir a precisar um dia da

tua saúde e das tuas capacidades físicas, mesmo que continues a ser o *flamen Dialis.* Pensem no pobre Lúcio Mérula. Estou certa de que ele nunca esperou ter de ocupar o cargo de cônsul. Mas de

facto ocupou-o, quando a isso foi chamado. E ninguém o considerou ímpio. Ele continuou a ser o

sacerdote de Júpiter, como sempre fora.

Sendo a mais velha das mulheres presentes, Júlia tinha toda a autoridade para dizer aquilo que

pensava - nem que fosse pelo facto de a sua intervenção evitar uma ruptura definitiva entre os pais e o obstinado filho.

O jovem César comeu pão de trigo levedado e ovos e azeitonas e frango até ficar completamente

saciado. No fim de tudo, afagou a barriga, que estava bem cheia. Não comia mal habitualmente,

mas a comida não lhe despertava muito interesse; aliás, sabia perfeitamente que podia ter passado

sem o pão branco, que em circunstâncias normais o outro pão o teria deixado satisfeito. Mas era

melhor que a sua família compreendesse, desde o princípio, o que ele sentia em relação à sua nova

carreira, e como tencionava encará-la. Se a tia Júlia e o jovem Mário se tinham sentido infelizes e

culpados com as suas palavras, tanto pior. Ainda que o sacerdote de Júpiter fosse vital para o bem-

estar de Roma, a verdade é que ele nada fizera para ter esse cargo, e, por outro lado, sabia, no mais fundo do seu ser, que o Grande Deus lhe destinara tarefas mais empolgantes do que varrer o templo.

Ainda que não tivesse havido a declaração de independência do jovem *flamen Dialis,* ou a crise provocada pelo seu regime alimentar, aquela refeição seria sempre uma refeição amarga. Muita

coisa não foi dita, muita coisa não podia ser dita. Para o bem de todos. Talvez a candura do jovem

César tivesse salvo o jantar; no fundo, a sua intervenção permitiu a todos os presentes distraírem-se um pouco das atrocidades de Caio Mário, da loucura de Caio Mário.

- Estou contente por este dia ter finalmente acabado - disse Aurélia para César, preparando-se para

se deitarem.

- Não quero outro dia igual a este em toda a minha vida - disse César, gravemente.

1022

Antes de se despir, Aurélia sentou-se na beira da cama e olhou para o marido. Parecia fatigado.

Parecia sempre fatigado. Que idade tinha ele? Estava a fazer quarenta e cinco. O consulado estava

praticamente perdido, e ele não era nenhum Mário, não era nenhum Sila. De repente, enquanto o

fitava, Aurélia apercebeu-se de que ele nunca seria cônsul. Em grande parte, pensou, a culpa é

minha. Se ele tivesse uma mulher menos independente e menos ocupada com os negócios, teria por

certo ficado mais tempo em Roma durante os últimos dez anos, teria, muito provavelmente, firmado

a sua reputação no Fórum. Mas o meu marido não é um lutador. E não é agora que ele vai ter com

aquele louco para lhe pedir dinheiro para lançar uma candidatura séria ao cargo de cônsul. Nunca o

faria. Não por medo. Por orgulho. O dinheiro, agora, está sujo, sujo de sangue. Nenhum homem

honesto quereria esse dinheiro. E o meu marido é o mais honesto de todos os homens.

- Caio Júlio - disse ela -, que poderemos nós fazer em relação ao nosso filho? Ele odeia tanto o

cargo para que Caio Mário o nomeou!

- E tem razão para isso. No entanto - disse ele com um suspiro -, uma coisa é certa: eu nunca serei

cônsul. E isso significa que o nosso filho terá muita dificuldade em vir a ser cônsul. Com esta

guerra contra a Itália, o nosso dinheiro encolheu. E, na prática, perdi os mil *iugera* de terra que tinha comprado na Lucânia por ser tão barata. É uma terra que fica demasiado longe de qualquer cidade:

nunca estará em segurança. Depois de Caio Norbano ter expulso os Lucanianos da Sicília, o ano

passado, os insurrectos foram instalar-se em terras como a minha. E Roma não terá tempo, nem

homens, nem dinheiro, para os expulsar de lá. Talvez no tempo dos nossos netos, talvez. Por isso,

da minha riqueza inicial, só restam os seiscentos *iugera* perto de Bovilas que Caio Mário me

ofereceu. E isso só dá para eu me sentar nos bancos de trás do Senado. Não chega para o *cursas*

*honorum.* Além do que, de certo modo, Caio Mário tirou-me a terra que me tinha oferecido. As

tropas dele deram cabo da propriedade de Bovilas enquanto vagueavam pelo Lácio.

- Eu sei - disse Aurélia, num tom triste. - O nosso pobre filho terá de se contentar com o que tem!

- Assim parece.

- Ele está convencido de que Caio Mário fez de propósito!

1023

- E creio que tem razão, uma vez mais - retorquiu César. - Eu falei com Caio Mário, no Fórum. E

era nítido que ele estava satisfeito, *indecentemente* satisfeito.

- É assim que ele agradece todo o apoio que o nosso filho lhe deu durante a doença.

- Caio Mário já não sabe o que é gratidão. O que mais me assustou foi o medo de Lúcio Cina. Ele

disse-me que ninguém estava seguro, nem mesmo Júlia, nem mesmo o jovem Mário. Depois de ter

visto Caio Mário, acreditei nele.

César despiu-se e Aurélia reparou, com algum alarme, que ele emagrecera; tinha as costelas e os

ossos das ancas salientes, as coxas magras.

- Caio Júlio, estás bem de saúde? - perguntou ela, abruptamente. Ele pôs um ar surpreendido.

- Acho que sim! Um pouco cansado, talvez, mas não doente. Deve ter sido por causa da estada em

Arimino. Depois de as legiões de Pompeu Estrabão terem ocupado durante três anos a Úmbria e o

Piceno, pouca comida ficou para alimentar as nossas legiões. Por isso, eu e Marco Gratidiano

tínhamos rações reduzidas. Não podemos comer bem, quando não temos comida que chegue para os

nossos soldados. Tenho a impressão de que passei a maior parte do tempo à procura de

abastecimentos.

- Bom, mas agora vais comer bem: eu trato disso - disse ela, com um sorriso, um dos seus raros

sorrisos, alegrando-lhe o rosto abatido.

- Ah, gostava muito de não estar pessimista, de pensar que as coisas vão melhorar! Mas tenho um

pressentimento horrível, um pressentimento de que tudo vai piorar. - Aurélia levantou-se e despiu a

camisa de dormir.

- Sinto o mesmo que tu, *meum mel* - disse ele, sentando-se no seu lado da cama. Com um suspiro de prazer, pôs as mãos para trás, na almofada, sob a cabeça, e sorriu. - Bom, mas enquanto formos

vivos, este é um prazer que ninguém nos pode tirar.

Ela deslizou para junto do marido, encostou o seu rosto ao ombro dele; César abraçou-a então com

o braço esquerdo.

- Um prazer muito bom - disse ela, com uma voz rouca, profunda.

- Amo-te, Caio Júlio.

Às primeiras horas do sexto dia do seu consulado, Caio Mário ordenou ao seu tribuno da plebe

Públio Popílio Lenate que convocasse

# 1024

outra Assembleia da Plebe. Só os Bardeus de Mário se deslocaram ao anfiteatro dos *Comitia* para assistir à reunião. Durante quase quarenta e oito horas, tinham obedecido às ordens de Mário para se comportarem bem, para limparem a cidade e para desaparecerem depois das ruas de Roma. Mas o jovem Mário regressara já à Etrúria e, nos *rostra,* viam-se de novo as cabeças espetadas nas lanças. Na tribuna, havia apenas três pessoas - Mário, Popílio Lenate e um prisioneiro com grilhetas nas mãos e nos pés.

- Este homem - berrou Mário - tentou matar-me! Quando eu, velho e doente!, fugia de Itália, a cidade de Minturnas acolheu-me de braços abertos. Até que um exército de assassinos contratados obrigou os

magistrados de Minturnas a ordenar a minha execução. Estão a ver o meu bom amigo Burgundo? Pois foi

Burgundo o escolhido para me estrangular numa cela, sob o Capitólio de Minturnas! Sim, ali estava eu

naquela cela, sozinho, e todo sujo de lama! E nu! Eu, Caio Mário! O maior homem da história de Roma! O

maior homem que Roma alguma vez teve e terá! Maior que Alexandre da Macedónia! Um grande homem!

Um grande homem! - Parou, ficou com um ar confuso, atrapalhado, tentou lembrar-se do que havia dito,

lembrou-se, pôs um sorriso satisfeito.

- Pois Burgundo recusou-se a estrangular-me. E, seguindo o exemplo de um simples escravo germano, toda a cidade de

Minturnas se recusou a ver-me morto. Mas antes de os assassinos contratados, uma gente

miserável!, nem sequer eram capazes de me matar com as suas próprias mãos!, antes de eles deixarem

Minturnas, eu perguntei ao chefe quem é que os tinha contratado. ”Sexto Lucílio”, respondeu-me ele.

Mário voltou a sorrir, afastou as pernas e pôs-se a bater com os pés no chão, executando o que parecia ser uma pequena dança.

- Quando me tornei cônsul pela sétima vez - e há algum homem na história de Roma que tenha sido cônsul sete vezes? -, quis que Sexto Lucílio pensasse que ninguém sabia que fora ele quem contratara aqueles assassinos. E o idiota ficou em Roma! Julgava-se seguro! Mas esta manhã, mandei os meus lictores prendê-lo.

É acusado de traição. Sim, porque ele tentou matar Caio Mário!

Nunca houve por certo julgamento mais breve ou votação mais descuidada; sem discussão prévia, sem

testemunhas, sem qualquer respeito pelos procedimentos legais, os Bardeus declararam Sexto Lucílio culpado de traição. E, por fim, aprovaram que fosse atirado da Rocha Tarpeia.

1025

- Burgundo, incumbo-te da tarefa de atirar este homem da Rocha Tarpeia - disse Mário para o

criado.

- Assim farei, Caio Mário. Com todo o gosto - retorquiu Burgundo, com a sua voz grossa,

retumbante.

A assembleia deslocou-se então para um local onde pudesse assistir comodamente à execução;

Mário, contudo, permaneceu nos *rostra* com Popílio Lenate; da tribuna, tinha uma vista soberba para o Velabro. Sexto Lucílio, que nada dissera em sua defesa nem se permitira outra expressão que

não fosse a de desprezo, caminhou corajosamente para a sua morte. Quando Burgundo, um enorme

brilho dourado ao longe, conduziu Lucílio até à ponta do rochedo, este não esperou que o

empurrassem; atirou-se sozinho, quase levando o germano atrás, pois Burgundo ainda estava a

agarrar-lhe nas correntes.

Este acto de desafio e independência e o risco que Burgundo correra deixaram Mário terrivelmente

furioso; pôs-se muito vermelho, sentia-se sufocar, falava atabalhoadamente. Popílio Lenate, com

um ar descoroçoado, ouvia os piores insultos.

Até que a escassa luz que iluminava o cérebro de Mário foi de súbito apagada por uma torrente de

sangue. Caio Mário caiu então no chão dos *rostra,* como um animal que alguém tivesse acabado de abater. Os lictores rodearam-no, Popílio Lenate desatou a pedir freneticamente que lhe trouxessem

uma padiola ou uma liteira. E todas aquelas cabeças de velhos rivais, de velhos inimigos, rodeavam

o corpo inerte de Mário, cabeças já quase só caveiras porque os pássaros as tinham comido.

Cina, Carbão, Marco Gratidiano, Mágio e Virgílio desceram a correr os degraus do Senado e, num

instante, cercavam o corpo inanimado de Caio Mário.

- Ainda respira - disse o sobrinho adoptivo de Mário, Gratidiano.

- Infelizmente - disse Carbão entre dentes.

- Levem-no para casa - ordenou Cina.

Os Bardeus, mal souberam do sucedido, correram também para o local. Todos choravam, alguns

davam estranhos gritos. Cina virou-se para o chefe dos seus lictores.

- Vai ao Campo de Marte e diz a Quinto Sertório que venha imediatamente aqui - disse. - Conta-lhe

o que aconteceu.

Enquanto os lictores de Mário o levavam numa padiola, seguidos pelos Bardeus, chorando e

gritando sem cessar, Cina, Carbão, Mário Gratidiano, Mágio, Virgílio e Popílio Lenate desceram

dos *rostra* e



esperaram por Quinto Sertório; sentaram-se na primeira fila do anfiteatro dos *Comitia,* tentando ordenar os pensamentos.

- Não posso crer que ainda esteja vivo! - exclamou Cina, admirado.

- Acho que ele era capaz de se levantar e caminhar se alguém lhe enfiasse uma boa espada romana

nas costelas - disse Virgílio, com uma expressão severa.

- Que tencionas fazer, Lúcio Cina? - perguntou o sobrinho adoptivo de Mário, que concordava com

a atitude dos outros, mas não o podia admitir, preferindo por isso mudar de assunto.

- Ainda não sei bem ao certo - disse Cina, pensativo. - É por isso que estou à espera de Quinto

Sertório. Gosto dos conselhos dele.

Sertório chegou uma hora depois.

- É o melhor que podia ter acontecido - disse Sertório para todos os presentes, mas em especial para

Mário Gratidiano. - Não te sintas desleal por causa dos teus sentimentos, Marco Mário. Tu foste

adoptado, tens menos sangue dos Mários do que eu. Mas, embora a minha mãe pertença aos Mários,

eu digo o que penso sem medo nem culpa. O exílio deixou Caio Mário completamente louco. Este

não era o Caio Mário que eu conheci.

- Que vamos fazer agora, Quinto Sertório? - perguntou Cina. Sertório fitou-o espantado.

- Mas o cônsul és tu, Lúcio Cina! Tu é que deves saber, não eu. Cina enrubesceu.

- Quanto aos deveres do cônsul, Quinto Sertório, não tenho a mínima dúvida! - atirou-lhe. - Eu

chamei-te aqui unicamente para pedir conselho sobre a melhor maneira de nos livrarmos dos

Bardeus.

- Ah, estou a ver - retorquiu Sertório, lentamente. Usava ainda uma venda sobre o olho esquerdo,

mas o sangue parecia ter já estancado por completo.

- Enquanto não nos virmos livres dos Bardeus, Roma continuará a pertencer a Mário - disse Cina. -

O problema é que duvido que eles se queiram ir embora. Tanto aterrorizaram Roma que agora

ganharam-lhe o gosto. Irão parar só porque Caio Mário está incapacitado?

- Podemos detê-los - disse Sertório, com um sorriso perverso. Eu posso matá-los.

Carbão rejubilou.

- Óptimo! - disse. - Eu vou reunir todos os homens que estiverem acampados do outro lado do rio.



- Não! De modo nenhum! - exclamou Cina, horrorizado. - Outra batalha nas ruas de Roma? Depois

do que sucedeu nos últimos seis dias? Nem pensar!

- Eu *sei o* que se há-de fazer! - exclamou Sertório, impaciente com tanta interrupção, e tanta estupidez. - Lúcio Cina, reunir-te-ás aqui, nos *rostra,* amanhã de manhã, com os chefes dos

Bardeus. Diz-lhes que, no último momento, Caio Mário pensou neles e te deu o dinheiro para lhes

pagares. Isso significa que terás de ir hoje a casa de Caio Mário e permanecer lá algum tempo,

enfim, o tempo suficiente para que se fique a pensar que falaste com ele.

- Preciso mesmo de ir a casa dele? - perguntou Cina, que não gostava nada da ideia.

- Precisas, porque os Bardeus vão passar todo o dia e toda a noite na rua onde vive Caio Mário, à

espera de notícias.

- Sim, claro - disse Cina. - Desculpa, Quinto Sertório, mas estou um pouco confuso. E que faço

mais?

- Dizes aos chefes que os Bardeus poderão ir receber o seu dinheiro à segunda hora do dia, na Villa

Publica, no Campo de Marte - disse Sertório, com um sorriso franco. - Eu estarei à espera deles com

os meus homens. E só assim acabará realmente o reinado do terror de Caio Mário.

Ao ver o marido, Júlia sentiu uma dor lancinante, uma compaixão infinita. Mário tinha os olhos

fechados, a respiração era estertorosa,

- É o fim - disse ela para os lictores. - Vão para casa, bons servos do Povo. Eu tratarei dele a partir de agora.

Júlia lavou-o, barbeou-o (a barba durava-lhe há seis dias), vestiu-o com uma túnica branca lavada

de fresco. Depois, pediu aos criados que o levassem para a cama. Não chorava.

- Manda chamar o meu filho, bem como toda a família - disse ela a Estrofantes, o chefe dos criados,

logo que Mário ficou pronto. - Ele vai morrer. Não será para já, mas vai morrer. - Sentada numa

cadeira ao lado da cama do Grande Homem, Júlia deu mais algumas instruções a Estrofantes,

enquanto o moribundo roncava horrivelmente, procurando o ar que cada vez mais lhe faltava: os

quartos dos hóspedes tinham de ser arranjados, era preciso preparar comida que chegasse, a casa

devia estar impecável. E Estrofantes devia mandar vir o melhor agente funerário. - Desde que casei

com Caio Mário, a única morte que



houve nesta casa foi a do nosso segundo filho, que era ainda bebé, e quem tratou de tudo foi o avô

César.

- Talvez ele recupere, *domina* - disse o criado, choroso. Júlia abanou a cabeça.

- Não, Estrofantes, ele não recuperará.

O irmão de Júlia, Caio Júlio César, chegou ao meio-dia, com a esposa, Aurélia, o filho, o jovem

César, e as filhas, Lia e Ju-Ju; o filho de Mário só chegou à noite. Cláudia, a viúva do outro irmão

de Júlia, não foi, mas mandou o filho mais novo - outro Sexto César para representar o seu ramo da

família. O irmão de Mário, Marco, morrera haja alguns anos, mas o seu filho adoptivo, Gratidiano,

estava presente. Tal como Quinto Múcio Cévola Pontifex Maximus e a sua segunda esposa, uma

segunda Licínia; a filha de Cévola, Múcia Tércia, já se encontrava, naturalmente, em casa de Mário.

Foram muitas as pessoas que se deslocaram a casa de Caio Mário, mas muito menos do que as que

teriam lá ido um mês antes. Catulo César, Lúcio César, António Orador, César Estrabão, o censor

Crasso

- as suas línguas já não podiam falar, os seus olhos já não podiam ver. Lúcio Cina apareceu várias

vezes. Da primeira vez, sob o pretexto de apresentar as desculpas de Quinto Sertório.

- Quinto Sertório não pode deixar a sua legião neste momento. Júlia olhou para ele de soslaio, com

uma expressão arguta, e limitou-se a responder:

- Diz a Quinto Sertório que compreendo perfeitamente, e que concordo com ele.

Esta mulher entende tudo!, pensou Cina, sentindo a pele arrepiar-se. Foi-se embora tão depressa

quanto pôde, tendo em conta que tinha de ficar tempo suficiente para dar a impressão de que falara

com Caio Mário.

A vigília era constante: os membros da família revezavam-se para acompanhar os últimos

momentos de Caio Mário, e para acompanhar Júlia, que não se levantava da sua cadeira. O jovem

César, porém, quando veio a sua vez, recusou-se a entrar no quarto.

- Eu não posso ter nenhum contacto com a morte - disse ele, com uma expressão branda, um olhar

inocente.

- Mas Caio Mário não está morto - disse Aurélia, olhando de relance para Cévola e a sua mulher.

- Mas pode morrer enquanto eu lá estiver. E eu não posso permitir que uma coisa dessas aconteça -

retorquiu firmemente o rapaz. -

# 1029

Depois de Caio Mário morrer e de o seu corpo ser retirado, então sim, entrarei no seu quarto para

executar os ritos da purificação.

Havia nos seus olhos azuis uma sugestão de escárnio, uma sugestão tão velada que só a mãe se

apercebia dela. E, nessa sugestão de escárnio, Aurélia reconheceu um ódio absoluto - um ódio não

demasiado violento, não demasiado frio, um ódio que não o impedia de pensar.

Quando Júlia finalmente saiu do quarto para descansar (graças aos esforços do jovem Mário), o

filho de Aurélia foi ter com a tia e levou-a para a sala de estar. Aurélia, que se preparava para se

levantar, leu nos olhos do filho uma ordem para que o deixasse sozinho com a tia. E Aurélia

obedeceu. Já não era ela quem mandava. Ele estava livre.

- Tens de comer, tia - disse o rapaz, conduzindo-a para o divã dela. - Estrofantes vem aí.

- Mas eu não tenho fome, de verdade que não tenho! - disse ela num murmúrio, o rosto tão branco

como a coberta de linho que o criado tinha colocado sobre o divã para ela se deitar; a sua cama era

aquela que partilhava com Caio Mário: não tinha outra.

- Com fome ou sem fome, vais ter de comer uma sopa quente disse o jovem César naquele tom de

voz que conseguia convencer toda a gente, incluindo Mário. - É preciso, tia Júlia. Isto pode

continuar por muitos dias. Será uma longa despedida.

O criado trouxe então a sopa, acompanhada por alguns cubos de pão duro; o jovem César ajudou-a

a comer a sopa e os pedacinhos de pão, sentado na beira do divã; com palavras meigas, afáveis,

conseguiu que ela comesse a sopa toda. Depois, tirou a maior parte das almofadas do divã, tapou-a

e, num gesto terno, afastou-lhe o cabelo da testa.

- Que bom que és para mim, Caio Júlio Júnior! - disse ela, os olhos fechando-se de sono.

- Eu sou bom para aqueles a quem amo. Apenas para esses - disse ele. Fez uma pausa, e

acrescentou: - Apenas para esses. Para ti. Para a minha mãe. Para mais ninguém. - Baixou-se e deu-

lhe um beijo nos lábios.

Enquanto ela dormia - e ainda dormiu umas boas horas -, o jovem César sentou-se numa cadeira ao

lado, observando-a, as pálpebras pesadas, mas resistindo ao sono. Observava-a deleitado, não se

cansava de a olhar, de convocar inúmeras recordações; Júlia nunca mais lhe pertenceria como

naquele momento, como naquelas horas em que esteve a dormir ao pé dele, sob o seu olhar atento.

1030

Quando ela acordou, o jovem acordou também da sua contemplação, daquele estado magnífico. Ao ver que

tinha dormido, Júlia ficou em pânico: e só se acalmou quando ele lhe garantiu que Caio Mário continuava vivo.

- Vai tomar um banho, por favor - disse-lhe a enfermeira. - E quando voltares, comerás pão com mel. Caio Mário não sabe se estás ou não com ele.

Depois de dormir e tomar banho, Júlia apercebeu-se da fome que tinha: comeu todo o pão com mel que lhe trouxeram. O jovem César permaneceu na sua cadeira, enroscado, com um olhar atento, até que ela se

levantou.

- Eu acompanho-te até ao quarto - disse ele. - Mas não entro. Não posso entrar.

- Claro, claro. Claro que não podes. Agora és o *flamen Dialis.* Lamento tanto o que aconteceu! Porque tu odeias esse cargo!

- Não te preocupes comigo, tia Júlia. Eu resolverei o caso. Ela afagou-lhe o rosto e beijou-o.

- Obrigada por toda a tua ajuda, meu sobrinho. Tens-me ajudado muito.

- Faço-o apenas por ti, tia Júlia. Por ti, daria a minha vida. Sorriu, e acrescentou: - Talvez não me afaste muito da verdade se disser que já a dei.

Caio Mário morreu na hora que antecede o nascer do dia, a hora em que a vida se anuncia, por entre o silêncio que só cães e galos perturbam. Há sete dias que estava de coma, há treze dias que era cônsul pela sétima vez.

- Um número aziago - comentou Cévola Pontifex Maximus, tremendo, esfregando as mãos de frio.

Aziago para ele, mas não para Roma, foi o que pensou a maior parte dos presentes quando ouviu tal

comentário.

- Caio Mário tem de ter um funeral público - disse Cina mal chegou a casa do defunto, desta feita

acompanhado pela esposa, Ânia, e pela filha mais nova, Cinila, mulher do *flamen Dialis.*

Mas Júlia, sem lágrimas nos olhos e uma calma imensa, abanou a cabeça.

- Não, Lúcio Cina, Caio Mário não terá um funeral do Estado disse. - Caio Mário tem dinheiro suficiente para pagar as suas exéquias.



Roma não está em condições de suportar tais despesas. Além disso, quero uma cerimónia discreta. Apenas a família. E isso significa que só quero que se saiba da morte de Caio Mário depois do funeral. Um arrepio percorreu-lhe o corpo; fez um esgar, e acrescentou: Haverá alguma maneira de nos vermos livres desses horríveis escravos que ele contratou?

- Esse caso foi resolvido vai para seis dias - disse Cina, corando; não seria capaz de esconder o seu mal-estar.

- Quinto Sertório saldou as contas com eles no Campo de Marte e ordenou-lhes que deixassem Roma.

- Ah, sim, claro! Tinha-me esquecido... - disse a viúva. - Quinto Sertório foi muito simpático em ter resolvido os nossos problemas! Ninguém saberia dizer se Júlia estava ou não a ser irónica. Mas a viúva de Mário mudou imediatamente de assunto. Virou-se para o irmão, César, e perguntou-lhe: - Foste buscar o testamento de Caio Mário às Vestais, Caio Júlio?

- Tenho-o aqui - respondeu ele.

- Quinto Múcio, importas-te de ler o testamento? - pediu ele a Cévola.

Era um testamento breve, e muito recente; ao que parecia, Mário tinha-o redigido na altura em que se

encontrava no flanco sul do monte Janículo, acampado com o seu exército. A maior parte da fortuna ia para o filho: Júlia ficaria com o máximo que lhe era permitido por lei. Por outro lado, legava um décimo dessa fortuna ao sobrinho adoptivo, Marco Mário Gratidiano, o que significava que, de um momento para o outro, Gratidiano passava a ser um homem muito rico; de facto, a fortuna de Caio Mário era colossal. Quanto ao jovem César, deixava-lhe o escravo germano, Burgundo, em sinal de reconhecimento pelo precioso tempo

que o rapaz perdera a ajudá-lo na convalescença.

Por que razão me deixaste o escravo, Caio Mário?, perguntou o jovem para si mesmo. Não foi pela razão que invocas! Talvez para acabares com a minha carreira, caso eu tente abandonar o cargo para que me nomeaste...

Talvez tenhas dado ordens a Burgundo para me matar caso eu enverede pela carreira pública... Pois bem, meu velho, dentro de dois dias não serás mais que cinzas. Mas eu não vou fazer aquilo que um homem prudente deveria fazer - matar o gigante cimbro. Ele adorava-te, tal como em tempos eu te adorei. E a morte é uma triste recompensa para tanto amor - seja ela a morte do corpo, ou a morte do espírito. Ficarei, pois, com Burgundo. E conseguirei que ele goste de mim, que ele me adore como te adorou.

# 1032

O *flamen Dialis* virou-se para Lúcio Decúmio.

- Estou a mais aqui. Só atrapalho - disse ele. - Acompanhas-me até casa?

- Vão-se embora? Óptimo! - disse Cina. - Importam-se de levar Cinila, já agora? Coitada, está farta

disto.

*O flamen Dialis* olhou para a *suaflaminica,* para aquela bonequita de sete anos.

- Anda, Cinila - disse ele, pondo o sorriso que deixava as mulheres encantadas (e ele tinha

consciência disso). - Os bolos do teu cozinheiro são bons?

Acompanhadas por Lúcio Decúmio, as duas crianças avançaram pela Clivus Argentarius e

desceram a colina na direcção do Fórum Romano. O Sol estava a nascer, mas os seus raios não

tinham ainda a altura suficiente para iluminar o fundo da ravina que encerrava a razão, a

justificação da existência de Roma.

- Ora bem! Olhem-se só para aquilo! As cabeças já lá não estão outra vez! - disse *o flamen Dialis* ao pisar a primeira laje do anfiteatro dos *Comitia.* - Tenho estado a pensar numa coisa, Lúcio

Decúmio. Para varrer o espírito de um morto do local onde morreu, poderei usar uma vassoura

normal, ou terei de usar uma vassoura especial? - Deu um salto e pegou na mão da esposa. - Creio

que não está nada previsto para tal varredura! Tenho de consultar os livros. Sim, porque seria

horrível se eu cometesse algum erro no ritual destinado ao meu benfeitor Caio Mário! Posso não

fazer mais nada em toda a minha vida, mas pelo menos uma coisa quero fazer bem feita: quero

libertar-nos a *todos* da presença de Caio Mário!

Lúcio Decúmio sentia-se tentado pela profecia, não porque possuísse poderes proféticos, mas muito

simplesmente porque amava.

- Tu vais ser um homem muito superior a Caio Mário! - disse.

- Eu sei! - retorquiu o jovem. - Eu sei, Lúcio Decúmio, eu sei!

*FINIS*

NOTA DA AUTORA

*O Primeiro Homem de Roma,* o primeiro volume desta série de romances, tinha por pano de fundo um mundo desconhecido. Depois dele, obriga-me a extensão do projecto a limitar a narrativa àquilo

que é necessário ao desenvolvimento das personagens e da trama, personagens e trama que, sendo

História, se encontram já definidas, num certo sentido.

Sempre que possível, evitei os anacronismos; por vezes, porém, uma palavra, ou uma frase,

anacrónica, constitui o único meio para chegarmos onde queremos. Não são muitos esses casos.

Mas gostaria que os meus leitores soubessem que cada uma dessas palavras, ou frases, foi

cuidadosamente ponderada antes de ser incluída no texto. É que, no fim de contas, estou a escrever

em inglês para um público separado por dois mil anos das personagens e dos acontecimentos que

estes livros descrevem; mesmo o mais notável dos especialistas modernos do período em questão

terá de recorrer ocasionalmente a anacronismos.

Alguns dos desenhos são repetidos, pois as personagens em questão continuam a ser importantes

neste segundo volume. Outros são novos. Os retratos de Mário, de Sila, do rei Mitridates e do

jovem Pompeu são autênticos; os outros, foram copiados de bustos de autores anónimos do tempo

da República. Como não conhecemos nenhum busto de romanos famosos da época, enquanto

jovens, o desenho de Pompeu foi o primeiro que ”rejuvenesci”. Trata-se do famoso busto de

Pompeu, esculpido tinha ele cinquenta e alguns anos. Retirei ao busto as rugas e todo o peso da

idade. Fi-lo porque Plutarco garante que o jovem Pompeu era tão belo que fazia lembrar Alexandre,

o Grande: e essa beleza não é nada fácil de encontrar no busto de um homem com mais de

cinquenta anos! No entanto, ao olharmos para esse busto, e se descontarmos os quinze quilos que

Pompeu tinha então a mais, poderemos imaginar que aquele homem foi de facto muito atraente

enquanto jovem.

O estilo dos mapas foi um pouco alterado. Só temos a aprender com a experiência e, na realidade,

tive a oportunidade de emendar

# 1034

alguns erros iniciais, um luxo que me é permitido porque estou a escrever segundo uma sequência.

Uma palavra acerca da bibliografia. Àqueles que me escreveram (ao cuidado do editor) pedindo um

exemplar, peço-lhes que não desesperem! A bibliografia não vai demorar; aliás, já deverá estar

pronta para sair quando este volume chegar às mãos do leitor. O problema é que produzi dois

romances - ambos com mais de 400 000 palavras e resultando de vários rascunhos - entre os quais

não mediaram mais que doze meses. Tempo livre é coisa que não tenho e a compilação correcta de

uma bibliografia é uma tarefa assustadora. Tarefa que, espero bem, se encontra já concluída.

Terei de agradecer a muitas pessoas o seu contributo para esta série de romances. Não poderei,

porém, nomeá-las a todas, tantas elas são. Por isso, referirei apenas o meu assistente editorial para temas clássicos, Dr. Alanna Nobs, da Macquarie University (Sydney), Sheelah Hidden, o meu

agente, Frederick T. Mason, os meus editores, Carolyn Reidy e Adrian Zackheim, o meu marido,

Ric Robinson, e Kaye Pendleton, Ria Howell e Joe Nobbs, e os seus assistentes.

O próximo volume tem já um título provisório: *O Sol Nascente.*

GLOSSÁRIO

ABSOLVO Termo utilizado pelo júri de um tribunal ao absolver o réu. Este termo era usado

unicamente nos tribunais, e não nas Assembleias.

Aço O termo Idade do Ferro é particularmente enganador, pois o ferro, por si só, não é um metal

muito utilizável. O ferro só veio a substituir o bronze quando os antigos ferreiros descobriram a

forma de o transformar em aço; a partir daí, tornou-se o metal preferido para a produção de

ferramentas, armas e outros objectos que exigissem uma combinação de dureza e resistência e que

tivessem de ser aguçados ou afiados. Aristóteles e Teófrasto, que escreveram ambos em grego no

século IV a.C., falam de aço e não de ferro. No entanto, o processo de transformação do ferro num

metal utilizável desenvolveu-se numa total ignorância das operações químicas e metalúrgicas. O

principal minério usado para extrair ferro era a hematite; a pirite era pouco usada, por causa dos

seus subprodutos sulfurosos, extremamente tóxicos. Estrabão e Plínio, o Velho, descrevem um

método de calcinação do minério num género de lareira (oxidação) e as operações realizadas numa

fornalha (redução). A fornalha era mais eficiente, fundia maiores quantidades de minério, e era o

método preferido. O carbono necessário para a fundição era (tal como sucedia no caso do bronze e

de outras ligas) o carvão vegetal. A maior parte das oficinas de fundição recorriam aos dois

processos da lareira e da fornalha, e produziam o metal a partir de ”lingotes” de minério bruto

cheios de escória, a que se dava o nome de ”porcas”. Estas ”porcas” eram então reaquecidas abaixo

do ponto de fundição e submetidas ao processo de forjadura; desta forma, retirava-se a maior parte

da escória, embora os aços antigos nunca ficassem completamente libertos da escória. Os ferreiros

romanos conheciam bem as técnicas de recozimento, esfriamento, têmpera e cementação (esta

última operação obrigava ao uso de mais carvão). Cada uma destas operações alterava as

características do aço de diferentes maneiras. Por isso, podia-se produzir aço para diferentes

objectivos -



navalhas, espadas, facas, machados, serras, cinzéis de madeira e pedra, corta-ferros, pregos, cravos, etc. Os aços adequados à produção de lâminas eram tão preciosos que se costumava soldar uma

magra fatia de aço laminado (os Romanos conheciam dois métodos de soldagem, por pressão e por

fusão) a uma base mais barata, como se pode verificar nos machados e nas relhas dos arados.

Contudo, a lâmina da espada romana era inteiramente feita de aço com um fio cruelmente

penetrante; era obtida a têmpera, a uma temperatura de cerca de 2802 graus C. Tenazes, bigornas,

martelos, foles, cadinhos, tijolos refractários, e as outras ferramentas do trabalho de ferreiro eram conhecidas e universalmente usadas. Muitas das antigas teorias estavam completamente erradas;

pensava-se, por exemplo, que a natureza do líquido usado no esfriamento afectava a operação - a

urina era o líquido preferido para o esfriamento. E ninguém compreendia que a verdadeira razão por

que o ferro da Nórica produzia um aço excelente era o facto de conter uma pequena quantidade de

manganésio não contaminada por fósforo, arsénico ou enxofre; ou seja, era como o actual aço-

manganês.

**África** Durante a República Romana, a palavra ”África” designava a zona da costa norte-africana à volta de Cartago - a actual Tunísia.

**Agger** Parte das Muralhas Servias de Roma, o *Agger* protegia a cidade na sua zona mais vulnerável, o Campo Esquilino. O *Agger* consistia de uma dupla muralha na qual se integravam poderosas

fortificações.

**Amor** Porque ”Amor” é ”Roma” ao contrário, os Romanos dos tempos da República acreditavam

que ”Amor” era o nome secreto e vital de Roma.

**ânfora** Vaso de cerâmica bojudo, com um gargalo estreito e duas asas; o seu fundo era pontiagudo ou cónico, e não chato, o que implicava que a ânfora não pudesse manter-se direita sobre um piso

plano. Era usada para o transporte (normalmente marítimo) de trigo e outros cereais, vinho, óleo, e

outras substâncias líquidas. O seu fundo pontiagudo permitia uma arrumação fácil no manto de

serradura que enchia o porão do navio ou o interior de uma carroça e que constituía uma espécie de

almofada de protecção para as ânforas. Este fundo pontiagudo permitia também que as ânforas

fossem arrastadas sobre um terreno plano sem grande dificuldade, quando se procedia às cargas e

descargas. A ânfora de tamanho normal tinha uma capacidade de

vinte e cinco litros, o que a tornava demasiado pesada para ser levada aos ombros.

**Anatólia** Grosseiramente, poderemos dizer que corresponde à actual Turquia Asiática. Estendia-se desde a costa do sul do mar Euxino (o mar Negro) até à costa norte do Mediterrâneo, e desde o mar

Egeu, a oeste, até à actual Arménia Russa, Irão, Iraque e Síria, a leste. As montanhas do Tauro e do

Anti-Tauro tornavam o seu interior e grande parte do seu litoral extremamente acidentado, mas as

suas terras eram já então, como hoje, férteis e aráveis. O clima do interior era continental.

**Aníbal** Príncipe cartaginês que conduziu o seu país na segunda das suas três guerras contra Roma.

Nascido em 247 a.C., filho de Amílcar, Aníbal aprendeu a profissão de militar ainda criança, na

Hispânia; passou a sua juventude na Hispânia, onde o seu pai era o governador cartaginês. Em 218

a.C., Aníbal invadiu a Itália, uma táctica de choque que confundiu Roma; a sua travessia dos Alpes

(com elefantes), através do desfiladeiro do monte Genebra, foi um feito brilhante. Durante dezasseis

anos, percorreu à vontade a Gália Italiana e a Itália, derrotando os exércitos romanos em Trébia,

Trasimeno e finalmente em Canas. Mas Quinto Fábio Máximo Verrucosis Cunctator desenvolveu

uma estratégia que acabou por desgastar Aníbal; com um exército seu, Fábio seguiu o exército

cartaginês como uma sombra: no entanto, nunca procurou travar uma batalha nem permitiu que os

seus homens fossem arrastados para um combate - era a chamada ”táctica fabiana”. Como Fábio

Máximo estava sempre por perto, Aníbal nunca teve a coragem de atacar a cidade de Roma. Depois,

os seus aliados italianos começaram a desanimar; já sem a Campânia, Aníbal foi obrigado por Fábio

Máximo a seguir cada vez mais para sul. O chefe cartaginês perdeu a batalha (verbal) de Tarento,

ao mesmo tempo que o seu irmão mais novo, Asdrúbal, era derrotado no rio Metauro, na Úmbria.

Encurralado no Brútio (o extremo sul da Itália), regressou com o seu exército não derrotado a

Cartago em

203 a.C. Em Zama, foi vencido por Cipião Africano; depois, aliou-se a Antíoco da Síria para

combater Roma. Mas as pressões romanas obrigaram-no a fugir de Cartago e a pedir asilo a Antíoco

da Síria; quando Roma dominou o rei, Aníbal viu-se obrigado a fugir de novo. Crê-se que foi para a

Arménia, onde ajudou o rei Artáxias a conceber e construir a sua capital, Artáxata. Uma corte tão

oriental como a da Arménia não lhe poderia agradar; seguiu, por isso, para ocidente,

instalando-se na corte do rei Prúsias da Bitínia. Em 182 a.C., Roma pediu a Prúsias que lhe entregasse o príncipe cartaginês. Para não cair nas mãos dos Romanos, Aníbal suicidou-se. Inimigo impenitente dos

Romanos, foi sempre admirado e respeitado por Roma.

**Antíoco** Nome genérico de muitos dos reis da Síria e de outros reinos mais pequenos dessa região do Oriente.

**Apúlia** Região do sueste da Itália que se estendia desde o Sâmnio, a norte, até à antiga Calábria, a sul (a barriga da perna italiana). Era bastante fértil quando havia água; no entanto, nunca foi muito beneficiada pela chuva. O seu povo, os Ápulos, eram considerados muito pobres e atrasados. As principais cidades eram

Lucéria, Venúsia, Bário e Canúsio.

***aquilifer*** Presumivelmente, uma criação de Caio Mário na altura em que deu às legiões as águias de prata. O

melhor militar da legião, o *aquilifer* era escolhido para levar a águia de prata da legião e nunca deveria render-se ao inimigo. Como marca da sua distinção, usava uma pele de lobo ou de leão sobre a cabeça e os ombros e todas as suas condecorações por actos de coragem.

**Arausio, Batalha de** A 6 de Outubro do ano 105 a.C., os três povos germanos (Cimbros, Teutões e Tigurinos/Marcomanos/Queruscos), que há quinze anos tentavam migrar, defrontaram Roma numa batalha

nos arrabaldes de Arausio (no vale do Ródano). Devido à ausência total de cooperação entre os dois

comandantes romanos, Cneu Málio Máximo e Quinto Servílio Cepião, as forças romanas viram-se separadas e remetidas para posições indefensáveis; o resultado foi a mais terrível derrota da história de toda a República.

Morreram nesta batalha oitenta mil soldados romanos.

**Arpino** Cidade do Lácio não muito longe da fronteira com o Sâmnio. É provável que, de início, tivesse sido habitada pelas Volscos. Foi, com Fórmias, a última comunidade abrangida pelos Direitos Latinos a beneficiar da integral cidadania romana (em 188 a.C.), mas não gozou de um estatuto municipal durante o período final da República. Arpino tornou-se famosa basicamente porque nela nasceram dois homens notáveis: Caio Mário e Marco Túlio Cícero.

**artilharia** Antes do uso da pólvora, estas máquinas militares já arremessavam projécteis - rochas, pedras, dardos, flechas, objectos variados. Entre os vários tipos de artilharia romana, refiram-se a *ballista,* a catapulta e o *onager.*



*Arx* O Monte Capitolino da cidade de Roma era dividido em duas partes por um declive

denominado *Asylum; o Arx* era a parte norte. Era aí que ficava situado o templo de Juno Moneta.

**Ásia Menor** Trata-se essencialmente das actuais Turquia, Síria, Arménia, Irão e Iraque. Os autores antigos sabiam tão pouco acerca da Arábia, que a sua inclusão na Ásia Menor foi efémera; o mar

Negro e o Cáucaso constituíam a fronteira norte da Ásia Menor.

**Átalo III** Ultimo rei de Pérgamo, e senhor da maior parte da costa egeia da Anatólia Ocidental bem como da FrígiaInterior. Morreu no ano 133 a.C., ainda relativamente jovem. Os seus herdeiros mais

próximos eram um sem-número de primos. O testamento de Átalo III legava o seu reino a Roma,

para grande pesar dos primos, que declararam imediatamente guerra aos Romanos. A insurreição

foi dominada por Mânio Aquílio em 129 e 128 a.C., após o que Aquílio tratou de transformar o

legado na Província Romana da Ásia. Enquanto executava esta tarefa, Aquílio vendeu a maior parte

da Frígiaao rei Mitridates V do Ponto por uma soma em ouro que meteu ao seu próprio bolso.

Descoberto em Roma, este acto de cupidez manchou para sempre a reputação da família Aquílio.

**atrium** A principal sala de recepção de uma casa privada romana (ou *domus);* tinha uma abertura rectangular no telhado (o *compluvium)* sob a qual se situava um tanque (o *impluvium).* De início, o tanque servia de reservatório para a água usada em casa, mas, no final da República, o seu uso era já puramente ornamental.

**augure** Sacerdote cujos deveres tinham mais a ver com a adivinhação do que com a predição. Os

augures estavam reunidos num Colégio, uma instituição oficial do Estado, e, na época retratada por

este livro, eram doze: seis patrícios e seis plebeus. Até 104 a.C., ano em que Cneu Domício

Aenobarbo fez aprovar a sua *lex Domitia de sacerdotiis,* os novos augures eram escolhidos pelos que já formavam o Colégio; depois dessa lei, os augures passaram a ser eleitos por uma Assembleia

de dezassete tribos escolhidas à sorte. O augure não previa o futuro, nem investigava os augúrios

consoante os seus caprichos; examinava determinados objectos ou sinais, a fim de verificar se este

ou aquele empreendimento tinha ou não a aprovação dos deuses (e o emprendimento em questão

poderia ser uma guerra, uma reunião, uma lei recentemente proposta, ou qualquer outro assunto do

Estado, incluindo as eleições). Havia um manual de interpretação que o augure tinha de



seguir; os augures procediam de acordo com o que estava escrito nos livros. O augure usava a *toga trabea* e um bastão recurvado denominado *lituus.*

**auxiliar** Uma legião de não-cidadãos incorporada num exército romano era denominada auxiliar; os seus soldados eram também chamados auxiliares, estendendo-se este termo igualmente à cavalaria. No tempo de Mário e Sila, a maior parte da infantaria era de origem italiana, ao passo que a maior parte da cavalaria vinha da Numídia, Gália ou Trácia, regiões onde os soldados tinham habitualmente cavalos. O soldado romano (tal como o italiano) não gostava especialmente de cavalos.

**bárbaro** Este termo deriva de uma palavra grega com fortes raízes onomatopaicas; de facto, quando ouviram esses povos falar pela primeira vez, os Gregos acharam que o seu linguajar fazia lembrar o

”barbar”, ou seja, o latido dos cães. A palavra ”bárbaro” foi usada para descrever raças e nações consideradas incivilizadas, e às quais faltava uma cultura admirável ou atraente. Gauleses, Germanos, Citas, Sármatas e Dácios eram

considerados bárbaros.

**Belona** Deusa romana da guerra. O seu templo situava-se fora do *pomerium,* ou limite sagrado da cidade, no Campo de Marte, e a sua construção partiu de uma iniciativa de grande Ápio Cláudio Cego, em 296 a.C. Um grupo especial de sacerdotes, denominados *fetiales,* conduzia os seus rituais.

**Bitínia** Reino banhado pela Propôntide (actual mar de Mármara) no seu lado asiático, estendendo-se para leste até à Paflagónia e à Galácia, para sul até à Frigia, e para sudoeste até à Mísia. Era fértil e próspero, e foi governado por uma série de reis de origem trácia os dois primeiros chamavam-se Prúsias e os restantes Nicomedes. O inimigo tradicional da Bitínia era o Ponto. A partir de Prúsias II, a Bitínia gozou do estatuto de Amigo e Aliado do Povo Romano.

***boni*** Literalmente, ”os Homens Bons”. Mencionado pela primeira vez numa peça de Flauto, *Os Cativos,* o termo passou a ser usado com conotações políticas durante o tempo de Caio Graco. Este usava-o para

descrever os seus adeptos. Mas os seus inimigos Opímio e Druso faziam exactamente o mesmo em relação

àqueles que os seguiam. A expressão, gradualmente, tornou-se de uso corrente, indicando homens com

tendências políticas fortemente conservadoras; o ”legítimo” governo de Roma a que este livro se refere - ou seja, a facção chefiada

pelo cônsul Cneu Octávio Rusão - teria descrito os seus membros como *boni.*

**Breno** Rei dos Gauleses (ou Celtas) durante o século III a.C. Chefiando uma vasta frente de tribos celtas, Breno invadiu a Macedónia e a Tessália em 279 a.C., repeliu os Gregos no desfiladeiro das

Termópilas e saqueou Delfos, em cuja batalha ficou gravemente ferido. Penetrou depois no Epiro e

saqueou o templo oracular de Zeus, em Dodona, que era extremamente rico; finalmente, saqueou o

mais rico templo do mundo, o Templo de Zeus, em Olímpia, no Peloponeso Grego. Retirando

perante a resistência de uma corajosa guerrilha grega, Breno regressou à Macedónia, onde viria a

falecer em consequência dos ferimentos sofridos em Delfos. Sem Breno a uni-los, os Gauleses

dispersaram-se. Alguns deles (os Tolisbógios, os Troemos e uma parte dos Volcos Tectósagos)

atravessaram o Helesponto, penetraram na Ásia Menor e instalaram-se numa região posteriormente

chamada Galácia. Os Volcos Tectósagos que não foram para a Ásia Menor regressaram às suas

terras, na região de Tolosa, no sudoeste da Gália; levaram consigo todo o produto do saque da

campanha de Breno, guardando-o na expectativa do regresso das outras tribos. Aparentemente,

fundiram o ouro e a prata (transformando a prata em gigantescas pedras de moinho), antes de os

esconderem em diversos lagos sagrados do Templo de Heracles, em Tolosa. O valor do ouro foi

calculado em quinze mil talentos. Ver também ouro de Tolosa.

**Burdígala** Actual Bordéus, no sudoeste da França. Uma grande *oppidum* (cidade fortificada) gaulesa pertencente aos Aquitanos, ficava na margem sul do rio *Garumna* (actual Garona), perto da foz. Em 107 a.C., em Burdígala, uma força conjunta de Germanos e Aquitanos aniquilou o exército

romano de Lúcio Cássio Longino, cônsul (com Caio Mário) nesse ano. Lúcio Calpúrnio Pisão

Cesonino foi morto, tal como Cássio. Apenas Caio Popílio Lenate e mais uma mão-cheia de

homens sobreviveram.

**Campânia** Bacia fabulosamente rica e fértil, de origem e solo vulcânicos, a Campânia ficava entre os Apeninos do Sâmnio e o mar Toscano, e estendia-se desde Tarracina, a norte, até um ponto

bastante a sul da actual baía de Nápoles. Banhados pelos rios Líris, Vulturno/Calor, Clânio e Sarno,

os seus campos produziam mais e melhor do que qualquer outra região de Itália (incluindo a Gália

Italiana do Pó). Colonizada durante o século VII a.C. pelos Gregos, caiu depois em

poder dos Etruscos. Mais tarde, ligou-se aos Samnitas (que constituíam uma grande parte da sua

população) e, por fim, foi submetida pelos Romanos. Por causa da população grega e samnita, era

uma região tendencialmente insurrecta, e muitas das suas melhores terras foram integradas na *ager publicus* romana. As cidades de Cápua, Teano dos Sidicinos, Venafro, Acerras, Nola e Interamna, eram importantes centros interiores, enquanto os portos de Putéolos, Nápoles, Herculano,

Pompeios, Surrento, Estábias e Salerno eram os melhores da costa ocidental de Itália. Putéolos era o

maior e mais movimentado porto de toda a Itália. As Vias Campânia, Ápia e Latina passavam por

ele.

**Campo Esquilino** Área plana fora das Muralhas Sérvias e da dupla muralha do *Agger,* entre a Porta Querquetulana e a Porta Colina. Aqui ficava a necrópole de Roma.

**Campo de Marte** Situado a nor-noroeste das Muralhas Sérvias de Roma, o Campo de Marte era

limitado pelo Capitólio a sul e pela Colina Pinciana a leste; o resto era limitado por uma vasta curva do rio Tibre. No Campo de Marte, acampavam exércitos aguardando o triunfo do seu general;

realizavam-se exercícios militares, bem como o treino dos jovens; decorriam também nele as

assembleias dos *Comitia Centuriata.* Situavam-se no Campo de Marte os estábulos e as pistas para os treinos dos cavalos que participavam nas corridas de carros. A enseada do Trigário ficava no

ápice da curva do Tibre e, a norte dela, havia nascentes de águas minero-medicinais quentes (as

nascentes do Tarento). A Via Lata (Via Flamínia) atravessava o Campo de Marte, a caminho da

ponte Múlvia, e a Via Recta seccionava-o, fazendo um ângulo recto com a Via Lata.

**Campo Vaticano** Situado na margem norte do Tibre (frente ao Campo de Marte), o Campo

Vaticano era uma zona de hortas e não tinha qualquer importância na Roma de Mário e Sila.

**Campos Elíseos** Os Romanos da República não criam realmente na sobrevivência absoluta do

indivíduo após a morte, embora acreditassem num mundo para além da morte e em ”sombras”, as

quais não passavam de efígies vazias de mente e carácter dos mortos. Para Gregos e Romanos,

contudo, alguns homens eram considerados pelos deuses como tendo alcançado em vida a glória

suficiente (glória, e não o mérito) para merecerem ser preservados depois da morte num local

denominado Elíseo, ou Campos Elíseos. Mesmo assim, estas sombras privilegiadas não passavam

de espectros, e só podiam voltar

a experimentar emoções e apetites humanos depois de beberem sangue. O ser humano que

pretendesse uma audiência com um habitante dos Campos Elíseos tinha de cavar um buraco,

sacrificar o seu animal, e encher o buraco com o sangue. Depois de beber, a sombra podia falar.

**Canas** Cidade da Apúlia, junto ao rio Áufido, no sueste da Itália. Aqui, em 216 a.C., Aníbal e o seu exército púnico (aliado aos Samnitas) enfrentou um exército romano chefiado por Lúcio Emílio

Paulo e Caio Terêncio Varrão. O exército romano foi aniquilado; até à batalha de Arausio, em 106

a.C., foi esse o pior desastre militar romano. Morreram entre trinta mil e sessenta mil homens. Os

sobreviventes foram obrigados a passar sob o jugo.

**Capadócia** Reino localizado na Anatólia Central (nos nossos dias a região é ainda conhecida pelo nome de Capadócia). Situadas a elevadas altitudes, as suas terras eram resultado da actividade de

muitos vulcões, o mais notável dos quais era o monte Argos; a única grande cidade da Capadócia,

Eusebeia Mazaca, ficava nas encostas inferiores desse enorme monte. Dotada de água em

abundância e de um solo rico, a Capadócia foi constantemente cobiçada pelos reinos mais

poderosos do norte (Ponto) e do sul (Síria). No entanto, os seus reis mantiveram-se no trono:

normalmente chamavam-se Ariárates. O povo tinha muitas semelhanças com as gentes do Ponto. O

templo-estado de Ma, em Comana, que dispunha de riquezas suficientes para manter seis mil

escravos, era um feudo do irmão do soberano reinante, o qual recebia o título de sumo sacerdote.

**Cápua** A mais importante cidade interior da Campânia. A sua deslealdade a Roma levou os

exércitos romanos a lançarem represálias. Cápua acabou por ter de entregar a Roma as suas vastas e

muito ricas terras públicas; estas terras transformaram-se no núcleo da *ager Campanus,* e incluíam, por exemplo, os fabulosos vinhedos que produziam os famosos vinhos de Falerno. Na época de

Mário e Sila, o bem-estar económico de Cápua dependia dos muitos campos de treino militar, das

escolas gladiatórias, e dos campos de escravos para prisioneiros que ficavam nos arrabaldes da

cidade; o povo de Cápua ganhava a vida graças ao abastecimento e aos serviços prestados a essas

instituições.

**Carinas** Um dos bairros mais ricos de Roma. As Carinas ficavam situadas na ponta norte do monte Opiano, no seu lado ocidental; estendia-se entre a Vélia e a *Clivus Pullius.* Tinham vistas para sudoeste, para os pântanos do *Palus Ceroliae* e o Aventino.

# 1046

**Cartago** Capital e principal centro do império comercial fundado por colonizadores fenícios na região central do Norte de África (actual Tunísia). Cartago possuía um dos melhores portos do Mediterrâneo, não só devido à sua situação geográfica, mas também por causa dos profundos melhoramentos introduzidos pelos homens.

Depois de Cipião Emiliano ter extinto as actividades dos Cartagineses com a Terceira Guerra Púnica, a cidade de Cartago deixou praticamente de existir.

**Cavalo de Outubro** Nos Idos de Outubro (altura em que normalmente terminavam as campanhas militares), escolhiam-se os melhores cavalos de batalha desse ano que depois eram arreados aos carros aos pares. Esses cavalos disputariam as corridas no relvado do Campo de Marte e não num dos circos. O cavalo da direita do par vencedor era sacrificado a Marte, num altar especialmente construído para o efeito perto do recinto onde se disputara a corrida. O animal era morto com uma lança, após o que a sua cabeça era retalhada e enfeitada com pequenos bolos, enquanto a sua cauda e os órgãos genitais eram levados a correr para a Régia, no Fórum Romano, sendo o sangue derramado no altar da Régia. Concluídas as cerimónias com a cabeça do cavalo

decorada com bolos, ela era atirada para duas multidões separadas: uma compreendendo os habitantes do bairro de Subura, a outra formada pelos residentes na Via Sacra; as duas multidões lutavam pela posse da cabeça. Se ganhassem os da Via Sacra, pregavam a cabeça na parede exterior da Régia; se ganhassem os de Subura, pregavam-na na parede exterior da Torre Mamília (o mais imponente edifício do bairro).

Desconhecemos a razão que estava por detrás de todo este cerimonial; os eruditos modernos tendem a pensar que o ritual tinha a ver com o encerramento das campanhas numa época muito anterior àquela em que

viveram Mário e Sila. Nem os próprios Romanos do tempo de Mário e Sila conheceriam as origens das

cerimónias. Não sabemos se os cavalos envolvidos nas corridas eram ou não Cavalos Públicos; mas podemos presumir que o eram.

**Cavalo Público** Um cavalo que pertencia ao Estado - ao Senado e ao Povo de Roma. Já no tempo dos reis, era política do Estado fornecer cavalos aos mil e oitocentos cavaleiros mais séniores de Roma.

Presumivelmente, quando esta prática começou, os cavalos eram escassos e extremamente caros, pois de outra forma o Estado de Roma, consabidamente parcimonioso, não teria gasto o seu precioso dinheiro; teria muito simplesmente exigido aos seus cavaleiros que comprassem



as suas próprias montadas, como sucedeu durante a República, época em que o número de cavaleiros excedeu em muito os mil e oitocentos.

Na época de Mário e Sila, possuir um Cavalo Público era um sinal de promoção social; os animais passavam de geração para geração no seio das mesmas famílias, e por isso possuir um Cavalo Público era o mesmo que dizer que a família em questão era importante desde tempos muito remotos. Que as coisas não eram

precisamente assim, sabemo-lo pelo facto de Pompeu possuir um Cavalo Público possivelmente, quando uma família se extinguia, o seu Cavalo Público passava para alguém de estrato mais baixo mas

com influências poderosas. Catão, o Censor, considerado um Homem Novo e um camponês, tinha muito orgulho em dizer que o seu bisavô (que deve ter vivido durante o século IV a.C.) recebera do Tesouro de Roma o preço de nada mais nada menos do que cinco Cavalos Públicos, mortos em batalha quando ele os montava. Quando Caio

Semprónio Graco retirou o Senado da *Ordo Equester,* a sua lei não terá exigido aos senadores que devolvessem os seus Cavalos Públicos só porque tinham deixado de ser cavaleiros; pelo contrário, as famílias senatoriais que tinham o Cavalo Público continuaram a tê-lo, como observaram Pompeu, o Grande, e

presumivelmente o seu pai.

Embora tal norma nem sempre fosse cumprida, alguns censores (incluindo Catão, o Censor) insistiam em que os mil e oitocentos proprietários do Cavalo Público deviam desfilar com os seus animais, de forma a que se pudesse verificar se esses homens se encontravam em boa forma física e se cuidavam devidamente dos seus corcéis. O desfile do Cavalo Público, quando se realizava, ocorria talvez nos Idos de Julho; os censores sentavam-se numa tribuna no cimo dos degraus do templo de Castor e Pólux, no Fórum Romano, e viam

passar à sua frente todos os proprietários de Cavalos Públicos, conduzindo solenemente a sua montada em passo de marcha. Se os censores consideravam que determinado homem não cumprira as normas previstas,

retiravam-lhe o direito a possuir um Cavalo Público.

Celtas Celtas é mais o termo moderno do que o antigo para uma raça bárbara que emergiu do Norte da Europa Central durante os primeiros séculos do primeiro milénio a.C. A partir de cerca de 500 a.C., os Celtas tentaram invadir as terras da Europa Mediterrânica; tiveram êxito na Hispânia e na Gália, mas o mesmo já não sucedeu

em Itália, na Macedónia e na Grécia. Contudo, na Gália Italiana, na Úmbria

1048

e no Piceno (no que toca à Itália), bem como na Macedónia, Tessália, Ilíria e Mésia, misturaram-se

gradualmente com as antigas populações locais. Racialmente, os Celtas tinham pontos de contacto

com os Germanos, embora fossem diferentes; consideravam-se um povo discreto, e tinham uma

cultura religiosa mais complexa que os Germanos. As suas línguas tinham parecenças com o latim,

a vários níveis. Um Romano raramente, ou nunca, usava a palavra ”Celta”: dizia antes ”Gaulês”.

**Celtiberos** Nome dado aos Celtas que atravessaram os Pirinéus e se instalaram nas regiões central, noroeste e nordeste da Hispânia. Na época de Mário e Sila, os Celtiberos encontravam-se já tão

enraizados nessas regiões que, de um modo geral, eram considerados indígenas.

**censo** De cinco em cinco anos, os *censores* actualizavam o registo, ou censo, dos cidadãos romanos.

Nesses registos, ficavam inscritos os nomes de todos os cidadãos romanos do sexo masculino,

acompanhados de informações sobre a tribo a que cada um pertencia, a classe económica,

propriedades e meios de subsistência, e ainda sobre a família. As mulheres e as crianças não eram

formalmente registadas como cidadãos romanos, embora haja casos de mulheres que, devido aos

seus méritos, conquistaram a cidadania romana (casos referidos pelas fontes antigas). O censo da

cidade de Roma era realizado no Campo de Marte, em instalações construídas para o efeito; aqueles

que viviam noutras regiões de Itália tinham de apresentar-se às autoridades do registo municipal

mais próximo; os que viviam fora de Itália apresentavam-se ao governador provincial. No entanto,

há indícios de que os censores do ano 97 a.C., Lúcio Valério Flaco e Marco António Orador,

alteraram o processo de registo dos cidadãos vivendo fora de Roma mas dentro de Itália.

**Cilícia** Região do sul da Anatólia situada em frente da península de Cleides (Chipre) e estendendo-se para oeste paralelamente à ilha de Chipre, onde era limitada pela Panfília. A sua fronteira leste

situava-se nas montanhas Amano, que a separavam da Síria. A Cilícia Ocidental era árida e

extremamente montanhosa, mas a Cilícia Oriental (Cilícia Pedia) era uma vasta e fértil planície

banhada pelos rios Píramo, Saro e Cidno. A capital era Tarso, nas margens do Cidno. Os estudiosos

modernos têm opiniões diversas quanto à data em que a Cilícia foi formalmente transformada em

província de Roma; no entanto, parece-me haver indícios suficientes de que foi Marco António

Orador quem a anexou, no ano 101 a.C., durante a sua campanha contra os piratas.

1049

Cimbros Vasta associação de tribos germanas que viveram na metade norte do Quersoneso Címbrico (actual Península da Jutlândia) até ao ano 120 a.C., altura em que uma catástrofe natural tê-los-á levado a migrar.

Juntamente com os seus vizinhos do sul, os Teutões, deram início a uma jornada épica em busca de uma nova terra - uma jornada que durou vinte anos, que os fez percorrer milhares e milhares de quilómetros e que, por fim, os levou a combater contra Roma (e contra Caio Mário). Foram praticamente aniquilados na batalha de Vercelas, em 101 a.C.

Citas Povo provavelmente de origem germana. Falava uma língua indo-europeia. Os Citas viviam nas estepes asiáticas a leste do rio Tánais, estendendo-se até ao Cáucaso. Possuíam já uma organização social que lhes permitia ter reis e eram famosos como ourives.

*citocacia* Blasfémia latina sem gravidade, significando ”estramónio”.

*citrus* (cidreira, madeira. Trata-se da madeira mais valiosa do mundo romano e o seu auge na mercenária verifica-se no último século da República. Esta madeira era extraída de enormes excrescências do sistema de raízes de uma árvore parecida com o cipreste, a *Callitris quadrivavis vent.,* que crescia nas terras altas do Norte de África, desde o oásis de Amónio, e Cirenaica, até ao longínquo Atlas da Mauritânia; apesar do nome da madeira, temos de salientar que a árvore nada tem a ver com citrinos. Diferentes árvores produziam diferentes padrões de veios, todos eles com os seus nomes - *tigre,*

um padrão de veios longos, ondulantes; *pantera,* um padrão com veios em espiral; *pavão,* um padrão com olhos como os da cauda do pavão; *salsa,* um padrão com veios franzidos; etc. Nos tempos da República, eram usados blocos de madeira,

em vez de folhas (a escassez desta madeira obrigou a que, durante o Império, se usasse apenas folhas), blocos que eram montados sobre uma ou várias pernas de marfim, normalmente incrustado de ouro. Daí a existência de um grupo especial de comerciantes, os *citrarii et eborarii,* que reunia os marceneiros especializados neste tipo de madeira e os escultores em marfim. A maior parte desta madeira era usada em tampos de mesa, onde a beleza dos seus veios podia ser melhor apreciada, mas havia também quem fizesse tijelas com ela. As mesas não sobreviveram até aos nossos dias, mas já o mesmo não sucedeu com as tijelas, que nos permitem concluir que a *citrus é* por certo a mais bela madeira de todos os tempos.

# 1050

**classes** Eram em número de cinco e representavam as divisões económicas entre os cidadãos romanos, consoante os bens e propriedades que possuíam e os rendimentos que obtinham. Os membros da Primeira

Classe eram os mais ricos, os membros da Quinta Classe os mais pobres. Os *capite censi* não tinham estatuto de classe e, por isso, não podiam votar na Assembleia Centurial.

*clivas* Uma rua íngreme. Roma, cidade de colinas, tinha muitas destas ruas.

**colégio** Grupo ou sociedade de homens tendo algo em comum. Roma possuía colégios de sacerdotes (o Colégio dos Pontífices), colégios políticos (o Colégio dos Tribunos da Plebe), colégios religiosos (o Colégio dos Lictores), e colégios relacionados com o trabalho (a Associação dos Agentes Funerários). Alguns grupos de homens, ligados a todas as esferas da vida romana, incluindo escravos, reuniam-se nos chamados Colégios ou Congregações das Encruzilhadas. Cuidavam das encruzilhadas da cidade de Roma e organizavam a festa anual das encruzilhadas, a *Compitalia.*

*Comitia* Vasto anfiteatro no qual decorriam as reuniões dos *comitia.* Situava-se no baixo Fórum Romano, contíguo aos degraus do Senado e à Basílica Emiliana, e era formado por séries de bancadas. Bem apertados, poderiam reunir-se nele talvez três mil homens. Os *rostra,* ou tribuna dos oradores, encontravam-se montados junto a uma das suas paredes.

*CONDEMNO* O termo utilizado por um júri ao pronunciar o veredicto de ”culpado”. Era um termo só usado pelos tribunais (ver também *DAMNO).*

**cônsul substituto** Cônsul *suffectus.* Quando um cônsul eleito morria em funções ou se via incapacitado de cumprir os deveres do seu cargo, o Senado nomeava um substituto, o cônsul *suffectus.* Este cônsul não era eleito. Por vezes o Senado nomeava um *suffectus* mesmo quando o ano consular estava prestes a acabar; outras vezes, não era nomeado nenhum substituto apesar de o ano consular estar muito longe do seu termo.

Estas discrepâncias reflectiam as tendências prevalecentes no Senado numa época particular. Parece também que o Senado precisava da presença do cônsul que restava para nomear um *suffectus* - repare-se na impotência dos senadores quando o cônsul Catão foi morto em 90 a.C., e o outro cônsul, Lúcio Júlio César, se recusou a ir a Roma para participar na cerimónia de nomeação de

um *suffectus.* O nome do cônsul substituto era gravado nos *fasti* consulares, e tinha direito a intitular-se *consular,* depois de deixar o seu cargo.

**consular** Nome dado a um homem que tinha sido cônsul. O Senado tratava-o com especial estima, e podia falar antes dos magistrados júniores. Por outro lado, caso o Senado assim o entendesse, podia ser nomeado governador de uma província em qualquer altura. Finalmente, podia ser chamado a cumprir outras tarefas, como seja a organização do abastecimento de cereais.

*consultam* Termo que designa um decreto senatorial. Não tinha força de lei. Para se transformar em lei, o *consultam* tinha de ser apresentado pelo Senado a qualquer uma das Assembleias, tribal ou centurial, que então procedia à sua promulgação *(se* os membros da Assembleia em questão assim o entendessem). No entanto, muitas *consulta* senatoriais nunca foram submetidas à apreciação das Assembleias, nem transformadas em lei, o que não impedia que fossem aceites como leis por toda a Roma; era o caso das

decisões senatoriais acerca dos governadores das províncias, da declaração ou continuação de uma guerra, do comando de um exército, e dos negócios estrangeiros.

*contio* (Plural, *contiones)* Reunião preliminar para discutir a promulgação de uma lei ou qualquer outro assunto que interessasse aos *comitia,* a qual, embora não conduzisse a uma votação, era formalmente convocada pelo magistrado para tal qualificado.

*contubernalis* Um cadete, um subalterno com o mais baixo posto na hierarquia dos oficiais das legiões romanas, mas excluindo os

centuriões - um centurião nunca poderia ter sido um cadete, um centurião era um soldado experiente.

*corona* Uma coroa. A palavra normalmente é apenas usada para condecorações militares por actos de grande bravura. As coroas mencionada neste livro são:

*corona cívica* A Coroa Cívica. Era feita de folhas de carvalho. Atribuída a um homem que salvara as vidas de camaradas militares e que não cedera durante toda a batalha, só lhe era dada depois de os soldados em questão jurarem formalmente perante o respectivo general que as circunstâncias tinham de facto sido essas.

*corona graminea* ou *obsidionalis* A Coroa de Erva. Feita da erva (ou por vezes de um cereal como o trigo, se a batalha era travada num campo cultivado) do campo de batalha e atribuída ”in loco”.

# 1052

Coroa de Erva era a mais rara de todas as condecorações militares romanas. Era dada apenas a um

homem que, devido ao seu empenho pessoal, salvara toda uma legião - ou todo um exército.

**Cumas** Esta cidade foi a primeira colónia grega em Itália, estabelecida nos primórdios do século VIII a.C. Era banhada pelo mar Toscano, a seguir ao cabo Miseno, a norte do golfo de Cráter, e era

uma estância de veraneio muito apreciada pelos Romanos no tempo da República.

*cunnus* obscenidade latina extremamente ofensiva - significava os órgãos genitais femininos.

*Cuppedenis,* mercado de Esta área situava-se atrás do alto Fórum Romano (no seu lado leste), entre a Clivus Orbius e o fim das Carinas. Neste mercado, vendiam-se artigos luxuosos ou especialidades

como pimenta, especiarias, incenso, unguentos e bálsamos. Servia também de mercado de flores.

Esta área pertenceu sempre ao Estado, até ser vendida para financiar a campanha de Sila contra o rei

Mitridates.

**Cúria Hostília** O edifício do Senado. Cria-se que tinha sido construído por Tulo Hostílio, o obscuro terceiro rei de Roma. Daí o seu nome (”edifício de reuniões de Hostílio”).

*custodes* Funcionários subalternos encarregados das operações eleitorais - escrutinadores,

funcionários que recebiam as tábuas com os votos, etc.

*AM NO* Termo usado num veredicto de condenação (ou seja, ”culpado”) num julgamento

conduzido por uma das Assembleias. Os tribunais usavam o termo *CONDEMNO.*

**Delfos** O grande santuário do deus Apolo, situado no monte Parnaso, na Grécia Central. Foi um

importante centro religioso desde tempos muito antigos, embora só fosse dedicado a Apolo a partir

do século VII ou VI a.C. O santuário continha uma *omphalos,* ou pedra central (provavelmente um meteorito), e cria-se que Delfos era o centro da terra. Havia em Delfos um oráculo de fama

inquestionável; as suas profecias eram comunicadas por uma velha em frenético transe; essa velha

era conhecida pelo nome de Pítia, ou a Pitonisa. Extremamente rico, devido às constantes oferendas

de homens muito ricos que consultavam o oráculo e assim manifestavam a sua gratidão, o templo

de Delfos foi saqueado por várias vezes durante a Antiguidade (ver *Breno),* mas não tinha grande dificuldade em recuperar, pois as oferendas sucediam-se a bom ritmo.



**demagogo** Originalmente um termo grego, significando um político que não pretendia outra coisa

que não fosse impressionar e atrair as massas. O demagogo romano preferia o anfiteatro dos

*Comitia* ao Senado, mas a ”libertação das massas” não fazia parte da sua política e, por outro lado, aqueles que o ouviam não pertenciam, de um modo geral, às classes mais baixas. O termo foi

utilizado pelas facções ultraconservadoras do Senado para descrever os tribunos da plebe mais

radicais.

*denarius* (Plural, *denarií)* Exceptuando uma ou duas cunhagens de moedas de ouro, o denário foi a moeda mais cunhada durante a República Romana. De prata pura, continha cerca de 3,5 gramas

desse metal, e tinha o tamanho de uma moeda de dez cêntimos americanos - era, portanto, muito

pequena. Um talento de prata equivalia a 6 250 *denarii.*

*diverticulum* No sentido usado neste livro, significa uma estrada que liga as principais estradas que irradiavam a partir das portas de Roma - na prática, uma ”estrada de circunvalação”.

**Dodona** Templo consagrado a Zeus. Situado entre as montanhas interiores do Épiro, cerca de

dezasseis quilómetros a sul e a oeste do lago Pamboris, o seu oráculo, muito famoso, encontrava-se

num carvalho sagrado que albergava também muitas pombas. Como todos os grandes santuários

oraculares, Dodona recebia muitas oferendas e era, por conseguinte, extremamente rico. Foi

saqueado por várias vezes na Antiguidade: pelos Etolianos, em 219 a.C., pelo romano Emílio Paulo,

em 167 a.C., e pelos Escordiscos, em 90 a.C. De cada vez, o templo recuperou rapidamente e

acumulou mais riquezas.

*dominus* Literalmente, ”senhor”. *Domine,* o caso vocativo, era usado ao dirigir-se a palavra a alguém. *Domina* significava ”senhora” e *dominilla,* ”menina”.

*Edepoll* Exclamação de surpresa considerada polida e que os homens podiam proferir na companhia de mulheres. A sua raiz sugere uma invocação a Pólux.

**elmo ático** Elmo ornamentado, usado pelos oficiais romanos acima do posto de centurião. É o elmo normalmente usado pelas estrelas de Hollywood nos filmes sobre Roma - embora duvide, muito

francamente, que, nos tempos da República, houvesse elmos áticos decorados com penas de

avestruz! Não é que não houvesse penas de avestruz em Roma. O problema é que o seu uso num

elmo ático teria sido considerado no mínimo decadente.

# 1054

*emporium* Esta palavra tinha dois significados. Podia tratar-se de um porto de mar cujas actividades comerciais dependiam do tráfego marítimo, como no caso da ilha de Delos; ou podia tratar-se de um vasto edifício junto ao mar onde importadores e exportadores tinham os seus escritórios.

**Eneias** Príncipe da Dardânia, na Troada. Era filho do rei Anquises e da deusa Afrodite (Vénus, para os Romanos). Depois de Agamémnon ter conquistado Tróia, Eneias fugiu da cidade incendiada, levando o velho pai às costas e o Paládio debaixo de um braço. Após muitas aventuras, chegou ao Lácio, fundando a raça de que descendiam os verdadeiros Romanos. O seu filho, Iúlo, era o antepassado directo da família Júlia; portanto, a identidade da mãe de Iúlo tinha alguma importância. Virgílio diz que Iúlo era afinal Ascânio, o filho de Eneias e da sua mulher troiana, Creúsa; Eneias tê-lo-ia levado consigo aquando da sua fuga. Em contrapartida, Lívio afirma que Iúlo era filho de Eneias e da sua mulher latina, Lavínia. Não sabemos o que pensava acerca do assunto a família Júlia nos tempos de César. Inclino-me mais para a versão de Lívio, o qual parece ser uma fonte mais fidedigna que Virgílio.

*epulones* Alguns dos feriados religiosos do ano republicano eram celebrados com um banquete, ou um banquete fazia parte das festividades. A organização destes banquetes cabia ao Colégio dos Epulones, uma instituição sacerdotal menor. Se o banquete envolvia apenas o Senado ou um número reduzido de homens, era fácil abastecê-lo. Mas nalguns banquetes participava toda a população livre de Roma. Inicialmente, havia apenas três *epulones,* mas na época de Mário e Sila havia oito ou dez.

*ergastula* (Singular, *ergastulum* Eram celas para criminosos ou escravos. As *ergastula* transformaram-se em algo de abjecto com o

aumento do número de grandes proprietários a partir dos irmãos Gracos; esses

proprietários rurais recorriam a trabalhadores acorrentados para cultivarem os seus ”latifúndios”, fechando-os, depois do trabalho, nas *ergastula.*

**Esérnia** Pequena cidade do noroeste do Sâmnio. Os Romanos concederam-lhe os Direitos Latinos em 263

a.C., com o intuito de encorajarem o seu povo a ser leal a Roma e não ao Sâmnio, inimigo tradicional de Roma dentro de Itália.

**espelta** Farinha muito fina e branca. Não era boa para fazer



pão, mas era óptima para bolos. Era obtida a partir de uma variedade de trigo agora conhecida sob o nome de *Triticum spelta.*

**Escordiscos** Confederação tribal celta mesclada de Ilírios e Trácios, os Escordiscos viveram na Mésia, entre o vale do Danúbio e a fronteira da Macedónia. Poderosos e guerreiros, incomodavam permanentemente os

governadores romanos da Macedónia.

**Etrúria** Nome da região que fora outrora o reino dos Etruscos. Incluía as vastas planícies costeiras a oeste dos Apeninos, desde o Tibre, a sul, até ao Arno, a norte. Durante a parte final da República, as suas cidades mais importantes eram Veios, Cosa e Clúsio. As Vias Aurélia, Clódia e Cássia passavam pela Etrúria.

facção Este é o termo normalmente utilizado pelos eruditos actuais para designar os grupos políticos na Roma republicana. Estes grupos não podiam ser considerados partidos políticos no sentido moderno, pois eram extremamente flexíveis, e os seus membros estavam

constantemente a mudar. Em vez de se congregarem em torno de uma ideologia, as facções da Roma republicana reuniam-se em torno de um homem que possuísse

uma acentuada *auctoritas* ou *dignitas.* Evitei por completo os termos ”Optimate” e ”Poputris” porque não quis dar a impressão de que existiam partidos políticos.

**Forcas Caudinas** No ano 321 a.C., um exército romano caiu numa armadilha montada pelos Samnitas numa garganta conhecida pelo nome de Forcas Caudinas, perto da cidade samnita de Benevento. O exército romano rendeu-se ao chefe samnita, Gávio Pôncio, o qual obrigou os soldados romanos a passar sob o jugo (o que constituía uma desgraça terrível).

**Fortuna** A deusa romana da sorte, e uma das divindades mais fervorosamente veneradas no panteão romano.

Havia muitos templos dedicados a Fortuna, cada um dos quais consagrado segundo um modelo ou ponto de

vista diferente. Mas o aspecto de Fortuna que mais interessava aos políticos e generais era *Fortuna Huiusque Dei* - ”A Fortuna do Dia Presente”. Mesmo homens extraordinariamente inteligentes e capazes como Caio Mário, Lúcio Cornélio Sila e Caio Júlio César, o Ditador, acreditavam nas maquinações da deusa Fortuna e rogavam os seus favores.

**fórum** Local de reunião ao ar livre para todo o tipo de negócios, públicos e privados. Alguns *fora* (plural) especializavam-se na venda de carne, outros na de legumes, peixe ou cereais, ao passo que outros



ainda eram palco de assembleias políticas e de discussões sobre os assuntos da governação. Mesmo

um acampamento militar tinha o seu fórum, situado ao lado da tenda do general.

**Fregelas** Fregelas foi uma comunidade beneficiada pelos Direitos Latinos inteiramente leal a Roma até ao ano 125 a.C., altura em que se revoltou contra Roma e foi aniquilada pelo pretor Lúcio

Opímio em circunstâncias de singular crueldade. Completamente destruída, a cidade nunca mais se

recompôs. Ficava situada junto à Via Latina e ao rio Líris, na fronteira do Sâmnio.

FrígiaUma das regiões mais selvagens e menos populosas da Anatólia, e que os antigos imaginavam

ser a terra das ninfas, das dríades, dos sátiros e outros seres míticos dos bosques, bem como de

camponeses tão ingénuos e desprotegidos que era ridiculamente fácil escravizá-los. A Frígiasituava-

se para lá da Bitínia, para o interior, a sul da Paflagónia, e a oeste da Galácia. A sul, fazia fronteira com a Pisídia. Montanhosa e recheada de florestas, pertencia ao império atálido de Pérgamo; depois

de vencer as guerras provocadas pelo legado do reinado de Pérgamo a Roma, o procônsul romano

Mânio Aquílio vendeu a maior parte da Frígiaao rei Mitridates V do Ponto por uma boa soma de

ouro. Aquílio ficou com o ouro.

**golfo de Cráter** Este era o nome dado pelos Romanos àquela que é hoje a baía de Nápoles. Embora as fontes antigas nos garantam que a erupção do Vesúvio, no ano 79 d.C., foi a primeira erupção

conhecida, a palavra Cráter sugere que, numa dada época da pré-história, uma erupção muito mais

violenta teria criado essa vasta baía.

**Grécia** No início do primeiro século a.C., a Grécia fora privada dos territórios da Macedónia e do Épiro. Compreendia a Tessália, a Dolópia, a Eubeia, a Etólia, a Ática, o Mális, o Ócris, a Fócida, a

Beócia, a Acarnânia, Corinto, e os diversos estados do Peloponeso. A Grécia encontrava-se num

declínio quase total; muitas das suas regiões estavam desabitadas, as cidades desertas, os cofres

vazios. Apenas cidades como Atenas continuavam de algum modo a prosperar. Séculos de guerras

(com invasores estrangeiros e, a maior parte das vezes, entre estados gregos) tinham empobrecido o

país e reduzido a sua população a metade. Muitos gregos (quando tinham a sorte de possuir

instrução ou uma boa profissão) vendiam-se voluntariamente como escravos.



**Helénico** Termo usado para descrever a cultura grega fora da Grécia, depois de Alexandre, o Grande, ter introduzido um elemento grego nas cortes e nos reinos do Mediterrâneo e da Ásia.

**Héracles** Herói grego, denominado Hércules em latim. Um homem mortal, apesar de ser filho de Zeus, a sua força extraordinária, o seu carácter indomável e perseverante imortalizaram-no para todo o

sempre. No entanto, foram sem dúvida as suas qualidades humanas que fizeram dele um objecto de veneração tão

atraente; dominava todo o Mediterrâneo, de uma ponta a outra. O seu culto era exclusivamente reservado aos homens. Hércules era considerado como a personificação de todas as virtudes masculinas tradicionais. A sua estátua era vestida com o traje do general triunfante, durante a celebração do triunfo. Em Roma, Hércules ou Héracles era também um deus do comércio por grosso, em especial para os vendedores de *azeite.* Alguns homens consideravam-se seus descendentes; era o caso de Mitridates e dos Antónios de Roma.

**Hiperbóreos** Literalmente, o povo que vivia para lá do Bóreas, o.Vento Norte. Era um povo lendário que adoraria apenas o deus Apolo e que levaria uma existência idílica. No entanto, os antigos acreditavam firmemente na existência de uma Terra dos Hiperbóreos,

no extremo norte.

**Hispânia Citerior** O território desta província romana abarcava a planície costeira mediterrânica e os contrafortes montanhosos para lá dela, desde os Pirinéus até ao sul do porto de mar de Nova Cartago. A fronteira sul entre as duas Hispânias era muito ténue, mas parece que se situava entre a cordilheira

denominada Oróspeda e a cordilheira do Solório, mais elevada e situada para lá de Abdara. Na época de Mário e Sila, a cidade mais importante era Nova Cartago (actual Cartagena), porque a cordilheira de

Oróspeda, a pouca distância desse porto de mar, possuía inúmeras minas de prata que os Romanos tinham ocupado depois da queda de Cartago. Só uma outra parte da província tinha o mesmo interesse que esta para os ocupantes romanos: o vale do rio Ibero (actual Ebro) e dos seus afluentes, com terras extremamente ricas.

O governador tinha duas sedes: Nova Cartago, no sul, e Tarragona, no norte. Do ponto de vista económico, a Hispânia Citerior nunca foi tão importante para Roma como a Hispânia Ulterior; no entanto, era a única via de acesso, por terra, à Hispânia Ulterior, e por isso os Romanos tinham de mantê-la sob o seu jugo.

1058

**Hispânia Ulterior** A mais distante das duas províncias hispânicas de Roma - ou seja, mais distante de Roma que a outra província, a Hispânia Citerior. No tempo de Mário e Sila, a fronteira entre a

Hispânia Citerior e a Hispânia Ulterior era algo ténue. A Hispânia Ulterior abrangia as bacias dos

rios Bétis e Anãs, as montanhas, ricas em minérios, onde nasciam esses rios, o litoral atlântico

desde as Colunas de Hércules até Olisipo (Lisboa), na foz do Tejo, e o litoral mediterrânico desde

as Colunas até ao porto de Abdera. A sua maior cidade era Gades, mas a sede do governo era

Córdova. Segundo Estrabão, a Hispânia Ulterior possuía as mais ricas terras de cultivo de todo o

mundo.

**Homem Militar** *Vir militaris.* Homem cuja carreira estava inteiramente ligada ao exército e que continuava a servir no exército depois de ter feito o número obrigatório de campanhas ou anos.

Quando entrava na arena política, a sua reputação militar era o único trunfo de que dispunha junto

dos eleitores. Muitos Homens Militares nunca se davam ao trabalho de tentar uma carreira política.

No entanto, se queriam chegar ao posto de general, tinham de passar primeiro pelo cargo de pretor,

e isso implicava uma carreira política. Caio Mário, Quinto Sertório, Tito Dídio, Caio Pontino e

Públio Ventídio foram todos eles Homens Militares; mas César, o Ditador, um militar superior a

eles todos, nunca foi um Homem Militar.

*Ilium* Nome que os Romanos davam à cidade de Tróia (Ilio).

*imago* (Plural, *imagines)* Máscara requintadamente esculpida e pintada (e dotada de cabeleira) de um antepassado consular (ou talvez pretoriano) de uma família romana. Era feita de cera e guardada

num armário esculpido como se fosse uma miniatura de um templo e que nunca podia ter pó. A

máscara e o armário onde era guardada eram objecto da maior veneração. Quando um homem da

família morria, contratava-se um actor que punha a máscara e a cabeleira, representando assim o

antepassado morto na procissão fúnebre. Se um homem se tornava cônsul, a sua máscara era

incluída na colecção da família. De quando em quando, um homem que, embora não sendo cônsul,

realizasse feitos notáveis, poderia mandar fazer a sua *imago,* pois era considerado merecedor dela.

*interrex* A palavra significa ”entre os reis”. Vem dos tempos dos reis de Roma, quando o Senado patrício nomeava um dos seus membros para reinar após a morte de um rei e a subida ao trono de

um novo rei. Após a instauração da República, esta prática sobreviveu nos casos em que, devido a

morte ou a qualquer outro incidente, deixava de haver cônsules e não tinham sido ainda disputadas

novas eleições. Os membros do Senado eram divididos em decúrias de dez homens, sendo cada

decúria chefiada por um senador patrício. Enquanto Roma não tinha cônsules, era escolhido um

*interrex* entre os chefes patrícios das decúrias senatoriais. Podia ocupar esse cargo apenas por cinco dias, sucedendo-lhe depois outro chefe de decúria; este esquema mantinha-se até à realização de

novas eleições. O *interrex* era dotado de integral autoridade consular, dispunha dos doze lictores e podia exercer todas as funções do cônsul. Só um chefe patrício de uma decúria senatorial podia ser

*interrex.* O primeiro de uma série de *interreges* (plural) não estava autorizado a realizar eleições.

**irmãos Gracos** Cornélia, a filha de Cipião Africano e Emília Paula, casou aos dezoito anos com

Tibério Semprónio Graco, então com quarenta e cinco anos; isto passou-se por volta do ano 172

a.C., e Cipião Africano tinha morrido há doze anos. Tibério Semprónio Graco foi cônsul em 177

a.C., censor em 169 a.C., e cônsul uma segunda vez em 163 a.C. Morreu em 154 a.C., deixando

doze filhos. No entanto, os seus descendentes revelaram uma saúde muito frágil: apenas três dos

seus filhos conseguiram chegar à idade adulta. O mais velho era uma rapariga, Semprónia, que

casou, logo que teve idade, com o seu primo Cipião Emiliano. Os dois filhos mais novos eram

rapazes. Tibério nasceu em 163 a.C., e Caio no ano em que o seu pai morreu, 154 a.C. Os dois

rapazes foram praticamente criados e educados unicamente pela mãe, a qual fez um trabalho

soberbo a todos os níveis.

Os dois irmãos serviram nos exércitos do primo direito da mãe (e cunhado deles) Cipião Emiliano:

Tibério durante a Terceira Guerra Púnica e Caio em Numância. Ambos se tornaram notados pelos

seus feitos nessas campanhas. Em 137 a.C., Tibério foi enviado como questor para a Hispânia

Citerior, onde, por sua iniciativa, concluiu um tratado prevendo a retirada do derrotado Hostílio

Mancino da Numância, salvando desse modo o exército de Mancino do aniquilamento; no entanto,

Cipião Emiliano considerou a acção de Tibério desonrosa e conseguiu convencer o Senado a não

ratificar o tratado. Tibério nunca perdoou ao primo e cunhado.

Em 133 a.C., Tibério foi eleito tribuno da plebe e procurou corrigir os erros que o Estado estava a

cometer no âmbito do arrendamento da

1060

*ager publicas.* Apesar de uma oposição encarniçada, fez aprovar uma lei agrária que limitava a extensão de terra pública que um homem poderia arrendar ou possuir a 500 *iugera* (com 250 *iugera* extra por cada filho), e formou uma comissão que distribuiria a terra excedente criada por este limite pelos civis pobres de Roma. O

seu objectivo era, não só libertar Roma de alguns dos seus menos úteis cidadãos, mas também garantir que as futuras gerações pudessem dar a Roma filhos qualificados para servirem no exército. Perante as tentativas de obstrução do Senado, Tibério apresentou directamente a sua lei à Assembleia da Plebe - o que foi como mexer num ninho de vespas, pois tal iniciativa contrariava todas as práticas estabelecidas. Um dos seus colegas tribunos, o seu parente Marco Octávio, vetou a lei na Assembleia da Plebe, e foi ilegalmente afastado do seu cargo - outra ofensa terrível à *mós maiorum* (ou seja, os costumes e práticas estabelecidas). A legalidade destas manobras preocupava menos os adversários de Tibério do que o facto de contrariarem as práticas estabelecidas, ainda que tais práticas não tivessem forma de lei.

Átalo III, de Pérgamo, morreu precisamente nesse ano, tendo-se descoberto então que legara o seu reino a Roma. Tibério ignorou o direito do Senado a decidir o que deveria ser feito com tal legado, e legislou no sentido de instalar mais pobres de Roma nessas terras. A oposição no Senado e nos *Comitia* não parava de crescer.

No final desse ano, vendo que não conseguia concluir com êxito o seu programa, Tibério ignorou uma outra prática estabelecida aquela

que dizia que um homem só podia ser tribuno da plebe uma vez. Candidatou-se uma segunda vez ao cargo. Num confronto no Capitólio, entre a sua facção e uma facção ultraconservadora conduzida pelo seu primo Cipião Nasica, Tibério foi espancado até à morte, tal como alguns dos seus adeptos.

O seu primo Cipião Emiliano - que ainda não regressara da Numância quando isto se passou - aprovou

publicamente o assassínio, alegando que Tibério quisera tornar-se rei de Roma.

Os conflitos abrandaram até que, dez anos mais tarde, o irmão de Tibério foi eleito tribuno da plebe (123

a.C.). Caio Semprónio Graco era igual ao irmão, mas tinha aprendido com os erros de Tibério, além do que era mais inteligente e capaz que Tibério. As suas reformas foram muito mais profundas; incluíam não só leis agrárias, mas também leis visando o fornecimento de cereais muito baratos às classes mais



pobres de Roma, regulando o serviço militar, fundando colónias romanas nas províncias, lançando obras públicas em toda a Itália, retirando o tribunal de concussão ao Senado e entregando-o aos cavaleiros, visando a realização de contratos públicos para a cobrança dos impostos da Província da Ásia, e dando a integral cidadania romana a todos aqueles que já eram beneficiados pelos Direitos Latinos, e os Direitos Latinos a todos os Italianos. Quando terminou o seu ano como tribuno da plebe, Caio Graco estava longe de ter

concluído o seu programa. Por isso, tentou o impossível: candidatou-se uma segunda vez e foi eleito.

Enfrentando reacções cada vez mais iradas e inimizades obstinadas, continuou a lutar pela conclusão do seu programa de reformas. No entanto, o seu segundo ano como tribuno terminou sem que esse programa tivesse sido concluído. Candidatou-se uma terceira vez ao cargo. Desta feita foi derrotado, tal como o seu amigo e adepto Marco Fúlvio Flaco. No dealbar do ano 121 a.C., as leis e a política de Caio foram de imediato atacadas pelo cônsul Lúcio Opímio e pelo ex-tribuno da plebe Marco Lívio Druso. Desesperado perante a hipótese de destruição da sua política, Caio Semprónio Graco recorreu à violência. O Senado reagiu,

aprovando pela primeira vez um "ultimato", para deter a escalada da guerra no Fórum; Fúlvio Flaco e dois dos seus filhos foram assassinados e Caio Graco fugiu, acabando por suicidar-se no pomar de Furrina, na encosta do monte Janículo. A política romana não mais voltaria a ser como dantes; a velha cidadela da *mós maiorum* sofrera danos irreparáveis.

As vidas pessoais dos irmãos Gracos foram também trágicas. Tibério casou-se com Cláudia, filha de Ápio Cláudio Pulcro, cônsul em 143 a.C., um inimigo inveterado de Cipião Emiliano e tão idiossincrático como a maior parte dos Cláudios Pulcros. Cláudia deu a Tibério três filhos, mas nenhum deles viveu o suficiente para chegar a uma carreira pública. Caio Graco casou-se também com a filha de um dos seus mais convictos

adeptos - Licínia, filha de Públio Licínio Crasso Muciano. Tiveram um único filho, uma rapariga, Semprónia, que se casou com um Flúvio Flaco Bambalião - e que por sua vez teve uma filha, Fúlvia, a qual viria a ser mulher sucessivamente de Públio Cláudio Pulcro, Caio Escribónio Curió e Marco António.

**Itálica** A capital de Itália, a nova nação sonhada pelos revoltosos da Guerra Mársica. Tratava-se da cidade de Corfínio e manteve o nome de Itálica apenas enquanto a guerra durou.

# 1062

*iugera* (Singular, *iugerum)* Medida agrária romana. Em termos modernos, um *iugerum* equivale a 0,623 (ou cinco oitavos) de um acre, ou 0,252 (um quarto) de um hectare.

**Janículo** Era o monte situado atrás da margem noroeste do Tibre, defronte da cidade de Roma. Durante a República, houve nesse monte uma fortaleza defensiva; esta fortaleza mantinha-se ainda apta a receber uma guarnição militar no tempo de Mário e Sila. No alto da cidadela havia um mastro de bandeira; se a bandeira vermelha fosse baixada, isso significava que Roma se encontrava perante a ameaça de um ataque.

**jogos** Em Latim, *ludi.* Os jogos eram uma instituição romana (e também uma diversão) que remontava pelo menos aos primeiros tempos da República (provavelmente, a uma data muito anterior). De início, eram

celebrados apenas quando um general triunfava, mas em

336 a.C., os *ludi Romani* passaram a ser um acontecimento anual, realizando-se em honra de Júpiter Optimus Maximus, cujas festividades eram celebradas a 13 de Setembro. Inicialmente, os *ludi Romani* decorriam num só dia, mas, posteriormente, viriam a disputar-se em vários dias; na época de Mário e Sila duravam dez dias.

Embora houvesse alguns combates pouco animados de pugilismo e luta, os jogos romanos nunca alcançaram o nível atlético dos jogos gregos. De início, os jogos consistiam basicamente de corridas de carros; depois, gradualmente, começaram a integrar a caça e também o teatro (várias peças eram representadas em teatros especialmente construídos para o efeito). No primeiro dia de todos

os jogos, havia uma espectacular procissão religiosa no Circo, seguida de uma ou duas corridas de carros e combates de pugilismo e luta. Os dias seguintes eram consagrados ao teatro; as tragédias eram muito menos populares que as comédias e, no tempo de Mário e Sila, os espectáculos de mímica eram os mais populares de todos. Já perto do seu fim, os jogos passaram a ter como prato forte as corridas de carros, servindo a caça a animais selvagens para introduzir alguma variedade. Os combates entre gladiadores *não* faziam parte dos jogos republicanos (tais combates eram organizados por privados, normalmente integrados em cerimónias fúnebres, no Fórum Romano, e não

no Circo). Os jogos eram custeados pelo Estado. No entanto, certos edis desejosos de obter alguma fama contribuíam com muito dinheiro, a fim de tornarem os ”seus” jogos mais espectaculares do que os fundos do Estado permitiriam. A maior



parte das principais provas realizavam-se no Circo Máximo; algumas das menos importantes decorriam no Circo Flamínio. Podiam assistir aos jogos homens e mulheres livres (que não pagavam nada), mas as

mulheres eram segregadas no teatro; não era permitida a entrada a escravos ou libertos, provavelmente porque nem mesmo o *Circus Maximus* (que levava talvez 150 000 pessoas) era suficientemente grande para albergar ao mesmo tempo os homens livres e libertos de Roma.

**jugo** Canga com que se jungem os bois ou outros animais para puxarem uma carga. Em termos humanos, acabou por significar uma marca de submissão face á superioridade e ao domínio dos outros. Dentro da

cidade de Roma, situado algures nas Carinas, havia um jugo para jovens de ambos os sexos passarem por debaixo dele; chamavam-

lhe o *Tigillum,* e talvez significasse submissão à seriedade da vida adulta. Contudo, foi a nível militar que o jugo acabou por ter o seu mais importante significado metafórico. Os exércitos romanos dos primeiros tempos (ou talvez mesmo os etruscos) obrigavam um inimigo derrotado a passar sob o jugo; o jugo era constituído por duas lanças a pique espetadas no solo, sobre as quais se colocava uma terceira em sentido transversal - este dispositivo era demasiado baixo, pelo que um homem não podia passar debaixo dele na posição erecta: tinha de se dobrar. Outros povos da Itália adoptaram este costume e por vezes foram os Romanos que tiveram de passar sob o jugo. Aceitar passar sob o jugo era uma humilhação intolerável; de tal modo que o Senado e o Povo de Roma preferiam que um exército lutasse até à morte do seu último

soldado a que sacrificasse a honra e a *dignitas,* rendendo-se e sendo obrigado a passar sob o jugo.

**Jugurta** Rei da Numídia desde 118 a.C. até 105 a.C, altura em que foi capturado por Sila. Filho ilegítimo, chegou ao trono assassinando todos aqueles que, com maior legitimidade, podiam reivindicar o trono da Numídia. Agarrou-se implacavelmente ao poder, apesar da forte oposição de alguns elementos do Senado

Romano, conduzidos por Marco Emílio Escauro Princeps Senatus. Em 109 a.C (depois de uma infame

agressão cometida pelo jovem Aulo Postúmio Albino), Jugurta declarou guerra à África Romana; o cônsul Quinto Cecílio Metelo foi mandado para África para o subjugar, sendo seus legados Caio Mário e Públio Rutílio Rufo (ambos tinham servido como cadetes com Jugurta na Hispânia, alguns anos antes). Metelo

(que, devido a esta campanha, ficou com mais um *cognomen,* o de Numídico) e Mário não se entendiam e por isso Mário resolveu disputar o cargo de cônsul (para o ano de 107 a.C.). Mário conseguiu depois que a Assembleia da Plebe retirasse o comando da guerra a Metelo Numídico, que nunca lhe perdoaria tal acto.

Mário saiu-se bem na guerra contra o exército númida, mas Jugurta só veio a ser capturado depois de Sila, então questor de Mário, ter convencido o rei Boco da Mauritânica a montar uma armadilha a Jugurta. Depois de preso, Jugurta foi mandado para Roma. No dia de Ano Novo de 104 a.C., Jugurta foi integrado na parada triunfal de Mário, após o que o prenderam na cela subterrânea do Tuliano, onde morreria de fome.

**Juno Moneta** Juno das Recomendações ou talvez das Advertências. Juno, a maior deusa de Roma, assumia várias aparências, incluindo a de Juno Moneta. Foram os seus gansos sagrados que, com o barulho que

faziam, acordaram Marco Mânlio a tempo de desalojar os Gauleses que tentavam escalar os rochedos do

Capitólio em 390 a.C. A oficina de cunhagem de moeda localizava-se no pódio do seu templo, no cume do Capitólio.

**Júpiter Optimus Maximus** Literalmente, ”Júpiter, o Melhor e o Maior”. Era o rei do panteão romano, o Grande Deus de Roma. Tinha um templo enorme e magnificente no Capitólio e um sacerdote especial, o

*flamen Dialis.*

**Júpiter Stator** Júpiter Estator, Júpiter que faz parar os que fogem. Este título estava relacionado com soldados e assuntos militares; Júpiter Stator detinha as retiradas, dava aos soldados coragem para não ceder, para continuar a lutar. Havia dois templos de Júpiter Stator: um, muito antigo, na esquina da Via Sacra com a Vélia, adjacente à Clivus Palatinus (foi nele que Caio Mário se escondeu após ter sido derrotado por Sila, em 88 a.C.); o outro, o primeiro templo de Roma todo em mármore, situava-se no Campo de Marte, contíguo ao Porticus Metelli.

**Lácio** A região de Itália onde se situava Roma; o nome derivava dos seus habitantes originais: os Latinos. As suas fronteiras eram: a norte, o Tibre; a sul, uma região que se estendia para o interior a partir do porto de mar de Circeus; a leste, as terras dos Sabinos e dos Marsos. Quando os Romanos subjugaram por completo os Volscos e os Équos, em 300 a.C., o Lácio tornou-se inteiramente romano.

*latifúndio* Vastas extensões de terra pública arrendadas por uma pessoa e dirigidas como uma unidade, ao jeito de um rancho



moderno. Ou seja, a sua actividade tinha basicamente a ver com a criação de gado *e* não com a lavoura. Os trabalhadores eram normalmente escravos, que viriam a ser tratados como prisioneiros acorrentados que, à noite, eram fechados em barracas denominadas *ergástulo.*

**Lautúmias** A antiga pedreira de tufo calcário situada na base dos penhascos escarpados do cume do Capitólio. Os edifícios mais antigos existentes no Fórum Romano, nos tempos de Mário e Sila, tinham sido construídos com pedra dessa pedreira. A certa altura, foi construída uma prisão na zona da pedreira, bastante adequada para esse efeito; porém, como o encarceramento prolongado não era um conceito romano, o local nunca dispôs da segurança indispensável.

As Lautúmias eram uma série de celas, a maior parte das quais, ao que parece, servindo para deter magistrados e políticos recalcitrantes. Para castigar os criminosos, os Romanos preferiam o exílio à prisão. Saía muito mais barato.

**lei sumptuária** *Lex sumptuária.* Estas leis procuravam regular a quantidade de mercadorias e/ou alimentos considerados de luxo (ou seja, caros) que um Romano podia comprar ou ter em sua casa, por muito rico que fosse. Presumivelmente, os bens em questão eram importados. Durante a República, foram aprovadas muitas leis sumptuárias visando as mulheres, proibindo-as de usar mais do que um determinado número de jóias, ou de passear em liteiras ou carruagens dentro das Muralhas Sérvias; como vários magistrados puderam

comprovar, as mulheres que eram objecto destas leis tinham tendência a contestá-las, transformando-se numa força que não podia ser ignorada.

*leges Caecilia Didia* Chamei à primeira destas leis *prima,* porque, neste livro, se revela mais importante que a segunda *lex Caecilia Didia.* A primeira desta duas leis estipulava que deviam passar três *nundinae,* ou dias de mercado, entre a primeira *confio* destinada à promulgação de uma lei em qualquer das Assembleias e a votação que transformava um projecto de lei em lei. Há alguma discussão em relação a esse período de

espera: segundo alguns autores, era de dezassete dias; segundo outros, era de vinte e quatro dias; escolhi o prazo mais curto porque me parece mais romano. A segunda *lex Caecilia Didia* proibia a junção de assuntos sem qualquer relação entre si numa única lei. As duas leis foram aprovadas pelos cônsules de 98 a.C.

*leges Corneliae* As leis de Sila, aprovadas em 88 a.C., durante o seu consulado. Dividem-se em três lotes, aprovados em alturas diversas.

No início do seu consulado, Sila fez aprovar duas leis que visavam equilibrar as vacilantes finanças

romanas; a primeira estipulava que todos os devedores deveriam pagar os juros sobre os

empréstimos à taxa acordada por ambas as partes na altura em que o empréstimo fora concedido. A

segunda prescindia do depósito do *sponsio* (ou seja, a soma em disputa) nas mãos do pretor em

casos de dívida, o que permitia ao pretor ouvir as duas partes e julgar sobre o caso.

Depois da carnificina de Mitridates na Província da Ásia, e antes das leis de Sulpício, Sila fez

aprovar a lei agrária. Esta lei distribuía as terras confiscadas às cidades rebeldes de Pompeios,

Fésulas, Hádria, Telésia, Boviano e Grumento, pelos soldados veteranos de Sila, logo que estes se

retirassem. O último lote de leis foi aprovado após a marcha de Sila sobre Roma.

A primeira destas leis prescindia do período de espera previsto pela *lex Caecilia Didia prima.*

A segunda acrescentava trezentos membros ao Senado, nomeados pelos censores segundo os

processos normais.

A terceira revogava a *lex Hortênsia,* de 287 a.C., estipulando que as Assembleias Tribais só

poderiam debruçar-se sobre um assunto depois de o Senado ter formulado um *consultum.* O texto do *consultum* não podia ser alterado pelas Assembleias.

A quarta devolvia à Assembleia Centurial a forma que tivera no tempo do rei Sérvio Túlio, ficando

a Primeira Classe com quase cinquenta por cento dos votos.

A quinta proibia a discussão e a aprovação de leis nas Assembleias Tribais. De futuro, todas as leis

seriam discutidas e aprovadas unicamente na Assembleia Centurial.

A sexta anulava todas as *leges Sulpiciae* por terem sido aprovadas com meios violentos durante feriados religiosos legalmente declarados.

A sétima indiciava vinte homens por acusações de alta traição *(perduellio)* - e amaldiçoava-os. Caio Mário, o jovem Mário, Sulpício, o pretor urbano Bruto, Cetego, os irmãos Grânio, Albinovano e

Letório eram alguns desses vinte homens.

*leges Sulpiciae* Foram quatro, aprovadas depois de Sila ter obtido o comando da guerra contra Mitridates, por volta de Setembro de 88 a.C. A primeira permitia o regresso a Roma de todos

aqueles que tinham sido exilados pela Comissão Vária; a segunda estabelecia que todos os novos

cidadãos fossem distribuídos uniformemente pelas



trinta e cinco tribos e que os libertos de Roma fossem também integrados nas trinta e cinco tribos; a terceira excluía do Senado

todos os senadores que tivessem dívidas superiores a dois mil denários; e

a quarta retirava a Sila o comando da guerra contra Mitridates, dando-o a Mário. Depois da marcha

de Sila sobre Roma, as leis de Sulpício foram anuladas.

*lex* (Plural, *leges)* Uma lei. A palavra *"lex"* veio também a ser aplicada ao *plebiscitam* (plebiscito), que era uma lei aprovada pela Assembleia da Plebe. Uma *lex* só era considerada válida depois de ter sido gravada em bronze ou pedra e depositada nos subterrâneos do templo de Saturno. No entanto,

seria lógico que a permanência das tábuas no templo de Saturno fosse breve, pois os subterrâneos

não podiam conter todas as tábuas com as leis romanas existentes nos tempos de Mário e Sila -

tanto mais que o Tesouro também tinha a sua sede nos mesmos subterrâneos. Imagino que, depois

de passarem pelos subterrâneos do templo de Saturno, as tábuas das leis eram armazenadas

permanentemente noutro local.

*lex Calpurnia de civitate sociorum* A lei de Pisão Frugi aprovada em 89 a.C. Originalmente

estipulava que todos os novos cidadãos da *lex Julia* seriam integrados em duas tribos novas; perante os protestos que esta medida desencadeou, Pisão Frugi alterou a sua lei: os novos cidadãos seriam

distribuídos pelas duas novas tribos e por mais oito já existentes.

*lex Domitia de sacerdotiis* Promulgada em 104 a.C. por Cneu Domício Aenobardo, mais tarde

Pontifex Maximus. Exigia que os futuros membros do Colégio dos Pontífices e do Colégio dos

Augures fossem eleitos por uma Assembleia Tribal especial, compreendendo dezassete tribos

escolhidas por sorteio.

*lex Julia de civitate latinis et sociis danda* Promulgada por Lúcio Júlio César no final do seu consulado em 90 a.C. Dava a cidadania romana a todos os Italianos que não tinham pegado em

armas contra Roma durante a Guerra Márs ica. Presumivelmente, também concedia a cidadania

integral a todas as comunidades dos Direitos Latinos existentes em Itália.

*lex Licinia Mucia* Promulgada pelos cônsules do ano 95 a.C., em resposta aos protestos

desencadeados pelo facto de, no censo de

96 a.C., terem sido registados como cidadãos romanos muitos homens que não o eram. Previa a

criação de um certo número de tribunais especiais *(quaestiones),* encarregados de investigar as credenciais de



todos os novos nomes aparecidos nos registos, e prescrevia severos castigos para aqueles que fossem

considerados culpados de falsificação da cidadania.

*lex Plautia iudiciaria* Aprovada na Assembleia da Plebe em

89 a.C. Alterava o quadro de referências da chamada Comissão Vária, prevendo o julgamento de todos

aqueles que se tinham oposto ao alargamento da cidadania aos Italianos. Além disso, retirou o tribunal aos cavaleiros e deu-o a cidadãos de todas as Classes provenientes das trinta e cinco tribos.

*lex Plautia Papiria* Aprovada na Assembleia da Plebe em 89 a.C. Dava a cidadania integral a qualquer Italiano que tivesse o seu nome num registo municipal italiano (se se tratasse de um insurrecto, era-lhe exigido que renunciasse a todo e qualquer acto hostil a Roma), desde que o interessado apresentasse o seu caso ao pretor urbano (em Roma, naturalmente) no prazo de sessenta dias após a data da promulgação da lei.

*lex Pompeia* Promulgada pelo cônsul do ano 89 a.C., Pompeu Estrabão. Esta lei dava a cidadania integral a todas as comunidades abrangidas pelos Direitos Latinos e situadas a sul do Rio Pó, na Gália Italiana, e dava os Direitos Latinos às tribos celtas vivendo nas cidades de Aquileia, Patávio e Mediolano, a norte do rio Pó.

*lex Varia de maiestate* Promulgada na Assembleia da Plebe por Quinto Vário Severo Hybrida Sucronensis, em 90 a.C. Criava um tribunal especial (desde então chamado Comissão Vária) para julgar todos os acusados de apoio à causa da cidadania romana para os Italianos.

*lex Vaconia de mulierutn hereditatibus* Promulgada em 169 a.C. Esta lei restringia severamente os direitos de herança das mulheres. Uma mulher não poderia, em circunstância alguma, ser designada principal herdeiro, ainda que fosse o único filho do seu pai; os parentes agnatos mais próximos (ou seja, os parentes mais próximos do lado do pai) estariam sempre à sua frente. Cícero refere um caso em que se argumentava que a *lex Voconia* não podia ser aplicada porque a propriedade do falecido não tinha sido avaliada

por um censo; mas o pretor (Caio Verres) rejeitou tal argumentação e impediu que a jovem em questão herdasse. Havia por certo formas de contornar esta lei, pois conhecemos várias grandes herdeiras; talvez recorrendo a uma lei que obstasse à aplicação da *lex Voconia;* ou morrendo intestado,

1069

pois neste caso prevalecia a lei antiga, herdando os filhos sem qualquer consideração de sexo e sem

intervenção dos parentes próximos agnatos. Até Sila, na sua ditadura, ter estabelecido *quaestiones* permanentes, parece não ter havido um tribunal para julgar disputas testamentárias, o que significava que, em princípio, era o pretor urbano quem tinha a última palavra.

*LIBERO* Veredicto de absolvição num julgamento conduzido numa das Assembleias votantes.

**Livros Sibilinos** O Estado Romano possuía uma série de profecias escritas em grego e denominadas Livros Sibilinos. Acreditava-se que tinham sido comprados pelo rei Tarquínio Prisco. Nessa altura, estavam escritos em folhas de palma; o rei regateou o preço pedido e, de cada vez que se recusava a comprar os livros, um deles era queimado; assim, vários foram os livros queimados até que o rei concordou com o preço. Estes Livros Sibilinos eram extremamente respeitados em Roma. Cuidava deles um colégio de sacerdotes

denominado *decemviri sacris faciundis;* nas crises do Estado, estes livros eram solenemente consultados, a fim de se saber se continham alguma profecia adequada à situação.

**Lucânia** Região ocidental da Itália, a sul da Campânia e a norte do Brútio - e parte da frente do tornozelo e do pé italianos. Era uma área selvagem e montanhosa e possuía extensas e magníficas

florestas de pinheiros e abetos. O seu povo, os Lucanos, tinham fortes laços de amizade com os Samnitas, os Hirpinos e os

Venusinos, e sentiram amargamente as incursões romanas na Lucânia.

*maiestas* Traição. Depois de Lúcio Apuleio Saturnino ter definido como acusação criminal a *maiestas minuta* (”pequena traição”), a velha acusação de *perduellio* (alta traição) foi virtualmente abandonada. Saturnino criou um tribunal especial ou *quaestio* para julgar as acusações de *maiestas minuta* durante o seu primeiro tribunato em 103 a.C.; era inteiramente constituído por cavaleiros, embora os homens julgados por ele fossem normalmente senadores.

**mar Euxino** O actual mar Negro. Foi muito explorado pelos Gregos durante os séculos VII e VI a.C., e várias colónias de comerciantes gregos estabeleceram-se no seu litoral. Por causa dos muitos rios que nele

desaguam, sempre foi menos salgado que os outros mares, e a corrente que atravessava o Bósforo Trácio e o Helesponto sempre fluiu do Euxino para o Egeu. O Ponto era, de longe, a nação mais



poderosa entre as que eram banhadas pelo Euxino; o litoral do Euxino foi conquistado pelo rei

Mitridates VI do Ponto. Contudo, a Bitínia controlava o Bósforo Trácio, a Propôntide e o

Helesponto, e obtinha elevados rendimentos com as taxas que cobrava aos navios que atravessavam

essas extensões de água. O facto de a Bitínia dominar a entrada do Euxino contribuía sem dúvida

para a profunda hostilidade entre a Bitínia e o Ponto.

**Marsos** Um dos mais importantes povos italianos. Os Marsos viviam à volta das margens do lago

Fúcino, que lhes pertencia; o seu território estendia-se até aos Altos Apeninos. A sua história

indica-nos que foram sempre fiéis a Roma até ao momento em que foi desencadeada a chamada

Guerra Márs ica. Era um povo rico, bélico e numeroso, e tinha adoptado o latim como sua língua

desde muito cedo. A principal cidade dos Marsos era Marrúvio; Alba Fucência, uma cidade mais

vasta e mais importante, era uma colónia dos Direitos Latinos implantada em território marso por

Roma. Os Marsos adoravam as cobras e eram famosos como encantadores de cobras.

**Marta** A profetisa síria que predisse que Caio Mário seria cônsul sete vezes (fê-lo, aliás, ainda antes de Caio Mário ter sido cônsul pela primeira vez). Conseguiu que Mário lhe prometesse que a

levaria de África para Roma, onde viveu na casa dele até morrer. Escandalizava regularmente a

população de Roma ao aparecer numa liteira roxa. A minha liberdade de romancista permitiu-me

acrescentar uma segunda parte à sua profecia - a grandeza de Mário seria eclipsada pelo sobrinho da

sua esposa; introduzi este elemento para tornar mais lógicos os acontecimentos posteriores.

*mentula* (Plural, *mentulae)* Obscenidade latina para pénis.

*mentulam caco* "Cago na tua picha!"

**Metróbio** Plutarco garante a existência deste amante de Sila e refere mesmo o seu nome -

Metróbio.

*modius* (Plural, *modii)* Medida usada para os cereais em Roma. Um *modius* equivalia a treze libras ou seis quilogramas.

**Mormólice** Ou Mormo, Papão que assustava as crianças, terá sido uma figura histórica, pelo menos ao nível da lenda. Rainha de uma raça de canibais gigantes, Mormo perdeu os filhos e, desde então,

não mais deixou de perseguir os filhos dos homens.

*mós maiorum* A ordem estabelecida. Talvez a melhor definição consista em dizer que a *mós*

*maiorum* era a Constituição não escrita



de Roma. *Mós* significava costumes; *maiores* significava antepassados, neste contexto. *Mós maiorum* era a forma como as coisas tinham sempre sido feitas.

**Muralhas Sérvias** *Murus Servil Tullii.* Os Romanos da República acreditavam que as magníficas muralhas em torno da cidade de Roma tinham sido construídas no tempo do rei Sérvio Túlio. No

entanto, tudo aponta para que tenham sido construídas depois de Roma ter sido saqueada pelos

Gauleses, no ano 390 a.C. (ver **Juno Moneta).** Até à época de César, o Ditador, estas muralhas

foram escrupulosamente preservadas.

*nefas* Sacrilégio.

**nobre** *Nobilis.* Um homem e os seus descendentes eram considerados nobres depois desse homem ter concluído um consulado. Tratava-se de uma aristocracia artificial inventada pelos plebeus, que

assim pretendiam reduzir a importância dos patrícios, pois, terminado o primeiro século da

República, tinha havido mais plebeus que patrícios a chegar ao consulado. Na época de Mário e

Sila, a nobreza tinha um grande peso. Alguns autores modernos alargam o termo *nobilis* aos

homens que chegavam a pretor sem nunca serem cônsules. Quer-me parecer, contudo, que admitir

pretores na nobreza plebeia implicaria um excessivo rebaixamento do conceito de nobreza. Reservei

por isso o termo de nobre para homens que foram cônsules ou tiveram cônsules na família.

*nomen* O nome da família, do clã, ou gentílico - o nome da *gens.* Cornélio, Júlio, Domício, Lívio, Mário, Márcio, Júnio, Sulpício, etc., são todos *nomina* (plural), nomes gentílicos.

**Numídia** Um reino da antiga África do Norte central que sempre rodeou as terras de Cartago (terras que vieram a constituir a província africana de Roma). Os indígenas eram Berberes e levavam uma

vida seminómada. Depois da derrota de Cartago, Roma encorajou o estabelecimento de uma

dinastia real. O primeiro membro desta dinastia foi o rei Manissa. A capital da Numídia era Cirta.

**Odisseu** Ou Ulisses, para os Romanos. Rei de ítaca em tempos lendários. Uma das principais

personagens da *Ilíada* de Homero, foi também o herói da *Odisseia,* do mesmo autor. Astucioso, brilhante e falacioso (enganar os outros não era um acto necessariamente odioso para os Gregos

antigos), Ulisses foi também um grande guerreiro, suficientemente forte para manejar um arco que

mais ninguém conseguia dobrar e fazer disparar; fisicamente, tinha cabelo ruivo, olhos cinzentos,



era canhoto, e tinha umas pernas tão curtas que parecia ”mais alto sentado do que de pé”. Tendo

combatido dez anos em Tróia (ílio) e sobrevivido, Odisseu pôs-se a caminho da sua pátria depois de

a guerra ter terminado, levando como prémio especial a velha rainha Hekabe (Hecuba), viúva do rei

Príamo de Tróia. Mas depressa a abandonou, aborrecido com o constante pranto dela; viu-se depois

envolvido numa década de aventuras extraordinárias que o levaram a viajar por todo o

Mediterrâneo. Ao fim de dez anos (estivera fora vinte anos), regressou a Ítaca, onde a sua mulher,

Penélope, e o filho, Telémaco, e também o cão, Argo, esperavam por ele fiéis e sempre leais. A

primeira coisa que fez foi pegar no seu arco e disparar uma seta que passou através dos buracos de

uma série de machados, após o que virou a sua poderosa arma na direcção dos importunos

pretendentes à mão de sua mulher, matando-os a todos (com a ajuda do filho). Ulisses e Penélope

não mais se separaram desde então, vivendo para sempre felizes.

**ouro de Tolosa** Vários anos talvez após 278 a.C., uma parte da tribo dos Volcos Tectósagos deixou a Macedónia e regressou à sua região natal (Tolosa, cidade francesa), levando o produto de muitos

saques a templos (ver *Breno).* Fundiram o ouro e a prata e guardaram-no em lagos artificiais

situados nos recintos dos templos de Tolosa; não voltaram a mexer no ouro, ao passo que a prata foi

sendo regularmente retirada das águas, tendo servido para construir gigantescas pedras de moinho,

usadas para moer o trigo. Em 106 a.C., o cônsul Quinto Servílio Cepião foi enviado para a região de

Tolosa, a fim de combater os Germanos que lá se tinham instalado. Quando chegou a Tolosa,

verificou que os Germanos se tinham ido embora, em consequência de disputas com os seus

anfitriões, os Volcos Tectósagos. Em vez de travar batalhas, o cônsul Cepião encontrou uma

enorme quantidade de ouro e prata nos lagos sagrados de Tolosa. A prata valia dez mil talentos (250

toneladas imperiais), incluindo as pedras de moinho, e o ouro, quinze mil talentos (370 toneladas

imperiais). A prata foi transportada até ao porto de Narbona e aí embarcada para Roma; os carros

que tinham servido para transportar a prata voltaram então para Tolosa, onde foram carregados com

o ouro; estes carros deixaram Tolosa escoltados por uma coorte de legionários romanos (cerca de

250 homens). Perto da fortaleza de Carcassona, os carros foram atacados por salteadores, que

aniquilaram a escolta e desapareceram com os carros e a carga. O ouro não mais voltou a ser visto.

1073

Na altura, ninguém suspeitou do cônsul Cepião. Mas, um ano depois, o seu comportamento na

batalha de Arausio provocou tal ódio que depressa começou a correr o boato de que Cepião

organizara o ataque aos carros e depositara o ouro em Esmirna, no seu próprio nome. Embora nunca

tivesse sido julgado pelo assalto ao ouro, Cepião foi julgado pelo desastre ocorrido em Arausio e

condenado ao exílio. Escolheu passar o seu exílio em Esmirna, onde morreu no ano 100 a.C. A

história do ouro de Tolosa é referida pelas fontes antigas, que não afirmam categoricamente que foi

o cônsul Cepião quem o roubou. No entanto, essa hipótese parece lógica. E não há dúvida que os

Servílios Cepiões que sucederam ao cônsul Cepião, até ao tempo de Bruto (o último herdeiro), eram

extraordinariamente ricos. Também não há grandes dúvidas quanto ao facto de a maior parte dos

cidadãos romanos pensarem que Cepião fora responsável pelo desaparecimento de uma quantidade

de ouro superior à que Roma tinha no Tesouro.

**Oxintas** Filho do rei Jugurta da Numídia, participou com o seu irmão lampsas na parada triunfal de Caio Mário de 104 a.C. O seu pai foi imediatamente condenado à morte, mas Oxintas foi enviado

para a cidade de Venúsia, onde permaneceu até 89 a.C. Desconhecemos o que lhe sucedeu após a

Guerra Márs ica.

*paterfamilias* O chefe da unidade familiar. O seu direito a fazer o que muito bem lhe apetecesse com a família era rigidamente protegido pela lei.

**patronato** A sociedade romana republicana encontrava-se organizada segundo um sistema de

patronato e clientela. Embora os mais pequenos comerciantes e os trabalhadores mais humildes nem

sempre participassem no sistema, este, no entanto, prevalecia a todos os níveis da sociedade, e nem

todos os patronos pertenciam às camadas mais elevadas da sociedade. O patrono comprometia-se a

oferecer protecção e favores àqueles que se propunham ser seus clientes. Os escravos libertos

tinham por patronos os seus ex-senhores. As mulheres não podiam ser patronos. Muitos patronos

eram clientes de patronos mais poderosos, o que, na prática, transformava os seus clientes em

clientes desses patronos mais poderosos. Embora este sistema não se encontrasse reconhecido na

lei, havia nele um princípio de honra muito forte, e era raro um cliente ignorar ou ludibriar o seu

patrono. O patrono podia não fazer nada durante anos para obter o apoio de um cliente, mas um dia

viria em que o cliente seria chamado a prestar



favores ao seu patrono - votar nele, mover influências, realizar alguma tarefa especial. Era costume

o patrono receber os seus clientes de manhã cedo, nos dias que o calendário previa para os

”negócios”; durante essas manhãs, os clientes pediam ajuda ou favores, ou apareciam unicamente

para mostrar o seu respeito ou oferecer os seus préstimos. O patrono, caso fosse rico ou generoso,

fazia frequentes ofertas em dinheiro aos seus clientes. Se um homem se tornasse cliente de outro

homem a quem odiara implacavelmente noutros tempos, passaria, a partir desse instante, a servi-lo

com absoluta lealdade, ainda que isso implicasse a sua própria morte.

**pedagogo** *Paedagogus.* Professor de crianças. Era o homem que ministrava a instrução rudimentar -

leitura, escrita, aritmética. Normalmente tinha um estatuto de escravo ou liberto, vivia no seio da

unidade familiar como um criado especialmente privilegiado, e a sua nacionalidade era

frequentemente grega; exigia-se, no entanto, que ensinasse tanto em latim como em grego.

**Penates** Os Penates, os deuses das despensas. Dos mais velhos e veneráveis deuses romanos, os

Penates eram objecto de culto em todas as casas romanas, conjuntamente com Vesta (espírito do

lar) e o Lar Familiaris. Tal como os Lares, os Penates acabaram por ganhar uma configuração,

incluindo sexual, e eram descritos como dois jovens. Normalmente eram representados em

estatuetas de bronze. O Estado Romano tinha os seus próprios Penates, chamados Penates Publici

protectores do bem-estar e da solvência do Estado.

**Penélope** A mulher de Odisseu, rei de ítaca (ver **Odisseu).** Odisseu casou com ela depois de ter ganho uma corrida imposta aos pretendentes de Penélope pelo pai dela, Icário. Quando soube da

profecia segundo a qual Odisseu, caso participasse na guerra contra Tróia, estaria longe de casa

vinte anos, Penélope e o filho, Telémaco, prepararam-se muito simplesmente para esperar por ele. A

sucessão ao trono de ítaca devia ser matrilinear, pois, crendo que Odisseu tinha morrido, muitos

pretendentes à mão de Penélope nunca mais a deixaram em paz. Ela respondia-lhes que só casaria

quando acabasse de tecer um manto para o sogro, Laertes; todas as noites, porém, desemaranhava

tudo o que tecera no dia anterior. A crer em Homero, este estratagema resultou até Odisseu voltar a

casa e matar os pretendentes à mão da mulher.

*perduellio* Alta traição. Antes de ter sido introduzida na lei a *maiestas,* ou "pequena traição", já no período final da República (ver



Saturnino), a *perduellio* era a única forma que a traição assumia na lei romana. Antiga o bastante para não surgir mencionada nas Doze Tábuas, implicava um julgamento na Assembleia Centurial,

constrangedoramente público até que o voto secreto foi introduzido nos julgamentos nas centúrias.

No entanto, era praticamente impossível convencer as centúrias a condenarem um homem acusado

de *perduellio,* a menos que ele admitisse abertamente que conspirara para desencadear uma guerra contra Roma - e os celerados da política romana não eram estúpidos ao ponto de fazerem uma coisa

dessas. *Perduellio* implicava automaticamente a pena capital.

**peristilo** Jardim ou pátio interior, rodeado por uma colunata, e que correspondia à única zona ao ar livre de uma casa.

*permutatio* Termo bancário. Significava que determinadas somas podiam ser transferidas entre

instituições dentro e fora de Roma (instituições separadas por vezes por longas distâncias) sem que

o dinheiro mudasse de mãos.

**Piceno** Região do leste da península italiana que podemos identificar grosseiramente com o

músculo da barriga da perna italiana. A sua fronteira ocidental estendia-se ao longo dos cumes dos

Apeninos; a norte, ficava a Úmbria, e a sul, o Sâmnio. Como era sua uma boa parte da costa

adriática, possuía vários portos de mar, os mais importantes dos quais eram Ancona e Firmo

Picentino. A principal cidade do interior, e capital, era Ásculo Picentino. Os primeiros habitantes do Piceno eram de origem italiota e ilíria, mas quando o rei Breno invadiu a Itália muitos dos seus

Celtas instalaram-se no Piceno e, através de casamentos, acabaram por fundir-se com o povo local.

Segundo uma outra versão tradicional, os Sabinos, vivendo do outro lado dos Apeninos, teriam

migrado para a região e fundado o Piceno. Os seus habitantes chamavam-se Picentinos. A região

dividia-se em duas partes - o Norte, muito ligado à Úmbria, era dominado pela grande família dos

Pompeus, ao passo que o Sul estava mais ligado ao sâmnio e às tradições espirituais dos Samnitas.

*pilum* (Plural, *pila)* A lança da infantaria romana, em particular depois de Caio Mário ter introduzido nela algumas modificações. Tinha uma ponta de ferro muito pequena e horrivelmente

farpada e um fuste de ferro; o cabo, de madeira, adaptava-se bem à mão. Mário modificou-a,

tornando mais fraca a junção entre as secções de ferro e madeira do fuste; quando o *pilum* se alojava no corpo ou no escudo



de um inimigo, partia-se, e por isso não podia ser utilizado pelos soldados inimigos. As legiões

romanas, no entanto, possuíam artífices que, depois da batalha, reparavam rapidamente os *pila.*

Pisídia Esta região ficava a sul da Frígia, e era ainda mais selvagem e atrasada. Extremamente

montanhosa e recheada de lagos, o seu clima era considerado muito saudável. Na Pisídia havia

pouca indústria e poucas localidades populosas; possuía densas florestas de pinheiros magníficos. O

seu povo era constituído, ao que parece, por uma antiga estirpe indígena que se misturara com os

Trácios, e a sua língua era única. Os poucos pisídios que Roma e os Romanos puderam conhecer

tornaram-se famosos pelas suas bizarras crenças religiosas.

Plauto O seu nome completo era Tito Márcio Plauto. Umbro, viveu durante o século III a.C., e

faleceu em data desconhecida após

184 a.C. No decorrer da sua longa carreira, escreveu cerca de cento e trinta peças. Cultivou a

comédia, em latim; embora tivesse ido buscar as intrigas das suas peças à comédia grega, introduziu

nelas elementos indiscutivelmente romanos, mudando a acção da Grécia para Roma, realçando a

importância das personagens dos escravos, e proporcionando às suas audiências romanas e italianas

a agradável sensação de que aquilo que estavam a ver se passava, não na Grécia, mas sim em Roma

ou na Itália. Os seus diálogos (mesmo na moderna tradução inglesa) são extremamente directos e

divertidos. Plauto tinha um defeito: não dava às tramas das suas peças uma sequência formal,

sucumbindo frequentemente à tentação de introduzir cenas que nada tinham a ver com o que já se

passara ou estava para passar - subordinava tudo, incluindo a intriga da peça, ao espírito, à graça.

Embora não tivesse chegado até nós nenhum vestígio da música, a verdade é que as suas peças

estavam repletas de canções, algumas das quais acompanhadas por uma lira *(canticum)* ou flauta. A importância da música na comédia latina, sem precedentes na comédia grega, talvez tenha sido uma

herança etrusca; a música das peças latinas terá sido mais livre e mais melódica, do nosso ponto de

vista actual, que a música grega.

plebiscito *Plebiscitam.* Uma lei promulgada na Assembleia da Plebe seria mais adequadamente

denominada *plebiscitam,* e não *lex.* Desde os primeiros tempos da República que os plebiscitos eram considerados como tendo força legal: isso viria a ser oficializado em

287 a.C. pela *lex Hortênsia.* A partir de então, deixou praticamente de



haver diferenças entre um *plebiscitum* e uma *lex.* Na época de Mário e Sila, eram raros os funcionários judiciais responsáveis pela inscrição das leis nas tábuas e pelo seu registo para a

posteridade que se lembravam de referir se as leis eram *plebiscitum* ou *lex.*

*pons* Ponte.

**Ponte de Madeira** Nome que foi sempre dado à *Pons Sublicius,* a mais velha das pontes que atravessam o Tibre na cidade de Roma.

**Ponto** Vasto reino na ponta sudeste do mar Euxino. A oeste, era limitado pela Paflagónia na região de Sinope, e a leste por Cólquida, na região de Apsaro. Fazia ainda fronteira com a Arménia

Magna, a leste, e a Arménia Parva, a sueste; a sul, ficava a Capadócia, a oeste a Galácia. Selvagem,

belo e montanhoso, o Ponto tinha um litoral fértil, salpicado de colónias gregas como Sinope,

Trapezunte e Amiso. Poderemos fazer uma ideia do seu clima se atentarmos no facto de que as

cerejas e os rodoendros vieram do Ponto. Como o seu interior se encontrava dividido por três

cordilheiras de picos muito elevados, paralelas à linha costeira, o Ponto nunca alcançou, na

Antiguidade, uma entidade verdadeiramente definida; os seus reis não precisavam de impor

impostos: os tributos chegavam-lhes às mãos sem grande esforço. Em troca, cada região podia

conduzir os seus negócios de acordo com as orientações locais. Pedras preciosas, ouro aluvial,

prata, estanho e ferro contribuíram fortemente para a riqueza dos seus reis, os Mitridates.

**Porta Capena** Uma das duas principais portas das Muralhas Sérvias, do ponto de vista estratégico (a outra era a Porta Colina). Ficava a sul do *Circus Maximus* à saída da Porta Capena,

encontrávamos a estrada comum que dava origem à Via Ápia e à Via Latina (estas distavam cerca

de um quilómetro da Porta).

**Povo de Roma** Este termo abarcava todos os Romanos que não eram membros do Senado;

aplicava-se tanto a patrícios como a plebeus, e tanto aos *capite censi* como à Primeira Classe.

*praefectus fabrum* "Aquele que supervisiona o fabrico." Um dos homens mais importantes num

exército romano republicano, tecnicamente não estava sequer integrado nele; era um civil nomeado

para o posto em questão pelo general. O *praefectus fabrum* era responsável pelo equipamento e abastecimento do exército a todos os níveis, desde as forragens para os animais à comida para os

homens. Como firmava contratos com comerciantes e manufactureiros tendo



em vista o equipamento e os abastecimentos do exército, o *praefectus fabrum* era uma figura muito poderosa - e encontrava-se numa óptima posição para enriquecer à custa do seu cargo, a menos que

fosse um homem de rara integridade.

*praenomen* O primeiro nome de um homem romano. Eram muito poucos - talvez vinte no tempo de

Mário e Sila, e metade desses vinte não eram comuns, ou estavam confinados aos homens de uma

*gens* particular, como sucedia com Mamerco, dos Emílios Lépidos. Cada *gens* ou clã favorecia apenas certos *praenomina,* o que

contribuía ainda mais para reduzir a variedade. Um estudioso moderno do assunto poderá muitas vezes, a partir *do praenomen* de um homem, deduzir se esse

homem era ou não um genuíno membro da *gens;* os Júlios, por exemplo, escolhiam apenas Sexto,

Caio e Lúcio, pelo que um homem chamado Marco Júlio não era um verdadeiro Júlio da *gens*

patrícia; os Licínios preferiam Públio, Marco e Lúcio; os Pompeus só gostavam de Cneu, Sexto e

Quinto; os Cornélios optavam por Públio, Lúcio e Cneu; os Servílios da *gens* patrícia escolhiam apenas Quinto e Cneu. Ápio só pertencia aos Cláudios. Um dos grandes enigmas para os eruditos

modernos é o de Lúcio Cláudio, que foi Rex Sacrorum durante o final da República; Lúcio não é

um *praenomen* dos Cláudios, mas como por certo era um patrício, Lúcio Cláudio, o Rex Sacrorum, só pode ter sido um Cláudio genuíno. Tenho defendido que havia um ramo da *gens* Cláudia com o *praenomen* Lúcio que tradicionalmente ocupava o cargo de Rex Sacrorum.

*praetor peregrinas* Optei por apresentar o *praetor peregrinus* como o pretor para as relações exteriores, pois lidava apenas com assuntos legais e litígios envolvendo uma ou mais partes que não

eram cidadãos romanos. Na época de Mário e Sila, os deveres deste pretor limitavam-se à aplicação

da justiça; viajava por toda a Itália e por vezes para fora da Itália. Decidia também em relação aos

casos envolvendo não-cidadãos dentro da cidade de Roma.

*praetor urbanus* Pretor urbano. No tempo de Mário e Sila, os seus deveres limitavam-se quase

exclusivamente às questões judiciais; era responsável pela administração da justiça e dos tribunais

dentro da cidade de Roma. A sua autoridade não se estendia para lá do quinto marco miliário a

partir de Roma, e não podia deixar Roma durante mais de dez dias seguidos. Se os dois cônsules

estavam ausentes, o pretor urbano passava a ser o magistrado sénior, tendo, por isso,



poderes para convocar o Senado, tomar decisões relativas à execução das políticas governamentais,

e mesmo para organizar as defesas da cidade em caso de ameaça ou ataque. Cabia-lhe a ele decidir

se duas partes em litígio deveriam comparecer em tribunal ou a uma audição formal; na maior parte

dos casos, era ele quem decidia acerca do litígio, sem recorrer a uma audição ou a um julgamento.

*Primus pilus* Mais tarde, *primipilus.* O centurião que comandava a primeira centúria da primeira coorte de uma legião romana e, portanto, o centurião-chefe dessa legião. Chegava a esta posição

graças a promoções sucessivas e era considerado o homem mais capaz da legião. Na época de

Mário e Sila, as centúrias da primeira coorte tinham, ao que parece, a mesma constituição que todas

as outras centúrias.

*privatus* Cidadão privado. Uso este termo para descrever um homem que era membro do Senado

mas que não tinha funções de magistrado.

*proletarii* Outro nome para os mais humildes dos cidadãos de Roma, os *capite censi.* A palavra *proletarius* vem de *proles,* que significava prole, progénie, crianças num sentido impessoal; os cidadãos mais pobres eram denominados *proletarii* porque a única coisa que eram capazes de

produzir era precisamente crianças.

*propraetor* Tinha a autoridade do pretor mas não o cargo. Essa autoridade era dada a um pretor depois de concluído o seu ano em funções, a fim de que pudesse governar uma província e, se

necessário, conduzir uma guerra defensiva. Tal como acontecia com o procônsul, também o

propretor perdia a sua autoridade (ou *imperium)* a partir do momento em que penetrasse no

*pomerium.* A sua autoridade era inferior à do procônsul. Normalmente, era-lhe dado o governo de uma província pacífica. De acordo com as normas, um propretor não podia travar uma guerra por

sua iniciativa. No entanto, isso não impediu propretores como Caio Mário de desencadearem

guerras nas províncias que governavam.

província Originalmente, a palavra significava a esfera de deveres de um magistrado ou

promagistrado com autoridade equivalente, e aplicava-se, por isso, tanto a cônsules e pretores em

funções em Roma como àqueles que se encontravam no campo de batalha. Mais tarde, a palavra

passou a significar o local onde o *imperium* era exercido pelo seu detentor; finalmente, foi aplicada a esses locais, mas significando apenas que eles pertenciam a Roma. Na época de Mário e Sila,

todas

1080

as províncias de Roma ficavam situadas fora de Itália e da Gália Italiana.

**Província de África** A região africana que, fisicamente, pertencia a Roma. Era um território muito pequeno: basicamente, o enclave que integrava Cartago e Útica. Este território romano era rodeado

pela Numídia, um reino muito mais vasto.

**Província da Ásia** Província legada a Roma pelo testamento do rei Átalo III de Pérgamo. Era

formada pela costa oeste e pelo interior da actual Turquia, desde a Troada e a Mísia, a norte, até à

península de Cnido, a sul; incluía por isso a Caria, mas não a Lícia. A sua capital, nos tempos da

República, era Pérgamo, mas Esmirna, Éfeso e Halicarnasso rivalizavam com ela em importância.

As ilhas próximas da costa - Lesbos, Lemnos, Samnos, Quios, e outras pertenciam à província. O

seu povo, sofisticado e fortemente ligado ao comércio, descendia das sucessivas vagas da

colonização grega eólica, dórica, jónica. Não se tratava de um território centralizado, no sentido

moderno da palavra; de facto, a província era administrada por Roma como uma série de

comunidades separadas, largamente autónomas e pagando tributo a Roma.

*publicani* (Singular, *publicanus)* Cobradores de impostos. Tratava-se das grandes companhias privadas, dirigidas a partir de Roma, que cobravam os impostos das diversas regiões do império

romano. Os censores, de cinco em cinco anos, firmavam contratos com essas companhias tendo em

vista a colecta dos impostos. Os funcionários dessas companhias eram também denominados

*publicani.*

**Púnico** Adjectivo aplicado a Cartago e ao seu povo, mas sobretudo às três guerras entre Cartago e Roma. A palavra deriva do nome da pátria original dos Cartagineses - a Fenícia.

**Quersoneso** O nome que os Gregos davam a uma península, embora o usassem de forma mais

flexível do que os geógrafos modernos em relação a ”península”. Temos, por isso, o Quersoneso

Táurico, o Quersoneso Címbrico, o Quersoneso Trácio, o Quersoneso Cnídeo, etc.

**Quios** Uma extensa ilha do mar Egeu, não muito longe da costa da Ásia Menor (Pronvíncia

Romana da Ásia). Quios era famosa basicamente pelo seu vinho, que não tinha igual. Depois de um

acidente causado ao seu navio-almirante por um navio de Quios, o rei Mitridates VI do Ponto

guardou um rancor para toda a vida à ilha e aos seus habitantes.

# 1081

*Quirites* Literalmente, cidadãos romanos de estatuto civil. Não sabemos, porém, se a palavra

*"Quirites"* também implicava que os cidadãos em questão nunca tinham servido como soldados nos exércitos de Roma; algumas observações de César, o Ditador, podem levar-nos a crer que assim era,

pois chamou *Quirites* aos seus soldados amotinados, o que constituiu um tal insulto que os soldados trataram imediatamente de lhe pedir perdão. No entanto, muitas coisas mudaram entre a época de

Mário e Sila e a de César, o Ditador. Optei por considerar que, no tempo de Mário e Sila, *Quirites* não constituía um insulto para ninguém.

**Reino dos Partos** *Regnum Parthorum.* Este era o nome dado pelos autores antigos a essa vasta área da Ásia Ocidental governada pelo rei dos partos. Não se tratava da Partia; a Partia era uma pequena

nação a nordeste do mar Cáspio, perto da Bactriana, importante apenas porque produziu as sete

grandes famílias Pahlavi, e os reis Arsácides dos Partos. No tempo de Mário e Sila, os Arsácides

dominavam toda as terras entre o rio Eufrates, na Mesopotâmia, e o rio Indo, no actual Paquistão. O

rei dos Partos não vivia na Partia, mas sim em Seleucia-sobre-o-Tigre, no Inverno, e em Ecbátana,

no Verão. Os sátrapas Pahlavi governavam as várias regiões em que o reino dos Partos estava

dividido, mas apenas como representantes nomeados pelo rei. Embora a governação fosse algo

indefinida e não existisse um genuíno sentimento nacional, o rei dos Partos conseguia manter o seu

império unido graças à excelência das instituições militares. O exército era unicamente constituído

pela cavalaria, de dois tipos diferentes: os arqueiros, com equipamentos ligeiros, que disparavam o

"tiro parto" e depois se viravam para trás fingindo fugir, e os catafractos, cobertos de cota de malha da cabeça aos pés, tal como os seus cavalos. Graças aos contactos com os Selêucidas Sírios, a

atmosfera oriental da corte parta era parcialmente suavizada por um toque de Helenismo.

*repetundae* Extorsão. Até ao tempo de Caio Graco, não era prática habitual processar governadores provinciais que tinham enriquecido à custa do seu cargo; haviam sido criados um ou dois tribunais

especiais para julgar determinados homens, mas nada mais do que isso. Estes primeiros tribunais

especiais eram compostos unicamente por senadores e depressa se transformaram em objecto de

piadas - os senadores não condenariam um dos seus colegas. Mais tarde, em 122 a.C., Mânio Acílio

Glabrião, adepto de Caio Graco, promulgou uma *lex Acilia,* prevendo um tribunal permanente,

constituído

por cavaleiros e destinado a julgar os casos de *repetundae,* e fez uma lista de 450 cavaleiros entre os quais seriam sorteados os membros do júri. Em 106 a.C., Quinto Servílio Cepião, cônsul nesse ano,

devolveu todos os tribunais ao Senado, incluindo o tribunal que julgava casos de extorsão. Em 101

a.C., Caio Servílio Gláucia voltou a dar esse tribunal aos cavaleiros, introduzindo uma série de

inovações que viriam a transformar-se em práticas normais em todos os tribunais. Todos os casos

que conhecemos envolviam governadores de províncias, mas parece que, depois da *lex Acilia* de 122 a.C., o tribunal de extorsão passou a poder julgar todos os casos relacionados com

enriquecimento ilegal. Havia prémios para cidadãos que se prestassem ao papel de informadores.

Por outro lado, os não-cidadãos que movessem com êxito um processo por extorsão eram

premiados com a cidadania. **República** Originalmente, a palavra era constituída por duas - *rés publica* - ou seja, a coisa que representa o povo como um todo: ou seja, o governo. Hoje, usamos a palavra ”república” para significar um governo eleito que não reconhece nenhum monarca como

seu superior, mas é duvidoso que os Romanos a usassem com a mesma intenção, apesar de terem

fundado a República como uma alternativa aos reis.

**retórica** A arte da oratória, que os Gregos e os Romanos transformaram em algo que se aparentava a uma ciência. Um bom orador falava de acordo com regras e convenções cuidadosamente definidas

e que não se limitavam às palavras; de facto, a linguagem do corpo e os movimentos tinham

também as suas normas. Até meio do período republicano, os professores de retórica grega eram

desprezados, sendo mesmo por vezes expulsos de Roma; Catão, o Censor, era um inimigo confesso

da retórica grega. No entanto, a grecofilia dos tempos de Cipião Emiliano acabou com muita desta

oposição latina, de tal modo que na época dos irmãos Gracos a maior parte dos jovens nobres

romanos tinham por professores retóricos gregos. Isso levou a que os retóricos latinos caíssem em

desgraça! Havia diferentes estilos de retórica - Lúcio Licínio Crasso Orador preferia o estilo

asiático, mais floreado e dramático do que o estilo ático. Não esqueçamos que o público que se

reunia para ouvir um orador - falasse ele de política ou de assuntos judiciais num tribunal - era

formado por especialistas em retórica. A audiência escutava o orador com um espírito

extremamente crítico; conhecia todas as regras

e técnicas e não era fácil agradar-lhe.

**rio Rubicão** Em latim, *Rubico* ou *Rubicon.* Rio que formava a fronteira entre a Gália Italiana e a Itália peninsular na vertente oriental dos Apeninos (o Arno servia de fronteira no lado ocidental).

Ninguém sabe hoje ao certo de que rio se trata. As opiniões dos eruditos inclinam-se para um rio

minúsculo e muito pouco inspirador denominado Rubicone. Permito-me discordar. Seria mesmo o

Rubicão um rio que tinha a sua nascente muito perto da nascente do Arno? As fronteiras antigas,

sempre que possível, eram fenómenos visíveis - só assim se justifica que a fronteira da Gália

Italiana acompanhasse os impressionantes meandros do rio Arno. Defendo que o Rubicão não era

um pequeno rio costeiro, mas sim um rio extenso com a nascente situada a uma altitude elevada,

nos Apeninos, o que lhe permitia ter um respeitável volume de água no seu leito, bem como a

necessária proximidade em relação à nascente do Arno. Por mim, escolheria o actual Ronco, que

desagua no Adriático entre Ravena e Rimini (Arimino) e nasce muito perto do Arno. Por que razão

um povo tão sensato como os Romanos escolheria um insignificante rio costeiro para fronteira,

quando dispunha de um rio muito maior e mais extenso? Mas ao longo dos séculos efectuaram-se

tantos trabalhos de drenagem e abriram-se tantos canais na região de Ravena que ninguém poderá

agora ter uma certeza.

**Rocha Tarpeia** A sua localização exacta continua a suscitar acesos debates, mas sabemos que era possível vê-la bastante bem do baixo Fórum Romano. Presumivelmente, era um rochedo que se

salientava por sobre os penhascos do Capitólio. Como a distância da rocha Tarpeia até ao fundo da

encosta não era muito superior aos vinte e quatro metros, é de crer que a rocha devia ficar

precisamente por cima de um terreno acidentado - não temos nenhuma indicação de que alguém

tivesse sobrevivido à queda. Era o local tradicional de execução para cidadãos romanos condenados

por traição ou assassínio, os quais eram ou atirados da rocha ou obrigados a saltar. Localizei-a à

mesma altitude que o templo de Ops.

**Rómulo e Remo** Filhos gémeos de Reia Sílvia, filha do rei de Alba Longa, e do deus Marte. O tio de Reia Sílvia, Amúlio, que usurpara o trono, pôs os gémeos num cesto feito de juncos que atirou

ao Tibre. Os gémeos foram arrastados pelas águas até uma figueira no sopé do Palatino. Encontrou-

os aí uma loba, que os levou para a sua

1084

toca e os amamentou. Finalmente, os gémeos foram salvos por Faústulo e sua esposa, Aça Larência,

que os criaram até à idade adulta. Depois de deporem Amúlio e devolverem o trono ao avô, os

gémeos fundaram uma localidade no Palatino. Construídas as muralhas, Remo saltou por cima delas

e foi morto por Rómulo, aparentemente por sacrilégio. Rómulo procurou então habitantes para a sua

cidade: no que toca aos homens, estabeleceu um asilo no vale entre os dois cumes do Capitólio,

onde acolhia refugiados que, ao que se crê, seriam criminosos. As mulheres, conseguiu-as

enganando os Sabinos do Quirinal convenceu-os a levarem as mulheres a uma festa, mulheres que

depois raptou a fim de as dar em casamento aos homens da nova cidade. Rómulo reinou durante

muitos anos. Até que um dia foi caçar aos Pântanos da Cabra, no Campo de Marte, tendo sido

surpreendido por uma violenta tempestade; como nunca mais voltou, acreditou-se que fora levado

pelos deuses e tornado imortal.

*rostra* Significa um esporão de navio de bronze ou carvalho reforçado. Este terrível esporão

sobressaía da proa mesmo abaixo do nível do mar, e era usado para abrir brechas no navio inimigo.

Em

338 a.C., o cônsul Caio Ménio atacou a esquadra dos Volscos no porto de Âncio, inflingindo-lhe

uma derrota total. Para acentuar o fim do povo volsco como rival de Roma, Ménio retirou os

esporões dos navios que afundara ou capturara e fixou-os à parede do Fórum onde se encontrava a

tribuna do orador. Desde então, a tribuna do orador passou a ser conhecida pelo nome de *rostra* - os esporões dos navios.

*saepta* "Curral das ovelhas." Nos tempos da República, tratava-se muito simplesmente de um

terreno ermo no Campo de Marte, não muito longe da Via Lata, e nas proximidades da Villa

Pública; não possuía construções permanentes. Era aqui que reuniam os *comitia centuriata.* Como a Assembleia Centurial exigia normalmente uma votação, a *saepta* era dividida, para o efeito, por cercas temporárias, a fim de que as Cinco Classes pudessem votar nas suas Centúrias.

*sagum* O manto do soldado que o protegia das intempéries. Era feito de lã ensebada, de forma a que a água não penetrasse; fazia um círculo e tinha um buraco no meio para enfiar a cabeça, e descia até

aos pés a fim de proporcionar o máximo de protecção; era suficientemente largo para cobrir a

bagagem que o soldado levava às costas. O melhor *sagum* era o que vinha da Ligúria, que produzia a lã mais adequada para o efeito.

1085

*saltatrix tonsa* "Bailarina barbada." Ou seja, um homossexual masculino que se vestia de mulher e vendia os seus serviços sexuais.

**Sâmnio** Território situado entre o Lácio, a Campânia, a Apúlia e o Piceno. A maior parte do

território era extremamente montanhoso e não especialmente fértil; as cidades do Sâmnio eram

normalmente pobres e pequenas: entre elas, contavam-se Boviano, Caieta e Eculano. Esérnia e

Benevento, as duas maiores cidades, eram comunidades abrangidas pelos Direitos Latinos e

implantadas em território samnita por Roma. No Sâmnio viviam outros povos, para além dos

Samnitas: os Pelignos, os Marrucinos, os Vestinos e os Frentanos, cada um dos quais ocupando uma

zona diferente do território. Ao longo de toda a sua história, os Samnitas revelaram-se implacáveis

inimigos de Roma e, por várias vezes, até meio do período republicano, infligiram esmagadoras

derrotas aos Romanos. No entanto, não tinham nem homens nem os recursos financeiros

necessários para se libertarem para sempre do jugo romano. Por volta do ano 180 a.C., os Samnitas

estavam já tão fracos que nem conseguiram contrariar a implantação de colonizadores estrangeiros;

de facto, numa tentativa para resolver os seus problemas no noroeste, Roma levou para o Sâmnio

quarenta mil lígures. Na altura, os Romanos acharam que tinha sido uma ideia excelente. Porém, os

novos colonizadores acabaram por ser completamente absorvidos pela nação samnita - e não tinham

mais amor por Roma que os seus anfitriões samnitas. Desta forma, a resistência samnita acabou por

renovar-se, em vez de enfraquecer.

**sátrapa** Título dado pelos reis persas aos seus governadores provinciais ou territoriais. Alexandre, o Grande, aproveitou o termo e utilizou-o, tal como, aliás, os reis arsácidas da Partia. A região

governada por um sátrapa era uma satrapia.

**Saturnino** Lúcio Apuleio Saturnino nasceu por volta do ano

135 a.C., numa respeitável família estreitamente ligada ao Piceno (a sua irmã casou com o picentino

Tito Labieno, colega de Saturnino no seu último tribunato da plebe). Eleito questor para o ano de

104 a.C., foi-lhe confiada a tarefa de supervisionar o abastecimento de cereais e o porto de Ostia.

No entanto, viria a ser afastado do seu cargo e expulso do Senado quando Marco Emílio Escauro

Princeps Senatus o criticou por ter aumentado prematuramente o preço dos cereais. Saturnino,

porém, não se deixou abater; disputou a eleição para tribuno da plebe em 103 a.C., e venceu.

Durante este primeiro ano como

# 1086

tribuno da plebe, Saturnino aliou-se a Caio Mário, e promulgou leis beneficiando Mário, designadamente aquela que distribuía terras africanas pelos veteranos da guerra contra Jugurta. Promulgou também uma lei estabelecendo um tribunal especial para julgar todos aqueles que eram acusados de um crime a que chamou *maiestas minuta,* "pequena traição".

Em 102 e 101 a.C., Saturnino não ocupou nenhum cargo, mas comportou-se de forma suficientemente

antipática para irritar o censor Metelo Numídico, que tentou expulsá-lo do Senado; daí resultou um motim em que Metelo Numídico sofreu uma severa derrota. Disputou uma segunda vez o cargo de tribuno da plebe para o ano 100 a.C., e foi eleito, mantendo ainda a sua aliança com Mário. Um segundo projecto de lei agrária, visando instalar os veteranos de Mário da guerra contra os Germanos em terras da Gália Transalpina,

provocou uma verdadeira tempestade no Senado, mas Saturnino seguiu em frente e conseguiu obter tais

terras. Os membros do Senado tiveram de jurar que apoiavam a lei; todos juraram, excepto Metelo Numídico, que preferiu pagar uma pesada multa e ir para o exílio. A partir daí, Saturnino só podia embaraçar Mário, o qual não tardou a romper uma aliança que afinal só o prejudicava. Saturnino tentou então atrair os *capite censi* com promessas de cereais grátis: na altura havia fome em Roma e os *proletarii* eram quem mais sofria.

Saturnino candidatou-se uma terceira vez ao cargo de tribuno da plebe, desta feita para o ano

99 a.C. No entanto, foi derrotado. Porém, o seu adepto Caio Servílio Gláucia congeminou um plano para que um dos candidatos eleitos fosse assassinado e Saturnino acabou por ir ocupar o lugar do tribuno morto. As multidões que se concentravam no Fórum mostravam-se de tal forma excitadas que, a qualquer momento,

poderia verificar-se uma verdadeira revolução. Tal era a ameaça que pairava sobre o governo de Roma que Mário e Escauro acabaram por aliar-se, tendo esta aliança levado à aprovação pelo Senado de um ultimato.

Saturnino e os seus amigos foram detidos depois de Mário ter cortado o abastecimento de água ao Capitólio, onde o grupo se tinha refugiado. Levados depois para o Senado, acabaram por ser apedrejados até à morte.

Todas as leis de Saturnino foram anuladas.

**sestércios** A mais comum das moedas romanas. Na contabilidade romana, utilizava-se unicamente o sestércio, o que explica a proeminência desta moeda nos escritos latinos da época republicana. A palavra latina



*sestertius* deriva de *semis tertius,* significando dois asses *(as,* moeda latina) e meio. Nos textos latinos, usava-se a abreviatura *HS.* Pequena moeda de prata, o sestércio valia um quarto de um denário.

*sinus* Uma curva ou dobra pronunciada. O termo era usado em muitos contextos, mas neste livro apenas nos interessam dois dos seus significados. Num dos casos, *sinus* significava aquilo a que podemos chamar um golfo - Sinus Arabicus, por exemplo. No segundo caso, a palavra descrevia a dobra da toga quando emergia sob o braço direito e era lançada por sobre o ombro esquerdo - o bolso do togado.

**Sósio** Nome associado ao negócio dos livros em Roma. Dois irmãos Sósios publicaram livros durante o principado de Augusto. Peguei neste nome e fi-lo recuar no tempo; os negócios em Roma eram

frequentemente familiares, e o negócio dos livros em Roma já se encontrava muito desenvolvido no tempo de Mário e Sila. Portanto, porque não um Sósio?

*sponsio* Em casos de litígio civil que não implicavam uma audição num tribunal (ou seja, casos que podiam ser ouvidos e julgados pelo pretor urbano), o pretor urbano só podia fazer o seu trabalho depois de lhe ser entregue uma soma denominada *sponsio.* O *sponsio* equivalia aos custos do processo ou à soma em disputa.

Em queixas por falência ou por não pagamento de dívidas, a soma devida era o *sponsio.* Isto significa que quando o queixoso ou o acusado não conseguiam reunir a soma em causa, o pretor urbano não procedia à

audição e ao julgamento do caso. Em tempos de escassez de dinheiro, o *sponsio* transformou-se num grave problema: daí que Sila, na sua lei das dívidas, tenha prescindido do depósito do *sponsio.*

*stibium* Um pó preto feito à base de antimónio, solúvel na água. Era usado para pintar sobrancelhas e pestanas e para desenhar uma linha à volta dos olhos.

*stips* Salário. No sentido usado neste livro, *stips* era o salário pago pelo senhor a um escravo. Dava-se-lhe também o nome de *peculium.*

**Subura** A zona da cidade de Roma mais pobre e mais densamente povoada. Ficava a oriente do Fórum Romano, no declive entre o cume Opiano do monte Esquilino e a colina Viminal. A sua rua principal, muito longa, tinha três nomes diferentes: a secção inicial, contígua ao Argileto, era a Fauces Suburae; a secção seguinte era

conhecida pelo nome de Subura Maior; e a secção final, subia o íngreme flanco do Esquilino, era a Clivus Suburanus. A Subura Menor e a

1088

Vicus Patricii saíam da Subura Maior na direcção do Viminal. A Subura era uma área inteiramente ocupada por ínsulas e possuía um único edifício notável, a Torre Mamília, ao que parece uma espécie de torre. A sua população era poliglota e tinha uma mentalidade muito independente. Viviam muitos judeus no bairro de Subura, onde ficava situada a única sinagoga de Roma no tempo de Mário e Sila. Suetónio afirma que César, o Ditador, vivia na Subura.

*suovetaurilia* Sacrifício especial envolvendo um porco *(su),* uma ovelha *(ove)* e um touro ou boi *(taur).* Era oferecido a certos deuses em ocasiões críticas; Júpiter Optimus Maximus era um desses deuses, Marte era outro. Nas cerimónias do *suovetaurilia,* as vítimas sacrificiais eram conduzidas numa procissão solene antes de serem mortas. Para além destas ocasiões especiais de crise nacional, havia duas ocasiões em que este sacrifício era oferecido regularmente; a primeira ocorria em fins de Maio, quando a terra era purificada pelos doze sacerdotes menores denominados Confrades Arval; a segunda ocorria com intervalos de cinco anos,

quando os censores montavam a sua tenda no Campo de Marte tendo em vista a realização do censo.

*tablinum* Esta divisão da casa era um domínio exclusivo do *paterfamilias* numa unidade familiar romana; a menos que fosse demasiado pobre, e não pudesse por isso ter mais do que uma ou duas divisões, o

*paterfamilias* tinha sempre o seu escritório, como decidi chamar-lhe.

**talento** Esta antiga unidade de peso era definida como a carga que um homem podia transportar. Barras ou lingotes de ouro ou prata e

somas de dinheiro muito elevadas eram expressas em talentos, mas o termo não estava confinado aos metais preciosos e ao dinheiro. Em termos actuais, o talento equivalia a cerca de cinquenta a cinquenta e cinco libras (vinte e cinco quilogramas). Um talento de ouro pesava o mesmo que um talento de prata, naturalmente, mas era muito mais valioso.

*tatá* Diminutivo latino para ”pai” - equivalente ao nosso ”papá” ou ”paizinho”. O diminutivo latino para mãe era *mamma.*

**Tellus** A deusa da terra romana. Após a importação da deusa Magna Mater (originária de Pessinunte), Tellus perdeu muita da sua importância. Tinha um grande templo nas Carinas, imponente nos seus primeiros tempos; na época de Mário e Sila, porém, era já uma sombra de si mesmo.



**toga** O traje que só um cidadão pleno podia usar. Feita de lã leve, tinha um feitio muito peculiar (é por isso que os ”Romanos” togados das fitas de Hollywood sempre tiveram um ar muito desajeitado). Depois de

exaustivas e brilhantes experiências, Lilian Wilson definiu as medidas e o feitio capazes de produzirem uma toga perfeita. Para um homem com 1,75m de altura e uma cintura de 89,5 cm, a toga deveria ter uma largura de 4,6 metros e um comprimento de 2,25 metros; a peça é drapejada, do lado do comprimento, ao longo do corpo do homem, ao passo que, do lado da largura (muito superior ao comprimento), é enrolada à volta do seu corpo. No entanto, o feitio *não* corresponde a um rectângulo! Era este o seu aspecto:

Se a toga não for cortada de acordo com o desenho, será impossível fazê-la cair ao estilo dos homens togados que encontramos nas estátuas antigas. A toga republicana dos tempos de Mário e Sila era muito larga (o tamanho da toga variou consideravelmente entre a época dos reis de Roma e o ano 500 d.C., um período de mil anos).

Uma última observação acerca da toga resultou das minhas próprias experiências

- provei, de forma bastante clara, que o togado republicano romano não podia usar nenhuma peça interior aparentada às ceroulas ou à tanga. A toga, por si só, impedia a mão esquerda de fazer fosse o que fosse ao nível das virilhas, já que o braço esquerdo segurava múltiplas dobras e a maior parte do peso do traje. Mas quando a toga se encontra convenientemente drapejada, a mão direita pode desfazê-la com surpreendente facilidade, erguer a bainha da túnica e chegar ao pénis, de forma a permitir que o togado urine de pé - desde que, obviamente,

# 1090

o togado não traga ceroulas ou uma tanga vestidas! Refiro este interessante facto unicamente porque se continua a dizer que os Romanos usavam uma peça de roupa de baixo. Não poderia usá-la se vestisse uma toga, isso é certo.

*toga alba* Ou *toga pura,* ou *toga virilis.* Era a toga branca vulgar usada por qualquer cidadão adulto.

Provavelmente era mais creme ou cor de linho cru do que branco puro.

*toga picta* Toga inteiramente púrpura do general triunfante, prodigamente bordada (presumivelmente a ouro) com representações de pessoas e acontecimentos. Os reis de Roma tinham usado a *toga picta,* tal como a estátua de Júpiter Optimus Maximus no seu templo do Capitólio.

*toga pitlla* Esta era a toga do luto, feita de uma lã tão preta quanto possível. Os senadores de luto usavam também uma túnica de cavaleiro com a *augustas clavus,* ou faixa estreita, ao ombro.

*toga trabea* A "toga multicor" de Cícero. Era a toga com bandas ou faixas coloridas usada pelo augure e, muito provavelmente, pelo *pontifex.* Tal como a *toga praetexta,* era debruada a púrpura, mas tinha faixas alternadamente vermelhas e púrpura a todo o comprimento.

**tribuno militar** Os tribunos militares eram os membros da equipa do general que não tinham sido eleitos tribunos dos soldados mas que ocupavam um posto abaixo do legado, mas acima do cadete. Se o general não era um cônsul em funções, os tribunos militares poderiam comandar as suas legiões. De outro modo,

limitavam-se a cumprir tarefas de acordo com as ordens do general. Os tribunos militares também serviam como comandantes das unidades de cavalaria.

**tribuno do Tesouro** *Tribuni aerarii.* Há um grande mistério acerca de quem eram realmente os *tribuni aerarii.* Originalmente, eram os tesoureiros do exército, mas, a meio da República, essa tarefa passou a caber aos questores. No entanto, na época de Mário e Sila, os *tribuni aerarii* eram suficientemente numerosos e poderosos para se integrarem na Segunda Classe, na Assembleia Centurial, possuindo um estatuto económico não muito inferior ao dos cavaleiros. Talvez fossem homens descendentes dos *tribuni erarii* originais e que se limitavam a manter esse velho estatuto para provar que a sua família era muito antiga. No entanto, creio mais provável que fossem funcionários civis séniores ligados ao Tesouro. Embora o Senado e o Povo de Roma

detestassem a burocracia e resistissem tenazmente a um aumento



do número de funcionários públicos, a verdade é que, com o alargamento das possessões territoriais de Roma, um ramo do SPQR deve ter pedido mais e mais funcionários públicos não eleitos. Esse ramo era o Tesouro (o *aerarium).* Nos finais da República, devia haver um número muito grande de funcionários civis séniores administrando os muitos departamentos ligados ao Tesouro (número que aumentou dramaticamente depois

dos tempos de Mário e Sila). Tinha de se ir buscar dinheiro de muitos e diferentes impostos, em Roma e fora de Roma; e tinha de se arranjar dinheiro para tudo, desde a compra de cereal público, aos programas de construções dos censores e aos pagamentos para o exército, passando por coisas mínimas, como a compra dos porcos do pretor urbano, espalhados por toda a cidade de Roma durante as Festas Compitais. Um magistrado eleito, se dava ordens

relativamente a todos estes assuntos, já não se preocupava com o cumprimento dessas ordens. Para cumprir tais ordens, teria de haver funcionários civis séniores, homens cuja posição era nitidamente mais elevada que a de um escriba ou copista; vinham provavelmente de famílias respeitáveis e deviam ser bem pagos. Podemos sem dúvida supor que existia uma classe destes funcionários em 64 a.C., ano em que Catão Uticense deu tanto que falar e perturbou tanta gente ao ser nomeado questor do Tesouro: era óvio que os questores do Tesouro se preocupavam pessoalmente com o Tesouro há já muitos anos - e no ano 64 a.C. o Tesouro era uma instituição enorme.

*triclinium* A sala de jantar. Normalmente, a sala de jantar de uma família era quadrada, e possuía três divãs dispostos em U. No vão da porta, ficava-se de frente para o buraco do U; o divã da esquerda era chamado *lectus summus; o* divã do meio era o *lectus medius;* e o da direita era o *lectus imus.* Os divãs eram muito largos. Tinham cerca de 1,25 metros de largura e pelo menos o dobro de comprimento. Uma ponta do divã tinha um braço erguido que formava uma cabeceira. Em frente dos divãs, havia uma mesa estreita, também em U, e um pouco mais baixa que os divãs. Os homens reclinavam-se sobre os cotovelos esquerdos, apoiados em almofadas; estavam descalços e podiam chamar um criado para que lhes lavasse os pés. O anfitrião

reclinava-se na ponta esquerda do *lectus medius,* ou seja, a ponta sem cabeceira; a ponta direita do mesmo divã - a cabeceira - era o local onde se reclinava o principal convidado de honra (era chamado o *locus consularis).* Na época de Mário e Sila, era raro as mulheres



reclinarem-se ao lado dos homens, a menos que o jantar fosse um jantar de homens e as mulheres convidadas prostitutas. As mulheres da família sentavam-se em cadeiras no interior do duplo U de divãs e mesa; entravam na sala quando vinha o primeiro prato e saíam logo

que se comia o último prato. Normalmente bebiam apenas água, pois as mulheres que bebiam vinho eram consideradas ”licenciosas”.

*triumphator* Nome dado ao general triunfante.

**túnica** A túnica era a peça de roupa básica para a maior parte dos antigos povos mediterrânicos, incluindo os Gregos e os Romanos. Nos tempos de Mário e Sila, o corpo da túnica era rectangular de feitio, sem alinhavos para o ajustar ao peito; o pescoço era provavelmente cortado em curva por uma questão de conforto. As mangas podiam ser projecções rectangulares dos ombros, ou podiam ser inseridas nos ombros. Os alfaiates antigos já sabiam por certo inserir mangas e algumas pessoas usavam mangas compridas, que tinham de ser inseridas. As estátuas não nos indicam que as túnicas dos homens importantes o bastante para terem estátuas eram constituídas por duas peças unidas por uma mera costura, dos dois lados, e com uma abertura no cimo para os braços. As mangas das túnicas que vemos nas estátuas (em particular de generais) parecem pura e simplesmente mangas curtas. A túnica podia ter um cinto de cabedal ou ser apertada com uma corda; a túnica romana era sempre maior à frente do que atrás (uma diferença de 75 milímetros). Aqueles que estavam

registados no censo como cavaleiros usavam uma faixa estreita cor de púrpura caindo do lado direito da túnica; quanto aos senadores, usavam uma faixa larga igualmente cor de púrpura. A faixa podia também cair do lado esquerdo.

**Túsculo** Cidade situada na Via Latina, a cerca de vinte e cinco quilómetros de Roma. Foi a primeira cidade latina a receber a cidadania romana, em 381 a.C. A sua lealdade a Roma revelou-se, aliás, constante. Catão, o Censor, era originário de Túsculo, onde a sua família possuíra o Cavalo Público dos cavaleiros romanos durante pelo menos três gerações.

**Vaticano** Tanto uma planície, o *Campus Vaticanus,* como uma colina, o *Mons Vaticanus.* Ficavam na margem norte do Tibre, frente ao Campo de Marte. Na época de Mário e Sila, a planície era usada para

cultivar produtos hortícolas. A colina, ao que se sabe, não tinha na altura qualquer uso.

# 1093

Vénus Libitina Deusa da força vital, Vénus tinha muitos aspectos. Vénus Libitina tinha a ver com a

extinção da força vital. Divindade de grande importância em Roma, o seu templo ficava situado

fora das Muralhas Sérvias, mais ou menos ao centro da vasta necrópole de Roma, no Campo

Esquilino. Não é conhecida a sua localização exacta, mas como tinha de lhe atribuir um local

preciso, situei-o no cruzamento entre a Via Labicana e duas importantes *diverticula* (estradas de circunvalação). O recinto do templo era vasto (para um templo romano) e tinha um bosque,

presumivelmente de ciprestes (associados à morte). Era neste recinto que estavam instalados os

agentes funerários, possivelmente dispondo de tendas. O templo continha um registo das mortes de

cidadãos romanos e era rico, graças à acumulação de moedas que tinham de ser pagas para registar

uma morte. Não havendo nenhum cônsul para os usar, os *fasces* do cônsul eram depositados num

divã especial no interior do templo; as machadas que eram inseridas nos *seusfasces* apenas quando ele deixava a cidade, eram também guardadas no templo. Imagino que as congregações fúnebres de

Roma (e havia muitas) estavam de alguma forma ligadas com Vénus Libitina.

Vesta Deusa romana muito antiga, sem mitologia nem imagem. Vesta era o lar e por isso tinha uma

importância especial no seio da unidade familiar, onde era venerada conjuntamente com os Penates

e o os Lares. O seu culto oficial público era também importante, e era supervisionado pessoalmente

pelo *Pontifex Maximus.* O templo de Vesta, no Fórum Romano, era muito pequeno, muito antigo, e redondo de forma; situava-se ao lado da Régia, do Poço de Juturna e da residência do Pontifex

Maximus. No templo, havia um fogo que tinha de estar permanentemente aceso.

*vexillum* Bandeira ou estandarte.

*via* Uma via de comunicação importante, fosse ela estrada ou rua.

*villa* Residência de campo, completamente auto-suficiente, e tendo de início objectivos agrícolas -

por outras palavras, uma casa com quinta. Era construída à volta de um peristilo ou pátio, tinha

estábulos ou construções ligadas à quinta ou à agricultura na parte da frente, sendo a parte de trás a residência propriamente dita. Os romanos ricos dos finais da República começaram a construir

*villae* para férias, e portanto sem quaisquer intuitos agrícolas, alterando consideravelmente a arquitectura (e a grandeza) da *villa.* Muitas das *villae* construídas para férias situavam-se junto ao mar.

*vir militaris* ver **Homem Militar.**

**Virgens Vestais** Vesta tinha as suas próprias sacerdotisas: seis mulheres denominadas Virgens

Vestais. Eram iniciadas aos sete ou oito anos, faziam votos de absoluta castidade, e serviam a deusa

durante trinta anos, após o que eram libertas dos seus votos e devolvidas à comunidade. Terminado

o seu serviço, podiam casar-se, caso quisessem

- embora poucas o fizessem, pois cria-se que um tal casamento seria sempre infeliz. A sua castidade

significava a sorte de Roma; ou melhor, a sorte do Estado. Quando uma Vestal era acusada de ter

quebrado o voto de castidade, não era julgada nem punida de improviso, mas formalmente

conduzida a um tribunal especial. Os seus alegados amantes eram também julgados, mas num

tribunal diferente. Se a sua culpabilidade fosse provada, era presa numa cela subterrânea, onde se

limitavam a esperar a morte. Nos tempos da República, as Virgens Vestais viviam na mesma casa

do Estado que o Pontifex Maximus, embora separadas dele.

**Voto** O voto romano era plutocrático, porque o seu poder era fortemente influenciado pelo estatuto social de cada um (estatuto conferido pela riqueza) e também porque nada tinha a ver com as

votações tipo ”um homem, um voto”. Votasse um indivíduo nas Centúrias ou nas Tribos, o seu voto

pessoal só poderia influenciar o veredicto da Centúria ou da Tribo a que pertencia. Os resultados

eleitorais eram decididos pelo número de votos centuriais ou tribais que tomavam um determinado

sentido. A votação jurídica era diferente. Num júri, um indivíduo tinha de facto influência no

resultado, pois o júri tinha um número ímpar de membros e a decisão era tomada por maioria e não

por unanimidade. Mesmo assim, o voto jurídico também era plutocrático, pois um homem com

poucos bens não tinha hipóteses de chegar a membro de um júri.

Digitalização e revisão de

Vítor Chaves durante o ano de 2005.